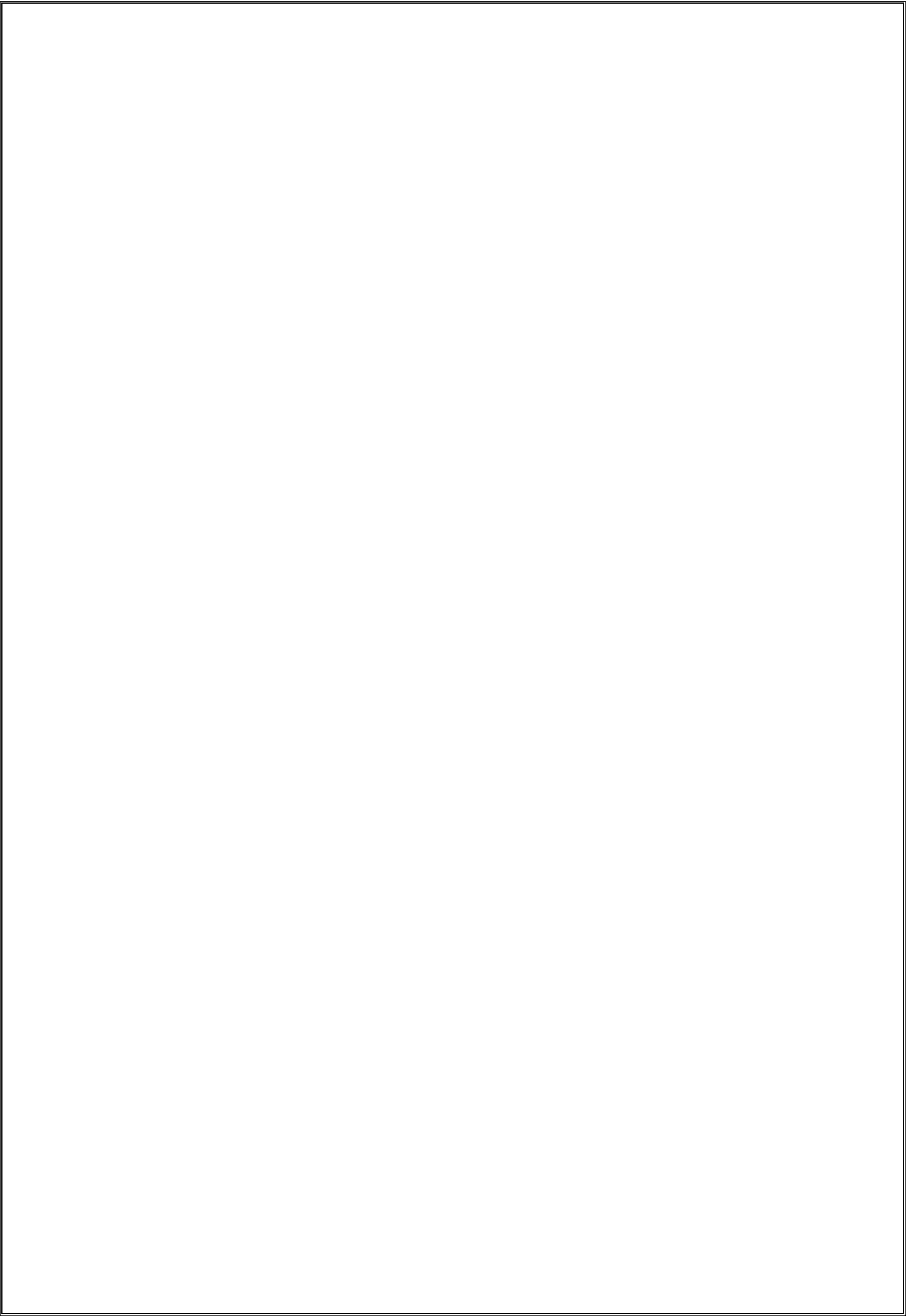


INTERNATIONAL
STANDARD
BIBLE
ENCYCLOPEDIA



A



THE International Standard Bible Encyclopaedia

JAMES ORR, M.A., D.D., General Editor

**JOHN L. NUELSEN, D.D., LL.D.
EDGAR Y. MULLINS, D.D., LL.D.
ASSISTANT EDITORS**

MORRIS O. EVANS, D.D., Ph.D., Managing Editor

**VOLUME I
A-CLEMENCY**
Volume contendo verbetes da letra A

**CHICAGO
THE HOWARD-SEVERANCE COMPANY
1915**

**Copyright, 1915, by
The Howard-Severance Company**

**All Rights of Translation and
Reproduction Reserved**

International Copyright Secured
The Publishers supply this Kncyclopaedia only through
authorized saJos-agents, Booksellers cannot obtain it.

Printed by the Lakeside Press
Types cast and set by the University of Chicago Press
Chicago, Illinois,

PREFÁCIO

Ao apresentar o formulário preenchido no pubUc os volumes que compõem o Internacional Standabd Enciclopédia da Bíblia é apropriado que uma explicação deve ser dada as razões o aparecimento de uma obra tão abrangente, do seu carácter distintivo e tem como objetivo, e que alguns destacam-se dos princípios pelo qual a editores e diretores foram orientados na sua preparação. A maioria dos leitores estão conscientes de que nos últimos 20 anos têm sido marcados em ambos os lados do Atlântico Na Grã-Bretanha, mas principalmente por uma produtividade notável nos dicionários e enciclopédias da Bíblia. Antes desse tempo a necessidade de uma nova partida em dicionários da Bíblia tornou-se agudamente sentida. A idade foi um período de transição, de um enorme avanço no conhecimento e rápida, e as ajudas de idade para o estudo do livro sagrado deixarem de ser satisfeitas. O movimento, em seguida, já em processo avançou continuamente desde então, com o resultado que algo Hke uma revolução ocorreu em nosso conhecimento de Bibfical Antiguidade e ainda mais os métodos existentes de se aproximar e deaUng com Bibhcal assuntos. Enquanto as necessidades assim foram criados novos, a tarefa dos responsáveis pela preparação de novos dicionários e enciclopédias da Bíblia tem sido crescentemente dificultado. É sinónimo de que as coisas em teologia estão agora muito em flux. Os marcos antigos estão desaparecendo ou pelo menos estão sendo consideravelmente alterado. A Bíblia está passando pela provação de uma impiedosa e crítica revolucionária, eo fato singular é que as conclusões que décadas atrás, teriam foi condenado como subversivo de toda a fê na sua autoridade são naturalizados em grandes camadas da Igreja, como os últimos resultados e seguro de bolsa, a questão que está bem perto de colocar a si mesmo além dos limites de consideração, quase como se uma recusa a teoria de Copérnico do universo. O impulso para atender a essas novas condições deram lugar, como acima referido, para a preparação da inúmeros dicionários e enciclopédias bíblicas, a principal das quais já tomaram os seus lugares como obras-padrão neste departamento da bolsa. Não é, de espírito de rivalidade para os actuais obras que apresentam a Enciclopédia é produzida. Capaz e erudita como essas empresas anteriormente são, acredita-se que há espaço para outro trabalho do gênero, concebido em linhas distintas, bolsa que contém os melhores e os mais novos conhecimentos, mas um pouco menos de carácter técnico que as obras existentes de maior dimensão, mais directamente adaptado às necessidades do pastor média e estudante da Bíblia, e, portanto, servindo a um propósito que os outros não fazê-lo cumprir adequadamente. Há outras considerações que tiveram peso determinante sobre a produção deste novo trabalho. Como o próprio título indica, esta enciclopédia pretende ser "internacional". Por um lado, ele pode-se afirmar que, porque tem sido produzido em solo americano, e em parte considerável sob custódia americana, foi capaz de tirar de uma área mais ampla, e incorporar os frutos de uma completa e mais representativa bolsa americana, que é possível em qualquer obra britânica, enquanto que na Por outro lado a sua ligação através de seu editor-chefe com o Velho Mundo que lhe permite colher, pelo menos a benefícios de alguns dos melhores do aprendizado da Grã-Bretanha e suas colônias, bem como do continente europeu. Até que ponto isso foi alcançado aparecerão mais adiante. A escolha da palavra Enciclopédia como a principal no título deste trabalho também foi feito com um propósito definido. Apesar de muito completo em sua definição de palavras e termos comodicionário, a maior função do trabalho planejado por seus projetores foi agrupar e organizar dados e informação, à maneira de uma enciclopédia. Observa-se, portanto, que o último termo descreve mais precisamente a obra concluída. Uma questão importante em relação a uma obra de referência desta espécie é a atitude a ser assumida por seus escritores com relação às questões fundamentais para a nova aprendizagem, na medida em que os negócios este com a estrutura, o tratamento crítico, inspiração e autoridade da Bíblia. Bolsa sozinho não pode ser o fator decisivo aqui, para a bolsa de mentes diferentes leva a muito diferentes conclusões, muitas vezes determinada pelos pressupostos último sobre o qual o tratamento de um assunto é base. O espírito tão amplamente predominante em nossos dias que rejeita a idéia do sobrenatural na natureza e história, e as críticas que procede a esse título, deve chegar a resultados completamente diferente da aqueles obtidos por esta atitude da mente e do coração, que reverentemente aceita uma verdadeira revelação de Deus na história de Israel e em Cristo. É mais antigo que o espírito do cristianismo eviscera das verdades essenciais que a Igreja, descansando sobre a Escritura, sempre considerou como de sua essência. Com tal espírito, e com o tratamento de temas bíblicos dele decorrentes, a Enciclopédia presente declina qualquer simpatia. Na verdade, sua atitude geral pode ser descrita como a de um conservadorismo razoável. Em harmonia com a maioria, embora nem todos, as obras recentes do gênero, este é Encyclopaedia positiva e construtiva na crítica do Novo Testamento e na doutrina; por outro lado, embora reconhecendo os direitos de uma crítica Velho Testamento reverente, e acolhendo qualquer auxílio que tais críticas pode trazer para a melhor compreensão da palavra sagrada, que difere da maioria dos ultra-modernos funciona tanto em declínio a aceitar os pontos de vista, ou em adoptar uma atitude mais cautelosa, o escola WeUhausen avançado. Não obstante, o objectivo tem sido ao longo de garantir a equidade de indicação de todos os assuntos sobre os quais grandes diferenças de opinião prevaleça, e, nesses casos, por exemplo.

O batismo, a Eucaristia, as questões de governo da igreja, as teorias críticas, etc, tem sido desde que os pontos de vista divergentes serão apresentados em artigos separados, cada artigo que está sendo preparado por um expoente da exibição nele estabelecidas. Em harmonia com o caráter prático e autoritária da Enciclopédia maior dores foram tomadas para garantir a integralidade ea integridade na sua apresentação de todos os Bibhcal assuntos, e em sua plenitude típicas referências bíblicas sobre todos os assuntos tratados. No âmbito da trabalho abrange o Antigo eo Novo Testamento e os livros apócrifos, junto com todos os assuntos relacionados da Linguagem, Texto, Literatura (apocalíptico, apócrifos,

sub-apostólicos, etc.) Arqueologia histórica e religioso-ambiente que seja, em suma, pode lançar luz sobre o significado ea mensagem do Livro sagrado. O objetivo foi de que nada de grande ou pequeno conduzindo a esse fim devem ser omitidos. História dos povos e reghions, Etnologia, Geografia, Topografia, Biografia, Artes e Ofícios, Usos e costumes, vida familiar, História Natural, Agricultura, Guerra, Frete, Rituais, Leis, Seitas, Música, e tudo o mais pertinente à vida exterior e interior das pessoas da Bíblia e, portanto, lançar luz sobre o significado dos escritores originais, são amplamente e minuciosamente tratada. Adequada nomes são explicadas e suas ocorrências na Bíblia e Apócrifos observou. Grande espaço foi dedicado aos significados e usos dos mais comuns, bem como de rara e obsoletos, palavras em Inglês com especial referência para as originais em hebraico e grego e às variações de utilização, à Versão Autorizada e as versões revistas. Atenção especial foi dada ao figurativo usos de palavras em conexão com todas as disciplinas onde ocorrem tais utilizações. Este recurso só da Enciclopédia vai torná-lo um valor especial para ministros, professores e classificação e arquivo de alunos da Bíblia. Tal é o caráter geral e concepção da Enciclopédia, a sua preparação foi confiada de uma equipe de editores e assistentes cujos conhecimentos acadêmicos e sjrmpathy conhecido com os objetos a ser atingido forneceu uma garantia de que esses planos seria efetivamente realizado no concluída de trabalho. Como o General e Consultoria Editor do Pubhshers garantiu os serviços do Reverendo O professor James Orr, DD, do livre United Church College, em Glasgow, na Escócia, e com ele foram conjoined como Editores Associados o reverendo presidente Edgar Y. MulUns, DD, do Sul Seminário Teológico Batista, Louisville, Kentucky, eo reverendo John L. Bispo Nuelsen, DD, da Igreja Metodista Episcopal, agora de Zurique, na Suíça. As funções de Managing Editor estavam comprometidos com o Reverendo Morris O. Evans, DD, de Cincinnati, Ohio; sobre ele e seu corpo de assistentes qualificados diminuiu a difícil tarefa de ver o trabalho realizado com segurança através da imprensa. Para Conselho Geral e Editores de gestão caiu a preparação das listas necessárias dos temas e suas agrupamento e classificação e, então, em conjunto com os Editores Associados, a atribuição destesaos contribuintes adequado. Neste contexto, especial cuidado foi exercido para dar ao trabalho de um verdadeiro caráter internacional e representativa, não só pela seleção de contribuintes distintos em suasvários departamentos, de ambos os lados do Atlântico, e entre as colônias britânicas eo continente, mas, vendo que estes foram escolhidos entre as várias seções da Igreja Cristã e, além disso, que, na medida do possível os escritores devem ser aquelas completamente quahfied para produzir o mais satisfatório artigos possíveis sobre os assuntos que lhes forem atribuídas no âmbito do espaço alocado. Ao todo, cerca de duas centenas de colaboradores, muitos deles especialistas do mais alto nível, têm sido empregadas em cima deste trabalho durante os últimos seis anos. Mais de cem desses contribuintes sejam residentes dos Estados Unidos Estados, cerca de sessenta da Grã-Bretanha e Europa continental, eo restante, do Canadá, Síria, Índia, Austrália e outros países. Inspeção do Índice de Contribuintes mostrar como grande parte todos osIgrejas nos respectivos países estão representados nesta Enciclopédia. Anghcans, batistas, Congregationahsts, luteranos, metodistas, presbiterianos, com as de outras comunhões stiU, diversas em nome, mas unidos na fé do único Senhor e Salvador Jesus Cristo e trabalhando em interesses do seu Reino, todos têm de bom grado emprestou a sua ajuda na produção deste verdadeiramente ecumênico de trabalho. Valorizado assistência também tem sido generosamente prestados por uma série de autores judeus. Um grande proporção dos escritores são estudiosos empenhados no trabalho de professor em universidades de renome, seminários, e Faculdades, fato que aumenta muito o caráter responsável e de seu representante contribuições. Não é possível, ea tentativa seria desagradável, a particularizar a participação dos diversos escritores de uma obra que é o produto de tantas canetas acadêmica. Um exame da Enciclopédia se Wul revelar aos olhos mais críticos tal riqueza de artigos acadêmicos que raramente tem sido disponibilizados para aqueles que necessitam de tal trabalho. Será suficiente dizer que era desejado no priori pelos promotores desta enciclopédia que destaque especial deve ser dada à Arqueologia e as descobertas mais recentes de Exploração, em seus rolamentos na Bíblia, e sobre as terras e civilizações com que a história bíblica está conectado (Egito, Babilônia, Assíria, Palestina, hititas, etc.) Como plenamente o efeito tem sido alcançado é visto no fato de que um grande número dos principais autoridades, em Arqueologia são contribuintes a essas páginas. Neste contexto, deve pesar ser expressa pela perda severa sustentada para o conhecimento bíblico em geral e para este Enciclopédia através da lamentou a morte, enquanto o trabalho estava progredindo, do coronel CR Conder, cujo conhecimento com BibUcal Arqueologia e Topografia palestino, igualada por poucas e ultrapassado por ninguém, fez seus serviços de valor especial. É, no entanto, uma gratificação que, antes de sua morte. Coronel Conder tinha completado a maior parte dos artigos da Enciclopédia que lhe são atribuídos. No tratamento da vasta gama de assuntos abertas pela História Natural da Bíblia, com temas afins relativos à geologia, mineralogia, agricultura, comércio e as indústrias, etc, também a topografia da Palestina, esta enciclopédia é amplamente endividado com colaboradores palestinos cujos nomes ocupam lugares de destaque na lista. No entanto, os pássaros da Bíblia são tratadas por um famoso escritor americano, a Sra. Gene Stratton-Porter, cujas histórias e os livros têm pássaro encantado multidões de pessoas em todo o mundo. Os artigos abundantes sobre os costumes orientais, alimentação, comércio, relacionamentos conjugais, familiares, etc, são principalmente o trabalho dos contribuintes americanos. Abraçando os dois Testamentos em quase todas as espécies de literatura, a Bíblia dá origem, mesmo em aspectos externos, a uma infinidade de questões que se exige de uma Enciclopédia adequada para responder. Essas são questões de linguagem, de manuscritos, de texto, de arranjo interno, e do crescimento da Canon, de versões, das vicissitudes da história literária, em seguida, da cronologia como referencial, da diversidade de conteúdos, levando a história e biografia; todos finalmente fundir-se no mais amplo questões com que

a crítica tem de bom negócio. É o objetivo do presente trabalho, rendimento de confiança e informações satisfatórias sobre todos esses assuntos importantes. Em vários artigos, tais como "Religião no Grécia Antiga", de Dr. A. Fairbanks, do Museum of Fine Arts, Boston, Massachusetts, e "O Império Romano e do Cristianismo", pelo Dr. S. Angus, o objectivo foi dar a verdadeira perspectiva e da atmosfera para a história da Bíblia. É da maior importância que o leitor deve reahze o fundo e características marcantes dessa história de ter uma concepção clara dos sistemas mitológicos e antigos poderes mundiais com que o cristianismo teve de lutar e que se destinava suplantá-lo. Várias ilustrações também serão encontrados para servir a mesma finalidade. O centro de interesse na Bíblia deve ser sempre o Senhor Jesus Cristo, à consideração de cuja vida e ensinamento, tal como consagrado nos Evangelhos, e para a importância da pessoa cuja, a missão, e da obra salvadora, como ainda se desenrolava nas Epístolas, grande espaço neste Enciclopédia é necessariamente dedicados. Foi com grande desconfiança, e um profundo sentido da responsabilidade da tarefa, que o principal artigo sobre Jesus Cristo foi realizada pelo Editor Geral. O tratamento do ECT subj é guiada pela convicção de que, enquanto a discussão crítica não pode ser ignorada, uma simples e direta apresentação da narrativa da vida transcendente, em seu próprio histórico e cronológico definição, é em si o melhor antídoto para os caprichos da especulação corrente muito, eo esforço é feito para dar o artigo ao longo de um personagem que irá torná-lo informatory e útil para o bíblia estudante médio. O mesmo autor é responsável pelos artigos sobre a Bíblia e sobre a crítica. Sobre este último assunto, porém, um outro artigo de um ponto de vista diferente é anexado ao um pelo Editor Geral.

Os artigos sobre as doutrinas maior e sobre temas doutrinários e éticos em geral, tal como estabelecido de ambos os Antigo e Novo Testamentos, abrangem uma vasta gama e em todos esses diversos departamentos da Bíblico esforço de aprendizado mais minucioso foi velejar com resultados como um exame da Enciclopédia si só, não pode deixar de revelar. É essencial para uma boa enciclopédia que, além de sua execução acadêmicos que possuem distintas características excelentes para a conveniência e informação de quem o consultar. Este Enciclopédia é particularmente caracterizado pelas seguintes características

I. Plenitude. Foi o desenho dos Editores que cada palavra da Bíblia e os Apócrifos ter um significado distinto das Escrituras deve aparecer neste trabalho, e também que todas as doutrinas da Bíblia, os termos principais da crítica bíblica e assuntos relacionados com a história profana, biografia, geografia, vida social dos povos, e as indústrias, ciências, literatura, etc, devem ser incluídos e dado o tratamento adequado. Um número muito maior de palavras e assuntos são definidos e tratados neste Enciclopédia do que em qualquer outro trabalho do gênero, como será visto pela comparação.

II. Autoridade. A fim de que aqueles que usam uma obra pode ter certeza de sua trustworthiness é necessário que o objecto deve ser identificada com seus autores. Portanto todos os artigos nesta Enciclopédia, de comprimento suficiente para ser considerado mais do que uma mera definição ou aviso, aparece sobre a assinatura de seu autor. Itens de menos de cem palavras não são assinados, como portanto as assinaturas muitos parágrafos curtos e relativamente sem importância teria nenhuma utilidade valiosa, mas poderia dar uma aparência monótona a uma página. Recorde-se que os autores responsáveis para todos os principais assuntos foram selecionados e convidados a escrever sobre esses temas especial porque de sua capacidade marcado e autoridade reconhecida nos serviços especiais de aprendizagem bíblica que os seus artigos pertencem.

III. Acessibilidade. Mais frequentemente do que de outra forma os que consultam um desejo enciclopédias para obter informações sobre apenas um ou dois pontos em um artigo e não têm nem tempo nem inclinação para ler toda a sua extensão. Para tal auxílio leitores ocupados, portanto, uma divisão uniforme de artigos pelo emprego de títulos e subtítulos, foi aprovado. As principais divisões dos artigos são indicados por legendas em itálico em negrito. Subordinada a esta primeira turma de divisões aparece uma classe secundária das posições numéricas conhecida como corte na cabeça, o texto da matéria a ser recuado para sua inserção. Uma ilustração dessas duas posições seguintes / /. O Ordinance.-Os "assentos de doutrina", ou seja, os textos da Escritura, que deve ser empregado para determinação essencial de cada jart1. Fonte do ensino da Escritura sobre a e sacramento Norm segundo do cristão Doc da Igreja, são as palavras da instituição trigono do registrado em Mt 26, 26-28; Mc 14, 22 - Eucaristia 24; Lc 22, 19,20; 1 Cor 11, 23-25. declarações valioso, principalmente sobre a utilização adequada do sacramento, são encontrados em1 Cor 10, 15 ss; 11 20 e ss.

Que estes textos são controverted há razão para que uma doutrina deve Não foi possível estabelecer a partir deles. Nenhuma doutrina da religião cristã pôde ser estabelecida, se todo o texto da Escritura teve de ser retirado a partir do argumento, tão logo tornou-se motivo de controvérsia. Jo 6, 32 -59 não trata dessa ordenança, porque (1) o decreto-lei deve ser datado a partir da noite do traição, que era consideravelmente após o Senhor discurso em Cafarnaum; (2) porque esta passagem fala de "comer a carne", não do corpo, da Filho do homem, e de beber "seu sangue", de tal O corte

na cabeça são seguidas por uma terceira classe de divisões assunto indicado pelo árabe puro números entre parênteses como segue: (1), (2), (3). O leitor será ainda auxiliado por uma quarta classe de subdivisões composto por letras do alfabeto dispostas na seguinte estilo: (a), (6), (c), etc Em alguns casos excepcionais de outros métodos especiais de subdividir os artigos tenham sido fornecidos para atender casos particulares. As principais divisões e subdivisões de cada líder artigo aparecem em forma de quadro, tal como um resumo ou análise imediatamente anterior ao próprio artigo, para que se possa observar de uma simples olhadela o método geral de tratamento de qualquer assunto em particular, e também o lugar relativo do artigo em que qualquer recurso está localizado.

IV. Ilustrações. Um grande número de fotos, mapas e cartas, particularmente adaptado para ilustrar do texto, servir aos propósitos tanto de instrução e embeUishment. Enquanto alguns dos ilustrações são necessariamente copiado ou redesenhado de assuntos familiares, de longe o maior número são reproduções de fotografias recentes. Muitos destes últimos foram obtidos por meio PubUshers seus próprios representantes especiais que seja feita a si ou fotografias recolhidos os de muitas fontes disponíveis em grande dispêndio de tempo e dinheiro. Os editores e os editores estão sob obrigação especial de muitos autores e amigos interessados que tenham adquirido a outros empréstimos ou a partir de suas próprias coleções particulares muitas imagens raras que têm sido utilizados. Entre outros, que, assim, desinteressadamente auxiliado na produção deste trabalho menção especial deve ser feita da seguintes pessoas: o reverendo AE Breen, DD, de Rochester, Nova York, o professor Albert T. Clay, da Universidade de Yale; Dia Professor AE, do Colégio Protestante Sírio, Beirute, na Síria; Professor Dickie AC, Manchester, Inglaterra, o reverendo William Ewing, DD, Edimburgo, Escócia; Dr. Fairbanks Arthur, diretor do Museu de Belas Artes, Boston, Massachusetts, a Reverendo Kyle MG, LL.D., Professor no Seminário Teológico de Xenia, Xenia, Ohio; Dr. CE Richardson, Bibliotecário na Universidade de Princeton, o professor Reverendo George L. Robinson, de McCormick Theological Seminary, em Chicago, o reverendo professor GH Trever, DD, de Gammon Faculdade de Teologia, em Atlanta, Geórgia; e Sra. Williams WJ Ohio, Cincinnati,. V. Maps. Em alguns lugares nos mapas de texto são usados para ilustração. Os mapas coloridos, que compreende um atlas, são agrupadas no final do quinto volume de conveniência em referência. Eles foram elaboradas sob a supervisão imediata do Reverendo Professor George L. Robinson, de McCormick Theological Chicago, Seminário. O índice, que precede o atlas, torna a localização de todos os lugares identificados fácil.

VI. Referências cruzadas e índices. Embora o sistema em ordem alfabética de uma enciclopédia permite um usá-lo readUy para localizar seus assuntos principais, é possível obter todas as informações sobre qualquer tema apenas por uma pessoa conhecida com todos os artigos em que tema que aparece. Um sistema de referências cruzadas amplamente utilizados ao longo deste trabalho leva o leitor para o vários artigos que dão informações sobre qualquer tema ou assunto. Um pouco de sobreposição ou repetição tem sido ocasionalmente permissão para salvar os leitores a dificuldade de se referir com muita freqüência a partir de um artigo para outro. Para ajudar ainda mais aqueles que usam este trabalho para localizar imediatamente qualquer fato ou específicas constantes da Encyclopaedia há sete índices da seguinte forma: I. Contribuintes;

II. Os temas gerais; III. Textos da Escritura; IV. Palavras em hebraico e aramaico; V. Palavras grego;

VI. Ilustrações, VII. Índice para o Atlas. Na pronúncia de nomes próprios e palavras em Inglês o caráter internacional da trabalho não tem sido negligenciado. Grande cuidado foi também exercida em razão das dúvidas e dificuldades anexando à derivação de nomes próprios. A edição americana da revista Standard Versão da Bíblia, copyright 1901 por Thomas Nelson & Sons, Nova Iorque, com o consentimento do proprietários dos direitos autorais, foi feito o texto padrão Inglês, as citações e Bibhcal referências, se não for indicado, os escritores, no entanto, gozaram de plena liberdade no uso de outras versões ou dar suas próprias traduções para produzir uma enciclopédia de todas as maneiras adequadas aos requisitos exigentes dos professores em colégios e seminários teológicos e institutos bíblicos, religiosos, e todos os outros que desejam ser famihar com as Sagradas Escrituras e os temas da doutrina, crítica e erudição que são diretamente relacionados a elas. e paráfrases. Os editores e os editores não têm poupado o tempo, muito cuidado ou despesa nos seus esforços.

Prefacio do tradutor

A presente obra realizada pelo Editor Geral M.A.,D.D., James Orr é uma das maiores, senão a maior obra literária de consulta bíblica. A ISBI – The International Standard Bible Encyclopedia, é uma fonte extraordinária para estudantes de Teologia, pastores e todos que amam a Palavra de Deus. Eu me propus traduzir do Inglês para o português esta grandiosa obra por amar a Palavra de Deus, admito que não sou erudito nas línguas primitivas muito menos no idioma inglês, mas, com um tradutor e força de vontade estou traduzindo a ISBI desde 2008. Verbete por verbete, tenho aprendido muito, e quero que este aprendizado esteja disponível para todos que amam a Palavra de Deus. Só peço desculpas pelos erros de gramática que poderão achar, mas, é só me avisar que revisarei o mesmo. Os direitos autorais aqui são totalmente e exclusivamente da “Cornell University Library”, como é afirmado “O original deste livro está dentro da Cornell Biblioteca Universitária. Não há nenhuma restrição protegido por direitos autorais conhecida dentro dos Estados Unidos no uso do texto. Este exemplar contém apenas os verbetes da letra “A”. Suas figuras e imagens eu não coloquei para não ficar tão grande, pois qualquer um pode baixa-la da internet com uma velocidade discada. Meus queridos que estão com este trabalho nas mãos, desperte seu ser para me ajudar a encontrar eventuais erros de gramática ficarei grato. É só me passar por e mail que eu arrumarei. jrkuioliveira@yahoo.com.br .

THE International Standard Bible Encyclopaedia



A

Veja: ALEF; ALFABETO.

Aalar

a´a-lar. Veja ALLAR.

Aaron (Aarão)

aʿrʿun, às vezes **arʿon** pronunciado (**a**, **'aharon** - Septuaginta **Ααρων** **Aaron**, significando inserto, Gesenius sugere “o montanhês”; Fûrst, “iluminado”; outros dão “rico,” “fluyente.” Cheyne menciona Redslob “conjetura engenhosa” de **ha'aron** - “a arca” - com sua significação mística, sacerdotal, Enciclopédia Bíblica debaixo da palavra):

1. A família

Filho provavelmente primogênito de Anrão (Ex 6:20), e de acordo com as listas genealógicas uniformes (Ex 6:16-20; I Cr 6:1-3), o quarto de Levi. Isto não é fixado, porém certamente, desde que lá estão omissões freqüentes das listas hebréias de nomes que não são proeminentes na linha de descida. Para o período correspondente de Levi para Arão a lista de Judá tem seis nomes (Rt 4:18-20; I Cr 2). Levi e a sua família eram zelosos, até mesmo para violência (Gn 34:25; Ex 32:26), para a honra nacional e religião, e Aarão nenhuma dúvida herdou a porção cheia deste espírito. O nome da mãe dele era Joquebede que também era da família de Levi (Ex 6:20). Miriam, a irmã, era alguns anos mais velha, desde que ela foi fixada para assistir o berço moderno do irmão infantil Moisés, de quem o

nascimento tinha três anos a menos que Aarão (Ex 7:7).

2. Torna-se o Assistente de Moisés

Quando Moisés fugiu do Egito, Aarão permaneceu compartilhando os sofrimentos do seu povo, e possivelmente fazendo algum serviço; porque nos é mostrado que Moisés pediu de Deus a cooperação de seu irmão na missão para com Faraó e para com Israel, e Aaron saiu ao encontro do irmão, como o tempo de libertação estava próximo (Ex 4:27). Enquanto Moisés cujos grandes presentes se deitam ao longo de outras linhas, estava lento de fala (Ex 4:10), Aarão era um porta-voz pronto, e se tornou o representante do irmão, sendo chamado dele “boca” (Ex 4:16) e “o profeta” (Ex 7:1). Depois da reunião deles no deserto os dois irmãos voltaram junto ao Egito na missão perigosa para a qual Yahweh tinha os chamado (Ex 4:27-31). No principio eles atraíram à própria nação deles, enquanto recordando as promessas antigas e declarando a libertação iminente, Aarão que é o porta-voz. Mas o coração das pessoas, desesperadas por causa da escravidão dura e pesada, e com o cuidado de coisas materiais, não deram tanta atenção a eles. Os dois irmãos forçaram o assunto então atraindo diretamente ao próprio Faraó, Aarão que ainda fala pelo irmão (Ex 6:10-13). Ele também executou, com direção de Moisés, os milagres que Faraó sofreu. Com Hur, ele sustentou as mãos de Moisés, para que a “vara de Deus estivesse erguida para cima”, durante a briga com Amaleque (Ex 17:10, Ex 17:12).

3. Um Ancião

Aarão próximo do Sinai entra em proeminência como um dos anciões e representantes da tribo dele, e também aproximar-se mais ao Monte que as pessoas foram permitidas fazer em geral, e ver a glória manifestada de Deus (Ex 24:1, Ex 24:9, Ex 24:10). Alguns dias depois, quando o Moisés, assistido pelo “o ministro” Josué, subiu para cima na montanha, Aarão exercitou a direção das pessoas na ausência dele. Desesperando de ver o líder deles que tinha desaparecido no mistério de comunhão com o Deus invisível, novamente eles atraíram a Aarão para preparar deuses mais tangíveis para eles, e os conduzir atrás para o Egito (Ex 32). Aarão nunca se aparece como o caráter forte, heróico que o irmão dele era; e aqui no Sinai ele revelou a natureza mais fraca, enquanto rendendo às demandas das pessoas e permitindo a fabricação do boi dourado. Que ele deve ter fabricado, porém relutantemente, é evidente do zelo pronto dos membros das tribos cujo líder que ele era, ficar e vingar a apostasia apressando a braços e caindo poderosamente nos ídólatras à chamada de Moisés (Ex 32:26-28).

4. O Sacerdote cabeça

Com relação ao planejamento e ereção do tabernáculo (“a Barraca”), Aarão e os filhos são escolhidos para o sacerdócio oficial, elaborado os vestuários simbólicos estavam preparados para eles (Ex 28); e depois que a ereção e dedicação do tabernáculo, foram introduzidas ele e os filhos dele formalmente no serviço sagrado (Lev 8). Se aparece que somente Aarão foi ungido com o óleo santo (Lv 8:12), mas os filhos dele foram incluídos com ele no dever de querer ritos sacrificiais tórios e coisas. Eles serviram recebendo e apresentando os vários oferecimentos, e poderia entrar e poderia servir na primeira câmara do tabernáculo; mas Aarão somente, o sacerdote cabeça, o Mediador da Velha Convenção, poderia entrar no Santo de Santos, e só uma vez por ano, no grande Dia de Compensação (Lv 16:12-14).

5. Os rebeldes contra Moisés

Depois da partida de Israel do Sinai, Aarão uniu-se a irmã Miriam em um protesto contra a autoridade de Moisés (Nu 12). Para esta rebelião Miriã era atingida com lepra, mas foi curado novamente, quando ao declarar de Aarão, Moisés intercedeu a Deus por ela. O serviço sagrado de Aarão, enquanto requerendo limpeza física, moral e cerimonial da ordem mais rígida, parece ter o feito imune desta forma de castigo. Um pouco depois (Nu 16) ele, junto com Moisés, se tornou o objeto de uma revolta da própria tribo deles em conspiração com líderes de Dã e Rubens. Esta rebelião era questionada a autoridade de Moisés e Aarão, vindicando a subversão milagrosa dos rebeldes. Como eles estavam sendo destruído pela pestilência, Aarão, ao comando de Moisés, apressou no meio deles com o incensário iluminado, e a destruição foi cessada. O Divino vai escolhendo Aarão e a família ao sacerdócio foi atestada então completamente o milagroso florescimento vara dele, quando, junto com varas que representam as outras tribos, foi colocado e partiu durante a noite no santuário (Nm 17:1-13). Veja a VARA de AARÃO.

6. História adicional

Depois que este evento, Aaron não entra nenhum proeminente visão até o tempo da morte dele, se aproxime o fim do período de peregrinação. Por causa da impaciência, ou incredulidade, de Moisés e Aarão a Meribá (Nm 20:12), os dois irmãos são proibidos de entrar em Canaã; e logo após o último acampamento a Cades estava quebrado, como as pessoas viajaram para o leste às planícies de Moabe, Aarão morreu no Monte Hor. Em três passagens é registrado este evento: a conta mais detalhada em Nu 20, um segundo registro incidental na lista de passagens do florescimento da vara (Nm 33:38, Nm 33:39), e um terço referência casual (Dt 10:6). Estes não estão dentro o menos contraditório ou inarmônico. A cena dramática é apresentada completamente em Nu 20: Moisés, Aarão e Eleazar entram até Monte Hor na visão das pessoas; Aarão é despido dos roupões de serviço que é posto formalmente no filho vivo primogênito dele; Aarão morre diante de Deus no Monte à idade de 123 anos, e é determinado o enterro pelos dois parentes de luto dele que então voltam ao acampamento sem o primeiro e grande sacerdote cabeça; quando as pessoas entendem que ele está ausente, eles mostram aflição e passaram trinta dias lamentando. A passagem em Nu 33 registra o evento da morte dele logo após a lista de jornadas na vizinhança geral do Monte Hor; enquanto Moisés em Dt 10 estados de qual destas jornadas, isto é, Moserá, que o cortejo fúnebre notável fez seu espaço para Montar Hor. Nos registros não achamos, contradição e perplexidade, mas simplicidade e unidade. Não está dentro da visão deste artigo apresentar deslocamentos modernos e rearranjo da história da Aaronica; está relacionado aos registros

como são eles, e como eles contêm a fé dos escritores de Testamento Velhos na origem em Aarão da ordem sacerdotal dele.

7. Sucessão sacerdotal

Aarão se casou Eliseba, filha de Aminadabe, e irmã de Naasson, príncipe da tribo de Judá que o gerou quatro filhos, Nadabe, Abiu, Eleazar e Itamar. São registrados o ato sacrílego e morte judicial conseqüente de Nadabe e Abiu em Lev 10. Eleazar e Itamar eram mais piedosos e reverentes; e deles a linhagem longa de sacerdotes a quem estava comprometida a lei cerimonial de Israel, a sucessão que muda de um filho para o outro com certas crises na nação. À morte Aarão a sucessão foi pelo filho vivo mais velho dele, Eleazar (Nm 20:28; Dt 10:6).

Aaronitas

A'r'on-its *ḥ-aharon* (le –Aaron , literalmente, “pertencendo a Aarão”): Uma palavra usada na King James Version, mas não nas versões revisadas, traduzir o próprio nome Aarão em dois exemplos onde denota uma família e não somente uma pessoa (I Cr 12:27; I Cr 27:17). É equivalente às frases “os filhos de Aarão,” “casa de Aarão,” freqüentemente usado no Testamento Velho. De acordo com os livros de Josué e Crônicas “os filhos de Aarão,” era distinto do outros Levitas do tempo de Josué (por exemplo, Js 21:4, Js 21:10, Js 21:13; I Cr 6:54).

A Vara de Aaron

(Nm 17:1-13 e Hb 9:4): Imediatamente depois que os incidentes conectassem com a rebelião de Coré, Datã e Abirão contra a liderança de Moisés e a primazia sacerdotal de Aarão (Nu 16), ficou necessário indicar e enfatizar o Divino compromisso de Aarão. Então, ao comando de Yahweh, dirige Moisés que doze varas de amêndoa, um para cada tribo com o nome do príncipe gravado nisso, seja colocado dentro da Barraca do Testemunho. Quando Moisés entrou na barraca no dia seguinte, ele viu que a vara que pertencia a Aarão tinha brotado, tinha florescido e tinha produzido fruta, “as três fases de vida vegetal que é assim simultaneamente visível.” Quando o sinal milagroso foi visto pelas pessoas, eles aceitaram isto como final; nem era mais questionado novamente qualquer pergunta do direito sacerdotal de Aarão. A vara foi mantida “ante o testemunho” no santuário desde então como um símbolo sinal divino (Nm 17:10). O escritor aos Hebreus, enquanto seguindo uma tradição judia posteriormente provavelmente, menciona a vara como detida no Santo dos Santos dentro da arca da aliança (Hb 9:4; compare I Rs 8:9). Veja SACERDOTE, III.

Ab (1)

(**or, s 'abh ou abh** , o hebreu e aramaico formulam para “o pai”): Isto uma palavra é muito comum, está no Testamento Velho; este artigo nota só certos usos disto. São usados ambos dentro do singular e no plural para denotar um avô ou os antepassados mais remotos (por exemplo, Jr 35:16, Jr 35:15). O pai de uma tribo é seu fundador, não, como freqüentemente é assumido, seu progenitor. Neste senso Abraão é o pai aos Israelitas (veja, por exemplo, Gn 17:11-14, Gn 17:27), Isaque e Jacó são as cabeças de suas famílias que são os pais no mesmo senso modificado. Os casos de Ismael, Moabe, etc., são semelhantes. O originador tradicional de uma arte é o pai desses que praticam a arte (por exemplo, Gn 4:20, Gn 4:21, Gn 4:22). Senaqueribe usa o termo “meus pais”, entretanto dos antecessores dele ao trono da Assíria, estes não eram os antepassados dele (II Rs 19:12). O termo é usado para expressar valor e afeto independente de parente consanguíneo (por exemplo, II Rs 13:14). Uma regra ou o líder é falado de como um pai. Deus é o pai. Um uso freqüente da palavra é isso na composição de nomes próprios, por exemplo, Abinadabe, “meu pai é nobre.” Veja ABI. A palavra aramaica em sua forma definida é três vezes usadas no Testamento Novo (Mc 14:36), a frase que está em cada caso “Abba Pai,” se dirigiu a Deus. Nesta frase a palavra “o Pai” é somado, aparentemente, não como uma mera tradução, nem indicar aquele “Abba” é pensado de como um próprio nome da Deidade, mas como um termo de alegar e de estimar. Também veja ABBA.

Ab (2)

(**, 'abh**): O nome do quinto mês no calendário hebreu, o mês que corresponde por nosso mês de julho. O nome não se aparece na Bíblia, mas Josefo dá isto ao mês no qual Aarão morreu (Antiguidades, IV, iv, 6, compare Nm 33:38).

Habacuque

Ab'a-kuk (Abacuc latim): A forma dada para o nome do profeta Habacuque em II Esdras 1:40.(Livro Apócrifo).

Abaddon

A-bad'on *'abhaddon*, “ruína,” “perdição,” “destruição”): Entretanto “destruição” é geralmente usado traduzindo *abhaddon*, a idéia de fato é intransitiva em lugar de passivo - a idéia de perecer, indo arruinar, estando em um estado arruinado, em lugar de o de ser arruinado, sendo destruído.

A palavra acontece seis vezes no Testamento Velho, sempre como um nome de lugar no senso no qual Sheol é um nome de lugar. Denota, em certos aspectos, o mundo do morto como construído na imaginação hebréia. É um engano comum para entender tais expressões de um modo muito mecânico. Como nós mesmos, os homens da antiguidade tiveram que usar idioma de quadro quando eles falaram das condições que existiram depois de morte, porém se imaginando o assunto deles podem ter diferido do nosso. Em três exemplos Abaddon é paralelo com Sheol (Jó 26:6; Pv 15:11; Pv 27:20). Em um exemplo é paralelo com morte, em um com a sepultura e no exemplo restante está a frase paralela “Como o inferno e a perdição nunca se fartam” (Jó 28:22; Sl 88:11; Jó 31:12). Nesta última passagem a idéia de lugar entra mais próxima a desaparecer em uma concepção abstrata que nas outras passagens. Abaddon pertence ao reino do misterioso. Só Deus entende isto (Jó 26:6; Pv 15:11). É o mundo do morto em seu aspecto totalmente escuro, destrutivo, terrível, não nesses aspectos mais alegres nos quais atividades são concebidas em desenvolvimento. Em Abaddon há nenhuma declaração da benignidade de Deus (Sl 88:11). Em um grau leve as Velhas apresentações do Testamento personalizam Abaddon. É um sinônimo para perdição (Pv 27:20). Tem possibilidades de informação mediar entre esses de “todo vivo” e esses de Deus (Jó 28:22). No Testamento Novo acontece a palavra uma vez (Ap 9:11), a personalização que fica afiado. Abaddon não está aqui no mundo do morto, mas o anjo que reina em cima disto. O grego equivalente do nome dele é determinado como Apollyon. Debaixo deste nome Bunyan o apresenta no Progresso do Peregrino, e a Cristandade esteve indubitavelmente mais interessada nesta apresentação do assunto que em qualquer outro. Em alguns tratamentos Abaddon está conectado com o espírito mau Asmodeus de Tobias (por exemplo, 3:8), e com o destruidor mencionado em A Sabedoria de Solomão (18:25; compare 22), e por estes com um corpo grande de folclore de rabinico; mas estes esforços são simplesmente infundados. Veja APOLLYON.

Abadias

Ab-a-di'as (Greek **A**): Livro apócrifo - Mencionou em 1 Esdras 8:35 como o filho de Jezelus, dos filhos de Joab, voltado com Esdras do cativo; e em Ed 8:9 é chamado “Obadias o filho de Jeiel.”

Abagarus

A-bag'a-rus. Veja ABGARUS.

Abagta

A-bag'tha (, *'abagh'tha*), significando talvez “afortunado”): Um do sete eunucos, ou “camareiros,” de Xerxes mencionou em Et 1:10. O nome é Persa, é uma das muitas marcas Persas está no Livro de Ester.

Abana

Ab'a-na, a-ba'na , *abhanah* (**K*th|4bh**, Septuaginta, Vulgata), ou AMANA **a-ma'na** / , *'amanah* (**Ka*re4**, Peshitta, Targum); A KJV Abana (Padrão americano Revisou Versão, margem Amana), a Versão Revisada (britânica e americana) ABANAH (Revisou Versão, margem Amanah): Mencionou em II Rs 5:12, junto com o FARPAR (o qual vêem), como um dos rios principais de Damasco. A leitura Amana (significando possivelmente o “constante,” ou fluxo perene) é em geral preferível. Ambas as formas do nome podem ter sido colocado em uso, como o intercâmbio de um “b” aspirado (bh = v) e m não é sem paralelo (compare Evil-merodake = Amilmarduk). O rio Abana é identificado com o gilded flow (“fluxo dourado”) dos gregos, o Nahr Barada moderno? (o “frio”) que sobe no Anti-Líbano um de suas fontes, o Ain Barada, estando perto da aldeia de Zebedani, e fluxos em um do sul e então direção do sul para o leste para Damasco. Algumas milhas sudeste de Suk Wady Barada (o Abila antigo; veja ABILENE) o volume do fluxo é mais que dobrada por uma torrente de água clara, fria da primavera graciosamente situada? *Ain Fijeh* (grego , *pege*, “fonte”), depois que o qual flui por um desfiladeiro pitoresco até que chegue a Damasco cujo muitas fontes e jardins que provê liberalmente com água. No bairro de Damasco vários fluxos se ramificam fora do rio principal, e esparramou fora como um fã de abertura na planície circunvizinha. O rio Barada, junto com os fluxos que alimenta, se perde aproximadamente nos pântanos dos Lagos de Prado 18 milhas a Leste da cidade. A água do Barada, entretanto não perfeitamente saudável na própria cidade, está à maior parte clara e esfria; seu curso é pitoresco, e seu valor para Damasco, como a fonte semelhante de fertilidade e de charme, é inestimável.

Abarim

Ab'a-rim, a-ba'rim (, *abharim*): A idéia de fato é o de andamento está do outro lado de um espaço ou uma linha dividindo, ou por exemplo um rio. É o mesmo fato que se aparece na frase familiar “além do Jordão,” usado para denotar o leste de região do Jordão, e Helenizou no nome Peraea. Este fato dispõe a explicação mais natural das frases 'as montanhas do Abarim (Nm 33:47, Nm 33:48, Nm

27:12; Dt 32:49); Ije-abarim que quer dizer “Montões do Abarim,” ou “Montículos do Abarim” (Nm 21:11; Nm 33:44). Em Nm 33:45 este monte é chamado Ije Abarim simplesmente, “Montículos.” será distinguido do lugar do mesmo nome no sul de Judá (Js 15:29). O nome Abarim, sem o artigo, acontece em Jer (Nm 22:20 a Versão Revisada (britânico e americano), onde o King James Version traduz “as passagens”), onde parece ser o nome de uma região, no mesmo fundamento com os nomes o Libano e Bashan, indubitavelmente a região se referiu para em Números e Deuteronômio. Não há nenhuma razão por mudar as vogais em Ez 39:11 para fazer que outra ocorrência do mesmo nome. Quando os descendentes de Abraão moraram em Canaã, antes de eles irem para o Egito para estada curta, eles falaram do leste de região do Jordão como “além de Jordão.” Olhando pelo Jordão e o Mar Morto eles designaram o país montês eles viram lá como “as montanhas de Além.” Eles continuaram usando estas condições geográficas quando eles saíram de Egito. Nós temos como saber como extenso uma região eles aplicaram o nome. As passagens falam do país montês de Abarim onde Moisés morreu, inclusive Nebo, como situado atrás do rio o Jordão em seus mais baixos alcances; e dos Montículos do Abarim como mais longe para o sudeste, de forma que os Israelitas os passou ao fazer o desvio deles ao redor das partes agrícolas de Edom, antes que eles cruzassem o Arnon. Se o nome que Abarim deveria ser aplicado às partes do país de colina oriental mais distante para o norte é uma pergunta na qual nós falta evidência.

Afligir/Humilhe

A-bas´: A capitulação inglesa de , *shaphel* (Jó 40:11; Ez 21:26), e de seu derivado , *shaphal* (Dn 4:37) = “derrube,” “humilhe,” “humilde”; de , *anah* (Is 31:4) = “humilhe ego,” “aflija,” “castigue ego,” “negocie severamente com,” etc.; e de , *tapeinoo* = “deprimir”; figura “humilhar” (em condição ou coração): “humilhe,” “traga baixo,” “humilhe ego” (Fp 4:12). A palavra sempre é empregada para indicar o para o qual deveria ser feito ou por ele quem cria um espírito e exibições um comportamento ao contrário da humildade louvável que uma fruta natural de religião é. Tal uma pessoa é advertida que a audácia mais extravagante não amedrontará Yahweh nem enfraquecerá a vingança dele (Is 31:4), e é exortado os homens bons empregar os poderes deles para trazê-lo abaixo (Jó 40:11; Ez 21:26). Se os homens não podem restringir o arrogante, Deus faz (Dn 4:37); e Ele constituiu no mundo que o pecado da arrogância tem que cair assim (Mt 23:12 a KJV; Lc 14:11 a KJV; Lc 18:14 a KJV).

Enfraqueça

A-bat´: seis vezes Usadas em Testamento Velho para cinco palavras hebréias diferentes, significando “diminuir,” “reduza,” “suavize”; da Inundação (Gn 8:8); de força (Dt 34:7); de valor pecuniário (Lv 27:18); de ira (Jz 8:3); de fogo (Nm 11:2).

Abba

Ab´a (אַבְבָּא, , *’abba*), Hebraico-Chaldaico , “o Pai”): Em judeu e orações, um nome pelo qual a Deus foi se dirigido, então no igrejas orientais um título de bispos e patriarcas. Assim Jesus usou para Deus em oração (Mt 11:25, Mt 11:26; Mt 26:39, Mt 26:42; Lc 10:21; Lc 22:42; Lc 23:34; Jo 11:41; Jo 12:27; Jo 17:24, Jo 17:25). Em Marcos 14:36; Rm 8:15, e Gl 4:6 o , *ho pater*, é juntado até mesmo em endereço direto, em um senso enfático. Não foi permitido para os criados usar o título endereçando a cabeça da casa. Veja Delitzsch em Rm 8:15; compare G. Dalman, Grama. jüd de des. - palast. Aramaisch, etc., seção 40, c. 3.

Abda

Ab´da , (, *abhdā*), talvez, através de abreviação, “o criado de Yahweh”): (1) O pai de Adonirão, o superintendente do Rei Solomão de trabalho forçado (I Rs 4:6). (2) Um Levite mencionado na nota estatística em Ne 11:17. Este “Abda o filho de Samua” está na passagem em parte duplicada em (I Cr 9:16) chamado “Obadias o filho de Semaías.”

Abdeel

Ab´de-el - , *abhdē’el*, (“o criado de Deus”): O pai de Selemias, um dos oficiais quem o Rei Jeoiaquim comandou para prender Baruque, o escrivão, e Jeremias o profeta (Jr 36:26).

Abdi

Ab´di , , *abhdī* , provavelmente através de abreviação “o criado de Yahweh”): (1) Um Levita, avô de Etã cantor do Rei David (I Cr 6:44; compare I Cr 15:17). Isto faz para Abdi um contemporâneo do rei Saul. (2) Um Levita, pai do Quis que estava em serviço no começo do reinado de Ezequias (II Cr 29:12). Alguns identificam este Abdi erradamente com o anterior. (3) Um homem que pelo tempo de Ezra tinha se casado com uma esposa estrangeira (Ed 10:26). Não um Levite, mas “dos filhos de Elam.”

Abdias

ab-di'as (2 Esdras 1:39 = Obadias: Apócrifo): Um dos Profetas Secundários. Mencionado com Abraham, Isaac, Jacob e os Profetas Secundários para que seja dado como líderes da “nação do leste” que é subverter o Israel (compare OBADIAS).

Abdiel

ab-di-el (, *abhdī'el*, “o criado de Deus”): Um Gadita que viveu em Gileade ou em Basã, e de quem nome foi considerado em genealogias do tempo de Jotão, rei de Judá, ou de Jeroboão II, rei de Israel (I Cr 5:15-17).

Abdom (1)

Ab'don (, *abhdon*, talvez “serviço”; **A** , *Abdon*):

(1) 12º Juiz de Israel durante oito anos (Jz 12:13-15). O texto diz que ele era o filho de Hilel o Piratonita, e que ele foi enterrado em Piraton na terra de Efraim. Nenhuma menção é feita de grandes serviços públicos feitos por ele, mas é dito que ele teve quarenta filhos e trinta netos. Tão longe como podemos julgar nós, ele foi colocado em serviço como um homem ancião rico, e executou os deveres rotineiros aceitável mente. São muito prováveis os dois próximos antecessores dele Ibzan e Elon eram os homens do mesmo tipo. Um esforço foi feito para identificar Abdom com o (Baraque) “Bedan” mencionado em 1Sm 12:11, mas a identificação é precária.

Certa importância prende a Abdon o fato que ele é o último juiz mencionado na conta contínua (Jz 12:6 por 13:1) no Livro de Juízes. Depois que acaba seu juizado segue a declaração que Israel foi entregado nas mãos dos Filisteus quarenta anos, e com aquela declaração fecha a conta contínua e as séries de histórias pessoais começam - as histórias de Sansão, de Mica e o Levita, da guerra civil de Benjamim, segue em nossas Bíblias inglesas pelas histórias de Rute e da infância de Samuel. Com o fim desta última história (I Sm 4:18) a narrativa de negócios públicos é retomada, a um ponto quando Israel está fazendo um esforço desesperado, ao fim dos quarenta anos de Eli, se livrar do jugo Filisteu. Uma parte grande das visões das pessoas da história do período dos Juízes dependerá do modo no qual ele combina estes eventos. Minha própria visão é que os quarenta anos de Jz 13:1 e de I Sm 4:18 é o mesmo; que a morte de Abdon os Filisteus se afirmaram como senhores de Israel; que era uma parte da política deles para suprimir a nacionalidade de Israel; que eles aboliram o serviço de juiz, e mudou o alto-sacerdócio para outro familiar, fazendo para Eli o padre alto; aquele Eli era suficientemente competente de forma que muitas das funções de juiz nacional vagueados nas mãos dele. Deveria ser notado que o recuperando de independência foi sinalizado pelo restabelecimento do serviço de juiz, com Samuel como titular (I Sm 7:6 e contexto). Esta visão leva em conta que a narrativa Sansão é relativa destacável, como as narrativas que seguem, Sansão que pertence a um período antes. Veja SANSÃO.

(2) O filho de Jeiel e sua esposa Maaca (I Cr 8:30; I Cr 9:36). Jeiel é descrito como o “o pai de Gibeão,” talvez o fundador da comunidade Gibeonita. Este Abdon é descrito como irmão de Ner (I Cr 9:36), o avô do Rei Saul (I Cr 8:33).

(3) Um dos mensageiros enviado pelo Rei Josias para Hulda a profetisa (II Cr 34:20); chamou Acbor em II Rs 22:12.

(4) Um de muitos homens de Benjamim mencionados como morando em Jerusalém (I Cr 8:23), possivelmente pelo tempo de Neemias, a data não está entretanto clara.

Abdon (2)

ab'don (, *abhdon* , talvez “serviço”): Uma das quatro cidades dos Levitas na tribo de Aser (Js 21:30; I Cr 6:74). Provavelmente o mesmo com Hebron (na King James Version) em Js 19:28 onde algumas cópias têm a leitura Abdon. Agora chamada Abdeh, algumas milhas no mediterrâneo e aproximadamente quinze milhas sul de Tiro.

Abed-Nego

a-bed'ne-go (hebreu e arameu , *abhedh nēgho* ; Dn 3:29 , *abhedh nēgho*): de acordo com muitos, o nego uma corrupção intencional de Nebo, é o nome de um deus babilônico, surgindo do desejo dos escriturários hebreus para evitar de dar um nome pagão a um herói da fé deles. O nome, de acordo com esta visão, significaria “o criado de Nebo.” já que *abhedh* uma tradução do babilônico é *arad*, também parece mais provável que nego deve ser uma tradução de alguma palavra babilônica. A deusa Ishtar está pelos babilônico chamado “a estrela d'alva” e “a luz perfeita” (gitmaltu de nigittu). A estrela d'alva é chamada pelos Arameus *nogah*, “o

lustrando,” uma palavra derivou do *negah* de raiz, o equivalente do *nagu* babilônico, “lustrar.” Abed-nego, de acordo com esta interpretação, seria a tradução de Arad-Ishtar, um nome não incomum entre os assírios e babilônicos. Cânon que Johns dá para isto como o nome de mais de trinta assírios que é mencionado nas tablets citado por ele em Vol. III do grande trabalho dele intitulou Ações assírias e Documentos. Significa “o criado de Ishtar.”

Abed-nego era um dos três companheiros de Daniel, e era o nome imposto a Azarias hebreu por Nabucodonosor (Dn 1:7). Tendo recusado, junto com os amigos dele, para comer as providências da mesa do rei, ele foi alimentado e floresceu em pão e água. Tendo passado nos exames dele prosperamente e escapou da morte com que foram ameaçados os homens sábios de Babilônia, ele foi designado a pedido de Daniel junto com os companheiros dele em cima dos negócios da província de Babilônia (Dan 2). Tendo recusado se curvar até a imagem a qual Nabucodonosor tinha fixado, ele foi lançado no forno de fogo ardente, e depois que saiu triunfante dele ele foi feito pelo rei prosperar na província de Babilônia (Dan 3). Os três amigos se referem para através de nome em 1 Mac 2:59, e implicitamente em Hb 11:33,34.

Abel (1)

a'bel (, *hebheh*; אֲבֵל, *Abeḥ*; Westcott e Hort, O Testamento Novo em grego *Habel*; etimologia incerto. Alguma tradução “uma respiração”, “vapor”, “transitoriedade”, que são sugestivos da existência breve dele e fim trágico; outros levam isto ser uma variante de Jabal, *yabhal*, “pastor” ou “homem de rebanho” Gn 4:20. Compare o assírio *ablu* e o babilônico *abil*, “o filho”. O segundo filho de Adão e Eva. A ausência do verbo *harah* (Gn 4:2; compare Gn 4:1) foi levado para insinuar, talvez verdadeiramente, aquele Caim e Abel eram os gêmeos.

1. Pastor

“Abel era guardião de ovelha, mas o Caim era lavrador do chão,” representando as duas perseguições fundamentais de vida civilizada assim, as duas subdivisões mais remotas da raça humana. Na tradição hebréia da superioridade da pastoral em cima de agrícola e vida de cidade, veja Expositor Times, V, 351ff. A narrativa pode agüentar testemunha possivelmente à idéia primitiva que vida pastoral estava agradando mais a Yahweh que a vida agrícola.

2. Um Adorador

“No decorrer do tempo,” os dois irmãos entraram em uma maneira solene para sacrificar até Yahweh para expressar a gratidão deles a Ele de quem inquilinos elas estavam na terra (Gn 4:3, Gn 4:4. Veja SACRIFÍCIO). Como Yahweh significou a aceitação de oferecimento um e rejeição do outro, nos não somos falados. Que estava devido à diferença no material do sacrificio ou da maneira deles, de oferecer a convicção estava provavelmente entre os Israelitas cedo que consideraram oferecimentos animais como superior para oferecimentos de cereal. Porém, ambos os tipos estavam completamente em acordo com lei hebréia e costume. Foi sugerido que a Septuaginta que faz de Gn 4:7 faça para a ofensa de Caim um ritual, o oferecimento que não é “corretamente” fez ou justamente dividiu, e conseqüentemente rejeitou como irregular. A Septuaginta levou a repreensão evidentemente para virar na negligência de Caim para preparar o oferecimento dele de acordo com exigências cerimoniais rígidas. *dieles* (Septuaginta no lugar citado.), porém, insinua , (*na thah* (*nattah*), e só aplicaria a sacrificios de animal. Compare Ex 29:17; Lv 8:20; Jz 19:29; I Rs 18:23; e veja SOFÁ.

3. Um Homem Íntegro

A verdadeira razão para o Divina preferência será achada indubitavelmente na disposição dos irmãos (veja CAIM). Beneficência não consistiu no oferecimento externo (Gn 4:7) mas no estado certo de mente e sentindo. A aceitabilidade depende dos motivos internos e caráter morais dos oferecedores. “Por fé Abel ofereceu a Deus um mais excelente (abundante, *pleiona*) sacrificio que o Caim” (Hb 11:4). O “sacrificio mais abundante,” Westcott pensa, “sugestiona a gratidão mais funda de Abel, e espetáculos um senso mais cheio das reivindicações de Deus” para o melhor. Caim “trabalha (a expressão coletiva da vida interna dele) era mau, e o irmão dele íntegro” (I Jo 3:12). “seria uma afronta se os deuses olhassem a presentes e sacrificios e não para a alma” (Alcibiades II.149E.150A). O coração de Caim não era puro; teve uma tendência criminal, enquanto pulando de inveja e ciúme que fizeram o oferecimento dele e pessoa inaceitável. Os trabalhos dele e ódio do irmão dele culminaram no ato de assassinato, especificamente evocado pelo caráter oposto dos trabalhos de Abel e a aceitação do oferecimento dele. O homem mau não pode suportar a visão de bondade do outro.

4. Um Mártir

Abel enfileira como o primeiro mártir (Mt 23:35), de quem o sangue chorou para vingança (Gn 4:10; compare Ap 6:9, Ap 6:10) e trouxe desespero (Gn 4:13), considerando que o de Jesus trouxe perdão aos homens em ralação a Deus, e fala paz (Hb 12:24) e é preferido antes de Abel.

5. Um Tipo

Os primeiros dois irmãos em posto da história como os tipos e representantes das duas divisões principais e duradouras de gênero humano, e agüenta testemunha à antítese absoluta e inimizade eterna entre o bem o e mal.

Abel (2)

a'bel (, *'abhel*, “prado”): Uma palavra usada em vários nomes combinação de lugares. Se aparece por si só como o nome de uma cidade interessado na rebelião de Seba (II Sm 20:14; compare I Sm 6:18), entretanto é lá provavelmente uma abreviação do nome Abel-bete-maaca. Em I Sm 6:18, onde o hebreu tem “o grande prado,” e o grego “a grande pedra,” a King James Version traduz “a grande pedra de Abel.”

Abel-Bete-Maaca

a'bel-beth-ma'a-ka (, *'abhel beth ma' akhah*, “o prado da casa de Maaca”): O nome aparece nesta forma em I Rs 15:20 e II Rs 15:29. Em II Sm 20:15 (hebreu) é Abel, de Bete-Maaca (Maaca como o artigo). Em II Sm 20:14 se aparece como Bete-Maaca, e em II Sm 20:14 e II Sm 20:18 como Abel.

Em 2 Samuel é falado de como a cidade, ao extremo norte da Palestina onde Joabe sitiou Seba, o filho de Bicri. Em II Reis é mencionado, junto com Ijon e outros lugares, como uma cidade em Naftali capturada por Tiglate-Pileser, rei da Assíria. A captura também se aparece nos registros de Tiglate-Pileser. Em I Reis é mencionado com Ijon e Dã e “toda a terra de Naftali” como sendo atingido duramente por Bem-Hadade de Damasco pelo tempo de Baasa.

Na conta em Crônicas em paralelo a este último (II Cr 16:4) as cidades mencionadas são Ijon, Dã, Abel-Maim. Abel-Maim é um outro nome para Abel-Bete-Maaca, ou o nome de outro lugar na mesma vizinhança.

A identificação prevaiente de Abel-Bete-Maaca está com a atual Abil, algumas milhas a Oeste de Dã, em uma altura que negligencia o Jordão próximo a suas fontes. A região adjacente é rica em agricultura, e a paisagem é bem provida de água. Abel-Maim, “prado de água,” não é uma designação inapta para isto.

Abel-Queramim

a'bel-ker'a-mim (, *'abhel k'eramim*, “prado de vinhedos”): Uma cidade mencionada na Versão Revisada (britânico e americano) em Jz 11:33, junto com Aroer, Minite, e “vinte cidades,” resumindo a campanha de Jefté contra as Amonitas. A King James Version traduz “a planície dos vinhedos.” O local não foi identificado, entretanto Eusebio e Jeronimo falam disto como sendo no tempo deles uma aldeia aproximadamente sete milhas romanas da cidade de Rabá principal cidade dos Amonitas.

Abel-Maim

a'bel-ma'im (, *'abhel mayim*, “prado de água”). Veja ABEL-BETE-MAACA.

Abel-Meolá

a'bel-me-ho'lah (, *'abhel m'holah*, “prado de dança”): A residência de Eliseu o profeta (I Rs 19:16). Quando Gideão e os 300 dede tocaram as buzinas deles, no acampamento dos Midianitas, o primeiro pânico deles foi fugir para vale de Jezreel e o Jordão “para Zerérá” (Jz 7:22). Zerérá (Zeredá) Zaretã são as mesmas (II Cr 4:17; compare I Rs 7:46), separado de Sucote por tipo de brejo de barro fundamentado onde Solomão fez para arremessos para o templo. Na caça aos Midianitas, Gideão cruzou o Jordão a Sucote (Jz 8:4). Isto indicaria que Abel-Meolá foi pensado como uma área fora do país como uma “borda,” a oeste do Jordão, algumas milhas ao Sul de Bete-Seã, no território de Issacar ou a Oeste Manasses.

Abel-Meolá também é mencionado com relação à jurisdição de Baaná, um dos doze oficiais do comissário de Solomão (I Rs 4:12) como debaixo de Jezreel, com Bete-Seã e Zaretã na mesma lista.

Jeronimo e Eusebio falam de Abel-Meolá como uma área do país e uma cidade no vale Jordão, aproximadamente dez milhas romanas ao Sul de Bete-Seã. Só aquele ponto que o nome parece ser perpetuado nisso do Wady Malib, e Abel-Meolá fica geralmente situado próximo onde aquele Wady, ou o Wady Helweh vizinho, desce no vale do Jordão.

Presumivelmente Adriel o Meolatita (I Sm 18:19; II Sm 21:8) era um residente de Abel-Meolá.

Abel-Mizraim

a'bel-miz'ra-im (, *'abhel micrayim*, “prado do Egito”): Um nome dado “o chão espancando de Atade,” Leste do Jordão e Norte do Mar Morto, A eira de Atade, onde José, seus irmãos e os egípcios choraram a morte de Jacó. (Gn 50:11). O nome é um trocadilho. Os residentes Cananitas viram o *ebhel*, “o luto,” e então aquele lugar foi chamado *abhel micrayim*. É notável que o funeral deveria ter levado esta rota que dá voltas, em vez de ir diretamente do Egito para Hebron. Possivelmente uma razão pode ser achada como nós obtemos detalhes adicionais na história egípcia. As explicações que consistem mudando o texto, ou substituindo o Norte Mutsri árabe para Mitsrayim, é insatisfatório.

Abel-Sitim

a'bel-shit'tim (, *'abhel ha-shittim*, “o prado das Acácias”): O nome só aparece em Nm 33:49; mas o nome Sitim é usado para denotar a mesma localidade (Nm 25:1; Js 2:1; Js 3:1; Mq 6:5). O nome sempre tem o artigo, e a melhor expressão disto em inglês seriam “as Acácias.” 'O vale das Acácias (Jl 3:18 (4:18)) é, aparentemente, uma localidade diferente.

Durante muitas semanas antes de cruzar o Jordão, Israel foi se acampou na redondeza do vale do Jordão, ao Norte do Mar Morto, e Leste do rio. As notificações na Bíblia, completado por Josefo e Eusebio e Jeronimo, indica que a região do acampamento era muitas milhas em extensão, o ser de limite sulista Bete-Jesimote, para o Mar Morto, enquanto Abel das Acácias era o limite do norte e a sede. A sede é falada freqüentemente de como o Leste do Jordão em Jericó (por exemplo, Nm 22:1; Nm 26:3, Nm 26:63). Durante a permanência lá aconteceu o incidente de Balaão (Nm 22 - 24), e a prostituição com Moabe e Midiã (Nu 25) e a guerra com Midiã (Nu 31) em ambos de que Finéias se diferenciou. Era das Acácias que o Josué enviou os espiões, e Israel rebaixou o rio posteriormente para o cruzamento. Mica chama as pessoas de Yahweh habilmente para se lembrar de tudo aquilo aconteceu a eles do tempo quando eles alcançaram as Acácias ao tempo quando Yahweh tinha os trazido seguramente pelo rio para Gilgal.

Josefo está correto dizendo que “Prado das Acácias” é o lugar do qual a lei de Deuteronômio pretende ter sido determinada. Pelo tempo dele o nome sobreviveu como Abila, uma cidade não muito importante situada lá. Ele diz que era “sessenta furlongs de Abila para o Jordan,” isso é um pequeno mais de sete milhas inglesas (Antiguidades. IV, viii, 1 e V, i, 1.; BJ, IV, vii, 6). Lá parece ser uns consensos por localizar o local a Kefrein, próximo onde o wady daquele nome desce no vale do Jordan.

Abez

a'bez: Usado na king James Version (Js 19:20) para EBES.

Abgar; Abgarus; Abagarus

ab'gar, ab-ga'rus, a-bag'a-rus (**Αβγαρος, Abgaros**): também Escrito para Agbarus e para Augarus. Um rei de Edessa. Um nome comum a vários reis (toparchs) de Edessa, Mesopotâmia. Um destes, Abgar, um filho de Uchomo, o décimo sétimo (14º?) de vinte reis, de acordo com a lenda (Historia Eclesiástica, i. 13) enviou uma carta a Jesus, enquanto professando convicção como o Messias e lhe pedindo vir e o curar de uma doença incurável (lepra?). O convidando a levar refúgio dos inimigos dele na cidade dele ao mesmo tempo, “o qual é bastante para nós ambos.” Jesus que responde a carta o abençoou, porque ele tinha acreditado em Ele sem ter O visto, e prometeu enviar um dos discípulos dele depois que Ele tivesse subido do morto. O apóstolo que o Tomé enviou para Judas Tadeu, um dos Setenta, que o curou (Bacalhau. Apócrifo Testamento Novo).

Abhor – detestável.

ab-hor': “Jogar fora”, “rejeite”, “menospreze”, “desafie”, “deteste”, etc. (1) Traduziu no Testamento Velho das palavras hebréias seguintes entre outros: (*ba'ash*), “ser ou se tornar fedendo” (I Sm 27:12; II Sm 16:21 (*ga . al*) “jogar fora como sujo”, “detestar”; compare Ez 16:5 a King James Version; (*qufs*), “detestar,” “temer” (Ex 1:12; I Rs 11:25; Is 7:16); (*shaqats*), “detestar” (Sl 22:24); (*ta'abh*), (*ta . abh*), “para” (Dt 23:7); (*dera'on*), “um objeto de desprezo,” “um detestando” (Is 66:24; margem de Dn 12:2). (2) Traduziu no Testamento Novo das palavras gregas seguintes: *bdelussomai* que é derivado de *bdeo*, “feder” (Rm 2:22); *apostugeo*, derivou de *stugeo*, “odiar,” “encolher de” (Rm 12:9).

Abi (1)

a'bi (, *'abhi*): O nome da mãe de Rei Ezequias, como determinado em II Rs 18:2. Naturalmente explicou como uma contração de Abia ("Yahweh é um pai," ou "meu pai é"), achado na passagem paralela em II Cr 29:1. A ortografia nas mais velhas traduções parece indicar que *abhi* foi erro de um copista, e não, uma forma contraída genuína. Ela é falada de como a filha de Zacarias, e era claro que a esposa de Acáz.

Abi (2)

a'bi, na composição de nomes (, *'abhi*, "o pai"): As palavras hebréias *abh*, "o pai," e *ah*, "o irmão," é usado o formando de nomes, ambos no princípio e ao término de palavras, por exemplo o Abraão ("exaltou um"), Joá ("Yahweh é o irmão"), Acabe ("o irmão do pai"). No começo de uma palavra, porém, as formas modificadas *abhi* and *'ahi* umas são geralmente usados, por exemplo Aimeleque ("o irmão de rei") e Abimeleque (pela mesma analogia "o pai de rei").

Estas formas têm características que complicam a pergunta do uso delas em nomes próprios. Especialmente como a publicação em 1896 de Estudos em Nomes Próprios hebreus, através de G. Buchanan Gray, foi chamada a atenção de estudantes a este assunto, sem o alcançar de qualquer consenso perfeito de opinião.

A palavra *abhi* pode ser um nominativo com um fim arcaico ("o pai"), ou no estado construção ("pai-de"), ou a forma com o sufixo ("meu pai"). Conseqüentemente um próprio nome construído com isto pode ser supostamente uma cláusula ou uma oração; se for uma oração, qualquer um das duas palavras pode ser assunto ou predicado. Quer dizer, o nome Abimeleque pode querer dizer qualquer um supostamente "o pai de um rei," ou "um rei é o pai," ou "um pai é o rei," ou "meu pai é o rei," ou "um rei é meu pai." Mais adiante, a cláusula "o pai de um rei" pode ter como muitas variações de significar como lá é variedades do genitivo gramatical. Adicional é ainda, reivindicado que ou a palavra gera ou a palavra rei pode, em um nome, seja uma designação de uma deidade. Isto dá um número muito grande de significados da qual, em todo caso, selecionar o significado planejado.

A bolsa de estudos mais velha considerada todos estes nomes constrói cláusulas. Por exemplo, Abidã é "o pai de um juiz." explicou exemplos diferentes como sendo variedades diferentes da construção de genitivo; por exemplo, Abiail, "o pai de poder," significa o pai poderoso. O nome da mulher a Abigail, "o pai de exultação," denota um cujo pai é triunfante. Abisai, "o pai de Jesse," denota a pessoa a quem Jesse é o pai, e assim com Abiúde, "o pai de Judá," Abiel, "o pai de Deus," Abias, "o pai de Yahweh." Veja os casos em detalhes no Léxico de Gesenius.

A mais recente bolsa de estudos considera a maioria ou todos os exemplos como orações. Considera o segundo elemento em um nome como um verbo ou adjetivo em vez de um substantivo em alguns casos; mas isso não é importante, já que em hebreu poderia persistir a construção de genitivo, até mesmo com o verbo ou adjetivo. Mas nos cinco exemplos a explicação, "meu pai é exultação," "é Jesse," "é Judá," "é Deus," "é Yahweh," certamente dá o significado de um modo mais natural que explicando estes nomes como constroem cláusulas.

Há conflito afiado em cima da pergunta se nós deveríamos considerar o pronome de sufixo como presente nestes nomes - se os cinco exemplos não deveriam ser traduzidos bastante Yahweh é o pai, Deus é o pai, Judá é o pai, Jesse é o pai, exultação é o pai. A pergunta é levantada se a mesma regra prevalece quando a segunda palavra for um nome ou uma designação de Deidade como prevalece em outros casos. Nós deveríamos explicar um exemplo como significando "meu pai Jesse é," e outro como "Deus o pai é?"

Uma discussão satisfatória disto só é possível debaixo de um estudo inclusivo de nomes da Bíblia. O argumento é mais complicado pelo fato que cada estudante olha ver o que agüentando isto podem estar usando as teorias críticas que ele segura. No Léxico hebreu do Dr. Francis Brown exclui as explicações o construa teoria; em a maioria dos exemplos eles tratam um nome como uma oração com "meu pai" como o assunto; quando a segunda parte do nome é uma designação de Deidade que eles geralmente fazem que o assunto, e exclui o pronome ou dá isto como uma alternativa. Para a maioria das pessoas o método seguro é se lembrar que a decisão concludente ainda não é alcançada, e considerar cada nome por si só, contando a explicação disto uma pergunta aberta. Veja NOMES, PRÓPRIO.

As investigações relativas a nomes Semíticos próprios, ambas e fora da Bíblia, tenha portes teológicos interessantes. Sempre foi reconhecido que palavras para o pai e irmão, quando combinou em próprios nomes com Yah, Yahu, El, Baal, ou outros próprios nomes de uma Deidade, indicou alguma relação da pessoa nomeada, ou da tribo dele, com a Deidade. É segurado agora, entretanto com muitas diferenças de opinião que o formando de próprio nomeia muitas outras palavras, por exemplo, as palavras para rei, senhor, força, beleza, e outros, também é usado como designações de Deidade ou de alguma Deidade particular; e que as palavras geram, o irmão, e o igual pode ter o mesmo uso. Até certo ponto os próprios nomes são tantas proposições em teologia. É tecnicamente possível ir muito distante deduzindo que as pessoas que formaram tal nomeação pensando em Deidade ou de alguma Deidade particular como o pai, a regra, o campeão, a força, a glória da tribo ou do indivíduo. Em particular a pessoa poderia deduzir a existência de uma doutrina amplamente difundida da paternidade de Deus. É indubitavelmente supérfluo para somar isso no momento a pessoa deveria ser muito cauteloso puxando ou aceitando conclusões nesta parte do campo de estudo humano.

Abia; Abias

a-bi'a, a-bi'ah: Variantes para ABIAS; que vêem.

Abi-Albon

ab-i-al'bon, a'bi-al'bon (*'abhi* , *ab̄bhon*, significado não conhecido. Gesenius deduz do árabe um talo que daria o significado “o pai de força,” e isto não é na pior das hipóteses isso mesmo infundado como as conjeturas que explicam? *ab̄bhon* como um interpretando mal textual para *el* ou *ba* , *al*): Abi-albon o Arbatita era um dos heróis listados de Davi (II Sm 23:31), Abiel chamado o Arbatita em I Cr 11:32. Presumivelmente ele era de Bete-Arabá (Js 15:6, Js 15:61; Js 18:22).

Abiasafe

a-bi'a-saf, ab-i-a'saf (*'abhi'asaph*, “meu pai juntou”: Um descendente de Corá o filho de Levi (Ex 6:24; I Cr 6:23, I Cr 6:37 (8, 22); I Cr 9:19). Em Crônicas está o nome *'ebh-yasaph* que parece uma mera ortografia variante para ser. A versão Samaritana tem a mesma forma em Êxodo. A lista em Êxodo termina com Abiasafe que será considerado como o contemporâneo de Finéias o neto de Aarão. As duas listas em I Crônicas 6 adiante até o profeta o Samuel e as companhias cantando que é dito que Davi tenha organizado. A lista em I Crônicas 9 adiante até os zeladores dos Coraitas do tempo de Neemias. Aparentemente todas as listas omitem nomes intencionalmente, só nomeia o ser bastante determinado em cada linha indicada.

Abiatar

a-bi'a-thar, ab-i-a'thar (*'ebhyathar*, “o pai de super-excelência,” ou, “o super-excelente o pai é.” Com a fraseologia mudada estas explicações são geralmente determinadas, entretanto “um pai permanece” seria mais em acordo com o uso ordinário do *yathar* de talo. O Abiatar piedoso ainda estava consciente que ele teve um Pai, até mesmo depois da chacina dos parentes humanos dele):

1. A Narrativa Bíblica

A Bíblia representa Abiatar como foi descendência de Finéias o filho de Eli, e por ele de Itamar o filho de Aarão; que ele era o filho de Aimeleque o sacerdote cabeça em Nobe que, com os sócios dele, seja posto a morte pelo rei Saul para conspiração alegada com Davi; que ele teve dois filhos, Aimeleque e Jônatas, o anterior de quem era, na vida de Abiatar, proeminente no serviço sacerdotal (I Sm 21:1-9; I Sm 22:7; II Sm 8:17; II Sm 15:27; I Cr 18:16; I Cr 24:3, I Cr 24:6, I Cr 24:31). Veja AIMELEQUE; AITUBE.

Abiatar escapou do massacre dos sacerdotes em Nobe, e fugiu pra Davi, enquanto levando o éfode com ele. Esta era uma grande acessão à força de Davi. O sentimento público em Israel foi enfurecido pela matança dos sacerdotes, e contrariou fortemente contra Saul. O herdeiro do sacerdócio, e no cuidado do éfode santo, estava agora com Davi, e o fato deu prestígio a ele por causa disto, e um certo caráter de legitimidade. Davi também sentia amargamente por ter sido a causa pouco disposta da morte dos parentes de Abiathar, e isto fez que coração dele esquentasse para com o amigo. Presumivelmente, também, havia uma condolência religiosa fundada entre eles.

Abiatar parece ter sido reconhecido imediatamente como o sacerdote de David, o modo de consulta com Yahweh pelo éfode (I Sm 22:20-23; I Sm 23:6, I Sm 23:9; I Sm 30:7, I Sm 30:8). Ele estava à cabeça do sacerdócio, junto com Zadoque (I Cr 15:11), quando Davi, depois das conquistas dele (I Cr 13:5; compare II Sm 6), trouxe a arca para Jerusalém. Os dois homens são mencionados junto como sacerdotes oito vezes na narrativa da rebelião de Absalão (II Sm 15:24), e é mencionado assim na última lista das cabeças de David de departamentos (II Sm 20:25). Abiatar uniu-se com Adonias na tentativa dele para agarrar o trono (I Rs 1:7-42), e era para isto deposto do sacerdócio, entretanto ele foi tratado com consideração por causa da camaradagem dele com David anteriormente (I Rs 2:26, I Rs 2:27). Possivelmente ele permaneceu em mérito de sacerdote, como Zadoque, e Abiatar ainda aparecem como sacerdote nas listas das cabeças de departamentos para o reinado de Solomão (I Rs 4:4). Particularmente hábil é a passagem em Sl 55:12-14, se a pessoa considera isto como recorrendo às relações de David e Abiathar pelo tempo de Adonias.

Há dois fatos adicionais que, devido à amizade entre David e Abiatar, deve ser considerado significativo. A pessoa é aquele Zadoque, Abiatar júnior, é mencionado uniformemente primeiro, em todas as muitas passagens nas quais os dois são mencionados junto, e é tratado como o que é especialmente responsável. Vire à narrativa, e veja como isto é marcado. O outro semelhantemente fato significativo é em certos assuntos especialmente responsáveis (I Cr 24; I Cr 18:16; II Sm 8:17) são representados os interesses da linha de Itamar, não por Abiatar, mas pelo seu filho Aimeleque. Deveria ter havido algo no caráter de Abiatar responder por estes fatos, como também para Davi abandonando dele para Adonias. Esboçar o caráter dele poderia ser um trabalho para a imaginação em lugar de para conclusão crítica; mas parece claro que, entretanto ele era um homem merecedor da amizade de Davi, ele ainda teve fraquezas ou infortúnios que parcialmente o incapacitaram.

A função sacerdotal característica de Abiatar é expressa assim por Solomão: “porquanto levaste a arca do Senhor DEUS diante de Davi, meu pai” (I Rs 2:26). Por seu tempo o verbo não denota um ato habitual, mas a função de a arca, levada como um todo. Zadoque e

Abiatar, como sacerdotes, tiveram custo de trazer a arca para Jerusalém (I Cr 15:11). Não nos é falado se a arca foi removida novamente durante o reinado de David. Necessariamente a superintendência sacerdotal da arca insinua isso dos sacrifícios e serviços que estavam conectados com a arca. Os detalhes em Reis indicam a existência do cerimonial muito descrito no Pentateuco, enquanto são mencionados numerosos detalhes adicionais do Pentateuco em Crônicas.

Uma função sacerdotal que muito enfatizou é a obtenção de respostas de Deus pelo éfode (I Sm 23:6, I Sm 23:9; I Sm 30:7). O palavra éfode (veja I Sm 2:18; II Sm 6:14) necessariamente não denote o vestuário sacerdotal com o Urim e Tumim (por exemplo Lv 8:7, Lv 8:8), mas se qualquer um nega que este era o éfode do sacerdote Abiatar, o fardo de restos à prova nele. Este não é o lugar por indagar sobre o método de obter revelações divinas pelo éfode. A propriedade pousada de Abiatar estava em Anatote em Benjamim (I Rs 2:26), uma das cidades nomeada aos filhos de Aarão (Js 21:18).

Aparte dos homens, que é dito expressamente que é os descendentes de Aarão, esta parte do narrativo menciona os sacerdotes três vezes. Os filhos de Davi eram os sacerdotes (II Sm 8:18). Isto é de um pedaço como Davi está levando a arca em um carro novo (2 Sm 6), antes de ele ter presenciado a morte de Uzá. “E também Ira o jairita era o sacerdote do rei” (II Sm 20:26 (Revisão Versão Inglesa). “E Zabude o filho de Natã o sacerdote, amigo do rei” (I Rs 4:5. Estes exemplos parecem indicar que David e Solomão teve cada um capelão privado. Sobre a descida e função destes dois “os sacerdotes” nós não temos uma palavra de informação, e é ilegítimo para imaginar detalhes relativo a eles que os trazem em conflito com o resto do registro.

2. Opiniões críticas Relativo a Abiatar

Ninguém disputará que a conta dada assim longe que é isso do registro de Bíblia como está de pé. Porém, críticos de certas escolas não aceitam os fatos assim como registrou. Se uma pessoa é cometida à tradição que o Deuteronômio e as idéias sacerdotais do Pentateuco originaram primeiro depois alguns séculos que Abiatar, e se ele faz para aquela tradição o padrão por qual testar as conclusões críticas dele, ele tem que considerar a conta Bíblica de Abiatar claro que como historicamente. Ou o registro contesta a tradição ou a tradição contesta o registro. Não há nenhuma terceira alternativa. Os homens que aceitam as teorias críticas atuais entendem isto, e eles têm dois modos de se defender das teorias contra o registro. Em alguns exemplos eles usam dispositivos por desacreditar o registro; em outros exemplos eles recorrem a harmonizar hipóteses, enquanto mudando o registro para fazer isto concordam com teoria. Sem aqui discutindo estes assuntos, nós temos que notar alguns dos portes deles apenas no caso de Abiatar.

Por exemplo, admitir que o testemunho de Jesus (Mc 2:26) para o efeito que Abiatar era o sacerdote e que o santuário em Nobe era “a casa de Deus,” é afirmado que Jesus ou o evangelista está aqui enganado. A prova alegada para isto é o serviço de Abiatar como sacerdote, não começasse pelo menos alguns dias que o incidente se referiu. Este somente é inicial, entretanto é um argumento que às vezes é usado por alguns estudantes.

Os homens afirmam que as declarações do registro sobre a lista da linha de descendente de Eli de Itamar são falsas; que pelo contrário nós temos que conjecturar que aquele Abiatar reivindicou descida de Eleazar, o ser de linha dele a linha sênior alegada daquela família; que a linha sênior ficou extinta à morte dele, Zadoque que é de uma linha júnior, se realmente ele herdasse qualquer do sangue de Aarão. Fazendo tais afirmações como estas, homens negam as declarações da Bíblia como descansando em evidência insuficiente, e substitui para eles outras declarações que, confesse, descansa nada em nenhuma evidência.

Todo o tal procedimento está incorreto. Muitos são suspeitos de declarações achadas nos Livros de Crônicas; isso os dá umas certas suspeitas deles como se elas fossem percepções de fato. Supostamente a pessoa pode pensar o registro insatisfatório, e pode estar dentro dos direitos dele pensando assim, mas isso não autoriza que ele mude o registro exclua em base de evidência de algum amável. Se nós tratamos o registro das vezes de Abiatar como demandas de justiça que um registro seja tratado em um tribunal de justiça, ou uma investigação científica, ou uma proposição empresarial, ou um caso médico, nós aceitaremos os fatos substancialmente como eles são achados nos livros de Samuel e Reis e Crônicas.

Abibe

a'bib (, *'abhibh*, orelha jovem de cevada ou outro grão, Ex 9:31; Lv 2:14): O primeiro mês do ano Israelita, é chamado Nisã em Ne 2:1; Et 3:7, Abibe está em Ex 13:4; Ex 23:15; Ex 34:18; compare Dt 16:1. Abibe não é corretamente um nome de um mês, mas parte de uma frase descritiva, “o mês de orelhas jovens de grão.” Isto pode indicar o modo Israelita de determinar o ano novo (Ex 12:2), o ano que começa com a lua nova mais próxima, ou, próximo precedendo esta fase do crescimento da cevada. O ano assim indicado era praticamente o mesmo com o ano babilônico velho, e presumivelmente entrou com Abraão. As leis do Pentateuco não introduzem isto, entretanto eles definem isto, talvez distinguir isto do ano vagante egípcio. Veja CALENDÁRIO.

Abida

a-bi'da (, *'abhidha*, “o pai de conhecimento,” ou “meu pai sabe”): Um filho de Midiã e neto de Abraão e Quetura (Gn 25:4; I Cr 1:33).

Abidã

a-bi'dan (, *'abhidhan*, “o pai é juiz”): Abidã, filho de Gideoni, era um “príncipe” das crianças de Benjamim (Nm 2:22; Nm 10:24). Ele foi escolhido para representar a tribo dele ao censo no deserto de Sinai (Nm 1:11). Quando, na inauguração, unção e santificação do Tabernáculo, os príncipes de Benjamim ofereceram, Abidã com capitão no nono dia (Nm 7:60, Nm 7:65).

Agüente

a-bid': Palavra velha de inglês que significa progressivamente “espere,” “permaneça,” “estada curta,” “more,” “continue,” “suporte”; representou ricamente em Testamento Velho (a King James Version) e em Testamento Novo por como muitas palavras gregas. Na Versão Revisada (britânico e americano) deslocou freqüentemente através de significado de palavras “para estada curta,” “more,” “se acampe.” Os originais hebraicos e gregos em sua maioria é usado freqüente , *yashabh*, “morar , *meno*, “permanecer.” “Agüente (sente ou permaneça) ‘fique aqui’ (Gn 22:5); “A terra agüenta (continua) sempre” (Ec 1:4); “Quem pode agüentar (agüente ou suporte) o dia?”(Mt 3:2); “Agüentam aflições” (espere) (At 20:23). O domicílio tenso passado, em uso freqüente, tem o mesmo significado. “O arco dele agüenta (permaneceu) em força” (Gn 49:24); “Lá ele agüenta” (Jo 10:40).

Domicílio, como um substantivo (grego , *mone*) duas vezes em Testamento Novo: “faça nosso agüente com ele” (Jo 14:23); “mansões,” a Versão Revisada, margem “permanente-lugar” Jo 14:2). A alma do verdadeiro discípulo e céu é habitações-lugar do Pai, Filho e Espírito Santo.

Abiel

a'bi-el, ab'yel, a-bi'el (, *'abhi'el*, “meu pai é Deus,” ou “Deus o pai é”):

(1) Um descendente de Benjamim o filho de Jacó. Pai de Quis o pai do rei Saul, e também, aparentemente, o pai de Ner o pai do general de Saul, Abner (I Sm 9:1; I Sm 14:51).

(2) Um dos homens poderosos de David (I Cr 11:32), chamado ABI-ALBOM que se vê em II Sm 23:31.

Abiezer

ab-i-e'zer, a-bi-e'zer (, *'abhi _ ezer*, “o pai de ajuda,” ou “meu pai é ajuda.” “meu pai é auxílio” Iezer, Iezerite (na King James Version Iezer, Jezeritas), Abiezer com o *both* de carta é omitido):

(1) Um descendente de José o filho de Jacó, e cabeça de um das famílias de Manassés que resolveu ficar a oeste do Jordão (Nm 26:30; Js 17:1-6; I Cr 7:14-19). Como ele era grande tio às filhas de Zelofoade que trouxeram um caso antes de Moisés (Nm 36:1-13), ele deveria ter sido um homem velho na hora da conquista. Ele era o filho de Gileade o filho de Machir, no senso de ser um descendente mais remoto, porque Maquir teve os filhos antes da morte de José (Gn 50: 23). O Maquir o pai de Gileade tinha por herança Basã porque ele era “um homem de guerra” era a família de Manassés de Maquir, com Jair como seu grande general (Js 17:1; Js 13:30, Js 13:31; Nm 32:39-41; Dt 3:12-15). Para Abiezer e outros filhos de Gileade foi nomeado território ocidental do Jordão.

Em gerações posteriores o nome sobreviveu como isso da família para a qual Gideão pertenceu, e talvez também da região que eles ocuparam (Jz 6:34; Jz 8:2). Eles também são chamados Abiezritas (Jz 6:11, Jz 6:24; Jz 8:32). A região era Ocidental de Siquem, com Ofra para sua cidade principal.

(2) Um dos homens poderosos de David, “o Anatotita” (II Sm 23:27; I Cr 11:28), que também era um dos capitães de David, o mês dele sendo o nono (I Cr 27:12).

Abiezrita

ab-i-ez'rit, a-bi-ez'rit: O adjetivo Pagão de ABIEZER.

Abigail; Abigal

ab'í-gal, ab'í-gal (, *'abhighayil*, ou , *'abhigha*, três vezes, ou , *'abhughayil*, uma vez, ou , *'abhighayil*, uma vez,; “o pai,” ou “causa de alegria”):

(1) A esposa de Nabal, pastor rico do sul da Judéia cuja casa era Maom (I Sm 25:2, I Sm 25:3); logo após a morte de Nabal ela se tornou a esposa de Davi. Nabal pastoreou os rebanhos dele dentro ou ao longo do deserto do sul onde David e os homens dele os protegeram de pilhar tribos, de forma que nenhuma ovelha ficava perdida. Quando Nabal estava tosquiando ovelhas e estava festejando no Carmelo (na Judéia), Davi enviou mensageiros que pedem providências por ele e homens. Mas Nabal que era um companheiro camponês respondeu destrutando os mensageiros e os despachou de mãos vazias. Davi, enfurecido por tal má ingratidão, juntou os 400 guerreiros dele e teve a intenção de destruir Nabal e tudo quanto tinha (I Sm 25:22). Enquanto isso a Abigail, uma mulher “de boa compreensão, e de um semblante bonito” (I Sm 25:3), ouviu falar da repulsa dada os homens de Davi pelo marido dela; e temendo que a vingança de Davi na sua ira, poderia causar um mal pior, ela juntou um presente considerável de comida (I Sm 25:18), e acelerou para conhecer os soldados se aproximando. A palavra bonita e prudente dela, como também a face justa dela, assim ganhou a Davi que ele desistiu do propósito vingativo dele e aceitou o presente dela (I Sm 25:32-35). Quando Abigail contou para Nabal da fuga estreita dele, ele estava ferido com medo, e morreu dez dias posteriormente. Logo após Davi levou a Abigail para ser a sua esposa, embora sobre o mesmo, um pequeno tempo antes, provavelmente, ele também tinha levado Ainoã (I Sm 25:43); e estas duas estavam com ele em Gate (I Sm 27:3). Depois que Davi se tornou o rei em Hebron, Abigail o agüentou o segundo filho dele, Quileabe (II Sm 3:3) ou Daniel, como ele é chamado em I Cr 3:1.

(2) A irmã de David e mãe de Amasa, uma vez o chefe do exército de Davi (I Cr 2:16, I Cr 2:17; Abigal II Sm 17:25). Na primeira passagem ela é chamada a irmã de Davi, junto com Zeruia, enquanto pelo segundo é chamada ela o “a filha de Naás.” Foram sugeridas várias explicações desta conexão com Naás qualquer um dos quais seria suficiente para remover a contradição: (1) Aquele Naás era outro nome de Jesse, como em Is 14:29, *mish-shoresh nahash yetse'* (Kimhi); (2) Naás era a esposa de Jesse e por ele a mãe de Abigail que é menos provável; (3) Naás, o pai de Abigail e Zeruia, tendo morrido, a viúva dele se tornou a esposa de Jesse, e agüentou os filhos a ele; (4) que o texto de II Sm 17:25 foi corrompido, “a filha de Naás” tendo rastejado no texto. A todos os eventos ela era a irmã de Davi pela mesma mãe.

Abiail

ab'í-hal (, *'abhihayil*, em alguns manuscritos *abhihayil*, quando leitura feminina, mas melhor é o anterior: “o pai, ou causa, de força”): Cinco pessoas no Testamento Velho são chamadas por este nome: (1) um Levita e o pai de Zuriel que no deserto era cabeça da casa de Merari, o filho mais jovem de Levi (Nm 3:35); (2) A esposa de Abisur, um homem da tribo de Judá, na linha de Hazron e Jerameel (I Cr 2:29); (3) Um dos cabeças da tribo de Gade que habitaram em Gileade de Basã (I Cr 5:14); (4) Ou uma esposa de Roboão, rei de Judá, ou mãe da esposa Maalate, de acordo com a interpretação do texto (II Cr 11:18); provavelmente a visão posterior está correta, desde que lá não é nenhuma conjunção no texto, e desde então (II Cr 11:19) já contempla só uma esposa como mencionou. Isto sendo retificam, ela era a esposa de Jerimote, um filho de Davi, e filha de Eliabe, o irmão primogênito de Davi. É interessante para notar estes matrimônios freqüente na casa Davítica; (5) Um homem, pai da Rainha Ester que se tornou a esposa de Xerxes (Assuero Bíblico) rei de Pérsia, depois da remoção da anterior rainha, Vasti, (Et 2:15; Et 9:29). Ele era o tio de Mordecai, ou Mardoqueu.

Abiú

a-bí'hu (, *'abhihu*), “ele que é pai,” ou “meu pai é ele”): Segundo filho de Aarão, o sumo Sacerdote (Ex 6:23). Com o irmão Nadabe mais velho dele que “morreu antes de Yahweh,” quando os dois “ofereceram fogo estranho” (Lv 10:1, Lv 10:2). Pode ser deduzido da proibição enfática de vinho ou bebida forte, se deitada imediatamente nos sacerdotes depois desta tragédia, que os dois irmãos estavam entrando para as funções sacerdotais deles em uma condição intoxicada (Lv 10:8-11). A morte deles é mencionada três vezes em registros subseqüentes (Nm 3:4; Nm 26:61; I Cr 24:2).

Abiúde

a-bí'hud (, *'abhihudh*, “o pai de majestade,” ou “meu pai é a majestade,” entretanto alguma consideração a segunda parte como o próprio nome Judá): O filho de Bela o filho mais velho de Benjamim (I Cr 8:3).

Abias

a-bí'ja (, *'abhiyah* ou *abhiyahu* (II Cr 13:20, II Cr 13:21), “meu pai é Yahweh,” ou “Yahweh é o pai”): O nome de seis ou mais homens e duas mulheres no Testamento Velho.

(1) O sétimo filho de Bequer o filho de Benjamim (I Cr 7:8).

(2) O segundo filho do profeta o Samuel (I Sm 8:2; I Cr 6:28 (I Cr 6:13)).

(3) O oitavo entre “os santos e capitães de Deus” designou através da ordem por Davi com relação aos cursos sacerdotais (I Cr 24:10). Compare “Zacarias da ordem de Abias” (Lc 1:5).

(4) Um filho de Jeroboão rei de Israel (I Rs 14:1-18). A narrativa descreve a doença dele e a visita de sua mãe ao profeta Aias. Ele é falado de como o único da casa de Jeroboão em quem houve “alguma coisa boa para Yahweh.” Com a morte dele pereceu a esperança da dinastia.

(5) O filho e sucessor de Roboão rei de Judá (I Cr 3:10; II Cr 11:20 por 14:1). Sobre o nome variante Abijam (I Rs 14:31; I Rs 15:1, I Rs 15:7, I Rs 15:8) veja ABIJAM.

As declarações relativas à mãe de Abias dispõem grande oportunidade para uma pessoa que está interessada em achar discrepâncias na narrativa de Bíblia. É dito que ela tem sido Maaca a filha de Absalão (I Rs 15:2; II Cr 11:20, II Cr 11:21, II Cr 11:22). Como mais de 50 anos decorreu entre a adolescência de Absalão e a acessão de Roboão, a sugestão emerge imediatamente que ela pode ter sido a filha de Absalão no senso de ser a neta dele. Mas Maaca a filha de Absalão era a mãe de Asa, o filho de Abijam e sucessor (I Rs 15:10, I Rs 15:13; II Cr 15:16). Nos mais adiante somos falados explicitamente que Absalão teve três filhos e uma filha (II Sm 14:27). É deduzido que os três filhos morreram jovens, já que Absalão antes da morte dele construiu um monumento para ele porque ele não teve nenhum filho (II Sm 18:18). A filha era distinta para a beleza dela, mas o nome dela era Tamar, não Maaca. Finalmente, a narrativa nos fala que o nome da mãe de Abias era “Micaia a filha de Uriel de Gibeá” (II Cr 13:2).

É menos difícil de combinar todas estas declarações em uma conta consistente que seria combinar alguns pares deles se levado por eles. Quando tudo reuniram que eles fazem uma narrativa luminosa, enquanto precisando de nenhuma ajuda de teorias conjecturais de fontes de discrepâncias ou erros textuais. É natural para entender que Tamar a filha de Absalão se casou Uriel de Gibeá; que a filha dele era Maaca, nomeou para a bisavó dela (II Sm 3:3; I Cr 3:2); aquele Micaia é uma variante de Maaca, como Abias é de Abijam. Maaca se casou Roboão, as festas que são segundos primos no lado do pai; se eles tivessem sido primeiro talvez os primos que eles não teriam se casado. Solomão muito provável, pelo matrimônio, esperou conciliar uma festa influente em Israel que ainda segurou o nome de Absalão em estima; talvez também ele esperasse completar as habilidades moderadas de Roboão pelas grandes habilidades da esposa dele. Ela era uma mulher brilhante, e a favorita de Roboão (II Cr 11:21). Na acessão de Abias ela segurou no tribunal a posição influente da mãe de rei; e ela era tão forte que ela continuou segurando isto, quando, depois de um reinado breve, Abias foi deposto por Asa; embora fosse uma posição da qual Asa teve a autoridade para depô-la (I Rs 15:13; II Cr 15:16).

A conta em Crônicas se trata principalmente de uma vitória decisiva que, diz, Abias ganhou em cima do norte de Israel (II Cr 13), ele que tem 400, 000 homens e Jeroboão 800, 000, de quem foram mortos 500, 000. Está claro que estes números são artificiais, e era tão planejado, tudo que pode ser a chave ao significado deles. A fala de Abias antes da batalha apresenta a mesma visão da situação religiosa que é apresentada nos Reis e Amos e Oseias, entretanto com detalhes sacerdotais mais cheios. A ortodoxia de Abias nesta ocasião aqui não está em conflito com a representação em Reis que ele seguiu os modos dele principalmente do pai Roboão. Em Crônicas o luxuoso e o multiplicado de esposas são atribuídos a pai e filho.

(6) Secrdote do tempo de Neemias que marcou a convenção (Ne 10:7). O mesmo mencionado em Ne 12:4, Ne 12:17.

(7) A esposa de Hezrom neto de Judá, a quem foi localizada a origem de Tecoa (I Cr 2:24).

(8) A mãe do Rei Ezequias (II Cr 29:1), Abi chamado em II Reis. Veja ABI.

Abijam

a-bi'jam (, *'abhiyam*, “o pai de mar,” ou, “o pai de oeste”). O nome cedido aos Reis (I Rs 14:31; I Rs 15:1, I Rs 15:7, I Rs 15:8) para o filho de Roboão que o sucedeu como rei de Judá. Veja ABIJAS.

O nome confundiu os estudantes. Alguns propuseram, somando uma carta, mudar isto em “o pai das pessoas dele.” Outros observaram que a retribuição grega em Reis é, *Abeiou* ou a cópia hebreia usada pelo tradutor grego lido *abhiyahu*, Abias, ou então o tradutor substituiu a forma do nome que era a ele mais familiar. Algumas cópias existentes do hebraico têm a leitura Abias, e Mt 1:7 pressupõe que como a leitura do Testamento Velho. Assim eles deduzem aquele Abijam em Reis, é uma leitura errônea para Abias. Isto parece ser a visão prevalecente no momento, e é plausível. Porém, seria mais convincente se o nome acontecesse mais uma vez na passagem em Reis, em vez de acontecer cinco vezes. É improvável que um escrivão repetiria o mesmo erro cinco vezes dentro de algumas orações, enquanto tradutor, se ele mudasse o nome uma vez, mudaria isto as outras quatro vezes claro que.

Exploração revelou o fato que a região inteira perto do fim oriental do mediterrâneo era conhecida como “o oeste.” “o Pai do oeste” não é um nome inapto para Roboão dar ao menino que, ele espera, herdará o reino de Solomão e Davi. O efeito da secessão das dez tribos era fazer aquele nome um burlesco, e a pessoa não desejam saber que foi substituído por Abias, “Meu pai é Yahweh.”

Abila

ab'i-la. Veja ABILENE.

Abilene

a-bi-le'ne (**A** , *Abellene*, Códice Alexandrinus e o Códice Vaticanus; **A** , *Abilene*, Códice Sinaiticus): Mencionou na ocasião em Lc 3:1 como o tetrarca de Lisânias quando João Batista começou o ministério dele. O distrito derivou seu nome de Abila, sua cidade principal que era situada de acordo com o Itinerarium Antonini, 18 milhas romanas de Damasco a caminho de Heliópolis (Baalbec). Isto coloca no bairro da aldeia de Suk Wady Barada (veja ABANA), próximo que há restos antigos consideráveis, com uma inscrição em grego que declara que um “liberto de Lisânias o Tetrarca” fez parede e construiu um templo, e outro em latim que registra o conserto da estrada “à custa do Abilenians.” A memória do nome antigo provavelmente sobrevive na lenda muçulmana que coloca a tumba de Abel em uma altura vizinha onde há ruínas de um templo. Josefo chama este Abila, *he Lusaniou* ou, literalmente, “o Abilene de Lisânias,” distinguindo isto assim de outras cidades do mesmo nome, e tão tarde quanto o tempo de Ptolomeu (aproximadamente 170 a.C.) o nome de Lisânias era associado com isto.

O território de Abilene fez parte do Reino da Ituréia para cima o qual estava quebrado quando seu rei, Lisânias, foi posto a morte por Marco Antonio, aproximadamente 35 a.C. As circunstâncias nas quais Abilene se tornou tetrarquia estão completamente distintas obscuras, e nada é mais adiante conhecido do tetrarquia Lisânias (Antiguidades., XIX, v, 1,; XX, ii, 1). Em 37 d.C. a tetrarquia, junto com outros territórios, foi concedido a Agripa I, depois de quem morreu em 44 d. C., foi administrado por procuradores até 53 d. C., quando Claudio conferiu isto, junto com territórios vizinhos, novamente, para Agripa II. Na morte de Agripa, para o fim do 1º século, o reino dele estava incorporado na província de Síria. Veja LISANIAS.

Habilidade

a-bil'i-ti (, *dunamis*, ou , *ischus*): Usado para vários sentidos: recursos, material, mental e espiritual,; por exemplo de riqueza, “deu depois da habilidade deles” (Ez 2:69); de dom mental, “habilidade para se levantar no palácio do rei” (Dn 1:4); de talentos e caráter, “vários habilidade” (Mt 25:15); de força espiritual, “o ministro, a partir da habilidade que Deus dá” (a King James Versão I Pe 4:11). Pode significar qualquer posse, capacidade nativa, ou presentes do Espírito Santo.

Abimael

a-bim'a-el, ab-i-ma'el (, *'abhima'el*, “meu pai é Deus,” ou “Deus é o pai”): O nono dos treze filhos de Joctã que era descendente de Sem e filho de Eber, e irmão de Pelegue por quem em seus dias a terra foi dividida (Gn 10:25-29; I Cr 1:19-23). Goste alguns dos outros nomes nesta lista, o nome é lingüisticamente sul árabe, e as tribos indicadas são do sul da Arábia. Nos elementos árabes em nomes próprios hebreus vêem: Halévy, *Mélanges d'épigraphie et d'archéologie sémitiques*,; ZDMG, especialmente cedo em 1883; D. H. Müller, *Epigraphie aus de Denkmaler Arabien*; Glaser, *der de Skizze Gesch. und Geog. Arabiens*; e através de índice Hommel, *A Tradição Anciã Hebréia*; fica cinzento*, Próprios Nomes hebreus; e F. Giesebrecht, *Morra alttestamentliche des de Schatzung Gottesnamens*.

Abimeleque

a-bim'e-lek (, *'abhimelekh*, “o pai de um rei”): Um nome dado a cinco pessoas do Testamento Velho.

(1) O nome de dois reis dos Filisteus; o primeiro era um contemporâneo de Abraão, o segundo, provavelmente o filho do anterior, era o rei pelos dias de Isaque. É bastante possível que Abimeleque seja o título real em lugar de nome pessoal, desde no título de Sl 34 achamos nós aplicou ao rei de Gate, em outro lugar conhecido pelo nome pessoal dele, Aquis (I Sm 27:2,3). Logo após a destruição de Sodoma Abraão viajada com os rebanhos dele e rebanhos no país ao extremo Sudeste da Palestina (Gn 20). Enquanto em Gerar, a cidade de Abimeleque, rei do país Filisteu, Abraão fingiu que Sara era a irmã dele (Gn 20:2), e Abimeleque a levou, enquanto pretendendo lhe fazer um das esposas dele. Mas Deus o reprovou em um sonho, além de enviar esterilidade nas mulheres da casa dele (Gn 20:3, 17). Depois que Abimeleque reprovou a Abraão justamente para a decepção, ele lidou generosamente com ele, enquanto o carregando com presentes e lhe concedendo a liberdade da terra (Gn 20:14,15). Quando surgiu contenção entre os criados dos dois homens em cima dos poços de água que os dois homens atacaram uma convenção um bem que levou seu nome Berseba, (Gn 21:31, Gn 21:32).

(2) quase um século depois que os eventos conectaram com o primeiro Abimeleque, como esboçados acima, um segundo Abimeleque, rei

dos Filisteus, é mencionado em relações com Isaque (Gn 26), que abaixou a tempo de escassez dolorosa da casa dele, provavelmente a Hebron, para Gerar. Temendo pela vida dele por causa da esposa bonita, Rebeca, ele a chamou de irmã dele, da mesma maneira que Abraão tinha feito com referência a Sara. Abimeleque nem quaisquer das pessoas dele levaram Rebeca a esposa - uma real variação do incidente de Abraão; mas quando a falsidade foi descoberta, ele censurou o Isaque para o que poderia ter acontecido, enquanto continuando o tratando do mesmo modo. Isaque continuou morando na redondeza de Gerar, até a contenda entre os pastores dele e de Abimeleque que ficaram muito violentos; então ele se mudou através de fases, enquanto reabrindo outros poços (cavou) pelo pai dele (Gn 26:18-22). Finalmente, uma convenção foi feita entre Abimeleque e Isaque em Berseba, como tinha sido feito há pouco tempo entre Abraão e o primeiro Abimeleque (Gn 26:26-33). Os dois reis de Filistia provavelmente eram o pai e o filho.

(3) O título de Sl 34 menciona outro Abimeleque que em toda a probabilidade está igual ao rei de Aquis de Gate (I Sm 21:10 por 22:1); com quem Davi buscou refúgio ao fugir de Saul, e com quem ele estava morando na hora da invasão Filistéia a Israel que valeu o reino de Saul e sua vida (I Sm 27:1-12). Se aparece disto que Abimeleque era o título real, e não o nome pessoal dos reis Filisteus.

(4) Um filho de Gideão (Jz 9) que aspirou buscar ser rei depois da morte do pai, e regeu três anos (Jz 9:22). Ele ganhou o apoio dos sócios da família da mãe dele e a recomendação deles primeiro para todo o Israel (Jz 9:3, Jz 9:4). Ele então assassinou todos os filhos do pai dele, setenta em número, em Ofra, a casa familiar na tribo de Manassés, Jotão o filho mais jovem só é que escapa (Jz 9:5). Depois que este Abimeleque ter feito esta regra, foi feito uma assembléia das pessoas a Siquem. Uma insurreição conduzida por Gaal o filho de Ebete que tem começado em Siquem, Abimeleque, embora ele tivesse sucesso capturando aquela cidade, foi ferido de morte por uma pedra de moinho que uma mulher derrubou da parede na cabeça dele, enquanto ele estava atacando violentamente a fortaleza de Tebes no qual os rebeldes derrotados tinham se retirado, depois daquela cidade também tinha sido levado (Jz 9:50-53). Achando que ele estava mortalmente ferido e ele exigiu para o porta-armadura dele que o matasse com a espada dele para evitar a vergonha de morte à mão de uma mulher, (Jz 9:54). O tratamento cruel dos Siquemitas (Jz 9:46-49), quando eles levaram na torre de refúgio deles, era um julgamento justo para a aquiescência deles nos crimes dele (Jz 9:20, Jz 9:57); enquanto a própria morte miserável dele era retribuição para as ações sangrentas dele (Jz 9:56).

(5) Sacerdote nos dias de Davi; um descendente de Itamar e Eli, e filho de Abiatar (I Cr 18:16). Na Septuaginta e em I Cr 24 ele é chamado Aimeleque; mas não será confundido com Aimeleque, o pai de Abiatar, e então o avô dele. Ele compartilhou com Zadoque, da linha de Itamar, no serviço sacerdotal no reinado de Davi (I Cr 24:31).

Abinadabe

a-bin´a-dab (, *'abhinadhabh*, “o pai de vontade,” ou, “meu pai está disposto.” Isto está de acordo com o uso ordinário da segunda palavra no nome - “legando” em lugar de “munificente” ou “nobre”):

(1) O homem de quem em casa os homens de Quiriate-Jearim colocaram a arca, depois de seu retorno da terra dos Filisteus, ou ser a casa dele ou em Gibeá de Benjamim ou “na colina” (I Sm 7:1; II Sm 6:3, II Sm 6:4). Responder pela nota de ambigüidade que *gib'ah* significa colina, e que o nome Gibeá ordinariamente tem o artigo definido. É natural pensar que Abinadabe se era um homem de Quiriate-Jearim, entretanto a conta não diz explicitamente assim. O registro é que foram chamados os homens de Quiriate-Jearim para se encarregar de cada vez da arca quando ninguém mais ousou ter isto (I Sm 6:20, I Sm 6:21); e a implicação parece ser que eles não tiveram nenhuma opção para recusar. Possivelmente isto estava devido ao ser hereditário dos Gibeonitas, de “a casa de meu Deus” (Js 9:17, Js 9:23). Porém isto pode ser, ele “santificou” o filho Eleazar de Abinadabe para ter custo da arca. De acordo com o hebraico e algumas das cópias gregas, a arca estava em Gibeá no meio do reinado do rei Saul (I Sm 14:18).

Depois, de acordo com os números da Bíblia, Davi fez com grande pompa para Quiriate-Jearim sobre um século, caso contrário conhecido como Baala ou Baala-Judá, trazer a arca de Quiriate-Jearim, fora da casa de Abinadabe na colina (ou, em Gibeá), e colocá-la em Jerusalém (I Cr 13:1-14; II Sm 6). O carro novo foi dirigido por dois descendentes de Abinadabe. Pode ter sido ou pode não ter sido outro Abinadabe que vivem então, a cabeça da casa.

(2) O segundo dos oito filhos de Jesse, um dos três que estava no exército de Saul quando Golias deu o desafio dele (I Sm 16:8; I Sm 17:13; I Cr 2:13).

(3) Um dos filhos do rei Saul (I Cr 8:33; I Cr 9:39; I Cr 10:2; I Sm 31:2). Ele morreu na batalha de Gilboa, junto com o pai dele e irmãos.

(4) Em I Rs 4:11 a King James Version tem “o filho de Abinadabe,” onde a Versão Revisada (britânico e americano) tem BEN-ABINADABE.

Abinoão

a-bin’o-am, ab-i-no’am (, *'abhino'am*, “o pai de afabilidade,” ou, “meu pai é afabilidade”): Um homem de Quedes-Naftali, o pai de Baraque que derrotou o exército de Jabin e Sisera (Jz 4:6, Jz 4:12; Jz 5:1, Jz 5:12).

Abirão

a-bi’ram (, *'abhíram*, “o pai exaltado,” ou, “meu pai um exaltado é”):

(1) O filho de Eliabe o filho de Palu o filho de Rúben (Nm 26:5; Dt 11:6). Em companhia com o irmão Datã e Coré o Levite e outros, ele disputou a autoridade de Moisés e Aarão no deserto (Nm 16 por 17; 26; Dt 11:6; Sl 106:17). Duzentos e cinquenta seguidores de Coré pereceram por fogo ao se encontrar na entrada da tenda “barraca”. Datã e Abirão recusaram vir a se encontrar na barraca, à convocação de Moisés; e a terra abriu onde as barracas deles estavam, e os engoliu e as famílias deles e os bens deles. Veja **CORÉ**.

(2) O filho primogênito de Hiel o Betelita que reconstruiu Jericó pelo tempo de Acabe (I Rs 16:34; compare Js 6:26). Este incidente adquiriu um interesse novo recentemente devido a descobertas feitas antigamente a Gezer e Megido relativo a sacrifícios de fundação como oferecidas na Palestina. A pessoa não deveria ser muito positiva fazendo declarações que interessam isto, mas o seguinte é uma possível interpretação do registro. A maldição pronunciada por Josué no homem que deveria reconstruir Jericó era de um pedaço com os outros detalhes, Jericó que é tratada excepcionalmente, como uma cidade colocou debaixo da proibição. O idioma da maldição de Josué é capaz de ser traduzido: 'Amaldiçoado seja o homem diante de Yahweh que deve... construa... Jericó; (quem) porá sua fundação no primogênito dele, e montou seus portões no mais jovem dele. ' De acordo com esta interpretação a morte dos filhos primogênitos e mais jovens do construtor não é falada de como a penalidade envolvida na maldição, mas como um costume horrível existente, mencionou para dar solenidade à dicção da maldição. O escritor em Reis cita o idioma da maldição por Josué. O contexto no qual ele menciona que os afazeres sugerem que ele considera a conduta de Hiel excepcionalmente flagrante em sua maldade. Hiel, em desafio a Yahweh, não só construiu a cidade, mas construindo isto e reavivou o velho e horrível costume dos Canaanitas, enquanto fazendo para o seu filho primogênito um sacrifício de fundação, e o filho mais jovem dele um sacrifício à conclusão do trabalho.

Abiron

a-bi’ron (**A** , *Abeiron*):

(1) A Septuaginta forma (Livro apócrifo - Ecclesiasticus 45:18 a King James Version) de Abirão, um dos filhos de Eliabe que, com o irmão Datã, e com um da mesma tribo, se juntou à conspiração contra Moisés e Aarão (Nm 16:1, Nm 16:12, Nm 16:24, Nm 16:25, Nm 16:27; Nm 26:9; Dt 11:6; Sl 106:17).

(2) O filho primogênito de Hiel, o Betelita que morreu prematuramente enquanto cumprindo a destruição pronunciada na posteridade dele assim que deveria empreender para reconstruir Jericó (I Rs 16:34). Veja **ABIRÃO**.

Abisei

ab-i-se’i. Veja **ABISSEI**.

Abisague

ab’i-shag, a-bi’shag (, *'abhishagh*, aparentemente, “o pai de vagar,” quer dizer, “causa de vagar,” ou “meu pai vaga”): A mulher Sunamita que se tornou enfermeira do rei Davi (I Rs 1-4, 15; I Rs 2:17, I Rs 2:21, I Rs 2:22). Ela era escolhida para o serviço com grande cuidado por causa da mocidade dela e beleza e vigor físico. Ela auxiliou ao rei, quer dizer, atendeu a ele como o criado pessoal e enfermeira. Ela também “apreciou” ele na fragilidade dele - deu a ele por contato físico a vantagem da vitalidade superabundante dela. Este era um modo de tratamento médico recomendado pelos criados do rei, e parece não ter sido completamente malsucedido. Ela teve um conhecimento íntimo da condição de Davi, e estava presente à entrevista de Bate-Seba com Davi que resultou colocando Solomão no trono. Se aquele ato tivesse sido interrogado que ela teria sido uma testemunha mais importante. Por causa disto e dos charmes pessoais dela, ela poderia se tornar uma ajudante forte a qualquer rival de Solomão que deveria intrigar para suplantá-lo. Adonias buscou Abisague em matrimônio. Em base disto e de tal outra evidência como competentemente estiveram na posse dele, Solomão pôs Adonias a morte como um intrigante.

Abisai

ab’i-shi, a-bi’shi (, *'abhishai*, em Crônicas , *'abhshai*, o significado é duvidoso, provavelmente “meu pai é Jesse,” “meu pai é um presente” BDB - Brown Driver Briggs Definições Hebraicas): O filho de Zeruia, a irmã de Davi, e um dos três irmãos famosos, Joabe e Asael os outros dois (II Sm 2:18). Ele era principal do segundo grupo de três entre David “os homens poderosos” (II Sm 23:18). Ele aparece primeiro no deserto de Zife com Davi que estava a escapar de Saul. Quando Davi pediu um voluntário para abaixar de noite no

acampamento de Saul, Abisai respondeu, e aconselhou a matança de Saul quando eles descobriram o rei dormente (I Sm 26:6-9). Na escaramuça entre os homens de Is-Bosete e os homens de Davi a Gibeão no qual Asael foi morto por Abner, Abisai estava presente (II Sm 2:18, II Sm 2:24). Ele ajudou Joabe no assassinato cruel e indefensível de Abner, em vingança pelo irmão Asael (II Sm 3:30). Na campanha de Davi contra as Amonitas aliados com os Sirios, Abisai conduziu o ataque aos Amonitas, enquanto Joabe combateu os Sirios; a batalha foi uma grande vitória para Israel (II Sm 10:10-14). Ele sempre era fiel a Davi, e permaneceu com ele, quando ele fugiu de Absalão. Quando Simei, da casa de Saul, amaldiçoou o rei fugitivo, Abisai caracteristicamente desejou o matar imediatamente (II Sm 16:8, II Sm 16:9); e quando o rei vitorioso aconselhou Abisai a rejeição da penitência de Simei, e a execução imediata dele (II Sm 19:21). Na batalha com o exército de Absalão a Maanaim Abisai conduziu uma divisão do exército de Davi, Joabe e Itai que comandam os outros dois (II Sm 18:2). Com Joabe ele derrubou a revolta contra Davi de Seba, um homem de Benjamim (II Sm 20:6, II Sm 20:10) a qual Joabe matou Amasa o primo dele e rivaliza, como ele tinha assassinado Abner igualmente, Abisai nenhuma festa de ser de dúvida para o crime. Tarde na vida dele, em uma batalha com os Filisteus Davi era lânguido, enquanto sendo agora um homem velho, e estava em perigo de morte às mãos de Isbi-Benobe gigantesco Filisteu quando Abisai veio ao salvamento dele e matou o gigante (II Sm 21:17). Na lista dos heróis de Davi (II Sm 23) O direito de Abisai para liderança do “chefe de três” é baseado subvertendo a lança dele com trezentos homens (II Sm 23:18). Ele não aparece na luta de Adonias contra Solomão no qual Joabe era o líder, e então é suposto que tenha morrido antes daquele tempo.

Ele era um homem impetuoso, corajoso, mas menos esperto que o irmão Joabe mais famoso, embora da mesma maneira que cruel e inexorável para rival ou inimigo. Davi entendeu e temeu a dureza deles e crueldade. A melhor característica de Abisai era a lealdade firme dele a família, Davi.

Abisalom

a-bish´a-lom: Variante de ABSALÃO.

Abisua

a-bish´u-a, abi-shoo´a (, *'abhisur* , incerto, talvez “o pai de riqueza,” ou “meu pai é riqueza”):

(1) Um filho de Bela o filho de Benjamim (I Cr 8:4).

(2) O filho de Finéias que era o neto a Aarão (I Cr 6:4, 5,50; Ed 7:5).

Abisur

a-bi´shur (, *'abhisur*, “meu pai uma parede é”): O Bisneto de Jerameel e Atara, Jerameel que é o bisneto de Judah. Abisur era o filho de Samai, e era o marido de Abiaail, e o pai de dois filhos (I Cr 2:28, I Cr 2:29).

Abissei

a-bis´e-i (a King James Version usa Abisei): Um antepassado de Ezra (livro apócrifo II Esdras 1:2) = Abisue (livro apócrifo I Esdras 8:2) e Abisua (I Cr 6:4; Ed 7:5).

Abisue

a-bis´u-e (Códice Vaticanus **A** , *Abisai*, Códice Alexandrinus, *Abisouai*; a King James Version Abisum = Abishua (I Cr 6:4; Ed 7:5) e Abissei (livro apócrifo II Esdras 1:2)): Um antepassado de Ezra (livro apócrifo I Esdras 8:2).

Abisum

ab´i-sum. Veja ABISUE (Apócrifo).

Abital

ab´i-tal, a-bi´tal (, *'abhitai*, “meu pai é orvalho”): Um das esposas do rei o David. Na lista duplicada (II Sm 3:4; I Cr 3:3) a qual os filhos

nascido a Davi em Hebron é mencionado, e dito que o quinto enumerado é Sefatias o filho de Abital.

Abitube

ab'i-tub, a-bi'tub (), *'abhitubh*, “o pai de bondade,” ou, “meu pai é bondade”): Na King James Version Abitube. Um descendente de Benjamim e filho de Saaraim e Husim, nascido no campo de Moabe (I Cr 8:11).

Abiud

a-bi'ud (**A** , *Abioud*, talvez “meu pai a majestade é”; veja ABIÚDE): Mencionado na Genealogia de Jesus (Mt 1:13 e não mais em outro lugar) como o filho de Zorobabel. Veja GENEALOGIA.

Abjekt/Miserável

ab'jekt: Só como um substantivo, e mas uma vez (Sl 35:15) para , *nekheh*, literalmente, “atingido duramente,” i.e. “os homens do mais baixo grau” (Hengstenberg, Delitzsch), “a população,” definiu pela cláusula sucessiva como esses de tal estação inferior que eles eram desconhecidos.

A'bl/Capaz

a'b'l: O grego , *dunamai*, “ter poder,” ou pode recorrer a força inerente, ou para a ausência de obstáculos externos, ou para o que pode ser permissível ou permitido. O grego , *ischuo*, como em Lc 13:24; Jo 21:6, sempre recorre ao primeiro dos anteriores significados. O uso da palavra como um adjetivo na King James Version de II Co 3:6, está enganada, e foi mudado corretamente na Versão Revisada (britânico e americano) em “suficientes como ministros,” i.e. “qualificados” “provido nós para sermos os ministros.”

Ablusão/Lavagem

ab-lu'shun: O rito de ablução para purificação religiosa parece ter sido praticado de alguma forma em todas as terras e em todos momentos. Os sacerdotes do Egito praticaram isto (Herodotus II.37). Os gregos foram advertidos “nunca com mãos não lavadas despejar o vinho preto na manhã de Zeus” (Hesíodo, Opera et Dies v.722; compare Homer, Iliad vi.266; Od. iv.759). Os romanos também observaram isto (Virgílio, Eneida II.217); como fez e faz Orientais em geral (compare Alcorão, Sura Rm 5:8, etc.).

Lavagens para forma de purificação atual ou ritual uma real característica da vida judia e cerimonial. Ninguém foi permitido entrar em um lugar santo ou chegar a Deus através de oração ou sacrificar sem ter executado o rito de lavagem primeiro, ou “santificação,” como foi chamado às vezes (Ex 19:10; I Sm 16:5; II Cr 29:5; compare Josefo, Antiguidades, XIV, xi, 5).

São três tipos de lavar reconhecidos dentro da Bíblia e lei de rabinica: **(1)** lavar das mãos, **(2)** lavar das mãos e pés, e **(3)** imersão do corpo inteiro em água. (1 e 2 = grego **νιπτω**, *nipto*; 3 = grego , *louo*)

Algo que mais que um eco de uma prática universal é achado na Bíblia. Os rabinos reivindicaram achar apoio por cerimonial que lavar mão em Lv 15:11. As palavras de Davi, “eu lavarei minhas mãos em inocência: “assim Yahweh andarei ao redor do teu altar” (Sl 26:6; compare Sl 73:13), é considerado por eles como autorizando a conclusão que o lavar das mãos era pré-requisitado a qualquer ato santo. Esta é a forma de lavagem, adequadamente que é universalmente e constantemente praticada por judeus. Antes de qualquer refeição da qual pão forma uma parte, como antes de oração, ou qualquer ato de adoração, as mãos devem ser lavadas solenemente em pura água; como também depois de qualquer função corporal suja, ou contato com qualquer coisa suja. Tal observância provavelmente surgiu naturalmente pelo fato que os anciões comiam com os dedos deles, e assim era primeiro só para limpeza física; mas eles vieram ser cerimoniais e singularmente ligando. O Talmude abundantemente espetáculos que comer com mãos não lavadas chegaram a ser considerados um assunto de importância mais alta - “equivalente a cometer um ato de impudência “impureza” , ou outro crime total.” Akiba, quando em prisão, foi sem água o dada extinguir a sede dele, em lugar de negligenciar o rito de lavagem (‘Er. 216). Só em casos extremos, de acordo com o Mishna, como em um campo de batalha, possa as pessoas dispensam com isto. Simeon, o Essene, “o São” (Toseph. *Kelim* i.6), em entrar no lugar santo sem ter lavado as mãos dele, enquanto reivindicando que ele era mais santo que o sumo sacerdote por causa da vida ascética dele, foi excomungado, como arruinando a autoridade dos Anciões (compare? *Eduy.* 5 6).

O lavar das mãos e pés só é prescrito pela Lei para esses aproximadamente executar funções sacerdotais (compare Alcorão, Sura 5 8, em contraste, “Quando se preparam para oração, lavam suas faces e mãos até os cotovelos, e esfregam suas cabeças e seus pés aos tornozelos”; Hughes, Dict. de Islã). Por exemplo, sempre que Moisés ou Aarão ou qualquer sacerdote subordinado desejava entrar no

santuário (Tabernáculo) ou chegar ao altar, lhe exigiram que lavasse as mãos dele e pés da camada que estava entre o Tabernáculo e o altar (Ex 30:19; Ex 40:31). A mesma regra conteve o Templo em Jerusalém. O lavar do corpo inteiro, porém, especificamente é a forma de lavagem e exata requereu pela Lei. Os casos nos quais a imersão do corpo inteiro é comandada, ou para purificação ou consagração, são muito numerosos. Por exemplo, a Lei prescreveu que nenhum leproso ou outra pessoa suja da semente de Aarão deveriam comer da carne santa até que ele tinha lavado o corpo inteiro dele em água (Lv 22:4-6); que qualquer um que entrar em contato com uma pessoa que tem um assunto sujo, ou com qualquer artigo usado por tal um, deveria lavar o corpo inteiro dele (Lv 15:5-10); que um sofredor de um assunto sujo (Lv 15:16, Lv 15:18); uma mulher de menstruada (II Sm 11:2, II Sm 11:4), e qualquer um que tocou uma mulher menstruada, ou qualquer coisa usada por ela, deveria mergulhar a pessoa inteira igualmente em água (Lv 15:19-27); que o sacerdote que auxiliou no Dia de Compensação (Lv 16:24-28), o sacerdote que tendeu o novilho vermelho (Nm 19:7, Nm 19:8, Nm 19:19), e todo sacerdote à instalação dele (Ex 29:4; Ex 40:12) deveria lavar o corpo inteiro dele em água. “Compare ‘baptismos de mergulhos’ (imersões) em Hb 9:10, e vê Broadus em Mt 15:2-20 com nota de rodapé. (Para outra visão em tomar banho veja o Kennedy em HDB, I, 257 v.)

Tomando banho no senso moderno e não-religioso raramente é mencionado na Bíblia (a filha de Faraó Ex 2:5; II Sm 11:2 a Versão Revisada (britânico e americano) Bate-Seba, e o caso interessante I Rs 22:38. Banhos públicos são conhecidos primeiro no período grego - incluiu dentro o “lugar de exercício” (livro apócrifo I Mac 1:14), e restos de tais edifícios do período romano são numerosos. Recentemente foram descobertas uma série notáveis de banho-câmara a Gezer, na Palestina, com relação a um edifício que é suposto que é o palácio construído por Simão Macabeu (o Kennedy (illust. em PEFS, 1905, 294ff)).

O rito de lavagem também foi observado bem cedo entre cristãos c. Eusebio (Historia Ecclesiastica, X, 4.40) conta que igrejas Cristãs são providas com fontes ou bacias de água, depois do costume judeu de prover o lavar para o uso dos sacerdotes. As Constituições Apostólicas (VIII. 32) tem a regra: “Deixe todo o crente... quando eles sobem de sono, antes de eles irem trabalhar, reze, depois de ter se lavado”, *nipsamenoi*.

A atitude de Jesus para a lei rabinica de lavagem é significativa. (Mc 7:3) Prepara o modo para o registro explicando isto dele, 'O fariseus e todos os judeus não comem salvo eles lavam as mãos deles ao pulso (*pugme*). (Veja LTJM, II, 11). De acordo com Mt 15:1-20 e Mc 7:1-23 fariseus e Escriturários que tinham sido de Jerusalém (i.e. o mais rígido) tinha visto alguns dos discípulos de Jesus comerem pão com mãos não lavadas, e eles Lhe perguntaram: “Por que os teus discípulos transgridem a tradição dos anciões? porque eles não lavam as mãos deles quando eles comerem pão.” A resposta de Jesus era aos judeus, até mesmo para os próprios discípulos dele, surpreendendo o mais alto grau, paradoxal, revolucionário (compare Mt 12:8). Eles não somente viram que não aplicou a lavar as mãos, mas para o assunto inteiro de limpeza e comida suja; e este para eles era um das partes mais vitais da Lei (compare At 10:14). Jesus viu que as massas dos judeus, nenhuma era menos que os fariseus, enquanto escrupuloso sobre pureza cerimonial, era descuidado de pureza interior. Tão aqui, como no Sermão no Monte, e com referência para o Sábado sagrado (Mt 12:1), Ele os conduziria na significação mais funda e mais verdadeira da Lei, e assim prepara o modo por não só pôr de lado as tradições que fez nulo as ordens de Deus, mas até mesmo as cerimônias prescritas da Lei eles, se for necessário, que a Lei em seus princípios mais altos e significados poderia ser “cumpru.” Aqui Ele proclama um princípio que vai para o coração do assunto inteiro de verdadeira religião dizendo: “Bem fez Isaías profetizar de você os hipócritas” (Mc 7:6-13) Vocês que fazem grande pretensão de devoção a Deus, e insiste extremamente no interior serviço dele, enquanto no fundo você não O ama, enquanto fazendo para a palavra de Deus de nenhum efeito por causa de sua tradição!

Literatura

Para lista de mais velhas autoridades vêem McClintock e Forte, Cyclopedia; Nowack, Biblische Archaeologie, II, 275-99; e Spitzer, Ueber und de Baden Bader bei guarida alten Hebraern, 1884.

Abner

ab'ne-r (, *'abhner*, em I Sm 14:50 o hebreu tem a forma mais cheia , *'abhiner*, *Abiner*; compare Abirão pelo lado de Abrão; significando, “meu pai é um abajur”); O capitão anfitrião de Saul e Is-Bosete (Esbaal). Ele era o primo de Saul; Ner o pai de Abner e Quis o pai de Saul que é os irmãos, os filhos de Abiel (I Sm 14:50). Em I Cr 8:33; I Cr 9:39 o texto que parece estar defeituoso; leitura: E gerou de Ner Abner, e gerou de Quis Saul. De acordo com I Cr 27:21 Abner teve um filho pelo nome de Jaasiel.

Abner era pra Saul o que Joabe era pra Davi. Apesar das muitas guerras empreendidas por Saul, nós ouvimos pouco de Abner durante a vida de Saul. Nem mesmo na conta' da batalha de Gilboa é feita menção dele. Ainda o serviço dele e o parentesco dele para com rei devem ter trazido os dois homens em contato íntimo. Em ocasiões festivas era o costume de Abner sentar a mesa pelo lado do rei (I Sm 20:25). Foi Abner que apresentou Davi jovem fresco do triunfo dele em cima de Golias para o tribunal do rei (assim de acordo com a narrativa em I Sm 17:57). Nós achamos Abner que acompanhava o rei na perseguição dele, a Davi (I Sm 26:5). Abner é reprovado por Davi para a negligência dele mantendo relógio em cima do mestre dele (ibid., 15).

Na morte de Saul, Abner levou a causa do herdeiro jovem ao trono, Is-Bosete em quem ele removeu em seguida do bairro de David a Maanaim ao Leste do Jordão fora do país. Lá ele o proclamou rei em cima de todo o Israel. Pela piscina de Gibeon ele e os homens dele conheceram Joabe e os criados de Davi. Doze homens em cada lado se ocupado de combate que terminou desastroso para Abner que fugiu. Ele foi procurado por Asael, o irmão de Joabe quem Abner matou. Embora Joabe e o irmão dele Abisai buscassem vingar a morte

do irmão deles naquele mesmo lugar, uma trégua foi efetuada; Abner foi permitido perseguir o modo dele trezentos dos homens dele tinha caído. Joabe assistiu a oportunidade dele naturalmente. Abner e o mestre dele tiveram uma disputa logo em cima da concubina de Saul, Rispa, com quem Abner era íntimo. Era certamente um ato de traição que Is-Bosete foi ligado para se ressentir. O general enfadado fez propostas a Davi; ele ganhou em cima da tribo de Benjamim. Com vinte homens deles ele veio a Hebron e organizou com o rei de Judá que ele traria para o lado dele todo o Israel. Ele teve sido ido escassamente quando Joabe aprendeu do afazeres; sem o conhecimento de Davi ele o recordou a Hebron onde ele o matou, “para o sangue de Asael o irmão dele.” Davi lamentou a morte de Abner sinceramente. “Não saiba,” ele se dirigiu aos criados dele, “que há príncipe e um grande homem caído este dia no Israel?” Ele seguiu o ataúde pessoalmente. Do lamento real em cima de Abner é citado um fragmento: “As tuas mãos não estavam atadas, nem os teus pés carregados de grilhões, mas caíste como os que caem diante dos filhos da maldade! Então todo o povo chorou muito mais por ele”. II Sm 3.34.

(Veja 2 Sam 3:6-38.) A morte de Abner, enquanto não pode assim em qualquer modo seja posto à porta de David, não obstante serviu bem os propósitos dele. A coluna vertebral da oposição para David estava quebrada, e ele foi proclamado logo como rei por todo o Israel.

Domicílio

um-boʔdʹ. Veja AGÜENTE.

Abolish

a-bol'ish (, *hathath*, “ser demolido,” “fez nulo,” “Minha retidão não será abolida” (Is 51:6), i.e. como mostrado na fidelidade de Deus às promessas dele; , *mahah*, “apagar,” “borrão fora,” “que seus trabalhos podem ser abolidos” (Ez 6:6 , *katargeo*, “fazer inoperante,” “faça de nenhum efeito,” “quando ele terá abolido toda a regra” (I Co 15:24), todo poder opôs para o reino de Deus; “tendo abolido na carne dele a inimizade” (Ef 2:15)); Pela morte de, Cristo anulou a separação de raça devido a ordenações históricas e leis cerimoniais (a partir de circuncisão e incircuncisão); Ele pela cruz firmou a reconciliação, e afiançou aquele acesso comum ao Pai pelo qual a união é mantida.

“Nosso Salvador Cristo Jesus... aboliu morte” (II Tm 1:10). Os homens ainda morrem, “é designado” (Hb 9:27), mas o medo de morte como tendo poder para terminar ou afetar nossa existência pessoal e nossa união com Deus, como uma terrível forma do desconhecido (em Sheol da escuridão impenetrável), e como nos apresentando a um julgamento final e irreversível, foi afastado. Cristo tirou disto sua picada “agulhão” (I Co 15:55) e todo seu poder danoso (Hb 2:14); mostrou para isto para estar debaixo do controle dele (Ap 1:18), trouxe para iluminar a vida incorruptível além, e declarou a última destruição de morte (I Co 15:26; compare Ap 20:14) *katargeitai*.

Abominação

a-bom-i-na'shun (*piggul*, , *to_ ebhah*, , *shekec* (, *shikkuc*)): São feitas três palavras hebreias distintas na Bíblia inglesa por “abominação,” ou “coisa abominável,” se referindo (menos em Gn 43:32; Gn 46:34) para coisas ou práticas detestável a Yahweh, e contrário às exigências rituais ou morais da religião dele. Seria bem se estas palavras pudessem ser distinguidas em tradução, como eles denotam graus diferentes de aversão ou contrário algum.

A palavra na maioria é usada para esta idéia pelos hebreu e indicando o grau mais alto de abominação é , *to_ ebhah*, significando principalmente que ofende o senso religioso de umas pessoas. Por exemplo, quando é dito “Os egípcios poderiam não comer pão com os hebreus; para isso uma abominação está até os egípcios,” esta é a palavra usada; a significação é que os hebreus eram repugnantes aos egípcios como estrangeiros, a partir de uma casta inferior, e especialmente como pastores (Gn 46:34).

O sentimento dos egípcios para os gregos era igualmente de repugnância. Herodotus (ii. 41) diz: os egípcios não beijariam um grego na boca, ou usaria o prato dele, ou corte de carne de gosto com a faca de um grego.

Entre os objetos descritos no Testamento Velho como “abominações” neste senso estão deuses pagãos, como Astarote (Astarte), Quemós, Milcom, “as abominações” dos Sidônios (fenício), Moabitais, e Amonitas, respectivamente (II Rs 23:13), e tudo conectou com a adoração de tais deuses. Quando Faraó, enquanto protestando contra a partida do povo de Israel, os exortou oferecer sacrifícios ao Deus deles no Egito, Moisés disse: “Nós sacrificaremos a abominação dos egípcios (i.e. os animais adorados por eles o qual era *taboo*, *to_ ebha* *h*, para os Israelitas) antes aos olhos deles, e eles não nos apedrejarão?” (Ex 8:26).

Será notado que, não só o próprio ídolo pagão, mas qualquer coisa oferecida ou associado com o ídolo, toda a parafernália do culto proibido, foi chamado de “abominação,” para isto “é uma abominação a teu Deus Yahweh” (Dt 7:25, Dt 7:26). O escritor de Deuterônimo aqui soma, em condições bastante significantes do ponto de vista e o espírito da lei inteira “Não porás, pois, abominação em tua casa, para que não sejas anátema, (*herem = tabooed*) assim como ela; de todo a detestará, e de todo a abominará, porque anátema é (*tabooed*). *To_ ebhah* é usado até mesmo como sinônimo com “ídolo” ou deidade pagã, como em Is 44:19; Dt 32:16; II Rs 23:13; e especialmente Ex 8:22.

Tudo consanguíneo a magia ou adivinhação é igualmente uma abominação *to_ ebhah*, como são transgressões sexuais (Dt 22:5; Dt 23:18; Dt 24:4), especialmente incesto e outras ofensas antinaturais: “Porque todas estas abominações fizeram os homens desta terra, que nela estavam antes de vós; e a terra foi contaminada”. (Lv 18:27; compare Ez 8:15). Será notado, porém, que a palavra assume no uso posterior um significado ético e espiritual mais alto: como onde “medidas de efa, um grande e um pequeno,” é proibido (Dt 25:14-16); e em Provérbios onde “lábios mentirosos” (Pv 12:22), “o orgulhoso de coração” (Pv 16:5), “o caminho do mau” (Pv 15:9), “os pensamentos” (Pv 15:26), e “o que justifica o mau, e o que condena o íntegro” (Pv 17:15), é dito que é uma abominação na visão de Deus. Afinal são achados no profeta Isaías, declarando que qualquer sacrifício, porém livre de marca física, se ofereceu sem pureza de motivo, é uma abominação: ‘Não continueis a trazer nenhuma oblação de falsidade - um incenso de abominação é a mim’ (Is 1:13; compare Jr 7:10). “O sacrifício do mau” e a oração dele “aquele desvia fora a orelha de ouvir a lei,” é igualmente uma abominação (veja Pv 15:8; Pv 21:27; Pv 28:9).

Outra palavra para “abominação” na King está James Version , *shekec* ou , *shikkuc*. Geralmente expressa um pouco menos grau de horror ou aversão religiosa que *to_ ebhah*, mas às vezes parece estar de pé aproximadamente em um nível com isto significando. Em Dt 14:3, por exemplo, nós temos o comando, “Nenhuma coisa abominável comereis,” como introdutório às leis que proibem o uso dos animais sujos (veja ANIMAIS LIMPOS E SUJOS), e lá a palavra usada é *to_ ebhah*. Mas em Lv 11:10-13, Lv 11:20, Lv 11:23, Lv 11:41, Lv 11:42; Is 66:17; e em Ez 8:10 *shekec* é está a palavra usada e igualmente aplicou aos animais proibidos; como também em Lv 11:43 *shekec* é usado quando é comandado, “Não vos façais abomináveis.” Então *shekec* é freqüentemente usado paralelamente ou junto com *to_ ebhah* do que deveria ser segurado como detestável, como por exemplo, de ídolos e práticas idólatras (especialmente veja Dt 29:17; Os 9:10; Jr 4:1; Jr 13:27; Jr 16:18; Ez 11:18-21; Ez 20:7, Ez 20:8). É usado exatamente sobre *to_ ebhah* como aplicado para Milcom, o deus dos Amonitas que são faladas de como o *shekec* de coisa detestável dos Amonitas (I Rs 11:5). Ainda iguale em tal embala *to'ebhah* parece a palavra mais forte para ser e expressar que está no grau mais alto detestável.

A outra palavra expressava uma idéia um pouco aparentada da versão e traduzia “abominação” na King James Version está, *piggu l*, mas só é usado na Bíblia hebraica de carne sacrificatória que ficou passada, pútrida, estragada (veja Lv 7:18; Lv 19:7; Ez 4:14; Is 65:4). O “termo técnico para tal estado da carne sacrificatória como não comida dentro do tempo prescrito,” e, adequadamente, ele vai em todos lugares especificamente faça “recuse carne.” Compare *lehem m'g'ho'al*, “o pão repugnante” (*ga'al*, “de detestar”) Ml 1:7. Um interesse principal no assunto para cristãos cresce fora do uso do termo na o qual vem a expressão “abominação da desolação” (Mt 24:15 e Mc 13:14). Também veja DETESTE.

Literatura

Comentaristas Rabinicos no lugar literatura de em ponto. Draiver; Weiss; Gratz, Gesch. de Juden, IV, nota 15.

Abominação - Pássaros

Lv 11:13-19: “E estes serão abominação entre os pássaros; eles não serão comidos, elas são uma abominação: a águia, e a gier-águia, e a águia, e a pipa, e o falcão depois de seu tipo, todo corvo depois de seu tipo, e o avestruz, e o noite-falcão, e o mar-miado, e o falcão depois de seu tipo, e a pequena coruja, e o cormorant, e a grande coruja, e a coruja cornuda, e o pelicano, e o urubu, e a cegonha, a garça depois de seu tipo, e o hoopoe, e o morcego.” Para uma análise dos nomes de cada ave veja outra versão de Bíblia. Deu_14:12-18 além disso dá “glade” talvez falcão.

Cada um destes pássaros é tratado em ordem neste trabalho. Há duas razões por que Moisés os pronunciou uma abominação para comida. Ou eles tiveram grau, carne ofensiva, dura, ou eles estavam conectados com superstição religiosa. A águia, gier-águia, águia, pipa, glade, falcão, corvo, noite-falcão, mar-miado, falcão, pequena coruja, cormorant, grande coruja, coruja cornuda, pelicano e urubu eram ofensivas porque eles eram pássaros de presa ou comiam carne putrefata ou pesca até que a carne deles exalasse odor da comida deles. Avestruzes jovens têm carne tenra doce, e os ovos também são comestíveis. Pondo estes pássaros entre as abominações Moisés deve ter pensado em espécimes crescidos. (Avestruzes vivem a uma idade notável e por causa da velocidade e das distâncias cobrem eles, e a locomoção, os músculos deles quase ficam tão duros quanto osso.) Há um rastro do treinamento egípcio quando ele colocou a cegonha e a garça nesta lista. Estes pássaros, e o guindaste como bem, abundou em todos os países conhecidos naquele momento e era usado para comida de acordo com as superstições de nações diferentes. Estes três foram relacionados de perto ao íbis que era sagrado

no Egito e é provável que eles fossem protegidos por isto por Moisés, desde que eles foram comidos por outras nações naquele momento e guindastes são usados para comida hoje por nativo de nossos estados de costa do sudeste e serão achados nos mercados de nossa costa ocidental. A reverência para a cegonha que existe ao longo do mundo civilizado hoje teve sua origem na Palestina. Notando a devoção de pares acasalados e o cuidado deles o hebreu nomeou o *hacidhah* de pássaro que significa bondade. Levado abaixo a história de idades com adições por outras nações, isto responde indubitavelmente agora pela história universal, que a cegonha entrega as crianças recentemente-nascidas para as casas deles; assim o pássaro é amado e é protegido. Um escritor romano antigo, Cornelius Nepos, registrou isso no tempo dele que foram comidas guindaste e cegonhas; foi gostado de cegonhas o melhor. Depois, Pliny escreveu que ninguém tocava uma cegonha, mas todo o mundo estava apaixonado por guindaste. Em Tessalia era um crime importante para matar uma cegonha. Esta mudança de relativo à cegonha como uma delicadeza para sua proteção por uma pena de morte somente indica o cabo que as características do pássaro tinham assumido as pessoas como foi conhecida melhor, e também a expansão da consideração na qual aconteceu ao longo da Palestina. O hoopoe (que vêem) era ofensivo a Moisés por causa de hábitos aninhando extremamente imundos, mas foi considerada uma grande delicadeza quando capturou em migração por residentes de Europa sulista. Também veja ABOMINAÇÃO; PÁSSAROS, SUJO.

Abominação da Desolação

des-o-la'shun: A raiz hebréia para abominação é , *shakac*, “ser imundo,” “detestar,” do qual é derivado ou , *shikkuc* ou *shikkuc*, “imundo,” especialmente “idólatra.” Esta palavra é usada para descrever formas específicas de adoração idólatra que era especialmente detestável, a partir dos Amonitas (I Rs 11:5, I Rs 11:7); dos Moabitas (I Rs 11:7; II Rs 23:13). Quando Daniel empreendeu para especificar uma abominação assim isoladamente que repugna ao senso de moralidade e decência, e tão agressivo contra tudo o que era religioso sobre passeio tudo de sua presença e deixa seu domicílio devastado, ele escolheu isto como o mais forte entre os vários sinônimos, somando a qualificação “abominação desoladora” (Dn 11:31; Dn 12:11), Septuaginta , *bdel-ug-ma er-e-mo-se-os*. O mesmo substantivo, entretanto no plural, acontece em Dt 29:17; II Rs 23:24; Is 66:3; Jr 4:1; Jr 7:30; Jr 13:27; Jr 32:34; Ez 20:7, Ez 20:8, Ez 20:30; Dn 9:27; Os 9:10; Zc 9:7. O Testamento Novo equivalente do substantivo é , *bdel-ug-ma* = “detestável,” i.e. (especialmente) “idólatra.” Aludindo à afirmação de Daniel, Cristo da “abominação da desolação” (Mt 24:15; Mc 13:14).

1. O Fundo Histórico

Como a invasão dos assírios e Caldeus, as pessoas judias, ambos do norte e do reino Sulista, tinha estado sem independência política. Os Caldeus tinham sido transferidos os navios de guerra da Judéia aos persianos, e dos persianos, depois de um intervalo de 200 anos, para Alexandre o Grande. Desde o princípio da soberania Persa, os judeus tinham sido permitidos organizar a comunidade religiosa e política deles novamente, enquanto estabelecendo um estado assim debaixo da regra de sacerdote, para o sumo sacerdote era não só o mais alto servidor do culto, mas também o magistrado principal na medida em que estas prerrogativas não foram exercitadas pelo rei da nação conquistando. Ezra tinha dado uma significação nova a *torah* tendo isto lido à congregação inteira de Israel e pela execução vigorosa dele da lei de separação dos Gentios. A ênfase da lei dele introduziu o período de legalismo e interpretação final da letra que estimulou algumas das injúrias de descaso ao nosso Salvador. Especialistas da lei conhecidos como “os escriturários” se dedicaram a seu estudo e interpretação sutil, e o piedoso viu a realização moral mais alta na observância extremamente conscienciosa de todo preceito. Mas em oposição a esta classe, havia esses que, influenciou pela cultura helenística, introduziu pelas conquistas de Alexandre o Grande, foi inclinada uma política mais “liberal”. Assim, foram desenvolvidas duas festas adversárias: o helenístico, e a festa do Piedoso, ou o Chasidim, *hasidhim* (Hasidaeans, livro apócrifo 1 Mac 2:42; 7:13), que seguiu rapidamente ao ideal rígido dos escriturários. O anterior gradualmente entrou em predomínio. Na Judéia era rapidamente visto helenístico em todas as fases de sua vida política, social e religiosa, e o “Piedoso” estava encolhendo a uma seita minoritária pequena. Esta era a situação quando Antioco Epifânio teve a intenção de suprimir o último vestígio do culto judeu pela aplicação de força bruta.

2. Antioco Epifânio

Antioco IV, filho de Antioco o Grande, se tornou o sucessor do irmão dele, Seleuco IV que tinha sido assassinado pelo ministro dele Heliodorus, como rei de Síria (175-164 a.C.). Ele era por natureza um déspota; excêntrico e incerto; às vezes um esbanjador na liberalidade dele, fraternizando de uma maneira afetada com esses de mais baixa estação; às vezes cruel e tirânico, como testemunha as agressões dele contra Judeus. Polybius (26 10) nos fala que as idéias excêntricas dele fizeram alguns falarem dele como um homem de puro motivo e caráter humilde, enquanto outros indicaram a loucura. O epíteto Epifânio uma abreviação de *theos epiphanes* que é a designação dado por Antioco aceso as moedas dele, e meios “o deus que se aparece ou se revela.” Os escritores egípcios traduzem a inscrição, “Deus que vem adiante,” isto é, como o sol ardente, Horos, no horizonte, que identifica o rei assim com o triunfal, se aparecendo deus. Quando Antioco Epifânio surgiu ao trono, Onias III, como sumo-sacerdote, era o líder da festa ortodoxa velha na Judéia; a cabeça dos Helenistas era o próprio irmão Jesus, ou, como ele preferiu se designar, Jason, isto sendo a forma grega do nome dele e indicando a tendência da mente dele. Jason prometeu para o rei somas grandes de dinheiro para a transferência do serviço de sumo-sacerdote do irmão dele para ele e o privilégio de erguer um ginásio e um templo a Falo, e pelo conceder do privilégio “associar os habitantes de Jerusalém como cidadãos de Antioco.” Antioco contentemente concordou a tudo. Onias era afastado, e Jason se tornou o sumo-sacerdote, e daqui em diante o processo de Helenizar a Judéia foi empurrado energicamente. O culto judeu não foi atacado, mas

“foram postas de lado instituições legais, e foram introduzidas práticas ilegais” (livro apócrifo 2 Mac 4:11). Um templo foi erguido fora do castelo; a mocidade de Jerusalém se exercitou na arte ginástica dos gregos, e até mesmo os sacerdotes deixaram os serviços deles no altar levar parte na competição da palestra. O descuido do costume judeu foi tão longe aquele muitos artificialmente removidos os rastros de circuncisão dos corpos deles, e Jason enviou uma contribuição até mesmo aos sacrifícios em honra de Heracles na ocasião das festividades com liberalidade característica, em Tiro.

3. A Supressão do Culto judeu

Debaixo destas condições não é surpreendente que Antioco deveria ter tido a inclinação e a coragem para empreender a erradicação total da religião judia e o estabelecimento do politeísmo grego em seu lugar. A observância de todas as leis judias, especialmente essa relativo ao Sábado sagrado e para circuncisão, foi proibido debaixo de pena de morte. O culto judeu foi posto de lado, e em todas as cidades da Judéia, devem ser trazidos sacrifícios às deidades pagãs. Representantes da coroa obrigaram o edito em todos os lugares. Uma vez por mês uma procura foi instituída, e quem tinha segregado uma cópia da Lei ou tinha observado o rito de circuncisão foi condenado à morte. Em Jerusalém no dia 15º de Quisleu do ano 145, i.e. em dezembro 168 a.C, um altar pagão foi construído no Grande Altar de Sacrifícios Queimados, e no dia 25º de Quisleu, o sacrifício foi trazido pela primeira vez neste altar (livro apócrifo 1 Mac 1:54, 59). Isto era evidentemente a “abominação da desolação.” O sacrifício, de acordo com 2 Macabeus foi trazido a Zeus deus do olimpo, a quem o templo de Jerusalém tinha sido dedicado. No banquete de Dionísio, os judeus foram obrigados marchar na procissão de Bacchanalian, coroados com folhas de loureiro. Cristo aplica a frase ao que era acontecer ao avanço dos romanos contra Jerusalém. Eles que veria a “abominação da desolação” se levantando no lugar santo, Ele licita foge às montanhas que provavelmente recorrem ao avanço do exército romano na cidade e templo enquanto levando padrões que agüentaram imagens dos deuses romanos e eram os objetos de adoração pagã.

Abunde; Abundância; Abundante; Abundantemente

a-bound´, a-bun´dans, a-bun´dant, a-bun´dant-li: Estas palavras representam nas Versões inglesas da Bíblia uma variedade considerável de palavras diferentes no original hebraico e grego. No Testamento Velho a maioria freqüentemente representam alguma forma **rabh** de talo, enquanto significando “lançar junto,” “aumentar.” Em Pv 8:24 está a idéia primária “ser pesado” (raiz: **kabhadh**); em Dt 33:19 e Jó 22:11 está “alagar” **shapha** ; em Jó 36:31 está “entrançar junto,” “aumentar,” “multiplicar” (**makhbir** de **ka-bhan**); em Is 47:9 está “força”? **ocmah**; em 1 Rs 18:41 está “tumulto,” “multidão” **hamon**; em Ec 5:12 está “encher a saciedade” (Revisou Versão britânico e americano) “fulness”); em Is 15:7 está “excelência” **yithrah** e em Is 66:11 “um peito cheio” **ziz**; em Jr 33:6 está “copiosidade” (**athereth** de **athar**). Em várias passagens (por exemplo Ez 16:49; Sl 105:30; Is 56:12) a Versão Revisada (britânico e americano) dá outras e melhores retribuições que ao King James Version. No Testamento Novo, **perissos, perisseuo, perisseia**, etc., as palavras habituais são para “abundante,” “abunde,” “abundância,” etc. (o adjetivo significa “excedendo algum número ou medida”). Uma diferença formal leve de concepção pode ser notada em **pleonazo** que sugere que a abundância foi o resultado de aumento. Em Rm 5:20 as duas palavras estavam na conexão mais íntima: ‘Onde pecado abundou (por seu aumento) graça abundou mais excessivamente (era rico além de medida). Em Mc 12:44; Lc 21:4; 2Co 8:20; 2Co 12:7; Ap 18:3 a Versão Revisada (britânico e americano) dá retribuições melhoradas em vez de “abundância,” e em Tt 3:6 e 2Pe 1:11 em vez de “abundantemente.”

Sobre

a-bout´: O uso desta palavra como uma preposição, no senso de “ao redor,” é limitado ao Testamento Velho. No Testamento Novo, geralmente um advérbio, para grego **hos** ou **hose**” A Versão Revisada (britânico e americano) adota isto em várias traduções idiomáticas de **mello**, recorrendo ao que está a ponto de ser, i.e. no ponto de acontecer, ou imediatamente iminente, emendando a King James Version, em At 5:35; At 27:2; Ap 12:4, etc.

Abraão

a´bra-ham:

I. Nome

1. Várias Formas

2. Etimologia

3. Associação

II. Família

III. Carreira

1. Período de Errante
2. Período de Residência em Hebrom
3. Período de Residência no Negebe ou Neguebe

IV. Condições de Vida

1. Condições econômicas
2. Condições sociais
3. Condições políticas
4. Condições culturais

V. Caráter de

1. Convicções religiosas
2. Moralidade
3. Características pessoais

VI. Significação na História de Religião

1. No Testamento Velho
2. No Testamento Novo
3. Em Tradição judia
4. No Alcorão

VII. Interpretações Históricas Diferente de História

1. A Interpretação Alegórica
2. A Teoria de Personificação
3. A Teoria Mítica
4. A Teoria “Saga”

I. Nome

1. Várias Formas

No Testamento Velho, quando aplicado, para o patriarca, o nome se aparece como *'abhrām*, até Gn 17:5; depois disso sempre como *'abraham*. São nomeadas duas outras pessoas *'abhīram*. A identidade deste nome com *abhrām* podem ter duvidas devido à variações entre *abhīner*, e *abhner*, *abhishalom* e *abhshalom*, etc. Abraão também se aparece na lista Karnak de lugares conquistado por Sheshonk I: *'brm* (nenhum. 72) representa *'brm*, com que Spiegelberg (Aegypt. zum de Randglossen Testamento de Altes, 14) propõe conectar o nome precedendo (de forma que o todo leria “o campo de Abrão.” fora da Palestina este nome (*Abīramu*) veio

há pouco iluminar onde da tradição Bíblica nós deveríamos esperar achar isto, isto é, na Babilônia (por exemplo em um contrato do reinado de Apil-Sin, segundo antecessor de **Hammurabi**; também para a tia (!) de Esar-Hadon 680-669 a.C). Ungnad achou isto, entre documentos de Dilbat que data da dinastia de **Hammurabi**, recentemente nas formas **A-ba-am-ra-ma**, **A-ba-am-ra-am**, como também **A-ba-ra-ma**.

2. Etimologia

Até esta mais recente descoberta da forma aparentemente cheia, histórica do babilônico equivalente, o melhor isso poderia ser feito com a etimologia era fazer o primeiro componente “o pai de” (construa **-i** em lugar de sufixo **-i**), e o segundo componente “**Ram**,” um nome próprio ou uma abreviação de um nome. (Contudo observe sobre seu uso na Assíria para uma mulher; compare ABISAGUE; ABIGAIL). Alguns eram bastante inclinados para conceder que o segundo elemento fosse um mistério, como o segundo elemento na maioria de nomes que começam com **abh** e **'ah**, “o pai” e “o irmão.” Mas o cuneiforme cheio que escreve do nome, com o caso-fim é, indica que o substantivo “o pai” está no acusativo, governado pelo verbo que fornece o segundo componente, e que este verbo é então provavelmente **ramu** (= hebreu **raham**) “amar,” etc. De forma que o nome algo significaria como “ele ama o (o dele) o pai.” (Assim Ungnad, também Ranke no artigo de Gressmann “und de Salva Geschichte em guarida Patriarchenerzahlungen,” ZATW (1910), 3.) Analogia prova que isto está na moda babilônica do período, e que julgando das várias escritas disto e nomes semelhantes, sua pronúncia não era longe de **'abh-ram**.

3. Associação

Enquanto no “Hebraico” nome não é assim em origem, se fez completamente em casa entre os hebreus, e para os ouvidos deles, as associações carregaram bastante diferente de seu significado etimológico. “Etimologia popular” aqui como tão freqüentemente indubitavelmente levou o hebreu a ouvir dentro **'abh-ram**, “o pai exaltado,” uma consoante de designação com o nacional do patriarca e significação religiosa. Na forma **abh-raham** o ouvido dele pegou o eco de alguma raiz (talvez **r-h-m**; compare com árabe **ruham**, “multidão”) ainda mais sugestivo da progênie extensa do patriarca, a razão (“para”) isso acompanha a mudança de nome Gn 17:5 que só é planejado como um eco verbal do senso no som. Este mais longo em forma de cidadão é possivelmente uma variação de dialeto da forma mais curta, uma variação para qual há analogias em gramática de Semítica comparativa. Porém, também são possíveis que as duas formas sejam nomes diferentes, e que **'abh-raham** é etimologicamente, e não somente por associação de som, “o pai de uma multidão” (como sobre). (Outra teoria, baseado em ortografia de Sul-árabe, em Hommel, Altisraelitische Ueberlieferung, 177.)

II. Família

Gn 11:27 que apresenta o título Abraão contém, “Estas são as gerações de Terá.” Toda a história assim intitulada de Abraão é contida dentro da seção de Gênesis. Pela ascendência de Terá Abraão é localizado atrás a Sem, e ele é relacionado assim com a Mesopotâmia e famílias árabes para as que pertenceram à raça “Semítica”. Ele está mais adiante geograficamente conectado com esta raça pelo local de nascimento dele como o qual é determinado **'ur-kasdim** (veja UR), e pelo lugar da residência de pré-Canaanita dele, Harã na região Araméia. Puramente ascendência de Semítica dos descendentes dele por Isaque é indicada pelo matrimônio dele com a próprio meia-irmã dele (Gn 20:12), e ainda avança enfatizado pela escolha para a nora dele de Rebeca, desceu de ambos os irmãos dele, Naor e Harã (Gn 11:29; Gn 22:22). O começo e o fim da residência em Harã são esquerdos cronologicamente indeterminado, para o novo começo da narrativa a Gn 12:1 não é planejado pelo escritor indicar sucessão cronológica, entretanto foi tão compreendido, por exemplo por Estevão (At 7:4). Tudo aquilo está definido a respeito de um período de tempo que Arameu de residência interveio entre a origem babilônica e a carreira palestina de Abraão. É deixado a uma comparação dos dados Bíblicos com um ao outro e com os dados de arqueologia, não fixar a abertura da carreira de Abraão na Palestina longe do meio do 20º século a.C.

III. Carreira

Briefly resumiu, aquela carreira era como segue.

1. Período de Errante

Abraão, dotado com a promessa de Yahweh de bênção ilimitada, deixa Harã com Ló o sobrinho dele e todos seus estabelecimento, e entra em Canaã. Fases sucessivas da viagem lenta são indicadas para o sul pela menção de Siquem, Betel e o Negebe (sul do país). Dirigido por escassez no Egito, Abraão acha recepção hospitaleira, entretanto ao preço da honra da esposa dele, quem Faraó trata característica de um monarca egípcio até certo ponto. (Gressmann, op. cit., citações de Meyer, des de Geschichte Alterthums, 12, 142, a passagem de uma fórmula mágica na pirâmide de Unas, um Faraó da Quinta Dinastia: “Então ele (isto é, o Faraó) leva embora as esposas dos maridos dele que ele vai se desejo agarrar o coração dele.”) Repassando o caminho para Canaã com um trem aumentado, ao Betel Abraão e Ló acha necessário separar companhia. Ló e os dependentes dele escolhem para residência a grande Depressão do Jordão; Abraão segue a coluna vertebral da terra para o sul a Hebrom onde ele resolve, não na cidade, mas antes de seus portões “pelas

grandes árvores” (Septuaginta diz, “carvalho”) de Mamre.

2. Período de Residência a Hebrom

Afiliação entre Abraão e os comandantes locais são fortalecidos por uma campanha breve na qual tudo unem as forças disponíveis deles pelo salvamento de Ló de um rei de Elão e os confederados dele da Babilônia. A perseguição os conduz até onde a região de Líbano. No retorno eles são conhecidos por Melquisedeque, rei de Salém, o sacerdote de *‘el - elyon* , altíssimo , e abençoado por ele na capacidade sacerdotal dele que Abraão reconhece-o apresentando com um dízimo dos espólios. A ansiedade de Abraão para um filho para ser o portador das promessas divinas conferido em uma “semente”, contudo por nascer deveria ter sido aliviado disso pela renovação solene em uma convenção formal, com especificações precisas do propósito cortês de Deus. Mas desejo humano não pode esperar em sabedoria divina, e a mulher egípcia Hagar concede a Abraão um filho, Ismael cuja existência de seu começo prova para uma fonte de mal moral dentro da casa patriarcal. O sinal de circuncisão e a mudança de nomes ainda são determinados em confirmação da convenção irrealizado, junto com especificação do tempo e a pessoa que deveriam começar sua realização. A divina teofania que simbolizou este clímax exteriormente a favor também serve para um colóquio de intercessor no qual Abraão é concedido a libertação de Ló na subversão iminente de Sodoma. Ló e a família dele, economizadas assim por fidelidade humana e Divina clemência, exibem nas características morais mostradas naturalmente na fuga deles e vida subsequente a degeneração a ser esperada do ambiente corrupto deles. São localizados Moabitas e Amonitas na origem dele para estes primos de Jacó e Esaú.

3. Período de Residência no Negebe ou Neguebe

Remoção para o sul do país não significou residência permanente em uma única mancha, mas bastante uma sucessão de descansar-lugares mais temporários. O primeiro destes estava no distrito de Gerar, de quem é rei, Abimeleque, Abraão e a esposa dele teve uma experiência semelhante com aquela de Faraó. O nascimento de Isaque foi seguido pela expulsão de Ismael e a mãe dele, e o marcando de relações calmas com os vizinhos através de convenção a Berseba. Porém, até mesmo no nascimento de Isaque não terminou a disciplina da fé de Abraão na promessa, uma ordem comandando para sacrificar a vida deste filho foi aceito, fidelidade e obediência, foi a atitude de Abraão e só a interposição súbita de uma divina proibição preveniu a execução de Isaque. A morte de Sara se tornou a ocasião para a aquisição de Abraão da primeira propriedade permanente de terra da Palestina, o núcleo da herança prometida dele, e ao mesmo tempo sugestionou a aproximação provável da própria morte dele. Este pensamento conduziu a provisão imediata para uma semente futura herdada por Isaque, uma provisão percebeu no matrimônio de Isaque com Rebeca, principal-filha do irmão de Abraão, Naor de Milca a irmã de Ló. Mas uma numerosa progênie não associou com a promessa cresceu na casa de Abraão, crianças de Quetura, uma mulher que parece ter tido o grau de esposa depois da morte de Sara, e de outras mulheres não mencionado, que era as concubinas dele. Embora este último período fosse passado no Negebe, Abraão foi enterrado a Hebrom na posse comprada dele, a mancha com que tradição de Semítica continuou o associando há este dia.

IV. Condições de Vida

A vida de Abraão em suas características externas pode ser considerada debaixo dos tópicos seguintes: condições econômicas, sociais, políticas e culturais.

1. Condições econômicas

A maneira de vida de Abraão pode ser descrita melhor pelo adjetivo “seminômade,” e ilustraram pelas condições um pouco semelhantes que prevalecem hoje nessas comunidades nômades do Leste que franja os desertos sírios e árabes. A residência está em barracas, riqueza consiste em rebanhos, e escravos, e a nenhuma propriedade de chão, só no máximo uma tumba. Tudo isso em comum com os nômades. Mas há um parente, ou bastante, intermitente de habitação, distinto o puro beduíno, uma quantia limitada de agricultura, e finalmente um senso de divergência do tipo de Ismael - tudo dos quais tende assimilar o seminômade Abraão para a população de Canaanitas fixa sobre ele. Como poderia ser esperado naturalmente, tal uma condição é um equilíbrio instável que tende na família de Abraão como na história de todas as tribos-nômades do deserto, resolver atrás de uma forma ou de outra, agora na cidade-vida de Ló, agora na vida de deserto de Ismael.

2. Condições sociais

A cabeça de uma família, debaixo destas condições, se torna a chefe de uma tribo que vive junto, entretanto debaixo de regra patriarcal ao mesmo tempo eles por nenhum meio compartilham sem exceção a gravata de parentesco. As relações familiares descritas em Genesis conformam e são iluminadas pelas características sociais de Código de Hamurabi. (Veja K. D. Macmillan, artigo “Matrimônio entre os babilônicos e hebreus,” Princeton Revisão Teológica, abril, 1908.) Há uma esposa legal, Sara que, porque persiste sem filhos, obtém a descendência desejada dando a própria empregada dela a Abraão para aquele propósito (compare Código de Hamurabi, seções 144, 146). O filho assim agüentado, Ismael, é o filho legal de Abraão e herdeiro. Quando Isaque é agüentado depois por Sara, o filho mais velho é deserddado através de comando divino (Gn 21:10-12) contra o desejo de Abraão que representou a lei prevalecente e costume (Código de Hamurabi, seções 168f). O “os criados empregados” mencionou nos inventários da riqueza de Abraão (Gn 12:16; Gn 24:35) indubitavelmente forneceu o “as concubinas” mencionou em Gn 25:6 como tendo agüentado os filhos a ele. Mães e crianças eram as escravas, mas teve o direito a liberdade, entretanto não para herança, na morte do pai (Código de Hamurabi, seção 171). Depois que da morte de Sara que outra mulher parece ter tido sucesso à posição de esposa legal, entretanto nesse caso foram deserddados os filhos que

ela agüentou como Ismael (Gn 25:5). Além das crianças assim procriado por Abraão “os homens da casa dele” (Gn 17:27) consistiu em duas classes, os “nascido em casa” e os escravos (Gn 14:14; Gn 17:12, Gn 17:23, Gn 17:27) e os escravos “comprados” (ibid.). A extensão da tribo patriarcal pode ser imaginada do número (318) de homens entre eles capaz de braços de porte, se aproxime o começo da carreira de Abraão, contudo depois da separação dele e de Lô, recrutou aparentemente dos “nascidos em casa” classifique exclusivamente (Gn 14:14). Em cima deste estabelecimento inteiro Abraão regeu mais com um poder, em lugar de menos, absoluto que isso exibiu em detalhes no Código de Hamurabi: mais absoluto, porque o Abraão era independente de qualquer autoridade superior permanente, e assim combinou na própria pessoa dele os poderes de pai de famílias babilônicas e da cidade-rei dos Canaanitas. Relações sociais fora da família-tribo podem ser consideradas melhor debaixo do próximo título.

3. Condições políticas

É natural que o comandante de tão considerável um organismo deveria se aparecer um aliado atraente e um inimigo formidável a quaisquer das unidades políticas menores do ambiente dele. Aquela Canaã estava na ocasião composta de há pouco tais unidades insignificantes, isto é, cidades soberanas com reis insignificantes, e se espalhou fragmentos de populações mais velhas, está abundantemente claro da tradição Bíblica e verificou de outras fontes. O Egito era o único grande poder com que o Abraão veio em contato político atrás de deixar o Leste. Na seção de Gênesis que descreve este contato com o Faraó Abraão é representado adequadamente como não fazendo nenhum papel político, mas como só ganhando pela permanência dele no Egito por uma relação social incidental: quando isto termina que ele é lançado prontamente. O papel de conquistador de Quedorlaomer, o invasor do Elão, estaria fora totalmente de manter em outro lugar com o estado político de Abraão, se nós fôssemos compelidos pela narrativa em Gn 14 para supor uma batalha lançada entre as forças de Abraão e esses dos exércitos babilônicos unidos. O que aquele capítulo requer é na realidade não mais que uma surpresa de meia-noite, pela faixa de Abraão (inclusive as forças de comandantes de confederado), de criar-guarda ou bagagem-trem dos babilônico inadequadamente tripulado e cercou (“Mate” é bastante muito forte uma retribuição do *hakkoth* original, “golpeando,” Gn 14:17) O respeito mostrado para Abraão pelos reis de Salém (Gn 14:18), de Sodoma (Gn 14:21) e de Gerar (Gn 20:14-16) era não mais que poderia ser esperado dos graus relativos deles de importância política, embora uma precedência moral, assumida na tradição, pode ter contribuído bem a este respeito.

4. Condições culturais

Recente pesquisa arqueológica revolucionou nossa concepção do grau de cultura que o Abraão poderia ter possuído e então presumivelmente possuiu. O plano alto que a literatura tinha atingido em Babilônia e Egito através de 2000 a.C é testemunha suficiente às oportunidades aberto ao homem de nascimento e riqueza por aquele dia para o intercâmbio de pensamento alto. E, sem ter recurso à mocidade de Abraão na Babilônia, nós podemos afirmar até mesmo para as cenas da vida de Abraham a presença da mesma cultura, em base de uma variedade de fatos, o testemunho de qual converge neste ponto, que Canaã no segundo milênio a.C. estava ao centro da vida intelectual do leste e pode ter disposto, para tal de seus habitantes como escolheu se ajudar disto, toda oportunidade por desfrutar as frutas de outra cultura e por registrar a substância dos próprios pensamentos deles, emoções e atividades

V. Caráter de

A vida de Abraão pode ser considerada debaixo da rubrica de religião, éticas e características pessoais.

1. Convicções religiosas

A religião de Abraão centrou na fé dele em um Deus que, porque acreditado por ele ser o possuidor de céu e terra (Gn 14:22; Gn 24:3), juiz soberano das nações (Gn 15:14) de toda a terra (Gn 18:25), controlador das forças de Natureza (Gn 18:14; Gn 19:24; Gn 20:17), exaltado (Gn 14:22) e Eterno (Gn 21:33), era pelo menos para Abraão o único Deus. Tão longe como vai a tradição Bíblica, o monoteísmo de Abraão não era agressivo (caso contrário em tradição judia posterior), e é teoricamente possível atribuir a ele um somente “monárquico” ou “inabalável” tipo de monoteísmo que admitiria a coexistência com a deidade dele diz, dos “deuses que (o dele) os pais serviram” (Js 24:14), ou a identidade com a deidade dele do deus supremo de algum vizinho dos Canaanitas (Gn 14:18). Contudo esta distinção de tipos de monoteísmo realmente não pertence à esfera de religião como tal, mas bastante para o de pensamento filosófico especulativo. Como religião, monoteísmo é só monoteísmo, e se afirma em corolário só puxado tão longe pelo intelecto como a extensão da vida de intelectual do monoteísmo aplica isto. Para Abraão Yahweh não só era Deus só; Ele também era o Deus pessoal dele em uma proximidade de companheirismo (Gn 24:40; Gn 48:15) isso o fez para três religiões o tipo do homem piedoso (II Cr 20:7; Is 41:8, Tg 2:23, notam o nome árabe de Hebrom *El-Khalil*, i.e. o amigo de Deus) Yahweh e Abraão atribuíram os atributos morais de Justiça (Gn 18:25), retidão (Gn 18:19), fidelidade (Gn 24:27), sabedoria (Gn 20:6), bondade (Gn 19:19), clemência (Gn 20:6). Estas qualidades foram esperadas de homens, e o contrários deles em homens foram castigados por Yahweh (Gn 18:19; Gn 20:11). Ele se manifestou em sonhos (Gn 20:3), visões (Gn 15:1) e Teofânia (Gn 18:1), inclusive a voz ou aparição do Divino *mal'akh* ou mensageiro (“anjo”) (Gn 16:7; Gn 22:11) Na parte de homem, além de obediência para as exigências morais de Yahweh e comandos especiais, a expressão sua foi esperada em natureza religiosa em sacrifício. Isto trazendo de oferecimentos à deidade foi praticado diligentemente por Abraão, como indicado pela menção da ereção de um altar a cada residência sucessiva. Junto a este ato de sacrifício há às vezes mencione de um “chamando o nome” de Yahweh (compare I Rs 18:24; Sl 116:13). Esta publicação da fé dele, indubitavelmente na presença de Canaanitas, também teve sua contraparte na consideração pública na qual ele foi segurado como um “o profeta” ou porta-voz de Deus (Gn 20:7). A mediação dele também mostrou para si mesmo em oração de intercessão (Gn 17:20 para Ismael; Gn 18:23-32; compare Gn 19:29 para Lô; Gn 20:17 para Abimeleque) que era apenas uma fase da prática geral dele de oração. O acompanhamento habitual de sacrifício, um

sacerdócio profissional, não acontece na família de Abraão, contudo ele reconhece prerrogativa sacerdotal na pessoa de Melquizedeque, sacerdote-rei de Salém (Gn 14:20). Aprovação religiosa cerca a tomada de juramentos claro que (Gn 14:22; Gn 24:3) e o marcando de convenções (Gn 21:23). Outras alfândegas associadas com religião são circuncisão (Gn 17:10-14), determinado a Abraão como o sinal da convenção perpétua; dizimando (Gn 14:20), reconheceu como a dívida o sacrifício de seu filho (Gn 22:2, Gn 22:12), só ordenou em Abraão ser proibido expressamente, aprovado para seu espírito mas interditou em sua prática.

2. Moralidade

Como já indicou, os atributos éticos de Deus foram considerados por Abraão como a exigência ética de homem. Isto teoricamente. Na esfera de éticas aplicadas e casuística a prática de Abraão, pelo menos, caiu com falta deste ideal, até mesmo nos poucos incidentes da vida dele preservados a nós. Está claro que estes lapsos de virtude eram ofensivos ao senso moral do biógrafo de Abraão, mas nós somos partidos na escuridão sobre o senso de Abraão de viés moral. (O “pó e cinzas” de Gn 18:27 tem nenhuma implicação moral.) Não são conhecidas as demandas de sinceridade e honra satisfatoriamente, certamente não no assunto da relação de Sara para ele (Gn 12:11-13; Gn 20:2; compare Gn 12:11-13), talvez não no assunto do sacrifício planejado de Isaque (Gn 22:5, Gn 22:8). Impor nosso próprio padrão monógamo de matrimônio no patriarca seria injusto, devido ao padrão diferente da idade dele na terra. É ao crédito dele que nenhum tal escândalo é registrado na vida dele e família como enegrece o registro de Ló (Gn 19:30-38), Rúben (Gn 35:22) e Judá (Gn 38:15-18). Semelhantemente, os espetáculos de história de Abraão só consideram para vida e propriedade, ambos em com respeito aos direitos de outros e esperando o mesmo deles - os antipodas do caráter de Ismael (Gn 16:12).

3. Características pessoais

Fora de, os saltos de exigência estritamente ética, a personalidade de Abraão exibiu certas características que não só o estacam distintamente entre as figuras de história, mas o faz grande crédito como um caráter singularmente simétrico e atraente. Da confiança dele e reverência por ser cabeça de religião. Mas este amor que é “o cumprindo da lei,” manifestou em tal devoção para Deus, mostrou para si mesmo para homens em generosidade excepcional (Gn 13:9; Gn 14:23; Gn 23:9, Gn 23:13; Gn 24:10; Gn 25:6), fidelidade (Gn 14:14, Gn 14:24; Gn 17:18; Gn 18:23-32; Gn 19:27; Gn 21:11; Gn 23:2), hospitalidade (Gn 18:2-8; Gn 21:8) e compaixão (Gn 16:6 e Gn 21:14 quando justamente compreendido, Gn 18:23-32). Um amor-próprio sólido (Gn 14:23; Gn 16:6; Gn 21:25; Gn 23:9, Gn 23:13, Gn 23:16; Gn 24:4) e real coragem (Gn 14:14-16), porém, foi arruinado pela covardia que sacrificou a Sara para comprar segurança pessoal onde ele teve razão para considerar vida inseguro (Gn 20:11).

VI. Significação na História de Religião

Abraão é uma figura significativa ao longo da Bíblia, e jogos um papel importante em tradição judia extra-bíblica e na religião maometana.

1. No Testamento Velho

É naturalmente como progenitor da nação de Israel, “a semente de Abraão,” como eles são freqüentemente chamados, que Abraham se salienta maioria do proeminente nos livros de Testamento Velho. Às vezes o contraste entre ele como um indivíduo e a numerosa progênie dele servem apontar uma lição (Is 51:2; Ez 33:24; talvez Ml 2:10; compare Ml 2:15). “O Deus de Abraão” serve como uma designação de Yahweh do tempo de Isaque para o mais recente período; está por este título que Moisés identifica o Deus que o enviou com a deidade ancestral da nação de Israel (Ex 3:15). Os Homens se lembraram nesses tempos posteriores que este Deus se apareceu a Abraão em teofania (Ex 6:3), e, quando ele ainda estava entre as pessoas dele que adoraram outros deuses (Js 24:3) o escolheu (Ne 9:7), o conduziu, o resgatou (Is 29:22) e lhe fez o recipiente dessas bênçãos especiais (Mc 7:20) que foram empenhados por convenção e juramento (assim todo livro histórico maior, também o Sl 105:9 histórico), notavelmente a herança da terra de Canaã (Dt 6:10) Nem da personalidade religiosa de Abraão foi esquecida pela posteridade dele: dele foi se lembrado por eles como o amigo de Deus (II Cr 20:7; Is 41:8), o criado dele, a mesma lembrança de quem por Deus compensaria o horror com que os pecados dos descendentes dele inspiraram Yahweh (Dt 9:27).

2. No Testamento Novo

Quando nós passamos ao Testamento Novo que nós estamos surpresos à riqueza e variedade de insinuação para Abraão. Como no Testamento Velho, a posição dele de antepassado lhe empresta muito da significação dele, não só como antepassado de Israel (At 13:26), mas especificamente como antepassado, agora do sacerdócio de Levítico (Hb 7:5), agora do Messias (Mt 1:1), agora, pelo peculiarmente doutrina Cristã da unidade de crentes em Cristo, de crentes Cristãos (Gl 3:16, Gl 3:29). Tudo aquilo que Abraão o antepassado recebeu por Divina eleição, pela convenção feita com ele, é herdada pela semente dele e passa debaixo dos nomes coletivos da promessa (Rm 4:13), a bênção (Gl 3:14), clemência (Lc 1:54), o juramento (Lc 1:73), a convenção (At 3:25). O modo no qual Abraão respondeu a esta bondade estranha de Deus lhe faz o tipo do crente Cristão. Embora tão longe no passado que ele era usado como uma medida de antiguidade (Jo 8:58), ele é declarado para ter “visto” dia do Messias (Jo 8:56). É a fé dele na Divina promessa, o qual, só porque era peculiarmente para ele sem assistência por qualquer evidência dos sentidos, se torna o tipo da fé que conduz a justificação (Rm 4:3), e então neste senso novamente ele é o “o pai” de cristãos, como crentes (Rm 4:11). Para aquela promessa para Abraão era, afinal de contas, um “orando anteriormente” do evangelho Cristão, nisso abraçou “todas as famílias da terra” (Gl 3:8). Desta honra exaltada, Tiago nos lembra, o Abraão se provou merecedor, não por uma fé inoperante, mas por “trabalho” isso comprovado a retidão dele (Tg 2:21; compare Jo 8:39). A obediência dele forjou a fé nele é o que especialmente é elogiado pelo autor de hebreu (Hb 11:8, Hb 11:17).

Conforme esta estimativa alta da devoção do patriarca, nós lemos da felicidade eterna dele, não só nas concepções atuais dos judeus (parábola, Lc 16), mas também na afirmação expressa de nosso Deus (Mt 8:11; Lc 13:28). Insinuações históricas incidentais para os eventos da vida de Abraão são freqüentes no Testamento Novo, mas não acrescenta nada a esta estimativa da significação religiosa dele.

3. Em Tradição judia

Fora dos parâmetros da Bíblia nós temos evidência abundante do modo que o Abraão foi considerado pela posteridade dele na nação judia. A mais velha desta testemunha, Ecclesiasticus, não contém nenhum dos crescimentos das posteriores lendas de Abraão. Seu elogio de Abraão é limitado aos mesmos três grandes fatos que atraíram aos escritores canônicos, isto é, a glória dele como o antepassado de Israel, a eleição dele para ser o recipiente da convenção, e a devoção dele até mesmo debaixo de prova severa (livro apócrifo Ecclesiasticus 44:19-21). O Improvável e freqüentemente desmerecedor e até mesmo características grotescas da carreira de Abraão e caráter no *midrashim* "história" de rabinica posterior são de nenhuma significação religiosa, além da evidência eles dispõem do modo a posição sem igual de Abraão e devoção foi apreciada pelos judeus.

4. No Alcorão

Para Maomé Abraão é de importância de vários modos. Ele é mencionado dentro de 188 versos do Alcorão, mais que qualquer outro caráter menos Moisés. Ele é um das séries de profetas enviado por Deus. Ele é o antepassado comum do árabe e o judeu. Ele faz o mesmo papel de reformador religioso em cima de contra o homem de família idólatra como o próprio Maomé jogou. Ele constrói o primeiro puro templo para a adoração de Deus (em Meca). Como na Bíblia assim no Alcorão Abraão o recipiente do Divino é convenção para ele e para a posteridade dele, e exibições no caráter dele as virtudes apropriadas de um tão altamente favorecido: fé, retidão, pureza de coração, gratidão, fidelidade, compaixão. Ele recebe símbolos marcados do Divino favorecem na forma de libertação, orientação, visões, os mensageiros angelicais (nenhuma teofania para Maomé!), milagres, garantia de ressurreição e encontro em paraíso. Ele é chamado "o homem dos povos" (2 118)

VII. Interpretações da História diferente de o Histórico

Há em tempos antigos e modernos escritores que têm, de vários pontos de vista, interpretaram a pessoa e carreira de Abraão caso contrário que como o que pretende ser, isto é, as reais experiências de uma pessoa humana nomeadas Abraão. Estas várias visões podem ser classificadas de acordo com o motivo ou impulso que eles acreditam para ter conduzido à criação desta história na mente de seu autor ou autores.

1. A Interpretação Alegórica

A área de Filo em Abraão agüenta como títulos de alternativa, "Na Vida do Homem Sábio Feito Perfeito através de Instrução, ou, Na Lei Não escrita." a vida de Abraão não é para ele uma história que serve ilustrar estas coisas, mas uma alegoria pela qual estas coisas são encarnadas. O uso de Paulo da Sara-Hagar episódio em Gl 4:21-31 pertence a este tipo de exposição (compare *allegoroumena*, Gl 4:24) de qual também há alguns outros exemplos nas epístolas dele; ainda deduzir disto que Paulo compartilhou a atitude geral de Filo para a narrativa patriarcal estaria não comprovado, como o uso dele deste método já é incidental, excepcional, e meramente corroborativo de pontos estabelecidos por razão de som. "O Lutero compara isto a uma pintura que já decora uma casa construída" (Schaff, "Galatians," Excursus).

2. A Teoria de Personificação

Sobre Filo Abraão é a personificação de um certo tipo de humanidade, assim a alguns escritores modernos ele é a personificação da nação hebréia ou de uma tribo que pertence ao grupo hebreu. Esta visão que realmente é amplamente mesma seguiu em geral com respeito às figuras patriarcais, fornece tanto mais dificuldades em sua aplicação específica para Abraão que para os outros, que foi rejeitado até mesmo no caso de Abraão por alguns que adotaram isto para figuras como o Isaque, Ismael e Jacó. Assim Meyer (*Die Israeliten und ihre Nachbarstämme*, 250; também compare nota pág. 251), falando da opinião mais cedo dele, reconhece que, na ocasião quando ele "considerou a afirmação de como provou aquele Jacó e o Isaque seja tribos," igual ele "ainda reconheceu Abraão como uma figura mística e originalmente um deus." Uma diferenciação semelhante de Abraão do resto é verdade da maioria dos outros partidários das visões aproximadamente ser mencionado. Conseqüentemente também Wellhausen diz (Prolegomena6, 317): "Só Abraão é certamente nenhum nome de uma pessoa, como Isaque e Ló; ele é de qualquer maneira bastante ambíguo. Nós não ousamos claro que naquela conta o segure nesta conexão como um personagem histórico; em lugar de que ele poderia ser uma criação livre de ficção inconsciente. Ele provavelmente é a figura mais jovem nesta companhia e parece só ter estado a uma relativamente recente data posto antes do filho dele "Isaque."

3. A Teoria Mística

Urgido popularmente por Nöldeke (*Im neuen Reich* (1871), I, 508ff) e levado para cima por outros estudantes, especialmente no caso de Abraão, a visão ganhou moeda corrente geral entre esses que negaram a historicidade de Gênesis, que os patriarcas eram velhas deidades. Disto foi segurada alta propriedade relativamente, eles tinham caído para o plano de meros mortais (entretanto com sobras do herói ou semideus plano aqui e lá visível) em qual eles se aparecem em Gênesis. Uma fase nova desta teoria mística foi desenvolvida na

elaboração por Winckler e outros da astral-teologia deles do mundo babilônico em qual a adoração de Abraão como o deus-lua pelo Semita e Palestina uma parte. A origem tradicional de Abraão o conecta com Ur e Harã, centros principais do culto da lua. Aparte deste fato que os argumentos confiaram em estabelecer esta identificação de Abraão com pecado pode ser julgado pelas amostras seguintes: “Quando mais adiante o cônjuge de Abraão ursos o nome a Sara, e um das mulheres entre as relações mais íntimas dele o nome Milca, isto dá comida para pensamento, desde que estes nomes correspondem precisamente com os títulos das deidades femininas adoradas a Harã ao lado do pecado de deus-lua. Porém, acima de tudo o número 318, isso se aparece em Gn 14:14 com relação à figura de Abraão, está convencendo porque este número que seguramente não tem nenhum valor histórico só pode ser explicado satisfatoriamente do círculo de idéias da religião-lua, desde no ano lunar de 354 dias há pouco 318 dias aceso que a lua é visível - deduzindo 36 dias, ou três para cada um dos doze meses nos quais a lua é invisível” (Baentsch, Monotheismus, 60f). Apesar desta garantia, porém, nada poderia exceder o desprezo com que estas combinações e conjeturas de Winckler, A. Jeremias e outros desta escola são recebidos por esses que na realidade diferem deles com respeito a Abraão exceto a pequena resposta à pergunta, que deidade era Abraão (veja, por exemplo, Meyer, op. cit., 252f, 256f).

4. A “Saga” Teoria

Gunkel (Introdução, a Gênesis,), insistindo na semelhança da narrativa patriarcal para as “sagas” de outro povo primitivo, chama atenção ambos para as características humanas de figuras como Abraão, e para a origem muito cedo do material encarnada em nosso livro presente de Gênesis. Primeira como história oralmente circulada, então como histórias cometeram a escrever, e finalmente como várias coleções ou grupos de tais histórias formados em um ciclo, a narrativa de Abraão, como a narrativa de Jacó e a narrativa de José, cresceram por uma história literária longa e complexa. Gressmann (op. cit., 9-34) emenda os resultados de Gunkel, aplicando a eles os princípios de desenvolvimento literário primitivo colocado por Professor Wundt no *Völkerpsychologie* dele. Ele segura que o núcleo das narrativas de Abraão é umas séries de contos fada, de difusão internacional e origem de desconhecido que foram determinadas “uma habitação local e um nome” prendendo a eles o então nome comum de Abraão (semelhante de Ló, etc.) E os associando com o país mais próximo para o deserto da Judéia, a casa dos autores deles, isto é, sobre Hebrom e o Mar Morto. Uma alta antiguidade (1300-1100 a.C) é afirmado para estas histórias, a precisão surpreendente deles em detalhe onde quer que eles possam ser testados através de tradição extra-bíblica é concedido, como também a probabilidade que, “entretanto muitos enigmas ainda permanecem não solucionados, contudo muitas outras tradições serão clareadas através de descobertas novas” da arqueologia.

Abraão, Livro de (livro apócrifo)

Vea LITERATURA APOCALÍPTICA.

Abraão, O Seio de

booz’um (, *kolpos Abraam*; , *kolpoi Abraam*): Figurativo. A expressão acontece em Lc 16:22, Lc 16:23, na parábola do homem rico e Lázaro, para denotar o lugar de repouso para o qual Lázaro foi levado depois da morte dele. A figura é sugerida pela prática do convidado em um banquete que reclinava no peito do vizinho dele. Assim, João apóia-se no peito de Jesus na ceia (Jo 21:20). Os rabinos dividiram o estado depois de morte (Sheol) em um lugar para o íntegro e um lugar para o mau (veja ESCATOLOGIA DE TESTAMENTO VELHO; SHEOL); mas é duvidoso se a figura de Jesus corresponde totalmente com esta idéia. “O seio de Abraão” não é falado de como dentro do “Inferno,” mas bastante como distinto disto (Lc 16:23) - um lugar de bem-aventurança por si só. Lá Abraão recebe, como em um banquete, o verdadeiramente fiel, e os admite a intimidade mais íntima. Pode ser considerado como equivalente para o “Paraíso” de Lc 23:43. Vea INFERNO; PARAÍSO.

Abrão

a’bram: veja Abraão.

Ajoelhar (?) Abrech

a’brek: Transliteração do hebraico , *’abhrek*, em Gn41:43 a Versão Revisada, margem, do qual a origem e significados são incertos. Era a saudação que os egípcios se dirigiram a José, quando ele foi feito segundo abaixo de Faraó, e se apareceu na carruagem oficial dele.

(1) as explicações fundadas em derivação hebréia são insatisfatórias, se como a King James Version “arco o joelho,” de , *barakh* (imperativo de Hiphil) ou marginal “o pai tenro,” ou “o pai de um rei” do Targum. A forma como Imperativo de Hiphil em vez de , *habhrek*, é indefensível, enquanto as outras duas derivações são fantásticas.

(2) as conjeturas de Egiptologistas quase estão sem número, e nenhum é conclusivo. Skinner no Comentário dele em Gênesis seleciona “atenção!” como bem depois de Spiegelberg. O Comentário de orador sugere “alegre tu” de *ab-nek*. BDB dá preferência para o cóptico

a-bor-k, “prostrado.”

(3) satisfazendo o paralelo é o **abarakku** assírio, enquanto significando “vizir principal” ou “o amigo de um rei,” como sugerido por Frito. Delitzsch; para leis babilônicas e alfândegas era dominante na Ásia ocidental, e o Hyksos, por quem teriam sido levados tais títulos no Egito, estava regendo lá naquele momento.

Conversar junto, falar com.

a-bro^d: Uma retribuição idiomática de **α** , **aphiketo** (literalmente, “chegou”), “venha no estrangeiro” é usado em Rm 16:19 indicar um relatório que foi difundido amplamente (literalmente, “alcance até tudo”). Traduções idiomáticas semelhantes da King James Version foi substituída na Versão Revisada (britânico e americano) por esses mais literal, como em Mc 4:22; Lc 8:17; Mc 6:14; I Ts 1:8. Também Usou em outras retribuições idiomáticas, como “esparrame no estrangeiro” **diaphem zo**, Mc 1:45; “divulgar” **dialaleo**, Lc 1:65; “se espalhou no estrangeiro,” Jo 11:52; At 8:1, etc; em todos estes casos para o significado penetrante da preposição grega em composição. Em Gn 15:5, significa **huc** “fora de.”

Abroad.

Veja DISPERSÃO e verbete anterior.

Abrona

a-bro'na, a King James Version Ebronah , **abhronah** : Um das estações de Israel na marcha no deserto de Sinai para Cades - a estação próximo antes a Eziom-Geber no braço oriental do Mar Vermelho (Nm 33:34, Nm 33:35).

Absalão (1)

ab'sa-lom , **'abhshalom**, “o pai é paz,” também escrito para Abisalom, I Rs 15:2, I Rs 15:10): o terceiro filho de Davi por Maaca, filha de Talmai, rei de Gesur, um território pequeno entre Hermon e Basã.

1. Um Favorito Geral

Absalão nasceu a Hebrom (II Sm 3:3), e moveu a uma idade cedo, com a transferência do capital, para Jerusalém onde ele gastou a maioria da vida dele. Ele era um grande favorito do pai e bem como das pessoas. Os modos encantadores dele, a beleza pessoal dele, os modos insinuando dele, junto com o amor dele de pompa e pretensões reais, cativaram os corações das pessoas desde o princípio. Ele viveu em grande estilo, rebanho em uma carruagem magnífica e teve cinquenta homens que corriam diante dele. Tal magnificência produziu o efeito desejado nos corações dos aristocratas jovens da cidade real (II Sm 15:1).

2. Em Exílio

Quando Amnom, o meio-irmão dele, encantou com sua irmã Tamar, e Davi fechou os olhos dele ao crime sério e negligenciou administrar próprio castigo, Absalão ficou enfurecido justamente, e quietamente nutriu a raiva dele, mas depois que o lapso de dois anos levasse a cabo um plano próspero para vingar as injustiças da irmã dele. Ele fez um grande banquete para os filhos do rei a Baal-Hazor para qual, entre outros, veio Amnom, só conhecer a morte dele às mãos dos criados de Absalão (II Sm 13:1). Evitar castigo ele fugiu agora ao tribunal do avô materno dele em Gesur onde ele permaneceu três anos, ou até Davi, o pai dele, tinha cedido e tinha perdoado o ato assassino do impetuoso filho dele. Ao término de três anos (II Sm 13:38) nós achamos Absalão mais uma vez em Jerusalém. Porém, era depois dois anos antes de ele fosse admitido à presença real (II Sm 14:28).

3. Os rebeldes Contra o Pai dele

Absalão, novamente restabeleceu, não perdeu nenhuma oportunidade para recuperar prestígio perdido, e tendo a mente dele feito as pazes com o pai dele e sucede-lo no trono, ele se esqueceu do filho no político. Cheio de insinuações e ricos em promessas, especialmente para o enfadado e para essas queixas tendo, imaginário ou real, era natural que ele deveria ter um partidário. Isto é, o propósito possível dele estava claro para alienar muitos do rei, e assim neutralizar a influência dele na seleção de um sucessor, porque ele percebeu completamente que a festa de tribunal, debaixo da influência de Bateseba, era intenção ter Solomão como a próximo sucessor. Por muita lisonja Absalão roubou os corações de muitos homens em Israel (II Sm 15:6). Quanto ao tempo, período decorrido entre o retorno dele de Gesur e a rebelião aberta dele contra o pai Davi é uma pergunta que não pode ser respondida com qualquer grau de certeza. A maioria da consideração de autoridades os quarenta anos de II Sm 15:7 como um erro e seguindo o Siríaco e algumas edições do Septuaginta, sugestione **quatro** como o texto correto. Se quarenta ou quatro, ele obteve permissão do rei visitar Hebrom, a capital antiga, em pretensão de pagar um voto feito por ele enquanto a Gesur no caso do retorno seguro dele para Jerusalém. Com duzentos homens ele conserta a Hebrom. Previamente para os espiões de banquete tinha sido enviado ao longo de todas as tribos de Israel para incitar o descontente e os ajuntar debaixo da bandeira de Absalão a Hebrom. Números muito grandes obedeceram à chamada, entre eles Aitofel, um dos conselheiros mais astutos de Davi (II Sm 15:7).

4. A fuga de David

Relatórios da conspiração a Hebrom alcançaram os ouvidos de Davi que agora foi amedrontado completamente e não foi perdido nenhum tempo deixando Jerusalém logo. Debaixo da proteção do guarda-costa mais leal dele ele fugiu a Gileade além do Jordão. Davi foi recebido amavelmente a Maanaim onde ele permaneceu depois da morte do filho desleal dele. Zadoque e Abiatar, dois sacerdotes principais, eram intenção ao compartilhar as fortunas de Davi; eles foram tão distantes sobre leve a cabo a Arca da Convenção com eles

de Jerusalém (II Sm 15:24). Davi, porém, forçado os sacerdotes e Levites para levar de volta isto para seu lugar na cidade e lá permanecer como seus guardiões. Este era um golpe prudente, para estes dois grandes sacerdotes em Jerusalém agiu como intermediários, e pelos filhos deles e algumas mulheres influentes mantidas no ritmo comunicações constantes do exército de Davi em Gileade (II Sm 15:24). Husai, também, foi mandado de volta para Jerusalém onde ele professou submissão falsamente a Absalão que por algum tempo tinha entrado na cidade real e tinha assumido controle do governo (II Sm 15:32). Husai, os sacerdotes e algumas pessoas menos conspícuas executaram bem a parte deles, para a deliberação de Aitofel que aconselhou ação imediata e avança nas forças do rei, enquanto tudo estava em um pânico, foi contrariado (II Sm 17:1); não mais, constantemente foram mantidos os espiões em contato com a sede de Davi informar o rei dos planos de Absalão (II Sm 17:15). Esta demora era fatal ao filho rebelde. Se ele tivesse agido na deliberação astuta de Aitofel, o exército de Davi poderia ter sido conquistado ao início.

5. A Morte e Enterro de Absalão

Quando a comprimento as forças de Absalão debaixo da chefia de Amasa (II Sm 17:25) alcançou Gileade, amplo tempo tinha sido dado a Davi para organizar o exército dele que ele dividiu em três divisões debaixo do comando eficiente de três generais veteranos: Joabe, Abisai e Itai (II Sm 18:1). Uma grande batalha foi lutada nas florestas de Efraim. Aqui o exército rebelde estava totalmente derrotado. Nada menos que 20.000 foram mortos completamente, e uma ainda maior formação de número emaranhado na floresta grossa, pereceram naquele dia (II Sm 18:7). Entre o posterior era o próprio Absalão, para enquanto montando na mula dele, a cabeça dele foi pego nos ramos de um grande carvalho ou terebinto, provavelmente em uma galha bifurcada. “Ele foi levado entre céu e terra; e a mula que estava debaixo dele foi em” (II Sm 18:9). Nesta posição ele foi achado por um soldado que imediatamente correu para informar Joabe. O posterior sem a hesitação de um momento, apesar das ordens positivas de Davi, três dardos empurrou no coração de Absalão. Fazer a morte dele certo e encorajou pela ação do general dele, dez dos homens jovens de Joabe “rodeou aproximadamente e golpeou Absalão, e o matou” (II Sm 18:15). Ele foi enterrado em uma grande cova, perto da mancha onde ele foi morto. Uma grande pilha de pedras foi amontoadas em cima do corpo dele (II Sm 18:17), conforme o costume de desonrar os rebeldes e grandes criminosos os enterrando debaixo de grandes pilhas de pedra (Js 7:26; Js 8:29). Thomson nos reforma aquelas pessoas sírias para este dia lance pedras nas sepulturas de assassinos e bandidos (LB, II, 61).

6. O Lamento de Davi

A morte de Absalão era uma fonte de grande aflição ao pai aficionado e velho que se esqueceu da regra e o rei no pai compassivo. O lamento dele no portão de Maanaim, entretanto muito sumário, é um clássico, e expressa em idioma tenro os sentimentos de pais para crianças cabeçadas em todas as épocas (2Sa_18:33).

Pouco é conhecido da vida de família de Absalão, mas nós lemos em II Sm 14:27 que ele teve três filhos e uma filha. Do idioma de II Sm 18:18, é deduzido que os filhos morreram a uma idade prematura.

7. A Tumba de Absalão

Como Absalão não teve nenhum filho para perpetuar a memória dele “ele criou para ele um pilar” ou um monumento no vale do Rei que de acordo com Josefo era dois furlongs de Jerusalém (Antiguidades, VII, x, 3). Nada é conhecido com certeza sobre este monumento. Um das várias tumbas no lado oriental do Cedron passa debaixo do nome da tumba de Absalão. Este pedaço bom de alvenaria com sua cúpula graciosa e pilares iônicos devem ser de comparativamente recente origem, provavelmente não mais cedo que o período romano.

Absalão (2)

(Apócrifo) (Codex Vaticanus **A** , *Abessalomos* e *Abessalom*; Codex Alexandrinus, *Absalomos*; a King James Version Absalão):

(1) o pai de Matatias, capitão do exército judeu (1 Mac 11:70; Antiguidades, XIII, v, 7).

(2) o pai de Jonatas que foi enviado por Simão Macabeu para tomar posse de Joppa; talvez idêntico com Absalão (1) (1 Mac 13:11; Antiguidades, XIII, vi, 4).

(3) um de dois enviados dos judeus, mencionados em uma carta enviada por Lysias à nação judia (2 Mac 11:17).

Absolvição

ab-so-lu'shun (tradução de verbos , *luo*, “solto,” etc., **εα** , *aphiemi*, “liberte,” “se renda,” etc.): Não Bíblico, mas um termo eclesiástico, usado para designar o ato oficial descrito em Mt 16:19: “Tudo que tu soltares em terra, será soltado em céu,” e Mt 18:18; Jo 20:23: “Aqueles a quem perdoardes os pecados, são-lhes perdoados; e àqueles a quem os retiverdes, são-lhes retidos” (veja CHAVES, PODER DE). A igreja romana considera isto como o ato de um padre corretamente ordenado por qual, no sacramento de Penitência, ele livra de pecado um que confessou e fez promessa de satisfação. Protestantes consideram a promessa não dado a qualquer ordem dentro da igreja, mas para a congregação de crentes, exercitando sua prerrogativa pelo ministério Cristão, como seu executivo ordinário. Eles diferem sobre se o ato só é declarativo ou coletivo. Lutero considerou isto como ambos declarativo e coletivo, desde a Palavra sempre traz que oferece. A absolvição difere da promessa geral do evangelho individualizando a promessa. O que o evangelho, como leitura e orou, declara em geral, a absolvição aplica pessoalmente. Também veja PERDÃO.

Abstinência

abs'ti-nens: Abstinência como uma forma de alcance de asceticismo atrás na antiguidade remota, e é achado entre a maioria do povos antigos. Pode ser definido como uma autodisciplina que consiste na renúncia habitual, em todo ou em parte, dos prazeres da carne, com uma visão para o cultivo da vida e do espírito. Em suas formas mais extremas, licita os homens para abafar e suprimir os desejos físicos deles, em lugar de subordiná-los no interesse de um fim mais alto ou pretender, a idéia subjacente que é que o corpo é o inimigo do espírito, e que a extirpação progressiva dos desejos naturais e inclinações por meio de jejuar, celibato, pobreza voluntária, etc, é “o modo de perfeição.”

Este artigo será interessado principalmente com abstinência de comida, como negociado na Bíblia. (Para outros aspectos do assunto, veja TEMPERANÇA; ABNEGAÇÃO; LIMPEZA; UNCLEANNESS (IMPUREZA); CARNE, etc.). Assim limitado, abstinência pode ser pública ou privada, parcial ou inteira.

1. Jejuns públicos

Só um tal jejum é falado de como tido sido instituído e tido sido comandado pela Lei de Moisés que do Dia de Compensação. Isto é chamado “o Jejum” em At 27:9 (compare Antiguidades, XIV, iv, 3; Filo, Vit Mos, II, 4; Schürer, HJP, eu, i, 322).

Quatro jejuns anuais foram observados depois pelos judeus em comemoração dos dias escuros de Jerusalém - o dia do começo do assédio de Nabucodonozor no décimo mês, o dia da captura da cidade no quarto mês, o dia de sua destruição no quinto mês e o dia do assassinato de Gedalias no sétimo mês. Estes são tudo se referidos para em Zc 8:19. Veja JEJUNS.

Poderia ser pensado razoavelmente que tais aniversários solenes, uma vez instituiu, teria sido mantido o ritmo de sinceridade pelos judeus, pelo menos por muitos anos. Mas Isaías ilustra como logo até mesmo a maioria enfureceu sentimentos de devoção ou patriotismo podem crescer frios e formais. (compare Is 58:3; a Bíblia de Expositor, no lugar). Quer dizer, tão formal tem seu jejum crescido que sua usual vida egoísta, cruel vai a só o mesmo. Então Yahweh faz inquérito: (Is 58:5-9). A passagem, como George Adam Smith diz, enche o mais cedo, se não o lugar mais alto na sucessão gloriosa da Bíblia que exaltam amor prático para qual pertence Is 61:1-11; Mt 25; I Co 13:1-13. A importação alta é isso no caráter de visão de Deus cresce rico e vida jovial, não por jejuns ou observâncias formais, mas por atos de serviço desinteressado inspirados por um coração de amor.

Estes jejuns entraram em desuso absoluto depois, mas eles foram reavivados depois da destruição de Jerusalém pelos romanos.

Foram proclamados jejuns públicos ocasionais em Israel, como entre outro povo, em estações de seca ou calamidade de pública. Se aparece de acordo com contas judias, que era habitual para segurá-los no segundo e quintos dias da semana, pela razão que era acreditado que Moisés tinha subido ao Mt. Sinai no quinto dia da semana (quinta-feira) e ter descido na segunda (segunda-feira) (compare Didache, 8; Constituições de Apostolical, VIII, 23).

2. Jejuns privados

Além destas solenidades públicas, indivíduos estavam no hábito de jejuns de extra imponentes em eles (p.e (livro apócrifo) Judite 8:6; Lc 2:37); e havia alguns entre o fariseus que jejuou no segundo e quintos dias da semana todo o círculo do ano (Lc 18:12; veja Ágil, no lugar).

Tácito alude os “jejuns freqüentes” dos judeus (História, V, 4), e Josefo conta a expansão de jejuar entre os Gentios (Contra Apion, II, 40; compare Tertuliano, anúncio Nat, i. 13). Há evidência abundante que muitos professores religiosos colocaram regras relativas a jejum para os discípulos deles (compare Mc 2:18; Mt 9:14; Lc 5:33).

3. Graus de Exatidão em Abstinência

Os indivíduos e seitas grandemente diferem nos graus de exatidão com que eles observam jejuns. Em um pouco de jejuns entre a abstinência de judeus de comida e bebida foi observado simplesmente de sol a sol, e lavando e ungindo foram permitidos. Em outros de um tipo mais rígido, o jejum durou de um pôr-do-sol até as estrelas se aparecidas depois o próximo, e, não só comida e bebida, mas lavando, ungindo, e todo tipo de atividade agradável e até mesmo saudações, foi proibido (Schürer, II, ii, 119; Edersheim, Vida e Tempo, I, 663). Tal jejum geralmente foi praticado da maneira mais austera e ostentosa, e, entre os fariseus, formou uma parte do exterior mais pretensioso deles. Neste ponto o testemunho de Mt 6:16 é confirmado pelo Mishna.

4. Abstinência Entre Tipos Diferentes de Ascéticos

Surgiram entre os judeus vários tipos de ascetas e eles podem ser divididos asperamente em três classes.

(1) Os Essênios

Estes viveram juntos em colônias, compartilharam todas as coisas em comum e praticaram pobreza voluntária. O mais rígido entre eles também evitou matrimônio. Eles eram indiferentes, Filo diz, semelhante a dinheiro, prazer, e posição mundana. Eles não comeram nenhuma carne animal, não bebeu nenhum vinho, e usado nenhum óleo por ungir. Os objetos de senso eram a eles “profanos,” e satisfazer a apetência natural era “pecado.” Eles não parecem entrar distintamente em visão no Testamento Novo. Veja ESSENES.

(2) Os ascetas de Eremitas

Estes fugiram longe de sociedade humana com suas tentações no deserto, e viveu uma vida de autodisciplina rígida lá. Josefo (Vita, 2) nos dá um exemplo notável desta classe em Banus que “morou no deserto, se vestiu com as folhas de árvores, não comeu nada exceto o produto natural da terra, e tomou banho dia e noite em água fria para a causa de pureza.” João Batista era um ermitão de um tipo completamente diferente. Ele também vivia no deserto, usou um artigo de vestuário áspero do cabelo de camelo e subsistiu com “gafanhotos selvagens e mel.” Mas o asceticismo dele era bastante um incidente do ambiente dele e vocação que um fim em si mesmo (veja “Asceticismo,” DCG). Nos fragmentos dos sermões dele que são preservados nos Evangelhos não há nenhum rastro de qualquer exortação a exercícios ascéticos, entretanto os discípulos de João praticaram jejum (Mc 2:18).

(3) Os ascetas Moderados

Havia muitos judeus piedosos, homens e mulheres que praticaram asceticismo de um tipo menos formal. O asceticismo do Fariseu era de um tipo que naturalmente foi o resultado da concepção legal e cerimonial da religião deles. Expressou principalmente, como vimos nós, em jejum ostentoso e externo. Mas não havia alguns almas humildes, devotas em Israel que, como Ana, a profetisa, servindo a Deus “com jejuns e súplicas e dia e noite” (Lc 2:37), buscando por uma verdadeira autodisciplina para estar próximo até Deus (de At 13:2, At 13:3; At 14:23; I Tm 5:5).

5. Abstinência Vista no Talmude

Para alguns dos rabinos abstinência era redondamente condenada, ou asceticismo em qualquer forma, como um princípio de vida. “Por que o Nazireu tem que trazer um pecado que oferece ao término do termo dele?” (Nm 6:13, Nm 6:14) pergunta de Eliezer ha-Kappar (*Siphra*), no lugar); e dá resposta, “Porque ele pecou contra a própria pessoa dele pelo voto dele de se privar de vinho”; e ele conclui, “Quem sofre jejum ou outras penitências por nenhuma razão especial comete uma injustiça.” “o Homem na vida para vir terá que responder por todo prazer o oferecido isso foi recusado sem causa suficiente” (Rabh, em Yer. Criança., 4). Em Maimônides (*Ha-Yad ha-H azakah, De oth* Jo 3:1) o princípio monástico de abstinência com respeito a matrimônio, comendo carne, ou bebendo vinho, ou com respeito a qualquer outro prazer pessoal ou conforta, está condenado como “ao contrário do espírito de Judaísmo,” e “o meio-modo dourado de moderação” é defendido.

Mas, por outro lado, abstinência é considerada freqüentemente pelos rabinos meritórios e louváveis como uns meios voluntários de autodisciplina. “Eu só participei uma vez de uma refeição de Nazireu,” diz o Simão o Justo, “quando eu reuni uma mocidade bonita do

sul que tinha feito um voto. Quando eu perguntei a razão que ele disse: 'Eu vi o Espírito Mau me procurar como eu vi minha face refletida em água, e eu jurei que estes cachos longos serão cortados e serão oferecidos como um sacrifício para Yahweh; ao que eu o beijei na testa dele e o abençoou, enquanto dizendo, maio há muitos Nazirites gostam de thee no Israel!' (*Nazir*, 4b). "Seja santo" foi

interpretado adequadamente, "abstinência de Exercício para chegar a pureza e santidade" (*Ab. Zarah*, 20b; *Siphra*, *K'dhoshim*). "Se prive de tudo mal e de tudo que é como até isto" é uma regra achada no Talmude (*Hullin*, 44b), como também no Didache (3.1) - uma declaração evidentemente baseado em Jó 31:1, "Se prive das luxúrias da carne e o mundo." As leis Mosaicas relativo a dieta são tudo ditos por Rabh para ser "para a purificação de Israel" (Lev R. 13) - "treinar o judeu em autodisciplina."

6. A Atitude de Jesus para Jejuar

A pergunta para coroar o interesse e significação a nós é, para que atitude levou Jesus a jejuar, ou asceticismo? A resposta será buscada na luz, primeiro da prática dele, e, secundariamente, do ensino dele.

(1) A Prática dele

Jesus foi considerado até mesmo "o Fundador e Exemplo da vida ascética" (Clem. Alex, Strom, III, 6). Por ênfase questionável no jejum dele "quarenta dias", a abstinência dele ao matrimônio e a pobreza voluntária dele, alguns chegaram à conclusão que renúncia completa das coisas do presente era "o modo de perfeição de acordo com o Salvador."

Um estudo mais cheio e mais apreciativo da vida de Jesus e Espírito nos têm que trazer a uma conclusão diferente. Certamente o modo de vida dele é diferenciado nitidamente nos Evangelhos, não só do Fariseu, mas também do de João Batista. Realmente, Ele não exibiu nada do asceticismo desses santos Cristãos ilustres, Bernard e John da Cruz, ou até mesmo de Francis que "de todos os ascéticos quase se aproximados ao espírito do Mestre." Jesus não fugiu do mundo, ou evitou as amenidades da vida social. Ele contribuiu à alegria de um banquete de matrimônio, aceitou a hospitalidade de ricos e pobres, permitiu quebrar um vaso de unguento muito precioso que afluíu os pés dele, deram boas-vindas a sociedade de mulheres, mostrou amor tenro a crianças, e claramente desfrutou a vida doméstica da casa em Betânia. Não há nenhuma evidência que Ele impôs em qualquer severidade desnecessária. Os "quarenta dias" de jejum (não é mencionado em Marcos, a mais velha autoridade, isto é, o evangelho mais velho) não é uma exceção a esta regra, como era bastante uma necessidade imposta pela situação dele no deserto que uma observância ego-imposto de uma lei de jejuar (compare as palavras de Cristo relativo a João Batista: "João veio, enquanto comendo nem bebendo", veja o artigo em "Ascese," DCG). De qualquer modo, Ele não está aqui um exemplo do asceticismo tradicional. Ele se levanta adiante ao longo dos Evangelhos "como o tipo vivo e incorporação de abnegação," contudo não são achadas as marcas do asceticismo nEle. Realmente, o modo dele de vida era tão não-ascético que sobre Ele traga a repreensão de ser "um homem glutão e um bebedor" (Mt 11:19; Lc 7:34).

(2) O Ensino dele

Além de pergunta, do início ao fim, estava "instinto com o espírito de abnegação" "Se qualquer homem vir atrás de mim deixe se negar," é um refrão ocorrendo periodicamente do ensino dele "Busque em primeiro o reino de Deus," já é o imperativo categórico dele (Mt 6:33 a King James Version; Lc 12:31). Isto é a Ele o seguidor - devem ser suprimidos todos os desejos e interesses que não têm isto como a meta deles ou devem ser sacrificados (compare Mt 13:44-46; Mt 19:21; Mc 10:21; Lc 9:59, Lc 9:60; Lc 14:26 com Mt 5:29, Mt 5:30; Mc 9:43-47; Mt 16:24; Mc 8:34; Lc 9:23; e Lc 14:33). Em resumo, se qualquer achado de homem que a satisfação de qualquer desejo do mais alto ou mais baixo mesmo impedirá ou o distrairá no desempenho dos deveres dele como um assunto do Reino, ele tem que anteceder tal satisfação, se ele fosse um discípulo de Cristo. "Se isto serve de causa para tropeçar," sempre é a condição, incluído ou expresso que justifica abstinência de qualquer bem particular.

De acordo com o registro, Jesus aludiu só jejuar duas vezes no ensino dele. Em Mt 6:16-18 onde jejum voluntário é pressuposto como um exercício religioso dos discípulos dele, Ele os adverte contra fazer isto a ocasião de uma parada de devoção: "Tu, porém, quando jejuares, unge a tua cabeça, e lava o teu rosto, para não mostrar aos homens que estás jejuando, mas a teu Pai, que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará." Em resumo, Ele sanciona só jejuando como uma expressão genuína de uma armação devota e arrependida de mente.

Em Mt 9:14-17 (Mc 2:18-22 paralelo; Lc 5:33-39) em resposta para a pergunta dos discípulos de João e dos Fariseus, Jesus recusa ordenar jejum. Ele diz jejum, como um sinal reconhecido de lamentar, seria incompatível com a alegria que "os convidados do noivo" naturalmente sintam enquanto "o noivo está com eles." Mas, ele soma, enquanto sugestionando a verdadeira razão por jejuar, que os dias de perda virão, e então a expressão externa de tristeza será apropriada. Aqui, como no Sermão no Monte, Jesus sanciona jejuando, sem ordenar isto, como uma forma pela qual emoção pode buscar expressão espontaneamente. O ensino dele no assunto pode ser resumido na uma palavra, subordinação (DCG).

À forma dEle jejuar prende pouca importância, como é visto nas parábolas sucessivas do Artigo de vestuário Velho e Novo e Vinho e Odres não fará, Ele diz, enxertar a liberdade nova do evangelho no corpo de observâncias velhas, e, contudo mais, tentar forçar o sistema novo de vida nos moldes antigos. A devoção nova tem que se manifestar em formas novas de sua própria fabricação (Mt 9:16, Mt 9:17; Mc 2:21, Mc 2:22; Lc 5:36, Lc 5:38). Contudo Jesus mostra condolência com os preconceitos dos conservadores que agarram as alfândegas dos pais deles: "E ninguém, tendo bebido o velho, quer o novo; porque diz: O velho é bom." Mas à pergunta, Jesus Era um ascético? Nós não somos aptos para responder.

"Ascese," como Harnack diz, "não tem nenhum lugar no evangelho; que pergunta é que nós deveríamos lutar contra Mamom, ao contrário, contra egoísmo; o que exige é não ter amor - o amor que serve é estar sacrificando o ego, e quem embaraça a mensagem de Jesus com qualquer outro tipo de faltas de asceticismo deve entender isto" (o que é Cristianismo? 88).

7. A Prática e Ensinando dos Apóstolos

Em geral, inquestionavelmente, a prática e ensinamentos dos apóstolos e cristãos cedo estavam em harmonia com o exemplo e ensino do Mestre. Mas uma tendência, em parte inato, transmitiu em parte de legalismo judeu, e em parte o pagão, mostrou para si mesmo entre os sucessores deles e deu origem ao Vita Religiosa e Dualismo que acharam a expressão mais cheia deles em Monasticismo.

É merecedor de nota que as palavras alegadas de Jesus: Esta casta não sai de modo algum, salvo à força de oração [e jejum.] (Mc 9:29; Mt 17:21 a King James Version), é corrupções do texto. (Compare livro apócrifo Tobias 12:8; Siraque 34:26; Lc 2:37). O Oxyrhynchus fragmenta (disco. 1897) contém um *logion* com o de palavras *legei lesous, ean me nesteuete ton kosmon, ou me heurete ten basileian tou*

theou. “Jesus, Salvo em jejuam para o mundo, e devem em nenhum achado sábio o Reino de Deus,” mas o “jejuando” aqui é claramente metafórico.

Literatura

Bingham, Antiguidades, W. Bright, Alguns Aspectos de Vida de Igreja Primitiva (1898), J. O. Hannay, O Espírito e Origem de Monasticismo Cristão (1902), e A Sabedoria do Deserto (1904); Thomas à Kempis, Imitação de Cristo, Migne, Dictionnaire d' Ascétisme, e Enciclopédia Theol., XLV, XLVI, 45, 46.; Enciclopédia judia, e Dicionários de Bíblia no lugar.

Abubus

a-bu'bus (Αβουβος, Aboubos): O pai de Ptolomeu que desidiu mataram Simão Macabeu e os filhos dele a Dok perto de Jericó (livro apócrifo 1 Mac 16:11, 15).

Abundância; Abundante

a-bun'dans, a-bun'dant. Veja ABUNDE.

Abuso

a-buz': “desonrar,” “fazer de falso,” “insultar,” etc. (1) Traduziu no Testamento Velho de **alal**, “prejudicar,” “sujar” (Jz 19:25), “fazer de falso” (I Sm 31:4). (2) Traduziu no Testamento Novo de **arsenokaites**, literalmente, “um que mente com um macho,” “um sodomita” (I Co 6:9; I Tm 1:10; a King James Version “para eles isso se suja com gênero humano”). (3) Na King James Versão I Co 7:31 “como não abusando isto,” de **katachraomai**, “abusar,” i.e. abuse; a Versão Revisada (britânico e americano) “usando isto para cheio,” também I Co 9:18. Veja USO.

Abismo, O

a-bis' (η αβυσσος, he abussos): Em grego clássico a palavra é sempre um adjetivo, e é usado (1) literalmente, “muito fundo,” “sem fundo”; (2) figurativo, “insondável,” “ilimitado.” “Abismo” não acontece na King James Version mas a Versão Revisada (britânico e americano) assim translitera **αβυσσος, abussos** em cada caso. A King James Version faz o grego por “o fundo” em duas passagens (Lc 8:31; Rm 10:7). Em Apocalipse a King James Version faz por “a cova sem fundo” (Ap 9:1,2,11; Ap 11:7; Ap 17:8; Ap 20:1, Ap 20:3). Na Septuaginta **abussos** está à retribuição da palavra hebraica **sheol**, **sheol** era suposto que a terra descansava em um corpo vasto de água que a fonte de todas as fontes era de água e rios de acordo com a primitiva cosmologia Semítica (Gn 1:2; Dt 8:7; Sl 24:2; Sl 136:6). Este oceano subterrâneo às vezes é descrito como “a água debaixo da terra” (Ex 20:4; Dt 5:8). De acordo com Jó 41:32 **sheol** a casa do leviatã está em o qual ele ara o caminho grisalho dele de espuma. A Septuaginta nunca usa **abussos** como uma retribuição de **sheol** (Sheol= Hades) e provavelmente **sheol** nunca significaram o “domicílio do morto” o qual estava significando o usual de Sheol. Em Sl 71:20 **sheol** está no figurativo, e denota “muitas e doloridas dificuldades” por qual o salmista passou (compare Jn 2:5). Mas no Testamento Novo a palavra **abussos** significa o “domicílio de demônios.” Em Lc 8:31 a King James Version faz “no fundo” (Weymouth em, *The Twentieth Century New Testament* = “na cova sem fundo”). Os demônios não desejam ser enviados para o lugar deles de castigo antes do tempo destinado deles. Simplesmente Marcos diz “fora do país” (Mc 5:10). Em Rm 10:7 a palavra é equivalente a Inferno, o domicílio do morto. Em Apocalipse (onde a King James Version invariavelmente faz “a cova sem fundo”) **abussos** denota o domicílio de espíritos maus, mas não o lugar de castigo final; será distinguido então do “lago de fogo e enxofre” aonde a besta e o falso profeta vão, e em qual o Diabo será lançado finalmente (Ap 19:20; Ap 20:10). Veja também ASTRONOMIA, III, 7.

Abissínia

ab-i-sin'i-a. Veja a ETIÓPIA.

Acácia

a-ka'sha (shittah, “shittah” aparece na King James Version, Is 41:19, e **ace-shittah**, madeira de acácia; madeira de shittah a King James Version, Ex 25:5, Ex 25:10, Ex 25:13; Ex 26:15, Ex 26:26; Ex 27:1, Ex 27:6; Dt 10:3.): **Shittah (= shintah)** é equivalente ao arábico **sant** que é agora o nome da Acácia Nilotica (NO, Leguminosae), mas nenhuma dúvida o nome incluiu outras espécies de acácias do deserto uma vez. São indicadas umas espécies particulares no Testamento Velho que provavelmente é a Acácia Seyal arábico **Seyyal** - qual rendimento a famosa goma-arábica. Esta árvore que floresce tem folhas de **ular**, finalmente, cresce a uma altura de vinte pés ou mais, e seu talo às vezes pode alcançar dois pés em densidades. A árvore assume freqüentemente a forma característica igual de um guarda-chuva. A madeira é íntimo-granulada e não é atacada prontamente por insetos. Seria vestido bem para tal pretende como descrito, a construção da arca da convenção, o altar e subindo a bordo do tabernáculo. Até mesmo hoje estas árvores sobrevivem ao redor em números consideráveis **Ain Jidy** e nos vales para o sul.

Acatan

ak'a-tan. Veja AKATAN (Apócrifo)

Accaba

ak'a-ba, ak-a'ba (B A, Akkaba ; A, Gaba, a King James Version Agaba) = Hagabe (Ed 2:46); também veja HAGABA (Ne 7:48): Os

descendentes de Accaba (os criados do templo) que voltaram com Zorobabel a Jerusalém (livro apócrifo 1 Esdras 5:30).

Acade; Acadianos

ak'ad, ak-a'di-ans. Gn 10:10. Veja a BABILÔNIA.

Accaron - apócrifo

ak'a-ron (**Ακκαρων, Akkaron**): Mencionada no livro apócrifo 1 Mac 10:89 a King James Version; uma cidade dos Filisteus, conhecido como Ecom , **_ekron** em Testamento Velho que o Rei Alexander deu a Jonatas Macabeu como uma recompensa para serviço de exército próspero na Palestina ocidental. Também é mencionado pelos dias das Cruzadas. Veja EKRON.

Aceite; Aceitável; Aceitação

ak-sept', ak-sep'ta-b'l, ak-sep-ta'shun: “receber com favor,” “levar prazer dentro,” “agradável”; “o ato de receber.”

Aceite, usado (1) de sacrifício, “aceite queimar-sacrifício” (, **dashen**, “aceite como gordo,” i.e. receba favoravelmente; Sl 20:3); (2) de pessoas, “Yahweh aceita trabalho” (Jó 42:9 , **nasa**, “erguer para cima,” “leve,” “receba”); (3) de trabalhos, “o trabalho das mãos” (Dt 33:11 , **racah**, “se encantar dentro”). Em Testamento Novo (1) de favores, “Nós aceitamos... com toda a gratidão” **α** , **apode chomai**, At 24:3); (2) de atração pessoal, “Ele aceita nossa exortação” (II Co 8:17); (3) da Imparcialidade de Deus , **lambano**, “levar,” “receba”; “aceitação não a pessoa do homem” (Gl 2:6).

Aceitável, usado (1) de justiça (, **bahar**, “escolha selecione”), “mais aceitam... que sacrifício” (Pv 21:3); (2) de palavras (, **hephec**, “em delícia,” “buscou... aceite palavras” (Ec 12:10); (3) de tempos (, **racon**, “delícia,” “aprovação”; , **dektos**, “recebível”) “ano aceitável de Senhor” (Is 61:2 (a King James Version); Lc 4:19); (4) de sacrifício espiritual (, **euprosdektos**, “bem recebeu”), “aceitável a Deus” (I Pe 2:5); (5) de resistência paciente (, **charis**, “graça,” “favor”) “Isto é aceitável com Deus” (I Pe 2:20).

Aceitação, usada para indicar a probidade do evangelho de Cristo duas vezes está economizando graça: “merecedor de toda a aceitação.” (I Tm 1:15; I Tm 4:9).

Estas palavras estão cheias da graça abundante de Deus e são ricas em conforto para os crentes. Que faz o homem, em palavra, trabalho e caráter, aceitável a Deus; e faz Isto possível para Deus o aceitar, o serviço e sacrifício dele, são a abundância da Divina clemência e graça e perdão. Ele “nos escolheu” e nos, adotou como filhos, fez os herdeiros da graça dele “o qual ele deu livremente em nós dentro do Amado” (Ef 1:6; compare a King James Version).

Aceitação

ak-sep'tans: Uma retribuição do hebraico , **racon**, “delícia,” acha-se em Is 60:7. Pinta a delícia de Deus nas pessoas resgatadas dele quando presente na era Messiânica, em abundância jovial e profusa, “proporá aceitação altar de mina aceso.” Com “aceitou” e outras palavras de família insinua graça redentora como a base do Divino favor. É o “sacrifício vivo, santo” isso é “aceitável a Deus” (Rm 12:1; compare Tt 3:4-6).

Acesso

ak'ses (, **prosagoge** “um conduzindo ou para,” “aproximação”): Muito usou no Testamento Novo para indicar o modo aceitável de aproximação a Deus e de admissão para o favor dele. Jesus disse, “eu sou o caminho” (Jo 14:6). O sangue dele é o “caminho novo e vivo” (Hb 10:20). Só por Ele nós temos “acesso por fé nesta graça em que nós estamos de pé” (Rm 5:2); “Por ele nós ambos têm acesso por um Espírito até o Pai” (Ef 2:18 a King James Version); “em quem temos nós... acesso em confiança, por nossa fé nele” (Ef 3:12). A meta da redenção é a vida em Deus, “até o Pai.” Os meios de redenção são a cruz de Cristo, “em quem nós temos nossa redenção pelo sangue dele” (Ef 1:7). O agente da redenção é o Espírito Santo, “por um Espírito,” “celado com o Espírito Santo da promessa” (Ef 1:13). O instrumento humano, fé. O processo para inteira aproximação, e companheirismo permanente com, Deus é resumido neste Acesso de oração breve para o Pai, por Cristo, pelo Espírito, por fé.

Aco

ak'o (, **_akko**, **Ακχω**, **_Akcho**, **A** , **Ake Ptolemais**; árabe Moderna Akka, Acre em inglês; a King James Version Accho): Uma cidade na costa síria algumas milhas ao norte do Carmelo, em um promontório pequeno no lado norte de uma baía larga que fica entre esta e a cidade moderna de Haifa. Esta baía fornece o melhor ancoradouro para navios de qualquer nesta costa, a não ser que de George, a Beirût, e Alexandria ao norte extremo. Como a situação comandou a aproximação do mar para o planalto rico de Esdrelon e também a rota da costa do norte, a cidade foi considerada antigamente de grande importância e a vários períodos de história a cena de lutas severas era para sua posse. Caiu dentro dos saltos nomeados aos Israelitas, particularmente para a tribo de Aser, mas eles nunca puderam levar isto (Js 19:24-31; Jz 1:31). Era, como Tiro e Sidom, muito forte para eles atacar e se tornou uma fortaleza de força incomum realmente, de forma que isto muitos um assédio, confundindo freqüentemente seus assaltantes. No período das Cruzadas era o lugar seguro mais famoso na costa, e em tempos muito cedo era um lugar de importância e se aparece dentro o *Tell el-Amarna Letters* como uma posse dos reis egípcios. Seu governador escreveu ao governo professando lealdade dele quando as cidades do norte estavam caindo fora (É Aba 17 BM, 95 B). O governo egípcio em cima da costa que era estabelecido por Tot-mes III aproximadamente 1480 a.C. estava aparentemente perdido no 14º século, como é indicado dentro *Tell el-Amarna Letters*, mas foi recuperado debaixo de Seti I e o filho mais famoso dele Rameses II nos 13º, ser perdido novamente nos 12º quando as cidades fenícias parecem ter estabelecido a independência delas. Sidom ultrapassou as irmãs dela, porém em poder e exercitou um tipo de hegemonia em cima das cidades fenícias,

pelo menos no sul, e Aco foi incluído nisto (Rawl. Phoenica, 407-8). Mas quando a Assíria descobriu a cena que teve que submeter a este poder, embora se revoltasse sempre que a Assíria ficou fraca, como se aparece da menção de sua subjugação por Senaqueribe (ib 449), e por Assurbanipal (ib 458). O posterior “aquietou” isto por atacado um massacre e então levaram em cativeiro os habitantes restantes. Na queda da Assíria passou, junto com outras cidades fenícias, debaixo do domínio de Babilônia e então a Pérsia, mas nós não temos nenhum registro de seus anais durante aquele período; mas seguiu as fortunas das cidades mais importantes, Tiro e Sidom. No período de Selúcida (312-65 a.C) a cidade restou importância nas competições entre os Selúcidas e o Ptolomeu. O posterior ocupou isto durante as lutas que sucederam a morte de Alexandre Magno e fizeram Aco o lugar seguro deles na costa e mudaram o nome a Ptolemaida pelo qual era conhecido no período grego e romano como nós vemos nas contas dos escritores gregos e romanos e em Josefo, como também em Testamento Novo (livro apócrifo 1 Mac 5:22; 10:39; 12:48; At 21:7). O nome velho ainda continuou localmente e se reafirmou em tempos posteriores. O Ptolomeu segurou posse indisputada do lugar durante aproximadamente 70 anos, mas foi arrancado deles por Antioco III, da Síria, em 219 a.C. e perseguiu na posse permanente dos Selúcidas a vitória decisiva de Antioco em cima de Scopas por aquele ano, o resultado de qual era a expulsão dos Ptolomeus da Síria, Palestina e Fenícia (Antiguidade, XII, iii, 3). Nas lutas dinásticas dos Selúcidas entrou nas mãos de Alexandre Bala que lá recebeu a mão de Cleópatra a filha de Ptolomeu Filopater, como um penhor de aliança entre eles (ib XIII de, iv, 1). Tigranes, rei de Armênia, sitiou isto na invasão dele de Síria, mas foi obrigado renunciar isto na aproximação dos romanos para os próprios domínios dele (BJ, I, v, 3). Debaixo dos romanos Ptolemaida se tornou uma colônia e uma metrópole, como é conhecido de moedas, e era de importância, como é atestado por Strabo. Mas os eventos que seguiram as conquistas dos Sarracenos, enquanto conduzindo às Cruzadas, trouxe isto em grande proeminência. Foi capturado pelos Cruzados em 1110 a.D, e permaneceu nas mãos deles até as 1187, quando foi levado deles por Saladino e sua fortificação assim fortaleceu sobre quase incontestável. A importância desta fortaleza como uma chave para a Terra santa foi considerada tão grande pelos Cruzados que eles avançaram com todo esforço durante dois anos recapturarem, mas tudo em vão até a chegada de Ricardo Coração de Leão e Filipe Augustus com reforços, e só buscou os esforços mais estrênuos na parte deles que o lugar entrou nas mãos deles, mas os valeu 100, 000 homens. As fortificações foram consertadas e foi cometido posteriormente ao custo dos cavaleiros de João, por quem foi segurado durante 100 anos e recebeu o nome de São João d'Acre. Foi levado finalmente pelos Sarracenos em 1291, enquanto sendo o último lugar segurado pelos Cruzados na Palestina

Recusou depois disto e entrou nas mãos dos otomanos debaixo de Selim I em 1516, e permaneceu principalmente em ruínas até o 18º século, quando entrou na posse de Jezzar Pasha que usurpou a autoridade em cima disto e o distrito vizinho e ficou praticamente independente do Sultão e desafiou a autoridade dele. Em 1799 foi atacado por Napoleão Bonaparte, mas era corajosamente e prosperamente defendido pelos Turcos com ajuda da frota inglesa, e Napoleão teve que abandonar o assédio depois que ele tivesse passado dois meses antes disto e tinha ganhado uma vitória em cima do exército turco a Tabor. Desfrutou um grau considerável de prosperidade depois disto até as 1831 quando foi sitiado por Ibrahim Pasha, do Egito, e foi levado, mas só depois de um assédio de mais de cinco meses no qual sofreu a destruição de suas paredes e muitos de seus edifícios. Continuou nas mãos dos egípcios até as 1840 quando foi restabelecido aos otomanos pelo inglês cuja frota reduziu isto quase a ruínas no bombardeio. Recuperou um pouco desde então e foi agora uma cidade de uns 10, 000 habitantes e o assento de um Mutasarrifiyet, ou subdivisão do Vilayet de Beirût. Contém um das prisões estatais do Vilayet onde são encarcerados os prisioneiros a longo prazo. Seu comércio anterior quase foi perdido completamente à cidade de Haifa, no lado sul da baía, desde o posterior tem um ancoradouro bastante bom, enquanto Acre não tem nenhum, e o sendo anterior o término da estrada de ferro que conecta com o interior e a Damasco-Meca enfileira, suplantou Acre naturalmente como um centro de comércio.

Acomodação

a-kom-mo-da'shun:

I. Introdução

1. Três Usos do Termo

2. A Importância do Assunto

II. Aplicação acomodada de Passagens da Bíblia

1. Interpretação uma Ciência

2. Acomodação científica

III. Referência dobrada na Bíblia

1. Alegoria na Bíblia

2. Verdades escondidas de Bíblia

3. Profecia e seu Cumprimento

4. Conclusão

IV. Acomodação em Revelação

1. Princípios gerais

2. Acomodação uma Característica de Revelação Progressiva

3. Os Limites de Revelação

4. O Resultado de Revelação

5. A Pergunta sobre o Método de Cristo

Literatura

I. Introdução

1. Três Usos do Termo

O termo “acomodação” é usado em três sentidos que exigem discriminação cuidadosa e são merecedores de tratamento separado: **(1)** o uso ou aplicação de uma referência da Bíblia de certo modo diferente de o óbvio e literal que se deita na mente e intenção do escritor; **(2)** teoria que uma passagem, de acordo com sua intenção original, pode ter mais de um significado ou aplicação; **(3)** o princípio geral de adaptação por parte de Deus no ego revelação dele para a capacidade mental e espiritual do homem.

2. A Importância do Assunto

Assuntos importantes são assim naturalmente envolvidos na discussão deste assunto em cada das três divisões apresentadas a nós nos vários usos do termo. Estes assuntos culminam nos princípios supremamente importantes que estão por baixo de a pergunta da adaptação de Deus da revelação dele aos homens.

II. Aplicação acomodada de Passagens de Bíblia

1. Interpretação uma Ciência

É óbvio que a natureza de pensamento e de idioma é como constituir para todas as escritas humanas entre qual a Bíblia, como um documento ser entendido, deve ser colocada, uma ciência de interpretação com um corpo definido de leis que não podem ser violadas ou pode ser fixada a parte sem confusão e erro. Isto exclui a exegese indeterminada e arbitrária de qualquer passagem que deve ser interpretado com precisão e conforme leis reconhecidas de interpretação. A primeira e a maioria fundamental destas leis é que uma passagem será interpretada conforme a intenção do escritor na medida em que isso pode ser averiguado. O significado óbvio, literal e original sempre tem o preferencial. Torcendo todo arbitrário de uma passagem para obter disto significados novos e remotos não justificados pelo contexto científico são enganados.

2. Acomodação científica

Porém, há um uso científico e legítimo do princípio de acomodação. Por exemplo, é impossível determinar anteriormente que a aplicação específica de um escritor e de um princípio geral seja o único de que é capaz. Uma declaração calva e literal de fatos pode envolver um princípio geral que é capaz de aplicação larga e efetiva em outras esferas que originalmente contemplou. É perfeitamente legítimo separar a declaração de um escritor de seu contexto de detalhe secundário e incidental e dar isto uma colocação harmoniosa de aplicação mais larga. Será visto disto que acomodação legítima envolve duas coisas: **(1)** a aceitação do significado primário e literal do autor; **(2)** a extensão daquele significado pelo estabelecimento de um contexto mais largo idêntico em princípio com o original. No artigo em COTAÇÕES, TESTAMENTO NOVO (que vêem) este uso do termo acomodação, aqui tratou nas condições gerais, é negociado com mais detalhes. Também veja INTERPRETAÇÃO.

III. Referência dobrada na Bíblia

O segundo uso do termo acomodação emerge agora para discussão. É para deduzir a presença de referência dobrada, ou significados secundários na Bíblia? Aqui novamente nós temos que distinguir entre a aplicação legítima e ilegítima de um princípio. Enquanto nós implorarmos a tendência para olhar em passagens da Bíblia como expressões vocais secretas sabiamente, nós também temos que reconhecer aquelas muitas referências da Bíblia que podem ter uma única aplicação.

1. Alegoria em Bíblia

Nós temos que reconhecer na Bíblia o uso de alegoria, a qualidade estranha da qual, como uma forma de literatura, é a referência dobrada que contém. Interpretar a história do Espinheiro rei (Jz 9:7-15) ou as Parábolas de nosso Deus sem referência para os significados dobrados que eles envolvem seria tão falso e arbitrário quanto qualquer extremo de tornar alegórico. O significado dobrado é da essência da expressão literária. Isto não significa, claro que, que a poesia da Bíblia, até mesmo o dos Profetas e escritores Apocalípticos, será olhada em como alegórico. Pelo contrário, só aquela escritura, se prosa ou poesia, será interpretado em qualquer diferente de seu senso natural e óbvio com relação aos quais nós temos indicações definidas de seu caráter alegórico. Figuras de linguagem e expressões poéticas em geral, entretanto não pretendeu ser levado literalmente porque eles pertencem à forma poética, não será levado como tendo referências ocultas e significados alegóricos. Dr. A. B. Davidson caracteriza o estilo profético assim (Profecia de Testamento Velha, 171; veja capítulo inteiro): "A Profecia é poética, mas não é alegórica. O idioma da profecia é real tão alegórica, e poética quanta realidade. Quando os profetas falam de objetos naturais ou de mais baixas criaturas, eles não querem dizer coisas humanas por eles, ou seres humanos, mas estes objetos naturais ou criaturas. Quando Joel falou de gafanhotos, ele quis dizer essas criaturas. Quando ele falou do sol e lua e estrelas, ele quis dizer esses corpos." Alegoria, então que contém a referência dobrada no senso de falar de uma coisa enquanto significando outra, é uma forma literária definida e reconhecível com suas próprias leis de interpretação. Veja ALEGORIA.

2. Verdades escondidas de Bíblia

Há progresso na compreensão da Bíblia. Estão sendo trazidos alcances novos de verdade continuamente para iluminar. Por legítima e métodos naturais que estão sendo descobertos significados escondidos continuamente.

(1) é um fato bem-atestado que aparte de qualquer fator sobrenatural fala às vezes um escritor mais sabiamente que ele sabe. Ele é o agente parcialmente inconsciente para a expressão de uma grande verdade, não só para a própria idade dele, mas durante todo o tempo. Não é dado freqüentemente a tal um realmente grande escritor ou para a idade dele reconhecer todas as implicações do pensamento dele. Profundidades de significar escondido ambos do escritor original e de intérpretes mais cedo por ser descoberto movendo luzes laterais históricas. O elemento de valor permanente em grande literatura está devido ao fato que o escritor profere uma maior verdade que enlate exaustivamente seja conhecido em qualquer era. Pertence a todo o tempo.

(2) o fator sobrenatural que foi para a fabricação da Bíblia assegura que ninguém, homem ou grupo de homens que não todos os homens junto, podem conhecer isto exaustivamente. Participa do exaustivo de Deus. Então, é certo que manterá passo com o progresso geral do homem, enquanto exibindo fases novas de significar como remove o fluxo da história. Aparato de exegética melhorado e métodos, apreensões aumentadas em alargar vistas de pensamento e conhecimento, perspicácia aumentada debaixo da tutela do Espírito no Reino crescente de Deus, conspirará para tirar para cima significados novos das profundidades da Bíblia. O pensamento de Deus em qualquer determinada expressão de verdade só pode ser progressivamente e aproximadamente conhecido por seres humanos que comecem em ignorância devem ser ensinados o que eles sabem.

(3) o fator sobrenatural em revelação também insinua um pensamento dobrado em toda declaração importante ou fundamental da Bíblia: o pensamento de Deus proferiu pelo Espírito dele um homem ou a geração dele, e aquele mesmo pensamento com referência para as idades próximas e para a verdade inteira que será descoberta. Todo artigo separado que pertence a um organismo de verdade teria uma referência dobrada naturalmente: primeiro, sua significação só e de si mesmo; segundo, sua significação com referência para o todo do qual é uma parte. Como todas grandes verdades Bíblicas são relacionadas assim organicamente, segue que ninguém deles pode ser conhecido completamente aparte de todos os outros. De qual também segue que em um processo de revelação gradual onde verdades são sucessivamente determinadas como homens podem receber e onde cada verdade sucessiva prepara o modo para outros que são seguir, toda declaração mais cedo terá duas gamas de significado e aplicação - que é intrínseco e que quais fluxos de sua

conexão com o organismo inteiro de desdobrar verdade que finalmente se aparece.

3. Profecia e Seu Cumprimento

(1) os princípios expressaram assim longe nos leve a certo modo para uma resposta para a pergunta mais importante que surge debaixo desta divisão do tópico geral: a relação entre o Testamento Velho e o Testamento Novo por profecia e seu cumprimento. Quatro pontos específicos de conexão que envolve os princípios de antecipação profética e realização histórica na carreira de Jesus são alegados por escritores do Testamento Novo. Elas são de importância total, já que estes quatro grupos de interpretações envolvem os elementos mais importantes do Testamento Velho e praticamente a interpretação do Testamento Novo inteira de Jesus.

(2) (a) A promessa feita a Abraão (Gn 12:1-3; compare Gn 13:14-18; Gn 15:1-6, etc.) e repetido em substância a intervalos durante a história de Israel (veja Ex 6:7; Lv 26:12; Dt 26:17-19; Dt 29:12, Dt 29:13; II Sm 7; I Cr 17, etc.) é interpretado como tendo referência ao futuro distante e como cumprido em Cristo (veja Gálatas 3 por exemplo desta interpretação, especialmente Gl 3:14; veja também COTAÇÕES, TESTAMENTO NOVO).

(b) O sistema do Testamento Velho de sacrifícios olhou em como típico e simbólico, conseqüentemente, preditivo e percebeu na morte de Cristo interpretada como compensação para pecado (Hb 10, etc.).

(c) são interpretadas Referências no Testamento Velho para reis ou um rei da linha de Davi de cuja são falados advento e reinado como predições definidas cumpridas no advento e carreira de Jesus o Messias (Sl 2:1-12; Sl 16:1-11; 22; Sl 110:1-7; compare Lc 1:69, etc.).

(d) A concepção profética do servo de Yahweh (Is 42:1; Is 44:1; 52:13 por 53:12; compare At 8:32-35) é interpretado como sendo uma descrição de antecipação do caráter e trabalho de Jesus que centra na morte vicária dele pelo pecado.

(3) com os detalhes de interpretação como envolvido no uso específico de Velhas declarações de Testamento nós não estamos preocupados aqui (veja "COTAÇÕES," etc.) Mas só com os princípios gerais que estão por baixo de todos os tais usos do Testamento Velho. O problema é: Nós podemos interpretar qualquer passagem ou grupo de passagens assim no Testamento Velho sem ser culpado do que foi chamado "super-naturalismo pendente"; quer dizer, de torcer a Bíblia interpretando isto sem levar em conta suas conexões históricas naturais? A interpretação do Testamento Velho é Messiânica legítima ou acomodação ilegítima?

(a) é um cânon amplamente aceito de interpretação moderna que as instituições de adoração do Testamento Velho e as várias mensagens dos profetas tiveram uma significação contemporânea intrínseca.

(b) Mas este é não dizer que seu significado e valor são exaustos naquela aplicação contemporânea imediata. Além de pergunta o profeta era um homem com uma mensagem para próprio período dele, mas não há nada incompatível, naquele fato, com o ter uma mensagem dele, a significação completa de qual alcança além do próprio período, até mesmo no futuro distante. Serviria para clarear o ar nesta região inteira se só fosse compreendido que está precisamente em seu aperto do futuro que a influência de uma grande mensagem para restos de exaltação morais imediatos. O elemento de preditivo é uma parte vital do valor contemporâneo.

(c) O material dado debaixo da análise precedendo pode ser negociado como um todo com em base de um princípio fundamental para a Velha economia de Testamento inteira, isto é: que cada período sucessivo na história de Israel é negociado com em base de verdade comum ao movimento inteiro do qual a história de Israel é mais uma única fase. Disto se lembrará mais adiante que relação entre as partes mais cedo e posteriores da Bíblia é uma unidade orgânica e essencial, doutrinal e histórico. Em virtude deste fato o elemento preditivo é originalmente um fator essencial nas doutrinas e instituições da dispensação mais cedo como constituiu e entregou, enquanto formando uma parte de sua significação contemporânea conseqüentemente e avalia, enquanto apontando ao futuro e preparando o modo para isto. De certa forma, o elemento de cumprimento é um elemento essencial da dispensação posterior como o resultado completado do movimento começado idades longas antes. Predição e cumprimento são fatores essenciais em qualquer unificou movimento começado, avançado e completou de acordo com um único plano em períodos sucessivos de tempo. Nós temos agora que aplicar em geral já este princípio ao material do Testamento Velho em mão chegar a conclusões definidas e satisfatórias.

(4) (a) A promessa feita a Abraão era uma mensagem viva se dirigida diretamente a ele nas circunstâncias imediatas da vida dele na qual a entrega e aceitação da promessa fizeram uma impressão permanente; mas era de proporções mais vastas que poderia ser percebido dentro da bússola de uma única vida humana; para isto ele, a posteridade dele, e todo o gênero humano incluíram em um único círculo de bênção prometida. Tão longe como o patriarca estava preocupado o valor imediato, contemporâneo da posição da promessa no fato que não o interessou só em relação para o futuro e para o gênero humano. Uma predição era assim escravo no mesmo coração da palavra de Deus que era o objeto da fé dele - uma predição que serviu incluir a vida dele no plano de Deus para todo o gênero humano e firmar a ambição dele ao serviço daquele plano. A promessa era preditiva em sua essência e em seu significado contemporâneo (veja Beecher, Profetas e Promessa, 213).

(b) Tão também está com o Rei Messiânico. O Reino como uma instituição no Israel é descrito desde o princípio como o mediar perpétuo reino de Deus em terra (veja Ex 19:3-6; II Sm 7:8-16, etc.), e o Rei em quem os centros do Reino são o Filho de Deus (II Sm 7:13, II Sm 7:15) e o representante terrestre. Em tudo isso há muito que é imediatamente contemporâneo. São descritas o Reino e a Realeza em termos do ideal e aquele ideal é usado em toda período como o chão de atração imediata para lealdade e devoção por parte do Rei. Nenhum menos que o elemento preditivo mente ao centro da representação. Os muitos primeiros registraram expressão da promessa Messiânica para Davi envolve a predição de perpetuidade incondicional para a casa dele, e assim apertos o futuro inteiro. Mais que isto, as características, as funções, são descritas as dignidades do rei assim (Sl 102; Is 9:6, Is 9:7) sobre faz isto clarear que as condições da Realeza só pudessem ser conhecidas por um exclusivamente a pessoa dotada vindo adiante de Deus e exercitando funções divinas em um império espiritual mundial. Tal Rei que é descrito e tal Reino que é prometido, foram fixados os recipientes disto, de necessidade, julgar o presente e examinar o futuro para sua realização. A concepção, em seu significado original e expressão, essencialmente preditivo.

(c) Muito próximo se aliado com esta concepção do Rei Messiânico está o ideal profético do Servo de Yahweh. Olhou a em seu contexto original que nós descobrimos imediatamente que é a delineação ideal de um serviço de mediar a homens no interesse de Yahweh - que tem certo significado de cumprimento em qualquer pessoa que exhibe o Divino caráter ensinando a verdade e auxiliando a necessidade de humano (para aplicação do termo veja Is 49:5, Is 49:6, Is 49:7; Is 50:10; especialmente Is 45:1). Mas o serviço é descrito em tais condições exaltadas, a devoção extorquida por isto é tão alta, que, na aplicação do ideal como um teste para o presente e para a nação a grande, a mente é lançada inevitavelmente no futuro e centrou em um supremamente dotado individual, que está por preeminência o Servo de Yahweh.

(d) O mesmo princípio pode ser aplicado com efetividade igual ao assunto do sistema sacrificial de Israel. Nos últimos dois exemplos emergiu este fato: Nenhuma verdade e nenhuma instituição enlatam que seja conhecido até que correu um curso na história. Por exemplo, só poderiam ser conhecidas as idéias encarnadas na Realeza Messiânica e a concepção do Servo de Yahweh na luz da história. Só devido às lutas atuais e fracassos de reis sucessivos e gerações sucessivas das pessoas para perceber tais ideais podendo a significação completa deles seja descoberto. Além disso, só por processo histórico de preparação pôde tais ideais no final das contas seja percebido. Isto é pré-eminente retificam dos sacrifícios do Testamento Velho. Está claro que a concepção de Testamento Novo da significação de sacrifício do Testamento Velho com relação à morte de Cristo é baseada na convicção que a idéia encarnou na instituição original só poderia ser cumprido no sacrifício voluntário de Cristo (veja Hb 10:1-14). Esta visão está justificada pelos fatos. Dr. Davidson (op. cit., 239) cabos que o elemento de preditivo no Testamento Velho sacrifica se deitam na imperfeição deles. Esta imperfeição, enquanto inerente, só poderia ser revelado em experiência. Como eles afundaram um senso de necessidade que eles não puderam satisfazer gradualmente, cada vez mais claramente eles apontaram longe deles àquela transação que só poderia perceber o que eles expressam em símbolo na realidade. Uma harmonia como obteve entre sacrifício de Testamento Velho e a morte de Cristo poderia ser só o resultado de desígnio. É todo o um movimento, uma operação fundamental; historicamente prefigurado e preparou para através de antecipação, e historicamente percebeu. Sacrifício de Testamento velho foi instituído prefigurar e preparar o modo para o sacrifício de Cristo no mesmo processo de cumprir sua função histórica natural na economia de Israel.

4. Conclusão

O resultado total da discussão é isto: a interpretação destas idéias de Testamento Velhas representativas e instituições como se referir a Cristo e se antecipar o advento dele são nenhum uso ilegítimo do princípio de acomodação. A referência futura que leva no processo histórico inteiro que culmina em Cristo mentiras dentro da aplicação imediata e original e constitui um elemento essencial de seu valor contemporâneo. A declaração original está em seu mesmo preditivo da natureza e é a pessoa em princípio doutrinal e continuidade histórica com isso que formas seu cumprimento.

IV. Acomodação em Revelação

1. Princípios gerais

(1) é evidente que a revelação de Deus para homens deve ser carregada em condições compreensíveis e deve ser ajustada à natureza da compreensão humana. Isso não é claramente uma revelação que não revela. Uma revelação do caráter e modos de Deus para homens revolve o uso e controla o espírito humano conforme sua constituição e leis. A doutrina de inspiração inseparável do de revelação tal um controle divino de faculdades humanas insinua sobre os habilite, enquanto trabalhando livremente ainda dentro da própria esfera normal deles, temer e interpretar verdade caso contrário além do alcance deles.

(2) a Bíblia ensina isso na altura e profundidade do ser de Deus. A mente dele e a mente humana são quantitativamente incomensuráveis. Homem não pode procurar e ser achado fora Deus. Os modos dele não são nossos modos e os pensamentos dele não são nossos pensamentos.

(3) mas, por outro lado, a Bíblia afirma com ênfase igual o parentesco qualitativo essencial do divino e as constituições humanas Deus é espírito - o homem também é espírito. O homem é feito na imagem de Deus e fez conhecer Deus. Estes dois princípios afirmam a necessidade e a possibilidade de revelação junto. Revelação, considerada como uma ordem excepcional de experiência devido a acasos fortuitos executados com o propósito de se fazer conhecido em relação pessoal com homem, é necessário porque a natureza finita do homem precisa de orientação. Revelação é possível porque o homem é capaz de tal orientação. A Bíblia afirma os pensamentos daquele Deus não são nossos pensamentos, mas que eles podem se tornar nossos porque Deus pode os proferir de forma que nós podemos receber.

(4) estes dois princípios conduzem a uma conclusão mais importante. Em todas as discussões do princípio de acomodação se lembrará disto que a capacidade da mente humana para construir não mede sua capacidade para receber e destinar. A mente humana pode ser ensinada o que não pode descobrir independentemente. Nenhum professor está limitado pela capacidade dos alunos dele para lidar desamparadamente com um assunto de estudo. Ele só está limitado pela capacidade dele para segui-lo nos processos dele de pensamento e exposição. O fator determinando em revelação que é um verdadeiro processo educativo, é a mente de Deus que se estampa na família e mente do homem.

2. Acomodação uma Característica de Revelação Progressiva

(1) os começos de revelação. Considerando que a experiência de homem é condicionada organicamente que ele está debaixo da lei de crescimento. A vida mental e espiritual inteira dele é relacionada à parte dele e divide no reino de organismos. As mesmas leis da mente dele só se revelam em ocasião em experiência. Enquanto é verdade que as tendências dele são inatas, de forma que ele é compelido pensar e sentir de certos modos definidos, contudo é verdade que ele nem pode pensar nem pode sentir nada exclua como material de presentes de experiência para pensamento e aplica estímulo a sentir o Homem deva dar adeus para aprender. Então, ele tem que aprender gradualmente. Este fato condiciona toda a revelação. Considerando que tem que se tratar de homens que devem ser progressivos, e desde que deve ser progressivo que necessariamente tem que se envolver, em suas fases mais cedo, o princípio de acomodação. Para ganhar acesso à mente de homem o tem que levar onde ele é e se une com as aptidões naturais dele e modos nativos de pensamento. Considerando que revelação envolve o empenho para formar na mente de homem a idéia de Deus que para que uma relação certa com Ele possa ser estabelecida, entra em ambos a vida intelectual e moral da raça humana e tem que se acomodar aos começos humildes de experiência humana cedo. O problema principal de revelação parece ter sido trazer estes começos dentro da extensão de um movimento a pontaria e fim de qual é perfeição. A aplicação do princípio de acomodação para experiência de humano cedo com uma visão para progredir é realizada fazendo isso que no princípio pensamento parece negar o mesmo princípio no qual a vida mental e moral do homem têm que se descansar permanentemente. (a) envolve as revelações autorizadas de verdades incompletas e meramente tentativas. (b) também envolve a representação positiva de moralidade rudimentar e imperfeita.

Em ambos este Bíblia de pormenor acomodou a noções cedo cruas e colocou o selo de autoridade em princípios que são superados e descartaram isto dentro dos limites da Bíblia. Mas fazendo assim a Bíblia economizou os mesmos interesses que pareceu expor em virtude de duas características da constituição humana que em eles põe cabo em perfeição e servir ligar os começos crus e as realizações maduras da raça humana junto. Estes dois princípios são (c) A idéia de verdade; (d) A idéia de obrigação.

(2) está principalmente devido a estes dois fatores de natureza humana que qualquer progresso em verdade e conduta é possível a

homens. O que é verdade ou corrige em assunto de fato específico varia no julgamento de indivíduos diferentes e de períodos diferentes. Mas as convicções gêmeas respeitáveis e constrangedoras da verdade corrigem como absoluto, eterno, autorizado, está presente desde o princípio da história humana para o fim disto. A Bíblia agarra no fato que estas grandes idéias podem ser obrigadas por concepções humanas cruas e em fases muito rudimentares de cultura, e os obrigando por meio de revelação e lei de imperativo traz o homem ao teste de verdade e direito e nutre o avanço dele a concepção maior e aplicações mais largas de ambos os princípios fundamentais. Cânon Mozley discutindo este princípio de acomodação em seu lado moral, sua necessidade e sua fertilidade, diz: “Como a lei pode cumprir seu objeto de corrigir e melhorar o padrão moral de homens corretamente, a menos que mantenha primeiro em obrigação o padrão que já existe? Esses conceitos delinearão concepções que tende a purificar e elevar no final das contas tem que impor primeiro” (Idéias Governantes em Períodos Cedo, 183; compare Mt 5:17 com 21, 27, 33).

3. Os Limites de Revelação

Como o fim principal de revelação é formar a mente de homem com referência para o propósito e ir de Deus ao fim no que o homem pode entrar o companheirismo com Deus, a pergunta surge como revelação distante será acomodada pela limitação de sua esfera. Como distante busca formar a mente e como distante deixa a mente a suas próprias leis e para forças de educativas históricas? Quatro princípios de fundação parecem estar suficientemente claros: (a) Revelação aceita e usada em toda fase de sua história tais materiais da ação ordinária de idéias humanas como é verdade e de valor permanente. A superestrutura de restos de revelação em uma fundação de convicções humanas universais e fundamentais. Atrai continuamente para o arraigado instrui e idéias de regular da alma humana implantaram profundamente como uma preparação para revelação. (b) Consideração é liquidada na Bíblia para a natureza do homem como livre e responsável. Ele é um ser racional que deve ser ensinado por persuasão; ele é um ser moral que deve ser controlado pela consciência dele e deve ser ido. Então, deve haver ao longo do processo de revelação um elemento de vida livre, espontânea, não forçada dentro e por qual o trabalho de fatores sobrenatural. (c) Revelação tem que ter referência, até mesmo em suas fases mais cedo de desenvolvimento, para o organismo de verdade como um todo. A qual é qualquer hora realmente determinado tem que contribuir sua cota ao último somar para cima e conclusão do processo inteiro. (d) Revelação tem que vigiar contra erros prejudiciais que entrincheiram em essencial e assuntos vitais. Em resumo, a consistência e integridade do movimento pelo qual é trazida verdade a revelação devem ser vigiado; ao mesmo tempo, enquanto desde que é Deus e homem que estão vindos para saber um ao outro, revelação deve ser fixada em um ambiente largo da vida humana e deve ser confiada aos processos da história. Veja REVELAÇÃO.

4. O Resultado de Revelação

É agora brevemente nossa tarefa para notar como na Bíblia são salvaguardados estes interesses. Nós temos que notar (a) O princípio de acomodação em geral. Foi freqüentemente pontudo fora isso em todo livro da Bíblia que a fisionomia inimitável do escritor e o período são preservados que o idioma Bíblico com referência para Natureza é o idioma de fenômenos; que suas doutrinas são declaradas vividamente, concretamente e nas formas de fala natural ao período na qual eles foram proferidos; que seus documentos históricos são, a maior parte, anais simples do tipo oriental antigo, que contém comparativamente pouca informação relativa à Natureza ou homem que se antecipam descoberta científica ou emancipam o homem religioso que aceita isto como um guia de ir para a escola para Natureza e experiência de humano por tal informação. Tudo isso, claro que, sem tocar pontos disputados ou debateu perguntas de fato, envolve, do ponto de vista da Divina mente para a qual todas as coisas são conhecidas, e da mente humana para a quais certos fatos de Natureza escondidos em antiguidade foram descobertos, os princípios de acomodação. Em cima de contra isto nós temos que fixar certos fatos contrastantes:

(b) A Bíblia mostra para uma tendência constante se transcender e trazer o ensino da verdade a um nível mais alto. As idéias simples, primitivas e ritos do período patriarcal são tidos sucesso antes da era de vida nacional organizada com seu ideal de unidade e o senso intensificado de chamada nacional e destino debaixo da liderança de Deus. A idéia nacional de igreja e reino alarga fora na concepção universal e missão mundial de Cristianismo. O simbolismo sacrificial do Testamento Velho dá modo às realidades éticas ardentes da Vida Encarnada. O auto-limitação da Encarnação alarga fora nas potências mundiais da era do Espírito que usa a letra da Bíblia como o instrumento do ministério universal dele. É visto assim que pelo método progressivo por um processo cumulativo Deus transcendeu a limitação dos instrumentos dele gradualmente enquanto ao mesmo tempo Ele alargou continuamente e afundou o Espírito de homem para receber a ego-revelação dele.

(c) Mais que isto, a Bíblia ao longo de certo é marcado por distraia e qualidade inconfundível. Urge continuamente e sugestiona o infinito, o eterno, o inalterável. Faz parte da tarefa de revelação para se antecipar para guiar progresso. Em toda fase mantém as mentes de homens na extensão com uma verdade que eles não são facilmente capazes naquela fase temer. A imensidade inesgotável e a abundância escondida de verdade estão em todos os lugares incluídos. Os profetas e Apóstolos estão continuamente em acordo com verdades trazidas longe aos próprios períodos deles. São declaradas as grandes verdades fundamentais da Bíblia com abundância inflexível e finalidade. Não há nenhuma acomodação a fraqueza humana ou erro. Seus ideais, seus padrões, suas condições são absolutas e invioladas.

Não só têm Israel certas idéias fundamentais que são estranhas a ela, mas houve um espírito organizando, um “espírito sem igual de inspiração” que modificou e transformou os materiais de acordo em comum por ela com a família de Semítica dela. Até mesmo ela herdou transformações de idéias e Instituições e infundiram com significados novos. Nós notamos a modificação de alfândegas de Semítica, como por exemplo, em vingança de sangue pela qual selvageria foi mitigada e associações más eliminaram. Nós notamos a penúria de material mitológico. Se as histórias de Adão, Abraão, Isaque, Jacó, e Sansão eram originalmente mitológicos, eles deixaram de ser tal na Bíblia. Eles foram humanizados e foram tirados de características sobre-humanas. (Veja “Fábula,” HGHL, 220ff.)

Se nós rendermos à hipótese atual sobre o fundo babilônico das narrativas em Gênesis, nós ainda somos impressionados mais profundamente com aquele poder assimilativo sem igual, enquanto trabalhando em Israel que permitiu os escritores Bíblicos a erradicar o politeísmo fundamentado dos documentos babilônicos e estampar neles as características inimitáveis do próprio monoteísmo alto deles (veja a BABILÔNIA). Nós notamos a reserva da Bíblia, a restrição constante exercitou na imaginação, a sobriedade doutrinal castigada nas referências da Bíblia para anjos e demônios, em sua imagem Apocalíptica, em suas promessas Messiânicas, em suas doutrinas de recompensas e castigos. Em todos estes particulares os postos da Bíblia sem igual através de contraste, não somente com pensamento popular, mas com a literatura extra canônica das pessoas judias (veja DEMÔNIOS, etc.).

5. A Pergunta sobre o Método de Cristo

Nós descobrimos um problema mais central e difícil neste momento. Claro que é alegado que Cristo adotou a atitude de consentimento que também era um de acomodação em visões populares relativo a anjos e demônios, etc. É disputado se isto volta para a acomodação essencial envolvida dentro o auto-limitante da Encarnação de forma que como homem Ele deveria compartilhar as visões dos contemporâneos dele, ou se, Ele se acomodou para propósitos pedagógicos para visões errôneas das pessoas incultas sobre Ele com conhecimento mais largo, (veja DCG, artigo “Acomodação”). A pergunta é complicada por nossa ignorância dos fatos. Nós não podemos dizer que Jesus se acomodou à ignorância da população a menos que nós estejamos prontos para pronunciar autoritariamente na verdade ou falsidade da teoria popular. Não é nossa província neste artigo entrar naquela discussão (veja ENCARNACÃO e KENOSIS). Nós só podemos mostrar que a reserva do Testamento Novo e a ausência de espetáculos de extravagância todos imaginativos que se acomodação foi aplicada que está estritamente limitado em sua extensão. Nisto está em harmonia com o método inteiro da Bíblia onde é considerada a ignorância de homens na apresentação da verdade de Deus, enquanto ao mesmo tempo as mentes de crescimento deles são protegidas contra os erros que os desviariam do caminho direito de progresso na verdade inteira reservada na Divina deliberação.

Literatura

(a) Para a primeira divisão do assunto trabalhos Standards consultam em Ciência de Interpretação e Homiletics substitua loc.

(b) Para segunda divisão, entre outros, Dr. A. B. Davidson, Profecia de Testamento Velho, o; Dr. Willis J. Beecher, Profetas e Promessas.

(c) Para a terceira divisão, o único trabalho mais útil é o citado: Mozley, Idéias Governantes em Períodos Cedo, publicou por Longmans como “Testamento Velho Disserta.”

Realize

a-kom'plish: Ricamente representado no Testamento Velho através de sete sinônimos hebraicos e no Testamento Novo cinco gregos (a King James Version); significando em hebraico (1) “completar” (Lm 4:11); (2) “cumprir” (Dn 9:2); (3) “executar” (I Rs 5:9); (4) “reservar” i.e. “consagrar” (Lv 22:21); (5) “estabelecer” (Jr 44:25 a King James Version); (6) “ter prazer dentro” (Jó 14:6); (7) “aperfeiçoar” (Sl 64:6); em grego (1) “terminar” (At 21:5); (2) “trazer a um fim” (Hb 9:6); (3) “ser cumprido” (Lc 2:6); (4) “preencher” (Lc 9:31); (5) “completar” (Lc 12:50).

Acordo; Conforme; Adequadamente

a-kord', a-kord'ing-li: Em Testamento Velho , *peh*, “boca,” “lutar com um acordo” (Js 9:2) , *phi* “de acordo com a boca de,” “de acordo com as famílias deles” (Gn 47:12, “acc. para (o número de) o pequeno deles” a Versão Revisada, margem). Em Is 59:18 a mesma palavra hebraica , *ke-al*, é feito “de acordo com” e “adequadamente.” Em Testamento Novo o , *homothumadon*, indicativo de harmonia de mente ou ação, Atos, At 1:14; At 2:46; At 7:57; At 18:12) e , *kata*, da mesma mente... De acordo com Cristo Jesus (Rm 15:5);

au , *automatos*, “de si mesmo,” “sem constrangimento,” “abriu a eles de seu próprio acordo” (At 12:10), i.e. Sem agência humana (compare Lv 25:5 KJV; Mc 4:28); **au** , *authairetos* “da própria livre escolha dele” (2 Co 8:17). Deus “fará a todo homem de acordo com os trabalhos dele” (Rm 2:6), quer dizer, agradavelmente para a natureza dos trabalhos dele (1Co 3:8), mas salvação não está de acordo com trabalhos (2Tm 1:9; Tt 3:5). Veja AÇÃO.

Accos Hacoz

ak'os (A , Hakchos): O avô de Eupolemus a quem Judas Macabeu enviou com outros para Roma em 161 a.C, negociar um “liga de amizade e confederação” (livro Apócrifo 1 Mac 8:17). O nome aparece no Testamento Velho como Hacoz (, *hakkoc*), que era um sacerdote no reinado de Davi (I Cr 24:10).

Conta

a-kount'. Veja RESPONSABILIDADE.

Responsabilidade

a-koun-ta-bil'i-ti.

1. Princípios bíblicos

O ensino geral da Bíblia neste assunto é resumido em Rm 14:12 “Assim, pois, cada um de nós dará conta de si mesmo a Deus.” Mas isto insinua, por um lado, a existência de uma Regra Moral do universo cujo é revelada, e vai, no outro a posse pela criatura de conhecimento e livre vontade Em Rm 4:15 é posto expressamente isso abaixo, “mas onde não há lei também não há transgressão”; mas, para que isto não pudesse parecer excluir de responsabilidade esses para quem a lei de Moisés não era determinado, para isto é mostrado que até mesmo o pagão teve a lei até certo ponto revelada em consciência; de forma que eles é “indesculpáveis” (Rm 1:20). “Para como muitos como pecou sem a lei também perecerá sem a lei: e como muitos como pecou debaixo da lei será julgado pela lei” (Rm 2:12). Assim diz Paulo em uma passagem que é uma das discussões de profundo assunto de responsabilidade, e com o sentimento dele a palavra de nosso Deus concorda exatamente no mesmo assunto, em Lc 12:47, Lc 12:48: “E aquele criado que conheceu o senhor dele vá, e não se preparou, nem fez de acordo com o testamento dele, será batido com muitas faixas; mas ele isso não soube, e fez coisas merecedor de faixas, será batido com poucos raia E a quem muito é determinado, dele será requerido muito: e a quem eles cometem muito, dele vá eles perguntam o mais.” há um desenvolvimento gradual de responsabilidade que acompanha o crescimento de um ser humano de infância para maturidade; e há um desenvolvimento semelhante na raça, como conhecimento cresce de menos a mais. Na luz cheia dos seres humanos o evangelho é mais responsável que elas estavam em fases mais cedo de intelectual e desenvolvimento espiritual, e a destruição para a qual eles serão expostos no dia de conta será pesada em proporção aos privilégios deles. Isto pode parecer pôr muito grande um prêmio em ignorância; e uma real dificuldade surge quando nós dissermos que, o mais de sensibilidade moral há, o maior é a culpa; porque como é bem sensibilidade conhecida, moral pode ser perdida por descuido persistente de consciência; de qual poderia parecer seguir que o modo para diminuir culpa era silenciar a voz de consciência. Porém, deve haver uma

diferença entre a responsabilidade de uma consciência que nunca esteve iluminada e que de um que, tendo estado uma vez iluminado, perdeu, por negligência ou descuido, possuiu a bondade uma vez. Na prática da lei, por exemplo, é reivindicado freqüentemente que um crime cometido debaixo da influência de intoxicação deveria ser perdoado; ainda todo o mundo tem que sentir como diferente isto é de inocência, e que, antes de um tribunal mais alto, o culpado será segurado para ser duas vezes culpado - primeiro, do pecado de embriaguez e então do crime.

2. Conexão com Imortalidade

Onde quer que a civilização esteja tão avançada que lá existe um código de lei pública, com castigos presos a transgressão, lá entra em uma educação constante no senso de responsabilidade; e até mesmo a mente pagã, em tempos clássicos, tinha avançado tão longe sobre acredite em um julgamento além do véu, quando as sombras tiveram que se aparecer antes do tribunal de Radamantos, Minos e Aeacus, ter a estação deles e grau no mundo dos criminosos decidiram de acordo com as ações feitas no corpo. Como bem cedo os hebreus tinham feito como muito progresso tem que ser discutido com relação à doutrina de imortalidade; mas é certo que, antes de o cânon de Testamento Velho fechar, eles não só acreditaram em um julgamento depois de morte, mas em ressurreição pela qual o senso de responsabilidade foi firmado muito mais firmemente na mente popular. Porém, longo antes de lá foi despertado pela literatura sagrada o senso de um julgamento de Deus indo durante a vida presente e se expressando em todo o mundo a condição. A história do mundo era o Julgamento do mundo; prosperidade assistiu aos passos do homem bom, mas retribuição golpeou cedo ou tarde abaixo o mau. Era da dificuldade de reconciliar com esta convicção os fatos de vida que o ceticismo de pensamento hebreu surgiu; mas pelo mesmo constrangimento a mente piedosa foi empurrada adiante na direção da doutrina cheia de imortalidade. Isto veio com o advento de Ele que trouxe vida e imortalidade para iluminar pelo evangelho dele (2Tm 1:10). Na mente de Jesus não só era ressurreição, julgamento e imortalidade postulados inquestionáveis; mas Ele foi trazido em uma conexão especial com responsabilidade pela consciência dele de ser o Juiz do gênero humano, e, nas numerosas referências dele para o Último Julgamento, Ele desenvolveu os princípios nos quais a consciência será então tentada, e por qual adequadamente deve se tentar agora. Nesta conexão a Parábola dos Talentos é de significação especial; mas está pelo quadro grandioso da própria cena que segue no mesmo capítulo do Primeiro Evangelho que a mente da Cristandade foi influenciada poderosamente. Referência já foi feita às discussões ao começo da Epístola para os romanos nos quais nosso assunto acha um lugar. Por algum o apóstolo foi suposto que o João reverte à noção do Testamento Velho de um julgamento que procede agora em lugar de vir ao Último Dia; mas Weiss (johanneische de Der Lehrbegriff, II, 9) tem provado que este é um engano.

3. Junta e Responsabilidade Incorporada

Até este ponto nós falamos de responsabilidade individual, mas o assunto se torna mais complicado quando nós pensarmos na responsabilidade em comum de várias ou muitas pessoas. Do primeiro a mente humana foi assombrada pelo que é chamada a culpa do primeiro pecado de Adão. Há uma solidariedade na raça humana, e a herança de mal é muito óbvia para ser negado até mesmo pelos mais otimistas. Porém, há distante de ser acordo de opinião sobre a relação do indivíduo para este mal legado; alguns que combatem contra a idéia que o indivíduo pode ter alguma responsabilidade pessoal por um pecado que escondido em um passado tão distante e sombrio, enquanto outros mantêm que só pode ser justificada a miséria que foi herdada certamente por tudo em um mundo governado por um Deus de justiça se a culpa de tudo precede a miséria. A pergunta entra profundamente no esquema Paulino, embora no máximo ponto crítico seja disputado muito que é a real posição do Apóstolo. Enquanto responsabilidade em comum carregar a consciência individual, pode, ao mesmo tempo, seja dito que ilumina isto. Assim, em Ezequiel 18 uma das discussões éticas mais pesadas serem achado no Escrito Santo é introduzido com o provérbio popular, “Os pais comeram uvas azedas, e os dentes das crianças são fixos em extremidade,” que prova ser um modo de dizer que a responsabilidade de crianças é iluminada, se não aboliu, pela conexão deles com os pais deles. Da mesma maneira, na atualidade, o senso de responsabilidade é enfraquecido em muitas mentes pelo controle em cima do caráter e destrói designada a hereditariedade e ambiente. Até mesmo criminalidade é desculpada no chão que muitos nunca tiveram uma chance de virtude, e combateu que saber tudo é perdoar tudo. Não pode haver nenhuma dúvida que, como os agentes de confianças e sociedades, homens permitirão para eles fazer o que eles nunca teriam pensado de em negócio privado; e em uma multidão o indivíduo sustenta modificações psicológicas pelas quais ele é feito agir muito diferentemente do ego usual dele. Nas ações de nações, como guerra, há uma responsabilidade vasta e solene em algum lugar; mas é freqüentemente extremamente difícil localizar se na regra, o ministério ou as pessoas. Tão interessantes e freqüentemente tais problemas que uma moralidade para corpos das pessoas, como distinto de indivíduos, é sentido por muitos para ser na atualidade o grande desiderato de éticas.

Neste assunto algo será achado em a maioria dos trabalhos em éticas filosóficas ou Cristãs; especialmente veja Lemme Christliche Ethik, 242ff.

Accoz

ak'oz (A , *Akboz*; a Versão Revisada (britânico e americano) AKKOS que vê): Livro Apócrifo 1 Esdras 5:38, cabeça de um das famílias sacerdotais que voltaram do Exílio mas não puderam provar sua descida, quando o registro foi procurado. Também veja Ed 2:61.

Amaldiçoado

a-ku'rs'ed, a-ku'rst': No Livro de Josué (Ed 6:17, 18; Ed 7:1, 11, 12, 13, 15) e 1 Crônicas (Ed 2:7) “amaldiçoado” (ou “coisa amaldiçoada” ou “coisa amaldiçoado”) KJV está fazendo da palavra hebraica , *herem*. Versão Revisada (britânico e americano) constantemente usa “dedicado” ou “coisa dedicada,” a qual KJV também adota em Lv 27:21, Lv 27:28, Lv 27:29 e em Nm 18:14. “Amaldiçoou coisa” a retribuição está em duas passagens (Dt 7:26; Dt 13:17); e em uma passagem (Ez 44:29 a KJV) “coisa dedicada” é usado. Em quatro lugares a KJV faz a palavra por “maldição” (Js 6:18; Is 34:5; Is 43:28; Ml 3:24; (Ml 4:6)) ainda em, outra passagem (Zc 14:11) “destruição absoluta” é adotado em tradução. Estas várias retribuições estão devido ao fato que a palavra *herem* às vezes significa o ato de dedicar ou proibir (ou a condição ou estado que resultam o objeto disto e às vezes dedicaram ou proibiram. Nós achamos retribuições de perifrística ocasionalmente, por exemplo I Sm 15:21: “o chefe das coisas que deveriam ter sido totalmente destruídas,” a KJV (literalmente, “a parte principal da proibição”); I Rs 20:42: “um homem quem eu designei para proferir destruição,” a KJV (literalmente, “um homem de minha proibição” (ou “proibindo”). A raiz da palavra significou “separar,” “feche fora.” O arábico *harim* denota o lugar do

templo em Meca, e também o apartamento das mulheres (de onde a palavra “harém”). Em hebreu sugeriu sempre a palavra “separando” ou “dedicando a Deus.” da mesma maneira que *kadhosh*, significa “santo” ou “consagrou ao serviço” de Yahweh, e assim não sujeito a ser usado para usual ou propósitos seculares, assim o talo de *herem* significou “dedicando” para Yahweh qualquer coisa que vai, se poupou, corrupto ou contamina a vida religiosa de Israel, com a idéia adicional de destruir (coisas) ou exterminando (as pessoas) como o modo mais seguro de evitar tal contaminação. Tudo o que pode paganizar ou afetar o caráter sem igual da religião de Israel foi proibido, por exemplo ídolos (Dt 7:26); as pessoas idólatras (Ex 22:20); cidades idólatras (Dt 13:13-18). Todas as cidades dos Canaanitas - onde o culto de Baal floresceu - seria proibido (Dt 20:16-18). A proibição sempre não aplicou ao ouro e prata de cidades pilhadas (Js 6:24). Tais valiosos artigos seriam colocados dentro da “tesouraria da casa de Yahweh.” Isto indica um afrouxando do costume rígido que envolveu a destruição total do espólio provavelmente. De acordo com Nm 18:14, “tudo dedicou no Israel” pertenceu a Aarão, e Ez 44:29 A KJV ordenou que “toda coisa dedicada” deveria pertencer aos sacerdotes (compare Ed 10:8). No Testamento Novo “amaldiçoado” é na KJV que faz de ANÁTEMA (veja).

Acusador

a-kuz'e-r: Esta palavra, não é achada no Testamento Velho, é a retribuição de duas palavras gregas: (1) *kategoros*, quer dizer, promotor, ou demandante em um processo, ou um que fala de um modo derogatório de outro (At 23:30, At 23:35; At 25:16, At 25:18; Ap 12:10); (2) *diabolos*, significando adversário ou inimigo. Esta palavra é feita “o acusador” n KJV e “o caluniador” na Versão Revisada (britânico e americano) e o Padrão americano Revisou a Versão (II Tm 3:3; Tt 2:3). De acordo com a pedagogia rabinica o Satanás, ou o diabo, foi considerado hostil para Deus e tripula, e que era uma parte do trabalho dele para acusar o posterior de infidelidade e peca antes do tribunal do anterior (veja Jó 1:6; Zc 3:1; Ap 12:10).

Aceldama

a-sel'da-ma. Veja AKELDAMA.

Acaia

a-ka'ya (Achaia): O país menor no Peloponeso que mente ao longo da costa sulista do Golfo de Corinto, norte de Arcadia e leste de Elis. Os habitantes originais eram Ionians, mas estes estavam fora depois abarrotados pelo Acheans que veio do Leste. De acordo com Heródoto, o anterior fundou doze cidades muitos dos quais retêm os nomes originais delas há este dia. Estas cidades estavam na costa e formaram uma confederação de comunidades menores que no último século da história independente da Grécia atingida grande importância (Achaean League). No período romano o termo Acaia foi usado para incluir toda a Grécia, exclusivo de Tessalia. Hoje Achaia forma com Elis um distrito, e contém uma população de quase um quarto de um milhão. A Liga de Achean velha era renovada em 280 a.C, mas ficou mais importante em 251, quando Aratus de Sicyon era o comandante supremo escolhido. Este grande homem aumentou o poder da Liga e deu isto uma constituição excelente que nossos próprios grandes políticos práticos, Hamilton e Madison, consultaram, enquanto adotando muitos de seus dispositivos proeminentes, quando eles fixaram sobre moldar a Constituição dos Estados Unidos. Em 146 a.C. foi destruído Corinto e a Liga se separada (livro apócrifo veja 1 Mac 15:23); e o todo da Grécia, debaixo do nome de Acaia, foi transformado em uma província romana que foi dividida em duas províncias separadas, Macedônia e Acaia em 27 a.C. Em At 18:12 somos nos falados que os judeus em Corinto fizeram insurreição contra Paulo quando Gálio era o deputado de Acaia, e em At 18:27 que Apolo estava fazendo preparações para partir para Acaia Em Rm 16:5, “Acaia” deveria ler “a ÁSIA” como na Versão Revisada (britânico e americano). Em At 20:2 “a Grécia” significa Acaia, mas é mencionado “a Macedônia e Acaia” geralmente denotando toda a Grécia (At 19:21; Rm 15:26; 1Ts 1:8). Paulo recomenda as igrejas da Acaia para a liberalidade deles (2 Co 9:13).

Literatura

Veja Gerhard, guarida de Ueber der Volksstamm o A. (Berlim, 1854); Klatt, zur de Forschungen Geschichte des achaischen Bundes (Berlim, 1877); M. Dubois, Les ligues étolienne et achéenne (Paris, 1855); Capas, História da Liga de Achean (Londres, 1888); Mahaffy, Problemas, 177-86.; Busolt, Staatsalter grego, 2ª edição (1892), 347ff; Toeppfer, no Realencyclopaedie de Pauly.

Para Aratus vêem Hermann, Staatsalter, 1885.; Krakauer, ueber de Abhandlung Aratus (Breslau, 1874); Neumeyer, aus de Aratus Sikyon (Leipzig, 1886); Holm, História de Grécia.

Acaico

a-ka'i-kus (Achaikos, “pertencendo a Achaia”): Um nome honorável conferido à L. Mummius, conquistador de Corinto e Acaia (compare CORINTO). Acaico era um dos líderes da igreja coríntia (ser deduzido de 1 Co 16:15,17) quando, Paulo visitando a Éfeso com Estêfanos e Fortunato, grandemente aliviou a ansiedade do Apóstolo para a igreja coríntia (compare 1 Co 5:1). o Paul previne os sócios da igreja de Cor para submeter à autoridade deles/delas (compare 1 Ts 5:12) e reconhecer o trabalho deles (1 Co 16:15).

Acar / Acã

a'kan (, akhan (em I Cr 2:7 , *akhar*, “problemático”): Também é chamado Acã em Js 7:1,2 descendente de Zerá o filho de Judá que foi posto a morte, pelo tempo de Josué, por roubar alguns do “dedicado” deteriore da cidade de Jericó (Js 7). O talo *akhan* não é usado em hebraico menos neste nome. O talo *akhar* tem uso suficiente para definir isto. Denota dificuldade do tipo mais sério - a dificuldade de Jacó quando os filhos dele tinham o trazido em feudo de sangue com os vizinhos dele Cananitas, ou a dificuldade de Jefté quando o voto dele lhe exigiu que sacrificasse a filha dele (Gn 34:30; Jz 11:35). Em Pv 29 (Js 11:17; Js 15:6, Js 15:27) a palavra é usada com intensidade descrever os resultados de crueldade, infidelidade, ganância, maldade. O registro especialmente fala da conduta de Acar como aborrecedor de Israel (I Cr 2:7; Js 6:18; Js 7:24). Em uma explosão de temperamento Jônatas fala de Saul como tendo aborrecido a terra (I Sm 14:29). Elias e Acabe acusam um ao outro de ser o perturbador de Israel (I Rs 18:17, I Rs 18:18). O talo também se aparece nos dois próprio nome ACHOR e OCHHRAN (que vêem).

O crime de Acar ou Acã era sério. Totalmente aparte de todas as perguntas de superstição, ou religião plana, tinham sido proclamados

o **herem** (ver AMALDIÇOADO) relativo a Jericó, e desobedecer a proclamação era desobediência a ordens de exército em um exército que estava estando em frente do inimigo. Geralmente é segurado que a família de Acar foi posta a morte com ele, entretanto eles eram inocentes; mas o registro não é explícito nestes pontos. Um cujos hábitos de dianteira de pensamento ele para esperar características de selvageria primitiva em tal um caso como isto irá achar o que ele espera; uma pessoa de hábitos diferentes não estará segura que o registro diz que qualquer maior crueldade foi praticada na família de Acar que o dos compelir estar presente à execução. Esses que cabo que a legislação de Deuteronômio entra em qualquer senso de Moisés que não deveria estar em pressa pensar que seus preceitos foram violados por Josué no caso de Acar (veja Dt 24:16).

O registro diz que a execução aconteceu no vale cultivável de Acor, para cima do vale do Jordão. Veja ACOR.

Acar (2)

a´kar: Variante de ACÃ, veja item anterior.

Acaz

a´kaz (**Akaz**, **Achaz**), (1) a KJV informa como antepassado na genealogia de Jesus Cristo (Mt 1:9): forma grega de Acaz (assim a Versão Revisada (britânico e americano)). Décimo segundo rei de Judá, que reinou 4 anos junto com Jotão, seu pai; e depois, sozinho, mais 16 anos (736-716 a.C.). Foi um dos piores reis de Judá (2 Cr 22.1-9). Durante seu reinado foi advertido por Isaías (Is 1.1; 7.1-16), por Oséias (Os 1.1), por Malaquias (Ml 1.1). Contudo, pediu ajuda de Tiglate-Pileser, rei da Assíria (II Rs 16.7), despojou o Templo do ouro, prata e dos tesouros (II Rs 16.8, abraçou a idolatria dos assírios (II Cr 28.23-25), queimou a seus próprios filhos no fogo, segundo as abominações das nações (II Cr 28.3). Construiu um relógio do sol que consistia, parece, de uma série de degraus em redor duma coluna, que indicava a hora pela sombra sobre os degraus (II Rs 20.9-11) Foi sepultado em Jerusalém, mas não nos sepulcros dos reis (II Cr 28.27). (2) Um bisneto de Jônatas (I Cr 8.35).

Achor

ak´bor (, **akhbor** “rato”):

(1) o pai de Baal-Hanã que foi o sétimo dos oito reis que reinaram em Edom antes de lá seja os reis no Israel (Gn 36:38, Gn 36:39; I Cr 1:49).

(2) o filho de Micaías (II Crônicas 34:20 o chama Abdon o filho de Mica) que foi com Hilquias o sacerdote e outros funcionários altos, ao comando de Rei Josias, consultar Hulda a profetisa relativo ao livro que tinha sido achado (II Rs 22:12,14; II Cr 34:20).

Pode ser presumido que este Achor também é o homem mencionado em Jeremias (Jr 26:22; Jr 36:12) como o pai de Elnatã que foi para o Egito pelo rei Jeoiaquim para obter o profeta para a extradição de Urias e que protestou contra o queimar do rolo de Baruque, filho de Nerias.

Achiacharus apócrifo

a-ki-ak´a-rus (Códex Vaticanus **A** , **Achiacharos**; **A** , **Acheicharos**): o Governador de Assíria. Achiacharus é o filho de Anael, um irmão de Tobias (Tobias 1:21). Sarchedonus (Esaradon), o rei da Assíria, o designou em cima de tudo “contas do reino dele” e em cima de tudo “os negócios dele” (Tobias 1:21f; compare Dn 2:48). Ao pedido dele Tobias vem a Ninive (Tobias 1:22). Achiacharus nutre Tobias, enquanto o posterior é aflito com doença (Tobias 2:10). Ele assiste ao casamento-banquete de Tobias (Tobias 11:18). É perseguido por Aman, mas economizou (Tobias 14:10).

Aquias apócrifo

a-ki´as: Um antepassado de Esdras (livro apócrifo 2 Esdras 1:2). Omitiu em outras genealogias.

Aquim

a´kim (**A** , **Acheim**): Um descendente de Zorobabel e antepassado de Jesus, só mencionado em Mt 1:14.

Aquior

a´ki-or (**A** , **Achior**): Geral dos Amonitas que falaram no interesse de Israel antes de Holofernes o general assírio (LA Judite 5:5ff). Holofernes o ordenou salto e entregou a Betulia aos Israelitas (LA Judite 6), quem o recebeu alegremente e com honra. Posteriormente ele se tornou um prosélito, foi circuncidado, e uniu para o Israel (Judite 14). Em Nm 34:27 isto na Septuaginta está lendo para Aiúde, e no hebraico seria , **‘aki’or**, “o irmão de luz.”

Aquifa, Hacufa

ak´i-fa; a KJV Acifa, **as´i-fa** (**A** , **Achipha**), (LA 1 Esdras 5:31) cabeça de um das famílias dos criados do templo que devolveram com Zorobabel mesmo como o Testamento Velho HACUFA (Ed 2:51; Ne 7:53).

Áquis

a´kish (, **akhish**): o rei da cidade de Gate nos dias de Davi. O nome do pai dele é determinado como Maoque (I Sm 27:2), e Maacá (I Rs 2:39). David buscou a proteção de Áquis quando ele fugiu primeiro de Saul, e logo após a visita dele em Nobe (I Sm 21:10-15). Temendo tratamento áspero ou traição por Áquis, ele fingiu loucura. Mas isto o fez mal recebido, ao que ele fugiu para a Caverna de Adulão (I Sm 22:1). Depois no período fugitivo dele David voltou a Gate para ser hospitaleiro recebido por Áquis (I Sm 27:1), que lhe deu a cidade de Ziclague para a casa dele. Um ano depois, quando os Filisteus invadiram a terra de Israel, na campanha que terminou assim desastrosa para Saul (I Sm 31:1-13), Áquis desejou para o Davi que participasse (I Sm 28:1-2), mas os senhores dos Filisteus contestaram, quando eles acharam os homens dele com as forças de Áquis e foi compelido para os mandar de volta. Áquis deveria ter sido um homem jovem neste momento, porque ele ainda estava regendo depois quarenta anos no começo do reinado de Solomão (I Rs

2:39). Ele é mencionado como Abimeleque no título de Sl 34. Veja ABIMELEQUE (3).

Aquitobe

ak'i-tob: Mesmo como Ahitob. Usado em (LA)1 Esdras 8:2; compare 2 Esdras 1:1 KJVA. Veja AITUBE 3.

Achmetha Ecbatana

ak'me-tha (Ezr_6:2 , '*ahme'tha*); Septuagint **A** , *Amatha*; de Peshitta *ahmathan* ; na inscrição de Tiglate-Pileser aproximadamente 1100 a.C. *Amadana*: em Darius Behistun Inscr., II, 76-78, *Han-gmatana*= "Lugar de Assembléia"; **A** , *Agbatana*, em Heródoto; **E** , *Ekbatana*, Xenofonte, etc; assim (LA)1 Esdras 6:23; Tobias 3:7; 6:5; 7:1; 14:12, 14,; Judite 1:1, 2, 14,; 2 Mac 9:3; o Talmude , *hamdan*; agora *hamadan*).

1. Local

Isto, a capital antiga da Mídia, estava (lat 34 graus 50' Norte - 48 graus 32' Leste) perto do Hamadan moderno, 160 milhas Oeste-sudoeste de **Tehran**, quase 6,000 pés sobre o mar, aproximadamente 1 1/2 milhas do pé do Mt. Orontes (Alvand).

2. História

Foi fundada ou reconstruída por **Deiokes** (Dayaukku) aproximadamente 700 a.C. no local de Ellippi uma cidade antiga do **Manda**, capturada por Ciro 549 a.C. que trouxeram Croesus lá como cativo (Heródoto i.153). Isto o 10° nome da capital estava debaixo de Dario I. Ciro e outros reis Persas passavam lá anualmente os dois meses de verão, devido à frieza comparativa do clima. Heródoto descreve isto como uma cidade magnífica fortalecida com sete paredes concêntricas (i. 98). Sua fortaleza (, *bur'tha*) Ed 6:2, injustamente fez um "palácio" na Versão Revisada (britânico e americano)) é mencionado por Arrian que diz que, quando o Alexandre levou a cidade em 324 a.C, ele armazenou o saque enorme de lá. Nisto foram mantidos os arquivos reais. Levantou em uma colina onde depois foi construído um templo de Mithra. Polybius (x. 27) fala da grande força da fortaleza. Embora a cidade fosse pelo tempo dele, ele pode achar palavras quase não para expressar é admiração para isto, especialmente para o palácio real magnífico, quase 7 estádios em circunferência construíram de tipos preciosos de madeira embainhados em pratos de grade e prata. Na cidade estava o santuário de **Aine** (**Nanaea**, **Ana hita**?). É dito que o Alexandre tenha destruído um templo de Aesculapius (Mithra?). Deodoro nos fala a cidade eram 250 estádios em circunferência. O Mt. Alvand (10, 728 pés) lá foi achado inscrições de Xerxes. Indubitavelmente Ecbatana era uma das "cidades dos Medos" para qual Israel foi levado cativo (II Rs 17:6). Deveria ser notado que os escritores gregos mencionam várias outras Ecbatanas. Um destes, Gazaca posteriormente chamado (Takhti Sulaiman, um pequeno Sul de Lago Urmi, lat. 36 graus 28' Norte. 47 graus 9' Leste) era importante de Atropatene. Quase foi destruído pelo Mughuls no 12° século. O Sr. H. Rawlinson identifica Ecbatana de Tobias e Heródoto com esta cidade do norte. A Ecbatana sulista e mais importante que nós descrevemos é certamente isso de 2 Mac 9:3. Era a capital da Média e Ciro, é indubitavelmente isso de Ed 6:2. Os escritores Clássicos falaram erroneamente de **Ecbatana** (para **Ecbatana**) como moderns muito freqüentemente faça de *Hamadan* para *Hamadan*.

3. Condição Presente

Hamadan talvez nunca tenha se recuperado completamente do massacre medonho feito em 1220 A.D. pelos Mongóis, mas sua população é aproximadamente 50, 000 inclusive um número considerável de descendentes dos Israelitas da Dispersão (localizando descida de Aser, Naftali, etc.). Eles apontam às tumbas de Ester e Mordecai no bairro. É um centro para o comércio de caravana entre **Baghdad** e **Tehran**. Há uma missão presbiteriana americana no trabalho.

Autoridades (além desses citados acima): Ctesias, Curtius, Amm. Marcellinus, Pausanias, Strabo, Diod. Siculus; Ibnu'l Athir, Yaqut, Jahanngusha, Ja'ami u't Tawarikh, e os viajantes modernos.

Acor

a'kor (, *akhor*, "dificuldade," a idéia da palavra ser o de dificuldade que é séria e extrema. Veja Acã,Acar): O lugar onde Acã foi executado pelo tempo de Josué (Js 7:24, Js 7:26). Em todos os cinco lugares como onde isto é mencionado isto são descritos *emek*, o vale cultivável de Acor. Não há nenhum registro para a idéia atual que deveria ter sido uma localidade com características físicas horrendas e escuras. Estava em um nível mais alto que o acampamento de Israel no vale do Jordão, e em um mais baixo nível que Debir - uma Debir diferente do de Js 15:15. De um modo geral, como indicado pelos pontos mencionados na borda de Judá, era norte de Bete-Arabá, e sul de Debir (Js 7:24; Js 15:7). Muitos identificam isto com o Wady Kelt que desce por um desfiladeiro fundo das colinas da Judéia e caminhos entre bancos íngremes ao sul da Jericó moderna para Jordão, o fluxo depois de formação de carneiros uma torrente espumando. Possivelmente o nome pode ter sido aplicado a uma região de extensão considerável. Em Is 65:10 é uma região ao lado oriental do cume montês que está em algum senso equilibrado com Sarom no lado ocidental. Implicitamente a coisa descrita parece ser tão longe estas localidades agrícolas recuperadas da desolação sobre chãos ricos e bons para gado e ovelha. Oséias reconhece o aspecto confortante do afazeres terrível no vale de Acor; era uma entrada de esperança para o Israel perdoado (Os 2:15 (Os 2:17)), e ele espera para como aceitação para o Israel do próprio dia dele.

Acsa

ak'sa: Usado na KJV em I Cr 2:49. Veja próximo verbete.

Acsah

ak'sa (, *akhsah*; em algumas cópias , *akhsa'* em I Cr 2:49), “peúga”): A filha de Calebe quem ele cedeu matrimônio ao sobrinho o jovem Otniel o filho de Quenaz, como uma recompensa por golpear Quiriate-Sefer (Js 15:16; Jz 1:12). A narrativa diz, Achshah estabelecido no Sul do país, além disso, a ela perguntando, lhe deu certas fontes importantes de água - “bacias superiores” e “bacias inferiores.” Professor G. F. Moore identifica estes com os grupos de fontes em Seit ed-Dilbeh (notas em Jz em Bíblia de Polychrome).

Acsafe

ak'shaf (, *akhshaph*, “feitiçaria,” ou “fascinação”): Uma cidade na parte do norte do território conquistada por Josué. O rei de Acsafe era um sócio da coalizão contra Israel debaixo de Jabin e Sisera. É mencionado com Hazor, Megido, Taanake, etc., na lista de reis conquistados. É um das cidades que marcam os limites da tribo de Aser (Js 11:1; Js 12:20; Js 19:25). Foram feitas várias tentativas para identificar o local, mas os exploradores não estão de acordo sobre a identificação.

Aczibe

ak'zib (, *akhzibh*, “mentindo” ou “desapontando”): O nome de duas cidades na Palestina: (1) uma cidade em Judá ocidental nas planícies, mencionou com relação a Maressa e Queila como um das cidades dividida a Judá (Js 15:44), e em Miquéias (Js 1:14), onde sugestiona jogo em seu significado, “enganoso” ou “falhando,” possivelmente o lugar que tem recebido seu nome de uma fonte de inverno ou riacho que falharam em verão. Também é chamado Quezibe (, *kezibh* Gn 38:5)), onde Judá estava na hora do nascimento do filho Selá. Em I Cr 4:22 é chamado Cozeba, na KJV “Chozeba” (, *kozebha'*), claramente visto para estar igual a Aczibe, dos lugares com que se agrupa. (2) foi identificado com o moderno *Ayin-Kezbeh* no vale de Elá, e norte de Adulão.

(3) Mod Zib Septuaginta variante: Js 19:29, Códex Vaticanus **E** , *Echozob*, Códex Alexandrino **A** , *Achzeiph*; Jz 1:31, Códex Vaticanus **A** *Ασχαζει*, *Aschazei*, Códex Alexandrino **A** , *Aschendei*, grego *Ecdippa*: Uma cidade pequena algumas milhas norte de Acre na costa. É mencionado em Js 19:29 como caindo dentro das posses da tribo de Aser, mas eles nunca ocuparam isto, como eles não fizeram a Acre vizinho (Aco). Também foram fortificados fortemente Os habitantes fenícios da costa para ser dirigido fora por umas pessoas que tiveram nenhum rápido. As cidades na costa ajudaram um ao outro indubitavelmente, e Sidom tinha ficado rico e poderoso antes disto e tinha podido saquear tal uma cidade pequena no caso de ataque. Aczibe era uma cidade de costa, nove milhas norte de Aco, agora conhecido como Ez-Zib. Se aparece nas inscrições assírias como Aksibi e Senaqueribe enumeram isto entre as cidades fenícias que ele ocupou-nos mesmos momentos como Aco (702 a.C.). Nunca era importante e é agora uma aldeia insignificante entre as dunas de areia da costa. Era o limite da Galiléia no oeste, que além secular sendo chão profano.

Acito; Acitoh apócrifo

as'i-tho (variante de AITUBE): Na KJV, de um antepassado de Judite (LA -Judite 8:1).

Reconheça

ak-nol'ej (, *gignosko*): declarar que reconhece as reivindicações de uma pessoa ou coisa completamente estabelecido. Ambos em Testamento Velho e Testamento Novo expressos por várias formas da palavra “saber” (Pv 3:6; Is 61:9; Cl 2:2 KJV). O salmista (Sl 32:5) “reconheceu” o pecado dele, quando ele falou para Deus que ele soube a culpa do que ele tinha feito. Os coríntios (2 Co 1:14) “reconheceu” Paulo e os companheiros dele quando eles reconheceram as reivindicações deles e autoridade formalmente.

Se familiarize; Conhecido

a-kwant', a-kwan'tans (, *gnostoi*): Condições que recorrem a vários graus de conhecimento, mas insinuando informação mais detalhada; aplicado à onisciência de Deus (Sl 139:3), para a aflição e sofrimento do servo de Yahweh (Is 53:3), e para o conhecimento que o homem deveria ter de Deus. O substantivo no concreto, a menos que limitasse por um termo qualificativo, significa mais que um que simplesmente foi conhecido passando, e insinua um grau de intimidade, como pode ser visto em Lc 2:44; Lc 23:49; II Rs 12:5.

Acra

ak'ra, a'kra (LA 1 Mac 1:33 a Versão Revisada (britânico e americano), “fortaleza”). Veja JERUSALÉM.

Acrabatene apócrifo

ak-ra-ba-te'ne. Veja AKRABATTINE.

Acrabim

ak-rab'im: Transliteração incorreta de *akrabbim*, de Js 15:3 KJV. Veja AKRABBIM.

Acre (1)

a'ke~r, a'ke~r. Veja ACO.

Acre (2)

a'ke~r (, *cededh*): Um termo de terra-medida usada duas vezes nas versões inglesas da Bíblia “jeira” (Is 5:10; I Sm 14:14), e disse o único termo estar em medida quadrada acharam no Testamento Velho. A palavra inglesa “acre” originalmente significou campo. Então veio denotar a medida espaço de terra que um boi poderia arar por um dia, e na base de um acre de máximo deste tipo o acre standard

de 160 varas de quadrado (com variações em regiões diferentes) era fixo. A palavra hebraica traduziu acre denota um jugo de animais, no senso de um espaço, um palmo, um par; nunca usa denota o jugo pelo qual o espaço é juntado junto. A frase dez jugos de vinhedo' (Is 5:10) pode significar vinhedo que cobre naturalmente tanta terra quanto um espaço araria em dez dias, entretanto também podem ser sugeridos outros significados plausíveis. Em I Sm 14:14 a mesma palavra é usada descrevendo os limites de espaço dentro o qual o Jônatas e o porta armadura dele mataram vinte Filisteus. A tradução da Versão Revisada (britânico e americano), "dentro como seja meio o comprimento de um sulco em um acre de terra," meios, estritamente, que eles foram matados ao longo de uma linha de dois a vinte varas em comprimento. A palavra fez "sulco," usada só aqui e em Sl 129:3, está no Léxico Hebraico de Brown's definido como "arar o chão." Isto dá a retribuição "como seja pela metade um limite para arar, um jugo de chão," as últimas duas frases em definindo cada o outro, de forma que o significado isso é substancialmente da paráfrase na KJV. Há aqui uma obscuridade alegada e incerteza no texto, mas não é como afetar a tradução ou a natureza do evento.

Acróstico

a-kros'tik: O acróstico, compreendido como um poema curto no qual as primeiras linhas das letras formam uma palavra, ou nomeia, ou condensa, não tem contudo sido provado acontecer em literatura hebraica antiga. Geralmente não são reconhecidos os exemplos supostos achados por alguns estudantes em Sl 2:1-4 e Sl 110:1-4. Ainda menos pode ser dito a favor da sugestão que em Et 1:20 quatro palavras lidas de partiram para corrigir forma pelas rubricas delas um acróstico no nome YHWH (compare König, Einleitung 293). Em hino-poesia bizantina o termo acrostichis com que nossa palavra "acróstico" está conectada também era usado de poemas alfabéticos que são poemas as linhas ou grupos de linhas em qual tem as rubricas delas organizada na ordem do alfabeto. São achados acrósticos deste tipo em literatura hebraica pré cristã como também em outro lugar em literatura oriental antiga. Há doze exemplos claros no Testamento Velho: Salmos 25; 34; 37; Sl 111:1-10; 119; 145; Pv 31:10-31, e Lm 1 por 4. Há um exemplo provavelmente em Salmos 9 e 10, e possivelmente outro em Prenda Sl 1:2 -10. Fora do Cânon, Siriaco 51:13-30 exibições rastros claros de arranjo alfabético. Cada um destes quinze poemas deve ser discutido brevemente.

Salmos 9 e 10, são tratados que como um salmo em Septuaginta e Vulgata, dê indicações bastante claras de estrutura alfabética original até mesmo no Texto Massoretico. As rubricas de Sl 9:1, Sl 9:3, Sl 9:5 são respectivamente **_aleph, beth, gimel**, de Sl 9:9, Sl 9:11, Psa_9:13, Sl 9:15, Sl 9:17, **vav, zayin, heth, teth** e **yodh** Sl 10:1 começa com **lamedh** e Sl 10:12, Sl 10:14, Sl 10:15, Sl 10:17 com **koph, resh, shin etav**. Quatro linhas parecem ter sido divididas a cada letra na forma original do poema. Em Salmos 25 todas as letras são representadas menos **vav** e **koph**. Em Sl 25:18 nós achamos **resh** em vez do posterior como também em seu lugar em Sl 25:19. Em Sl 25:2 a letra alfabética é a inicial da segunda palavra. O último verso é novamente o extra. Há duas linhas principalmente a uma letra. Em Sl 34 todas as letras são representadas menos **vav**, Sl 34:6 que não começa com isto, como seria esperado, mas com **zayin**. O último verso é novamente um extra. Desde então aqui e em Sl 25:22 a primeira palavra é uma forma de **padhah** que foi sugerido que pode ter havido aqui um tipo de acróstico do escritor no nome de Pedael **padhah'el**, mas não há nenhuma evidência que um salmista assim já nomeou existido. Há duas linhas a uma letra. Em Sl 37 que todas as letras são representadas exclua **_ayin** que parece, porém de Septuaginta para ter estado presente no texto mais cedo. Como uma regra é nomeada quatro linhas a cada letra. São achados Sl 111:1-10 dois exemplos bastante regulares com uma linha para cada letra em Salmos. Sl 119 oferece outro exemplo regular, mas com 16 linhas para uma letra, cada começo de linha alternada com sua letra. Por exemplo, Sl 119:1-8 cada uma começam com **aleph**. Em Sl 145 são achados todas as letras, mas **nun**. Como nós achamos em Septuaginta entre Sl 145:13 e Sl 145:14 que são onde a parêntese de versos de **nun** deveria ser:

"O crente é o Deus nas palavras dele

"E santo nos trabalhos dele,"

Que pode representar uma parêntese de versos hebreia que começa com **nun**, pareceria que um verso derrubou fora do Texto Massoretico. Pv 31:10-31 constitui um poema alfabético regular com (menos em Pv 31:15) duas linhas para uma letra. Lm 1 é regular, com três linhas para uma letra Lm 2; 3; 4, também são regulares com uma exceção curiosa. Em cada caso **pe** precede **_ayin**, um fenômeno que não tem contudo sido explicado. Há três ou quatro linhas a uma letra menos em Lm 2:17 onde lá parece ser cinco em Lm 2. Também em Lm 3 há três linhas a uma letra e cada linha começa com aquela letra. Há duas linhas a uma letra menos em Lm 4:22 onde há quatro linhas provavelmente em Lm 4. Lm 5 tem tantas linhas quanto às letras do alfabeto, mas nenhum arranjo alfabético duas vezes. Em Prenda Lm 1:1-10 Delitzsch (Frohn Meyer seguinte) em 1876, Bickell em 1880 e 1894, Gunkel em 1893 e 1895, G. B. Gray em 1898 (Exposições, setembro) e outros mostraram possíveis rastros de estrutura alfabética original. No texto Massoretico, porém, como geralmente organizou, não é distintamente discernível. Siriaco 51:13-30: já em 1882 Bickell reconstruiu este hino em base do grego e versões de Siriaco como um poema alfabético hebraico. Em 1897 Schechter (no julgamento da maioria dos estudantes) descobriu o texto original em uma coleção de fragmentos do Genizah de Cairo, e isto provou a justeza da idéia de Bickell e até mesmo a precisão de alguns detalhes da reconstrução dele. O poema começa com **aleph** e tem **tav** como a letra inicial da última linha, mas um. Em 51:21, 22, 24, 25, 26, 27 as letras **mem, nun, _ayin, pe, cadhe, koph**, podem ser localizados **koph** e **resh** aos começos de linhas naquela ordem **Samekh** está ausente (compare Schechter-Taylor, A Sabedoria de Ben Sira, lxxvi-lxxxvii).

Como terá mostrado esta pesquisa rápida, esta forma de acróstico como empregado por escritores hebreus consistiu no uso de letras do alfabeto como rubricas na ordem delas, a intervalos regulares, a distância entre duas letras diferentes que variam de uma a dezesseis linhas. Uma vez cada letra é assim três vezes usada, em outro caso oito vezes. A corrupção do texto tem em alguns casos conduzidos a interferência considerável com o arranjo alfabético, e crítica textual empreendeu restabelecer isto com sucesso variado.

Estes poemas alfabéticos foram depreciados indevidamente por causa da estrutura artificial delas e também foram considerados pela

mesma razão a partir de comparativamente recente origem. Esta conclusão posterior é prematura com evidência de presente. Os poemas em Lamentações voltam indubitavelmente até onde o 6º século a.C., e testemunho assírio ainda nos leva de volta mais distante para poemas de acróstico de algum amável. Poemas estritamente alfabéticos estão fora claro que da pergunta em assírio por causa da ausência de um alfabeto, mas há textos da biblioteca de Asurbanipal cada verso-linha em qual começa com a mesma sílaba, e outros nos quais as sílabas iniciais leram junto compõem uma palavra ou oração. Agora estes textos foram escritos abaixo no 7º século a.C., mas pode ter sido copiado de babilônico mais cedo distante original. Pode haver pequena dúvida que os poetas orientais escrevessem acróstico a um período cedo, e então o uso de alguma forma do acróstico é nenhuma indicação clara de atraso de data. (Para estes acrósticos assírios comparam Weber, *Die Literatur der Babylonier und Assyrier*, 37.)

Literatura

Além de autoridades já citadas: König, Einl, 58, 66, 74, 76, 399, 404, 419, e Stilistik, etc., 357ff, Budde, *Geschichte der alt-hebraischen Litteratur*, 30, 90, 241, 291; artigo “Acróstico” em HDB (maior e menor) e Hastings, *Enciclopédia de Religião e Éticas*, e *Enciclopédia judia*; comentários em Sl, Na, Pv e Lm; Motorista, *Psalter Paralelo*; Rei, *Poesia Religiosa Cedo dos hebreu*, iv de capítulo.

Atos (1); Apócrifo

a-pok'ri-fal. Veja ATOS APÓCRIFOS.

Atos dos Apóstolos

a-pos'ls:

- I. Título
- II. Texto
- III. Unidade do Livro
- IV. O Autor
- V. Canon
- VI. Data
- VII. Fontes Usadas por Lucas
- VIII. As Falas nos Atos
- IX. Relação de Atos para as Epístolas
- X. Cronologia de Atos
- XI. Valor histórico de Atos
- XII. Propósito do Livro
- XIII. Análise

Literatura

I. Título

É possível, realmente provável, que o livro não teve nenhum título originalmente. Os manuscritos dão o título em várias formas. Alef (na inscrição) somente tem “Atos” (*Praxeis*). Assim Tischendorf, enquanto Origenes, Didimo, Eusebio citam de “Os Atos.” Mas Alef de BD (em subscrição) tenha “Atos de Apóstolos” ou “Os Atos dos Apóstolos” (*Praxeis Apostolon*). Assim Westcott e Hort, Nestle (compare Atanásio e Eutalio). Só ligeiramente diferente é o título em 31, 61, e muitos outros cursivos (*Praxeis ton Apostolon*, “Atos dos Apóstolos”). Assim Griesbach, Scholz. Vários pais (Clemente de Alexandria, Origenes, Dionísio de Alexandria, Ciril de Jerusalém, Chrysostom) citação isto como “Os Atos dos Apóstolos” (*Hai Praxeis ton Apostolon*). Finalmente A2 EGH dão isto na forma “Atos dos Apóstolos Santos” (*Praxeis ton Hagion Apostolon*). A versão de Mompitico tem “Os Atos dos Apóstolos Santos.” Claramente, então, não havia nenhum único título que comandou aceitação geral.

II. Texto

(1) os documentos principais. Estes são o Unciais Primário (Códex Sinaiticus, Códex Alexandrinus, Códex Vaticanus, Códex Ephraemi Rescriptus, Códex Bezae), Códex Laudianus (E) que é um bilingüe Uncial limitou a Atos, Unciais posterior gostam de Códex a Modena, Códex Regius, Códex o Código Sacerdotal (P), o Cursivos, a Vulgata, o Peshitta e o Harclean Siríaco e cotações dos Pais. Nós sentimos falta do Curetonian e Siríaco Sinaitico, e tem só testemunho fragmentário do latino Velho.

(2) as edições modernas presente de Atos os tipos de texto (Textus Receptus; a Versão Revisada (britânico e americano); o texto crítico assim de Westcott e Hort, O Testamento Novo em grego ou Se conchega ou Weiss ou von Soden). Estes três tipos não correspondem com as quatro classes de texto (sírio, Ocidental, Alexandriano, Neutro) esboçou por Hort na Introdução dele para o Testamento Novo em grego (1882). Estas quatro classes são representadas amplamente nos documentos que nos dão Atos. Mas nenhum editor moderno do Testamento Novo grego nos deu o Ocidental ou o Alexandriano digitam de texto, entretanto Bornemann, como será mostrado agora, discute para a originalidade do tipo Ocidental em Atos. Mas o Textus Receptus do Testamento Novo (a 3ª edição de Stephanus em 1550) era à base da KJV de 1611. Esta edição do Testamento Novo grego fez uso de uns muito poucos manuscritos, e todos eles tarde, menos Códex Bezae que foi considerado muito excêntrico seguir. Praticamente, então, a KJV representa que o Siríaco digita de texto que pode ter sido editado em Antioquia no 4º século. Vários erros secundários podem ter rastejado dentro desde aquela data, mas substancialmente a recensão de Siríaco é o texto da KJV hoje. Onde este texto estava só, é segurado por quase todos estudantes modernos para estar em erro, entretanto Decano Burgon lutou duro para a originalidade do texto de Siríaco (A Revisão Revisada, 1882). O texto de Westcott e Hort, O Testamento Novo em grego é praticamente isso de Códex Vaticanus que é segurado para ser o tipo Neutro de texto. Nestle, von Soden, Weiss grandemente não diferem do texto de Westcott e Hort, O Testamento Novo em grego, entretanto von Soden e Weiss atacam o problema em linhas independentes. O texto da Versão Revisada (britânico e americano) é de certo modo um acordo entre isso da KJV e o texto crítico, vindo bonito, entretanto perto do texto crítico. Compare Whitney, o grego de O Revisor Texto, 1892. Para uma avaliação atual desta batalha dos textos vêem J. Rendel Harris, *Side Lights on the New Testament*, 1908. Para uma comparação detalhada entre a KJV e a Versão Revisada (britânico e americano) Atos vêem Rackham, Os Atos dos Apóstolos, xxii.

(3) em Atos o tipo Ocidental de texto tem sua significação principal. É o se encontre do recente Friedrich Blass, o clássico famoso de Alemanha, ter mostrado para isso nas escritas de Lucas (Evangelho e Atos) a classe Ocidental (especialmente D) tem suas características mais marcadas. Este fato é completamente independente de teoria avançada por Blass que será maldito diretamente. A revolta moderna principal contra teorias de Westcott e Hort, O Testamento Novo em grego é o interesse novo sentido no valor do tipo Ocidental de texto. Em particular Códex que Bezae entrou à frente no Livro de Atos. O apoio fraco que Códex Bezae tem em suas leituras estranhas em Atos (devido à ausência de Curetonian Syriac e do latino Velho) sempre faz isto difícil de calcular o valor deste documento. Mas certamente estas leituras merecem consideração cuidadosa, e alguns deles podem estar corretos, qualquer visão a pessoa segura do Códex de Bezae. As variações principais são, como é habitual com o texto Ocidental, adições e paráfrases. Algum do preconceito contra Códex Bezae desapareceu como resultado de discussão moderna.

(4) Bornemann em 1848 discutidos aquele Códex Bezae em Atos representou o texto original. Mas ele teve muito poucos seguidores.

(5) J. Rendel Harris (1891) buscou mostrar para aquele Códex Bezae (isto um MS bilingüe) tinha sido Latinizado. Ele já discutiu isso em 150 a.C, que um manuscrito bilingüe existiu. Mas esta teoria não ganhou um partidário forte.

(6) Chase (1893) buscou mostrar que as peculiaridades estavam devido à tradução do Siríaco

(7) Blass em 1895 criou uma sensação discutindo no Comentário dele em Atos (Acta Apostolorum, 24ff) aquele Lucas tinha emitido duas edições dos Atos, como ele urgiu depois sobre o Evangelho de Lucas (Filologia dos Evangelhos, 1898). Em 1896 Blass publicou esta forma romana do texto de Atos (Acta Apostolorum, secundum Formam quae videtur Romanam). Blass chama este primeiro, desbaste, cópia não abreviada de Atos **b** e considera que foi emitido em Roma. A edição posterior abreviou e revisou, ele chama alfa. Curiosamente bastante, em At 11:28, Códex Bezae tem “quando nós tínhamos nos reunido,” fazendo Lucas apresentar a Antioquia. A idéia de duas edições não é completamente original com Blass. Leclerc, um filólogo holandês, tinha sugestionado a noção já no começo do 18º século. Bispo Lightfoot também tinham mencionado isto (Em uma Revisão Fresca do Testamento Novo, 29). Mas Blass trabalhou o assunto fora e desafiou o mundo de bolsa de estudos com a ordem dele de argumentos. Ele não levou o ponto dele com tudo, entretanto ele ganhou um partidário respeitável. Zahn (Einl, II, 338ff, 1899) já tinha estado trabalhando para a mesma visão (348). Ele concorda na teoria do Blass principal, como faça Belser, Nestle, Salmão, Zöckler. Blass reconhece a dívida dele a Corssen (Der cyprianische Text der Acta Apostolorum, 1892), mas Corssen considera o um texto como o mais cedo e o texto de **b** como uma revisão posterior.

(8) Hilgenfeld (Acta Apostolorum, etc., 1899) aceita a noção de dois edd, mas nega identidade de autoria.

(9) Schmiedel (Enciclopédia Bíblica) vigorosamente e a muito comprimento ataca a posição de Blass, outro “as conclusões alcançadas nas seções precedentes teriam que ser retiradas.” Ele puxa as conclusões dele e então Blass! Ele acha manchas fracas na armadura de Blass como fez outros (B. Weiss, Códice de Der D em der Apostelgeschichte, 1897; Chame, Classe. Acelere., 1897; Harnack, Os Atos dos Apóstolos, 1909, 45). Também Veja Knowling, Os Atos dos Apóstolos, 1900, 47, para uma acusação acentuada da teoria de Blass como sendo verificação muito simples e necessitada.

(10) Harnack (Os Atos dos Apóstolos, 48) dúvidas se o próprio Lucas publicasse o livro formalmente. Ele pensa que ele provavelmente não deu para o livro uma revisão final, e que os amigos emitiram dois ou mais edições que Ele considera que a recensão de **b** denominado tem umas “séries de interpolações” e assim é posterior que o um texto.

(11) Ramsay (A Igreja no Império romano, 150; São Paulo o Viajante, 27; O Expositor, 1895) considera o texto de **b** para ser uma revisão de 2º século por um copista que preservou alguns valiosos testemunho de 2º século para o texto.

(12) Headlam (HDB) não acredita que o problema ainda tem como sido atacado cientificamente, mas que a solução mente na licença textual de escriturários do tipo Ocidental (compare Hort, Introdução, 122ff). Mas Headlam ainda é tímido de leituras “Ocidentais”. O fato é que as leituras Ocidentais às vezes estão corretas como contra o Neutro (compare Mt 27:49). Não é necessário em At 11:20 dizer que Helenistas está em autoridades Ocidentais (DC, etc.) mas não é uma leitura Ocidental. É de qualquer modo muito cedo dizer a palavra final sobre o texto de Atos, entretanto em geral o **a** texto ainda segura o campo como contra o **b** texto. O texto de Siríaco é, claro que, depois, e fora de tribunal.

III. Unidade do Livro

Não é fácil de discutir esta pergunta, aparte disso de autoria. Mas eles não são exatamente o mesmo. A pessoa pode ser convencida da unidade do livro e ainda não dar crédito para Lucas, ou, realmente, para qualquer um no 1º século. Claro que, se Lucas é admitido para ser o autor do livro, o assunto inteiro é simplificado. A mão dele está em tudo qualquer fonte que ele usou. Se Lucas não for o autor, ainda pode ter havido um historiador competente no trabalho, ou o livro pode ser uma mera compilação. Então, o primeiro passo é atacar o problema de unidade. Holtzmann (Einl, 383) segura Lucas para ser o autor do “nós” seções só. Schmiedel nega que os Atos são escritos por um companheiro de Paulo, entretanto está pelo mesmo autor como o Evangelho que agüenta o nome de Lucas. Em 1845 creditou Schleiermacher o “nós” seções para Timóteo, não para Lucas. Para um esboço bom de teorias de “fontes,” veja Knowling em Atos, 25ff. Van Manen (1890) resolveu o livro em duas partes, *Acta Petri* e *Acta Pauli*, combinou por um redator. Sorof (1890) designa uma fonte a Lucas, um para Timóteo. Spitta também tem duas fontes (um *Pauline-Lukan* e um *Judeu-Christian*) trabalhou em cima de por um redator. Clemente (1905) tem quatro fontes (História dos Helenistas, História de Pedro, História de Paulo, e uma Viagem de Paulo), tudo trabalharam em cima de por umas séries de editores. Hilgenfeld (1895) tem três fontes (Atos de Pedro, Atos dos Sete, Atos de Paulo). Jungst (1895) tem uma fonte de Paulina e uma fonte de Pedro J. Weiss (1893) admite fontes, mas reivindicações que o livro tem unidade e uma pontaria definida. B. Weiss (1902) concebe uma fonte cedo para a primeira parte do livro. Harnack (Os Atos dos Apóstolos, 1909, 41 f) tem paciência pequena com tudo isso crítica cega: “Com eles o livro passa como uma comparativamente recente compilação de patchwork na qual a parte levada pelo editor é insignificante, contudo em todos os casos prejudicial; o ‘nós’ seções não são a propriedade do autor, mas um extrato de uma fonte, ou até mesmo uma ficção literária.” Ele carrega os críticos com “ vaidade aérea e desprezo alto.” Harnack fez um muito grande serviço peneirando o assunto cuidadosamente no Lucas o Médico (1907). Ele dá prova detalhada que o “nós” seções estão no mesmo estilo e pelo mesmo autor como o resto do livro (26-120). Harnack não reivindica originalidade nesta linha de argumento: “Foi declarado freqüentemente e freqüentemente provou que o ‘nós’ seções em vocabulário, em sintaxe, e na moda é intimamente encadernado para cima com o trabalho inteiro, e que este trabalho inclusive o Evangelho), apesar de toda a diversidade em suas partes, é distinto por uma unidade principal de forma literária” (Lucas o Médico, 26). Ele se refere a

“demonstração esplêndida desta unidade” por Klostermann (Vindiciae Lucanae, 1866), para B. Weiss que, no comentário dele (1893, 2 Aufl, 1902) “fez o melhor trabalho demonstrando a unidade literária do trabalho inteiro,” para “as contribuições admiráveis” de Vogel (Zur des de Charakteristik Lukas, etc., 2 Aufl, 1899) para o “contudo mais cuidadosas e minuciosas investigações” de Hawkins (Horae Synopticae, 1899, 2ª edição, 1909), para o trabalho de Hobart (O Idioma Médico de Lucas, 1882), quem “tem provou só muito” (Lucas o Médico, 175), mas “a evidência é de força opressiva” (198). Harnack só reivindica para ele que ele fez o trabalho em mais detalhe e com precisão mais minuciosa sem reivindicar muito (27). Mas a conversão de Harnack para esta visão de Atos é extremamente significativa. Deve não ser necessário qualquer mais refutar as teorias de partição do livro, ou partir as provas em detalhes para a unidade do livro. Talvez a teoria de compilação de Atos em nenhuma parte adiante fixa mais convincentemente que em McGiffert está A Idade Apostólica (1897). Veja uma refutação poderosa do argumento dele por Ramsay em Pauline e Outros Estudos (1906, 302-21). “eu penso que a argumentação inteligente dele é sofisticada” (305). Harnack está completamente atento que ele foi em cima de para o montou de “Ramsay, Weiss e Zahn”: “Os resultados aos quais eu não só cheguei muito quase aproximação para, mas é freqüentemente coincidente com, os resultados da pesquisa delas” (Os Atos dos Apóstolos, 302). Ele tem medo que se estes estudantes não adquirissem a ouvir de críticos “há pequeno prospecto de reivindicar a atenção de críticos e os compeli-los reconsiderar a posição deles.” Mas ele tem a vantagem de vir a esta conclusão do outro lado. Além disso, se Harnack foi ganho pela força dos fatos, outros podem ser. Este esboço breve da experiência de Harnack pode acontecer de apresentação detalhada dos argumentos para a unidade do livro. Harnack parte em grande riqueza de detalhe os idiomas característicos “nós” seções lado a lado com compara em outras partes de Atos e o Evangelho de Lucas. O mesmo homem escreveu o resto de Atos que escreveram o “nós” seções. Este fato deveria ser reconhecido agora como provado. Isto não significa que o escritor, uma testemunha pessoal “nós” seções, não teve nenhuma fonte para as outras partes de Atos. Este aspecto do assunto será considerado um pequeno depois.

IV. O Autor

Assumindo a unidade do livro, o argumento corre como segue: O autor era um companheiro de Paulo. O “nós” seções provam que (At 16:10-17; At 20:6-16; 21; 27; 28). Estas seções têm a abundância de detalhe e descrição vívida natural para uma testemunha ocular. Este companheiro estava com Paulo na segunda viagem missionária a Troas e a Filipos, a festa de Paulo unido novamente a Filipos no retorno para Jerusalém durante a terceira viagem, e provavelmente permaneceu com Paulo até que ele fosse para Roma. Alguns dos companheiros de Paulo vieram a ele em Roma: outros são descritos assim no livro sobre impena autoria. Aristarco, Áquila e Priscila, Erasto, Gaio, Marcos, Silas, Timóteo, Trófimo, Tíquico e outros mais insignificantes do ponto de vista da conexão com Paulo (como Crescente, Demas, Justo, Lino, Pudente, Sópatro, etc.) é eliminado facilmente. Curiosamente não são mencionados nada bastante Lucas e Tito em Atos através do nome. Elas são as pessoas distintas como é declarado em II Tm 4:10. Tito estava com Paulo em Jerusalém à conferência (Gl 2:1) e estava lá o enviado especial dele para Corinto durante o tempo de dificuldade. (2Co 2:12; 2Co 12:18.) Ele era posterior com Paulo em Creta (Tt 1:5). Mas a ausência de menção de Tito em Atos pode estar devido ao fato que ele era um irmão de Lucas (compare 2 Co 8:18; 2 Co 12:18). Assim A. Souter em DCG, artigo “Lucas.” Se Lucas for o autor, é fácil entender por que o nome dele não se aparece. Se Tito for o irmão dele, a mesma explicação acontece. Como entre Lucas e Tito o idioma médico de Atos discute para Lucas. O escritor era um médico. Este fato Hobart (O Idioma Médico de São Lucas, 1882) demonstrou. Compare Zahn, Einl, 2, 435ff; Lucas o médico de Harnack, 177ff. Os argumentos do uso de condições médicas não são tudo de peso igual. Mas o estilo está colorido a pontos pelo idioma de um médico. O escritor usa condições médicas em um senso técnico. Este argumento envolve uma comparação minuciosa com as escritas de médicos do tempo. Assim *kathapto* em At 28:3, de acordo com Hobart (288), é usado no senso de assunto venenoso que invade o corpo, como em *Dioscorides, Animal. Ven. Proem. Assim Galen, De Typis* 4 (VII, 467), usa isto “de febre que fixa em partes do corpo.” Compare Harnack, Lucas o Médico, 177 f. Harnack também concorda que as condições da diagnose em At 28:8 “é medicalmente exato e pode ser atestado para de literatura médica” (ibid., 176 f). Hobart excedeu o argumento dele e aduziu muitos exemplos que não são pertinentes, mas uns reais restos de residuum, de acordo com Harnack. Então *p mprastha* um termo técnico é por inchar. Deixe estes servir como exemplos. O interesse do escritor em assuntos de doença também é outra indicação, compare Lc 8:43. Agora Lucas era um companheiro de Paulo durante o ministério posterior dele e era um médico. (Cl 4:14). Conseqüentemente, ele demonstrou todas as exigências do caso. O argumento é assim longe só provável, é verdade; mas há ser somado o fato indubitado que o mesmo escritor escreveu Evangelho e Atos (At 1:1). A insinuação direta para o Evangelho é reforçada por identidade de estilo e método nos dois livros. A evidência externa está clara no assunto. São creditados Evangelho e Atos a Lucas o médico. O cânon de Muratorian designa Atos a Lucas. Ao final do 2º século a autoridade dos Atos é bem como estabelecido como isso do Evangelho (Salmão, Introdução para o Testamento Novo, 1885, 366). Irineu, Tertuliano, Clemente de Alexandria, todos chama Lucas o autor do livro. O argumento está completo. Ainda é fortalecido mais adiante pelo fato que o ponto de vista do livro é Paulino e pela ausência de referências para as epístolas de Paulo. Se um não o companheiro de Paulo tinha escrito Atos, ele teria feito algum uso deles certamente. Incidentemente, também, este é um argumento para a data cedo dos Atos. A prova que ganhou Harnack, o líder da esquerda na Alemanha, para o reconhecimento da autoria de Lucas de Atos deveria ganhar tudo a esta posição.

V. Cânon

O uso dos Atos não se aparece tão cedo ou tão freqüentemente como é verdade dos evangelhos e as epístolas de Paulo. A razão óbvia. As epístolas tiveram um campo especial e os evangelhos atraíram a tudo. Só gradualmente Atos circulam. No princípio nós achamos insinuações literárias sem o nome de livro ou autor. Mas Holtzmann (Einl, 1892, 406) admite o uso de Atos por Inácio, Justino Martir, Policarpo. O uso do Evangelho de acordo com Lucas por Tatiano e Marcião realmente revolve conhecimento dos Atos. Mas em Irineu freqüentemente (Adv. Haer, i. 23, 1, etc.) Os Atos são creditados a Lucas e consideraram Bíblia. O Cânon de lista de Muratori isto como Bíblia. Tertuliano e Clemente de Alexandria da atributo o livro para Lucas e trata isto como Bíblia. Antes das vezes de Eusebio o livro é reconhecido geralmente como parte do cânon. Certo das festas heréticas rejeite (como o Ebionites, Marcionites, Manicheans). Mas antes deste tempo os cristãos tinham vindo pôr tensão em história (o Gregory, Cânon e Texto do Testamento Novo, 1907, 184), e o lugar de Atos está agora seguro no cânon.

VI. Data

1. As Relações de Lucas para Josefo

A aceitação da autoria de Lucas resolve a pergunta de algumas das datas apresentada por críticos. Schmiedel coloca a data de Atos

entre 105 e 130 A.D. (Enciclopédia Bíblica). Ele assume como provado aquele Lucas fez uso das escritas de Josefo. Nunca foi possível levar com muita seriedade a reivindicação que o conhecido de espetáculos de Atos com Josefo. Veja Keim, Geschichte Jesu, III, 1872, 134, e Krenkel, de Josefo e Lucas, 1894, para os argumentos a favor daquela posição. As palavras citadas para provar isto estão nas palavras de principais de uso comum. O único assunto sério é a menção de Teudas e Judas o Galileu em At 5:36 e Josefo (Antiguidades, XX, v, 1 f). Em Josefo os nomes acontecem umas vinte linhas separadamente e a semelhança só é realmente leve. O uso de *pe tho* com relação a Teudas e *apostesai* relativo a Judas é tudo aquilo requer notificação. Seguramente, então, duas palavras comuns para “persuada” e “revolta” não é bastante para levar convicção do uso do escrito de Josefo. O assunto é mais que compense pelas diferenças nos dois relatórios da morte de Herodes Agripa (At 12:19-23; Josefo, Antig., XVIII, vi, 7, XIX, viii, 2). O argumento sobre Josefo definitivamente pode ser despedido do campo. Com isso todo o chão vai por uma data de 2º século. Foram aduzidos outros argumentos (veja Holtzmann, Einl, 1892, 405) como o uso das epístolas de Paulo, conhecido com Plutarco, Ariano e Pausanias, por causa de imitação em método de trabalho (i.e. vidas paralelas de Pedro e Paulo, períodos de história, etc.), correção de Gálatas em Atos (por exemplo, Gl 1:17-24 e At 9:26-30; Gl 2:1-10 e Atos 15:1-33). O paralelo com Plutarco é fantástico, enquanto o uso das epístolas de Paulo está por nenhum meio clareie, a ausência de tal uso, realmente, que é um das características do livro. A variação de Gálatas é explicada longe melhor na suposição que Lucas não tinha visto as epístolas.

2. 80 A.D são o Limite se o Livro será Creditado a Lucas

A maioria de críticos modernos que aceitam Lucas autoria lugar isto entre 70 e 80 A.D. Assim Harnack, Lechler, Meyer, Ramsay, Sanday, Zahn. Esta opinião descansa principalmente na idéia que o Evangelho de acordo com Lucas foi escrito depois da destruição de Jerusalém em 70 A.D. É reivindicado que espetáculos de Lc 21:20 que esta tragédia já tinha acontecido, como comparado com Mc 13:14 e Mt 24:15. Mas a menção de exércitos é muito geral, estar seguro. Também é chamada atenção à ausência da advertência em Lucas. Harnack (Os Atos dos Apóstolos, 291 f) admite que os argumentos a favor da data 70 a 80 estão por nenhum meio conclusivo. Ele escreve “advertir os críticos contra um fechar muito precipitado da pergunta cronológica.” No livro novo dele (Neue zur de Untersuchungen Apostelgeschichte, etc., 1911, S. 81) Harnack definitivamente aceita a data antes da destruição de Jerusalém. Ágil não daria nenhuma data a Atos por causa da incerteza sobre a data do Evangelho.

3. Antes de 70 A.D.

Esta data é apoiada por Blass, Headlam, Maclean, Rackham, Salmão. Realmente, Harhach considera que “considerações muito pesadas” discuta para a data cedo. Ele, como já declarou, agora leva o posto dele para a data cedo. Isto obviamente o modo mais simples para entender o fim de Lucas dos Atos para estar devido ao fato que Paulo ainda estava em prisão. Harnack combate que os esforços para explicar esta situação fora não são “bastante satisfatório ou muito iluminando.” Ele não menciona a morte de Paulo porque ele ainda estava vivo. O dramático pretenda trazer Paulo para Roma é artificial. A suposição de um terceiro livro do uso de *proton* em At 1:1 é bastante gratuita, desde no *Koine*, não dizer o grego mais cedo, “primeiro” era freqüentemente usado quando foram mencionados só dois (compare “nossa primeira história” e “segunda história,” primeira a esposa” e “segunda esposa”). O tom inteiro do livro é que qual teria naturalmente antes de 64 A.D. Depois do queimar de Roma e a destruição de Jerusalém a atitude manteve no livro para os romanos e judeus teria sido muito difícil a menos que a data fosse posteriormente uns tempos longos que Harnack deseja “ajudar uma dúvida a suas dívidas de luxúria.” Que “dúvida” de Harnack é destinada para se tornar a certeza do futuro. (Desde que esta oração foi escrita que Harnack resolveu a própria dúvida dele.) O livro vai, eu penso, seja creditado finalmente ao tempo 63 A.D, em Roma. O Evangelho de Lucas pertencerá então naturalmente ao período da prisão de Paulo em Cesaréia. O julgamento de Moffatt (Testamento Novo Histórico, 1901, 416) que “não pode ser mais cedo” que 80 A.D, é completamente chateado pelo ataque poderoso de Harnack na própria posição prévia dele. Também veja a Introdução de Moffatt à Literatura do Testamento Novo (1911) e o Dado de Koch Abfassungszeit des lukanischen Geschichtswerkes (1911).

VII. Fontes Usadas por Luke

Se nós assumimos agora que aquele Lucas é o autor dos Atos, a pergunta permanece sobre o caráter das fontes usado por ele. A pessoa está à liberdade atrair a Lc 1:1-4 para o método geral do autor. Ele usou ambos o oral e escrita fontes. Nos Atos o assunto é simplificado um pouco pelo fato que Lucas era o companheiro de Paulo para uma parte considerável da narrativa (o “nós” seções, At 16:11-17; At 20:5; At 21:18; 27 e 28). É mais que provável aquele Lucas também estava com Paulo durante a última permanência dele em Jerusalém e durante a prisão a Cesaréia. Há nenhuma razão para pensar que Lucas e Paulo repentinamente em Jerusalém só voltou a Cesaréia quando ele começou para Roma (At 27:1). A ausência de “nós” é natural aqui, desde que não é uma narrativa de viagem, mas um esboço da apreensão de Paulo e séries de defesas. A mesma abundância de material aqui, como em Atos 20 e 21, discute para a presença de Lucas. Mas de qualquer modo Lucas tem acesso ao próprio Paulo para informação relativa a este período, como era verdade do segundo, de Atos 13 para o fim do livro. Lucas ou estava presente ou ele poderia ter aprendido de Paulo que os fatos usaram. Ele pode ter mantido um diário de viagem no qual era tirado quando necessário. Lucas poderia ter tomado notas dos endereços de Paulo em Jerusalém (Atos 22) e Cesaréia (Atos 24 por 26). Destes, com a ajuda de Paulo, ele compôs a conta da conversão de Paulo provavelmente (Atos 9:1-30). Se, como penso eu é verdade, o livro foi escrito durante a primeira prisão romana de Paulo, Lucas teve o benefício de intimidade com Paulo a todos os pontos. Mas, nesse caso, ele era completamente independente na moda e assimilou os materiais dele gostar de um verdadeiro historiador. Paulo (e também o Filipe para parte disto) era uma testemunha aos eventos sobre Estevão em Atos 6:8 por 8:1 e um participante do trabalho em Antioquia (At 11:19-30). Filipe, o anfitrião da companhia de Paulo (At 21:8) na última viagem para Jerusalém, provavelmente estava ainda lá em Cesaréia durante a prisão de Paulo. Ele poderia ter contado para Lucas os eventos em At 6:1-7 e 8:4-40. Também em Cesaréia pode ter sido derivada a história do trabalho de Pedro, possivelmente até mesmo do próprio Cornélio (9:32 por 11:18). Se Lucas já foi para Antioquia ou não nós não sabemos (Códice Bezae tem “nós” em Act_11: 28), entretanto ele pode ter tido acesso às tradições de Antioquia. Mas ele foi para Jerusalém. Porém, a narrativa em Atos 12 provavelmente restos na autoridade de João Marcos (At 12:12, At 12:25), na casa de quem mãe foram juntados os discípulos. Lucas foi lançado aparentemente com Marcos em Roma (Cl 4:10), se não antes de. Para Atos 1 por 5 o assunto não parece tão claro no princípio, mas estes capítulos necessariamente não são desacreditados naquela conta. São notáveis, como os historiadores antigos fizeram tão pequena menção das fontes deles, que nós podemos conectar Lucas nos Atos com tantas fontes prováveis de evidência. Barnabé (At 4:36) pôde contar muito

sobre a origem do trabalho em Jerusalém. Assim pôde Mnáson. Filipe também era um dos sete (At 6:5; At 21:8). Nós não sabemos que Lucas conheceu a Pedro em Roma, entretanto isso é possível. Mas durante a permanência em Jerusalém e Cesaréia (dois anos) Lucas teve oportunidade abundante para aprender a narrativa dos grandes eventos contada em Atos 1 por 5. Ele usou ambos talvez a oral e escrito fontes para esta seção. A pessoa não, claro que, prove através de argumentos lingüísticos ou históricos a natureza precisa das fontes de Lucas em Atos. Só em esboços largos os materiais prováveis podem ser esboçados.

VIII. As Falas em Atos

Este assunto é importante bastante receber tratamento separado. As numerosas falas são informadas em Atos que composições gráti de Lucas fizeram ordenar la de à Thucydides. Eles são literalmente relatórios de notas ocupadas nas vezes e literalmente copiaram na narrativa? Eles são relatórios significativos incorporados com mais ou menos liberdade com marcas do próprio estilo de Lucas? Em teoria qualquer um destes métodos era possível. O exemplo de Thucydides, Xenofonte, Levi e Josefo mostra que os historiadores antigos não hesitaram para inventar falas das quais nenhum relatório estava disponível. Lá não está querendo esses que acusam Lucas desta mesma coisa em Atos. O assunto só pode ser resolvido tão longe por uma atração aos fatos como podem ser determinados eles. Não pode ser negado que até certo ponto a mão de Lucas seja aparente nos endereços informados por ele em Atos. Mas este fato não deve ser apertado muito longe. Não é verdade que os endereços são todo semelhantes na moda. É possível distinguir as falas de Peter muito claramente desses de Paulo. Não somente é este verdadeiro, mas nós podemos comparar os endereços de Paulo e Pedro com as epístolas deles. Não é provável que Lucas tenha visto estas epístolas, como será mostrado agora. Está creditando habilidade literária notável a Lucas supor que ele fez as pazes “Pedro” falas e “Paulina” falas com tal sucesso que eles harmonizam formosamente com os ensinamentos de general de cada destes apóstolos. O endereço de Stephen também difere nitidamente desses de Peter e Paul, entretanto nós não podemos comparar este relatório com qualquer trabalho original pelo próprio Stephen. Outra coisa também é verdade, particularmente dos sermões de Paul. Eles são declarados maravilhosamente a tempo, lugar e audiência. Todos eles têm um distraia sabor de Pauline, e ainda uma diferença em cor local que corresponde, até certo ponto, com as variações no estilo das epístolas de Paulo. Professor Percy Gardner (As Falas de Paulo em Atos, em Cambridge Composições Bíblicas, 1909) reconhece estas diferenças, mas busca os explicar no chão de precisão variada nas fontes usadas por Lucas, enquanto contando a fala a Mileto como o mais histórico de tudo. Mas ele admite o uso de fontes por Lucas para estes endereços. A teoria de pura invenção por Lucas é desacreditada totalmente através de atração aos fatos. Por outro lado, devido à presença aparente do estilo de Lucas pode ser reivindicado quase não até certo ponto nas falas, que ele fez relatórios literalmente. Além, o relatório dos endereços de Jesus no Evangelho de Lucas (como nos outros evangelhos) espetáculos a mesma liberdade dando para a substância reprodução exata das palavras que são achadas em Atos. Novamente, parece claro que alguns, se não tudo, são condensados os relatórios em Atos, meros esboços no caso de alguns dos endereços de Pedro. Os anciões souberam fazer relatórios de taquigrafia de tal se dirige. A tradição oral era provavelmente ativa preservando as falas cedo de Pedro e até mesmo de Estevão, entretanto o próprio Paulo ouviu Estevão. As falas de Paulo todo o espetáculo as marcas de uma testemunha ocular (Bethge, *Die paulinischen Reden*, etc., 174). Para as falas de Pedro, Lucas pode ter tido documentos, ou ele pode ter tirado a tradição oral atual enquanto ele estava em Jerusalém e Cesaréia. Provavelmente Pedro falou em grego no dia de Pentecostes. Os outros endereços dele podem ter estado em arameu ou em grego. Mas a tradição oral os levaria certamente em grego, se também em arameu. Lucas ouviu Paulo falar a Mileto (Atos 20) e pode ter tomado notas na ocasião. Tão também ele ouviu o endereço de Paulo quase certamente nos passos da Torre de Antonia (Atos 22) e que antes de Agripa (Atos 26). Não há nenhuma razão para pensar que ele estava ausente quando Paulo fez as defesas dele ante Felix e Festo (Atos 24 por 25) Ele estava presente no navio quando Paulo falou (Atos 27), e em Roma quando ele se dirigiu aos judeus (Atos 28) Lucas não estava disponível quando Paulo entregou o sermão dele em Antioquia da Pisidia (Atos 13), ou em Listra (Atos 14), ou em Atenas (Atos 17) Mas estes discursos tão grandemente diferem em tema e tratamento, e é tão essencialmente Paulino que é natural pensar que o próprio Paulo deu para Lucas as notas que ele usou. O sermão em Antioquia da Pisidia é provavelmente determinado como uma amostra dos discursos missionários de Paulo. Contém o coração do evangelho de Paulo como se aparece nas epístolas dele. Ele acentua a morte e ressurreição de Jesus, perdão de pecados por Cristo, justificação por fé. Às vezes é contestado em Atenas o endereço mostra uma amplitude de visão e desconhecido de condolência a Paulo, e que há um tom de Sótão curioso ao estilo grego. O sermão vai até onde Paulo pode (compare 1 Co 9:22) para o ponto de vista dos gregos (mas compara Cl e Ef). Porém, Paulo não sacrifica o princípio dele de graça em Cristo. Ele chamado os atenienses a arrependimento, orou o julgamento para pecado e anunciou a morte e a ressurreição de Jesus. A paternidade de Deus e a fraternidade do homem aqui ensinaram não signifique aquele Deus arrancou a pecado e poderia salvar todos os homens sem arrependimento e perdão de pecado. Persiga (A Credibilidade de Atos) dá uma coleção dos endereços missionários de Paulo. Podem ser ditos a realidade histórica e valor das falas em Atos para ser vindicado através de bolsa de estudos moderna. Para uma discussão simpaticante e escolar de tudo dos endereços de Paulo veja o Jones, São Paulo o Orador (1910). A fala curta de Tertuliano (Atos 24) foi feito em público, como era a declaração pública de Festo em Atos 26. A carta de Claudio Lisias para Felix em Atos 23 era um documento público. Como Lucas adquiriu cabo da conversação sobre Paulo entre Festo e Agripa em Atos 26 é mais difícil conjecturar.

IX. Relação de Atos para as Epístolas

Não há nenhuma real evidência que Lucas fez uso de quaisquer das epístolas de Paulo. Ele estava com Paulo em Roma quando Cl foi escrita (Lc 4:14), e pode, realmente, foi o amanuense de Paulo para esta epístola (e para Efésios e Filemom). Um pouco de semelhanças para o estilo de Lucas estiveram fora pontudas. Menos fins de Atos sem qualquer narrativo lá, de forma que estas epístolas nenhuma influência mostrou na composição do livro dos eventos em Roma durante os anos. Sobre os dois grupos precedendo das epístolas de Paulo (1 e 2 Ts, 1 e 2 Co, Gl, Rm) não há nenhuma prova que Lucas viu qualquer deles. A Epístola para os romanos era provavelmente acessível para em enquanto em Roma, mas ele não parece ter usado isto. Lucas preferiu atrair diretamente a Paulo para informação evidentemente em lugar de para as epístolas dele. Isto é todo simples bastante se ele escrevesse o livro ou fez os dados dele enquanto Paulo estava vivo. Mas se fossem escritos Atos muito tarde, seria estranho o autor não ter feito uso de algumas das epístolas de Paulo. Então, o livro tem a grande vantagem de cobrir algum do mesmo chão como isso discutida nas epístolas mais cedo, mas de um estar de pé-ponto completamente independente. São providas freqüentemente incidentemente as aberturas em nosso conhecimento da uma fonte, mas satisfatoriamente, do outro. As coincidências entre Atos e as epístolas de Paulo foram localizadas bem por Paley no *Horae Paulinae* dele, ainda um livro de muito valor. Knowling, na *Testemunha dele das Epístolas* (1892), fez um mais recente estudo do mesmo problema. Mas para o conflito aparente entre Gl 2:1-10 e Atos 15 poderia ser derrubado o assunto neste momento. É discutido por

alguns que Atos, escritos muito tempo depois de Gálatas, escovas para um lado a conta da conferência de Jerusalém dada por Paulo. É seguro que Paulo está correto no registro pessoal dele, e que Atos são então uma história que outros economizam o crédito de Atos discutindo aquele Paulo está recorrendo a uma conferência privada mais cedo alguns anos antes de a discussão pública registrasse em Atos 15. Isto é, claro que, possível em si mesmo, mas está por nenhum meio requerido pelas variações entre os dois relatórios. A contenção de Ágil nunca esteve realmente transtornado, que Gl 2:1-10 Paulo cede o lado pessoal da conferência, não um relatório cheio da reunião geral. O que Paulo está fazendo é mostrar aos Gálatas como ele está no mesmo nível que os apóstolos de Jerusalém, e como a autoridade dele e independências foram reconhecidas por eles. Este aspecto do assunto entrou fora na conferência privada. Paulo não está em Gl 2:1-10 que parte a vitória dele em cima do Judaísmo no interesse de liberdade Pagã. Mas em Atos 15 é precisamente esta luta para liberdade Pagã que é em discussão. As relações de Paulo com os apóstolos de Jerusalém não são o ponto nada, entretanto isto em planície em Atos que eles concordam. Também em Gálatas a vitória de Paulo para liberdade Pagã entra fora. Realmente, em Atos 15 são mencionado duas vezes que foram reunidos os apóstolos e anciões (At 15:4, At 15:6), e nas duas vezes somos é falado que Paulo e Barnabé os endereçaram (At 15:4, At 15:12). É então natural supor que esta conferência privada narrada por Paulo em Gálatas se colocou entre Gl 2:5 e Gl 2:6. Lucas não pode, realmente, ver a Epístola aos Gálatas, e pode não ter tido notícias de Paulo a história da conferência privada, entretanto ele conheceu as duas reuniões públicas. Se ele conhecesse a reunião privada, ele não pensou isto pertinente para a narração dele. Claro que, nenhuma contradição há entre Paulo estar subindo através de revelação e pelo compromisso da igreja em Antioquia. Em Gl 2:1 nós temos a segunda (Gl 1:18) visita para Jerusalém depois que a conversão dele mencionada por Paulo, enquanto que em Atos 15 o terceira está em Atos (At 9:28; At 11:29; At 15:2). Mas não havia nenhuma razão particular para Paulo mencionar a visita em At 11:30 que não interessou a relação dele aos apóstolos em Jerusalém. Realmente, só o “os anciões” é mencionado nesta ocasião. A mesma independência entre Atos e o Gálatas acontece em Gl 1:17-24, e At 9:26-30. Em Atos não há nenhuma insinuação à visita para a Arábia, da mesma maneira que não há nenhuma menção da conferência privada em Atos 15. Também em At 15:35-39 não há nenhuma menção da discordância acentuada entre Paulo e Pedro a Antioquia registrou em Gl 2:11. Paulo menciona isto para provar a própria autoridade dele e independência como um apóstolo somente. Lucas não teve nenhuma ocasião para registrar o incidente, se ele se familiarizasse com o assunto. Estes exemplos ilustram bem como, quando os Atos e as epístolas variarem, eles realmente completam um ao outro.

X. Cronologia de Atos

Aqui nós confrontamos um das perguntas desconcertando em crítica do Testamento Novo. Em geral, escritores antigos não tinham assim nenhum cuidado como escritores modernos dar datas precisas para eventos históricos. Realmente, não era fácil fazer assim devido à ausência de um método uniforme de pensar tempos. Porém, Lucas relaciona a narrativa dele os eventos externos a vários pontos. No Evangelho dele ele tinha unido o nascimento de Jesus com os nomes de Augusto como imperador e de Quirínio como governador da Síria (Lc 2:1), e a entrada de João Batista no ministério dele com os nomes do romano principal e regras judias do tempo (Lc 3:1) Tão somente também nos Atos ele não nos deixa sem várias notas de tempos. Realmente, ele não dá a data da Ascensão ou da Crucificação, ele coloca a Ascensão quarenta dias depois da Ressurreição (At 1:3), e o grande Dia de Pentecostes viria então depois dez dias, “não muitos dias consequentemente” (At 1:5) Mas os outros eventos nos capítulos de abertura de Atos não têm nenhum arranjo cronológico claro. A carreira de Estevão fica meramente situada “por estes dias” (At 6:1). O começo da perseguição geral debaixo de Saulo fica situado no mesmo dia da morte de Estevão (At 8:1), mas o ano é nem mesmo indicado. A conversão de Saulo provavelmente entra em sua ordem cronológica em Atos 9, mas o ano não é novamente determinado. Nós não temos nenhuma sugestão sobre a idade de Saulo à conversão dele. Tão novamente a relação do trabalho de Pedro em Cesaréia (10) para orá-lo aos gregos em Antioquia (11) não é feito claro, entretanto provavelmente nesta ordem. Só é quando nós viemos a Atos 12 que nós alcançamos um evento cuja data é razoavelmente certa. Esta é a morte de Herodes Agripa I em 44 d.C. Mas mesmo assim, Lucas não correlata a vida de Paulo com aquele incidente. Ramsay (St. o Paul o Viajante, 49) lugares a perseguição e morte de Tiago em 44, e a visita de Barnabé e Saulo para Jerusalém em 46. Aproximadamente 44, então, que nós podemos considerar que aquele Saulo veio a Antioquia de Tarso. Os “quatorze anos” em Gl 2:1 como já provavelmente mostrado depois ponto à visita em Atos 15 alguns anos. Mas Saulo tinha estado em Tarso algum ano e tinha gastado uns três anos na Arábia e Damasco depois da conversão dele (Gl 1:18). Além disso, não é possível ir. Nós não conhecemos a idade de Saulo em 44 d.C ou o ano a conversão dele. Ele não nasceu longe de 1 d.C. Mas se nós localizarmos Paulo a Antioquia com Barnabé em 44 d.C, nós podemos fazer alguns progressos. Aqui Paulo passou um ano (At 11:26). A visita para Jerusalém em Atos 11, a primeira viagem missionária em 13 e 14, a conferência em Jerusalém em 15, a segunda viagem missionária em 16 por 18, a terceira viagem missionária e volta a Jerusalém em 18 por 21, a apreensão em Jerusalém e dois anos em Cesaréia em 21 por 26, tudo se colocam entre 44 d.C, e a revogação de Felix e a vinda de Festo. Era levado para conceder aquele Festo entrou em 60 d.C. Wieseler entendeu isto assim de Josefo e foi seguido por Ágil. Mas Eusebio, na “Crônica” dele, colocou aquele evento no segundo ano de Nero. Isso seria 56, a menos que Eusebio tenha um modo especial de contar esses anos Sr. C. H Turner (arte. “Cronologia” em HDB) acha que Eusebio conta o ano de um imperador do seguinte de setembro. Nesse caso, a data poderia ser avançada a 57 (compare Rackham em Atos, lxvi). Mas Ramsay (xiv de capítulo, “Cronologia de Pauline,” em Pauline e Outros Estudos) cortes o Gordian amarram mostrando um erro em Eusebio devido ao desconsiderar um interregno com o reinado de dele Assalta Ramsay aqui segue Erbes (Todestage und de Pauli Petri nesta descoberta e pode fixar em 59 como a data da vinda de Festo. Provavelmente 59 terão que responder como uma data de acordo. Entre 44 d.C e 59 d.C, então, nós colocamos o tamanho do trabalho de missionário ativo de Paulo. Lucas dividiu este período em divisões secundárias com datas relativas. Assim um ano e são mencionados seis meses em Corinto (At 18:11), além de “contudo muitos dias” (At 18:18). Em Efésios que nós achamos mencione de “Três meses” (At 19:8) e “dois anos” (At 19:10), a história inteira somou para cima como “Três anos” (At 20:31) Então nós temos o “dois anos” de demora em Cesaréia (At 24:27). Nós temos aproximadamente sete destes quinze anos assim relacionados. Muito do permanecer oito estava gasto nas viagens descritas por Lucas. Nós também somos contados as vezes de ano quando a viagem para Roma era a caminho (At 27:9), o comprimento da viagem (At 27:27), a duração da permanência em Malta (At 28:11), e as vezes gastaram em Roma ao fim do livro, “dois anos inteiros” (At 28:30). Assim é possível fixar em um horário relativo de datas, entretanto não um absoluto. Harnack (Os Atos dos Apóstolos, capítulo i, “Dados Cronológicos”) trabalhou fora um esquema muito cuidadoso para o todo de Atos. Knowling tem um currículo critico bom do estado presente de nosso conhecimento da cronologia de Atos no Comentário dele, 38ff, também compare Clemen, *Die Chronologie der paulinischen Briefe* (1893). Está claro, então, que um esquema racional para eventos da carreira de Paulo tão longe como registrado nos Atos pode ser achado. Por

exemplo, se 57 d.C., deveria ser levado como o ano de Festo que vem em lugar de 59 ou 60 d.C., as outras datas atrás para 44 d.C., vai, claro que, seja afetado em uma escala móvel. Atrás de 44 d.C., as datas são largamente conjecturais.

XI. Valor histórico de Atos

Era uma vez à moda para desacreditar Atos como um livro de nenhum real valor como história. A escola de Tübingen considerou Atos “um recente romance controverso, o único valor histórico de qual era lançar luz no pensamento do período que produziu isto” (Perseguição, A Credibilidade de Atos, 9). Não há alguns escritores ausentes que ainda consideram Atos como um recente *eirenicon* entre Pedro e Paulo festas, ou como um folheto de festa no interesse de Paulo. Um pouco fantástico compara é achado entre o tratamento de Lucas de Pedro e Paulo “de acordo com Holtzmann, o argumento mais forte para a posição crítica é a correspondência entre os atos de Pedro e os outros apóstolos no a pessoa montou e esses de Paulo no outro” (Headlam em HDB). Mas este assunto parece bastante distante ido buscar. O Pedro é a figura principal nos capítulos cedo, como Paulo está dentro o posterior a metade do livro, mas as correspondências não estão golpeando notavelmente. Lá existe em algumas mentes um preconceito contra o livro no chão dos milagres registrado como eventos genuínos por Lucas. Mas o próprio Paulo reivindicou ter milagres forjados (2Co 12:12). Não é científico para reger um livro anteriormente fora porque narra milagres (Blass, Acta Apostolorum, 8). Ramsay (São Paulo o Viajante, 8) conta a experiência dele com respeito à probidade de Atos: “Eu comecei com uma mente desfavorável para isto, para a ingenuidade e perfeição aparente da teoria de Tübingen tinha convencido uma vez totalmente me.” Estava por verificação atual de Atos em pontos onde poderia ser testado por inscrições, as epístolas de Paulo, ou o novo cristianismo atual os escritores que “foi agüentado gradualmente dentro em mim que em vários detalhes a narrativa mostrou verdade maravilhosa.” Ele conclui por “colocando este grande escritor no pedestal alto que pertence a ele” (10). McGiffert (A Idade Apostólica) tinha sido compelido pela evidência geográfica e histórica para abandonar a mais velha crítica em parte. Ele também admitiu que os Atos “é mais confiável que os críticos prévios permitiram” (Ramsay, Lucas o Médico, 5). Schmiedel (Enciclopédia Bíblica) ainda discute que o escritor de Atos é inexato porque ele não estava em posse de informação cheia. Mas em geral Atos tiveram uma vindicação triunfante em crítica moderna. Jülicher (Einl, 355) admite “um caroço genuíno crescido demais com crescimentos legendários” (Perseguição, Credibilidade, 9). A honestidade moral de Lucas, a fidelidade dele para verdade (Rackham em Atos, 46), é mostrada claramente no Evangelho dele e os Atos. Afinal de contas, esta é a característica principal no verdadeiro historiador (Ramsay, São Paulo o Viajante, 4). Lucas escreve como um homem de propósito sério e é o um escritor do Testamento Novo que menciona o uso cuidadoso dele dos materiais dele (Lc 1:1-4). A atitude dele e gasto é esses do historiador. Ele revela habilidade artística, é verdade, mas não para o descrédito do registro dele. Ele não dá uma crônica nua, mas ele escreve uma real história, uma interpretação dos eventos registrou. Ele teve recursos adequados do modo de materiais e dom e fez uso consciencioso e hábil da oportunidade dele. Não é necessário aqui dar todos os pontos nos quais Lucas foi vindicado em detalhes (veja Knowling em Atos, os livros de Ramsay e o Luke de Harnack e Atos). Os mais óbvios são o seguinte: O uso de “proconsul” em vez de “propraetor” em At 13:7 está um exemplo notável. Curiosamente bastante Chipre não era muito tempo uma província senatorial. Uma inscrição foi achada em Chipre “no pro consulado de Paulus.” Os ‘primeiros homens de Antioquia da Pisidia é como o (At 13:50) “Primeiro Dez,” um título que “só era determinado (como aqui) para uma tábua de magistrados em cidades gregas do Leste” (MacLean em um-vol HDB). O “o sacerdote de Júpiter” a Listra (At 14:13) está lá em acordo com os fatos conhecidos da adoração. Assim nós temos Pergamo na Panfilia (At 13:13), Antioquia da Pisidia At 13:14), Listra e Derbe em Licaonia (At 14:6), mas não Iconio (At 14:1). Em Filipos Lucas nota que os magistrados são chamados *stratego* ou *praetors* (At 16:20), e é acompanhado por *rhabdouchoi* (At 16:35). Em Tessalonica estão as regras “*politarches*” (At 17:6), um título achado em nenhuma outra parte, mas agora descobriu em uma inscrição de Tessalonica. Ele fala justamente do Tribunal do Areópago em Atenas (At 17:19) e o proconsul em Acaia (At 18:12). Entretanto Atenas era uma cidade livre, o Tribunal do Areópago nas vezes seja as reais regras. Acaia às vezes era associado com a Macedônia, entretanto neste momento era uma província senatorial separada. Em Éfeso Lucas sabe do “Asiarcas” (At 19:31), “os presidentes da ‘Câmara municipal’ da província em cidades onde haviam um templo de Roma e o Imperador; eles superintenderam a adoração do Imperador” (Maclean). Também Nota o fato que Éfeso é “o templo-guardião da grande Diana” (At 19:35). Então observe o balconista de cidade (At 19:35), e a assembléia (At 19:39). Também Note o título de Felix, “o governador” ou procurador (At 24:1), Agripa o rei (At 25:13), Júlio o centurião da coorte augusta (At 27:1). Atos 27 é uma maravilha de interesse e precisão para tudo que desejam saber detalhes de ancião navegante. O assunto foi trabalhado em cima de um modo destro pelo James Smith, Viagem e Naufrágio de Paulo. O título “Primeiro o Homem da Ilha” (At 28:7) é achado agora em uma moeda de Malta. Estes são por nenhum significa todos os assuntos de interesse, mas eles bastarão. Em a maioria dos artigos dado sobre a veracidade de Lucas foi desafiado uma vez, mas agora ele foi vindicado triunfalmente. A força desta vindicação é apreciada melhor quando a pessoa recordar a natureza incidental dos artigos mencionada. Eles vêm de distritos amplamente se espalhados e há pouco os pontos onde em regiões estranhas é tão fácil de fazer deslizes. Se espaço permitisse, o assunto poderia ser partido em mais detalhe e com mais justiça para o valor de Lucas como um historiador. É verdade que nas porções mais cedo dos Atos nós não podemos achar tantos confirmações geográficas e históricas. Mas a natureza do material não pediu a menção de tantos lugares e pessoas. Na parte posterior Lucas não hesita também registrar eventos milagrosos. O caráter dele como um historiador é firmemente estabelecido pelas passagens onde fora de contato foram achadas. Nós não o podemos recusar um nome bom no resto do livro, entretanto o valor das fontes usou cortes certamente uma figura. Foi urgido que fragmentos de Lucas abaixo como historiador na menção dobro de Quirínio em Lc 2:2 e At 5:37. But Ramsay (*Was Christ Born at Bethlehem?*) mostrou como o conhecimento novo do sistema de censo de Augusto derivado do papiro do Egito está a ponto de clarear esta dificuldade. A precisão geral de Lucas pede expectativa de julgamento pelo menos, e no assunto de Teudas e Judas o Galileu (Atos 5) Lucas como comparado com Josefo excede o rival dele. Harnack (Os Atos dos Apóstolos, 203-29) dá do modo diligente habitual dele vários exemplos de “inexatidão e discrepância” Mas o grande tamanho deles somente são exemplos de independência em narração (compara Atos 9 com 22 e 26, onde nós temos três relatórios da conversão de Paulo). Harnack não fez, realmente, uma vez coloque como alto um valor em Lucas como um historiador como faz agora ele. Então, ainda mais é significativa para ler o seguinte em Harnack é Os Atos dos Apóstolos (298 f): “O livro foi restabelecido agora à posição de crédito que é sua dívida legítima. Não só é levado como um todo, um trabalho genuinamente histórico, mas até mesmo na maioria de seus detalhes é confiável.... Julgou de quase todo possível ponto de vista de crítica histórica é um sólido, respeitável, e em muitos aspectos um trabalho extraordinário.” Quer dizer, em minha opinião, uma indicação incompleta dos fatos (veja

Ramsay), mas é uma conclusão notável relativo à probidade de Lucas quando a pessoa considerar a distância que Harnack veio. De qualquer modo o preconceito contra Lucas está desaparecendo rapidamente. O julgamento do futuro é previsão por Ramsay que classifica Lucas como historiador da primeira ordem.

XII. Propósito do Livro

Muita discussão foi dada à pontaria de Lucas nos Atos. A teoria de Baur era que este livro foi escrito para dar uma visão conciliatória do conflito entre o Pedro e Paulo, e que um paralelismo minucioso existe nos Atos entre estes dois heróis. Esta teoria de tendência segurou o campo crítico uma vez, mas não levam em visão todos os fatos, e não explica o livro como um todo. O Pedro e Paulo são os heróis do livro como eles foram indubitavelmente as duas personalidades principais na história apostólica (compare Wendt, *Apostelgeschichte*, 17). Há algum paralelismo entre as carreiras dos dois homens (compare a adoração oferecida a Pedro em Cesaréia At 10:25, e que para Paulo em At 14:11; também veja o castigo de Ananias e Safira e que de Elimas). Mas Knowling (Atos, 16) bem respostas que curiosamente nenhum uso é feito da morte de Pedro e Paulo em Roma, possivelmente ao mesmo tempo. Se os Atos fossem escritos tarde, este assunto estaria aberto ao conhecimento do escritor. Há em verdade nenhum real esforço na parte de Lucas ao pintar Paulo como Pedro ou Pedro como Paulo. As poucas semelhanças em incidente são mera comparação natural e histórica. Outros viram nos Atos uma forte conciliação Pagã (o pagão) opinião no fato que os governadores romanos e oficiais militares são apresentados assim uniformemente como favorável para Paulo, enquanto os judeus são representados como os reais agressores contra Cristianismo (compare a atitude de Josefo para Roma). Aqui novamente o fato está além de disputa. Mas a outra explicação é o mais natural, isto é, que Lucas tira este aspecto do assunto porque era a verdade. Compare B. Weiss, Einl, 569. Lucas tem um olho nas relações mundiais de Cristianismo e justamente reflete a ambição de Paulo para ganhar o Império romano a Cristo (veja Rm 15), mas isso é não dizer que ele deu para o livro um preconceito político ou coloriu isto para privar isto de seu valor histórico. É provavelmente verdade (compare Knowling, Atos, 15; J. Weiss, *Ueber die Absicht und den literarischen Charakter der Apostelgeschichte*) que Lucas sentiu, como fez Paulo, que o Judaísmo realizou seu destino mundial no Cristianismo, que o Cristianismo era o verdadeiro Judaísmo, e Israel espiritual e real. Se Lucas escreveu Atos em Roma, enquanto o caso de Paulo ainda estava antes de Nero, é fácil de entender a conta um pouco longa e minuciosa da apreensão e tentativas de Paulo em Jerusalém, Cesaréia e Roma. O ponto seria que o aspecto legal do Cristianismo antes de leis romanas era envolvido. Cristianismo tinha achado abrigo como uma seita do Judaísmo, e assim foi passado por Gálio em Corinto como um licita de religião. Se Paulo estivesse condenado como um cristão, o aspecto inteiro do assunto seria alterado. Cristianismo se tornaria ilícito de religião imediatamente. A última palavra nos comentários de Atos no fato que Paulo, embora ainda prisioneiro, foi permitido orar. É vista a importância deste ponto claramente como a pessoa empurra em para a perseguição de Nero em 64. Depois que aquele Cristianismo de data estivesse aparte de Judaísmo no olho de Roma. Eu já declarei minha convicção que Lucas fechou os Atos quando ele fez e como fez ele porque os eventos com Paulo só tinham ido assim distantes. Muitos estudantes asseguram que Luke teve em mente um terceiro livro (At 1:1), um possível entretanto por nenhum meios conclusão necessária de “primeiro tratado.” era um clímax para continuar a narrativa para Roma com Paulo, mas está puxando o ponto bastante para achar tudo isso em At 1:8. Nem fez Paulo objeto pegado o evangelho para Roma. Além, fazer a chegada de Paulo em Roma a meta na mente de Cristo está estreitando um propósito também. O propósito para ir para Roma dominou a mente de Paulo durante vários anos (At 19:21), mas Paulo nenhuma figura na parte cedo do livro. E Paulo desejou empurrar em de Roma para a Espanha (Rm 15:24). É provavelmente verdade que Lucas pretende anunciar o propósito dele em At 1:1-8. A pessoa precisa também se lembrar de Lc 1:1-4. Há vários modos de escrever história. Lucas escolhe o método biográfico em Atos. Assim ele concebe que ele pode estabelecer melhor adiante a tremenda tarefa de interpretar os primeiros trinta anos da história apostólica. Estar ao redor de pessoas (compare Harnack, *Os Atos dos Apóstolos*, 117), duas grandes figuras (Pedro e Paulo), que a narrativa é focalizada. Pedro é muito proeminente em Atos 1 por 12, Paulo em At 13:1 por 28. Ainda a conversão de Paulo é contada em Atos 9 e o Pedro reaparece em Atos 15. Mas estes grandes personagens não estavam sós. João o Apóstolo está certamente com Pedro nos capítulos de abertura. Os outros apóstolos também são mencionados através de nome (At 1:13) e várias vezes nos primeiros doze capítulos (e em Atos 15). Mas depois que Atos 15 que eles derrubam fora da narrativa, porque Lucas segue as fortunas de Paulo. As outras figuras secundárias principais em Atos são o Estevão, Filipe, Barnabé, Tiago, Apolo, todos os Helenistas salvam Tiago (Harnack, 120). O caráter secundário é numeroso (João, Marcos, Silas, Timóteo, Áquila e Priscila, Aristarco, etc.). Em a maioria dos casos Lucas dá um quadro distinto destes personagens incidentais. Em particular ele tira agudamente tais homens como Gálio, Claudio, Lisias, Felix, Festo, Herodes, Agripa I e II, Júlio. A concepção de Lucas da história apostólica é que ainda é o trabalho de Jesus continuado pelo Espírito Santo (At 1:1). Cristo escolheu os apóstolos, lhes comandou que esperassem por poder de em alto, os encheu do Espírito Santo e então os enviou na missão de conquista mundial. Nos Atos Lucas registra a espera, a vinda do Espírito Santo, a plantação de uma igreja poderosa em Jerusalém e a expansão do evangelho para Samaria e por toda parte do Império romano. Ele envia o livro a Teófilo como o protetor dele, um cristão pagão claramente, como ele tinha feito com o evangelho dele. O livro geralmente é projetado para o esclarecimento de cristãos relativo às origens históricas de Cristianismo. Está em verdade a primeira história de igreja. Está em realidade os Atos do Espírito Santo como forjado por estes homens. É uma narração inspiradora. Lucas não teve nenhuma dúvida tudo que do futuro de um evangelho com tal uma história e com tais heróis de fé como Pedro e Paulo.

XIII. Análise

1. A Conexão Entre o Trabalho dos Apóstolos e de Jesus (At 1:1-11)
2. O Equipamento dos Discípulos Cedo para a Tarefa deles (Atos 1:12 Por 2:47)
 - (a) Os discípulos que obedecem o Cristo estão separando comando (At 1:12 -44)
 - (b) O lugar de Judas preenchido (At 1:15-26)
 - (c) manifestações Milagrosas da presença do Espírito Santo (At 2:1-13)
 - (d) A interpretação de Pedro da situação (Atos 2:14-36)
 - (e) O efeito imediato do sermão (At 2:37-41)
 - (f) O espírito novo na comunidade Cristã (At 2:42-47)
3. O Desenvolvimento do Trabalho em Jerusalém (Atos 3:1 Por 8:1a)
 - (a) Um incidente no trabalho de Pedro e João (Atos 3)
 - (b) Oposição do Saduceus despertada a oração, da ressurreição de Jesus (Atos 4:1-31)
 - (c) Uma dificuldade interna, o problema de pobreza (Atos 4:32 por 5:11)

- (d) Grande progresso da causa na cidade (At 5:12-16)
- (e) Hostilidade Renovada dos Saduceus e a réplica de Gamaliel para os fariseus (Atos 5:17-42)
- (f) Uma crise em vida de igreja e a escolha dos sete diáconos (At 6:1-7)
- (g) A interpretação espiritual de Estevão de movimentos do Cristianismo o antagonismo dos fariseus e dianteiras para a morte violenta dele (Atos 6:8 por 8:1a)
- 4. A Extensão Compulsória do Evangelho para Judéia, Samaria e as Regiões Vizinhas (Atos 8:1b-40)**
 - (a) a grande perseguição, com Saulo como líder (At 8:1-4)
 - (b) O trabalho de Filipe como um exemplo notável do trabalho dos discípulos se espalhados (Atos 8:5-40)
- 5. A Conversão de Mudanças de Saulo a Situação Inteira para Cristianismo (Atos 9:1-31)**
 - (a) A missão de Saulo para Damasco (At 9:1-3)
 - (b) Saulo parou no curso hostil dele e voltas o próprio Cristianismo (At 9:4-18)
 - (c) Saulo se torna um explicador poderoso do evangelho em Damasco e Jerusalém (At 9:19-30)
 - (d) A igreja tem paz (At 9:31)
- 6. A Porta Abriu aos Gentios, romanos e gregos (Atos 9:32 Por 11:30)**
 - (a) a atividade de Pedro neste tempo de paz (At 9:32-43)
 - (b) A adoração de Cornélio em Cesaréia e a resposta de Pedro (Atos 10)
 - (c) A acusação de Pedro antes do elemento d farisaico na igreja em Jerusalém (Atos 11:1-18)
 - (d) São convertidos os gregos em Antioquia e Barnabé traz Saulo a este trabalho (At 11:19-26)
 - (e) Os cristãos gregos enviam alívio aos cristãos judeus em Jerusalém (At 11:27-30)
- 7. Perseguição do Governo Civil (Atos 12)**
 - (a) Herodes Agripa I mata a Tiago e prendo Pedro (Atos 12:1-19)
 - (b) Herodes paga a penalidade pelos crimes dele (At 12:20-23)
 - (c) Cristianismo prospera (At 12:24)
- 8. A Propaganda Pagã de Antioquia Debaixo da Liderança de Barnabé e Saulo (Atos 13 Por 14)**
 - (a) A chamada específica do Espírito Santo para este trabalho (At 13:1-3)
 - (b) A província de Chipre e a liderança de Paulo (At 13:4-12)
 - (c) A província da Panflia e a deserção de João Marcos (At 13:13)
 - (d) A província de Galácia (Pisidia e Licaonia) e o lugar seguro do evangelho na população nativa (Atos 13:14 por 14:24)
 - (e) O retorno e informa a Antioquia (At 14:25-28)
- 9. A Campanha Pagã Desafiada pelo Judaizante (Atos 15:1-35)**
 - (a) Eles conhecem Paulo e Barnabé de Antioquia que decide atrair para Jerusalém (At 15:1-3)
 - (b) A primeira reunião pública em Jerusalém (At 15:4)
 - (c) A segunda e mais estendida discussão com a decisão da conferência (Atos 15:6-29)
 - (d) A recepção jovial (em Antioquia) da vitória de Paulo e Barnabé (At 15:30-35)
- 10. A Segunda Grande Campanha que Estende para a Europa (Atos 15:36 Por 18:22)**
 - (a) A brecha entre Paulo e Barnabé em cima de João Marcos (At 15:36-39)
 - (b) De Antioquia para Troas com o Grito macedônio (Atos 15:40 por 16:10)
 - (c) Em Filipos na Macedônia o evangelho ganha uma posição segura na Europa, mas conhece oposição (Atos 16:11-40)
 - (d) Paulo também é dirigido de Tessalonica e Beréia (compare Filipos), cidades de Macedônia também (At 17:1-15)
 - (e) a experiência de Paulo em Atenas (Atos 17:16-34)
 - (f) Em Corinto Paulo gasta quase dois anos e a causa de Cristo ganha reconhecimento legal do governador romano (Atos 18:1-17)
 - (g) O retorno para Antioquia pela via de Éfeso, Cesaréia e provavelmente Jerusalém (At 18:18-22)
- 11. A Terceira Grande Viagem, Éfeso como Sede (Atos 18:23 Por 20:3)**
 - (a) Paulo na Galácia e Frigia novamente (At 18:23)
 - (b) Apolo em Éfeso antes que Paulo viesse (At 18:24-28)
 - (c) Os três anos de Paulo em Éfeso (Atos 19:1 por 20:1a)
 - (d) A visita breve para Corinto por causa das dificuldades lá (At 20:1-3)
- 12. Paulo retorna para Jerusalém novamente com Planos para Roma (Atos 20:4 Por 21:16)**
 - (a) Os companheiros dele (At 20:4)
 - (b) Reuniu por Lucas a Filipos (At 20:5)
 - (c) A história de Troas (At 20:7-12)
 - (d) Costeando ao longo da Ásia (At 20:13-16)
 - (e) com os anciões de Efésios a Mileto (Atos 20:17-38)
 - (f) De Mileto para Tiro (At 21:1-6)
 - (g) De Tiro para Cesaréia (At 21:7-14)
 - (h) De Cesaréia para Jerusalém (At 21:15)
- 13. O Resultado em Jerusalém (Atos 21:15 Por 23:30)**
 - (a) A recepção de Paulo pelos irmãos (At 21:15-17)
 - (b) A proposta deles de um plano pelo qual Paulo poderia desfazer o trabalho do Judaizante relativo a ele em Jerusalém (At 21:18-26)
 - (c) O alvoroço nos tribunais do templo elevados pelos judeus da Ásia como Paulo estava levando a cabo o plano para desarmar os Judaizantes (At 21:27-30)
 - (d) O salvamento de Paulo pelo capitão romano e a defesa de Paulo para a turba judia (Atos 21:31 por 22:23)
 - (e) Exame do capitão principal (At 22:24-29)
 - (f) Trouxe antes do Sinédrio (Atos 22:30 por 23:10)
 - (g) Alegrou pelo Deus Jesus (At 23:11)

(h) A fuga de Paulo do enredo de conspiradores judeus (Atos 23:12-30)

14. Paulo Prisioneiro em Cesaréia (Atos 23:31-26:32)

(a) O voo para Cesaréia e apresentação para Felix (At 23:31-35)

(b) O aparecimento de Paulo ante Felix (Atos 24)

(c) Paulo ante Festo (At 25:1-12)

(d) Paulo, como um assunto de curiosidade e cortesia, é levado ante Herodes Agripa II (Atos 25:13 por 26:32)

15. Paulo retorna para Roma (Atos 27:1 Por 28:15)

(a) De Cesaréia para Mirra (At 27:1-5)

(b) De Mirra para Bons Portos (At 27:6-8)

(c) De Bons Portos para Malta (Atos 27:9 por 28:10)

(d) De Malta para Roma (At 28:11-15)

16. Paulo em Roma (Atos 28:16-31)

(a) O quarto dele (At 28:16)

(b) A primeira entrevista dele com os judeus (At 28:17-22)

(c) A segunda entrevista dele com os judeus (At 28:23-28)

(d) Dois anos posteriormente ainda prisioneiro, mas com liberdade orar o evangelho (At 28:30)

Literatura

Além dos trabalhos se referidos para acima veja a edição de Wendt do Kommentar de Meyer (1899); Headlam em HDB; Knowling em Atos no Testamento grego de Expositor (1900); Knowling, Testemunha das Epístolas (1892), Testemunho de Paul para Cristo (1905); Moffatt, Testamento Novo Histórico (1901).

Aqui é uma lista selecionada de trabalhos importantes:

1. Introdução

Bacon, Introdução para o Testamento Novo (1900); Bennett e Adeney, Introdução Bíblica (1899); Bleek, Einleitung em das Testamento Novo (4 Aufl, 1900); S. Davidson, (3ª edição, 1894); o C. R. Gregory, Cânon e Texto do Testamento Novo (1907), H. J. Holtzmann, Einleitung em das Testamento Novo (3 Aufl, 1892), Jacquies, Histoire des figados du Testamento Novo (1905-8); Jülicher, Introdução para o Testamento Novo (tradução, 1904); Cumes, Introdução Crítica para o Testamento Novo (1909); Reuss, Cânon dos Biblia Santos (tradução, 1886); Salmão, Introdução de Hist para o Estudo dos Livros do Testamento Novo (7ª edição, 1896), von Soden, A História de Christian Lit Cedo. (tradução, 1906), B. Weiss, UM Manual de Introdução para o Testamento Novo (tradução, 1889), Westcott, História do Cânon do Testamento Novo (1869), Zahn, Introdução para o Testamento Novo (tradução, 1909), Moffatt, Introdução para os Iluminaram. Do Testamento Novo (1911).

2. Texto

Veja trabalhos gerais em crítica textual do Testamento Novo (Gregory, Kenyon, Se conchega, Tischendorf, Scrivener, von Soden, B. Weiss, Westcott, etc.). De tratados especiais notam Blass, Filologia dos Evangelhos (1898). Acta Apostolorum (1895); Bornemann, Acta Apostolorum (1848); Perseguição, Elemento de Syriac Velho no Texto de Códice Bezae (1893), Corssen, Der cyprianische Texto der Acta Apostolorum (1892); Klostermann, im de Probleme Textos de Apostel (1883), Klostermann, Vindiciae Lucanae (1866); Se conchegue, Philologia (1896); J. Rendel Harris, Códice de Estudo Bezae (1891).

3. História apostólica

Para literatura na vida de Paul vêem Robertson, Epochs na Vida de Paul (1909), 321-27, e artigo o PAUL nesta enciclopédia. Trabalhos gerais importantes são o seguinte: Bartlet, O Apostolie Age (1899); Baumgarten, A História Apostólica (tradução, 1854); Cego, Estuda na Idade Apostólica (1909); Burton, Registros e Cartas da Idade Apostólica (1895); Doellinger, A Primeira Idade da Igreja (tradução, 1867); Dobschütz, Vida Cristã na Igreja Primitiva (tradução, 1904); Ewald, História do Times Apostólico (tradução, Vol VI em História de Israel); Farrar, Dias Cedo de Cristianismo (1887); o Pescador, Os Começos de Cristianismo (1877); Gilbert, Cristianismo na Idade Apostólica (1908); Harnack, A Expansão de Cristianismo nos Primeiros três Séculos (tradução, 1904-5); Hausrath, Neut. Zeitgeschichte (Bd. 2, 1872); Heinrici, Das Urchristentum (1902); Holtzmann, Neut. Zeitgeschichte (1895); Hort, Cristianismo de Judaistic (1898); Organização das Igrejas Cristãs Cedo (1895); Lechler, O Times Apostólico e Poste-apostólico (tradução, 1886); Ágil, Dissertações na Idade Apostólica (1892); Lindsay, A Igreja e o Ministério nos Séculos Cedo (1902); McGiffert, UMA História de Cristianismo na Idade Apostólica (1897); Neander, História da Plantação e Treinando da Igreja Cristã (1889); Pfeleiderer, Origens Cristãs (1906), Pressonse, Os Anos Cedo de Cristianismo (1870); Purves, Cristianismo na Idade Apostólica (1901), Ramsay, A Igreja no Império romano (1893); Ritschl, Morra Entstehung der altkath. Kirche (1857); Cordas, A Idade Apostólica na Luz de Crítica Moderna (1906); Weizsäcker, A Idade Apostólica da Igreja Cristã (tradução, 1894-95); Quadros da Igreja Apostólica (1910).

4. Tratados especiais nos Atos

Belser, zur de Beitrage der de Erklarung Apostelgeschichte (1897); Benson, Endereços nos Atos dos Apóstolos (1901); Bethge, Morra paulinischen der de Reden Apostelgeschichte (1887); Blass, Acta secundum de Apostolorum Formam quae videtur Romanam (1896); Perseguição, A Credibilidade do Livro dos Atos dos Apóstolos (1902); Clemen, Morra Apostelgeschichte, im Lichte der neueren Forschungen (1905); Fiene, vorkanonische de Eine des de Nebenlieferung Lukas em und de Evangelium Apostelgeschichte (1891); Harnack, Luke, o Médico (tradução, 1907); Os Atos dos Apóstolos (1909); Hilgenfeld, Acta Apostolorum Graece et Latine (1899); Jungst, Morra der de Quellen Apostelgeschichte (1895); Krenkel, und de Josephus o Lucas (1894); Luckok, Pegadas dos Apóstolos como Localizado por Luke nos Atos (1897); o J. Ágil, hebreu e Talmudical Exercitations nos Atos dos Apóstolos (1768); Paley, Horae Paulinae (edição de Birks, 1850); Ramsay, St. O Paul o Viajante (1896); Pauline e Outros Estudos (1906); Cidades de Paul (1908), Luke o Médico, e Outros Estudos (1908); o J. Smith, Viagem e Naufrágio de Paul (4ª edição, 1880); Sorof, Morra der de Entstehung Apostelgeschichte (1890); Spitta, Morra Apostelgeschichte, ihre Quellen und deren geschichtlicher Valor (1891); Stiffler, Uma Introdução para o Livro de Atos (1892); Vogel, Zur des de Charakteristik nach de Lukas und de Sprache Stil (1897); J. Weiss, Ueber morrem und de Absicht morrem literarischen der de Charakter Apostelgeschichte (1897); Zeller, Os Conteúdos e Origem dos Atos dos Apóstolos (tradução, 1875); o Maurice Jones, Paul o Orador (1910).

5. Comentários

Há os grandes trabalhos standards como Bede, Bengel, Calvin, Chrysostom, Grotius,. Os comentários modernos principais são o seguinte: Alexander (1857), Alloral (6ª edição, 1868), Bartlet (1901), Blass (Acta Apostolorum, 1895), Ewald (Apostelgeschichte, 1871), Felten (Apostelgeschichte, 1892), Hackett (1882), Holtzmann (Mão-Commentar, 3 Aufl, 1901), Knabenbauer (Actus Apostol, 1899), Knowling (o Texto grego de Expositor, 1900), Luthardt e Zoeckler (Apostelgeschichte, 2ª edição, 1894), McGarvey (1892), Meyer (tradução por Gloag e Dickson, 1885), Meyer-Wendt (Apostelgeschichte, 1888), Noesgen (Apostelgeschichte, 1882), Olshausen (1832), Página (1897), Rackham (1901), Rendall, (1897), Remexe (1892), B. Weiss (Apostelgeschichte, 1892, 2ª edição).

Atos de Pilatos

pi'lat, pi'lat. Veja EVANGELHOS APÓCRIFOS.

Atos de Solomão

“O livro dos atos de Solomon” (I Rs 11:41), provavelmente uma história baseado nos documentos estatais mantidos pelo registrador oficial. Veja I Rs 14:19,29; I Rs 15:23,31; I Rs 16:5,14,20,27; I Rs 22:39,45, etc.

Acub

a'kub (Códex Vaticanus **A** , **Akoup**, Códex Alexandrinus **A** , **Akoun**) = Bakbuk (Ed 2:51; Ne 7:53): Os descendentes de Acub (os servos do templo) voltou com Zorobabel a Jerusalém (**LA** 1 Esdras 5:31).

Acud

a'kud (**A** , **Akoud**; a KJV Acua) = AKKUB (Ed 2:45) o qual vêem; omisso em Ne 7: Os descendentes de Acud (os criados do templo) voltou com Zorobabel a Jerusalém (**LA** 1 Esdras 5:30).

Adada

a-da'da (, **_adh_ adhah**): Uma cidade na parte sulista de Judá (Js 15:22). As cópias mais velhas do texto grego têm **Arouel**, mas isso uma razão suficiente não é por identificar o nome com Aroer de I Sm 30:28. Alguns estudantes adotam a mudança de texto, e identifica o local com Arara, aproximadamente sete milhas Sudeste de Beer-Seba. Outros identificam isto com Adada, oito ou nove milhas Sudeste de Arade.

Hadade-Rimon

a-dad-rim'on: nome mais Curto e menos preciso de um lugar no Vale de Megido que a tradição conectou com a morte do rei Josias (Zc 12:11; II Cr 35:22). Veja HADADRIMMON.

Ada

a'da (, **_adhah**, “adornment”):

(1) um das duas esposas de Lameque o descendente de Caim (Gn 4:19,20,23). A narrativa em Gn nomeia aos dois filhos dela, a Jabal “o pai dos que habitam em tendas”, e Jubal “o pai” de tudo como manivela a harpa e tubo.” Josefo diz que Lameque teve 77 filhos por Ada e Zila (Antig., I, ii, 2).

(2) de acordo com Gn 36:2,4,10,12,16, a esposa de hitita de Esaú, filha de Elon, e mãe de Elifaz. Neste capítulo as outras esposas de Esau são Aolíbama, um hivita, e Besemate a filha de Ismael. Os nomes estão em outro lugar diferentemente determinados (Gn 26:34; Gn 28:9). É dito que Besemate é a filha de Elon. A filha de Ismael é chamada Maalate. Em lugar de Aolíbama o hivita nós achamos a Judite a filha de Beeri o hitita. Dados estão faltando para a solução do problema.

Adaías

a-da'ya, a-di'a (, **_adhayah**, “Yahweh adornou”):

(1) aparentemente o sétimo dos nove filhos de Simeí que é aparentemente o mesmo com Sema que é o quinto dos filhos de Elpaal que é o segundo dos dois filhos de Saaraim e Husim (I Cr 8:21). São listados Saaraim e os descendentes dele com os descendentes de Benjamim, entretanto não são declaradas as relações dele para Benjamim.

(2) um Levita; antepassado do cantor Asafe de Davi, e um descendente da quinta geração de Gérson (I Cr 6:41).

(3) o pai de Maaséias que era um dos capitães de centenas associou com Joiada o sacerdote fazendo o rei de Josias (II Cr 23:1).

(4) um residente de Bozcate, e pai de Jedida a mãe d rei Josias (II Rs 22:1).

(5) um descendente de Judá por Perez. O trineto de Maaséias que residiu em Jerusalém depois que Neemias tivesse reabilitado a cidade (Ne 11:5).

(6) um dos homens de Israel, não sacerdote ou Levita, mas “dos filhos de Bani,” que prometeu Ezra que ele se separaria da esposa estrangeira dele (Ed 10:29).

(7) o mesmo homem ou outro, em um grupo diferente dos filhos de Bani (Ed 10:39).

(8) um dos sacerdotes dos mais recentes tempos da Bíblia, mencionado com uma genealogia parcial (Ne 11:12; I Cr 9:12).

Adalia

a-da-li'a (, **'adhalya**), provavelmente um nome Persa, de significado desconhecido): Um dos dez filhos de Hamã que foi posto a morte pelos judeus (Et 9:8).

Adão, no Testamento Velho e o Apócrifo,

ad'am, (, **'adham**, Septuaginta **A** , **Adam**).

1. Uso e Etimologia

A palavra hebréia acontece uns 560 vezes no Testamento Velho com o significado “o homem,” “gênero humano.” Fora de Gn 1 por 5 o único caso onde é inquestionavelmente um nome próprio é I Cr 1:1. Ambíguo é Dt 32:8, a KJV “os filhos de Adão,” a Versão Revisada (britânico e americano) “os filhos de Israel”; Jó 31:33 a KJV “como” a Versão Revisada (britânico e americano) “como Adão,” mas margem “depois da maneira de homens”; Os 6:7 a KJV “como homens,” a Versão Revisada (britânico e americano) “como Adão,” e vice-versa na margem. Em Gn 1 acontece só duas vezes a palavra, Gn 1:26, Gn 1:27. Em Gn 2 por 4 é achado 26 vezes, e em Gn 5:1,3,4,5. Nos últimos quatro casos e em Gn 4:25 é obviamente planejado como um nome próprio; mas as versões mostram incerteza considerável sobre a retribuição nos outros casos. A maioria dos intérpretes modernos restabeleceria um ponto vocálico ao texto hebreu em Gn 2:20; Gn 3:17,21, introduzindo o artigo definido assim, e leu uniformemente “o homem” até Gn 4:25 onde pode ser levada a ausência do artigo como uma indicação que “o homem” da narrativa prévia será identificado com “Adão,” a cabeça da genealogia achou em Gn 5:1. Foram avançadas várias conjecturas sobre a raiz do significado da palavra hebréia: (1) criatura; (2) corado; (3) nascido da terra. Menos provável é (4) agradável - avistar - e (5) social gregário.

2. O Adão na Narrativa de Gênesis

Muitos discutem do contexto que o idioma de Gn 1:26,27 é geral, que é a criação das espécies humanas, não de qualquer indivíduo particular ou indivíduos que estão nos descreveram. Mas (1) O contexto faz nem mesmo desça a umas espécies, mas organiza coisas criadas de acordo com a possível classificação mais geral: luz e escuridão; firmamento e águas; terra e mares; plantas; ponha ao sol, lua, estrelas; nadando e criaturas voadoras; animais de terra. Nenhum possível paralelo a esta classificação permanece no caso de gênero humano. (2) na narrativa de Gn 1 está o retorno de expressões idênticas quase uniformes, mas no caso de homem acontece a declaração sem igual (Gn 1:27), “Macho e fêmea criaram ele eles.” Embora Dillmann está aqui na minoria entre intérpretes, seria difícil mostrar que ele esteja errado interpretando isto como recorrendo a um macho e um feminino, o primeiro par. Neste caso nós temos um ponto de contato e de acordo com a narrativa de capítulo 2. Homem, criado na imagem de Deus, é determinado domínio em cima de todo animal, é permitido toda erva e fruteira para o alimento dele, e é ordenado multiplicarem e encherem a terra. Em Gn 2:4 por 5:5 o primeiro homem é feito do pó, se torna uma criatura viva pela respiração de Deus, é colocado no jardim do Éden para cultivar isto, dá nomes aos animais, recebe como a contraparte dele uma ajudante mulher formada da própria parte do corpo dele, e junto da mulher come da fruta proibida da “a árvore do conhecimento de bem e mal.” Com ela ele é dirigido então do jardim, debaixo da maldição de vida breve e trabalho pesado, desde então ele deveria comer - ou continua comendo? - da fruta da “árvore de vida,” não previamente proibido, ele poderia ir a sempre viver. Ele se torna o pai de Caim e de Abel, e de Sete de cada vez depois do assassinato de Abel. De acordo com Gn 5:3, 5 Adão é 130 anos velhos ao nascimento de Sete e vive para 930 anos.

3. Ensinos da Narrativa

Aquele homem foi querido dizer pelo Criador para estar em um senso estranho o próprio dele “imagem”; que ele é que o designaram divino regra em cima de todas suas da mesma categoria criaturas em terra; e que ele desfruta, junto com eles, Deus está abençoando em um ajuste de criatura para servir os fins para os quais foi criado - estas coisas mentem na superfície de Gn 1:26-31. De certa forma 2 por 4 nos falam que o presente de uma imortalidade santificada estava dentro do alcance de homem; que o Criador dele ordenou que o desenvolvimento moral devesse passar por uma tentativa dentro, não como um mero presente; e que a presença de sofrer no mundo está devido a pecado, à presença do pecado para as maquinações de um tentador sutil. O desenvolvimento da doutrina do outono pertence ao Testamento Novo. Veja o ADÃO EM TESTAMENTO NOVO; QUEDA, O.

4. O Adão - apócrifo

Insinuações para a narrativa da criação e o outono de homem, enquanto cobrindo a maioria dos pontos da narrativa de Gn 1 por 4, é achado em 2 Esdras 3:4-7, 10, 21, 26; 4:30; 6:54-56; 7:11, 46-48; Tobias 8:6, A Sabedoria de Solomão 2:23f; 9:2f; 10:1f, Ecclesiasticus 15:14; 17:1-4; 25:24; 40:1; 49:16. Em 2 Esdras e A Sabedoria de Solomão lemos nós aquela morte descobriu todos os homens pelo pecado de Adão, enquanto 2 Esdras 4:30 declara que “um grão de semente má era desde o princípio no coração de Adão.” aparte deste desenvolvimento doutrinário o Apócrifo não oferece nenhuma adição à narrativa de Testamento Velho.

Adão no Testamento Velho

Interpretação (evolutiva): (NOTA: deveria (ser supérfluo dizer que o desdobramento ou desenvolvimento da personalidade humana aqui identificaram com evolução é longe algo mais alto, mais fundo, e diferente de qualquer coisa que pode ser gerado em Darwin ou Herbert Spencer. Evolução (desdobrando) é o grande processo ou movimento; seleção natural e sobrevivência do nome de teste de ajuda só adivinham alguns de seus métodos , 'adham, “homem,” Gn 1:26, ou “um homem,” Gn 2:5 , ha-'adham, “o homem”; principalmente com o artigo como um termo genérico, e não usado como o próprio nome de um patriarca até Gn 5:3, depois do qual o nome primeiro dado a homem e mulher (Gn 5:2) é usado do homem só): O ser em quem é encarnado a idéia da Bíblia do primeiro homem criado e antepassado do gênero humano. A conta que pertence principalmente ao estrato mais velho da história de Gênesis (Jahwist) méritos atenção cuidadosa, porque ciência evolutiva, história, e teologia nova têm tudo disputados com ou rejeitaram isto em vários chãos, sem prover a aproximação menor a um substituto satisfatório.

I. O que o Escritor Pretendeu Descrever

É em primeiro lugar importante, se nos é permitido, chegar ao que o autor pretendeu descrever, e como está relacionado, se nada, para declaração literal e efetiva.

1. Derivação e Uso do Nome

Estudantes se exercitaram muito, mas chegam com pequena à certeza, em cima da derivação do nome; um assunto que, como está relacionado a um das palavras comum do idioma, é de nenhum grande momento como comparado com o próprio entender do escritor disto. A conjectura mais plausível, talvez, é que conecta isto com o *adamu* assírio, “fazer,” ou “produza,” conseqüentemente, “o produzido,” “a criatura.” O autor de Gn 2:7 parece associar isto, bastante através de jogo palavras que derivação, com *ha-'adhamah*, “o chão” ou “terra,” como a fonte do corpo da qual o homem foi levado (compare Gn 3:19,23) O nome *adhamah* isto parece ser conectado de perto com o nome Edom (, 'edhom , Gn 25:30), significando “vermelho”; mas se da vermelhidão da terra, ou a vermelhidão do homem,

ou somente o incidente registrado em Gn 25:30, é incerto. Sem dúvida o escritor de Gn 2; 3 tiveram na origem terrestre da mente do homem, e compreendida o nome adequadamente.

2. Esboço da Narrativa de Gênesis

A conta da criação é duas vezes determinada, e de dois pontos de vista muito diferentes. Na primeira conta, Gn 1:26-31, o homem é representado como criado no sexto do dia junto com os animais, umas espécies a Gênese no mundo animal; mas diferindo deles agüentando a imagem e semelhança de Deus, tendo domínio em cima de tudo criaram coisas, e tendo grãos e frutas para comida, enquanto eles têm ervas. O objeto do escritor em tudo isso parece ser como muito para identificar o homem com a criação animal sobre o diferencie disto. Na segunda conta, 2:4 por 3:24, a identidade de homem com os animais ignorados ou pelo menos minimizou (compare Gn 2:20), enquanto o objeto é determinar o estado dele em um espiritual individualizado reino em que ele tem a companhia de Deus. Yahweh Deus “formas” ou “formas” ele fora do pó do chão, toma fôlego nas narinas dele a respiração de vida, e com tal distinção especial se torna ele, como outras coisas criadas, um “alma viva” (*nephesh hayyah*; compare Gn 2:7 com Gn 1:30). Ele é colocado em um jardim situado em algum lugar entre os rios de Babilônia, a ocupação primitiva dele sendo vestir e manter isto. No meio do jardim estão duas árvores misteriosas, a árvore de vida cuja fruta parece ter a potência de conferir imortalidade (compare Gn 3:22), e a árvore do conhecimento de bem e mal cujos frutificam não será comida debaixo de penalidade de morte. Enquanto isso, como nomeando os animais o homem acha nenhum real companheiro, Yahweh Deus “constrói” um das costelas do homem em uma mulher, e o homem reconhece a unidade espiritual dela com ele, enquanto a nomeando adequadamente. A história vai relacionar, sem nota de tempo, como a serpente, o mais sutil de bestas, incitado a mulher as qualidades desejáveis da fruta da árvore proibida, enquanto intimando aquele Deus tinham feito a proibição de inveja, e negando redondamente que morte seria a conseqüência de comer. Adequadamente a mulher levou e comeu, e deu ao marido dela que também comeu; e a conseqüência imediata era um senso de vergonha que os fez cobrir a nudez deles com cintas de folhas de figo e um senso de culpa (não diferenciou por Adão de vergonha, Gn 3:10) que fez o par relutante conhecer Yahweh Deus. Ele obtém a confissão da desobediência deles, porém; e profere sentença profética: na serpente, de antipatia perpétua entre suas espécies e o humano; na mulher, de tristezas e dores e subserviência para o homem; e no homem, de sofrimento e trabalhos severos, até que ele volta ao pó do qual ele foi levado. Como os dois escolheram comer da árvore de conhecimento, para que não agora eles deveriam comer da árvore de vida que eles são expelidos do jardim, e o portão é cuidadoso ardendo espada e Querubim.

3. História ou Exposição?

É impossível ler esta história com a separação inteira que nós outorgamos a um mito antigo, ou até mesmo para um tempo - e condicionou um espaço conto histórico. Sugestiona relações íntimas continuamente com as verdades permanentes de natureza humana, como se havia uma fibra nisto mais verdadeiro que fato. E isto provoca a investigação se o próprio autor pretendeu a conta do estado de Êden e o Outono para ser levada como história literal ou como exposição. Ele faz o nome uniformemente genérico pelo artigo (o Adão ou homem), as únicas exceções que não são reais exceções significando enquanto sendo Gn 1:26 e Gn 2:5, já notou. Não é até Gn 5:3 onde o próprio nome que o Adão é como seja oficialmente determinado, que tal história como é condicionado através de cronologia e genealogia começa. O que vem antes disto, exclua o local um pouco vago da região de Êden, Gn 2:10-14, lê bastante como uma descrição da natureza primordial não em filosófico mas em idioma narrativo. Não é nenhuma fábula, não é um trabalhar cima de mito, não é uma parábola didática; é (falar tecnicamente) exposição através de narração. Por uma história descritiva localiza o movimento elementar em seu primeiro impacto espiritual nesta vida terrestre. Em outras palavras, em vez de ser interessado relacionar umas séries efetivas de eventos do passado remoto, a intuição de penetração do escritor vai para baixo e dentro a esses movimentos espirituais de ser que são germinais. É uma análise espiritual da natureza intrínseca de homem, e como tal deve ser discernido espiritualmente. Uma maneira análoga de exposição pode ser vista na conta do tentação de nosso Deus no deserto, Mt 4:1-11 que considera se autêntico, deve ter vindo no final das contas de nosso Deus.

II. Como a História Olha Hoje

Escassamente qualquer outra história da Bíblia sofreu as mudanças assim forjadas através de pensamentos modernos como tem a história de Adão. Por um lado é sentido que se referir o outono e herdou culpa de gênero humano a esta experiência de Adão como uma causa é impor muito grande um fardo, dogmático e histórico, nesta história primitiva. Ainda por outro lado a história, inclusive esta implicação do outono primitivo, recusa ser despedida como um mito desgastado ou fantástico. Se sujeite as raízes da natureza humana que nosso único curso é não rejeitar, mas, re-ler isto com a melhor luz nossa idade tão vitalmente dispõe. E se melhor ou não, a luz evolutiva na qual pensamento todo moderno está colorido não pode ser ignorada.

1. Na Luz de Evolução

As suposições divergentes do tradicional e a visão evolutiva pode-se declarar asperamente assim: do tradicional, que por causa deste Êden lapso homem está uma natureza arruinada, enquanto precisando de redenção e restabelecimento, e que então o espiritual subsequente que lida com ele deve ser essencialmente patológico e medicinal; do evolutivo, que pelas mesmas condições da criação dele que o lapso de obediência não exterminou, homem é espiritualmente uma criança que precisa de crescimento e educação, e que então o procedimento subsequente com ele tem que nutrir o desenvolvimento dentro dele de uma natureza essencialmente normal e verdadeiro. É evidente que estas duas visões, declararam-se, somente considere duas linhas de potência em uma natureza. Sem rejeitar o tradicional, ou parando para indagar como isto e o evolutivo podemos coexistir, nós podemos aqui considere como a história antes de nós responde à visão evolutiva. Só - deve ser postulado - a evolução cujo começando isto descreve não é a evolução das espécies humanas; nós podemos deixar ciência natural e história para levar ao cuidado disso; mas, começando onde isto parte fora, a evolução do indivíduo, do adiante-por primeiro de iniciativa individual e escolha para o longe-fora o adulto e personalidade completa. Isto, o qual devido a sua culminação nós podemos chamar a evolução de personalidade, é distintamente evolução espiritual, aquela fase e grau de para cima ser comovente que tem sucesso ao material e psicológico (compare 1Co 15:45,46). Na fase material de evolução que as partes de espécies humanas com a besta e a planta, Bíblia está calado. Nem grandemente é interessado com o psicológico, ou desenvolvimento cultural das espécies humanas, exclua para revelar em uma divina ordem da história e literatura sua insuficiência essencial para as potências mais altas. Bastante seu campo é a evolução do espírito em qual só os valores pessoais mais altos são percebidos. Na delimitação deste campo tem uma origem consistente, curso e culminação de seu próprio, como localiza a linha de insurreição espiritual e crescimento do primeiro Adão como uma “alma viva” estava sujeito ao determinismo das espécies, para o último Adão que como

“dando vida no espírito” é identificado com a Personalidade suprema em que o Divino e humano se encontram misturados. Desta tremenda evolução a história de Adão, com uma clareza que o estilo narrativo pitoresco de exposição não prejudica, revela os fatores primitivos e diretivos.

2. O Hátitad de Jardim

Da mesma maneira que o hábitat e a natureza de coisas criadas respondem a um ao outro, assim o ambiente no qual o homem é colocado quando ele vem da mão do Criador dele conota o tipo de vida ele é provido viver. Ele não é colocado em Natureza selvagem e refratária, mas em um jardim molhado e plantou com um novo ao cuidado de recepção dele e cria de acima. Natureza é bondosa e responsiva, enquanto fornecendo, frutas pronto à mão dele, e só requerendo que ele “vestido e mantém” o jardim. De todas as árvores pode comer ele livremente, inclusive a árvore de vida; economize centralmente só os mais localizou de tudo, a árvore de “conhecimento de bem e mal” O ser provido a este hábitat um adulto de homem está em estatura e inteligência, mas ainda gosta de uma criança; não, contudo individualizou a caráter determinante, enquanto ainda mostrando não um testamento do próprio dele aparte do testamento do Criador dele; em outra palavra, como espiritualmente considerou, não, contudo separou do espírito da Fonte pessoal dele. Tudo isso lê como a descrição de uma vida essencialmente negativa, ou bastante neutra, com comunicação livres ambos descendente e para cima, mas nenhum o de um animal domesticado nem de um deus cativo; um ser equilibrado, como seja, entre o terrestre e o Divino, mas não, contudo atento da posse daquele indivíduo vá e escolha para a qual só ou pode dar significação espiritual a um cometimento.

3. O Fator Orgânico

Na primeira história da criação de homem, Gn 1:26-31, descrevendo a criação dele como umas espécies, a distinção de macho e fêmea é incluída explicitamente (Gn 1:27). Na segunda história (Gn 2 por 3), em que o homem é contemplado bastante como um indivíduo, a descrição da natureza dele começa antes de qualquer distinção de sexo existe. Se o escritor quisesse dizer este posterior retratar uma condição de homem a tempo ou em fato natural, há uma discrepância assim em contas. Porém, se nós consideramos isto que como dando um fator em evolução espiritual, não só se torna cheio de significar, mas se sujeite a última teleologia da criação profundamente. A história ingênua relaciona que a mulher era “construiu” fora do material já-amoldado do corpo do homem para prover um companheirismo que os animais não puderam; uma ajuda “respondendo” em (*okⁿneghdo*; compare margem de Gn 2:18). Então faz o homem reconhecer esta relação conjugal, não com referência para paixão sexual ou a propagação de espécies, mas como fornecendo ocasião de homem, assim dizer, para amar e ser amado, e fazendo esta capacidade essencial para a integridade da natureza dele. O valor disto para o último propósito criativo e revelação é tão maravilhoso quanto é profundo, é o fator orgânico percebendo o designio de longo alcance de Ele que está evoluindo um ser agüentando a imagem dele e derivando de Ele a respiração de vida. Deus é Espírito (Jo 4:24), aquele Deus é amor (1Jo 4:8,16) e a lei final da criação de amor,” possa como uma idéia seja revelação posterior; mas enquanto isso desde o princípio, na relação de alinhamento da vida, é implantada uma pulsação de amor mútuo, fazendo para o homem uma natureza dual, em que amor que é a antítese de egoísmo tem o objeto igual e sociável necessário para sua existência. Assim, na relação conjugal é feita a potência do valor espiritual mais alto e mais largo intrínseco. Esta capacidade de amor, entretanto está sujeita ao *corruptio optimi pessima*, está com um elemento redentor ao coração semelhante do indivíduo em todo o curso duvidoso da evolução subsequente dele, e de sociedade.

4. A Invasão de Sutileza

Até mesmo nesta existência de jardim neutra é notável que a natureza do homem evidência sua superioridade ao animal na ausência de determinismo que ele não é escravizado em outra palavra a um instinto de conformidade cega a um testamento externo, ele enlata cooperação inteligentemente na própria evolução espiritual dele. Ele tem o poder de escolha, auxiliado pelo estímulo de uma proibição de privacidade. Ele pode se privar e pode viver, ou comer e morre (Gn 2:16,17). Nenhuma razão é determinada, nenhum trem de conseqüências espirituais, para um cujo espírito não é despertado; bastante nesta fase pré espiritual os começos de lei e prescrição devem ser arbitrários. Ainda até mesmo em tão rudimentar uma relação nós estamos atentos do contraste essencial entre animal e evolução espiritual, em que o posterior não é uma imposição cega e instintiva de sem, mas um curso grátis submeteu à inteligência de homem e cooperação. E é uma característica supremamente significativa da narrativa para fazer o primeiro impulso ego-interessado vir a propósito de sutileza. “A serpente,” o escritor postula, “era mais sutil que qualquer besta do campo que Yahweh Deus tinha feito.” Aponta a uma característica que ele veste e borda-linha entre as espécies e o indivíduo, a disposição, não realmente se rebelar contra uma lei de ser, mas submeter isto a refinamento e acomodação ou talvez de curiosidade completamente tentar conclusões com isto. A sugestão veio primeira da mais baixa criação, mas não do que é animal nisto; e foi respondido avidamente para pela mulher, o melhor e mais espiritualmente desperta do par. Para não apertar isto muito longe, é significativo que o primeiro impulso para iniciativa individual sobe pelo jogo grátis de intelecto e razão. Parece prometer um modo mais sutil de ser “como Deus.” diferenciar as partes respectivas de homem e esposa mais minuciosamente no afazeres que é retratado na luz de distinção de sexo estaria além de nossa extensão presente. Veja VÉSPERA.

5. A Aventura Fatal

Duas árvores “no meio do jardim” (Gn 2:9) são mencionadas ao início; mas a árvore de vida, o permitido, parece nenhum mais ter sido pensado de até que era nenhum mais longo acessível (Gn 3:22); realmente, quando a mulher fala com a serpente de “a árvore que está no meio do jardim” (Gn 3:3) ela tem só uma árvore em mente, e que o proibido. O outro, como foi contado dentro com a tarifa diária deles e oportunidade, parece ter sido posto por eles com esses privilégios de vida que é ignorada ou é adiada, além de, a vida que simbolizou era a perpetuação da vida no jardim, eles tinham vida, tal como homem viveria antes do espírito dele estava acordado às alternativas de viver um inocente de vida e feliz, mas sem o estímulo de reação espiritual. E há pouco era este posterior que a alternativa das duas árvores dispôs; uma reação fatal para bem ou mal, precisando de só o impulso que deveria pôr o espírito humano em jogo. Considere o caso. Se já fossem subir de um estado de infância, em que tudo era terminado e prescreveu para ele, em uma vida de livre escolha e ego moveu sabedoria, é duro ver como isto poderia ter sido provocado exclua algo envolvendo inibição e proibição; algo que ele não pôde fazer sem incorrer um risco. Isto é isso que o “árvore do conhecimento de bem e mal” (Gn 2:17) meios. A árvore por seu mesmo nome era semelhante um teste e uma isca. De certo modo nós podemos dizer que a tentação começou com Deus; mas não era uma tentação a mal. Simbolizado nas duas árvores, mas a atual oportunidade de cometimento espiritual, dois modos de vida estavam abertos antes dele. Por um lado, estava aberto a ele fortalecer o gasto dele em obediência e contra a isca de conhecimento perigoso, afundando assim e

temperando a inocência negativa dele em santidade positiva. Aquele tal um curso era possível foi mostrado séculos depois no homem que em lealdade perfeita da criança, contudo na sabedoria perfeita de adulto cumpriu o ideal sem pecado primitivo do primeiro Adão. Por outro lado havia a isca do conhecimento proibido para o qual a serpente deu o falso charme de semelhança de Deus, e que poderia ser tido separando o testamento individual dele disso de Deus, e incorrendo a experiência de egoísmo, e correndo o risco. Era o posterior isso era escolhido, isto, porém não no espírito de rebelião ou tentação, mas no desejo durante um além bom o que as limitações pueris de Éden dispuseram (Gn 3:6). Esta foi então a primeira insurreição incentivada do espírito, enquanto tomando a iniciativa e agindo para si mesmo. Tão longe adiante, como o auto asserção do indivíduo, estava como verdadeiramente uma fase de evolução espiritual como se o homem tivesse mantido obediência; mas havia nisto a ruptura do dele união de espírito com sua Fonte pessoal; e o cometimento infeliz para ego que é chamado uma Queda justamente. Tão estranhamente entrosados eram os elementos espirituais nesta iniciativa primitiva. Veja QUEDA, O.

6. A Seqüela Provida

A Bíblia não diz, ou até mesmo insinua, que por isto adiante pondo de iniciativa o homem foi cometido a uma vida de pecado e depravação. Esta era a idéia de um tempo posterior. Pela natureza do caso, porém, ele foi cometido à falibilidade e falta de sabedoria da própria natureza não experimentada dele; em outras palavras, para os perigos de independência. Também, naturalmente o golfo de separação do Apoio espiritual dele tenderia a alargar como ele confiou nele mais exclusivamente. Deita-se com ele e as espécies dele para aperfeiçoar a personalidade individual na liberdade que ele tinha escolhido. E neste as possibilidades ambos para cima para semelhança de Deus e para baixo o abismo do ego foi aumentado imensamente. Em vida deve ser se mantida daqui em diante um mais largo e balança profunda. Mas a este fim o Éden com sua criação de jardim tenro pode não ser já seu hábitat, nem a existência de homem pode ser simbolizados por uma árvore da qual ele só tem que levar e subsistir indefinidamente (Gn 3:22). Tem que encontrar sofrimento e suor e labuta; tem que trabalhar para subjugar uma terra relutante o seu serviço (Gn 3:17-19); tem que voltar afinal ao pó do qual o corpo de homem foi formado (Gn 3:19). Contudo há um escuro e distante pressagio de última vitória em cima do poder da serpente que daqui em diante é ser o inimigo mortal de homem (Gn 3:15). Neste momento da exposição que é transplantado do jardim para o mundo de, trabalhar fora sua evolução debaixo das condições das espécies humanas. O par se torna a família, com seus interesses familiares e cuidados; a família se torna a unidade de reunião social e vida organizada; os sócios recebem nomes individuais (Gn 3:20; Gn 5:2); e história cronologicamente medida começa.

III. Como Adão é Reconhecido no Testamento Velho

Depois que a história de Adão seja determinada até onde o nascimento de Caim e Abel (Gn 4:1, 2) e Sete (Gn 4:25), o “livro das gerações de Adão” começa em Gn 5:1, e cinco versos são levados com um esboço estatístico da vida dele, a descendência dele, e os 930 anos dele de existência terrestre.

1. No Testamento Velho Livros Canônicos

Aqui em Gn 5:5, nos livros canônicos do Testamento Velho cessa quase toda a insinuação para ele, e nada que tudo que é feito da relação fatal dele ao pecado e culpa da raça. (Veja o ADÃO NO TESTAMENTO NOVO.) Esta idéia posterior parece só ter vindo à consciência quando o senso de homens de pecado e uma lei quebrada eram mais inveterados que parece ter estado em tempos canônicos. No caso das poucas insinuações que, aconteça, além disso, o fato que o nome “o Adão” é idêntico com a palavra para “o homem” faz a referência mais incerto; a pessoa não sabe se o patriarca ou a raça é significado. Na Canção de Moisés (Dt 32), na cláusula Dt 32:8, “quando ele separou as crianças de homens” (ou “o Adão”), a referência que é à distribuição de raças como determinado em Gn 10 pode ou pode não ter o Adão em mente. De certa forma as palavras de Zofar (Jó 20:4), “Não sabes tu isto de tempo velho, desde homem (ou Adão) foi colocado em terra?” possa ou pode não ser nenhum reconhecimento por nome das palavras do primeiro Trabalho de homem criado (Jó 31:33), “se como Adão eu cobri minhas transgressões,” soe bastante mais definido como uma insinuação para Adão está se escondendo depois de ter levado a fruta. Quando Isaías diz (Is 43:27), “Teu primeiro o pai pecou,” é incerto quem ele quer dizer; para em Is 51:2 diz ele, “Olhar até Abraham seu pai,” e Ezequiel falou para as pessoas dele (Ez 16:3), “O Amorite era teu geram, e a tua mãe de era um Hitita.” A consciência histórica dos profetas parece ter sido limitada à história do Israelita raça.

2. No Apócrifo

As referências nos livros Apócrifos (Sirach, Tobit, 2 Esdras) transação com a origem de Adão, o domínio dele em cima de criação, e no mais recente livro escrito com o legado de pecado e miséria que a raça herda dele. As passagens em Sirach (132 a.C) onde ele é mencionado é 33:10; 40:1, e 49:16. Deste o mais notável, 40:1, “Grande é criado para todo homem, e um jugo pesado está nos filhos de Adão,” quase não será interpretado como uma referência a nossa herança do pecado dele. Em Tobias (2º século a.C) ele é mencionado uma vez (8:6). 2 Esdras, escrito algum tempo supostamente depois de 70 d.C, é de um sombrio e harmonizam ao longo de; e suas referências para Adão (2 Esdras 3:5, 10, 21, 26, 4:30; 6:54; 7:11, 46, 48) é quase tudo em lamento em cima do mal que ele implantou na raça de homens pela transgressão dele. A primeira referência (3:5) é bastante notável para sua teoria da natureza de Adão etc. A acusação dele de Adão culmina (7:48) na apóstrofe.

(NOTA EDITORIAL - Os promotores da Enciclopédia não serão entendidos como endossando todas as visões partidas no artigo de Dr. Genung. Porém, foi pensado certo que uma apresentação cheia e adequada de tão sugestivo uma interpretação deveria ser dada.)

Adão no Testamento Novo

(A , Adam): O nome de Adão aparece nove vezes (em cinco passagens diferentes) no Testamento Novo, entretanto vários destes é puramente incidental.

I. Evangelhos

Em Lc 3:38 a ascendência de Jesus Cristo é localizada até Adão, “Adão, o filho de Deus,” testemunhando assim à aceitação das genealogias de Testamento Velhas de Gn. Este é o único lugar nos Evangelhos nos quais o Adão é nomeado de fato, entretanto há uma insinuação a ele em Mt 19:4-6 (Mc 10:6-8), recorrendo a Gn 1:27 e Gn 2:24.

II. Epístolas

Adão é usado por Paulo como o fundador da raça e a causa da introdução de pecado em ordem apontar a comparação e contrastar com Cristo como a Cabeça da raça nova e a causa de retidão.

1. Rm 5:12-21

A passagem é o centro lógico da epístola, o ponto central para o qual tudo o que precede convergiu, e fora de qual tudo que segue fluirá. São mostradas as grandes idéias de Pecado, Morte, e Julgamento aqui ser envolvido na conexão da raça humana com Adão. Mas em cima de contra isto há o fato santificado de união com Cristo, e nesta retidão de união e vida. A cabeça do gênero humano em Adão e o Cristo mostram a significação do trabalho de redenção pela raça inteira. Gênero humano variou debaixo de duas cabeças, Adão e Cristo. Há dois homens, dois atos e dois resultados. Neste ensino nós temos a ilustração espiritual e teológica do grande princípio moderno de solidariedade. Há uma solidariedade de mal e uma solidariedade de bem, mas o posterior longe ultrapassa o anterior na qualidade da obediência de Cristo como comparado com Adão, e os fatos do trabalho de Cristo para justificação e vida. A seção não é assim nenhum mero episódio, ou ilustração, mas que dá vida orgânica à epístola inteira. Embora pecado e morte sejam nossos em Cristo, e este posterior dois são infinitamente o maior (Rm 5:11); tudo que nós perdemos em Adão nós temos mais que ganhou em Cristo. Como todo o mal da raça passou de um homem, assim todas as bênçãos de redenção vêm de Uma Pessoa, e há tal uma conexão entre a Pessoa e a raça que todos os homens podem possuir o que o A pessoa fez. Em Rm 5:12-19 Paulo institui umas séries de comparações e contrastes entre o Adão e Cristo; as duas pessoas, os dois trabalhos e as duas conseqüências. A abundância do significado do apóstolo deve ser observada cuidadosamente. Não só ele ensina que o que nós derivamos do primeiro Adão é conhecido pelo que é derivado de Cristo, mas a transcendência do trabalho do posterior é considerada quase infinita em extensão. “O significado cheio de Paulo, porém, não é agarrado até que nós percebemos que os benefícios receberam de Cristo, o Segundo Adão, está em relação inversa ao desastre requerido pelo primeiro Adão. É o excesso desta graça que na apresentação de Paulo geralmente é negligenciada” (Mabie, *The Divine Reason of the Cross* 116).

2. 1 Co 15:22

O contraste instituiu aqui entre Adão e o Cristo recorre à morte e vida, mas grandes voltas de dificuldade na interpretação dos dois. “Como em Adão todo o dado, tão também em Cristo deva tudo seja feito vivo.” Dods (a Bíblia de Expositor, 366) interpreta isto de Adão como a fonte de vida física que termina em morte, e de Cristo como a fonte de vida espiritual que nunca morre. “Tudo que estão através de derivação física verdadeiramente unido para Adão incorrem a morte que pecando ele introduziu em experiência humana; e semelhantemente, tudo que por afinidade espiritual estão em Cristo desfrutam a vida nova que triunfa em cima de morte, e o qual ele ganhou.” Tão também Edwards que não considera que há alguma real injustiça interpretando o anterior “tudo” como mais extenso que o posterior, “se nós temos em mente que as condições de entrada na uma classe e o outro é totalmente diferente. Eles não são declarados aqui. Mas nós os temos em Rm 5:5-11 como onde o apóstolo parece se ele se antecipasse esta objeção à analogia que ele instituiu entre o Adão e Cristo. Ambos semelhante cabeças de humanidade são, mas eles são distintos nisto (como também em outras coisas, Rm 5:15), que os homens estão por natureza em Adão, em Cristo por fé” (os coríntios, 412). Godet considera que “talvez esta Interpretação realmente que corresponde melhor à visão do apóstolo,” e ele mostra aquele *zoopoie sthai*, “ser feito vivo,” uma idéia mais limitada é que

ege resthai, “ser elevado,” a limitação do assunto que procede naturalmente assim do significado especial do próprio verbo. “O dois *partes* (tudo) só abraça esses a quem cada dos dois poderes estende.” Mas favores de Godet a visão de Meyer e Ellicott que “tudo” será dado a mesma interpretação em cada cláusula, e que a referência é a tudo que são subir, se para vida ou condenação, e que este é ser “em Cristo”: “o Cristo acelerará tudo; tudo ouvirão a voz dele e virão adiante da sepultura, mas não tudo para o verdadeiro 'ressurreição de vida': veja Jo 5:29” (Ellicott, coríntios, 301) Godet discute que “não há nada que prevenir a palavra 'acelere', levado só, de ser usado para denotar restauração à abundância de espiritual e existência corporal, com uma visão ou para perdição ou salvação” (os coríntios, 355). Há duas dificuldades sérias à interpretação posterior: (1) o significado invariável de “em Cristo” é isso de união espiritual; (2) a pergunta se a ressurreição do mau realmente acha qualquer lugar no argumento do apóstolo no capítulo inteiro.

3. 1Co 15:45

“O primeiro homem o Adão se tornou uma alma viva. O último Adão se tornou um espírito dando vida.” A referência para Adão é de Gn 2:7; a referência para Cristo está devido ao fato do que Ele tinha feito e tinha estado fazendo na manifestação dele como Divino. Atrás de resultados o apóstolo procede à natureza. Adão simplesmente era um ser vivo, Cristo um Ser dando vida. Assim Cristo é chamado o Adão como expressivo cabeça de uma raça. Neste verso é chamado Ele o “último” o Adão, enquanto em 1 Co 15:47 o “segundo.” No verso anterior o apóstolo não se trata tanto da relação de Cristo ao primeiro Adão sobre a parte que Ele leva em relação a humanidade, e o trabalho dele em seu lado. Quando precisamente o Cristo se tornou dando vida é uma questão de diferença de opinião. Rm 1:4 associa poder com a ressurreição como o tempo quando o Cristo foi constituído o Filho de Deus com a finalidade de dar a força de divina graça. Este presente de poder só foi feito disponível para a igreja dele pela Ascensão e o presente do Espírito santo a Pentecostes. É possível que a palavra “dando vida” também pode incluir daqui por diante uma referência à ressurreição do corpo.

4. 1 Tm 2:13,14,

Paulo usa a criação do homem e da mulher no argumento dele para a subordinação de mulher (Gn 2:7-25). Este não é nenhum mero raciocínio judeu, mas uma declaração inspirada do significado típico da passagem em Gênesis. O argumento é um bem parecido a isso em 1 Co 11:8, 9. Quando os estados de apóstolo que “o Adão não foi iludido,” nós temos que entender aparentemente simplesmente isto como baseado no texto em Gênesis à qual ele recorre (Gn 3:13) em qual Eva, não Adão, diz, “A serpente me iludiu.” Em Gl 3:16 ele argumenta semelhantemente de “semente” no número singular, da mesma maneira que Hb 7 razões do silêncio de Gn 14 com respeito à ascendência de Melquizedeque. Paulo não nega que Adão fosse enganado, mas só que ele não foi enganado diretamente. O ponto dele é a facilidade que Eva rendendo autorizações à regra sobre mulheres que mantém silêncio.

5. Jd 1:14

“E Enoque, o sétimo depois de Adão” (Gn 5). Bigg diz que a cotação que segue é uma combinação de passagens de Enoque, entretanto a insinuação para o próprio Enoque está evidentemente baseada na história em Gn.

III. Conclusões

Como nós revisamos o uso de “o Adão” nós podemos observar aquele Paulo no Testamento Novo, assume aquele Adão era uma personalidade histórica, e que o registro em Gênesis era um registro de fatos, foram introduzidas aquele pecado e morte no mundo e afetado a raça inteira como a penalidade da desobediência de um antepassado. Paulo leva isto evidentemente para concedeu aquele

Adão soube e era responsável pelo que ele estava fazendo. Novamente, pecado e morte são considerados conectados, aquela morte obtém sua qualidade moral de pecado. Paulo acreditou claramente que dissolução física estava devido a pecado, e que há alguma conexão causal entre o Adão e a raça humana com respeito à morte física. Enquanto a referência para morte em Rm 5 como passando por pecado, é principalmente a morte física, contudo morte física são a expressão e sinal da idéia mais funda de morte espiritual; e embora morte física estivesse no mundo antes de Adão que só estava com relação a pecado que seu significado moral e estimativa ficou claro. Se nós somos interpretar, “para isso pecaram tudo,” como pecando quando o Adão pecou, ou pecando como o resultado de uma tendência herdada de Adão, a passagem inteira insinua alguma conexão causal entre ele e eles. A necessidade de redenção é feita assim pelo apóstolo para descansar em fatos. Nós somos ligados de nascença a Adão, estamos abertos a nós para ser saltado a Cristo por fé. Se nós recusamos trocar nossa posição em Adão para o que é oferecido a nós em Cristo que nós ficamos responsáveis a Deus; este é o chão de liberdade moral. A suposição de Testamento Nova de nossa ascendência comum em Adão é verdade aos fatos de ciência evolutiva, e a universalidade de predicado de pecado é igualmente verdade aos fatos de experiência humana. Assim, redenção é fundamentada no ensino de Bíblia, e confirmou pelos fatos da história e experiência. Então, se as referências para Adão no Testamento Novo são puramente incidentais, ou elaborou em discussão teológica, tudo está evidentemente baseado no registro em Gn.

Adão, Livros de

Livros que fingem dar a vida e ações de Adão e outros volumes de Testamento Velho existiram em abundância entre os judeus e os cristãos cedo. O Talmude fala de um Livro de Adão que está agora perdido, mas que provavelmente forneceu algum do material que se aparece em escritas Cristãs cedo. O Vita Adami foi traduzido do Etiópico por Dillmann (1853), e em inglês por Malan (O Livro de Adão e Eva, Londres, 1882). O Testamento de Adão uma porção do Vita Adami é (publicado por Renan em 1853) e tão provavelmente o *Diatheke ton Protoplaston* (Fabricius, II, 83). Veja LITERATURA APOCALÍPTICA; APÓCRIPHA.

Adão, Cidade de

(, *adham*, “vermelho” ou BDB “fez”): Uma cidade no meio do vale Jordão perto de Zaretã (Js 3:16). O nome provavelmente sobrevive à Damieh Ford, se aproxime a boca do Jaboque vinte milhas sobre Jericó. Um historiador árabe afirma isso aproximadamente 1265 a.C, que o Jordão foi bloqueado aqui por um deslizamento de terra. O desfiladeiro interno do Jordão está aqui estreito com bancos altos que facilitariam tal uma obstrução como permitido às águas para “pilha para cima” sobre para Adão e corre fora abaixo, enquanto permitindo para o anfitrião de Josué cruzar em terra seca (SWP, II, 15; Wright, SCOTH, 130-34).

Adama

ad’a-ma (, *’adhamah*; A , *Adam*): Uma cidade fortalecida no território de Naftali, nomeou entre Quinerete e Ramá (Js 19:36). É provavelmente idêntico com a moderna *Admah*, uma ruína no planalto aproximadamente 10 milhas Norte de *Beisan*.

Inflexível, duro

ad’a-mant (, *shamir* (Ez 3:9; Zc 7:12)): Nas passagens citadas e em Jr 17:1 onde é feito “diamante” a palavra *shamir* recorre evidentemente a uma pedra dura. A palavra inflexível (“inconquistável”) é usada nos escritores gregos bem cedo para um metal duro, talvez acere, depois para um metal-como ouro e depois para o diamante. O hebraico *shamir*, o grego *adamas* (da qual palavra “diamante” como também “inflexível” é derivado) e o inglês inflexível acontecem regularmente em expressões figurativas. Todos os três são igualmente indefinidos. Inflexível pode ser considerado uma tradução boa então para *shamir*, entretanto a Septuaginta não usa *adamas* nas passagens citadas. Há uma possível identificação etimológica de *shamir* com o grego *smyris* (*smeris* or *smiris*), esmeril, uma forma granular bem conhecida aos anciões e usado por eles por polir e gravar pedras preciosas. Em todas suas formas, inclusive a safira e avermelha, está na balança de dureza próximo ao diamante. Em Versões inglesas da Bíblia Is 5:6; Is 7:23-25; Is 9:18; Is 10:17; Is 27:4; Is 32:13, *shamir* é traduzido “roseira brava”. Veja também PEDRAS, PRECIOSAS.

Adami

ad’a-mi; a-da’-mi: Mencionada na KJV como um nome separado onde a Versão Revisada (britânico e americano) tem Adâmi-Nequebe que vê (Js 19:33). Veja verbete seguinte.

Adâmi-Nequebe

ad’a-mi ne’keb , *’adhami ha-nekebh*, “o chão do perfurar,” isso é da passagem, ou suja): Um lugar mencionado indicando a borda de Naftali (Js 19:33). Na KJV, Adâmi e Nequebe são determinados como nomes separados, isto é, uma pergunta aberta é que visão do assunto está correta. A maioria dos textos gregos dá os nomes como dois. A Vulgata tem “Adami quae est Neceb.” O Talmude de Jerusalém dá dois nomes, entretanto em vez de Hannekeb ou Nekeb tem *Siyadathah* (Meg 1 1, or Neubauer’s *Geog du Talmud*, 225). Na lista de lugares conquistada por Totmés III do Egito o nome acontece *NKBU* (Tomkins, Rec of Past, new series, V, 47) que parece ser o mesmo com *Nekeb*.

A lista de nomes para a borda de Naftali (Js 19:33,34) não tem nenhum nome em comum com a lista de cidades (Js 19:35-38) a menos que Adami e Adama sejam o mesmo. O PE Survey mapas localiza Adama a Damieh, aproximadamente sete milhas noroeste da saída do Jordão do Lago de Galiléia, e Adami a Khurbet Adamah, cinco ou seis milhas sul da saída. Conder, Tomkins e outros colocam Adami a Damieh, e identifica Nekeb por seu Talmudic nomeie na ruína vizinha *Seiya’deh*. Conder diz (art. “Nekeb,” HDB) que o “passe”

incluído no nome Nekeb “provavelmente é um conduzindo dos precipícios orientais perto de Tiberíades.”

Adan a´dan. Veja ADDAN

Adar (1)

a´dar (, *’adhar*, significando incerto): O nome babilônico do décimo segundo mês do ano. Usado apenas 1 vez na Bíblia em Ed 6:15 e oito vezes em Ester. No princípio o autor de Ester define Adar como o décimo segundo mês, mas posteriormente omite o numeral. Para manter a relação do ano às estações era habitual para somar um segundo Adar, tão freqüentemente quanto foi precisado, como intercalar um mês.

Adar (2)

a´dar: Na KJV (Js 15:3) Veja ADDAR.

Adarsa

a-dar´sa. Veja ADASA.

Adasa

ad´a-sa (**Aδα** , *Adasa*; na KJV Adarsa): Uma cidade menos de quatro milhas de Bete-Horon (30 furlongs, Antig. XII, x, 5; **LA** 1 Mac 7:40) e a viagem de um dia de Gazara (1 Mac 7:45), onde Judas Macabeu derrotou e matou Nicanor, general de Demétrius (1 Mac 7:40ff). A ruína de Adaseh perto de Gibeon (SWP, III, XVII).

Adbeel

ad´be-el (, *’adhbē’el*, “a disciplina de Deus,” possivelmente): O terceiro dos doze filhos de Ismael (Gn 25:13; I Cr 1:29). O nome se aparece nos registros assírios como isso de uma tribo árabe do norte que reside a Sudoeste do Mar Morto em algum lugar.

Some, somar

(1) **ε** , *epidiatassomai*, “somar,” “organizar além disso”: só é Achado em Gl 3:15 que pode ser parafraseado assim: “Levar uma ilustração familiar: até mesmo um homem vá, quando ratificou, nenhum terceiro pode exterminar ou pode completar” (Dummelow, no lugar citado.).

(2) **ε** , *epitithemi*, “pôr em,” “Se qualquer homem somará até eles, Deus somará até ele as pestilências” (Ap 22:18). O livro não será falsificado por adição ou subtração (veja LIVRO) pela interpolação de doutrinas sem autorização ou a negligência de essencial (compare Dt 4:2; Dt 12:32). Veja também DÊ; PROVISÃO.

Addan

ad´an (, *’addan*; em Ne , *’addon*; conectado de algum modo com o nome do deus Addu): Um nome mencionou na lista dos exílios devolvendo (Ed 2:59, duplicou em Ne 7:61). Isto um de vários nomes é de localidades babilônicas do qual veio homens que não puderam declarar a genealogia deles como Israelitas.

Addar

ad´ar (, *’addar*, “glorious”): Veja ARD

(1) um neto de Benjamim, às vezes contou como um dos filhos dele (I Cr 8:3).

(2) uma cidade na borda sulista de Judá (Js 15:3, na KJV “Adar”). Igual a Hazar-Haddar (Nm 34:4).

Veneno, ou Serpente

ad´er (, *’akshshubh* (Sl 140:3 , *pethen* (Sl 58:4); , *ciph _ oni* (Pv 23:32); , *stēphiphon* (Gn 49:17); , *cepha _* (A KJV margem; Is 14:29)): Esta palavra é usada para vários originais hebreus. Em cada caso uma serpente venenosa é indicada claramente pelo contexto. É impossível contar em todo caso só que espécies são significadas, mas disto tem que se lembrar que a palavra “Adder” inglesa é mesmo usada. É do Anglo-saxão noedre, uma cobra ou serpente, e é o nome inglês comum para *Vipera berus*, L, a víbora comum que é achada ao longo da Europa e norte da Ásia entretanto não em terras da Bíblia; mas a palavra “Adder” também é usado para várias cobras, venenosa e não venenosa, achadas em partes diferentes do mundo. Na América, por exemplo, ambos o mocassim venenoso (*Ancistrodon*) e as cobras porco-cheiradas inofensivas (*Heterodon*) é chamado “Adder”. Veja SERPENTE.

Adi

ad´i (**A** , *Addi*; **A** , *Addei*): Um antepassado de José, o marido de Maria, mãe de Jesus; quarto de Zorobabel nas séries genealógicas ascendendo (Lc 3:28).

Colocar em ordem, de

a-dikt´: Só se acha na KJV de 1Co 16:15, para grego , *tasso*. É dito que A casa de Estéfanos é “primícia ao ministério dos santos,” i.e. Assim eles têm sido “organizados” os negócios deles sobre este serviço um objeto principal; a Versão Revisada (britânico e americano) “jogo eles para auxiliar.”

Ido

ad´o (Códex Alexandrinus **A** , *Adda*; Códex Vaticanus **E** , *Eddein*) = Ido (Ed 5:1; Ed 6:14): O pai de Zacarias o profeta (Zc 1:1, avô de Zc 1:7) (1 Esdras 6:1).

Addon

ad'on. Veja ADDAN.

Addus

ad'us (אָדּוּס, *Addous*): Os descendentes de Addus (os filhos dos criados de Solomão) voltou com Zorobabel a Jerusalém (**LA** 1 Esdras 5:34). Omitido em Ed 2 e Ne 7.

Eder

a'de-r: Usado em I Cr 8:15 A KJV menciona EDER.

Adiabene

a-di-a-be'ne (אֲדִיבֵנִי, *Adiabene*): Um estado que fica no leste do rio Tigre, nos maiores e menos rios Zab, no território da antiga Assíria. Durante o meio século que termina com a destruição de Jerusalém por Tito, Adiabene é especialmente interessante por causa das carreiras de seu rei, Izates, e a mãe Helena que se tornaram os judeus. Eles tiveram a parte dela nas guerras judias romanas, e de vários modos era típico da situação existente. (Veja Antig, XX, 2-5; BJ, II, xvi, 4; xix. 2; V, iv, 2; vi. 1; xi. 5; VI, vi, 4.) Adiabene Um pouco posterior era absorvido no Império romano e se tornou um das seis províncias que formaram a província maior de Assíria, entretanto Plínio e Ammianus às vezes chamam a província grande pelo nome Adiabene.

Adida

ad'i-da (אֲדִידָא, *Adida*). Uma cidade da tribo de Benjamim perto de Lode e Ono localizadas em uma colina que enfrenta o “país claro” de Judéia, reconstruída e fortalecida por Simão Macabeu (**LA** 1 Mac 12:38), quem se acampou aqui depois para conhecer o exército de Trifon (1 Mac 13:13; Antig, XIII, vi, 5). Também estava aqui Aretas, rei da Arábia, Alexander Janeu se encontrado na batalha e o derrotou (Antig, XIII, xv, 2). Talvez os *El-Haditheh* de hoje localizaram três milhas leste de Lida ou Lode aproximadamente. Veja HADID.

Adiel

ad'i-el (אֲדִיֵּל, *adhī'el*, “ornamento de Deus”):

- (1) um do “os príncipes” da tribo de Simeão que, nos dias de Ezequias, golpeou os aborígenes de Gedor e capturou o vale (I Cr 4:36).
- (2) o pai de Maasai, um dos sacerdotes em Jerusalém depois do retorno do Exílio (I Cr 9:12).
- (3) o pai de Azmavete que estava em cima (cuidava) dos tesouros de Davi (I Cr 27:25).

Adim

a'din (אֲדִין, *adhīn*, “adorned”): O nome de uma família, “os filhos de Adim” (Ed 2:15; Ed 8:6; Ne 7:20; Ne 10:16; **LA** 1 Esdras 5:14; 8:32), mencionou entre os exílios devolvendo. A lista em Ed 2 é colocada no meio da narrativa relativa à Zorobabel, mas seu título e seu de conteúdo mostra que também inclui os imigrantes judeus posteriores na Palestina. A lista em Ne 7 é uma duplicata de Esdras, mas com variações; a maioria das variações é considerado naturalmente para supondo aquele cópia foi feito posterior que o outro e foi trazido atualizado. É dito que o número dos filhos de Adim é 454 em Esdras e **LA** 1 Esdras; em Neemias é 655. Os 50 homens, conduzido por Ebbede o filho de Jônatas que veio com Esdras pode ou não ter sido incluído nos números mencionados. Entre os nomes desses que marcaram a convenção junto com Neemias são 44, isso é colocado debaixo da legenda “os chefes das pessoas” (Ne 10:14-26), e quase a metade destes é os sobrenomes da lista em Ed 2 e Ne 7. É natural para deduzir isso nestes casos uma família marcou a convenção coletivamente por algum representativo. Naquele caso mencionou Adim aqui é o mesmo isso é mencionado nos outros lugares. Também veja ADINU.

Adina

ad'i-na, a-di'na (אֲדִינָה, *adhīna*, “adornado”). “Adina o filho de Siza o Rubenita, chefe dos Rubenitas, e com ele trinta” (I Cr 11:42). Isto está naquela parte da lista dos homens poderosos de Davi em o qual os suplementos de Cronista a lista cedida 2 Samuel.

Adino, Josebe-Bassebete

ad'i-no, a-di'no (אֲדִינוֹ, *adhīno*, “o adornado dele”): O superior em cargo “os homens poderosos” de Davi. “Josebe-Bassebete um Taquemonita, chefe dos capitães; o mesmo era Adino o Eznita, com uma lança matou oitocentos de uma vez” (2Sm 23:8). Isto que retribuição muito exata faz isto até mesmo evidente para um leitor inglês que o texto está imperfeito. Ginsburg oferece uma forma corrigida levada substancialmente da passagem paralela em I Cr 11:11: “Jasobeão um filho de um hacmonita, chefe dos capitães; ele ergueu para cima a lança dele.” Isto é plausível, e muito geralmente é aceito, e elimina os nomes Adino e Eznite que não acontecem em outro lugar na Bíblia. Alguns dos fatos estão contra isto. A Septuaginta tem os nomes Adino e Eznite. Os achados latinos não há nome próprio na passagem, mas assim traduz as palavras sobre pressupõe o texto hebreu como nós temos isto. Pode ser um caso para julgamento suspenso.

Os textos relativos aos homens poderosos de Davi são fragmentários ambos em Samuel e em Crônicas. Se eles estivessem mais completos eles fariam isto clarear talvez que os três superiores em cargo eram os camaradas de Davi a Pas-Damim, Efes-Dammim (I Cr 11:13; 1Sm 17:1); e que nós temos neles detalhes adicionais relativo àquela batalha. O registro diz que na morte de Golias fugiram os Filisteus e os Israelitas procuraram (I Sm 17:52), mas não é improvável que durante as porções de retirada da força Filistéia reunidas, de forma que lá era lutando estrênuo.

Adinu, Adim

ad'i-nu, ad'in (אֲדִינוּ, *Adinou*, **LA** 1 Esdras 5:14 **A**, *Adin*, 1 Esdras 8:32): Compare Adim (Ed 2:15; Ed 8:6; Ne 7:20; Ne 10:16). Os descendentes de Adim (os líderes da nação) voltaram com suas famílias a Jerusalém: uma festa que está com Zorobabel (454 sócios 1

Esdras 5:14), uma segunda festa com Esdras (250 sócios 1 Esdras 8:32).

Adinus

ad'i-nus. Veja IADINUS (Apócrifo).

Aditaim

ad-i-tha'im (, *adhithayim* "ornamento dobro, passagem, ou presa"): Uma cidade na "planície" de Judá (Sefela, "vale" não como na KJV) (Js 15:36). O local desconhecido, mas possivelmente mesmo como ADIDA (como se vê).

Adjurar, Conjurar

ad-ju-ra'shun: O ato de requerer ou prestar um juramento solene. Em um tempo de perigo militar de Saul "conjurou" as pessoas (, *'alah*, "prestar juramento") e eles prestaram juramento dizendo "Amém" (1Sm 14:24). Quando Josué pronunciou uma proibição em Jericó (Js 6:26) ele completou isto com um juramento (, *shabha* , "causar para jurar"). Frequentemente usado no senso de um custo solene sem a administração de um juramento (I Rs 22:16; II Cr 18:15; Ct 2:7; Ct 5:8,9; 1Ts 5:27). Com referência para a retenção de testemunho, veja Lv 5:1 e Pv 29:24. O sumo sacerdote buscou pôr Jesus debaixo de juramento (, *exorkizo*, "forçar a um juramento," Mt 26:63). Adjurar também pretende implorar solenemente (o , *horkizo*) como quando o homem com um espírito sujo atraído a Jesus: "conjuro-te por Deus que não me atormentes" (Mc 5:7); ou sete filhos exorcistas de Seva, buscaram no nome de Jesus para expelir demônios (At 19:13).

(1) extorquindo de um juramento tem, de tempo imemorial, sido um procedimento habitual conferindo escritório civil e eclesiástico e levando testemunho legal. Embora frequentemente permitisse ficar trivial dolorosamente e uma caricatura em sua solenidade inerente, a tomada de um juramento oficial ou o jurando de testemunha ainda é considerado essencial à integridade moral de governo, secular ou espiritual. Falso usar, debaixo de juramento solene, constitui a culpa e de perjúrio odioso. A universalidade de levar juramento é o tributo da humanidade, pagã ou Cristã, para a santidade de verdade.

(2) nações civilizadas administram juramentos debaixo de três poderes: político, eclesiástico, legal. O soberano da Inglaterra só recebe a coroa como ele ou ela respondem afirmativamente ao adjurar solenemente ao arcebispo ou bispo: "você promete solenemente e jura governar," etc. Fechando com a afirmação, "Assim Deus me ajuda." Uma convicção fundamental das nações civilizadas foi expressada por Lysurgus: "Um juramento é o laço que se mantém unido o estado." É a atração mais solene à inviolabilidade da consciência humana, e a santidade de um voto como testemunhado ambos por Deus e os homens. Também veja JURAMENTO.

Adlai

ad'la-i, ad'li (, *adhlay*; Septuaginta *A* , *Adli* and *A* , *Adai*, "negligente, cansado"): O pai de Safate, inspetor dos rebanhos de Davi nas planícies (I Cr 27:29).

Admá

ad'ma (, *adhmah*): De uma raiz que significa vermelho; um das Cidades da Planície (Ciccar) (Gn 10:19; Gn 14:2,8; Dt 29:23; Os 11:8) em qual Abraão e Ló olharam das alturas de Betel; destruído com Sodoma e Gomorra. Conder tenta identificar isto com a Cidade de Adã referida em Js 3:16, e pensa que talvez o nome pode ser preservado nisso de Damieh Ford, se aproxime a boca do rio Jaboque; mas aquele ponto não poderia ter sido à vista de Betel. Veja VALE DE SIDIM.

Admata

ad'ma-tha, ad-ma'tha (, *adhmatha*): Um de "os sete príncipes de Pérsia e Mídia que viram a face do rei e sentaram primeiro no reino" (Et 1:14); compare II Rs 25:19; Ed 7:14. A Septuaginta dá só três nomes.

Admin - ad'min. Veja ARNI.

Administre; Administração

ad-min'is-ter ad-min-is-tra'shun , *diakoneo* , *diakonia*: **1** Ação ou efeito de administrar **2**. Conjunto de princípios, normas e funções que têm por fim ordenar a estrutura e funcionamento de uma organização (empresa, órgão público, etc.) **3**. A sua prática **4**. Função do administrador.

5. O período de exercício dessa função **6**. Pessoal que administra.

7. O local em que fica a administração Condições usaram na KJV em 1Co 12:5; 2Co 8:19, 2Co 8:20; 2Co 9:12 respectivamente, e substituiu na Versão Revisada (britânico e americano) por "o ministro" e "ministração." A idéia da raiz de ambas as palavras é "serviço," conseqüentemente prover, ou administra ou presta atenção a qualquer coisa; o desempenho de dever oficial, a conduta de negócios, as várias formas de espiritual ou serviço social. "O ministro," usou qualquer de um ato ou de um serviço, é o termo que melhor representa o pensamento ideal apostólico.

Admiração

ad-mi-ra'shun (θαυμα, *thauma* "uma maravilha" ou "maravilha"; , *thaumazo* "desejar saber"): Um termo usou muito na KJV no Testamento Novo, expressar uma maravilha que inclui aprovação, alta estima; substituído na Versão Revisada (britânico e americano) através de três retribuições serviu melhor para carregar os vários tipos de surpresa, maravilha, admiração, expressou, por esta palavra fértil: isto é, em II Ts 1:10, "ser admirado," lê na Versão Revisada (britânico e americano) "se maravilhar a"; em Jd 1:16 "tendo as pessoas de homens em admiração" é feito "mostrando respeito de pessoas"; em Ap 17:6 "desejou saber com grande admiração" é substituído por "com uma grande maravilha." O original grego frequentemente é usado no Testamento Novo, especialmente nos Evangelhos, expressar maravilha e desejar saber nos trabalhos sobrenaturais de Jesus.

Adná 1

ad'na (, *adhna*), “prazer” *Al* , *Aidaine*):

(1) um Israelita pelo tempo de Esdras que, tendo se casado com uma esposa estrangeira, se divorciou. Ele pertenceu a Paate-Moabe (Ed 10:30).

(2) sacerdote chefe da família de Harum, durante o alto-sacerdócio do filho de Joiaquim de Jedua (Ne 12: 12-15).

Adná 2

ad'na (, *adhna* “prazer”; *E* , *Edna*):

(1) guerreiro da tribo de Manassés que abandonou Saul e se juntou às forças de Davi a Ziclague (I Cr 12: 20,21).

(2) oficial de alto grau, talvez o comandante supremo do exército de Jeosafá (II Cr 17:14). Aqui a ortografia em hebraica está em , *adhna*.

Dificuldade

a-doo': Somente em Mc 5:39 na KJV: “Por que fazeis alvoroço e chorais?” Aqui “faça dificuldade” é usado para traduzir o verbo , *thorubeomai* (compare Mt 9:23 na KJV onde é feito igualmente “fazendo um barulho”). “Dificuldade” como um substantivo inglês velho é para “dificuldade” ou “exagere,” só usou dentro cante; e nas versões inglesas combinou bem cedo com o verbo “faça,” como aqui, traduzir a palavra grega feita em outro lugar “causando um alvoroço,” ou “tumulto,” “fazendo um barulho,” etc. (veja At 17:5; At 20:10). Compare o Shakespeare, *Romeo e Julieta*, III, 4, “Nós não manteremos nenhuma grande dificuldade; - um amigo ou dois.”

Adonai

a-do'ni, ad-o-na'í (, *'adhonay*): Um nome Divino, traduzido “Deus,” e de sua derivação, significando, “soberania.” Suas vogais são achadas no Texto de Massoretico com o tetragrama impronunciável , *YHWH* e quando o leitor hebreu veio a estas cartas, ele sempre substituiu a palavra na pronúncia “*'adhonay*.” Suas vogais combinadas com o tetragrama formam a palavra “Yahweh (Jeová).” Veja DEUS, NOMES DE.

Adoni-Bezeque

a-do-ni-be'zek (, *'adhibezek* “o senhor de Bezeque”): Bezeque deus de uma cidade, na Palestina sulista que as tribos de Judá e Simeão subverteram. Adoni-Bezeque fugiu quando os homens dele foram derrotados, mas foi capturado, e foi castigado pela crueldade dele quando cortou os dedos polegares e grandes dedos do pé de setenta reis recebendo mutilação semelhante. Sendo trazido para Jerusalém, ele morreu lá (Jz 1:5-7). Não deve confundir com Adoni-Zedeque, como na Septuaginta. Este é totalmente outro nome.

Adonias

ad-o-ni'ja (, *adhoniya* ou , *'adhonyah* “Yahweh é meu senhor”):

(1) o filho de Davi e Hagite, o quarto dos filhos de Davi, nascido em Hebrom depois que Davi se tornou o rei de Judá, principalmente conhecido pela tentativa dele para se tornar o rei em vez de Solomão (2Sm 3:4; 1Cr 3:2; 1 Rs 1 e 2). O registro não dá nenhum detalhe relativo à Quileabe, o filho de Davi e Abigail. Adonias era o filho vivo mais velho de David, omitindo depois da morte de Amon e Absalão.

Tratando o registro isto foi obscurecido desnecessariamente negligenciando ou torcendo os dados de tempo. Diz que a rebelião de Absalão começou “a um fim de quarenta anos” (2Sm 15:7). O significado natural não busca quarenta anos oprecedendo último data mencionada, mas ao fim do quadragésimo ano civil do reinado de Davi. Desde que o David reinou 40 e meio anos (2Sm 5:4,5), o fim do quadragésimo ano civil dele era o começo do ano passado. Que a data pretendida estava no começo de um ano vernal é confirmado pelas referências para a estação (2Sm 17:19, 28). Em vez de dar este número Josefo diz que tinham decorrido 4 anos a data por último precedendo que é muito provável correto desde então.

Muitos espetáculos de considerações que a erupção não pode ter acontecido muito mais cedo que o quadragésimo ano de Davi; para Amom e Absalão nasceu depois que o reinado de David começou, e era os homens com estabelecimentos do próprio deles antes da ofensa de Amon contra Tamar, e depois de que o registro, se nós aceitamos o numeral de Josefo, contas para 2 mais 3 mais 2 mais 4, quer dizer, durante 11 anos (2Sm 13:23, 38; 2Sm 14:28; Antig, VII, ix, 1). No ano quadragésimo de Davi e no seguinte havia amplo quarto para as rebeliões de Absalão e de Seba, a doença de Davi, a tentativa de Adonias, e o começo do reinado de Solomão. Todas as coisas confirmam o número quarenta como dando a data da erupção. A suposição comum que os quarenta serão reduzidos a quatro, em base do número em Josefo, está ao contrário da evidência.

Nesta visão da cronologia todos os eventos entram em linha. A idéia de Davi de fazer rei a Solomão estava conectada com a idéia de ele edificar o templo. Isto é incluído em Reis, e apresenta um pouco por completo em Crônicas. As preparações descreveram em Crônicas (1 Cr 22 por 29) pareça ter culminado no quadragésimo ano de Davi (1Cr 26:31). A política de David não era completamente popular com a nação. A assembléia dele (1Cr 28:1) é principalmente feito para cima de *sarim* e outros funcionários designados, o Israelita hereditário “os príncipes” e “os anciões” sendo conspícuo pela ausência deles. A erupção debaixo de Absalão era principalmente uma questão de manipulação hábil; os corações das pessoas realmente estavam com Davi. E ainda a festa de Absalão era distintamente uma festa de legítima. Acreditou na sucessão do filho primogênito, e contestou a muitas coisas na política da edificação do templo. Joabe e Abiatar e outros simpatizaram com esta festa, mas eles permaneceram com Davi fora de lealdade pessoal para ele.

A campanha de Absalão começou cedo pelo ano civil. Não há nenhuma razão para pensar que durou mais de algumas semanas. Depois no ano que algumas semanas são bastante tempo para permitir a campanha contra Seba. Joabe deve ter sido alienado mais ou menos de Davi pelo compromisso de Davi de Amasa para o substituir. Então vindo à doença séria de Davi. Abisague foi trazido, não para “preste atenção em Davi durante tem recusando anos,” mas pôr a vitalidade dela a tem disposição durante alguns semanas. Joabe e

Abiatar não acreditaram que o Davi já negociaria novamente. A lealdade pessoal deles para ele já não os conteve de seguir as próprias idéias deles, embora estes estivessem ao contrário dos desejos dele.

A narrativa não representa que Natã e Bate-Seba influenciaram Davi para interferir no interesse de Solomão; representa que eles tiveram sucesso despertando de tem entorpecimento, de forma que ele levou a cabo os próprios desejos dele e intenções. Descansando talvez em cama tivesse feito algo para ele. O tratamento por Abisague não tinha sido malsucedido. E agora uma atração suprema para a mente dele provou que suficiente o despertou. Ele se tornou novamente, e agiu com vigor habitual e sabedoria.

Adonias é descrito como um homem bonito e vistoso, mas tem conduta não nos dá uma opinião alta das capacidades dele. Ele não teve nenhum real comando do respeito dos convidados que gritaram “Viva ao rei Adonias.” Quando eles ouviram que Solomão tinha sido coroado, eles “tinha medo, e todo homem o modo dele.” Adonias fez tem submissão, mas posteriormente tentou se ocupar de intrigas, e foi posto a morte.

(2) um do Levita enviado por Jeosafá, no terceiro ano dele, com o Livro da Lei, para dar instrução em Judá (2Cr 17:8).

(3) um dos nomes dado, debaixo do título “os chefes das pessoas,” desses que marcaram a convenção junto com Neemias (Ne 10:16).

Adonirão

ad-o-ni´kam (, *'adhonikam*, “meu senhor se levantou”): O pai de uma família dos exílios devolvendo (Ed 2:13; Ne 7:18). “Os filhos de Adonirão,” os homens e mulheres e crianças, numerou 666 de acordo com a lista como determinado em Esdras, mas 667 de acordo com a cópia em Neemias. Qualquer um incluiu entre estes ou além deles estava o contingente que veio com Esdras, “Elifelete, Jeuel, e Semaías, e com eles 60 homens” (Ed 8:13).

Adonirão

ad-o-ni´ram (, *'adhoniram*, “meu senhor é exaltado”): funcionário de Solomão (I Rs 4:6; I Rs 5:14). Perto do fim do reinado de Davi, e à abertura do reinado de Reoboão, o mesmo escritório foi acontecido por Adorão (2Sm 20:24; 1Rs 12:18). O nome Adorão parece ser uma contração de Adonirão, e indubitavelmente é a mesma pessoa seguiu o serviço em todos os três reinados. O nome também se aparece como Hadorão (2Cr 10:18). Na KJV e a Versão Revisada (britânico e americano) o serviço é variado descrito como “em cima do tributo,” que está enganando, e “em cima da coleta,” que está correto, entretanto obscureça. No Padrão americano Revisou Versão é uniformemente “em cima dos homens sujeito a empreitada.” Adonirão estava à cabeça do departamento de trabalho forçado para o governo. O registro é ao efeito que povos conquistaram pelo Israel, exclua o Canaanitas, seria poupado, sujeito à obrigação para trabalho forçado nos trabalhos públicos (Dt 20:11); que esta lei foi estendida de fato ao Canaanitas (Js 16:10; Js 17:13; Jz1:28); aquele David, nas preparações dele para o templo, organizado e entregou para Solomon um serviço de trabalho forçado (1Cr 22:2, 15, etc.); que debaixo de Solomão este serviço era elaborately mantido (1Ki 5:13; 1Ki 9:15; 2Ch 8:7). só não era para o templo, mas para os numerosos empreendimentos de edifício de todo o Solomão. Teoricamente os homens de Israel sangue sejam grátis deste fardo, mas praticamente eles acharam isto um fardo e uma queixa. À acessão de Reoboão eles protestaram contra isto (1Rs 12; 2 Cr 10). Nada na conta é mais indicativo da falta absoluta de Reoboão de julgamento bom que o enviando para o superintendente veterano dele do departamento de trabalho forçado que conferisse com as pessoas dele. O assassinato de Adonirão, e o voo infame de Reoboão, eram conseqüências naturais.

Adonis

a-do´nis:Um nome para o deus babilônico TAMMUZ. A palavra só acontece no inglês Versão Revisada, margem de Is 17:10 onde para “plantas agradáveis” é erudito “plantações de Adonis.” O Padrão americano Revisou justamente Versão omite esta sugestão marginal.

Adoni-Zedeque

a-do-ni-ze´dek (, *'adhonicedhek*, “o senhor de retidão”): O rei de Jerusalém na hora da conquista de Canaã (Js 10:1). Quando ele ouviu falar da queda de Ai e a submissão dos Gibeonitas, ele entrou em uma liga com quatro outros reis para resistir a Josué e Israel, e castigar Gibeão (Js 10:3, 4), mas foi subvertido por Josué em uma batalha memorável (Js 10:12-14). Adoni-Zedeque e os quatro aliados dele estavam fechados para cima em uma caverna, enquanto a batalha durou, e posteriormente foi tirado pela ordem de Josué, foram mortos (Js 10:22-27). É notável que o nome seja quase o equivalente de Melquizedeque , *malkicedhek*, “o rei de retidão,” que era rei de Jerusalém pelo tempo de Abraão.

Adoção

Substantivo feminino: Ação ou efeito de adotar.

a-dop´shun (*huiiothesia*, “colocando como um filho”):

I. A Idéia Legal Geral

1. No Testamento Velho

2. Grego

3. Romano

II. A Doutrina de Paulo

1. Em Gálatas como Liberdade

2. Em Romanos como Libertação de Dívida

III. A Experiência Cristã

1. Em relação à Justificação

2. Em relação à Santificação

3. Em relação à Regeneração

IV. Como o Ato de Deus

1. Paternidade Divina

2. Sua Gama Cósmica

Este termo aparece primeiro no Testamento Novo, e só nas epístolas de Paulo (Gl 4:5; Rm 8:15,23; Rm 9:4; Ef 1:5) que pode ter cunhado isto fora de uma frase grega familiar de significado idêntico. Geralmente indica o processo legal pelo qual um homem poderia trazer na família dele, e adotá-lo na condição e privilégios de um filho, que não era por natureza o filho dele ou da família dele.

I. A Idéia Legal Geral

O costume prevaleceu entre os gregos, romanos e outro povos antigos, mas não aparece na lei judia.

1. No Testamento Velho

São mencionados três casos de adoção: de Moisés (Ex 2:10), Genubate (I Rs 11:20) e Ester (Et 2:7,15), mas é notável que todos eles aconteceram fora da Palestina - no Egito e na Pérsia onde a prática de adoção predominou. Igualmente a idéia só aparece no Testamento Novo nas epístolas de Paulo ao que se foi dirigido para igrejas fora da Palestina. O motivo e iniciativa de adoção sempre se deitam com o pai adotivo que assim proveu a falta dele da descendência natural e satisfeito as reivindicações de afeto e religião, e o desejo para exercitar autoridade paterna ou perpetuar a família dele. O processo e condições de adoção variaram com diferentes povos. Entre nações orientais foi estendido a escravos (como Moisés) que ganhou a liberdade dele, mas assim estava limitado a cidadãos, na Grécia e Roma, com exceções raras.

2. Grego

Na Grécia o poder de homem durante a vida dele, ou por vâ, entrar em vigor depois da morte dele, adote qualquer cidadão masculino nos privilégios de filho dele, mas com a condição invariável que o filho adotado aceite as obrigações legais e deveres religiosos de um filho real.

3. Romano

Em Roma a natureza sem igual de autoridade paterna (*patria potestas*) por qual um filho foi segurado no poder do pai dele, quase como um escravo foi possuído pelo mestre dele, deu um caráter estranho ao processo de adoção. Para a adoção de uma pessoa livre de autoridade paterna (*sui juris*), o processo e efeito eram praticamente o mesmo em Roma como na Grécia (*adrogatio*). Em um senso mais específico, adoção própria (*adoptio*) era o processo pelo qual uma pessoa era transferida do poder do pai natural e constituída ao pai adotivo, em uma venda fictícia do filho, e a rendição dele pelo natural ao pai adotivo.

II. A Doutrina de Paulo

Como um cidadão romano o apóstolo conheceria o costume romano naturalmente, mas na cidade cosmopolita de Tarso, e novamente nas viagens dele, ele ficaria igualmente familiar com as alfândegas correspondentes de outras nações. Ele empregou a idéia metafórica muito da maneira das parábolas de Cristo, e, como no caso delas, há perigo de apertar a analogia muito longe em seus detalhes. Não está claro que ele teve qualquer forma específica de adoção em mente ao ilustrar o ensino dele pela idéia geral. Debaixo desta figura ele ensina que Deus, pela manifestação da graça em Cristo, traz os homens na relação de filhos para Ele, e comunicam a eles a experiência de adoção como filhos.

1. Em Gálatas como Liberdade

Em Gálatas, Paulo enfatiza especialmente a liberdade desfrutada por esses que ao viver por fé, em contraste com a escravidão debaixo da qual são segurados os homens, que guiam as vidas deles por cerimônias legais e ordenações, como os Gálatas seja propenso fazer (Gl 5:1). O contraste entre lei e fé é primeiro adiante fixa no campo da história, como um contraste entre ambos a pré Cristã e a pós Cristã (Gl 3:23, Gl 3:24), embora em outra passagem ele leva a idéia de adoção atrás na relação de convenção de Deus com o Israel (Rm 9:4). Mas aqui a antítese histórica é reproduzida no contraste entre homens que agora escolhem viver debaixo de lei e esses que ao vivo por fé. Três figuras parecem na descrição da condição de homem debaixo de escravidão legal - o de um escravo, isso de um secundário debaixo de guardiães designados pelo pai dele, e que de um filho romano debaixo do (*patria potestas*) (Gl 4:1-3). O processo de liberação é em primeiro lugar um processo de redenção ou resgatando (*exagorasei*) (Gl 4:5). Este termo em si mesmo aplica igualmente bem ao escravo que é resgatado da escravidão, e o filho romano cujo pai adotivo lhe resgata da autoridade do pai natural. Mas no caso posterior a condição do filho não é alterada materialmente pelo processo: ele só troca uma autoridade paterna para outro. Paulo para um pensamento de momento do processo em termos de adoção romana ordinária, a condição resultante do filho que ele concebe em termos do grego mais gráteis e cortês ou vida familiar judia. Ou ele pode ter pensado no caso mais raro de adoção de condições de escravidão no estado de filho adotivo. A redenção é só uma condição prévia de adoção que segue em fé e é acompanhada com o envio do "Espírito do Filho em nossos corações, geram chorando, Aba" e então toda a escravidão está fora terminada (Gl 4:5-7).

2. Em Romanos como Libertação de Dívida

Em Rm 8:12-17 a idéia de obrigação ou dívida é juntada com isso de liberdade. Homem é pensado uma vez de como debaixo da autoridade e poder da carne (Rm 8:5), mas quando o Espírito de Cristo vier morar nele, ele não é mais nenhum longo devedor para a carne, mas para o Espírito (Rm 8:12,13), e dívida ou obrigação para o Espírito se são liberdade. Como em Gálatas, tripule assim passa de um estado de escravidão em um estado de filho adotivo que também é um estado de liberdade. "Para como muitos como é conduzido pelo Espírito de Deus, estes (e estes só) é os filhos de Deus" (Rm 8:14). O espírito de adoção ou filho adotivo estava em oposição diametral ao espírito de escravidão (Rm 8:15). E o Espírito para o qual nós somos os devedores e por qual nós somos conduzidos, imediatamente despertamos e confirmamos a experiência de filho adotivo dentro de nós (Rm 8:16). Em ambos os lugares, Paulo carrega debaixo desta figura, a idéia do homem como passando de um estado de alienação de Deus e de escravidão debaixo de lei e pecado, naquela relação com Deus de confiança mútua e amável, de unidade de pensamento e que deveria caracterizar a família ideal e em qual toda a restrição, compulsão e medo passaram fora.

III. A Experiência Cristã

Como um fato de experiência Cristã, a adoção é o reconhecimento e afirmação pelo homem de filho adotivo para Deus. Segue em fé em Cristo pelo qual o homem se torna tão unido com Cristo no que o espírito filial dele entra nele, e toma posse da consciência dele, de forma que ele sabe e cumpre Deus como Cristo faz (compare Mc 14:36).

1. Em relação à Justificação

É um aspecto da mesma experiência que Paulo descreve em outro lugar, debaixo de outra metáfora legal, como justificação por fé. De acordo com a posterior, Deus declara o pecador íntegro e o trata como tal, admite em para a experiência de perdão, reconciliação e paz

(Rm 5:1). Em tudo isso a relação de pai e filho é indubitavelmente envolvida, mas em adoção expressada enfaticamente. Não só é que o filho pródigo é dado boas-vindas casa, contente confessar que ele não é merecedor para ser chamado um filho, e será feito como um dos criados contratados, mas ele é abraçado e restabeleceu para ser um filho como antes. O ponto de cada metáfora é que a justificação é o ato de uma colocação misericordiosa do Juiz ao prisioneiro livre, mas adoção é o ato de um pai generoso, enquanto levando um filho ao seio dele e o dotando de liberdade e favor, dando-lhe uma herança.

2. Em relação à Santificação

Justificação é o começo de um processo que precisa para sua conclusão um curso progressivo de santificação pela ajuda do Espírito Santo, mas adoção é co-extensiva com santificação. Os filhos de Deus são aqueles conduzidos pelo Espírito de Deus (Rm 8:14); e o mesmo Espírito de Deus dá a experiência de filiação. Santificação descreve o processo de limpeza geral e crescimento como um processo abstrato, mas adoção inclui isto como uma relação concreta para Deus, como lealdade, obediência, e companheirismo com um Pai já amoroso.

3. Em relação à Regeneração

Alguns identificaram, adoção com regeneração, e então muitos Pais e os teólogos católicos romano identificaram isto com regeneração batismal, enquanto excluindo o fato essencial de filiação consciente assim. O novo nascimento e adoção são certamente aspectos da mesma totalidade de experiência, mas eles pertencem a sistemas diferentes de pensamento, e os identificar como iguais é convidar a confusão. O novo nascimento especialmente define a origem e qualidade moral da experiência Cristã como um fato abstrato, mas expressos de adoção uma relação concreta do homem para Deus. Nem faz Paulo aqui aumento a pergunta da condição natural e original de homem. Está apertando a analogia muito longe para deduzir desta doutrina de adoção que o homem não é por natureza o filho de Deus. Contradiria Paulo está ensinando em outro lugar (p.e. At 17:28), e ele não deveria ser condenado de inconsistência na aplicação de uma metáfora. Ele concebe o homem fora de Cristo como moralmente um estrangeiro e um estranho de Deus, e a mudança forjada pela fé em Cristo lhe faz moralmente um filho e consciente da filiação dele; mas naturalmente ele sempre é um filho em potencial porque Deus sempre é um Pai real.

IV. Como o Ato de Deus

Adoção como o ato de Deus é um processo eterno do amor cortês dEle, porque Ele “nos destinou até adoção como filhos por Jesus Cristo até ele, de acordo com o prazer bom do testamento dele” (Ef 1:5).

1. Paternidade Divina

O motivo e impulso de Paternidade que resulta em adoção eram eternamente reais e ativos em Deus. Em algum senso Ele tinha dado a adoção para Israel (Rm 9:4). “Israel é meu filho, meu primogênito” (Ex 4:22; compare Dt 14:1; Dt 32:6; Jr 31:9; Os 11:1). Deus não pôde se revelar nada sem revelar algo da Paternidade dEle, mas a revelação inteira ainda era como parcial e profética. “Quando Deus enviou seu Filho” para resgatar os que estavam debaixo da lei” ficou possível aos homens receberem a adoção; para esses que estão dispostos para receber isto, Ele enviou para o Espírito do Filho eterno testemunhar nos corações deles que eles são os filhos de Deus, e lhes da confiança e expressão vocal para permiti-los a chamar Deus o Pai deles (Gl 4:5, Gl 4:6; Rm 8:15).

2. Sua Gama Cósmica

Mas esta experiência também está incompleta, e espera uma adoção mais completa na resposta, não só do espírito do homem, mas da criação inteira, inclusive o corpo do homem, para a Paternidade de Deus (Rm 8:23). Todo espírito filial agora gemidos, porque acha que prendeu em um corpo sujeitado a vaidade, mas espera uma redenção do corpo, talvez na ressurreição, ou em um pouco de consumação final, quando a criação material inteira será transformada em um próprio ambiente para os filhos de Deus, a própria criação entregou da escravidão de corrupção na liberdade da glória das crianças de Deus (Rm 8:21). Então vá adoção está completo, quando a personalidade inteira de homem estará em harmonia com o Espírito de filiação, e o universo inteiro favorável a sua perseverança em um estado de bem-aventurança. Veja as CRIANÇAS DE DEUS.

Literatura

Ágil, Galatians; Sanday, romanos; Lidgett, Paternidade de Deus; Ritschl, Justificação e Reconciliação.

Ador; Adora

a’dor, a-do’ra (A , *Adora*): Em Iduméia, mencionada em Antig, XIII, ix, 1 como um das cidades capturadas por Hircano, e referida em (LA) 1 Mac 13:20. Veja ADORAIM.

Adoraim

ad-o-ra’im (, *adhorayim*, “um par de colinas,” talvez): Uma de várias cidades em Judá que foi fortalecida por Roboão (II Cr 11:9).

O nome aparece em Josefo e em 1 Macabeus como Adora ou Dora ou Dor. Seu local é indicado em geral por isso das outras cidades que o registro em grupos de Crônicas com isto. Consentimento comum identifica isto com Dura, aproximadamente cinco milhas a Oeste do Sul de Hebrom.

Adoram

a-do’ram. Veja ADONIRÃO.

Adoração

ad-o-ra’shun : Entretanto esta palavra nunca acontece em Versões inglesas, representa aspectos de adoração que é muito proeminente na Bíblia.

I. Etimologia

A palavra é derivada do latim *adorare* = (1) “falar,” (2) “pedir,” “peça,” (3) “fazer homenagem,” “adorar”; do latim, os (oris), boca. Alguns supuseram que os pontos da raiz para a prática romana de aplicar a mão à boca, i.e, beijando a mão para (uma pessoa ou coisa), como um símbolo de homenagem.

II. Significando

Adoração é intensa admiração que culmina em reverência e adora, junto com os atos externos e atitudes que acompanham tal

reverência. Inclui ambos os sentimentos subjetivos assim, ou sentimentos da alma, na presença de algum objeto superior ou pessoa, e as expressões físicas apropriadas de tais sentimentos em atos externos de homenagem ou de adoração. Em seu senso mais largo inclui reverência aos seres diferente de Deus, especialmente para monarcas que em países orientais foram considerados com sentimentos de temor. Mas acha sua expressão mais alta em religião. Adoração é talvez o tipo mais alto de adoração, enquanto envolvendo a contemplação reverente e extasiada do Divino, perfeições e prerrogativas, o reconhecimento deles em palavras de elogio, junto com os símbolos visíveis e posturas que expressam a atitude adorando da criatura na presença do Criador dele. É a expressão da realização mística da alma da presença de Deus na grandeza transcendente dele, santidade e bondade. Como uma forma de oração, adoração será distinguida de outras formas, como petição, ação de graças, confissão e intercessão.

III. Posturas externas

No Testamento Velho e Testamento Novo, estes são semelhantes a esses que prevaleceram em todos os países orientais, como amplamente ilustrou pelos monumentos do Egito e Assíria, e pelas alfândegas ainda em uso entre as nações do Leste. As atitudes principais se referidas na Bíblia são as seguintes:

1. Prostração

Entre os Orientais, especialmente os persianos, prostração (i.e. caindo nos joelhos, inclinando gradualmente então o corpo, até que a testa tocou o chão) era comum como uma expressão de reverência profunda e humildade ante a um superior ou um benfeitor. Foi praticado na adoração de Yahweh (Gn 17:3; Nm 16:45; Mt 26:39, Jesus no Getsemane; Ap 1:17), e de ídolos (II Rs 5:18; Dn 3:5,6), mas estava por nenhum meio limitado a exercícios religiosos. Era o método formal de suplicar ou fazer continência a um superior (p.e. I Sm 25:23; II Rs 4:37; Et 8:3; Mc 5:22; Jo 11:32).

2. Ajoelhando

Substituto para prostração estava ajoelhando, uma atitude comum em adoração, freqüentemente mencionado no Testamento Velho e Testamento Novo (p.e. I Rs 8:54; Ed 9:5; Sl 95:6; Is 45:23; Lc 22:41, Cristo no Getsemane; At 7:60; Ef 3:14). A mesma atitude às vezes foi adotada prestando homenagem a uma mesma categoria ou criatura, como em II Rs 1:13. "Sentando" como uma atitude de oração (só II Sm 7:18 paralelo I Cr 17:16) provavelmente era uma forma de ajoelhar, como na adoração Maometana.

3. De pé

Esta era a postura mais habitual em oração, assim os judeus modernos faz em sua adoração pública. Abraão "se levantou antes de Yahweh (Jeová)" quando ele intercedeu para Sodoma (Gn 18:22). Compare I Sm 1:26. O Fariseu na parábola "estava de pé e rezou" (Lc 18:11), e os hipócritas são ditos "peça se levantando nas sinagogas, e nos cantos das ruas" (Mt 6:5 na KJV).

4. As Mãos

As anteriores posturas foram acompanhadas por várias atitudes das mãos que ou foram erguidas para cima para o céu (Sl 63:4; I Tm 2:8), ou expressões exteriores (Ex 9:29; Ed 9:5; Is 1:15), ou ambos (I Rs 8:54).

5. Beijo de Adoração

A prática pagã de beijar mãos aos corpos celestes como um sinal de adoração se refere para Jó 31:27, e de beijar o ídolo em I Rs 19:18; Os 13:2. O beijo de homenagem é mencionado em Sl 2:12, se o texto há correto. Mãos beijando para o objeto de adoração eram habituais entre os romanos (Plínio 18.5). O Testamento Novo formula para "adoração" (*proskuneō*) literalmente pretende beijar (a mão) para (um). Veja também ATITUDES.

IV. Objetos de Adoração

O único objeto adequado de adoração é o Ser Supremo. Ele só quem é a soma de todas as perfeições e pode satisfazer os instintos do homem completamente de reverência, e extrai a homenagem completa da alma dele.

1. Criaturas da mesma categoria

Ainda, como já sugeriu, os começos crus de adoração religiosa serão achados no respeito pagado a seres criados considerados possuindo reivindicações superiores e poderes, especialmente para os reis e regras. Como exemplos nós podemos mencionar a mulher de Tecoa que cai na face dela para fazer reverência ao rei Davi (II Sm 14:4), e os criados do rei que se curvam até reverenciam a Hamã (Et 3:2). Compare Rt 2:10; I Sm 20:41; II Sm 1:2; II Sm 14:22.

2. Objetos materiais

Em um plano mais alto, como envolvendo algum reconhecimento da divindade, é a homenagem paga a objetos respeitáveis e misteriosos em Natureza, ou para fenômenos no mundo físico que era suposto que tinha um pouco de significação divina. Dar reverência a material eles contesta estão condenados como idolatria ao longo do Testamento Velho. Tal um exemplo é o caso com a adoração de "o anfitrião do céu" (os corpos celestes) às vezes praticada pelos hebreus (II Rs 17:16; II Rs 21:3,5). Assim protestos de trabalho que ele nunca provou falso a Deus beijando mãos ao sol e lua em símbolo de adoração (Jó 31:26-28). Nós temos referência no Testamento Velho para atos de homenagem pagados a um ídolo ou uma imagem, como cair antes disto (Is 44:15,17,19; Dn 3:7), ou beijando isto (I Rs 19:18; Os 13:2). Todas as tais práticas estão condenadas em condições inflexíveis. Mas quando coisas materiais produzem uma atitude reverente, não para eles, mas para a Deidade cuja presença que eles simbolizam, então eles são considerados como ajudas legítimas a devoção; por exemplo, fogo como uma manifestação da presença Divina é descrita como fazendo o espectador executar atos de reverência (por exemplo, Ex 3:2, 5; Lv 9:24; I Rs 18:38). Nestes exemplos, o próprio Yahweh que foi adorado, não o fogo que O revelou. Os escritores sagrados são movidos a adoração religiosa pela contemplação das glórias da Natureza. Para eles, "os céus declaram a glória de Deus, e o de firmamento anuncia o trabalho manual dele." (especialmente Compare os "Salmos de natureza" Sl 8:1-9; Sl 19:1-14; Sl 29:1-11; 104.)

3. Anjos

Em um plano ainda mais alto é a adoração praticada na presença de agentes sobrenaturais Divinos. Quando um anjo de Deus apareceu, os homens caíram instintivamente ante ele em reverência e temor (p.e. Gn 18:2; Gn 19:1; Nm 22:31; Jz 13:20; Lc 24:4,5). Este era não a criatura para adorar em vez do Criador, porque o anjo não foi considerado, como um indivíduo que tem uma existência e caráter próprio dele, mas como um teofânia, uma manifestação de Deus.

4. A Deidade

A forma mais alta de adoração é a que é dirigido imediatamente a Ele Deus, os atributos reais dele e super excelência espiritual que

são temidos assim pela alma que está cheio com êxtase e elogio, e é movido para fazer reverência. Um exemplo clássico é a visão que Isaías iniciou no serviço profético, quando ele foi possesso com a soberania e sublimidade de Deus que ele estava cheio com maravilha e auto degradação (Is 6:1-5). No Testamento Velho, a literatura de alcances de adoração sua marca nos Salmos (especialmente compare o grupo Salmos 95 por 100), onde a majestade de inefável, poder e santidade de Deus estão adiante fixos em altas tensões. No Testamento Novo, adoração da Deidade acha sua expressão mais arrebatadora em Rotação onde a visão de Deus chamada adiante um coro de elogio se dirigiu ao Deus Muito Santo (Sl 4:8 -11; Sl 7:11, Sl 7:12), com quem é associado o cordeiro Redentor.

5. Jesus Cristo

Como Jesus é no Testamento Novo distante o considerou como um objeto de adoração, enquanto vendo aquela adoração só está servindo a Deus? Durante a vida de nosso Deus Ele era freqüentemente o objeto de adoração (Mt 2:11; Mt 8:2; Mt 9:18; Mt 14:33; Mt 15:25; Mt 20:20; Mt 28:9,17; Mc 5:6; Jo 9:38). Alguma ambigüidade, porém, pertence à palavra grega *proskunein*, para enquanto isto a palavra habitual é para “adorando” Deus (por exemplo, Jo 4:24), em alguns contextos significa homenagem não mais que pagando a uma pessoa de grau superior ajoelhando ou prostração, da mesma maneira que é dito que o criado desapiedado tem ‘caiu e adorou’ o mestre dele o rei (Mt 18:26), e como Josefo fala dos sumo sacerdotes judeus como *proskunoumenoi* (BJ, IV, v, 2). Por outro lado, insinua uma consciência, por parte desses que pagaram este respeito a Jesus, certamente e do próprio Jesus, de uma superioridade muito excepcional na pessoa dele, porque a mesma homenagem foi recusada por Pedro, quando oferecida a ele por Cornélio, no chão que ele também um homem era (At 10:25), e até mesmo pelo anjo antes de quem João se prostrou, no chão que Deus só era ser “adorou” (Ap 22:8,9). Contudo Jesus nunca repudiou tais símbolos de respeito. Mas tudo que sobre o “seus dias de humanidade,” não há nenhuma dúvida que depois que a ascensão que o Cristo se tornou para a igreja como o objeto de adoração Divina, e a homenagem dada a Ele era indistinguível em caráter disso dado a Deus. Isto não só provou através de passagens isoladas, mas ainda mais pelo tom inteiro dos Atos e epístolas em relação a Ele. Esta adoração alcança sua expressão mais alta em Ap 5:9-14 onde o cordeiro Redentor que compartilha o trono de Deus é o assunto de uma explosão de adoração elogio por parte dos anfitriões angelicais. Em Ap 4:8-11 o hino de adoração é endereçado ao Deus Digno, o Criador; aqui é endereçado ao Cordeiro no chão do trabalho resgatando dele. Em Rotação a adoração de Ele “que está no trono” e que de “o Cordeiro” flua junto em um fluxo de elogio extático (compare Ap 7:9-11).

Adorno

a-dorn' (, *kosmeo*):Tem como seu significado primário “organizar,” “colocar em ordem,” “decorar.” é usado com referência para a maneira das mulheres Cristãs foi urgido para vestir. Esta era uma pergunta vital na igreja primitiva, e Paulo e Pedro dão conselho no assunto (1Tm 2:9; 1Pe 3:3). Veja VESTIDO.

Figurativo: Em Mt 12:44 a KJV a palavra é traduzida “guarnição” e é usado em um sentido figurado. Descreve a condição da nação judia com precisão. Embora eles varressem fora a idolatria e adornaram a vida com muita cerimônia e prescrições religiosas infinitas, contudo o espírito mal pode dizer, “eu voltarei a minha casa.” Esta mesma coisa foi repetidamente terminada pelos indivíduos e nações quando foram instituídas as reformas, mas o Cristo não foi empossado e o coração ou nação ainda foram dominados através do mal. Também é usado em um sentido figurado com referência para as graças da vida Cristã. Quando nós nos lembramos que como mesmo altamente orientais estimam o adorno do corpo, seu uso aqui fica muito forte. É isto que faz Sl 45:13 de significação especial sobre a beleza e glória da igreja como ela é apresentada a Deus. Também veja Pv 1:9; Pv 4:9; Isa 61:10; 1Pe 3:4,5. Consagração para Deus, em habitação do Espírito dele, retidão, um espírito submisso e quieto - estes são os verdadeiros adornos da vida. Todas estas passagens levam com eles a idéia de alegria, a satisfação que deveria ser nossa posse.

Adra - a'dra. Veja ARAD (cidade).

Adrameleque e Anameleque

a-dram'el-ek e a-nam'el-ek (, *'adhramelekh* e , *anammelekh*, aparentemente, de acordo com uso assírio, “Adar é o príncipe,” “Anu é o príncipe.” Através de uso palestino estaria “Adar é o rei,” “Anu é o rei”):

(1) os nomes dados pelos Israelitas o narrador para o deus ou deuses importaram na terra dos Samaritanos pelos homens de Sefarvaim quem o rei da Assíria tinha resolvido lá (II Rs 17:31). No panteão babilônico Anu, o deus do céu, é um dos três deuses principais, e Adar, caso contrário conhecido como Ninib, é um deus solar. Relativo às declarações neste verso em Reis, arqueólogos diferem em alguns pontos importantes, é um caso no qual um julgamento suspenso pode estar se tornando em um que não é um perito. Mas pelo menos uma porção das dificuldades alegadas surgiu de fracassos para adquirir o ponto de vista do Israelita o narrador. Ele está escrevendo consideravelmente depois de um tempo que o estabelecimento das instituições das quais ele fala - recente bastante fazer a frase “até este dia” satisfatório (II Rs 17:34), recente bastante de forma que palavras e usos pode ter sofrido modificação. Ele está descrevendo uma mistura de religiões que ele considera merecendo de desprezo evidentemente e ridiculariza, até mesmo aparte da falsidade das religiões incluída nisto. Esta mistura ele descreve como contendo ingredientes de três tipos - primeiro, as religiões importadas dos povos importado; segundo, as religiões de lugar alto (II Rs 17:32, etc.), e terceiro, a religião de Yahweh de Israel do norte (não o de Jerusalém). Não é provável que ele pensasse que eles praticaram qualquer culto em sua pureza. Eles contaminaram a religião de Yahweh introduzindo usos de Canaanitas nisto, e eles terão feito provável o mesmo com as religiões ancestrais que eles trouxeram com eles. Os próprios nomes podem estar corretos como representando uso de Palestina, até mesmo se eles diferem um pouco do próprio uso babilônico. O escritor diz que eles “queimado as crianças deles no fogo para Adrameleque”, mas, isto necessariamente não prova que ele pensou que eles trouxeram esta prática da Babilônia; a idéia dele pode ser que eles corromperam o próprio falso culto deles até mesmo introduzindo nisto este rito horrível dos Canaanitas. Considerando as fortes da evidência dos monumentos no caso, não deveriam ser negligenciadas considerações deste tipo.

(2) o nome de um filho do rei Senaqueribe da Assíria - um dos dois que o matou e escapou, enquanto conduzindo indiretamente à acessão de Esar-Hadom (II Rs 19:37; Is 37:38). Mencione do incidente é achado nos monumentos, e rastros do nome se aparecem nas

escritas de Abydenus e Poly-histor.

Adramítio

ad-ra-mít'i-um (A , *Adramuttion* ; para outras formas veja o léxico de Thayer): Uma cidade antiga de Mísia na Província romana da Ásia. A única referência no Testamento Novo para isto está em At 27:2 que diz que Paulo, enquanto sendo levado um prisioneiro de Cesaréia para Roma, embarcado em um navio que pertence a Adramítio.

A cidade, com um porto bom, estava à cabeça do Golfo de Adramítio que está em frente da ilha de Lesbos, e à base do Mt. Ida. Sua história cedo está obscura. Enquanto alguns autores imaginam que era o Pedasus de Homer, outros supõem que foi fundado por Adramis, o irmão do rico Croesus; provavelmente uma pequena colônia ateniense que existiu longo lá antes do tempo de Adramis. Quando Pergamo se tornou o capital de Ásia, Adramítio cresceu uma cidade de importância considerável, e a metrópole da parte Noroeste da província. Lá foram os assizes segurados. As moedas que os camponeses apanham nos campos circunvizinhos, e que são freqüentemente ajuda determinando o local e história das cidades de Ásia Menor, foi golpeado tão tarde quanto o 3º século d.C, Adramítio, e às vezes com relação a Éfeso. Neles se aparecem as efígies de Castor e Pollux, enquanto mostrando aquele Adramítio era o assento de adoração destas deidades.

A cidade antiga com seu porto desapareceu completamente, mas em uma colina, um pouco mais distante interior, é uma aldeia de porte cerca de mil casas o nome Edremid, uma corrupção do nome antigo Adramis. As cabanas de madeira miseráveis ocupadas por pescadores gregos e por Turcos são rodeadas por vinhedos e oliveiras, conseqüentemente o comércio principal está no azeite de oliva, passas e madeira. Antigamente Adramítio era notável para um ungüento especial que estava lá preparado (Plínio, NH, xiii. 2.5).

Ádria

a'dri-a (Westcott-Hort: o A , *ho Hadrias* ou *ho Adrias*): Em *Adrias* grego (Políbio i.2.4), *Adriatike Thalassa* (Strabo iv.204), e *Adriatike Thalassa* (Ptolomeu iii.15.2), e em égua de Adriático latina (Livy xl.57.7), em Latin *Adriaticum mare* (o Cícero em Pisonem 38), *Adrianum mare* (Livy x.2.4), e *Adriaticus sinus* (o Cícero anúncio Att. 9.5.1). Mar Adriático é um nome derivado dos Etruscan cidade velha Átrios, situado perto da boca do Po (Livy v.33.7; Strabo v.214). No princípio o nome que Adria só foi aplicado à parte mais norte do mar. Mas depois do desenvolvimento das colônias de Siracusa no italiano e Illyrian costeira a aplicação do termo estava para o sul gradualmente estendida, para alcançar Mons Garganus (a Abruzzi), e depois o Dilema de Hydruntum (Ptolomeu iii.1.1; Polybios vii.19.2). Mas finalmente o nome abraçou o Mar jônio como bem, e nós achamos empregou para denotar o Golfo de Tarentum (Servius Aen xi.540), o Mar Siciliano (Pausanias v. 25), e até mesmo as águas entre Creta e Malta (Orosius i.2.90). Procópio considera Malta como mentindo à extremidade ocidental do Mar Adriático (i.14). Depois de se ir o recipiente para Creta no qual o apóstolo que Paulo estava velejando debaixo de escolta militar era “dirigido para lá e para cá no mar de Adria” quatorze dias (At 27:27) antes de chegasse a costa de Malta. Nós podemos comparar isto com o naufrágio de Josefo dentro “o meio do Adria” onde ele foi apanhado por uma navegação de navio de Cirene para Poteoli (Josefo, Vita, 3).

Adriel

a'dri-el (, *adhrî'el*, “minha ajuda é Deus”): O filho de Barzilai o Meolatita, para quem Merabe a filha do rei Saul estava casado quando ela deveria ter sido dada a Davi (1Sm 18:19; 2Sm 21:8). “Mical” em 2Sm 21:8 um erro textual é facilmente considerado para Adriel e Merabe tido cinco filhos quem Davi entregou para a vingança de sangue dos homens de Gibeon. O nome que Adriel parece ser arameu, o equivalente do nome hebreu Azriel.

Aduel

a-du'el (A , *Adouel*): Um antepassado de Tobias (LA Tobias 1:1).

Adulão

a-dul'am (, *adhullam*):

(1) uma cidade antiga, com dependências, e tendo um rei, mencionado cinco vezes no Testamento Velho, cada tempo em uma lista com outras cidades (Js 12:15; Js 15:35; II Cr 11:7; Mq 1:15; Ne 11:30). Na lista de 31 reis quem Josué golpeou, Adulão segue Horma, Arade, Libna, e precede Maqueda. Entre as 14 cidades de Judá do primeiro grupo em “a planície” Adulão é mencionado entre Jarmute e Socó. Na lista de 15 cidades fortalecida por Reoboão que se aparece entre Socó e Gate. Mica dá o que pode ser uma lista de cidades interessado em alguma aproximação assíria para Jerusalém; começa com Gate, inclui Laquis, e fins com Maressa e Adulão. E Adulão ainda está na mesma companhia na lista em Neemias das cidades “e as aldeias deles” na orla onde os homens de Judá então. No tempo dos patriarcas era um lugar a quais homens “abaixaram” do cume montês central (Gn 38:1). Judas Macabeu achou isto ainda existindo como uma cidade (LA 2 Mac 12:38). Comum opinião identifica Adulão com a ruína *Aid-el-Ma*, 13 milhas Oeste-sudoeste de Belém (veja HGHL, 229ff). Isto está apesar do testemunho do Onomasticon que, é alegado, confunde Adulão com Eglom. Presumivelmente a cidade deu seu nome para a caverna de Adulão, a caverna que está perto da cidade.

(2) a caverna de Adulão, a sede de Davi durante uma parte do tempo quando ele era um fugitivo de Saul (1Sm 22:1; 2Sm 23:13; 1Cr 11:15). Não foi suficiente exercitado cuidado lendo as declarações da Bíblia neste assunto. Para começar com, síntese hebraica permite do uso da palavra “caverna” coletivamente; pode denotar um grupo ou uma região de cavernas; não está fechado até o significado que havia uma imensa caverna na qual Davi e os 400 homens dele tudo acharam alojamentos imediatamente. Todos os raciocínios baseado nesta noção são fúteis.

Mais adiante, pela síntese mais natural de 2Sm 23:13-17 (duplicou com variações sem importância em 1Cr 11:15-19), aquela passagem descreve dois eventos diferentes, e não conecta a caverna de Adulão com o segundo destes. “E três dos trinta homens principais abaixaram, e entrou Davi no tempo de colheita até a caverna de Adulão; e a tropa dos Filisteus foi se acampou no vale de Refaim. E Davi estava então no lugar seguro; e a guarnição dos Filisteus estava então dentro Belem. E Davi desejou, e disse, Oh aquele

me daria água,” etc. Interessando estes três superiores em cargo entre Davi “os homens poderosos” é narrado, primeiro, que eles eram os camaradas de Davi em uma certa batalha, uma batalha que o Cronista identifica com Pas-dammim onde o David matou Golias; segundo, que eles uniram Davi na caverna de Adulão, presumivelmente durante o tempo quando ele estava escondendo de Saul; terceiro que mais tarde, quando os Filisteus estavam no vale de Refaim (compare 2Sm 5:18), e Davi era “no lugar seguro” (Josefo diz “em Jerusalém,” Antig. VII, xii, 4), estes homens penetraram as linhas Filistéias e lhe trouxeram bem água da casa de Belém.

A caverna de Adulão, como a cidade, era “abaixo” do cume central (1Sm 22:1; 2Sm 23:13). A cidade estava em Judá; e Davi e os homens dele estavam em Judá (1Sm 23:3) de cada vez quando, aparentemente, a caverna era a sede deles. O conselho de Gade para Davi para voltar a Judá (1Sm 22:3,5) era de cada vez determinado quando ele tinha deixado a caverna de Adulão. Se a identificação atual de *Aid-el-Ma* como Adulão está correto, a caverna de Adulão provavelmente é a região de caverna que foi achada naquela vizinhança.

Foi contestado que este local também está longe de Belém para os homens de Davi terem trazido a água de lá. A isto é respondido que treze ou quatorze milhas não são uma distância excessiva para três homens excepcionalmente vigorosos irem e devolver; contudo a resposta mais forte é achada na consideração mencionada, que o lugar do qual os homens foram pela água não era a caverna de Adulão. O argumento para a tradição para o efeito que a caverna de Chariton, alguns milhas Sudeste de Belém, é Adulão, o tamanho é maior desta caverna, como comparado com esses se aproxime *Aid-el-Ma*. Nós já vimos que isto não tem nenhuma força.

Em nossa fala atual “caverna de Adulão” sugestiona uma agregação sortida de homens doentes e desacreditadores. Isto não está justificado pelo registro da Bíblia. Os homens de Davi incluíram o numeroso e respeitável homens de família, e o representante do sacerdócio, e alguns dos companheiros do exército de Davi, e alguns homens que posteriormente seguraram alto serviço em Israel. Até mesmo esses que são descritos como estando em angústia e dívida e amargo de alma era indubitavelmente, muitos deles, pessoas que tinham sofrido às mãos de Saul por causa da amizade deles por Davi. Indubitavelmente eles incluíram mero aventureiros no número deles; mas os detalhes Bíblicos e as circunstâncias semelhante indica que eles eram principalmente homogêneos, e que a maioria deles era os cidadãos merecedores.

Adulamita

a-dul'am-it: O adjetivo gentílico de ADULÃO. Só é usado do amigo de Judá Hira (Gn 38:1,12,20).

Adultério

a-dul'te-r-i: Na Bíblia designa relações sexuais de um homem, se casado ou solteiro, com uma mulher casada.

1. Seu Castigo

É proibido categoricamente no Decálogo (sétima ordem, Ex 20:14; Dt 5:18): “Não adulterarás”. Em idioma mais específico lemos nós: “Nem te deitarás com a mulher de teu próximo, contaminando-te com ela”. (Lv 18:20). A penalidade é a morte para ambas as pessoas culpadas: “O homem que adulterar com a mulher de outro, sim, aquele que adulterar com a mulher do seu próximo, certamente será morto, tanto o adúltero, como a adúltera” (Lv 20:10). A maneira de morte não é particularizada; de acordo com os rabinos (Sifra no lugar; *Sanhedhrin* 52b) isto estrangulação é. Pareceria isso pelos dias de Jesus a maneira de morte foi interpretada para significar apedrejamento (“Agora na lei de Moisés nos comandou que apedrejássemos tal,” Jo 8:5, disse da mulher levada em adultério). Não obstante, pode ser dito que no caso em questão a mulher pode ter sido um noivo de virgem até um marido, a lei (em Dt 22:23) provendo aquele tal uma pessoa junto com o consentimento dela seja apedrejada a morte (contraste Dt 22:22 onde uma mulher se casou com um marido é falado de a maneira de morte é novamente o general esquerdo). Ez 16:40 (compare Ez 23:47) igualmente menciona apedrejamento como a penalidade da adúltera; mas também junta ao pecado dela isso de sangue derramado; conseqüentemente, a interpretação rabinica necessariamente não é disputada pelo profeta. Claro que também pode ser assumido que uma diferença de costume pode ter obtido há tempos diferente e que o progresso estava na linha de indulgência, estrangulação que é considerada como uma forma mais humanitária de execução que apedrejamento.

2. Provação através de tentativa

As pessoas culpadas só ficam amenas à pena de morte quando levado “no mesmo ato” (Jo 8:4). A dificuldade de obter dirige para evidência legal é advertida pelos rabinos (veja *Makkoth* 7a). No caso de uma mera suspeita por parte do marido, não substanciou através de evidência legal, a mulher é compelida pela lei (Nm 5:11-30) submeter a uma provação, ou o julgamento de Deus que consiste nela bebendo a água de amargura que isso é, molhe da bacia santa entrosada com pó do chão do santuário e com a tinta lavar apagada de uma escritura que contém o juramento que a mulher foi feita repetir. A água é nomeada amargo com referência para seus efeitos no caso da culpa da mulher; por outro lado, quando nenhum efeito doente seguir, a mulher é provou inocente e o ciúme do marido insubstanciado. De acordo com o Mishna (*Sotah* 9) esta provação da mulher suspeitada de adultério foi abolida através de Johanan ben Zaccai (depois de 70 A.D), no chão que os homens da geração dele não eram anteriores a suspeita de impureza. Veja artigo AMARGO; AMARGURA.

3. Um Crime Odioso

Adultério foi considerado como um crime odioso (Jó 31:11). Os profetas e professores de Israel censuram os homens e mulheres das gerações deles repetidamente para o relaxamento deles em moralidades que não encolheram de conexões adúlteras. Naturalmente onde hábitos luxuosos de vida foram favorecidos dentro, particularmente nas cidades grandes, um tom de jogo de leviandade em: na escuridão da noite, homens, com as características deles mascaradas, esperaram nas portas dos vizinhos deles (Jó 24:15; Jó 31:9; compare Pv 7), e mulheres esquecida da convenção do Deus delas quebrou a fé com os maridos da mocidade delas (Pv 2:17). O profeta Natã confrontou Davi depois do pecado dele com Bate-Seba, a esposa de Urias, com a repreensão dura dele (“Este homem és tu” 2Sm 12:7); o salmo penitencial (Ps 51) - foi cantado pelo bardo real como uma oração para perdão divino. Relacionamento promíscuo com as esposas dos vizinhos deles é posto por Jeremias à porta dos falsos profetas do dia dele (Jr 23:10, Jr 23:14; Jr 29:23).

4. Distinções Penais e Morais

Enquanto a lei penal leva só conhecimento de relações adúlteras, é desnecessário dizer que o descontentamento da lei moral toda a maneira de relacionamento ilícito e toda a maneira de impudência no homem e mulher. Enquanto as frases “prostituição,” “cometa

prostituição,” na Bíblia denote a brecha de matrimônio (por parte de uma mulher), nas escritas rabínicas uma distinção clara é feita no lado legal entre adultério e fornicação. O posterior está moralmente condenado em nenhuma condição incerta; a sétima ordem é feita incluir toda a maneira de fornicação. O olho e o coração são os dois intermediários de pecado (o Talmude palestino, *B^rakhoth 6b*). Um pensamento pecador é tão mau quanto um ato pecador (*Niddah 13b* e em outro lugar). Trabalho faz uma convenção com os olhos dele para que ele não olhar em uma virgem (Jó 31:1). E assim Jesus que veio “não destruir, mas cumprir” (Mt 5:17), por completo acordo com o ensinar ético e religioso de Judaísmo, faz a intenção da sétima ordem explícita quando ele declarou que “todo um aquele olhar em uma mulher para cobiçar depois que dela já cometessem adultério com ela no coração dele” (Mt 5:28). E no espírito de Oseias (Os 4:15) e de Johanan ben Zaccai (veja acima) Jesus tem mas despreza para esses que estão judicialmente pronto para condenar entretanto eles não se são livre de pecado! “Ele isso está sem pecado entre você, o deixe lançar uma pedra a ela primeiro” (Jo 8:7). Considerando que sociedade está em falta da pena de morte afiançar a inviolabilidade da vida de casa, Jesus licita a mulher o modo errado dela, vá e não peque mais. Como prontamente a palavra dele poderia ser levada para insinuar o perdão do pecado da mulher é comprovado pelo fato que a seção inteira (Jn 7:53 por 8:11) é omitido por “a maioria das autoridades antigas” (veja a observação de Augustine).

5. Divórcio por causa adultério

Adultério como uma causa de divórcio. O significado da expressão “alguma coisa imprópria” (Dt 24:1) estando obscuro, havia grande variedade de opinião entre os rabinos sobre as causas nos quais um marido pode se divorciar da esposa dele. Enquanto a escola de Hillel permitiu qualquer razão trivial legalmente pelo menos como uma causa para divórcio, a interpretação mais rígida que limitou isto a adultério só obteve na escola de Shammai. Jesus coincidiu com a visão mais rígida (veja Mt 5:32; Mt 19:9, e comentários). De um ponto de vista moral, divórcio era igualmente descontentado pelos rabinos, economize claro que para aquele fundamentado que realmente faz as relações continuadas entre o marido e esposa uma impossibilidade moral. Também veja CRIMES; DIVÓRCIO.

Adumim

a-dum'im (, *'adhumim*, talvez “manchas vermelhas”): “A ascensão de Adumim” é um dos numerosos marcos mencionados definindo a borda do norte de Judá para o oeste da boca do Jordão para Jerusalém, e definindo a borda sulista de Benjamim para o leste de Jerusalém para a boca do Jordão (Js 15:7; Js 18:17). É identificado com a parte do desfiladeiro da estrada de Jericó até Jerusalém. Seu nome presente é *ala* , *at-ed-Dumm*, “ascensão de sangue.” A pedra é marcada por “raias vermelhas curiosas,” um fenômeno que provavelmente responde pelo ancião e os nomes modernos, e para outros nomes semelhantes que foram aplicados à localidade. É a cena da história do Bom Samaritano de, e tradição localiza a hospedaria para a qual o salvador Samaritano trouxe o homem ferido claro que (veja HGHL, 265).

Vantagem, Proveito

ad-van'taj (, *sakhan*): Em Jó 35:3 é interpretado em cláusula sucessiva como “lucro.” Em Rm 3:1 , *perissos*, é interpretado igualmente por uma paráfrase na próxima oração. A Versão Revisada (britânico e americano) prefere fazer *pleonekteo* por “leve vantagem,” onde a KJV tem “defraude” (2Co 7:2), ou “faça ganho de” (2Co 12:17; compare 2Co 2:11). Em Jd 1:16 “vantagem” (*opheleia*) meios “lucro.”

Advento

ad'vent. Veja ENCARNAÇÃO; MILÊNIO; PAROUSIA.

Aventura

ad-ven'tur: “arriscar,” “ousar,” sempre recorrendo a um empreendimento prestaram atenção com um pouco de perigo (Jz 9:17: “Meu pai arriscou a vida dele”). Compare Dt 28:56. Também Ec 5:14: “Riquezas perecem por mal aventura.” Só uma vez em Testamento Novo para *δωμι*, *didomi* (At 19:31), onde os amigos de Paulo imploram “não se aventurar (arcaico para “aventure”) em teatro.”

Adversário

ad've~r-sa-ri, ad've~r-sa-ri: Esta palavra (no singular ou plural) é usada no Testamento Velho distinguir palavras hebraicas diferentes. Há 32 casos da palavra que corresponde ao substantivo , *car*, ou o verbo , *carar*. Este substantivo da palavra ordinária é para “o inimigo” ou “o adversário.” Em 12 passagens a palavra hebraica, do qual “o adversário” a tradução é, , *satan* = substantivo ou , *satan* = verbo. Este raiz significa “opor,” ou “contrarie” qualquer um no propósito dele ou reivindicações.

O anjo de Yahweh era *satan* (Adversário) para Balaão (Nm 22:22). A palavra denota freqüentemente um adversário político (I Rs 11:14,23,25). Em quatro casos (isto é, Prólogo para Jó; Zc 3:1, 2; I Cr 21:1; Sl 109:6) A KJV retém Satanás como a retribuição. Mas só está em 1 Crônicas que a palavra é usada sem o artigo, isso é, estritamente como um nome próprio. A Septuaginta dá *diabolos*, como a retribuição, e ambos em Jó e Zacarias, Satanás é retratado como o “falso acusador.” Em dois casos “o adversário” representa duas expressões hebraicas que significam o “oponente em termo” ou “controvérsia” (Jó 31:35; Is 50:8).

No Testamento Novo “adversário” representa: (1) *antikeimenoí*, *antikeimenoí* o participio de um verbo que significa “ser fixado em cima de contra,” “ser oposto” (Lc 13:17; Fp 2:8). (2) *antidikos*, “o oponente em um processo,” “o promotor” (Mt 5:25; Lc 12:58; Lc 18:3; 1Pe 5:8). De acordo com a última passagem este diabo é o “acusador” ou “promotor” de crentes, mas, de acordo com outro escritor têm eles o “defensor” ou conselheiro para a defesa junto ao Pai (1Jo 2:1). Em uma passagem (Hb 10:27) “adversário” representa uma palavra grega, *hupenant os* que significa “jogo em cima de contra,” “ao contrário de” - uma palavra usada em grego clássico e na Septuaginta.

Adversidade

ad-vu'r-si-ti: Na Versão Revisada (britânico e americano) exclusivamente um termo do Testamento Velho, expressando as várias formas de mal e angústia carregadas por quatro palavras hebraicas: *cela*, “um parando” ou “caia” *carah*, “dilemas” “angústia,” “aflição”; *car*, “dilema,” “aflição”; *ra*, “ruim,” “mal,” “prejudicial.” Estas palavras cobrem a gama inteira de infortúnios causada por inimigos, pobreza, tristeza e dificuldade. “Adversidade,” que acontece uma vez na KJV em Testamento Novo (Hb 13:3: *kakouchoumenos*, “maltratou”) é deslocado na Versão Revisada (britânico e americano) pela retribuição literal que ilustra ou interpreta uma fase comum de adversidade.

Anunciar

ad've-r-tiz: Esta palavra é achada duas vezes no Testamento Velho: Em Nm 24:14 (do hebraico *ya ac*, “aconselhar”) Balaão aconselha Balaque do futuro de Israel e sua influência no reino dele. Na KJV Rt 4:4 (de *galah ozen*, “descobrir a orelha,” “revelar”) Boaz falando com o mais próximo da família de Rute. (Versão Revisada, margem).

Conselho; Aconselhe; Deliberação

ad-vis', ad-viz', ad-viz'ment: aparte do significar regular deles são empregadas estas palavras peculiarmente como segue: (1) conselho: Em 2Sm 19:43 (de *dabhar*, “palavra”) o significado é igual para “pedido” (a Versão Revisada, margem “nós não fomos o primeiro em falar de trazer atrás”). Em 1S 25:33 a KJV (de *ta am*, “gosto,” “razão”) “conselho” é igual para “sagacidade” (a Versão Revisada (britânico e americano). Em II Cr 25:17 (de *ya ac*, “dar ou levar deliberação”) o significado parece ser “consultar com a si mesmo”; também compare Jz 19:30 a KJV (a Versão Revisada (britânico e americano) “leve deliberação”). (2) Aconselhe: Em 2Sm 24:13 a KJV (de *yadha*, “saber”) “aconselhar” meios “aconselhar a si mesmo,” i.e. “considerar” (a Versão Revisada (britânico e americano) “aconselhe thee”) também Compare I Cr 21:12 a KJV (a Versão Revisada (britânico e americano) “considere” de *ra'ah*, “ver”) e Pv 13:10 onde “sensato” é igual a “considerado” (de *ya ac*; veja II Cr 25:17). (3) Deliberação (antiquado): Achado uma vez no Testamento Velho em I Cr 12:19 (de *ecah*, “deliberação”), onde “em deliberação” meios “em deliberação.” Compare (LA)2 Mac 14:20 a KJV (a Versão Revisada (britânico e americano) “quando estas propostas tinham sido consideradas muito tempo”).

Advogado, Defensor

ad'vo-kat (*parakletos*): Achado em 1Jo 2:1, “Se qualquer pecado de homem, nós temos um Defensor com o Pai, Jesus Cristo o íntegro.” A palavra grega tem várias sombras de significar: (1) defensor legal; (2) um intercessor; (3) ajudante geralmente. Na passagem antes de nós são incluídos os primeiro e segundos significados. Cristo no céu intercede para os cristãos que pecam na terra. O próximo verso declara que Ele é a “propiciação para nossos pecados” e é o trabalho propiciatório dele que mente à base da intercessão dele. As margens da Versão Revisada (britânico e americano) e o Padrão americano Revisada Versão dão como consolador de leituras alternativo, Ajudante, grego Paracleto. Sem dúvida, “o defensor” é a tradução correta na passagem na epístola. A mesma palavra grega também acontece no Evangelho de João (Jo 14:16, 26; Jo 15:26; Jo 16:7) não se referindo a Cristo mas a quem Cristo recorre como para o Espírito Santo, “outro consolador” que Ele enviará do Pai. No Evangelho são designadas várias funções ao Espírito em relação aos crentes e incrédulos. A palavra no Evangelho é traduzida inadequadamente “o consolador”. O Espírito de acordo com estas passagens é

mais que o consolador e mais que o Defensor. Veja PARACLETO; CONSOLADOR; ESPÍRITO SANTO.

Adytum

ad'i-tum (do latim para grego [Ἀδύτον](#), *aduton*, de adjetivo, “não ser entrado”): Aplicado ao santuário íntimo ou câmaras em templos antigos, e para lugares de segredo que só estavam aberto a padres: conseqüentemente, também para o Santo dos Santos no templo judeu. Veja TEMPLO.

Aedias

a-e-di'as ([A](#) , *Aedeias*) Mencionado em (**LA**) 1 Esdras 9:27, um desses sendo que concordou em se divorciar as esposas estrangeiras deles. Este nome é suposto uma corrupção do grego para ser [H](#) , *Helia*, havendo nenhum hebreu equivalente para isto, e em Ed 10:26, o nome acontece na forma correta como Elias (, *'elyah* = “Yahweh é Deus”).

Aelia / e'li-a. Veja JERUSALÉM.

Enéias

e-ne'as ([A](#) , *Aineas*):Um paralítico a Lida que, depois que ele “tinha mantido a cama dele oito anos,” foi curado milagrosamente por Pedro (At 9:33, 34).

Enom, Aenon

e' non ([A](#) , *Ainon*):O lugar onde João o Batista estava batizando “porque havia muita água lá” (Jo 3:23). Estava no lado ocidental do Jordão, o lugar onde João batizou primeiro foi no leste (Jo 1:28; Jo 3:26; Jo 10:40). Estamos seguros que não estava em território de Samaritano. Eusebio, Onomasticon localiza isto 8 milhas romanas Sul de Scythopolis (*Beisan*), esta extensão de terra no oeste do Jordão que é então, não debaixo de Samaria, mas debaixo de Scythopolis. Sua posição está definida por proximidade para Salim. Foram sugeridas várias identificações, o ser mais provável as fontes próximo *Umm el- Amdan* que exatamente veste a posição indicada por Eusebio, Onomasticon. Veja discussão debaixo de SALIM.

Eternidade

e' on. Esta palavra significou originalmente “duração,” “dispensação.” na filosofia de Platão e Aristóteles está a palavra [αι](#) , *aion*, do qual é transliterada esta palavra. Na filosofia Gnóstica tem um significado especial e é usado para resolver o problema da ordem mundial lá. Na separação infinita entre Deus e o mundo, foi ensinado, lá deva de necessidade está mediando poderes. Estes poderes são as eternidades e são as emanções sucessivas de Deus de eternidade. Eles são espirituais, enquanto existindo como entidades distintas. Eles constituíram a Divina abundância ou o Divine Pleroma. O nome foi aplicado a estes seres por duas razões: porque era pensado que eles participavam da existência eterna de Deus e porque era suposto que eles governavam as várias idades. A idéia das eternidades em várias formas pode ser achada em quase filosofia todo oriental que tentou lidar com o problema da ordem mundial. Se aparece nas escritas de Filo, em Xintoísmo, na religião da velha Zoroastria. Veja Gnosticismo.

Aesora

e'so-ra, Na KJV Esora, e-so'ra ([A](#) , *Aisora*):Uma cidade na redondeza de Samaria, mencionou com relação a Bete-Borom e Jericó (**LA** Judite 4:4), e desta associação julgamos nós que estava na parte oriental de Samaria.

Afeto ; Afetar

a-fekt', a-fek'shun:O significado literal de “afeto” é agir em (latim ad , “para,” “em,” *facio*, “fazer”). Tem várias sombras de significados, e acontece nos sentidos seguintes na Bíblia inglesa: **(1)** em seu sentido literal: Lm 3:51, “Os meus olhos me afligem” **(2)** No senso de “empreender depois” desejo,” “tribunal”: Gl 4:17, “Eles afetam zelosamente (a Versão Revisada (britânico e americano) “busque”) vocês... aqueles que podem afetar (a Versão Revisada (britânico e americano) “busque”) eles,” i.e. eles cortejam seu favor seriamente, que você pode cortejar o seu. Paulo por meios que o zelo convertendo do Judaizantes estava arraigado em ambição pessoal. A parte passada. “afetado” (a Versão Revisada (britânico e americano) “buscou”) tem o mesmo significado em Gl 4:18. A mesma palavra grega (*zeoo*) é traduzido “deseje seriamente” na Versão Revisada (britânico e americano) (1Co 12:31; 1Co 14:1, 1Co 14:39). “Afete” tem um significado semelhante em **(LA)** Ecclesiasticus 13:11. **(3)** No passivo, acontece no senso de “ser disposto,” em um senso neutro, com um advérbio caracterizar a natureza da disposição: At 14:2, “mal afetou contra os irmãos” Também **(LA)** 2 Mac 4:21; 13:26.

“Afeto” acontece nos sentidos seguintes: **(1)** no sentido literal: o estado de ter os sentimentos da pessoa agiu em ou afetado de algum modo; dobrado ou disposição de mente, em um senso neutro (a natureza do afeto, se bom ou ruim, precisando de descrição adicional no contexto). Assim Cl 3:2, “Jogo seu afeto (a Versão Revisada (britânico e americano) “note”) em coisas sobre”; Cl 3:5, “afeto irregular” (aqui “afeto” por si só é neutro; a adição do adjetivo faz isto equivalente para “paixão” em um senso mau, como na Versão Revisada (britânico e americano)). **(2)** Em um senso bom: sentimento de oferta, anexo morno, testamento bom; a palavra em si mesmo que leva um significado bom aparte do contexto. I Cr 29:3, “porque eu fixei meu afeto na casa de meu Deus”; Rm 1:31; II Tm 3:3, “sem afeto natural”, 2Co 6:12 (iluminou. “intestinos,” considerou o assento de sentimentos bondosos, compare Eng “coração”) Assim 2Co 7:15. **(3)** Em um senso mau no plural = paixões. Gl 5:24, a carne, com os afetos (a Versão Revisada (britânico e americano) “paixões”) e luxúrias”; Rm 1:26, “Deus os deu até afetos vis” (a Versão Revisada (britânico e americano) “paixões”).

Acontece uma vez, em um senso neutro: Rm 12:10, (i.e. “disposto”) um para outro” Em I Ts 2:8, temos nós “afetuosamente,” em um senso bom.

Afinidade

a-fin'i-ti (, *hathan* “unir um ego”):Este termo é usado três vezes no Testamento Velho: **(1)** em I Rs 3:1, onde nós lemos que “Solomão fez afinidade com Faraó rei do Egito”, **(2)** em II Cr 18:1, onde é declarado que Jeosafá “se juntou a afinidade com Acabe,” e **(3)** em Ed 9:14 onde é perguntado “e a aparentar-nos com os povos que cometem estas abominações?” A palavra hebréia assim feita nas anteriores três passagens recorre em cada caso a alianças de matrimônio em lugar de para família ou relações políticas. Veja MATRIMÔNIO; FAMÍLIA.

Afirme; Afirmativo

a-fu'r'ma-tivs (, *diischurizomai*).O verbo “afirme” acontece em várias passagens do Testamento Novo no senso de “afirme” (Lc 22:59; At 12:15; At 25:19 *φ* , *pha-sko*; Rm 3:8 , *phemr*; 1 Tm 17; Tt 3:8 , *diabebaioomai*).O hebraico não emprega partículas afirmativas, mas dá uma resposta positiva por qualquer um repetindo a palavra em questão ou substituindo a primeira pessoa na resposta para a segunda pessoa na pergunta, ou empregando a fórmula: “Tu o disseste” ou “É como disseste.” O Salvador usou este idioma *οὐ εἶπας*, *su' eipas*) quando respondendo para Judas e para Caifas (Mt 26:25, Mt 26:64). Uma elegância estranha prende ocasionalmente junto à interpretação da Bíblia por causa do uso delas de um afirmativo e um negativo, enquanto fazendo o senso mais enfático; às vezes o negativo acontece primeiro, como em Sl 118:17: “Eu não morrerei, mas viverei”; às vezes o afirmativo precede, como em Isaías Sl 88:1; Jo 1:20 é feito enfático peculiarmente por causa do negativo colocado entre dois afirmativo: “E ele confessou, e não negou; e ele confessou, eu não sou o Cristo.”

Aflição

a-flik'shun:Representa nada menos que 11 palavras hebraicas no Testamento Velho, e 3 palavras gregas no Testamento Novo, do qual são os mais comuns (, *on*), (*θλιψις*, *thlipsis*). É usado **(1)** ativamente = que causa ou tende a causar dor corporal ou angústia mental, como “o pão de aflição” (Dt 16:3; II Cr 18:26); freqüentemente no plural, como “Muitas as aflições são do íntegro” (Sl 34:19); **(2)** passivamente = o estado de estar em dor ou aborrece, como “visitar o órfão e viúvas na aflição deles” (Tg 1:27). O seguinte as formas principais são de aflição se referida: **(1)** aflição individual, especialmente doença, pobreza, a opressão do fraco pela justiça forte e rica, perversa. **(2)** Nacional. Um grande lugar é determinado no Testamento Velho para aflição como uma experiência nacional, devido a calamidades, como guerra, invasão, conquista através de povo estrangeiro, exílio. Estes formam o fundo de muito das escritas proféticas, e em grande parte determina o tom deles e caráter. **(3)** no Testamento Novo a forma principal de aflição é isso devido ao antagonismo feroz manifestado à religião de Jesus, enquanto resultando em perseguição.

I. A Fonte de Aflição

1. Deus

A mente hebréia não enfatizou causas secundárias, mas atribuiu tudo, até mesmo aflições, diretamente a Primeira Grande Causa e Autor de todas as coisas: “Sucederá qualquer mal à cidade, sem que o Senhor o tenha feito?” (Am 3:6); “eu formo a luz, e crio escuridão; Eu faço paz, e crio mal (i.e. calamidade); eu sou Yahweh que faço todas estas coisas” (Is 45:7) Assim, se referiram todas as coisas, inclusive calamidade, da Divina operação. O hebreu quando aflito não duvida da soberania universal de Deus; ainda, enquanto assumindo esta soberania, ele às vezes foi tentado para a causa de indiferença, negligência ou esquecimento. Compare os seguintes textos; Is 40:27; Is 49:14; Ez 8:12; Ez 9:9.

2. Agentes do mal

Ainda há rastros de um dualismo que nomeia certo limite vago à soberania absoluta de Deus, recorrendo aflição a um agente mal que age em quase na independência de Deus. Porém, nunca poderia haver mais que uma tendência nesta direção, para um dualismo rígido era incompatível com o ponto de vista do monoteísmo judeu. Assim a aflição mental de Saul é atribuída a um “espírito mal,” ainda é dito que é da parte “de Yahweh” (1Sm 16:14; 1Sm 18:10; 1Sm 19:9); e a queda de Acabe é dita por Micaías para ser devido ao “espírito mentiroso” que o atraíu à destruição dele, em obediência para o comando de Deus (I Rs 22:20-22). No prólogo de Jó, as calamidades de Jó são designadas a Satanás, mas até mesmo ele recebe o comando de Deus, e é responsável a Ele, como o outro “os filhos de Deus” que cercam o trono divino. Ele é assim “incluiu no círculo Divino e de Divina providência” (Schultz). Depois do prólogo, Satanás é omitido de conta, e os infortúnios de Jó são atribuídos diretamente a Divinas causalidades. No Judaísmo posterior, a tendência para localizar a origem do mal, físico e moral, para espíritos maus se tornou mais marcada, provavelmente por causa da influência de dualismo Persa. Em tempos do Testamento Novo, foram pensados mal físicos e mentais por estar devido ao agir de espíritos maus chamados demônios cujo príncipe era Belzebu ou Satanás (Mc 1:23; Mc 3:22; Mc 5:2; Mt 9:32, etc.). Cristo deu o consentimento dele a esta convicção (compare a mulher debaixo de fraqueza, “quem Satanás tinha presa,” Lc 13:16). Paulo atribuiu a aflição corporal dele a um espírito mal enviado por Satanás (2Co 12:7), entretanto ele reconheceu que o agente mau era subordinado ao propósito de Deus de graça, e era os meios de disciplina moral (1Co 12:7,9). Assim, enquanto os espíritos maus foram considerados como autores maliciosos de males físicos, eles não eram, em uma forma estritamente dualística, pensou agir em independência completa; bastante, eles tiveram certo lugar nomeado a eles na Divina Providência.

II. O que significa o propósito da Aflição

Por que Deus afligiu os homens? Como está sofrendo para ser explicado constantemente com a bondade e justiça de Deus? Este era um problema agudo que pesou pesadamente na mente hebréia, especialmente no posterior, mais refletivo, período. Nós só podemos indicar brevemente os fatores principais que a Bíblia contribui à solução do problema. Nós começamos com o Testamento Velho.

1. Punição ou Retribuição

A visão tradicional na teologia hebréia cedo era que aflições era o resultado da Divina lei de retribuição pela qual pecado invariavelmente foi seguido através de castigo adequado. Todo infortúnio era uma prova de pecado por parte do sofredor. Assim “os amigos” de Jó buscaram convencê-lo que os grandes sofrimentos dele estavam devido ao pecado dele. Este geralmente é o ponto de vista dos historiadores de Israel que considerou calamidades nacionais como uma marca do Divino desgosto por causa dos pecados das pessoas. Mas esta convicção ingênua, entretanto contém um elemento importante de verdade, não pôde passar incontestado. A lógica de fatos bastaria provar que era inadequado para cobrir todos os casos; p.e, os sofrimentos de Jeremias eram devidos, não pelo pecar, mas para a fidelidade dele para a vocação profética dele. Assim o “sofrendo o criado” em Isaías. Também, Jó apesar de muitas aflições, era firme na convicção da própria integridade dele. Provar a insuficiência da visão penal é um propósito principal do Livro de Jó. Uma modificação comum da visão tradicional era, que as tristezas do piedoso e a prosperidade do mal só era de duração breve; com o passar do tempo, coisas se ajustariam corretamente (p.e, Jó 20:5, Sl 73:3-20). Mas concedendo tempo até mesmo pela lei de retribuição se trabalhar fora, experiência contradiz a visão que a fortuna de um homem ou infortúnio é uma prova infalível da qualidade moral dele.

2. Provação

O pensamento expressado é freqüentemente que são pretendidas aflições para testar o caráter ou a fé do sofredor. Esta idéia é especialmente proeminente em Jó. Deus permitiu a Satanás para testar a realidade da devoção de Jó provando ele com doença e infortúnios (2). Ao longo do poema de Jó mantém que ele esteve de pé o teste (p.e, Jó 23:10-12). Compare Dt 8:2, 16; Sl 66:10; Sl 17:3;

Is 48:10; Jr 9:7; Pv 17:3.

3. Purificar e Disciplinar

Para esses que podem estar de pé o teste, enquanto sofrendo tem uma purificação ou valor disciplinar. **(1)** o pensamento de aflição como uma disciplina ou forma Divina que ensina é achado em Jó, especialmente nas falas de Eliú que insiste que a tribulação é planejada como um método de instrução salvar o homem do orgulho e presunção que assunto em destruição (Jó 33:14-30; Jó 36:8-10, Jó 36:15 a Versão Revisada (britânico e americano)). A mesma concepção é achada em Sl 94:12; Sl 119:67, 71. **(2)** A purificação funciona em tentativas e é ensinado em tais passagens como Is 1:25; Zc 13:9; Ml 3:2,3 onde o processo de refinar metais no fogo e fundir para purificação é a metáfora usada.

4. Vicário e Remissório

O anterior não é completamente adequado para explicar o mistério das aflições da religião. A contribuição no Testamento Velho para uma solução do problema é a idéia da significação vicária e remissória de dor e tristeza. O autor de Jó não tocou esta veia rica de pensamento lidando com as aflições do herói. Isto era terminado pelo autor segundo Isaías. A passagem clássica é Is 52:13 -53 que transações com as aflições do Criado oprimido e aflito de Deus com perspicácia espiritual profunda. Dá na mesma ao significado das aflições se nós entendemos pelo Servo a nação hebréia inteira, ou a seção piedosa disto, ou um sócio individual disto, e se os oradores em Is 53:1-12 são a nação judia ou o pagão. O ponto significativo aqui é o valor e significando designaram aos sofrimentos do Servo. Os oradores tinham acreditado uma vez (conforme a visão tradicional) que o Servo sofreu porque Deus estava bravo com ele e teve ferido ele. Agora eles confessam que as tristezas dele eram devidas, não para o próprio pecado dele, mas, para seu (Is 53:4-6, Is 53:8). Os sofrimentos dele não só eram vicários (o castigo do pecado deles caindo nele), mas remissório no efeito deles (paz e saúde que vêm a eles como resultado do castigo dele). Além disso, não só era remissório, mas expiatório ("oferecendo a alma dele pela culpa deles," Is 53:10) - um exemplo notável da doutrina Cristã de compensação.

5. O Testamento Novo

Tão longe só lidamos com Testamento Velho que ensina no significado e propósito de aflição. O Testamento Novo não faz nenhuma contribuição nova à solução do problema, mas repetições e grandemente já afunda os pontos de vista achados no Testamento Velho. **(1)** há um reconhecimento ao longo do Testamento Novo da lei de retribuição (Gl 6:7). Contudo Jesus repudia a visão popular da conexão invariável entre infortúnio e mal de moral (Jo 9:2). Está claro que Ele tinha subido sobre a concepção da relação de Deus para tripular como somente retribuição (Mt 5:45, sol e carneiro para homens maus como também para o bem). Os seguidores dele sofreriam tribulação até mesmo mais que os incrédulos, devido à reação hostil do mundo mau, semelhante a isso que o próprio Cristo aflito (Mt 5:10; Mt 10:16-25; Jo 15:18-20; Jo 16:33). Semelhantemente os Atos e as epístolas freqüentemente recorrem aos sofrimentos de cristãos (p. e, At 14:22; 2Co 4:8-11; Cl 1:24; Hb 10:32; 1Pe 4:13; Ap 7:14). Conseqüentemente aflições têm que ter algumas diferentes de um propósito puramente punitivo. **(2)** elas são provações, enquanto dispondo um teste por qual o espúrio pode ser separado dos sócios genuínos da igreja Cristã (Tg 1:3, 12; 1Pe 1:7; 1Pe 4:17), e **(3)** um dos meios de disciplina, calculou purificar e treinar o caráter (Rm 5:3; 2Co 12:7, 2Co 12:9; Tg 1:3). **(4)** A idéia de sofrimento vicário e remissório adquire uma significação mais funda distante no Testamento Novo que no Testamento Velho, e acha realização concreta em uma pessoa histórica, Jesus Cristo. Que em qual é pressagiado segundo Isaías se torna no Testamento Novo um pensamento central, penetrante e criativo. Um lugar sem igual no Divino propósito é dado à paixão de Cristo. Ainda de certo modo, os seguidores dele participam dos sofrimentos vicários dele, e "encham para cima... que está faltando das aflições de Cristo" (Cl 1:24; compare Fp 3:10; 1Pe 4:13). Aqui, seguramente é um pensamento profundo que pode lançar uma inundação de luz no mistério fundo da aflição humana. A cruz de Cristo fornece a chave ao significado de tristeza como a maior força remissória no universo.

III. Resistência de Aflição

A Bíblia abunda em palavras de consolação e exortação adaptadas para encorajar o aflito. Podem ser mencionadas duas considerações principais. **(1)** o pensamento da soberania beneficente de Deus (Sl 97:1, 2); "Todas as coisas trabalham junto para bem a eles que amor Deus" (Rm 8:28 na KJV). Desde que o amor está no trono do universo, nós podemos descansar assegurado que todas as coisas são significadas para nosso bem. **(2)** o pensamento que tribulação é de duração breve, comparado com a Alegria que seguirá (Sl 30:5; Is 54:7; Jo 16:22); um pensamento que culmina na esperança de imortalidade. Esta esperança está no Testamento Velho que só começa a amanhecer, e dá um lânguido e chamejando luz, menos em momentos de exaltação rara e perspicácia, quando o pensamento de uma bem-aventurança futura perfeita parecia oferecer uma solução dos enigmas de vida (Jó 19:25-27; Salmos 37; 49; 73). Mas no Testamento Novo é um postulado de fé, e por isto o Cristão pode se fortalecer em aflição, enquanto se lembrando que a aflição dele está clara e momentânea comparado com o "peso muito mais excedendo e eterno de glória" que é emitir fora disto (2Co 4:17 na KJV; compare Mt 5:12; Rm 8:18). Consanguíneo a isto é o conforto derivado do pensamento da próxima aproximação da segunda vinda de Cristo (Tg 5:7, 8). Devido a tais verdades como estas, a Bíblia encoraja o piedoso em dificuldade mostrar o espírito de paciência (Sl 37:7; Lc 21:19; Rm 12:12; Tg 1:3, 4; Tg 5:7-11; 1Pe 2:20), e até mesmo o espírito de alegria positiva em tribulação (Mt 5:11; Rm 5:3; 2Co 12:10; Tg 1:2,12; 1Pe 4:13). Na ênfase do Testamento Novo é posto no exemplo de Jesus em resistência paciente sofrendo (Jo 16:33; Tg 5:7-11; 1Pe 2:19-23; 1Pe 3:17). Acima de tudo, a Bíblia recomenda o aflito levar refúgio na bem-aventurança suprema de companheirismo com Deus, e de confiança no amor dele pelo qual eles podem entrar em uma paz funda que é imperturbável pelas tentativas e problemas da

vida (Sl 73, especialmente 23 por 28; Is 26:3, 4; Jo 14:1, 27; Fp 4:7).

Medo

a-frit': Designa um estado de terror ocasionado por alguma ocorrência inesperada e surpreendente; não tão forte quanto "pasma," que recorre mais ao estupor que é o resultado de medo. No Testamento Novo a maioria freqüentemente para *εμφοβος*, *emphobos* (Lc 24:37; At 10:4; Ap 11:13). A Versão Revisada (britânico e americano) também usa isto para *pturomenoi* de Fp 1:28, uma palavra "corretamente usado de cavalos assustados" (Ellicott).

A pé

a-foot' (, *pezeuo*, "ir a pé"): caminhando de Trôade a Assôs. Paulo em viagem (At 20:13 na KJV; compare Mc 6:33).

Antes, Afore

a-for': Arcaico para "antes de" de tempo, ou "antigamente"; freqüentemente acontece como componha, como em "tempo adiante," "antemão," etc; no Testamento Novo geralmente para o prefixo grego , *pro*, em palavras de combinação (Rm 1:2; Rm 15:4); a outros tempos, para advérbio grego , *pote*, "em algum momento," "uma vez" (Jo 9:13; 1Pe 3:5; Cl 3:7).

Mais uma vez

a-fresh': Só em Hb 6:6, "vendo eles crucificam mais uma vez a eles o Filho de Deus," onde representa o prefixo grego *anastaurountas*. Foi disputado nesta palavra *ana* e reiterativo tem força ("novamente," "novamente"). No grego clássico *anastauroo* sempre tem o senso simples de "crucificar," (i.e. "elevar para cima em uma cruz," *ana* que somente é "para cima"). Assim alguns fariam isto aqui (p.e, Cremer, Léxico do Testamento Novo grego). Contra isto é discutido (1) que os escritores clássicos não tiveram nenhuma ocasião para a idéia de crucificar novamente (compare Winer, *De verb. Comp.*, etc., Pt III, 9ff, Leipzig, 1843); (2) que em muitos *ana* de combinações significam ambos "para cima" e "novamente," como em *anablepo* que meios "recuperar visão" como também "observar"; (3) que a retribuição "crucifique mais uma vez" ternos o contexto; (4) que o expositor grego (p.e, Chrysostom) leve assim sem questionar. (Tão também Bleek, Lünemann, Alford, Westcott; compare o crucifigentes de rursum do Vulgate.)

África

af'ri-ka: O nome desta área, como um continente, não acontece na Bíblia, e só estava em dias posteriores conhecidos como uma das partes do mundo, debaixo do nome de Líbia - aquela porção oposto a costa da Grécia e Oeste do Egito.

1. A África como Conhecida aos Anciões

Naturalmente a parte mais considerável da África conhecida aos hebreus era o próprio Egito, mas a Líbia é considerada como se referindo para debaixo dos nomes de Lehabim e Lubim (Ludim) (Gn 10:13; II Cr 12:3) - palavras indicando, como freqüentemente com o Semitas, não o próprio país, mas seus habitantes. Outras porções da África conhecidas dos hebreus eram Cuche ou Etiópia, e Put, de quem habitantes que eles consideraram como pertencendo à ação de Hamitic. Canaã, também Cuchita e então Hamitic, naturalmente não pertenceu ao continente africano, enquanto mostrando que as divisões de então mundo conhecido em "partes" (Europa, Ásia, a África) não tinham acontecido quando a cabeça das Nações (Gn 10:1) era tirada para cima - realmente, esta divisão não foi pensada aparentemente depois de até muitos séculos. O Casluhim e o Naphtuhim (Gn 10:13, 14) estava em toda a probabilidade povo africano, entretanto a posição deles é considerada incerto em geral. Para os hebreus, para todo o aparecimento, apontam qua África era Cuche ou Etiópia, chamou pelos assírios e babilônico Kusu e Meluhha (Meroë) que incluiu o distrito agora conhecido como o Sudão, ou região Preta. Os filhos de Cuche, e também esses do primogênito dele, Seba, era todas as tribos árabes, nominadas debaixo do domínio de Mizraim ou Egito, e nesta conta classificada com os descendentes de Cão.

2. Os Cuchitas e o Negros

Será visto assim que os distritos de Negro eram praticamente desconhecidos aos hebreus antigos, entretanto os homens e mulheres de raça de Negra devem ter vindo dentro do deles. Então, parece duvidoso se há, na Bíblia, qualquer referência para aquela raça, coletivamente ou individualmente, a palavra Cuchita estando de pé, não para Negro, mas para etiope. Este termo é aplicado Moisés

(primeiro) a esposa (Nm 12:1), e provavelmente será admitido geralmente, que não é provável que o grande legislador hebreu tenha aderido uma mulher Negra. O etíope castrado convertido por Filipe o Evangelista (At 8:26) era funcionário de Candace, e um homem educado, porque ele poderia ler o Testamento Velho no grego (Septuaginta) versão. Comércio deve ter revelado aos hebreus o paradeiro do vários povos da África com quem eles entraram em contato, e eles adquiriram um conhecimento pessoal do Egito quando as 12 tribos estavam lá em escravidão. Durante este período, pode ser suposto, eles viram visitas de vez em quando do Sul - as pessoas que não são mencionadas nos livros sagrados do Testamento Velho porque os hebreus, como uma nação, nunca entraram em contato com eles. Aparte do Egito, a história da porção de África conhecida aos hebreus, como veio sucessivamente debaixo do Egito, Fenícia, grego e civilização romana. Que não foi infestado, ou até mesmo influenciou, pelas tribos bárbaras do Sul, está devido ao fato que a área mediterrânea está isolada do central (e sulista) porção daquele continente pelo Saara.

3. Tradição hebréia

No Talmude está relacionado que o Alexandre penetrou a África em asnos de líbio achar uma raça de mulheres, com quem ele teve conversação, e de quem, como confessou posteriormente ele, enquanto sendo um bobo, ele aprendeu sabedoria - uma lenda que sugestiona alguma possível tradição das Amazonas de Dahomey. Mas até mesmo no Talmude é principalmente o mais próximo (Nordeste) porção da África à qual recorre, os africanos que tiveram a reputação de ser, enquanto sendo associado com o Canaanitas. Também veja CUSH; ETÍÓPIA; MIZRAIM.

Depois de; Posteriormente

aft'e~r, aft'e~r-we~rd: O pensamento fundamental no qual todas as sombras de significar unem, ou é a tempo isso de sucessão ou lugar. Esta sucessão pode ser imediata ou remota. Uma adaptação muito comum desta concepção o uso de "depois de" denotar "de acordo com," "depois da maneira de," ou "na ordem de," como em Gn 1:26; Ef 4:24; Lc 1:59; Rm 5:14; Hb 4:11 (a Versão Revisada, margem "até"), e em muitas passagens onde os usos gregos a preposição , *kata*, como Mt 23:3; Rm 8:4; 1Co 1:26, etc. "em proporção a": Sl 28:4; compare Sl 90:15. Traduz um idioma grego estranho da preposição às vezes corretamente , *dia*, com o caso do genitivo, decorreram indicando tempo, como Mc 2:1, literalmente, "por alguns dias," "depois que alguns dias tivessem passado"; compare At 24:17. Enquanto o grego é expresso por uma variedade de palavras, os usos hebreus *ahar* para preposição e advérbio.

Tarde

af-te~r-noon' (, *ne'toth ha-yom*, "o declinar do dia"; Jz 19:8 a KJV): A expressão , *ke'hom ha-yom*, "no calor do dia" (Gn 18:1) recorre ao começo de tarde quando o sol é um pequeno passado seu zênite, seus raios ainda sendo muito forte. A frase , *ke'ru'h ha-yom*, "no fresco do dia" (Gn 3:8) está em contraste com a última frase e pontos ao fim de tarde; no Oriente uma brisa refrescante surge a este período do dia, e é então é negociado os do negócio do dia. Veja DIA.

Agaba

ag'a-ba: Uma fortaleza na Judéia. O primeiro de 22 "lugares fortes" o qual por seu chefe Galestus terminou determinado para Aristóbulo, o filho de Alexandre Janeu e Alexandra, quando ele (a mãe dele, a rainha, que está perigosamente doente) tentou adquirir controle do governo da Judéia (Ating, XIII, xvi, 5).

Ágabo

ag'a-bus (A`γαβος, *Agabos*):Um profeta Cristão de Jerusalém, duas vezes mencionado em Atos. (1) em At 11:27, nós o achamos em Antioquia e prediz "uma grande escassez em cima de todo o mundo," "o qual," soma o historiador, "veio passar pelos dias de Claudio." Esta visita de Ágabo em Antioquia aconteceu pelo inverno de 43-44 d.C, e era os meios de urgir os Antioquianos cristãos que enviassem alívio aos irmãos em Judéia pelas mãos de Barnabé e Saulo. Deveriam ser notados dois pontos. (a) O presente de profeta aqui leva a forma de predição. A função de chefe do profeta era revelar verdade moral e espiritual, para "adiante" em lugar de para "prediga"; mas a interpretação da mensagem de Deus às vezes levou a forma de predizer eventos. (b) A frase "em cima de todo o mundo" (praticamente sinônimo com o Império Romano) deve ser considerada como um exagero retórico se estritamente interpretou como apontando a uma escassez geral e simultânea. Mas há ampla evidência de escassezes periódicas severas em várias localidades no reinado de Claudio (p.e, Suet *Claud.* 18; Tac. *Ann.* xii.43), e de uma grande carência na Judéia debaixo dos procuradores Cuspius Fadus e Tibério Alexandre, 44-48 d.C. (Antig, XX, ii, 6; v, 2), que alcançou seu clímax provavelmente aproximadamente 46 d.C.. (2) em At 21:10 nós achamos Ágabo em Cesaréia que adverte Paulo, por uma ação simbólica vivida (depois da maneira dos profetas do Testamento Velho; compare Jr 13:1; Ez 3; 4) da prisão ele sofreria se ele procedesse para Jerusalém. (3) em recente tradição Ágabo é incluído em listas dos setenta discípulos de Cristo.

Acade

ag' a-de: Antigo nome para Akkad (ou ACADE que vê), umas das cidades principais da Babilônia (Gn 10:10), e a cidade importante de Sargon que viveu e regeu Babilônia aproximadamente 3500 A.C. Junto com Shunir formou parte de um dos títulos reais: “os reis de Shunir (Sumer) e Acade.”

Agague

a' gag (, 'aghaḡh ou , 'aghaḡh, significando o desconhecido, possivelmente “violento,” BDB): Um nome, ou título, aplicado aos reis dos Amalequitas, como Abimeleque na Filistia e Faraó no Egito. É falado de dois destes reis: (1) um rei de Amaleque, mencionado por Balaão (Nm 24:7) na bênção dele para Israel; (2) um rei posterior, nos dias de rei Saul (1 Sm 15). Saul foi enviado com o exército dele para destruir os Amalequitas que esteve contrário no deserto para com Israel tão violentamente. Ele desconsiderou o comando Divino, enquanto poupando o melhor do espólio, e Agague poupou o rei vivo (1Sm 15:8,9). Depois de reprovar Saul, Samuel teve Agague posto a morte para todas as atrocidades cometidas por ele e a nação dele (1Sm 15:32,33).

Agagita

a' gag-it, (, 'aghaḡhi de , 'aghaḡh, “um sócio da casa de Agague”): Um título de opróbrio dado a Hamã (Et 3:1, 10; Et 8:3,5; Et 9:24). Tradição judia sempre nomeou os arque inimigos da sociedade de Israel na casa de Amaleque, o inimigo hereditário da nação. Compare Antiguidades, XI, vi, 5. A palavra que Agague foi levado corretamente por Delitzsch como relacionado para o Agague assírio, “ser poderoso,” “veemente,” “bravo.” Nas partes gregas de Ester, Hamã é um termo macedônio (Et 3:1,10). O nome de Hamã provavelmente é de origem de Elamítica. A tentativa de Oppert para conectar o termo “Agagita” com “Agaz,” uma tribo Mediana mencionada por Sargon, não achou nenhum partidário. Veja AGAGUE.

Novamente

a-gen': Advérbio. denotando repetição; no Testamento Novo, geralmente para , *palin*, “atrás,” “mais uma vez.” Ocasionalmente, tem a força de um coletivo, sinônimo com “além disso,” como em Rm 15:10; 1Co 3:20, etc. A expressão “nascido novamente” da KJV, Jo 3:3,7; 1Pe 1:23, traduzindo o grego “*anóthen*” e “*ana*” em composição, se torna na Versão Revisada (britânico e americano) “novamente,” i.e. “em cima de novamente.” Como estas particulas signifiquem “de sobre” e “para cima,” o uso delas como indicando repetição às vezes é disputado, mas sem fundação adicional que “novamente” não esvazie o significado. Novamente; Nascido. Veja REGENERAÇÃO.

Contra

a-genst' (, *kata*; ε , *enantion*; , *pros*):Preposição que expressa contraste. Quando usado de direção, equivalente a “para” (Mt 10:35; Mt 12:14, etc.); quando de posição, significando “oposto,” “enfrentando,” “em frente a” (I Rs 7:5; Gn 15:10, Rm 8:31); quando de ação, “contrário para” (Mt 5:11; Mt 26:59; 1Co 4:6); “em resistência para” (Hb 12:4); “provisão para” (grego *eis*, literalmente, “até, para” (1Tm 6:19). Às vezes também aplicado a que fraturas uma ordem estabelecida como “alfândegas” (At 28:17), “natureza” (Rm 1:26). Sombras Estranhas de significar podem ser localizadas por exame cuidadoso da variedade de preposições no hebraico e grego empregados na Bíblia que são traduzidos em inglês por esta palavra aqui.

Banquetes

ag' a-pe (α , *agape*).

1. O Nome e a Coisa

O nome banquete ou “festas de amor,” como uma expressão que denota as refeições comuns fraternas da igreja cedo, entretanto de uso constante e na literatura pós canônica do tempo de Ignácio para frente, só é achado no Testamento Novo em Jd 1:12 e em 2Pe 2:13 de acordo com uma leitura muito duvidosa. Para a existência da refeição comum Cristã, porém, nós temos abundante evidência do Testamento Novo. O “quebrando de pão” praticou pela comunidade primitiva em Jerusalém de acordo com At 2:42,46 deve ser interpretado certamente na luz de uso Paulino (1Co 10:16; 1Co 11:24) como recorrendo ao ato cerimonial da Ceia do Deus. Mas a cláusula somada em At 2:46, “eles levaram comida lá com alegria e singeleza de coração,” insinua que uma refeição social estava

conectada de algum modo com este ato cerimonial. As referências de Paulo para os abusos que tinham pulado para cima na igreja coríntia nas reuniões para a observância da Ceia do Senhor (1Co 11:20-22, 33,34) faça evidente que em Corinto como em Jerusalém a celebração do rito era associada com participação em uma refeição de um caráter mais geral. E em um de “nós” seções de Atos (At 20:11) onde Lucas está dando testemunho pessoal sobre a maneira na qual a Ceia do Senhor foi observada por Paulo em uma igreja fundada por ele próprio, nós achamos o rompimento de pão associado com e ainda distinguimos de um comer de comida, até certo ponto que faz isto natural para concluir isso em Troas, como em Jerusalém e Corinto, cristãos quando eles se encontraram junto no primeiro dia da semana foi acostumado para participar de uma refeição comum. O fato que o nome banquete ou festas de amor usou em Jd 1:12 (Revisou Versão) é achado cedo no 2º século e freqüentemente posteriormente como uma expressão técnica para as refeições comuns religiosas da igreja põe o significado da referência de Judas sem dúvida.

2. Origem das festas de amor

Tão longe como a comunidade de Jerusalém estava preocupada, a refeição comum parece ter pulado fora do *koinonia* ou comunhão que caracterizou os primeiros dias da igreja Cristã (compare At 1:14; At 2:1 etc.). As refeições religiosas familiar a judeus - a Páscoa o grande tipo que é - faria isto natural. Em Jerusalém dar expressão por meio de companheirismo de mesa para o senso de fraternidade, e a comunidade de bens praticou pela igreja infantil (At 2:44; At 4:32) levaria a forma particular de uma mesa comum prontamente ao qual os desejos do pobre foi provido fora da abundância dos ricos (At 6:1). A presença da festa de amor na igreja grega de Corinto nenhuma dúvida estava devido à iniciativa de Paulo que passaria as observâncias associada com a Ceia do Senhor da mesma maneira que ele tinha os recebido dos discípulos mais cedo; mas participação em uma refeição social se recomendaria muito facilmente a homens familiar com as refeições comuns que formaram uma parte regular do procedimento em reuniões desses clubes religiosos e associações que eram tão numerosos naquele momento ao longo do mundo grego-romano.

3. Relação para a Eucaristia

Na opinião da grande maioria de estudantes as festas de amor era uma refeição a qual não só pão e entretém, mas todos os tipos de alimentos eram usados, uma refeição que teve o propósito dobro de satisfazer fome e sede e dar expressão ao senso de fraternidade Cristã. Ao término deste banquete, foram levados pão e vinho de acordo com o comando do Deus, e depois de ação de graças para Deus foi comido e bebido em memória de Cristo e como uns meios especiais de comunhão com o próprio Deus e por Ele com um ao outro. O banquete foi relacionado assim à Eucaristia como a última Páscoa de Cristo para o rito Cristão que Ele enxertou nisto. Precedeu e conduziu até a Eucaristia, e era bastante distinto disto. Em oposição a esta visão foi urgido fortemente por alguns estudantes críticos modernos que na idade apostólica a Ceia do Deus não era distinta do banquete, mas que o banquete era do princípio ao fim a Ceia do Deus que foi segurada em memória de Jesus. Parece fatal a tal uma idéia, porém, que enquanto Paulo faz isto bastante evidente aquele pão e vinho seja os únicos elementos do rito comemorativo instituídos por Jesus (1Co 11:23-29), os abusos que tinham vindo prevalecer às reuniões sociais da igreja coríntia teriam sido impossíveis no caso de uma refeição que só consiste em pão e vinho (compare 1Co 11:21, 1Co 11:33) Além disso, a menos que a Eucaristia na idade apostólica tivesse sido discriminada da refeição comum, seria difícil explicar como a um período posterior os dois poderiam ser achados divergindo tão completamente de um ao outro.

4. Separação da Eucaristia

No Didache (aproximadamente 100 d.C.) ainda não há nenhum sinal como de qualquer separação. A direção que o segundo oração Eucarística deveria ser oferecida “depois de estar cheio” (x. 1) parece insinuar que uma refeição regular tinha precedido a observância do sacramento imediatamente. Nas Epístolas de Ignácio (aproximadamente 110 d.C.) a Ceia do Senhor e o banquete ainda são achados em combinação (d.C. Smyrn viii. 2). Às vezes foi assumido que a carta de Pliny para Trajan (aproximadamente 112 d.C.) prova que a separação já tinha acontecido, porque ele fala de duas reuniões dos cristãos em Bitínia, um antes do amanhecer ao qual eles se saltaram por um “sacramento” ou juramento para fazer nenhum amável de crime, e outro há uma hora posterior quando eles participaram de comida de um caráter ordinário e inofensivo (Ep x. 96). Mas como a palavra “sacramento” necessariamente não pode ser levado aqui como ou pode ser igualado provavelmente recorrendo à Ceia do Senhor, a evidência desta passagem é de pouco peso. Quando nós vimos a Justino Martir (aproximadamente 150 d.C.) nós achamos isso na hora, a evidência desta passagem é de pouco peso. Quando nós vimos a Justino Martir (aproximadamente 150 d.C.) nós achamos isso na leitura de Bíblia, orações e exortação (Apol, lxvii); de forma que antes do tempo dele a separação deve ter acontecido. Tertuliano (aproximadamente 200 d.C.) testemunha à existência continuada do banquete (Apol, 39), mas espetáculos claramente que na igreja do Oeste a Eucaristia era já associada com isto (Coroa de De, 3). No Leste a conexão parece ter sido mantida mais tempo (veja Bigg, Platônico Cristãos de Alexandria, 102ff), mas logo a separação ficou universal; e entretanto o Banquete continuou para longo se manter como uma função social da igreja, desmaiou gradualmente de existência ou só foi preservado como um banquete de caridade para o pobre.

5. Razões para a Separação

Várias influências parecem ter cooperado nesta direção. A execução de Trajan da lei velha contra clubes pode ter tido algo que ver com isto (compare Plinio como acima), mas uma influência mais forte provavelmente veio da elevação de uma suspeita popular que as refeições de noite da igreja eram cenas de festança licenciosa e até mesmo de crime. Os abusos atuais que já nos conhecem na idade apostólica (1Co 11:20; Jd 1:12), e que tenderia a multiplicar como a igreja cresceu em números e entrou em contato mais íntimo com o mundo pagão, poderia suggestionar a prudência de separar as duas observâncias. Mas a influência mais forte de tudo viria do crescimento do cerimonial e espírito de sacerdotal pelos quais a instituição simples de Cristo foi se transformada lentamente em um sacrifício sacerdotal misterioso. Para o próprio Cristo tinha parecido natural e próprio para instituir a Ceia ao fim de uma refeição social.

Mas quando esta Ceia comemorativa tinha sido transformada em uma repetição do sacrifício de Calvário pela ação do padre auxiliando, a idéia ascética ficou natural que a Eucaristia deveria ser recebida jejum, e que seria sacrílego para unir isto em para as observâncias de uma refeição social ordinária.

Literatura

Zahn, arte “Agapen” em Hauck-Herzog, Realencyklopadie; Keating, Boquiaberto e Eucaristia; Schaff, O Manual de Igreja mais Velho, xviii de capítulo; Lambert, Sacramentos no Testamento Novo, viii de Lect; Weizsäcker, A Idade Apostólica, etc., I. 52ff.

Agar

a’gar (**Ayap**, Agar). Mencionada uma vez no livro apócrifo grego (Baruque 3:23) provavelmente para Testamento Velho Hagar, mãe de Ismael cujo são mencionadas as crianças com os comerciantes de Meran (Midiã) e Teman. Em I Cr 5:10 o “Hagaritas” a KJV, é Leste de Gilead situado, e nos dias de Saul estava na guerra com a tribo de Rubem. Também veja I Cr 5:19, 20 e I Cr 27:31. Em Sl 83:6 o nome das mesmas pessoas é Hagarenos.

Agarenos

ag-a-renz’: (**LA**)Baruque 3:23 na KJV. No Testamento Velho a palavra é HAGARENOS (que vêem). Veja também AGAR.

Ágata

ag’at. Veja PEDRAS, PRECIOSAS.

Idade

aj:Um período de tempo ou uma dispensação. No senso anterior a palavra acontece só uma vez na KJV, no cante, como a tradução de , *dor*, quais meios, corretamente, um “revolução” ou “tempo redondo de,” “um período,” “uma idade” ou “geração da vida do homem”; quase invariável traduziu “geração,” “gerações” (Jó 8:8, nós temos o plural como a tradução de *aion*, corretamente “duração,” “o curso ou fluxo de tempo,” “uma idade ou período do mundo,” “o mundo” (Ef 2:7, “nas idades vir”; Cl 1:26, o inglês Revised Versão, “de todas as idades,” etc., o americano Revisou Versão, margem, de *genea*, “gerações” (Ef 3:5 “gerações,” Ef 3:21, “até todas as gerações para sempre,” margem grega, “todas as gerações da idade das idades”). “Idades” é determinado em margem da KJV (Sl 145:13; Is 26:4, “a pedra de idades”).

Nós temos “idade” no anterior senso (**LA** 2 Esdras 3:18; Tobias 14:5; *aion*) “idades,” *aion* (**LA** 1 Esdras 4:40 (de Verdade) “ela é a força,” etc., “de todas as idades”), **vevea** *genea*, a Versão Revisada (britânico e americano), “geração” (**LA** A Sabedoria de Solomão 7:27; 1 Mac 2:61); Ecclesiasticus 24:33, *eis geneas aionon*, “gerações de idades”; A Sabedoria de Solomão 14:6, “gerações” (*geneseos*). Versão revisada tem “idade” para “mundo” (Hb 6:5); “idades” para “mundos” (a Versão Revisada, margem Hb 1:2; o americano Revisou Versão, margem; compare 1Tm 1:17) (margem, “até as idades das idades”), “idades” para “mundo” (1Co 10:11; Hb 9:26). O inglês Revised Versão tem “todas as idades” para “o começo do mundo” (Ef 3:9, o Padrão americano Revisou Versão “para idades”); “o rei das idades” para “o rei de santos” (Ap 15:3, texto corrigido; margem, muitas autoridades antigas leram “nações”; Jr 10:7). Veja PERPÊTUO.

Idade; Velhice

Em vidas individuais(, *heledh*; **η** , *helikia*): Nós temos qualquer palavra escassamente no Testamento Velho ou Testamento Novo que denotam “idade” no senso moderno familiar; o mais próximo no Testamento Velho é talvez *heledh*, “vida,” “vida,” e no *helikia* de Testamento Novo, “idade completa,” “tamanho de homem,” mas que é feito estatura em Mt 6:27, etc., a LJV; cheledh acontece (Jó 11:17, a Versão Revisada (britânico e americano) “(thy) vida”; Sl 39:5, o Padrão americano Revisou Versão, “meu tempo vida”); nós temos *helikia* (Jo 9:21, Jo 9:23, “Ele é de idade”; Hb 11:11 “idade passada,” Lc 2:52, “Jesus aumentou em sabedoria e envelhece,” assim a Versão Revisada, margem, a KJV margem, Ef 4:13); *yom*, dia, (dias) é usado no Testamento Velho expressar “idade” (Gen_47:28), a idade inteira de Jacob,” a KJV, “os dias dos anos da vida dele”; mas acontece principalmente com relação a velhice); *ben*, “o filho” (Nm 8:25; 1Cr 23:3,

24); *kelah*, “estar completo,” é traduzido “idade completa” (Jó 5:26); *teleios*, “complete” (Hb 5:14, a Versão Revisada (britânico e americano), homens adultos, margem, perfeito), *dor*, uma revolução,” “um período” é traduzido “idade” (Is 38:12, o Padrão americano Revisou Versão, “Minha habitação é afastada, e é levado longe de mim como a barraca de um pastor,” o inglês Revised Versão, “meu idade,” margem, “ou habitação”; Delitzsch, “minha casa”; compare Sl 49:19 (20); 2Co 5:8). Em Testamento Novo nós temos *etos*, “ano” (Mc 5:42, a Versão Revisada (britânico e americano), “velho”; Lc 2:37; Lc 3:23, “o Jesus... aproximadamente 30 anos de idade”). “velhice,” “velho,” é a tradução de várias palavras, *zaken* (*zakan*, “o queixo,” “a barba”), talvez ter o queixo afiado ou suspenso abaixo, freqüentemente traduziu “os anciões,” “o homem velho,” etc. (2Sm 19:32; Jó 12:20; Jó 32:9; Jr 6:11).

No Testamento Novo nós temos *presbutes*, “velho,” “avançado em dias” (Tt 2:2; Fl 1:9); *presbutis*, “a mulher velha” (Tt 2:3); *probebe kos en hemerais*, avançado em dias” (Lc 2:36); *geras*, “velhice” (Lc 1:36). Versão revisada tem “velho” para “a idade de” (1Cr 23:3), “própria idade” para “tipo” (Dn 1:10); “velho” para “os anciões” (Sl 119:100), para “antigo” (Is 47:6); para “velho” (Hb 8:13); “os homens velhos” para “os anciões” (Jó 12:12); para “velho” (Jó 12:20), “os anciões.”

Consideração para Velhice

(1) entre os hebreus (e Orientais geralmente) velhice foi segurada em honra, e respeito foi requerido para o velho (Lv 19:32), uma marca da baixa propriedade da nação era que “não foram honradas As faces de anciões”; “Os anciões cessaram do portão” (Lm 5:12,14). Compare Jó 29:8 (como mostrando a consideração excepcionalmente alta para Jó). Veja também (LA) A Sabedoria de Solomão 2:10; Ecclesiasticus 8:6.

(2) velhice grandemente foi desejada e seu consequimento considerado uma benção divina (Gn 15:15; Ex 20:12; Jó 5:26; Sl 91:16, “Com vida longa vá eu o satisfaço”; Sl 92:14; compare Is 65:20; Zc 8:4; 1Sm 2:32). (3) Uma divina garantia é determinada, (Is 46:4); conseqüentemente foi olhado adiante para em fé e esperança (Sl 71:9, 18).

(4) era acreditado que sabedoria superior pertencia o velho (Jó 12:20; Jó 15:10; Jó 32:7,9; compare I Rs 12:8); conseqüentemente foram dadas posições de orientação e autoridade a eles, como as condições “os anciões,” “presbíteros” e (árabe) “sheik” indique.

Agé

a'ge (, 'aghe), “fugitivo”): Um Hararita, pai de Samá, um dos “Três homens poderosos” David (2Sm 23:11). Em 1Cr 11:34 nós lemos de um “Jônatas o filho de Sage o Hararita.” O paralelo em leitura de 2Sm 23:32,33 “o Jônatas, Samá o Hararita.” Se nós léssemos “o Jônatas (o filho de) Samá,” então Agé é o avô de Jônatas. Porém, alguns pensam que 1Cr 11:34 estão correto, e leu “Sage” para “Agé” em 2Sm 23:11, e para “Samá” em 2Sm 23:33. Isto faz Jônatas e Samá irmãos.

Idades, Rocha de

Aplicado a Yahweh como um encorajamento para confiança (Is 26:4 a Versão Revisada, margem; a KJV “força perpétua”).

Aggaba

a-ga'ba (A , Aggaba, and A , Agraba; a KJV, Graba) = Hagaba (Ed 2:45) e Hagaba (Ne 7:48); Os descendentes de Abraão (os criados do templo) voltou com Zorobabel a Jerusalém (LA 1 Esdras 5:29). Veja também ACCABA.

Aggaeus

a-ge'us (Αγγαιος, Aggaios; a KJV Aggeus). Haggai, um dos Profetas Secundários. Abraão profetizou no segundo ano do reinado de Dario (compare Ed 4:24; Ed 5:1) com Zacarias em Jerusalém (LA 1 Esdras 6:1; 7:3) Em 2 Esdras 1:40 ele é mencionado como um que com outros será dado como “o líder para a nação do leste.”

Agia

a'gi-a (A , Agia; a KJV Hagia) = Hattil (Ezr_2:57; Neh_7:59): Os descendentes de Abraão (os filhos dos criados de Solomão) voltou com Zorobabel a Jerusalém (LA 1 Esdras 5:34).

Agone

um-gon': Na KJV de 1Sm 30:13. Participio passado Velho de "ir." a Versão Revisada (britânico e americano) tem "atrás," isto é, "Três dias atrás," literalmente, "o terceiro dia."

Agonia

ag' o-ni (α , *agonia*; Vulgata *agonia* de): Uma palavra que só acontece uma vez no Testamento Novo (Lc 22:44), e usado descrever o clímax do conflito da alma e sofrimento misterioso indizível de nosso Senhor no jardim do Getsemane. O termo é derivado do grego *agon* "competição" e isto em troca do grego *ago*? "dirigir ou conduzir," como em uma raça de carruagem. Sua raiz é a idéia de luta e dor severa competição atlética ou conflito. O lutando do atleta tem sua contraparte o lutando da alma de sofrimento do Salvador no jardim. No começo desta luta Ele fala que alma dele está excedendo tristeza mesmo até morte, e este tumulto de emoção culminou na agonia. Tudo aquilo pode ser sugerido pelas lutas exaustivas e sofrimentos de cocheiros, corredores, lutadores e gladiadores, em anfiteatros Gregos e Romanos, é resumido na dor e luta até a morte desta palavra solitária "agonia." A palavra foi feita por Wyclif (1382) "maad em agonye" Tyndale (1534) e os tradutores seguintes usam uma agonia. O registro do sofrimento de Jesus no Getsemane, nos Evangelhos de Sinópticos (Mt 26:36-46; Mc 14:32-42; Lc 22:39-46, indicado nos três evangelhos e também em Hb 5:7, 8):

1. Físico

A agonia da alma dele forjado sua dor no corpo dele, até "o suor dele se tornou como seja grandes gotas de sangue que cai no chão" (Lc 22:44, omitiu por um pouco de autoridades antigas). Ele ofereceu as orações e súplicas "com chorar forte e rasga" (Hb 5:7). A intensidade da luta dele tão afligido que o debilitou que Lucas diz "lá se apareceu até um anjo do céu, o fortalecendo." Os três registros dos evangelistas carregam a idéia da intensa dor física. Como o arame leva a corrente elétrica, assim todo nervo físico de Jesus sentiu a angústia da alma sensível dele como Ele levou o mau fardo do pecado moral do mundo.

2. Mental

A crise da carreira de Jesus como Messias e Redentor entrou no Getsemane. O assunto moral do trabalho reconciliando dele era inteligentemente e voluntariamente se encontrado aqui. Os Evangelhos esvaziam idioma tentando retratar a tensão e lutar deste conflito. "Minha alma está excedendo tristeza mesmo até morte." "Estando em uma agonia ele rezou mais seriamente, enquanto dizendo, 'o Pai, se é possível, deixe este cálice passar longe de mim.' " A clareza mental da visão de Cristo da culpa moral da humanidade e a energia de vá necessário conhecer o assunto e levar "este cálice" de ser o portador do pecado do mundo indica a tristeza terrível e angústia do conflito sobrenatural dele. É significativo que a palavra "agonia" aparece uma vez em toda a Bíblia. Esta palavra no seu registro solitário tem uma experiência solitária. Único já rodeou a gama inteira da tristeza do mundo e dor, angústia e agonia. A vergonha de apreensão criminal no jardim e de condenação subsequente e morte como um malfeitor tido à alma inocente dele o horror da culpa inteira e imutável da humanidade. A angústia mental e moral de Jesus no Getsemane interpretam o significado da descrição de Paulo da compensação, "Aquele que não conheceu pecado, Deus o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus" (2Co 5:21).

3. Espiritual

A agonia de Jesus estava supremamente dentro do espírito reino do dele. O efeito do pecado separando a alma humana de Jesus foi compreendido pelo sofrimento no mistério insondável e da tristeza sobrenatural do Salvador. Indubitavelmente a angústia do Getsemane ultrapassou a tortura física do Calvário. O conflito inteiro era forjado fora dali. O espírito filial de Jesus, debaixo do fardo da culpa do mundo, que o isolou do Pai. Esta exclusão terrível, momentânea da face do Pai constituiu o "cálice" o qual Ele pediu poderia passar dEle, e a "agonia" da alma, experimentou novamente na cruz, quando Ele sentia que aquele Deus tinha o abandonado.

Nenhuma teoria da compensação pode fazer justiça à angústia de Jesus no Getsemane e no Calvário, ou para a tendência inteira da Bíblia que não inclui o elemento de substituição no sacrifício voluntário dele como declarado pelo profeta: Is 53:6; e pelos apóstolos "que foi entregue para cima para nossas transgressões," Rm 4:25; 1Pe 2:24.

A palavra "agonia" também acontece em (LA) 2 Mac 3:14, 16, 21 a KJV (a Versão Revisada (britânico e americano) "angústia") descrevendo a angústia das pessoas à tentativa de Heliódorus para escorchar a tesouraria do templo pelos dias de Onias.

Agrapha, talvez Escrita

ag' ra-fa (αγραφα, *agrapha*).

1. O Termo e Sua História

A palavra *agraphos* do qual *agrapha* é o plural neutro é conhecido em grego com clássico em papyri grego em seu senso primário de “não escrito,” “não registrado.” Na literatura Cristã cedo, especialmente nas escritas de Clemente de Alexandria, era usado de tradição oral; e neste senso foi reavivado por Koerner em um Programa de Leipzig emitido em 1776 debaixo do título *De sermonibus Christi agraphois*. Durante algum tempo foi restringido a declarações de Cristo não registradas nos Evangelhos e acreditou para ter alcançado as fontes nas quais eles são achados por meio de tradição oral. Como, porém *graphie*, o substantivo com que *agrapha* está conectado, não só pode ter o significado geral “escrevendo,” mas o significado especial “Bíblia,” o, adjetivo não só poderia significar “oral”, mas também uncanonical ou “não-canônico”; e foi empregado por Resch no senso posterior na 1ª edição do grande trabalho dele no assunto que se apareceu em alemão em 1889 debaixo do título, *Agrapha, Fragmentos de Evangelho extra-canônicos*. O termo foi estendido agora também para incluir narrativas como também declarações. Na segunda edição (também em alemão) é alargado mais adiante para abraçar todas as declarações extra-canônicas ou passagens conectadas com a Bíblia. O título novo corre: *Agrapha: Fragmentos extra-canônicos da Bíblia*; e o volume contém uma primeira coleção de *agrapha* de Testamento Velho. O termo ainda é usado, porém freqüentemente a maioria de declarações não-canônicas designadas a Jesus, e para a consideração deste artigo será dedicado principalmente

2. Extensão de Material

Dos 361 *agrapha* e apócrifa dados por Resch que são designados aproximadamente 160 diretamente a Cristo. Aproximadamente 30 outros podem ser somados do Cristianismo e fontes judias e aproximadamente 80 declarações achadas em literatura de Muhammadan (o Times Expositivo, V, 59, 107, 177 f, 503 f, 561, etc.). O grupo último-mencionado, embora não completamente sem interesse, pode ser desconsiderado em grande parte como é altamente improvável que representa tradição cedo. Os outros vêm de uma variedade de fontes: o Testamento Novo fora dos Evangelhos, manuscritos de Evangelho e VSS, Evangelhos Apócrifos e uma coleção cedo de declarações de Jesus, textos litúrgicos, patriótico e literatura medieval e o Talmude.

3. Excluído serem declarações

Muitas destas declarações têm nenhuma reivindicação a ser considerada como *agrapha* independente. Pelo menos cinco classes vêm debaixo desta categoria. (1) alguns são meros compara ou variantes, por exemplo: “Reze e não esteja cansado,” que está evidentemente conectado com Lc 18:1; e a declaração no Talmude: “Eu, o Evangelho, não vim levar longe da lei de Moisés, mas acrescentar à lei de Moisés eu vim” (Shab 116b) que é claramente uma variante de Mt 5:17. (2) Algumas declarações são compostas de dois ou textos mais canônicos. “Eu o escolhi antes do mundo era,” p.e, é uma combinação de Jo 15:19 e Ef 1:4; e “Agüente em meu amor e eu lhe darei vida eterna” de Jo 8:31 e Jo 10:28. (3) Misquotation ou contas de citação soltas para vários *agrapha* alegado. “Sodom está justificado mais que tu” parece realmente ser de Ez 16:53 e seu contexto. “Não deixe o sol abaixar em sua ira” não é de origem apostólico de evangélico (Ef 4:26). “Raiva destrói até mesmo o prudente” vem de Septuagint de Pv 15:1. (4) Algumas declarações devem ser rejeitadas porque eles não podem ser localizados a uma fonte cedo, por exemplo, a declaração boa: “Seja valente na guerra, e lute com a serpente velha, e ye receberão vida eterna,” que é conhecido primeiro com em um texto do 12º século (5) Várias declarações são suspeitas por causa da fonte delas ou o caráter delas. A referência para “minha mãe o Espírito Santo,” em um deles, não tem nenhuma autorização o ensinando reconhecido de Cristo e vem de uma fonte de valor incerto, o Evangelho de acordo com os hebreus. Declarações de Panteísticas como “eu sou tu e tu arte eu, e onde quer que tu arte eu sejas”; “Você é eu e eu sou você”; e talvez a declaração famosa: “Aumento a pedra e tu murche me ache; parta a madeira e há eu,” como também as declarações informaram por Epiphanius do Evangelho do Ebionites pareça respirar uma atmosfera diferente disso dos Evangelhos canônicos.

4. Declarações em Testamento Novo

Quando todas as declarações que pertencem a estas cinco classes, e alguns outros de origem litúrgica, foram deduzidos lá permanecem aproximadamente trinta-cinco que são merecedores de menção e em alguns casos de consideração cuidadosa. Alguns são negociados com no artigo LOGIA (que vêem). Os outros, que são determinados aqui, são numerados para facilitar referência consecutivamente. Os melhor autenticaram são claro que esses achados no Testamento Novo fora dos Evangelhos. Estes são (1) A grande declaração citada por Paulo a Mileto: “É abençoado para dar mais que receber” (At 20:35); (2) As palavras usaram na instituição da Eucaristia só preservada em 1Co 11:24; (3) A promessa do batismo do Espírito (At 1:5 e At 11:16); e (4) A resposta para a pergunta. (At 1:7). Menos certa é (5) A descrição do Segundo Advento, disse para ser “pela palavra do Deus” (1Ts 4:15); e (6) A promessa da coroa de vida para eles que amor Deus (Tg 1:12).

5. Versões e declarações em Manuscritos

De interesse considerável são algumas adições, em manuscritos dos Evangelhos e versões Um do mais notável (7) é o comentário de Jesus em um homem está trabalhando no dia de Sábado sagrado inserto depois de Lc 6:4 em Códice Bezae (D) e o manuscrito mais Grátis descobriu recentemente no Egito. Outro (8) também ache em D e em várias outras autoridades é juntado a Mt 20:28. No Curetonian Syriac as corridas de cláusula posteriores: “e não de maior ser menos.” A declaração nova é notável mas obscura. Uma terceira passagem (9) de menos valor, mas ainda de interesse é uma inserção no fim mais longo de Marcos, entre Mc 16:14 e 15 que se referiram para por Jerome como presente em códices pelo dia dele mas foram conhecidos agora pela primeira vez com em grego dentro o supracitado mais Livre SRA. (Para fac-simile veja Diário americano de Arqueologia, 1908.) Em resposta para uma reclamação dos discípulos sobre a oposição de Satanás e o pedido deles: “Então revele retidão de thy iguale agora,” o Jesus é informado para ter dito: “O limite dos anos da autoridade de Satanás é cumprido, mas outras coisas terríveis estão se aproximando, e no interesse desses que

tinham pecado era eu entreguei até morte para que eles pudessem voltar à verdade e poderiam pecar nenhum mais longo, que eles poderiam herdar a glória espiritual e incorruptível de retidão em céu.” Isto alegou expressão vocal dos subidos Deus provavelmente é de caráter secundário (compare o Gregory, Das Logion mais Grátis; Swete, Dois Evangelho Novo Fragmenta).

6. Declarações dos Pais, Etc

Apócrifo e literatura de patrística provê algumas declarações notáveis. O primeiro lugar deve ser dado (10) para a grande declaração que em sua forma mais curta consiste em só três palavras: “Seja (“ “ se torne,” “yourselves de espetáculo para ser”) dinheiro-mudadores aprovados.” Resch (Agrapha2, numere 87) dá 69 referências, pelo menos 19 de que data dos 2º e 3º séculos, embora eles representam só alguns autoridades, todo o egípcio. A declaração parece ter circulado amplamente na igreja cedo e pode ser genuíno. Outras declarações cedo de interesse ou avalia, destas fontes, deve ser dado sem comentário. (11) (Justino Martir). (12) “Que é fraco será economizado por que é forte” (aproximadamente 300 d.C). (13) “Saia de ye de laços que vai” (Clemente de Alexandria). (14) “Seja tu economizou e alma de thy” (Teodoro em id). (15) “Santificado é eles que lamentam pela perdição de incrédulos” (Didaskalia). (16) “Ele que está perto de mim está perto do fogo; ele que está longe de mim está longe do reino” (Orígenes). (17) “Ele que não foi tentado não foi aprovado” (Didaskalia, etc.). (18) Ele que faz triste o espírito de um irmão é um do maior de criminosos” (Ev Heb). (19) “Nunca esteja alegre exclui quando ye viram seu irmão apaixonado” (mesmo lugar). (20) “não o Deixe que busca cesse... Até que ele achado, e quando ele acha que ele será surpreendido; surpreendido ele chegará ao reino, e quando ele chegou ao reino que ele descansará” (Clemente de Alexandria e Logia de Oxyrhynchus). (21) Em um fragmento de um Evangelho achado por Grenfell e Caça a Oxyrhynchus (O Papyri numeram 655) é a passagem não canônica seguinte em um contexto canônico. A declaração apócrifa exhibe semelhança considerável a uma declaração citada por Clemente de Alexandria do Evangelho de acordo com os egípcios, mas a diferença é grande bastante fazer identidade original duvidoso. Outro fragmento achado pelos mesmos exploradores no mesmo local (O Papyri numeram 840) preserva dois agrapha ou apócrifa que entretanto claramente secundário é muito curioso. O primeiro (22) é a porção final de uma declaração sobre o castigo de mal-fazedores: “Antes de um homem prejudique ele faz toda a maneira de desculpas sutis. Mas dá atenção para que não você também sofra as mesmas coisas como eles para os mau-fazedores entre homens não recebem a dívida deles/delas entre o viver (zo grego?? é) só mas também espere castigo e muito tormento.” Professor Swete (Dois Fragmentos de Evangelho Novos), acentua zo?os como o plural de zo?on e assim acha um contraste entre o destino de animais e que de seres humanos. A segunda declaração (23) é uma resposta bastante prolongada à reclamação de um defensor de Farisaica para pureza externa. A parte mais interessante disto como editado por corridas de Swete como segue: “Aflição para você cortina que não vê.... Mas eu e meus discípulos que tu não foste imerso sayest imergiu nas águas de vida eterna que sai abaixo de Deus de céu.” Todos estes textos de Oxyrhynchus provavelmente data do 2º século. Outras fontes de Egito, os Evangelhos Apócrifos cópticos denominados (Textos e Estuda Camb. IV, 2, 1896), contenha várias declarações que são de interesse como vindo do mesmo ambiente religioso. O seguinte três é o mais notável. (24) “se arrependa, para isto é melhor que um achado de homem uma xícara de água na idade que está vindo que todas as riquezas deste mundo” (130). (25) “Melhor é um único passo no casa de Meu Pai que toda a riqueza deste mundo” (130 f). (26) “Agora então tenha fé no amor de Meu Pai; porque fé é o fim de todas as coisas” (176). Como no caso do Logia estas declarações são achadas em associação com declarações canônicas e são comparadas. Desde que o Logia pode ter numerado bem contagens, se não centenas, é pelo menos possível que estas declarações cópticas podem ter sido levadas das porções perdidas desta coleção, ou um recenseou disto, e então eles não são desmerecedores de notificação como concebivelmente agrapha cedo. Para estas declarações de derivação Cristã pode ser somado (27) um Muhammadan dizendo, isso se inscreveu em árabe no portal principal da cidade que Futteypore Sikri construiu por Akbar: “O mundo é mas uma ponte em cima da qual você tem que passar, mas não deve demorar para construir sua habitação” (No Himalaia por Senhorita Gordon Cumming, citou por Griffenhoofe, As Declarações Não escrito de Cristo, 128).

7. Resultado

Embora o número de agrapha que pretende serem declarações de Jesus que foi colecionado por estudantes parece impondo à primeira vista, esses que têm qualquer coisa como uma reivindicação forte para aceitação no chão de fonte cedo e segura e caráter interno são disappointingly poucos. Desses determinados anteriores números 1-4, 7, 8, 10 que têm atestação principalmente cedo claramente levar precedência do resto. Números 11-20 são bastante cedo e bem bastante para merecer consideração respeitosa. Ainda a proporção de genuíno, ou possivelmente genuíno, material é muito pequeno. Cordas provavelmente não estão longe da verdade quando ele observar que “os escritores dos Evangelhos de Sinóptico fizeram tão bem o trabalho deles/delas que só pedaços perdidos aqui e lá, e estes, mas de valor pequeno, foi deixado para o gleaners.” por outro lado não é necessário seguir Wellhausen rejeitando o agrapha em Toto. Recentes descobertas mostraram que eles são os restos de um corpo considerável de declarações extra-canônicas que circularam mais ou menos em Christian círculos, especialmente no Egito, nos séculos cedo, e a possível presença em o que nós possuímos de fato de uma oração ou dois falado completamente por Jesus justifica pesquisa.

8. Agrapha outro

A segunda edição do trabalho de Resch inclui 17 agrapha de manuscritos de Atos e 1 Jn a maioria de que são de Códice Bezae (D), 31 apócrifa apostólico, e 66 agrapha e apócrifa conectaram com o Testamento Velho. 19 do posterior são largamente levados de pseudepigrapha, um pseudo-Ezequiel, por exemplo, Este agrapha alguns dos quais são variantes realmente textuais são de interesse inferior e valor.

Literatura

As autoridades principais são o livro alemão do estudante americano J. H. Cordas, Dado Sprüche Jesu, morra em kanonischen de

guarida Evangelizem nicht überliefert sind, e o artigo dele “Agrapha” em HDB (vol extra); e o trabalho freqüentemente-mencionado de Resch. O anterior tem grande valor crítico, e o posterior, especialmente na 2ª edição, é uma verdadeira enciclopédia de material. Para uma pesquisa cheia da literatura até 1905 veja aquele trabalho, pp. 14-17. Há muita crítica no Das Leben Jesu de Bauer im Zeitalter der neutestamentlichen Apokryphen, vii de capítulo. Entre trabalhos menores menção especial pode ser feita do Vinte e cinco Agrapha de Prebendary Blomfield (1900); e o livro de Griffenhoofe, o título de qual é determinado acima. Há recentes artigos no assunto em HDB (1909), “Declarações Não escrito,” e DCG, “Declarações (Não escrito); Ê. Diário de Arqueologia, XII (1908), 49-55; H. A. Lixadores, manuscritos Novos do Egito; também ib, XIII (1909), 130. Veja LOGIA.

Leis agrárias

a-gra'ri-an loz:

1. O Ano de Sábado sagrado
2. O Jubileu
3. Seu Objeto
4. As Regras Legais
5. Idéias e Circunstâncias da Legislação
6. Forma da Legislação
7. Sua Operação e Extensão
8. Outras Leis que Afetam a Terra

O Mosaico abastece neste assunto forma um das porções mais características e interessantes da legislação. Isto é, as instituições principais são duas: o ano de Sábado Sagrado e o Jubileu, e eles são unidos de perto junto.

1. O Ano de Sábado sagrado

Em cada sete anos a terra deveria descansar “Seis anos semearás tua terra, e recolherás os seus frutos” (Ex 23:10; compare Lv 25:2-7). “Mas os frutos do sábado da terra vos serão por alimento, a ti, e ao teu servo, e à tua serva, e ao teu jornaleiro, e ao estrangeiro que peregrina contigo (Lv 25:6). Isto foi citado a comprimento porque a retribuição de Versões inglesas da Bíblia está enganando. “O Sábado sagrado da terra” não significa que o aumento natural será comido disso pelo Israelita o camponês. Aquela interpretação é excluída por Lv 25:3-5, Lv 25:20-22. Para o que é planejado é mostrado claramente pelo posterior destas duas passagens, “eu comandarei minha bênção em você no sexto ano.” O princípio no qual o maná tinha sido provido para Sábados sagrados era aplicar à colheita do sexto ano, e esta é a importação da frase.

2. O Jubileu

Depois de “sete de anos sabaticos, até mesmo quarenta e anos de tom” um trompete seria soprada ao longo da terra no décimo dia do sétimo mês (i.e. o Dia de Compensação) e o quinquagésimo ano seria consagrado e seria celebrado como um “jubileu.” Nenhum trabalho agrícola de qualquer tipo seria executado, mas “ye podem (EVV tão correto) coma fora o aumento disso do campo” (Lv 25:12). Deus abençoaria a terra assim no sexto ano que produziria bastante para o ano de Sábado sagrado, o jubileu resultando e o período subsequente para a colheita do nono ano (Lv 25:20-22).

3. Seu Objeto

Era pretendido que o jubileu conhecia os males econômicos que aconteceram os camponeses em sociedades antigas além de ser um período no qual a terra era alqueive esquerdo. Guerras ou estações desfavoráveis reduziriam um fazendeiro logo a uma condição na qual ele teria que pedir emprestado. Mas dinheiro raramente será tido sem interesse e segurança, e em comunidades cedo as taxas de interesse eram realmente muito altas, enquanto a única segurança que o fazendeiro poderia oferecer consistiria na terra dele e as pessoas dele e as crianças dele. Conseqüentemente nós achamos insolvência que dá origem à alienação de terra e para escravidão no mundo inteiro - às vezes com a retenção de direitos civis (como em Roma e Israel), a outros em uma forma mais pura. O jubileu aponta a ambos estes males. É contanto que por aquele ano os camponeses que tinham perdido a liberdade completa deles por insolvência devessem ser livres (veja Wiener, Estuda em Lei Bíblica, 5ff) e todas as terras que tinham sido vendidas deveriam voltar ao dono original ou a família dele. “E a terra não será vendida eternamente; para a terra é o meu: para ye os estranhos e sojourners estão comigo” (Lv

25:23). A esta teoria há compara em outro lugar, por exemplo em Togoland (Heinrici, Zeitschrift für vergleichende Rechtswissenschaft, XI, 138).

4. As Regras Legais

Lev 25 que contém as leis de terra dá efeito a esta visão ordenando que quando um Israelita foi compelido para se separar da terra dele havia ser uma “redenção” de terra, e que por falta de redenção a terra deveria voltar a seu dono original pelo ano de jubileu. Isto “redenção” cobre duas idéias - um direito de preempção pelo próximo de família o primeiro exemplo, e se isso não fosse exercitado, um direito por parte do dono original para comprar de volta a terra antes do jubileu (Lv 25:24-28). A teoria não aplicou para casas em cidades cercadas. Esses poderiam ser resgatados dentro de um ano de venda: em falta passou a propriedade para sempre e era não afetado pelo jubileu (Lv 25:29). Foram consideradas Aldeias como país (Lv 25:31). As cidades dos Levitas estavam sujeito às regras de terra, não de cidades cercadas (Lv 25:32; leia com a Vulgata no americano Revisou Versão, margem, “se eles não foram resgatados” em Lv 25:32), e os campos deles não seriam vendidos (Lv 25:34). Todas as vendas de terras para as quais o jubileu aplicou seriam feitas em base do número de colheitas (Lv 25:14); na realidade, a que era vendido não era a propriedade isto mas o usufruto (i.e. o direito de usar, colhendo, etc.) até o ano do jubileu. Semelhantemente com as leis de Lv 27:16-25 onde o princípio geral é que se um campo seja santificado que o valor será calculado de acordo com o número de anos ao jubileu. Infelizmente o texto é corrupto e é impossível entender as circunstâncias exatas nas quais nenhuma redenção adicional foi permitida (Lv 27:20).

5. Idéias e Circunstâncias da Legislação

“As leis de terra são o produto de muitas idéias independentes e circunstâncias.... Primeiro tal um sistema como isso exposto no 25º capítulo de Lev só poderia ser avançado antes de um que teve que trabalhar em o que é assim muito raro em história - uma ardósia limpa. Em outro palavra, o sistema de posse de terra aqui colocou só poderia ser introduzido deste modo dentro por homens que não tiveram nenhum sistema de preëxisting para considerar com. Secundariamente, há (mutandis de mutatis) uma semelhança marcada entre as providências de Lev e o sistema introduzidas no Egito por José (Gen 47). A terra é o Deus como é Faraó; mas as cidades que são construídas naquela terra não estão sujeito à mesma teoria ou as mesmas regras. Talvez a explicação é as medidas daquele José tinha afetado só esses que ganharam o vivendo por agricultura deles, i.e. os moradores no país. Em terceiro lugar, os espetáculos de sistemas o poder enorme que a concepção de solidariedade familiar possuiu na idade de Mosaico.... E fourthly, a representação está inspirada e iluminou pelas convicções humanitárias e religiosas para as quais referência já foi feita” (Diário de Transações da Victoria Institute, XLI, 160). Indubitavelmente a característica mais notável da representação será achada nestes convicções religiosas com a confiança absoluta em Divine constante intervenção afiançar o funcionamento da lei (Gn 47:20).

6. Forma da Legislação

Lev 26 espetáculos claramente que esta legislação foi concebida como as condições de uma convenção feitas entre Deus e as crianças de Israel, e se aparece de Lv 26:42-45 que isto da convenção foi considerado como estando entretanto conectado com as convenções com os patriarcas isto também é uma convenção feita com a geração que veio adiante do Egito. A terra foi prometida originalmente a Abraham em uma convenção (Gen 17) e pareceria que estas leis são consideradas como prendendo àquela convenção que tinha sido renovado com os descendentes dele. Realmente as leis parecem ser apresentadas como condições do acordo jurado (convenção) debaixo de qual Deus eram aproximadamente dar para o Israel a posse de Canaã.

7. Sua Operação e Extensão

Como cumprimentos a operação destas leis nós não temos nenhuma informação sobre a observância de qualquer ano de alqueive antes do Exílio: 2Cr 36:21 são bastante desfavoráveis, mas tão obviamente ecoa Lv 26:43 que parece ser significado como uma declaração histórica escassamente. Mas rastros serão achados da operação de outras partes do sistema. Rute 4 nos mostra a lei de redenção trabalhar, mas com duas extensões notáveis. Viúvas adquiriram um direito de propriedade nas propriedades dos maridos delas, e quando o próximo de refugos parentes resgatar, as passagens certas para a família que está mais próximo em sucessão. Nenhum destes casos é contemplado pelo Pentateuco: ambos parecem ser aplicações frescas da lei de Levítico que, como todas as outras legislações, teve que ser adaptado para conhecer jogos novos de fatos como surgiram eles. Semelhantemente Jer 32 ilustra a lei de preempção, mas aqui uma dificuldade pequena surge, para Lv 25:34 proíbe a venda dos subúrbios das cidades dos Levitas. Provavelmente, porém isto só recorre à venda fora da família e não como aqui para o mais próximo família e herdeiro. Semelhantemente Ezequiel recorre duas vezes ao jubileu (Ez 7:12 e Ez 46:17) em condições que parecem mostrar que ele conheceu isto como uma instituição existente (veja SBL, 96,; Clérigo, maio, 1906, 292). São mencionados rastros Históricos das cidades de Levíticas no artigo CIDADES de LEVITICAL. Deveria ser somado que debaixo da monarquia uma regra parece ter sido introduzida que terras desamparadas caíram ao rei (veja 2Sm 9:9; I Rs 21:16; II Rs 8:3, 6).

Em tempos posteriores há várias referências ao alqueive do ano Sabático (**LA** 1 Mac 6:49, 53; Antig, XIII, viii, 1, XIV, x, 6, etc.).

8. Outras Leis que Afetam a Terra

Além destas leis Moisés ordenou providências favorecendo respigando em qual vê POBRE. Ele também proibiu semear um campo ou vinhedo com dois tipos de semente (Lv 19:19; Dt 22:9) e prescreveu que durante três anos não deveria ser comida a fruta de árvores, enquanto no quarto deveria ser santo, e no quinto era estar disponível para propósitos ordinários (Lv 19:23).

Concorde

a-gre' (, *sumphoneo* “ser da mesma mente,” “vir a uma compreensão mútua”): Isto o senso da palavra está em Mt 20:2; Jo 9:22, e outras passagens. Em Mc 14:56 está a palavra *sos* e não só tem o pensamento que as palavras delas não concordaram, mas também que o testemunho não era de acordo com ou iguala ao que a lei requereu em tal um caso. O pensamento de ser igual também acontece em 1Jo 5:8.

O uso figurativo da palavra em Mt 18:19 faz isto de interesse especial. A palavra há *sumphoneo*, do qual vem nossa palavra sinfonia, enquanto significando uma mistura harmoniosa. Este acordo está então completo. São apresentadas três pessoas: dois seres humanos e o Pai. Eles estão em acordo perfeito no assunto ou pretendem debaixo de consideração. É então uma unidade dentro produzida pelo Espírito Santo que conduz os dois em tal um acordo com o Pai. Lá seguirá então, como de costume, o que é prometido em Mt 18:19,20. Em At 5:9 parte a justiça de Pedro negociando da mesma maneira em ambos os casos. Ananias e Safira estavam em acordo perfeito e igualmente culpado (Lc 5:36; At 15:15).

Agricultura

ag'ri-kul-tur, ag'ri-kul-chur:

I. Desenvolvimento de Agricultura

II. Condições climáticas e Fertilidade

III. Perseguições agrícolas

1. Grão de crescimento

(1) Semeando e arando

(2) Colhendo

(3) Espancando

2. Ao cuidado de Vinhedos

3. Elevando de Rebanhos

I. Desenvolvimento de Agricultura

A pessoa pode testemunhar na Síria e Palestina hoje as várias fases de progresso social pelo qual as pessoas de tempos de Bíblia passaram no qual o desenvolvimento da agricultura delas fez um papel importante. Para o Leste os filhos de Ismael vagam ainda em tribos de lugar colocar, dependendo dos animais deles para comida, a menos que por uma invasão eles possam afiançar as frutas da terra dos povos, principalmente do próprio sangue deles que deixou de vagar e tem se apoiado cultivando o chão. É só um passo curto desta vida de fronteira para o território mais protegido para o mediterrâneo, onde em ambientes comparativamente calmos, os vagante ficam estacionários. Se a terra que eles vieram possuir for estéril e sem água, eles são empobrecidos fisicamente e espiritualmente, mas se eles escolheram as manchas mais raras onde fluxos subterrâneos estouraram adiante em vales cobertas com depósitos aluviais (Ex 3:8), eles prosperam e lá fontes para cima a vida de comunidade mais complicada com seus criados, jardineiros, etc. Uma divisão do trabalho resulta. Alguns deixam a terra para as artes e profissões, mas ainda dependem dos vizinhos de fazendeiro deles para alimento de roubo. (I Rs 5:11) Tal era a variedade de vida das pessoas que entre Jesus viveu, e dos antepassados deles, e dos habitantes da terra longo antes do povo de Israel vieram tomar posse disto. A História da Bíblia se trata dos hebreus a um período quando uma proporção grande de que as pessoas estavam comprometidas em perseguições agrárias, conseqüentemente nós achamos suas páginas encheidas de referências a ocupações agrícolas.

II. Condições climáticas e Fertilidade

Com condições climáticas e fertilidade tão variada, o modo de cultivo, tempo da semente e colheita diferiram até mesmo em território próximo adjacente. Nas planícies litorais e no baixo Jordan vale a terra era normalmente rica e a estação era cedo, considerando que as regiões montanhosas e planícies interiores altas a plantação e colhendo tempos eram depois de duas semanas a um mês. Fazer uso da terra nas ladeiras, terraplenar era freqüentemente necessário. Exemplos destes terraços velhos ainda existem.

Nas planícies as colheitas poderiam ser crescidas só no inverno e primavera, i.e, durante a estação chuvosa. Estes distritos secaram em maio ou junho e permaneceram baldios durante o verão de menos chuva. O mesmo era verdade das regiões montanhosas e vales exclua onde molha de um fluxo poderia ser desviado de seu canal e poderia ser esparramado em cima dos campos. Em tais colheitas de distritos poderia ser crescido independente das estações. Veja IRRIGAÇÃO.

III. Perseguições agrícolas

Apreciar as muitas referências na Bíblia para perseguições agrícolas e as insinuações freqüentes de nosso Deus para os campos e os produtos delas, temos que nos lembrar-nos como diferente era os ambientes dos fazendeiros daquele dia desses entre qual a maioria de nós ao vivo ou com que nós nos familiarizamos. Que conhecimento que nós temos destas perseguições é tirado de tais referências como descubra métodos que agüentam uma semelhança íntima a esses do dia presente. A tendência forte para resistir à mudança que em todos os lugares mais adiante manifesto ao longo do país e a sobrevivência de palavras descritivas antigas no idioma de hoje confirma nossa convicção que nós testemunhamos agora neste país as operações idênticas que eram usadas dois mil ou mais anos atrás. Seria estranho se não havia uma variedade de modos pelos quais o mesmo objeto era realizado quando nós nos lembrarmos que as pessoas hebréias beneficiaram pela experiência dos egípcios, dos babilônicos, dos habitantes da terra da adoção deles, como também de seus recentes conquistadores europeus. Por isto os desenhos acharam nos monumentos egípcios, enquanto descrevendo cenas agrícolas, nos ajude a explicar os métodos prováveis usados na Palestina.

Três filiais de agricultura eram mais proeminentes que os outros; o crescimento de grão, o ao cuidado de vinhedos (Nm 18:30), e o aumento de rebanhos. A maioria das casas possuiu campos e vinhedos e o mais rico somou este uma riqueza de rebanhos. A descrição da riqueza de Jó (em Jó 1) espetáculos que ele estava comprometido em todas estas perseguições. As riquezas de Ezequias como enumerado em 2Cr 32:27,28 suggestionam atividade em cada destas filiais.

1. Crescimento do Grão

Nisto e descrições seguintes, métodos atuais até onde eles correspondem a registros antigos será negociado com.

(1) Semeando e arando

Nas planícies, pequeno ou de nenhuma preparação por arar é precisada, mas nas regiões montanhosas, as pedras maiores que o cultivando da estação prévia soltou e o qual as chuvas do inverno lavaram nu, escolheram e empilharam em montões em alguma borda, ou é lançado nos caminhos que assim são elevados sobre os campos que eles atravessam. (Veja CAMPO.) Se grão será plantado, a semente se espalha radiodifusão pelo semeador. Se a terra não foi usada durante algum tempo que o chão é arado primeiro, e quando a semente se espalhou é arado novamente. O semeador pode manter a provisão dele de semente em um bolso feito traversendo para cima o artigo de vestuário exterior dele a cinta dele para uma extensão suficiente para isto cair abaixo fora da cinta dele na forma de uma bolsa solta. Por outro lado, ele pode levar isto em um jarro ou cesta como os semeadores pintados como fazendo nos monumentos egípcios. Assim que a semente se espalhe que é arado dentro antes dos corvos de já-presente e corvos pode recolher isto. O caminho do arado nos campos das regiões montanhosas é um tortuoso por causa dos pedregulhos que sobressaem fora aqui e lá (Mt 13:3) ou por causa das bordas que freqüentemente mentem só escondidas em baixo da superfície (os lugares rochosos da parábola de Cristo). Quando o semeador respeita as trilhas que a tolerância do dono permitiu ser andada pelos campos dele ou qual marca os limites entre as terras de donos diferentes, e deixa para eles, então a semente que caiu nestes porções se torna a comida dos pássaros. São cavados cantos do campo onde o arado não pode alcançar à mão. Horrível como sabemos nós que não é praticado hoje, exclui em algumas das planícies maiores, e provavelmente não era usado na Palestina em tempos mais cedo. Veja RASTELO.

(2) Colhendo

Depois de terminar de arar, os campos buscam desertos até as chuvas de inverno, a menos que um extraordinariamente tempestade severa de chuva e granizo (Ex 9:25) destruiu os brotos jovens. Então um segundo semeando é feito. Em abril, se os ventos orientais quentes não dinamitaram o grão (veja DINAMITANDO) a cevada começa a amadurecer. O trigo segue depois de uma semana a seis semanas, enquanto dependendo da altitude. Para o fim de em junho maio ou há primeira semana que marcam o começo da estação seca enquanto colhendo começa. Famílias inteiras se mudam das casas de aldeia delas para passar o tempo nos campos até que a colheita terminou. Os homens e mulheres unem no trabalho de cortar o grão. Um punhado de grão é se reunido por meio de um foicinho contido a mão direita. Os talos assim recolhidos um grupo são agarrados então pela mão esquerda e ao mesmo tempo um puxe é determinado quais cortes fora alguns dos talos alguns polegadas sobre chão (veja RESTOLHO) e levanta o resto pelas raízes. Estes punhados são postos atrás dos ceifeiros e são recolhidos pelos ajudantes (veja RESPIGANDO), normalmente as crianças, e fez em pilhas por transportar ao espancar-chão.

(3) Espancando

Os espancar-chãos são construídos nos campos, preferivelmente em uma posição exposta para adquirir o benefício cheio dos ventos. Se há um perigo de que eles são agrupados junto perto da aldeia. O chão é um nível, área circular 25 a 40 pés em diâmetro, preparou escolhendo as pedras primeiras, e molhando o chão então, enquanto socando ou rodando isto, e varrendo isto finalmente. Uma borda de pedras normalmente cerca o chão para deter o grão. As gavelas de grão que foi trazido nas parte de trás de homens, burros, camelos, ou bois, é amontoado nesta área, e o processo de pisotear fora começa. Em algumas localidades são amarrados vários

animais, geralmente bois ou burros, lado a lado e dirigidos círculo e redondo o chão. Em outro coloca dois bois são junto para um arraste, o fundo de qual é espalhado com pedaços de pedra basáltica. Isto arrasta em qual o motorista, e talvez a família dele, senta ou está de pé, é dirigido em um caminho circular em cima do grão. Em outros distritos imóveis um instrumento que se assemelha a um rastelo de roda é usado, a antiguidade de qual é confirmado pelos registros egípcios. A provisão de grão semeado é mantida no centro do chão. Algum disto é baixado de vez em quando no caminho dos animais. O tempo todo o grão em parte espancado está sendo invertido com um garfo. Os talos são arrombados pedaços curtos e as cascas gradualmente sobre o grão é rasgado fora. Esta mistura de chaff e grão devem ser joeirados agora. Isto é terminado lançando isto no ar de forma que o vento pode assuar o chaff fora (veja JOEIRANDO). Quando o chaff foi então que o grão é lançado em uma bandeja de madeira para separar disto as pedras e caroços de terra que agarrada às raízes quando o grão foi colhido. A diferença em peso entre as pedras e grão faz separação por este processo possível (veja PENEIRE). O grão é propelido agora em montões e em muitas localidades também é lacrado. Este processo consiste apertando um selo de madeira grande contra a pilha. Quando o instrumento é afastado que parte uma impressão que seria destruída deve qualquer do grão seja levado fora. Isto permite o governo oferece a manter conta dos dízimos e permite o dono a descobrir qualquer roubo de grão. Até que o trigo é transferido a bolsas algum a pessoa dorme pelo inquirir no espancar-chão. Se o trigo será armazenado para consumo de casa que é lavado freqüentemente primeiro com água e esparramou fora nos cabelos de cabras esteira para secar antes de fosse armazenado nos compartimentos de parede achados em toda casa (veja ARMAZÉNS). Antigamente o trigo só foi moído como precisado. Esta era então uma tarefa doméstica que era realizada com o mão-moinho ou morteiro (veja MOINHO).

2. Ao cuidado de Vinhedos

Nenhum quadro mais claro para corresponder com prática atual em cultura de videira (veja VIDEIRA) na Palestina poderia ser dado que isso mencionou em Is 5:1, 6. Uvas serviram uma parte importante provavelmente na dieta de tempos de Bíblia como fazem no momento eles. Na estação que começa em julho e estende durante pelo menos três meses, o camponês mais humilde como também o proprietário mais rico considera uvas como uma parte necessária de pelo menos uma refeição cada dia. As uvas não só foram comidas fresco, mas foram feitas em vinho (veja PRENSA DE VINHO). Nenhum paralelo, porém pode ser achado na Bíblia para os melados que são feitos fervendo abaixo o suco de uva fresco. Alguns escritores acreditam que esta substância foi significada em algumas passagens traduzidas por vinho ou mel, mas é duvidoso. O ao cuidado dos vinhedos provido bem na rotina do fazendeiro, como a maioria da atenção requerida poderia ser dado quando as outras colheitas não exigiram nenhum tempo.

3. Elevando de Rebanhos

Os líderes de Israel antigo consideraram os rebanhos deles como uma parte necessária da riqueza deles (veja OVELHA que TENDE). Quando os rebanhos de um homem eram a posse exclusiva dele que ele viveu freqüentemente com eles e os conduziu dentro e fora à procura de pasto (Sl 23:1-6; Mt 18:12), mas um homem com outros interesses delegou esta tarefa aos filhos dele (1Sm 16:11) ou para mercenários. Natureza humana não mudou desde o tempo quando o Cristo fez a distinção entre o verdadeiro pastor e o mercenário (Jo 10:12). Dentro pouco tempo da escritura destas palavras o escritor viu um mercenário amaldiçoando e abusando os sócios perdidos de um rebanho que ele estava dirigindo, enquanto não conduzindo como fazem pastores bons.

O rebanho forneceu comida. Foi comido o leite de camelos, ovelhas e cabras fresco ou fez em leite coalhado, manteiga ou queijo. Mais raramente era a carne destes animais comida (veja COMIDA). O casaco exterior de O camponês ainda é feito de um pergaminho de pele ou tecido dos cabelos de cabras ou lã (veja TECELAGEM). As várias operações agrícolas são tratadas mais completamente debaixo dos nomes respectivos deles, (que vêem).

Agripa. a-grip´a. Veja HERODES.

Febre

a´gu (, *kaddahath*): Em Lv 26:16 a KJV um é das doenças ameaçadas como uma penalidade para desobediência para a lei. O malady é dito “consume os olhos, e faça a alma para se consumir.” A palavra significa queimando (Vulgata “ardor”) e provavelmente era pretendido que denotava a febre de malária agora tão comum ambos no Shephelah e no vale do Jordão. Na Septuaginta usou a palavra (, *ikteros*) icterícia de meios que freqüentemente acompanha esta febre. a Versão Revisada (britânico e americano) traduz isto “febre.” Veja FEBRE. (ou Dt 28:22).

Agur

a'gur ((*rug'a*, *'aghur*, parecendo, de comparação com raízes do árabe, para significar qualquer um ou “o coletor,”): Um dos contribuintes para Provérbios; filho de Jaqué de Massá, o ser de palavras dele incluiu em Pv 30. Ele leva uma atitude agnóstica para Deus e coisas transcendentais, e em geral a gama do pensamento dele, como comparado com isso de outros autores, é pedestre. Porém, ele mostra uma reverência tenra e temor. O dele a maioria expressão vocal notável, talvez, é a Oração célebre de Agur (Pv 30:7-9) para qual dá expressão um encantando dourado mau de ideal prático. As declarações dele são construídas em um plano bastante artificial; tendo a forma do provérbio numérico denominado. Veja debaixo de PROVÉRBIOS, LIVRO DE, II, 6.

Ah; Aha

a, a-ha': Interjeições de ocorrência freqüente no Testamento Velho, representando palavras hebraicas diferentes e estados diferentes de sentir. (1 , *'ahah*, expressando reclamação é achado na frase “Ah, Deus Yahweh” (Jr 1:6; Jr 4:10 etc; Ez 4:14 etc.). Em outro lugar a palavra é traduzida “ai!” (Jl 1:15). (2 , *'ah*, acontece uma vez (Ez 21:15), expressando aflição contemplando a destruição de Israel. (3 , *he'ah*, normalmente expressa alegria maliciosa em cima dos contrários de um inimigo, e é introduzido pelo verbo “dizer” (Brown-Driver-Briggs' *Lexicon*); assim em Sl 35:21, 25; Ez 25:3; Ez 26:2; Ez 36:2; no Sl 40:15 repetido; Sl 70:3. expressa saciedade em Is 44:16; e representa o relinchando de um cavalo em Jó 39:25. (4 , *hoy*, expressa aflição ou dor, (Is 1:4; Jr 22:18). Em I Rs 13:30 é traduzido “ai!” Mais freqüentemente é usado para indicar que uma ameaça de julgamento é seguir (Is 10:5; Is 29:1; ou dirigir atenção a algum anúncio importante (Is 55:1), onde a palavra hebréia é traduzida “Ho.” (5) grego *ou* , *oua* em Mc 15:29, usado por esses que escarneceram Jesus, como Ele pendurou na cruz. Todas estas palavras são evidentemente imitativos dos sons naturais que espontaneamente dão expressão a estas emoções de reclamação aflição, dor, exultação, etc.

Acabe

a'hab (, *'ah'abh*, assírio *a-ha-ab-bu* ; Septuaginta *A* , *Achaab*, mas Jr 29:21 , *Achiab* que, em analogia com ,), etc., indica um original , *'ah'abh*, significando “o pai é meu irmão”): A combinação provavelmente significa que “o pai,” recorrendo a Deus, foi escolhido como um irmão.

1. O Reinado de Acabe

Acabe, filho de Onri, o sétimo rei de Israel que reinou durante vinte e dois anos de 876 a 854 a.C. (I Rs 16:28), era um dos mais fortes e ao mesmo tempo um dos reis mais fracos de Israel. Com o reino dele ele herdou também os inimigos tradicionais do reino que era estavam prontos fazerem dificuldade para ele que para os antecessores dele. Ocupando uma posição crítica ao melhor, com inimigo já pronto para tirar proveito de qualquer fraqueza momentânea, o reino, durante o reinado de Acabe, foi compelido para sofrer os efeitos destruindo de infortúnio, seca e escassez. Mas Acabe, igual à ocasião, era inteligente bastante ganhar a admiração e respeito de amigo e inimigo, fortalecendo o reino sem e dentro. Muitos dos males do reinado dele que uma natureza mais forte poderia ter superado, era incidente à medida que ele levou por fortalecer o reino.

2. A Política externa dele

Nos dias de Davi e Salomão um relacionamento comercial benéfico existiu entre os hebreus e os fenícios. Acabe, reconhecendo as vantagens que proviriam para o reino dele de uma aliança com a nação comercial dianteira do tempo dele, renovado as velhas relações com os fenícios e os cimentou pelo matrimônio dele com Jezabel, filha de Etbaal, o rei de Tiro (o Itobalos, sacerdote de Astarte mencionado por Meandro).

Ele próximo vira a atenção dele ao estabelecimento de relações calmas e amigáveis com o reino aparentado e vizinho de Judá. Das disputas de inter hereditárias pela primeira vez como a divisão dos reinos é esquecida, “e Jeosafa,” o rei bom de Judá, “fez paz com o rei de Israel.” Esta aliança, também, era lacrada por uma relação de matrimônio, Jeorão, o príncipe à coroa de Judá, estando unida em matrimônio com a princesa Atalia, filha de Acabe.

Talvez alguma luz adicional seja lançada na política externa de Acabe pelo tratamento dele de Bene-Hadade, rei de Damasco. Uma oportunidade foi dada para esmagar para espanar o poder ameaçador da Síria. Mas quando Bene-Hadade no traje de um suplicante foi compelido para processar para a vida dele, Acabe recebeu amavelmente em como o irmão dele, e embora denunciasses pelos profetas para a indulgência dele, poupou o inimigo dele e lhe permitiu partir com a condição de que ele restabelecesse as cidades capturadas de

Onri, e concede certas “ruas” em Damasco como um quarto para Israelita os residentes. Nenhuma dúvida que Acabe pensou que um rei ganhou como um amigo por bondade poderia ser maior de idade serviço para o Israel que uma nação hostil, ainda fez mais hostil, tendo seu rei posto à morte. Os motivos de qualquer Acabe podem ter sido, estes inimigos hereditários realmente lutaram lado a lado contra o inimigo comum, o rei de Assíria, na batalha a Karkar no Orontes no ano 854 d.C, como é provado pela inscrição no monólito de Salmaneser II, rei da Assíria.

3. A Política Religiosa dele

A política externa hipermetrope de Acabe era a antítese da política religiosa miope dele. Pela aliança dele com a Fenícia ele pôs não só em jogo as correntes de comércio com Tiro, mas convidou a religião fenícia como bem. A adoração de Yahweh por meio dos bezerros dourados de Jeroboão se aparecidos antiquado a ele. Baal, o deus de Tiro, o amante orgulhoso dos mares e o possuidor de riqueza deslumbrante, era ter um lugar igual com Yahweh, o Deus de Israel. Adequadamente ele embutiu Samária um templo para Baal e nisto ergueu um altar àquele deus, e ao lado do altar um poste para Asera (I Rs 16:32, 33). Por outro lado ele tentou servir Yahweh nomeando as crianças dele na honra dele - Acazias (“Yah segura”), Jeorão (“Yah é alto”), e Atalia (“Yah é forte”). Acabe, porém, não percebeu que enquanto uma coalizão de nações poderia ser vantajosa, um sincretismo das religiões delas seria desastroso. Ele não temeu o significado cheio do princípio, “Yahweh só é o Deus de Israel.” Em Jezabel, a esposa fenícia dele, Acabe achou um campeão da cultura estrangeira que era tão imperioso e capaz quanto ela era vingativa e sem escrúpulos. Ela era a protetora dos profetas de Baal e dos devotos de Asera. (I Rs 18:19, 20; I Rs 19:1, 2) Na instigação dela os altares de Yahweh estavam rasgados. Ela inaugurou a primeira grande perseguição religiosa da igreja, enquanto exterminando os profetas de Yahweh com a espada. Em tudo isso ela apontou a mais que um sincretismo das duas religiões; ela planejou destruir a religião de raiz de Yahweh e filial e pôr isso Baal em seu lugar. Neste Acabe não a oponha, mas é culpado de conspirar à política da esposa sem princípios dele, se não de concordar cordialmente nisto.

4. O Assassinato de Nabote

Princípios religiosos errados têm a contraparte deles em falsas ideais éticas e atos civis imorais. Acabe, como um adorador de Baal, não só introduziu uma falsa religião, mas falsos ideais sociais. A residência real estava em Jezreel que provavelmente tinha subido em importância pela aliança dele com a Fenícia. Perto do palácio real estava um vinhedo (I Rs 21:1) que pertencia a Nabote, um nativo de Jezreel. Este pedaço de chão foi desejado por Acabe para um jardim vegetal. Ele exigiu então que Nabote deveria vender isto para em ou deveria trocar isto para um pedaço melhor de terra. Nabote recusou a oferta. Acabe, um hebreu, enquanto sabendo as leis da terra, foi picado pela recusa e grandemente foi para casa desagradado. Porém, Jezabel não teve nem dúvidas religiosas nem qualquer consideração para os direitos civis dos hebreus. Adequadamente ela planejou um crime arbitrário para satisfazer o capricho de Acabe. Em nome e pela autoridade do rei ela teve Nabote falsamente o acusando de blasfêmia contra Deus e o rei, e o teve bêbedo para morte pelas autoridades locais. O horror provavelmente criado por este assassinato judicial fez como muito subverter a casa de Onri finalmente como fez o favor mostrado a Tiro e Baal.

5. Acabe e Elias

Não podem ser pisoteadas nem direitos religiosos nem liberdades civis debaixo sem retribuição Divina. A tentativa para fazer assim estimula uma consciência despertada e acelerou, imperativo que exige que o direito seja feito. Como uma consciência acusadora, Elias apareceu antes de Acabe. O mesmo nome dele (“meu Deus é Yahweh”) temor inspirado. “Como Yahweh, Vive o Deus de Israel, antes de quem me levanto eu, não haverá nenhum orvalho nem choverá estes anos,” era a mensagem consciente partida na mente de Acabe para mais de três anos. Na reaparição de Elias, Acabe cumprimenta em como o perturbador de Israel. Elias calmamente o reforma que a política de religiosa do rei causou à dificuldade em Israel. A prova para isto será fornecida no Monte Carmelo. Acabe faz a licitação de Elias. As pessoas saberão quem servir. Baal está calado. Yahweh responde com fogo. Uma torrente de fins de chuva a seca. A vitória pertence à Yahweh.

Mais uma vez a indignação de Elias flameja contra a casa de Acabe. O assassinato judicial de Nabote chama adiante de isto. Devem ser protegidos os direitos civis da nação. Acabe se vendeu fazer mal à vista de Yahweh. Então a casa de Acabe cairá. A carcaça de Jezabel será comida por cachorros; a posteridade do rei será cortada; os cachorros da cidade ou as aves do ar comerão os corpos deles (I Rs 21:20-26). Como raios as palavras de Elias crava casa. Acabe “jejuou, e se deita em aníagem, e foi suavemente.” Mas o dado foi lançado. Yahweh é vindicado. Nunca novamente, na história de Israel possa Baal, o inspirar injustiça, reivindicando um lugar ao lado de Yahweh, o Deus da retidão.

6. Acabe está Construindo Operações

Em comum com monarcas orientais, Acabe exibiu um gosto para arquitetura, estimulou, nenhuma dúvida, através de influência fenícia. Foram empreendidas operações de edifício grandes em Samária (I Rs 16:32; II Rs 10:21). Solomão teve um trono de marfim, mas Acabe construiu para ele, em Jezreel, um palácio adornado com carpintaria e marchetado com marfim (I Rs 21:1; I Rs 22:39). Talvez Amós, cem anos depois, recorre ao trabalho de Acabe quando ele diz, “As casas de marfim perecerão” (Amós 3:15). Pelo dia dele Hiel de Betel empreendeu para reconstruir Jericó, apesar da maldição de Josué (I Rs 16:33, 34). Foram construídas muitas cidades durante o reinado dele (I Rs 22:39).

7. A Carreira de Exército de Acabe

Acabe não só era um monarca e de esplendor, mas um grande líder militar como bem. Ele nenhuma dúvida começou a política militar dele fortalecendo as cidades de Israel (I Rs 16:34; I Rs 22:39). Bene-Hadade (o Dadidri dos anais assírios; Hadadezer e Barhadad são o hebreu, arameu e formas árabes do mesmo nome), o rei da Síria cujo os vassalos os reis de Israel tinham sido (I Rs 15:19), prontamente sitia Samária, e envia para Acabe uma mensagem insultante. Ao conselho de um profeta de Yahweh, Acabe, com 7, 000 homens debaixo de 232 líderes, inflige uma derrota esmagando Bene-Hadade e os 32 reis feudais dele que tinham se resignado a uma folia bêbada (I Reis 20 por 21).

No ano seguinte, o exército sírio, apesar de sua superioridade opressiva, conhece outra derrota às mãos de Acabe no vale, perto de Afeque. Contanto que Bene-Hadade restabeleçam todo o Israelita território e concedem para os hebreus certos direitos em Damasco, Acabe poupa a vida dele à grande indignação do profeta (I Rs 20:22).

No ano 854 a.C, Acabem com 2, 000 carruagens e 10, 000 homens, ombro de brigas para assumir com Bene-Hadade contra Salmaneser II, rei da Assíria. A Karkar, no Orontes, Bene-Hadade, com as forças aliadas dele, sofreu uma derrota opressiva (CAMA, II, i, 183 f).

Talvez Bene-Hadade culpou Acabe pela derrota. Ele de qualquer modo não mantém a promessa dele a Acabe (I Rs 22:3; I Rs 20:34). Atraiu por falsos profetas, mas contra a advertência dramática de Micaías, Acabe é levado a levar a manopla mais uma vez contra a Síria. O amigo dele, Jeosafa, rei de Judá, o une no conflito. Pela primeira vez desde os dias de Davi todo o Israel e posto de Judá uniram contra o inimigo comum.

8. A Morte de Acabe

Possivelmente a advertência de Micaías deu Acabe uma premonição que isto seria tem briga por último. Ele entra na batalha em disfarce, mas em vão. Uma flecha, atirada ao acaso, inflige uma ferida mortal. Com a fortaleza de um herói para evitar um pânico, Acabe permanece na carruagem dele todo o dia e esconder a pôr-do-sol. O corpo dele é levado a Samária para enterro. Um grande rei tinha morrido, e o reino recusou rapidamente depois da morte dele. Ele não teve compreendido a grandeza de Yahweh; ele não representou a justiça mais alta, e os pecados dele são visitados em tem posteridade (I Rs 22:29 f).

9. Acabe e Arqueologia

(1) A Pedra Moabita

A Pedra Moabita (veja PEDRA MOABITA) agüenta testemunho (reveste 7, 8) aquele Onri e o filho dele (Acabe) governado em cima da terra de Medeba durante quarenta anos. Quando Acabe estava ocupado com as guerras Siríacas, Moabe subiu em insurreição. Mesa nos informa de uma maneira exagerada que “o Israel pereceu com uma destruição perpétua.” Mesa reconhece Yahweh como o Deus de Israel.

(2) O Monólito de Salmaneser II

O Monólito de Salmaneser II (Brit Mus; veja a ASSÍRIA) nos informa que em 854 a.C, Salmaneser II entrou em conflito com o reino de Hamate, e aquele Bene-Hadade II com Acabe de Israel e outros formou uma confederação para resistir ao avanço assírio. Foram derrotadas as forças da coalizão a Karkar.

(3) Escavações recentes

Debaixo da direção da Universidade de Harvard, escavações foram continuadas em Samária desde 1908. Em 1909 foram achados restos de um palácio hebreu. Neste palácio foram descobertos dois graus de construção. Os exploradores sugerem que eles acharam o palácio de Onri, aumentaram e melhoraram por Acabe. Isto pode ser a “casa de marfim” construída por Acabe. Em agosto, 1910, foram achados aproximadamente 75 potes em um edifício adjacente para o palácio de Acabe que contém escritura. O manuscrito está igual a isso da Pedra Moabita, o ser de palavras dividido por manchas de tinta. Estas parecem ser rótulos presos a jarros detidos um quarto adjacente do palácio de Acabe. Um deles leituras, “No nono ano. De Shaphtan. Para Ba'al-zamar. Um jarro de vinho velho.” Outro lê, “Vinho do vinhedo do Conte.” Estas leituras lembram um do vinhedo de Nabote. Em outro quarto não longe donde foram achados, “foi achado um vaso de alabastro se inscrito com o nome do contemporâneo de Acabe, Osorkon II do Egito.” Muitos achados são nomes próprios nos vasos que tem o equivalente deles no Testamento Velho. É reivindicado que a escritura é longe maior que todo o outro hebreu antigo que ainda escreve conhecido. Talvez com a publicação de todas estas escritas nós podemos esperar muita luz no reinado de Acabe. (Veja OSTRACA; Harvard Revisão Teológica, janeiro, 1909, abril, 1910, janeiro, 1911; Escola dominical Times, 7 de janeiro de 1911; A Crônica judia, 27 de janeiro de 1911.)

Acabe e Zedequias

a'hab, zed-e-kí'a (, 'ah'abh, "o tio , cidhkíyahu, "Yahweh é minha retidão"): Acabe, filho de Colaías, e Zedequias, filho de Maaséias, dois profetas contra quem Jeremias proferiu um oráculo por profetizar falsamente no nome de Yahweh, e para conduta imoral. Eles deveriam ser entregados em cima de para Nabucodonozor e devessem ser mortos, e os cativos de Judá que estava na Babilônia deveriam levar a maldição relativo a eles. "Yahweh te faça como a Zedequias, e como a Acabe, os quais o rei de Babilônia assou no fogo" (Jr 29:21).

Aará

a'har-a, a-har'a (, 'ahrah; A, A , Aara; B, I , laphael, "o irmão de Rah," ou, o seguidor de um irmão, entretanto alguma consideração isto como uma corrupção textual para Airão): Um filho de Benjamim (1Cr 8:1). Veja AHIRAM.

Acarel

a-har'hel (, 'aharhel, "o irmão de Raquel"; Septuaginta α , adelphou Rechab, "o irmão de Recabe"): Um filho de Harum da tribo de Judá (1Cr 4:8).

Ahasai

a'ha-sí, a-ha'sí. Veja AHAZAI.

Acasbai

a-has'bí (, 'ahasbay, "florescendo"): O pai de Elifelete, um Maacatita, soldado do exército de Davi (2Sm 23:34). Ele ou era um nativo de Abel e Bete-Maaca ou Abel-Bete-Maaca (2Sm 20:14) ou, mais provavelmente, de Maaca na Síria (2Sm 10:6). A lista em 1Cr 11:35, 36 dão nomes diferentes completamente. Aqui nós temos Ur e Hefer que simplesmente espetáculo que o texto é corrupto em um ou ambos os lugares.

Assuerus; Asseurus

a-haz-u-e'rus, (Septuaginta , Assoueros, mas em (LA) Tobias 14:15 Asueros; a forma latina do hebreu , 'ahashwe rosh, um nome melhor conhecido em sua forma grega ordinária de Xerxes): Isto é nome dois, ou talvez de três reis mencionados dentro do canôn, ou apócrifo, livros do Testamento Velho.

1. Em Ester

Parece ser pequena dúvida razoável, que nós deveríamos identificar o Assuero de Ester com o famoso Xerxes que reinou em cima da Pérsia de 485 a 465 a.C, e que fez a grande expedição contra Grécia que culminou na derrota das forças Persas a Salames e Plataea. Se Ester é levada como equivalente para Ishtar, pode estar bem igual ao Amestris de Heródoto que em babilônico seria Ammi-Ishtar, ou Ummi-Ishtar. É dito que Amestris tem sido a filha de Otanes, general distinto de Xerxes, e a principal-filha de Sisamnes, um juiz notório que foi posto a morte com grande crueldade pelo rei por causa de um mau serviço. Sisamnes pode estar em Shamash-ammanu-(shallim babilônico). Se ele era o irmão e Otanes o sobrinho de Mordecai, nós podemos responder facilmente pela facilidade com que o posterior e tem a custódia Ester, estava avançado e confirmado nas Posições deles no tribunal, de Xerxes.

2. Em Esdras

Um Assuero é mencionado em Ed 4:6, como um para quem algumas pessoas não mencionadas escreveram uma acusação contra Judá e Jerusalém. Ewald e outros sugeriram que este Assuero fosse Cambises, o filho e sucessor de Ciro. Parece ser mais provável que

Xerxes, o filho e sucessor de Dario Histaspis, são significados: primeiro, porque no verso seguinte Artaxerxes, o filho e sucessor de Xerxes, são mencionados; e secundariamente, porque nós não temos nenhuma evidência qualquer que Cambises já foi chamado Assuero, considerando que há certeza absoluta que o Acaricia Khshayarsha, o hebraico *ahashwerosh*, o grego *Assoueros* ou Xerxes, e o Assuero latino, são o equivalente exato de um ao outro.

3. Em Tobias (LA)

No livro apócrifo de Tobias (14:15, a KJV) é dito que antes que Tobias morresse que ele ouviu falar da destruição de Nínive que foi levado por Nabucodonosor e *Assoueros*. Este *Assoueros* pode ter sido nenhum diferente de Ciaxares que de acordo com Heródoto (i. 196) levou Nínive e reduziu os assírios em sujeição, com a exceção do distrito babilônico. Como nós veremos abaixo, ele provavelmente estava igual ao Assuero de Dn 9:1. A frase “que foi levado por Nabucodonosor e *Assoueros*” não é achada na versão Siríaca de Tobias.

4. Em Daniel

Um Assuero é dito em Dn 9:1 para ter sido o pai de Dario o Medo, e ter sido da semente dos Medos. É provável que este Assuero esteja igual ao Uvakhshatara do recenseou Persa da inscrição de Behistun que no babilônico é Umaku'ishtar, no Susian Makishtarra, e em Herod Cyaxares. Será notado que o Cyaxares grego e o Akhashwerosh hebreu omitem a uva de preformative - e o “t” da forma Persa Uvakhshatara. Que este rei Mediano teve filhos que vivem pelo tempo de Ciro que é mostrado pelo fato que dois aspirantes de rebelde para o trono no tempo de Dario Histaspis reivindicaram serem os filhos dele, para inteligência: Fravartish, um Mediano, que mentiu, enquanto dizendo, “eu sou Khshathrita da família de Uvakhshatara” (Behistun Inscr. col. II, v); e Citrantakhma que disse “eu sou o rei em Sagartia da família de Uvakhshatara” (id, II, xiv). Se nós aceitamos a identificação de Gubaru com Dario o Medo, então o posterior pode ter sido bem outros dos filhos dele, no princípio um substituto-rei para Astiages o Scythian, como ele era posterior a Ciro o persa.

Aava

a-ha'va (, *'ahawa*):O rio na Babilônia nos bancos do qual Esdras se reuniu os judeus que o acompanharam para Jerusalém. A este encontro a companhia se acampou durante três dias para fazerem preparação para a viagem difícil e perigosa, cerca de 1448 Km (Ed 8:15). Em revisar as pessoas e os sacerdotes Esdras não viu nenhum levita entre eles; ele enviou então a Ido, “o chefe no lugar Casifia,” um pedido para ministros para o templo. Vários levitas com 220 netinim voltou ao encontro com a delegação. Esdras tinha expressado ao rei a fé dele na proteção de Deus; então, estando envergonhado de pedir para uma escolta militar ele proclamou um jejum para buscar de Deus “um modo direto.” Ezra nomeou 12 sacerdotes ao cuidado do oferecimento para o templo em Jerusalém. Quando tudo estavam prontos a companhia “passado do rio Aava,” e viajou em segurança para Jerusalém.

Este rio, aparentemente chamou depois de uma cidade ou distrito para os quais fluiu (Ezr_8: 15), permanece não identificado, entretanto foram feitas muitas conjecturas. Rawlinson pensa que é o “É” de Heródoto (i. 79), agora chamou “Golpe,” que fluiu além de uma cidade do mesmo nome na bacia de Eufrates, 8 dias de viagem da Babilônia. Alguns identificam o distrito com “Ivvah” (II Rs 18:34, etc.). Provavelmente, porém, este era um dos numerosos canais que cruzaram a Babilônia, enquanto fluindo do Eufrates para uma cidade ou distrito “Aava.” nesse caso, identificação é impossível.

Acaz

a'haz (, *'ahaz*, “ele agarrou,” II Rs 16; II Cr 28; Is 7:10; [A](#) , *Achaz*).

1. Nome

O nome está igual a Jeoacaz; conseqüentemente se aparece na inscrição assíria de Tiglate-Pileser de 732 a.C, como *la-u-ha-zi*. Os historiadores sagrados podem ter derrubado a primeira parte do nome por causa do caráter do rei.

2. A Acessão

Acaz era o filho de Jotão, rei de Judá II Rs 15:38. Ele teve sucesso ao trono à idade de 20 anos (de acordo com outra leitura 25). A cronologia do reinado dele é difícil, como o filho Ezequias dele é declarado para ter sido 25 anos de idade quando ele começou há reinar 16 anos depois (II Rs 18:2). Se a acessão de Acaz seja colocada já em 743 a.C, o avô dele Uzias, longo incapaz executar as funções do serviço por causa da lepra dele (2Cr 26:21), ainda deveria ter estado vivo. (Outros datam Acaz depois, quando Uzias, para quem Jotão tinha agido como regente, já estava morto.)

3. Idolatrias cedo

Embora tão jovem, Acaz parece ter golpeado completamente fora um curso independente imediatamente oposto às tradições religiosas da nação dele. Os primeiros passos dele nesta direção eram as causas para ser feito imagens fundidas e circulação de Baalins, e a revigoração no vale de Hinom, sul da cidade, das abominações da adoração de Moloque (2Cr 28:2,3). Ele é declarado por ter feito o próprio filho dele “atravessar o fogo” (II Rs 16:3); o cronista põe isto mais fortemente: ele “queimado as crianças dele no fogo” (2Cr 28:3). Outros atos de idolatria eram seguir.

4. Perigo da Síria e Israel

O reino de Judá estava neste momento em sério perigo. Rezim, rei de Damasco, e Peca, rei de Samaria, já teve, nos dias de Jotão, começado a molestar Judá (II Rs 15:37); agora uma conspiração foi formada para destronar o jovem Acaz, e fixou no trono um certo “filho de Tabeel” (Is 7:6). Um avanço dos dois reis foi feito contra Jerusalém, embora sem sucesso (II Rs 16:5; Is 7:1); os judeus foram expelidos de Elate (II Rs 16:6), e o país foi saqueado, e grandes números levados cativo (2Cr 28:5). A consternação era universal. O coração de Acaz “tremeu, e o coração das pessoas dele, como as árvores do tremor de floresta com o vento” (Is 7:2). No desespero Acaz atraiu ao rei da Assíria para ajuda (II Rs 16:7; 2Cr 28:16).

5. As Mensagens de Isaías para o rei

Entre o alarme geral e perturbação, um homem intato por isto em Jerusalém o profeta era Isaías. Isaías, aparentemente sem ajuda, se fixou mudar a sorte de opinião pública do canal no qual estava correndo, o buscando de ajuda da Assíria. A atração dele era o rei e as pessoas. Por direção Divina, conhecendo Acaz “ao término do canal da piscina superior, na estrada do campo mais cheio,” ele bade ele não tem nenhum medo de “estes dois rabos de fumar tições,” Rezim e Peca, para, como tochas agonizantes, seriam extintos eles rapidamente (Is 7:3). Se ele não acreditasse isto que ele não seria estabelecido (Is 7:9). Não ganhando a confiança do rei jovem, Isaías foi enviado em uma segunda vez, com a oferta de Yahweh de qualquer sinal Acaz escolheu perguntar, “ou na profundidade, ou na altura sobre,” em atestação da verdade da palavra Divina. O monarca frívolo recusou o arbitrariamente no chão hipócrita, “eu não perguntarei, nem eu não tentarei Yahweh” (Is 7:10-12). Possivelmente os embaixadores dele já foram despachados ao rei assírio. Sempre que eles foram, eles levaram com eles um subsídio grande com que comprar o favor daquela regra (II Rs 16:8). Isaías estava nesta ocasião, em resposta para Acaz, deu para a profecia tranquilizadora de Emanuel (Is 7:13).

6. A Tablóide de Isaías

Como cumprimentos as pessoas, Isaías foi dirigido para exibir em “uma grande tablóide” as palavras “Maer-Salal-Has-Baz” (“rápido o espólio, veloz a presa”). Isto foi atestado antes das duas testemunhas, um de quem era Urias, o sacerdote. Era um testemunho solene que, sem qualquer ação por parte de Judá, “serão levadas as riquezas de Damasco e o espólio de Samaria fora antes do rei de Assíria” (Is 8:1-4).

7. Queda de Damasco e Seus Resultados

Era como o profeta tinha predito. Damasco caiu, Rezim foi morto (II Rs 16:9), e Israel foi invadido (II Rs 15:29). A ação trouxe alívio temporário a Judá, mas teve o efeito de colocar debaixo do salto de sapato de Assíria. Todo o mundo vivendo então souberam que não pudesse haver nenhuma aliança igual entre Judá e Assíria, e que o pedido para ajuda, acompanhou pela mensagem, “eu sou o criado e teu filho” (II Rs 16:7,8) e por “presentes” de ouro e prata, significou a submissão de Judá e o pagamento anual de um tributo pesado. Tido a deliberação de Isaías sido seguido, Tiglate-Pileser provavelmente vai, nos próprios interesses dele, foi compelido para esmagar a coalizão, e Judá teria retido a liberdade dela.

8. O Relógio solar de Acaz

A tempestade política que tem passado para o presente, com a perda final do porto importante de Elate no Mar Vermelho (II Rs 16:6), Acaz virou a atenção dele a perseguições mais congeniais. O rei era um pouco de um dileitante em assuntos de arte, e ele montou um relógio solar que parece ter consistido em umas séries de passos organizou um pilar curto para círculo, o ser de tempo indicado pela posição da sombra nos passos (compare II Rs 20:9-11; Is 38:8). Como é considerado possível para a sombra para devolver 10 passos, está claro que cada passo não marcou por hora do dia, mas algum período menor.

9. A pia e o Mar De bronze

Outro ato do rei era remover das bases ornamentais elaboradas nas quais eles tinham estado de pé (compare I Rs 7:27-39), as dez camadas de Solomão, e também remover o mar fundido de Solomão dos 12 touros de bronze que apoiaram isto (compare I Rs 7:23-26), o mar que é colocado em uma plataforma elevada ou pavimento (II Rs 16:17). De Jr 52:20 onde o profeta vê “os 12 touros de bronze que estavam debaixo das bases,” foi conjecturado que o objeto da mudança pode ter sido transferir as camadas às parte de trás dos touros.

10. O Altar de Damasco

Para isto foi somado, contudo um ato mais ousado de impiedade. Em 732 a.C, Acaz estava, com outros príncipes vassalos, chamou para Damasco para prestar homenagem a Tiglate-Pileser (II Rs 16:10; o nome dele se aparece na inscrição assíria). Lá ele viu um altar pagão de padrão fantástico que grandemente o agradou. Um modelo disto foi enviado a Urias o sacerdote, com instruções ter uma cópia aumentada disto colocado no tribunal do templo. No retorno do rei para Jerusalém, ele sacrificou no altar novo, mas, não satisfez com sua posição, deu ordens para uma mudança. O altar tinha sido colocado aparentemente no lado oriental do altar velho; direções eram agora determinadas para o altar de bronze a ser movido ao norte, e o altar de Damasco a ser colocado em linha com isto, em frente ao templo que ambos damos honra igual. Foram dadas ordens mais adiante a Urias que os sacrifícios habituais deveriam ser oferecidos no altar novo, agora chamou “o grande altar,” enquanto o rei reservou o altar de bronze para ele “indagar por” (II Rs 16:15).

11. Mais Impiedades adiante

Nem sequer isto não esvaziou as inovações reais. Nós aprendemos de uma nota posterior que as portas da varanda do templo estavam fechadas, que o castiçal dourado não estava iluminado, que o oferecimento de incenso não foi feito, e outras solenidades estavam suspensas (2Cr 29:7). Não é improvável que era Acaz para cima que fixou 'os cavalos do sol' mencionou em II Rs 23:11, e lhes deu acomodação no recinto do templo. Ele construiu certamente “altares... no telhado da câmara superior de Acaz,” talvez sobre a varanda do templo, para a adoração dos corpos celestes (II Rs 23:12). Muitas outras idolatrias e atos de apostasia nacionais estão relacionados e relativos a ele (2Cr 28:22).

12. Retorno de Hostilidades

Nos anos posteriores do reinado infeliz dele havia um retorno de hostilidades com os habitantes da Filistia e Edom, este tempo com desastre para Judá (veja a lista de lugares perdida em 2Cr 28:18, 19). Nova atração foi feita agora a Tiglate-Pileser cujo sujeito era Acaz, e foram enviados presentes caros do templo, o palácio real, e até mesmo as casas dos príncipes de Judá, mas sem proveito (2Cr 28:19-21). O assírio 'aflito' Acaz, mas não fez nenhuma ajuda. Na dificuldade dele o rei mau só “ainda infringiu mais” (2Cr 28:22).

13. Morte de Acaz

Acaz morreu em 728 a.C, depois de 16 anos de poder abusado. A exultação com que o evento foi considerado é refletida na pequena profecia de Isaías escrita “pelo ano que o rei Acaz morreu” (Is 14:28-32). A declaração em II Rs 16:20 que Acaz “foi enterrado com os pais dele na cidade de Davi” será entendido na luz de 2Cr 28:27, que ele foi enterrado em Jerusalém, mas que o corpo dele não foi posto nos sepulcros dos reis de Israel. O nome dele aparece nas genealogias reais em 1Cr 3:13 e Mt 1:9.

Acaz, relógio de. Veja DIAL DE AHAZ.

Acazias

a-ha-zí'a (, 'ahazyah e , 'ahazyahu “cabos de Yah, ou sustenta”):

I. Acazias

Filho de Acabe e Jezabel, oitavo rei de Israel (I Rs 22:51 por II Rs 1:18).

1. O Reinado dele

Acazias restou o rei em cima do Israel no décimo sétimo ano de Jeosafá, rei de Judá, e ele reinou dois anos, 854-853 a.C. Há, uma incongruência entre o sincronismo e o comprimento dos reinados dos reis. Jeosafá começou a reinar no quarto ano de Acabe (I Rs 22:41), e ele reinou 22 anos (I Rs 16:29). Adequadamente o primeiro ano de Acazias, no vigésimo segundo ano de Acabe, desabaria no décimo nono ano de Jeosafá. A declaração cronológica em II Rs 1:17 provavelmente é levada do Siríaco, e ambos estão em ira de harmonia que um método de computação seguiu através de certos manuscritos gregos.

2. O Caráter dele

Um nome bom não assegura um caráter bom. Acazias, o “sustentado por Deus,” serviu Baal e o adorou, provocou e enfureceu

Yahweh, o Deus de Israel, da mesma maneira que o pai dele antes dele tinha feito. Ele parece ter sido fraco e infeliz, e calamidades em sucessão rápida o procuraram.

3. A Revolta de Moabe

Acabe tinha buscado o bem e tinha se tornado um inimigo para o melhor. A casa dele e a nação sofreram as conseqüências. “Moabe se rebelou contra o Israel depois da morte de Acabe.” Acazias parece ter sido muito fraco para oferecer resistência. A Pedra Moabita data a revolta nos dias de Acabe. Nenhuma dúvida começou na hora de Acabe por última campanha contra a Síria.

4. A Aliança Marítima dele

De acordo com I Rs 22:48 Acazias tentou formar uma aliança com Jeosafá rei de Judá reavivar o tráfico marítimo antigo, mas falhou. De acordo com 2Cr 20:35-37 foi consumada a aliança por causa da qual o empreendimento não veio a nada. Veja JEOSAFÁ.

5. A Doença e a Morte dele

Acazias sofreu um acidente severo no apartamento superior dele em Samaria, e se deita doente II Rs 1:2. Como um filho merecedor de Jezabel e Acabe, ele enviou para os mensageiros consultar Baal-Zebube, o deus de Ecrom, relativo à recuperação dele. Mas Israel pertenceu a Yahweh. Adequadamente os mensageiros foram conhecidos pelo profeta Elias que durante a última vez adverte contra as influências morais corrompidas da religião de Baal. “Por que enviaste mensageiro a consultar a Baal-Zebube, deus de Ecrom? Porventura é porque não há Deus em Israel, para consultares a sua palavra? Portanto, desta cama a que subiste não descerás, mas certamente morrerás” era a mensagem que ele mandou de volta para a embaixada, e a morte do rei seguiu rapidamente.

II. Acazias

Sexto rei de Judá (II Rs 8:25-29; II Rs 9:16 f = 2Cr 22:1-9); também mencionado como Jeoacaz (2Cr 21:17; 2Cr 25:23) que somente é uma transposição do componente separa da combinação. A forma “Azarias” (2Cr 22:6) é um erro, quinze manuscritos hebraicos e todas as versões que lêem Acazias.

1. O Reinado Breve dele

Acazias, filho mais jovem de Jeorão, começou a reinar no décimo segundo ano (II Rs 8:25) de Jeorão rei de Israel. Em II Rs 9:29 é declarado como o décimo primeiro. O anterior provavelmente é o hebraico, o posterior o método grego de computação, a Septuaginta Lucas que também lê décimo primeiro entre II Rs 8:25. Ele tinha 22 anos quando ele começou a reinar e ele reinou um ano (II Rs 8:26). A leitura “quarenta dois” (2Cr 22:2) é um erro do escriba, desde de acordo com 2Cr 21:5, 20 Jeorão o pai só tinha 40 anos na hora da morte dele. Siríaca, árabe e Lucas leram 22, Códex da Septuaginta Vaticano 20. Veja CRONOLOGIA DO TESTAMENTO VELHO.

2. O Caráter dele

(Compare II Rs 8:27; 2Cr 22:3,4.) devido ao desastre que aconteceu a casa real (2Cr 21:16,17), os habitantes de Jerusalém colocaram Acazias o filho mais jovem no trono. Que “ele entrou no modo da casa de Acabe” é exemplificado através de Crônicas ao efeito que a mãe dele, a filha de Jezabel, o aconselhou dos modos de maldade e que a casa de Acabe o conduziu à destruição dele. A influência de Jezabel estava no trabalho em Judá. Acazias dedicou “coisas sagradas” para Yahweh (II Rs 12:18), mas ele fez mal nos olhos de Yahweh.

3. A Aliança dele com Jeorão de Israel

(Compare II Rs 8:28,29; 2Cr 22:5,6.) Acazias cultivou as relações que tinham sido estabelecido entre os dois reinos por Acabe. Adequadamente ele uniu o tio dele Jeorão de Israel em uma expedição contra Hazael, rei da Síria. Ramote-Gileade foi capturada e segurou para o Israel contra o rei de Síria (II Rs 9:14). Porém, Jeorão de Israel estava ferido e voltou a Jezreel para ser curado das feridas dele. Percebe-se que o exército foi partido em custo de Jeú a Ramote-Gileade. Acazias foi aparentemente para Jerusalém e depois abaixou Jezreel para visitar Jeorão. Enquanto isso Jeú formou uma conspiração contra Jeorão.

4. A Morte dele

A morte de Acazias, como contado em II Rs 9:16 f, difere da conta em 2Cr 22:7-9. De acordo com a conta em Reis, Acazias que é Jeorão visitante, o une em uma carruagem separada conhecer Jeú. Jeorão que suspeita deslealdade vira para fugir, mas uma flecha do arco de Jeú perfura o coração dele e ele morre na carruagem dele. Acazias tenta escapar, mas é colhido perto de Ibleam e mortalmente ferido por um dos homens de Jeú. Ele fugiu à fortaleza de Megido onde ele morreu. Os criados dele carregaram o corpo dele em uma

carruagem para Jerusalém onde ele foi enterrado. De acordo com o cronista, é abreviada esta conta muito (2Cr 22:7 f). A destruição dele é de Deus por causa da aliança dele com Jeorão. Jeú que estava executando julgamento na casa de Acabe matou Acazias primeiro. Ele buscou Acazias que estava escondendo em Samaria então. Quando ele foi achado, ele foi trazido a Jeú e pôs a morte. Ele foi enterrado, mas onde e por quem não sabemos.

Que havia outras tradições com respeito à morte de Acazias é provado por Josefo que diz que quando Acazias estava ferido que ele deixou a carruagem dele e fugiu a cavalo para Megido onde ele se preocupou bem para pelos criados dele até que ele morreu (Antig, IX, vi, 3).

Abã

a'ban (, *'ahban*, “o irmão de um inteligente” [A](#) , *Achabar*): O filho de Abisur da tribo de Judá (1Cr 2:29).

Aer

a'he-r (, *'aher*, “outro”; [A](#) , *Aer*): Um homem de Benjamim (1Cr 7:12), aparentemente uma forma contraída, talvez igual a Airão (a KJV) (Nm 26:38) ou Aará (1Cr 8:1).

Ahi; Ah

Em próprios nomes (, *'ahi* ou , *'ah* “o irmão”): O uso é praticamente o mesmo com isso de *abh*, *'abhi*. Veja ABI; NOMES, PRÓPRIOS.

Aíja

a-hi'a: Uma variante na KJV (1Sm 14:3, 18; I Rs 4:3; 1Cr 8:7) para AÍJA. Também na Versão Revisada (britânico e americano) (Ne 10:26). Veja AÍJA 2.

Aião

a-hi'am (, *'ahi'am*, “o irmão de mãe”): Um dos trinta heróis de Davi. Ele era o filho de Sarar (2Sm 23:33) ou de acordo com 1Cr 11:35 de Sacar, o Hararita.

Aiã

a-hi'an (, *'ahyan*, “fraterno”): Um filho de Semida da tribo de Manassés (1Cr 7:19).

Aiezer

a-hi-e'zer (, *'ahi' ezer*, “o irmão ajuda é”): **(1)** Um filho de Amisadai, um príncipe de Dã que agiu como representante da tribo dele várias ocasiões. (Veja Nm 1:12; Nm 2:25; Nm 7:66, 71; Nm 10:25.) **(2)** Um dos homens poderosos ou guerreiros que uniram Davi a

Ziclague quando um era fugitivo de Saul (1Cr 12:3).

Aiúde

a-hi'hud (, *'ahihudh*, “o irmão é a majestade”): **(1)** Um dos homens principais da tribo de Aser. Ele foi selecionado por Moisés para ajudar a dividir o oeste de terra do Jordão (Nm 34:27). **(2)** Um filho de Eude da tribo de Benjamim (1Cr 8:6, 7). O texto aqui está obscuro e provavelmente corrompido.

Aías

a-hi'ja (, *'ahiyahor* , *'ahiyahu*, “o irmão de Yahweh,” “meu irmão é Yahweh,” “Yah o irmão é.” Na KJV o nome às vezes se aparece como Ahiah):

(1) um dos filhos de Jerameel o bisneto de Judá (1Cr 2:25).

(2) um descendente de Benjamim (1Cr 8:7).

(3) o filho de Aitube, sacerdote no tempo do rei Saul (1Sm 14:3, 18). Ou ele é o mesmo com Aimeleque que é mencionado depois ou ele é o pai ou irmão de Aimeleque. Ele é apresentado a nós quando Saul foi tão longo no trono que o filho Jônatas dele é um homem crescido e guerreiro. Ele está em frequência em Saul, evidentemente como um sacerdote chefe, “usando um Éfode.” Quando Saul deseja direção de Deus que ele pede para o sacerdote que traga a arca para cá; entretanto, sem esperar pela mensagem, Saul conta a confusão no acampamento Filisteu uma indicação suficiente do testamento de Providência, e pressas fora para o ataque. Algumas cópias do grego aqui leram “*ephod*” em vez de “arca,” mas a evidência do documentário a favor daquela leitura é longe de decisivo. Se a leitura hebraica está correta, então a exclusão da arca, do tempo de seu retorno da Filistia para o tempo de Davi, não era tão absoluto como muitos supôs. Veja AIMELEQUE I.

(4) um dos homens poderosos de Davi, de acordo com a lista em 1Cr 11:36. O nome correspondente na lista em 2Sm 23:34 é Eliã o filho de Aitofel o gilonita.

(5) um levita do tempo de Davi que teve custo de certos tesouros conectados com a casa de Deus (1Cr 26:20). As cópias gregas pressupõem o texto ligeiramente diferente que cederia o inglês “e os irmãos deles,” em vez de Aías. Isto é aceito por muitos estudantes, e é pelo menos mais plausível que a maioria das correções propostas do texto hebraico pelo grego.

(6) o filho de Sisa e irmão de Eliorefe (I Rs 4:3). Os dois irmãos eram os escriturários de Solomão. Enlate os escriturários Aías e Semaías (1Cr 24:6) seja identificado com os homens dos mesmos nomes que, depois, era conhecido como profetas distintos? Sisa provavelmente é o mesmo com Sarsa (1Cr 18:16; compare 2Sm 8:17; 2Sm 20:25), que era o escriturário debaixo de Davi, o escritório neste caso que descende de pai a filho.

(7) o profeta distinto de Siló que estava interessado em Jeroboão I. Na vida de Solomão Aías se vestiu com um roupão novo, Jeroboão se encontrado fora de Jerusalém, rasgou o roupão em doze pedaços, e lhe deu dez, em símbolo que ele deveria se tornar o rei das dez tribos (I Rs 11:29-39). Depois, quando Jeroboão provou ser infiel a Yahweh, ele enviou a esposa dele a Aías perguntar com respeito ao filho doente deles. O profeta a recebeu severamente, predisse a morte do filho, e ameaçou a exterminação da casa de Jeroboão (I Rs 14). A narrativa deixa a impressão que Aías estava neste momento um homem muito velho (I Rs 14:4). Estes incidentes são narrados diferentemente na adição longa a I Rs 12:24 achados em algumas das cópias gregas. Naquela adição a conta do menino doente precede isso do artigo de vestuário de alugar, e é colocado entre a conta do retorno de Jeroboão do Egito e que da secessão das dez tribos, uma ordem na qual é impossível pensar que os eventos aconteceram. Mais adiante, esta adição atribui o incidente do artigo de vestuário de alugar a Semaías e não para Aías, e diz que Aías tinha 60 anos.

Outras notificações falam do cumprimento das profecias ameaçadoras falada por Aías (2Cr 10:15; I Rs 12:15; I Rs 15:29). Em II Crônicas “a profecia de Aías o silonita” está chamado uma fonte para a história de Solomão (2Cr 9:29).

(8) o pai do rei de Baasa de Israel (I Rs 15:27, 33; I Rs 21:22; II Rs 9:9).

(9) um levita do tempo de Neemias que marcou a convenção (Ne 10:26 a KJV). Veja AÍAS 2.

Aicão

a-hi'kam (, *'ahikam*, “meu irmão se levantou”): Um homem proeminente do tempo de rei Josias e as décadas seguintes (II Rs 22:12,14; II Rs 25:22; 2Cr 34:20; Jr 26:24; Jr 39:14; Jr 40:5; Jr 41:1; Jr 43:6). Ele o filho de Safã era que muito provável será identificado com Safã o escrivão que estava naquele momento tão proeminente. Aicão era o pai de Gedalias quem, na captura de Jerusalém, Nabucodonosor fez o governador da terra. Aicão era um sócio da delegação enviado por Josias à profetisa Hulda a consultar relativo aos conteúdos do Livro da Lei que tinham sido achados. Debaixo de Jeoiaquim ele teve influência suficiente para proteger Jeremias de ser posto a morte. Na captura de Jerusalém Nabucodonosor cometeu Jeremias ao cuidado de Gedalias. Está claro que Safã e o filho dele, como Jeremias, pertenceram à festa que segurou que os homens de Judá estavam debaixo de obrigação manter o juramento que eles tinham jurado de Babilônia.

Ailude

a-hi'lud (, *'ahiludh*, “o irmão de criança,” talvez): O pai de Jeosafá como que é mencionado “registrador” em ambos o mais cedo e as listas posteriores debaixo de Davi, e na lista debaixo de Solomão (2Sm 8:16 e 1Cr 18:15; 2Sm 20:24; I Rs 4:3). Na ausência de prova podemos assumir nós que o pai de Baana, um dos superintendentes do distrito de Solomão, é o mesmo Ailude (I Rs 4:12).

Aimaaz

a-hi-ma'az, a-him'a-az (, *'ahima _ac*, talvez “meu irmão é raiva,” ou “o irmão de raiva”):

(1) o pai de Ainoã a esposa do rei Saul (1Sm 14:50).

(2) o filho de Zadoque o sumo sacerdote (1Cr 6:8, 9, 53). Com o pai dele ele permaneceu leal nas rebeliões para ambos Absalão e de Adonias. Com Jônatas o filho de Abiatar ele levou informação quando ele fugiu de Absalão (2Sm 15:27,36; 2Sm 17:17, 2Sa_17:20). Ao próprio pedido urgente dele ele levou novidades a Davi depois da morte de Absalão (2Sm 18:19). Ele falou para o rei da vitória, e também, pela relutância dele falar, o informou da morte de Absalão. Pela relutância dele e a condolência dele amoleceu ele um pequeno a mensagem que o cusita presentemente repetido mais severamente.

Aquele Aimaaz não sucedeu o pai dele como sumo sacerdote foi deduzido do fato que na lista de Solomão de cabeças de departamentos (I Rs 4:2) Azarias que é o filho de Zadoque é mencionado como sacerdote. É assumido que este Azarias é o que aparece na genealogia como o filho de Aimaaz, e que porque alguma razão que Aimaaz foi omitido da sucessão. Estas conclusões não estão justificadas pelo registro, entretanto possivelmente o registro não os contesta absolutamente. Como o posto de lista que faz para Zadoque e para Abiatar os sumos sacerdotes. Azarias e Zabude, o filho de Natã (I Rs 4:2, 5), é falado de como segurando escritórios sacerdotais de um tipo diferente. Aimaaz pode ter morrido cedo, ou pode ter seguido alguma outra carreira, mas o fato simples é que nós não sabemos.

(3) Aimaaz, em Naftali, era um dos doze oficiais do comissário de Solomão (I Rs 4:15), que se casou Basemate a filha de Solomão. Não é impossível que ele fosse Aimaaz o filho de Zadoque, entretanto não há nenhum à prova de àquele efeito.

Aimã

a-hi'man (, *'ahiman*, talvez, “o irmão de fortuna,” ou, “meu é irmão fortuna”):

(1) um dos nomes dado como esses dos três “os filhos de Anaque” (Nm 13:22; Js 15:14; de Nm 13:28; 2Sm 21:16,18), ou os três “os filhos do Anaque” (Js 15:14; Jz 1:20). Os três nomes (Aimã, Sesai, Talmai) também aconteça junto em Jz 1:10. A palavra Anaque na Bíblia hebraica tem o artigo definido menos em Nm 13:33 e Dt 9:2. Seu uso é de um substantivo comum que denota um certo tipo de homem, em lugar de entretanto como o próprio nome de uma pessoa ou um clã, esta necessidade não prevenir nosso pensamento do Anaquins como um clã ou grupo de clãs que consideraram Arba como o fundador deles. A pergunta é levantada se Aimã e Sesai e Talmai serão pensados de como pessoas ou como clãs. A compreensão mais natural das declarações da Bíblia é certamente ao efeito que eles eram os líderes pessoais entre os Anaquins de Quiriate-Arba (Hebrom). Eles foram atingidos duramente e desapropriados pela tribo de Judá, com o líder Calebe.

(2) um levita, um dos porteiros dos mais recentes tempos da Bíblia (1Cr 9:17). Ele é associado com Acube e Talmom e os irmãos deles: compare Ne 11:19.

Aimeleque

a-him'e-lek (, *'ahimelekh*, “o irmão de um rei,” ou, “meu irmão é o rei,” ou, “o rei é o irmão”):

(1) o pai do sumo sacerdote Abiatar nos dias de Davi: filho de Aitube, o filho de Finéias, o filho de Eli (1Sm 21:1, 2,8; 1Sm 22:9-20; 1Sm 23:6; 1Sm 30:7). Aias o filho de Aitube (1Sm 14:3, 18) ou era a mesma pessoa debaixo de outro nome, ou era o pai de Aimeleque ou irmão. Veja AÍAS, item 3. Aimeleque é uma pessoa interessante, especialmente porque ele agüenta qualquer informação que nós temos relativo ao escritório sacerdotal em Israel durante o período entre Eli e Davi. Se a lei de Deuteronômio para um santuário central originado com Moisés ou não, suas providências eram mesmo imperfeitamente levadas a cabo durante o período dos Juízes. Este buscou particularmente o caso a captura da arca pelos Filisteus, e as mortes de Eli e os filhos dele. Daquele tempo para o meio do reinado de Davi a arca estava na custódia dos homens de Quiriate-Jearim “na colina,” ou “em Gibeá” (1Sm 7:1; 2S 6:2,3). Como uma proposição geral Israel “não buscou até isto” (1Cr 13:3), entretanto não há nada que proibir a idéia que pode, em ocasião, foi tirado de sua exclusão (1Sm 14:18). Antes de e depois da acessão de Saul foram negociados algumas das funções do santuário nacional, claro que mesmo incompleto, a Gilgal (1Sm 10:8; 1Sm 11:14, 15; 1Sm 13:7; 1Sm 15:12, 21,33). Se havia um sacerdócio, com Aitube o neto de Eli como sumo sacerdote, é uma questão na qual nós não temos nenhuma informação; mas nós podemos nos lembrar que a suposição comum que tais homens como Samuel e Saul executaram escritórios sacerdotais está nada mais que uma suposição.

Depois que Saul fosse rei durante uns muitos anos bons que nós achamos Aias no acompanhamento dele, como sacerdote e usando vestuários sacerdotais. Algum ano posterior está Aimeleque à cabeça do estabelecimento sacerdotal muito considerável a Nobe. A balança na qual existiu é indicada pelo fato que 85 sacerdotes vestidos pereceram no massacre (1Sm 22:18). Eles tiveram famílias que residiam em Nobe (1Sm 22:19). Eles foram pensados de como sacerdotes de Yahweh, e foi segurado em reverência (1Sm 22:17). Era um sacerdócio hereditário (1Sm 22:11, 15). Os homens depositaram oferecimentos de votos, a espada de Golias, lá, por exemplo, (1Sm 21:9). Lá parece ter sido algum amável de autoridade policial, por meio de que uma pessoa poderia ser “detido” (1Sm 21:7). Era habitual para indagar lá de Yahweh (1Sm 22:10,15). Uma distração foi feita entre a terra comum e o santo (1Sm 21:4-6). O costume do pão foi mantido (1Sm 21:6). Em multa, Jesus está extremamente correto chamando o lugar “a casa de Deus” (Mc 2:26). A conta não diz que a arca estava lá, ou que o queimar oferecimento da manhã e noite foi oferecido, ou que os grandes festivais foram segurados. A cabeça sacerdotal do estabelecimento em Nobe é representada para ter sido o homem que teve o direito ao escritório pela descida dele de Aarão. É gratuito assumir que havia outros santuários semelhantes em Israel, entretanto a proposição que não havia nenhum poderia ser, como outras proposições negativas, duro estabelecer através de prova positiva.

(2) um filho de Abiatar (2Sm 8:17; 1Cr 18:16; 1Cr 24:6), e neto do anterior. Em uma lista das cabeças de departamentos debaixo de Davi, uma lista que pertence depois que o meio dos 40 anos de Davi, e qual os filhos de Davi aparece, este Aimeleque, o filho do amigo de Davi, é mencionado como compartilhando com Zadoque uma posição alta no sacerdócio. Nesta capacidade, depois, ele compartilhou com Davi e Zadoque na partilha dos sacerdotes em 24 classes ancestrais, 16 da casa de Eleazar, e 8 da casa de Itamar (1 Cr 24). Nesta conta Aimeleque é mencionado três vezes, e com algum detalhe. É alegado como uma dificuldade que Abiatar estava então vivo, e era o sumo sacerdote junto com Zadoque (1Cr 15:11; 2Sm 15:29; 2Sm 19:11; 2Sm 20:25; I Rs 2:27,35; I Rs 4:4, etc.). Mas seguramente não há nenhuma improbabilidade na afirmação que Abiatar teve um filho nomeado Aimeleque, ou que este filho executou funções sacerdotais proeminentes na vida do pai dele.

Muitos consideram “Aimeleque o filho de Abiatar” (Mateus dá Aimeleque) como uma transposição inadvertida para “Abiatar o filho de Aimeleque.” Isto é bastante plausível na passagem em 2 Samuel 8 e a duplicata disto em 1Cr 18:16, mas não tem nenhuma aplicação na conta detalhada em 1 Cr 24. A pessoa tem que aceitar Aimeleque o filho de Abiatar como histórico a menos que, realmente, a pessoa considera o testemunho de Crônicas a um fato como evidência em refutação daquele fato. Veja ABIATAR.

(3) um hitita, um companheiro e amigo de Davi, quando ele estava escondendo de Saul no deserto (1Sm 26:6).

Aimote

a-hi'moth (, *'ahimoth*, “o irmão de morte,” ou, “meu irmão é morte”): Um descendente de Coate o filho de Levi (1Cr 6:25); o antepassado de Elcana o pai de Samuel. O nome Maate segura um lugar semelhante na lista que segue (1Cr 6:35).

Ainadabe

a-hin' a-dab (, *'ahinadhabh*, “o irmão de vontade,” ou, “meu irmão está disposto”): Decididamente o uso ordinário do *nadhabh* de raiz é denotar vontade em lugar de liberalidade ou nobreza. Um dos doze oficiais de comissário de Solomão (I Rs 4:14). Ele era o filho de Ido, e o distrito dele era Maanaim.

Ainoã

a-hi-no' am, a-hin' o-am (, *'ahino _ am*, “meu irmão é afabilidade”):

(1) a filha de Aimaaz, e esposa do rei Saul (1Sm 14:50).

(2) a mulher de Jezreel que David se casou depois que Saul desse Mical a outro marido. Ela e Abigail, a viúva de Nabal, parece ter sido Davi só esposas antes do começo do reinado dele em Hebrom. O matrimônio dele com Abigail são mencionados primeiro, com alguns detalhes, seguiu pela declaração, facilmente ser entendido no mais que perfeito, que ele tinha se casado Ainoã previamente (1Sm 25:39-44). Três vezes que eles são mencionados junto, Ainoã sempre primeiro (1Sm 27:3; 1Sm 30:5; 2Sm 2:2), e Ainoã é a mãe do primeiro filho de Davi e Abigail do segundo (2Sm 3:2; 1Cr 3:1). O filho de Ainoã era Amnom II Sm 3:2. O registro realmente representa a poligamia de Davi como umas séries de ofertas para influência política; os nomes de Amnom, Absalão, e Adonias sugerem que o método não era finalmente um sucesso.

Aiô

a-hi' o (, *'ahyo* , variação explicada como “o irmão dele,” “fraterno,” “o irmão de Yahweh,” “meu irmão é Yah”): são achados nomes próprios que contêm uma forma semelhante do nome de Yahweh recentemente no *ostraca* exumado a Samaria. A palavra sempre é tratada como um substantivo comum nas cópias gregas ordinárias, sendo feito qualquer um “o irmão” ou “os irmãos,” ou “o irmão dele” ou “os irmãos dele”; mas isto provavelmente será levado como um exemplo da inferioridade relativa do texto grego como comparado com o Texto Massorético. Veja OSTRACA.

(1) um dos filhos de Berias, o filho de Elpaal, o filho de Saaraim e Husim, pensou entre as famílias de Benjamim (1Cr 8:14). Berias e Sema são descritos como 'cabeças ancestrais “dos habitantes de Aijalom que afugentaram os habitantes de Gate.”

(2) um descendente de Jeiel (“o pai de Gibeão”) e o esposa dele Maacá (1Cr 8:31; 1Cr 9:37). O rei Saul veio aparentemente da mesma família (1Cr 8:30, 33; 1Cr 9:39).

(3) um dos homens que dirigiram o carro novo quando Davi tentou trazer a arca da casa de Abinadabe para Jerusalém primeiro (2Sm 6:3,4; 1Cr 13:7). Em Samuel Uzá e Aiô são chamados os filhos de Abinadabe. Pela compreensão mais natural dos dados Bíblicos tinham decorrido aproximadamente 100 anos desde então a arca foi trazida para a casa; eles eram os filhos daquele Abinadabe no senso de serem os descendentes dele. Se ele teve um sucessor do mesmo nome que vive pelo tempo de Davi é uma questão de conjectura.

Airá

a-hi' ra (, *'ahira* , “o irmão de mal,” ou, “meu irmão é mau”): Um homem de Naftali, contemporâneo com Moisés. Ele é cinco vezes mencionado como o filho de Enã. Ele era o representante da tribo dele que ajudou Moisés no censo (Nm 1:15). Ele era “o príncipe” hereditário da tribo; ele fez o oferecimento tribal (Nm 2:29; Nm 7:78; compare Nm 7:83), e era o chefe do anfitrião tribal quando na marcha (Nm 10:27).

Airão

a-hi' ram (, *'ahiram* , “o irmão exaltado,” ou “meu irmão é exaltado”): Um filho de Benjamim. Terceiro mencionado dos cinco em Nm 26:38,39. Em 1Cr 8:1 são mencionados cinco filhos igualmente, sendo numerado explicitamente; o terceiro nome, Aará (*'ahrah*), é conjecturado para ou ser uma corrupção de Airão ou um nome diferente para a mesma pessoa. Em 1Cr 7:6 está uma lista mais cheia de nomes dos Benjamitas, mas é fragmentário e não claro. Nisto acontece Aer (*'aher*) que pode ser Airão ou Aará com o fim da palavra

perdeu. Em Gn 46:21 são mencionados dez filhos de Benjamim, alguns que são contados lá como filhos que, nas outras listas, é falado de como descendentes mais remotos. Nesta lista Eí (*'ehi*), é talvez Airão encurtado. Veja AARÁ; AER; EÍ.

Airamita

a-hi'ram-it (, *'ahiram*, “da família de Airão”; Nm 26:38). Veja AIRÃO.

Aisamaque

a-his'a-mak (, *'ahisamakh*, “meu irmão apóia”): Um homem da tribo de Dã, pai de Aoliabe o assistente de Bezaleel estava na edificação do tabernáculo de se encontrar e preparar sua mobília (Ex 31:6; Ex 35:34; Ex 38:23).

Aisaar

a-hish'a-har (, *'ahishahar*, “o irmão do amanhecer”): Um dos filhos de Bilã, o filho de Jediael, o filho de Benjamim (1Cr 7:10).

Aisar

a-hish'ar (, *'ahishar*, “meu irmão cantou”): Mencionou na lista de Solomão dos cabeças de departamentos como “chefe dos trabalhos forçados ” (I Rs 4:6).

Aitofel

a-hith'o-fel (, *'ahithophel*, “o irmão de tolice,” talvez): O real líder da rebelião de Absalão contra Davi. Ele é descrito como “o conselheiro do rei,” em um contexto conectado com eventos alguns dos quais são datado no quadragésimo ano de Davi (1Cr 27:33,34; compare 1Cr 26:31). Relativo a ele e a parte dele na rebelião nós temos informação bastante cheia (2Sm 15:12).

Alguns seguram que ele era o avô de Bate-Seba, e faz muito disto formando as estimativas dele. A evidência sustenta esta visão? No posterior a metade da lista dos homens poderosos de Davi, não entre os veteranos mais velho com que a lista começa, aparece “Eliã o filho de Aitofel o gilonita” (2Sm 23:34), o nome correspondente na outra cópia do ser de lista “Aias o pelonita” (1Cr 11:36). É assumido que este é o mesmo Eliã para que fosse o pai Bate-Seba (2Sm 11:3). Aparentemente o Cronista testemunha (1Cr 3:5) que a mãe de Solomão era “Bate-Sua a filha de Amiel.” Bate-Sua pode ser facilmente uma variante de Bate-Seba, e os nomes que Eliã e Amiel são compostos das mesmas partes, só em ordem invertida. Não é estranho que os homens deduziram que o filho de Aitofel era o pai de Bate-Seba. Mas a conclusão realmente não é provável. O registro não deixa a impressão que Aitofel era um homem mais velho que Davi. Os eventos registrados da vida de Davi depois que o comportamento impróprio dele com Bate-Seba não possa ter ocupado menos de aproximadamente vinte anos; quer dizer, ele não pode ter sido na ocasião mais velho que aproximadamente cinquenta anos. Aquele Aitofel teve então uma filha principal casada, é menos provável que havia em Israel dois Eliã. Mais adiante, Aitofel não era o tipo de homem para conspirar contra os interesses da principal filha dele e o filho dela, porém ele pode, mais cedo, se ressentiu com a conduta de Davi para ela. O motivo de Aitofel na rebelião era indubitavelmente ambição para poder pessoal, entretanto ele compartilhou muito provável com muitos dos compatriotas dele na convicção que era injusto para empurrar um filho mais velho aparte elevando um filho mais jovem ao trono.

Aitofel tem uma reputação para sagacidade prática maravilhosa (2Sm 16:23). Ele não mostrou para isto se juntando à conspiração, mas está em evidência na administração dele dos afazeres. De acordo com o registro os corações das pessoas, apesar de muito falta eles tiveram que achar, era todo o tempo com Davi. Absalão só chance de sucesso estava pelo método de surpresa e estouro.

Deve haver uma crise na qual todo o mundo uniria Absalão porque todo o mundo pensou que todo o mundo tinha feito outro assim. Tal um estado de sentimento público poderia durar só uns muito poucos dias; mas se, nesses poucos dias, Davi poderia ser tirado do modo, Absalão poderia segurar o trono em virtude da popularidade pessoal dele e por falta de um rival. A primeira parte do programa foi levada a cabo com sucesso maravilhoso; quando veio à segunda parte, a sabedoria prática de Aitofel foi bloqueada pela atração hábil de Husai à vaidade pessoal de Absalão. Aitofel viu com clareza absoluta que Absalão tinha sacrificado a uma oportunidade dele, e ele se suicidou para evitar participação na derrota vergonhosa que ele viu não pôde ser evitado.

Aitube

a-hi'tob (, *Achitob*; a KJV Aquitobe): Um dos antepassados de Esdras (**LA** 1 Esdras 8:2; 2 Esdras 1:1). Compare AITUBE, 3 (Ed 7:2). Veja próximo verbete, AITUBE 2.

Aitube 2

a-hi'tub (, *'ahitubh*, “o irmão de bondade,” i.e. “o irmão bom,” ou, “meu irmão é bondade”):

(1) o irmão de Icabode (Icabô) e filho de Finéias o filho de Eli (1Sm 14:3; 1Sm 22:9,11,12,20), de acordo com 1 Cr 24 foram descendidas ele a linha dele de Aarão por Itamar. O registro insinua que ele nasceu enquanto o pai dele e avô eram os sacerdotes em Siló, e diz que ele era o pai e avô de sacerdotes; mas está calado sobre o próprio exercício dele do serviço sacerdotal. Nós não temos nenhuma informação relativa ao serviço do tempo quando os Filisteus capturaram a arca até que Saul se tornasse o rei. Veja AÍJA (AÍAS); AIMELEQUE; ABIATAR.

(2) um descendente de Aarão por Eleazar: por este fato distinguido de Aitube, o descendente de Itamar, entretanto quase contemporâneo com ele. Especialmente conhecido como o pai de Zadoque que, à acessão de Solomão, se tornou sumo sacerdote exclusivo (2Sm 8:17; 1Cr 6:8; 1Cr 18:16). A linha genealógica dele, de Levi para o Exílio, é determinada em 1Cr 6:1-15 (5:27-41). Os três nomes sucessivos, Aitube e Zadoque e Aimaaz, aparecem em 2 Samuel (1Cr 8:17; 1Cr 15:27, etc.). A linha é comparada através de nomes selecionados em Ed 7:1-5, e são comparadas relativamente recentes partes disto em 1Cr 9:11 e Ne 11:11. A melhor explicação de certos fenômenos em Crônicas é que o registro foi copiado de originais que eram mais fragmentários. Algum caso, também, cede um escritor só tal separa de uma genealogia como é precisado para o propósito dele. Está devido a estas causas que são muitas omissões nas listas genealógicas, e que eles completam um ao outro. Permitindo estes fatos não há nenhuma razão para que nós não devêssemos considerar as genealogias de Aitube como tem distrai valor histórico.

(3) nas genealogias, na sétima geração de Aitube, o descendente de Eleazar, se aparece outro Aitube, o filho de outro Amarias e o pai (ou avô) de outro Zadoque (1Cr 6:11 (5:37); 1Cr 9:11; Ne 11:11). A lista em Esdras 7 omite um bloco de nomes, e o Aitube nomeou lá ou pode ser 2 ou 3. Ele é mencionado em (**LA**) 1 Esdras 8:2 e 2 Esdras 1:1, e o nome acontece em Judite 8:1. Nestes lugares se aparece nas versões inglesas nas várias formas: Aitube, Aitobe, Aquitobe, Aquito.

Alabe

a'lab (, *'ahlabh*, “gordura ou frutífero”): Uma cidade de Aser. Porém, está claro que os Israelitas não afugentaram os habitantes originais (Jz 1:31). Alguns identificaram Alabe com *Gush Halab* ou Geschila, Noroeste do Mar da Galiléia.

Alai

a'li (, *'ahlay* “O vai que!”): (1) Um Filho de Sesã (1Cr 2:31) ou de acordo com 1Cr 2:34 uma filha de Sesã, para aqui lemos nós: “Agora Sesã não teve nenhum filho, mas filhas.” (2) O pai de Zabade, soldado no exército de Davi (1Cr 11:41).

Aoá

a-ho'á (, *'ahoah*, “fraterno” (?)): Um filho de Belá da tribo de Benjamim (1Cr 8:4).

Aoíta

a-ho'hit (, *'ahohi*): Uma etnia empregada com relação aos descendentes de Aoá (o qual vêem) como Dodó (2Sm 23:9) ou Dodó (1Cr 11:12), Ilai (29) ou Zalmon (2Sm 23:28), e também o Eleazar, filho de Dodó (1Cr 11:12). A família deveria ter estado apaixonada por negócios militares, para todos os oficiais o anterior estavam nos exércitos Davi e de Solomão.

Aümai

a-hu'ma-i, a-hu'mi (, *'ahumay*, “o irmão de água” (?)): Um descendente de Sobal da tribo de Judá (1Cr 4:2).

Aüzão

a-huz'am, a-hu'zam (, *'ahuzzam*, “o possuidor”). Um filho de Asur da tribo de Judá, o nome da mãe dele Naará era (1Cr 4:6); escrito para Ahuzam na KJV.

Aüzate

a-huz'ath (, *'ahuzzath*, “posse”): Um “o amigo” talvez ministro, de Abimeleque, o rei de Gerar. Ele junto com Ficol, chefe do exército, acompanhou o soberano deles em Beer-Seba fazer uma convenção com Isaque (Gn 26:26). A terminação “- ath” nos faz lembrar-se de nomes próprios Filisteus, como Gate, o Golias, etc. Compare Genubate (I Rs 11:20).

Aazai

a'zi (, *'ahzay*, “meu protetor”): Um sacerdote que residiu em Jerusalém (Ne 11:13). A KJV tem Ahasai que provavelmente está igual a Jazera de 1Cr 9:12.

Ai

a'í (, *ay*, sempre escrito com o artigo definido , *ha-* , *ay*, provavelmente significando “a ruína,” raiz aparentada , *'awah*):

(1) uma cidade no centro da Palestina, na tribo de Benjamim, e um pouco oriental próximo de Betel (Gn 12:8). É identificada como a moderna Haiyan, ao sul da aldeia *De'ar Di'wa'n* (Conder in *HDB*; Delitzsch em Comentário em Gn 12:8) ou com um montículo, *Et-Tell*, para o norte da aldeia moderna (Davis, Dicionário Bíblico). O nome aparece primeiro na viagem primeira de Abraão pela Palestina (Gn 12:8), onde seu local é determinado como leste de Betel, e se aproxima o altar que Abraão construiu entre os dois lugares. É determinada menção semelhante como ele volta da estada curta no Egito (Gn 13:3). Em ambos esta ocorrência a KJV tem a forma **Hai**, inclusive o artigo transliterando. A menção mais conspícua de Ai está na narrativa da Conquista. Como consequência do pecado de Acã destinando artigos do espólio dedicado de Jericó, os Israelitas foram derrotados no ataque na cidade; mas confessado e expiado uma segunda agressão buscou êxito, a cidade foi levada e foi queimada, e esquerda um montão de ruínas, foram postos os habitantes, em número doze mil, a morte, o rei capturado, e enterrou debaixo de um montão de pedras no portão da cidade arruinada, só o gado que é mantido como espólio pelas pessoas (Josué 7; 8). A cidade não tinha sido reconstruída quando Josué foi escrito (Js 8:28). A queda de Ai deu aos Israelitas encantos ao coração de Canaã onde imediatamente eles foram estabelecidos, Betel e outras cidades que parecem ter rendido sem uma luta na redondeza. Ai era reconstruído a algum período posterior, e é mencionado por Isa (Is 10:28) na descrição vívida dele da aproximação do exército assírio, a forma feminina , *'ayyath*) sendo usado. Seu lugar na ordem de marcha, como só além Micmãs de

Jerusalém, corresponde com a identificação dada acima. Também é mencionado nos tempos pós exílio por Esdras (Ed 2:28) e Neemias (Ne 7:32, e em Ne 11:31 como אֵיָא, *ayya*), identificou em cada caso pelo agrupamento com Betel.

(2) a Ai de Jr 49:3 uma cidade de Amonita é, o texto provavelmente uma corrupção que é de אֵיָא, *ar*; ou הַאֵיָא, *ha-ir*, “a cidade” (BDB).

Aías 2

a'ya (אֵיָא, *'ayyah*, “falcão”; uma vez na KJV Ajah, Gn 36:24): (1) Um horita, filho de Zibeão, e irmão de Ana que o pai de um era das esposas de Esau (Gn 36:24; 1Cr 1:40). (2) Pai de Rizpa, uma concubina de Saul, sobre quem Isbosete acusou Abner falsamente (2Sm 3:7), e de quem filhos eram para satisfazer os gibeonitas quem Saul tinha prejudicado (2Sm 21:8-11).

Aiate

a'yath (אֵיָאֶת, *ayyath*): Achado em Is 10:28; forma feminina da cidade AI (o qual vêem).

Ajuda

ad (אָזַק, *hazak*, “fortalecer,” “ajudar”): Um termo militar usado uma vez no Testamento Velho na KJV (Jz 9:24) e deslocou na Versão Revisada (britânico e americano) pela retribuição literal, “quem fortaleceu as mãos dele.” Os homens de Siquem apoiaram Abimeleque no crime fratricida dele, com dinheiro, o permitindo a contratar os homens para assassinar os irmãos dele. A idéia fundamental na palavra, como usado no Testamento Velho, é “abundando força.”

Aíja

a-íja (אֵיָא, *ayya*): Uma forma de nome para cidade Ai, ache em Ne 11:31. Veja AI; AIATE.

Aijalom

a'ja-lon (אֵיָאֶלֹן, *'ayyalon*, “deerplace”; a KJV, Ajalom (Js 10:12)):

(1) o nome de uma cidade dividida à tribo de Dã (Js 19:42) que também foi designada uma cidade de Levítica (Js 21:24) que caiu aos Filhos de Corá (1Cr 6:69). A primeira menção de Aijalom está na narrativa da derrota de Josué dos cinco reis dos Amorreus: “tu, Lua, no vale de Aijalom” (Js 10:12). Os Danitas não levou isto aos Amorreus (Jz 1:35), embora os homens de Efraim seguraram isto em vassalagem. Aqui Saul e Jônatas ganharam uma grande vitória em cima dos Filisteus (1Sm 14:31). Uma vez foi segurado pela tribo de Benjamim (1Cr 8:13). Reoboão fortaleceu isto contra o reino de Israel (2Cr 11:10). Nos dias do rei Acáz foi capturado pelos Filisteus (2Cr 28:18). Foi identificada como a moderna Yalo; sua antiguidade volta *Tell el-Amarna Letters* nas quais tem menção. É situada Noroeste de Jerusalém em um vale do mesmo nome que conduz abaixo das montanhas para o mar.

(2) uma cidade na tribo de Zebulom, desconhecido de local onde Elom o juiz foi enterrado (Jz 12:12).

Aijeleth Hash-Shahar

a'je-leth hash-sha'har. Veja SALMOS; CANÇÃO.

Aflija

al (Anglo-saxão: *eglan*, “doer”): Como uma tradução de verbo, é “aborrecer,” “aflija” (obsoleto); “sentir dor, dificuldade, intranquilidade,” etc.; representa *mah ꞑkha* hebraico? (Gn 21:17; Jz 18:23; 1Sm 11:5; 2Sm 14:5; II Rs 6:28; Is 22:1); em SI 114:5, é figurativo ou poético aplicados para o mar, o rio o Jordão, etc. A Versão Revisada (britânico e americano), em (LA) 2 Esdras 9:42; 10:31.

Pontaria

am:Em (LA) A Sabedoria de Solomão 13:9. Iluminou. traduzido pela KJV do grego , *stochasasthai* que geralmente significa “atirar a.” Isto é Interpretado e explicado pela Versão Revisada (britânico e americano) como “explore,” com uma sugestão sobre a natureza do processo, e pode ser parafraseado: “Se eles podem conjecturar os mistérios do universo.”

Aim (1)

Veja AYIN.

Aim (2)

a'in (, _ *ayin*, “olho ou fonte (de água)”):

(1) uma cidade no canto Noroeste extremo de Canaã, assim nomeou, provavelmente, de uma primavera notável na redondeza (Nm 34:11). Thomson e depois dele Robinson faz Ain igual _ *Ain el- _ Asy*, a fonte principal do Orontes, umas quinze milhas Sudoeste de Ribla que, em troca, é aproximadamente vinte milhas Sudoeste de Emesa (Zumbe). Como Ain é nomeado com relação ao Lago de Genesaré (Quinerete), alguma reivindicação que Ribla de Nm 34:11 deve ser outro lugar mais distante Sul e mais íntimo àquele lago.

(2) uma cidade dos Levitas (Js 21:16) no Neguebe ou parte sulista de Judá. Foi dividido primeiro à tribo de Judá (Js 15:32) mas depois para Simeão (Js 19:7). O fato que é várias vezes nomeadas em conexão imediata com Rimom emprestou plausibilidade à visão que nós temos aqui uma palavra combinação, e que nós deveríamos ler En-Rimom, i.e. Ain-Rimom (veja Js 15:32; Js 19:7; 1Cr 4:32). Veja também AYIN.

Ar

a'r (α , *aer*): No Testamento Velho “ar” é usado (com uma exceção) na frase “ave” ou “aves (pássaros) do ar.” A palavra hebréia normalmente é feita “céu” ou “céus.” de acordo com cosmogonia hebréia antiga o céu uma cúpula sólida era (firmamento) estirando em cima da terra como uma cobertura. Na anterior frase o ar significa o espaço entre a terra e o firmamento. Em Jó (Jó 41:16) “ar” faz , *ru ah* “respiração,” “vento,” “espírito.” são unidas assim de perto As balanças do leviatã que nenhum ar pode penetrar. No Testamento Novo a frase “pássaros (ou aves) do ar,” acontece dez vezes. Isto simplesmente reproduz o Hebraico notado acima. Aparte desta expressão “ar” na KJV representa *aer* que denota a atmosfera que nos cerca. A expressão “batendo o ar” (1Co 9:26) meios para “sopros de transação que não chegam em casa” - aquela senhorita a marca. No conflito dele com a mais baixa vida representada pelo corpo, Paulo se compara a um pugilista que aponta com precisão infalível ao oponente dele. Nenhum golpe está perdido. Paulo também usa a frase “falando no ar” (1Co 14:9) em referência para as expressões vocais ininteligíveis desses que “falando com línguas.” Na expressão, “o príncipe dos poderes do ar” (Ef 2:2 a KJV) nós achamos um eco da convicção atual que o ar era o lugar de habitação de espíritos, especialmente de mal espírito.

Reaías, Airus

a-i'rus, a'r'us (אִירֻס, *airos*):a KJV, um dos cabeças de uma família de criados do templo (**LA** 1 Esdras 5:31 a Versão Revisada (britânico e americano) JAIRUS) que devolveu da Babilônia com Zorobabel; no Testamento Velho chamado Reaías (Recaías), (Ed 2:47; Ne 7:50), é classificou entre os *Nethinim*.

Akan

a'kan (אָקאן, *akan*, “trançado”): Um filho de Ezer, um descendente de Esau de Seir (Gn 36:27). Ele é chamado Jaakan em 1Cr 1:42. A KJV margem tem Jakan. Veja ACÃ.

Hacatã

ak'a-tan (אָקאטאן, *Akatan*;a KJV, Acatan = Hakkatan; Ed 8:12): O pai de Joannes que voltou com Esdras a Jerusalém (**LA** 1 Esdras 8:38).

Acéldama

a-kel'da-ma (אָקעלדאמא, *Akeldama*, ou, em muitos manuscritos אָקעלדאמאך, *Akeldamach*;a KJV, Aceldama): Um campo que se disse que em At 1:19 teve sido comprado por Judas com o “trinta pedaços de prata.” Em Mt 27:6,7 que é narrado que os sacerdotes levaram as moedas de prata que o Judas teve “elenco abaixo... no santuário” e “comprou com eles o campo do oleiro, enterrar os estrangeiros. Para quẽ aquele campo foi chamado, O campo de sangue, até este dia.” Indubitavelmente isto uma conexão suposta estava entre o campo deste oleiro e a casa do oleiro (Jr 18:2) e o Vale do filho de Hinom (Jr 19:2) o qual influenciou a seleção do local presente que, como o arameu אֶרְבֵּי דַם, *h-q-t-d-m'* (Dalman), hoje é conhecido como אֶרְבֵּי דַם, *hakk-ed-dumm*, “campo de sangue.”

Tradição que parece voltar para o 4º século pontos para uma plataforma nivelada em, e um pouco de distância para cima, o declive sulista do *Wady er Rababi* (Vale de Hinom) logo antes se junta ao Vale de Cedrom. Nesta mancha há uma ruína muito notável (78 pés x 57 pés) o qual durante muitos séculos era usado como uma casa. Foi reputada a terra aqui para ter a propriedade de consumir corpos mortos depressa. Tão grande era sua reputação que são ditas quantidades vastas disto para ter sido transportado em 1215 d.C, ao Campo Santo em Pisa. Quando este edifício estava de pé inteiro, os corpos foram abaixados nisto por cinco aberturas no telhado e então partiram para desintegrar, de forma que alguns anos atrás havia muito muitos pés de ossos por toda parte o chão. Estes foram agora afastados. Um pequeno Sudeste desta ruína é um monastério grego novo erguido em recentes anos em cima dos restos de um número grande de tumbas de caverna; muitos dos ossos são enterrados aqui agora “Acéldama”.

Hacoz

ak'os (אָקאס, *Akbos* em (**LA** 1 Esdras 5:38;a KJV Accos que vê): O Testamento Velho equivalente (1Cr 24:10; Ed 2:61; Ne 3:4, 21) Hacoz é אֶרְבֵּי דַם, *hakkoc*), o qual também vêm.

Acube

ak'ub (אָקוב, *'akkubh*, “o perseguidor”): (1) Um filho de Elioenai, um descendente de Zorobabel (1Cr 3:24). (2) zelador levita dever aceso no portão oriental do segundo Templo (1Cr 9:17).

Arabatine

ak-ra-ba-ti'ne (אֲרַבַּטִּינָה, *Akrabattine*; a KJV, Arabattine): Um lugar na Iduméia onde Judas Macabeu derrotou os filhos de Esau (**LA** 1 Mac 5:3).

Acrabim

ak-rab'im (uma vez na KJV, Acrabbim (Js 15:3 אֲכַרְבִּים, *akrabbim*, “escorpiões”): três vezes acharam (Nm 34:4; Js 15:3; Jz 1:36), e sempre com אֲמַלְהֵם, *ma'aleh*, “ascensão” ou “passe”; e assim “Ascensão dos Escorpiões,” uma ascensão ao ponto Sudoeste do Mar Morto e uma parte da linha de limite entre Judá e Edom. A esta passagem Judas Macabeu ganhou uma vitória em cima do Edomitas (**LA** 1 Mac 5:3), chamou a KJV, Arabatine.

Alabastro

al'a-bas-te-r (אַלְבַּסְתֵּר, *alabastron* (Mat 26:7; Mc 14:3; Lc 7:37)): Em alabastro de mineralogia moderno estão gesso cristalino ou sulfato de lima. A palavra *alabastron* grego ou *alabastos* significaram um caixão de pedra ou vaso, e *alabastites* era usado para a pedra da qual o caixão foi feito. Esta pedra era stalagmite normalmente cristalino balançam ou carbonato de lima, agora freqüentemente chamou alabastro oriental, distinguir isto de gesso. A palavra só acontece na Bíblia nas três passagens dos Evangelhos de Sinópticos citadas acima. Veja CAIXA.

Alamete

al'a-meth (אַלְמֶת, *alameth*, “encobrimento”; 1Cr 7:8 na KJV): O nome de um filho de Bequer e neto de Benjamim. O nome dele foi preservado como o nome de uma cidade perto de Anatote (Alemete, 1Cr 6:60 a Versão Revisada (britânico e americano)). com exceção do acento de forte pausa no hebraico a forma da palavra estaria igual a ALAMETE (que vêem).

Alameleque

a-lam'e-lek: na KJV (Js 19:26) para ALAMELEQUE (que vêem).

Alamoth/ אֲלֻמּוֹת al'a-moth. Veja MÚSICA.

Alarme

a-larm' (אֲלָרַם, *al'ru'ah*): Esta expressão é achada seis vezes no Testamento Velho. A palavra hebreia assim fez é derivado de um

verbo que significa “gritar” ou “soprar um chifre,” como um sinal por se separar acampamento, começando em uma viagem ou em batalha, ou em grito triunfante em cima da derrota de inimigos. Em alguns exemplos é empregado de um grito de desespero ou angústia. O *ʾalu* traduzido “alarme” em Nm 10:5 recorre ao sinal dado ao povo de Israel para começar na viagem deles no deserto. As passagens em (Jr 4:19; Jr 49:2) ambos recorrem à convocação para a guerra. O mesmo é verdade de Zc 1:16.

A lei relativa ao soar do alarme é declarada completamente em Nm 10:1-10. Aqui nós lemos que duas trombetas de prata de trabalho batido foram soadas pelos filhos de Aarão no caso de guerra e também “pelo dia de... alegria” se reunir as pessoas para os vários banquetes, luas novas, sacrifícios e oferecimentos.

Embora

ʾal-beʾit (*ὅτι μὴ*, *hina me*; literalmente, “para que não”): Acontece em uma paráfrase em lugar de como uma tradução de uma cláusula em Filemom 1:19 a KJV. O pensamento é: “embora” ou “embora” (sinônimo de “embora”) “eu poderia dizer,” etc. Esta Versão Revisada (britânico e americano) traduz com intenso literalismo: “que eu não digo.”

Alcimus

alʾsi-mus (*Ἰσχυρὸς*, *ʾelyakum*, “Deus subirá”; *Ἀλκιμος*, *Alkimos* “valeroso”): sumo sacerdote durante três anos, 163-161 a.C., o registro da carreira pode ser achado em (**LA**) 1 Mac 7:4-50; 9:1-57; 2 Mac 14; também veja Antig, XII, 9-11; XX, 10. Ele era um descendente de Aarão, mas não na linha sacerdotal (1 Mac 7:14; também Antig, XX, 10); e sendo ambicioso para o serviço de sumo sacerdote, ele acelerou a Antioquia afiançar o favor e ajuda do rei novo, Demétrio que tinha subvertido há pouco Antioco Eupator e tinha se feito o rei. Alcimus era grego, e então amargamente oposto pelos Macabeus. Demetriu enviou um exército forte debaixo de Bachides para estabelecê-lo no alto sacerdócio em Jerusalém. O favor com que Alcimus foi recebido pelos judeus em Jerusalém por causa da descida Aarônica dele foi virado odiar pelas crueldades dele logo. Quando Bachides e o exército dele voltaram a Antioquia, Simão Macabeu atacou e superou Alcimus, e também o dirigiu para a Síria. Lá ele afiançou de Demetriu outro exército, conduzido por Nicanor que, não afiançando Simão por deslealdade, batalha unida com ele, mas foi derrotado e matou. Um terço e maior exército, debaixo de Bachides novamente, foi despachado para economizar as fortunas cadentes de Alcimus. Agora Simão foi subjugado e foi morto, Alcimus estabeleceu como o sumo sacerdote e uma força forte partidas em Jerusalém para apoiá-lo. Mas ele não desfrutou muito tempo o triunfo dele, desde que ele morreu em seguida de um golpe de paralisia.

Tenda/ Nicho

alʾkov (*קובב*, *kubbah* na KJV; o Padrão americano Revisou pavilhão de Versão; o americano Revisou Versão, nicho de margem): Talvez uma barraca grande ocupada por um príncipe (Nm 25:8).

Alema

alʾe-ma (*אֵמָה*, *Alemais*): Uma cidade em Gileade, mencionada uma vez só (**LA** 1 Mac 5:26), sitiou pelas nações debaixo de Timoteus, junto com Bosor e outras cidades; e provavelmente aliviou junto com estas cidades por Judas Macabeu, embora nenhuma menção é feita do alívio de Alema. O nome acontece a uma vez como plural de dativo.

Alemete

alʾe-meth (*אֵמֶת*, *alemeth*, “encobrimento”): (**1**) A Versão Revisada (britânico e americano) para Alamete da KJV em 1Cr 7:8. (**2**) o Descendente de Saul e Jônatas, e filho de Jeoda, 1Cr 8:36, ou de Jará, 1Cr 9:42. As genealogias nos dois capítulos são idênticas, e ele a quinta geração busca o Jônatas. (**3**) em alguns textos hebreus, Ginsburg e Baer, para ALEMETE (que vêem); assim na KJV. Vela Alemete 2.

Alef

a'lef (א ,): A primeira letra do alfabeto hebraico. É quase sem som isto e melhor representado, como nesta Enciclopédia, pela respiração lisa ('), mas é o antepassado direto do grego, latim e inglês “um” como em “o pai.” Em qualquer caso este começo do alfabeto acontece para estar perto da mesma base de toda a fala - em um caso o vencimento simples de respiração, no outro a possível ação vocal mais simples - a base atual da qual todas as outras vogais são evoluídas. Também se tornou o símbolo para o número um (1) e, com o trema, 1,000. Também é o símbolo para um dos mais famosos manuscritos Bíblicos gregos, o Códex Sinaiticus. Para nome, forma escrita, etc., veja ALFABETO.

Aleppo/ a-lep'ó. Veja BEREÁ.

Alexandre

al-eg-zan'de-r (Α , *Alexandros*, significado literal “o defensor de homens.” Esta palavra acontece cinco vezes no Testamento Novo, Mc 15:21; At 4:6; At 19:33; 1Tm 1:19,20; 2Tm 4:14): não é certo se o terceiro, quarto e quinto destas passagens se referem ao mesmo homem.

1. Um Filho de Simão de Cireneu

O primeiro deste Alexandre se refere para a passagem em Marcos onde é dito que ele tem sido um dos filhos de Simão de Cirene, o homem que levou a cruz de Cristo. Alexandre pode ter sido então de nascença um Norte africano. Mateus, Marcos, e Lucas todos registram o fato, com detalhe variado, que aquele Simão aconteceu para estar passando na ocasião quando o Cristo estava sendo conduzido fora da cidade, para ser crucificado no Calvário. Marcos só conta que Simão era o pai de Alexandre e Rufo. Desta declaração do evangelista, é aparente que na ocasião o Segundo Evangelho foi escrito, Alexandre e Rufo eram os cristãos, e que eles eram bem conhecidos na comunidade Cristã. Marcos leva isto para conceder que os primeiros leitores do Evangelho dele entendam que imediatamente que ele quer dizer.

Não há nenhuma outra menção de Alexandre no Testamento Novo, mas normalmente é pensado que o irmão Rufo é a pessoa mencionada por Paulo em Rm 16:13, “Saudai a Rufo o eleito no Senhor, e a mãe dele e minha.” Se esta identificação estiver correta, então segue, não só que os filhos de Simão eram os cristãos, mas que a esposa dele também era uma Cristã, e que eles tiveram tudo para continuar sendo crentes por muitos anos a Cristo. Também seguiria que as casas estavam entre os amigos íntimos de Paulo, tanto de forma que a mãe da família é endereçada afetuosamente por ele como “a mãe de Rufo e minha.” O significado disto é, que a tempo além desta senhora tinha tratado Paulo com o cuidado tenro que uma mãe sente para o próprio filho dela.

Esta menção de Rufo e a mãe dele estão na lista de nomes de cristãos residentes em Roma. Ágil (*Comm. on Phil*, 176) escreve: “Lá parece nenhuma razão para duvidar a tradição que Marcos especialmente escreveu para os romanos; e nesse caso, vale que observa que só ele dos evangelistas descreve Simão de Cirene, como 'o pai de Alexandre e Rufo.' Uma pessoa deste nome então (Rufo) parece ter assegurado um lugar proeminente entre os cristãos romanos; e assim há justiça pelo menos por identificar o Rufo de Paulo com o Rufo de Marcos. As inscrições exibem vários sócios da casa (do imperador) agüentando os nomes Rufo e Alexandre, mas este fato é de nenhuns valores onde ambos os nomes são tão comuns.”

Resumindo, Alexandre era provavelmente de nascença um Norte africano judeu; ele se tornou um Cristão, e era um sócio famoso da igreja, provavelmente a igreja em Roma. A reivindicação principal dele para lembrança é que ele era um filho do homem que levou a cruz do Salvador do mundo.

2. Um Parente de Anás

O segundo Alexandre, referido em At 4:6, era um parente de Anás o sumo sacerdote judeu. Ele é mencionado por Lucas, como tendo estado presente como um sócio do Sinédrio antes do qual foram trazidos Pedro e João para ser examinado, para o que eles tinham feito na cura do homem manco no portão do templo. Nada mais é conhecido deste Alexandre que está aqui determinado por Lucas. Foi conjecturado que ele pode ter sido o Alexandre que era um irmão de Filo, e que também era o magistrado da cidade de Alexandria. Mas

esta conjectura é sem assistência por qualquer evidência nada.

3. O Alexandre e o tumulto em Éfeso

O terceiro Alexandre é mencionado em At 19:33: “E alguma da multidão instruíram Alexandre, os judeus que o avançam. E o Alexandre acenou com a mão, e teria feito a defesa até as pessoas. Mas quando eles perceberam que ele era um judeu, tudo com uma voz,” etc., a Versão Revisada, margem. No assunto da revolta em Éfeso a responsabilidade inteira descansou com Demétrio. Na raiva dele contra os cristãos geralmente, mas especialmente contra Paulo, por causa do orar próspero dele do evangelho, ele chamou uma reunião dos artesãos junto; o comércio do fabrique de ídolos estava em perigo. Desta reunião surgiu a revolta na qual a cidade inteira estava em comoção. Os judeus eram completamente inocentes no assunto: eles não tinham feito nada que causar alguma perturbação. Mas a revolta tinha acontecido, e ninguém poderia contar o que aconteceria. Anti semitismo moderno, na Rússia e outros países europeus, dá uma idéia de uma turba entusiasmada mexida em por ódio dos judeus. Reconhecendo imediatamente que a fúria das pessoas de Éfeso poderia se gastar em violência e matança, e que naquela fúria eles seriam os sofrendores, os judeus “avance” o Alexandre, de forma que pela habilidade dele como um orador ele poderia os, qualquer um de ter instigado a revolta, clarear ou de ser em cumplicidade com Paulo. “Um certo Alexandre foi avançado pelos judeus para endereçar a turba; mas isto aumentou o brado e confusão somente. Não havia nenhuma idéia clara entre os amotinadores o que eles quisessem: um anti judeu e um anti-Cristão demonstração esteja misturada para cima, e provavelmente a retenção de Alexandre era virar o sentimento geral longe dos judeus. É possível que ele seja o trabalhador em bronze que posteriormente fez muito dano a Paulo” (Ramsay, *St. Paul the Traveler*, etc., 279).

4. Alexandre um Herege de Éfeso

O quarto Alexandre do Testamento Novo é um de dois professores heréticos em Éfeso - o outro Himeneu: veja artigo debaixo da palavra - contra quem Paulo adverte Timóteo em 1Tm 1:19,20. O ensino de Himeneu e Alexandre era ao efeito que moralidade Cristã não foi requerida - antinomianismo. Eles guardaram - “empurrão deles,” a Versão Revisada (britânico e americano) - fé e uma consciência boa; eles abandonaram os grandes fatos central voluntariosamente relativo à Cristo, e assim eles “fez naufrágio relativo à fé.”

5. A Heresia dele Gnosticismo Incipiente

Em 2Tm 2:17,18, Himeneu é associado com Fileto, e detalhes adicionais estão lá determinados considerando o falso ensino deles. O que eles ensinaram é descrito por Paulo como “balbucios profanos,” como conduzindo a mais profana, e como comendo “como uma gangrena.” a heresia deles consistiu dizendo que a ressurreição já era passada, e tinha sido tão distante próspero, que tinha subvertido a fé de alguns. A doutrina destes três professores heréticos, Himeneu, Alexandre e Fileto, eram adequadamente uma das formas cedo de Gnosticismo. Segurou aquele assunto era originalmente e essencialmente mal; que por isto o corpo não era uma parte essencial de natureza humana; que a única ressurreição era isso de cada homem como ele despertou da morte de pecado a uma vida íntegra; que assim no caso de todo o mundo que se arrependeu de pecado, “a ressurreição já era passada,” e que o corpo não participou na bem-aventurança da vida futura, mas aquela salvação consistiu na libertação completa de alma de todo o contato com um mundo material e um corpo material.

Tão perniciosos eram estes ensinos do Gnosticismo incipiente na igreja Cristã que eles espalharam depressa, enquanto comendo como uma gangrena. A negação da ressurreição futura do corpo também envolveu o dental da ressurreição corporal de Cristo, e até mesmo o fato da encarnação. O modo em qual então o apóstolo negociou com esses que ensinaram tal erro mortal, era que ele recorreu às mesmas medidas extremas como ele tinha empregado no caso da pessoa imoral em Corinto; ele entregou Himeneu e Alexandre a Satanás que eles poderiam aprender não blasfemando. Compare 1Co 5:5.

6. O Alexandre o latoeiro

O quinto e último do nome o Alexandre está em 2Tm 4:14, 15, “Alexander o latoeiro me fez muito mal: o Deus fará a ele de acordo com os trabalhos dele: de quem faça tu também se pregava (a KJV “de quem seja tu mercadoria também”); porque ele grandemente resistiu nossas palavras.” Este Alexandre era um trabalhador em cobre ou passa a ferro, ferreiro. É bastante incerto se Alexandre número 5 deveria ser identificado com Alexandre número 4, e até mesmo com Alexandre número 3. Com respeito a isto, deveria se lembrar disto que todos os três deste Alexandres eram residentes em Éfeso; e será notado especialmente que o quarto e o quinto daquele

nome residiram naquela cidade há muito o mesmo tempo; o intervalo entre as referências de Paulo para este dois ser não mais que um ano ou dois, como não mais que aquele tempo decorreu entre a escritura dele 1 e 2 Timóteo. É então bastante possível este dois Alexandres pode ser um e a mesma pessoa.

Em todo caso, o que é cravo deste último Alexandre é que ele tinha mostrado o mal que estava nele fazendo muitas ações más ao apóstolo, evidentemente na ocasião de uma recente visita pagada por Paulo em Éfeso. Estas ações más tinham levado a forma de opor o apóstolo pessoalmente está orando. O antagonismo pessoal de Alexandre se manifestou grandemente resistindo à proclamação do evangelho por Paulo. Como Timóteo estava agora em Éfeso, lá, em custo da igreja ele é acautelado fortemente pelo apóstolo para estar no guarda dele contra este oponente.

Alexandre Balas

Alexander ba´las (Ἀλεξανδρος ο , *Alexandros ho Balas legomenos*):Ele contendeu contra Demétrio I da Síria para o trono e teve sucesso obtendo isto. Ele era um caráter de origem má, mas ele foi avançado pelos inimigos de Demétrio como sendo o Alexandre, o filho e herdeiro de Antioco Epifânio. Ele recebeu o apoio do Senado romano e de Ptolomeu VI do Egito, e por causa da tirania de Demétrio, estava favorecido por muitos dos sírios. O país foi lançado em guerra civil e Demétrio foi derrotado por Alexandre II levou a causa do pai dele e em 147 a.C, Alexandre fugiu do reino dele e foi assassinado em seguida.

Nosso interesse principal em Alexandre é a conexão dele com os Macabeus. Jônatas era o forte líder dos Macabeus e Alexandre e Demétrio buscou ajuda dele. Demétrio concedeu para Jônatas o direito elevar e manter um exército. Alexandre, não ser excedido, Jônatas designado o sacerdote, e como um símbolo do serviço novo dele lhe enviou um roupão roxo e uma diadema (Antig. XIII, ii, 2). Este era um passo importante na elevação da casa dos Macabeus, para isto os assegurou o apoio do Chasidim. Em 153 a.C, Jônatas exerceu como sumo sacerdote no altar (**LA** 1 Mac 10:1-14; Antig. XIII, ii, 1). Isto lhe fez a cabeça legal de Judéia e assim foi identificado o movimento dos Macabeus de perto com Judaísmo. Em 1 Mac 10:1, ele é chamado Alexandre Epifanio.

Alexandre o Grande

(A , *Alexandros*).

1. Vida e ascendência cedo

Alexandre, da Macedônia, geralmente chamado “o Grande” (nascido em 356 a.C), era o filho de Filipe, rei de Macedônia, e de Olimpia, filha de Neoptolemos, um rei de Epirote. Embora Alexandre não seja mencionado na Bíblia canônicos, em Daniel ele é designado por um símbolo transparente (8:5, 21). Em (**LA**) 1 Mac 1:1 ele é nomeado expressamente como o conquistador do império Persa, e o fundador dos gregos. Como com Frederico o Grande, a carreira de Alexandre teria sido impossível tido o pai dele sido diferente de ele era. Filipe tinha sido durante alguns anos um refém em Tebes: enquanto lá ele tinha aprendido apreciar as mudanças introduzidas em disciplina de exército e táticas por Epaminondas. Em parte nenhuma dúvida da reivindicação familiar para descida de Heracleide, afundou através de contato em dias mais cedo com atenienses goste de Ificrates, e a influência pessoal de Epaminondas, Filipe parece ter unido à admiração dele para táticas gregas uma tintura de cultura helenística, e algo como uma reverência para Atenas, o grande centro desta cultura. Em assuntos de exército a admiração dele o levada a introduzir a Tebas disciplina às ásperas coletas dos camponeses da Macedônia, e o falanx macedônio provaram a arma de exército mais formidável que ainda tinha sido inventada. O folheado de cultura grega na qual ele tinha levado o, por um lado, conduziu pondo tensão na descida helenística dele, reivindicar admissão ao comitê de Hellas, e no outro, designar Aristóteles para ser um tutor ao filho dele. Por uma combinação de força e fraude, favoreceu através de circunstâncias, Filipe se adquiriu designado o generalíssimo dos estados helenísticos; e mais adiante os induziu proclamar guerra contra o “Grande Rei.” Em tudo isso ele estava preparando o modo para o filho dele, tão logo ser o sucessor dele.

2. A Preparação dele para a Carreira dele

Ele também estava preparando o filho dele para a carreira dele. Alexandre era em parte o aluno de Aristóteles, contudo mais saturado com sentimentos gregos e idéias que era Preparação o pai dele. Ele foi apresentado cedo nos cuidados de governo e a prática de guerra. Enquanto Filipe estava comprometido no assédio de Bizantino que ele enviou para o filho dele que substituísse Antipater na regência; durante a ocupação dele deste poste, Alexandre, então só um jovem de dezesseis, tida que empreender uma campanha contra o Ilírico, provavelmente uma expedição punitiva. Dois anos depois, à batalha decisiva de Caeroneia que fixou a destruição da cidade autônoma grega Alexandre comandou a cavalaria feudal da Macedônia, o “os Companheiros.” Ele não só economizou a vida do pai dele, mas pelo custo oportuno e veemente dele materialmente contribuído à vitória.

3. A Acessão dele para a hegemonia da Grécia

Quando todos seus planos para a invasão da Pérsia estavam completos, e uma porção das tropas dele já estava do outro lado do Helesponto, Filipe foi assassinado. Tendo afiançado a sucessão dele, Alexandre procedeu para Corinto onde ele era confirmado na posição do pai dele de líder de Hellas contra Dario. Antes de ele pudesse cruzar na Ásia que ele teve que afiançar a fronteira do norte dele contra possíveis invasões de tribos de bárbaro. Ele invadiu Trácia com o exército dele e subverteu Triballi, então cruzou o Danúbio e infligiu uma derrota no Getae. Durante a ausência dele nestas regiões ligeiramente conhecidas, a expansão de rumor que ele tinha morrido, e Tebes começou um movimento para se livrar o jugo macedônio. No retorno dele para a Grécia ele desafogou vingança terrível em Tebes, não só como promotor desta revolta, mas também como o mais poderoso dos estados gregos.

4. Campanha na Ásia Menor

Tendo afiançado a parte traseira dele assim, Alexandre colecionou o exército dele a Pela cruzar o Helesponto, que ele poderia extorquir a vingança da Grécia na Pérsia para indignidades sofreu às mãos de Xerxes que “pela força dele pelas riquezas dele” tinha mexido, para cima “tudo contra o reino da Grécia” (Dn 11:2, a KJV). Macerou como ele estava no romance do Iliade, Alexandre, quando ele veio para o local de Tróia, Aquiles honrado quem ele reivindicou como o antepassado dele, com jogos e sacrifícios. Estes podem ter sido o fluxo da própria natureza romântica dele, mas também havia política sábia nisto; os gregos foram reconciliados mais prontamente à perda da liberdade deles quando foi rendida até um que reavivou na própria pessoa dele os heróis do Iliade. Pode ser notado como exatamente o ponto da invasão de Alexandre é indicado na profecia de Daniel (Dn 8:5). De Tróia avançou ele para o sul, e encontrou as forças Persas ao Granicus. Enquanto no conflito Alexandre exibiu toda a coragem despreocupada de um herói homérico. Ele mostrou a habilidade de um general consumado ao mesmo tempo. O exército Persa estava espalhado com grande matança. Antes de proceder mais longe na Pérsia, por marchas de correnteza e assédios vigorosamente apertados, ele completou a conquista de Ásia Menor. Também, aqui ele mostrou o conhecimento dele da sensibilidade de povos Asiáticos a presságios, visitando Gordium, e cortando o nó em qual, de acordo com lenda, dependeu o império da Ásia.

5. Batalha de Issus e março Pela Síria para o Egito

O que ele tinha feito em símbolo ele teve que fazer uma realidade; ele teve que resolver a pergunta de supremacia na Ásia pela espada. Ele apoiou que Dario tinha colecionado um imenso exército e tinha estado vindo para conhecê-lo. Embora o anfitrião Persa fosse calculado a uns milhões de homens, Alexandre acelerou para encontrar isto. Rapidez de movimento, como simbolizado em Daniel pelo “bode” que “veio do oeste... e não tocou o chão” (Dn 8:5), era a grande característica de Alexandre. Os dois exércitos se encontraram na planície relativamente estreita de Issus onde os persianos perderam, em grande parte, a vantagem dos números deles; eles foram derrotados com tremenda matança, o próprio Dario que fixa o exemplo de vôo. Alexandre só procurou bastante o exército derrotado distante se separar isto totalmente. Ele começou a marcha dele para o sul ao longo da costa marítima da Síria para o Egito, um país que sempre tinha impressionado a imaginação grega. Embora a maioria das cidades, na marcha dele, só abrisse os portões deles para o conquistador, Tiro e Gaza renderam depois de um assédio prolongado. No caso do posterior destes, enfurecido à demora ocasionada pela resistência, e emulou do antepassado dele, Alexandre arrastou seu defensor Batis galante vivo atrás da carruagem dele como Aquiles tinha arrastado Heitor morto. Deveria ser notado que este episódio não aparece em Arrian, normalmente considerado o historiador mais autêntico de Alexandre. Josefo relaciona que depois que ele tinha levado a Gaza, Alexandre subiu para Jerusalém, e viu Jado o sumo sacerdote que lhe mostrou a profecia de Daniel relativo a ele. O fato que nenhum dos historiadores clássicos leva que qualquer notificação de tal um desvio faz a narrativa duvidosa: ainda contém nenhum elemento de improbabilidade que o aluno de Aristóteles, na perseguição de conhecimento, pode, durante a acusação do assédio de Gaza, com uma imprensa de companhia pequena no país da colina da Judéia, imediatamente afiançar a submissão de Jerusalém que ocupou uma posição ameaçadora com respeito às comunicações dele, e ver algo daquela nação misteriosa que adorou um Deus e não teve nenhum ídolo.

6. Fundação de Alexandria e Visita para o Santuário de Júpiter Amom

Quando ele entrou no Egito, o país inteiro submeteu sem uma luta. Moveu imediatamente pelo fato que Faros são mencionados na Odisseia, e que ele pudesse reger melhor o Egito pela costa do mar, ele fundou a Alexandria na faixa de terra Faros oposto que Lago separado Mareotis do mediterrâneo. A ilha Faros formou um quebra-mar natural que tornou possível um porto dobro espaçoso; o lago, enquanto comunicando com o Nilo, abriu o modo para navegação interior. Como sempre com Alexandre, romance e política foram de mãos dadas. A cidade assim fundada se tornou a capital dos Ptolomeu, e a maior cidade do mundo helenístico. Ele passou o tempo dele visitando santuários, nos intervalos de organizar para o governo do país. O evento mais memorável da permanência dele no Egito era a expedição dele ao oráculo ou Júpiter Amom (Amom-Ra) onde ele foi declarado o filho do deus. Aos egípcios significou isto não mais que ele foi considerado um monarca legal, mas ele fingiu levar esta declaração como nomeando a ele uma origem divina como tantos heróis homéricos. Daqui em diante, lá se apareceu em moedas a cabeça de Alexandre adornada com o chifre do carneiro de Amom-Ra. Isto impressionou a imaginação oriental tão profundamente aquele Maomé, mil anos depois de, o chama no *Iskander dhu al-qarnain*, “o Alexandre o senhor dos dois chifres.” é impossível acreditar que o escritor de Daniel pôde, em face à atribuição universal dos chifres do dois carneiro para Alexandre, represente Pérsia, o poder que ele subverteu, como um carneiro de dois chifres (Dn 8:3, 20), a menos que ele tivesse escrito antes da expedição no Egito.

7. A Última Batalha com Dario

Tendo organizado os negócios do Egito, Alexandre partiu para o último encontro dele com Dario. A proposta de Dario enviado a Alexandre que oferece a compartilhar o império com ele não funcionou; o “o rei de Java” (Revisou margem de Versão) “foi movido com raiva contra ele” (Dn 8:7) e teria nada mais que submissão absoluta. Não havia nada deixado para Dario, mas preparar para o conflito

final. Ele colecionou, contudo o anfitrião mais enorme que ele tinha tido debaixo dele a Issus, e ajuntou isto no leste claro do Tigre. Alexandre acelerou para conhecê-lo. Embora a planície ao redor de Gaugamela fosse muito mais satisfatória para os movimentos das tropas Persas que consistiram em grande parte em cavalaria e lhes deram melhor oportunidade de fazer uso da grande superioridade numérica deles para flanquear o exército grego pequeno, o resultado era igual à Issus - derrota opressiva e imensa matança. A consequência desta vitória era a submissão da maior porção do império Persa.

Depois de fazer alguns arranjos para o governo das províncias novas, Alexandre partiu na perseguição de Dario que tinha fugido no cuidado ou custódia de Bessus o sátrapa de Bactria. Bessus, afinal, para ganhar o favor de Alexandre, ou, falhando que, manter uma resistência mais próspera, assassinou Dario. Alexandre se apressou em para a conquista de Bactria e Sogdiana, no curso da expedição dele Bessus capturador e o pondo a morte. Em imitação de Bacchus, ele procedeu invadir a Índia agora. Ele conquistou tudo antes dele até que ele alcançasse o Sutlej; neste momento os veteranos macedônios dele recusaram o seguir mais distante.

8. A vida íntima dele

Assim compelido para deixar esperanças de conquistas no mais distante Leste, ele voltou a Babilônia que ele pretendeu fazer a capital suprema do império dele, e, com toda sua energia superabundante, se fixou organizar os domínios dele, e ajuste a Babilônia para seu destino novo. Enquanto comprometido neste trabalho ele foi agarrado com malária que, agravou pelo descuido dele comendo e bebendo, matando-o no 33º ano dele. (323 a.C.)

9. A Influência dele

Alexandre somente não será lembrado como um conquistador militar. Se ele tivesse sido só isto, ele não teria deixado nenhuma impressão mais funda no mundo que Tamerlane ou Átila rei dos Unos. Enquanto ele conquistou a Ásia, ele também empreendeu a Helenizar. Ele fundou cidades gregas que desfrutaram a todos os eventos uma autonomia municipal em todos os lugares. Com estes, foram esparramados pensamento helenístico e o idioma helenístico por toda parte Ásia do sudoeste, de forma que filósofos dos bancos do Eufrates ensinados nas escolas de Atenas. Foi pelas conquistas de Alexandre que o grego se tornou o idioma de literatura e comércio das costas do mediterrâneo aos bancos do Tigre. É impossível calcular o efeito desta expansão do grego na promulgação do evangelho. Por isso seus admiradores e inimigos o chamavam de Alexandre o Magno (Grande)

Alexandria

al-eg-zan´dri-a (η Α , *he Alexandraia*).

1. História

Em 331 a.C, Alexandre o Grande, no modo dele para visitar o Oráculo de Amon que busca honras divinas, parou à extremidade Ocidental do Delta na ilha de Faros o aterrissagem lugar de Odysseus (Od. iv. 35) o olho agudo dele notou as possibilidades estratégicas do local ocupadas pela pequena aldeia egípcia de Racotis, e a decisão dele era imediata para erguer aqui, onde comandaria o portal ao domínio mais rico do império dele, uma cidade gloriosa a ser chamada pelo próprio nome dele. Deinocrates, maior arquiteto vivo, já famoso como construtor do Templo de Diana, era determinada carta branca e como um sonho a cidade mais bonita do mundo antigo ou moderno (com a única exceção de Roma) surgiu com reta, ruas paralelas - um pelo menos 200 pés largo - com fortalezas, monumentos, palácios, edifícios de governo e estaciona tudo erguidos de acordo com um plano artístico perfeito. A cidade era aproximadamente quinze milhas em circunferência (Plínio), e quando olhada de acima representou um capote macedônio, como era usado pelos antepassados heróicos de Alexandre. Uma verruga colossal se juntou à ilha para a terra principal e fez um porto enorme, o melhor em todo o Egito. Antes de Alexandre morrer (323 a.C.) o futuro da cidade como a metrópole comercial do mundo estava seguro e aqui o caixão dourado do conquistador foi colocado em um próprio mausoléu. Debaixo da proteção dos dois primeiro Ptolomeus e Euergetes Alexandria alcançou sua prosperidade mais alta, enquanto recebendo por Lago Mareotis os produtos do Egito Superior, alcançando pelo Grande Mar toda a riqueza do Oeste, enquanto pelo Mar Vermelho seus recipientes mercantis trazidos todos os tesouros da Índia e Arábia na Alexandria ancoram sem ser uma vez ter guarida. As manufaturas de Alexandria eram extensas, a maior indústria de construção naval, os navios mercantis maiores do mundo e couraçado de batalha capaz de levar 1000 homens que poderiam lançar fogo com efeito medroso sendo construído aqui. Esta posição de supremacia foi mantida durante a dominação romana até o 5º século durante o qual a Alexandria começou a recusar. Ainda até mesmo quando Alexandria foi capturada pelos árabes (641 d.C) debaixo do califa Omar, o general poderia informar: "Eu levei uma cidade que contém 4000 palácios e 4000 banhos e 400 teatros." Eles chamaram isto uma "cidade de mármore" e acreditou os obeliscos colossais, enquanto se levantando em caranguejos de cristal, e o Farol de pedra branca (Mármore) 400 pés alto (135 metros), "maravilha do mundo antigo," ser a criação de deus, não de homens. Com exagero oriental eles declararam aquele anfiteatro poderia segurar um milhão de espectadores facilmente e que era positivamente doloroso andar à noite nas ruas por causa do clarão de luz refletido dos palácios brancos de mármore. Mas com a vinda dos árabes a Alexandria começou a recusar. Afundou abaixo quando o Cairo se tornou a capital (aproximadamente 1000 d.C.), e recebeu seu sopro de morte quando uma rota de mar para a Índia foi descoberta por via do Cabo da Boa Esperança (aproximadamente 1500 d.C). Hoje a Alexandria antiga está completamente debaixo do mar ou em baixo de alguma construção posterior. Só uma relíquia importante permanece visível, o Pilar do Pompeu denominado que data do reinado de Diocleciano. Escavações pelo inglês (1895) e alemão (1898-99) rendeu poucos resultados, entretanto Dr. G. Botti descobriu o Serapeum e algumas imensas catacumbas, e só recentemente (1907) algumas esfinges de multa. Em

seu período florescendo a população numerou de 600.000 a 800.000, a metade de quem seja talvez os escravos. Ao fim do 18º século, numerou não mais que 7000. Debaixo do khedives ganhou recentemente agora algo de sua importância velha e números 320.000, de quem 46.000 são os europeus, principalmente os gregos (Baedeker, Manual, 1902; Murray, Manual, 1907).

2. Os judeus de Alexandria

Os documentos privados de Alexandre dizem que um esboço que esboçou o plano vasto dele de fazer um império grego que deveria incluir todas as raças como unidade harmoniosa foi achada. Conforme isto, os Europeus, Asiáticos e Africanos acharam Alexandria uma cidadania comum. Realmente em várias cidades, debaixo dos Ptolomeus que aceitou esta política foram dados os estrangeiros até mesmo superioridade para nativo. Os egípcios e gregos foram conciliados pela introdução de uma religião de sincretismo na qual o maior deus grego foi adorado como Osíris, deus egípcio do mundo dos criminosos cuja alma se apareceu visivelmente na forma do touro de Apis. Esta era a forma mais popular e humana da adoração egípcia. Esta religião nova obteve sucesso fenomenal. Estava em adiantamento desta política geral que os judeus de Alexandria eram determinados privilégios especiais, e provavelmente não possuindo, entretanto direitos cívicos cheios, contudo eles “ocupavam em Alexandria uma posição mais Influente que em qualquer outro lugar no mundo antigo” (Enciclopédia judia). Evitar fricção desnecessária um distrito separado foi dado aos judeus, outros para os gregos e outros para os egípcios nativos. Na seção grega são situados os palácios dos Ptolomeus, a Biblioteca e o Museu. No distrito egípcio estava o templo dedicado a Serapis (Osiris-Apis) que só foi superado em grandeza pelo capitol em Roma. Os judeus possuíram muitas sinagogas no próprio distrito deles e no dia de Filo que estes não foram limitados a qualquer uma seção da cidade. Algumas sinagogas parecem ter exercitado o direito de asilo, igual a templos pagãos. Um destes era tão grande que o Cazan sinalizaram por uma bandeira quando a congregação deveria dar o Amém! Cada distrito teve um governo político praticamente independente. Os judeus eram no princípio governado por um etnarca hebreu. Antes dos dias de Augusto um Conselho de Anciões (*gerusia*) teve controle, presidiu em cima de através de 71 arcons. Por causa da riqueza deles, educação e posição social eles chegaram ao alto serviço público. Debaixo de Ptol. VI e Cleópatra o dois generais chefe do exército real seja os judeus. Ptol. I teve 30.000 soldados judeus, no exército dele cujo só foram descobertos recentemente quartéis. Pode ter sido uma coisa boa que a perseguição de Antioco Epifanio (2º século a.C.) conferiu a helenização judia. Durante a supremacia romana foram mantidas as propriedades dos judeus, excluída durante a perseguição deles para um período breve pelo insano Calígula, e o controle das indústrias mais importantes, inclusive o comércio de milho, entrou nas mãos deles. Quando Cristianismo se tornou a religião estatal do Egito que os judeus começaram a ser perseguidos imediatamente. A vitória de Heraclius em cima dos persianos (629 d.C) foi seguida por tal um massacre dos judeus que os Copticos do Egito ainda denominam na primeira semana em Quaresma como os “Rápidos de Heraclius.” Sabedoria e muitas outras escritas influentes dos judeus originaram em Alexandria. Indubitavelmente números dos documentos recentemente descobertos do Cairo *genizah* vieram originalmente de Alexandria. Mas é achada a importância de época de Alexandria no ensino que preparou as pessoas hebréias para a recepção de um evangelho para o mundo inteiro que logo seria orado por hebreu da Galiléia Helenizada.

3. A Influência de Alexandria na Bíblia

(1) em Daniel 11 são feitos o Ptolomeu de Alexandria e as esposas deles um tema de profecia. Apolo, o “orador,” nasceu em Alexandria (At 18:24). Lucas fala duas vezes dele e Paulo velejando dentro “um navio de Alexandria” (At 27:6; At 28:11). Estevão 'disputou' em Jerusalém na sinagoga com Alexandrinos (At 6:9). Estas referências diretas são poucas, mas a influência de Alexandria na Bíblia era inestimável.

(2) A Septuaginta, traduziu em Alexandria (3º a 2º séculos a.C), preserva um texto hebreu 1.000 anos mais velhos que qualquer agora conhecido. Esta tradução se não usada por Jesus era certamente usado por Paulo e outros escritores do Testamento Novo, como mostrado pelas citações deles. É até mesmo egípcio em ninharias. Esta Bíblia grega não só abriu pela primeira vez os “Oráculos Divinos” para os Gentios e assim deu ao Testamento Velho uma influência internacional, mas afetou o desenvolvimento hebreu e Cristão vitalmente.

(3) o Códex Alexandrino (4º a 5º séculos) era o primeiro em lugar o grande uncial para entrar nas mãos de estudantes modernos. Foi obtido em Alexandria e enviado como presente ao rei da Inglaterra (1628) por Cyrellus Lucaris, o Patriarca de Constantinopla. O Sinaiticus e uncial do Vaticano com muitos outros manuscritos da Bíblia mais importantes - hebreu, grego, cóptico e Siríaco - veio de Alexandria.

(4) foram considerado John e várias outras escritas do Testamento Novo justamente como mostrando a influência desta cidade filosófica. Nem poderiam ter sido agarradas o fareseologia nem concepções do Quarto Evangelho em um mundo que a Alexandria não tinha ensinado. A declaração de Pfeiderer que Ele “pode ser termino o tratado mais acabado da filosofia de Alexandria” pode ser duvidado, mas ninguém pode duvidar o fato de influência de Alexandria no Testamento Novo.

4. Influência de Alexandria na Cultura

“Com o fundar da Universidade de Alexandria começou a terceira grande época na história da civilização” (Max Müller). Foi modelado depois da grande escola de Atenas, mas superou, enquanto sendo proeminente a “universidade de progresso” (Mahaffy). Aqui é visto uma escola de ciência e literatura pela primeira vez, adequadamente dotado e oferecendo instalações grandes para pesquisa original definida. A famosa biblioteca que a eras diferentes foram informadas como possuindo de 400,000 a 900,000 livros e rolos - o ser de rolos tão precioso quanto os livros - era um edifício magnífico conectado por colunatas marmóreas com o Museu, o “Templo das

Musas.” Um observatório, um laboratório anatômico e jardins botânicos e Zoológicos grandes estavam disponíveis. Foram resididos estudantes célebres, sócios das várias faculdades, dentro dos corredores do Museu e receberam estipêndios ou salários do governo. O estudo de matemática, astronomia, poesia e medicina estava especialmente favorecido (vivisseção plana em criminosos que são comum); foram buscados os arquitetos de Alexandria o mundo em cima de; Inventores de Alexandria eram quase igualmente famosos; ainda pode ser marcada a influência de arte de Alexandria em Pompeu e um pintor de Alexandria era um rival odiado de Apelles. Aqui Euclides escreveu os Elementos de Geometria; aqui Arquimedes, “aquele maior gênio matemático e inventivo de antiguidade,” fez as descobertas espetaculares dele em hidrostáticas e hidráulicas; aqui Erastóstenes calculou o tamanho da terra e fez as outras descobertas memoráveis dele; enquanto o Ptolomeu estudou aqui durante 40 anos e publicou uma explicação do universo estelar que foi aceito por cientistas durante 14 séculos, e teorias matemáticas estabelecidas que ainda sejam à base de trigonometria. “Desde então esta época as concepções de esfera da terra, seus postes, eixo, o equador, os círculos árticos e antárticos, que o equinócio aponta, os solstícios, a desigualdade de clima na superfície da terra, foram noções atuais entre cientistas. O mecanismo das fases lunares era entretanto não completamente perfeitamente compreendido, e cuidadoso foram feitos cálculos prósperos de distâncias inter siderais. Por outro lado literatura e arte floresceram debaixo da proteção cuidadosa do tribunal. Literatura e sua história, filologia e crítica se tornaram ciências” (Alexandria Weber). Pode ser reivindicado que em literatura nenhuma originalidade especial foi exibida o mais cedo, entretanto “tempestades de amor” e data de poesia pastoral deste período (Mahaffy); contudo a literatura da Idade de Augusta não pode ser entendida “sem avaliação devida do caráter da escola de Alexandria” (EB, 11^o ed.), enquanto editando textos e copiando e traduzindo manuscritos foram exibidas paciência inconcebível e erudição. Nossos textos autorizados de Homer e outros escritores clássicos não vêm da Alexandria de Atenas. Foram enviados livros todo famosos trazidos no Egito para a biblioteca a ser copiada. A declaração de Josefo que Ptolomeu Filadelfo (285-247 a.C.) pediu para os judeus que traduzissem o Testamento Velho em grego não é incrível. Estava conforme o costume daquela era Ptoimaica. É dito que Euvergetes tem enviado para Atenas para os trabalhos de Êsquilo, Sófocles, Eurípides, etc., e quando estes foram transcritos, foram mandados de volta cópias bonitas para a Grécia e foram mantidos os originais! Nenhuma biblioteca no mundo menos a biblioteca profética em Jerusalém já era tão valiosa quanto às duas bibliotecas de Alexandria. A história que os árabes queimaram isto no 7^o século é desacreditada e aparentemente contestaram (o Mordomo). De qualquer modo, depois deste período nós ouvimos falar de grandes bibliotecas privadas em Alexandria, mas a maior maravilha literária do mundo desapareceu.

5. Influência em Filosofia

Entretanto nenhum departamento de filosofia era estabelecido no Museu, não obstante do 3^o século a.C, para o 6^o século d.C, era o centro de gravidade no mundo filosófico. Aqui Neo Pitagoreanismo surgiu. Aqui Neo-Platonismo que reação pensativa e mística contra o materialismo dos Estóicos, alcançou sua flor cheia. É difícil de superestimar a influência do posterior em pensamento religioso. Nisto as profundas especulações arianas estavam misturadas com os sublimes conceitos Semíticos. Platão foi numerado entre os profetas. Grécia aqui reconheceu a divina Unidade para a qual o Testamento Velho foi empenhado. Aqui o judeu reconheceu aquela Atenas tão verdadeiramente quanto Jerusalém tinha ensinado uma visão de Deus. Esta foi a primeira tentativa para formar uma religião universal. A filosofia de Alexandria era o Elias para preparar o modo para um Salvador do mundo. O pensamento de Saduceus e Fariseus era afetado por isto e muita recente literatura judia pré cristã é saturado com isto. Neo-platonismo chamou atenção à verdadeira relação entre assunto e espírito, bem e mal, finito e infinito; mostrou a profundidade de antagonismo entre o natural e espiritual, a realidade e ideal; proclamou a necessidade de alguma união mística entre o humano e o Divino. Declarou mas não pôde resolver o problema. Sua última palavra era fuga, não reconciliação (o Ed. Caird). Neo-platonismo era o “germe fora de qual teologia Cristã pulou” (Caird) entretanto depois se tornou uma força adversa. Todavia seu ensinando perigoso relativo à mal, era em geral favorável a devoção, enquanto sendo o precursor de misticismo e simpatizante com os elementos mais fundos, mais puros De uma religião espiritual.

6. Igreja Cristã em Alexandria

De acordo com toda a tradição, Marcos o evangelista, levou o evangelho para a Alexandria, e o corpo dele descansou aqui até afastado para Veneza, 828 d.C. Deste Cristianismo na cidade alcançou todo o Egito e entrou em Núbia, Etiópia e Abissínia. Durante o 4^o século, aconteceram dez conselhos na Alexandria, isto que é centro teológico e eclesiástico de Cristandade. A primeira perseguição séria de cristãos por pagão aconteceu aqui debaixo de Decio (251 d.C.) e foi seguido por muitos outros, o um debaixo de Diocleciano (303-11 d.C.) sendo tão selvagem que a igreja cóptica nativa ainda data sua era disto. Quando os cristãos alcançaram poder político que eles usaram os mesmos métodos de controvérsia, enquanto destruindo o Caesarion depois em 366 e o Serapeum vinte e cinco anos. Serapis (Osiris-Apis) era o melhor amado de todas as deidades nativas. O templo dele foi construído da maioria dos mármore preciosos e cheio com esculturas inestimáveis, enquanto em suas abóbadas de claustro um segundo de biblioteca era só para a Grande Biblioteca do Museu. Quando Cristianismo se tornou a religião estatal de Egito os filósofos nativos, movidos por patriotismo, reunido ao apoio de Serapis. Mas Teodósio (391 d.C.) proibiu idolatria, e conduziu pelo bispo, o Serapeum foi agarrado, e golpeado pelo machado de um soldado na batalha-, a imagem - que representou a religião pagã velha provavelmente a seu melhor - foi quebrado a pedaços, e arrastou pelas ruas. Aquele dia, como Steindorff bem põe isto, “paganismo do Egito recebeu seu sopro de morte; a religião egípcia caiu a pedaços” (História do Egito). Depois disso a adoração pagã se escondeu nas guaridas e cavernas da terra. Até mesmo submissão secreta para Serapis trouxe perseguição e às vezes morte. A tragédia mais apavorante deste tipo aconteceu em 415 d.C, quando Hipatia, o filósofo de virgem, celebrado igualmente para beleza, virtude e aprendizagem, foi arrastado por uma turba para a catedral, tirou, e rasgado a pedaços antes do altar. Alguns dos maiores líderes Cristãos usaram toda sua influência contra tais atrocidades, mas os cristãos egípcios sempre eram notáveis para a excitabilidade deles. Eles mataram os hereges facilmente, mas eles se vão seja morto em lugar de renunciar a doutrina teológica muito mais leve e mais intangível. Só precisou da mudança de uma palavra, por exemplo, na versão habitual elevar uma revolta (Exposições, VII, 75). Algumas relíquias curiosas da igreja egípcia cedo têm vindo iluminar muito recentemente. O autógrafo mais velho carta Cristã conhecida (3^o século) prova isso naquele momento a igreja era usada como um

banco, e seus eclesiásticos (quem, se padres ou bispos, foi chamado “papa”) eram esperados que ajudasse os comerciantes rurais nos procedimentos deles com os mercados romanos. Também são preservadas umas sessenta cartas do 4º século escritas a um oficial de cavalaria Cristão no exército egípcio, enquanto papiro e *ostraca* de aproximadamente 600 espetáculo de d.C, isso há este tempo que nenhum diácono poderia ser estado sem ter aprendido primeiro de cor até um Evangelho inteiro ou 25 Salmos e duas epístolas de Paulo, enquanto uma carta de bispo deste período está cheia com Bíblia, como ele anatematizes o “o opressor do pobre,” que é comparado até ele que desovam em face a nosso Deus na cruz e O golpearam na cabeça (Adolph Deissmann, *Ilumine do Leste Antigo*, etc., 1910). Opressão de judeus e hereges não era, porém, proibido e durante os 5º e 6º séculos. Egito era um campo batalha no qual cada seita perseguiu todo outro. Até mesmo quando os árabes debaixo do califa Omar capturaram a cidade na boa sexta-feira (641), Dia de Páscoa estava gasto pelo ortodoxo torturando os hereges supostos! A manhã que vem a cidade foi evacuada e os judeus e Cópticos receberam tratamento melhor dos árabes que eles tiveram do eclesiasticus romano ou grego. Depois da conquista árabe a igreja cóptica, enquanto sendo libertado de perseguição, prosperou e ganhou muitos convertidos igualam dos maometanos. Mas a civilização de Sarracenos e religião deslocou continuamente o velho, e a aprendizagem nativa e religião de nativo desapareceu logo no deserto. Antes do 8º século, árabe tinha acontecido de grego e cóptico, não só em documentos de público, mas em comum fala. Então durante 1.000 anos a igreja egípcia permaneceu sem influência perceptível em cultura ou teologia. Mas sua influência cedo era imensurável e ainda pode ser marcada em arte Cristã, arquitetura e ritual como também em filosofia e teologia. Talvez sua influência mais visível estivesse no encorajamento de imagem reverência e asceticismo. É sugestivo que o primeiro ermitão (Antoni) era um egípcio nativo, e o primeiro fundador de um convento (Pacomius) era um egípcio convertido (o pagão) o monge. Hoje Alexandria se tornou uma metrópole Cristã que contém Cópticos, romanos, gregos, armênios, Maronitas, sírios, Caldeus e protestantes novamente. Os protestantes são representados pela igreja anglicana, o Sulco igreja Grátis, a igreja evangélica de Alemanha e a igreja presbiteriana Unida do EUA (Para divisões minuciosas veja Enciclopédia católica)

7. Escola Catequética de Alexandria

A primeira escola teológica da Cristandade foi fundada em Alexandria. Provavelmente foi modelado depois que escolas de Gnósticos mais cedo estabelecessem para o estudo de filosofia religiosa. Ofereceu um curso três anos. Não havia nenhuma taxa, os conferencistas que são apoiados através de presentes de estudantes ricos. Pantaenus, um filósofo Estóico convertido, foi sua primeira cabeça (180). Ele foi seguido por Clemente (202) e por Orígenes (232) debaixo de quem a escola alcançou seu êxito. Sempre representou a vindicação filosófica do Cristianismo. Entre seus maiores escritores esteja Julio Africano (215), Dionísio (265), Gregório (270), Eusébio (315), Atanásio (373) e Didi mo (347), mas Orígenes (185-254) era sua glória principal; a ele pertence à honra de derrotar paganismo e Gnosticismo com as próprias armas deles; ele deu para a igreja uma “consciência científica,” a interpretação dele da Bíblia afetou exegese Bíblica claro até o último século. Ario era um catequista nesta instituição, e Atanásio, o “o pai da ortodoxia” e “centro teológico da idade de Nicene” (Schaff), entretanto não oficialmente conectado com a escola de catequese era muito afetado por isto, tido sido criado e tido sido treinado em Alexandria. A escola estava fechada para o fim do 4º século por causa de perturbações teológicas no Egito, mas seu trabalho foi continuado em Cesaréia e outros centros, enquanto afetando os professores profundamente Ocidentais gostam de Jerônimo e Ambrosio, e dominando pensamento Oriental completamente. Do primeiro havia um místico e tendência de docetico visível, enquanto suas visões de inspiração e métodos de interpretação, incluindo sua suposição constante de uma doutrina secreta para o qualificado inicie, veio legitimamente de Neo-platonismo. Durante vários séculos depois que a escola licenciasse que suas doutrinas eram combatia pela “escola de Antioquia,” mas antes do 8º século que a teologia de Alexandria foi aceita pelo mundo Cristão inteiro, leste e oeste.

Literatura

Além trabalhos mencionados no texto especialmente vêem: Petrie, *História de Egito* (1899), V, VI, Mahaffy, *Império do Ptolemies* (1895), *Progresso de Helenismo* (1905); o Mordomo *Conquista árabe de Egito* (1902); Ernst Sieglin, *Ausgrabungen em Alexandrien* (1908); Harnack, *der de Lehrbuch Dogmengeschichte* (1895-1900), e em Sch-Herz *Novo* (1910); Inge, *Teologia de Alexandrian em Enciclopédia de Religião e Éticas* (1908); o Ed. Caird, *Evolução de Teologia nos Filósofos gregos* (1904); Pfeleiderer, *Filosofia e Desenvolvimento de Religião* (1894); Schaff, *História de Igreja Cristã* (1884-1910); Zogheb, *Etudes sur l'ancienne Alexandrie* (1909).

Alexandrinos

al-eg-zan´dri-ans (Αλεξανδρείς, *Alexandreis*): os judeus de Alexandria que teve com os Libertinos e Cireneus, uma sinagoga em Jerusalém. Eles estavam entre esses que disputaram com Estevão (At 6:9).

Algumins; Almug

al´gum, (, 'alummim (2Cr 2:8; 2Cr 9:10); (, 'almuggim, I Rs 10:11)): é geralmente suposto que estes dois nomes recorrem a um tipo de árvore, as consoantes que são transpostas como não é incomum em palavras Semíticas. Solomão enviou a Hirão, rei de Tiro, dizendo, “também me envie madeira de cedro, abeto, e algumins, fora do Líbano” (2Cr 2:8). I Reis10:11 diz que a marinha de Hirão “isso

trouxe ouro de Ofir, trouxe de Ofir grandes bastantes madeira de almug e pedras preciosas.” a passagem paralela em 2Cr 9:10 diz que “algumins e pedras preciosas” foi trazido. Desta madeira “o rei fez... pilares para a casa de Yahweh, e para a casa do rei, também toca harpa e saltérios para os cantores: lá não havia nenhuma tal árvore almug, nem foi visto, até este dia” (I Rs 10:12). A madeira era evidentemente muito preciosa e aparentemente veio da Ásia Oriental - a menos que nós suponhamos de 2Cr 2:8 que na verdade cresce no Libano que é altamente improvável; era evidentemente uma multa, fim granulou madeira, satisfatório por esculpir. Tradição diz que esta era a madeira da famosa sandália que foi posta antigamente a usos semelhantes na Índia e era altamente computada tudo pela sua cor, fragrância, durabilidade e textura. É a madeira de uma árvore, pussantalinus de Pterocar (N.D. Santalaceae) que cresce a uma altura de 25 a 30 pés; é nativa das montanhas de Malabar.

Aliá

a-li'á (, *alyah*):Um dos duques, ou cabeças de milhares de Edom (1Cr 1:51). Em Gn 36:40 o nome Alva é (, *alwah*), o único ser de diferença a mudança do mais fraco , *v*, de Gn para o um pouco mais forte , *y*, das Crônicas posteriores, uma mudança que não é infreqüente em hebreu. Ele não será confundido, como em HDB, com o Aliã do mesmo capítulo.

Aliã

a-li'an (, *alyan*):Um descendente de Esau, e filho de Sobal (1Cr 1:40). Na genealogia mais cedo correspondente (Gn 36:23) a mesma pessoa é determinada como Alvã (, *alwan*), a mudança da terceira consoante um simples sendo, comum no hebraico, que acontece semelhantemente em Aliã (o qual vêem). Aliã não será identificado com Aliá, como os grupos de nomes em o qual acontecem estes são bastante diferentes, e o contexto em cada caso não é o mesmo.

Estrangeiro

al'yen: achado na KJV para , *ger*, (Ex 18:3) = “o convidado,” conseqüentemente: “o estrangeiro,” “o pagão” a Versão Revisada (britânico e americano); também para , *nekhar* (Is 61:5) = “estrangeiro,” “um estrangeiro” a Versão Revisada (britânico e americano) (concreto), (abstrato), “estrangeiro,” “estranho” (- er), e para , *nokhri* (Dt 14:21 a Versão Revisada (britânico e americano) “o estrangeiro”; compare Jó 19:15; Sl 69:8; Lm 5:2) - “estranho,” em uma variedade de graus e significados: “estrangeiro,” “não relativo,” “adúltero,” “diferente,” “maravilhoso,” “estrangeiro,” “estranho,” “estranho.” No Testamento Novo nós achamos *α* , *apellotrio* *menos* (Ef 4:18; Cl 1:21) = “sendo alienado,” e *allotrios* (Hb 11:34) = “outro,” “não a própria pessoa,” conseqüentemente: “estrangeiro,” “não consangüíneo,” “hostil.” No Testamento Velho a expressão foi levada em seu sentido literal, enquanto recorrendo a esses que não eram os Israelitas - o pagão; no Testamento Novo é determinado um significado figurativo, como indicando esses que não foram naturalizados no reino de Deus, conseqüentemente está fora do Cristo e a bênção do evangelho.

Separação/Aliene

al'yen-at (, *abhar*; *α* , *apallotrio*, Em Testamento Velho, para a separação entre o marido e esposa causadas por deslealdade ao voto de matrimônio (Jr 6:8; Ez 23:17); também aplicou à diversão de propriedade (Ez 48:14). Em Testamento Novo, espiritualmente, para o torneamento da alma de Deus (Ef 2:12; Cl 1:21). O grego *allotrios* que é a raiz do verbo, o oposto é *α-ι-ος*, “a própria pessoa.” A palavra insinua um estado anterior, de onde a pessoa ou coisa partiu, e que, geralmente, através de deterioração.

Vivo

a-liv' (, *hai*, “vivendo”; , *zao*, “viver,” *α* , *anazao*, “viver novamente”): Estes originais hebraicos e gregos são as condições

principais para vida em ambos os Testamentos. Eles cobrem toda a vida, inclusive alma e espírito, embora recorrendo principalmente a vitalidade física. Podem ser citados exemplos notáveis: “vive ainda vosso pai?” (Gn 43:7); “se apresentou vivo, com muitas provas infalíveis” (At 1:3). Frequentemente usado como: “o Deus vivo” (Js 3:10); também da vida de ressurreição: “do mesmo modo em Cristo todos serão vivificados” (1Co 15:22); da vida regenerada da alma: “Assim também vós considerai-vos como mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus” (Rm 6:11 :13 na KJV). O termo é vital com a energia criativa de Deus; a cura, remissório, vida de ressurreição de Cristo; o renovando e recreativa dão poder a do Espírito Santo.

Tudo

o^h: Usado em várias combinações, e com significados diferentes.

(1) desde o princípio, “Lamentando desde o princípio como foi ele” (Jr 41:6), i.e. Ao longo do modo inteiro foi ele, enquanto fingindo preocupação igual com os homens de Siló, etc., para a destruição do Templo, para pô-los fora o guarda deles.

(2) ao todo, “Aquele Deus pode ser ao todo” (1Co 15:28, grego: *panta en pasin*, “todas as coisas em tudo (as pessoas e) coisas”). “O universo, com tudo inclui, responderá completamente para Deus vá e reflita a mente dele” (Dummelow).

(3) todo o um, “é todo o um” (Jó 9:22), “dá na mesma se eu vivo ou morro.”

(4) nada, “Se teu pai notar a minha ausência” (1Sm 20:6), “de qualquer forma,” “no menos.”

(5) tudo para, “Tudo para frear o crânio dele” (Jz 9:53 na KJV) uma forma obsoleta que significa “completamente”; “sem dinheiro o crânio dele em pedaços.”

(6) frequentemente usou indefinidamente de um número grande ou uma grande parte, “Todo o gado do Egito morreu” (Ex 9:6; compare Ex 9:19, 25); “toda a Judéia, e todo o círculo de região sobre” (Mt 3:5); “que todo o mundo deveria ser associado” (Lc 2:1); “toda a Ásia e o mundo” (At 19:27); “porque todos verdadeiramente tinham a João como profeta” (Mc 11:32).

Alameleque

a-lam' e-lek (, *'allammelekh*, “carvalho de um rei”): Uma cidade na tribo de Aser, o local do qual não é conhecido (Js 19:26; na KJV Alameleque).

Allar

al' ar (na KJV, Aalar; **A** , *Aalar*):Acontecendo uma vez (**LA** 1 Esdras 5:36) e usado para indicar um lugar de quais certos judeus aparentemente veio no retorno de cativo que não pôde provar a linhagem deles e poderia excluir por isto dos privilégios do sacerdócio. HDB identifica com Imer de Ed 2:59 e Ne 7:61 (que vêem), mas isto não é certo.

Acalme

a-la' (, *henph*, “causar para descansar,” “acalme”: (iluminou, “pacificar”) grandes ofensas” (Ec 10:4)): A palavra é aplicada a isso que “excita, perturba e faz intranquilo” (o Smith, Sinônimos Discriminaram, 106).

Provar/Alegue

a-lej' (" , *paratithemi*," "partir," At 17:3): não é usado na Bíblia inglesa em seu senso mais moderno e habitual, "afirmar," mas é quase equivalente para "provar."

Submissão

a-le'jans (, *mishmereth*, "um custo," de *shamar*, "manter," 1Cr 12:29): a Versão Revisada, margem dá como significado literal, "manteve o custo da casa de Saul," quais revisores consideraram figurativos para "mantendo a lealdade deles e fidelidade," i.e. "submissão."

Alegoria

al'e-go-ri: O termo alegoria, sendo derivado de *αλλο α* , *allo agoreuein*, significando para dizer algo diferente disso que as palavras que eles insinuam, pode ser aplicado etimologicamente a qualquer forma figurativa de expressão de pensamento. Em uso atual em teologia, o termo é empregado em um senso restringido, enquanto, porém sendo usado de três modos, isto é, retórica, hermenêutica e homilética. No primeiro senso mencionado é a alegoria ordinária de retórica como a qual está normalmente definida um estendido ou continuou metáfora, esta extensão que se expande de dois ou mais declarações a um volume inteiro, como "o Peregrino" de Bunyan. Alegorias deste caráter abundam na Bíblia, ambos em Testamento Velho e em Testamento Novo. São achados exemplos instrutivos deste tipo em Sl 80:8-19; Ec 12:3-7; Jn 10:1-16; Ef 6:11-17. De acordo com interpretação tradicional da exegese judaica e das igrejas católicas e protestantes o livro inteiro de Cantares é tal uma alegoria. O assunto é discutido por completo no Terry's *Biblical Hermeneutics*, etc., chapter vii, 214-38

Na história de alegoria de exegese Bíblica representa um tipo distinto de interpretação, enquanto datando atrás há tempos pré Cristão, praticado particularmente pelos judeus de Alexandria, e adotou pelos Pais da Igreja cedo e ainda praticou e defendeu pela igreja católica romana. Este método insiste que o sentido literal, particularmente de passagens históricas, não esvazia que o pretendido significado divino de tais passagens, mas que este posterior também inclua um espiritual mais fundo e mais alto e senso místico. O senso quádruplo designou aos achados da Bíblia sua expressão na declaração famosa: Littera gesta docet; libra credas, allegorica; moralis, libra agas, libra speres, anagogica ("A carta mostra coisas feitas; o que você é acreditar, o alegórico; o que você é fazer, a moral; o que você é esperar, o anagógico") de acordo com qual o alegórico é o dogmático escondido que significa ser achado em toda passagem. Cremer, no Léxico do Testamento Novo Bíblico-teológico dele, espetáculos que este método de achar um pensamento escondido atrás da declaração simples de uma passagem, embora praticado tão extensivamente no lado judeu por Aristóbulo e especialmente Filo, não é de origem judia, mas era, particularmente pelo posterior, levado dos Alexandrinos gregos (quem antes disto tinha interpretado mitologia grega como a expressão de concepções religiosas mais altas) e aplicado a uma explicação mais funda dos dados históricos do Testamento Velho, junto com seu teofanias, antropomorfismo, antropopaties, e o igual, o qual no significado claro deles foram considerados desmerecedor de um lugar na Divina revelação da Bíblia. Tais alegorias se tornaram o costume comum da igreja Cristã cedo, embora não praticado à mesma extensão em todas as seções, a igreja siria que exhibe o maior grau de sobriedade neste respeito. Nisto foi seguido só precedente judeu; as paráfrases geralmente conhecido como o Targum, o Midrash, e depois em sua forma mais extrema na Kabbalah, tudo mostraram esta marca de eisegesis em vez de exegese. Este falso princípio de hermenêutica inteiro e sua aplicação originaram indubitavelmente em uma concepção de histórica do que a Bíblia é e como eles originaram. É característico do Testamento Novo, e um das evidências de sua inspiração que na literatura Bíblica inteira daquele tempo, judeu e Cristão, é o único livro que não pratica alegorias, mas cumpre o princípio da interpretação literal. Nem é a exegese de Paulo em Gl 4:21-31 uma aplicação de falsos métodos alegóricos. Aqui em Gl 4:24 o termo *αλληγορουμενα*, *allegoroumena* precisam não seja levado no senso técnico como expressivo de um método de interpretação, mas somente como uma paráfrase do pensamento precedendo; ou, se levado tecnicamente, o todo pode ser considerado como um *argumentum ad hominem*, um modo de demonstração também achado em outro lugar nas escritas de Paulo. A igreja protestante, enquanto começando com Lutero, tem a todas as melodias rejeitadas isto alegorizando e aderiu ao princípio seguro e são, praticou pelo Cristo e o Testamento Novo inteiro, isto é, Sensum ne inferas, efferas de sed ("não leve um significado em (Bíblia) mas puxa isto fora de (Bíblia)"). É verdade que a teologia protestante mais velha ainda adere a um *sensus mysticus* na Bíblia, mas por isto significa essas passagens nas quais o senso não é carregado por verbal (por palavras), mas por descriptas de verbis de res ("por coisas descritas por meio de palavras"), como por exemplo na parábola e o tipo.

Homilética, alegorizando é aplicado ao método que tira verdades espirituais de declarações históricas comuns, como por exemplo, quando a cura de um leproso por Cristo é feita a base de uma exposição da cura da alma pelo Salvador. Naturalmente esta não é nenhuma interpretação no senso de exegético.

Alemete 2

al'e-meth (, *allemeth*, “encobrimento”; na KJV Alemete, 1Cr 6:60): Nome de uma cidade na tribo de Benjamim, perto de Anatote, um das cidades dado aos filhos de Aarão, igual a Almom de Js 21:18. Na KJV ALEMETE (o qual vêem) é baseado na leitura hebreia , *alemeth*. Seu local é a moderna Almit, uma aldeia a Nordeste de curta distância de Anatote.

Aliança

a-li'ans

1. Nas Histórias Patriarcais

São feitas referências freqüentes a alianças entre os patriarcas e estrangeiros. Abraão é informado para ter tido “contendera” entre os chefes dos Canaanitas (Gn 14:13). Ele também se aliou com Abimeleque, rei de Gerar (Gn 21:22-34). A aliança de Isaque com Abimeleque (Gn 26:26-34) que é oferecido como uma explicação do nome Berseba (Gn 26:33), parece ser uma variante do registro de aliança entre Abraão e Abimeleque. Jacó formou uma aliança com Labão, o sírio (Gn 31:44-54) por qual Gileade era estabelecido como uma linha de limite entre o Israel e arameu. Estes tratados se referem, em toda a probabilidade, para o período cedo da história de Israel, e lança bastante luz imediatamente na relação entre o Israel e os Filisteus e os sírios depois da conquista de Canaã.

2. Em História de Pré Canaanita

A única referência para uma aliança entre o Israel e pessoas estrangeiras antes da conquista de Canaã que poderia ser considerada histórica é feita entre Israel e as tribos de quenitas ao pé de Sinai, a natureza precisa de qual, porém, não é claramente mesmo indicado. Tais alianças conduziram a matrimônios entre os sócios das tribos aliadas. Assim Moisés se casou uma mulher Quenita (Jz1: 16; Jz4: 11). Os matrimônios patriarcais recorrem às condições existentes depois da conquista. Possivelmente mais uma aliança que pertence àquele período é isso entre o Israel e Moabe (Nm 25:1-3). De acordo com a narrativa, Israel foi prendido às filhas de Moabe, a Sitim, e foi desviado depois de Baal-Peor. Sua historicidade é provada das insinuações proféticas para este evento (compare Os 9:10; Mq 6:5).

3. Durante a Conquista

As hordas invadidas de Israel se encontraram com oposição forte por parte dos nativos da Palestina (Jz 1:21, Jz 1:27-36). O tempo foi formado alianças com alguns deles, que geralmente conduziu, como poderia ser esperado, para dificuldade considerável. Uma ilustração concreta é preservada na história dos Gibeonitas (Josué 9). Matrimônios foram freqüentes. A tribo de Judá foi consolidada assim pela aliança e a amalgamação com os Quenitas e Calebitas (Jz 1:10-16). Estas relações entre Israel e os Canaanitas ameaçaram a preservação da presença de Yahweh.

4. A Monarquia

Foram adotadas medidas de Proibições nos códigos legais com uma visão para separação judaica e pureza (Ex 23:32; Ex 34:12,15; Dt 7:2; compare Jz 2:2, 3; Lv 18:3, 4; Lv 20:22).

Mas a uma data muito cedo na história do reino judeu as cabeças oficiais das pessoas formaram tais alianças e casaram dentro da família. Davi se tornou um aliado a Aquis de Gate (1S 27:2-12) e mais tarde com Abner que conduziu à consolidação de Judá e Israel em um reino (2Sm 3:17-21; 2Sm 5:1-3). Aparece igualmente aquele Toi, rei de Hamate, formou uma aliança com Davi (2Sm 9:10) e aquele Hirão de Tiro era o aliado dele (I Rs 5:12). Alianças entre nações estrangeiras ficaram essenciais ao progresso do comércio durante o reinado de Solomão. São registrados dois dos tratados dele: um com Hirão de Tiro (I Rs 5:12-18; I Rs 9:11-14) e um com Faraó, rei do Egito (I Rs 9:16).

5. O Reino Dividido

Depois do rompimento, Sisaque do Egito invadiu a Judéia, e provavelmente também Israel. Isto significou uma ab-rogação do tratado que existia entre Israel e Egito durante o reinado de Solomão. Por causa da guerra entre os dois reinos, Asa formou uma aliança com Ben-Hadade da Síria (I Rs 15:18-20). Mais tarde Acabe buscou uma aliança com Ben-Hadade (I Rs 20:31-34). Amigáveis relações resultaram entre Israel e Judá, durante o reinado de Jeosafá que continuou ao fim da dinastia de Onri (I Rs 22:2-4,50; II Rs 3:7). Com a acessão de Jeú, foram retomadas hostilidades. Na guerra de Siro-Efraimitica, Israel era aliado com a Síria, e Judá com a Assíria (II Rs 16:6-9; Is 7). Isto abriu o modo ao poder assírio em ambos os reinos. Foi buscado alívio contra a Assíria no Egito; Oseias se rebelou contra Salmaneser, e aliado com Senaqueribe (Sevechus, o Shabaka da 25ª Dinastia) e assim provocou a queda de Samaria.

6. O Reino de Judá

Ezequias buscou uma aliança igualmente com Senaqueribe, mas não derivou nenhuma ajuda dele. Ele é registrado para ter formado relações amigáveis com Berodaque-Baladã de Babilônia (II Rs 20:12-18). Estas alianças resultaram na introdução de cultos estrangeiros em Jerusalém (II Rs 16:10,11). Durante o reinado de Manasses, mais uma vez foi ameaçada seriamente através de práticas religiosas estrangeiras a presença de Yahweh (II Rs 21:2-9). O espírito protestando contra as condições prevalentes achou expressão no código de Deuteronômio que enfatiza a política nacional. Josias lutou contra Faraó-Neco como um aliado da Assíria (I Rs 23:29). Jeoacaz continuou a aliança assíria e foi destronado, por conseguinte por Faraó-Neco (II Rs 23:33). Jeoiaquim foi disposto para ser amigável com o Egito, e até mesmo depois da sujeição dele para Nabucodonosor, ele permaneceu leal ao Faraó (II Rs 23:35). Zedequias veio ao trono como um aliado de Babilônia. Quando ele quebrou esta aliança, resultou na destruição de Jerusalém (II Rs 25).

7. Em Pós Exílio

Judas Macabeu buscou uma aliança com os romanos (**LA** 1 Mac 8; Josefo, Antig. XII, x, 6) que era renovado por Jônatas (1 Mac 12:1; Antig. XIII, v, 8) e por Simão (1 Mac 15:17; Antig. XIII, vii, 3). Foram concluídos tratados com o Spartanos (1 Mac 12:2; 14:20; Antig. XII, iv, 10; XIII, v, 8). A aliança romana era novamente renovada por Hircano aproximadamente 128 a.C. (Antig. XIII, ix, 2). Esta aliança provou ser de consequência fatal à independência dos judeus (Antig. XIV, iv, 4; e xiv, 5). Para os ritos conectados com a formação das alianças mais cedo, veja CONVENÇÃO.

Parente/Se aliado

a-lid' (, *karobh*, “próximo,” como em Gn 45:10; Ex 13:17, etc.): Ne 13:4 ou recorre a gravatas de família, como em Rt 2:20, ou intimar associação.

Allom

al'om (**A** , *Allon*): a Versão Revisada (britânico e americano) ALLON (o qual vêem): Um das famílias do “os criados de Solomão,” de quem descendentes voltaram com Zorobabel da Babilônia no Primeiro Retorno, 537 a.C. (**LA** 1 Esdras 5:34). O nome não é achado nas listas paralelas de Esdras e Neemias, embora alguns tentaram identificar com o último nome de cada lista, Ami de Ed 2:57, e Amom de Ne 7:59. Isto não é provável.

Allon

al'on (, *'allon*, “carvalho”):

(1) uma cidade na tribo de Naftali na Palestina do norte (Js 19:33), de acordo com a KJV que segue alguns textos hebreus. É, porém melhor para ler com a Versão Revisada (britânico e americano), “carvalho” (? , 'e?lo?n), em lugar de como próprio substantivo.

(2) um descendente proeminente da tribo de Simeão (1Cr 4:37).

(3) a Versão Revisada (britânico e americano) para Allom da KJV em (**LA**) 1 Esdras 5:34 (que vêem).

Alom-Bacute

al'on-ba'kuth (, *'allon bakhuth*; a KJV translitera Allon-bachuth, al-em-bak'uth, “carvalho de lamentar”): O lugar de enterro de Débora, a ama de Rebeca (Gn 35:8); se aparece da narrativa que ela fez a casa dela com Jacó que tinha voltado de Padã-Arã e estava na ocasião a Betel, na redondeza do qual era o “carvalho de lamentar,” debaixo do qual foi enterrada ela.

Aprovar/Permita; Mesada

a-lou', a-lou'ans: O verbo "permitir" é usado na KJV para traduzir quatro palavras gregas diferentes: **(1)** *suneudokeo*, "aprovar junto" (com outros) (a Versão Revisada (britânico e americano) "consentimento até"), Lc 11:48. **(2)** *prosdechomai*, "receber à si mesmo," "admita" (a Versão Revisada (britânico e americano) "olhar para," margem "aceite"); At 24:15. **(3)** *ginosko*, "saber," "reconheça": "Que eu faço, eu não permito" (a Versão Revisada (britânico e americano) "eu não sei"), i.e. "eu não entendo o que eu estou fazendo, minha conduta é inexplicável a mim" (Grimm-Thayer); Rm 7:15. **(4)** *dokimazo*, "provar," "aprove." "Feliz ele é que não se condena na coisa que ele aprova" (a Versão Revisada (britânico e americano) "aprova," i.e. em prática), i.e. quem não está preocupado com dúvidas; Rm 14:22. Assim a Versão Revisada (britânico e americano) removeu o verbo "permita" em cada caso no qual acontece na KJV, isto que é um pouco ambíguo significando (seu senso original, como derivado de *allocare* latino, "colocar," "nomeie," "concessão," sendo influenciado por outra palavra, *allaudare* latino, "elogiar"). O substantivo "mesada" acontece no senso de quantidade de comida permitido, em II Rs 25:30 (a KJV, a Versão Revisada (britânico e americano)) e a passagem paralela Jr 52:34 (RV; "dieta" na KJV).

Liga (?)

a-loi' (, *b'dhil*): Em Is 1:25 a Versão Revisada, margem,; traduzido "lata" no texto. Em outro lugar em ambos o *b'dhil* é traduzido LATA (o qual vêem).

Fascinar

a-lur' (, *pathah*, "persuadir," "galanteie," "atraia"; , *deleazo*, "atrair," "ponha uma isca");

(1) "eu a fascinarei, e a levarei no deserto" (Os 2:14), com referência evidente para a invasão assíria e a devastação da terra, seguiu para cima pelo Exílio. Assim vā Yahweh atraem o Israel para se arrepender através de castigo suave; então seguiria a restauração dela e a efusão do amor dele (Os 2:14).

(2) "eles fascinam pelas luxúrias da carne" (2 Pe 2:18, a Versão Revisada (britânico e americano) "atraia"). Os homens maus fascinam a destruição; Deus (como sobre) fascina a castigo, arrependimento e restauração.

Todo-poderoso

oʿl-mit'i: (1) (, *shaddai* (Gn 17:1)): Achado no Testamento Velho 48 vezes, a maioria destes no Livro de Jó; ou acontece só ou em combinação com , *'el*, "Deus". A raiz significação incerta. **(2)** (, *pantokrator*), a tradução exclusiva desta palavra grega no Testamento Novo, acha-se principalmente em Apocalipse (9 vezes), uma vez além (2 Co 6:18). Sua ocorrência na Apócrifa é freqüente. Veja DEUS, NOMES DE.

Almodá

al-mo'dad (, *'almodhadh*, "o amado," ou, "Deus é amado"): O primeiro mencionou dos treze filhos de Joctã (Gn 10:25-29; 1Cr 1:19-23). Um nome sul árabe, e apontando a uma tribo árabe sul. Veja ABIMAEEL.

Almom

al'mon (, 'almon, “escondido”): Uma cidade dos Levitas na tribo de Benjamim (Js 21:18), igual a “Alemete” a Versão Revisada (britânico e americano), “Alemete” na KJV, de 1Cr 6:60 (o qual vêem).

Almom-Diblataim

al'mon-dib-la-tha'im (, _almon dibhlathayim, “Almom do bolo dobro de figos”): Uma estação no deserto na viagem dos Israelitas, situado em Moabe entre Dibom-Fade e as montanhas de Abarim (Nm 33:46,47). Estava próximo o fim dos quarenta anos de peregrinação. O nome era provavelmente determinado porque o local estava como dois caroços de figos apertados. Em ambas as ocorrências a palavra tem o fim acusativo de direção, e deveria ser lido corretamente: “Almom para Diblataim.” provavelmente era o mesmo lugar como Bete-Diblataim de Jr 48:22, mencionou no oráculo do profeta contra Moabe.

Amêndoa

a'mund:

(1) , *shakedh*, Gn 43:11; Nm 17:8, etc. A palavra *shaked* vem de uma raiz hebraica que significa “assista” ou “espere.” Em Jr 1:11,12 há um jogo na palavra, “E eu disse, eu vejo uma vara de uma amendoeira (*shakedh*). Então disse Yahweh a mim, Tu tem visto bem: porque eu assistirei (*shokedh*) em cima de minha palavra para executar isto.”

(2) , *luz*; na KJV *hazel*, Gn 30:37; lauz o nome árabe moderno é para “amêndoa” - Luz o nome velho de BETEL era (o qual vêem).

1. Amendoeira

A amendoeira é mencionada em Ec 12:5 onde na descrição de velhice diz “a amendoeira florescerá.” A referência provavelmente é ao cabelo branco da idade. Uma amendoeira tem certa semelhança em plena floração em uma ladeira distante a uma cabeça de cabelo branco.

2. Uma Vara de Amêndoa

Uma vara de amêndoa recorre a Gn 30:37 onde “Jacó o levou varas de álamo fresco, e da amêndoa (*luz*) e da plátano; e descascou raia branca neles” como uns meios de afiançar “anel-listrado, salpicado, e manchado” cordeiros e cabras - um procedimento fundou indubitavelmente em um pouco de folclore antigo. A vara de Aarão que brotou (Nm 17:2, 3) era uma vara de amêndoa. Também veja Jr 1:11 se referiu para acima.

3. As Flores

São mencionadas as flores da amêndoa Ex 25:33; Ex 37:19, etc. “Xícaras feitas como amêndoa - florescem em uma filial, um knop (i.e. maçaneta) e uma flor,” é a descrição dada de partes dos castiçais sagrados. É exatamente duvidoso o que era planejado - o mais provável é, como sugeriu Dillmann, que a xícara foi modelada depois do cálice da flor de amêndoa. Veja CASTIÇAL.

4. A Fruta

Israel dirigiu os filhos dele (Gn 43:11) levar amêndoas como parte do presente deles para José no Egito. A Palestina é uma terra onde a amêndoa floresce, considerando que no Egito pareceria ter sido incomum. São estimadas amêndoas hoje uma delicadeza; eles são comidos salgado ou batidos em uma polpa com açúcar como o Marzipã alemão familiar.

A amêndoa é *Amygdalus communis* (N.O. *Rosaceae*), uma árvore bem parecida ao pêssego. A variedade comum cresce à altura de 25 pés e produz uma flor abundante que se aparece antes das folhas; Na Palestina isto está fora completamente ao término de janeiro ou começando de fevereiro; é o precursor de fonte. É suposto que este florescendo cedo é a origem do *shakedh* de nome do qual contém a idéia “cedo.” As massas de amendoeiras fazem uma visão muito bonita e notável em plena floração em algumas partes de Palestina. A flor de um pouco de variedades é quase puro branco, de uma pouca distância, em outras partes o cor-de-rosa delicado, sempre

apresenta à parte interna das pétalas, é difundido bastante para dar um rubor rosa à flor inteira. A fruta é um drupe com uma casca fibrosa ou lenhosa seca que divide em dois meio como a fruta amadurece. A variedade selvagem comum cresce um núcleo que está amargo da presença de uma substância chamado amygdalon que rende em sua volta prússica (hydrocyanic) ácido. São enxertadas árvores jovens com cortes da doce variedade ou são brotadas com abricó, pêssego ou ameixa.

Quase

οἱ μὲν (εἰς οὗτον): Em At 26:28 o grego de *en oligo* não significa “quase,” embora os estudantes têm durante séculos traduzido a cláusula “Quase tu persuades eu para se tornar um Cristão.” Os revisores viram os erros dos antecessores deles claramente, tão longe como o significado das primeiras duas palavras está preocupado; mas a explicação deles da oração também é errônea; para o grego não pode significar “Com mas pequena persuasão quase me fazer um Cristão.” a resposta de Paulo prova aquele *en oligo* deve ser levado com o último palavra *poiesai*, não com *pe theis*, desde que ele leva *en oligo* de Agripa pares isto com *en megalō* e continua com *genesthai* que o habitual é passivo de *poiesai* (compare Lysias xii.71 com 72). E a idéia de “o Cristão” também é levado para cima e repetido em *hopō os ka ego eimi*

Uma investigação do uso de *en oligo* verá que nunca era usado no senso de “quase.” A frase acontece primeira no Hino a Hermes, 240, e aqui é evidentemente uma expressão abreviada para o homérico οἱ μὲν, *oligo eni choro* (M 423). Compare K 161, P 394. Mas era usado durante tempo e coloca, com o substantivo expresso ou entendeu (Thuc. i. 93.1; iii. 66.3; iv. 26.3; iv. 55.3; ii. 84.3; ii. 86.5; iv. 96.3; v.112; vii. 67.3; vii. 87.1; Pind. Pyth. viii. 131; Eur. Suppl. 1126; Hel. 771; Isoc. iv. 83; Dem. lviii. 60; iii. 18). Estes usos persistem longe de Homer abaixo na literatura poste-clássico (Plut. Por. 159 F; Coriol. 217 F; Arruine. 427 um; Grosseiro. 547 C; Polyb. x.18; Appian, Mithrad. 330; Themistius xi.143 C; Eustath. II.B, p.339.18). No Testamento Novo a frase acontece também em Ef 3:3. Aqui também as versões comuns estão incorretas. A cláusula em o qual a frase acontece simplesmente significa, “como disse um pequeno tempo atrás eu” - a adição de *en oligo* somente indica que o intervalo indicou por profissional é curto, uma idéia que teria sido expressada em grego clássico pelo dativo simples, *pro e oligo* o *proteron* de advérbio (Ar. Thesm. 578; Aeschin. i. 2, 26, 72, 165; ii. 77, 147). Só um tempo curto antes de Paulo tivesse expressado praticamente o mesmo pensamento (Ef 3:3) e em idioma quase idêntico.

Por conseguinte, *en oligo* no Testamento Novo, meios “um pequeno,” e é equivalente a *oligos* que acontecem em 2Pe 2:18. Em escritores clássicos a idéia teria sido expressada através de *ol gon*, ou *kat' oligon*. Assim *en oligo*, o qual significou originalmente “em um pequeno espaço” (ou tempo), vem simplesmente significar “um pequeno (mordeu),” *ein bischen*, mas nunca é equivalente a *ol gou* (“dentro um pequeno”) em qualquer período do idioma. O Rei o James os tradutores desconsideraram a real significação de *poiesai*, ou adotou a leitura dos manuscritos inferiores (*genesthai*), para fazer o resto de a oração harmonizar com a tradução deles/delas das primeiras duas palavras; e os revisores forçam as últimas duas palavras em um serviço impossível, como o objeto de *poiesai* do qual *Christianon* é o predicado lucrativo, deve ser uma terceira pessoa, mas certamente não Agripa. Alguns estudantes são da opinião que o pensamento é: “Você está tentando para me persuadir para me fazer um Christian.” Isto é, realmente, a versão espanhola; mas espetáculo de exemplos que o infinitivo depois de , era usado em um senso diferente. As melhores leituras manuscritas ΠΙΘΕΙΣ. Isto pode, claro que, esteja de pé para ΠΕΙΘΕΙΣ. Mas ΜΕΠΙΘΕΙΣ pode apontar a um original ΜΕΠΙΠΘΕΙΣ. Compare Jam_4: 5 e 2co_5:2, Perna de Platão. 855 E. Se estas contenções estão corretas, o verbo simplesmente significa “seriamente desejo,” e não “persuada.” Compare Herod. v.93; Platão Protag. 329 D; Aesch. Persa. 542; Soph. Phil. 534; Eur. H.F. 1408; I.T. 542; Cycl. 68; Íon 1432, Ar. Lys. 605, *tou der, ti potheis*; Agripa está perguntando, “O que quer você, Paulo? O que está tentando você para fazer? Me faça um Christian?” A implicação na resposta de Paul é que ele realmente é muito cobiçoso de fabricação ele um Christian. E esta interpretação harmoniza com a cena. O negócio do apóstolo é nesta conjuntura não converter o pagão a Cristianismo; porque ele está em cadeias antes de Agripa, Berenice Festo e homens proeminentes de Cesárea, *meta polles phantas as* (At 26: 23), responder os custos trazidos contra ele pelos judeus. Mas ele exibe a comprimento e com tal ardor que o rei romano diz (entretanto não necessariamente em ironia): “Você parece estar ansioso para me fazer um Cristão em medida pequena.” E Paulo responde: “pequeno e grande.” Todos os manuscritos, menos Sinaiticus, têm , (Alexandrinos ΠΙΘΗ). Vários *genesthai* erudito (em vez de *poiesai*). Wetstenius (Amsterdã 1752) e Knapp (Halle 1829) sigam estes manuscritos. Assim a maioria do velho traduz: Coverdale (1535), “Tu persuadest eu em uma parte para se tornar um Batize”; Biblia Sacra (Paris 1745) “Em suades de modico eu fieri de C.”; um MS latino, 14º século, agora em Pista Semitic, Cincinnati; O Scholia de Rosenmueller (1829), “Parum abest quin mihi persuadeas ut fiam”; und de Stier Theile Polyglotten Bibel (1849), Tregelles (1857-1879, com a versão de Jerome); Edouard Reuss, apostolique de Histoire (Paris 1876), “vas de Tu eu persuader bientôt de devenir Chrétien.” A tradução da Bíblia de Rainha Elizabeth é “Um pouco tu bryngeste eu em minde para Chryste se tornado.” Wycliffe faz “Em coisa de lilit tu counclist eu para maad para ser um Batize o homem.” Erasmus leva *en oligo* no senso de “um pequeno.” Calvino está fazendo, “Tu escrito me faz um Cristão em um momento,” foi adotado em vários países (Wetstenius, Kuinoel, Neander, de Wette, Lange, Robinson, Hackett, Conybeare). Os estudantes mais velhos geralmente seguram para “quase” (Valla, Luther, Beza, Grotius, Castalio, Du Veil,

Bengel, Stier). Alguns interpretam a frase “com pequeno trabalho” (Oecumenius, Olshausen, Baumgarten, Meyer, Lechler). Neander mantém que se nós adotamos o *en megalos* de leituras? na resposta de Paul, devem ser explicadas as palavras de Agripa “com alguns razões” (“que não o valerá muita dificuldade”). Meyer-Wendt (Kritisch-exegetisches über de Handbuch morrem Apostelgeschichte) traduz “mit Weregem innerredest du mich o Cristo werden de zu.” o próprio Meyer concebe as palavras a ter sido faladas sarcasticamente. Veja Revisão Clássica, XXII, 238-41.

Esmolas, Dar esmolas

ams, ams-giv'ing: A palavra inglesa “esmolas” uma forma abreviada da palavra grega ελεημοσύνη, *eleemosune* (compare “eleemosynary”), se aparecendo em formas gradualmente reduzidas em Almosen alemão, o Almesse de Wyclif, Cortam Aw'mons, e nossas esmolas.

Os judeus posteriores usaram freqüentemente “retidão” *ᾠdhakah* como significando esmolas que estando na visão deles a retidão dianteira. (Compare nosso uso moderno de “caridade” denotar almsgiving.) Este uso é visto no Talmude e nas traduções freqüentes da palavra hebréia para “retidão” (*ᾠdhakah*) por “esmolas” (*eleemosune*) na Septuaginta, entretanto nada autorizando isto é achado no Testamento Velho hebraico, ou no verdadeiro texto do Testamento Novo. Esta noção de retidão como esmolas que quase são universais entre judeus pelo dia de Jesus, e esparramando até mesmo entre cristãos, contas para “esmolas” em Mt 6:1 onde o verdadeiro texto tem “retidão”: “Dá atenção que não fazem sua retidão antes de homens, ser visto deles” (a Versão Revisada (britânico e americano) com Códex Vaticanus, Códex Sinaiticus, Códex Bezae, as versões latinas, etc). As versões orientais que geralmente lido “esmolas” pode ser considerado para na suposição que “esmolas” foram escrito primeiro na margem como explicando o significado suposto de “retidão,” e então, como outorgando com isto concordou idéia oriental, foi substituído para isto no texto pelos copistas.

Dikaosune e *eleemosune* ambos são usadas na Septuaginta traduzir *hesedh*, “bondade,” e também é ambos usado traduzir *ᾠdhakah*, “justiça.” Dar esmolas somente não foi considerado em geral mas também como uma evidência clara de retidão como um ato de justiça, uma dívida justa devido ao necessitado. “Ninguém recusa diretamente,” Mackie diz, conseqüentemente, possivelmente, o Cristo está ensinando em Lc 11:41, “Deixe sua retidão (caridade) seja de dentro,” “Dê seus corações a dar esmolas.”

Com o passar do tempo o impulso e comando para dar esmolas de um verdadeiro modo humano, fora de piedade, como é achado expresso em Dt 15:11 na KJV, deu lugar para uma forma, meritória” prática, possuindo, como sacrifício, como os homens vieram pensar, o poder de reconciliar para os pecados de homem, e o resgatando de calamidade e morte. Por exemplo, Pv 11:4 (compare Pv 16:6; Pv 21:3) foi exposto: “Água extinguirá fogo ardente; assim dar esmolas faz compensação para pecados” (**LA** Ecclesiasticus 3:30; Ecclesiasticus 29:12). A história de Tobias especialmente está em ponto: simplesmente é uma lição em dar esmolas e seus poderes resgatando: “Esmolas entregam de morte e purgarão todo o pecado fora” (**LA** Tobias 1:3, 16,; 2:14; 4:7-11; 12:8, 9. compare Siraque 29:11ff). Aparentado ensino abunda no Talmude: “Esmola dar é mais excelente que todos os oferecimentos,” é “igual à lei inteira,” vá “entregue da condenação de inferno,” vá “faça um perfeitamente integro,” etc. de acordo com Rabino Assi, “Dar esmolas um paraclete poderoso está entre os Israelitas e o Pai deles em céu, traz o tempo de redenção perto” (*Babha' Bathra*) Talmude 10a).

Os católicos romanos, enquanto segurando os livros de Tobias e Siraque para ser canônicos, ache neles prova-textos para a doutrina deles de dar esmolas, e igualmente prende grande valor aos presentes para o pobre como reconciliando para pecados. Protestantes, por uma reação natural, sempre não têm segurado a seu verdadeiro valor o que era e é um dever Cristão importante (veja Lc 12:33 na KJV, e, compare Mt 6:19-24: “Venda aquele e têm e dão esmolas,” etc). Parece ter sido considerado assim e manteve nas comunidades Cristãs até o começo do 4º século (Apos Const II 36; Cyprian, Ópera de De e Eleemos. xiv).

O ensino de Jesus no assunto é importante, primeiro, como apoiado em idéias judias e práticas, e segundo, como apoiado em idéias Cristãs atuais e práticas.

Este ensino aparece a maioria no Sermão no Monte. Enquanto mostrando para o que é requerido dos assuntos do reinado Messiânico, Ele parte uma moralidade alta e mais espiritual declaradamente que foi ensinado e praticou pelos Escribas e Fariseus: “Exclua sua retidão excederá a retidão dos escribas e fariseus, e devem dentro nenhum sábio entre no reino de céu” (Mt 5:20). Lá, também, Ele coloca o princípio geral encarnado nas palavras de Mt 6:1: “Dá atenção que não fazem sua retidão antes de homens, ser visto deles,” e ilustra isto aplicando isto aos três exercita a maioria avaliado entre os judeus (recomendou junto em Tobias 12:8), isto é, dar esmolas (Mt 6:2, 4), oração (Mt 6:5-15), e jejuando (Mt 6:16-18). Os escritores judeus reivindicam que estes são “as três disciplinas cardeais que a sinagoga transmitiu para a igreja Cristã e a mesquita maometana” (compare Alcorão, Sura 2 40, 104; 9 54).

Claramente isso que o Jesus aqui proíbe em geral não é nenhuma publicidade executando ações boas que são freqüentemente publicidade necessária e própria, mas ostentosa com a finalidade de chamar a atenção. (O grego carrega esta idéia de propósito

distintamente, e o verbo para “ser visto” é o um de qual vem nossa palavra “teatro.”)

Escritores judeus, como também filósofos gregos e romanos, têm muitas máximas notáveis na beleza e importância de ser sem ostentação em virtude, especialmente em ações de benevolência. Os Essênios tiveram a tesouraria deles em uma câmara do próprio templo que ambos o dando e a tomada deveria ser despercebida (Mishnah, *Sh'k*, v.6). O Rabino Eleazer disse, “Esmola-dando deveriam ser feitos em segredo e não antes de homens, porque ele quem dá antes de homens um pecador é, e Deus também trará a ação boa antes do julgamento dele” (B.B. 9a; compare Ec 12:14).

Aplicando este princípio a almsgiving o Jesus ensina o discípulo dele: (Mt 6:2). A conjectura de Calvino seguiu-se por Stier e outros, e mencionou já em Euthymius, que era literalmente uma prática entre judeus para um almsgiver ostentoso soar um trompete, ou causa um trompete a ser soado antes dele, em lugares de público chamar o necessitado está sem fundação (Ágil); como também é a noção, feito atual pelos rabinos e concordou por Edersheim (*O Templo, etc.*, 26), que por “soando um trompete” o Jesus estava aludindo o trompete-como receptáculos de bronze na tesouraria de templo. Há nenhuma prova que estes foram achados “nas sinagogas,” ou “nas ruas.” “Som uma trompete,” de acordo com os comentaristas gregos, e as melhores autoridades modernas, somente é uma expressão figurativa comum a muitos idiomas, para ego-parada - esforços para atrair notificação e ganhar aplauso (compare nossa declaração inglesa vulgar aproximadamente “assuar seu próprio chifre”). O contraste com a prática comum instituída por Jesus é a coisa significante: - “tu” é enfático através de posição no grego - “não deixe tua mão esquerda de saber que da a tua mão direita,” etc., i.e. “Assim longe de trombetear seu dar esmola antes do público, faça nem mesmo deixe seja conhecido a você.” Jesus aqui, Calvino diz bem, “silenciosamente olha a um tipo de loucura que prevalece em todos os lugares entre homens que eles pensam que eles perderam o deles para se não houve muitos espectadores das virtudes deles.” (A declaração tradicional de Maomé, “Em dar esmolas, a mão esquerda não deveria saber o que o direito deu,” é pedido emprestado evidentemente desta declaração de Jesus.) É merecedor de nota que, apesar de prática popular, dar esmolas com motivos certos, e só para esses que eram merecedores receberem, era uma questão de solicitude especial e instrução com o melhor entre judeus como também entre cristãos. As palavras do Salmista, “Santificado é ele que te considere o pobre,” é interpretado para ser uma advertência para “se interesse por ele e não simplesmente lhe dê esmolas” (*Lev. xxxiv de R.*). “Quando tu murches faça bem, saiba a quem tu does isto. Dê até o bem e não ajude o pecador” (*Ecclesiasticus 12:1-6*; compare Didache 1:5, 6). “Ele isso dá uma oferta sem compromisso deveria dar com um olho bem-intencionado” (*Yer. B.D. Mt 4:11*). As palavras de Jesus relativo ao “único” e o “mal” olho (compare Lc 11:34-36), e Paulo está ensinando, “Deus ama um doador alegre” (*2Co 9:7-9*) tenha as contrapartes deles em ensino judeu. Rabino Eleazer, enquanto recorrendo a Os 10:12, ensinou esta doutrina alta. “A bondade exibida dando de esmolas decide a recompensa final” (*Suk. 49b*). Outro ensino de família de certo modo a lição suprema de Jesus antecipado, (Mt 6:4).

Literatura

Comentários no lugar literatura de Rabínica em ponto. D. Cassel, Morra Armenverwaltung des alten Israel, 1887.

Almug / al’ mug. Veja ALGUM.

Elnatã/Alnatã

al’ na-than (A , *Alnathan*, “Deus deu,” a Versão Revisada (britânico e americano) ELNATÃ): nome Apócrifo de uma pessoa (1 Esdras 8:44) correspondendo a Elnatã de Ed 8:16. Ele um era dos homens instruídos chamados por Esdras, como ele estava começando a viagem dele para Jerusalém, e enviou a Ido para pedir para os ministros para a casa de Yahweh.

Aloes; Lignaloos

al’ oz, lin-al’ oz, lig-nal’ oz (, *’ahalim*, Nm 24:6, tradução “lign-aloes” (= aloes de lignum, “madeira de aloes”), Pv 7:17 , *’ahalo* th, Sl 45:8; Ct 4:14 ; α , *aloe*, Jo 19:39): Mencionou como uma substância por perfumar artigos de vestuário (Sl 45:8) e camas (Pv 7:17). Em Ct 4:14, acontece em uma lista dos temperos mais preciosos. O uso mais memorável de aloes como um tempero está em Jo 19:39: “Lá também veio Nicodemos, ele quem ao primeiro veio à noite a ele, enquanto trazendo uma mistura de mirra e aloes, aproximadamente cem libras.” Esta era uma imensa quantidade e se os aloes agüentassem qualquer proporção grande à mirra que a mistura deve ter sido comprada a um custo muito alto. A menção mais difícil de aloes é o mais cedo onde (Nm 24:5, Nm 24:6) Balaão na bênção dele no Israel exclama -

“Quão formosas são as tuas tendas, ó Jacó! as tuas moradas, ó Israel! Como vales, elas se estendem; são como jardins à beira dos rios, como árvores de aloés que o Senhor plantou, como cedros junto às águas”

Como os aloes em questão cresçam na Ásia Oriental é difícil ver como Balaão poderia ter vindo falar deles como árvores vivas. Poste (HDB, eu, 69) sugere que eles podem ter crescido possivelmente naquele momento no vale do Jordão; isto é improvável e desnecessário. Balaão precisamente não teve nenhuma árvore atual no olho da mente dele, mas pode ter mencionado o aloes como uma árvore famosa em cima do Oriente para sua preciosidade. Que a referência é poética em lugar de literal pode ser suposto pela expressão no próximo verso “cedro-árvore ao lado das águas” - uma situação muito antinatural para o cedro alto-montanha-amoroso. Ainda outra explicação disso é o hebreu foi alterado e que , *'elim*, “terebintos” em vez de), *'ahalim*, “aloes” se levantou no texto original.

A madeira de aloes da Bíblia é “madeira águia de” - assim misnamed pelo português que confundiu o nome malaio para isto (*agora*) em latim *Águila*, “águia” - um produto de certas árvores da Ordem Natural *Aquilariaceae*, crescendo em Sudeste a Ásia Os dois a maioria avaliaram variedades são *malaccensis de Aquilaria* e *agallocha de aloes* - ambas as árvores de propagação boas. A resina que dá a qualidade fragrante à madeira é formada quase completamente na madeira de coração; são enterrados troncos, as decadências de parte exteriores enquanto o interno, saturou com a resina, formas o “madeira de águia” ou “madeira de aloes” de comércio; “aloes” sendo a mesma madeira em uma condição finamente polvilhada. Para os árabes esta madeira é conhecida como *ud*. mostra um granulando bonito e leva um polimento alto.

Estes aloes devem ser distinguidos claramente dos aloes medicinais famosos, de fama antiga. Esta é uma resina de socatrina de aloes, e espécies aliadas, da Ordem Natural *Liliaceae*, originalmente da ilha de Socotra, mas agora de aloes, a Cabo de Boa Esperança e outros lugares. O “aloes americano” (americana de Agave) o qual hoje é cultivado em muitas partes de Palestina, também é bastante distinto da planta Bíblica.

No alto

a-loft' (ε , *epano*): Só em (LA) 1 Esdras 8:92. Significando obscurecem. A declaração que segue uma confissão de meios de pecado provavelmente aquele Israel em penitência que volta ao Deus, é triunfante na garantia do perdão dele, e encorajou em esforços a reforma.

Ao longo de

a-long': Correspondendo a duas palavras hebréias diferentes, Jz 9:25; 1Sm 6:12; Jr 41:6, uniu com “venha” e “vá,” vividamente descreve um curso que é levado - enfatiza sua direitura e proximidade. Em Jz 7:12, “se deite junto no vale,” provavelmente meios “todo o comprimento” ou “a comprimento.”

Alote

a'loth (, *aloth*): Assim achou na KJV e a Versão Revisada, margem em II Rs 4:16, onde a Versão Revisada (britânico e americano) tem BEALOTE (, *be' aloth*). Uma cidade, ou distrito na Palestina do norte, junto com Aser debaixo de Baana, um dos doze oficiais civis de Solomão. Conder identifica com a ruína 'Alia, perto de Aczibe. Havia outro Bealote na Palestina sulista (Js 15:24). A diferença na forma da palavra na KJV e a Versão Revisada (britânico e americano) estão devido à interpretação da inicial “b” como a preposição “em” no anterior, e como parte da própria palavra no posterior.

Alfa e Omega

al'fa, o'me-ga, o-me'ga (Alfa e Omega = A e Z ; em nosso alfabeto): A primeira e última letra do alfabeto grego, conseqüentemente, simbólico, “começando e terminando”; em Apocalipse “O Eterno” em Ap 1:8 do Pai, em Ap 21:6 e Ap 22:13 do Filho. Compare Teodoro, Eusébio, Historia Ecclesiastica, iv. 8: “Nós usamos alfa até omega, i.e. tudo.” Uma expressão semelhante é achada em latim (Marciano, v.26). Compare Aretas (Cramer Catenae Graecae em Testamento Novo) em Ap 1:8 e Tertuliano (Monog, 5): “Tão também duas letras gregas, o primeiro e últimos, fizeram o Deus, símbolos do começo e a reunião de fim em Ele, se vestiu para que da mesma maneira que rolos alfa em para omega e omega volta novamente a alfa, assim Ele poderia mostrar que ambos a evolução do começo para o fim está em Ele e novamente o retorno do fim para o começo.” Cipriano, Testim, ii.1; vi.22, iii.100, Paulinus de Nola Carm. xix.645; xxx.89; Prudentius, Cathem., ix.10-12. Em Patristico e literatura posterior a frase é aplicada regularmente ao Filho. Deus abençoa o Israel de *a*

leph para *taw* (Lv 26:3-13), mas maldições de *waw* to para mem (Lv 26:14-43). Assim o Abraão observou a lei inteira de *aleph* para *taw*. Por conseguinte, “Alfa e Omega” pode ser uma retribuição grega da frase hebréia que expressou entre os judeus posteriores a extensão inteira de uma coisa.

Alfabeto

al'fa-bet:

1. Definição

Um alfabeto é uma lista dos sons elementares usada em qualquer idioma. Mais no sentido exato são aquelas séries de particular, geralmente conhecido como o fenício ou alfabeto de Canaanite que estavam em uso na região de Palestina aproximadamente 1000 a.C., e que é o antepassado de quase alfabetos escritos todo moderno se Semítico ou Europeu. É então o alfabeto do Testamento Velho hebraico e arameu e Testamento Novo grego, do super inscrição de César e a inscrição latina na cruz, como também de inglês pelo grego e latim. É um fato interessante, com muitos portes práticos em texto e exegese que três jogos de letras deveriam ser assim muito ao contrário em aparecimento como inglês hebraico, grego e moderno o mesmo em origem e semelhante em natureza. Embora as inscrições sobreviventes mais cedo devam ser depois uma transação boa que a separação entre o grego e hebraico, os registros em todas as estão mais como um ao outro que qualquer um está como sua própria forma impresso moderna.

As características de um alfabeto são (1) A análise de sons em únicas letras em lugar de sílabas ou imagens, (2) A ordem fixa de sucessão nas letras, (3) Os sinais para os sons, se nomes ou escrito símbolos.

Deste a análise em únicas letras, em vez de palavras inteiras ou sílabas, é o elemento característico. A ordem das letras pode variar, como o do Sânscrito faz do europeu, e ainda a lista não só permanece alfabética mas o “mesmo” alfabeto, i.e., cada som representado por um nome semelhante ou caráter escrito. Na face disto, então, poderia ser imaginado que o egípcio e babilônico, mais cedo que o Canaanite o Cypriote, o Minoan e outras formas que são conhecidas ou suspeitou para ter tido sistemas fonéticos, pode ter tido listas destas formas organizadas em uma ordem fixa, mas estas listas não eram alfabéticas até a análise final em letras individuais.

2. Nome

O alfabeto de nome vem do punho duas letras do grego, *beta alfa*, da mesma maneira que o nome inglês velho para o alfabeto, *abc* ou *abece*, simplesmente é as primeiras três letras do alfabeto inglês, e assim somente é uma abreviação para o alfabeto inteiro. Parece que os gregos também usaram as primeiro e últimas letras do alfabeto (*alfa e omega*) como os judeus fez o primeiro e últimos, ou o primeiro, meio e últimas letras do alfabeto deles, como abreviação para o todo e no mesmo senso que em inglês diz “um para izzard.” *Alfa* e *beta* se são derivados dos nomes de Semítica para as mesmas letras (*aleph, beth*) e não tem nenhum significado no grego.

3. Invenção

A pergunta da invenção deste alfabeto difere da pergunta da origem das formas escritas das letras com que está freqüentemente confuso, e relaciona ao reconhecimento das letras individuais. Idioma alfabético se escrito ou falado, dentro ou externo, é distinto do pictográfico, hieroglífico, e fases silábicas por esta análise em sons individuais ou letras. Começa com o quadro, passa ao ideograma e sílaba, e da sílaba para a letra. Isto é visto melhor por escrito, mas é igualmente verdade em fala. Na fase de letra começa o alfabeto. É alegado por alguns que outra fase, deveria ser reconhecida um consonantal escrevendo, entre escritura silábica e alfabética. Isto negaria ao fenício o caráter de um verdadeiro alfabeto desde, como em todos os idiomas de Semítica, as vogais não foram escritas antigamente nada. Alguns vão tão distantes sobre fale disto como silábico em caráter, mas por outro lado pertinência igual pode dizer que vários silabaries é quase alfabético. Quando uma escritura silábica está reduzida, como era o caso com o egípcio, o Cypriote e outros, para um ponto onde um caráter representa certa consoante e certa vogal uniformemente, a análise vocal foi feita e o alfabeto essencial começado, embora só fosse posterior que os homens descobriram que a consoante comum a várias sílabas poderia ser expressa a vantagem por escrito através de um sinal invariável, e silêncio posterior que as vogais também poderiam ser distinguidas a vantagem.

4. Origem das Letras

Poucas perguntas modernas são tão rapidamente forma variável como isso do antecessor histórico do Canaanita ou alfabeto fenício. Por muito tempo foi pensado que Ruge de De tinha resolvido o problema localizando as cartas ao egípcio hierático. Esta é a visão da maioria da literatura popular do tempo presente, mas é rendido completamente agora pela maioria dos trabalhadores no campo, apesar de que os mais recentes estudos em espetáculo hierático um ainda maior semelhança em formas (Möller, *Hierat. Palaographie*, 1909). Winckler e outros reivindicaram derivação do Cuneiforme, Praetorius do Cypriote, Sayce obtém três letras pelo menos do Hittita, enquanto Evans e outros inclinam para acreditar que o Minoan era a fonte direta do alfabeto, introduzida de Creta na Palestina pelos Filisteus que eram

Cretans, ou pelo menos que os dois são de um antepassado comum do qual também é o antepassado muito outro dos alfabetos mediterrâneos.

Alguns, como Evans e Mosso, sugerem até mesmo que, talvez pelo Minoan, as formas de letra podem ser localizadas às pictográficas da era neolítica nas cavernas da Europa. Na realidade, há uma semelhança extraordinária entre algumas das letras do alfabeto fenício e alguns dos sinais de convencionalizado da idade neolítica, e pode não ser muito fantástico imaginar que estes sinais cedo são os antepassados históricos do caráter alfabéticos escritos, mas que eles estavam em qualquer senso alfabético que eles são impossíveis se a invenção do alfabeto fosse histórica como aqui suposto, e é distinto de qualquer ponto de vista.

Se na realidade o disco de Paestos data de antes de 1600 a.C, e se a resolução do Dr. Hempl disto em grego Iônico estiver sã, nós temos outra possível fonte ou ação de caráter dos quais o inventor do alfabeto pode ter escolhido (*a Revista de Harper, janeiro, 1911*).

5. Número de Letras

O ideal escrito alfabeto contém um caráter separado para cada som usado em qualquer ou todo idioma. Praticamente em a maioria dos idiomas o alfabeto cai uma transação boa com falta do número de sons reconhecidos serem expresso naquele idioma e pronunciando dicionários eles têm que ser analisados em diz um largo, um curto, um aberto, etc., somando marcas diacríticas. “Em inglês educado sem considerar distinções melhores” (*Edmonds, Filologia Comparativa, 45*) aproximadamente 50 sons são geralmente usados, mas Murray distingue 96 pelo menos, e o número às vezes usou ou que usou talvez seja muito maior, o possível número de sons vocálicos só o ser tantos quanto 72.

Além disso, as letras individuais diferem em som em indivíduos diferentes, e até mesmo no mesmo indivíduo em expressões vocais sucessivas do que seria chamados a mesma letra ou o mesmo som. É alegado que o som comum do um p.e, nunca é o mesmo em qualquer dois idioma; o um em “o pai,” até mesmo, nunca é o mesmo em qualquer dois indivíduo, e que o mesmo indivíduo, até mesmo, nunca pronuncia duas vezes tão exatamente isto na mesma moda que a diferença pode não ser descoberta através de fotografia sã.

O alfabeto escrito sempre é assim menos que o número de sons usado. O fenício e os alfabetos de Semíticos geralmente tiveram 22 letras, mas eles omitiram as vogais. Inglês tem 26 dos quais muitos têm dois ou mais sons.

6. Nomes das Letras

São derivados os nomes do alfabeto grego dos nomes do Semítico e é sem sentido no grego, enquanto no Semítico foi bem claramente mostrado que eles significam algum objeto ou idéia das quais a forma mais cedo da letra escrita era um quadro a maior parte, como por exemplo, *aleph*, o boi. São derivadas as formas das letras aparentemente de quadros do boi, more, etc., feito linear e finalmente reduzido a um sinal puramente convencional que se era reduzido para o movimento de escritura mais simples. Tudo isso foi negado corajosamente por Sr. Pilcher (*PSBA, XXVI (1904), 168-73; XXVII (1905), 65-68*), e as formas originais declararam para ser geométrico; mas ele não parece ter feito muito convertido, embora ele começasse pretendentes de rival à invenção dele.

Os nomes das letras parecem indicar a origem de Semítica do alfabeto pelo menos, como a maioria deles os nomes do Semítico é para os objetos que deram nome à letra, e o quadro de qual dá forma à letra escrita.

Seguir é a lista de Sayce (*PSBA, XXXII (1910), 215-22*) com algumas variantes: (1) *'aleph* = boi; (2) *beth* = casa (barraca); (3) *gimel* = camelo; (4) *daleth* = porta; (5) *he[^]* = casa; (6) *waw* = unha (Evans, cavilha de barraca); (7) *za[^]yin* = arma; (8) *he[^]th* = cerca; (9) *te[^]th* = bolo de pão (Lidzbarski, um pacote); (10) *yo[^]dh* = mão; (11) *kaph* = palma de mão; (12) *lamedh* = boi-aferroe; (13) *me[^]m* = água fluindo; (14) *nu[^]n* = peixe; (15) *samekh* = ?; (16) *ayin* = olho; (17) *pe[^]* = boca; (18) *cadhe* = armadilha (outros, gancho ou nariz ou passos), (19) *koph* = gaiola (Evans diz que quadro é uma cabeça de esboço e Lidzbarski, um capacete); (20) *re[^]sh* = cabeça; (21) *shi[^]n* = dente (não dentes); (22) *taw* = marca. Não todos estes significados são, porém, geralmente aceitou (também compare Nöldeke, *Beitrage Strassb.* (1904), 124-36; Lidzbarski, *Ephemeris*, II, 125-39).

7. Ordem das Letras

A ordem das letras difere mais ou menos em idiomas diferentes, mas está dentro o principal o mesmo em todos os Semíticas e alfabetos Ocidentais derivados do alfabeto fenício e esta é asperamente a ordem do alfabeto inglês. Porém, esta ordem está cheio de variações secundárias iguale entre os alfabetos Ocidentais e nos idiomas índios as letras são completamente reagrupadas em um princípio diferente.

A ordem convencional do alfabeto Semítico pode ser localizada com alguma certeza nos livros Bíblicos para já no 6º século a.C, aceitando as datas de uma crítica mais alta radical até mesmo, para lá é mais que uma dúzia de passagens no Testamento Velho composto no princípio do acróstico alfabético (Sl 111:1-10; Sl 112:1-10; 119; Pv 31:10-31; Lm 1; 2; 3; 4, etc.) E os mais velhos destes são deste período (veja ACRÓSTICO). O abecedário de Formello se for à realidade do 7º século a.C, leva atrás ainda a ordem conhecida um

século mais distante e espetáculos isto que prevalece na Itália como também a Palestina. Além disso, há esses que ainda consideram alguns dos salmos alfabéticos até mesmo mais velho que isto.

Porém, deve ser notado que enquanto a ordem for em geral fixa, há diferenças locais e temporárias. Em vários casos, por exemplo, a ordem do décimo sexto e décimas sétimas letras do alfabeto é invertida nos acrósticos alfabéticos, e isto pareceria apontar para um tempo ou lugar onde *pe*, *ayin*, a ordem era aceita. Acontecem que a inversão acontece em ambas às passagens que são contadas cedo pelos críticos modernos (o *G. B. Gray em HDB2*, 8). Sr. Sayce também alterou recentemente ou restabeleceu a ordem banindo o *samekh* original para um lugar depois de *shin*, enquanto Sr. Pilcher reconstruiu a ordem original totalmente em uma base geométrica, para o próprio gosto dele pelo menos, como brd; hvg; mnl; szt.

Certo agrupamento foi notado junto de sinais de acordo com a relação dos objetos que eles representam freqüentemente, e Sayce (*PSBA*, XXXII (1910), 215-22) pensa que ele tem (depois de ter posto *samekh* em seu lugar certo) reduzido o assunto inteiro para uma sucessão de pares de coisas que pertencem junto: boi-casa, porta de camelo-barraca, casa-unha, arma-cerca (parede de cidade), pão-mão, mão-braço aberto com afeirre, água-peixe, olho-boca, armadilha-gaiola, cabeça-dente, *samekh*, *taw*. Isto que organiza ele pensa era terminado por alguém que conheceu que *alu^{ph}* era Semítico Ocidental para “o líder” e *taw* era o Creta assinam por terminar - um Amorite então em contato com os Filisteus. A palavra final em ordem não parece, contudo ter sido falado.

8. Os Textos mais Cedo

O Norte principal textos de Semítico são (1) Pedra Moabita (aproximadamente 850 a.C.); (2) inscrições de Zkr, Zenjirli, etc. (aproximadamente 800 a.C.); (3) inscrição de Baal-Líbano (aproximadamente 750 a.C.); (4) inscrição de Siloam (aproximadamente 700 a.C.); (5) Harvard Samaritano ostraca (tempo de Acabe?); (6) tablete de Gezer; (7) vários pesos e selos antes de 600 a.C. O fato notável sobre as inscrições mais cedo é porém geograficamente remoto, há tão pequena diferença em geral nas formas das letras. Isto é particularmente verdade do Norte inscrições Semíticas e cuida da conclusão que a invenção não era afinal de contas tão longa antes das inscrições sobreviventes. Enquanto o total das inscrições de Palestina mais cedo é nem mesmo, contudo muito grande, a recente descoberta do ostraca

Samaritano, a Tábua de Gezer, e várias inscrições secundárias, está apontando pelo menos a um uso geral Semítica que escreve pelo menos na Palestina já no 9º século a.C.

9. Formas mudanças de letra

A tendência de letras para mudar forma por causa de ambiente mudado não é estranha a escritura alfabética, mas é característico da transmissão de todos os tipos de escrever. A morfologia de escritura alfabética tem sua própria história, porém. A melhor fonte por estudar isto no lado Semítico é o Handbuch de Lidzbarski (veja abaixo), e no lado grego a melhor primeira fonte é a E. S. Roberts, Introdução para Epigrafe grego (Cambr.). A melhor declaração de sinóptica do Semítico é achada nas mesas admiráveis na Enciclopédia judia, V, i, 449-53.

Para a evolução posterior de alfabetos gregos e latinos, a Introdução de E. M. Thompson para o grego e Paleografia latina, Oxford, 1912, é distante a melhor Introdução. Nisto ele leva conta dos grandes achados de papiro que revolucionou o estudo das formas de letras gregas assim ao redor do começo da era cristã, desde que o primeiro Manual dele foi publicado. (Veja artigos no texto de Testamento Velho e Testamento Novo.)

No hebraico, o alfabeto fenício velho das inscrições cedo teve nos tempos de Testamento Novo determinado modo para o caráter de arameu quadrados do hebraico moderno que possivelmente entrou em uso já no tempo de Esdras.

O conceito breve moderno mais inclusivo que cobre ambos hebraico e o grego é isso reproduzido neste artigo do pequeno manual de Specht. Veja também ESCREVENDO.

Literatura

O Alfabeto de Isaac Alfaiate (2º ed., 1899) ainda é útil para orientação, e o artigo dele no HDB igualmente, mas a pequena História de Edward Clodd do Alfabeto (Nova Iorque, 1907), levado com o der de Geschichte de Faulmann Schrift e der de Buch Schrift, é melhor para propósitos gerais. Para propósitos científicos veja a bibliografia anteposta ao Handbuch der nordsemitischen de Lidzbarski Epigraphik (1898, 2 vols) e o passim de Ephemeris dele para datar, o minoa de Scripta de Evans, Oxf., 1909, e a literatura do artigo que ESCREVE nesta Enciclopédia. Também veja C. G. Bola, “Origem do Alfabeto fenício,” Procedimentos da Sociedade de Arqueologia Bíblica, XV, 392-408; E. J. Pilcher, “A Origem do Alfabeto,” PSBA, XXVI (1904), 168-73; Franz Praetorius, “A Origem do Alfabeto de Canaanite,” Smithsonian Rep. (1907), 595-604; S. A. Cozinheiro, “O Alfabeto hebreu Velho e a Tablete de Gezer,” PEFS (1909), 284-309. Para o trabalho de classe de Bíblia, a História de H. N. Skinner das Cartas e Figuras (Chicago, 1905) é muito admiravelmente adaptado ao propósito.

Alfeu

al-fe'us (Ἀλφαιος, *Alphaios*; Westcott e Hort, O Testamento Novo em grego Ἀλφαιος, *Halphaios*):

(1) o pai do segundo Tiago na lista dos apóstolos (Mt 10:3; Mc 3:18; Lc 6:15; At 1:13).

(2) o pai de Levi, o publicano (Mc 2:14). Levi é designado como Mateus no Evangelho de Mt (Mt 9:9). Não há nenhuma outra referência a este Alfeu.

Alguns escritores, notavelmente Weiss, identificam o pai de Levi com o pai do segundo Tiago. Ele diz que Tiago e Levi eram indubitavelmente os irmãos; mas isso parece improvável. Se eles fossem os irmãos que eles seriam associados totalmente prováveis como é Tiago e João, André e Pedro. Crisostomo diz que Tiago e Levi ambos tinham sido cobradores de imposto antes de eles se tornassem os seguidores de Jesus. Esta tradição não emprestaria muito peso como prova que eles eram os irmãos, para isto poderia surgir por identificar os dois nomes, e os manuscritos ocidentais identificam os e Tiago erudito em vez de Levi em Mc 2:14. Esta, porém, é indubitavelmente uma corrupção do texto. Se tivesse sido o original que seria difícil de explicar a substituição de um Levi desconhecido para Tiago que é bem conhecido.

Muitos escritores identificam Alfeu, o pai do segundo Tiago, com Clopas de Jo 19:25. Esta tinha se tornado cedo uma tradição, e Crisostomo acreditou que elas eram a mesma pessoa. Esta identidade descansa em quatro suposições tudo dos quais são duvidosas:

(a) Que a Maria de Clopas estava igual à Maria que era a mãe do segundo Tiago. Há uma diferença de opinião sobre se “a Maria de Clopas” deveria ser entendido para ser a esposa de Clopas ou a filha de Clopas, mas o anterior é mais provável. Nós sabemos de Mt 27:56 e Mc 15:40 que haviam um Tiago que era o filho de Maria, e que esta Maria pertenceu àquele pequeno grupo de mulheres que estava perto de Jesus isto no tempo da crucificação. É bastante provável que esta Maria é a referida em Jo 19:25. Isso faria Tiago, o filho de Maria de Mt 27:56, o filho de Maria de Clopas. Mas a Maria era tal um nome comum No Testamento Novo que esta suposição não pode ser provada.

(b) Que Tiago que era o filho de Maria era a mesma pessoa como o Tiago, o filho de Alfeu. Concedendo a suposição abaixo (a), isto não provaria a identidade de Clopas e Alfeu a menos que esta suposição também possa ser provada, mas parece impossível provar isto ou contestar isto.

(c) Aquele Alfeu e Clopas variações diferentes de um original comum são, e que a variação surgiu de pronúncias diferentes da primeira letra (“h”) do original de aramaico. Há os estudantes bons que apoio e nega esta teoria.

(d) Aquele Clopas teve dois nomes como era comum naquele momento; mas não há nada que possa substantiar ou contestar esta teoria. Veja CLOPAS.

Parece impossível determinar absolutamente se ou não Alfeu, o pai do segundo Tiago, e Clopas de Jo 19:25 são a mesma pessoa, mas é bastante provável que eles sejam.

Também

οἱ' so: In the Grego , *kaí*, quando é equivalente para “também” ou “até mesmo,” sempre é colocado antes da palavra ou frase que é pretendido que enfatiza (por exemplo At 12:3; 1Jo 4:21). Mt 6:14 deveria ler então, “Seu Pai divino também o perdoará”; Lc 6:13, “Quem também ele nomeou apóstolos”; Hb 8:6, “O mediador de uma convenção melhor também”; e 1Ts 4:14, ‘Se nós acreditamos que o Jesus morreu e subiu novamente, tão também (nós acreditamos que) esses que estão caído adormecido em Jesus, Deus trará com Ele.’

Altar

οἱ' ter (, *mizbeʰ*, literalmente, “lugar de matança ou sacrificio,” de , *zabhah*, que é achado em ambos os sentidos; , *bomo* s, (só em At 17:23), (, *thusiasterion*):

A. Crítica

I. Classificação de Altares hebreus

Importância da Distinção

II. Altares seculares

1. Pre-mosaico
2. Na Idade Mosaica
3. Perigos do Costume
4. As Providências do Mosaico

III. Altares cornudos de Oferecimento Queimado

1. O Altar do Tabernáculo
2. O Altar de Josué 22
3. O Altar até Solomão
4. O Altar Cornudo em uso
5. O Templo de Solomão
6. O Altar de Acaz
7. Ezequiel
8. O Altar Pos exílio
9. Altares idólatras e Ilegais
10. Os Chifres

IV. Altares de Incenso

V. Recentes Materiais Arqueológicos

1. Um Altar de Gezer
2. O Altar do Incenso de Taanach

Literatura

A. Crítica

I. Classificação de Altares hebreus

Antes de considerar a atenção de textos Bíblicos deve ser atraído ao fato que estes textos conhecem pelo menos dois tipos de altares que eram tão diferentes em aparecimento que nenhum contemporâneo pudesse os confundir possivelmente. O primeiro era um altar que consiste em terra ou pedras de qualquer forma. Não teve nenhuma forma fixa, mas variado com os materiais. Poderia consistir em uma pedra (Jz 13:19) ou uma única pedra grande (1Sm 14:33-35) ou novamente várias pedras (I Rs 18:31 f). Não poderia ter nenhum chifre, nem seria impossível dar a pedra forma sem cortar isto, nem vai um montão de terra empreste à formação de chifres. Não poderia ter nenhum padrão regular pela mesma razão. Por outro lado nós nos encontramos com um grupo de passagens que recorrem a altares de um real tipo diferente. Nós lemos de chifres, de medidas fixas, de um padrão particular, de bronze como o material. Trazer a diferença mais rapidamente para casa ilustrações dos dois tipos é lado a lado determinadas. A primeira figura representa um altar de cairn como estava em uso em um pouco de outras religiões antigas. O segundo é uma restauração conjectural de altares hebreus de oferecimento queimado e incenso do segundo tipo.

Importância da Distinção

Ambos estes poderiam ser e poderiam chamar altares, mas é tão evidente que esta designação comum não pudesse ter feito nenhuma testemunha ocular confundir os dois que lendo a Bíblia nós temos que examinar cuidadosamente em troca cada texto e temos que ver para qual tipo que o autor está se referindo. Confusão infinita foi causada, até mesmo em nosso próprio tempo, pelo fracasso para notar esta distinção, e o leitor pode esperar só fazer sentido das leis Bíblicas e narrativas se ele tem muito cuidado para se imaginar a ele em todo caso o objeto exato ao qual o texto dele recorre. Por causa de clareza serão adotadas condições diferentes neste artigo para denotar os dois tipos de altares. O primeiro será termed “altares seculares” desde, como será visto, a Lei permitida para qualquer leigo oferecer certos sacrifícios em um altar de terra ou forma pedra sem a ajuda de um sacerdote, enquanto o segundo enquanto seja nomeado “altares com chifres,” devido à posse deles de chifres que, como já mostrou, não pôde existir em um altar secular que conformou com as providências da lei.

II. Altares seculares

1. Pre-mosaico

Em Gênesis nós lemos freqüentemente da ereção de altares, por exemplo, Gn, 8:20; Gn 12:7; Gn 13:4. Entretanto nenhum detalhe é determinado nós podemos deduzir o caráter geral deles com precisão considerável. Lendo isto para as contas às vezes é evidente que nós estamos lidando com alguns desbastes de estrutura improvisada. Por exemplo, quando Abraão constrói o altar para o sacrifício de Isaque em Gn 22 que não pode ser suposto que ele usou metal ou pedra forjada. Quando Jacó faz uma convenção com Labão que um montão de pedras é jogado para cima “e eles comeram lá pelo montão” (Gn 31:46). Este montão não é expressamente nenhum termo para um altar, mas se esta convenção seja comparada com convenções posteriores que será visto que neste é acontecido por um altar do tipo secular (*SBL, capítulo 2*), e é razoável supor que este montão era na realidade usado como um altar (compare Gn 31:54). Uma consideração adicional é provida pelo fato que os árabes tiveram um costume de usar qualquer pedra como um altar, e são achados certamente tais altares no Mosaico e história de pós mosaico. Nós podemos sentir então seguramente que os altares de Gn eram do tipo geral representado por Fig. 1 e eram totalmente distintos os altares da Fig. 2.

2. Na Idade Mosaica

Assim Moisés achou um costume pelo qual os Israelitas jogaram para cima altares dos materiais facilmente obtido rudes no campo e ofereceu adoração sacrificia tória a Deus em várias ocasiões. Que o costume não era estranho aos Israelitas é mostrado através de tais exemplos como isso de Balão (Nm 23:1). Provavelmente nós podemos levar a narrativa do sacrifício de Jetro como um exemplo justo das ocasiões nas quais tais altares eram usados, para isto não pode ser suposto que Aarão e todos os anciões de Israel estavam cometendo um ato ilegal abertamente quando eles comeram pão com o sogro de Moisés antes de Deus (Ex 18:12). Novamente, a narrativa na qual nós vemos Moisés que constrói um altar provavelmente com a finalidade de uma convenção exemplificam um costume que era em uso para outras convenções que não caíram ser narrados (Ex 24:4).

3. Perigos do Costume

Mas um costume de erguer altares poderia se emprestar facilmente a abusos. Assim arqueologia nos mostrou um altar - entretanto de uma data muito posterior - que é adornado com faces, uma prática que estava totalmente ao contrário das idéias Mosaicas de preservar uma perfeita adoração de menos imagem. Outros possíveis abusos foram sugeridos pelas práticas atuais dos Canaanitas ou são explicados pelas condições das leis. Veja LUGAR ALTO.

4. As Providências de Mosaico

Adequadamente Moisés regulou estes altares seculares. Deixando a ocasião da ereção deles e usa para ser determinado por costume ele promulgou as seguintes leis: (Exo 20: 24-26; Versões inglesas tão corretas da Bíblia). Devem ser feitas várias observações nesta lei. É uma lei para os leigos, não os sacerdotes. Isto é provado pela segunda pessoa do singular e também pela razão dada para a proibição de passos - desde que os sacerdotes foram vestidos diferentemente. Aplica “em todo o lugar onde eu registro meu nome,” não, como a retribuição ordinária tem isto, “em todo lugar.” Este posterior é bastante ininteligível: normalmente é explicado como significando lugares consagrados por teofanias, mas há bastantes exemplos na história de sacrifícios seculares onde nenhuma teofania por serem postulados; veja, por exemplo, Gn 31:54; 1Sm 20:6,29 (*EPC, 185 f*). “Todo o lugar” recorre por enquanto ao território de Israel. Quando Naamã desejou deixar de sacrificar a qualquer deidade exceto o Deus de Israel que ele foi confrontado pelo problema de decidir como ele poderia sacrificar a Ele fora disto “lugar.” Ele resolveu isto pedindo o fardo de duas mulas da terra do “lugar” (II Rs 5:17). Ultimamente, como já notou, esta lei exclui a possibilidade de dar os chifres de altares ou os fazer conformar a qualquer determinado padrão, desde que a pedra não pudesse ser que outra lei forjada deve ser notada nesta conexão: Dt 16:21 f: “Não plantarás nenhuma árvore como *ashe rah*, ao pé do altar do Senhor teu Deus, que fizeres”. Aqui novamente a referência é provavelmente aos altares seculares, não para a capital religiosa que estava debaixo do controle dos sacerdotes.

III. Altares cornudos de Oferecimento Queimado

1. O Altar do Tabernáculo

Em Ex 27:1-8 (compare Ex 38:1-7) um comando é dado para construir no Tabernáculo um altar de madeira de sitim coberto com bronze. Era de cinco côvados comprimento, cinco largo e três alto. Os quatro cantos tinham chifres de um pedaço com isto. Uma rede de bronze era alcançar a meio caminho para cima o altar a uma borda. De algum modo que só está definido através de referência para o para o que foi mostrado a Moisés no Monte o altar era ser oco com pranchas, e seria equipado com anéis e arruelas para facilidade o transporte. A construção precisa não pode ser determinada, e é inútil especular onde as instruções são governadas assim claramente pelo que foi visto por Moisés no Monte; mas certas características que são importantes para a elucidação dos textos da Bíblia emergem claramente. O altar é retangular, enquanto apresentando ao topo uma superfície quadrada com chifres aos quatro cantos. O material mais importante usado é bronze, e a construção inteira era como distinto que do altar secular ordinário como possível. O uso deste altar no ritual do Tabernáculo cai debaixo do título de SACRIFÍCIO. Aqui nós temos que notar que foi servido por sacerdotes. Sempre que nós achamos referências aos chifres de um altar ou o seu padrão vemos nós que o escritor está falando de um altar deste tipo geral. Assim, um asilo buscando criminal fugiu a um altar deste tipo, como se aparece dos chifres que são mencionados nos dois exemplos históricos e também de tais expressões como descer ou subir. Veja ASILO.

2. O Altar de Josué 22

Nós lemos em Js 22:9 que os filhos de Rúben e os filhos de Gade construíram um altar. Em Js 22:28 nós os achamos dizendo, “Veja o padrão do altar,” etc. Isto é decisivo sobre o significado, para o altar secular teve nenhum padrão. Adequadamente em sua forma geral este altar deve ter conformado ao tipo do altar do Tabernáculo. Provavelmente não foi feito dos mesmos materiais, para a palavra “construa” é continuamente usado com relação a isto, e esta palavra seria escassamente apropriada para metal trabalhado: nem novamente necessariamente era isto do mesmo tamanho, mas era do mesmo padrão: e foi projetado para servir como uma testemunha que os descendentes dos homens que construíram isto tiveram uma porção no Deus. Parece seguir que o padrão do altar de Tabernáculo era distintivo e ao contrário os altares pagãos usam em geral na Palestina e isto parece ser confirmado por escavações modernas que revelaram lugares altos com altares bastante distintos contemplado pelo Pentateuco. Veja LUGAR ALTO.

3. O Altar até Solomão

Na história subsequente a ereção da necessidade de atenção do Templo de Solomão seja dirigida só ao fato que um altar com pontas existiu enquanto a Arca ainda foi morada em uma barraca. Isto é importante por duas razões. Mostra um período histórico no qual um altar com pontas existiu lado a lado por toda parte ao capital religioso com vários altares seculares o país, e nega a sugestão de G. A. Smith (*Jerusalém, II, 64*) que o ec-Cakhra de pedra nu era usado por Solomão como o altar, desde que o balançam obviamente não pôde prover um altar cornudo como nós ache já em I Rs 1:50-53.

4. O Altar com pontas em uso

Também note que nós lemos aqui de derrubar do altar, e esta expressão insinua elevação. Mais adiante em I Rs 9:25 nós ouvimos que Salomão estava no hábito de oferecer no altar que ele tinha construído, e isto prova novamente que ele tinha construído um altar e não usou a pedra de templo somente. (*Também veja o Watson em PEFS (janeiro, 1910), 15ff, em resposta para Smith.*)

5. O Templo de Salomão

Pelas razões há pouco determinado é certo que Salomão usou um altar do tipo cornudo, mas nós temos nenhuma conta da construção em Reis. De acordo com uma nota preservada na Septuaginta, mas não no hebreu, Salomão aumentou o altar erguido por Davi no monte de Araúna (2Sm 24:25), mas esta notificação é de valor histórico muito duvidoso e somente pode ser a suposição de um glossator. De acordo com 2Cr 4:1 o altar foi feito de bronze e era vinte côbitos antes das vinte antes das dez. As dimensões do Cronista são duvidadas por muitos, mas a declaração do material é confirmada antes das I Rs 8:64; II Rs 16:10-15. Da passagem posterior se aparece que um altar de bronze tinha estado em uso até o tempo de Acáz.

6. O Altar de Acáz

Este rei viu um altar em Damasco de um padrão diferente e teve um grande altar trazido o templo em seu modelo. Como os contrastes de texto o grande altar com o altar de bronze, nós podemos nos referir que o altar de Acáz não foi feito de bronze. Se um ou ambos destes altares tiveram passos (compare Ez 43:17) ou foi chegado por um declive como em Figo. Não podem ser determinados 2 com certeza. Pode ser notado que em Is 27:9 nós lemos das pedras do altar em uma passagem a referência de qual é incerto.

7. Ezequiel

Ezequiel também dá uma descrição de um altar (Ez 43:13-17), mas não há nada que mostrar se é puramente ideal ou representa o altar de Salomão ou que de Acáz, e os escritores modernos levam visões diferentes. Na visão se levantou antes da casa (Ez 40:47). Além disso, ele descreve um altar ou mesa de madeira (Ez 41:22). Esta poderia ser claro que só uma mesa, não em qualquer senso um altar. Veja MESA.

8. O Altar Pós Exílio

Esdras 3:2 conta a colocação para cima do altar por Zorobabel e os contemporâneos dele. Nenhuma informação sobre sua forma, etc, pode ser extraído desta notificação. Nós lemos de uma corrupção do altar de templo em **(LA)** 1 Mac 1:54. Isto foi feito de pedras (Ex 20:24-26 que tem a esta data sido aplicado ao altar de templo ao contrário de sua intenção original) e um altar fresco de pedras inteiras foi construído (**LA** 1 Mac 4:44-49). Presumivelmente este altar não teve nenhum chifre.

9. Altares idólatras e Ilegais

Está claro do histórico e livros de profético isso em ambos os reinos vários altares ilegais estavam em uso. A distinção que foi tirada entre altares seculares e altares de pontas ajuda fazer estas passagens fáceis entender. Assim quando Amos falando de Betel escrevem, “Os chifres do altar serão cortados,” nós vemos que ele não está pensando em altares seculares que não poderiam ter nenhum chifre (Am 3:14). Novamente Oséias (Os 8:11, compare Os 10:1-8; Os 12:11 (12)), não está em contradição a Ex 20:24-26 porque o profeta não está falando de altares seculares. Os lugares altos de Jeroboão (I Rs 12:28-33) era claramente ilegal e os altares deles eram altares ilegais do tipo de pontas. Devem ser distinguidos tais casos claramente dos altares seculares de Saul e outros.

10. Os Chifres

A origem dos chifres é desconhecida, entretanto há muitas teorias. Fugitivos pegaram cabo deles (I Rs 1:50,51), e poderiam ser amarradas as vítimas a eles (Sl 118:27).

IV. Altares de Incenso

Ex 30:1-10 contém os comandos para a construção e uso de um altar de incenso. O material era madeira de sitim, as dimensões um cúbito antes de um antes das duas, e também teve chifres. Foram revestidos seu topo e lados com ouro e era rodeado por uma coroa ou beira de ouro. Para facilidade de transporte teve anéis dourados e aduelas. Levantou-se antes do véu em frente à arca.

Salomão também construiu um altar de incenso (I Rs 6:20; I Rs 7:48; 1Cr 28:18), cedro que substitui madeira de sitim. O altar de incenso reaparece em **(LA)** 1 Mac 1:21; 4:49.

V. Recentes Materiais Arqueológicos

Recentemente vários altares foram revelados através de escavações. Eles lançam luz principalmente na Bíblia mostrando para o que é proibido. Veja LUGAR especialmente ALTO.

1. Um Altar de Gezer

Fig. 3 representa um altar achado em Gezer construído na fundação de uma parede que data aproximadamente 600 a.C. Mr. Macalister descreve isto nas palavras seguintes: “É um quatro-apoiou bloco de pedra calcária, 1 pé 3 polegadas alto. O topo e fundo são aproximadamente 10 1/2 e 9 polegadas quadram respectivamente; mas estas são somente as dimensões comuns dos lados que não são cortados regularmente. Os ângulos são para cima prolongada para uma 1 1/2 polegadas adicionais como maçanetas arredondadas - nenhuma dúvida o 'chifres do altar. O topo é muito ligeiramente côncavo para segurar um oitavo de um quartilho de líquido talvez” (PEFS (julho, 1907), 196 f). O tamanho sugere um altar de incenso em lugar de um altar de oferecimento queimado, mas devido à semelhança geral entre os altares de Tabernáculo de oferecimento queimado e incensa, este é um fato de importância secundária. Por outro lado, a forma, padrão e material são de grande interesse. Que o altar viola em princípio que a lei de Ex 20:25 que proíbe o uso das pedras é óbvia, entretanto aquela passagem não aplica em condições a altares de incenso, mas certamente o aparecimento do bloco recorda de um modo geral os altares do outro tipo - os altares cornudos. Como eles quatro-apoiou com um topo quadrado, e como eles tem maçanetas ou chifres a cada canto. Possivelmente foi formado artificial em geral dos altares de Templo.

Outros altares Canaanitas lugares altos exemplificam pelo aparecimento deles que as práticas proibiram pelo Pentateuco. Veja para ilustrações H. Vincent, Canaan d'après l'exploration récente; R. Kittel, Studien zur hebraischen und de Archäologie Religion-Geschichte; S. R. Motorista, Pesquisa Moderna como Ilustrando a Bíblia.

2. O Altar de Incenso de Taanach

Importância prende a um altar de terracota de incenso achado por Sellin a Taanach, porque sua altura e dimensões à revogação básica o altar de Êxodo. “Tinha a pouco 3 anos pés alto, e em forma aproximadamente como uma pirâmide truncada, os quatro lados ao ser de fundo cada 18 polegadas longo, e o fim inteiro ao topo em uma tigela um pé em diâmetro.... O altar é oco.... Professor Sellin coloca a data do altar a aproximadamente 700 a.C.... Um altar de incenso de exatamente a mesma forma... mas de tamanho menor... foi achado bastante recentemente em Gezer em débris de cerca de 1000-600 a.C” (Driver, *Modern Research*, etc, 85). Estas descobertas provêm um comentário severo em teorias desses críticos que mantêm aquele incenso não era usado pelos hebreus antes do tempo de Jeremias. A forma do próprio altar é como ao contrário dos princípios da lei de Pentateuco como qualquer coisa poderia ser.

Em mobília de altar veja PANELA; PÁ; BACIAS; CARNE-GANCHO; FIREPAN. No local, TEMPLO, e geralmente, ARIEL; SACRIFÍCIO; SANTUÁRIO; TABERNÁCULO; LUGAR ALTO.

Literatura

R. Kittel, Studien zur hebraischen und de Archaeologie Religião-Geschichte, eu e II; Hastings, Enciclopédia de Religião e Éticas,; Murray, Dicionário de Bíblia Ilustrado,; EB, debaixo da palavra “Altar”; EPC, capítulo 6. Devem ser usadas As discussões nos trabalhos ordinários de referência com precaução pela razão dada em mim acima.

B. Em Adoração

Eu. Em Adoração: Tabernáculo e Templos

1. Altares patriarcais

2. Locais sagrados

3. Altares de Pre-tabernáculo

II. O Altar de Oferecimento Queimado (Altar De bronze)

1. Altar Antes do Tabernáculo

2. Sua História

3. Altar do Templo de Salomão

4. Altar do Templo de Ezequiel

5. Altar de Segundo Templo

6. Altar do Templo de Herod

III. O Altar de Incenso (Altar Dourado)

1. No Tabernáculo

2. Modo de Incenso Ardente

3. No Templo de Salomão e Depois

4. No Templo de Herodes

5. Simbolismo de Queimar Incenso

B. Em Adoração

I. Em Adoração: Tabernáculo e Templos

Na literatura da Bíblia, sacrifícios estão antes de altares, e altares antes de edificios sagrados. A primeira menção deles está no caso do altar construído por Noé depois da Inundação (Gn 8:20).

1. Altares patriarcais

O próximo é o altar construído no lugar de Siquem pelo qual o Abraão tomou posse formalmente, em nome dos descendentes dele, da terra inteira de Canaã (Gn 12:7). Um segundo altar foi construído entre Betel e Ai (Gn 12:8). Para este o patriarca voltou no modo dele do Egito (Gn 13:4). O próximo lugar de sacrificio dele era Hebrom (Gn 13:18); e tradição ainda professa para mostrar o lugar onde o altar dele estava. Um altar subsequente foi construído no topo de uma montanha na terra de Moriá para o sacrificio de Isaque (Gn 22:9).

2. Locais sagrados

Cada um destes quatros lugares era a cena de alguma revelação especial de Yahweh; possivelmente para o terceiro deles (Hebrom) nós podemos atribuir à visão memorável e convenção de Gn 15. Estes locais se tornaram, em depois de anos, a maioria venerada e desejada perquisites da nação, e brigas para a posse deles largamente determinado sua história. Para eles Isaque somou um altar a Berseba (Gn 26:25), provavelmente uma re-ereção, no mesmo local, de um altar construído por Abraão cuja casa estava por muitos anos a Berseba. Jacó não construiu nenhum altar novo, mas novamente consertou esses em Siquem e Betel. Em uma ocasião ele ofereceu para um sacrifício aceso das montanhas de Gileade, mas sem menção de um altar (Gn 31:54). Havia quatro ou cinco lugares assim em Canaã associou imediatamente com a adoração de Yahweh, e o nome do grande antepassado deles que para hebreu não perdeu a santidade deles pela passagem de tempo, isto é, Siquem, Betel, Hebrom, Moriá e Berseba.

3. Altares de Pre-tabernáculo

A provisão mais cedo para um altar como uma porção de um estabelecimento fixo de religião é achada em Ex 20:24-26, imediatamente depois da promulgação do Decálogo. É comandado fazerem altares de terra ou de pedra de unhewn, contudo para ter, não passos, mas só declives para ascensão para o mesmo - a proibição que insinua que eles se levantaram em um pouco de elevação (veja ALTAR, UM, sobre). Antes da chegada a Sinai, durante a guerra com Amaleque, Moisés tinha construído um altar de emergência, para o qual ele deu para o nome Yahweh-Nissi (Ex 17:15). Isto era provavelmente só um altar comemorativo (compare o altar , 'Edem Js 22:21). Sinai lugar levou a grande crise na história nacional de Israel. Foi requerido que a convenção sobre ser feitos com Yahweh deveriam ser ratificados com sangue sacrificatório; mas antes de Moisés pudesse borrifar o Livro da Convenção e as pessoas que estipularam (Ex 24:6, Ex 24:7; compare Hb 9:19), era necessário que um altar deva ser construído para o ato sacrificatório. Isto era terminado "debaixo do monte," onde, ao lado do altar, foram criados doze pilares, emblemático das doze tribos de Israel (Ex 24:4).

Com relação ao tabernáculo e os templos sucessivos havia dois altares - o Altar de Oferecimento Queimado (o altar através de preeminência, Ez 43:13), e o Altar de Incenso. Destes é agora necessário falar mais particularmente.

II. O Altar de Oferecimento Queimado (O Altar de bronze)

(, *mizbah ha-olah*), (, *mizbah ha-nesheth*). - (Por "bronze" ao longo de entenda "bronze.")

1. Altar Antes do Tabernáculo

O altar que estava antes do tabernáculo era uma caixa portátil construída de madeira de acácia e cobriu no lado de fora com pratos de bronze (Ex 27:1). "Oco com pranchas" são sua definição (Ex 27:8). Eram cinco côbitos comprimento, cinco côbitos largos, e três côbitos altos; na conta ordinária, aproximadamente 7 1/2 pés no quadrado horizontal, e 4 1/2 pés em altura (possivelmente menos; veja CÚBITO). No "rangendo de rede de bronze" descreveu ao redor como e meio-modo para cima o altar (Ex 20:4, 5), veja RANGENDO. Nos cantos deste rangedor, em dois lados, foram rebitados anéis em quais as aduelas foram inseridas por qual a Arca foi agüentada (veja ADUELAS). Para suas projeções de canto, veja CHIFRES DO ALTAR. A proibição de passos em Ex 20:26 e a analogia de altares posteriores sugere que este altar pequeno antes do tabernáculo fosse feito se levantar em uma base ou plataforma, conduzido até por um declive de terra. O direito de santuário é mencionado em Ex 21:14. Para os utensílios conectados com o altar, veja PANELA; PÁ; BACIAS; CARNE-GANCHO; INCENSÁRIO. Todos estes utensílios foram feitos de bronze.

2. Sua História

A história do altar antes do tabernáculo era isso do próprio tabernáculo, como os dois não foram separados durante sua continuação (veja TABERNÁCULO). A abolição deles não aconteceu até o templo de Salomão estava pronto para uso, quando o grande lugar alto a Gibeão (I Rs 3:4) foi desmantelado, e foram trazidos o tabernáculo e seus recipientes santos ao templo novo (I Rs 8:4). Outro altar tinha sido elevado enquanto isso por David antes do tabernáculo ele tinha feito em Sião ao qual a Arca da Convenção foi passada (1Cr 15:1; 1Cr 16:1). Esta seria uma duplicata disso em Gibeão, e compartilharia sua superstição à ereção do primeiro templo.

3. Altar do Templo de Salomão

No templo de Salomão foi aumentado o altar consideravelmente, como seria esperado do maior tamanho do edifício antes do qual estava de pé. Nós estamos endividados ao Cronista para suas dimensões exatas (2Cr 4:1). Formou um quadrado de vinte côbitos, com uma elevação de dez côbitos (30 x 30 x 15 pés; ou um pouco menos). É descrito como "um altar de bronze" (2Cr 4:1), ou "altar de bronze" (I Rs 8:64; 2Cr 7:7; compare II Rs 16:14), ou como sendo, como seus antecessores, encaixou em bronze, ou, como outros pense, fez completamente de bronze. Não foi significado ser portátil, mas que o próprio altar era móvel é mostrado pelo fato de Acaz que tem isto removido (II Rs 16:14). Detalhes Adicionais de sua estrutura não são determinados. O altar estava dentro "o meio do tribunal que estava antes da casa," mas provou muito pequeno para receber os presentes no dia da dedicação do templo (I Rs 8:64; 2Cr 7:7). Permaneceu, porém, o centro de Israelita adoração durante 2 1/2 séculos, até que Acaz removeisse isto da vanguarda da casa, e colocou isto no lado do norte do altar de Damasceno (II Rs 16:14). Esta indignidade foi consertada por Ezequias (compare II Rs 18:22), e o altar assumiu seu lugar velho na gaveta de serviço de templo sua destruição por Nabucodonosor em 586 a.C.

4. Altar do Templo de Ezequiel

O altar do templo ideal de Ezequiel era, como planejado, uma estrutura mais elaborada, o cúbito usado para este propósito que é isso de “um cúbito e um palmo” (Ez 43:13), ou o cúbito grande de história (veja CUBITO). O parágrafo que descreve isto (Ez 43:13-17) é muito específico, entretanto incerteza descansa no significado de alguns dos detalhes. O altar consistiu em quatro fases que mentem um sobre outro, enquanto diminuindo gradualmente em tamanho até o forno foi alcançado em qual o fogo era literal. Este era um quadrado de doze cúbitos (18 pés), dos cantos dos quais 4 chifres projetaram para cima (Ez 43:15). A fase básica ou mais baixa era um cúbito em altura, e teve um círculo de borda aproximadamente, um cúbito e meio alto (Ez 43:13); as fases restantes eram respectivamente dois, quatro, e quatro cúbitos alto (Ez 43:14, Ez 43:15); os chifres podem ter medido outro cúbito (assim, a Septuaginta). Cada fase era marcada pela enseada de um cúbito (Ez 43:13,14). O porão era assim, aparentemente, um quadrado de dezoito cúbitos ou 27 pés. A palavra “fundo” (literalmente, “seio”) na descrição de Ezequiel está variado interpretado, alguns que consideram isto um “dreno” por levar o sangue sacrificatório, outros que identificam isto com o “porão.” Em sua face oriental o altar teve passos que olham para o leste (Ez 43:17) - uma partida da prática mais cedo (pela razão disto, compare o artigo de Perowne “Altar” em Smith, Dicionário da Bíblia).

5. Altar de Segundo Templo

Do altar do segundo templo nenhuma medida é determinada. Isto é falado só que foi construído antes do templo, e era fixo em sua base (Esdras 3:3), presumivelmente na pedra de Cakhra - o local antigo.

6. Altar do Templo de Herodes

No templo de Herodes uma dificuldade é achada harmonizando as contas do Mishna e Josefo sobre o tamanho do altar. O posterior dá isto como um quadrado de cinquenta cúbitos (BJ, V, v, 6). A chave para a solução provavelmente mente distinguindo entre a estrutura do altar próprio (trinta - dois cúbitos quadrados), e uma plataforma de área maior (cinquenta cúbitos quadrados = 75 pés) em qual estava de pé. Quando disto se lembra que a pedra de *Sakhra* é 56 ft em comprimento e 42 pés em largura são fácil ver que poderia formar uma porção de uma plataforma construída sobre e ao redor isto para um nível deste tamanho. O altar, assim do plano de Ezequiel, foi construído diminuindo fases; no Mishna, um de um cúbito, e três de cinco cúbitos em altura, a fase o mais alto que mede vinte e seis cúbitos quadrados, ou, com dedução de um cúbito para os sacerdotes exercendo, vinte e quatro cúbitos. Por outro lado, Josefo dá a altura a quinze cúbitos. O altar, como antes de, teve quatro chifres. Josefo e o estado de Mishna que o altar foi construído de pedras de unhewn. A ascensão, trinta - dois cúbitos desejam e dezesseis largos, igualmente de pedra de unhewn, estavam no lado sul. Veja mais adiante, TEMPLO, HERODES. É deste altar que as palavras foram faladas, (Mt 5:24).

III. O Altar de Incenso (Altar Dourado)

(, *mizbah ha-k'toreth*), (, *mizbah ha-zahabh*).

1. No Tabernáculo

Esta era uma mesa diminuta de acácia revestida com ouro, a superfície superior de qual era um quadrado de um cube, e sua altura dois cúbitos, com uma cornija elevada ou coroa seu topo ao redor (Ex 30:2). Como o grande altar de oferecimento queimado estava na categoria de “mais santo” coisas (Ex 30:10); uma distinção que deu isto um direito para um lugar no quarto interno do cella ou Santo dos Santos. Conseqüentemente, em I Rs 6:22, é dito “pertença ao oráculo,” e em Hb 9:4 que é dito que câmara tem o “altar de incenso.” não fez, porém, de fato esteja de pé lá, mas na câmara exterior, “antes do véu” (Ex 40:26). A razão para esta partida da regra rígida de ritual de templo era aquele incenso de doçura seria queimado diário nisto ao oferecimento de todo sacrifício diário, os abajures que são iluminados então e extinguiu (compare Nm 28:3 f; Ex 30:7, Ex 30:8), de forma que uma nuvem de fumaça a câmara interna poderia encher no momento quando o sangue sacrificatório foi borrifado (veja CLEMÊNCIA-ASSENTO). Ter queimado este incenso dentro do véu teriam requerido entradas repetidas no Santo de Santos que foram proibidas entradas (Lv 16:2). O altar estava assim imediatamente sem o véu, e a fumaça do incenso queimada nisto entrou na câmara interna pelas aberturas sobre o véu. Para a construção material que admitiu disto, veja LUGAR SANTO.

Para outros usos do altar de incenso vêem CHIFRES DO ALTAR onde é mostrado que na hora dos oferecimentos de oferecimentos de pecado especiais e no dia do jejum anual seus chifres foram borrifados com sangue. Isto, com o oferecimento de incenso nisto, seus únicos usos são como nenhuns oferecimentos de refeição poderiam ser postos nisto, nem libações de oferecimentos de bebida verteram nisso (Ex 30:9). O *Tamid*, ou de pé sacrifica para o Israel, um oferecimento queimado inteiro de um cordeiro foi oferecido duas vezes diariamente com seu refeição oferecer, acompanhado com um serviço de incenso.

2. Modo de Incenso Ardente

É provável que os incensários em uso na hora da construção deste altar e depois, estava em forma como uma colher ou concha (veja MESA DE SHEWBREAD), o qual, quando cheio com carvão vivo do grande altar, foi levado dentro do santuário e se deitou no altar de incenso (Lv 16:12). O incenso, quebrado pequeno, foi colocado então no carvão. A narrativa das mortes dos filhos de Aarão, Nadabe e Abiú, é feito inteligível assim, o fogo nos incensários deles não tido sido levado do grande altar.

3. No Templo de Salomão e Depois

O altar pequeno original feito por Moisés foi substituído por feito por Salomão. Isto foi feito de madeira de cedro, revestiu com ouro (I Rs 6:20, 22; I Rs 7:48; I Rs 9:25; 2Cr 4:19); conseqüentemente, foi chamado o “altar dourado.” Isto era entre “todos os recipientes da casa de Deus, grande e pequeno,” o qual Nabucodonozor levou para a Babilônia (2Cr 36:18). Como uma conseqüência, quando Ezequiel puxou planos para um templo novo, ele deu isto um altar de incenso feito completamente de madeira e de dimensões maiores que antes de (Ez 41:22). Teve uma altura de três cúbitos e um topo de dois quadrados de cúbitos. Havia um altar de incenso igualmente no segundo templo. Era este altar, provavelmente chapeado com ouro que Antioco Epifanes removeu (**LA** 1 Mac 1:21), e que foi restabelecido por Judas Macabeu (1 Mac 4:49). (Em dúvidas críticas sobre a existência do altar dourado nos primeiro e segundos templos, compare PANELA, 323.)

4. No Templo de Herodes

Que o templo de Herodes também teve seu altar de incenso que nós sabemos do incidente de Zacarias que tem uma visão lá de “um anjo... estando de pé à direita do altar de incenso” quando ele entrou no templo do Deus para queimar incenso (Lc 1:11). Nenhuma representação de tal um altar se aparece no arco de Tito, entretanto é mencionado por Josefo (BJ, V, v, 5). provavelmente foi derretido por João durante o curso do assédio (V, xiii, 6).

5. Simbolismo de Queimar Incenso

No Apocalipse de João, nenhum templo estava no céu restabelecido e terra (Ap 21:22), mas na parte mais cedo da visão estava um templo (Ap 14:17; Ap 15:6) com um altar e um incensário (Ap 8:3). É descrito como “o altar dourado que estava ante do trono,” e, com a fumaça de seu incenso, lá subiu antes de Deus as orações dos santos. Esta imagem está em harmonia com a declaração de Lucas que como os sacerdotes incenso queimado, “a multidão inteira das pessoas estava orando sem à hora de incenso” (Lc 1:10). História e profecia atestam a verdade permanente assim que salvação está através de sangue sacrificatório, e é feito disponível a homens pelas orações de santos e pecadores oferecidas por um grande Alto Sacerdócio.

Al-Tashheth; Al-Taschith

al-tash´heth, al-tas´kith. Veja SALMOS; CANÇÃO.

Completamente

oʼl-too-geth´e~r: Representando cinco hebraicos e três originais gregos que variam em significados **(1)** “junto”; i.e, tudo, por exemplo 'todos os homens, alto e baixo, pesados junto no equilíbrio de Deus estão mais claros que vaidade' (Sl 62:9); tão também Sl 53:3; Jr 10:8. **(2)** “tudo”: assim a Versão Revisada (britânico e americano), Is 10:8: “Meus príncipes não são tudo deles os reis?” **(3)** “com um acordo quebrou o jugo”; assim a Versão Revisada (britânico e americano), Jr 5:5. **(4)** “completamente,” “completamente,” “completamente”: “para não o destruir completamente” (2Cr 12:12; compare Gn 18:21; Ex 11:1; Sl 39:5; Jr 30:11 a KJV; compare a Versão Revisada (britânico e americano)). **(5)** “completamente”: “completamente nascido em pecados,” Jo 9:34. **(6)** Em 1Co 5:10 a Versão Revisada (britânico e americano) fez “nada”; 1Co 9:10 “seguramente.” **(7)** Uma passagem de dificuldade clássica para tradutores At 26:29 é onde “completamente” na Versão Revisada (britânico e americano) é feito “com muito,” oʼl-too-geth´e~rde em grego? (*en pollo*). QUASE Veja. Muitos dos exemplos onde “completamente” acontece na KJV tornam-se “junto” na Versão Revisada (britânico e americano). Usado como um adjetivo em Sl 39:5 (“completamente vaidade”).

Alus

a´lush (, /alush): Um acampamento dos Israelitas no deserto entre Dofca e Refidim (Nm 33:13, Nm 33:14). A situação não é conhecida certamente. Veja ACAMPAMENTOS DE ISRAEL.

Alva 2

al'va (, _ *alwah*): chefe (na KJV o duque) de Edom (Gn 36:40), chamou “Aliá” em 1Cr 1:51. Provavelmente igual à Alvã, ou Aliã, filho de filho de Sobal de Seir (Gn 36:23; 1Cr 1:40).

Alvã

al'van (, _ *alwan*, “alto?”): Um filho de Sobal, o Horite (Gn 36:23). Em 1Cr 1:40 o nome é escrito para Alian, Septuaginta , *Olam* provavelmente está igual a Alvã de Gn 36:23 que se aparece em 1Cr 1:51 como Aliã.

Sempre

o'l'wa, o'l'waz (arcaico e poético): Corretamente aplicado a atos ou declara perpetuidade acontecendo, mas não necessariamente contínuo. Em hebraico, a maioria freqüentemente , *tamidh*. Em grego , *día pantos*, ordinariamente expressa continuidade. Em Mt 28:20 “todos os dias” a KJV, a Versão Revisada (britânico e americano) “sempre,” tradução grega *pasas tas hemeras*, “todos os dias,” correspondendo semelhantemente ao idioma hebraico fizeram em Dt 5:29; Dt 6:24; Dt 11:1; Dt 28:33; I Rs 11:36, etc. Grego *aei* em At 7:51; 2Co 6:10; 1Pe 3:15, meios “a todo e qualquer hora.”

Amade

a'mad (, _ *am adh*): Uma cidade no norte Palestina da qual caiu à tribo de Aser na divisão da terra (Js 19:26). A ruína moderna 'Amud perto de Aco pode ser o local.

Amadata; Amadatus

a-mad'a-tha, a-mad'a-thus (Adições para **(LA)** Ester 12:6). Veja AMAN; HAMMEDATHA.

Amain

a-man' (traduziu do grego *εις φυγη`ν ωρμησαν*, *eis phugen hormesan*, “eles apressaram a vôo”): A palavra está composta do prefixo “um” e a palavra “principal,” significando “força.” A expressão é usada por Milton, Parker, al de et., mas em literatura Bíblica só achada em **(LA)** 2 Mac 12:22 onde usado descrever o vôo de Timoteus e o exército depois dele que ele sofresse derrota às mãos de Judas Macabeu (“Eles fugiram amain,” i.e. violentamente e de repente).

Amal

a'mal (, _ *amal*, “toiler”): Um filho de Helem da tribo de Aser (1Cr 7:35).

Amaleque

am' a-lek (, _ *amalek*): O filho, pela concubina dele Timna, de Elifaz, o filho primogênito de Esaú. Ele era um dos chefes (o Rei o James os duques de Versão) de Edom (Gn 36:12, Gn 36:16). Veja AMALEQUITA.

Amaleque; Amalequita

am' a-lek, a-mal' e-kit, am' a-lek-it (, _ *amalek*, , _ *amaleki*): Uma tribo que mora originalmente na região sul de Judá, o deserto de et-Tih onde os Israelitas entraram em conflito com eles. Eles eram os nômades como umas pessoas que moram naquela área seria naturalmente. Quando eles se uniram com os Midianitas para invadir Israel eles vieram “com o gado deles e as barracas deles” (Jz 6:3-5). Eles não serão identificados com os descendentes de Esaú (Gn 36:12, 16) porque eles são mencionados mais cedo, na conta da invasão de Quedorlaomer (Gn 14:7) e na profecia de Balaão (Nm 24:20) Amaleque é chamado “a primeira das nações,” que parece recorrer a uma existência cedo. Nós somos incertos da origem deles, porque eles não aparecem na lista de nações achada em Gn 10. Eles não parecem ter tido qualquer relação com as tribos de Israel, economize como, nós podemos imaginar, alguns dos descendentes de Esaú estavam incorporados na tribo. É provável que eles fossem, entretanto de ação Semítica que não temos nenhum à prova disto. O primeiro contato com Israel estava a Refidim, no deserto do Sinai onde eles provocaram fizeram um ataque e foram derrotados depois de um conflito desesperado (Ex 17:8-13; Dt 25:17, 18). Por causa disto eles foram colocados debaixo da proibição e Israel foi comandado para exterminá-los (Dt 25:19; 1Sm 15:2, 3). O próximo encontro dos dois povos era quando os Israelitas tentaram entrar em Canaã do oeste do Mar Morto. Os espiões tinham informado que os Amalequitas seriam achados no sul, com relação ao Hititas, Jebusitas e Amoritas (Nm 13:29). Os Israelitas recusaram avançar no princípio, mas depois determinou para fazer assim ao contrário do testamento de Deus e o comando de Moisés. Eles foram conhecidos por Amaleque e o Canaanitas e foram completamente derrotados (Nm 14:39-45). Amaleque é achado logo entre os aliados de Moabe no ataque deles no Israel pelos dias de Eglon (Jz 3:13). Eles também eram associados com o Midianitas nas invasões deles em Israel (Jz 6:3), e eles pareciam ter ganhado uma posição segura em Efraim, ou pelo menos uma filial deles, no país da colina (Jz 5:14; Jz 12:15), mas é evidente que a grande parte deles ainda permaneceu dentro do habitat velho deles, quando Saul fez guerra contra eles os dirigiu para Sur no deserto para o Egito (1Sm 15:1-9). David também os achou na mesma região (1Sm 27:8; 1Sm 30:1). Depois disto eles parecem ter recusado, e nós achamos, nos dias de Ezequias, só uma sobra deles que era atingido duramente pelo Simeonitas no Monte Seir (1Cr 4:41-43). Eles são mencionados uma vez em Salmos com relação a outros inimigos inveterados de Israel (Sl 83:7). O ódio já é refletido Inspirado pelo Amalequitas nas passagens mencionou que exigido a destruição absoluta deles. O ataque dele quando eles há pouco foi escapado do Egito e enquanto eles estavam lutando pelo deserto deixou uma impressão funda nos Israelitas dos que eles nunca esqueceram, e a ira de Davi no mensageiro que trouxe notícias da morte de Saul e Jonatas para ele, enquanto se declarando ser o assassino de Saul, foi acentuado indubitavelmente o sendo um Amalequita dele (2 Sm 1:1-16).

Amã

a' mam (, ' *amam*): Uma cidade não identificada na Palestina sulista que caiu a Judá na partilha da terra; só acontece em Js 15:26.

Aman/Hamã

a' man (A , *Aman*; Códex Vaticanus leituras de A , *Adam*): Tobias 14:10; Adições para Ester 12:6; 16:10, 17, provavelmente em cada caso para Haman, o arque inimigo dos judeus no Livro canônico de Ester (compare Et 3:1 com Adições para Ester 12:6). Em Adições para Ester (16:10) Aman é representado como um macedônio, em todos os outros pontos que correspondem ao Haman do Livro de Ester.

Amana

a-ma' na, (, ' *amanah*): Uma montanha mencionada em Ct 4:8 junto com o Líbano, Senir e Hermon. O nome provavelmente significa o “firme,” ou “constante.” “Do topo de Amana” é traduzido mal pelo Septuaginta *απο` αρχης πιστεως*, *apo arches pisteos*. O Amana é buscado naturalmente no Anti-Líbano, próximo do curso do rio Abana, ou Amana (veja ABANAH). Outra possível identificação está com Mt. Amanus no norte extremo de Síria.

Amarias

am-a-ri'á (, 'amaryah e , 'amaryahu, “o Deus disse”; compare HPN, 180, 285). **(1)** Um Levita na linha de Aarão/Eleazar; um filho de Meraiote e avô de Zadoque (1Cr 6:7, 52) que viveu pelo tempo de Davi. Compare Zadoque (2Sm 15:27, etc.) também Antig, VIII, i, 3 e X, viii, 6. **(2)** Um Levita na linha de Coate/Hebrom se referida na ocasião para em 1Cr 23:19 e 1Cr 24:23 quando Davi dividiu os Levitas em turmas. **(3)** um Levita na linha de Aarão/Eleazar; um filho de Azarias que “executou o serviço de sacerdote na casa que Salomão construiu” (1Cr 6:10 f). Compare Ed 7:3 onde na lista abreviada este Amarias é mencionado como um antepassado de Esdras. Veja AMARIAS (**LA** 1 Esdras 8:2; 2 Esdras 1:2) e número (4) deste artigo **(4)** o sacerdote Principal e juiz “em todos os assuntos de Yahweh” designou por Jeosafá (2Cr 19:11). Possivelmente idêntico com Amarias, número (3). **(5)** Um descendente de Judá na linha de Perez e um antepassado de Ataiás que morou em Jerusalém depois do exílio babilônico (Ne 11:4). Compare Inri (1Cr 9:4) e número (7) deste artigo que Amarias parece ser da mesma família, **(6)** Um Levita e um assistente de Coré para que foi designado por Ezequias distribuíram “oblações de Yahweh” para os irmãos deles (2Cr 31:15). **(7)** Um filho de Bani que tinha se casado com uma mulher estrangeira (Ed 10:42). Veja número (5) deste artigo **(8)** Um sacerdote que com Neemias marcou a convenção (Ne 10:3); ele tinha voltado a Jerusalém com Zorobabel (Ne 12:2) e era o pai de Jeoanã (compare Hanâni, Ed 10:20), sacerdote na hora de Joiaquim (Ne 12:13). Compare Imer (Ed 2:37; Ed 10:20; Ne 7:40) e também Emerute (na KJV “Merute,” (**LA**) 1 Esdras 5:24). **(9)** Um antepassado de Sofonias, o profeta (Sf 1:1).

Amarias 2

am-a-ri'as (A, **A** , Amarias; B, **A** , Amatheias) = Amarias numero 3: Um antepassado de Esdras (**LA** 1 Esdras 8:2; 2 Esdras 1:2).

Amasa

a-ma'sa (, _ amasa), ou a-ma'sa (, _ amasa),, “o povo de Jesse”: A forma , é baseado em uma etimologia enganada (de , _ amas “carregar”).

(1) de acordo com 2Sm 17:25, Amasa é o filho de Abigail, a irmã de Zerua e Davi, e Itra, um Israelita; mas outra fonte, 1Cr 2:17, chama o pai dele Jeter o Ismaelita. Ele era um sobrinho de Davi e um primo de Absalão que lhe fez o chefe do exército de rebelião. Quando a insurreição tinha sido suprimida, Davi para conciliar Amasa prometeu-lhe a posição segurada por Joabe; o posterior tinha caído de favor (2Sm 19:13). Quando uma revolta nova sem dinheiro fora debaixo de Seba, o filho de Bicri (2 Sam 20), Amasa foi confiado com a tarefa de ajuntar os homens de Judá. Mas Joabe estava ansioso para vingança no homem que tinha obtido o serviço de comando que ele desejou. Quando Amasa conheceu Joabe a Gibeão, o posterior o assassinou enquanto fingindo saudar (2Sm 20:8-10; 1Rs 2:5).

(2) filho de Hadlai, *B'ne 'Ephrayim* (“as Crianças de Efraim”), quem, enquanto obedecendo as palavras do profeta Odede, recusou considerar como cativos Judeus que tinha sido levado de Acaz, rei de Judá, pelos Israelitas vitoriosos debaixo da liderança de Peca (2Cr 28:12).

Amasai

a-ma'si (, _ amasay, talvez bastante ser lido , _ ammishay; assim Wellhausen, IJG, II, 24, n.2):

(1) um nome na genealogia de Coate, filho de Elcana, um Levite da família dos Coatitas (compare 1Cr 6:25; 2Cr 29:12).

(2) o chefe dos capitães que conheceram Davi em Ziglague e o enterneceram a submissão deles. Alguns o identificaram com Amasa e outros com Abisai que é chamado Absai em 1Cr 11:20 m (compare 1Cr 18:12). A dificuldade é que nem Amasa nem Abisai ocuparam o grau de chefe de trinta de acordo com as listas em 2 Sm 23 e 1 Cr 11, o grau para o qual é suposto que Davi tem designado em (compare 1Cr 12:18).

(3) um dos sacerdotes soprando trompeta que cumprimentaram Davi quando ele devolveu a Arca da Convenção (compare 1Cr 15:24).

Amassai

a-mash'si , *amashsay*, provavelmente um erro textual para , *amashay*; ("s") insinua uma leitura baseado em uma derivação enganada de . A leitura original pode ter sido , *ammishay*; compare AMASAI): Amassai um nome sacerdotal está dentro da lista de habitantes pos exílio de Jerusalém (Ne 11:13; Maasai, 1Cr 9:12); a leitura em Crônicas é , *ma asay*, a KJV "Maasiai," a Versão Revisada (britânico e americano) "Maasai."

Amasias

am-a-si'a (, *amasyah*, "ursos de Yah"): Um dos capitães de Jeosafá (compare 2Cr 17:16).

Pasmado

a-mazd': Um termo que ilustra a dificuldade de expressar em uma palavra inglesa a gama extensiva de emoção assustada, maravilha, surpresa, temor, coberto, no Testamento Velho, através de quatro palavras hebraicas e no Testamento Novo por como muitas palavras gregas. Seus originais da Bíblia variam significando de assombro acompanhado com terror e tremendo a uma surpresa cheio de perplexidade, maravilha, temor e surpresa jovial. Especialmente é a palavra mostrava o efeito dos milagres de Cristo, enquanto ensinando, caráter e Divina personalidade nesses que viram e O ouviram, e foi feito consciente do poder sobrenatural dele (Mt 12:23: "Todas as multidões estavam pasmas"). Os milagres de Pentecostes e o favor de Espírito Santo do presente de línguas produziram a mesma maravilha universal (At 2:7: "Eles estavam todo pasmos e se maravilharam").

Amazias

am-a-zi'a (, *amacyah*, , *amacyahu*, "Yahweh é poderoso"; 2 Rs 14:1-20; 2 Cr 25). O Filho de Jeoás, e décimo rei de Judá. Amazias teve uma acessão pacífica à idade de 25. Uma tesouraria esvaziada, um palácio escorchado e templo, e umas pessoas desanimadas estavam entre as conseqüências da guerra do pai dele com Hazael, rei da Síria. Quando resolveu no trono, Amazias trouxe a justiça aos homens que tinham assassinado o pai dele. Amazias citação verbal de Dt 24:16 em II Rs 14:6, proibindo o castigo de crianças para a ofensa de um pai, espetáculos que as leis deste livro eram então conhecidas, e foi reconhecido como autorizado, e teoricamente, como governando a nação. A acessão dele pode ser datada aproximadamente 812 a.C, (alguns puseram depois).

1. A Guerra Edomita

O plano do rei jovem para a reabilitação das pessoas dele era a restauração do prestígio de exército do reino, tão severamente abaixada no reinado do pai dele. Um exército de milícia, composto de todos os homens jovens sobre 20 anos de idade, era primeiro organizado e colocou em uma guerra que caminha (2Cr 25:5; o número dado, 300,000, não é um seguro). Até mesmo isto que não é considerado grande bastante força para efetuar o projeto, foram enviados 100 talentos de prata ao noivar tropas mercenárias para a expedição de Israel. Quando estes vieram, um homem de Deus dissuadiu o rei fortemente de confiar neles (2Cr 25:7). Quando isto foi comunicado aos soldados, e lhes mandaram de volta desempregado, os despertou "raiva feroz" (2Cr 25:10).

2. Sua Ocasão

O propósito de Amazias fazendo estas preparações extensas para a guerra, em um tempo de paz profunda, está claro ao Sudeste da posição de Judá que o Edomita declara como capital a Petra. Por muitos anos Edom tinha estado sujeito a Jeosafá, e um hebreu "o deputado" tinha governado isto (1Rs 22:47). No reinado do filho dele e sucessor, Jeorão, uma confederação de Filisteus, Arabianos e Edomitas levaram Libna e fizeram uma invasão em Jerusalém. Uma faixa destes penetrou o palácio que eles saquearam, seqüestrou algumas mulheres, e assassinou todos os príncipes mais jovens (2Cr 21:17; 2Cr 22:1). A comoção pública e a angústia causaram tal um evento por ser visto refletido no oráculo curto do profeta Obadias, proferido contra Edom, se, com alguns, é posta assim cedo à data de Obadias.

3. A Vitória no Vale de Sal

Daquele tempo "Edom... fez um rei em cima deles" (2Cr 21:8), e por cinquenta anos seguintes era praticamente independente. Era este

borrão em Jerusalém e o nome bom de Judá que Amazias determinou para esfregar fora. O exército de vingança foi adiante, e depois de uma batalha no Vale de Sal, sul do Mar Morto no qual eles eram os vencedores, passou para Petra. Esta cidade cituada em um buraco, fechado dentro através de montanhas, e só se chega por um desfiladeiro estreito por qual um fluxo de água. Amazias levou isto “através de tempestade” (tal é Ewald está fazendo de “por guerra,” em 2Rs 14:7). Grande execução era terminada, muitos dos cativos que são lançados da pedra, a face de qual está agora coberto com tumbas de pedra-corte da idade grego-romana.

4. Apostasia e Seu Castigo

A campanha era assim completamente próspera, mas teve maus resultados. Corado com vitória, Amazias devolveu os deuses de Edom, e lhes pagou adoração. Para este ato de apostasia, ele foi advertido de chegar destruição (2Cr 25:14-17). Inquietar notícias logo veio relativo à conduta das tropas mandada de volta a Samaria. De Bete-Horon no sul à borda do estado do norte eles tinham pilhado as aldeias e tinham matado algumas das pessoas rurais que tinham tentado defender a propriedade deles (2Cr 25:13). Para a demanda de Amazias para reparação, a resposta de Jeoás era a desprezativa da parábola famosa do Cardo e o Cedro.

5. Batalha de Bete-Semes

A guerra era agora inevitável. Os reis “olhou um ao outro na face,” no vale de Bete-Semes, onde há um espaço nivelado, satisfatório aos movimentos de infantaria. Judá era totalmente derrotada, e o próprio rei levado o prisioneiro. Não havendo nenhum tesouro no capital ultimamente escorchado, Jeoás contente ele com levar os reféns para comportamento bom futuro, e com demolir 400 cúbitos da parede de Jerusalém ao canto Noroeste da defesa (2Rs 14:13, 2Rs 14:14; 2Cr 25:22-24).

6. Anos finais e Fim Trágico

A carreira de Amazias como um soldado estava agora fechada. Ele sobreviveu Jeoas de Israel “quinze anos” (2Rs 14:17). Os anos posteriores dele estavam gastos em exclusão e medo, e teve um fim trágico. A razão para a impopularidade dele não é distante buscar. A responsabilidade para a guerra com Jeoas está pelo escritor inspirado colocado nos ombros de Amazias (2Rs 14:9-11). Era ele quem “não ouviria.” A disputa entre os reis era um que não estava além do poder de diplomacia curar, mas nenhuma tentativa fraterna para curar a brecha foi feita por qualquer rei. Quando os resultados da guerra se apareceram, não pôde ser, mas que o autor da guerra deveria ser chamado para responder por eles. Tão profundamente era a desgraça dele e tão profundo o senso de humilhação nacional que uma festa no estado determinou na remoção de Amazias, tão logo como lá era outro para acontecer o dele. A idade de maioria entre os reis hebreus era 16, e quando o filho de Amazias era desta idade, a conspiração contra a vida dele cresceu tão forte e aberta que ele fugiu para Laquis. Aqui ele foi seguido e foi morto; o corpo dele sendo insultado levou para Jerusalém em cavalos, e não carregou em um lixo ou caixão (2Rs 14:19, 2Rs 14:20; 2Cr 25:27, 2Cr 25:28). Ele tinha 54 anos e tinha reinado durante 29 anos. O Cronista (2Cr 26:1) quase não esconde as alegrias populares à troca de soberanos, quando Uzias se tornou o rei.

Em 2Cr 25:28 está o erro de um copista pelo qual nós lemos “na cidade de Judá,” em vez de “na cidade de Davi,” como na passagem correspondente em Reis. É pretendido que o pós-escrito singular para o registro de Amazias em 2Rs 14:22 marca o fato que enquanto o porto de Elate no Mar Vermelho caiu antes dos braços, em troca, de Amazias e do filho Uzias, era o posterior que restabeleceu isto a Judá, como uma parte de seu território. Amazias é mencionado na genealogia real de 1Cr 3:12, mas não em Mateus 1. Há um pulo aqui de Jeorão para Uzias, Acazias, Jeoas e Amazias que são omitidos.

Embaixador

am-bas´a-dor (, *mal'akh*, “o mensageiro”; , *luc*, “o intérprete”; , *cir*, “ir”; conseqüentemente mensageiro; , *presbeuo*, “agir como um embaixador,” literalmente, ser mais velho); embaixador representante oficial de um rei ou governo é, a partir de Faraó (Is 30:4); dos príncipes de Babilônia (2Cr 32:31); de Neco, rei do Egito (2Cr 35:21); dos mensageiros de paz enviados por Ezequias, rei de Judá, para Senaqueribe, o rei da Assíria (Is 33:7). O mesmo termo hebreu é usado dos mensageiros enviados por Jacó a Esaú (Gn 32:3); por Moisés para o rei de Edom (Nm 20:14). Para ilustração abundante consulte “o Mensageiro” (, *mal'akh*) em qualquer concordância. Veja CONCORDÂNCIA. Os habitantes de Gibeão fizeram fingiram-se os embaixadores a Josué para afiançar através de decepção a proteção de um tratado (“convenção”) (Js 9:4).

No Testamento Novo o termo é usado em um sentido figurado. Como Paulo representante de Cristo preso em Roma o chama “embaixador em cadeias” (Ef 6:20); e em 2Co 5:20 inclui, com ele, todos os ministros do evangelho, como “os embaixadores... em nome de Cristo,” comissionado por Ele como o Deus soberano deles, com o ministério de reconciliar o mundo a Deus. A Bíblia não contém nenhuma caracterização melhor da natureza exaltada e espiritual da vocação do ministro como o representante de Jesus Cristo, o Rei de reis, e Salvador do mundo.

Embaixada

am'ba-saj (, *presbeia*, uma embaixada,” um corpo de embaixadores na mensagem confiada a eles): Duas vezes usado por Cristo (1) na parábola das Libras, dos cidadãos que odiaram o nobre e enviaram um embaixador, enquanto recusaram reinar em cima deles, enquanto ilustrando esses que voluntariamente rejeitaram a própria soberania espiritual dele e reino assim (Lc 19:14); (2) de um rei fraco para que envia um mais forte um embaixador para perguntar condições de paz (Lc 14:32). Não usado em outro lugar na Bíblia.

Âmbar

am'be~r. Veja PEDRAS, PRECIOSO.

Ambicioso

am-bish'us (, *philotimeoma*, “ser fortemente cobiçoso,” “se esforce seriamente,” “faça isto a pontaria da pessoa”): Determinado como uma leitura marginal em Rm 15:20 (“sendo ambicioso para trazer novidades boas”), 2Co 5:9 (“Nós somos ambiciosos, se em casa ou ausente, ser agradável até ele”), e 1Tm 4:11 (“aquele que é ambicioso para estar quieto”).

Emboscada

am'boosh (, *'arabh*, “fixar uma emboscada”; , *ma'arabh*, “uma emboscada”): Uma estratégia militar em o qual um corpo de homens é colocado em encobrimento para pegar de surpresa um inimigo sem querer, ou atacar um ponto quando temporariamente é defendido. Este estratégia foi empregado prosperamente por Josué em Ai (Josué 8). Jeremias chama no Medes para “jogo para cima um padrão contra as paredes de Babilônia, faça o relógio forte, fixe os guardas, prepare as emboscadas” (Jr 51:12).

Emboscada 2

am'boosh-ment (como sobre) desapareceu agora em 2Cr 20:22, onde a Versão Revisada (britânico e americano) dá para “emboscada”. Ainda permanece em 2Cr 13:13 onde ambos a KJV e a Versão Revisada (britânico e americano) faz o substantivo hebreu “emboscada.”

Amém

a-men' (em fala ritual e cantando, a'men, a'men) (, *'amen*; α , *amen*,= “verdadeiramente,” “verídico”): é derivado da forma reflexiva de um verbo que significa “ser firme,” ou “apoiar.” acontece duas vezes como um substantivo em Is 65:16 onde nós temos (a KJV, a Versão Revisada (britânico e americano)) “Deus de verdade.” Esta retribuição insinua o apontando *omen* ou *'emun* i.e. “verdade,” ou “fidelidade,” uma leitura de fato sugerida por Cheyne e adotada por outros. “Amém” é geralmente usado como um advérbio de consentimento ou confirmação - ordem, “assim deixou isto ser.” Em Jr 28:6 o profeta endossa com isto as palavras de Hananias. Amém é empregado quando um indivíduo ou a nação inteira confirma uma convenção ou juramento recitou na presença deles (Nm 5:22; Dt 27:15; Ne 5:13, etc.). Também acontece ao fim de um salmo ou livro de salmos, ou de uma oração.

Que “Amém” foi juntado na doxologia da igreja cedo é evidente ambos de Paulo e Acelera, e aqui novamente levou a forma de uma resposta. O ritual da instalação do Cordeiro (Ap 5:6-14) conclui com o Amém dos quatro animais, e os quatro e vinte anciões. Também é falado depois “Sim: eu venho depressa” (Ap 22:20). E aquela Revelação reflete a prática da igreja na terra, e não somente de um ideal, comunidade ascendida em céu, pode ser concluído de 1Co 14:16, de onde nós juntamos que era esperado que os irmãos seculares

dissessem “Amém” para o endereço. (Veja Weizsäcker é A Idade Apostólica da Igreja Cristã, tradução inglesa, II, 289.)

Multa/Amerce

a-mu^hrs': Acha-se somente na KJV em Dt 22:19, “E eles devem amerce ele em cem ciclos de prata.” Amerce é um termo legal derivado do francês (à = “a”; merci = “clemência,” i.e. literalmente, “à clemência” (do tribunal)). Aqui está usado do impor de uma multa, de acordo com a Lei de Moisés, no homem que foi provado pelos Anciões ter trazido um falso custo contra a virgindade da empregada ele se casou dizendo ao pai, “eu não achei a filha de uma empregada.”

Versão Revisada Americana American Revised Version

a-mer'i-kan re-vizd' vu'r'shun:

1. História

No dia 7 de julho de 1870, foi movida na mais Baixa Casa da Convocação de Canterbury que no trabalho de revisão seja convidado a cooperação divina americana. Esta resolução foi consentida, e no dia 7 de dezembro de 1871, foram completados os arranjos. Debaixo da presidência geral de Dr. Philip Schaff, foi formada uma Companhia do Velho Testamento de quinze estudantes, com Dr. W. H. Green como presidente, e uma Companhia do Novo Testamento de dezesseis sócios (incluindo Dr. Schaff), com Dr. T. D. Woolsey como presidente. O trabalho foi começado no dia 4 de outubro de 1872, e levou a forma de oferecer críticas nas porções sucessivas da revisão inglesa como foram recebidos eles. Estas críticas das Companhias americanas foram consideradas propriamente pelas Companhias inglesas durante a segunda revisão e as decisões foram enviadas novamente para a América para crítica. As respostas recebidas eram mais uma vez determinada consideração e, finalmente, as leituras de unadopted para as quais as Companhias americanas professaram preferência deliberada eram impresso como apêndices para os dois Testamentos como publicado em 1881 e 1885. Porém, estas listas não foram consideradas pelas Companhias americanas satisfatório. No primeiro lugar, ficou evidente que as Companhias inglesas, por causa das instruções deles e por outras razões, não estava disposto para fazer mudanças de uma certa classe. Por conseguinte as Companhias americanas insistiram em só tais leituras como parecido ter uma real chance de ser aceita. E, no segundo lugar, as imprensas inglesas aceleraram a última parte do trabalho e estava pouco disposto permitir bastante tempo eficácia adequada na preparação das listas. Mas foi esperado que a primeira edição publicada do inglês Revised Versão não seria considerada definitiva e que nas tais propostas de americano futuras como tinha estado de pé o teste de discussão pública poderia ser incorporado no texto. Esta esperança foi desapontada - as Companhias inglesas licenciaram assim que a revisão delas fosse acabada e o trabalho delas estava como final. Como resultado as Companhias americanas solucionaram para continuar a organização delas. Eles foram empenhados não emitir ou endossar qualquer revisão nova dentro de quatorze anos depois da publicação do inglês Revised Versão, e assim não era até as 1900 que o Padrão americano Revisou Versão que Testamento Novo foi publicado. A Bíblia inteira foi emitida no ano seguinte.

2. Diferenças de inglês Revised Versão

Como a edição completa do Padrão americanas Revisadas Versão dê uma lista cheia das mudanças feita, só a necessidade mais proeminente seja mencionada aqui. Alguns das leituras imprimiram nos apêndices ao inglês Revised que Versão seja que foi introduzido novo abandonado, mas muitos, enquanto incluindo alguns que tinham sido adotados enquanto o trabalho inglês era em desenvolvimento, mas que não tinha sido apertado. (Veja acima.) Ainda, em geral aparecimento, o Padrão americano Revisou Versão difere, mas ligeiramente do inglês. A adição mais importante é achada nos páginas-título. Algumas mudanças foram feitas encurtando os títulos dos livros de Testamento Novos. A impressão de passagens poéticas em forma poética foi levada a cabo mais constantemente. Os parágrafos foram alterados em alguns casos e (especialmente no Testamento Velho) encurtou. A pontuação foi simplificada, especialmente pelo uso mais freqüente do semi-cólon. A remoção de palavras obsoletas (“magnifical,” “neesings,” etc.) foi efetuada bastante completamente, construções obsoletas (“ciumento em cima de,” etc.) foram modernizadas, particularmente pelo uso de “quem” ou “que” (em vez de “o qual”) para pessoas e “seu” (em vez de “o dele”) para coisas. No Testamento Velho “Yahweh” foi introduzido sistematicamente para a própria palavra hebréia, como tem “Sheol” (“Inferno” no Testamento Novo). Certas passagens fizeram muito literalmente no inglês Revised Versão (“rédeas,” “pela mão de,” etc.) é determinado em condições modernas. No Testamento Novo, a substituição de “Espírito santo” para “Espírito santo” foi completado ao longo de (no inglês Revised Versão é feito em uns vinte lugares), “demônios” substituiu para “diabos,” “o Professor” para “o Mestre,” e “tente” para “tente” quando não há nenhuma referência direta a mal. E assim por diante.

3. Crítica

Pode ser interrogado se as diferenças entre as duas Revisões são grandes bastante contrabalançar o aborrecimento e confusão que resulta da existência de duas versões standards no mesmo idioma. Mas, aceitando o Padrão americano Revisado Versão como um fato realizado, e reconhecendo alguns deméritos que tem ou pode ser pensado que tem comparado com o inglês Revised Versão (um pouco de

pedantry em Sl 148:12 ou retribuições de passagens disputadas como Sl 24:6), estes deméritos são excedidos em valor completamente pelas superioridades - com uma exceção. No Psalter, quando liturgically usado, a repetição da palavra “Yahweh” fica pesado e o inglês Revised Versão que retém “O Deus” é muito preferível. A maioria ser lamentado no Padrão americano Revisou Versão é seu conservantismo extremo nas leituras dos textos originais. No Testamento Velho o número de variantes marginais estava realmente reduzido. No Testamento Novo, são feitas só mudanças triviais dos gregos dos Revisores denominados Texto, embora este texto não representou a melhor opinião escolar nem sequer em 1881, enquanto em 1900 foi abandonado quase universalmente (Hoje - em 1914 - está obsoleto.) está muito infeliz que os Revisores americanos não melhoraram no exemplo dos irmãos ingleses e continuaram as sessões deles depois da publicação da versão deles, para isto só está pelas revisões sucessivas de trabalho publicado que um resultado realmente satisfatório pode ser atingido.

4. Apocrifa

Nenhum Padrão americano Revisou Versão que Apócrifa foi tentado, um fato particularmente infeliz, como a necessidade para o estudo do Apócrifa ficou imperativo e o inglês Revised Versão Apócrifa não é um pedaço particularmente bom de trabalho. Porém, cópias do Padrão americano Revisaram Versão pode ser obtida agora com o inglês Revised Versão que Apócrifa incluiu. Veja VERSÕES INGLESAS.

Ametista am´e-thist.Veja PEDRAS, PRECIOSO.

Ami

a´mi, a´me (, *'ami*):o Antepassado de uma família entre “os criados de Salomão” no Retorno (Ed 2:57); igual a Amom em Ne 7:59.

Amável

a´mi-a-b´l (, *yedhidh*, “amado”): Aplicado ao tabernáculo ou barraca de se encontrar “Como amável (“adorável” a Versão Revisada, margem) são teus tabernáculos ” (Sl 84:1), a referência tendo plural para as subdivisões e pertence do santuário (compare Sl 68:35). O adjetivo é feito “amável” no senso do francês amável, graciosamente; mas o uso da palavra hebraica exige isto que seja entendido como significando “querido,” “amado.” Compare “tão amável um prospecto” (Senhor T. Herbert), “Eles mantêm as igrejas deles tão completamente e amável” (Howell, 1644). “o que fez o tabernáculo de Moisés adorável não era o exterior que era muito mau, mas o dentro o qual era” (John Gill). Veja TABERNÁCULO.

Aminadabe

a-min´a-dab (A , *Aminadab*):na KJV: Forma grega de Aminadabe (que vêem). Assim a Versão Revisada (britânico e americano) (Mt 1:4; Lc 3:33).

Extraviado

a-mis´:Há duas palavras traduzidas “extraviado” no Testamento Novo **Ἀτοπος**, *atopos*, se referindo que é impróprio ou prejudicial (Lc 23:41; At 28:6), enquanto **κακως**, *kakos*, se refere que é mau no senso de um desastre, então para o que é mau, moralmente erradamente. Este posterior é o uso disto em Tg 4:3. O propósito da oração é mau, está então extraviado e não pode ser concedido (compare 2Cr 6:37).

Amitai

a-mit´i (, *'amittay*, “fiel”): O pai do profeta Jonas. Ele era de Gate-Hefer em Zebulom (2Rs 14:25; Jn 1:1).

Amá

am'á (, *'ammah*, “a mãe” ou “começando”): Uma colina no território de Benjamim (2Sm 2:24), onde Joabe e Abisai pararam a anoitecer na perseguição deles contra Abner e as forças dele depois da vitória deles em cima dele na batalha de Gibeão. Isto “diante de Giá junto ao caminho do deserto de Gibeão”; mas o local exato não foi identificado. A mesma palavra hebréia se aparece como a segunda parte de Metegue Ama em 2Sm 8:1 na KJV, mas fez “cidade de mãe” na Versão Revisada (britânico e americano), provavelmente porém não o mesmo lugar como em 2Sm 2:24.

Amí

am'í (, *ammi*, “meu povo”): Um nome simbólico dado para Israel por Oseías (Os 2:1; 3 em texto hebreu), descritivo de Israel no estado de restauração, e em contraste com pecador e Israel rejeitado , representou pelo filho de Oseías que foi chamado Lo-ami “não minhas pessoas,” quando nascido ao profeta (Os 1:9, Os 1:10). Esta restauração para Divino favor é descrito mais completamente em Os 2:21, 23 em palavras citadas por Paulo (Rm 9:25, 26). O uso de tais nomes figurativos e descritivos é freqüente no Testamento Velho; compare Is 62:4, 12.

Ammidioi; Ammidoi

um-mid'i-oi, am'i-faça?? (na KJV [A](#) , *Ammidioi*, (também com aspire); só acontecendo em **(LA)** 1 Esdras 5:20): Um das famílias que voltam do Cativo babilônico no Primeiro Retorno, debaixo de Zorobabel, em 537 a.C. Este nome não é achado nas listas correspondentes dos livros canônicos, Ed 2 e Ne 7, a identidade deles é incerta.

Amiel

am'i-el (, *ammī'el*, “povo de Deus”; [A](#) , *Ameiel*): Um nome dado a quatro homens no Testamento Velho.

- (1) um dos doze espiões enviados para Canaã por Moisés; filho de Gemalli, da tribo de Dã (Nm 13:12).
- (2) um Benjamita, o pai de Maquir, um amigo de Davi, que vive em Lo-Debar em Gileade (2Sm 9:4, 5; 2Sm 17:27).
- (3) o pai de Bate-Sua (ou Bate-Seba), um das esposas de Davi que era a mãe de Salomão (1Cr 3:5). Na passagem paralela, 2Sm 11:3, por transposição das duas partes do nome, ele é chamado Eliã, enquanto significando “Deus é meu parente.”
- (4) o sexto filho de Obede-Edom, um Levita, um dos porteiros do tabernáculo de Deus pelo tempo de vida de David (1Cr 26:5).

Amiúde

a-mí' hud (, *ammīhudh*, “meu povo é glorioso”; variante na Septuaginta [E](#) , *Emioud* ou , *Semioud* ou , *Amioud*): O nome de várias pessoas do Testamento Velho.

- (1) o pai de Elisama que no deserto era da cabeça da tribo de Efraim (Nm 1:10; Nm 2:18; Nm 7:48, 53; Nm 10:22; 1Cr 7:26).
- (2) o pai de Semuel que foi designado por Moisés da tribo de Simeão para dividir a terra entre as tribos depois que eles devessem ter

entrado em Canaã (Nm 34:20).

(3) o pai de Pedael que foi designado da tribo de Naftali para o mesmo propósito como o Amiúde n°(2) (Nm 34:28).

(4) na KJV e a Versão Revisada, margem para o Amiur , _ *ammihur*, que era pai de Talmai de Gesur, um pequeno reino arameu ao leste de das montanhas do Líbano, a quem Absalão fugiu depois do assassinato do irmão Amom. O peso de evidência parece favorecer a leitura Amiur (2Sm 13:37).

(5) um descendente de Judá pela linha de Perez (1Cr 9:4).

Amiur

a-mi' hur (na KJV e a Versão Revisada, margem; , _ *ammihur*, “meu povo é nobre”; Εμιουδ, *Emioud*). Veja AMIÚDE (4).

Aminadabe 2

a-min' a-dab (, _ *amminadhabh* = “minhas pessoas (ou meu povo) é generoso ou nobre”): são mencionadas três pessoas que levam este nome no Testamento Velho.

(1) em Rt 4:19, 20 e 1Cr 2:10 Aminadabe está chamado um dos antepassados de Davi. Ele era o bisneto de Perez, um filho de Judá (Gn 38:29; Gn 46:12) e o bisavô de Boaz que novamente era o bisavô de Davi. A esposa de Aarão, Eliseba, era uma filha de Aminadabe (Ex 6:23), enquanto um dos filhos, isto é, Nasom, ocupado uma posição importante no clã de Judá (Nm 1:7; Nm 2:3; Nm 7:12; Nm 10:14).

(2) no primeiro Livro de Crônicas (1Cr 6:22) Aminadabe é mencionado como um filho de Coate (e então um neto de Levi) e o pai de Corá. Mas em outras passagens genealógicas (Ex 6:18; Nm 3:19; 1Cr 6:2) os filhos de Coate são Anrão, Izar, Hebrom e Uziel, e em dois lugares (Ex 6:21; 1Cr 6:38) Izar é mencionado como o pai de Corá.

(3) de acordo com 1 Crônicas (1Cr 15:10, 11) Aminadabe era o nome de um sacerdote que levou parte na remoção da arca para Jerusalém. Ele era o filho de Uziel, e então um sobrinho de Aminadabe, filho de Coate (= Izar).

Aminadibe

a-min' a-dib (, _ *ammi nadhibh*): O nome acontece na KJV e a Versão Revisada, margem só em uma passagem (Ct 6:12, “as carruagens de Amminadib”). Em Rei o James margem de Versão e a Versão Revisada (britânico e americano) texto, porém, que não é considerado como um próprio nome, e a cláusula é feita, “entre as carruagens de minhas pessoas magníficas.” Interpretações variam amplamente (veja COMENTÁRIOS).

Amisadai

am-i-shad' i, am-i-shad-a' i (, _ *ammishadday*, “Shaddai é meu parente”): O pai de Aiezer, capitão Danita ou “cabeça do casa dos pais dele,” durante a viagem no deserto (Nm 1:12; Nm 2:25, etc.).

Amizabade

a-miz' a-bad (, _ *ammizabhadh*, “meu povo fez um presente”): O filho de Benaías, um dos capitães de Davi durante o terceiro mês

(1Cr 27:6).

Amon; Amonitas

am'on, am'on-its (, *ammon*; , *ammonim*):A tradição hebréia faz estes descendentes de tribo de Ló e conseqüentemente relacionou com os Israelitas (Gn 19:38). Isto normalmente é refletido no nome empregado no Testamento Velho para designá-los, *Ben Ammi*, *Be-ne Ammon*, “o filho de meu povo,” “as crianças de minhas pessoas,” i.e, os parentes. Conseqüentemente nós achamos que os Israelitas são comandados para evitar conflito com eles na marcha deles para a Terra Prometida (Dt 2:19). O lugar de habitação deles estava no leste do Mar Morto e o Jordão, entre o Arnom e o Jaboque, mas, antes do avanço dos hebreus, eles tinham sido desapropriados de uma porção da terra deles pelo Amorreus que fundou ao longo do lado oriental do Jordão e o Mar Morto, o reino de Siom (Nm 21:21-31). Nós sabemos dos registros do Egito, especialmente *Tell el-Amarna Letters*, a data aproximada da invasão de Amorreus (14° e 13° séculos, a.C). Eles foram apertados no norte pelos Hititas que os forçou nas tribos o sul, e alguns deles resolveram leste do Jordão. Assim, Israel ajudou Amonitas destruindo os inimigos velhos deles, e isto faz a conduta deles a um período posterior o mais repreensível. Nos dias de Jeftê eles oprimiram os Israelitas leste do Jordão, enquanto reivindicando que o posterior tinha os privado do território deles quando eles eram do Egito, considerando que era as posses do Amorreus que eles levaram (Jz 11:1-28). Eles foram derrotados, mas a hostilidade deles não cessou, e a conduta deles para os Israelitas era particularmente vergonhosa, como nos dias de Saul (1Sm 11:1-15) e de Davi (2 Sm 10). Isto pode responder pelo tratamento cruel dado em doses fora para eles na guerra que seguiu (2Sm 12:26-31). Eles parecem ter sido completamente conquistados por David e o capital deles foi levado, e nós achamos um espírito melhor manifestado posteriormente, para Naás de Rabá bondade mostrou a ele quando um fugitivo (2Sm 17:27-29). O país deles entrou na posse de Jeroboão, na divisão do reino, e quando os sírios de Damasco privaram o reino de Israel do leste de posses deles do Jordão, os Amonitas se tornaram assuntos de Ben-Hadade, e nós achamos um contingente de 1000 deles que serve como aliados daquele rei na grande batalha dos sírios com os assírios a Qarqar (854 a.C) no reinado de Salmaneser II. Eles podem ter recuperado o território velho deles quando Tiglate-Pileser levou os Israelitas dalém do Jordão em cativo (2Rs 15:29; 1Cr 5:26). A hostilidade deles para ambos os reinos, Judá e Israel, foi manifestado freqüentemente. Nos dias de Jeosafá eles uniram com o Moabitas em um ataque nele, mas se encontrou com desastre (2 Cr 20). Eles pagaram tributo a Jotão (2Cr 27:5). Submetendo a Tiglate-Pileser eles buscaram geralmente tributários para a Assíria, mas nós temos menção da ligação deles na insurreição geral que aconteceu debaixo de Senaqueribe; mas eles submeteram e nós os achamos tributário no reinado de Esaradom. É mostrada a hostilidade deles para Judá o unindo os Caldeus para destruir deles (2Rs 24:2). A crueldade deles é denunciada pelo profeta Amos (Am 1:13), e a destruição deles por Jeremias (Jr 49:1-6), Ezequiel (Ez 21:28-32), Zacarias (Zc 2:8, Zc 2:9). O assassinato deles de Gedalias (2Rs 25:22-26; Jr 40:14) era um ato de desastre. Tobias e Amonitas uniram com Sambalate para opor Neemias (Ne 4), e a oposição deles para os judeus não cessou com o estabelecimento do posterior na Judéia.

Eles uniram os sírios nas guerras deles com os Macabeus e foram derrotados por Judas (**LA** 1 Mac, Am 5:6).

A religião deles era degradante e superstição cruel. O deus principal deles era Moleque, ou Moloque, a quem eles ofereceram sacrifícios humanos (1Rs 11:7) contra qual o Israel especialmente foi advertido (Lv 20:2-5). Esta adoração estava comum a outras tribos porque nós achamos mencionou entre os fenícios.

Amonita

am-on-i'tes, a-mon'i-tes (, *ammonith*):Uma mulher dos Amonitas, Naama, a mãe de Reoboão (1Rs 14:21, 1Rs 14:31; 2Cr 12:13; 2Cr 24:26).

Amnom

am'non (, *amnon*, “fiel”; compare , *aminon*, 2Sm 13:20 que provavelmente são um diminutivo. Wellhausen (IJG, II, 24, notam 2) soluciona into *'immi*, “minha mãe a é serpente”; compare a FREIRA):

(1) o filho primogênito de Davi e Ainoã, o Jezreelitas (compare 2Sm 3:2). Como o príncipe de coroa e presumível herdeiro para o trono, ele foi odiado intensamente então por Absalão que era, duplamente ansioso vingar a afronta cometida por Amnom na irmã Tamar dele (2Sm 3:2; 2Sm 13:1, 1Cr 3:1).

(2) um nome na genealogia de Judá (1Cr 4:20).

Amoque

a' mok (, *amok*, “fundo”): Um sacerdote principal que veio para Jerusalém com Zorobabel (Ne 12:7) e o antepassado de Eber o sacerdote que estava pelos dias de Joiaquim (Ne 12:20).

Amon

a' mon (, *'amon*): Um nome idêntico com o da deidade local egípcia de Tebes (*No*); compare Jr 46:25. O nome estrangeiro dado a um príncipe hebreu é notável, como também é o fato que isto um dos dois ou três nomes reais é de Judá não composto com o nome de Yahweh. Veja MANASSES. Parece refletir o sentimento que o pai fanático dele buscou fazer prevalecer Yahweh teve nenhum mais muito tempo qualquer mais reivindicação para identificação com o reino que teve outras deidades.

(1) um rei de Judá, filho e sucessor de Manasses; reinado dois anos e foi assassinado no próprio palácio dele pelos funcionários da casa dele. A história do reinado dele é contada brevemente em 2Rs 21:19-26, e ainda mais brevemente, entretanto em condições idênticas, tão longe como vão eles, em 2Cr 33:21-25. O reinado curto dele era meramente incidental na história de Judá; há pouco longo bastante revelar as características e tendências que diretamente ou indiretamente conduziram à morte dele. Somente era uma continuação mais fraca do regime do pai idôlatra dele, entretanto sem o fanatismo que deu para o pai caráter positivo, e sem o toque de devoção que, se a conta do Cronista está correta, suave os anos posteriores do pai.

Se o assassinato fosse o ato inicial de uma revolução o posterior foi suprimido imediatamente por “as pessoas da terra,” que pôs a morte os conspiradores e colocou o filho Josias oito de Amon no trono. Na visão do escritor presente o motivo do afazeres estava provavelmente conectado com a perpetuidade da dinastia de Dravídica que, tendo sobrevivido tão longo de acordo com predição profética (compare 2Sm 7:16; Sl 89:36, 37), era uma garantia essencial do favor de Yahweh. Porém, as condolências estrangeiras de Manasses tinham soltado o cabo de Yahweh nos funcionários do tribunal dele; de forma que, em vez de ser o centro leal de devoção ao religioso de Israel e idéia nacional, estava à casa real, mas de ambições mundanas, e ainda mais para o reinado próspero de Manasses, tão longo imune de qualquer golpe de Divino julgamento. É natural que, vendo a insignificância da administração de Amon, algum grupo exclusivo ambicioso, enquanto imitando a política que freqüentemente tinha tido sucesso no Reino Do norte, deveria golpear para o trono. Porém, eles tinham pensado sem calcular a lealdade de Dravídica inata do corpo das pessoas. Era um sopro ao uma do deles a maioria apreciou doutrinas, enquanto cometendo a nação politicamente e religiosamente para proferir incerteza. Que este ato impulsivo das pessoas estava na linha do mais puro movimento religioso que estava amadurecendo no Israel não prove que o espiritual mente “sobra” foi notada a violência e conspiração, mostra para o que uma fibra dura e esterlina de lealdade ainda existiu somente, temperada e confirmou através de tentativa debaixo dos cultos corrompendo e modas das classes governantes. Na tragédia do reinado de Amon, em resumo, nós adquirimos um olhar rápido da base de princípio são que se deita ao coração comum de Israel.

(2) governador de Samaria (1Rs 22:26); o um para quem o profeta Micaías estava comprometido como um prisioneiro por Rei Acabe, depois que o profeta tivesse disputado as predições dos profetas de tribunal e tinha predito a morte do rei na batalha.

(3) a cabeça dos “filhos dos criados de Salomão” (Ne 7:59) que voltou de cativo; pensado junto com o Netinim, ou escravos de templo. Também chamado Ami (Ed 2:57).

Amorreus

am' o-rîts; Amorites (, *'emori*, sempre no singular como o *Amurru* babilônico de qual é levado; *Amorrai*, *Amorraioi*):

1. Uso variado do Nome Explicado
2. O Reino dos Amorreus
3. A Conquista de Siom
4. Desaparecimento do Reino dos Amorreus
5. Características físicas dos Amorreus

O nome Amorreu é usado no Testamento Velho para denotar **(1)** Geralmente os habitantes da Palestina, **(2)** A população das colinas ao invés da planície, e **(3)** umas pessoas específicas debaixo de um rei próprio deles. Assim **(1)** nós ouvimos falar deles na costa ocidental do Mar Morto (Gn 14:7), a Hebrom (Gn 14:13), e Siquem (Gn 48:22), em Gileade e Basã (Dt 3:10) e debaixo de Hermom (Dt 3:8; Dt 4:48). Eles são nomeados em vez do Canaanitas como os habitantes da Palestina quem os Israelitas foram exigidos exterminar (Gn 15:16; Dt 20:17; Jz 6:10; 1Sm 7:14; 1Rs 21:26; 2Rs 21:11); a população mais velha de Judá é chamada Amorreus em Js 10:5, 6, em conformidade com que Ezequiel (Js 16:3) estados que Jerusalém teve um pai de Amorrita; e é dito que os Gibeonitas têm sido “da sobra do Amorritas” (2Sm 21:2). Por outro lado **(2)**, em Nm 13:29 os Amorreus são descritos como morando nas montanhas como o Hititas e Jebusitas de Jerusalém, enquanto os Amalequitas ou Beduinos viveram dentro o sul e os Canaanitas na costa do mar e no vale do Jordão. Ultimamente **(3)** nós ouvimos falar de Siom, “o rei do Amorreus,” que tinha conquistado o norte a metade de Moabe (Nm 21:21-31; Dt 2:26-35).

1.O Uso variado do Nome Explicado

Descoberta de Assyriological explica o uso variado do nome. A forma hebréia disto é uma transliteração do babilônico *Amurru*, que era ambos cante. E plural. Na idade de Abraão o *Amurru* seja as pessoas dominantes na Ásia ocidental; conseqüentemente a Síria e Palestina foram chamadas pelos babilônico “a terra do Amorreus.” No período assírio isto foi substituído por “terra do Hititas,” Hititas no Mosaico envelhecem, depois de ter feito para eles os mestres de Síria e Canaã. O uso do nome “Amorreu” em seu senso geral pertence ao período babilônico de história oriental.

2. O Reino dos Amorreus

O reino dos Amorreus era de grande antiguidade. Aproximadamente 2500 a.C, e abraçou a parte maior da Mesopotâmia e Síria, com seu capital provavelmente a Harã, e alguns séculos Babilônia do norte posterior estava ocupada por um “Amorrita” dinastia de reis que localizaram descida de roubo de Samu ou Sumu (o Sem Bíblico), e fez para a Babilônia o capital deles. A esta dinastia pertenceu Hamurabi, o Anrafel de Gn 14:1. Nos documentos astrológicos do período a referência é freqüente feita “o rei do Amorreus.” Este rei do Amorreus estava sujeito à Babilônia na idade da dinastia de Ur, dois ou três séculos antes do nascimento de Abraão Ele reivindicou superioridade em cima de vários reis “Amorreus”, entre quem esses de Khana no Eufrates, se aproxime a boca do Khabur, pode ser nomeado, desde a idade Abraâmica um deles foi chamada hamu-rapikh e outro Isarlim ou Israel. Um pagamento de uma pesquisa cadastral atacado este momento por um governador babilônico com o nome de Canaanite de Urimeleque está agora na Clarabóia. Foram se instalados numeroso Amorreus em Ur e outras cidades babilônicas, principalmente com a finalidade de comércio. Eles parecem ter desfrutado os mesmos direitos e privilégios como os babilônico nativos. Alguns deles eram os caixeiros viajantes, mas nós também ouvimos falar das cabeças das grandes empresas que fazem viagens à costa mediterrânea.

Em uma inscrição achou perto de Diarbekir e dedicado a Hamurabi por Ibirum (= Eber), o governador do distrito, o único título dado ao monarca babilônico é “o rei do Amorreus,” onde em vez de *Amurru*? o Sumeriano *Martu* (*moreh* hebreu) é usado. O bisneto de Hamurabi ainda se chama “o rei da terra difundida do Amorreus,” mas duas gerações que a Babilônia posterior foi invadida pelo Hititas, a dinastia dos Amorreus acabou, e havia mais uma vez um “o rei do Amorreus” que também não era o rei de Babilônia. O reino de Amorita continuou existindo até o tempo da Israelita invasão de Palestina, e menção é feita disto nos registros egípcios como também no cuneiform *Tell el-Amarna Letters*, e o Hitita arquiva descoberto a Boghaz-keui, o local do capital de Hitita em Capadocia, recentemente. A conquista egípcia de Canaã pelos reis da 18ª Dinastia tinha acabado com o governo efetivo daquele país pelos príncipes Amorreus, mas a regra deles ainda estendeu para o leste às bordas de Babilônia, enquanto seus limites sulistas coincidiram aproximadamente com o que era posteriormente a fronteira do norte de Naftali. Porém, os reis de Amorita se tornaram, a todos os eventos em nome, os vassalos do Faraó egípcio. Quando o império egípcio começou a se separar, debaixo do “o rei de herege” Amenotep IV, ao término da 18ª Dinastia (1400 a.C), os príncipes de Amoritas viraram naturalmente aos vizinhos mais poderosos deles no norte. Um das cartas no *Tell el-Amarna* correspondência é do Faraó ao Amorita dele Aziru vassalo o filho de Ebete-Asera, o acusando de rebelião e o ameaçando com castigo. Eventualmente Aziru achou isto aconselhável ir abertamente para o Hititas, e paga para o governo de Hitita um tributo anual de 300 shekels de ouro. Adiante daquele tempo o reino de Amorita era uma dependência do império de Hitita que, em virtude disto, domínio reivindicado em cima da Palestina até onde a fronteira egípcia.

O segundo sucessor de Aziru era Abi-Amurru (ou Abi-Hadad), de quem sucessor agüentou, além de um nome de Semítico, o Mitannian nomeado de Bentesinas. Bente-sinas foi destronado pelo Rei Hitita Mutalis e prendeu em Capadocia onde ele parece ter conhecido Hitita príncipe Khattu-sil que na morte do irmão Mutalis dele agarrou a coroa e restabeleceu Bente-sinas para o reino dele. Bente-sinas se casou a filha de Khattu-sil, enquanto a própria filha dele se casou ao filho do suzerain de Hitita dele, e um acordo foi feito que a sucessão

para o trono de Amorita deveria ser limitada aos descendentes dela. Dois ou três gerações depois o império de Hitita foi destruído por uma invasão de “os bárbaros do norte,” os Frigianos, provavelmente, de história grega que marchou para o sul pela Palestina, contra o Egito, que leva com eles “o rei do Amorreus.” foram derrotados Os invasores, porém, e praticamente exterminaram por Ramses III da 20ª Dinastia egípcia (1200 a.C). O rei de Amorita, capturado nesta ocasião pelos egípcios, provavelmente era o antecessor imediato do Siom do Testamento Velho.

3. A Conquista de Siom

Influência egípcia em Canaã tinha cessado finalmente com a invasão de Egito pelos líbios e peoples do egeu no quinto ano de Meneptá, o sucessor de Ramses II, na hora do Israelita Exodus. Embora os invasores fossem repulsados, as guarnições egípcias tiveram que ser retiradas das cidades de Palestina sulista onde o lugar deles foi levado pelos Filisteus que assim bloquearam o modo do Egito para o norte. Os Amorreus, no nome do suzerains de Hitita distante deles, possa adequadamente infestar as províncias egípcias velhas no lado oriental do Jordão; o Amorita comandante Og se possuiu de Basã (Dt 3:8), e Siom, “o rei do Amorreus,” conquistou a parte do norte de Moabe.

A conquista deveria ter sido recente na hora do Israelita invasão, como a canção de Amorita de triunfo é citado em Nm 21:27-29, e adaptou à subversão do próprio Siom pelos Israelitas. 'Aflição até thee', lê, 'O Moab; tu arte desfeita, pessoas de O de Chemosh! (Chemosh) hath determinados filhos de thy que escaparam (a batalha) e filhas de thy em cativo para rei de Sihon do Amoritas.' A chama que tinha consumido Hesbom assim, é declarado mais adiante, esparramará para o sul por Moabe, enquanto o próprio Hesbom é reconstruído e fez o capital do conquistador: “Venha a Hesbom que a cidade de Siom (como a cidade de Davi, 2Sm 5:9) pode ser reconstruído e pode ser restabelecido. Para o fogo esparramou de Hesbom, a chama do capital de Siom, devorando até onde Moabe (. *adh* com o Septuaginta em vez a . *ah*), e engolindo para cima (lendo *ba^h* . *ah* com o Septuaginta) os lugares altos de Arnom.” O Israelita invasão, porém, impediu para a conquista esperada de Moabe sulista de acontecer.

4. Desaparecimento do Reino de Amorite

Depois da queda de Siom desaparece o reino de Amorita. Os sírios de Zoba, de Hamate e de objeto pegado de Damasco seu lugar, enquanto com a elevação de Assíria o “Amorites” deixe de ser os representantes em literatura contemporânea dos habitantes de Ásia ocidental. Uma vez o poder deles tinha estendido à fronteira babilônica, e Bente-sinas foi chamado a Cappadocia pelo overlord de Hitita dele para responder um custo feito pelos embaixadores babilônicos do ter invadido a Babilônia do norte dele. Porém, o rei de Amorite urgiu que a invasão somente fosse uma tentativa para recuperar uma dívida de 30 talentos de prata.

5. Características físicas dos Amorites

Em Nm 13:29 os Amoritas são descritos como montanhese, e em harmonia com emagrece, de acordo com as notas de Professor Petrie, os artistas egípcios os representam com aparências justas, olhos azuis e cabelos de luz. Então, pareceria que eles pertenceram à raça de libio de África do norte em lugar de para a ação de Semítica. Em Ásia ocidental, porém, eles estavam misturados com outros elementos raciais derivados das populações de assunto, e como eles falaram um Semítica que idioma um do mais importante destes elementos teria sido o Semites. Em seu senso geral, além disso, o nome “Amorita” incluiu no período babilônico todo o oeste de peoples resolvido e civilizou do Eufrates para qualquer raça que eles poderiam pertencer.

Literatura

Hugo Winckler, Mitteilungen der deutschen Oriente-Gesellschaft (1907), Não. 35, Berlim,; Sayce, As Raças do Testamento Velho, Área Religiosa Soc., 1890.

Amós (1)

a' mos (, . *amos*, “penoso” ou “o portador de fardo A , *Amos*):

I. O Profeta

1. Nome
2. Lugar nativo
3. História pessoal
4. A Preparação dele

- (1) Conhecimento de Deus
- (2) o conhecido com História das Pessoas dele
- (3) Viagem pessoal
- (4) paisagem da Casa dele
- 5. a Missão dele
- 6. data

II. O Livro

- 1. suas Divisões
- 2. sua Perspectiva
- 3. valor do Livro
- (1) como um Quadro da Condição Social
- (2) como Quadro da Condição Religiosa
- (3) testemunho para História
- (4) testemunho para a Lei
- (um) O Ritual
- (b) Ensino Ético
- (5) a Ordem Profética
- (6) a Religião Profética

Literatura

I. O Profeta

—

1. Nome

Amós é o profeta entre cujo livro esta como

3º dos profetas menores e o “12º” no cânon hebraico. Nenhuma outra pessoa do mesmo nome é mencionada no Testamento Velho, o nome do pai do profeta Isaías que é escrito diferentemente (, *'amots*). Há um Amos mencionado nas séries genealógicas Lc 3:25, mas ele é caso contrário desconhecido, e nós não sabemos como o nome dele teria sido escrito em hebraico. Do significado do nome do profeta que tudo aquilo pode ser dito é que um verbo com as mesmas letras de raiz, no senso de carregar ou levar uma carga, não é incomum no idioma.

2. Lugar nativo

Tecoa, o lugar nativo de Amós, era situado a uma distância de 5 milhas ao Sul de Belém da qual é visível, e 10 milhas de Jerusalém, em uma colina 2700 pés alta, negligenciando o deserto de Judá. Foi feita uma “cidade para defesa” por Roboão (2Cr 11:6), e pode ter recebido seu nome na realidade de sua posição remota e exposta, para o talo do qual a palavra é um derivado é de ocorrência freqüente no senso de soar um alarme com a trompeta: por exemplo “Sopro a trompeta em Tecoa, e começou para cima um sinal de fogo Bete-Haquerem” (Jr 6:1 na KJV). A mesma palavra também usada significa a colocação para cima de uma barraca golpeando na barraca cavilhas; de Jerome que não havia nenhuma aldeia além de Tecoa pelo tempo dele. O nome sobreviveu, e o bairro está ao dia presente o pasto para rebanhos grandes de ovelhas e cabras. Do chão alto no qual a aldeia moderna estava pessoa olha para baixo nas colinas ondeantes nuas de um dos distritos mais desertos da Palestina, “o deserto uivante desperdício,” que deve ter sugestionado alguma da

imagem surpreendente dos endereços do profeta. O lugar pode ter tido - como raramente não é o caso com cidades ou aldeias - uma reputação para uma qualidade especial de seus habitantes; para isto era de Tecoa que Joabe foi buscar “a mulher sábia” quem por uma história fingida efetuou a reconciliação de Davi com o filho banido Absalão (2 Sm 14). Há rastros no Livro de uma astúcia e inteligência materna que não são tão conspícuos em outros livros proféticos.

3. História pessoal

Os pormenores de um tipo pessoal que é notável no livro são poucos, mas sugestivos. Amós não era um profeta ou o filho de um profeta, ele nos fala (Am 7:14), i.e, ele não pertenceu à classe profissional que freqüentou as escolas denominadas dos profetas. Ele era “entre os pastores de Tecoa” (Am 1:1), a palavra aqui a ser usada só acha uma vez em outro lugar (2Rs 3:4) e aplicado a Mesa, rei de Moabe. Parece recorrer a uma raça especial de ovelha, um pouco desajeitado em aparecimento, mas produzindo, uma lã abundante. Em Am 7:14 fez a palavra “boieiro” é diferente, e denota um dono de gado, entretanto alguns, da Septuaginta fez, pensar que a palavra deveria ser igual em Am 1:1. Ele também era “um cultivador de sicômoros” (Am 7:14). A palavra “cultivador” (Revisou Versão) ou “colhedor” (na KJV) acontece só aqui, e da retribuição da Septuaginta () é conjecturado que há referência para um processador ou técnico do figo de sicômoro fazer isto mais saboroso ou apressar seu amadurecendo, entretanto tal um uso não é conhecido na Palestina ao dia presente.

4. A Preparação dele

Nada é dito sobre qualquer preparação especial do profeta para o trabalho: “Mas o Senhor me tirou de após o gado, e o Senhor me disse: Vai, profetiza ao meu povo Israel” (Amo 7:15, o inglês Revised Versão). Nestas palavras ele se põe em linha com todos os profetas que, em vários modos de expressão, reivindicam uma revelação direta de Deus. Mas a menção da chamada profética em associação com a menção da chamada mundana dele é significativa. Não havia nenhum período interposto entre um e o outro, nenhuma cessação para preparar para o trabalho de profetizar. O homem estava preparado para esta tarefa, e quando o tempo de Deus veio que ele levou isto. O que foi aquela preparação? Até mesmo se nós supomos que a chamada era um evento momentâneo, o homem deveria ter estado pronto receber isto, equipado para seu desempenho. E, olhando para o modo no qual ele realizou isto, como exibido no livro dele, nós podemos ver que havia uma preparação, interno e externo, de um caráter muito completo e efetivo.

(1) Conhecimento de Deus

Em primeiro lugar, ele não tem nenhuma dúvida ou incerteza sobre o caráter do Deus em que nome ele é chamado para falar. O Deus de Amós é um cujo balanço é ilimitado (Am 9:2), de quem o poder é infinito (Am 8:9 f), não só controlando as forças da Natureza (Am 4:1-13; Am 5:8 f) mas guiando os movimentos e destinos de nações (Am 6:1, Am 6:14; Am 9:7). Além disso, Ele é íntegro de todos Seus modos, enquanto lidando com nações em princípios morais (Am 1:3; Am 2:1); e, entretanto particularmente favorável a Israel, ainda fazendo que muito escolha deles como umas pessoas um chão pelos visitar com retribuição mais dura para os pecados deles (Am 3:2). Em comum com todos os profetas, Amós não dá nenhuma explicação de como ele veio conhecer Deus e formar esta concepção do caráter dele. Não estava procurando que eles descobrissem Deus. É assumido que Deus é e que Ele é tal um Ser; e este conhecimento, como só pudesse vir de Deus, é considerado indisputado. A chamada para falar no nome de Deus pode ter vindo de repente, mas a concepção do profeta do caráter de que Deus o chamou não é nenhuma revelação nova ou súbita, mas uma convicção firme e bem estabelecida.

(2) O conhecido na História das Pessoas dele

Então o livro dele não só mostra que ele se familiarizou bem com a história e tradições da nação dele para a qual ele leva concedidas bem como conhecidas aos familiares dele, mas que ele tinha refletido nestas coisas e tinha percebido a significação delas. Nós deduzimos que ele tinha respirado uma atmosfera de religião, como lá nada é indicar que, no conhecido dele com os fatos religiosos da nação dele, ele diferiu desses entre quem ele era, embora a chamada para ir adiante e os obrigar entrou a ele em um modo especial.

(3) Viagem pessoal

Foi conjecturado que Amós tinha adquirido por viagem pessoal o conhecido preciso para o que ele mostra nas delineações gráficas dele de vida contemporânea e condições; e pode ter sido o caso que, como comerciante de lã ou mestre de rebanho, ele tinha visitado as cidades mencionadas e tinha freqüentado os vários mercados para os quais as pessoas foram.

(4) Paisagem da Casa dele

Nós temos que negligenciar outro fator na preparação dele: a paisagem na qual ele teve a casa dele e as ocupações da vida diária dele. A paisagem era a pessoa para deixar uma impressão solene em uma mente refletiva: o deserto extenso, as águas vislumbrando do Mar Morto, a parede alta das colinas distantes de Moabe, em cima de tudo que foram lançados a luz variada e sombra. A vida silenciosa do deserto, como já antes dele, com tais cenas ele tendeu o rebanho dele ou os defendeu das devastações de bestas selvagens, vá a um cujos pensamentos estavam cheio da visão da Divina Majestade de Deus, isso nutriu e exaltou que nós achamos no livro dele, e fornece a imagem na qual os pensamentos dele são fixos (Am 1:2; Am 3:4 f; Am 4:13; Am 5:8; Am 9:5 f). Como ele é levado de seguir o rebanho, ele vem antes de nós usando o idioma e figuras da vida diária dele (Am 3:12), mas lá traspassa toda a nota de um que viu Deus está trabalhando em toda a Natureza e a presença dele em todo fenômeno. Rústico que ele pode ser, mas há nenhuma rudeza ou rusticidade no estilo dele que é um de eloqüência natural e comovida ordenado e regular como vindo de uma mente para a qual era responsivo o ordenadamente funcionamento de Deus em Natureza ao redor dele. Há um aroma do ar livre do deserto sobre as palavras dele; menos

o profeta vive em um mais amplo éter e respira um mais puro ar; toda a coisa na Natureza e no campo de história é visto em uma Divina luz e mediu por um Divino padrão.

5. A Missão dele

Assim, preparado nas solidões do extremo sul de Judá, ele foi chamado a ir e profetizar até o povo de Israel, e se aparece a Betel a capital do Reino do norte. Pode ser que, na acusação da chamada mundana dele, tinha visto ele e tinha impressionado pelas condições de vida e religião nessas partes. Nenhuma razão é determinada para a missão dele para o capital do norte, mas a razão não é distante buscar. É a maneira dos profetas para aparecer onde eles são a maioria precisada; e o Reino do norte sobre aquele tempo tinha saído vitorioso de guerra, e tinha alcançado sua culminação de riqueza e tinha dado poder a, com os resultados auxiliares de luxo e excesso, enquanto o Reino Sulista tinha estado desfrutando um período de tranquilidade externa e conteúdo doméstico.

6. Data

A data do profeta Amós pode ser fixada aproximadamente da declaração no primeiro verso que a atividade dele derrubou “nos dias de rei de Uzias de Judá, e nos dias de Jeroboão o filho do rei de Joás de Israel, dois anos antes do terremoto.” Ambos estes monarcas tiveram reinados longos, o de Uzias que estende de 779 a 740 a.C, e que de Jeroboão II de 783 a 743 a.C. Se nós olharmos para os anos quando eles estavam reinando simultaneamente, e teremos em mente que, para o fim do reinado de Uzias, Jotão agiu como co-regente, nós podemos colocar a data de Amós seguramente sobre o ano 760 a.C. Em um país no qual terremotos não são incomuns o um aqui mencionado deveria ter sido de severidade incomum, para a memória disto foi preservado muito tempo (Zc 14:5). Quanto tempo ele exercitou o ministério dele que nós não somos contados. Em toda a probabilidade o livro é o depósito de umas séries de endereços entregue de vez em quando até que a oração clara dele o utilizasse o ressentimento das autoridades, e ordenaram que ele deixasse o país (Am 7:10). Nós só podemos conjecturar que, posteriormente, algum tempo ele retirou para o lugar nativo dele e derrubou por escrito um registro condensado dos discursos que ele tinha entregue.

II. O Livro

Nós podemos distinguir com mais que certeza ordinária os esboços dos endereços individuais, e o arranjo do livro está claro e simples. O texto, também, foi preservado em geral fielmente; e, entretanto em alguns coloca os críticos professam para achar os rastros de mãos editoriais posteriores, estas conclusões descansam principalmente em chãos subjetivos, e será calculado diferentemente por mentes diferentes.

1. Suas Divisões

O livro entra em três partes naturalmente, reconhecíveis por certas fórmulas ocorrendo periodicamente e características literárias gerais.

(1) a primeira seção que é claramente reconhecível abraça Am 1:1-15 e 2. Aqui, depois do título e designação do profeta em Am 1:1, há uma proclamação solene da Divina autoridade para as palavras do profeta. “Yahweh rugirá de Sião, e proferirá a voz dele de Jerusalém” (Am 1:2). Isto é notável em um que ao longo do livro reconhece o poder de Deus como mundial e a operação dele tão extenso quanto à criação; e deveria ser à vista uma precaução, por um lado, da afirmação que o templo em Jerusalém não era mais sagrado que qualquer do numeroso “lugares altos” ao longo da terra, e, por outro lado, a maneira superficial na qual alguns escritores falam da noção hebréia de uma Deidade cuja habitação foi restringida a um além de localidade que a influência dele não era sentida. Para este Deus que tem o lugar habitação dele em Sião agora pela boca do profeta denuncia em sucessão as nações circunvizinhas, e isto principalmente não para ofensas cometidas contra as pessoas escolhidas, mas para ofensas morais contra um ao outro e para brechas de uma lei que liga em humanidade. Será observado que não são nomeadas as nações denunciadas em ordem geográfica, e o profeta exhibe habilidade retórica notável na ordem de seleção. O interesse e condolência das famílias são afixados o fixando da atenção nas enormidades de culpa nos vizinhos deles, e curiosidade é mantida desperta pela incerteza sobre onde o próximo golpe do chicote profético cairá. Começando com os povos mais distante e estrangeiro de Damasco, Gaza e Tiro, arredonda ao mais próximo e aparentado o povo de Edom, Amon e Moabe, cultive ele descansa para um momento na tribo de irmão de Judá, e assim, tendo puxado a rede implacavelmente ao redor do Israel pela enumeração de sete peoples, ele se abate abaixo no Reino do norte para o qual a mensagem dele é ser endereçada particularmente.

(2) a segunda seção abraça Am 3:1-15 a 6, e consiste aparentemente em umas séries de discursos, cada introduzido pela fórmula, “Ouça esta palavra” (Am 3:1; Am 4:1; Am 5:1), e outro introduziu por um inclusivo: “Aflição para eles isso é à vontade no Sião, e para eles isso está seguro na montanha de Samaria” (Am 6:1). As divisões aqui não são tão claramente marcadas. Será observado, por exemplo, que há outro “Aflição” a Am 5:18; e entretanto em Am 4:1-13, o endereço ao início é dirigido às mulheres luxuosas de Samaria, para a frente de Am 4:4 as palavras têm uma referência mais larga. Adequadamente alguns dividiriam esta seção em um número maior de subseções; realmente, e alguns descreveram o livro inteiro como uma coleção de fragmentos doente-organizados. Mas, enquanto não é necessário supor que o livro escrito é uma reprodução exata dos endereços falados, e enquanto a divisão em capítulos não tem nenhuma autoridade, contudo nós temos que permitir alguma latitude nos detalhe que um orador comovido introduziria nos discursos dele, e para transições e conexões de pensamento que pode não ser aparente na superfície.

(3) a terceira seção tem algumas características nítidas, embora seja até mesmo menos uniforme que o precedendo. A característica excelente é a frase, “Assim o Deus Yahweh mostrou para mim” (Am 7:1, Am 7:4, Am 7:7; Am 8:1) variado a Am 9:1 pelas palavras, “eu

vi o Deus que se levanta ao lado do altar.” Nós temos umas séries assim de “visões” agüentando em, e interpretou como aplicando, a condição de Israel. Está no curso de um destes, quando o profeta vem às palavras, “eu me revoltarei contra a casa de Jeroboão com a espada” (Am 7:9) que a interposição de Amazias, o sacerdote de Betel, é registrada, com a resposta nobre do profeta sobre a Divina chamada dele, e a repreensão dele e denúncia do sacerdote, terminando com um anúncio profético da queda e cativo de Israel (Am 7:14-17).

2. Sua Perspectiva

Se os discursos são derrubados em ordem cronológica da entrega deles, se apareceria que Amós não levou a partida dele imediatamente, desde que mais visões seguem este episódio, e só há uma conveniência especial na intervenção de Amazias ao ponto onde é registrado. Sobre a passagem final desta seção (Am 9:11-15) que dá um prospecto luminoso do futuro, há uma classe de críticos que são inclinados para só rejeitar isto nesta conta como incompatível com o tom de denúncia severa do resto do livro. Porém, é bastante possível que o próprio profeta (e nenhum editor posterior sucessivo) pode ter somado a passagem quando ele veio escrever abaixo os endereços dele. Há nenhuma razão para acreditar que quaisquer dos profetas - severos, entretanto as palavras deles eram - acreditou que o Deus de Israel faria um fim cheio das pessoas dele em cativo: pelo contrário, a garantia deles da fidelidade de Deus para a promessa dele, e a convicção fundo-sentada que direito predominaria no final das contas, nos leve a esperar até mesmo no mais duro ou mais cedo dos profetas a esperança de uma glória futura - aquela esperança que cresceu mais luminoso e mais luminoso como a perspectiva da nação cresceu mais escura, e atingiu intensidade e clareza na esperança Messiânica que os sustentou nos dias mais escuros de exílio. É difícil acreditar que quaisquer dos profetas eram os profetas de desespero, ou conceber como eles poderiam ter profetizado nada a menos que eles tivessem uma fé firme no último triunfo do bem.

3. Valor do Livro

O Livro de Amós é particularmente valioso do fato que ele é certamente um dos profetas mais cedo cujas escritas nos descenderam. É como o Livro Oséias que pertence para sobre o mesmo tempo, um documento contemporâneo de um período de grande significação na história de Israel, e não só dá esboços gráficos ou sugestões iluminantes da vida e condição de religioso das pessoas, mas fornece um padrão confiável por calcular o valor de alguns outros livros cujas datas não é tão precisamente determinadas, um começar-ponto definido por localizar o curso da história de Israel.

(1) como um Quadro da Condição Social

O livro é valioso como encarnando um quadro contemporâneo de sociedade e a condição de religião. Dos abusos que o profeta denuncia e os esboços naturais que ele puxa das cenas entre as quais ele moveu levado o que nós conhecemos os movimentos históricos do período caso contrários, nós podemos formar uma estimativa bastante adequada da condição da idade e o país. Durante o reinado de Jeroboão II o reino de Israel, depois de ter estado muito reduzido durante preceder reinados, subiu enormemente de extensão e unexampled de influência desde os dias de Salomão (2Rs 14:25); e nós não somos surpreendidos para ler no Livro de Ê as palavras arrogantes que ele põe na boca das pessoas do tempo dele quando eles falaram de Israel como o “o chefe das nações” um poder de primeira classe em idioma moderno, e ostentou do “chifres” por qual eles tinham atingido aquela eminência (Am 6:1, Am 6:13). Mas sucesso na guerra se encorajasse este espírito orgulhoso, também trouxe males inevitáveis em seu trem. Vitória, como nós sabemos dos monumentos assírios, pilhagem significada; para rei depois que o rei recontou que quantos deterioraram que ele tinha levado quantos prisioneiros que ele tinha levado fora; e nós temos que assumir que seriam administradas guerras entre estados menores nos mesmos métodos. Tais guerras, sucesso significou uma extensão de território e aumento de riqueza, enquanto derrota requereu o contrário. Mas disto se lembrará que, em um país agrícola e em uma sociedade constituiu como isso de Israel era, o resultado de guerra para uma classe da população era em grande parte desastrosa, tudo que era o assunto, e sucesso, quando foi alcançado, males trazidos em seu trem que até mesmo agravou a condição deles. O camponês, exigido levar braços para ofensa ou defesa, foi levado longe dos trabalhos do campo que, no melhor evento, era durante um tempo negligenciado, e, no pior, estava perdido e fez improdutivo. E então, quando vitória foi afiançada, os espólios eram responsáveis para entrar nas mãos do nobre e líderes, esses “chamou com um nome” (Am 6:1), enquanto o camponês voltou aos campos perdidos ou negligenciados dele sem muito recurso significativo com que começar vida novamente. A riqueza afiançada pelos homens de mão forte conduzidos ao aumento de luxo em seus possuidores, e se tornou os meios de acrescentar mais adiante ainda ao embaraço de fato o pobre, que era dependente nos ricos para os meios de ganhar o sustento deles. A situação seria agravada debaixo de um governo fraco ou corrupto, como era certamente isso dos sucessores de Jeroboão. A condição prevalece em países orientais modernos, até mesmo debaixo de comparativamente sábia e só administração; e que era que o estado de assuntos que prevalecem pelo tempo de Amos está abundantemente claro do livro dele. A denúncia de abertura de Israel para opressão do pobre e para fome na terra (Am 2:6, Am 2:7) é re-ecoado e ampliou nos capítulos sucessivos (Am 3:9, Am 3:10; Am 4:1; Am 5:11, Am 5:12; Am 8:4-6); e é castigado o luxo dos ricos que engordaram no infortúnio dos irmãos mais pobres deles mordendo ironia em tais passagens como Am 6:3-6. Especialmente notável nesta conexão a referência desprezativa é às mulheres luxuosas, o “vacas de Basã” (Am 4:1), de quem extravagâncias são mantidas pela opressão do pobre. Em resumo, a situação era um que achou golpeando comparado em países despóticos modernos no Leste onde as pessoas são divididas em duas classes, os ricos poderosos, rico porque poderoso e poderoso porque rico, e, o pobre oprimido, homens que não têm nenhum ajudante, nenhum “atrás” na frase oriental comum, dependente nos ricos e influentes e cuidando de maior pobreza debaixo de protetores gananciosos.

(2) como um Quadro da Condição Religiosa

Em tal uma atmosfera social que envenenou as virtudes elementares não pôde florescer religião de um tipo vital; e há indicações claras

nas palavras de Amos da baixa condição para a qual tinha afundado. Realmente, havia como nós juntamos de em se dirige, nenhuma falta de atenção externa para as formas de adoração; mas estas formas eram de assim corrompeu um caráter e associado com tanto godlessness prático e imoralidade plana que em vez de elevar o caráter nacional isto cuidou de sua maior degradação. O próprio peritio de pessoas em o que eles consideraram a adoração do Deus nacional, enquanto pensando que tão longo como eles O honraram com oferecimentos caros e um ritual deslumbrante, eles estavam O agradando e afiançam na proteção dele. Betel, Dã, Gilgal, Berseba, e nós não sabemos que quantos outros lugares foram recorridos para em peregrinação por multidões de adoradores. Com todos os acompanhamentos de ritual cerimonioso que as riquezas recentemente achou puseram no poder deles, com oferecimentos mais que os legalmente prescreveram ou habitual (Am 4:4, Am 4:5) o serviço destes santuários foi mantido; mas até mesmo estes oferecimentos foram feitos às custas do pobre (Am 5:11), o luxo prevalecente forçou seu modo até mesmo ao recinto dos altares (Am 2:8), e justiça e clemência eram conspiciosa e ausente da vida religiosa. As pessoas pareciam ter se estabelecido um otimismo complacente, não nutriu nenhuma dúvida por prosperidade nacional, e, entretanto não tinha havido lembranças ausentes da soberania de um Deus íntegro, em convulsões de Natureza - seca, escassez, pestilência e terremoto (Am 4:6-11) - estes tinham sido de nenhum proveito despertar a consciência dormente. Eles puseram o dia mau longe deles (Am 6:3), para Yahweh era o Deus nacional deles e “o dia do Deus,” a vinda de tempo bom (Am 5:18), quando Deus viria à ajuda deles, era mais na mente deles que o dever imperativo de voltar a Ele (Am 4:6, Am 4:8, etc.).

(3) testemunho para História

O livro é valioso para a confirmação que dá das declarações históricas de outros livros, particularmente para as referências contém a história mais cedo contida no Pentateuco. E aqui nós temos que distinguir entre referências para, ou citações de livros, e declarações ou sugestões ou indicações de eventos históricos que podem ou podem não ter sido escritos em livros ou acessível ao profeta e o hearers dele. Opiniões diferem sobre a data de composição dos livros que registram a história mais cedo, e os escritores Bíblicos mais velhos não estão no hábito de dizer de que fontes eles puxaram a informação deles ou se eles estão citando de livros. Nós quase não podemos acreditar que no tempo de cópias de Amos de livros existentes ou escritas estaria nas mãos da massa das pessoas, até mesmo se o poder para lê-los fosse geral. Em tais circunstâncias, se nós achamos um profeta como Amós na bússola de um livro pequeno que recorre a eventos excelentes e fases da história passada como assuntos conhecida a todos seu hearers e inquestionável, nossa confiança na veracidade dos livros nos quais estes fatos são registrados grandemente é aumentada, e se torna um assunto de comparativamente menos importância a que data estes livros estavam compostos. Agora são notáveis quantas insinuações, mais preciso, para história de antecedente é achado na bússola deste livro pequeno; e a significação deles não mente no número atual de referências, mas no tipo de referência e as implicações envolvido nas referências individuais. Quer dizer, cada referência não será levada como um testemunho isolado a algum único evento em questão, mas envolve uma grande transação mais que é expresso, e só é inteligível quando são levados outros fatos ou incidentes em conta. Assim por exemplo a referência para a subversão de Sodoma e Gomorra (Am 4:11) só é inteligível na suposição que a história daquela catástrofe era uma questão de conhecimento comum; e seria uma crítica censura Dora para discutir que a destruição de outras cidades da planície ao mesmo tempo e a história inteira de Ló seja desconhecida pelos dias de Amós porque eles não são mencionados aqui em detalhes. Assim, quando nós temos em uma passagem uma referência para a casa de Isaque (Am 7:16), em outra para a casa de Jacó (Am 3:13), em outra para a casa de José (Am 5:6) e em outra para a inimizade entre o Jacó e Esaú (Am 1:11), nós não podemos levar estes como notificações destacadas, mas tem que prover as ligações que as palavras do profeta sugeririam ao hearers dele. Em outra palavra, tais notificações leves, só porque eles são incidentais e fazem resumo de, insinue uma familiaridade com uma história patriarcal conectada como é achado no Livro de Genesis. Novamente, as referências do profeta para o “a família inteira” do “as crianças de Israel” quem o Deus “tirou para cima da terra de Egito” (Am 3:1), para o Divino que conduz das pessoas “quarenta anos na selva, possuir a terra do Amorreu” (Am 2:10) não é vantagens e fins de história popular mas ligações em uma cadeia de história nacional. Parece estar em virtude destes e referências semelhantes nos livros de Ê e Oséias cujas datas são conhecidas, que os críticos concordaram em fixar a data das porções históricas mais cedem do Pentateuco que como eles os, isto é, entendem que as partes designaram como Jahwist e Elohist, no 8º e 9º séculos a.C, i.e. a ou logo antes o tempo destes profetas. Pode ser deixado ao julgamento imparcial do leitor para dizer se as referências se parecem referências a um documento recentemente composto, ou se não é mais provável que, em uma idade quando escrito documentos eram necessariamente poucos e não acessível à multidão, são estas referências atraí bem a coisas fixadas na memória nacional, uma memória que estende atrás às coisas eles. Ou, se as palavras do profeta serão levadas como prova suficiente da existência de fontes escritas, o fato que os assuntos são assumidos bem como conhecido preferiria encorajar a conclusão que as fontes escritas em questão voltem para um período muito mais cedo, desde que os assuntos contiveram neles teve antes deste tempo se tornado assuntos de conhecimento universal.

(4) testemunho para a Lei

(a) O Ritual

E o que sobre esses outros elementos do Pentateuco de um caráter legal e ritual que aumenta assim proeminente nesses livros? A pergunta se o Livro de Amos indica um conhecido com estes ou não é importante porque está em grande parte no silêncio de profética e os escritores históricos que os críticos de certa escola banem estas porções legalistas do Pentateuco a uma recente data. Agora ao início é óbvio para perguntar o que nós temos um direito razoável para esperar. Nós temos que ter em mente o que era a condição das pessoas a quem Amos se dirigiram, e o propósito e aponta da missão dele para o Reino Do norte. Disto se lembrará que, como nos somos falados no Livro de Reis (1Rs 12:25), Jeroboão eu busquei fazer uma brecha entre a adoração de Jerusalém deliberadamente e que do próprio reino dele, enquanto persuadindo as pessoas dele que a adoração de Yahweh estava sendo mantida. O cisma aconteceu uns 170 anos antes do tempo de Amós e não é provável que a adoração e ritual do Reino do norte tendam naquele intervalo a maior pureza ou maior conformidade para o que tinha sido a prática autorizada do reino não dividido no templo de Jerusalém. Então, quando Amos, em

face da adoração corrupta combinada com ritual elaborado que prevaleceu ao redor dele, declara que aquele Deus odeia e menospreza os banquetes deles e não leva nenhuma delícia nas assembléias solenes deles (Am 5:21), nós não estamos justificados apertando as palavras dele, como às vezes é terminado, em uma condenação extensa de todo o ritual. Pelo contrário, vendo que, na muito mesma conexão (Am 5:22), ele especifica oferecimentos queimados e oferecimentos de refeição e propostas de paz, e, em outra passagem (Am 4:4, Am 4:5), sacrifícios diários e dizimos, sacrifícios de ação de graças e oferecimentos de livre vontade, é natural para deduzir isso por estas condições que estão familiarizado no Pentateuco ele está recorrendo a essas observâncias estatutárias que fizeram parte da adoração nacional de Israel unido, mas tinha sido revestido com corrupção e tinha sido ficado destituído de valor espiritual como praticado no Reino Do norte. Assim nós podemos levar as insinuações dele à lua nova e o Sábado sagrado (Am 8:5) como estações de santidade especial e universalmente sancionou. Tendo condenado em tais condições desdenhosas e extensas a adoração que ele viu andamento em ao redor dele, o que era Amós para colar entrando em prescrições de ritual minuciosas ou definindo os deveres precisos e perquisites de padres e Levites; e tendo condenado as peregrinações para os santuários de Betel, Gilgal, Berseba, Samaria e Dã (Am 4:4; Am 5:5; Am 8:14), o que foi ele ganhar citando a lei de Deuteronômio sobre um santuário central? E teve um do hearers dele, como a mulher de Samaria de um dia posterior, tentado o puxar em uma discussão dos méritos relativos dos dois templos, nós podemos o conceber respondendo no espírito do grande Professor: “Ye adoram ye não sabem isso que: nós sabemos o que nós adoramos” (Jo 4:22 na KJV). Um regulamento da forma era de nenhum proveito enquanto o espírito inteiro da observância era corrupto; a alma de religião estava morta, e o profeta teve um dever mais alto que vestir fora a carcaça.

À raiz da corrupção da posição de religião uma podridão de senso moral; e do princípio ao fim Amos insiste na necessidade de uma pura e íntegra vida. Nesta conexão as atrações dele estão em acordo notável com as demandas especialmente éticas dos livros de lei, e em fraseologia tanto se assemelha a eles sobre autorização a conclusão que as exigências da lei nestes assuntos eram conhecidas e reconhecidas. Assim as denúncias dele desses que oprimem o pobre (Am 2:7; Am 4:1; Am 8:4) está totalmente no espírito e estilo de Ex 22:21, Ex 22:22; Ex 23:9; as referências dele para a perversão de justiça e levando subornos (Am 2:6; Am 5:7, Am 5:10, Am 6:12) é execuções retóricas das proibições da lei em Ex 23:6-8; quando ele reprova esses que “coloque eles ao lado de todo altar em roupas levadas em penhor” (Am 2:8) nós ouvimos um eco do comando: “Se tu ao artigo de vestuário de todo o vizinho de thy de objeto pegado empenhar, tu shalt restabelecer isto até ele antes do goeth de sol abaixo” (Ex 22:26); e quando ele denuncia esse fazendo “o ephah pequeno, e o shekel grande, e lidando falsamente com equilíbrios de decepção” (Am 8:5) as palavras dele estão em acordo íntimo com a lei, “Ye não fará nenhum unrighteousness em julgamento, em dar em doses-jarda, em pesos, ou em medida. Só equilíbrios, só peso, um ephah justo, e um hin justo devem ye têm” (Lv 19:35, 36, na KJV).

(b) Ensino Ético

Como pastor de retidão, afirma Amos e resiste nessas partes éticas da lei que é seus elementos vitais, e qual mentira à fundação de toda a profecia; e é notável como até mesmo em phraseology ele concorda com o livro mais ético do Pentateuco, Deuteronômio. Realmente, ele não gosta do Oséias contemporâneo dele, enfatize o amor de Deus como Dt faz; mas, de mais duro modele, em quase as mesmas palavras de Deuteronômio, enfatiza o mantendo das ordens de Deus, e denuncia esses que menosprezam a lei (compare Am 2:4 com Dt 17:19). Entre coincidências verbais foram notadas as combinações “oprima” “esmagamento” (Am 4:1; Dt 28:33), “dinamitando” e “mofo” (Am 4:9; Dt 28:22), e “fel” e “wormwood” (Am 6:12; Dt 29:18). Também Compare Am 9:8 com Dt 6:15, e note a predileção para a mesma palavra para “destrua” comum a ambos os livros (compare Am 2:9 com Dt 2:22). Devido a tudo de que parece uma declaração extraordinária para fazer que “o silêncio de Amós com referência para a centralização de adoração na qual Dt é tão explícito, só parece suficiente para exceder em valor qualquer semelhança lingüística que pode ser descoberta” (H. G. Mitchell, Amos, uma Composição em Exegese, 185).

(5) a Ordem Profética

Como Amós está sem dúvida um do cedo os profetas de escritura, o livro dele é inestimável como um exemplo de que profecia estava no Israel antigo. E uma coisa pode impressionar o leitor ao mesmo início: isto é, que ele não faz nenhuma reivindicação para ser o primeiro ou entre a primeira da linha, ou que ele está exercitando algum novo e desconhecido da função. Ele começa falando corajosamente no nome de Deus, enquanto assumir isso até mesmo as pessoas do Reino do norte estavam familiarizados com aquele tipo de endereço. Não, ele vai mais distante e estado em condições inequívocas que “o Deus não fará nada, mas ele revelará o segredo dele até os criados dele os profetas” (Am 3:7, na KJV). Nós não precisamos procurar mais longe para uma definição do profeta como entendido por ele e outros escritores de Testamento Velhos: o profeta é a pessoa a quem Deus revela os Seus vão, e que avança declarar isso vá e pretenda tripular. Um grande trato foi feito das palavras de Amazias o sacerdote de Betel (Am 7:12), como se eles provassem que o profeta por essas vezes foi considerado como um retorciam vagante, enquanto ganhando o pão dele recitando as falas dele; e foi deduzido das palavras do próprio Amós que os profetas do dia dele eram tão desacreditadores uma classe que ele designava ser nomeado junto com eles (Am 7:14). Mas tudo isso é fantástico. Até mesmo se nós admitimos que houvesse que homens que se chamam profetas para que profetizassem contratam (Mq 3:5, 11), não pode ser assumido que a expressão aqui para “coma pão” tem aquele significado; para em outras passagens parece significar para conduzir uma vida quieta ou ordinária simplesmente, ir aproximadamente um diariamente negócio (veja Ex 24:11; Jr 22:15). Em todo caso nós somos não levar a estimativa de um homem goste de Amazias ou uma população irreligiosa em preferência para a concepção de Amos ele e a conta dele da chamada dele. Não estava por homem ou por qualquer faculdade de profetas, mas pelo próprio Yahweh que ele foi designado, e por qualquer nome poderia ser chamado ele, a convocação era “Vá, profetize até minhas pessoas o Israel” (Am 7:15). não há nenhum rastro aqui do “profetas que ficam consciente de uma distinção entre eles e o nebh profissional *nēbhi'im* que simplesmente era hábil para ecoar os sentimentos patrióticos e nacionalistas das pessoas e em realidade diferida mas pequeno do soothsayers e diviners de heathenism de Semítico” (Ottley, A Religião de Israel, 90). Quem o “nebh

profissional *ḥbhl'lm'* pode ter estado pelo dia dele, ou tudo que ele pensou neles se eles existiram, Amos nos conta nada; mas ele se percorre com homens para quem Yahweh falou em verdade (Am 3:7, Am 3:8), e indica isso tinha havido uma sucessão de tais homens (Am 2:11), fiel entre a corrupção prevalecente entretanto tentou para ser infiel (Am 2:12); em resumo ele nos dá entender que o “ordem profético” volta para um período longo antes do dia dele e tem suas raízes na verdadeira e original religião de Israel.

(6) a Religião Profética

Finalmente, do Livro de Ê nós podemos aprender o que a religião profética era. Aqui novamente há nenhuma indicação de rudeza rudimentar de concepção, ou de lutar doloroso para cima do avião de naturalismo ou convicção em um Deus meramente tribal. O Deus em de quem nome que Amós fala tem controle em cima de todas as forças de Natureza (Am 4:6; Am 5:8, Am 5:9), regras os destinos de nações (Am 6:2, Am 6:14; Am 9:2-6), procura os pensamentos do coração (Am 4:13), é inflexível em retidão e transações com nações e com homens em justiça igual (Am 1:1-15 e Ê 2; Am 9:7), e é muito severo às pessoas que receberam os privilégios mais altos (Am 3:2). E este é o Deus por de quem nome o hearers dele se chamam, de quem reivindicações que eles não podem negar, de quem procedimentos com eles de tempo velho são bem conhecidos e reconheceram (Am 2:11), de quem leis eles quebraram (Am 2:4; Am 3:10) e para de quem só julgamento eles são advertidos para preparar (Am 4:12). Tudo isso o profeta obriga fielmente; não uma voz é levantada no círculo da família dele para disputar as palavras dele; tudo aquilo Amazias que o sacerdote pode fazer é urgir para o profeta que se prive de palavras mal recebidas em Betel, porque é o santuário do rei e uma casa real; a única conclusão é que as pessoas sentiam a verdade e justiça das palavras do profeta. A “religião profética” não comece com Amós.

Literatura

W. R. Harper, “Amós e Oséias,” no ICC; S. R. Motorista, “o Joel e Amós” em Bíblia de Cambridge para Escolas e Faculdades; H. G. Mitchell, Amos, uma Composição em Exegese (Boston); A. B. Davidson, dois artigos em O Expositor, 3º ser, V, VI (1887); W. R. Smith, Os Profetas de Israel; G. A. Smith, “O Livro dos Doze Profetas,” na Bíblia de Expositor; J. J. PÁG. Valetton, und de Amos Hosea (1894); von de C. Orelli, Morra kleinen de zwölf Propheten, 3. Aufl. (1908) e ET; Nowack, “Morra kleinen Propheten,” em Mão-commentar zum Testamento de Altes; Marti, “Das erklart de Dodekapropheten,” em Kurzer Mão-Commentar zum Testamento de Altes.

Amós (2)

a' mos (A , *Amos*): Um antepassado de Jesus na genealogia de Lucas, o oitavo antes de José, o marido de Maria (Lc 3:25).

Amoz

a' moz (, *'amoc*, “forte”): O pai de Isaías o profeta (2Rs 19:2, 2Rs 19:20; 2Rs 20:1; 2Cr 26:22; 2Cr 32:20, 2Cr 32:32; Is 1:1; Is 2:1; Is 13:1; Is 20:2; Is 37:2, Is 37:21; Is 38:1).

Anfipolis

am-fip' o-lis (A , *Amphipolis*): Uma cidade na Macedônia, situada no banco oriental do Strymon (Struma moderno ou Karasu) umas três milhas de sua boca, se aproxime o ponto onde flui fora de Lago Prasias ou Cercinitis. Deita-se em uma colina terraplenada, protegida no Norte, Oeste e Sul pelo rio, no Leste por uma parede (Thuc. iv. 102), enquanto sua porto-cidade de posição de Eïon na costa perto da boca do rio. O nome ou é derivado de seu ser quase rodeado pelo fluxo ou de seu ser conspicuo em todo lado, um fato para o qual Thucydides chama atenção (no lugar citado). Foi chamada Ennea Hodoi, Nove Modos, um nome que sugestiona sua importância estrategicamente e comercialmente, no princípio. Vigiou a rota principal da Tracia na Macedônia e depois se tornou uma estação importante no Por Egnatia, a grande estrada romana de Dyrrhachium no adriático ao Hebrus (Maritza), e era o centro de um distrito fértil vinho produtor, óleo, figos e madeira em abundância e enriqueceu por ouro e minas de prata e considerável fábrica, especialmente de matéria-primas lanosas. Em 497 a.C Aristagoras, ex-déspota de Mileto, tentado resolver lá, e um segundo que tentativa vã foi feita em 465-464 pelos atenienses que tiveram sucesso fundando uma colônia lá em 437 debaixo da liderança de Hagnon. Porém, a população foi misturada para permitir de condolências atenienses fortes também, e em 424 a cidade caiu fora ao líder Espartano Brasidas e desafiou todas as tentativas subseqüentes dos atenienses para recuperar isto. Passou debaixo do protetorado de Perdicas e Filipe de Macedonia, e o posterior finalmente se fez o mestre disto em 358. Na partição romana de Macedônia depois da batalha de Pydna (168 a.C) Anfipolis foi feito uma cidade livre e capital de Prima de Macedônia. Paulo e Silas atravessaram isto no modo deles de Filipo para Tessalonica, mas a narrativa parece impedir uma permanência longa (At 17:1). O lugar foi chamado Popolia na Idade Média, enquanto em tempos modernos a aldeia de Neochori (turco, Yenikeui) marcas o local (Leake, Grécia Do norte, III, 181ff, Cousinéry, Macédoine, eu, 100ff,

122ff.,; Et de Heuzey Daumet, archéol de Missão. de Macédoine, 165ff).

Amplias

am'pli-as (Textus Receptus [Αμπλιας](#), *Amplias*), na KJV forma: uma contração de AMPLIATUS (assim, a Versão Revisada (britânico e americano); que segue).

Ampliatius

am-pi-a'tus ([Αμπλιατος](#), *Ampliatos*, Codex Sinaiticus, A,B,F, [Αμπλιατος](#), *Ampliatos*; [Αμπλιας](#), *Amplias*, D,E,L,P,a Versão Revisada (britânico e americano) forma; a KJV Ampliada): O nome de um sócio da comunidade Cristã em Roma, a quem Paulo enviou saudações (Rm 16:8). Ele é designado “meu amado no Deus.” é um nome comum e é achado em inscrições conectadas com a casa imperial. O nome é achado duas vezes no cemitério de Domitilla. A inscrição mais primitiva está em cima de uma cela que pertence ao fim do 1º século ou o começo do 2º século. O portador deste nome provavelmente era um sócio da casa e conspícuo na igreja Cristã primitiva em Roma.

Anrão

am'ram ([אֲנָרָם](#), *amram*, “as pessoas exaltaram”):

(1) o pai de Aarão, Moisés e Miriã (Ex 6:20; Nm 26:59; 1Cr 6:3; 1Cr 23:13); e um filho de Coate, o filho de Levi (Ex 6:18; Nm 3:19, etc.). Não é certo que ele era literalmente o filho de Coate, mas bastante o descendente dele, desde que lá era dez gerações de José para Josué (1Cr 7:20-27), enquanto são mencionados só quatro de fato de Levi para Moisés para o período correspondente. Além disso, os Coatitas na hora do Êxodo numerou 8600 (Nm 3:28) que teria sido então uma impossibilidade se só duas gerações tivessem vivido. Parece melhor considerar Anrão como um descendente de Coate, e o esposa dele Joquebede como uma “filha de Levi” em um senso geral.

(2) um dos filhos de Bani que nos dias de Esdras tinha levado uma esposa estrangeira (Ed 10:34).

(3) em 1Cr 1:41 (na KJV) para o Hanrão corretamente erudito da Versão Revisada (britânico e americano) ([הַמְרָן](#), *hamran*), um Horite que em Gn 36:26 é chamado Hendã (o qual vê).

Anramitas

am'ram-its ([אֲנָרָמִיתִים](#), *amrami*): Os descendentes de Anrão, um das famílias dos levitas mencionadas em Nm 3:27 e 1Cr 26:23, quem teve o custo do tabernáculo próprio, enquanto vigiando a arca, mesa, castiçal, etc., chamou 1Cr 26:22 “os tesouros da casa de Yahweh.”

Anrafel

am'ra-fel, am-ra'fel ([אַמְרָפֶּל](#), *amraphel*, ou, talvez melhor, *amraphel*).

1. A Expedição Contra Sodoma e Gomorra

Este nome que é identificado com o renomado rei babilônico Hammurabi (que vêem), só é achado em Gn 14:1, Gn 14:9 onde ele é mencionado como o rei de Sinar (a Babilônia), que lutou contra as cidades da planície, em aliança com rei de Arioque de Elasar, o rei de Quedorlaomer de Elão, e rei Tidal de Nações (a Versão Revisada (britânico e americano) GOIIM). A narrativa que segue é muito circunstancial. Disto aprendemos nós, aquele rei de Bera de Sodoma, rei de Birsá de Gomorra, rei de Sinabe de Adma, rei de Semeber de Zeboim, e o rei de Bela ou Zoar, tinha servido Quedorlaomer durante 12 anos, e rebelou nos 13º, e no 14º ano Quedorlaomer, com os reis enumerados, lutou com e os derrotou no vale de Sidim que é descrito como sendo o Mar Salgado. Porém, prévio a este compromisso o Elamitas e os aliados deles tinham atacado o Refaim (*Onkelos*: “gigantes”) em Astarote-Carnaim, o Zuzim (O: “poderoso,” “os heróis”) em

Ham (O: *Hamta*), o Emim (O: “terrível”) em Save-Quiriataim, e o Horita no Monte deles Seir, pelo Deserto. Estes tidos feitos impotente para ajudar os vassalos revoltados, eles devolveram e vieram a Em-mispate, ou Cades, atacou o país do Amalequitas, e o Amoritas que mora em Hazazom-Tamar (Gn 14:2-7).

2. A Preparação e o Ataque

Nesta conjuntura os reis das cidades da planície saíram contra eles, e os opôs com a ordem de batalha deles no vale de Sidim. O resultado da briga era, que os reis de Sodoma e Gomorra, com os aliados deles, fugiram, e caíram entre as covas bitumen das quais o lugar estava cheio, ainda esses que escaparam levaram refúgio na montanha. Todos os bens e comida (o acampamento-equipamento e materiais) dos reis da planície foram capturados por Quedorlaomer e os aliados dele que então continuaram a marcha deles (para as próprias terras deles) (Gn 14:8-11).

3. O Salvamento de Abraão de Ló

Entre os cativos, porém, estava Ló, o sobrinho de Abraão que vivia em Sodoma. Um fugitivo, enquanto tendo escapado, foi e anunciou o resultado do compromisso a Abraão que estava àquele tempo que vive pela plantação de carvalho de Manre. O patriarca marchou imediatamente adiante com os homens treinados dele, e os procurou de Dã onde ele dividiu as forças dele, atacou o exército Elamita-babilônico de noite, e tendo os posto a correr, os procurou novamente a Hobá, na esquerda (ou Norte) de Damasco. O resultado desta arremetida súbita era que ele salvou Ló, com as mulheres e as pessoas, e recapturou os bens de Ló fora os quais os aliados de Anrafel tinham levado (Gn 14:12-16).

4. Dificuldades da Identificação de Anrafel

Não há nenhuma dúvida que a identificação de Anrafel com o Hammurabi das inscrições babilônicas é o melhor ainda proposto, e entretanto há certas dificuldades nisso, estes podem se mostrar para ser aparente em lugar de real, quando nós sabemos mais da história babilônica. O “l” ao término de Anraphel (que também tem “ph” em vez de “p” ou “b”) como também o fato que a própria expedição não tem contudo sido reconhecido entre as campanhas de Hammurabi, deve ser reconhecido como dois pontos duro de explicar, entretanto eles podem ser resolvidos no final das contas por pesquisa adicional.

5. Acordos históricos

Porém, é notável que no primeiro verso de Genesis 14 é mencionado Anrafel primeiro, o qual, se ele realmente é o Hammurabi babilônico, é facilmente compreensível, para o renome dele para todo o aparecimento que isso excedeu de Quedorlaomer, o suzerain dele. Em Gn 14:4 e Gn 14:5, porém, é Quedorlaomer só que se refere, e ele encabeça a lista de reis orientais em Gn 14:9 onde Tidal vem próximo (uma ordem bastante natural, se Goim é o *Gutê* babilônico, i.e. o Medes). Próximo em ordem entra Anrafel, rei de Babilônia e suzerain de Arioque de Elasar (*Êri-Aku* de *Larsa*), de quem nome fecha a lista. Também pode ser sugerido, que Anrafel conduziu uma força babilônica contra Sodoma, como o aliado de Quedorlaomer, antes de ele se tornou o rei, e simplesmente pode ser sido o príncipe de coroa. Naquele caso, como Belsazar, foi chamado ele “o rei” através de antecipação. Para detalhes adicionais vêem ARIOQUE e QUEDORLAOMER, e compara ERI-AKU e HAMMURABI; para a história de Babilônia durante o período de Hammurabi, veja aquele artigo.

Amuleto

am’u-let (, *keṣem* , , *ḥashim* , *meṣuzah* , *ṣṣhillin* , *cicith* , *phulakterion*): Os Modernos estudantes são de opinião que nossa palavra “amuleto” português vem do latim amuletum, usado por Plínio (*Naturalis Historia*, xxviii, 28; xxx, 2, etc.), e outros escritores latinos; mas não há nenhuma etimologia para a palavra latina foi descoberta. O escritor presente pensa que a raiz existe no *himlat árabe*, “algo levou” (veja *Dozy, aux de Supplément Dictionnaires Arabes*, eu, 327), entretanto não há nenhum exemplo conhecido do uso da palavra árabe em um senso mágico. Originalmente “amuleto” denotou qualquer objeto supôs para ter o poder de remover ou cuidar influências nocivas acreditado para estar devido a espíritos maus, etc., como o mau-olhado, etc. Mas na prática geral representa um objeto usado no corpo, geralmente pendurado do pescoço, como um remédio ou preservativo contra influências do mal de um tipo místico. A palavra “amuleto” acontece uma vez na Versão Revisada (britânico e americano) (Is 3:20) mas não na KJV.

1. Classes de Amuletos

As substâncias fora de quais foram feitos amuletos e as formas que eles levaram foram várias.

(1) Os Amuletos consistiram de pedaços de pedra ou metal, tiras de pergaminho com ou sem inscrições de escritas sagradas (Bíblia, Alcorão, etc.). Os amuletos egípcios mais primitivos conhecidos são pedaços de xisto verde de várias formas - animal, etc. Estes foram colocados no peito de uma pessoa falecida para afiançar uma passagem segura para debaixo do mundo. Quando um pedaço de pedra é

selecionado como um amuleto que sempre é portátil e geralmente de alguma figura notável ou forma (a face humana, etc.). O uso de tal pedra para este propósito realmente é uma sobrevivência de animismo.

(2) pedras preciosas, anéis, etc. Foi largamente segurado que todos os ornamentos usados na pessoa eram originalmente amuletos. (3) certas ervas e preparações de animal; as raízes de certas plantas foram consideradas muito potentes como remédios e preservativos.

A prática de amuletos cansativos existiu no mundo antigo entre todos os povos, mas especialmente entre Orientais; e pode ser localizado entre a maioria das nações modernas, especialmente entre povos de civilização para trás. Nem é completamente isto ausente de povos da civilização mais avançada de hoje, o inglês, americanos, etc. Entretanto palavra charm (veja CHARM) tem um significado distinto, é freqüentemente inseparável conectado com amuletos, para isto está em muitos casos o encantamento ou charm se inscreveu no amuleto que dá o posterior sua significação. Como distinto de talismã (veja TALISMÃ) é acreditado que um amuleto tem resultados negativos, como uns meios de proteção: é pensado que um talismã é os meios de afiançar para obtê-lo algum benefício positivo.

2. Amuletos na Bíblia

Embora não haja nenhuma palavra na Bíblia hebraica ou grega que denote “amuleto,” a própria coisa é manifestadamente incluída em muitas partes da Bíblia. Mas é notável que o ensinamento geral da Bíblia e especialmente o dos profetas do Testamento Velho e dos escritores do Testamento Novo é completamente e fortemente oposto a tais coisas.

(1) O Testamento Velho

Os anéis dourados usados na orelha pelas esposas e filhos e filhas dos Israelitas fora de quais fundido foi feito o bezerro (Ex 32:2 f), era indubitavelmente amuletos. Que outra função poderiam ser feitos eles para servir na vida simples do deserto? Que os ornamentos das mulheres condenaram em Is 3:16-26 era do mesmo caráter é feito sumamente provável por um exame de algumas das condições empregado. Nós lemos de coifas e lutas (Is 3:18), i.e, lua e sol amoldados em amuletos. O anterior na forma de crescentes é usado por meninas árabes de nosso próprio tempo; “gotas na orelha,” “anéis no nariz” “cadeias nos braços” e “cadeias nos pés” era todo usado como uma proteção para a parte do corpo insinuada, e as palavras fortes com que o emprego delas está condenado que só é inteligível se a função deles como charmes de contador é tida em mente. Em Is 3:20 nós lemos de *hashim* fez “anéis nas orelha” (na KJV) e “amuletos” (Revisou Versão (britânico e americano)). A palavra hebraica parece cognato para estar com a palavra para “serpente” (*nehashim*, “l” e “r” freqüentemente intercâmbio), e significou um amuleto provavelmente em primeiro lugar contra uma mordida de serpente (veja Magia, Adivinhação, e Demonologia entre os hebreus e o relinches deles, pelo escritor presente, 50 f, 81,; compare Jr 8:7; Ec 10:11; Sl 58:5). Crescentes amoldes de amuletos eram usados por animais como também seres humanos, como Jz 8:21, espetáculos de Jz 8:26.

A Betel, Jacó queimou não só os ídolos (“deuses estranhos”) mas também os anéis nas orelhas, o ser posterior como muito oposto a Yahwism como o anterior, por causa da origem pagã deles e importação.

Em Pv 17:8 fizeram as palavras hebréias “uma pedra preciosa” (hebreu “uma pedra que confere favor”) signifique um amuleto de pedra entesourado por causa de sua eficácia mágica suposta sem dúvida. Pv 1:9 diz que sabedoria será tal uma defesa ao que tem isto como o amuleto de cabeça é à cabeça e que do pescoço para o pescoço. As palavras fizeram na Versão Revisada (britânico e americano) “Porque eles serão uma grinalda de graça para a tua cabeça, e colares para o teu pescoço” signifique literalmente, “algo saltou ao favor conferindo de cabeça,” a uma palavra para a cláusula posterior que é idêntico com isso assim fez acima (*hen*). O Talmude formula para um amuleto (*kefene* .) denota algo amarrado ou saltou (para a pessoa).

Nós temos referência ao costume de amuletos cansativos em Pv 6:21 para onde o leitor é urgido “os ligue (i.e. as advertências de pai e mãe)... em teu coração ” e para “os amarre sobre de beije” - palavras que insinuam uma condenação da prática de confiar à defesa de meros objetos de material.

Debaixo dos artigos de vestuário de guerreiros mortos nos guerras Macabéias amuletos foram achados aparentemente na forma de ídolos adorados pelos vizinhos deles (LA 2 Mac 12:40). É estranho mas retifica aquelas iguais outras nações da antiguidade os judeus prenderam mais importância a amuletos obtidos de outras nações que para esses de crescimento nativo. É provável que o anel de sinete se refira para em Ct 8:6; Jr 22:24; Ag 2:23 era um amuleto. Era usado no coração ou no braço.

(2) O Filacterio e o Mezuzah

Não há nenhuma referência distraia a estes no Testamento Velho. O termo técnico hebreu para o anterior (*ephillin*) não acontece dentro da Bíblia. Hebreu, e embora o palavra *mezuzah* hebreu acontece em cima de uma dúzia de tempos que seu senso invariavelmente é “porta-(“portão”) poste” e não o amuleto vestiu o porta poste que em hebreu posterior denota a palavra.

É bastante certo que a prática de fillacterios cansativo não tem nenhum apoio Bíblico, para uma exegese correta e uma própria

compreensão do contexto ponha além de disputa que as palavras em Ex 13:9, Ex 13:16, Dt 6:8 f; Dt 11:18-20 têm referência às exortações nos versos precedentes: (Deu 6:8 f). O único possível senso destas palavras é que eles eram segurar os preceitos constantemente se referidos para antes das mentes deles como se eles se inscreveram nos braços deles, segurados em frente aos olhos deles, e escritos nos porta postes ou portão postes que eles diário passou. Que o idioma em Ex 13:9, Ex 13:16 não comanda o uso de filacterios é óbvio, e que o mesmo é verdade de Pv 3:3; Pv 6:21; Pv 7:3 onde palavras semelhantes são usadas ainda é mais certo. Ainda, entretanto nenhuma das passagens ordena o uso de filacterios ou do *mēzuzah*, eles podem tudo contém insinuações a ambas as práticas como se o senso fosse. Se, porém, filacterios estavam em uso assim cedo entre os judeus, é estranho que não haja no Testamento um velho e único exemplo no qual a prática de filacterios cansativo é mencionada. Porém, Josefo parece recorrer a esta prática (Antig. IV, viii, 13), e freqüentemente é falado de no Misna (*Be'rakhoth*, i, etc.). É um golpeando e fato significativo que Apócrifo está completamente calado sobre os três sinais do Judaísmo, filacterios, o *mēzuzah* (ou *mēzuzah* prendeu ao canto do artigo de vestuário de oração chamado *tallith*; compare Mt 9:20; Mt 14:36 na KJV onde “bainha do artigo de vestuário” é inexacto e enganoso).

É bastante evidente que filacterios têm uma origem mágica. Isto é sugerido pelo *phulasso*, de nome grego (de onde o nome inglês) o qual no 1º século de nossa era denotou um charme de contador ou defesa (*phulasso*, “proteger”) contra influências do mal. Nenhum estudante explica a palavra grega agora como denotando uns meios de pessoas principais para manter (*phulasso*) a lei. O **phillin* de nome hebraico (= “orações”) nos conhece primeiro em poste-babador. Hebreu, e leva com isto a visão posterior que phylacteries são usados durante oração em harmonia com as orações ou outras fórmulas em cima do amuleto fazer isto efetivo (veja Mova, Magia egípcia, 27). Veja mais completamente debaixo de CHARME.

Literatura

Além da literatura cedida o curso do artigo precedente, pode ser mencionado o seguinte. No assunto geral vêem os grandes trabalhos de Tyler (História Cedo de Gênero humano, Cultura Primitiva) e Frazer, Ramo Dourado; também as séries de artigos debaixo de “Charmes e Amuletos” na Enciclopédia de Hastings de Religião e Éticas e o artigo excelente “Amuleto” no trabalho alemão correspondente, Morra Religião em und de Geschichte Gegenwart. Veja o artigo mais adiante “Amuleto” em Enciclopédia judia, e em amuletos egípcios, Mova, Magia egípcia, 25ff.

Anzi

am'zi (אנזי, *amci*, “minha força”): (1) Um Levita da família de Merari (1Cr 6:46). (2) sacerdote da família de Adaia no segundo templo. O nome do pai dele era Zacarias (Ne 11:12).

Anabe

a'nab (אנב, *anabh*, “uvas”; Códex Vaticanus A, *Anon* ou A, *Anob*):Mencionado na lista de cidades que caíram a Judá (Js 15:50). Na lista segue Debir, do qual isto uma distância curta era ao Sudoeste. Põe aproximadamente doze milhas ao Sudoeste de Hebrom. Isto era uma cidade dos Anaquins, de quem o Josué levou isto (Js 11:21). Seu local é agora conhecido como *Anab*.

Anael

an'a-el (אנאֵל, *Anael*):Um irmão de Tobias mencionado uma vez só (LA Tobias 1:21) como o pai de Achiacharus que um funcionário estava em Ninive debaixo de Esar-Hadom.

Ana

a'na (אנה, *'anah*, significado incerto; um nome de clã Horita (Gn 36)):

(1) a mãe de Aolíbama, um das esposas de Esaú e filha de Zibeão (compare Gn 36: 2,14,18,25). A Septuaginta, o Pentateuco Samaritano, e o Peshitta leram “o filho,” identificando este Ana com número 3 (veja abaixo); Gn 36:2, leia (אנה, *ha-hori*), para (אנה, *ha-hiwwi*).

(2) o filho de Seir, o Horita, e irmão de Zibeão; um dos chefes da terra de Edom (compare Gn 36:20, 21 = 1Cr 1:38). Seir está em outro lugar o nome da terra (compare Gn 14:6; Is 21:11); mas aqui o país é personificado e se torna o antepassado místico das tribos que habitam.

(3) o filho de Zibeão, “Isto Ana é que achou as fontes termas no deserto” (compare Gn 36:24 = 1Cr 1:40,:41) A palavra *ha-yemim*, só acontece nesta passagem e é provavelmente corrupta. Ball (Livros Sagrados do Testamento Velho, Gênese, nota 93 crítica) sugere que

isto uma corrupção é de *w^a-hemam* (compare Gn 36:22) em um verso mais antigo. Jerônimo, no comentário dele em Gn 36:24, ajunta as definições seguintes da palavra juntadas de fontes judias. (1) “mares” como se *yammim* (2) “fontes termais” como se *hammim*; (3) umas espécies de asno *yemin*; (4) “mulas.” Esta última explicação freqüentemente era a maioria se encontrado com dentro judeu iluminado; a tradição correu que Ana foi à primeira em criar a mula, enquanto trazendo assim em existência umas espécies antinaturais. Como um castigo, Deus criou a água-cobra mortal, pela união da víbora comum com o lagarto de líbio (compare Gen Rabbah 82 15, Yer. Ber 1 12b; Pes 54a babilônico, Ginzberg, Monatschrift, XLII, 538-39). É representada a descida de Ana assim dos três modos apontados fora acima como os postos de texto. Porém, se nós aceitamos a leitura *ben*, para *bath*, no primeiro caso, Aolíbama será então uma filha não mencionada do Ana de Gn 36:24, não o Aolíbama, a filha de Ana de Gn 36:25 (para o Ana deste verso é evidentemente o um de Gn 36:20, não o Ana de Gn 36:24). Outra visão isso é as palavras, “a filha de Zibeão,” um lustro é, inseriu antes de um que erradamente identificou o Ana de Gn 36:25 com o Ana de Gn 36:24; neste evento, Aolíbama, a filha de Ana, será o mencionado em Gn 36:25. A diferença entre (2) e (3) será explicado em base de uma tradição dobro. Ana era originalmente um substituto do clã conhecido como Zibeão, e ambos eram “os filhos de Seir” - i.e Horitas.

Anaarate

a-na'ha-rath (*ana-harath*, significando o desconhecido): Um lugar que caiu à tribo de Isacar na divisão da terra (Js 19:19). Situado no vale de Jezreel para o Leste, o nome e local que são preservados como a moderno *en-Na-ura*. BDB está errado nomeando isto à tribo de Naftali.

Anaiás

an-a-i'a, a-ni'a (*anayah*, “Yah respondeu”): (1) um Levita que ajudou Esdras ler a lei às pessoas (Ne 8:4), talvez a pessoa chamada Ananias em Esdras 9:43. (2) Um desses que marcaram a convenção (Ne 10:22). Ele pode ter estado igual a Anaiás (1).

Anaque / a'nak. Veja ANAQUIM.

Anaquim

an'a-kim (*anakim*; E *Enakim*, ou E *Enakeim*; também chamado “os filhos de Anaque” (Nm 13:33), e “os filhos dos anaquins” (Dt 1:28)): Os espiões (Nm 13:33) os comparou ao Nefilins ou “gigantes” de Gn 6:4, e de acordo com Dt 2:11 eles foram considerados entre os refains (o qual se vê). Em Nm 13:22 são ditos os chefes de Hebrom os descendentes de Anaque para ser, enquanto “o pai de Anaque” é declarado em Josué (Nm 15:13; Nm 21:11) Arba para ser depois que Hebrom foi chamado “a cidade de Arba.” Josué “corte fora os Anaquins... de Hebrom, de Debir, de Anabe,... e de todo as colinas do país de Israel,” sobras deles que são partidas nas cidades Filistéias de Gaza, Gate e Asdode (Js 11:21, 22). Como comparado com os Israelitas, eles eram iguais gigantes altos (Nm 13:33), e pareceria então que o “gigantesco” Golias e a família dele eram da raça deles. A Hebrom, na hora da conquista Israelita, nós podemos juntar que eles formaram o guarda corpo do rei dos Amorreu (veja Js 10:5) debaixo dos três líderes deles Sesai, Aimã e Talmi (Nm 13:22; Js 15:14; Jz 1:20). *Tell el-Amarna Letters* mostra que os príncipes dos Canaanitas foram acostumados para se cercar com guarda costas de mercenários estrangeiros. Se aparece provável que o Anaquim venha do egeu a quem eles podem ter estado relacionados como os Filisteus. O nome Anaque é um correspondendo masculino com um feminino que nós nos encontramos com no nome da deusa Onka que de acordo com os escritores gregos, Stephanus de Byzantium e Hesychius, era o “Phoen,” i.e, o sírio equivalente de Atena. Anket ou Anukit também eram os nomes da deusa adorada pelos egípcios à Primeira Catarata. No Ahi-homem de nome é possível que “- o homem” denota uma deidade não-Semítica.

Anamim

an'a-mim (*anamim*):os Descendentes de Mizraim (Gn 10:13; 1Cr 1:11). Veja MESA DE NAÇÕES.

Anameleque

a-nam'e-lek (*anammelekh* = assírio *Anu-malik*, “Anu é o príncipe”): Uma deidade babilônica (?) adorada pelo Sefarvitas em Samaria, depois que fosse transportado lá por Sargon. A adoração de Adrameleque (que é mencionado com Anameleque) e Anameleque é acompanhado pelo sacrifício de crianças através do fogo: “O Sefarvitas queimava as crianças deles no fogo para Adrameleque e Anameleque, os deuses de Sefarvaim” (2Rs 17:31). Esta passagem apresenta duas dificuldades sérias. Primeiro não há nenhuma evidência em literatura cuneiforme de que apontaria à presença de sacrifício humano, através de fogo ou caso contrário, como parte do ritual; nem para isto foi mostrado que as esculturas ou bas-alívios negam esta tese. Muito depende na identificação de “Sefarvaim”; se, como algum cabo de estudantes, Sefarvaim e Sipar são um e as mesmas cidades, as duas deidades se referidas são babilônicas. Mas há várias objeções fortes a esta teoria. Foi sugerido que Sefarvaim (Septuaginta, *sepphar n*, *sepphareim*) é bastante idêntico com “Shabara'in,” uma cidade mencionada na Crônica babilônica como tido sido destruído por Salmaneser IV. Como Sefarvaim e Arpade e Hamate se agrupa (2Rs 17:24; 2Rs 18:34) em duas passagens, é provável que Sefarvaim é uma cidade de Siriaca. Sefarvaim pode ser então outra forma de “Shabara'in,” o qual, em troca, a forma assíria de Sibraim é (Ez 47:16), uma cidade no bairro de Damasco (de

Halévy, ZA, II, 401ff). Uma objeção para isto último a necessidade é por representar “s” por “sh”; isto não é necessariamente insuperável, porém. Então, a tentativa para achar uma etimologia assíria durante as duas quedas de nomes deuses para o chão. Além, o costume de sacrifício através do fogo era prevaletente na Síria. Secundariamente, o deus que foi adorado a Sippar Adrameleque nem Anameleque, mas *Samas*. É improvável, como alguns sugiria, que Adrameleque um título secundário do deus tutelar é de Sippar; então teria que ser mostrado que Anu desfrutou reverência especial nesta cidade que especialmente foi consagrada à adoração do deus Sol. (Para “Anu” veja a ASSÍRIA.) pode ser que o texto é corrupto. Também veja ADrameleque.

Anã

a’nan (, *anan*, “nuvem”): (1) Um desses que, com Neemias, lacrado a convenção (Ne 10:26). (2) Um exílio devolvido (LA 1 Esdras 5:30). Ele é chamado Hanã em Ed 2:46 e Ne 7:49.

Anani

a-na’ni , *anani*, talvez uma forma encurtada de Ananias, “Yah cobriu”): Um filho de Elieonai da casa de Davi que viveu depois do cativoiro (1Cr 3:24).

Ananias

an-a-ni’a , *ananyah*, “Yah cobriu”): (1) o Avô de Azarias. Ele ajudou consertando as paredes de Jerusalém depois do retorno dele do exílio (Ne 3:23). (2) Uma cidade de Benjamim mencionada com relação à Nobe e Hazor (Ne 11:32). Geralmente é identificado com Beit Hanina, entre três e quatro milhas Norte-noroeste de Jerusalém.

Ananias (1)

an-a-ni’as (A , *Ananias*; Westcott e Hort, O Testamento Novo em grego A , *Hananias*; , *hananyah*, “Yah foi cortês”): O nome era comum entre os judeus. Em sua forma hebraica é achado freqüentemente no Testamento Velho (por exemplo 1Cr 25:4; Jr 28:1; Dn 1:6). Veja HANANIAS.

1. Um Discípulo em Jerusalém

Marido de Safira (At 5:1-10). Ele e a esposa venderam a propriedade deles, e deu ao fundo comum da parte de igreja do dinheiro de compra, enquanto fingindo isto era o todo. Quando a hipocrisia dele foi denunciada por Pedro, Ananias caiu morto; e três horas depois a esposa dele conheceu a mesma destruição. Os pontos seguintes são de interesse. (1) a narrativa segue a conta da intensa fraternidade dos crentes que resultam em um fundo comum para o qual Barnabé tinha feito uma contribuição generosa imediatamente (At 4:32-37). A sinceridade e espontaneidade dos presentes de Barnabé e os outros partiram em alívio escuro a decepção calculada de Ananias. O mais luminoso a luz, o mais escuro a sombra. (2) o crime de Ananias consistiu, não o retendo uma parte dele, mas o fingindo dar o todo dele. Ele estava debaixo de nenhuma compulsão dar tudo, para o comunismo da igreja primitiva não era absoluto, mas puramente voluntário (especialmente veja At 5:4) Falsidade e hipocrisia (“mentira para o Espírito Santo” At 5:3), em lugar de ganância, eram os pecados para os quais ele foi castigado assim severamente. (3) a severidade do Julgamento pode ser justificada pela consideração que o ato era “a primeira aventura aberta de maldade deliberada” (Meyer) dentro da igreja. O castigo era um “ato temor inspirador da Divina disciplina da igreja.” A narrativa não faz, porém, insinuação conscientemente que Pedro legou a morte deles. As palavras de Pedro eram a ocasião disto, mas ele não era o agente deliberado. Até mesmo as palavras em At 5:9 são uma predição em lugar de uma oração judicial.

2. Um Discípulo em Damasco

Um discípulo em Damasco, para quem a conversão de Saulo de Tarso foi feita conhecido em uma visão, e que era o instrumento da restauração física e espiritual dele, e os meios de apresentar aos outros cristãos em Damasco (At 9:10-19). Paulo faz menção honrada dele na conta dele da conversão dele falada em Jerusalém (At 22:12-16), onde nos somos falados que Ananias foi segurado em alto respeito por todos os judeus em Damasco, por causa da devoção legal rígida dele. Nenhuma menção é feita dele no endereço de Paulo antes de Agripa em Cesaréia (Atos 26). Em recente tradição, ele é colocado na lista dos setenta discípulos de Jesus, e representou como bispo de Damasco, e como tendo morrido a morte de um mártir.

3. Sumo Sacerdote em Jerusalém

Sumo Sacerdote em Jerusalém de 47-59 d.C. De Josefo (Antig, XX, v, 2; vi, 2; ix, 2; BJ, II, xvii, 9) nós respigamos os fatos seguintes: Ele era o filho de Nedebeaus (ou Nebedaeus) e foi nomeado ao serviço sumo sacerdotal por Herode de Calcis. Em 52 d.C, lhe enviaram para Roma por Quadratus, delegado da Síria, responder um custo de opressão trazido pelos Samaritanos, mas o imperador Claudio o absolveu. No retorno dele para Jerusalém, ele retomou o serviço de sumo sacerdote. Ele foi deposto logo antes Felix deixou a província, mas continuou brandindo grande influência que ele usou de um modo sem lei e violento. Ele era um Saduceu típico, rico, arrogante, sem escrúpulos, enchendo o serviço sagrado dele para fins puramente egoístas e políticos, antinacionalista na relação dele para os judeus, amigável aos romanos. Ele morreu uma morte infame, sendo assassinado pelos zelotes populares (*sicarii*) no começo da última guerra judia. No Testamento Novo ele figura em duas passagens. (1) At 23:1-5 onde Paulo se defende ante o Sinédrio. A conduta dominante de Ananias em Paulo dominante ser golpeado na boca era característica do homem. A raiva de Paulo era para o momento despertado, e ele lançou o epíteto desdenhoso atrás de “parede embraqueçada.” Em ser chamado para considerar para “insultando o sumo sacerdote de Deus,” ele recuperou o controle dos sentimentos dele depressa, e disse “eu não sabia, irmãos, que ele era o sumo sacerdote: para isto é escrito, “Não dirás mal do príncipe do teu povo” Esta observação grandemente confundiu os comentaristas. O sumo sacerdote poderia ter sido identificado facilmente pela posição dele no assento oficial como presidente do Sinédrio. Alguns supuseram injustamente que Ananias tinha perdido o serviço dele durante a tentativa dele em Roma, mas tinha usurpado isto posteriormente durante uma vacância

(John Lightfoot, Michaelis, etc.). Outros levam as palavras como irônico, “Como eu pudesse conhecer como um sumo sacerdote que age assim no serviço sagrado dele?” (assim Calvino). Outros (por exemplo Alford, Plumptre) leve que devido a vista defeituosa Paulo não soube de quem as palavras insolentes tinha vindo. Talvez a explicação mais simples é que Paulo quis dizer, “eu não fiz para o urso de momento em mente à que eu estava me dirigindo para o sumo sacerdote” (assim Bengel, Neander, etc.). **(2)** Em At 24:1 nós achamos Ananias que desce Cesaréia pessoalmente, com uma delegação do Sinédrio, acusar Paulo ante Felix.

Ananias (2)

(Apócrifo), an-a-ni'as: **(1)** **A** , *Ananias*, a Versão Revisada (britânico e americano) Annis, a Versão Revisada, margem, Annias (**LA** 1 Esdras 5:16). Veja ANNIS. **(2)** um filho de Emmer (1 Esdras 9:21) = Hanâni, filho de Imer em Ed 10:20. **(3)** Um filho de Bebai (1 Esdras 9:29) = Hananias em Ed 10:28. Os dois que são mencionados últimos na lista de sacerdotes que foram achados para ter as esposas estranhas. **(4)** um desses que estavam por Esdras enquanto ele leu a lei às pessoas (1 Esdras 9:43) = Ananias em Ne 8:4. **(5)** Um do Levites que explicou a lei às pessoas (1 Esdras 9:48) = Hanã em Ne 8:7. **(6)** Ananias o Grande, filho de Semaías o Grande; um familiar de Tobias quem Rafael o anjo, disfarçado como um homem, distribuiu para ser o pai dele (**LA** Tobias 5:12 f). **(7)** o Filho de Gideão, mencionou como um antepassado de Judite (Judite 8:1). **(8)** Outro Ananias é mencionado em A Canção das três Crianças (Azarias) (verso 66).

Ananiel

a-nan'i-el (**A** , *Ananiel*, “Deus é cortês”): Um antepassado de Tobias (**LA** Tobias 1:1).

Anate

a' nath (, *anath*): o Pai de Sangar (Jz 3:31; Jz 5:6). Este nome está conectado com o fenício e deusa Canaanita 'Anât que também foi adorada no Egito. Ela é mencionada em monumentos da 18ª Dinastia, juntou com a deusa da guerra - Astart (Moore, Juizes, 105-896; DB; EB).

Anátema

a-nath'e-ma (**a** , *anathema*): Esta palavra só acontece uma vez na KJV, isto é, na frase “o Deixar anátema seja. Maranata” (1Co 16:22); em outro lugar a KJV faz anátema por “amaldiçoado” (Rm 9:3; 1Co 12:3; Gl 1:8, 9), uma vez por “maldição” (At 23:12). Ambas as palavras - *anathema* e *anathema* - era originalmente variações de dialetos e teve a mesma conotação, isto é, oferecendo aos deuses. A forma de - *anathema* - foi adotado na Septuaginta como uma retribuição do hebraico *herem* (veja AMALDIÇOADO), e gradualmente veio ter a significação da palavra hebraica - “qualquer coisa dedicada a destruição.” Considerando que no grego original *anathema* - como *herem* em hebraico rabínico - veio denotar excomunhão da sociedade, no Testamento Novo a palavra tem sua força completa. Em comum fala se que se tornou uma expressão forte de execração; evidentemente o termo conotou mais que destruição física; invariavelmente insinuou inutilidade moral. Em Rm 9:3 Paulo simplesmente não signifique que, por causa dos compatriotas dele, ele está preparado para enfrentar a morte, mas suportar a degradação moral de um desterrado do reino de Cristo. Em 1Co 12:3 a expressão, “Jesus é anátema” - com sua sugestão de incapacidade moral - alcança as mais baixas profundidades de depreciação, como a expressão, “Jesus é Deus,” alcança o ápice de avaliação.

Anatote

an'a-thoth (, *anathoth*; **A** , *Anathoth*): Uma cidade que se deita entre Micmas e Jerusalém (Is 10:30), no território de Benjamim, nomeada ao Levitas (Js 21:18). Isto era o lugar nativo de Abiatar (1Rs 2:26), e do profeta Jeremias (Jr 1:1; Jr 11:21, etc.). Aqui ponha o campo que, debaixo de circunstâncias notáveis, comprou o profeta (Jr 32:7). Dois dos soldados distintos de Davi, Abiezer (2Sm 23:27) e Jeú (1Cr 12:3), também saudou de Anatote. Buscou novamente ocupado pelo Benjamitas o retorno do Exílio (Ne 11:32, etc.). É identificada com *Anata*, duas e umas milhas de quarto Nordeste de Jerusalém, uma aldeia pequena de umas quinze casas com restos de paredes antigas. Há pedreiras no bairro do qual ainda são levadas pedras para Jerusalém. Comanda uma perspectiva espaçosa em cima dos planaltos para o Norte, e especialmente para o Sudeste, em cima do vale do Jordão para o Mar Morto e as montanhas de Moabe. Não há nada que abrigar isto do poder murchando dos ventos dos desertos orientais (Jr 4:11; Jr 18:17, etc).

Anatotita

an'a-thoth-it (, *anathoth*; **A** , *Anathoth*): a Versão Revisada (britânico e americano) forma da KJV Anetotita. Um habitante de Anatote, uma cidade de Benjamim nomeada ao Levitas. O Anatotitas são **(1)** Abiezer, um dos trinta heróis de Davi (2Sm 23:27; 1Cr 11:28; 1Cr 27:12), e **(2)** Jeú que veio a Davi a Ziclague (1Cr 12:3).

Antepassados

an'ses-te-rs (, *r'shonim*, “primeiro”): O palavra antepassado só aparece uma vez na Bíblia inglesa (Lv 26:45). A palavra hebraica,

o adjetivo ordinário “primeiro,” acontece mais de 200 vezes, e em alguns lugares poderia ser feito os antepassados razoavelmente (por exemplo Dt 19:14; Jr 11:10). Ordinariamente falando de antepassados o Testamento Velho a palavra usa para “os pais” (*’abhoth*).

Âncora / an’ke-r. Veja NAVIOS.

Antigo

an’shent: Esta palavra faz várias palavras hebraicas: (1) *kedhem* que denota “antes do tempo” geralmente o passado remoto (compare Dt 33:15, “montanhas antigas”; Jz 5:21, Quisom, o “rio antigo”; Is 19:11 “os reis antigos”). (2) *zaken*, “velho” em anos. Considerando que a KJV geralmente faz a palavra por “velho” (ou “os anciões” quando a forma plural é achada) em seis casos “antigos” é usado “os anciões” em nove casos. Veja os ANCIÕES. (3) *olam*, que denota “duração longa” - passado ou futuro. Com respeito ao passado sugestiona antiguidade remota. A conotação pode ser descoberta em tais expressões como: “os anos de tempos antigos” (Sl 77:5); “caminhos antigos” ou “caminhos” (Pv 22:28; Jr 18:15); “as pessoas antigas” ou “nação” (Is 44:7; Jr 5:15); “lugares altos antigos” (Ez 36:2). (4) *attiq*. Esta palavra - realmente aramaica - vem de um talo que significa “avançar,” i.e. em idade; conseqüentemente velho, (1Cr 3:22). (5) *yashish*, literalmente, “fraco,” “impotente,” conseqüentemente decrépito velho; uma palavra rara e poética, e só achada em Jó. É feito “antigo” só em um exemplo (Jó 12:12 na KJV).

Ancião de Dias

(*attik yomin*,= arameu): Em *attik*, veja ANCIÃO (4). A expressão é usada em referência para Deus em Daniel (Jó 7:9, 13, 22) e não é pretendido que sugestiona a existência de Deus de eternidade. Era o aparecimento venerável de velhice que era superior na mente do escritor. “O que o Daniel vê não é o Deus eterno Ele, mas um homem velho, em de quem forma digna e impressionante Deus se revela (compare Ez 1:26; Dn 7:22)” (Keil).

Anciões

an-shents: Esta palavra (menos em um exemplo) faz a palavra hebraica *zekenim*, (pl de *zaken*) que sempre deveria ser traduzido “os homens velhos” ou “os anciões.” A palavra hebraica nunca tem a conotação que “os anciões” tem em português moderno. As palavras “eu entendo mais que os anciões” (Sl 119:100 a KJV) não significam que o salmista reivindica maior sabedoria que os antepassados distantes dele, mas que os contemporâneos dele com toda sua idade e experiência. Na cláusula paralela “os professores” é a palavra correspondente. Em tais frases como “os anciões das pessoas” (Jr 19:1 a KJV), “os anciões da casa de Israel” (Ez 8:12), “os anciões” seria obviamente a retribuição correta, como na Versão Revisada (britânico e americano). Até mesmo em Is 24:23 (“ante anciões mostrará a glória dele” o inglês Revised Versão) “os anciões” é a tradução certa (o americano Revisou Versão). O escritor provavelmente alude ao Sinaitico; teofania testemunhado pelo “setenta... os anciões” (Ex 24:9-18) Em geral a palavra sugestiona a experiência, perspicácia e conhecido prático com vida que idade deveria trazer com isto (Sl 119:100; Ez 7:26). Em um exemplo (1Sm 24:13) “os anciões” a retribuição certa é para a palavra hebréia *kadhmonim* que quer dizer “os homens de tempos anteriores.”

André

an’droo (A *Andreas*, i.e. “varonil.” O nome também foi interpretado como “o poderoso, ou conquistador”): André foi o primeiro chamado dos Doze Apóstolos.

I. Em Testamento Novo

1. História cedo e Primeiro Chamada

André pertenceu a Betsaida da Galiléia (compare Jo 1:44). Ele era o irmão de Simão Pedro e o nome do pai dele era o João (compare Jo 1:42; Jo 21:15, Jo 21:16, Jo 21:17). Ele ocupa um lugar mais proeminente no Evangelho de João do que nas escritas de sinópticas, e isto são pelo menos em parte explicável do fato que André era grego ambos em idioma e condolências (compare infra), e que os trabalhos subsequentes dele estavam intimamente conectados com as pessoas para quem que João estava escrevendo imediatamente. Há três fases na chamada de André para o apostolado. O primeiro é descrito em Jo 1:35-40. André tinha passado os primeiros anos dele como um pescador no Mar da Galiléia, mas em aprender da fama de João Batista, ele partiu junto com uma faixa dos compatriotas dele a Bete-Abara (a Versão Revisada (britânico e americano) “Betânia”) além de Jordão onde João estava batizando (Jo 1:28). Possivelmente Jesus era do número deles, ou tinha os precedido na peregrinação deles. Lá André aprendeu pela primeira vez da grandeza do “Cordeiro de Deus” e “o seguiu” (Jo 1:40). Ele era os meios neste momento de também trazer o irmão Simão Pedro a Cristo (Jo 1:41). André provavelmente era um companheiro de Jesus na viagem de regresso dele para a Galiléia, e estava assim presente ao matrimônio em Cana de Galiléia (Jo 2:2), em Cafarnaum (Jo 2:12), à Páscoa em Jerusalém (Jo 2:13), ao batizar em Judéia (Jo 3:22), onde ele pode ter levado parte (compare Jo 4:2), e em Samaria (Jo 4:5).

2. Segunda Chamada e Ordenação Final

No retorno dele para a Galiléia, André retomou durante um tempo a vocação velha dele como pescador, cultive ele recebeu a segunda chamada dele. Isto aconteceu depois que João Batista fosse lançado em prisão (compare Mc 1:14; Mt 4:12) é descrito em Mc 1:16-18; Mt 4:18, 19. As duas contas são praticamente idênticas, e conta como André e o irmão dele foram chamados agora definitivamente em abandonar as ocupações mundanas deles e os pescadores se tornados de homens (Mc 1:17). A narrativa correspondente de Lucas varia

em parte; não menciona André através de nome, e dá o detalhe adicional do desenho milagroso de pesca. Por alguns foi considerado como uma amalgamação da conta de Marcos com Jo 21:1-8 (veja TIAGO, FILHO DE ZEBEDEU). Depois de um período de companhia com Jesus durante qual, na casa de Simão e André, a mãe da esposa de Simão foi curada de uma febre (Mc 1:29-31; compare Mt 8:14, 15; Lc 4:38, 39); a chamada de André foi consagrada finalmente pela eleição dele como um dos Doze Apóstolos (Mt 10:2; Mc 3:18; Lc 6:14; At 1:13).

3. História subsequente

Mais adiante incidentes registrados de André são: A atenção de Jesus era tirada por André para o rapaz com cinco pães de cevada e dois peixes seqüentes à alimentação dos cinco mil pelo Mar de Galiléia, (Jo 6 História 8.9). No banquete da Páscoa, os gregos para que desejaram “ver Jesus” indagou de Filipe que virou para conselho a André e o dois Jesus então contado (Jo 12:20-36). No Monte das Oliveiras, André junto com o Pedro, Tiago e João, Jesus interrogado relativo à destruição de Jerusalém e o fim do mundo (Mc 13:3-23; também compare Mt 24:3-28; Lc 21:5-24).

II. Em Literatura Apócrifa

O nome da mãe de André era tradicionalmente Joana, e de acordo com “Genealogias dos Doze Apóstolos” (Mova, Contendings dos Apóstolos, II, 49) ele pertenceu à tribo de Rubem, a tribo do pai dele. Um fragmento de um evangelho cóptico do 4º ou 5º século conta como não só Tomé (Joh 20: 27), mas também o André foi compelido, tocando os pés do Salvador, acreditar na ressurreição corporal (Hennecke, Neutestamentlichen Apokryphen, etc., 38, 39). Vários lugares foram nomeados como a cena dos trabalhos missionários subsequentes dele. O Atos dos Apóstolos Siríaco (ed Cureton, 34) menciona Bithynia, Eusebius dá Scythia (Historia Ecclesiastica, III, i, 1), e outros a Grécia (Lipsius, Apokryphen Apostelgeschichten, eu, 63). O Fragmento de Muratorian relaciona que João escreveu o evangelho dele por causa de uma revelação dada a André, e isto apontaria a Éfeso (*compare id de Hennecke, 459*). O Combate dos Doze Apóstolos (*para historicidade, autoria, etc., deste trabalho, compare Mova, Combate dos Apóstolos, Intro; Hennecke, Handbuch zu guarida neutestamentlichen Apokryphen, 351-58; RE, 664-66*) contém vários procedimento de partes com André: (1) Orando de André e Filemon entre o Kurds” (Mova, II 163ff) narra o aparecimento dos subidos Cristo para os discípulos dele, o enviando lá de André a Lydia e a conversão dele das pessoas. (2) o “Orando de Matias na Cidade dos Canibais” (Mova, II, 267ff.; REH, 666) conta de como o Matias, em ser prendido e encobriu pelos Canibais, foi libertado por André que tinha sido trazido à ajuda dele em um navio por Cristo mas os dois foram prendidos posteriormente novamente. Matias causou a cidade a ser inundada então, os discípulos eram fixos livre, e as pessoas converteram. (3) “os Atos de André e Bartolomeu” (*Mova, II, 183ff*) dá conta da missão deles entre o Parthians. (4) de acordo com o “Martírio de André” (Mova, II, 215) ele era bêbedo e crucificou em Scythia.

De acordo com os fragmentos sobreviventes de “Os Atos de André,” um trabalho herético que provavelmente data do 2º século, e se referiu para por Eusébio (Historia Ecclesiastica, III, ii, 5), a cena da morte de André foi posta em Acaia. Lá ele foi prendido e crucificado por ordem do proconsul Eges (ou Aegeates), de quem era esposa tinha sido alienada dele orando de Ande (*compare Hennecke, 459-73; Escolha, Atos Apócrifos, 201-21; Lipsius, eu, 543-622*). Um denominado “Evangelho de André” mencionou por Inocente I (Ep, I, iii, 7) e Augustine (*Contra Advers. Perna. Profeta de et., eu, 20*), mas isto provavelmente está devido a uma confusão com o supracitado “Atos de André.”

Foram descobertas as relíquias de André em Constantinopla pelo tempo de Justino, e parte da cruz dele está agora em Pedro, Roma. André é o padroeiro da Escócia, onde é dito que o braço dele tem sido transferido por Regulus. A atribuição para ele da cruz cruzada é ultimamente origem.

III. Caráter

Há algo significativo em André está sendo o primeiro chamado dos apóstolos. A escolha era uma importante, para na dianteira dada por André dependeu a ação dos outros. Cristo percebeu que o desassossego da alma, os puxando depois de coisas mais altas e um conhecimento mais fundo de Deus que tinha induzido o André para fazer a peregrinação a Betânia deram promessa de um crescimento espiritual rico que nenhuma dúvida Lhe influenciou na decisão dele. A sabedoria dele e perspicácia estavam justificadas do depois que evento. Junto com uma sutileza de percepção relativa a verdades espirituais foi juntado em André um senso forte de convicção pessoal que não só o permitiu a aceitar o Jesus como o Messias, mas também ganhar Pedro como um discípulo de Cristo. O incidente da Alimentação do Cinco Mil exibiu André em um aspecto fresco: lá o papel prático que ele fez formou um contraste notável para o fraco de Filipe. Ambas estas características - o espírito missionário dele, e a decisão dele de caráter que fez outros atrai a ele quando em dificuldades - foi evidenciado na ocasião quando os gregos buscaram entrevistar Jesus. André não era nenhum dos maiores dos apóstolos, contudo ele é típico desses homens de condolências largas e bom senso de som, sem quem não pode ser assegurado o sucesso de qualquer grande movimento.

Andrônico

an-dro-ní' kus (A , *Andronikos*): (1) deputado de Antioco Epifanes que, enquanto regendo a Antioquia, entusiasmado os judeus pelo assassinato de Onias, e, na reclamação formal deles, foi executado pelo superior dele (LA 2 Mac 4:32-38); geralmente distinguido de outro oficial do mesmo nome, também debaixo de Antioco (2 Mac 5:23).

(2) um familiar de Paulo, residindo em Roma (Rm 16:7). Ele tinha sido convertido ao Cristianismo antes de Paulo, e, como Paulo, tinha sofrido prisão, embora quando e onde só pode ser imaginado. Quando ele e Júnias, outro parente de Paulo, são chamados “de nota entre os apóstolos,” isto que designa a alta estima na qual eles foram segurados antes dos Doze pode ser interpretado como qualquer um, ou como os considerando no número de apóstolos. O posterior é o senso, se “apóstolo” seja entendido aqui no significado mais geral, usado em At 14:14 de Barnabé, em 2Co 8:23 de Tito, em Fp 2:25 de Epafrodito, e no Didache de “os evangelistas ambulantes ou missionários que oraram o evangelho de lugar colocar” (Schaff, O Ensino dos Doze Apóstolos, 67; também veja Ágil em Philippians, 196). Nesta suposição, Andrônico era um do mais proeminente e próspero dos missionários ambulantes da igreja primitiva.

Aném

a'ner (אָנער, *anem*, “duas fontes”; אָנאָם, *Anam*): Anem é mencionado com Ramote entre as cidades de Issacar nomeadas aos sacerdotes, os filhos de Gersom (1Cr 6:73). Na lista paralela (Js 21:29), lá é mencionado Jarmute e En-ganim, enquanto correspondendo a Ramote e Anim, então Anim e En-ganim (Jenin) é idêntico. Como denota o nome (Anem = “duas fontes”; En-ganim = “a primavera de jardins”), foi molhado bem. Anem é identificado por Eusébio com Aner, mas Conder sugestiona a aldeia de “Anim,” no Oeste de colinas da planície de Esdrelom que representa o Anea do 4º anúncio de século (Onom debaixo da palavra “Aniel” e “Betara”), uma cidade a 15 milhas romanas de Cesaréia que tomou banhos bons.

Aner (1)

a'ner (אָנער, *aner*; Septuaginta Αὐαν, *Aunan*; o Samaritano Pentateuco אַנְרָם, *anram*, “broto,” “cachoeira”): Um dos três “confederados” de Abraão na perseguição dele depois dos quatro reis (Gn 14:13, 14). Julgando dos significados dos dois outros nomes, Mamre o nome do arvoredo sagrado ou árvore que é (Carvalho) e sinônimo com Hebrom (Código Sacerdotal); e Escol - um nome de um vale (iluminou. “agrupamento de uva”) do qual são derivados os nomes pessoais - pode ser esperado que explique o nome Aner de um modo semelhante. Dillmann sugestinou o nome de uma gama de montanhas naquela vizinhança (Comm. ao lugar e Rosen em ZDMG, XII, 479; Skinner, Gênese, 365).

Aner (2)

a'ner (אָנער, *aner*, significando duvidoso): Uma cidade de Levitica em Manassés, Oeste do Jordão (1Cr 6:70). Gesenius e outros identificaram isto com Taanake de Js 21:25. Há, porém, nenhum acordo sobre seu local.

Anatotita

an'e-thoth-it: a KJV forma de Anatotita (assim a Versão Revisada (britânico e americano) 2Sm 23:27; 1 Cr 27:12).

Anjo

an'jel (אַנְגֵּל, *mal'akh*; Septuaginta e Testamento Novo ἄγγελος, *aggelos*):

I. Definição e Cláusulas de Bíblia

II. Anjos no Testamento Velho

1. Aparecimentos natureza, e Funções

2. O Anfitrião Angelical

3. O Anjo da Teofania

III. Anjos em Testamento Novo

1. aparecimentos

2. o Ensino de Jesus sobre Anjos

3. outras Referências de Testamento Novas

IV. Desenvolvimento da Doutrina

V. A Realidade de Anjos

Literatura

I. Definição e Cláusulas de Bíblia

A palavra anjo é aplicada na Bíblia para uma ordem de seres sobrenaturais ou divinos cujo serviço é agir como os mensageiros de Deus a homens, e como agentes que levam a cabo o testamento dele. Ambos em hebraico e grego a palavra é aplicada a mensageiros humanos (1Rs 19:2; Lc 7:24); em hebraico é usado o singular para denotar um mensageiro divino, e no plural para mensageiros humanos, embora há exceções a ambos os usos. É aplicado ao profeta Ageu (Ag 1:13), para o sacerdote (Ml 2:7), e para o mensageiro que é preparar o caminho do Deus (Ml 3:1). Outras palavras hebraicas e frases aplicadas a anjos *bene ha-'elohim* (Gn 6:2, 4; Jó 1:6; Jó 2:1) e *bene 'elim* (Sl 29:1; Sl 89:6), i.e., os filhos do *elohim* ou *elim*; isto significa, de acordo com um uso hebreu comum, chamaram os sócios da classe *elohim* ou *elim*, os poderes divinos. Parece duvidoso se a palavra *elohim*, enquanto estando de pé por si só, já usa descreva anjos, embora a Septuaginta assim traduza isto em algumas passagens. O exemplo mais notável Sl 8:5 é; onde a Versão Revisada (britânico e americano) dá, “Contudo, pouco abaixo dos anjos o fizeste; de glória e de honra o coroaste” com o inglês Revised Versão, margem que lê de “os anjos” para “Deus” (compare Hb 2:7, 9); *k'dhoshim* “santo” (Sl 89:5, 7), um nome que sugestiona o fato que eles pertencem a Deus; אֲרִיִּים, *irim*, “o guarda,” “os guardas” (Dn 4:13, 17, 23). São usadas Outras expressões para designar os anjos coletivamente: *sodh*, “conselho” (Sl 89:7), onde a referência pode ser a um grupo interno de anjos exaltados; אֲדָהָא and *kahal*, “congregação” (Sl 82:1; Sl 89:5); e finalmente *cabha'*, *c'ba'oth*, “o anfitrião,” “os anfitriões,” como na frase familiar “o Deus de anfitriões.”

No Testamento Novo a palavra *aggelos*, quando se refere a um divino mensageiro, freqüentemente é acompanhado por alguma frase que faz este significado claro, por exemplo, “os anjos do céu” (Mt 24:36). Anjos pertencem “o anfitrião divino” (Lc 2:13). Em referência para a natureza deles são chamados eles “espíritos” (Hb 1:14). Paulo recorreu evidentemente aos graus ordenados de seres supramundanos em

um grupo de palavras que são achadas em várias combinações, isto é, *archa*, “principados,” *exous ai*, “poderes,” *thronoi*, “tronos,” *kuriotes*, “domínios,” e *dunameis*, também traduzido “poderes.” Os primeiros quatros são aparentemente usados em um senso bom em Cl 1:16 onde é dito que todos estes seres foram criados por Cristo e até Ele; em a maioria das outras passagens nas quais palavras deste grupo acontecem, eles parecem representar poderes satânicos. É-nos falado que nosso lutar é contra eles (Ef 6:12), e aquele Cristo triunfa em cima dos principados e poderes (Cl 2:15; compare Rm 8:38; 1Co 15:24). Em duas passagens a palavra *archaggelos*, “arcanjo” ou anjo principal, acontece: “a voz do arcanjo” (1Ts 4:16), e “o Miguel o arcanjo” (Jd 1:9).

II. Anjos no Testamento Velho

1. Aparecimentos, natureza e Funções

Em todos os lugares no Testamento Velho a existência de anjos é assumida. A criação dos anjos se refere em Sl 148:2, 5 (compare Cl 1:16). Eles estavam presentes na criação do mundo, e estava tão cheio com maravilha e alegria que eles “gritou para alegria” (Jó 38:7). Da natureza deles nós não somos contados nada. Em geral eles simplesmente são considerados como incorporações da missão deles. Embora presumivelmente o mais santo dos seres criados, eles são acusados por Deus de loucura (Jó 4:18), e nos somos falados que “ele não tem nenhuma de confiança nos santos dele” (Jó 15:15). São achadas referências para os anjos na passagem obscura e provavelmente corrupta Gn 6:1-4, e nas passagens 2Pe 2:4 interdependentes e Jd 1:6 que tiram a inspiração deles do livro Apócrifo de Enoque. São mencionados demônios (veja DEMÔNIOS); e embora Satanás apareça entre os filhos de Deus (Jó 1:6; Jó 2:1), há uma tendência crescente em escritores posteriores atribuir a ele uma malignidade que é todo seu próprio (veja SATANÁS).

Sobre o aparecimento externo deles, é evidente que eles tomam a forma humana, e poderia ser equivocado às vezes para homens (Ez 9:2; Gn 18:2, Gn 18:16). Não há nenhuma sugestão que eles já se apareceram em forma feminina. A concepção de anjos como seres alados, tão familiares em artes Cristãs, não acha nenhum apoio na Bíblia (exclua, talvez Dn 9:21; Ap 14:6 como onde são representados anjos “voando”). O querubim e serafim (veja o QUERUBIM; SERAFIM) é representado como alado (Ex 25:20; Is 6:2); também nota-se nas criaturas vivas simbólicas de Ezequiel (Ez 1:6; compare Ap 4:8).

Como sobre declarou, anjos são os mensageiros e instrumentos do divino. Como uma regra eles não exercitam nenhuma influência na esfera física. Em vários exemplos, porém, eles são representados como anjos destruidores: são comissionados dois anjos para destruir Sodoma (Gn 19:13); quando Davi numerar as pessoas, um anjo os destrói por pestilência (2Sm 24:16); está por um anjo que o exército assírio é destruído (2Rs 19:35); e Ezequiel ouve seis anjos que recebem o comando para destruir esses que eram pecador em Jerusalém (Ez 9:1,5, 7). Nesta conexão deveria ser notada a expressão “anjos do mal,” i.e, anjos que trazem mal em homens de Deus e executam os julgamentos dele (Sl 78:49; compare 1Sm 16:14). Anjos que apareceram a Jacó em sonhos (Gn 28:12; Gn 31:11). O anjo que conhece Balaão é primeiro visível a jumenta, e não para o cavaleiro (Nu 22). Anjos interpretam Deus vai, enquanto mostrando para o homem para o que é certo para ele (Jó 33:23). A idéia de anjos como também querendo os homens se aparece (Sl 91:11 f), embora a concepção moderna da posse por cada homem de um anjo da guarda especial não é achada em Testamento Velho.

2. O Anfitrião Angelical

A frase “o anfitrião de céu” é aplicado às estrelas que às vezes foram adoradas por judeus idólatras (Jr 33:22; 2Rs 21:3; Sf 1:5); o nome é aplicado para a companhia de anjos por causa dos números incontáveis deles (compare Dn 7:10) e a glória deles. Eles são representados de pé à direita como e mão esquerda de Yahweh (1Rs 22:19). Conseqüentemente Deus que está em cima deles tudo é chamado continuamente ao longo de Testamento Velho “o Deus dos exércitos,” “Yahweh dos exércitos,” “Yahweh Deus dos exércitos”; e uma vez “o príncipe do exército” (Dn 8:11). Um das funções principais do anfitrião divino é já estar elogiando o nome do Deus (Sl 103:21; Sl 148:1). Neste anfitrião há certas figuras que se salienta prominentemente, e alguns deles são nomeados. O anjo que se aparece a Josué é chamado “o príncipe do exército de Yahweh” (Js 5:14). O anjo glorioso que interpreta a Daniel a visão que ele viu no terceiro ano de Ciro (Dn 10:5), como o anjo que interpreta a visão no primeiro ano de Belsazar (Dn 7:16), não é nomeado; mas foram explicadas outras visões do mesmo profeta a ele pelo anjo Gabriel que é chamado “o homem o Gabriel,” e é descrito como falando com “a voz de um homem” (Dn 9:21; Dn 8:15). Em Daniel nós achamos referência ocasional feita “os príncipes”: “o príncipe da Pérsia,” “o príncipe da Grécia” (Dn 10:20). Estes são anjos a quem é confiado o custo de, e possivelmente a regra em cima de certo povos. A maioria das celebridades entre eles é Miguel, descreve como “um dos príncipes principais,” “seu príncipe” (Dn 10:13; Dn 12:1; Dn 10:21); o Miguel é considerado então como o anjo protetor dos judeus. No Apócrifo Rafael, são nomeados também Uriel e Jeremiel. Rafael diz (LA Tobias 12:15) que ele é “um dos sete anjos santos que apresentam as orações dos santos” para Deus (compare Ap 8:2, “os sete anjos que estavam antes de Deus”). É possível que este grupo de sete refere-se para na frase sobre-citada, “um dos príncipes principais”. Alguns (notavelmente Kusters) mantiveram que as expressões “os filhos do *’elohim*, Deus “conselho” e “congregação,” recorra aos deuses antigos pagãos, agora degradou e completamente subordinou a Yahweh. Esta especulação bastante ousada tem pouco apoio na Bíblia; mas nós achamos rastros de uma convicção que os anjos protetores das nações falharam estabelecendo retidão dentro da esfera dividida deles em terra, e que eles serão castigados adequadamente por Yahweh o em cima de-Deus deles (Is 24:21; Sl 82:1-8; compare Sl 58:1 a Versão Revisada, margem; compare Jd 1:6).

3. O Anjo da Teofania

Este anjo é falado de como “o anjo de Yahweh,” e “o anjo da presença (ou face) de Yahweh.” As passagens seguintes contêm referências a este anjo: Gn 16:7 - o anjo e Hagar; Gn 18 - Abraão intercede com o anjo para Sodoma; Gn 22:11 - o anjo interpõe para prevenir o sacrifício de Isaque; Gn 24:7, 40 - Abraão envia Eliezer e promete a proteção do anjo; Gn 31:11 - o anjo que se parece a Jacó diz “eu sou o Deus de Betel”; Gn 32:24 - Jacó luta com o anjo e diz, “eu vi Deus cara a cara”; Gn 48:15 - Jacó fala de Deus e o anjo como idêntico; Ex 3 (compare At 7:30) - o anjo se parece a Moisés no arbusto ardente; Ex 13:21; Ex 14:19 (compare Nm 20:16) - Deus ou o anjo conduz Israel fora do Egito; Ex 23:20 - as pessoas são comandadas para obedecer o anjo; Ex 32:34 por 33:17 (compare Is 63:9) - Moisés suplica para a presença de Deus às pessoas dele; Js 5:13 por 6:2 - o anjo se aparece a Josué; Jz 2:1-5 - o anjo fala com as pessoas; Jz 6:11 - o anjo se aparece a Gideão.

Um estudo destes espetáculos de passagens que enquanto o anjo e Yahweh forem às vezes distintos de um ao outro, elas estão com frequência igual, e nas mesmas passagens, fundiu em um ao outro. Como é isto ser explicado? É óbvio que estas aparições não podem ser Ele o Todo-poderoso, quem nenhum homem tenha visto, ou pode ver. Buscando a explicação, deveria ser prestada atenção especial

a dois das passagens acima citou. Em Ex 23:20 Deus promete enviar um anjo antes das pessoas dele os conduzir para a terra prometida; lhes comandam o obedecer e não o provocar “porque ele não perdoará sua transgressão: para meu nome está nele.” Assim o anjo pode perdoar pecado que só Deus pode fazer, porque o nome de Deus, i.e., o caráter dele e assim a autoridade dele, está no anjo. Mais adiante, na passagem Ex 32:34 por 33:17 Moisés intercede para as pessoas depois da primeira brecha deles da convenção; Deus responde prometendo, “Veja mil anjo irá antes de ti”; e imediatamente depois que Deus diz, “eu não subirei no meio de ti.” Em resposta para alegar mais adiante, diz Deus, “Minha presença irá contigo, e eu darei descanso.” Aqui uma distinção clara é feita entre um anjo ordinário, e o anjo que leva com ele a presença de Deus. A conclusão pode ser resumida nas palavras de Davidson na Teologia do Testamento Velho dele: “Em particular providências a pessoa pode localizar a presença de Yahweh em influência e operação; em aparecimentos angelicais ordinários pode descobrir a pessoa Yahweh apresentam em algum lado do ser dele, em algum atributo do caráter dele; no anjo de Deus está Ele completamente presente como a convenção Deus das pessoas dele, os resgatar.” A pergunta ainda permanece Que anjo da teofania é? Para estas muitas respostas foram determinadas de qual o seguinte pode ser mencionado: (1) este anjo simplesmente é um anjo com uma comissão especial; (2) ele pode ser uma descida momentânea de Deus em visibilidade; (3) ele pode ser os Logotipos, um tipo de preencarnação temporária da segunda pessoa da Trindade. Cada tem suas dificuldades, mas o último é certamente o mais tentador à mente. Disto ainda tem que se lembrar que melhor estas são só conjecturas que mencionam um grande mistério. É certo que desde o princípio Deus usou anjos em forma de humano, com vozes de humano para comunicar com homem; e os aparecimentos do anjo do Deus, com a relação remissória especial dele para as pessoas de Deus, mostram para o funcionamento daquele divino modo de ego-revelação que culminou na vinda do Salvador, e são assim uns frente-sombreando, e uma preparação para, a revelação cheia de Deus em Jesus Cristo. Mais adiante que isto, não está seguro ir.

III. Anjos no Testamento Novo

1. Aparecimentos

Nada está relacionado de anjos no Testamento Novo que é incompatível com o ensino do Testamento Velho no assunto. Da mesma maneira que eles são no princípio especialmente ativo de história do Testamento Velho, quando as pessoas de Deus estão nascendo, assim eles freqüentemente se aparecem com relação ao nascimento de Jesus, e novamente quando uma ordem nova de coisas começa com a ressurreição. Um anjo parece três vezes em sonhos para José (Mt 1:20; Mt 2:13, Mt 2:19). O anjo Gabriel aparece a Zacarias, e então para Maria na proclamação (Lc 1). Um anjo anuncia aos pastores o nascimento de Jesus, e é unido por uma “multidão do anfitrião divino,” elogiando Deus em canção celestial (Lc 2:8). Quando Jesus é tentado, e novamente durante a agonia a Getsemane, anjos se aparecem a Ele fortalecer a alma dele (Mt 4:11; Lc 22:43). O verso que conta como um anjo desceu dificuldade na piscina (Jo 5:4) é omitido agora do texto como não sendo genuíno. Um anjo desce para rodar a pedra fora da tumba de Jesus (Mt 28:2); anjos são vistos lá por certas mulheres (Lc 24:23) e (dois) por Maria Madalena (Jo 20:12). Um anjo liberta os apóstolos da prisão, dirige Filipe, aparece a Pedro em um sonho, o livra da prisão, golpeia Herodes com doença, aparece a Paulo em um sonho (At 5:19; At 8:26; At 10:3; At 12:7; At 12:23; At 27:23). Uma vez eles se aparecem vestidos em branco; eles estão deslumbrando assim em aparecimento sobre terrifique os observadores; conseqüentemente eles começam a mensagem deles com as palavras “não Temas” (Mt 28:2-5).

2. O Ensino de Jesus Sobre Anjos

É bastante certo que nosso Deus aceitou os ensinamentos principais do Testamento Velho sobre anjos, como também a convicção judia posterior em anjos bons e ruins. Ele fala de “anjos em céu” (Mt 22:30), e de “o diabo e os anjos dele” (Mt 25:41). De acordo com nosso Deus os anjos de Deus são santos (Mc 8:38); eles não têm sexo ou desejos sensuais (Mt 22:30); eles têm inteligência alta, mas eles não sabem o tempo da Segunda Vinda (Mt 24:36); eles levam (em uma parábola) a alma de Lázaro para o seio de Abraão (Lc 16:22); eles poderiam ter sido chamados à ajuda de nosso Deus, teve Ele assim desejou (Mt 26:53); eles O acompanharão à Segunda Vinda (Mt 25:31) e separa o inteiro do mau (Mt 13:41, Mt 13:49). Eles assistem com olhos simpatizantes as fortunas de homens, alegrando no arrependimento de um pecador (Lc 15:10; compare 1Pe 1:12; Ef 3:10; 1Co 4:9); e eles ouvirão o Filho de Homem confessando ou negando esses que confessaram ou O negaram antes de homens (Lc 12:8 f). Os anjos da presença de Deus que não parece corresponder a nossa concepção de anjos da guarda estão especialmente interessados no pequeno de Deus (Mt 18:10). Finalmente, a existência de anjos é incluída na Oração do Deus na petição, “Te será feito, como em céu, assim em terra” (Mt 6:10).

3. Outras Referências de Testamento Novas

Paulo recorre aos graus de anjos (“principados, poderes” etc.) só para enfatizar a supremacia completa de Jesus Cristo. Ele ensina que anjos serão julgados pelos santos (1Co 6:3). Ele ataca o Gnosticismo incipiente da Ásia Menor proibindo, adoração de anjos (Cl 2:18). Ele fala dos anjos de Deus como “eleito,” porque eles são incluídos nas deliberações do divino amor (1Tm 5:21). Quando Paulo comanda para as mulheres que mantenham as cabeças deles cobertas na igreja por causa dos anjos (1Co 11:10) ele provavelmente quer dizer que seriam doídos os anjos que assistem todos os negócios humanos com interesse fundo para ver qualquer infração das leis de modéstia. Em anjos de Hb 1:14 é (descreveu como auxiliando espíritos se ocupados do serviço dos santos. Pedro também enfatiza a supremacia de nosso Deus em cima de todos os seres angelicais (1Pe 3:22). As referências para anjos em 2 Pedro e Judas estão coloridas através de contato com literatura de Apócrifa. Em Revelação onde as referências são obviamente simbólicas, há menção muito freqüente de anjos. Os anjos das sete igrejas (Rev_1:20) é os anjos da guarda ou as personificações destas igrejas. A adoração de anjos também é proibida (Ap 22:8 f). Especialmente interessante é a menção de anjos elementares - “o anjo das águas” (Ap 16:5), (Ap 14:18; compare Ap 7:1; Ap 19:17). Referência também é feita para o “anjo da cova sem fundo,” que é chamado ABADON ou APOLION (que vêem), evidentemente um anjo mau (Ap 9:11 na KJV, a Versão Revisada (britânico e americano) “abismo”). Em Ap 12:7 somos nos falados que havia guerra entre Miguel com os anjos dele e o dragão com os anjos dele.

IV. Desenvolvimento da Doutrina

Na infância da raça era fácil de acreditar em Deus, e Ele era mesmo perto da alma. No Paraíso não há nenhum pensamento de anjos; é o próprio Deus que entra no jardim. Um pequeno pensamento depois o de anjos se aparece, mas, Deus não foi embora, e como “o anjo de Yahweh” Ele aparece às pessoas dele e os resgata. Nestes tempos cedo acreditaram os judeus que havia multidões de anjos, contudo dividiu em pensamento em bem e ruim; estes tiveram nenhum nome ou características pessoais, mas foi encarnado mensagens simplesmente. Cultive o tempo do cativo que a angelologia judaica mostra para pouco desenvolvimento. Durante aquele período de escuridão eles entraram em contato de fim com umas pessoas politeístas, só ser confirmado mais profundamente assim no monoteísmo deles. Eles também foram se familiarizados com a mais pura fé dos persianos, e em toda a probabilidade as doutrinas de

Zoroastrianismo viram com um olhar mais favorável, por causa da grande bondade de Ciro para a nação deles. Há poucos rastros diretos de Zoroastrianismo na angelologia posterior do Testamento Velho. É nem mesmo certo que o número sete como aplicados ao grupo mais alto de anjos é Persa em sua origem; o número sete não foi desconsiderado completamente pelos judeus. Um resultado do contato era que a idéia de uma hierarquia dos anjos foi desenvolvida mais completamente. A concepção em Daniel de anjos como “os guardas,” e a idéia de príncipes protetores ou anjo-guardiães de nações pode ser fixada até influência Persa. É provável que contato com os persianos ajude os judeus para já desenvolver idéias ocultas nas mentes deles. De acordo com tradição judia, os nomes dos anjos vieram da Babilônia. Antes deste tempo a consciência de pecado tinha crescido mais intenso na mente judia, e Deus tinham retrocedido a uma distância imensurável; os anjos ajudaram encher a abertura entre Deus e homem. São desenvolvidas as concepções mais elaboradas de Daniel e Zacarias mais adiante em Apócrifa, especialmente em 2 Esdras, Tobias e 2 Mac.

No Testamento Novo nós achamos que há pouco desenvolvimento adicional; e pelo Espírito de Deus seus escritores foram salvados dos ensinamentos absurdamente pueris de Rabinismo contemporâneo. Nós achamos que os Saduceus, como contrastado com os Fariseus, não acredite em anjos ou espíritos (At 23:8). Nós podemos concluir que o Saduceus, com o ponto de vista materialista deles, e negação da ressurreição, anjos considerados somente como expressões simbólicas das ações de Deus. É notável nesta conexão que o grande documento sacerdotal (Código Sacerdotal, P) faz nenhuma menção de anjos. O Livro de Revelação naturalmente espetáculos um parentesco íntimo para os livros de Ezequiel e Daniel.

Relativo aos desenvolvimentos da angelologia rabínica, algum bonito, algum extravagante, algum grotesco, mas todo fantástico, não é necessário aqui falar. O Essênio segurou uma doutrina esotérica de anjos nos quais a maioria dos estudantes acha o germe das eternidades de Gnóstico.

V. A Realidade de Anjos

Uma convicção em anjos, se não indispensável à fé de um Cristão, tem seu lugar lá. Em tal uma convicção não há nada antinatural ou ao contrário de razão. Realmente, a acolhida calorosa que natureza humana sempre deu a este pensamento, é um argumento em seu favor. Por que não deveria ser tal uma ordem de seres, se Deus assim legou isto? Para o Cristão as voltas de pergunta inteira no peso ser prendido às palavras de nosso Deus. Tudo são de acordo que Ele ensina a existência, realidade, e atividade de seres angelicais. Ele estava em erro por causa das limitações humanas dele? Isso é uma conclusão que é muito duro o Cristão puxar, e nós podemos pôr de lado isto. Ele ajustou o ensino dele então a convicção popular, enquanto sabendo que o que Ele disse não era verdade? Esta explicação pareceria imputar mentira deliberada a nosso Deus, e deve ser fixado igualmente aparte. Assim nós nos achamos restringido à conclusão que nós temos a fiança da palavra de Cristo para a existência de anjos; para a maioria dos cristãos que resolverão a pergunta. A atividade visível de anjos se acabou, porque o trabalho mediando deles é terminado; O Cristo fundou o reino do Espírito, e o Espírito de Deus fala diretamente com o espírito de homem. Este modo novo e vivo foi aberto até nós por Jesus Cristo, em quem fé pode ver ainda os anjos de Deus ascendendo e descendo. Ainda eles assistem o homem, e alegre na salvação dele; ainda eles unem no elogio e adoração de Deus, o Deus de anfitriões, ainda possam eles sejam considerados “auxiliando espíritos enviados consertar por causa deles isso herdará salvação.”

Literatura

Testamento todo Velho e teologias de Testamento Novas contêm discussões. Entre o mais velho reserva a Teologia de Testamento Velha de Oehler e o Christology de Hengstenberg de Testamento Velho (para “anjo de Yahweh”) e entre moderno a Teologia de Testamento Velha de Davidson é especialmente valiosa. O partidário mais capaz de teoria que o “os filhos do Elohim” é degradado deuses é Koster. “Het onstaan der onder de Angelologie of Israel,” TT 1876. Também veja artigos em “Anjo” em HDB (por Davidson), EB, DCG, Enciclopédia judia, RE (por Cremer). o Léxico de Testamento Novo Bíblico-teológico de Cremer deveria ser consultado debaixo da palavra “aggelos.” Para convicções judias vêem também a Vida de Edersheim e Times de Jesus, II, xiii de Apêndice. No angelology de Pauline vêem Everling, Morra paulinische Angelologie. No assunto geral vêem Godet, Estudos Bíblicos,; Mozley, A Palavra, lix de capítulo, e Latham, A Serviço de Anjos.

Anjos das Sete Igrejas

É evidente dos contextos de várias passagens Bíblicas em que a palavra “anjo” aparece. A palavra sempre não representa a mesma idéia. Em tais passagens como Dn 12:1 e At 12:15 pareceria que o anjo geralmente foi considerado como um ser sobre-humano cujo dever era vigiar uma nação ou um indivíduo, não distinto do *jenei* dos árabes. Porém, em Mt 2:7 e Mt 3:1 (hebraico) a palavra é usada para representar os homens claramente. Também, no Testamento Novo há passagens, como Tg 2:25 (grego) em qual a palavra parece ser aplicada a homens. Os sete anjos das sete igrejas (Ap 1:20) recebeu sete cartas, cartas figurativas, e então pareceria que os sete anjos também são figurativos e podem se referir aos sete bispos que presidiram em cima das sete igrejas da Ásia. Ou os anjos podem ser considerados como as personificações das igrejas.

Raiva

an'ge-r: No Testamento Velho, a tradução de várias palavras hebraicas, especialmente de , 'aph (iluminou. “narina,” “semblante”) que é usado umas 45 vezes pela raiva humana, e 177 vezes da raiva Divina, (OHL). A palavra raramente acontece no Testamento Novo (Mc 3:5; Ef 4:31; Cl 3:8; Ap 14:10), seu ser de lugar levado pela palavra “ira” (veja IRA). Como uma tradução de palavras que denotam a “raiva” Deus a palavra inglesa está tão longe como pode parecer insinuar sentimento pessoal egoísta, malicioso ou vingativo. A raiva de Deus é a resposta da santidade dele por causa da erupção do pecado. Particularmente quando culmina em ação é justamente chama-se “ira.” A doutrina do Testamento Velho da raiva de Deus é contida em muitas passagens no Pentateuco, Salmos e os Profetas. Em Provérbios é dissuadido a raiva de homens (Pv 15:1; Pv 27:4), e o “lento enfurecer” é recomendado (Pv 15:18; Pv 16:32; Pv 19:11). Os cristãos machadam ordenado para guardar o sentimento de ego-relativo à raiva vingativa (Ef 4:31; Cl 3:8), e apreciar nenhum desejo de vingança pessoal (Ef 4:26).

Ângulo

an'g'l: Usado em Is 19:8 para um substantivo hebraico que é feito “gancho” em Jó 41:1: “Os pescadores lamentarão, e tudo eles isso lançou ângulo (gancho) no Nilo lamentará.” Para um uso figurativo notável disto vêem Hc 1:15 onde, falando do devorar mau o íntegro, “fazendo os homens como o pesca do mar,” o profeta diz: “Eles levam tudo deles com o ângulo, eles os pegam na rede deles” (a Versão Revisada (britânico e americano) usa singular).

Pescando

an'gling: Pescando, i.e, pescando com um gancho ou pesca, era pequeno conhecido entre os anciões. Os peixes foram levados principalmente lançando redes, etc. (veja Mt 13:47). Compare por exemplo “Então fez Deucalion primeiro a arte invente de pesca com linha e anzol” (Davors, Segredo de Pescar, eu). Veja REDE.

Angústia

an'glish: Extrema angústia do corpo, mente ou espírito; dor excruciante ou sofrendo de alma, por exemplo aflição excessiva, remorso, desespero. Principalmente expresso no Testamento Velho, através de quatro derivados de *cuk*, “dilema,” “apertou,” *car*, e dois derivados que significa “dilema,” “estreiteza,” conseqüentemente angústia; também *shabhac*, “vertigem,” “confusão de mente”; *hul* “torcer” com dor, “se estorça.” Assim no Testamento Novo *θλίψις*, *thlipsis*, “um apertando junto,” conseqüentemente aflição, tribulação *stenochoria*, “estreiteza de lugar,” conseqüentemente aflição extrema; *sunochē* “uma propriedade junto,” conseqüentemente angústia. A idéia fundamental nestes várias condições é pressão - sendo, comprimido em um lugar estreito, ou dói por tortura física ou mental. Usado da agonia física de nascimento criança (Jr 4:31; Jr 6:24; Jr 49:24; Jr 50:43; Jo 16:21); de angústia de alma como o resultado de pecado e maldade (Jó 15:24; Pv 1:27; Rm 2:9); de angústia de espírito pela escravidão cruel de escravidão (Ex 6:9) e opressão assíria (Is 8:22); da ansiedade e dor de amor Cristão por causa dos pecados de da mesma categoria de discípulos (2Co 2:4).

Aniã

a-ni'am (*ani'am*, “lamento das pessoas”): Um filho de Semida de Manasses (1Cr 7:19).

Anim

a'nim (*anim*, “fontes”): Uma das cidades do país na colina de Judá mencionou imediatamente depois de Estemoa (Js 15:50). provavelmente é representado pela ruína dobro de *el Ghuwein* situou Sul de *es Semu'a*. Os restos de superfície são bizantinos - uma cidade Cristã chamada Anem aqui estava no 4º século, mas é claramente um local antigo de importância (PEF, III, 408, Sh, XXV).

Erva-doce; Endro

an'is, or dil; (RVm, *ανηθον*, *anethon*): Não a verdadeira erva-doce, Pimpinella de anisum, como era suposto pelo na KJV os tradutores de Versão, mas Endro, Anethum de graveolens. Esta é uma erva anual ou bienal de NENHUMA vida, enquanto crescendo de um para três pés altos, com flores amarelas pequenas e castanhas, aplainou frutas ovais 1/5 polegada longa. Cresce selvagem em terras que limitam no mediterrâneo. As sementes têm um sabor aromático é usado como condimento cozinhando, como carminative em medicina. “Água de endro” é um remédio doméstico favorito. Jesus disse (Mt 23:23): “Aflição até você os escriturários e Fariseus, hipócritas! parae dizimam a hortelã e erva-doce e cuminho, e partiu inacabado os assuntos mais pesados da lei,” etc. Na área, *Ma'asereth* (4 5) é mencionado que esta planta (hebreu *shabbath*), seu talo, folhas e semente, estavam sujeito a dizimo. Veja CORTE.

Tornozelo

an'k'l (em edições mais velhas da KJV, ancle): De hebreu *me'aphesayim* literalmente, “água de tornozelos,” i.e, água rasa (Ez 47:3); “tornozelos” (At 3:7) de *sphudron* “cadeias de tornozelo” (a KJV), de uma raiz hebréia que significa “caminhar orgulhosamente aproximadamente” (Nm 31:50). A mesma palavra hebréia é traduzida “pulseira” (2S 1:10), mas em Is 3:20 outra palavra da mesma raiz “cadeias de tornozelo” (a KJV “ornamentos das pernas”). Compare PEÚGA (Is 3:18).

Ornamento no tornozelo; Peúga, cadeia no tornozelo

an'klet, an'k'l-chan: “Peúgas” é achado justamente em Is 3:18 a Versão Revisada (britânico e americano), e “cadeias nos tornozelos” em Nm 31:50 a Versão Revisada (britânico e americano). Uma palavra de cognato de essencialmente o mesmo significado é usada em Is 3:20, é feito pela KJV “ornamentos das pernas.” era estes “peúgas” que Isaías representou as senhoras de Jerusalém como “sacudindo” como caminharam eles (Is 3:16 para terminar), “fazendo um tinido com os pés delas”; e uma parte do castigo ameaçada é, “O Deus levará fora a coragem do tinido delas ornamenta sobre os pés delas” (Is 3:16 na KJV).

Ana

an' a (*Avva*, *Anna* (Westcott-Hort, *Hanna*; veja Intro, 408); hebreu equivalente , *hannah*, significando “graça” 1Sm 1:2):

(1) a esposa de Tobias (**LA** Tobias 1:9).

(2) uma “profetisa,” filha de Fanuel, da tribo de Aser, e assim um Galileu, morando em Jerusalém na hora do nascimento de Jesus (Lc 2:36-38). “De uma grande idade,” ela deveria ter sido consideravelmente mais de 100 anos, depois de ter buscado uma viúva 84 anos uma vida casada curta de sete (veja a Versão Revisada (britânico e americano)). Excepcionalmente devota e talentosa em espírito, adorou tão constantemente ela dia e noite “com jejuns de súplicas” que é dito que ela tem “não partiu do templo.” Alguns supuseram erradamente que isto significou residência permanente no templo. O fato que a linhagem dela indica registrada a distração da família dela. Tradição diz que a tribo de Aser era notável para a beleza e talento de suas mulheres que para estes presentes, estava qualificado para matrimônio real e alto sacerdotal. Enquanto a tribo de Aser não estava entre as tribos que voltaram do exílio babilônico para a Palestina, muitas de suas famílias principais devem ter feito para no caso da profetisa. O período de guerra e opressão nacional pelas quais a vida de Ana bem cedo foi passada, criado nela, como no velho Simeão, um intenso desejo para a “redenção” prometida pelo Messias. Veja SIMEÃO. Esta esperança de libertação nacional a sustentou por mais de quatro décadas de espera paciente. No nascimento de Jesus foi recompensada a fé dela abundantemente, e ela se tornou uma testemunha grata e incessante “para tudo eles isso estavam procurando a redenção de Jerusalém,” que o dia da libertação espiritual deles tinha vindo.

Literatura

Veja Edersheim, Vida e Times de Jesus, I, 200-201, Gelkie, Vida e Palavras de Cristo, I, 133-34.

Senaá

an' a-as (, *Sanaas*, **LA** 1 Esdras 5:23, a Versão Revisada (britânico e americano) SANAAS): O Senaá de Ed 2:35.

Anás

an' as (*Avvaq*, *Annas*; Westcott e Hort, O Testamento Novo em *Hannas* grego.; Josefo *Ananos*, a forma grega do hebraico , *hanan*; “misericordioso,” “cortês”; compare Ne 8:7, etc.):

(1) sumo sacerdote dos judeus, a cabeça virtual da festa sacerdotal em Jerusalém no tempo de Cristo, um homem de influência dominante. Ele era o filho de Sete (Josefo: Seti), e foi elevado ao sumo sacerdócio por Quirino, governador da Síria, 7 d.C. A este período o serviço estava cheio e desocupou ao capricho dos procuradores romanos, e Anás foi deposto por Valério Grato, 15 d.C. Mas, entretanto privou de estado oficial, ele continuou brandindo grande poder como o sócio dominante da hierarquia, enquanto usava os sócios da família dele como os instrumentos legando dele. Que ele era que um diplomata hábil é mostrado pelo fato que cinco dos filhos dele (Antig. XX, ix, 1) e o genro Caiafas dele (Jo 18:13) celebrou o sumo sacerdócio em sucessão quase irrompível, entretanto ele não sobreviveu para ver o serviço enchido pelo quinto filho Anás dele ou Ananus II que causaram Jas o irmão do Deus a ser apedrejado a morte (aproximadamente 62 d.C.) Outra marca da influência continuada dele é, aquele longo depois que ele tivesse perdido o serviço dele que ele ainda foi chamado “o sumo sacerdote,” e o nome dele aparece primeiro onde quer que os nomes dos sócios principais da facção sacerdotal sejam determinados. At 4:6, “E Anás que era sumo sacerdote estava lá, e Caiafas, e João, e Alexandre, e como muitos como era da família do sumo sacerdote.” Anás quase é chamado certamente o sumo sacerdote em Jo 18:19, 22, entretanto em Jo 18:13, que Jo 18:24 Caiafas é mencionado como o sumo sacerdote. Especialmente note a frase notável em Lc 3:2, “sendo Anás e Caiafas sumos sacerdotes,” como se eles fossem os proprietários em comum do serviço. Os casos nos quais Josefo dá o título “o sumo sacerdote” para pessoas que já não seguraram o escritório disponha nenhum real paralelo a isto. A explicação parece ser isso devido à idade, habilidade e força de caráter Anás eram o virtual, entretanto Caiafas o sumo sacerdote titular. Ele pertenceu à aristocracia dos Saduceus, e, como outros daquela classe, ele parece ter sido arrogante, astuto, ambicioso e enormemente rico. Ele e a família dele eram proverbiais para a ganância deles. A fonte principal da riqueza deles parece ter sido a venda de requisitos para os sacrifícios do templo, como ovelha, pombas, vinho e óleo que eles continuaram nas quatro famosas “barracas dos filhos de Anás” no Monte das Oliveiras, com uma filial dentro do recinto do próprio templo. Durante os grandes banquetes, eles puderam extorquir alto monopólio estima para bens de roubo. Conseqüentemente, o denúncia forte de nosso Deus desses que fizeram a casa de oração “uma guarida de ladrões” (Mc 11:15-19), e a maldição no Talmude, “Aflição para a família de Anás! Aflição como serpente assobiasse” (Pes 57a). Sobre a parte ele jogou na tentativa e morte de nosso Deus, embora ele não figura nenhum mesmo prominente nas narrativas de evangelho, ele parece ter sido principalmente responsável pelo curso de eventos. A declaração enfática de Renan está substancialmente correta, “Anás era o ator principal no drama terrível, e muito mais que Caiafas, muito mais que Pilatos, deveria agüentar o peso das maldições de gênero humano” (Vida de Jesus). Caiafas, realmente, como sumo sacerdote atual, era a cabeça nominal do Sinédrio que condenou Jesus, mas o Anás velho era o espírito governante. De acordo com Jo 18:12, Jo 18:13, era a ele que os oficiais que Jesus preso o conduziu primeiro. “A razão dada para aquele procedimento (“porque ele era o sogro de Caiafas”) se deita aberto semelhante o caráter do homem e o caráter da tentativa” (Westcott, no lugar citado). Anás (se ele é o sumo sacerdote de Jo 18:19-23, como parece provável) O questionou interessando os discípulos dele e ensinando. Esta tentativa não é mencionada pelos sinóticos, provavelmente porque era meramente informal e preliminar e de uma natureza privada, pretendeu juntar material para a tentativa subsequente. Não extraindo qualquer coisa ao propósito dele de Jesus, “Anás lhe enviou então salto até Caiafas o sumo sacerdote” (Jo 18:24 a KJV está incorreta e enganosa) para tentativa formal antes do Sinédrio, “mas como um já estampado com um sinal de condenação” (Westcott). Indubitavelmente Anás estava presente aos procedimentos subseqüentes, mas nenhuma menção adicional é feita dele em Testamento Novo, a não ser que ele buscou presente na reunião do Sinédrio Pentecostes quando o Pedro e João se defenderam por orar o evangelho da ressurreição (At 4:6).

(2) cabeça de uma família que devolveu com Esdras (LA 1 Esdras 9:32), chamou “Harim” em Ed 10:31.

Annis

an'is (a KJV Ananias; a Versão Revisada, margem Annias **A** , *Anneis* Códex Vaticanus **A** , *Annias* Códex Alexandrinus): O nome de uma família na lista dos exílios devolvendo (1 Esdras 5:16). O nome não é determinado na lista paralela em Esdras e Neemias.

Extermine; Disanule

a-nul', dis-a-nul':Deus, como a Regra Suprema, enlata disanule a convenção dele para causa (Is 28:18); o homem, por voluntariedade e transgressão, como festa da segunda parte, pode quebrar o contrato e assim pode libertar Yahweh, como festa da primeira parte (Jô 40:8; Is 14:27), entretanto há alguns propósitos e leis que o Todo-poderoso levará a cabo apesar de raiva descrente e delírios (Gl 3:15 a KJV); ou uma lei velha ou convenção poderiam ser concebidas como disannulled por um novo (Gl 3:17), ou por causa de sua formação obsoleta e ineficaz (Hb 7:18). Para a primeira idéia, os empregos hebreus , *kaphar* = "cobrir," "expiar," "perdoe," "aplaque," "cancele," "limpe," "disanule," "purgação," "tire" (Is 28:18); e o grego (Gl 3:15), *atheteo* = "fixar aparte," "disistir," "neutralizar," "violar," "frustrar." Um desanulação de convenção outro por "conflito de leis" é expressado por **akupoo**, *akuroo*, "invalidar," "disanular," "faça de nenhum efeito." *Atheteo* é empregado para também expressar o desaprovação por idade e desuso (Hb 7:18).

Annus

an'us (A, *Avvouç*, *Annous*, B, *Anniouth*; a KJV Ânus = Bani, Ne 8:7): Um do Levitas que interpretou a lei às pessoas (LA 1 Esdras 9:48).

Annuus

an'u-us (*Avvouvoç*, *Announs*): Voltou com Esdras da Babilônia executar as funções de um sacerdote em Jerusalém (LA 1 Esdras 8:48). Omitido em Ed 8:19.

Ungir; Ungido

a-noint', a-noint'ed (**α** , *aleipho* , *chrio*):Recorre a uma prática muito geral no Leste. Originou do alívio do efeito do sol que era experiente esfregando o corpo com óleo ou graxa. Entre pessoas rudes o legume comum ou gordura animal era usado. Como sociedade avançou e refinamento se tornou uma parte da civilização, delicadamente ungüentos perfumados eram usados para este propósito. Outras razões obtiveram logo para esta prática que isso declarou acima. Foram ungidas as pessoas para saúde (Mc 6:13), por causa da convicção difundida no poder curativo do óleo. Foi empregada freqüentemente como uma marca de hospitalidade (Lc 7:46); como uma marca de honra especial (Jo 11:2); em preparação para ocasiões sociais (Rt 3:3; 2Sm 14:2; Is 61:3). O uso figurativo desta palavra (*chrio*) tem referência estritamente à vinda do Espírito Santo no indivíduo (Lc 4:18; At 4:27; At 10:38). Neste senso isto Deus é que unge (2Co 1:21). O pensamento é designar, ou qualificar para uma dignidade especial, função ou privilégio. Está neste senso que a palavra é aplicada a Cristo (Jo 1:41 ; At 4:27; At 10:38; Hb 1:9; compare Sl 2:2; Dn 9:25). Veja também UNGINDO.

Ungindo

a-noint'ing:Uma distinção foi feita pelos hebreus antigos entre ungir com óleo em uso privado, como fazendo o banheiro da pessoa (, *sukh*), e ungindo como um rito religioso (, *mashah*).

1. Uso ordinário

(1) como cumprimento seu uso secular ou ordinário, o azeite de oliva nativo, só ou misturado com perfumes, era geralmente usado para propósitos de banho, o muito pobre só reservando naturalmente isto para ocasiões especiais (Rt 3:3). O calor demorado feroz e pó de lima mordendo da Palestina fez o óleo muito acalmando para a pele, e era livremente aplicado a partes expostas do corpo, especialmente para a face (Sl 104:15).

(2) a prática estava em voga antes do tempo de Davi, e podem ser achados rastros disto ao longo do Testamento Velho (veja Dt 28:40; Rt 3:3; 2Sm 12:20; 2Sm 14:2; 2Cr 28:15; Ez 16:9; Mq 6:15; Dn 10:3) e no Testamento Novo (Mt 6:17, etc.). Realmente parece ter sido uma parte do banho diário ao longo do Leste.

(3) se privar disto era um símbolo de lamentar (2S 14:2; compare Mt 6:17), e retomar isto um sinal que o luto foi terminado (2S 12:20; 2S 14:2; Dn 10:3; **LA** Judite 10:3). Acompanhou freqüentemente o banho (Rt 3:3; 2Sm 12:20; Ez 16:9; **LA** Susana 17), e era uma parte habitual da preparação para um banquete (Ec 9:8; Sl 23:5). Um modo de mostrar honra a um convidado era ungir a cabeça dele com óleo (Sl 23:5; Lc 7:46); um modo mais raro e mais notável era ungir os pés dele (Lc 7:38). Em Tg 5:14, nós temos um exemplo de ungir com óleo para propósitos medicinais para qual vê ÓLEO.

2. Uso religioso

Ungindo como um rito religioso foi praticado ao longo do Leste antigo em aplicação ambos para pessoas e para coisas.

(1) foi observado em Canaã longo antes da conquista hebréia, e, adequadamente, Weinel (o Zeitschrift de Stade, XVIII, 50ff) cabos que, como o uso de óleo para propósitos gerais no Israel era um costume agrícola pedido emprestado do Canaanitas, assim o ungir com óleo sagrado era um crescimento de seu uso regular para propósitos de banho. Parece mais conforme os fatos conhecidos do caso e as condições usados em descrição para aceitar a visão partida por Robertson Smith (Religião do Semites, 2º ed., 233, 383ff; compare Wellhausen, Reste des arabischen Heidenthums, 2º ed., 125ff) e acreditar que o *sukh* ou uso de óleo para propósitos de banho, era de origem agrícola e secular, e que o uso de óleo para propósitos sagrados, *mashah*, estava em origem nômade e sacrificatório. Robertson Smith acha a origem do ungir sagrado no costume muito antigo de cobrir a gordura sagrada no altar (*maccebah*), e reivindicações,

justamente pareceria, que do primeiro havia um uso distinto e consistente, enquanto distinguindo as duas condições como acima.

(2) o significado primário de *mashah* em hebraico que é confirmado pelo árabe parece ter sido “emplastrar” ou “sujeira.” é usado de pintura em teto em Jr 22:14, de ungir uma proteção em Is 21:5 é, adequadamente, constantemente aplicada a mobília sagrada, como o altar, em Ex 29:36 e Dn 9:24, e para o pilar sagrado em Gn 31:13: “onde tu ungiste um pilar.”

(3) os usos mais significantes de *mashah*, porém, é achado em sua aplicação, não para coisas sagradas, mas para certas pessoas sagradas. O mais velho e mais sagrado destes, pareceria, o ungindo do rei, vertendo óleo na cabeça dele à coroação dele, uma cerimônia considerada sagrada dos tempos mais antigos, e não observou religiosamente só em Israel, mas no Egito e em outro lugar (veja Jz 9:8, 15; 1Sm 9:16; 1Sm 10:1; 2Sm 19:10; 1Rs 1:39, 1Rs 1:45; 2Rs 9:3, 2Rs 9:6; 2Rs 11:12). Realmente tal ungir parece ter estado exclusivamente reservado para o rei nos tempos mais antigos que contas para o fato que “o Deus ungiu” se tornou um sinônimo para “o rei” (veja 1Sm 12:3, 5; 1Sm 26:11; 2Sm 1:14; Sl 20:6). Alguns pensam que a prática originou-se no Egito, e é conhecido para ter sido observado como um rito em Canaã um dia muito cedo. *Tell el-Amarna Letters* 37 registros o ungindo de um rei.

(4) Os hebreus não só acreditaram que efetuou uma transferência ao ungido de algo da santidade e virtude da deidade em de quem nome e por de quem representante foi executado o rito, mas também que deu um dom especial do espírito de Yahweh (compare 1Sm 16:13; Is 61:1). Conseqüentemente a reverência profunda para o rei como um personagem sagrado, “os ungiram” (hebreu, *mʾshʾh YHWH*) que passou em cima de em nosso idioma pelo grego *Christos* e se aparece como “Cristo”, ou Ungido.

(5) Em o que é conhecido hoje como o Código Sacerdotal, o sumo sacerdote é falado de como “ungiu” (Ex 29:7; Lv 4:3; Lv 8:12), e, em passagens consideradas por alguns como adições posteriores para o Código Sacerdotal, outros sacerdotes são falados também assim de (Ex 30:30; Ex 40:13-15). Elias foi dito ungir Eliseu como um profeta (1Rs 19:16), mas nunca parece ter feito assim. 1Rs 19:16 nos dão o único exemplo registrado de tal uma coisa como o ungindo de um profeta. Is 61:1 é puramente metafórico (compare Dillmann em Lv 8:12-14 com ICC em Nm 3:3; também veja Nowack, *Lehrbuch der hebraischen Archäologie*, II, 124).

Literatura

Enciclopédia judia, artigo “Ungindo”; BJ, IV, ix, 10, DB, artigo “Ungindo,” etc.

Presentemente

a-non’ (EU , *eutheos*, EU ç, *euthus*): Na KJV de Mc 1:30; Mt 13:20, para “diretamente” da Versão Revisada (britânico e americano), i.e. “sem demora,” “imediatamente.”

Vanias

a’ nos (Avwç, *Anos* = Vanias (Ed 10:36): Um filho de Bani que guardou “a esposa estranha” (1 Esdras 9:34).

Resposta

an’ se~r: Em nossa Bíblia portuguesa a palavra “resposta” nem sempre significa uma resposta simples a uma pergunta.

1. No Testamento Velho

Seis palavras diferentes são traduzidas através de resposta. (1) é freqüentemente usado onde nenhuma pergunta foi feita e em tal embala significa uma palavra, uma declaração. (2) também significa uma resposta (Jó 21:34; Jó 34:36). (3) significa freqüentemente uma declaração ou proclamação de Deus onde nenhuma pergunta foi perguntada. Veja as muitas passagens que leram: “O Deus respondeu e disse.” (4) As outras palavras traduziram “resposta” ou “respondeu” no Testamento Velho estão matizações sem importância e variações.

2. No Testamento Novo

As palavras traduziram “resposta” não é variado assim. (1) às vezes significa uma desculpa, uma defesa (1Pe 3:15; At 24:10, 25). (2) simplesmente pode significar “dizer” (Mc 9:6). (3) pode significar uma revelação de Deus (Rm 11:4). (4) também usa aplica a não ditos pensamentos do coração, especialmente nas declarações de Jesus; também por Pedro para Safira (At 5:8).

Responsável

an’ se~r-a-b'l: Esta palavra só é achada no Testamento Velho. Moisés e Ezequiel uso só isto (Ex 38:18; Ez 40:18; Ez 45:7; Ez 48:13, Ez 48:18). É usado no senso inglês Velho de “correspondendo,” “em harmonia com.” Bunyan usa isto no mesmo senso (Guerra santa, Clar. Aperte ed., 92).

Formiga

(, *mʾmalah*= árabe *namalah*): A palavra só acontece duas vezes na Bíblia, nas passagens familiares em Provérbios (Pv 6:6; Pv 30:25) em ambos o qual este inseto é feito um exemplo da sabedoria de prover pelo verão para os desejos do inverno. Não todas as formigas acumulam sementes para uso de inverno, mas entre as formigas da Palestina há várias espécies que fazem assim, e os caminhos nítidos delas são cuidados freqüentemente de espancar-chãos palestinos e em outros lugares onde sementes serão obtidas. O caminho às vezes estende para uma grande distância do ninho.

Patriarcas Antediluviano

an-te-di-lu’vi-an pa’ tri-arks.

1. Os Dez Patriarcas Antediluvianos

São listados dez patriarcas que viveram antes da Inundação na mesa genealógica de Gn 5, junto com uma declaração da idade de cada ao nascimento do filho dele, o número de anos que permaneceu ele até morte, e a soma de ambos os períodos ou o comprimento inteiro da vida dele. O primeiro em a metade da lista, de Adão para Maalalel inclusivo, junto com Enoque e Noé é o mesmo nos três textos, a não ser que a Septuaginta tem 100 anos mais na primeira coluna em cada caso a menos que de Noé, e 100 anos menos na segunda coluna. Veja CRONOLOGIA DO TESTAMENTO VELHO.

2. Divergências entre os três Textos

Divergência só existe no caso de Jaredé, Metusalem e Lameque. Até mesmo aqui a longevidade de Jaredé e Metusala (Metusalém) é semelhantemente determinada no hebraico e na Septuaginta; e provavelmente representa a leitura da fonte, especialmente como os dados diferentes no Texto Samaritano uso evidência de ajuste para uma teoria. O excesso habitual de 100 anos na Septuaginta em cima dos outros textos para a idade do patriarca ao nascimento do filho varia dados divergentes para a idade total de Jaredé, Metusala e Lameque são, então, os assuntos que esperam explicação.

A superioridade geral do texto hebraico do Pentateuco como um todo para o Texto Samaritano e a Septuaginta já é interrogado por estudantes Bíblicos. Mas se a superioridade obtém nesta passagem particular deu origem à discussão longa e séria. Keil e Delitzsch nos comentários deles em Gênesis, Preuss (der de Zeitrechnung Septuaginta, 1859, 30ff), Nöldeke (zur de Untersuchung des de Kritik Testamento de Altes, 1869, 112), e Eduard König (ZKW, 1883, 281ff), segure à originalidade dos dados hebreus. Bertheau (Jahrbucher deutsche de pele Theologie, XXIII, 657ff) e Dillmann designam autoridade anterior ao Samaritano numera em Gn 5, mas para os números hebreus em Gen 11. Klostermann discute para a originalidade da Septuaginta (Pentateuco, Neue Folge, 1907, 37-39).

3. Divergências não Acidentais

É de acordo por tudo aquilo as divergências entre os textos é principalmente devido, não para corrupção acidental, mas para alteração sistemática. Adequadamente, duas tarefas devolvem no investigador, isto é (1) A remoção de corrupções acidentais dos dados numéricos nos vários textos e (2) A descoberta de um princípio que está por baixo de e explica as peculiaridades em cada um ou em dois dos três jogos de dados.

4. Explicações diferentes

Na interpretação que os nomes denotam os indivíduos e que nenhuma ligação foi omitida na genealogia, os leitores da Septuaginta notaram que de acordo com seus dados o Metusala sobreviveu à inundação, e para evitar esta incongruência um escriturário mudou os 167 anos, designados à idade dele ao nascimento do filho dele, para 187 anos. Esta leitura era cedo em existência, e foi seguido por Josefo. Segurando a mesma teoria relativa à genealogia, os Samaritanos notaram que pelos dados deles três homens, Jaredé, Meteusala, e Lameque, sobreviveram a Inundação. Corrigir o engano aparente, sem se mexer com a idade destes três homens a paternidade, a longevidade deles estava suficientemente reduzida para os permitirem morrer pelo ano do Dilúvio. Se o texto hebraico em sua forma presente não é original, e é ser do Samaritano e Septuaginta, o mesmo de dificuldade nisto. Superar esta dificuldade, talvez, foi contado emprestado 100 anos dos anos que decorreu entre paternidade e morte e foi acrescentado à idade dos três homens na hora de procriar um filho. Isto aliviou o assunto até onde Jaredé estava preocupado e talvez no caso de Lameque também, e o empréstimo de uns 20 anos adicionais também fixou direito para Metusala. Se o número original para Lameque fosse 53 no hebraico, como então no Samaritano, era necessário não aumentar o tempo entre o nascimento de Metusala e a Inundação 20, mas 49 anos. Estes 49 anos não puderam ser acrescentados diretamente ou a idade de Metusala ou Lameque a procriar um filho sem fazer esta idade exceda 200 anos, e assim esteja fora de proporção; e adequadamente os 49 anos foram distribuídos.

A diferença de um século na idade nomeada aos patriarcas ao nascimento do filho que distingue os dados do hebraico em a maioria dos casos da Septuaginta, e igualmente do Samaritano em vários exemplos, em Gn 5 e regularmente até Naor em Gn 11:10-26, geralmente é explicado da maneira seguinte ou de um modo semelhante: isto é, quando quaisquer deste patriarcas duradouro foi achado registrado como tendo procriado um filho a uma idade mais jovem que 150 anos, os tradutores da Septuaginta somaram 100 anos; por outro lado o Samaritano golpeou 100 anos quando necessário para que ninguém exceto Noé pudesse ser registrado como alcançando 150 anos de idade antes de entrar em paternidade, e somou 100 anos quando o registro fez um patriarca se tornar o pai de um filho antes de atingir até mesmo 50 anos. Porém, uma explicação diferente é tentada, e a razão para a variante constante é buscada no propósito para construir uma cronologia artificial; para interpretar os nomes como denotando as pessoas individuais e a genealogia como procedendo de pai o filho sem fratura, um método empregou já no 1º século da era cristã (Antig, I, iii, 3), o tempo que decorreu entre a criação de homem e o Dilúvio era 1656 anos de acordo com o texto hebraico, 1307 de acordo com o texto Samaritano, e 2242 de acordo com a Septuaginta; e foram feitas numerosas tentativas para trazer um ou outro destes totais em relação aritmética com algum esquema cronológico maior concebível. Um conceitos destes estudos é fornecido por Delitzsch (Neuer que über de Commentar morrem a Gênese, 136-39), Dillmann (Gênese, 6te Aufl, 111-13), e recentemente por Skinner (Crítico e Comentário de Exegetical em Gênese, 135, 136, 234). As explicações diferentes que são oferecidas naturalmente variam em plausibilidade; mas tudo possuem a falta comum de força de convicção necessitada a pontos críticos e violências em algum lugar fazendo para os dados.

5. A Relação do Cainitas e Genealogias de Setitas

Em Gn 4 há duas genealogias distintas, um que procede por Caim e o outro por Sete. Desde Hupfeld, os críticos representativos que dividem o Gênesis chegaram geralmente à conclusão que foram achados ambos estas genealogias no documento primário de J ou em um recensão antigo disto (Wellhausen, des de Composição Hexateucos3, 8-14; Delitzsch, Neuer Commentar, etc, 126; Und de Kautzsch Socin; Dillmann, Genesis6, 104, 116; Budde, Urgeschichte, 182, 527-31; Motorista, Introduction10, 14, 21; Strack, Genesis2, 23; Gunkel, Gênese, 49; Skinner, Gênese, 2, 14, 99 (4); Stade considera Gn 4:25 por outro lado, Gn 4:26; Gn 5:29 como a compilação de um redator, ZATW, XIV, 281). Em Gen 5 é também uma genealogia por Sete para Noé.

6. Semelhanças e Diferenças nas Duas Listas

Removendo Gn 4:25 e Gn 4:26 da posição presente deles e os colocando antes de Gn 4:1 ou, como faz Guthe, antes de Gn 4:17; e através de exceder a palavra “Eva” de Gn 4:1 e entendendo “o homem” (*ha-adham*) Enoque para ser; e por excedendo de Gn 4:25 as palavras “novamente,” “outro,” e “em vez de Abel, porque Caim o matou”; e introduzindo as palavras “e filho de Lameque” antes de “um filho” em

Gn 5:28, Gn 5:29 e inserindo este material entre Gn 4:18 e Gn 4:19 ou depois de Gn 4:24: então são reduzidas as duas genealogias de capítulo 4 a um e, tão longe como os nomes estão preocupados, ficou quase idêntico com a genealogia de Sete contida em Gn 5. Na realidade as semelhanças entre os seis nomes em Gn 4:17, 18 com seis no capítulo 5 têm do primeiro sido a base de toda tentativa para identificar as duas genealogias (Buttmann, *Mythologus*, 170-72). O procedimento é violento (veja *strictures*, Skinner, *Gênese*, 99). Também é uma objeção séria que o trabalho de reconstrução foi administrado sem pensamento da possível porte da teoria tribal das genealogias neste problema.

É importante a nota que o número de ligações nas duas genealogias pode indicar aquele Jabal, Jubal, e Tubal-Caim que marca fases de cultura em desenvolvimento, várias gerações vividas antes de Noé. Era convicção de Semítica antiga que civilização estava longe avançada antes da Inundação, e foi continuado em suas várias formas pelos sobreviventes (Berosus; e inscrição 13, col. i. 18 no Lehmann's *Shamash-shumukin*). Porém, são colocadas as seis ligações na cadeia genealógica de Caim lado a lado com esses de Sete para por causa de comparação, o melhor revelar as semelhanças e diferenças

Deste nomeia dois, Enoque e Lameque, aconteça em cada genealogia, entretanto Enoque não ocupa o mesmo lugar em ambas as listas. Quenã é derivado prontamente da mesma raiz como Caim. Em vez de 'Irade o texto hebraico original pode ter sido 'Idade, como era erudito pela Septuaginta, *Códex Alexandrinus* e *Lucian*. Mas, aceitando 'Irade como original, 'podem ter sido torcidos Irade e Jaredé concebivelmente na tradição oral; ainda como estão de pé eles que eles são radicalmente diferentes, e a pessoa pode bem como compare a Prússia e Rússia, sueco e suíço, Áustria e Austrália. Metuseael é escrito exatamente na Septuaginta como é o Metusala; mas ambos os nomes são completamente estabelecidos através de evidência textual e são bons nomes de Semítica. Metusael é particularmente de forma babilônica boa, enquanto significando "o homem de Deus"; arcaico em hebraico ou beijando do dialeto do norte, mas bastante inteligível ao Israelita.

7. A Necessidade de Precaução

A semelhança entre os seis nomes sucessivos nas duas listas realmente é notável, mas as diferenças também são grandes; e a sabedoria de precaução pronunciando julgamento é sugerida e enfatizou por uma comparação de duas listas da história posterior das pessoas de Israel. Os doze reis de Judá comparados com os dezenove contemporâneos deles em Israel o reino do norte quase tantas semelhanças quanto o dez Cainitas para o doze Setitas, Adão como o antepassado comum não o ser pensou. As duas séries começam com Roboão e Jeroboão, nomes semelhantes externamente como 'Irade e Jaredé. Acázias de Israel era quase contemporâneo com Acázias de Judá; Jeorão estava no trono de Judá enquanto Jeorão regeu em cima de Israel, o reinado de Jeoás de Judá sobrepôs isso de Jeoás de Israel, e Jeocaz de Israel precedeu sobre meio um século Acáz, ou, como o nome dele aparece Em inscrições assírias, Jeocaz de Judá. Se puder haver duas dinastias contemporâneas com estas coincidências, seguramente poderia haver duas raças antediluvianas com uma semelhança igual nos nomes. Também, então as diferenças materiais entre os Cainitas e linhas de Setitas são grandes. Caim é o filho de Adão; considerando que Quenã é o terceiro, sendo descido por Sete e Enoque. O dois Enoques parecem não ter nada em comum exceto o nome (Gn 4:17, Gn 4:18; Gn 5:22, Gn 5:23). O caráter dos dois Lameques é bastante diferente, como aparece das falas deles (Gn 4:19, 23; Gn 5:28, 29). A linhagem de Caim terminou em Lameque e os quatro filhos dele, de quem os três filhos restaram nota nos anais de civilização; considerando que a linha de Sete continuou por Noé, o herói da Inundação, e os três filhos dele que só eram conhecidos como os antepassados dos povos. Além disso, excluindo a seção de *Gênese* nomeada ao Código Sacerdotal até mesmo (P), as duas linhas eram distintas de um ao outro, e a maioria das diferenças características entre eles estava adiante claramente fixo, na forma mais antiga da tradição hebraica, como é realmente conhecido (Green, *Unity of Genesis*, 43-49; Delitzsch, *Neuer Commentar*, etc., 126, 127, 132, 140; Strack, *Genesis*², 22, 23, section III).

A ordem de narração no Livro de *Gênesis* também é significativa. Indica a percepção do escritor de uma diferença profunda entre as duas raças. A narração relativa a Caim e os descendentes dele são completados, de acordo com costume invariável no Livro de *Gênesis*, antes da linha de Sete em qual eventualmente Abraão se apareceu, é levado para cima e sua história registrou (Green, *Unity of Genesis*, 49; Delitzsch, *Neuer Commentar*, etc., 126). Assim em cada fase da história a história da linha filial é contada antes das fortunas é recitado da linha direta de promessa.

Vários nomes são bem conhecidos na literatura babilônica: Adapa era um ser humano, um homem sábio, um feiticeiro que não obteve imortalidade. Ele era um criado no templo de Ea na cidade de Eridu, pão preparado e molha para o santuário e contanto isto com peixe. Talvez fosse a conexão dele com o templo que conduziu ao ser dele chamou o filho de Ea, e descreveu como criado ou construiu por Ea (Schrader, *Keilinschriftliche Bibliothek*, VI, 91-101). Semelhantemente o Rei Esaradon se chama o filho fiel, criança de Beltis; e Asurbanipal reivindica ter sido criado ou construiu pelos deuses Asur e Peca no útero da mãe dele (compare Adão, o filho de Deus, Lc 3:38). Enmeduranki cujo nome foi interpretado como significando o sacerdote principal de Duranki possivelmente, o lugar de reunião de céu e terra, era um rei de Sippar, uma cidade cuja deidade de protetor era o sol-deus Shamash. Ele era um homem sábio notável que, parece, foi reputado para ter sido levado pelos deuses Shamash e Ramman no companheirismo deles e fez se familiarizado com os segredos de céu e terra (KAT3, 530 f). Como entre os hebreus os sacerdotes foram descidos de Aarão, assim entre o babilônico Enmeduranki foi considerado como o antepassado dos feiticeiros e o fundador do grêmio deles. Amel-Sin é mencionado em outro lugar como o sábio de Ur (KAT3, 537). Na conta babilônica da Inundação ao herói é se dirigido como filho de Ubara-tutu. Vale menciona que lendas cresceram sobre o herói da Inundação, como eles têm quase outros personagens históricos desde; e ele se aparece até mesmo como alguns reis antigos, com o determinative para deus antes do nome dele. Adapa também, que foi classificado com os feiticeiros, cedo veio ter um lugar em história.

8. Correspondências

O primeiro nome na lista de Berosus é Aloros. Professor Hommel entenderia a forma babilônica original ter sido Aruru, uma deusa. A identificação é precária, dizer o menos; e evidentemente não era a concepção do padre babilônico, para isto a linha dele de reis faz começa com uma deusa. Ele deveria ter chamado Aloros uma rainha. Professor Hommel também considera Adapa como uma deidade, ao contrário das declarações do próprio conto; segurando assim que o segundo rei babilônico gosta que o primeiro fosse um Divine que é. Em tal uma interpretação as listas babilônicas e hebréias não são idênticas, para a genealogia hebréia começa em Adão, ser humano. Com o terceiro nome, porém, certas correspondências notáveis começam a se aparecer. O terceiro rei babilônico é Amelu, tripule, e o terceiro patriarca é Enosh, enquanto também significando o homem; o quarto rei é Ummanu, artífice, e o quarto patriarca é Kenan, um nome derivou de uma raiz que pretende formar ou fabricar. O sétimo rei é Enmeduranki que aparentemente foi reputado para ter sido

chamado pelos deuses Shamash e Ramman no companheirismo deles e foi feito se familiarizou com os segredos de céu e terra; e o sétimo patriarca era Enoch que caminhou com Deus (como Noé, Gn 6:9; veja KAT3, 540). O décimo rei, como o décimo patriarca, era o herói da Inundação. Estes fatos são capazes de duas interpretações: ou os dois catálogos são fundamentalmente diferentes, tendo sido construído para propósitos diferentes, contudo como eles lidam com pessoas proeminentes que pertencem ao mesmo período de história e para o mesmo país, cruz um ao outro a vários pontos e culmina no mesmo indivíduo (como faz as genealogias de Mt 1 e Lc 3); ou então quando terão sido interpretados os nomes inexplicados de ambas as listas finalmente, os dois catálogos serão achados para representar a mesma tradição.

9. Diferenças

Diferenças entre os catálogos existem, o qual em alguns exemplos pode ser mais aparente que real. (1) no babilônico é afirmada só a descida do governo de pai para filho em dois exemplos, isto é, do primeiro rei para o segundo e do nono para o décimo. O hebreu afirma parentesco, porém remoto, entre as ligações sucessivas. Ainda os dois registros são entre si bastante compatíveis neste respeito em teoria (veja abaixo) que a genealogia hebréia foi encurtada através de omissões para nomear, mas dez gerações. (2) cada um dos dez patriarcas é nomeado uma vida longa; cada um dos dez reis tem um reinado muito mais longo. O contraste é dobro: entre o número de anos em casos correspondentes, e entre comprimento de vida e comprimento de reinado. Mas em vez desta diferença que indica não identidade das duas linhas, pode ser achado, quando a tradição de Semítico é completamente conhecida, dispor a explicação para a duração de vida que é nomeada aos patriarcas. (3) não há nenhuma relação aritmética entre os anos conectados com os nomes correspondentes das duas listas. E a simetria dos números no Ora transmissão está aberto a suspeita de ser artificial. O número de reis é dez; a soma dos reinados unidos deles é cem e vinte sars, um múltiplo de dez e do número basal do sistema de duodecimal babilônico. Há três reinados de dez sars cada, e três reinados sucessivos que levados junto, 3 mais 13 mais 12, faça dez e dezoito sars. Levando os reinados na ordem na qual eles acontecem, nós temos como a duração deles as séries 10, 18 mais 10, 18, 10, 18, 10, 8, e 18 (o Davis, a Gênese e Tradição de Semítico, 96-100; Strack, Genesis2, 24).

10. A Interpretação da Genealogia em Gn 5

Podem ser mencionadas três explicações da genealogia em Gn 5. (1) uma interpretação, atual na hora de Josefo (Antig, I, iii, 4) e adotou por Arcebispo Usher em 1650 na tentativa dele para fixar as datas dos eventos registrada na Bíblia, assume uma descida irrompível de pai para filho, durante dez gerações, de Adão para Noé. Nesta teoria o tempo da criação de homem para a Inundação está medido pela soma dos anos nomeada aos patriarcas ao nascimento do filho e sucessor, junto com a idade de Noé quando ele entrou na Arca; de forma que todos os anos da criação de Adão para a Inundação estavam 1656 anos. A longevidade extraordinária destes patriarcas é considerada pelos efeitos físicos conhecidos de pecado. Pecado gera doença e morte. Homem ainda não era longe como removido do estado dele de pecador. O equilíbrio físico entre homem sem pecado e tripula o pecador não tinha sido atingido (compare Delitzsch, Genesis3, 139; veja Antig, I, iii, 9). Mas afinal de contas nós realmente somos justificados supondo que o autor hebreu destas genealogias projetou para construir uma cronologia do período? Ele nunca os põe a tal um uso ele. Ele não soma estes números em nenhuma parte. Nenhuma declaração cronológica é deduzida deles. Não há nenhuma computação em qualquer lugar em Bíblia do tempo que decorreu da Criação ou do Dilúvio, como lá é da descida no Egito para o Êxodo (Ex 12:40), ou do Êxodo para o edifício do templo (1Rs 6:1; Green, *Bibliotheca Sacra*, 1890, 296). (2) Um segundo método de interpretação assume isso que a genealogia foi omitido intencionalmente para que exatamente possam ser nomeados dez. Está baseado nos fenômenos apresentados por outros registros genealógicos hebreus. Por exemplo, Mateus esboçou a linhagem de Cristo de Abraão. A história divide naturalmente em três seções, e dar a simetria de tabulação Mateus nomeia sete gerações duas vezes em cada divisão, em um exemplo omitindo três reis famosos de Judá e dizendo “gerou de Jorão Uzias.” Como Jorão é dito que tem procriado Uzias, o neto do neto dele, assim pode ser dito que Enoque tem procriado Metusala, embora o posterior possa ter sido o bisneto de Enoque ou descendente remoto. O livro de Gênesis é dividido por seu autor em dez seções, cada introduzido pela mesma fórmula (Gn 2:4; Gn 5:1; Gn 6:9, etc.). No período da criação de homem para o nascimento de Abraão a crise da história era a Inundação. Duas vezes são nomeadas dez gerações no registro simétrico, dez antes da Inundação, de Adão para Noé, e dez depois da Inundação, de Sem para Abraão; e o período posterior em sua volta é dividido em duas partes iguais, e são nomeadas cinco gerações durante o tempo para, e cinco durante o tempo depois de, o nascimento de Pelegue, por de quem dias 'a terra foi dividida' (Gn 11:10-26; Gn 10:25; compare Gn 11:1-9 talvez). Não há nenhuma base na genealogia de Adão para Noé Nesta concepção das mesas que estão completamente justificadas para o cálculo de cronologia. A mesa foi construída para um propósito diferente, e os anos são notáveis por outra razão que cronologia (Green, *Bibliotheca Sacra*, 1890, 285-303; Warfield, *Princeton Theological Review*, 1911, 2-11; compare Dillmann, *Genesis*⁶, 106 “dritte Absicht”). A longevidade é explicada como está na interpretação de Porteiro dos dados (veja acima). (3) Um terceiro método de interpretação entende o nome patriarcal para denotar o indivíduo e a família dele falada coletivamente de. A pessoa e forma de tribo uma concepção. Este método também concorda com os fenômenos apresentados por registros genealógicos hebreus. Assim, Quetura agüenta a Abraão Jocsã, e de Jocsã Seba e Dedã, tribos e os países eles habitaram (Gn 25:1-5). Mizraim, como o Egito foi chamado pelos hebreus, e Ludianos e outro povo antigo (Gn 10:13); e de Canaã a cidade de Sidom e tais tribos famosas como o Jebusitas e o Amoritas (Gn 10:15-18). Semelhantemente, países como Mídia, Ionia (Javã), Tubal e Meseque, e povos nomearam através de adjetivos Pagãos no número plural, como Quitim e Dodanim, é odiado como filhos de Jafé; e Etiópia, Egito, Impele com vara e Canaã, e distritos na Arábia gostam são registrados Seba e Havila como descendentes de Cão (Gn 10:2-7). Além disso, fora de genealogias, em comum linguagem o Israel denota um homem e a tribo que pularam dele; Davi, o rei daquele nome e a dinastia ele fundou (1Rs 12:16; compare Jr 30:9); Nebaiote, umas pessoas e seu príncipe (Gn 25:13, 16; Gn 28:9). Às vezes os objetos pegados familiares seu nome de seu progenitor ou depois o sócio principal; às vezes o nome da tribo ou do país que habita é dado o seu representante principal, como hoje a homens são se dirigidos constantemente pelo sobrenome deles, e nobres são chamados pelo nome do ducado deles ou município. Então, está totalmente conforme uso que Noé, por exemplo, deveria denotar o herói da Inundação e a família para as quais ele pertenceu. A longevidade é o período durante o qual a família teve proeminência e liderança; a idade ao nascimento do filho é a data na história familiar à qual uma família nova originou que no final das contas teve sucesso à posição dominante. Se nenhuma ligação foi omitida construindo o registro, o período da criação de homem para a Inundação está medido pela soma das idades de Adão e os sucessores dele para o Noé e 600 anos da vida de Noé, chegando 8225 anos. Assim, a família de Sete originou quando o Adão tinha 130 anos (Gn 5:3). O Adão e a linha direta dele estavam à cabeça de negócios durante 930 anos (4), quando eles foram substituídos pela família de Sete. Em Sete, 105 anos depois que atingiu, a família de Enos levou Sua elevação (5).

Sete, depois de estar à cabeça de negócios durante 912 anos (6) foi tido sucesso pela família de Enos, pelo ano do mundial 1842. E assim por diante.

Antediluvianos

an-te-di-lu'vi-ans.

1. Cronologia Incerta

De acordo com a interpretação ordinária das mesas genealógicas em Gn 5 foram prolongadas as vidas do antediluviano a uma velhice extrema, Metusala que atinge 969 anos. Mas antes de aceitar estas figuras como uma base de interpretação isto é importante observar que o hebraico, o Samaritano e os textos da Septuaginta tão radicalmente diferem nas somas deles que pode ser colocada provavelmente pouca confiança em qualquer deles. A Septuaginta acrescenta 100 anos à idade de seis dos patriarcas antediluviano ao nascimento dos filhos primogênitos deles. Isto, levado com a grande incerteza conectada com a transmissão de números pelo método hebraico de anotação, faz isto inteligente para fundar conclusões importantes nos dados acessíveis. A interpretação mais provável da mesa genealógica em Gn 5 é aquele determinado pelo recente Professor William Henry Green que mantém que não é pretendido que dá cronologia, e não dá isto, mas só indica a linha de descida, como onde (1Cr 26:24) nós lemos que “Sebuel o filho de Gersom, o filho de Moisés, era regra em cima dos tesouros”; considerando que, enquanto Gersom era o filho imediato de Moisés, Sebuel estava separado de Gersom através de várias gerações. De acordo com a interpretação do Professor Green tudo aquilo que nós podemos deduzir certamente da declaração em hebreu que Adão tinha 130 anos quando ele gerou Sete, é isso àquela idade a linha se ramificou fora qual culminou em Sete, isto sendo permitido, de acordo com uso hebreu, para interpolar tantas gerações de intermediário quanto outra evidência pode compelir.

2. Significado de Genealogias

Como nas genealogias de Cristo nos Evangelhos, o objeto das mesmas em Gênesis é evidentemente não dar cronologia, mas a linha de descida. Esta conclusão é apoiada pelo fato que nenhum uso é feito posteriormente da cronologia, considerando que a linha de descida é enfatizada repetidamente. Este método de interpretação permite toda a elasticidade à cronologia pré-histórica que qualquer arqueólogo pode requerer. Alguns obterão alívio mais adiante da incredibilidade aparente das figuras pela Interpretação de Professor A. Winchell, e PÁG. de T. o Crawford (Winchell, Pre-adamites, 449ff) que o primeiro número dá a idade de vida atual do indivíduo enquanto o segundo dá isso do domínio da família dele, o ser de nome o de dinastias, como César ou Faraó.

3. O Nefilim

O *nephilim* (gigantes) e os homens poderosos nascido de “os filhos de Deus” e o “as filhas dos homens” (Gn 6:4, 5) está de acordo com a melhor interpretação “gigantes em maldade,” a semente de interagir que está entre os descendentes de Sete (“os filhos de Deus” quem chamou no nome de Yahweh, Gn 4:26), e o “as filhas dos homens.” A idéia que “os filhos de Deus” recorre a anjos ou os semideuses não têm nenhum apoio na Bíblia. Nesta designação familiar dos adoradores do verdadeiro Deus vêem Ex 4:22; Dt 14:1; 32, repetidamente.; Is 1:2; Is 43:6; Is 45:11; Os 1:10; Os 11:1. Intérprete com raças depravadas como é intimado aqui produziu os resultados que eram cuidadosos contra a lei Mosaica que proíbe matrimônios com as nações idólatras circunvizinhas. A palavra Nefilim em Gn 6:4 acontece novamente só em Nm 13:33 (na KJV “gigantes”). Mas a palavra mais provavelmente é um termo descritivo que o nome de uma raça. Nas versões gregas mais velhas são traduzidos “os homens violentos.”

4. A Idade do Gelo

Os antediluvianos são, com grande probabilidade, identificados por alguns geólogos (Mister William Dawson, por exemplo) com glacial ou paleolítico cujo implementa e são achados restos enterrados em baixo dos depósitos de inundações glaciais no norte da França, sul da Inglaterra, sul da Rússia, e nos vales do Delaware, Ohio e rios de Missouri nos Estados Unidos da América. Os restos de “paleolítico” os homens revelam só condições de degradação extrema e selvageria nas quais reinaram violências. A população escassa que foi esparramada em cima do hemisfério norte durante as inundações finais do período Glacial morou em cavernas da terra, e afirmou com uma variedade estranha de animais gigantescos que ficaram extintos ao mesmo tempo com os contemporâneos humanos deles. Veja DILÚVIO.

Literatura

Green, “Primeval Chronology,” *Bibliotheca Sacra*, April, 1890; Dawson, *Modern Science in Bible Lands*; B. B. Warfield, “On the Antiquity and the Unity of the Human Race,” *Princeton Theol. Review*, January, 1911; Winchell, *Pre-adamites*; Wright, *Ice Age in North America*, 5th ed.; *Man and the Glacial Period*, and *Scientific Confirmations of Old Testament History*.

Antílope

an'te-lop (RV; na KJV “boi selvagem,” , *ṭō* (Dt 14:5), e “touro selvagem,” , *to* (Is 51:20); *ορυξ*, *orux* (A Septuaginta em Códex

Vaticanus tem *ως σευθλιον ημιεφθον*, *hos seuthlion hemiephthon*, literalmente, “como uma beterraba-raiz meio-cozida”): A gazela de dorcas (dorcas de Gazella) é distribuído amplamente na Síria, Palestina e Arábia. A gazela do Merrill recentemente descoberto (Gazella Merrilli) habita o país montanhoso perto de Jerusalém e geralmente não é distinguido da gazela de dorcas. Provavelmente o único outro antílope dentro desta gama é o oryx árabe (beatrix de Oryx). Tristram cita duas espécies africanas (o antílope de bubaline, mauretânica de Bubalis, e o addax, nasomaculatus de Addax) como existindo na península de Sinai, a Palestina sulista e Arábia, mas ele não colecionaram espécimes de qualquer um e provavelmente enganaram por declarações dos árabes que em ambos os casos realmente recorreram ao oryx. O único naturalista que alguma vez penetrou na Arábia Noroeste é Sr. Douglas Carruthers que participou 1909 em uma expedição colecionando da Faculdade protestante síria a Beirute o ser de objeto dele obter o oryx e qualquer outro antílope grande que poderiam ser achados lá. Por observação e investigação repetida lhe convenceram que o addax nem o antílope de bubaline é achado na Arábia. Tristram diz que o addax é chamado *maha'* e o *bakar-ul-wahsh* de antílope de bubaline, ambos quais nomes são na realidade usados pelos árabes para o oryx que também está de acordo com chumaço chamado Valente *wadr'ahah*.

, *Cᵉbhi* na lista de animais limpos em Dt 14:5 (a KJV “corço”; a Versão Revisada (britânico e americano) “gazela”) é bastante certamente gazela árabe, *zabī* (o qual vêem), assim é bastante possível que, *ᵑʿō* pode ser o oryx. É notável que seja feito oryx (*opuᵑ*) na Septuaginta. Deve ser tido em mente que *reʿm* ou *reʿem*, fez “unicórnio” (o qual vêem) na KJV e “boi selvagem” na Versão Revisada (britânico e americano), pode ser talvez também o oryx. Que o oryx deveria ser chamado através de dois nomes na Bíblia precise não seja considerado estranho, devido à indefinição de idéias de Semítica de história natural que é comprovada diretamente agora pelos três nomes usados para este animal pelos árabes.

A forma ligeiramente diferente para *toʿ* (na KJV “touro selvagem”; a Versão Revisada (britânico e americano) “antílope”) ache em Is 51:20 (“os filhos já desfaleceram, eles mentem à cabeça de todas as ruas, como um antílope em uma rede”) possa totalmente bem como recorra ao oryx sobre qualquer outro animal. De acordo com Gesenius a palavra é derivada do verbo *taʿah*, “correr mais que,” o qual seria apropriado para isto ou qualquer antílope.

A ilustração acompanhante é de uma fotografia de um oryx feminino bem-crescido nos jardins zoológicos no Cairo que é 35 polegadas altas ao ombro e de quem chifres são 21 polegadas longas. Um adulto masculino mede 40 polegadas aos ombros, 59 polegadas de gorjeta de nariz para arraigar de rabo, e os chifres mais longos medida conhecida 27 1/4 polegadas. A cor é puro branco com marrom escuro ou markings preto. É um animal poderoso e seus chifres podem infligir feridas perigosas. Habita os desertos de Arábia e seu notavelmente grande coiceia pareça bem adaptado a atravessar as areias. Alimenta em gramas e em certas raízes suculentas, e o beduíno nunca declara isso bebidas. Debaixo de seu nome de *mahaʿ* é célebre em poesia árabe para a beleza de seus olhos. Compare o homérico “deusa boi-de olhos Hera” *Bow* *pn*). *Bakar-ul-wahsh*, o nome geralmente usado pelo beduíno, meios “vaca selvagem” ou “boi selvagem,” o qual é idêntico com a tradução de *ᵑʿō* na KJV.

Antedon

an-theʹdon: Uma cidade da Palestina, reconstruído junto com Samaria, Asdode, Gaza, e outras cidades, ao comando de Gabinius (Josefo, Antiguidades, XIV, v, 3).

Antotias

an-tho-thiʹja (, *anthothiyah*, “pertencendo a Anatote” [?]: Um filho de Sasaque de Benjamim (1Cr 8:24), escrito na KJV Antothijah.

Antropologia

an-thro-polʹo-ji:

- I. Condições Empregadas
 - II. A Natureza do Homem: Conceção bíblica
 - III. Origem do Homem segundo a Bíblia: Narrativas da Criação
 - IV. Unidade da Raça: Várias Teorias
 - V. Teoria Evolutiva sobre Origem de Homem
 1. Darwinismo
 2. Dificuldades
 3. Objeções
 4. O Novo Evolucionismo
 5. Evolução e Gênese
 - VI. Condições primitivas e Presentes do Homem: Antiguidade do Homem
- Literatura

Debaixo deste título se agrupa qualquer a Bíblia tem que dizer relativo à origem do homem, natureza, destino e tópicos aparentados. Nenhuma doutrina sistematizada relativo a homem é achada na Bíblia; mas são apresentados os grandes fatos sobre natureza humana e seus elementos na Bíblia em idioma popular e não em das escolas. Delitzsch disse bem: “Há uma psicologia claramente definida essencialmente própria para Santa Bíblia que está por baixo de todos os escritores Bíblicos e indiscutivelmente difere daqueles muitos que formaram psicologia que mente fora do círculo de revelação.... Nós não precisamos forçar o ensino Bíblico em primeiro lugar: é a pessoa em si mesmo” (Psicologia Bíblica, 17, 18). O que é dito da psicologia da Bíblia pode com razão boa seja aplicado a sua antropologia.

I. Condições Empregadas

Várias palavras são usadas no Testamento Velho para nossa palavra “Homem.”

1. *Adham*

, *adham*, ou como o nome do primeiro homem, (compare Lc 3:38; Rm 5:14; 1Co 15:45); ou como um apelativo - o homem; ou, como o nome genérico da raça humana (Septuaginta: *anthropos*; Vulgate: *homo*). A origem do nome está obscura. Em Gn 2:7 Adão está conectado com *ʿadhamah*, da parte terrestre da natureza do homem (formado do pó *ʿadhamah*), como nascido da terra. A derivação de Adão para *ʿadhamah*, porém, é disputado - entre outros por Dillmann: (a Gênese, 53). Delitzsch recorre a Josefo (Antig, I, i, 2), que

realmente manteve aquele Adão quis dizer *purros* (“vermelho como fogo”), em referência para a vermelhidão da terra fora de qual o homem foi formado. “Ele quer dizer,” soma Delitzsch, “a terra vermelha maravilhosamente frutífera e aromática do amigo íntimo de Haurã de montanhas que são estimadas de maravilhosamente poder forte e curativo e é acreditado que é ego-rejuvenescente” (*N. Commentary on Gen*, 118). A conexão com Edom em Gn 25:30 pode apontar talvez na mesma direção. Uma conexão também foi buscada com o *admu* assírio (“a criança”), especialmente o jovem pássaro, no senso de fazer ou produzir (Delitzsch; *Oxford Dictionary*); enquanto Dillmann chama atenção a uma raiz Etíope *adma*, “agradável,” “agradável,” “encantando” - uma derivação, porém, o qual ele rejeita. Basta para dizer, que nenhuma certa derivação ainda foi achada para o termo. Evidentemente na palavra terrestre da origem do homem é indicado.

2. Filho do Homem

A frase , *ben-'adham*, “o filho de homem” (Nm 23:19; Jó 25:6; Ez 2:3) freqüentemente é achado para denotar a fragilidade do homem e indignidade à vista de Deus. Assim na passagem muito disputada em Gn 6:2 onde o “os filhos de Deus” é contrastado com o degenerado “as filhas de homens” (*b'noth ha-adham*). Também Veja Sl 11:4; Sl 12:1, 8; Sl 14:2. Por outro lado às vezes é indicada a dignidade do homem na palavra Adão. Assim em Ec 7:28, “Um homem (*adham*) entre mil achei eu: mas uma mulher entre tudo esses me tem não achado.”

3. Enosh

, *'enosh* (Sl 8:4; Sl 10:18; Sl 90:3; Sl 103:15; freqüentemente em Jó e Salmos), tripule na impotência dele, fragilidade, mortalidade (como o grego *brotos*) como contra *'ish*, tripule na força dele e vigor. Em Gn 4:26 a palavra se torna um próprio nome, aplicado ao filho de Sete. Delitzsch deriva isto de uma raiz *anash* (relacionado ao árabe e assírio), significando “ser ou ficar delicado.” intensificar esta fragilidade, nós temos a frase em Sl 10:18, “*'enosh* (o homem) que é da terra.”

4. Ish

(, *'ish*), Septuaginta *aner*, Vulgata, *vir*, macho como contra fêmea, até mesmo entre mais baixos animais (Gn 7:2); o marido como contrastado com esposa (*ishshah*, Gn 2:23, Gn 2:24); o homem na dignidade dele e excelência (Jr 5:1: “busque,... se ye podem achar um homem”); as pessoas de estar de pé (Pv 8:4 onde *'ish* é contrastado com *b'ne 'adham*, “Até você, homens , eu chamo; e minha voz é aos filhos de homens”) - “como o *andres* de Sótão e *anthropoi*, sabedoria que vira o discurso dela para alto e baixo, para pessoas de estar de pé e para o proletariado” (Delitzsch Prov aceso). Delitzsch mantém, que pontos de *'ish* para uma raiz *osh* “ser forte,” e *'ishshah* para *'anash*, como designando a mulher na fraqueza dela (compare 1Pe 3:7: “o recipiente mais fraco”). “Assim *'ishshah* e *'enosh* vêm de um igual talo verbal e noção fundamental” (Delitzsch, *A New Commentary on Gen*, 145). O termo *'ish* às vezes é geralmente usado, como o grego *tis*, o francês em, expressar “qualquer um,” como em Ex 21:14; Ex 16:29.

5. Gebher

, *gebher*, , *gibbor*, tripule na força dele. O termo é aplicado a homens como contrastado com as mulheres e crianças (Jó 3:3), “uma criança masculina,” em oposição a uma fêmea (Septuaginta: *arsen*); também em contraste com não combatentes (Ex 10:11) e em Testamento Novo, veja Mt 8:9; Jo 1:6 onde *anthropos* é usado. Assim nós lemos: “Um homem nem (*gebher*) vista o artigo de vestuário de uma mulher” (Dt 22:5). Os Heróis e guerreiros são indicados especialmente pelo termo em tais frases como “o homem poderoso de valor” (Jz 6:12). Às vezes animais são denotados pelo termo, como em Pv 30:30 (“mais poderoso entre as bestas”); às vezes é aplicado a Deus (Is 10:21) e para o Messias (Is 9:6). Em combinação com *'ish* que dá para intensidade ao significado, como em 1Sm 14:52 “qualquer homem poderoso.”

6. Antropos

Do grego *anthropos* de condição representa homem (kind) geralmente - um ser humano (Mt 12:12; Mc 10:27); entretanto às vezes indica o homem na imperfeição dele e fraqueza (1Co 3:3, 1Co 3:4), em tais expressões como “falar como um homem” (Rm 3:5 na KJV), evangelho “depois de homem” (Gl 1:11), “depois da maneira de homens” (1Co 15:32) etc; ou como mostrando o contraste entre o perecível e o imperecível (2Co 4:16, onde o “o homem externo” é representado como morrendo lentamente, enquanto o “o homem dentro” está sendo a cada dia renovado). Assim Paulo contrasta o “o homem natural” (1Co 2:14), o “o homem velho,” com o “novo” (Rm 6:6; Cl 3:9, Cl 3:10).

7. Aner

Aner, latim: *vir* - o homem no vigor dele como contrastado com mulher na fraqueza dela (1Co 11:3; 1Pe 3:7): às vezes, porém, estando de pé para “os homens em geral” (Mc 6:44: “Eles isso comeu os pães eram cinco mil homens” - *andres*).

II. A Natureza do Homem: Concepção bíblica

1. Condições bíblicas

A idéia Bíblica da natureza do homem pode ser resumida nas palavras de Paulo, “da terra, terreno” (1Co 15:47), como comparado e contrastou com a declaração em Gn 1:27: “Deus criou o homem na própria imagem dele.” Este ato de criação é descrito como o resultado de deliberação especial por parte de Deus - o Divino está levando deliberação com Ele no assunto (Gn 1:26). O homem então é uma

criatura, formada, amoldada pela “terra” e fez depois formada a “imagem de Deus.” Mais que uma palavra é empregada no Testamento Velho para expressar a idéia dele: (1) *bara*; “crie,” uma palavra de derivação incerta, que acontece cinco vezes em Gn 1, para indicar a origem do universo (Gn 1:1), a origem da vida nas águas (Gn 1:24), a origem do homem (Gn 1:27), e sempre com relação ao trabalho criativo de Deus, nunca onde “segundas causas” é introduzido. (2) *yacar*, “moldar,” “formar,” “misturar” (Gn 2:7), “do pó do chão.” (3) *banah*, “construção,” em referência especial para a criação da mulher, “construída da costela” (Gn 2:22).

Pelo homem de interposição especial de Deus se torna um *nephesh hayyah* (“uma alma viva”), onde evidentemente há uma referência à respiração de vida que partes de homem com o mundo animal (Gn 1:20, 21, 24); contudo com esta distinção que “o próprio Deus tomou fôlego nas narinas do homem a respiração de vida” (literalmente, “respiração de vidas,” *nishmath hayyim*). Com uma única exceção que de Gn 7:22, a palavra *neshamah*, “respiração,” é limitado para tripular. Em referência de Trabalho é feito ao ato criativo dele onde Eliú diz: “Há um espírito no homem, e a respiração (*nishmath*) do Todo-poderoso (*shaddai*) eles que entendem” (Jó 32:8); também compare Is 42:5: “Ele... respiração (*neshamah*) até as pessoas.” O homem então é um ser separado do resto de criação e ainda um com isto.

2. Imagem e Semelhança

Esta distinção fica mais clara na declaração na que o homem foi feito a “imagem” (*celem, eikon*), e depois da semelhança (*demuth, homoiosis, similitudo, ou semelhança*) de Deus. A pergunta foi feita se as duas condições diferem essencialmente significando; alguns que mantêm que “imagem” se refere o físico, “semelhança” para o lado ético da natureza do homem; outros que seguram que “imagem” é que é natural ao homem, foi criado com ele, era então como seja timbrado nele (*concreata*), e “semelhança” que era adquirido por ele (*acquisita*); enquanto outros declaram novamente que “imagem” são o concreto e “semelhança” o abstrato para a mesma idéia. Há muito pouco espaço bíblico para estas afirmações. Nem nós podemos aceitar a interpretação, que a imagem de Deus consistiu em domínio em cima de todas as criaturas, uma referência para qual é feito em Gn 1:28.

3. Significando de Condições

Virando à própria narrativa, pareceria que as duas condições não denotam nenhuma real distinção. Em *celem* de Gn 1:27 (“imagem”) só é usado para expressar tudo aquilo que separa o homem do bruto e o une ao Criador. Conseqüentemente, a expressão “em nossa imagem.” Em Gn 1:26, porém, a palavra *demuth* (“similitudo”) é introduzido, e nós temos a frase “depois de nossa semelhança,” como se indicar que a criatura que agüenta a impressão de Deus “imagem” verdadeiramente corresponde dentro “semelhança” para o original, que se assemelha ao arquétipo. Lutero traduziu a cláusula: “Uma imagem que é como até nós” - *ein Bild das uns gleich sei* - e no holandês novo (Leyden) do Testamento Velho por Kuenen, Hooijkaas e outros, é feito: “como nossa imagem, como até nós” - *als ons evenbeeld ons gelijkende*. As duas palavras podem ser levadas então como se levantando a um ao outro na mesma relação em qual cópia ou postos modelo para a imagem original. “A idéia em *celem* - diz Delitzsch - é mais rígido, que de *demuth* mais flutuando e como quem diz mais espiritual: no anterior a noção da imagem original, no posterior o do ideal predomina.” de qualquer modo nós temos autorização bíblica (especialmente veja, Gn 9:6; Tg 3:9) para a declaração, que a imagem é a propriedade inalienável da raça (Laidlaw), de forma que ofensa contra um membro da raça humana está um desecratação do Divino que imagem impressionou no homem. Calvino pôs isto muito claramente: *Imago Dei est integra naturae humanae praestantia* (“A imagem de Deus é a excelência completa de natureza humana”).

4. Perguntas subsidiárias

Outras perguntas foram feitas por Pais da Igreja cedo e por Schoolmen de dias posteriores que podem aqui seja omitido da discussão. Alguns, como Tertuliano, consideravam a “imagem” ser isso próximo do Cristo (futuro de Christi); outros mantiveram aquele Adão foi criado depois da imagem dos Logos (a Palavra, a segunda pessoa na Trindade) que foi impressionado em homem à criação dele. De tudo isso a Bíblia não sabe nada. Lá homem é representado como feito depois da imagem de “Elohim,” do Deus Único e não de uma pessoa da Trindade. Paulo chama os homens “a imagem e glória (*eikon ka doxa*) de Deus” (1Co 11:7). Nós podemos deixar o assunto seguramente descansar lá. A teoria estranha, que a imagem de Deus indica a esfera ou elemento nos quais o homem foi criado, pode ser mencionado sem discussão adicional (nisto vêem Bohl, Dogmatik, 154 e Kuijper, De vleeschwording des Woords).

5. Componentes de Imagem

Nisso que então esta imagem ou semelhança consistem? Certamente em o que é o humano de inalienabilidade - um corpo como o templo do Espírito Santo (a “casa terrestre” de 2Co 5:1), e o racional, inspirando, espírito. Conseqüentemente a personalidade do homem, unindo em para o sobre o qual é, enquanto o separando do em baixo do qual é, o constitui um ser separadamente - um racional, inibido, ego determinado criatura, pretendido pelo Criador dele para companheirismo com Ele. “Os tatos animais o Cosmo e se adapta a isto. Homem sente o Cosmo, mas também pensa isto” (G. H. Lewes, Problemas de Vida e Mente). Luz é lançada no assunto pelo Testamento Novo, e especialmente pelos dois textos clássicos: Ef 4:24 e Cl 3:10 onde o “o homem novo” é chamado “depois que Deus sido criado em retidão e santidade de verdade” e “renovado até conhecimento depois da imagem dele isso o criou.” Conhecimento, retidão e santidade podem ser consideradas completamente originalmente elementos no caráter de homem como projetou por Deus. Semelhança para Deus é então o privilégio de homem acima de tudo criou os seres. O que foi dito absolutamente do Filho de Deus, “Ele é a imagem expressa (caráter) de Deus,” é aplicado para homem o filho criado relativamente não é os só-procriados o Filho. O filho criado era “goste até Deus” (*homo osis*; 1Jo 3:2), e até mesmo na degradação dele busca a promessa de renovação aquela imagem: o eterno, só-procriado o Filho é Deus igual (Fp 2:6, 7), entretanto ele se tornou um criado e foi feito no *homoiomati* de homens. Esta semelhança de homem com Deus somente não é uma idéia Bíblica. Muitas nações antigas parecem ter agarrado isto pensado. A idade dourada do homem foi colocada por eles em um passado longe e apagado, não em um futuro distante. Paulo cita um poeta pagão em At 17:28, “Nós também somos a descendência dele” (Aratus de Soli, na Cilícia, um compatriota do apóstolo). Esta declaração também acontece no hino bonito

para Júpiter, designou a Cleantes, um nativo Estóico de Assos no Troad, e contemporâneo de Aratus. Psicologicamente e historicamente então, a visão de Bíblia está justificada.

III. Origem do Homem segundo a Bíblia: Narrativas da Criação

O Divino que origem de homem é ensinada claramente nos capítulos cedo de Gn, como tem luxúria sido visto.

1. Conta bíblica

São supostas duas narrativas de fontes diferentes para ter sido combinado por um editor desconhecido para formar um não todo muito harmonioso. É o propósito de crítica para determinar a relação na qual eles se levantam a um ao outro e as datas da composição deles. Em ambos homem de contas está a glória de coroamento de criação. A primeira conta (Gn 1:1 por 2:3) é geral, o segundo particular (Gn 2:4-25); no primeiro nós temos uma conta do aparecimento de homem em uma plataforma preparada - uma elevação gradual na balança de existência organizada de caos para cima para o clímax que é alcançado em homem. Lá é reconhecido ordem no procedimento inteiro, representado pelo escritor como um processo que ocupou seis dias, ou períodos, medidos pelo aparecimento e dissipação de escuridão. No primeiro período, perturbação caótica teve sucesso pela separação de luz de escuridão que em sua volta é seguida pela separação de água de terra seca, e para este um segundo período é nomeado. Então gradualmente nos próximos quatro períodos nós temos em sucessão em ordem a elevação de vida vegetal, a formação das criaturas do fundo, do ar, da terra seca. Quando tudo são que o homem preparado é chamado em estar por uma ordem especial do Todo-poderoso. Além disso, enquanto foram produzidas outras criaturas “depois do tipo deles,” homem só como uma concepção sem igual da Divine Inteligência é feito se aparecer na cena, chamado em existência por Divine direto interposição, depois de um Divino tipo, e em distinção de sexo; para homem e esposa, em um capítulo posterior, é chamado pelo mesmo nome: Adão (Gn 5:2). Tal é a extensão da primeira narrativa. Nenhuma maravilha, então, aquele Bíblia chama o primeiro homem em outro lugar “o filho de Deus” (Lc 3:38). Precisa não seja determinado aqui, se a conta é estritamente cronológica, se o “dias” é interlúdios entre períodos sucessivos de escuridão e não períodos de vinte e quatro horas regulados pela subida e pôr-do-sol, ou se a narrativa inteira é mas um poema prosaico de criação, não estritamente preciso, ou estritamente científico.

2. As Duas Narrativas

Na segunda narrativa (Gn 2:2-25) a ordem de procedimento é diferente. O homem aqui não é o clímax, mas o centro. Ele é uma criatura do pó, mas com a respiração de Deus nas narinas dele (Gn 2:7), segurando balanço em cima de todas as coisas, como Deus vice gerente na criação da terra, circulando ao redor dele e submetendo à autoridade dele. A isto é somada uma descrição da casa cedo de homem e dos casa-relação dele. A segunda narrativa parece então na face disto para ser adicional ao primeiro, não contraditório disto: os acordos realmente são longe maiores que as diferenças. “O primeiro pode ser chamado típico, o segundo, fisiológico. O anterior é a conta genérica da criação de homem - de homem a raça, o ideal; o posterior é a produção do homem atual, do Adão histórico” (Laidlaw).

3. Contrastes

As diferenças entre as duas narrativas foram aumentadas por partidários das várias hipóteses documentário. É suposto que eles diferem na moda - o primeiro “exibindo marcas claras de estudo e deliberação,” o segundo ser “fresco espontâneo, primitivo” (Driver, *Genesis*). Eles também diferem em representação, i.e., em detalhes e ordem de eventos - a terra, na segunda narrativa em não emergindo das águas como no primeiro, mas seca e não provido para o apoio de vegetação, e homem que não se aparece último, mas primeiro na cena, seguiu por bestas e pássaros e ultimamente por mulher. É suposto mais adiante que os documentos diferem na concepção deles da Divina interposição e uma escolha conseqüente de palavras, as palavras primeiro empregando, como “criando,” “dividindo,” “fazendo,” “fixando,” que não insinuam nada local, ou sensato na Divina natureza, o segundo ser fortemente antropomorfo - Yahweh representou como “modelando,” “colocando,” “levando,” “construindo,” etc - e, além disso, localmente determinado dentro de limites, limitou aparentemente para um jardim como o domicílio acostumado dele. Sem excluir a pergunta crítica, pode ser respondido que a primeira narrativa é tão antropomorfa quanto o segundo, porque Deus é representado lá como “falando,” “fixando,” (Gn 1:17; Gn 2:17), “se encantando dentro” o trabalho das mãos dele (Gn 1:31), “se dirigindo” as criaturas vivas (Gn 1:22), e “descansando” ao fim (Gn 2:2). Sobre à casa de Yahweh em um jardim limitado, somos nos falados expressamente, não aquele homem foi admitido para a casa do Fabricante dele, mas aquele Yahweh especialmente “plantou um jardim” para o domicílio de homem. A ordem de eventos pode ser diferente; mas certamente a extensão e a pontaria não são.

4. Objeções

Mais sério são as objeções elevadas em chãos científicos. A cosmogonia de Gn foi disputada, e foram feitas comparações elaboradas entre teorias geológicas sobre a origem do mundo e a conta de Mosaico. É suposto em debate que os pontos são o seguinte: geologia sabe de nenhuns “períodos” correspondendo o “dias” de Gênese; “vegetação” em Gn se aparece antes de vida animal, geologia mantém que eles se aparecem simultaneamente; “pesca e pássaros” em Gênesis precederam todos os animais de terra; no registro geológico “pássaros” tenham sucesso “pesca” e é precedido por numerosas espécies de animais de terra (assim o Driver, *Genesis*). Para este uma resposta dobro foi determinada: (1) a conta em Gênese não é científica, ou planejada ser assim: é um prelúdio à história de pecado humano e de Divine redenção, e dá um esboço da origem do mundo e a preparação da terra para homem como o domicílio dele, com aquele conteste à vista. O começar-ponto da narrativa é a criação do universo por Deus; o ponto culminando é a criação de homem na imagem de Deus. Entre estes dois grandes eventos são apresentados certos outros atos de criação em sucessão em ordem a nossa visão, na medida em que eles agüentam no grande tema de pecado e redenção discutido no registro. A pontaria é prática, não especulativo; teológico, não científico. O criação-narrativa inteiro deve ser julgado daquele ponto de vista. Veja COSMOGONIA. (2) as que golpearam muitos cientistas não é tanto a diferença ou desarmonia entre o Mosaico e o registro geológico, como os acordos maravilhosos em geral esboço aparte de discrepâncias em detalhes. Geólogos gostam Dana e Dawson expressaram isto tão claramente quanto Haeckel. O posterior, por exemplo, deu expressão vocal abertamente para o dele “só e admiração sincera da perspicácia principal do legislador judeu em natureza e a hipótese simples e natural dele de criação... que contrasta favoravelmente com a mitologia confusa de criação atual entre a maioria das nações antigas” (História de Criação, eu, 37, 38). Ele chama atenção ao acordo entre a conta de Mosaico que aceita “a ação direta de um Criador construtivo,” e a teoria non-milagrosa de desenvolvimento, já que “a idéia de separação e diferenciação do assunto originalmente simples e de um desenvolvimento progressivo” será achado dentro o “legislador judeu” registro.

5. Origem babilônica

Latterly que foi mantido que Israel era dependente na Babilônia para seu criação-narrativa; mas até mesmo os partidários mais sérios desta visão tiveram que conceder que a primeira introdução de mito babilônico na narrativa sagrada “tem que permanecer um assunto

de conjectura,” e que “é incrível, que o autor de monotheistic de Gn 1, a qualquer data viveu ele, poderia ter pedido emprestado qualquer detalhe, porém despreze, do politeístico épico de Marduque e Tiamate” (Driver, Gen, 31). A declaração de Bauer no Hebraische Mythologie dele, 1802: “Es 1° zu de heut Tage ausser allen gesetzt de Zweifel, dass morrem ganze ein de Erzählung Mythus 1°” (está além de toda a dúvida, que a narrativa inteira é um mito), já não pode ser mantido satisfatoriamente; muito menos a afirmação da que nós temos aqui uma introdução pos exílio mito babilônico ou Persa na narrativa hebréia (compare Van Leeuwen, Antropologia).

IV. Unidade da Raça: Várias Teorias

1. Sua Solidariedade

Pode ser dita a solidariedade da raça para ser como distintamente uma doutrina de ciência como é de Bíblia. É incluído na conta da Criação e do Dilúvio. É afirmado fortemente por Paulo no endereço dele para os atenienses (At 17:26), e é a fundação do esquema Bíblico de redenção (Jo 3:16). A raça humana no Testamento Velho é descrita como “os filhos de Adão” (Dt 32:8 na KJV), como derivado de um par (Gn 1:27; Gn 3:20), como tendo sua origem em um individual (Gn 2:18; cf, 1Co 11:8, onde a mulher é descrita como derivado 'de homem'). Conseqüentemente o termo “o Adão” é aplicado à raça como também para o indivíduo (Gn 1:26; Gn 2:5, 7; Gn 3:22, 24; Gn 5:2); enquanto no Testamento Novo esta doutrina é aplicada à história de redenção - o Cristo como o “segundo Adão” restabelecendo o no qual estava perdido o “primeiro o Adão” (1Co 15:21, 22, 47-49).

2. Várias Teorias

Fora da Santa Bíblia foram seguradas várias teorias sobre a origem, antiguidade e condição primitiva da raça humana. O de poligenismo (pluralidade de origem) achou favor especial, em parte como co-adamitismo, ou descida de raças diferentes de progenitores diferentes (Paracelsus e outros), em parte como pre-adamitismo, ou descida de raças escuro-coloridas de um antepassado que viveu antes de Adão - o progenitor dos judeus e as raças luz-coloridas (Zanini e especialmente la de de Peyrere). Mas nenhuma tentativa séria ainda foi feita dividir a raça humana entre vários antepassados separadamente originados.

3. Visão evolutiva

Porém, a conta Bíblica foi trazida em descrédito por teorias modernas de evolução. Darwinismo em si mesmo não favorece poligenismo; embora muitos intérpretes da hipótese evolutiva dessem isto aquela aplicação. Darwin repudia poligenismo distintamente. Ele diz: “Esses naturalistas que admitem o princípio de evolução sentirão nenhuma dúvida que são descendidas todas as raças de homem de uma única ação primitiva” (Descida de Homem, segundo ed, 176); e em uma página prévia lemos nós: “O homem foi estudado mais cuidadosamente que qualquer outro animal, e ainda há a maior possível diversidade entre juizes capazes, se ele deveria ser classificado como umas únicas espécies, ou corre, ou como dois (Verey), como três (Jacquinot), como quatro (Kant), cinco (Blumenbach), seis (Buffon), sete (o Caçador), oito (Agassiz), onze (Pickering), quinze (o Bory Vincent), dezesseis (Desmoulins), vinte e dois (Morton), sessenta (o Crawford), ou como sessenta-três, de acordo com Burke” (pág. 174).

V. Teoria Evolutiva sobre Origem de Homem

Ciência moderna geralmente aceita teoria de evolução. Darwin nunca deu à hipótese um caráter antes do que teve; mas desde então o dia dele sua aplicação foi ilimitada. “Do orgânico é estendido para o mundo inorgânico; de nosso planeta e o sistema solar para o cosmo, de natureza para as criações da mente de homem - artes, leis, instituições, religião. Nós falamos nas mesma respiração da evolução de seres orgânicos e da máquina a vapor, da impressão-imprensa, do jornal, agora até mesmo do átomo” (Orr, a Imagem de Deus em Homem, 84). E ainda, apesar disto aplicação muito larga e de longo alcance de teoria, os fatores que entram no processo, o método ou métodos pelos quais são obtidos os grandes resultados neste processo, pode ser considerada ainda como debaixo de debate. Sua aplicação para a doutrina de Bíblia de presentes de homem dificuldades séria.

1. Darwinismo

O argumento de Darwin pode ser apresentado na forma seguinte. Em Natureza ao redor de nós há ser observada uma luta para existência para a qual todo organismo está exposto, por meio de que o mais fraco são eliminados e o mais forte, ou melhor-provido fizeram sobreviver. Esse tão sobrevivente pode ser dito metaphorically ser escolhido por natureza para aquele propósito - conseqüentemente o termo “seleção natural,” ajudou nas formas mais altas de vida por “seleção sexual,” debaixo da influência da qual os machos melhor-organizados são preferidos pelas fêmeas, e assim como foi selecionado para propagação das espécies. As propriedades ou características dos organismos tão escolhido é transmitido aos descendentes deles/delas, de forma que com variabilidade indefinida “de algumas formas ou de um no qual vida foi respirada originalmente, infinita forma mais bonito e mais maravilhoso foi, ou está sendo evoluído” (Origem de Espécies, 6° ed., 429). Aplicando este modo de procedimento à origem de homem, é achada a força do argumento para mentir nas analogias entre o homem e o bruto para cima os quais podem ser somados como segue: (1) peculiaridades morfológicas na estrutura dos órgãos corporais, na responsabilidade deles/delas para as mesmas doenças, na semelhança íntima deles/delas como considera tecidos, sangue, etc.; (2) características embriológicas, no desenvolvimento do ser humano, como o bruto, de um óvulo que não difere de e atravessa o mesmo processo evolutivo como isso de qualquer outro animal; (3) a existência de órgãos rudimentares que é considerado que é qualquer um absolutamente inútil em alguns casos prejudicial, freqüentemente produtivo de doença, ou em todo caso de serviço muito leve para o ser humano, apontando atrás então - assim é mantido - para uma ascendência animal na qual estes órgãos podem ter sido necessários; (4) peculiaridades mentais do mesmo caráter, mas talvez não da mesma gama, no bruto como, entretanto em homem podem estar às diferenças entre os dois tão grandes quanto entre “um terreira e um Hegel, um Senhor William Hamilton, ou um Kant”; (5) acordos paleontológicos, mostrar que uma comparação de restos fósseis traz homem civilizado moderno e o antepassado primitivo, antropóide dele em correspondência íntima. Foram introduzidas as experiências de Latterly Friedenthal, com respeito a sangue-transfusão entre o homem e o macaco, no argumento por evolucionistas.

2. Dificuldades

As dificuldades que atacaram teoria são tão grandes que os naturalistas de reputação sujeitaram isto a crítica muito severa que não pode ser desconsiderada. Alguns, como Du Bois-Reymond, declararam abertamente aquele supernaturalism ganhou o dia (“es scheint keine andere Ausnahme übrig zu sein, dem de sich de als Supranaturalismus em dado Arme zu werfen” (compare Bavinck, Gereformeerde Dogmatik, II, 548). Outros, como Virchow, têm ao último pronunciado contra Darwinism como uma hipótese estabelecida, e uma ascendência de símio como um fato aceito (“dem de auf Wege der Especulação 1° der de zu de homem gekommen de Affen-Theorie: tripule eben de hatte assim intestino zu anderen theromorphischen Theorien kommen können, z. B. zu einer

Elefanten-Theorie, einer de zu de oder Schaf-Theorie" - i.e. a pessoa pode bem como fale de uma elefante-teoria ou uma ovelha-teoria ou qualquer outra animal-teoria a partir de uma macaco-teoria). Isto estava em 1892. Quando dois anos depois a descoberta do erectus de pithecanthropus denominado, suposto ser o "elo" entre o homem e os mais baixos animais, veio em discussão, Virchow seguiu como fortemente, que "nem o pithecanthropus nem qualquer outro macaco antropóide mostraram para quaisquer das características de homem primevo." Isto estava em 1896.

A diferença de opinião entre cientistas neste ponto parece ser grande. Enquanto o próprio Darwin que uncompromisingly seguraram à ascendência de símio de homem, vários dos seguidores dele rejeite aquela linha de descida completamente. Isto pode ser visto no volume de Cambridge, dedicado à memória do naturalista britânico. Schwalbe, enquanto instancing Contendem, Adloff, Klaatsch e outros como defendendo uma ascendência diferente para homem, reconhece, entretanto relutantemente, que "a linha de descida desaparece na escuridão da ascendência dos mamíferos," e é inclinado para admitir que "o homem surgiu independentemente" (Darwinism e Ciência Moderna, 134). Duas coisas estão então claras, isto é, aquela ciência moderna não endossa a máxima favorita de Darwin, *Natura non facit saltum*, "Natureza não faz um salto," com que de acordo com Huxley ele "se impediu desnecessariamente" (Sermões Seculares, 342), e que "provavelmente tripule surgiu por uma mutação, quer dizer, por uma variação descontínua de magnitude considerável" (J. A. Thomson, Darwinism e Vida Humana, 123). Concedeu uma ascensão então Na balança de evolução por "salta" ou "elevadores," as palavras de Otto (Naturalismo e Religião, 133) receba um significado novo para esses que aceitam como histórico a tradição registrados nos capítulos cedo de Gênesis: "Não há nada contra a suposição, e há muito para ser dito em seu favor que o último passo, ou salta, era tal um imenso, que trouxe com isto uma liberdade e riqueza de vida de psychical incomparável com qualquer coisa antes do que tinha ido."

3. Objeções

As objeções elevadas contra a teoria de Darwinian estão no threefold principal: (1) sua negação de teleology para o qual substitui seleção natural; (2) sua suposição, que o processo evolutivo está através de gradações lentas e insensíveis; (3) sua afirmação, que avanço orgânico foi absolutamente contínuo da mais baixa forma para o mais alto (Orr, a Imagem de Deus em Homem, 108). Isto pode ser ilustrado um pequeno mais completamente:

(1) Chance Contra Criação

A negação de teleologia está clara e distinta, entretanto Professor Huxley falou de um "teleology mais largo," por qual porém ele simplesmente significou (Críticas e Endereços, 305) que o teleologist podem desafiar o oponente dele para provar aquelas certas mudanças em estrutura não era pretendido que era produzido. Em Darwinism a escolha parece a ele entre chance e criação. Mente, propósito, premeditação, intenção, o Divine orientação e super-intendence é banido do processo evolutivo. O próprio Darwin, entretanto originalmente inclinado chamar a ajuda de um criador (Origem de Espécies, 6ª edição, 429), lamentou posteriormente, que ele "tinha se submetido a opinião pública e usado o termo do pentateuco pelo qual ele realmente quis dizer completamente aparecimento por alguns processo desconhecido" (Vida e Cartas, III, 18).

Admitidamente, Darwin atribuiu muito grande um poder para seleção natural. Ele na Descida de Homem considerou isto "um das maiores omissões" no trabalho dele que "ele não tinha considerado a existência de muitas estruturas que são benéficas nem prejudiciais suficientemente," e que ele teve "provavelmente atribuiu muito à ação de seleção natural na sobrevivência do fittest" (Descida de Homem (2º ed.), 61). Dr. A. R. Wallace, entretanto como Darwin que reconhece a potência de seleção natural, considera que suas operações são largamente negativo. Escrevendo ao amigo dele ele diz: "Natureza não seleciona variedades especiais tanto, como extermina desfavorável" (a Vida de Darwin e Cartas, III, 46). é esta mesma insistência em um método de avanço por gradações lentas e imperceptíveis que se encontraram com oposição forte do mesmo começo. "Seleção natural" o Darwin escreve, "age somente acumulando variações leves, sucessivas, favoráveis; não pode produzir nenhuma grande ou súbita modificação; só pode agir através de passos curtos e lentos" (Origem de Espécies (6ª ed.), capítulo 15). O processo é então de acordo com Darwin completamente fortuito. Este aspecto de non-teleological de Darwinismo é característico de muitos tratados em evolução. Weismann declara com grande clareza e força que a significação filosófica de mentiras de teoria no fato que "forças mecânicas" é substituído para "força diretiva" explicar a origem de estruturas úteis. Otto fala de sua oposição radical com teleology. E ainda um partidário ardente de Darwinismo, Professor J. A. Thomson, admite que "há nenhuma prova lógica da doutrina de descida" (Darwinismo e Vida de Humano, 22) - uma declaração que acha sua contraparte nas cartas de Darwin: "Nós não podemos provar que umas únicas espécies mudaram" (Vida e Cartas, III, 25). Ainda mais claramente, quase epigrammatically que isto é endossado por Professor J. A. Thomson: "O fato de forças de evolução isto em nós: os fatores nos iludem" (Bíblia de Natureza, 153), e novamente: "Seleção natural explica a sobrevivência do fittest, não a chegada do ajuste" (ib 162). Ainda mais extraordinário é a visão expressa por Korchinsky que luta "previne o estabelecimento de variações novas e em postos de realidade do modo de desenvolvimento novo. É bastante um desfavorável que fator vantajoso" (o Otto, Natureza e Religião, 182). Nós estamos sendo conduzidos na realidade lentamente atrás ao teleology que por Darwin foi considerado fatal à teoria dele. Cientistas de alguma reputação estão apaixonado por falar de propósito diretivo. "Onde quer que nós batamos natureza orgânica," diz Professor J. A. Thomson, "parece fluir com propósito" (Bíblia de Natureza, 25); e novamente, "Se há Logotipos ao fim (do processo evolutivo longo que termina em homem) nós podemos estar seguros também era no princípio" (ib 86). Onde há pretenda deve haver funcionamento de mente com propósito e para um fim definido; onde há note pode haver criação no princípio; onde criação é concedida, uma Providência predominando pode ser aceita. Se seleção natural "ameixas secas a árvore crescente"; se é "um diretiva, não um fator de originative" (J. A. Thomson, Darwinism e Vida Humana, 193); se não produz nada, e o processo evolutivo é dependente em forças sem as quais trabalham de dentro e não de, então seguramente o Duque de Argyll tinha razão mantendo (Unidade de Natureza, 272) que "criação e evolução, quando estas condições foram clareadas de confusão intelectual, não é concepções antagônicas mutuamente exclusivo. Eles são harmoniosos e complementares." A narrativa antiga, então, qual posits Deus no princípio, e designa o universo ao ato criativo dele, não é afinal de contas assim são inclinados unscientific como alguns evolucionistas para entender.

(2) variabilidade Indefinido

Variabilidade indefinida, assumida por teoria, não é apoiada por fato. Desenvolvimento indubitavelmente há, mas sempre dentro de limites cuidadosamente definidos: em toda fase o animal ou planta é um organismo completo e simétrico, sem qualquer indicação de uma progressão perpétua do menos para o mais complexo. Reversão para digitar já parece ter um desenvolvimento que procede indefinidamente, e a esterilidade de hybrids parece ser o protesto de Natureza contra elevar variabilidade em uma lei de progressão.

Esteve fora repetidamente pontudo, que variações como eles surgem em qualquer órgão não é de vantagem a seu possuidor: “Um folículo de sebaceous aumentado muito leve, uma espinha minuciosa no nariz de um peixe, um ponto microscópico de ossificação ou consolidação entre os músculos de qualquer animal pôde (quase não) dê para seu possuidor qualquer superioridade em cima de seus companheiros” (Elam, Ventos de Doutrina, 128).

(3) Aberturas existentes

Nem pode ser negado que nenhuma teoria de evolução pudesse atravessar as brechas que parecem existir entre os vários reinos em Natureza. Uma transição gradual do inorgânico para o orgânico, do legume para o reino animal, de uma espécie de planta ou animal para outras espécies, do animal tripular, não é achado em Natureza. Isto é reconhecido por cientistas de reputação. Du Bois-Reymond manteve que há sete grandes enigmas, enquanto indicando um limite de sevenfold a investigação, isto é, **(a)** A existência de assunto e força; **(b)** A origem de movimento; **(c)** A origem de vida; **(d)** O aparecimento de desígnio em Natureza; **(e)** A existência de consciência; **(f)** pensamento inteligente e a origem de fala; **(g)** A pergunta de livre vontade. Outros acharam dificuldades igualmente sérias em uma teoria de descida que ignora a existência de tal abre brecha. Assim, Dr. A. R. Wallace - um upholder forte de teoria de seleção natural - permite que “há três fases pelo menos no desenvolvimento do mundo orgânico, quando alguma causa nova ou poder necessariamente devem ter entrado em ação,” isto é, à introdução de vida, à introdução de sensação e consciência e à introdução de homem” (Darwinism, 474-75).

(4) aplicado ao homem

Quando teoria é aplicada às espécies humanas que as dificuldades são aumentadas enormemente. Psiquicamente, homem é consangüíneo para, contudo imensamente diferente de, o bruto. Consciência, pensamento, idioma (chamou por Max Müller “o Rubicon” entre o humano e o mundo animal), moralidade, não pode ser explicada religião facilmente debaixo de qualquer teoria de evolução. O reconhecimento de obrigações morais, a liberdade de escolha entre alternativas morais, o imperativo categórico de consciência, o sentimento de responsabilidade e a dor de remorso é unaccounted para pela doutrina de descida. O homem está de pé separadamente, enquanto formando psychologically um reino por ele, “infinitamente divergente do stirps de simio” (Huxley, o Lugar de Homem em Natureza, 103) - o enigma do universo, aparte da narrativa Bíblica. Na mesma natureza de coisas o consciente e o inconsciente ele longe separadamente. “A afirmação da diferença entre eles não descansa em nossa ignorância, mas em nosso conhecimento da distinção percebida entre partículas materiais em movimento e consciência interna relacionadas a um ego” (Orr, Homiletic Review, agosto, 1907). Não pode haver nenhuma transição do um para o outro. O “golfo” restos apesar de todas as tentativas para atravessar isto. Partidários fortes de Darwinism reconheceram isto. Assim Dr. A. R. Wallace, mantendo vigorosamente entretanto o “identidade essencial da estrutura corporal de homem com o dos mamíferos mais altos e a descida dele de alguma forma ancestral comum ao homem e os macacos antropóides,” descarta teoria que “a natureza inteira de homem e todas suas faculdades, moral, intelectual, espiritual, foi derivado dos rudimentos deles/delas em mais baixos animais” - uma teoria que ele considera sem assistência através de evidência adequada e diretamente oposto a muitos bem-averiguaram fatos (Darwinism, 461.; Seleção natural, 322ff).

(5) Formas transitivas Ausente

A ausência de formas transitivas é outra dificuldade que golpeia à mesma raiz de Darwinism. Zittel, paleontólogo de reputação, endossou a opinião geral, quando em 1895 em Zurique declarou ele, que as ligações transitivas extintas não são lentamente futuras, menos em “um pequeno e já - diminuindo número.” A derivação do cavalo moderno do “Eohippus,” em qual grande tensão às vezes é posta, quase não pode ser aceito como provou, quando é mantido por cientistas de reputação igual que nenhum “Eohippus,” mas Palaeotherium era o progenitor do animal cuja ascendência está em disputa. E como para homem, a descoberta por Dr. E. Du Bois, na ilha de Java, do topo de um crânio, a cabeça de um osso de perna, poucos dentes de um animal supuseram para ser um homem-como mamífero, não carregue a prova absoluta exigida. Do muito primeiro, opinião foi dividida estranhamente entre naturalistas. Virchow duvidou se as partes pertenceram ao mesmo indivíduo, e considerou os desenhos de Du Bois das curvas de um crânio-esboço para provar a transição gradual do crânio de um macaco para isso de um homem como imaginário. De vinte e quatro cientistas que examinaram os restos quando originalmente apresentou dez pensamentos que eles pertenceram a um macaco, sete para um homem, sete para algum intermediário formam (o Otto, Naturalismo e Religião, 110). Ao Congresso Antropológico segurado a Lindau em setembro, 1899, “Dr. Bumiller leu um papel no qual ele declarou que o suposto ‘erectus de pithecanthropus’ está nada mais que um gibbon, como Virchow imaginou do primeiro” (Orr, em O Expositor, julho, 1910).

4. O Evolucionismo Novo

Evolucionismo está sofrendo uma grande mudança aparentemente. Entre outros Fleischmann, e Dennert na Alemanha submeteram Darwinism a uma crítica aguda e minuciosa. O posterior especialmente, como um cientista, aumentos um protesto forte contra a aceitação da teoria de Darwinian. Ele fecha as pesquisas dele com as palavras notáveis: “A teoria de descida concordou por quase todos naturalistas. Mas apesar de afirmações para o contrário, teoria não tem contudo sido completamente (unzweifelhaft de ganz) provou.... Darwinism por outro lado, i.e. a doutrina de seleção natural por luta para existência, esteve atrás desde o principio forçado a linha” (vom des de Sterbelager Darwinismus, 120). Com vigor igual Professor Hugo de Vries, de Amsterdã, ensinou recentemente um “teoria de mutação,” um termo aplicado por ele para “expresse o processo de origem de umas espécies novas, ou de um caráter específico novo, quando isto acontece pelo método descontínuo a um único passo” (Fechadura, Recente Progresso no Estudo de Variação, 113). espécies Novas, de acordo com De Vries, podem surgir de velho através de pulos, e isto não em tempos geológicos longo-passados, mas no curso de uma vida humana e debaixo de nossos mesmos olhos. Esta teoria de “halmatogenesis,” ou evolução através de pulos e não através de gradações insensíveis, não era desconhecido a cientistas. Lyell que era um convertido lento a Darwinism na Antiguidade dele de Homem, admitiu a possibilidade de “passos largos ocasionais, fraturas em um caso contrário séries contínuas de mudanças de psychical, gênero humano que clareia a pessoa saltou o espaço que separou a fase mais alta da inteligência de unprogressive de animais inferiores do primeiro e mais baixa forma de razão de improvable de homem.” Professor Huxley Plano, um dos partidários mais fortes de Darwinism, reconheceu que “Natureza faz saltos de vez em quando,” e que “umreconhecimento do fato é de nenhuma importância pequena dispondo de muitas objeções secundárias à doutrina de transmutação” (Orr, a Imagem de Deus em Homem, 116). menos conciliatório que De Vries ou Huxley é Eimer que, enquanto repudiando o “chance” teoria de Darwinism, jogos contra isto “definitivamente dirigiu evolução,” e cabos que “seleção natural é insuficiente na formação de espécies” (o Otto, Naturalismo e Religião, 174). Evidentemente a teoria de evolução está sofrendo modificações que podem ter porte importante na interpretação da narrativa de

Mosaico de criação e especialmente na descida de homem. Homem pode então, de um ponto de vista puramente científico, seja um ser completamente novo, não provocado por ascensão lenta e gradual de uma ascendência de símio. Ele pode ter sido apresentado a um salto, não como um semi-animal com impulsos brutos, mas como um ser racional e moral, “interiormente harmonioso, com possibilidades de desenvolvimento sem pecado que só o ato livre dele exterminou.” Se a teoria nova de “mutational” evolução seja aceita, a visão bíblica da origem de homem não será desacreditada certamente.

5. Evolução e Gênese

Isto que muito pode ser concedido razoavelmente, que dentro de certa Bíblia de limites concorda um processo evolutivo. Com respeito aos mais baixos animais o criando (Gn 1:21), ou fazendo (Gn 1:28), não é descrito como um ato imediato de Poder Todo-poderoso, mas como um impulso criativo dado para molhar e terra que não exclui mas bastante chama em operação os poderes que estão no mar e terra seca (Gn 1:11, Gn 1:20, Gn 1:24 na KJV): “E Deus disse, Deixe a terra produzir grama... Deixe as águas produzir a criatura comovente abundantemente.” só está na criação de homem que Deus trabalha imediatamente: “E Deus disse, nos Deixe fazer o homem em nossa imagem... E Deus criou o homem” (Gn 1:26, 27). O passo largo ou salto de Lyell e Huxley, o “halmatogenesis” de De Vries são nomes que na narrativa simples desaparecem antes da oração grávida: “E Deus disse.” os Teólogos de reputação deram uma coloração teísta à teoria de evolução (compare Pederneira, Teísmo, 195ff), já que desenvolvimento não pode ser despropositado ou sem causa, e porque “Natureza é mas efêua cuja causa é Deus.” O golpe mortal que, de acordo com Professor Huxley, o argumento de teleological recebeu de Darwin, pode não ser afinal de contas tão sério. De qualquer modo Deus Kelvin (Senhor William Thomson) em 1871 antes da Associação britânica abertamente alegada para “o sólido e tão bem argumento de irrefragable avançou por Paley... nos ensinando, que coisas todo vivas dependeram de um Criador de everacting e Regra.” Veja EVOLUÇÃO.

VI. Condições primitivas e Presentes de Homem: Antiguidade de Homem

1. O Tempo distância da Origem de Homem

A antropologia mais nova levou a raça humana atrás a uma antiguidade remota. Gama de estimativas ordinária entre 100.000 e 500.000 anos. Computações extraordinárias vão além longe estes números. Haeckel, por exemplo, fala de “Sirius distancia” para o processo evolutivo inteiro; e o que isto significa pode ser conjecturado facilmente. O sol é 92.700.000 milhas longe da terra, e Sirius são um milhão de vezes como longe de nós como nós somos do sol, de forma que a tempo-distância de homem dos muito mais baixos organismos, do primeiro germe ou semente ou óvulo, está de acordo com Haeckel quase incalculável. A raça humana é levada assim atrás por evolucionistas em uma distância imensurável dos habitantes presentes da terra. Várias raças primitivas estão por alguns declarados para ter existido, e são supostos restos fósseis de homem para ter sido achado, enquanto o trazendo em toque com animais extintos. Porém, os tempo-computação de evolucionistas não são compartilhados em geral por cientistas. “Estes milionários receberam um sopro rude a tempo, quando outro Darwin, Senhor G. H. Darwin de Cambridge, demonstrou que as condições físicas eram tais que geologia tem que se limitar a um período de tempo dentro de 100.000 anos” (Orr, a Imagem de Deus, etc., 176). Professor Tait de Edimburgo limitou a gama para não mais que 10.000.000 anos e ele aconselharam os geólogos fortemente para “pressa para cima os cálculos deles.” “eu ousa diga,” ele diz, “muitos de você se familiarizam com as especulações de Lyell e outros, especialmente de Darwin que nos fala aquele até mesmo para uma porção comparativamente breve de recente história geológica, trezentos milhões de anos não bastarão! Nós dizemos, tanto o pior para geologia como no momento entendeu por suas autoridades principais” (Recentes Avanços em Ciência Física, 168). Recentemente, porém, foi chamada atenção a fontes novas de energia no universo como o resultado de rádio-atividade. Duncan, em O Conhecimento Novo, contrastes a velha concepção de acordo com a qual Deus fez o universo e começou isto em um momento definido correr seu curso, com a necessidade que, entretanto não ensina distintamente, pelo menos é inclinado para manter, que o universo é imortal ou eterno, ambos no futuro e o passado (pág. 245). Se esta visão está correta o Darwinian “eternidades” de tempo pode ser considerado restabelecido ao evolucionista. Por outro lado se aparece seriamente aquele Deus Kelvin duvidou a validade destas especulações. Professor Orr escreve: “Em uma comunicação pessoal Deus Kelvin declara a mim que ele pensa isto ‘quase infinitamente improvável’ aquele rádio teve qualquer efeito apreciável no calor e luz da terra ou põe ao sol, e sugestiona isto como ‘mais provável que a energia de rádio pode ter vindo originalmente com relação às temperaturas excessivamente altas produziu por ação gravitacional’ (Homiletic Review, agosto, 1906).

2. Antiguidade de Homem Primevo

Com respeito a homem primevo não há nenhum acordo entre cientistas. Alguns, como Delaunay, de que Mortillet, Quatrefages, acreditou que o homem existiu no Terciário; enquanto outros, como Virchow, Zittel, Prestwich, Dawson, mantêm aquele homem só se aparecido na cena dentro o Quaternário. Como os limites entre estes períodos não é definido bem uma decisão está por nenhuns meios fáceis. Até mesmo se o homem seja achado ter sido um contemporâneo de animais extintos, como o mamute, que a conclusão deste fato igualmente há pouco seria, não aquele homem é tão velho quanto o animal extinto, mas que o animal é tão jovem quanto o homem e que o período nomeou a estes restos fósseis deve ser trazido consideravelmente mais próximo a vida atual.

3. Vários Cálculos

Cálculos baseado nos pedregulhos do Somme, no cone do Tinière, nos turfa-pântanos de França e Dinamarca, em ossos fósseis descobertos em cavernas de Alemanha e França, em delta-formações de grandes rios como o Nilo e o Mississipi, no “middings de cozinha” de Dinamarca, e as lago-habitações de Suíça, deve ser examinado cuidadosamente. Senhor J. W. Dawson, geólogo de grande reputação, fez a declaração deliberada que “possivelmente nenhum destes alcança mais distante atrás que seis ou sete mil anos que de acordo com Dr. Andrews decorreram o fim do pedregulho-barro desde então na América,” e que “o pêndulo científico tem que balançar para trás nesta direção” (História da Terra e Tripula, 293). O “gelo-idade,” antigamente hipoteticamente calculou, tem latterly sido trazido dentro de distância calculável. G. F. Wright, Winchell e outros chegaram à conclusão que o período glacial na América, e, por conseguinte na Europa, não minta mais que uns oito ou dez mil anos atrás de nós. Se tal seja o caso, a antiguidade de homem é trazida dentro de limites razoáveis, e pode não estar, por conseguinte em contradição às declarações Bíblicas neste ponto. Se os cálculos cuidadosos e precisos de Dr. Andrews nas praias elevadas de Lago o Michigan é aceito, então Norte que a América deve ter subido uns 5.500 ou 7.500 anos atrás fora das águas do período Glacial; e nesse caso, a duração do período humano naquele continente é fixa e deve ser reduzida consideravelmente (Dawson, História, etc., 295). Um das mais recentes libertações neste assunto é isso de Professor Russell da Universidade de Michigan (1904), que mantêm que “nós achamos nenhum autêntico e ou bem-atestou evidência da presença de homem na América prévio para ou durante o período Glacial.” Ele é confiante, que “toda a evidência geológica juntou porte assim

longe na antiguidade de homem na América aponta à conclusão que ele veio atrás da época Glacial.” Onde tudo são vagos e os peritos diferem grande precaução é necessária no arranjo de datas e períodos de tempo. Se, além disso, uma submersão pós-glacial comparativamente rápida e relevation aceitaram, como seguram alguns naturalistas, e o homem esteja então na terra, à pergunta pode ser feita razoavelmente, se este apaziguamento não fez “constitua o dilúvio registrado dentro aquele notável 'tronco-livro' de Noé preservou a nós em Gen” (Dawson, op. cit., 290).

4. Cronologia

A cronologia de nações antigas - China, Babilônia, o Egito - foi considerado como subversivo da visão bíblica sobre a idade da raça humana. Mas é um fato famoso que os peritos diferem muito seriamente no ponto. Os cálculos deles/delas percorrem, para o Egito - a partir do reinado de Rei Menes - de 5.867 (Champollion) para 4.455 (Brugsch), e de 3.892 (Lepsius) para 2.320 (Wilkinson). sobre Babilônia Bunsen o começar-ponto coloca para o período histórico em 3784, Brandis em 2458, Oppert em 3540 - uma diferença de milhares de anos (compare Bavinck, Gereformeerde Dogmatik, II, 557). Talvez aqui, também, pesquisa futura trará o científico e a visão Bíblica em harmonia mais completa. De qualquer modo, as palavras de Hommel em todos estes cálculos requerem estudo cuidadoso: “A cronologia durante os primeiros mil anos antes de o Cristo fosse bastante fixo: no segundo mil a.C, alguns pontos parecem ser fixados: no terceiro mil, i.e. antes de 2000 a.C, tudo são incertos.” Nesta conexão pode ser mencionado, que freqüentemente foram feitas tentativas lançar descrédito na cronologia dos capítulos cedo de Gênese. Baste para dizer que os cálculos estão baseados nas genealogias dos patriarcas e os descendentes deles, e que as datas geralmente aceitas nomearam a eles por Arcebispo Ussher e introduziram nas margens de algumas edições da Bíblia não será confiado. A Septuaginta difere neste respeito do texto hebreu por mais de 1500 anos: dados cronológicos precisos não são e não podem ser dados. A base de cálculo não é conhecida. Talvez nós não sejamos nenhuma injustiça distante dizendo que, “se nós permitirmos, diga, de 12.000 a 15.000 anos desde o tempo do primeiro aparecimento de homem na terra, nós faz amplo justiça a todos os fatos disponíveis” (Orr, a Imagem de Deus, etc., 180). Veja CRONOLOGIA.

5. A Condição Primitiva de homem

Que todas estas discussões têm um porte em nossa visão das condições primitivas de homem pode ser entendido facilmente. De acordo com o destino de homem de Bíblia era 'enchia a terra, e subjugue; e tem domínio em cima de peixe, ave e toda coisa viva' (Gn 1:28), como o mordomo de Deus (*oikonomos*, Tt 1:7), como da mesma categoria-trabalhador com Deus (*sunergos*, 1Co 3:9). Conseqüentemente ele foi colocado por Deus no jardim de Éden (*gan be edhen*; Septuaginta *paradeisos tes trophes*; Vulgate *paradisus voluptatis*, “paraíso de delícia”). A situação daquele jardim é descrita cuidadosamente, entretanto os próprios restos de local desconhecido (Gn 2:14, Gn 2:15). Alguns, como Driver, consideram este uma localidade ideal (*a Gênese*, 57); outros levam uma mesma gama extensiva fixando no verdadeiro local. Todo continente foi escolhido como o berço da raça - África, entre outros, como a casa do gorila e o chimpanzé - os progenitores supostos de humanidade. Na América, Groenlândia e as regiões ao redor do polonês de Norte tiveram os partidários deles. Certas partes de Europa acharam favor por alguns trimestres. Uma ilha imaginária - Lemuria - situado entre os continentes africanos e australianos - foi aceitado através de outros. Porém, tudo isso mente além da extensão de ciência, e além da gama de Bíblia. Em algum lugar para o leste de Palestina, e em ou perto de Babilônia, nós temos que buscar para o berço de humanidade. Nenhum rastro de homem primevo foi achado, nem tem a existência de raças primevas sido provou. Os crânios que foram achados (neandertalense, Engis, Lansing) é de um tipo alto, Professor Huxley plano que declara do primeiro, que “pode em nenhum senso seja considerado como o intermediário entre o Homem e os Macacos,” do segundo que é “uma feira, crânio comum que poderia ter pertencido a um filósofo ou poderia ter contido os cérebros irrefletidos de um selvagem” (o Lugar de Homem em Natureza, 156, 157). Do esqueleto de Lansing achado em Kansas, em 1902, pode ser dito isto pelo menos - aparte da pergunta sobre sua antiguidade - que o crânio agüenta semelhança íntima a isso do índio moderno. Até mesmo o crânio do homem de Cro-Magnon, suposto Senhor J. W. Dawson considera que ter levado um cérebro de maior tamanho pertence à idade de paleolítico, que o do homem moderno comum (Reunião-lugar de Geologia e História, 54). O homem Primevo quase não pode ser comparado ao selvagem moderno; para o selvagem é um deteriorou o representante de um tipo melhor que se degenerou lentamente. História não conhece um aparecimento sem ajuda de barbarismo por parte de qualquer tribo selvagem; conhece degradação de um tipo melhor. Qualquer visão que nós levamos do estado original de homem, os pontos seguintes devem ser tidos em mente: nós não precisamos o supor ter sido um macaco humanizado, enquanto subindo em verdadeiro manhood por um processo lento e gradual; nem precisa nós ou o pintamos como um selvagem de tipo pronunciado, ou como em todo senso o igual de homem moderno, “o herdeiro de todas as idades.” Bíblia o representa a nós como um ser moral, “com possibilidades de desenvolvimento sem pecado que o próprio ato livre dele exterminou.” Lá o assunto pode descansar, e as palavras de um Bíblia não canônico podem fitly seja aplicada a ele: “Deus criou o homem para ser imortal, e o fez ser uma imagem da própria eternidade dele” (A Sabedoria de Salomão 2:23, na KJV). Também Veja PSICOLOGIA.

Literatura

Darwin, Origem de Espécies, Descida de Homem; Feche Recente Progresso no Estudo de Variação, etc.; A. R. Wallace, Darwinism, Seleção Natural; Senhor J. W. Dawson, História da Terra e Tripula, Origem de Mundo de acordo com Revelação e Ciência, Reunião-lugar de Geologia e História; O R. Otto, Naturalismo e Religião; Cambridge vol Comemorativo, Darwin e Ciência Moderna; J. H. Stirling, Darwinianismo; O J. Young, Evolução e Desígnio; J. Orr, a Imagem de Deus em Homem; J. A. Thomson, Bíblia de Natureza, Darwinism e Vida Humana; Weismann, Composições em Hereditariedade; Bavinck, Gereformeerde Dogmatik; Van Leeuwen, Bijbelsche Antropologia; Laidlaw, Doutrinas de Bíblia de Homem; O. Zöckler, Vom des de Urstand Menschen; A. Fleischmann; Morra Darwin'sche Theorie; E. Dennert, Vom des de Sterbelager Darwinismus, und de Bibel Naturwissenschaft; Huxley, o Lugar de Homem em Natureza; Herzog, RE, artigos “Geist” e “Seele”; Motorista, Gênese; Delitzsch, Gênese; Dillmann Morra a Gênese, etc., etc.

Antropomorfismo

an-thro-po-mor' fiz'm:

1. Definição do Termo
2. Antropomorfismo no Testamento velho
3. Em Que Senso Um Elemento Antropomorfo é Necessário

4. Antropomorfismo e as Exigências do Pensamento Humano
5. Antropomorfismo e Teísmo
6. Formas simbólicas de Pensamento
7. Panteísmo filosófico
8. O Antropomorfismo Personalizou ou Mediou Conhecimento
9. De Politeísmo grego para Monoteísmo Ético Moderno
10. Pensamento de grego
11. Antropomorfismo de Israel
12. Natureza do Dobre da Dificuldade Antropomorfa
13. Precise de Subindo mais Alto
14. Deus em Cristo a Verdadeira Solução

1. Definição do Termo

Por este termo é significado, conformemente com seu significado etimológico, i.e, como estando na forma ou semelhança de homem, a atribuição para Deus de forma humana, partes ou paixões, e a tomada de passagens da Bíblia que falam de Deus como tendo mãos, ou olhos, ou orelhas, em um sentido literal. Este procedimento antropomorfo estimulou o Divino tão cedo repreensão como Sl 50:21: *“Estas coisas tens feito, e eu me calei; pensavas que na verdade eu era como tu; mas eu te argüirei, e tudo te porei à vista.”*

2. Antropomorfismo no Testamento velho

Medo do custo de antropomorfismo teve estranhamente um efeito de impedimento em muitas mentes, mas muito desnecessariamente assim. Até mesmo que armazém rico de antropomorfismo aparentemente cru, o Testamento Velho, quando designar a Deidade caráter físicos, atributos mentais e morais, como esses de homem, pretendem fazer para a Divina natureza e operações inteligível, não transferir a Ele os defeitos e limitações de caráter humano e vida, somente.

3. Em Que Senso um Elemento Antropomorfo É Necessidade

Em toda forma realmente teístas de religião, há um presente de elemento antropomorfo, porque todos eles pressupõem a verdade psicológica de uma certa semelhança essencial entre Deus e o homem. Nem, aperfeiçoemos como nós podemos nossa idéia teísta ou concepção da Deidade, nós, no reino do espírito, eliminamos o elemento antropomorfo envolvido nesta suposição sem a qual religião isto não seja já completamente. É da essência da consciência religiosa reconhecer a analogia que subsiste entre as relações de Deus para homem, e as relações de homem para o companheiro dele. Nós somos advertidos fora de falar de “o Divino vai” ou “o Divino propósito,” como muito antropomorfo - saboreando muito de humanidade simples e psicologia de humano - e é bidden só falam de “o Divine imanência” ou “o Divine fundamentou de nosso ser.”

4. Antropomorfismo e as Exigências do Pensamento Humano

Mas estas objeções especulativas realmente pulam de uma interpretação rasa dos fatos primários de consciência humana que, no reino mais fundo de experiência interna, reivindicações o indefeasible corrigem para falar da Divina natureza em condições humanas, como pode ser melhor possível a nosso ser. O próprio dever ou função de filosofia são levar conta devida de tal dirija e fatos primários de nossa natureza: não podem ser alterados os fatos basais de nosso ser para vestir a conveniência dela.

5. Antropomorfismo e Teísmo

Se nós fôssemos interpretar o impalpável e Energia de onipresente da qual todas as coisas procedem, em termos de força, então, como disse Floco, “há menos antropomorfismo que espregue na frase escassamente 'Poder Infinito', que na frase 'a Pessoa Infinita.' ” Além de qual, a alma de homem nunca poderia estar contente com a frase anterior, para a alma quer mais que dinâmica. Mas se nós designamos a Deus certos atributos de acordo com as propriedades todas as natureza e manifestações, foi ajudar purgue nossa concepção de Deus de elementos antropomorfos censuráveis. As exigências de pensamento de humano nos exigem que simbolizemos a natureza da Deidade de algum modo de psíquico por meio de que Ele terá para nós algum real significado; conseqüentemente essas formas quase pessoais ou antropomorfas de expressão que infere no a maioria aperfeiçoou concepções da Deidade, como também nas idéias cruas de espiritismo. E se todo o antropomorfismo poderia ser dissipado por nós, nós devemos no processo demoliu teísmo - um sério bastante assunto para religião.

6. Formas simbólicas de Pensamento

Até mesmo fala foi declarada para ser um símbolo sensual que faz conhecimento de Deus impossível. A tal uma extensão as objeções hiperativo-críticas têm a antropomorfismo sido apertado. Símbolo do Divine, fala pode, neste senso, seja; mas é um símbolo por meio de que nós podemos marcar, podemos distinguir ou podemos discernir o super-sensato. Assim nossas concepções abstratas estão por nenhuns meios sensuais, porém o idioma pode ter partido originalmente de uma significação sensual. Conseqüentemente, seria um engano para supor que nosso conhecimento de Deus tem que permanecer antropomorfo em conteúdo, e não pode pensar o Ser Absoluto ou Essência economiza em forma simbólica. É uma lei desenvolvente de religião - a partir de espírito em geral - que o espiritual sempre cresce mais claramente diferenciado do simbólico e sensual. O fato que nosso conhecimento de Deus é suscetível de avanço não faça para a idéia de Deus um meramente relativo. A semelhança de Deus para tripular, em relação aos atributos e elementos essenciais a espírito pessoal, deve ser pressuposto como uma realidade fundamental do universo. Em deste modo ou sente, então, qualquer verdadeira idéia de Deus necessariamente deve ser antropomorfa.

7. Panteísmo filosófico

Nós não podemos provar de qualquer maneira direta - psicológico ou histórico - aquele homem realmente foi feito na imagem de Deus. Mas não há nenhuma maneira de duvide que, por outro lado, o homem sempre fez Deus dentro o dele (homem) própria imagem. Homem pode fazer nenhum caso contrário. Porque ele purgou as concepções dele de Deidade depois de padrão humano, e já não se preocupa muito para falar de Deus como uma Deidade ciumenta ou arrependida ou punitiva, como pode ser o caso, isto, contudo por nenhuns meios segue que “o testamento de Deus” e “o amor de Deus” deixaram de ser de interesse vital ou importância primária pela consciência religiosa. Os poderes construtivos de todo o homem - intelectual, aestetical, ético, e espiritual - combine evoluindo tal um ideal, e acreditando nisto como o pessoal Absoluto, o Ideal-real no mundo de realidade. Até mesmo nas formas de panteísmo filosófico, os fatores que jogam na vida pessoal de homem não deixaram de se projetar nas concepções de panteístico dos processos cósmicos ou o ser do mundo.

8. Antropomorfismo Personalizou ou Mediou Conhecimento

Mas o homem está fazendo de Deus dentro o dele (homem) própria imagem leva só porque coloque Deus fez o homem na própria imagem dele. Para o Deus quem o homem se traz, é, antes de todas as coisas, real - nenhuma mera construção do intelecto dele, nenhuma figura ou invenção da imaginação dele, mas o prius de todas as coisas, o Primitivo, Realidade de Originative. Assim nós vemos que qualquer insuficiência que pula fora do caráter antropomorfo de nosso conhecimento religioso ou concepções não é tão séria como que poderia ser suposto à primeira vista, desde que somente é devido ao caráter necessariamente personalizado ou mediado de todo nosso conhecimento. Para toda nossa experiência é experiência humana, e, naquele senso, antropomorfo. Só a timidez mais lamentável será assustada pela palavra “antropomorfismo,” que não precisam ter o menos efeito de impedimento em nossas mentes, desde, no território de espírito, nossas concepções são purgadas de mancha antropomorfa ou cor, o mais puro nossa consciência humana se torna.

9. De Politeísmo grego para Monoteísmo Ético Moderno

Dizer, como fizemos nós, que todo o conhecimento é antropomorfo, é reconhecer seu caráter parcial, falível, progressivo ou desenvolvendo. É precisamente porque isto é verdade de nosso conhecimento de Deus que nossas concepções melhoradas e aperfeiçoaram de Deus é a característica mais significativa no progresso religioso de humanidade. Só em curso da marcha religiosa longa, em que pensamento atirou para cima pelo peso de superincumbente de politeísmo grego em monoteísmo, e emergiu afinal no monoteísmo severamente ético de nosso tempo, tem religião sido tirado gradualmente de seus vestuários antropomorfos mais crus. Não pode muito claramente seja entendido que o ideal religioso que o homem formou na concepção da Personalidade Absoluta, é um que está arraigado no reino de realidade. Não caso contrário que como uma unidade metafísica enlata Deus seja conhecido por nós - inteligível só na luz de nossa própria experiência inibida.

10. Pensamento grego

É um mero moderno - abuse do termo antropomorfo que tenta anexar isto, como um termo de repreensão, para todo hipotético empreenda moldar uma concepção de Deus. Nos dias dos gregos, era só a atribuição aos deuses de humano ou forma corporal que levaram Xenophanes a reclamar de antropomorfismo. Este Xenofanes levou para ser naturalmente um ilegítimo empreenda elevar um tipo particular de ser - uma forma do finito - no lugar do Infinito. Conseqüentemente ele declarou, “há um Deus, maior de todos os deuses e homens que são nem não gostar a criaturas mortais em forma nem em mente.”

11. Antropomorfismo de Israel

O antropomorfismo progressivo da Grécia é visto humanizando os deuses que na reivindicação que “os homens são deuses mortais,” sendo a idéia, como disse Aristóteles, que os homens se tornam deuses através de mérito transcendente. O antropomorfismo da Grécia não busca em contraste completo com o antropomorfismo de Israel que era propenso para formar sua Deidade a semelhança de qualquer coisa nos céus nesta exaltação da natureza do homem, mas depois de algo na terra em baixo. Certos professores de ciência foram principalmente responsáveis pelo recente e repreensível uso do termo, tão familiar a nós para os quais nós não devemos nenhuma gratidão particular por eles.

12. Natureza dobro da Dificuldade Antropomorfa

A dificuldade antropomorfa é um dobro. Religião como mostrou há pouco, tem que permanecer antropomorfo no senso que nós não podemos adquirir liberta de imputar para o universo as formas de nossa própria mente ou vida, desde que religião está arraigada em nossa experiência humana. Como indicamos já nós, porém, religião está em nenhum caso pior naquele respeito que ciência. Para nada é mais inativo que a pretensão que ciência é menos antropomorfa que religião - ou filosofia qualquer um - como se ciência não fosse, igualmente com estes, um resultado e manifestação de pensamento humano! Seguramente é muito óbvio que o cientista, em qualquer conhecimento de realidade pode ganhar ele, possa, não mais que religionista - ou o metafísico - salto fora a própria sombra dele, ou faz fuga das labutas da própria natureza dele e poderes. Para conhecimento de qualquer tipo - se religioso ou científico ou filosófico - um certo verdadeiro antropomorfismo é necessário, para isto é da essência de racionalidade. Natureza da qual ciência professa um conhecimento, realmente é uma imagem artificial, como até seu fabricante humano. Diga que ciência, isto é o objetivamente real de ciência - uma cognição que, criticamente, é só subjetiva válida. Há nenhum outro modo pelo qual ciência pode conhecer o ser do mundo que depois do padrão humano. Porém, é um assunto sério que este elemento humano ou fator penetrou freqüentemente indevidamente do Divino reino, enquanto subordinando isto e arrastando isto até pontarias humanas e concepções.

13. Precise de Subindo mais Alto

Conseqüentemente surge o segundo aspecto da dificuldade antropomorfa que é a necessidade de livrar religião de tendência antropomorfa, desde que pode ser nenhum revelar satisfatório de verdade, tão longo como seu antropomorfismo mais não refinado contrai ou domina realidade às condições de um tipo particular de ser. Está perfeitamente claro que religião cuja toda pontaria é criar o homem além das limitações do ser natural dele, nunca pode perceber seu fim, tão longo como permanece completamente dentro da esfera humana, em vez de ser algo universal, transcendente, e independente. Isto é precisamente por que religião vem dar para a vida de homem a exaltação espiritual por meio de que sobe a um centro de gravidade novo - um verdadeiro centro de imediação - no universo, elevações, realmente, além de tempo e sua própria finitude para uma participação na vida universal e transcendente do Eterno. Faz assim sem sentir necessidade para render à tendência antropomorfa por nosso tempo atribuir uma necessidade em Deus para um objeto amar, como se a perfeição egoística dele não fosse capaz de perceber o ideal infinito de amor em si mesmo, e sem dependência em tal objeto.

14. Deus em Cristo a Verdadeira Solução

Nós afirmamos que Deus em Cristo, revelando o fato da semelhança do homem que é eterno em Deus, descobriu o verdadeiro antropomorfismo de nosso conhecimento de Deus - está com respeito aos atributos essenciais e elementos de espírito pessoal. É fácil ver como as atribuições cedo para Deus da forma e sócios do corpo humano, e outros acompanhamentos dispensáveis surgiram de personalidade. As representações bíblicas sobre a mão de Deus, olho, e orelha, foram declaradas por Calvino para ser, mas adaptações para o progresso espiritual lento de homens - um modo infantil de conversa, como Calvino põe isto, assim de enfermeira para crianças. Mas nós temos finamente claro de antropomorfismo essencial, com Is 55:8, nos reconhecemos completamente aquele Deus “pensamentos não são” nossos “pensamentos,” nem os “modos” Deus nossos “modos.”

Literatura

E. Caird, *Evolução de Religião*, 1893; J. Martineau, *UM Estudo de Religião*, 1889; J. Fiske, *A Idéia de Deus*, 1901; J. Orr, *a Imagem de*

Deus em Homem, 1905; D. B. Purinton, Teísmo Cristão, 1889; J. Lindsay, Recentes Avanços em Filosofia Teísta de Religião, 1897; Estudos em Filosofia européia, 1909.

Anticristo

an'ti-krist (α, *antichristos*):

- I. No Testamento Velho
 - II. No Testamento Novo
 - 1. Os Evangelhos
 - 2. Epístolas de Paulinas
 - 3. Epístolas de João
 - 4. Livro de Revelação
 - III. Em Escritas Apocalípticas
 - IV. Em Escritas de Patrísticas
 - V. Visões Medievais
 - 1. O Cristão
 - 2. Judeu
 - VI. Visões de pos-reforma
- Literatura

A palavra “anticristo” só acontece em 1Jo 2:18, 22; 1Jo 4:3; 2Jo 1:7, mas a idéia que a palavra carrega freqüentemente aparece na Bíblia.

I. No Testamento Velho

Anticristo no Testamento Velho

Como no Testamento Velho foi sugerida só a doutrina relativa à Cristo, não desenvolveu, assim é isto com a doutrina do Anticristo. Que o Messias deveria ser o Logos divino, a única expressão adequada de Deus, somente foi indicada a, não declarou: assim o Anticristo foi exibido como o oponente de Deus em lugar do ungido. Nos livros históricos do Testamento Velho achamos nós “Belial” usado como se um oponente pessoal de Yahweh; assim escandalosamente mal é chamado na KJV “os filhos de Belial” (Jz 19:22; Jz 20:13), “a filha de Belial” (1Sm 1:16), etc. A Versão Revisada (britânico e americano) traduz a expressão em um senso abstrato, “os companheiros básicos,” “a mulher má.” Em Dn 7:7, 8 há a descrição de um grande império pagão, representada por uma besta com dez chifres; seu antagonismo cheio para Deus é expressado em um pequeno décimo primeiro chifre que teve “uma oração de boca grandes coisas” e “fez guerra com os santos” (Dn 7:8, 21). Ele o 'Antigo de Dias era destruir, e o reino dele seria dado um 'o Filho de Homem' (Dn 7:9-14). Semelhante mas ainda diferindo em muitos pontos é a descrição de Antioco Epifanes em Dn 8:9-12, Dn 8:23-25.

II. No Testamento Novo

1. Os Evangelhos

Nos Evangelhos como são consideradas as atividades de Satanás especialmente dirigidos contra Cristo. Na Tentação (Mt 4:1-10; Lc 4:1-13) o Diabo reivindica o direito para dispor de “todos os reinos do mundo,” e tem a reivindicação dele admitida. A tentação é uma luta entre o Cristo e o Anticristo. Na parábola das Taras e o Trigo, enquanto Ele isso semeou a semente boa é o Filho de Homem, ele isso semeado as taras é o Diabo que é assim o Anticristo (Mt 13:37-39). Nosso Deus sentia isto o mais agudo de insultos que os milagres dele deveriam ser atribuídos a ajuda Satânica (Mt 12:24-32). Em Jo 14:30 há referência para o “o Príncipe deste Mundo” quem “nada” tem em Cristo.

2. Epístolas Paulinas

As epístolas Paulinas apresentam uma forma mais desenvolvida da doutrina. Na esfera espiritual Paulo identifica o Anticristo com Belial. “Que acordo há entre Cristo com Belial?” (2Co 6:15). 2 Tessalonicenses, escrito cedo, dispõem evidência de uma doutrina consideravelmente desenvolvida que geralmente é aceita entre os crentes. A exposição de 2Ts 2:3-9 nos quais Paulo exhibe o ensino dele no 'o Homem do Pecado', é muito difícil, como pode ser visto do número de tentativas contraditórias a sua interpretação. Veja o HOMEM DO PECADO. Aqui nós indicariamos o que parece a nós a visão mais plausível da doutrina Paulina. Tinha sido revelado ao apóstolo pelo Espírito que a igreja seria exposta a uma mais tremenda agressão que qualquer que ainda tinha testemunhado. Uns doze anos antes da epístola foram escritos, o mundo romano tinha visto em Calígula portento de um imperador furioso. Calígula tinha reivindicado ser adorado como um deus, e teve um templo erguido a ele em Roma. Ele foi mais distante, e exigiu que a própria estátua dele devesse ser montada no templo em Jerusalém para ser adorado. Como poderia ser esperadas causas semelhantes produzir efeitos semelhantes, Paulo, interpretando “o que o Espírito que estava nele significou,” pode ter pensado em uma mocidade, a pessoa criou na púrpura que, elevou o terrível, isolando dignidade de imperador, possa, como Calígula, seja golpeado com loucura, possa, como ele, demanda que a Divina honra, e poderia ser possuído com uma sede para sangue tão insaciável quanto seu. A fúria de tal um maníaco empossado vai, com muito grande probabilidade, seja dirigido contra esses que, como os cristãos, recusaria tão teimosamente quanto os judeus lhe dêem a Divina honra, mas não era numeroso bastante fazer os funcionários romanos pausar antes de proceder a extremidades. Tão longo como viveu Claudio, a manifestação de Anticristo disto “sem lei” era contida; porém, quando o imperador velho deveria falecer, ou o tempo de Deus deveria designar que “sem lei” seria revelado, quem o Deus vai “mate com a respiração da boca dele” (2Ts 2:8).

3. Epístolas de João

Embora muitas das características do “o Homem de Pecado” foram exibidas por Nero, contudo o reino Messiânico não veio, nem fez o Cristo retorno para as pessoas dele à morte de Nero. Escrevendo depois que Nero tinha caído, o apóstolo o João que, como sobre observou, só dos usos de escritores de Testamento Novos o termo, nos apresenta com outra visão de Anticristo (1Jo 2:18, 22; 1Jo 4:3; 2Jo 1:7). Da primeira destas passagens (“como ye ouviram aquele comentário de anticristo”), é evidente que a vinda de Anticristo geralmente era um evento se antecipado pela comunidade Cristã, mas também está claro que o apóstolo compartilhou, mas uma extensão limitada nesta expectativa popular. Ele pensou a atenção de crentes precisou ser dirigida às forças de anticristão entre as que

estavam no trabalho bastante e ao redor deles (“iguala agora tenha... surgido muitos anticristos”). De 1Jo 2:22; 1Jo 4:3; 2Jo 1:7 que nós vemos que o apóstolo considera visões errôneas da pessoa de Cristo como o real Anticristo. Para ele o Docetismo (i.e. a doutrina que o corpo de Cristo era só um parecendo) Gnosticismo, e os elementos de Ebionismo (o Cristo era só um homem), eram mais seriamente ser que perseguição.

4. Livro de Revelação

No Livro de Revelação a doutrina do Anticristo recebe um desenvolvimento adicional. Se a data tradicional do Apocalipse será aceita, foi escrito quando tinha a calmaria que seguiu a perseguição de Nero dado lugar a isso no reinado do César de Domiciano - “o Nero calvo.” O apóstolo sente o sistema imperial inteiro agora para ser uma encarnação do espírito de Satanás; realmente da identidade dos símbolos, sete cabeças e dez chifres, aplicado ambos para o dragão (Ap 12:3) e para a Besta (Ap 13:1), ele parece ter considerado o *raison d'être* do Império romano achado em sua encarnação de Satanás. Os dez chifres são pedidos emprestado de Dn 7, mas o sete ponto de cabeças, como visto de Ap 17:9, para as “sete colinas” na qual Roma fundada. Porém, não só na Besta, mas também a “imagem da besta” ser considerado (Ap 13:14, 15). Possivelmente isto simboliza o culto de Roma, a cidade que é considerada como uma deusa, e adorada por toda parte com templos e estátuas do império. Do fato que o vidente dota a Besta com a que sai da terra “dois chifres gostam até um cordeiro” (Ap 13:11), o apóstolo deve ter tido na mente dele algum sistema de ensinar isso se assemelhado ao Cristianismo; sua relação para Satanás é mostrada por sua oração “como um dragão” (Ap 13:11). O número 666 determinado à Besta (Ap 13:18), entretanto presumivelmente prontamente entendido pelo público imediato do escritor, tem provocado um enigma capaz de muitas soluções ser agora nada prontamente solúvel. A explicação favorita *Neron Kesar* (o Nero César) que veste numérico fica absurdo quando insinuar a atribuição de sete cabeças e dez chifres. Há nenhuma necessidade para fazer o cálculo em hebreu; o aritmograma correspondente no Sib Ou, 1:328-30 em qual 888 postos para *lesous*, é interpretado em grego. Nesta hipótese teremos, uma sugestão preservada por Irineu (V, 30) vestiria. Se nós seguimos a analogia de Daniel que influenciou o Apocalipse tanto que o Anticristo de João deve ser considerado como não uma pessoa, mas um reino. Neste caso deve ser o Império romano que é significado.

III. Em Escritas Apocalípticas

Anticristo nas Escritas Apocalípticas

Embora do preconceito escatológico deles esperasse a pessoa que as Escritas Apocalípticas judias estariam cheio do assunto, mencione do Anticristo só acontece em alguns dos apocalipses. A certa notificação mais cedo é achada nos livros Sibílicos (1:167). Somos-nos falados lá que “Belial virá e trabalhará maravilhas,” e “que ele pulará do Sebasteni (Augusti)” uma declaração que, levado com outras indicações, inclina a pessoa à convicção que as demandas furiosas de Calígula, eram, quando isto foi escrito, enquanto ameaçando os judeus. Há referências a Belial no XII o Código Sacerdotal (P), o qual, se a data designasse a eles por Dr. Charles, i.e., o reinado de João Hircano I, seja assumido como correto, é mais cedo. Pessoalmente nós duvidamos a precisão desta conclusão. Mais adiante, como Dr. Charles admite a presença de muitas interpolações, embora a pessoa pudesse consentir às opiniões dele sobre o núcleo do XII o Código Sacerdotal (P), contudo estas passagens de Belial poderiam estar devido ao interpolator. Só em uma passagem é “Belial” *antichristos* como distinto de *ant theos*; Dn 5:10, 11 (a tradução de Charles), “E lá subirá até você da tribo de Judá e de Levi a salvação do Deus, e ele fará guerra contra Belial, e executa vingança perpétua aceso nossos inimigos, e o cativo ele levará de Belial e volta corações desobedientes até o Deus.” Dr. Charles pensa que ele acha um eco desta última cláusula em Lc 1:17; mas o caso pode não ser a conversação?

A exposição mais cheia das idéias associada com o anticristo nas décadas cedo de história Cristã será achada na Ascensão de Isaías. Nisto somos nos falados que “Belial” (Belial) entraria em “o rei de matricídio” (Nero), que trabalharia grandes maravilhas, e faz muito mal. Depois da terminação de 1332 dias durante os quais ele perseguiu a planta que os doze apóstolos do Amado plantaram, “o Deus virá com os anjos dele e com exércitos do santo dele do sétimo céu, com a glória do sétimo céu, e ele arrastará Belial em Geenna e também os exércitos dele” (Dn 4:3, 13, a tradução de Charles). Se a data à qual era suposto que Belial entrava em Nero era a noite na qual o grande fogo em Roma começou, então o espaço de poder dado a ele é muito curto antes de 89 dias. Do queimar de Roma até a morte de Nero eram 1421 dias. Será notado que há nenhum sinal do escritor ou tido sido influenciado por Paulo ou Apocalipse. Como ele esperou a vinda do Deus para ser a causa imediata da morte de Nero, nós datamos o escrevendo alguns meses antes daquele evento. Parece dispor o contemporâneo e evidência independente das visões entretidas pela comunidade Cristã sobre Anticristo assim.

IV. Em Escritas de Patrístico

Referências de Patrístico para Anticristo

Dos escritores de patriótico, Policarpo é o único dos Pais Apostólicos que se referem diretamente ao Anticristo. Ele cita as palavras de João, “e todo espírito que não confessa que Jesus Cristo entrou na carne é o Anticristo” (7), e considera Docetismo como Anticristo no único senso prático. Barnabé, embora não usando o termo, insinua que o quarto império de Daniel é o Anticristo; isto ele parece identificar com o Império romano (Dn 4:5). Irineu é o primeiro escritor conhecido para se ocupar com o número da Besta. Enquanto olhando com algum favor em *Lateinos*, ele prefere *Teitar* como o nome pretendido (Dn 5:30). A visão dele é interessante como mostrando a convicção que o aritmograma seria interpretado pelos valores gregos das cartas. Podem ser respigados mais pormenores sobre as visões prevalecer de Hipólito que tem um trabalho especial no assunto no qual ele exhibe os pontos de semelhança entre o Cristo e o Anticristo (No Cristo e Anticristo, 4.14.15. 19.25). Neste trabalho achamos nós a afirmação que o Anticristo cresce das condições de Jacó está abençoando a Dã. Entre outras referências, a idéia de Commodian (250 d.C) aquele Nero subido do morto era ser o Anticristo tem que ser notado. No comentário em Revelação atribuído a Victorinus de Petau há, inseriu por uma mão posterior, uma identificação de Genserico com o “Besta” daquele livro. É evidente que pequena luz será ganha no assunto de fontes de patrístico.

V. Visões Medievais

Muita necessidade de tempo não seja gastada nas visões medievais do Anticristo em qualquer um dos dois fluxos nos quais fluiu, Cristão e judeu.

1. O Cristão

O Cristão estava principalmente ocupado achando métodos de transformar os nomes desses quem os escritores monacais detestaram em uma forma que admitiria do ser deles pensou 666. O nome favorito para isto espécies de tortura eram naturalmente Maometista (o

Maomé). Gregório IX não achou nenhuma dificuldade acomodando o nome de Frédérico II para permitir a identificar o grande antagonista dele com “a besta que sai para cima do mar”: esta identificação que o imperador replicou no papa. Rabanus Maurus dá uma conta completa de que Anticristo era fazer, mas sem qualquer tentativa para etiquetar qualquer contemporâneo com o título. Ele era trabalhar milagres e reconstruir o templo em Jerusalém. A visão posteriormente tão geralmente seguiu por protestantes que o papado era o Anticristo teve seus representantes entre as seitas denunciadas pela hierarquia como herético, como o *Kathari*. Em vários períodos foi espalhado o rumor que o Anticristo já teve nascido. Às vezes era dito que o local de nascimento dele era a Babilônia, às vezes esta distinção foi outorgada para a Babilônia mística, Roma.

2. Judeu

As visões judias tiveram pouco efeito em especulação Cristã. Com o Anticristo de Talmudes foi nomeado Armilus, uma variação de Romulus. Roma é pretendida evidentemente principalmente, mas o Anticristo foi dotado de atributos pessoais. Ele faz guerra contra o Messias, filho de José, e o mata, mas é destruído em troca por Messias, Filho de Davi.

VI. Visão de pos reforma

Teoria de pos reforma de Anticristo

Em imediatamente pos reforma cronometra a divina igreja de Roma viram no Lutero e as igrejas Reformadas o Anticristo e Besta de Revelação. Por outro lado os protestantes identificaram o papado e a igreja romana com estes, e com o Homem do Pecado nas escritas de Paulo. A visão posterior teve certa plausibilidade, não só do muito anticristão que caracteriza no sistema romano desenvolvido, mas da relação na qual a igreja de Roma estava para a cidade de Roma e para a idéia imperial. O fato que a Besta que saiu da terra (Ap 13:11) teve os chifres de uns pontos de cordeiro a alguma relação para o cordeiro que tinha sido matado (Ap 5:6). Os intérpretes Futuristas buscaram o Anticristo em pessoas históricas, como Napoleão III. Porém, estas pessoas não viveram para perceber as expectativas formadas deles. Os consensos de opinião crítica são que Nero é planejado pela Besta do Apocalipse, mas isto, em muitos casos, como visto antes, não é satisfatório. Um pouco de desenvolvimento futuro de mal pode cumprir as condições do problema mais exatamente. Literatura

Bousset, Anticristo de Der; “A Lenda de Anticristo,” O Expositor T, contém um vidimus admirável de autoridades antigas no assunto. Veja artigos em assunto no Lex Bíblico de Schenkel. (Hausrath); o RE de Herzog, 2ª edição (Kähler), 3ª edição (Sieffert); Enciclopédia Bíblica (Bousset); com Comentários em 2 Thess e Revelação. Uma conta completa das interpretações do “o Homem do Pecado” pode ser visto na composição de Dr. John Eadie naquele assunto no Comentário dele em Tessalônias.

Antilogemena

an-ti-le-gom'-e-na. Veja BÍBLIA; CÂNON DO TESTAMENTO NOVO; DEUTERO-CANÔNICO, LIVROS.

Anti-Libano/ an-ti-lib'-a-nus.Veja o LÍBANO.

Antioquia da Psídia

an'-ti-ok, pi-sid'-i-a (A , *Antiocheia pros Pisidia*, or A , *Antiocheia he Pisidia* = “Pisidian”).

1. História

(1) Antioquia de Psídia foi chamada para distinguir isto das muitas outras cidades do mesmo nome assim fundadas por Seleuco Nicanor (301-280 a.C) e chamou depois do pai Antioco dele. Era situado em uma posição forte, em um planalto perto do banco ocidental do rio Antios que flui abaixo do Sultão Dagh para o lago dobro chamado Limnai (Egerdir Göl). Foi plantado no território de uma grande propriedade que pertence aos sacerdotes da religião nativa; as porções restantes desta propriedade pertenceram depois aos imperadores romanos, e muitas inscrições conectaram com o culto dos imperadores que tiveram sucesso divino como também para os direitos temporais do deus, sobreviveu. (See Sir W. M. Ramsay's paper on “The Tekmoreian Guest-Friends” in *Studies in the History and Art of the Eastern Roman Provinces*, 1906). O planalto no qual Antioquia estava comanda uma das estradas que conduzem do Leste ao Meandro e Éfeso; os reis de Selêucidas fundaram as cidades deles regularmente na Ásia Menor em pontos estratégicos importantes, fortalecer o cabo deles nas tribos nativas. Não há nenhuma evidência que uma cidade grega existiu no local de Antioquia antes da fundação de Seleuco. Ramsay deve ter razão conectando a declaração de Strabo que Antioquia foi colonizada por gregos de Magnésia no Meandro com a fundação por Seleuco; para isto é extremamente improvável que os gregos pudessem ter construído e poderiam ter segurado uma cidade tão longe em tal uma posição perigosa interior antes da conquista de Alexandre. As cidades gregas pré Alexandrinas raramente serão achadas no interior da Ásia Menor, e então só ao ar livre vales de rio do oeste. Mas deveria ter havido uma fortaleza de Frigia ou perto de Antioquia quando os reis da Frigia estavam na plenitude do poder deles. O limite natural de território da Frigia neste distrito são os Montes da Psídia, e a Frigia poderia ter segurado só o vale rico entre o Sultão Dagh e Lago de Egerdir contra as tribos bélicas das montanhas da Psídia contanto que eles tivessem uma determinação forte no bairro. Nós veremos abaixo que a Frigia ocupou este lado do Sultão Dagh, enquanto controlando a estrada a um ponto crítico.

Os colonos Selêucidas eram os gregos, judeus e Frigianos, se nós podemos julgar pela analogia de fundações de Selêucida semelhantes. Que havia os judeus em Antioquia é provou por At 13:14, 50, e por uma inscrição de Apolônia, uma cidade vizinha, mencionando uma judia Débora cujos os antepassados tinham segurado serviço em Antioquia (se a interpretação de Ramsay da inscrição, As Cidades de Paulo, 256, estão corretas). Em 189 a.C, depois da paz com Antioco o Grande, os romanos fizeram Antioquia uma “cidade livre”; isto não significa que qualquer mudança foi feita em sua constituição, mas só que deixou de pagar tributo aos reis de Selêucidas. Antonio deu Antioquia a Amintas da Gálacia em 39 a.C, e conseqüentemente foi incluído na província Gálacia (veja GALACIA) formou em 25 a.C, fora do reino de Amintas. Não muito antes de 6 a.C, Antioquia foi feito uma colônia romana, com o título Cesaréia Antioquia; era agora a capital da Gálacia sulista e o chefe de umas séries de colônias militares fundado por Augusto, e ainda conectou insuficientemente por um sistema de estradas como explorou, sujeitar as tribos selvagens de Psídia, Isauria e Panfilia.

2. Psídia Antioquia

Muita controvérsia se enfureceu a pergunta em volta se Antioquia estava na Frigia ou na Psídia no tempo de Paulo. Strabo define Antioquia como uma cidade da Frigia para Psídia, e a mesma descrição é incluída em At 16:6, e At 18:23. Outras autoridades nomeiam Antioquia a Psídia, e admitidamente pertenceu a Psídia depois que a província daquele nome fosse formada em 295 d.C. No período Paulino era uma cidade da Gálacia, no distrito da Gálacia chamada Frigia (distinguir isto de outras divisões de etnia da Gálacia, por exemplo, Licaonia). Esta visão é certa em um estudo das condições históricas (veja Ramsay, *A Igreja no Império romano*, 25 f); e é apoiado pelo fato que inscrições de Frigia (o sinal mais seguro da presença de uma população de Frigiana, para só Frigianos usou o idioma da Frigia) achado ao redor de Antioquia. Veja PSÍDIA. Este canto da Frigia deveu sua incorporação na província Gálacia para a situação militar em 39 a.C, quando Amintas foi confiado com a tarefa de suprimir as tribos desordenadas da Psídia. Nenhum esquema de conquista militar nas montanhas d Psídia poderia omitir este estratégia importante apontada no Noroeste. Este fato foi reconhecido por Seleuco quando ele arredondou Antioquia, por Antonio quando ele deu Antioquia a Amintas, e por Augusto quando ele fez para Antioquia o chefe das colônias militares dele na Psídia. Uma estrada militar, construída por Augusto, e chamada a Estrada Real, conduzida de Antioquia à colônia de Listra. De acordo com a história preservada na lenda de “Paulo e Thekla,” estava ao longo desta estrada que Paulo e Barnabé passaram o modo deles de Antioquia para Icônio (At 13:51; compare 2Tm 3:11; veja Ramsay, *A Igreja no Império romano*, 27-36).

3. Idioma e Religião

O Latim continuou sendo o idioma oficial de Antioquia, de sua fundação como uma colônia romana até a parte posterior do 2º século d.C. Era mais completamente Romanizado que qualquer outra cidade no distrito; mas o espírito grego reavivou no 3º século, e as inscrições daquela data estão em grego. As deidades pagãs principais eram os Homens e Cybele. Strabo menciona um grande templo com propriedades grandes e muitos *hierodouloi* dedicados ao serviço do deus.

4. Paulo em Antioquia

Antioquia, como mostrado acima, era o centro militar e administrativo para aquela parte de Gálacia que incluiu o Isaurian, Psídia e montanhas da Panfilia, e a parte sulista de Licaonia. Eram conseqüentemente despachados aqueles soldados romanos, funcionários, e mensageiros em cima da área inteira, e era conseqüentemente, de acordo com At 13:49 que a missão de Paulo radiou em cima da região inteira. (No significado técnico de “região” aqui, veja PSÍDIA.) As “mulheres devotas e honradas” (a KJV) e o “os homens principais” a quem os judeus enviaram a reclamação deles da cidade, era talvez os colonos romanos. A publicidade aqui dada à ação das mulheres está em acordo com tudo aquilo é conhecido da posição social delas na Ásia Menor, onde elas eram freqüentemente as sacerdotisas e magistrados. Os judeus de Antioquia continuaram a perseguição deles de Paulo quando ele estava em Listra (At 14:19). Paulo atravessou Antioquia uma segunda vez no modo dele para Perge e Atália (At 14:21). Ele deve ter visitado Antioquia na segunda viagem dele (At 16:6; Ramsay, *A Igreja no Império romano*, 74ff), e na terceira (At 18:23; *ibid.*, 96).

Literatura

Antioquia foi identificada por Arundel, *Descobertas na Ásia Menor*, I, 281 f, com o norte de ruínas de Yalovadj. Uma conta completa da cidade nos períodos gregos e romanos é determinada em Ramsay. *As Cidades de Paul*, 247-314. As inscrições são publicadas em CIG, 3979-81; LeBas, III, 1189ff, 1815-25; CIL, III, 289ff; Sterrett, *Epigraphical Journey na Ásia Minor*, 121ff; Expedição de Wolfe na Ásia Menor, 218ff; Ephem. Epigr, V, 575; Athen. Mitth, XIV, 114. Acrescente a esta lista (pediu emprestado de Pauly-Wissowa) as inscrições publicaram no artigo de Ramsay em “Os Convidado-amigos de Tekmoreian,” se referiu para acima. Para as inscrições de Phrygian do distrito de Antioch, veja o papel de Ramsay em *Jahresh. Oest. Arco. Inst.*, VIII, 85.

Antioquia na Síria

an´ti-ok, (A , *Antiocheia*).

(2) Antioquia na Síria. - Em 301 a.C, logo após a batalha de Ipsus que a fez domine de Síria, Seleuco Nicanor arredondou a cidade de Antioquia, enquanto nomeando isto depois do pai Antioco dele. Guiado, foi dito, pelo vôo de uma águia, ele fixou seu local no banco esquerdo do Orontes (*o El - 'Asi*) aproximadamente 15 milhas do mar. Ele também arredondou e fortaleceu Selêucida para ser o porto da capital nova dele. A cidade foi aumentada e embelezou por reis sucessivos da Dinastia de Selêucida, notavelmente por Seleuco Calinico (246-226 a.C), e Antioco Epifanes (175-164 a.C). Em 83 a.C, no colapso da monarquia Selêucida, Antioco entrou nas mãos de Tigranes, rei de Armênia que segurou a Síria depois até a derrota dele pelos romanos quatorze anos. Em 64 a.C, o país foi anexado definitivamente para Roma por Pompeu que concedeu privilégios consideráveis a Antioquia que agora se tornou a capital da província romana da Síria. Nas guerras civis que terminaram no estabelecimento do principado romano, Antioquia teve sucesso constantemente se prendendo ao lado premiado, enquanto declarando para César depois da queda de Pompeu, e para Augusto depois da batalha de Actium. Um elemento romano foi acrescentado a sua população, e vários dos imperadores contribuídos ao seu adorno. Já uma cidade esplêndida debaixo do Selêucida, Antioquia ainda foi feito mais esplêndido por seus protetores romanos e mestres. Era o “a rainha do Leste,” a terceira cidade, depois de Roma e Alexandria, do mundo romano. Aproximadamente cinco milhas distante da cidade era o subúrbio de Dafne, uma mancha sagrado ao Apolo e Artemis. Este subúrbio, embelezado por arvoredos e fontes, e embelezada pelos Selêucidas e os romanos com templos e banhos, era o recurso de prazer da cidade, e “moralidades de Dafni” se tornou um por-palavra. De sua fundação Antioquia era uma cidade cosmopolita. Embora não um porto de mar, sua situação era favorável a desenvolvimento comercial, e absorveu muito do comércio do Levante. Seleuco Nicanor tinha resolvido números de judeus nisto, enquanto lhes concedendo direitos iguais com os gregos (Ant, XII, iii, 1). Os sírios, gregos, judeus, e em dias posteriores, romanos, constituiu os elementos principais da população. Os cidadãos eram um vigoroso, turbulento e empurrando raça, notório para a aptidão comercial deles, a licenciosidade dos prazeres deles, e a inteligência deles. Porém, literatura e as artes não eram negligenciadas.

Na história cedo do Cristianismo, Antioquia ocupa um lugar distinto. O grande e florescendo colônia judia oferecida um campo imediato para ensino Cristão, e o cosmopolitanismo da cidade tenderam a alargar a perspectiva da comunidade Cristã que recusou ser limitado dentro dos limites estreitos de Judaísmo. Nicolas, um prosélito de Antioquia, era um dos primeiros diáconos (At 6:5). Antioquia era o berço do Cristianismo Pagão e de empreendimento de missionário Cristão. Estava ao exemplo da igreja a Antioquia que o conselho em Jerusalém decidiu aliviar os cristãos Pagãos do fardo da lei judia (Atos 15). Antioquia era o ponto de começo de Paulo nas três viagens

missionárias dele (At 13:1; At 15:36; At 18:23), e para lá ele voltou do primeiro dois sobre a sede dele (At 14:26; At 18:22). Aqui também o termo “o Cristão,” indubitavelmente originalmente um apelido, foi aplicado primeiro aos seguidores de Jesus (At 11:26). O registro honrado da igreja da Antioquia como a mãe-igreja do Cristianismo Pagão lhe deu uma preeminência que ela longo desfrutou. O mais distinto dos filhos posteriores dela era João Crisostomo. A cidade sofreu de terremotos severamente, mas não perdeu sua importância até que a conquista árabe restabeleceu Damasco para o primeiro lugar entre cidades sírias. Antioquia ainda agüenta seu nome antigo (Antakiyeh), mas é agora uma cidade pobre com alguns mil habitantes.

Antioquianos

an-ti-o'ki-ans (**Αντιοχείς**, *Antiocheis*, estranho ao Apócrifo, 2 Mac 4:9, 19): Antioco Epifanes estava no trono de Síria de 175 a 164 a.C. A determinada política dele era Helenizar o reino inteiro dele. O maior obstáculo para a ambição dele era a fidelidade dos judeus à religião histórica deles. Porém, muitos hebreus mundanos para vantagem material estavam dispostos apostatar, entre eles, Jasão, o fiel irmão do sumo sacerdote Onias III. Com uma soma grande de dinheiro (**LA** 2 Mac 4:7-10) ele subornou Antioco para designá-lo o somo sacerdote no lugar do irmão dele. Este serviço, ser, desde que o tempo de Esdras, político como também religioso, lhe fez virtualmente a cabeça da nação. Ele prometeu, em condição o rei lhe permitiria construir um ginásio grego em Jerusalém, “treinar para cima a mocidade da raça dele nas modas do pagão,” e para enrol as pessoas Helenizadas como Antioquianos, i.e, dar todos os judeus que adotariam alfândegas gregas e a religião grega os direitos e privilégios de cidadãos de Antioquia. Os concedendo deste pedido fizeram para o Jason a cabeça do partido grego em Jerusalém. “Tal era a altura de modas gregas, e o aumento de modos brutos” debaixo do alto-sacerdócio pervertido dele que os sacerdotes debaixo dele coragem perdida para “sirva qualquer mais no altar, mas menosprezando o templo e negligenciando os sacrifícios, acelerou” se aliar com os Grecianos. Quando o sacrifício de Hercules foi observado com relação aos jogos Gregos a Tiro “Jasão enviou os mensageiros especiais de Jerusalém que era Antioquianos” (**LA** 2 Mac 4:19) com uma contribuição grande de dinheiro. Isto Helenizando programa foi apoiado por um decreto de Antioco que ordenou uniformidade de adoração ao longo dos domínios dele. Ele proibiu a observância adicional de festivais judeus, Sábado sagrado, sacrifícios no templo e o rito de circuncisão. A ambição dele incluiu a igual subjugação do Egito, mas sendo contrariado para lá na expedição dele através de enviado romanos, ele voltou a Jerusalém para desabafar a raiva dele nos judeus que recusaram negar a fé dos pais deles. As perseguições infligidas pelo rei nestes judeus devotos abundaram em toda atrocidade. Livros todo sagrados da lei que poderia ser achada estavam queimados. Esta tentativa para Helenizar os judeus foi empurrada para toda aldeia rural remota da Palestina. O perigo universal conduziu os Samaritanos, ansioso para segurança, repudiar toda a conexão e parentesco com os judeus. Eles enviaram os embaixadores e uma epístola que pedem ser reconhecido como pertencendo ao partido grego, e ter o templo deles no Monte Gerizim nomeado “O Templo de Júpiter Helenius.” O pedido foi concedido. Esta era evidentemente a brecha final entre as duas raças indicadas em Jo 4:9, “Para judeus nenhum procedimento tem com Samaritanos.”

Entre esses que recusaram ser associado como Antioquianos estava Matatias, sacerdote velho da ordem de Joaribe. Lamentando a profanação terrível da cidade santa e templo ele se aposentou com os cinco filhos dele às propriedades ancestrais dele entre o Noroeste de montanhas de Jerusalém. Os emissários de Antioco o seguiram para lá e lhe comandaram que oferecesse sacrifícios em um altar pagão. Ele foi prometido favor real especial no caso de obediência. O sacerdote indignado não só “não teve nenhuma orelha para as tentações de um Helenismo detestado,” mas na fúria dele imediatamente matou o sacerdote apóstata que tentou obedecer ao comando. Ele também matou o comissário do rei e demoliu o altar detestado.

Este ato de heroísmo se tornou o amanhecer de uma era nova. As pessoas se reuniram ao apoio de Matatias. A rebelião cresceu em poder. Depois de um ano de liderança inspiradora “o sacerdote-capitão venerável” morreu, depois de ter cometido primeiro “a causa da lei” para os filhos dele, Macabeus daqui em diante chamado, de Judas Macabeus, o filho para quem ele cometeu o trabalho dele. A carreira vitoriosa deles trouxe a um fim o processo Helenizando e o partido grego para os quais o Antioquianos pertenceu. Também veja ANTIOCO IV.

Literatura

Antiguidades, XII, v; Stanley, História da Igreja judia, III, seção 48; Riggs, História das Pessoas judias, ii de capítulo, seções 15-26 (o Hist de Kent. Séries, IV).

Antioquis

an-ti' o-kis (**Α** , *Antiochis*): Uma concubina de Antioco Epifanes que tinha a apresentado com as duas cidades de Cilician, Tarso e Mallus. Descontentado com este as cidades fizeram insurreição (**LA** 2 Mac 4:30).

Antioco

an-ti' o-kus (**Α** , *Antiochos*; **A** , *Antimachos* (1 Macc 12:16)): O pai de Numenius que em companhia com Antipater, filho de Jason, foi enviado por Jonatas em uma embaixada para os romanos e Spartanos renovar “a amizade” e “confederação anterior” fez por Judas (**LA** 1 Mac 12:16; 14:22; Antig, XIII, vi; 8).

Antioco I

an-ti' o-kus (**Α** , *Antiochos Soter*, “salvador”): nascido em 323 a.C, morto 261, filho de Seleuco Nicanor. Ele se apaixonou pela madrasta dele, Stratonike, e ficou muito doente. O pai dele, quando descobriu a causa da doença do filho, a deu e rendeu a ele em 293, a soberania em cima de todos os países além do Eufrates, como também o título de rei. Quando Seleuco voltou à Macedônia em 281, ele foi assassinado por Ptolomeu Ceraunus. Antioco assim se tornou regra do reino sírio inteiro. Ele empreendeu guerra em Eumenes de Pérgamo, mas sem sucesso. Para as vitórias do corpo de elefante do exército dele em cima dos gauleses que tinham se instalado na Ásia Menor ele recebeu o sobrenome de Soter (“Entregador”). Estava em uma batalha com estes inimigos inveterados do país dele que ele

conheceu a morte dele (261 a.C). Veja também SELEUCIDA.

Antioco II

Apelidado theos (, *Theos*, “deus”): o Filho e sucessor de Antioco Soter (261-246 a.C). Ele fez para Ptolomeu Filadelfo aceso do Egito uma guerra próspera, mas foi obrigado comprar paz em 250 se divorciando da esposa dele, Laodice, e se casando a filha de Ptolomeu, Berenice. Depois da morte de Ptolomeu, “o rei do sul” (Dn 11:6) 248 a.C, ele recordou Laodice e nomeou o filho primogênito dela (Seleuco Calinico) como o sucessor dele para o trono; mas Laodice (provavelmente porque ela temeu um segundo repúdio) teve Berenice, a criança dela, e Antioco tudo assassinados (246 a.C). O Milesianos lhe deu o sobrenome de theos em gratidão pelo os liberar da tirania de Timarco. (Veja Arrian, I, 17, 10, and 18, 2; Josephus, *Ant*, XII, iii, 2; Dittenberger, *Sylloge Inscr. Graec*, 166-71.)

Antioco III

(, *Megas*, “O Grande,” mencionado em **(LA)** 1 Mac 1:10; 8:6-8): o Filho de Seleuco Calinico; tido como sucesso ao trono da Síria em 222 a.C; ponha a morte o general dele, Hermeas, e então conduziu um exército contra o Egito. Teodotos rendeu a ele Tiro, Ptolemaida e a frota naval dele. Rodes e Cyzicus, como também Byzantium e Aetolia, paz desejada, mas Antioco recusou aceitar as condições deles. Ele renovou a guerra, mas foi derrotado a Rafia em 217, e foi obrigado deixar a Fenícia e Coelesíria; Porém, Seleucia que ele reteve. Ele empreendeu para dominar o balanço dele novamente todo o território do Leste Distante. A expedição dele contra Bactria e Partia ganhou para ele o sobrenome de “O Grande.” Em 209 ele levou o tesouro da deusa fora Aine em Ecbatana, derrotou os Partianos, e em 208 marchou contra o Bactrianos. Depois ele fez um tratado com um rajah índio, e então voltou ao Oeste por via de Aracosia e Carmania, enquanto forçando os árabes de Gerraeen a fornecer o com frankincense, mirra e prata. Então ele levou Éfeso que ele fez para a sede dele. Em 196 ele tinha cruzado o Helesponto e Lisimaquia reconstruído. Hannibal visitou Antioco em Éfeso no próximo ano e se tornou um dos conselheiros do rei. Ele também buscou a amizade de Eumenes de Pergamo, mas sem sucesso. Roma pediu agora para o rei que não interferisse na Europa, ou reconhecer o direito dos romanos para proteger os gregos na Ásia. Uma guerra começou em 192, e Antioco foi persuadido para vir para a Grécia. O Aetolianos o elegeu o general deles que pediu para os Aqueanos que permanecesse neutro. Mas o Filopoemen patriótico decidiu que uma aliança com Roma seria preferida. Antioco capturou Calquis primeiro; então tido sucesso ganhando um fundamento em Boeotia, e depois fez um esforço para adquirir posse da Tessalia, mas aposentado na aproximação do exército macedônio. Em 191 os romanos fizeram uma declaração formal de guerra contra Antioco que, estando naquele momento em Acarnania, voltado a Calquis, e finalmente velejou atrás para Éfeso. Os romanos recuperaram posse de Boeotia, Euboea e Sestus; mas Polixenidas derrotou a frota romana perto da ilha Samos que, junto com Cime e Focaea, caiu nas mãos de Antioco. Porém, o Polixenidas vitorioso sustentou uma derrota esmagando logo às mãos dos romanos, e Antioco abandonou Lisimaquia, enquanto deixando uma estrada aberta para a Ásia para os romanos. Ele foi derrotado finalmente na Magnésia e enviou palavra a Scipio que estava a Sarde que ele estava disposto para fazer paz; mas Scipio ordenou que ele enviasse enviado para Roma. Uma decisão foi alcançada em 189; o monarca Asiático foi obrigado renunciar tudo no lado do Touro romano; deixe todos seus navios de guerra, mas dez e pague 15000 talentos para Roma, e 500 para Eumenes. Antioco marchou contra os armênios se revoltados em 187. Para encher a tesouraria exausta dele, ele tentou saquear e os soldados dele foram mortos pelo Elimeanos.(Elimais)

Literatura

Polyb. v.40.21; Livy xxxi.14; xxxiii. 19ff; Josefo, Antig, XII, Heyden, Res ab Antig, Babelon, de de Rois Syrie, 77-86, Dan_11:10-19; Tetzlaff, De Antioco III Magni gestis de rebus (Münster, 1874).

Antioco IV

(**E** , *Epiphanes*, e-pif´a-nez, “Ilustre”): Filho de Antioco III que se tornou o rei depois do irmão dele, Seleuco IV, tinha sido assassinado por Heliodorus. Como um menino que Antioco viveu em Roma como um refém. Os monarcas de Pergamene, Eumenes e Attalus, tidos sucesso colocando no trono o irmão de Seleuco, embora Heliodorus tinha desejado ascender o trono ele. O rei jovem era até mesmo mais empreendedor que o pai dele. Ele foi chamado para resolver uma disputa entre Onias III e o irmão dele, Jasão, o líder da facção Helenizando em Jerusalém, e Onias foi dirigido fora (**LA** 2 Mac 4:4-6). Jasão se tornou o sumo sacerdote no lugar dele (**LA** 2 Mac 4:9-16; 1 Mac 1:10-15; Antiguidades, XII, v, 1). O próprio Antioco visitou Jerusalém posteriormente e era honrado significadamente (**LA** 2 Mac 4:22). Na morte de Ptolomeu VI em 173, Antioco pôs reivindicação para Coelesíria, Palestina e Fenícia; ao que guerra começou entre a Síria e Egito. Nesta guerra Antioco era vitorioso. Ptolomeu Filometor foi levado prisioneiro, e Antioco se tiveram coroado o rei do Egito (171-167 a.C) a Menfis; ao que a Alexandria se revoltou e escolheu o irmão de Ptolomeu como o rei deles. O embaixador romano, Popilius Laenas, exigiu a rendição do Egito e a retirada imediata de seu rei ego-constituído. Antioco rendeu; deixado Pelusio e retirou a frota dele de Chipre, mas reteve Coelesíria, Palestina e Fenícia.

Enquanto Antioco estava em uma segunda campanha no Egito, ele ouviu falar do assédio de Jerusalém. Ele devolveu imediatamente, matou muitos milhares dos habitantes e roubou o templo de seus tesouros (**LA** 1 Mac 1:20-24; 2 Mac 5:11-21). Pela proibição dele da adoração judia e a introdução dele ou substituição da adoração do Zeus olímpico (**LA** 1 Mac 1:54; 2 Mac 6:2; Antiguidades, XII, v, 4) ele provocou a insurreição dos judeus, debaixo dos Macabeus, em quem ele fez uma guerra malsucedida em 167-164 a.C. Depois desta guerra Antioco se aposentou para as províncias orientais e morreu, depois de ter falhado em um ataque no templo do Sol em Elimais, na Pérsia. Também veja ABOMINAÇÃO DA DESOLAÇÃO; ANTIOQUIANOS.

Antioco V

(**Eu** , *Eupator*,): o Filho e sucessor de Antioco Epifanes, ascendeu ao trono como um mero menino (163-161 a.C) debaixo da tutela de

Lisias que conduziu uma expedição ao alívio de Jerusalém que tinha sido sitiada por Judas Macabeu (**LA** 1 Mac 6:18-30; Antiguidades, XII, ix, 4), quem foi derrotado (**LA** 1 Mac 6:42). Antioco sitiou Jerusalém então. Paz foi concluída finalmente com a condição de que os judeus não deveriam ser compelidos para mudar quaisquer das alfândegas nacionais deles (**LA** 1 Mac 6:55-60; Antiguidades, XII, ix, 7). Filipe, o nutrir-irmão do rei (**LA** 2 Mac 9:29), foi derrotado por Antioco, mas logo posteriormente Lisias e Antioco se eram derrotados por Demetrio Soter, filho de Seleuco Filopator (**LA** 1 Mac 7:4; 2 Macc 14:2; Antiguidades, XII, x, 1,; Polyb. xxxi.19; Livy Egit. 46).

Antioco VI

(Cognominado theos (, *Theos*), ou, de acordo com moedas, Dionisos Epifanes): Era o jovem filho de Alexandre Balas que reivindicou o filho de Antioco Epifanes para ser. Alexandre deixou o trono ao filho dele em 146 a.C. O rei jovem se aposentou para a Arábia - talvez por compulsão. O diplomata astuto e general hábil, Trifon, tido sucesso primeiro ganhando em cima de para o lado dele os dois líderes dos judeus, Jonatas e Simão, e então, por meio de braços, fazendo os sírios reconheça o protegido dele. Assim que a monarquia tivesse sido firmemente estabelecida, Trifon desmascarou os projetos dele: ele só tinha sido ambicioso para ele; Antioco tinha sido só um instrumento nas mãos dele. Em 143; depois de um pequeno reinado de um mais de três anos, Antioco foi assassinado por Trifon que ascendeu o trono ele (**LA** 1 Macc 13:31; Antiguidades, XIII, vii, 1,; Livy Egit. 55).

Antioco VII

(Cognominado Sidetes , *Sidetes*, depois de Sida na Panfilia onde ele era educado): o filho mais Jovem de Demetrio Soter e irmão de Demetrio Nicanor cuja esposa, Cleópatra, se casou quando Demetrios foi levado prisioneiro pelos Partianos. Antioco subverteu o usurpador, Trifon, e ascendeu o trono ele e reinou de 139 a 130 a.C. Ele derrotou João Macabeu e sitiou Jerusalém (Antiguidades, XIII, viii, 2), mas concluiu uma paz favorável (Antiguidades, XIII, viii, 3) de medo de Roma. Depois ele empreendeu guerra com o Partianos e foi morto na batalha (**LA** 1 Mac 15:2-9, 28-31).

Antipas

an'ti-pas (A , *Antipas*):O nome é uma abreviação de Antipater: (1) um nome de Herodes "o tetrarca" (em Jo), filho de Herodes o Grande, o irmão de Arquelau (Mt 14:1; Lc 3:1; Lc 9:7; At 13:1). Veja HERODES. (2) um mártir da igreja de Pérgamo, descrito como "minha testemunha, meu fiel" (Ap 2:13).

Antipater

an-tip'a-te~r (A , *Antipatros*):Um de dois enviado enviado pelo senado dos judeus aos romanos e Spartanos (**LA** 1 Mac 12:16; 14:22).

Antipátride

an-tip'a-tris (A , *Antipatris*):só é mencionada uma vez na Bíblia, com relação à descida de Paulo à Jerusalém para Cesaréia (At 23:31). Referências serão achadas em Antiguidades, XIII, xv 1; XVI, V, 2; BJ, I, xxi, 9. Era uma cidade construída por Herodes o Grande, e chamou depois do pai Antipater dele. É provavelmente idêntico com a moderna *Ras el- Ain*, "cabeça de fonte," um montículo grande com ruínas à fonte de *Nahr el- Aujeh*, na planície para o Nordeste de Jafa. Há restos de um castelo dos tempos das cruzadas que pode ser o Mirabel.

Antiguidade

an-tik'wi-ti (, *kadhmah*, de , *kadham*, "preceder a tempo," "ser velho"): Em Ez 16:55; Ez 36:11, fez "anterior"; em Sl 129:6, "antes de." Traduziu "antiguidade" só em Is 23:7 indicar a idade primitiva de Tiro que condições de Strabo, "depois de Sidom," a cidade fenícia mais velha. Delitzsch faz isto "de quem origem é dos dias do tempo velho."

Antotita I

an'toth-it: na KJV forma de ANATOTITA (o qual vêem) (assim a Versão Revisada (britânico e americano)) (1Cr 11:28; 1Cr 12:3).

Anube

a'nub (, *anubh*, "maduro"): Um descendente de Judá e filho de Coz (na KJV) 1Cr 4:8.

Bigorna

an'vil (, *pa-am*): A palavra só é uma vez usada para significar bigorna. A passagem (Is 41:7) ainda recorre ao costume muito comum de trabalhadores que encorajam um ao outro ao trabalho deles. Veja ARTES. Há pouco como pretensioso a bigorna dos anciões era que nós não sabemos. A maioria trabalha, enquanto requerer golpeando ou batendo, da jóia forjada melhor para os recipientes de cobre maiores, é agora terminado em uma bigorna amoldada como uma letra invertida L que é dirigido em um bloco de madeira, ou no chão,

ou em uma racha entre dois das lajes de pedra do chão do trabalhador. As únicas bigornas volumosas vistas no país hoje são modernas e de estrangeiro faça.

Rapidamente

a-pas´ (“a um passo”): Com “venha,” 2Sm 18:25; “fuja,” Jr 46:5, para “rapidamente,” “apressadamente,” “jejum,” correspondendo a um idioma hebreu que acrescenta ênfase ou intensidade a uma idéia por repetição da palavra ou seu equivalente.

Apame

a-pa´me, ap´a-me (A , *Apame*): Uma concubina de Dario e uma filha de Bartacus o Ilustre, de quem comportamento para o rei se refere para em uma fala de Zorobabel antes do rei provar a ele o grande poder de mulheres (LA 1 Esdras 4:29). Veja BARTACUS; ILUSTRE.

Separadamente

a-part´ (, *badh*, “separação,” i.e., só, pela si mesmo; , *niddah*, i.e., algo guardado: “uma abominação”): Em Zc 12:12-14 a palavra anterior é onze vezes usada com efeito poderoso para indicar a separação de famílias e o isolamento de esposas por aflição excessiva em Jerusalém por causa do Messias morto. A palavra posterior significa remoção de ato cerimonial (Lv 15:19; Lv 18:19; Ez 22:10). Em grego κατ´ , *kat´ idian*, “por eles,” de significação marcada como expressando o desejo de Cristo para privacidade em oração, só ou com os discípulos dele; ou em um deserto (Mt 14:13); uma montanha (Mt 14:23); ou uma montanha alta, na hora da transfiguração (Mt 17:1, 19), assim sugestivo do segredo de oração e comunhão com Deus. Também usado com referência às revelações de Cristo do propósito dele e do sentido do ensino dele em privado aos discípulos dele (Mt 20:17).

Macaco

ap (, *koph*): A palavra só acontece nas duas passagens paralelas (1Rs 10:22; 2Cr 9:21) em o qual a magnificência de Salomão é ilustrada pelas coisas que são trazidas a ele de países estrangeiros. São mencionados macacos com ouro, prata, marfim e pavões. Pavões são nativo de Índia e Ceilão. Podem ter sido trazidos macacos e marfim da Índia ou África. Ouro e prata podem ter vindo destes ou outros continentes. Uma origem índia pode ser deduzida do fato que o *koph* hebreu, o gergo *kebos* (κηβος) e o português “macaco” é consangüíneo ao Sânscrito “*kapi*” que se refere a raiz *kap*, *kamp*, “tremar”; mas a pergunta da fonte destas importações depende do que é compreendido por TARSIS e OFIR (o qual vêem). Cânon Cheyne em Enciclopédia Bíblica (s.v. “Pavão”) propõe uma leitura que daria “ouro, prata, marfim e pedras preciosas” em vez de “ouro, prata, marfim, macacos e pavões.” Assumindo, porém, que se referem animais aqui para, a palavra macaco deveria ser entendido para significar algum amável de macaco. A palavra “macaco” às vezes é usada para macacos ou antropóides como o gorila, o chimpanzé e o orangotango, ao invés dos tipos seguidos, mas esta distinção não é segura estritamente para, e o uso parece ter sido antigamente mais livre que agora.

Apeles

a-pel´ez (Απελλης, *Apelles*): Um Cristão em Roma para quem Paulo envia saudações (Rm 16:10). Ele é descrito por Paulo como “o, aprovado em Cristo,” i.e., “isso aprovou o Cristão” (Denney). Em algum desconhecido de modo para nós tinha sido testado Apeles e ele teve provou o crente (compare Tg 1:12; 2Tm 2:15). É um nome comum. Muitos comentaristas recorrem a Horace (*Satires*, i. 5.100): “Credat Judaeus Apella, ego de non.”

Aphaerema

a-fer´e-ma (A , *Aphairema* e *Apherema*; na KJV Apherema). Um de três distritos levado de Samaria e acrescentados a Judéia por Demetrios Nicanor (LA 1 Mac 11:34). Compare Antiguidades, XIII, iv, 9.

Afarsaquit; Afarsaquit

af-ar-sath´kits, a-far´sak-its (, *'apharsathkhaye*): Uma tribo que vive em Samaria que protestou contra a reconstrução do Templo, e trouxe a reclamação deles a Dario (Ed 4:9; Ed 5:6; Ed 6:6). A tribo não tem, contudo sido reconhecido com qualquer certeza nas inscrições. Rawlinson os identifica com os persianos; outros estudantes negam que qualquer rei assírio já foi situado assim sobre pôde obter os colonos da Pérsia. Alguns mantêm que o termo não é o nome de uma tribo, mas o título de certos oficiais debaixo de Dario. Fred. Delitzsch sugestiona os habitantes de um das duas grandes cidades de Média “Partakka” e “Partukka” mencionou nas inscrições de Esaradon. Plausibly de Andreas conecta isto com o suparsak assírio (Muss-Arnolt, Dict assírio, 1098), saqu (3) “geral”; Scheft leva isto de um palavra aparasarka Iraniano velho, “menos regra.”

Afarsitas

a-far´sits (, *'apharsaye*): Uma tribo transferiu a Samaria por Asnappar de Assíria (Ed 4:9). Rawlinson os identifica com o verbete anterior (o qual vêem), levando Afarsitas uma repetição acidental da mesma palavra ser. Ele entende “os persianos” ser significado em ambos os casos. Outros os identificam com uma tribo Mediana mencionada nas inscrições de Senaqueribe como moradores no distrito

de Parsua.

Afeque

a' fek (, 'aphek, “fortaleza”; A , Aphek):

(1) em Js 12:18 nós deveríamos ler provavelmente como na Septuaginta “o rei de Afeque, o rei de Lasarom.” Isto pode corresponder a Afeque em 1Sm 4:1. Era uma cidade real dos Cananitas cujo rei foi morto por Josué. Provavelmente é a Afeque mencionada por Josefo como estando perto de Antipatris (BJ, II, xix, 1). Kakon, uma posição forte que comanda a entrada principal para Samaria poderia vestir; mas o nome pereceu.

(2) (Grego: *Taphek* ou *Apheka*): Uma cidade no lote de Aser (Js 13:4). Os habitantes não foram lançados por Aser, nem é dito que eles ficaram tributários (Jz 1:31). Nesta passagem é escrito 'aphik (hebraico). Pode ser representado por 'Afka, ou *Nahr Ibrahim*, embora isto provavelmente mais distante norte é que nós deveríamos esperar.

(3) para este lugar os Filisteus juntaram os anfitriões deles, enquanto os Israelitas lançaram pela fonte que está em Jezreel (1Sm 29:1). Foi geralmente suposto que estas duas posições terminaram contra um ao outro, e que então Afeque deve ser buscado na planície de Esdrelom. Nenhum lugar que responde esta descrição foi achado aqui. *Fuku* _ *ah* no Monte Gilboa é aceso claramente impossível. Porém, se este fosse só o ponto de encontro dos Filisteus dos quais eles subiram Jezreel (1Sm 29:11), pode ser idêntico com a Afeque na planície de Saron (compare 1Sm 29:1 acima).

(4) uma cidade ao leste do planalto do Jordão onde aconteceu o desastre Ben-Hadade (1Rs 20:26, 30). O mesmo lugar pode ser pretendido em 2Rs 13:17. A moderna *Fik* ou *Afik* (para ambas as formas é ouvido) na sobranceira da colina além de *Kal* _ *at el-Husn*, leste do Mar da Galiléia, provavelmente representa esta cidade antiga.

Afeca

a-fe'ka (, 'aphekah, “força” ou “força”): Uma cidade não identificada no país nas colinas de Judá (Js 15:53).

Apherra

a-fer'a (A , Apherra):Cabeça de uma família do filhos dos criados de Salomão na lista pós-exílio, um de oito listado em (LA) 1 Esdras 5:34 depois de Poquerete-Hazebaim de Ed 2:57 = Ne 7:59.

Afias

a-fi'a (, 'aph^h):Um Benjamita e um antepassado de rei Saul (1Sm 9:1).

Afra

af'ra: A KJV forma de Versão para a Versão Revisada (britânico e americano) BETE-LE - AFRA (Mq 1:10).

Hapizes

af'se?z: a KJV forma de Versão para a Versão Revisada (britânico e americano) HAPIZES (1Cr 24:15).

Literatura apocalíptica

a-pok-a-lip'tik lit'er-a-tur:

INTRODUTÓRIO

I. Fundo Apocalíptico

1. O Judaísmo e Helenismo
2. Influências políticas

II. Características gerais Apocalípticos

1. Diferenças de Profecia em Conteúdo
2. Diferenças de Profecia em Forma Literária

III. Autoria de Trabalhos Apocalípticos dos judeus

1. Autores Pseud-epigráficos não Conhecidos Individualmente
2. Semelhança geral e Dependência Mútua Mostram para Eles serem Produtos de Uma Seita
3. Três Seitas judias Incluem Classe Literária Inteira
4. Não é Produto dos Saduceus
5. Nem dos Fariseus
6. Provavelmente Escrito pelos Essênios

TRABALHO INTITULADO APOCALÍPTICO

I. Próprio Apocalipse

1. Livros de Enoque

(1) História dos Livros

(2) Resumo

(3) Idioma

(4) Data

(5) Cronologia interna: O Livro de Noé

(6) Cronologia externa

(7) Enoque Eslavo

(8) Segredos de Enoque

2. Apocalipse de Baruque

(1) Resumo

(2) Estrutura

(3) Idioma

(4) Data

(5) Relação para Outros Livros

(6) O Resto das Palavras de Baruque

3. A Suposição de Moisés

(1) Resumo

(2) Estrutura

(3) Idioma

(4) Data

(5) Relação para Outros Livros

4. A Ascensão de Isaías

(1) Resumo

(2) Estrutura

(3) Idioma

(4) Data

5. O Quarto Livro de Esdras

(1) Resumo

(2) Estrutura

(3) Idioma

(4) Data

II. Trabalhos legendários

O Livro de Jubileus

(1) Resumo

(2) Estrutura

(3) Idioma

(4) Data

III. Sálmico Pseud-epigráficos

1. O Saltério de Salomão

(1) Resumo

(2) Idioma

(3) Data

(4) Cristologia

2. As Odes (Salmos) de Salomão

(1) Relação para Pistis Sophia e Resumo

(2) Data

IV. Testamentos

1. Testamentos dos Doze Patriarcas

(1) Resumo

(a) Rubem

(b) Simeão

(c) Levi

(d) Judá

(e) Issacar

- (f) Zebulom
- (g) Dã
- (h) Naftali
- (i) Gade
- (j) Aser
- (k) José
- (l) Benjamim
- (2) Estrutura
- (3) Idioma
- (4) Data e Autoria
- (5) Relação para Outros Livros
- 2. Testamento de Adão
- 3. Testamento de Abraão
- 4. Testamento de Jó
- (1) Resumo
- (2) Estrutura
- (3) Idioma
- (4) Data e Autoria
- V. Oráculos Sibilinos
- VI. Conclusão
- Literatura

Um conjunto de trabalhos de pseud-epígrafos, principalmente de origem judaica, apareceram durante o período entre 210 a.C. e 200 d.C. Eles têm muitas características em comum. O mais notável é a semelhança que todos eles agüentam ao Livro de Daniel. Seguindo este modelo, a maioria deles usa “visão” como um dispositivo literário por qual introduzir as concepções deles do futuro remoto. Um produto lateral deste mesmo movimento era a composição, principalmente na Alexandria, dos livros Sibilinos. O dispositivo literário de “visão” era usado no Eneida por Virgílio, o contemporâneo clássico de um número grande destes trabalhos. Uma peculiaridade com respeito à maioria destes documentos é o fato que enquanto popular entre os escritores Cristãos dos primeiros séculos Cristãos, eles desapareceram com o advento da Idade Média, e permaneceu desconhecido até o primeiro que a metade do 19º século era bem em seu curso.

I. Fundo Apocalíptico

1. O Judaísmo e Helenismo

Quando os judeus voltaram da Babilônia para Palestina, entretanto cercada por pagão de vários credos, que eles eram fortemente monoteístas. O fato que os persianos tiveram do império do Sudoeste Ásia, e a religião deles - Zoroastrianismo - tão próximo consanguíneo a monoteísmo, preveniu qualquer tentativa violenta a perverter os judeus. Com o advento do poder grego emergiu um estado novo de coisas. Certamente no princípio não pareça ter sido qualquer tentativa direta para forçá-los a abandonar a religião deles, mas o desprezo tranqüilo do helenismo que olhou para baixo da altura superior da cultura artística dele em todos os bárbaros, e a influência que cultura teve nas classes governantes tendeu a seduzir os judeus em idolatria. Enquanto as ordens administrativas, os padres e os líderes do Conselho, esses que entraram em contato com os generais e governadores do Lagids de Egito, ou os Selêucidas de Síria, foi inclinado para ser seduzido em idolatria assim, havia uma classe grande totalmente livre de influência através de cultura helena, e nenhuma porção pequena desta classe odiou o fanatismo tudo se mexendo com idolatria. Quando o domínio em cima da Palestina desmaiou das mãos do Ptolemies nisso da casa de Seleuco, este sentimento foi intensificado, como a casa síria considerou com menos tolerância a religião de Israel. A oposição para Helenismo e a apreensão disto tendeu a reunir esses que compartilharam o sentimento naturalmente. No um lado o escrívão era festa legal que desenvolveu na seita de Farisaico; no outro era os místicos que sentiam o poder pessoal de Deidade. Estes se tornaram posteriormente primeiro o Chasidim, então depois Essênios. Este posterior gradualmente se aposentado de participação ativa em vida nacional. Como são naturais com místicos os sentimentos deles os levaram a ver deuses e sonhar sonhos. Outros mais intelectuais, enquanto eles deram boas-vindas o esclarecimento dos gregos, reteve a fé deles no um Deus. A eles parecia óbvio que como o Deus deles era o verdadeiro Deus, todo o real esclarecimento deve ter procedido de Ele só. Em tais pensadores como o Platão e Aristóteles eles viram muitas coisas em harmonia com a lei de Mosaico. Eles estavam seguros que deveria ter havido ligações que uniram estes pensadores à corrente de Divina revelação, e foi conduzido para necessariamente imaginar de que tipo estas ligações eram. Os nomes de poetas como Orfeu e Linus que só sobreviveram nos nomes deles sugestionaram a fonte destas ligações - estas semelhanças. Conseqüentemente, as falsificações por atacado, principalmente por judeus, de poemas gregos. Por outro lado, havia o desejo para harmonizar Moisés e a lei dele com as idéias filosóficas do tempo. Philo o Alexandrian, o exemplo mais conspicuo deste esforço, não poderia ter sido um fenômeno isolado; ele deve ter tido muitos precursores. Este movimento posterior, embora mais evidente no Egito, e provavelmente na Ásia Menor, também teve uma influência considerável na Judéia.

2. Influências políticas

Eventos políticos ajudaram no avanço de ambas estas tendências. O favor distinto que Antioco o Grande mostrou aos gregos e para esses bárbaros que Helenizaram, se tornou com o filho Antioco Epifanio dele uma perseguição religiosa direta. Isto enfatizou o protesto do Chasidim por um lado, e entusiasmado a imaginação do visionário para maior vivacidade no outro. Enquanto foram mexidos Macabeus e os seguidores deles as ações de valor, o visionário meditativo vira em Deus o refúgio deles, e esperou para libertação à mão do Messias. Eles se imaginaram a eles o tirano golpeado abaixo pelo julgamento direto de Yahweh. Depois da morte de Epifanio, Macabeus tinha se tornado um poder a ser considerado com, e o visionários tiveram menos excitação de eventos externos até a família de Herodes ache o modo deles em poder supremo. No princípio os Herodianos favoreceu a festa Farisaica como o que apoiou João Hircano II, o amigo de Antipater, o pai de Herodes o Grande, e os Essênios parecem ter levado Herodes no princípio no favor especial deles. Porém, havia uma mudança logo. Por causa da complacência com práticas de pagão nas quais a conexão deles com os romanos forçou os Herodianos, o mais religioso entre os judeus sentidos eles compeliram para retirar todo o favor do usurpador da Iduméia, e deixar toda a esperança

nele. Isto excitou os visionários naturalmente a expectativa nova de Divina intervenção. Atrás dos Herodianos estava o poder férreo terrível de Roma. Os romanos tinham intervindo na disputa entre João Hircano e o irmão Aristobulo. Pompeu tinha profanado o templo intronizando no Santo dos Santos. A subversão desastrosa que ele sofreu às mãos de César e o fim miserável dele nas costas do Egito parecia ser um julgamento nele para a impiedade dele. Depois, Nero era a marca especial para o Apocalipse que antes deste tempo tinha ficado principalmente Cristão. Imperadores romanos posteriores impressionaram a imaginação do Apocalipse, como os Flavianos.

II. Características gerais Apocalípticas

1. Diferenças de Profecia em Conteúdo

Ambos em assunto e forma apocalíptica literal e as escritas associaram com isto difira das escritas proféticas dos períodos precedendo. Como já mencionou, enquanto o elemento de preditiva como presente em Apocalipses, como em Profecia, é mais proeminente e relaciona a períodos mais longos e envolve um aperto mais largo do estado do mundo a grande. Apocalipse só poderia ter sido possível debaixo da dominação dos grandes impérios. Semelhante em Profecia e em Apocalipse há referência à vinda do Messias, mas no posterior não só é a esperança Messiânica mais definida, tem uma referência mais larga. Nos Profetas e nos Salmos o Messias teve que ver com o Israel principalmente. “Ele salvará as pessoas dele”; “Ele morrerá para eles”; “as pessoas dele serão todo integras.” tudo isso aplicam para o Israel; não há nenhuma perspectiva imperial. Nos Apocalipses a perspectiva imperial é proeminente, enquanto começando com Daniel no qual nós achamos o reino Messiânico representaram por um “o filho de homem” em cima de contra os impérios bestiais que tinham precedido (Dn 7:13) e alcançando o acme de Apocalipse, se não sua conclusão, na Revelação de John: “O reino do mundo é chegado a ser o reino de nosso Deus, e do Cristo dele” (Ap 11:15). Enquanto o profeta era principalmente pastor de retidão, e predição usada ou como uma garantia, por seu cumprimento, do Divine dele missão, ou à predição de Apocalipse a coisa da maioria era importância como uma exibição do resultado natural de rebelião contra as leis integras de Deus, e no Apocalipse mais típico não há nenhuma exortação moral tudo que.

2. Diferenças de Profecia em Forma Literária

Na forma literária empregada há diferenças marcadas entre Apocalíptico e Profecia. Ambos fazem uso de visão, mas em Profecia, no senso mais restringido da palavra, estas visões são como uma regra insinuada, em lugar de ser descrito. Embora Isaías chama a maior parte da Profecia dele “visão”, contudo em só um exemplo ele descreve o que ele vê; como uma regra que ele assume ao longo disso tem a audiência sabe o que é visível a ele. O único exemplo (Is 6:1-13) em qual ele descreve a visão dele não é nenhum preditiva; o objeto é exortação. No caso dos Apocalipses a visão é o veículo pelo qual a predição é carregada. Em Ezequiel há visões, mas único destes - “o vale de ossos secos” - é preditiva. Nisto os símbolos usados são naturais, não, como sempre em Apocalipses, arbitrários. Compare na visão de Daniel do Carneiro e o Bode (Dan 8). Em Ezequiel os ossos secos sugestionam morte naturalmente, e o processo pelo qual eles são revivificados os tatos de leitor é o curso natural tal um evento levaria isto venha dentro da esfera de experiência ordinária; enquanto em o que é contado os chifres na cabeça da cabra grega não há nenhuma razão natural para as mudanças que acontecem, só um simbólico. Isto ainda é marcado mais na visão da Águia em (LA)4 Esdras 11. O que ainda pode ser considerado mais relacionado para a forma é o fato que enquanto os Profetas escreveram em um estilo de prosa tão elevada que sempre pairou na borda de poesia - realmente, freqüentemente passou nisto e empregou a forma de verso, como Is 26:1 - os apocalipses sempre usaram pura prosa, sem o paralelismo elaborado ou dicção cadenciada de poesia hebréia. O estranho, o deslumbrante, ou as características terríveis da visão descreveram é lançado em todo o alívio mais alto pela calvície da narrativa.

III. Autoria de Trabalhos Apocalípticos judeus

1. Autores de Pseud-epigraficos não Conhecidos Individualmente

Em a maioria dos casos a pergunta de autoria é um que tem que ser discutido individualmente com respeito a cada trabalho. Vários as características dos trabalhos fazem tal um procedimento impossível com respeito a eles. Se nós pusemos ao um lado os dois Apocalipses que formam parte do cânon, eles são todo pseudônimo, como Enoch e Baruch, ou anônimo, como o Livro de Jubileus. Muitos deles, além disso, rastros de espetáculo de interpolação e modificação através de mãos posteriores. Se nós tivéssemos uma história cheia e clara do período durante o qual eles foram escritos, e se sua literatura tivesse sido preservada em grande parte a nós que nós poderíamos ter estado em uma posição fixar no indivíduo; mas como posto de assuntos, isto é impossível. Porém, ao mesmo tempo de evidência interna, nós podemos formar alguma idéia dos ambientes desses que escreveram estes trabalhos.

2. Semelhança geral e Dependência Mútua Lhes Mostram Produtos de Uma Seita

Da semelhança notável em geral estilo que eles exibem, e do modo no qual alguns deles são relacionados aos outros, muitos destes trabalhos parecem ter sido o produto de circunstâncias semelhantes. Até mesmo esse a maioria removido do resto em tipo e atitude geral está mais próximo eles que elas são a qualquer outra classe de trabalho. Toda a evidência afirmativa assim pontos para estes trabalhos que têm estado compostos por autores que eram entre si próximo associados. A evidência negativa para isto é o provável muito pequeno influenciam estes trabalhos usando pensamento judeu posterior. Muitos deles machado citado pelos Pais Cristãos, alguns deles por escritores de Testamento Novos. O todo destes trabalhos foi preservado a nós por Christian meios. Um número grande foi preservado sendo adotado no cânon do Velho Testamento da igreja de Etiópica; um número considerável foi revelado de Biblioteca de Ambrosio em Milão; a maioria deles foi escrito na Palestina por escritores judeus; ainda nenhum sinal indubitável claro do conhecimento destes livros pode ser achado no Talmude.

3. Três Seitas judias Incluem Classe Literária Inteira

O fenômeno aqui notou é um golpeando. Trabalhos, a maioria de qual é escrito em hebreu por judeus, é esquecido pelos descendentes destes judeus, e é retido por cristãos Pagãos, por nações que eram ignorantes de hebreu e os preservaram no grego, latim ou traduções de Etiope. Uma característica do Judaísmo durante o período no qual estes livros estavam se aparecendo era o poder exercitado por certas seitas reconhecidas. Se a pessoa leva quase historiador contemporâneo dos judeus, Josefo, como a autoridade da pessoa, que é achado como proeminente eram as três seitas, Fariseus, Saduceus e Essênios. Até certo ponto isto é confirmado pelos Evangelhos e os Atos, com esta exceção notável - o Essênio nunca é mencionado através de nome.

4. Não o Produto do Saduceus

Os escriturários, a classe literária entre os judeus, tudo pertenceram a um ou outro destas seitas governantes. Por conseguinte estes trabalhos devem ter procedido de sócios de um dessas seitas. A semelhança mútua deles impede os autores deles de pertencer alguns a uma seita e algum para outro. Nós sabemos bem exatamente de Josefo e o Novo Testamento o que o caráter e doutrinas do Saduceus eram. Eles eram o sacerdotal classificam, e eram acima de tudo, os projetistas políticos. Eles receberam só o Pentateuco como autorizado, e não teve nenhuma parte nas esperanças Messiânicas das quais os Profetas estavam cheios. Eles nem não acreditaram em anjo nem espírito, e teve nenhuma esperança de imortalidade (At 23: 8). Josefo os compara com os seguidores de Epicureus entre os gregos. Nada poderia ser removido mais longe do espírito e doutrinas dos Apocalipses que tudo isso. As esperanças Messiânicas

aumentam em grande parte; anjos são proeminentes, então, são descritas hierarquias e dados os nomes deles. A doutrina de imortalidade é incluída, e são descritos os lugares de recompensa e castigo. Os Apocalipses não podem ser atribuídos então ao Saduceus.

5. Nem dos Fariseus

Há maior plausibilidade os atribuindo aos Fariseus. Tão longe como doutrinas estão preocupadas, há nenhuma dúvida que o acordo é relativamente fim. Porém, há dificuldades aceitando esta visão da origem deles. Com o outono do estado judeu, desapareceu o Saduceus quando não havia nenhum campo para atividade política, e quando com a destruição do templo não havia nenhum mais sacrifício para requerer os serviços de sacerdotes Aarônicos. Quase contemporaneamente que os Essênios desapareceram em Cristianismo. Os Fariseus só permaneceram continuar as tradições de Judaísmo. Nós temos no Talmude o resultado de Farisaica atividade literária. O Mishna é a única parte desta conglomeração diversa que está nada quase contemporâneo com os trabalhos antes de nós. Não tem nenhum das características das escritas apocalípticas. O Hagadi Midrash posterior tem mais semelhança a alguns destes, notoriamente para o Livro de Jubileus. Ainda, o desejo quase total de qualquer referência para quaisquer dos Apocalipses nas escritas de Farisaico reconhecidas, e o fato que nenhuma versão judia de quaisquer destes livros foi preservada, parece conclusivo contra a idéia que os Apocalipses deveram a origem deles às escolas de Farisaico. Os livros que formam a Apócrifa ordinária estão em uma posição diferente. A maioria, se não o todo deles, foi recebido no cânon judeu de Alexandria. Alguns deles são achados em hebreu ou arameu, como Eclesiasticus, Tobias e Judite. Nenhum dos Apocalipses foi achado assim. Isto necessariamente conduz à conclusão que os Fariseus não escreveram estes livros.

6. Provavelmente Escrito pelo Essênio

Pelo método de exclusões nós somos levados a adotar a conclusão de Hilgenfeld assim, que eles são o trabalho do Essênio. Porém, nós temos evidência positiva. Nós sabemos de Josefo que os Essênios tiveram muitos livros sagrados secretos. Esses livros antes de nós vestiriam esta descrição. Mais adiante, em um destes livros (4 Esdras) nós achamos uma história que dispõe uma explicação da existência destes livros. 2 (4) (LA) Esdras 14:40-48 conta como para Ezra havia determinado uma xícara de água como seja fogo para beber, e então ele ditou a cinco homens. Estes homens escreveram em caráter que eles não entenderam “durante quarenta dias” até que eles tinham escrito “quatro contagem e quatorze livros” (Revisou Versão (britânico e americano)). Comandam-lhe, “O primeiro que tu escritos publicam abertamente, e deixou a leitura merecedora e desmerecedora isto: mas mantém os setenta último que tu os entregam para como seja sábio entre pessoas de thy.” Enquanto os vinte e quatro livros do cânon ordinário estariam aberto a tudo, estes outros setenta livros só seriam conhecidos pelo modo - presumivelmente, o Essênios. Esta história procede na suposição que todos os livros bíblicos tinham estado perdidos durante o cativeiro babilônico, mas que depois que ele teve a memória dele acelerada, Ezra pôde ditar o todo deles; mas destes só vinte e quatro seriam publicados a tudo; havia setenta que seria mantido por uma sociedade de homens sábios. Isto explicaria como os Livros de Enoch e Noé, e a conta da Suposição de Moises poderia se aparecer na cena há próprios tempos e ainda não pôde saber antes. No livro último-nomeado há outro dispositivo. Moises diz para o Joshua que embalsame a escritura que dá conta do que está descobrindo o Israel. Livro assim embalsamou seria responsável ser achado quando o Divine providência viu a ocasião maduro. Estes trabalhos são produtos de uma escola de sócios que poderiam vigiar livros sagrados e tinham preparado explicar imediatamente para hipóteses como eles tinham permanecido desconhecidos, e como a certas crises foram conhecidos eles. Tudo isso veste o Essênios, e especialmente aquela filial deles que como Cenobita ao lado do Mar Morto. Nós somos dirigidos para adotar a hipótese de Hilgenfeld assim que o Essênio seja os autores destes livros. Esses deles isso formado a Comunidade de Engedi pela exclusão muito sonhadora deles estaria especialmente pronto para ver visões e sonhos de sonho. Para eles não parece nenhuma coisa impossível para um da fraternidade ser possuído assim pelo espírito de Enoch ou de Noé que as que ele escreveu realmente eram as palavras do patriarca. Não seria inconcebível, ou até mesmo improvável, aquele Moises ou Joshua podem em um sonho aberto a eles livros escritos muito tempo antes e aceleram as recordações deles de forma que o que eles tinham lido à noite que eles poderiam recitar pelo dia-tempo. Como todos os Essênios moradores não estavam pelas costas do Mar Morto, ou “os sócios com as palmas de Engedi,” algumas das escritas desta classe como nós poderíamos esperar, poderíamos traír um maior conhecimento do mundo, e poderíamos mostrar a influência de eventos mais que esses que procederam do Cenobita. Sobre alguma extensão corroborativa desta visão, há a importância leve dada para sacrificar em a maioria destes trabalhos.

Trabalhos Intitularam Apocalíptico

Classes de Livros

Na classificação de plantas e animais em ciência natural as várias ordens e gêneros apresentam o observador com algumas classes que têm todas as características que caracterizam a Massa geral proeminente e facilmente observável, enquanto em outros estão estas características assim longe de proeminente que ao observador casual eles são invisíveis. Isto pode ser visto nas escritas apocalípticas: há algum aquele presente todas as marcas de Apocalipses, como o Livro de Enoch, a Suposição de Moises e o Apocalipse de Baruch. Todos eles reivindicam ser revelações do futuro - um futuro que começa, porém, dos dias de algum santo antigo - e então, passando durante o tempo de é composição atual, fins com a vinda do Messias, a colocação para cima do reino Messiânico e o fim do mundo. Há outros, como o Livro de Jubileus nos quais a revelação olha declaradamente atrás, e que contém uma quantia de assunto legendário assim. Um dos livros que normalmente são considerados nesta classe tem ao contrário a maioria dos Apocalipses que estão em prosa levados o Livro de Salmos como seu modelo - os Saltérios de Salomão. Um número muito considerável dos trabalhos antes de nós leva a forma de adeus deliberações por parte disto ou aquele patriarca. O mais famoso destes é o Testamento do Doze Patriarcas. Embora a grande alvenaria foi escrita em hebreu ou arameu por residente de judeus na Palestina, os livros Sibilinos, compostos em grande parte por judeus de Alexandria, apresentam uma exceção a isto.

Nós devemos no resto da arte considere estas substitutas-classes agora na ordem mencionada: (1) Apocalipses típicos; (2) Testamentos legendários; (3) Salmicos; (4) testamentos; (5) Oráculos sibilinos.

I. Apocalipse Próprio

Como sobre indicou, tudo estes levam o Livro de Daniel como o modelo deles/delas, e imita mais ou menos de perto isto. Uma peculiaridade nesta conexão tem que se referir. Enquanto nós já dissemos que estes Apocalipses posteriores buscaram praticamente desconhecidos pelos judeus de um par de séculos a era cristã, o Livro de Daniel foi considerado autorizado universalmente semelhante pelos judeus e cristãos. Considerando estes trabalhos, nós nos restringiremos a esses Apocalipses que, se judeu ou Cristão através de religião, é a produção desses que eram os judeus por nação.

1. Livros de Enoch

O mais importante destes é o Livro, ou bastante, Livros de Enoque. Depois de tido sido citado em Judas e tido sido notado por vários dos

Pais, este trabalho desapareceu do conhecimento da igreja Cristã.

(1) História dos Livros

Extratos bastante copiosos desta coleção de livros tinham sido feitos por George Syncellus, o 8º cronista do século. Com a exceção desses fragmentos, todas as escritas atribuídas a Enoch tinham desaparecido do Ken de estudantes europeus. No último trimestre do 18º século. Bruce, o viajante abissínio, trazido para a Europa três cópias do Livro de Enoque em Etiópico que tinha sido considerado canônico pela igreja abissínia e tinha sido preservado, por conseguinte por eles. Destas três cópias, um que ele reteve em Kinnaird House, outro que ele apresentou para a Biblioteca de Bodleian Em Oxford, o terço que ele deu para a Biblioteca Real em Paris. Para mais que um quarto de um século permaneceu estes manuscritos tão desconhecido quanto se eles ainda tivessem estado na Abissínia. Pelo ano 1800 Sylvester de Sacy publicou um artigo em Enoch no qual ele deu uma tradução dos primeiros dezesseis capítulos. Isto era tirado da cópia Parisiense. Vinte e um anos depois que Arcebispo Laurence publicasse uma tradução do trabalho inteiro do manuscrito no Bodleian. Dezessete anos depois que ele publicasse o texto do mesmo SRA. A expedição para Magdala debaixo de Deus Napier trouxe vários manuscritos frescos para a Europa; os missionários alemães, para de quem liberta o avanço tinha sido empreendido, trouxe um número para a Alemanha, enquanto um número veio para o Museu britânico. Alguns outros viajantes tinham trazido dos manuscritos Orientais deste livro precioso. Flemming, o mais recente editor do texto, reivindica ter usado 26 manuscritos. Precisa mas um estudo superficial do texto Etiope para ver que é uma tradução de um original grego. As citações em George Syncellus confirmaram isto, com a exceção de um fragmento pequeno publicada por Mai. Até a última década de século passado. Os fragmentos de Syncellus formaram os únicos restos do texto grego conhecidos. Em 1892 M. Bouriant publicou de manuscritos achados em Gize, Cairo, o grego dos primeiros 32 capítulos. Mais do grego pode ser descoberto no Egito. Entretanto, nós temos o grego de Jud_1: 1 - 32, e do fragmento Vaticano uma porção de capítulo 89. Um estudo dos espetáculos gregos isto também ter sido uma tradução de um original hebreu. Deste original hebreu, porém, nenhuma parte nos desceu.

Como nós temos isto, é muito uma conglomeração de fragmentos de vária autoria. É impossível dizer se o tradutor grego era o coletor destes fragmentos ou se, quando a massa de material entrou nas mãos dele, as interpolações já tinham acontecido. Porém, a probabilidade, enquanto julgando da prática habitual de tradutores, é que como ele adquiriu o livro, assim ele traduziu isto.

(2) Resumo

O primeiro capítulo dá conta do propósito do livro, Enoch 2 por 5 uma conta da pesquisa dele dos céus. Com Enoque 6 o livro começa próprio. Jd 1:6-19 dão conta dos anjos caídos e a relação de Enoch para eles. Jd 1:20 por 36 narram o passeio de Enoch pelo universo, e dá conta do lugar de castigo, e os segredos do Oeste e do centro da terra. Isto pode ser considerado como o Primeiro Livro de Enoque, o Livro dos Anjos. Com capítulo 37 começa o Livro de Similitudes. O primeiro Similitude (capítulos 37 por 44) representa o reino futuro de Deus, a habitação do inteiro e dos anjos; e finalmente todos os segredos dos céus. Esta última porção é interessante como revelando a sucessão das partes desta conglomeração - o mais elaborado a astronomia, o posterior; o mais simples, o mais cedo. O segundo Similitude (capítulos 46 por 57) traz no Filho de Homem como um sobre-humano se não também sendo, que é vir para terra como o Messias. O terceiro Similitude ocupa capítulos 58 por 71, e dá conta da glória do Messias e da subjugação dos reis da terra debaixo de Ele. Lá é interpolada uma conta longa de Leviatã e Beemote. Também há fragmentos de Noaquiano insertos. O Livro dos Cursos do Luminários ocupa os próximos onze capítulos, para estes são duas visões (capítulos 83 por 90), no posterior de qual é uma conta da história do mundo à Luta dos Macabeus. Pode ser chamado quatorze capítulos que seguem "As Exortações de Enoch." As exortações são enfatizadas por uma exposição da história do mundo em 10 semanas sucessivas. Pode ser notado aqui que há uma deslocação. A passagem (LA) Enoque 91:12 contém os 8, 9, e 10 semanas, enquanto capítulo 93 dá uma conta do prévio 7. capítulo 104 busca séries de seções de origem variada que pode ser considerada como apêndices. Há ao longo destes livros muitas interpolações. Os mais observáveis destes são o como o qual é conhecido "Noaquianos Fragmentos," porções em qual o Noé e não Enoch é o herói e porta-voz. Há, além de, várias interpolações universalmente reconhecidas, e alguns que são segurados por alguns ser interpolado, é considerado intimamente através de outros relacionou ao contexto imediato. O mérito literário das porções diferentes é vário: de nenhum deles enlate seja chamado alto. O Livro de Similitudes, com suas revelações de céu e inferno, provavelmente é o melhor.

(3) Idioma

Nós só temos os livros completos em Etiope. Porém, o Etiope não é como já observou, o idioma original das escritas. As numerosas porções disto que ainda sobrevivem em grego, prove isso a todos os eventos nosso Etiope é uma tradução do grego. A pergunta de como distante é que o original é resolvido facilmente. Os anjos juntam em Mt. Hermon nos somos falados (En 6), e se liga por um juramento ou maldição: "e eles chamaram isto Monta Hermon porque eles tinham jurado e tinham se saltado por maldição mútua nisto." Isto só tem um significado em hebreu ou arameu, não em grego. Um pedaço muito interessante de evidência do idioma original é obtido de uma asneira. Em Enoque 90:38 somos nos falados que "todos eles se tornaram bois brancos, e o primeiro era a Palavra" (*nagara*). Como de sua conexão é óbvio para o aparecimento deste termo, que algum tipo de bois é planejado. Em hebreu o boi selvagem é chamado *r'em* (Aramaico *ntma*). Os tradutores gregos, tendo nenhum grego equivalente disponível, transliterou como *rem* ou *rema*. Este os tradutores confundiram com *Tema*, "uma palavra." é impossível decidir com qualquer coisa como certeza que dos dois idiomas, hebreu ou arameu, era o original, entretanto do caráter sagrado designado a Enoch que a probabilidade está a favor de seu ser hebreu.

(4) Data

A pergunta de data é dobro. Considerando que Enoch realmente é composto de uma coleção de livros e fragmentos de livros, a pergunta da relação temporal destes para um ao outro é a primária. A visão comum é que capítulos 1 por 36 e 72 por 91 estão pelo mesmo autor, e forma o núcleo do todo. Embora a autoridade pesada de Dr. Charles está contra nomear estas porções a um autor, as semelhanças são numerosas e parecem a nós por nenhum meios tão superficial como ele os consideraria. Ele, com a maioria dos críticos, consideraria o Livro de Similitudes como depois. Não obstante, nós aventuramos diferir desta visão, por razões que nós nomearemos.

(5) Cronologia interna: O Livro de Noé

Os fragmentos do Livro de Noé sobre aludiu para apresentar um elemento intruso no Livro de Enoch. Estes, entretanto bastante numerosos, não é tão numerosos como Dr. Charles reivindicaria. Esse aquele espetáculo rastros claros não só de interpolações de ser, mas também de interpolações de ser deste Livro de Noé, só é achado nessas porções do Livro que parece ser escritos pelo autor de Enoch 37 por 71. Neles e nos fragmentos de Noachian há porções astronômicas, como lá também está na porção que parece proceder de outra mão, capítulos 1 por 36.; 72 por 91. Quando estes são comparados, a conta mais simples dos fenômenos dos céus é achada nas porções de non-Noachian, os primeiros capítulos 37 notáveis por 71.; 92 por 107; o próximo em complexidade está isso achado nas interpolações de Noachian; o mais complexo é isso contido em capítulos 72 por 91. Isto pareceria indicar que a porção escrita mais cedo era capítulos 37 por 71; 92 por 107. Nossa visão da data desta porção mediana de En, o Livro de Similitudes, é contrária por Dr. Stanton (*Jewish and Christian Messiah*, 60 through 63; 241 through 44), que mantém que é o poste-Christian. Para esta decisão ele descansa principalmente

no uso do título “o Filho de Homem.” Este título, ele diz, como aplicado ao Messias, é desconhecido em literatura de rabbinic. Literatura de Rabbinic é todo tão tarde sobre seja de nenhum valor. O Mishna tem poucos localiza de convicção Messiânica, e não foi cometido a escrever até o fim do 2º século, quando a diferença entre igreja e sinagoga foi acentuada. Ele adicional declara que não era compreendido pelos judeus que ouviram nosso Deus, e traz como Joh_12:34 à prova de, “O Filho de Homem deve ser erguido para cima. Quem é isto - o Filho de Homem?” Dr. Stanton (*Jewish and Christian Messiah*, 241) assim traduz a passagem. A nós, a última cláusula é um mistranslation. O uso grego com respeito a *hontos ho* nos levaria a traduzir: “Quem é este tipo estranho de Filho de Homem?” Isto o significado é que veste o contexto. nosso Deus não teve em toda a fala precedendo usado o título “o Filho de Homem” de Ele. Esta oração realmente prova que a multidão considerou o título equivalente para Messias ou Cristo. Poderia ser parafraseado, “O Cristo abideth já; como sayest tu então, o Cristo deve ser erguido para cima? Quem é este Cristo?” na realidade, a adoção de nosso Deus do título é ininteligível a menos que seja compreendido pela audiência dele como uma reivindicação para Messias que é. Teve a vantagem que não pôde ser informado aos romanos como traidor. Há porções adicionais de Enoch que pode ser negligenciado. À primeira vista Rom_10:1-3 parecem se declarar como Noacinan, mas inspeção íntima mostra para isto para ser um misapprehension. Se nós levamos o texto grego de Syncellus, Uriel que o anjo enviou a Noé. O Etiopico e Gize grego são neste momento claramente corruptos. Então a introdução de Rafael insinua que a primeira porção deste capítulo e esta seção de Rafael está pelo mesmo autor. Mas a seção de Raphael tem que ver com a ligação de Azazel, uma pessoa conectou intimamente com a história mais cedo dos judeus. Deva seja contestado que de acordo com o Massoretic considerar, como de acordo com o do Septuagint, o Noé e Enoch não estavam junto vivos, pode ser respondido que de acordo com o Samaritano eles eram para 180 contemporâneos de anos. Em capítulo 68 Noé fala de Enoque como o avô dele, e o assume ser um contemporâneo dele. Além disso, nós não devemos esperar precisão precisa de Apocalipse.

(6) Cronologia externa

Quando a cronologia interna do livro for fixa, o modo está aberto para considerar a relação de cronologia externa. Dr. Charles tem provou que o Livro de Jubileus insinua que o Noaquiano repartem nos Livros de Enoque. Há nota da existência de um Livro de Noé (Rm 10:13). também há referência a um Livro de Enoque (Jub 21:10). Dr Charles dataria o Livro de Jubileus entre 135 e 105 a.C. Se, então, o Livro de Noé já era conhecido, e, como vimos nós, o Livro de Enoque ainda era mais velho, seria impossível datar Enoch mais cedo que 160 a.C. Pessoalmente não nos convencem totalmente da justeza dos raciocínios de Dr. Charles sobre a data do Livro de Jubileus, como será mostrado depois a mais comprimento. Lá se aparece a nós uma referência em Enoque 66:5 para a campanha de Antioco o Grande contra o Partianos e o Medos. Cedo no reinado dele (220 a.C) ele tinha feito uma expedição ao Leste contra as províncias se revoltadas de Mídia e Pérsia que ele subjugou. Isto foi seguido (217 a.C) por uma campanha na Palestina que no princípio próspero, terminou na derrota de Rafia. Pelo ano 212 a.C, que ele fez para uma segunda expedição ao Leste no qual ele invadiu a Índia, e conquistado em aliança Partiana formidável e reinos de Bactrian. A expectativa era natural que agora, tendo ganho tal um acesso de poder e reputação, Antioco desejaria esfregar fora a desonra de Rafia. Se anteciparia que junto com as nacionalidades de qual ordinariamente os exércitos de Síraco foram recrutados, o Partianos seria achado, e o Medos conquistado mais cedo. A descrição do andar abaixo da terra do Eleito é muito moderada para uma descrição do desecration forjado por Epiphanes. Se nós tivermos razão, nós podemos fixar em 205 a.C, como a data provável do núcleo. O Livro do Lummaries dos Céus que nós sentimos inclinado para atribuir à mesma mão como Enoque 1 por 36 contém uma história de Israel que termina com a Luta de Macabeus que ainda procede. Dr. Charles dataria esta porção a 161 a.C. Pessoalmente, nós deveríamos ser inclinados para colocar isto alguns anos mais cedo. Ele colocaria capítulos 1 por 36 antes da Luta dos Macabeus. De acordo com nosso pensar o Noaquiano genuíno fragmenta caia entre estes. O Livro de Noé parece ter existido como um livro separado pelo tempo quando o Livro de Jubileus foi escrito. É dependente em Enoque, e então depois disto. O uso de porções levado disto para interpolar nos Livros de Enoque deve ter acontecido antes da Luta dos Macabeus. Há outras passagens que têm todo aparecimento de ser interpolações, a data da qual é impossível fixar com qualquer definiteness.

(7) Eslavo Enoque

No ano 1892 foi dirigida a atenção de Dr. Charles ao fato que um Livro de Enoch era existente em Slavonic. Leitura provou que não foi uma versão do livro antes de nós, mas outro e pseudepigraphic posterior reservam, enquanto levando, como o mais cedo tinha feito, o nome de Enoch. É totalmente independente do Ethiopic Enoch Livro, como é visto pela consideração mais superficial. Começa dando conta da instrução de Enoch para os descendentes dele como ele tinha sido levado até o sétimo céu. Outro manuscrito soma outros três céus. No terço (?) céu Enoch é mostrado o lugar do castigo do mau. Na descrição do quarto céu há uma conta das condições físicas do universo no qual é dito que o ano é 365 1/4 dias; mas o curso do sol é declarado como um curso de 227 dias; que parece ser tudo aquilo é considerado para. Aqui a independência do Slavonic Enoch está clara, como o Ethiopic Enoch faz para o ano 364 dias. Há muitos pontos de semelhança que espetáculo que o escritor do Slavonic Enoch teve antes dele o livro que nos desceu em Ethiopic, mas a relação não está por qualquer meios tão íntimo sobre seja chamado dependência. O numerar definido dos céus em sete ou dez é uma prova de sua data posterior. É relacionado ao Testamento do Doze Patriarchs, e também para a Ascensão de Isaiah. Nós não podemos reconhecer a força de convicção das provas totalmente que qualquer porção deste Livro esteve composta em grego: conseqüentemente, nós não podemos concordar com Dr. Charles que estava composto na Alexandria. As semelhanças para Philo são muito pouco e desprezam para estar convencendo. Que algum disto era que Dr. Charles originalmente hebreu admite. A data Dr. Charles nomeia a isto - 1-50 anúncio - parece razoável, com esta qualificação, que parece mais próximo o posterior que o mais cedo destas datas. Uma tradução dobro, com a certeza de algumas interpolações e a probabilidade de muitos mais, faz qualquer decidiu Julgamento sobre data perigoso, tanto tem que depender de semelhanças entre livros em casos onde é impossível decidir que é dependente em qual. É imediatamente um interessante e uma valiosa adição para nosso conhecimento da mente da idade que precede a publicação do evangelho.

(8) Segredos de Enoque

Em imitação deste Livro e em algum senso em dependência nisto foi escrito um Livro de rabbinic dos Segredos de Enoch. É atribuído a Rabino Ishmael que era uma figura proeminente na rebelião de Barcochba. Enoch está lá notável como Metatron. Segue o curso do Livro de Slavonic de Enoch até certo ponto. É este livro que se refere para no Talmude, não o livro mais importante citado por Jude.

2. Apocalipse de Baruque

Embora não sem seu valor calculando a tendência de pre-Christian especulação, o Apocalipse de Baruch não influenciasse pensado do modo que os Livros de Enoch fizeram. Nem não é citado nem se referiu para por quaisquer dos Países Cristãos. Irenaeus (V, 33) citações uma declaração que ele atribui a nosso Deus na autoridade de Papias que reivindica ter nesta atribuição a autoridade de John atrás dele. Esta declaração que nós achamos no Apocalipse antes de nós, entretanto consideravelmente se expandiu. No primeiro lugar nós temos só a versão latina de Irenaeus, não o original grego, com respeito a isto. No próximo lugar, embora o latino possa ser uma tradução fiel do grego, ainda é só uma cotação de um livro perdido que registra tradições. O fato que está na forma mais curta no livro antes de nós que pareceria indicar que é o original. Se isso é assim, nós podemos considerar isto como tendo uma certa voga entre a escola de Essenian e os simpatizantes deles/delas. No Syriac Apocrypha publicou por Lagarde há um livro pequeno intitulado “A Epístola de Baruch o Escriturário.” Isto acontece ao término de nosso Apocalipse de Baruch. No Teste de Cyprian. contra Jud., III, 29 nós temos uma

passagem de comprimento considerável atribuído para Trancar, alguns palavras de qual concorda com uma passagem neste Apocalipse. Hippolytus cita um juramento usado por certo Gnostics que ele diz é achado no Livro de Baruch. Há características assim na passagem citada que parecem ser ecos do livro antes de nós. Isto era tudo aquilo era conhecido do Apocalipse de Baruch até o último meio-século, quando Ceriani descobriu uma versão de Siriaca disto na Biblioteca de Arabroaian em Milão, quase complete.

(1) Resumo

Começa depois do modelo de uma profecia: “A palavra do Deus veio a Baruch, o filho de Neriah, dizendo.” Nisto ele segue o phraseology de Jeremias. São comandados para ele e para Jeremias que deixem Jerusalém como Deus está a ponto de verter o julgamento dele adiante nisto. Baruch pede Deus para a cidade dele, e Deus mostra para ele que o castigo será temporário. Então o Caldeanos vêm cumprir o que Deus ameaçou, mas Baruch é mostrado para os ministros de anjo de Divine vingança que economiza os recipientes sagrados chamando a terra para os engolir para cima. Então os anjos ajudaram os Caldeanos para subverter as paredes de Jerusalém. Embora no Livro canônico de Jeremias (Jr 43:6, Jr 43:7) e em 2 Reis o profeta abaixa para o Egito, Baruch declara aquele Jeremias é enviado confortar os cativos na Babilônia, enquanto ele, Baruch, é permanecer em Judéia. Ele lamenta em cima de Jerusalém e denuncia aflições na Babilônia (capítulos 1 por 12). Enquanto ele está se levantando em Mt. Sião que ele é chamado em colóquio com Deus sobre o método de Divine que lida com Judá, e uma revelação é o prometida (capítulos 13 por 20). Esta revelação é introduzida por uma oração de Baruch seguida por um colóquio com o Todo-poderoso. Baruch pergunta, “Will que tribulação continua muito tempo?” Ele é respondido que haverá doze formas diferentes sucessivas de julgamento que virá. Então segue uma oração enigmática, “Dois separam semanas de sete semanas” é “a medida e pensando do tempo” o qual provavelmente meios que cada uma das partes é um jubileu ou meio um século. À terminação deste período o Messias é se aparecer. Aqui uma descrição está determinada das glórias do reino Messiânico no curso de qual já acontece a passagem chamado citou por Papias (capítulos 21 por 30). O escritor, enquanto esquecendo o que ele já disse da desolação de Jerusalém, faz Baruch ajuntar os Anciões de Jerusalém e anuncia que ele vai se aposentar em solidão. Na aposentadoria dele ele tem uma visão de uma colina arborizada, e ao pé disto está uma videira que cresce e ao lado da videira uma fonte de água. Esta fonte inchou e ficou tempestuoso, enquanto varrendo toda a floresta na colina mas um grande cedro. Também, cai a comprimento. A interpretação é determinada A floresta é o quarto Império de Daniel - o romano - as muitos magistraturas que são simbolizadas pelas numerosas árvores da floresta. O Messias é a videira e a fonte. É provável que Pompey seja o líder se referido (Baruch 31 por 40). Então segue um colóquio de Baruch primeiro com Deus, então com o filho dele e os Anciões das pessoas. Uma oração longa com a resposta de Deus da qual inclui uma descrição do castigo o mau e a recompensa do integro - o posterior é logo determinado com maior abundância (Baruch 41 por 52). É dada visão de Mãe a Baruch de doze chuvas de chuva alternadamente luminoso e escuro e uma torrente final mais preto que qualquer outra coisa e fechou por uma luz luminosa. A Barroca de anjo vem a Baruch para interpretar a visão. Representa a história de Israel ao retorno para Judea debaixo do decreto de Ciro. As últimas águas escuras representam a Luta dos Macabeus. Pareceria como se a visão continuasse o conflito para o conflito fraticida entre João Hircano II e Aristobulo (Baruch 53 por 77). Então segue a epístola aos nove e umas meio tribos (Baruch 78 por 87).

(2) Estrutura

Preliminar a qualquer coisa mais adiante é a discussão do estado do livro - como distante tem um anos, como distante está composto ou interpolado. Que contém porções diferentes é óbvio no estudo cuidadoso mais leve. A primeira porção fora a que o leitor marca é o “epístola para as nove tribos e um meio.” Como já foi mencionado esta porção se aparece independentemente e é preservada por Lagarde no Veterinário de Libri dele. Teste. Apócrifa em qual coleção precede o Livro apócrifo ordinário de Baruch. A última seção que relaciona como esta epístola foi enviada às nove tribos e um meio por uma água, é omitido. A última seção (capítulo 79) foi somado, e foi modificado para introduzir esta epístola. Não está no espírito do resto deste Apocalipse pelo que as tribos levaram cativo fora “Salmanasser, rei de Assíria” tenha qualquer parte nas bênçãos reveladas na visão. A própria epístola narra a captura da cidade somente, e a ajuda dos anjos que esconderam os recipientes sagrados. Será notado que na porção mais cedo deste Apocalipse é a terra que abre a boca dela e engole abaixo os recipientes sagrados. Outra divisão se revela em escrutínio adicional. Desde o princípio para o fim de capítulo 30 o curso da narrativa é bastante contínuo. Uma revelação é prometida, e no fim nós temos um quadro da glória e bastante as vezes do Messias. A próxima seção começa com uma exortação que tem pequeno porte em o que precedeu. Então segue a visão da floresta e a árvore sobrevivente. O colóquio e as orações que seguem, para capítulo 52, estão todo conectadas, entretanto não de perto. Mas conexão íntima não será esperada de um oriental e um Apocalipse. Então siga as seções conectadas com a visão das doze chuvas de chuva, e sua interpretação. Há cinco seções independentes assim exclusivo de interpolações que podem estar devido a escritores diferentes.

(3) Idioma

No primeiro lugar está claro que o Siriaco no qual o trabalho nos desceu se é uma tradução de grego. O manuscrito de estados de Ceriani isto em seu título. Isto é confirmado por Graecisms que filtra por, como *ho Manasseh* em Baruch 65:1, onde *ho* representa o artigo grego. Em alguns casos as leituras que são ininteligíveis podem ser explicadas atrás por tradução em grego, como mostrado por Dr. Charles. O mais convincente é o uso feito deste livro pelo escritor do “Resto das Palavras de Baruch,” que escreveu em grego. Embora não alguns estudantes seguiram Langen mantendo aquele grego era a língua original, investigação cuidadosa prova isso atrás do grego era hebreu. O mais forte destas provas é que os ecos de textos Bíblicos quase invariavelmente são do hebreu como contra o Septuagint. Assim, em 6:8, Jeremiah três vezes de tempos a terra e chamadas nisto para ouvir a palavra do Deus. Assim está no Texto de Massoretic e no Vulgate, mas não no Septuagint onde a palavra “terra” só é duas vezes determinado. Há vários outros exemplos. Dr. Charles comparou as frases idiomáticas cuidadosamente e viu prova que foram preservados usos do Texto de Massoretic no grego, e por isso carregou ao Syriac. O mais interessante destes é o idioma hebreu estranho de infinitivo com verbo finito enfatizar a ação narrada. Isto às vezes é feito em Septuagint por substantivo de cognato e verbo, e às vezes por participio e verbo. Os exemplos escolhidos por Dr. Charles têm a desvantagem que nenhum deles mostra o efeito neste idioma de atravessar os dois idiomas, grego e Syriac. Em Paulus Tellensis há exemplos - por exemplo 2Ki_18:33. Ele é raramente preciso dizendo que este idioma nunca acontece no Peshitta a menos que esteja no grego. Veja Luk_1:22; Joh_13:29, etc., como exemplos para o contrário. A prova parece conclusiva aquele hebreu era o idioma original deste Apocalipse, e que foi traduzido primeiro em grego, e disso em Syriac. Disto segue quase necessariamente que seu lugar de origem era a Palestina. Que não teve praticamente nenhum efeito em literatura judia, e era potente bastante entre os cristãos levar um Cristão sobre o meio do 2º século Cristão a compor uma adição a isto, prova a nosso pensamento sua origem de Essênia.

(4) Data

Embora o escritor assume a destruição de Jerusalém pelo exército do Caldeanos, ele tem nenhuma concepção do que tal uma catástrofe realmente significaria evidentemente. Ele tem nenhuma concepção do comprimento de tempo ocupada por um assédio, os terrores de escassez, ou a desolação que segue a captura de uma cidade. Josephus nos fala (BJ, VII, i, 1) que exceto uma porção da parede ocidental e três torres, a cidade era totalmente arrasada ao chão - “havia nada partiu para fazer esses que vieram lá acreditar que alguma vez tinha estado habitado.” Contudo, ao empreender perceber a destruição semelhante que tinha acontecido a cidade debaixo de Nebuchadnezzar,

ele fala dele sentando “antes dos portões do templo” (Baruque 10:5), quando os portões tinham desaparecido completamente. Novamente, ele junta as pessoas e os anciões deles “depois destas coisas” “no vale do Cedrom.” O Apocalipse deve ser datado consideravelmente a todos os eventos antes de 70 dC. Por outro lado, é subsequente à primeira parte de En; assume isto como conhecido (Baruque 56:10-13). Mas uma discriminação mais íntima pode ser alcançada. Na visão da madeira e a uma árvore que sobrevivem nós temos Pompey apontado claramente fora. A multidão de pontos de árvores para as numerosas magistraturas de Roma. (Compare descrição de Senado de Roma em 1 Macc 8:15.) O vidente na visão dele vê tudo estes varridos e um que permanece. Não pôde ser um imperador, como aquele título foi considerado como equivalente para “o rei,” como Nero na Ascensão de Isaia é chamado “o rei de matricídio.” O único outro provável além de Pompey ser apontados seriam o Julius Caesar. Mas o outono do grande desecrator do templo que o vidente previu, não teria falhado ser notado como tido sucesso por isso de César que tinha o conquistado. É difícil nós percebermos a posição Pompey especialmente ocupou nos olhos do mundo oriental antes da erupção da guerra civil. As cartas de Cicero e a oração dele *Pro lege Manilia* mostram o modo Pompey encheu o horizonte até mesmo em Roma republicana, em uma sociedade a maioria dos sócios proeminentes de qual reivindicou uma descida que teria os permitido a olhar para baixo em Pompey. Mas no Leste ele tinha desfrutado poderes ditatoriais. A intervenção dele na competição entre o irmãos John Hyrcanus II e Aristobulus pode impressionar os judeus, e o desecration dele do templo o separariam para uma destruição muito especial. A data é tão distante antes da morte de Pompey (48 a.C) - entretanto depois do desecration do templo - que a possibilidade de qualquer um que entra em conflito com ele não é sonhada de. Quando nós virarmos às doze chuvas, nós também somos conduzidos ao tempo desta luta como o que precederá a vinda do Messias imediatamente. Outra nota de tempo será achada em Baruque 28 - “A medida e pensando do tempo são duas partes, semanas de sete semanas.” Isto nós consideramos dois jubileus - i.e. aproximadamente um século. O ponto a ser fixado é o tempo do qual este século será considerado. A nossa idéia deve ser de algum evento conectado com o templo. Tal um evento era a dedicação do templo por Judas Macabeus no 148º ano da era de Seleucid - quer dizer, 163 a.C. Um século nos traz exatamente ao ano da captura de Pompey de Jerusalém e desecration do templo. Assim três linhas diferentes convergem apontando a 60 ou 59 a.C, como a data à qual este livro foi escrito.

(5) Relação para Outros Livros

O entrosar estranho de conhecimento de Bíblia e ignorância disto é um fenômeno a ser observado. O muito primeiro cláusula contém um anacronismo total, qualquer explicação pode ser dada da declaração. Levado com o que segue, a declaração é aquela Jerusalém foi levada por Nebuchadnezzar, “no 25º ano de Jeconiah, rei de Judah.” Isto deveria significar o 25º ano do reinado de Jeconiah naturalmente, mas ele só reinou três meses. Se a data pensou da vida dele ou o cativo dele, não vestirá a data da captura de Jerusalém pelo Caldeanos. Outra asneira estranha se aparece no subjoined “Epístola de Baruque”; o número de tribos do norte que se rebelaram contra Reoboão está confuso, com isso das tribos resolvidas no oeste do Jordão, e que das tribos que seguem a Casa de Davi com isso desses no leste do Jordão. Ainda o curso geral de história Bíblica é bastante compreendido. O autor parece bastante bem se familiarizado com Jeremias e Salmos, como lá são ecos freqüentes destes livros. A maioria marcado é a conexão entre este Apocalipse e os outros livros da mesma classe. Esta conexão não é tão óbvia em orações citáveis como na atmosfera geral. Isto é muito marcado com respeito aos livros de Enoque, Etiopico e Slavo. No caso do posterior, claro que, a semelhança não é artificial por parte do escritor deste Apocalipse. A pessoa marcou distinção, um que impede qualquer pensamento de imitação direta, é o angelologia elaborado do Enoque reserva como comparado com o um nome que se aparece no Apocalipse de Baruque. O livro com que o Apocalipse presente tem que relação mais íntima é 2 (4) Esdras. Dr. Charles deu ao término da tradução dele do trabalho antes de nós (Apoc de Baruque, 171) uma lista longa de semelhanças, não sempre de valor igual. Às vezes as referências são inexatas. A coisa principal a ser observada é que enquanto 2 Esdras como nós tem por um lado um notadamente coloração Cristã que parece impossível atribuir a interpolação, e no outro, ter visto a desolação de Jerusalém debaixo dos romanos, não há nenhum elemento Cristão no Baruque genuíno, e a desolação é mais sentimental como provou pela inabilidade para perceber as condições consequente na captura da cidade por inimigos vitoriosos.

(6) O Resto das Palavras de Baruque

Um das evidências da influência nosso Apocalipse tido na comunidade Cristã é a composição por um Cristão de “O Resto das Palavras de Baruque” (ou Jer). Isto foi achado, como tantos outros tesouros, por Ceriani na Biblioteca de Ambrosian, Milão. Jer é o porta-voz principal no livro. É revelado a ele que Jerusalém será dada nas mãos do Chaldeans, e ele anuncia isto a Baruque. Ele é cobiçoso para salvar Abimeleque (Ebedmelech), e pede Deus para ele, e Abimeleque é despachado fora da cidade enquanto os anjos estiverem destruindo isto. Ele vai para o vinhedo de Agripa e quedas adormecido. O sono dele continua sessenta anos. Quando, surgindo de sono, ele entra em Jerusalém novamente ele não reconhece isto. Um anjo o conduz a Baruque que tinha feito o domicílio dele em um tanque. Baruque escreve a Jeremias que partiu para a Babilônia. A carta dele é carregada por uma águia. Jeremias após a recepção desta epístola coleciona todos os cativos e os conduz atrás para Jerusalém. Certo deles não submeteria à lei em toda sua exatidão, mas, desviando, Samaria fundado. Depois de certo tempo Jeremias morre, sobe novamente no terceiro dia e ora o Cristo como o Filho de Deus, e é bêbedo pelos judeus. Uma coisa notável busca a conta relativamente precisa da data do aparecimento de Cristo o retorno do cativo, 477 anos, só deve ser calculado do reinado de Artaxerxes e para a ressurreição. Porém, isto faria Jeremias quase duzentos anos velho. Porém, tal uma coisa não é uma questão que perturbaria uma cronologia judia. “O Resto das Palavras de Baruque” parece ter sido escrito por um judeu Cristão na Palestina antes da rebelião de Barcochba.

3. A assunção de Moises

Na Epístola de Judas uma referência é a um conflito entre o arcanjo o Miguel e Satanás, quando eles “disputou sobre o corpo de Moises” Origen (*de Princíp*, iii.2) atribui isto a um livro ele chama *Ascensio Mosis*. Alexandrinus clemente dá uma conta do enterro de Moises citada do mesmo livro. Há várias referências ao livro até o 6º século, mas depois disso desapareceu até que Ceriani achasse o fragmento disto que é publicado no *Acta Sacra et Profana* (Vol I). Este fragmento está em latim. Está cheio de asneiras, alguma devido a transcrição, provando que o último escriturário teve mas um conhecimento imperfeito da língua na qual ele escreveu. Algumas das asneiras voltam mais distante e parecem ter estado devido ao escriturário que traduziu isto de grego. Até mesmo tal uma palavra comum como *thlipsis* (“aflição”) ele não soube, mas tentou, por nenhum meios com sucesso conspícuo, transliterar isto como *clipsis*. Assim com *allophuloi* “os estrangeiros,” o Septuaginta comum equivalente de “Filisteu,” e ainda de cidadão *skene* (“uma barraca”) e vários outros. Provavelmente foi ditado, como algumas das asneiras do copista pode ser explicado melhor como enganos ouvindo, como *lynics* para *Phoenices*, e *venient* para *veniet*. Porém, alguns estão devido a asneiras de visão por parte do tradutor, como *monses* para *moyses*. Disto podemos deduzir nós que ele leu de um manuscrito em caráter de cursive, em o qual “v” e “u” era semelhante. Este manuscrito de Milão freqüentemente foi editado. Dr Charles sugeriu com grande plausibilidade que havia dois trabalhos, um Testamento de Moises, e uma Suposição, e que estes foram combinados; e, enquanto Jd 1:9 é derivado da Suposição, como também a cotação em Clemente em Alexandria, pensa ele que Jd 1:16 é derivado de cláusulas separadas do Testamento. Pode ser observado que no fragmento que foi preservado a nós, nem as

passagens em Clemente nem isso se referiu para em Jd 1:16 será achado.

(1) Resumo

Moises, agora na planície de Moabe, chama Josué a ele e lhe dá comandos para as pessoas. Ele já tinha os abençoado tribo através de tribo. Agora ele chama o sucessor dele a ele e lhe unge que seja de boa coragem. Ele lhe fala que o mundo foi criado para Israel, e que ele, Moises, tinha sido ordenado de antes da fundação do mundo ser o mediador desta convenção. Estes comandos serão escritos abaixo e serão preservados em jarros de barro cheio de óleo de cedro. Esta oração é somada para explicar a descoberta e publicação. Um resumo rápido da história de Israel para o outono do Reino do norte segue. Os reinados sucessivos são chamados anos - dezoito anos antes da divisão do reino, 15 Juizes e Saul, Davi e Salomão, e dezenove depois de, os reis de Jeroboão para Oseias. O Reino Sulista tem vinte anos ou reinados. O Reino Sulista era cair antes de Nabucodonozor, o rei do Leste que cobriria a terra com a cavalaria dele. Quando eles estão em cativeiro a pessoa reza para eles. Aqui segue uma oração modelada em Dn 9:4-19 - quase uma versão disto. Nesta conexão pode ser notado que das dez tribos é afirmado que eles multiplicarão entre o Gentios. Há um pulo súbito adiante ao tempo da dominação grega. Singularmente, o período dos Macabeus não aparece neste esboço da história. Não são mencionadas as vezes de Judas Macabeu, mas os reis da casa dele, os descendentes de Simão, são chamado "Reis regendo subirão deles, que será chamado os sacerdotes do Deus mais Alto." A eles segue Herodes, petulans de rex, "que não será da raça dos sacerdotes." Ele executará julgamento nas pessoas goste esses de Egito. Herodes é deixar crianças que reinarão depois dele para um período curto. O imperador romano é acabar com a regra deles e queimar Jerusalém. Então vem um capítulo mutilado que, enquanto seguindo na narrativa, ainda pode ser só outro aspecto da opressão. Os funcionários romanos figuram propriamente como a fonte disto, e o Saduceus festa sumo sacerdotal como os instrumentos deles. A semelhança para as condições nas quais nosso Deus denuncia o fariseus leva a pessoa a pensar que eles, também, são queridos dizer pelos autores dos Essênios. Nós notamos acima que o período dos Macabeus é completamente omissos. A perseguição debaixo de Antiocho aparece em Suposição de Moises 8 e 9. Com Dr. Charles nós somos inclinados para pensar que eles foram deslocados. Em capítulo 9 a referência ocorre o Taxo misterioso com os sete filhos dele. Dr. Charles está bastante seguro a referência é aos sete filhos da viúva que sofreu antes de Antiocho Epifânio como relacionado em 2 Macabeus 7 (4 Mac 8 por 17), mas "a mãe" é a pessoa proeminente em todas as formas da história, enquanto em nenhuma forma disto está o pai deles mencionado. Será notado que se T deste nome misterioso, representa *taw* () no hebreu (= 400), e *𐤔* representa o *camek* () (= 60) o qual ocupa o mesmo lugar no alfabeto hebreu, e se o O representa *waw* () (= 6), somando esses números junto nós temos o número 466 que a soma das letras é de Simeão. Mas nada na história do segundo filho de Matatias se assemelha à história do Taxo misterioso. Neste assunto o leitor é recomendado estudar o Charles, Suposição de Moises, 32 por 34. Taxo recomenda os filhos dele, depois de ter jejuado para se aposentar em uma caverna, e bastante morrer que transgredir os comandos de Deus. Há uma sugestão da ação de vários de nesta conduta o piedoso no princípio das perseguições de Antiocho. Taxo então fraturas em uma canção de elogio para Deus, no curso do qual ele descreve a derrota final dos inimigos de Deus e das pessoas dele. O estabelecimento do reino Messiânico é buscar 250 vezes a Suposição de Moises. A interpretação disto é um das dificuldades com respeito a este Apocalipse. Langen leva as vezes como equivalente para décadas, e Dr. Charles como ano-semanas. O posterior parece um significado mais provável de "tempo," como mais na linha de pensamento judeu. Deveria ser notado que Dr. Charles pensa que adventum de illius não recorre ao Messias está vindo, mas para o último julgamento. Em resposta para a declaração de Moises sobre a morte se aproximando dele, Joshua rasga os artigos de vestuário dele e fraturas adiante em lamentações, enquanto desejando saber que seduzirá as pessoas quando o mestre dele partiu. Há uma frase que parece insinuar uma tintura de cultura clássica. Josué diz de Moises, "Todo o mundo é Sepulcro de," que parece ser uma reminiscência da oração de funeral de Pericles (*Thucyd. ii. 4*), "A terra inteira é o monumento de homens de renome." Ele se lança então aos pés de Moises. O mestre dele o encoraja e lhe promete sucesso. Neste momento o fragmento termina. Será esperado que logo após isto acontecesse a passagem citada por Clemente de Alexandria, e ainda depois disso citou em Judas.

(2) Estrutura

Parece ter estado unido com um, se não dois outros livros, um "Testamento de Moises" e nosso Livro de Jubileus. Pareceria isso no trabalho presente nós temos principalmente o "Testamento." A inserção do palavra *receptione* depois de morte em Suposição de Moises 10:12 indica que quando esta cópia foi feita que as duas escritas estavam unidas. Como sobre observou, lá parece ter sido um deslocamento de Jd 1:8 e Jd 1:9; eles deveriam ter sido colocados entre Jd 1:4 e Jd 1:5.

(3) Idioma

Como já mencionou, o manuscrito achado por Ceriani na Biblioteca de Ambrosian está em latim. Porém, ninguém manteve que este era o idioma no qual foi escrito originalmente. É evidentemente uma tradução do grego. Várias palavras gregas são transliteradas, alguns deles terra comum bastante. Tão claramente faz o brilho grego por, aquele Hilgenfeld reproduziu o que ele imagina o texto grego para ter sido. Isso tido sido resolvido, umas elevações de pergunta adicionais, o grego É a língua original, ou era, também, uma tradução de um original de Vidente? A primeira alternativa é isso adotado por Hilgenfeld. Os argumentos dele da impossibilidade alegada de certas construções gramaticais que são achadas em hebreu estão devido a engano. A presença de tal simplesmente formula como *Allofile* e

Deuteronomion prove isso traduzindo um livro que reivindicou ser escrito sobre Moises, o escritor seguiu a dicção usada pela Septuaginta, da mesma maneira que Arcebispo Laurence traduzindo Enoque usou a dicção da KJV da Bíblia que Estas perguntas foram investigadas competentemente por Dr. Charles na edição dele da Suposição de Moises (42 por 45). Ele mostra vários idiomas de Semítico que persistiram pelo grego - alguns casos nos quais o significado só pode ser sobreviveram reconstruindo o texto hebreu. Novamente, só pode ser explicada corrupção por meio de um texto de Semítica. Poderia ser sugerido que um falsarius que escreve em grego empregasse a dicção da Septuaginta naturalmente como freqüentemente foi terminado em inglês; a dicção da KJV é usada para cobrir a imitação de um livro sagrado. O fato que estilo era tão pouco considerado uns meios de resolver datas e autoria faz este improvável. A pergunta mais delicada de qual das duas línguas de Vidente - arameu ou hebreu - é empregado, é mais difícil resolver. Porém, há um ou dois casos nos quais nós parecemos ver rastros do *vav* (*waw*) conversive - uma construção estranho a hebreu - por exemplo 8:2, "Esses que escondem (a circuncisão deles) ele torturará e entregou até seja conduzido a prisão." A ignorância do escriturário pode, porém, seja revocado para explicar isto. Por outro lado a mudança de tempo é tão violenta que nem sequer não seria provável que um escriturário ignorante faça isto por engano. Em cima de e sobre, uma narrativa atribuiu a Josué e afirmou para ser escrito abaixo por ele ao ditado de Moises, necessariamente estaria em hebreu. Disto nós deduziríamos aquele hebreu em lugar de arameu ser o original de Semítico.

(4) Data

A identificação do *rex petulans* com Herodes e a declaração que ele deveria ser sucedido pelos filhos dele que deveriam reinar pouco tempo, fixe a data da composição do trabalho antes de nós dentro de limites estreitos. Deve ter sido escrito depois da morte de Herodes e também depois do testemunho de Arquelau, 6 d.C., e antes de fosse visto que Antipas e Filipe estavam seguros nos tronos deles. Assim nós não podemos datar isto depois que 7 ou 8 d.C. O intenso ódio dos Herodianos era uma característica deste tempo. Depois eles chegaram a ser admirados pela festa patriótica.

(5) Relação para Outros Livros

A frase mais notável é o nome dado a Moises - *arbitrator testamenti*, “o mediador da convenção,” o qual nós achamos usado na Epístola aos Hebreus repetidamente: *mes tes* a tradução grega de *mokhⁿh* em Jó 9:33, mas traduzindo a Epístola aos Hebreus em Delitzsch hebreu usa *sarsor*, um puramente palavra rabinica. Outra retribuição *mⁿaceah*. Há vários ecos neste livro de passagens no Velho Testamento, como o endereço para Josué (Jó 1:1) é paralelo com Dt 31:7 f. A oração em Suposição de Moises 4, como antes de observou, é modelado em Dn 9:4-19. Há rastros de conhecido com os saltérios de Salomão em Suposição de Moises 5 como comparado com Sl 4:1-8. Nestes lá se aparece ecos do trabalho presente para estar no descrição de nosso Deus do Fariseus, quando nós comparamos Mt 23 com Suposição de Moises 5.

Há um fragmento publicado por Ceriani intitulado “História e Vida (*diegesis kai politeia*) de Adão Que, foi Revelado por Deus a Moises, o Criado dele.” Isto uma conta da vida busca de nossos primeiros pais a morte de Abel para a própria morte deles. Foi composto a todo o aparecimento em grego, e realmente não pertence a literatura de Mosaico, mas para isso conectado com Adão. Será notado que para o Caim e Abel outros nomes são tão bem determinados além desses conhecidos. Eles são chamados *Adiaphotos* e *Amilabes*, nomes de nenhuma origem fixável. Há nenhuma evidência de influência Cristã; deste aqui seria conduzido para considerar isto como uma escritura judia; como o meio disto esteve perdido, qualquer decisão será tomada com precaução.

4. A Ascensão de Isaías

A Ascensão de Isaías se referiu freqüentemente para através de nome nos trabalhos de Pais Cristão primitivos, especialmente por Origen. É chamado por ele “O Apócrifo de Isaías.” Epifanes dá isto o título pelo qual mais geralmente é conhecido. Agora que nós temos o livro, nós achamos numerosos ecos disto. Realmente, Origen reivindica que Hb 11:37 contém uma referência a isto falando de santos que eram à parte simplórios. Justino Mártir fala da morte de Isaías em condições que insinuam um conhecido com este livro. Tinha desaparecido até Arcebispo Laurence ache uma cópia disto em Etiopi em uma Londres livro-protele. A captura de Magdala trouxe mais manuscritos para casa. Uma porção disto tinha sido impresso em Veneza de uma versão latina.

(1) Resumo

No 26º ano do reinado dele Ezequias chama Isaías antes dele entregar certas escritas na mão dele. Isaías o informa que o diabo Sammael Malkira tomara posse do filho Manasses dele, e que ele, Isaías, será à parte *sawn* pela mão dele. Em ouvir isto, Ezequias ordenaria o filho dele a ser matado, mas Isaías lhe fala que o Escolhido fará a deliberação dele vão. Na morte do pai dele, Manasses virou a mão dele para servir Berial Matanbukes. Isaiah se aposentou para Belém, e por isso, com certos profetas - Micá, Joel e Habacuque - e também Hananias e o próprio filho Joabe dele, ele removeu a uma montanha de deserto. *Balkira*, um Samaritano, descobriu o esconder-lugar deles. Eles são trazidos antes de Manasses, e Isaías é acusado de impiedade porque ele disse que ele viu Deus, contudo Deus tinha declarado a Moises, “Lá não deva nenhuma carne veja minha face.” Ele também tinha chamado Jerusalém, Sodoma, e suas regras, esses de Gomorra. Para Berial (Belial) teve grande ira contra Isaías porque ele tinha revelado a vinda de Cristo e a missão dos apóstolos. Neste momento lá parece ser uma confusão entre a primeira vinda de Cristo e o segundo dele. Os anciões sem lei e pastores estão chamado se aparecer, e é assumido os anciões da igreja e os pastores são planejados, entretanto isto não é necessariamente assim. Certamente havia muita contenção nas igrejas, como sabemos nós, relativo à pergunta de circuncisão. Porém, a referência pode ser às regras e anciões de Israel que crucificou nosso Deus. Então segue a conta da encarnação de Beliar em Nero, “o monarca de matricídio,” e a perseguição dos doze apóstolos, de quem a pessoa será entregado na mão dele - a referência aqui que provavelmente é ao martírio de Peter. Se for o Paul, então é completamente uma negação do martírio de Peter em Roma; se for o Peter, significa a negação do apostleship de Paul. O reinado do Anticristo é ser “Três anos, sete meses e vinte e sete dias,” quer dizer, na conta romana, 1,335 dias. Isto pareceria ser calculado da perseguição de Nero dos cristãos. Ele faz uma declaração singular: “O maior número desses que foram junto associado para receber o Amado ele desviará depois dele” - uma declaração que insinua uma imensamente maior apostasia debaixo da tensão de perseguição que nós temos qualquer registro de de outras fontes. Uma transação boa será dita para a inserção de 1,000 no número 332 entre 4:14, para fazer isto ler 1,332. ao término deste período “o Deus virá com os anjos dele e arrastará Beliar em Gehenna com os exércitos dele.” Então segue uma referência à descida do Amado em Sheol. O capítulo seguinte dá conta do martírio de Isaías, como ele era “*sawn* em sunder com uma serra de madeira,” e como *Balkira* o escarneceu, e se esforçou para conseguir que Isaías retratem. Com Ascensão de Is 6:1-13 a Ascensão começa próprio. Porém, este capítulo somente é a introdução. Está em capítulo 7 que a conta é determinada de como o profeta é levado para cima pelo firmamento e então por céu depois de céu para o sétimo. Um grande anjo o conduz para cima. No firmamento ele achou os anjos do diabo que inveja um ao outro. Sobre isto está o primeiro céu onde ele achou um trono no meio, e anjos à direita e a esquerda, o anterior de quem era o mais excelente. Assim estava no segundo, terço, quarto e quintos céus. Cada céu era mais glorioso que que em baixo de. No sexto céu não havia nenhum trono no meio nem era lá à direita qualquer distração entre anjos e esquerda; tudo eram iguais. Seja é elevado então ao sétimo céu - o mais glorioso de tudo - onde ele não só vê Deus o Pai, mas também o Filho e o Espírito santo. Sobre o Filho somos nos falados que ele deveria descer, e tendo assumido forma humana deveriam ser crucificados pela influência do Príncipe deste Mundo. Descobrimos desceram em Sheol, ele deteriorou isto, e ascendeu para cima em alto. Em capítulo 10 é uma conta mais detalhada da descida do Filho pelos céus sucessivos, como em cada Ele assumiu o aspecto dos anjos que dwelt nisso, de forma que eles não O conheça. No Firmamento, o disputar e invejar pareciam O impedir no princípio. Em capítulo 11 nós temos uma conta de semi-docetic do nascimento milagroso Com a declaração que estava por causa destas revelações que ele, Isaías, era *sawn* em sunder, os fins de Apocalipse.

(2) Estrutura

Dr. Charles manteve que três trabalhos estão incorporados - o Testamento de Ezequias, o Martírio de Isaías e a Visão de Isaías. Os nomes foram levados desse determinado a este trabalho em literatura de patrística, e não é estritamente descritivo dos conteúdos, pelo menos do primeiro. A cronologia confusa do trabalho como nós tem pode estar até certo ponto devido a transcrição e tradução. Do parágrafo de abertura, lá parece ter sido um Apócrifo atribuído a Ezequias. Manasses é chamado no presença do pai dele para que aqui possa ser entregado em palavras, de retidão “o qual o próprio rei tinha visto” “de julgamento eterno, os tormentos de Geenna e o Príncipe deste Mundo e os anjos dele e dos principados dele e poderes” - uma frase que insinua um conhecimento da Epístola ao Ephesians por parte do escritor. Os conteúdos dados assim que não são detalhados summarily mais adiante. A Visão de Isaías não dá conta dos poderes e principados do reino de Satanás. Pareceria melhor considerar o trabalho presente composto de dois - o Martírio de Isaías e a Visão ou Ascensão próprio. As referências parecem insinuar uma semelhança de autoria em ambas as partes para trás e adiante. Isto pareceria sugerir que o editor e autor eram um e a mesma pessoa. Há um conhecimento de negócios romanos tanto na hora da queda de Nero além disso que qualquer um morando na Palestina poderiam atingir aquela Roma pareceria ser o lugar de composição.

(3) Idioma

O original imediato do qual foram feitas a tradução, Etiope, latim e Slavo parece ter sido grego. Está claro com respeito ao Etiope onde

os próprios nomes nos quais terminam em hebreu “h” e no fim de transcrição grego em “s”, como Bezekias, Isaías, o posterior é seguido, mas Manasses é Manassa. Um caso interessante será achado em Ascensão de Isa 2:12: Mikayas é chamado “o filho de Amida,” onde “Amida” representa Imlah. Na transliteração de Etíope *'aleph* é geralmente usado para o *yodh* inicial como uma vogal, como está dentro “o Israel” (Etíope *Asreal*), conseqüentemente “Imida” possa corretamente como represente o nome. Então como delta Δ, (d) e lambda, Λ (l) está como um ao outro que a mudança é explicada. Embora certamente como dito acima, o grego foi o original imediato, é possível se nem mesmo provável que atrás do grego havia hebreu. A estrutura das orações sugere a mesma coisa (veja Is 2:5 Gr). O nome misterioso dado a Berial, Mattanbükus - o qual, infelizmente, nós não temos em grego - parece só ser inteligível na idéia que tem uma etimologia hebréia, *mattan bukah*, “o presente de vacuidade,” o palavra ser posterior equivalente para “o nulo,” “o abismo.” O título dado a Sammael, *Malkira*, parece significar o rei de naturalmente “os guardas” - *rim*, os anjos que, como relacionado em Enoque Is 10:5, não continue na primeira propriedade deles, mas se sujou com mulheres. Assim *Belkira* é “Deus do forte” - *ba'al k r*. Lá assim parece uma probabilidade para ser que gosta tantos outros desta classe, o “Ascensão” foi escrito originalmente em hebreu.

(4) Data

Ninguém que lê a “Ascensão” não pode sentir que ele tem que ver com um documento Cristão, e um que pertence ao mesmo começo de história Cristã. Pode ter havido um Apocalipse judeu mais cedo atrás, entretanto para nosso pensar isso não parece necessário. É composto de dois documentos, mas o elemento Cristão parece ser tecido na estrutura de ambas as porções. Que será datado cedo na história da igreja pode ser visto da expectativa da reaparição veloz de Cristo no mundo no parousia dele. O conflito na igreja entre anciões e pastores dão um quadro da luta entre Judaizantes e os cristãos Paulinos no outro lado. A ênfase deitada nos doze, a omissão de toda a referência para Paulo, indica que era Judaizar. O docetismo considera do nascimento de Jesus, sua independência dos Evangelhos canônicos, tudo falam de uma data cedo A data, porém, que parece a nós, pode ser fixado com grande certeza. O reinado de Berial que desceu em Nero e se encarnou nele é de três anos, sete meses e vinte e sete dias, em todos os 1.335 dias (Asc Is 4:1-6 :12), o número no fim de Daniel (Dn 12:12). Este número, pode ser notado, é alcançado considerando os anos e meses de acordo com o Calendário Juliano, enquanto provando para este Apocalipse ter sido escrito em Roma. Mas o número busca singularmente próximo a duração atual do reinado de Nero a perseguição tinha começado. Do queimar de Roma (19 de julho de 64) para a morte de Nero (9 de junho de 68) era 1.421 dias - quer dizer, 86 dias mais. Buscou pelo menos um mês a conflagração que a perseguição começou, e mais muito tempo cultivava a orgia furiosa de crueldade quando os cristãos em lance e fixou os jardins de Nero em chamas iluminado. Se um Cristão em Roma visse a perseguição, ele poderia esperar para o fim deste reinado de terror, e fixa no número que ele achou em Daniel. Já pareceria isso os 1.290 dias tinham sido exceder, assim ele espera que os 1.335 dias verão o fim do tirano. Há uma dificuldade nos 332 dias de Ascensão de Is 4:1-6 :14. A tentação é grande para estar de acordo com Lücke, Dillmann e Charles fora os que 1.000 derrubaram, e que a última figura deveria ser 5; então nós temos o mesmo número. Naquele caso, este Apocalipse deve ter sido escrito depois das notícias da rebelião de Vindex tinha chegado a Roma, mas antes da morte de Nero. Se nós podemos adotar isto - entretanto o fato que o número mais curto é achado em todos os três manuscritos de Etiópico faz este método de somar uma figura necessário para uma explicação um a ser evitada - isto apontaria ao tempo que precede a morte de Nero imediatamente. A dificuldade é, onde o pai o autor adquire o número? Se estiver correto, provavelmente é o arithmogram de algum nome de Satanás. Berial dá 322 através de gematria. Pareceria que outra marca de tempo é determinada no martírio de Pedro que pode ser datado 64 anúncio. Outra nota de negativo é a ausência de qualquer referência à queda de Jerusalém. Se tivesse acontecido, o judeu entretanto o escritor era, o amor dele para o Mestre crucificado dele teria o levado a ver a vingança de céu na cidade que tinha O posto a morte, e exulta nisto. Deve ter sido escrito no curso do ano 68.

5. O Quarto Livro de Esdras

Ao contrário os livros nós temos discutido até agora, 4 Esdras nunca desapareceu do conhecimento da igreja. Porém, nos desceu principalmente em uma tradução latina de um original grego. Arcebispo Laurence descobriu uma versão de Etiópico disto. Depois uma versão armênia com tradução latina foi publicada em Veneza. Uma versão árabe também está em existência. Foi recebido no Apocrypha da igreja anglicana, entretanto excluído disso de Alemanha; pelo Conselho de Trento, 1 Esdras e 2 Esdras de nosso Apocrypha foi excluído do cânon católico romano, e colocou depois de Revelação, junto com de Pr Man.

(1) Resumo

Os primeiros dois capítulos contêm uma profecia depois do modelo de Isaías. Não alguns passagens mostram a influência do Novo Testamento nisto. Compare 2 (4) Esdras Is 1:30 com Mt 23:37, e Mt 23:2 (4) Esdras 2:45 com Ap 7:13. Com 2 (4) Esdras 3 há um começo novo. Isto abre com uma oração que ocupa o capítulo inteiro. Em resposta, Uriel é enviado de Deus e revela a Esdras através de vários símbolos o plano de Deus com respeito ao Israel. Isto vai em para o meio de 2 (4) Esdras 5, e formas a primeira visão. Depois de jejuar sete dias, uma comunicação nova é feita por Uriel a Esdras. Começa como o anterior fez com uma oração. Então segue umas séries de perguntas pretenderam tirar a compreensão limitada de homem. Quando estes forem acabado, Uriel dá conta da história do mundo da criação. Esta visão termina com 2 (4) Esdras 6:35. A terceira visão é muito interessante, como uma seção grande de 70 versos tinha estado perdido, e só foi recuperado, e comparativamente recentemente. Esta visão contém uma conta de Criação como está em Gênesis, só expansões retóricas acontecem, e uma descrição cheia é determinada de Leviatã e Beemote. Esdras é mostrado Sião divino em visão como difícil de acesso. A porção recentemente descoberta contém uma conta do lugar de castigo, e há menção de Paraíso. O fim disto é uma oração de Esdras que parece uma composição independente (2 (4) Esdras Ezr 8:20). A quarta visão começa com 4 Esdras 9:26. Nisto Esdras é mostrado um mulher lamentando, que é interpretado para ser o Sião. Ela é transformada em uma cidade (2 (4) Esdras Ed 10:27). A quinta visão é o mais importante. Começa com um águia se aparecer que tem três cabeças e doze asas. Isto é interpretado como recorrendo ao império romano. Pareceria que isto tinha sido somado, como além das doze asas, oito outras asas são faladas de. Um leão se aparece que reprova e destrói a águia com as doze asas. Este leão é o Messias e o reino dele. A sexta visão começa com capítulo 13 e contém uma conta da vinda de Cristo. No sétimo nós temos uma conta do re-escritura dos livros ao ditado de Esdras, e a retenção dos setenta livros sagrados secretos. Em o que precedeu nós seguimos o esquema de Fritzsche. O último capítulo procede da mesma caneta como faz os capítulos de abertura, e é combinado com eles por Fritzsche e chamou o Quinto Livro de Esdras.

(2) Estrutura

Como foi indicado acima, 4 Esdras é marcado fora em várias porções distintas, precedidas Esdras jejuando, e introduziu por uma oração por parte do profeta. Kabisch tem um esquema mais elaborado que Fritzsche. Como ele, ele reconhece sete visões, e como ele ele separa fora o primeiro capítulo e o último 17, 15, 16, como por uma mão diferente do resto do livro. Mas além disso, ele reconhece adições feitas por um R ao longo do livro. A nós se aparece o esquema muito elabore.

(3) Idioma

Como supracitado, a fonte imediata do texto latino parece ter sido grega. Há muito pequeno para nos permitir a resolver a pergunta se o grego era o idioma no qual este livro estava composto, ou se até mesmo o grego é uma tradução de hebreu ou arameu. Há muitos ecos

dos outros Bíblia, mas nenhuma cotação direta, assim não há nada que mostrar se o autor usou o texto hebreu ou o Septuaginta. Os próprios nomes não provêem nenhuma pista. Embora há tantos versões do grego, eles são tudo assim paraphrastic que o grego em a maioria dos casos não está por qualquer meios certo. Os poucos versos citados em grego por Clemente de Alexandria não dispõem espaço bastante descobrir por eles se houver qualquer outro idioma atrás. Foi escrito possivelmente em hebreu, como parece ter sido escrito na Palestina.

(4) Data

Do tom do livro há nenhuma dúvida que foi escrito depois da captura de Jerusalém por Tito. Se tivesse estado devido ao cataclismo posterior, quando a rebelião de Barcochba foi subvertida, um judeu Cristão não teria manifestado tal tristeza. A fratura entre a igreja e a sinagoga estava completa antes daquele tempo. Mais adiante, teve este livro sido escrito debaixo de Hadrian, o desastre prévio teria se referido. Em cima de e sobre o distintamente e declaradamente passagens Cristãs, há numerosos ecos da Bíblia do Novo Testamento. A quinta visão dispõe notas de tempo que seria mais unambiguous se não tinha havido adições feitas. A águia com as três cabeças e são declaradas doze asas para ser a quarta monarquia de Daniel, e pelo contexto para isto é mostrado para ser Roma imperial. A pergunta que exercitou os críticos é a porção da história romana se referida. Lücke considerou a referência para ser a regras proeminente pelo tempo de Sulla, e as três cabeças para ser o primeiro triunvirato. Esta visão insinua um conhecimento de políticas romanas não possuído por qualquer judeu do pre- período Cristão. Mais adiante, os ecos de idioma do Novo Testamento que acontece (compare 2 (4) Esdras Dn 5:1 com Lc 18:8; 2 (4) Esdras Lc 6:5 com Ap 7:3, etc.) determina a decisão contra qualquer idéia que era a pre-Cristã. A realização dos horrores da subversão de Jerusalém é muito vivida para para somente ser o resultado de imaginação. Outra teoria veria nas três cabeças o três Septimians, Severus e o filhos Caracalla dele e Geta. Isto acharia um lugar para as oito debaixo de-asas, como isso o número de imperadores está exatamente entre Domitian e Severus, se a pessoa negligencia o reinado curto de Didius Julianus. A destruição de “os dois debaixo de asas que pensaram ter reinado” (2 (4) Esdras 11:31) seria cumprido na derrota e morte de pescennius o Níger e Clodius Albinus. O fato que é que a cabeça da mão direita que devora a cabeça à esquerda ajusta o assassinato de Geta o filho mais jovem, por Caracalla, o ancião. Contra esta visão está o fato que o livro é citado por Clemens Alexandrinus. Mais adiante, é dito que as oito debaixo de-asas são os reis “de quem vezes serão pequenas, e os anos deles rápido” (2 (4) Esdras 12:20). Entretanto poderia ser dito de Nerva, não pôde ser afirmado de Trajan, Hadrian, Antoninus Mais ou Marcus Aurelius. Nós somos restringidos assim à visão que mantém que as três cabeças são o três Flavianos. As doze asas são os primeiros imperadores, enquanto começando com Julius César. O reinado de Augustus é mais longo que qualquer dos monarcas que o sucederam, e é notável que a segunda asa era ter aquela distinção (2 (4) Esdras Ap 12:15). A data pode ser colocada então entre a morte de Tito e que de Domitiano - quer dizer, de 81 a 96. O Leão que reprova a Águia para o unrighteousness dele é o Messias - o Cristo - na segunda vinda dele, quando Ele entrará na glória do reino dele. Os cristãos tinham começado a duvidar a vinda veloz do Mestre, conseqüentemente Ele é falado de como “manteve até o fim de dias” (2 Esdras 12:32). Tal é os Apocalipses, no sentido exato.

II. Trabalhos legendários

O Livro dos Jubileus

O Livro dos Jubileus é o único que sobrevive desta classe de composição. A porção de Ascensão de Isaías que contém a conta do martírio dele tem muito deste caráter. Porém, foi associar para o Apocalíptico “Ascensão.” pareceria isso em algumas cópias que a Suposição de Moises foi acrescentada a este trabalho como um suplemento. Frequentemente é citado como lepto a Gênese - às vezes lepto-gênese, e novamente micro-gênese, “a pequena Gênese.” Este título não pode ser significado recorrer a seu tamanho atual, para isto é consideravelmente mais longo que o livro canônico. Ou pode significar que este livro é ser menos considerado que a Gênese canônica ou que é levado com *lepta* - “minúcias.” Outro, e explicação possivelmente mais plausível será achada no hebreu ou aramaico. Há um livro de rabinico conhecido como *B're'shuth Rabba'*, em o qual o todo de Gênese é ampliado por adições de Midrashic, amplificações e explicações, para muitas vezes o tamanho do trabalho antes de nós, o qual, em comparação, seria *B're'shuth Zuta'* - “a Gênese pequena.” A dificuldade principal disso é o trabalho judeu, B. Rabbah, não pode ser datado bem mais cedo que 300 d.C. Nós devemos o trabalho principalmente antes de nós - em sua forma completa - goste tantos outros, para sua inclusão no cânon da igreja de Ethiopic. Foram achadas porções disto no latim e Syriac pelo segundo fonte principal de literatura apocalíptica em recentes tempos, a Biblioteca de Ambrosian de Milão. Houve várias edições do texto Etiope.

(1) Resumo

É difícil de dar qualquer coisa como um resumo do Livro dos Jubileus no senso ordinário da palavra. Falando asperamente, o Livro canônico de Gênese é o resumo. O escritor omitiu muitas características e incidentes, mas estes foram mais que compensou para por adições e expansões. A maioria destas omissões tem uma pontaria apologética. Os atos de decepção da qual Abraão era culpado no Egito e para Abimeleque com respeito a Sara, o ato semelhante de Isaque, envolveria assuntos difícil paliar. O modo Simeão e Levi atraíram o Siquemitas em ser circuncidado e então tiraram proveito da condição deles para os assassinar, também é omitido. Os dispositivos de Jacó para aumentar os rebanhos dele à despesa de Labão também são ignorados em silêncio. A omissão mais marcada é a bênção de Jacó em Gn 49. Isto será explicado a propósito o escritor elogiou Simeão e Levi mais cedo que a denúncia de Jacó deles que contradiz. Muitas das adições têm uma intenção apologética semelhante, como a declaração que Diná tinha doze anos na hora do estupro, os presentes que o Jacó deu aos pais dele quatro vezes por ano, etc. Quando Jacó enganar o pai dele, ele não diz que ele é Esau, mas só “eu sou o filho.” há adições mais longas, principalmente cerimonial. Dois incidentes narrados a comprimento são a guerra do Amorites contra Jacó (Gn 34:1-9), e a guerra de Esau (37 e 38).

(2) Estrutura

A característica mais marcada do livro é o do qual tem seu a maioria nome comum, “O Livro dos Jubileus,” o datando de eventos através de Jubileus sucessivos. A história inteira do mundo é fixa em um vigamento de Jubileus e todo evento é datado pelo Jubileu da história do mundo na qual tinha acontecido, e a ano-semana daquele Jubileu e o ano daquela semana. O escritor levou o princípio de septenary dele no ano e fez os dias nisto, como fez o escritor de um dos livros de Enoque, um múltiplo de sete, $364 = 7 \times 52$ dias. Não parece ter sido interpolado.

(3) Idioma

Como tantos mais da pseud-epigrafia, o Etiope do qual nossas traduções modernas foram feitas, foi traduzido de um original grego que em troca teve uma fonte de Semítico. É um pouco difícil de formar uma decisão sobre qual dos dois idiomas de Semítico em uso na Palestina era o no qual estava composto. Certamente alguns, como Frankel, mantiveram que foi escrito em primeiro lugar em grego. Isto está ao contrário de evidência antiga, como Jeronimo recorre ao uso de *rissah*, “um estádio,” como usado no Livro de Jubileus. Mais pode

ser dito para um arameu original O uso de *Mastema* para Satanás, e os plurais em “em,” ponto naquela direção. Os argumentos de Dr. Charles parecem a nós resolver o assunto a favor de hebreu. Compare o caso de Jubileus Gn 47:9 em qual *bath*, “uma filha,” está confuso com *bayith*, “uma casa.” Um dos argumentos dele não é tão conclusivo: *wahaba*, de Gen 2:9, “deu,” se aparece onde “designou” é o significado - uma confusão de significados só possível do significado dobro de *nathan*, como o *yahabh* de arameu tem a mesma força dobro: “Veja eu fiz thee (*yeh' b'bethakh*) um Deus para Faraó” (compare Peshitta Ex 7:1). Estas indicações são poucas, mas eles parecem suficientes.

(4) Data

A autoridade formidável do Dr. Charles e que de Littmann está a favor de uma data cedo - antes da disputa de João Hircano com o Fariseu. Nossa leitura da história é diferente disso de qualquer um destes estudantes. A festa de Hassidh tinha estado morna ao Macabeus da porção posterior do pontificado de Judas Macabeu; o insulto oferecido a Hircano à própria mesa dele era a inimizade que alcança sua altura. Se nós assumirmos que o autor é um Fariseu com Dr. Charles, então a data é impossível. A festa Farisaica nunca seja as partidárias entusiásticas dos Macabeus, exclui quando a Alexandra se lançou nos braços dele. Duas características deste livro golpeiam o leitor - seu tom apoloético, e seu ódio de Edom. Durante o tempo de João Hircano a nação não assumiu uma atitude apoloética. Tinha se livrado a dominação sírio-grega e tinha repellido a tentativa a Helenize sua religião. Seria só gregos, ou esses debaixo de influências gregas que necessitariam a atitude apoloética. Nós somos dirigidos ao período Herodiano quando os romanos abundaram no tribunal e os gregos e Graeculi eram freqüentes, quando esses que, sendo os judeus e o hebreu instruído, contudo tinha absorvido cultura helenista, e prontamente viu as observações onde agressão poderia ser feita na fé deles e sua literatura sagrada. Esta data explicaria o ódio de Edom. Nós colocaríamos isto então sobre a morte de Herodes - de 5 a.C para 6 d.C.

Ao contrário os outros livros desta classe, muito disto foi achado no Talmude; conseqüentemente, entretanto nós pensamos ainda que o autor tem sido um Essenio, nós pensamos que ele teve muita condolência com a escola de Farisaica em seu mais recente desenvolvimento.

III. Pseudepigrafia

1. Saltério de Salomão

O Saltério de Salomão é o um de todo o pseud-epigrafico que parece quase ter pairado na borda de deutero-canônico. Até mesmo 4 Esdras, desde não ser achado em grego, pode ser contado uma exceção escassamente, como nunca foi admitido no cânon de Alexandria. O famoso Códex Alexandrinus, como prova seu índice, originalmente conteve o livro antes de nós. Por alguns para ser autorizados, é nomeado pelo menos, em vários catálogos de livros que foram reconhecidos, - às vezes ser declarado uncanônico. Como tantos outros livros - judeu e Cristão - durante os Idade Média, afundou em esquecimento. Um manuscrito disto foi notado primeiro por Hoeschel o bibliotecário na Biblioteca em Augsburg, no princípio do 17º século, e publicou através de la de de Cerda em 1626. Este manuscrito esteve desde então perdido. Mais recentemente, foram trazidos quatro outros manuscritos gregos para iluminar. Destes, com a ajuda de la de de o texto de Cerda, foi publicado repetidamente. O nome dado a isto, “O Saltério de Salomão,” parece puramente gratuito; o escritor não faz nenhuma reivindicação, dirija ou indireto, ser o Filho de Davi.

(1) Resumo

A coleção presente consiste de perto em 18 salmos modelados sobre linha de pensamento e dicção nos Salmos canônicos. O primeiro salmo anuncia a declaração de guerra, mas está ocupado com a denúncia de hipócritas. O segundo descreve um assédio de Jerusalém e reconhece que foram merecidas as angústias do assédio, mas fins pela descrição da morte do sitiador na costa de Egito. O terceiro salmo é um de ação de graças por parte do íntegro. No quarto nós temos a descrição e denúncia de um hipócrita em condições que sugestionam o palavras de nosso Deus fortemente contra os Fariseus. É dirigido evidentemente contra um sócio individual proeminente do Sinedrio. Na data geralmente recebida, Antipater pode ser a pessoa denunciada. O quinto salmo é uma oração para clemência de Deus e uma atração para a bondade dele. O sexto está ocupado com uma descrição da bem-aventurança do íntegro. O salmo curto que segue é uma oração de Israel debaixo de castigo, Deus suplicante para não remover o tabernáculo dele do meio deles. O oitavo salmo descreve o assédio do templo e denuncia os pecados dos habitantes de Jerusalém que tinha trazido longe de contra eles e uma oração para restauração para favorecer. Israel, um cativo, reza a Deus para perdão no nono salmo. No décimo nós temos a bem-aventurança do homem que submete ao castigar do Deus. O tema do décimo primeiro é o retorno dos cativos. A idéia do salmo seguinte não é distinta a estrofe mediana de Sl 120:1-7 do saltério canônico. O próximo tem como seu tema a bem-aventurança do íntegro e a propriedade má do mau. O décimo quarto tem um assunto semelhante. O próximo começa com o sentimento tão freqüente no Pss canônico: “Quando eu estava em dificuldade que eu chamei o Deus.” O salmo que segue é experimental no senso dos velhos Puritanos. O décimo sétimo salmo é o mais importante, como é Messiânico, e exibições as esperanças prevalecente entre os judeus na ocasião quando foi escrito. O décimo oitavo dá uma descrição da bem-aventurança do retorno dos judeus a Divine favor. Mrs. Ryle e James dividiriam este salmo em dois, como lá parece ser uma conclusão ao décimo verso com o *diapsalma* de sinal. Além disso, um tema ligeiramente diferente é introduzido neste momento, mas há uma referência no *Pistis Sophia* para o 19º ps, e isto não é o insinuado. Parece ser um pouco de probabilidade que uma tradução latina existiu uma vez de referências, entretanto poucos, nos Pais latinos; mas nenhum manuscrito disto ainda foi descoberto. Uma tradução de Siriaca foi descoberta por Dr. Rendel Harris, junto com vários outros salmos também atribuídos a Salomão que ele chamou “Odes.” Destes mais será dito abaixo.

(2) Idioma

Que o grego destes salmos uma tradução é do hebreu pode ser provado pelo que parece ter sido erros em tradução, como *tou eipein*, “dizer,” onde senso insinua “destruir,” do significado dobro de *dabhar*, “dizer,” e depois “destruir”; *heos emkese*, “até que ele conquistasse,” onde o significado deve ser “sempre” ou “continuamente,” equivalente para *'adh la-necah*, que poderia ser levado como em arameu e poderia ser traduzido como no grego. Mais adiante, o caráter geral, a ocorrência freqüente de en em sensos puxados em grego mas vestindo a preposição hebréia completamente , “b -”, a omissão do verbo substantivo, a simplicidade geral na estrutura das orações, serve confirmar isto. Para elucidação mais cheia o leitor é dirigido a Ryle e James edição deste livro (lxxviii-lxxiv). Hilgenfeld urgiu alguns argumentos a favor de ser grego o idioma original. Estes realmente provam que o tradutor foi influenciado muito fazendo a tradução dele pela versão da Septuaginta do saltério canônico.

(3) Data

Enquanto Ewald colocaria isto atrás pelo tempo de Epiphanes, se nem mesmo mais cedo, e Movedores e Delitzsch colocariam isto sobre o tempo de Herodes, a descrição do assédio não veste nenhum assédio mas que de Pompey. Ainda mais a morte do opressor orgulhoso que sitiou os ternos de Templo até o minutest detalha a morte de Pompeu, e ternos isso de nenhum outro. Esta é a opinião de Langen, Hilgenfeld, Drummond, Stanton, Schurer, Ryle e James. Porém, os salmos foram escritos a várias datas entre 64 a.C, o ano que precede o sítio Pompeiano, e a morte de Pompeu 46 a.C. A idéia crítica comum é que é o Saltério do Fariseu. A coisa singular é que entretanto o escritor reverencia o Templo, ele não fala nada dos sacrifícios, e espetáculos nenhum horror à desonra dos padres altos - o atitude a pessoa esperaria, não de um Fariseu, mas de um Essenio.

(4) Cristologia

O interesse principal desta pseud-epigrafia Cristologica que principalmente será visto no Salmo 17. O Messias é a semente de Davi: Ele é vir na queda do Asmoneanos, subverter os romanos em troca. Ele é juntar Israel espalhado, e é sujeitar o Gentios a regra dEle. O caráter desta regra é ser espiritual, santo, sábio e há pouco. Todas estas características indicam uma preparação para a vinda de Ele que cumpriu a expectativa dos judeus de certo modo que eles tiveram tão pouco sonhou de.

2. Os Canticos de Salomão

Os estudantes de Gnosticismo lendo o *Pistis Sophia*, um dos poucos restos literários nos deixou por essas heresias estranhas, ache citações repetidas do saltério de Salomão nenhum de que seria achado na coleção recebida. Havia a pessoa numerou referência, mas era ao salmo 19, considerando que foram conhecidos só dezoito para existir. Lactantius tem uma citação do saltério de Salomão que, como esses em *Pistis Sophia*, não tem nenhum lugar dentro o “dezoito.” era óbvio que havia mais escritos de Salomão que foram chamadas Salmos que esses normalmente conhecido. No princípio de 1909 o mundo instruído foi assustado pela informação que Dr. Rendel Harris tinha achado nas estantes dele o Saltério perdido de Salomão em uma tradução de Siríaca. O manuscrito estava no princípio defeituoso ambos e termina, mas havia, afinal de contas, pequeno perdendo do livro inteiro. O título e o colofão estavam claro que ausentes. Começa com os Salmos novos, ou, lhes dar o título de Dr. Harris, “Odes,” em grego “Canto” que são seguidos por esses cultive conhecido agora.

(1) Relação para *Pistis Sophia* e Resumo

Esta não pode ter sido a ordem do tempo quando *Pistis Sophia* (texto Gnóstico) foi publicado, como a primeira destas odes é citado como os 19°. Há quarenta-dois deles. Eles são o trabalho de um Cristão. A doutrina da Trindade está presente; muito proeminente é o nascimento milagroso do Salvador; a descida do Espírito Santo em Maria na forma de uma pomba; a crucificação, e a descida em Inferno; e, entretanto menos claramente, a ressurreição. Uma coisa notável é a semelhança da conta do nascimento de virgem a isso que nós achamos na Ascensão de Isaías.

(2) Data

Dr. Rendel Harris data estas odes Cristãs no último trimestre do 1º século, e lá parece toda razão para concordar com isto. A relação o 19º salmo (Ode 37) agüenta à Ascensão de Isaías não é discutido por ele, mas a nosso pensamento, parece a Ascensão de Isaías o mais primitivo.

IV. Testamentos

Embora, no sentido exato, lei judia não teve nenhum lugar para “disposições testamentárias” por esses sobre morrer - “a porção de bens” isso caiu a cada sendo prescrito - contudo as exortações agonizantes de Jacó se dirigiram aos filhos dele, o adeus canção de Moises, o leito de morte de Davi aconselha a Salomão, era da natureza de legados espirituais. Debaxo do grego e testamentos de lei romanos estavam os meios regularmente entendidos de organizar heranças; com a coisa foi transferido o nome, como no Mishna, *Babha' Bathra* ' 15 26 f , *dayyitke*, tão também em Siríaco. A idéia deste pseudepigrapha não é puxada claramente do “Último Will e Testamento,” mas as exortações agonizantes sobre se referiu.

1. Testamentos dos Doze Patriarcas

Genesis 49 no qual Jacó se dirige aos filhos dele juntou redor da cama agonizante forneceu o modelo para várias escritas de pseudepigraphic. Deste o mais longo conhecido é Testamento dos Doze Patriarcas. Nisto o escritor imagina cada dos filhos de Jacó seguindo o exemplo do pai dele e ajuntando os descendentes dele para que ele pudesse dar o custo morrendo dele. Enquanto Jacó enviou cada separadamente dos filhos dele, os filhos de nenhum dos filhos dele, salve esses de José, se tornou a todo proeminente; assim no caso dos filhos de Jacó eles cada endereço os descendentes deles como um todo. Estes Testamentos estão principalmente ocupados com conselhos morais. O pecado contra o que a maioria advertiu é incontinência.

(1) Resumo

(A) Rubem

O primeiro Patriarca cujo Testamento é determinado é Rubem. Enquanto ele lamentar o pecado que o privou do direito inato dele, ele dá conta das várias tendências que tendem a pecar, e acomoda cada destes com um espírito mau - espíritos de decepção. Ele dá detalhes do pecado dele que, se assemelhar a esse determinado no Livro de Jubileus, difere em uma direção apologética. Este esforço apologético é levado mais longe no *Targum do pseudo-Jonathan*. Nisto Rubem é declarado para ter desordenado a cama de Bila porque foi posto ao lado da mãe dele, e ele foi acusado de impureza com ela; mas o Espírito revelou a Jacó que ele não era culpado.

(B) Simeão

O próximo Testamento é de Simeão. O crime que parece ter Jacó mais afetado, se nós podemos julgar por Gn 49:5-7, era o assassinato do Siquemitas por Simeão e Levi. Porém, isso não é tocado no Testamento; a inveja dele de José é isso que ele a maioria se arrepende de. Porém, uma estrofe é inserida, enquanto advertindo contra fornicção (Gn 49:3).

(C) Levi

O Testamento de Levi segue. É principalmente apocalíptico. O assassinato dos Siquemitas é considerado uma completamente ação estimável, e é recomendado por Deus. Não é mencionada a deslealdade da circuncisão nada. Ele conta como ele foi admitido em sonho ao terceiro céu. Em outra visão ele é vestido com os artigos de vestuário do sacerdócio. Depois que um pedaço de autobiografia seguisse por advertências gerais que Levi conta para o que ele tinha aprendido da escritura de Enoque. Ele conta como os descendentes dele cairão fora e ficarão corrupto. Será notado que fornicção fica muito proeminente no quadro do futuro. A destruição de Jerusalém é predita, e o cativo de Judá entre todas as nações. Isto não pode recorrer à colocação para cima do “Abominação de Desolação” por Epifanio. O Templo não foi posto desperdício, embora foi profanado; e lá não seguiu na profanação por Epifanio o se espalhando dos judeus até todas as nações. Parece necessário entender por isto desperdiçando a captura de Jerusalém por Tito. Por conseguinte, o “o

padre novo” de XII P 18 parece a nós o padre “depois da ordem de Melquizedeque” de acordo com a interpretação do Novo Testamento.

(D) Judá

Judá é o próximo de quem Testamento é determinado. Ele declara a própria grande coragem pessoal dele primeiro, enquanto matando um leão, um urso, um javali, um leopardo e um touro selvagem. Quando os reis de Canaanite assaltaram Jacó como relacionado no Livro de Jubileu, ele mostrou a coragem dele. Várias façanhas bélicas das quais nós só aprendemos aqui, ele relaciona. A agressão feita pelos descendentes de Esau nos filhos de Jacó e a vitória de Jacó está relacionada da maneira e quase nas condições da conta no Livro de Jubileu. Ele menciona com vários explicativo e apologético detalha o pecado dele no assunto de Tamar. Ele denuncia cobiça, embriaguez e fornicação. Então ele comanda para os descendentes dele olhar a Levi e o reverenciar. Então segue uma passagem Messiânica que parece agüentar uma interpretação Cristã naturalmente.

(E) Isacar

O Testamento de Isacar é muito mais curto que qualquer um do dois precedendo. Depois de contar a história do mandragoras, ele enfatiza agricultura. Como é notável por Dr. Charles, isto está a discrepância com a representação rabinica das características da tribo. Também, ele denuncia impureza e embriaguez.

(F) Zebulom

O Testamento de Zebulom é pequeno mais longo que isso de Isacar. Este Testamento está muito ocupado com história de tho da venda de José no qual Zebulom protesta ele levou só a parte menor e não adquiriu nenhum do preço.

(G) Dã

O Testamento de Dã também é curto. Ele confessa a raiva dele contra José, e assim adverte contra raiva. Também aqui são advertências contra prostituição. O Messias é pular de Judá e Levi. Dr. Charles pensa o primeiro destes não estava no original, porque teria sido naturalmente “tribos,” não “tribo,” como é. Isto um pouco precipitado, como em 1Rs 12:23 (Septuaginta) nós temos a construção precisamente semelhante *pros panta o kon Iouda ka Beniam n*, uma oração que representa a construção do hebreu. Nisto há uma passagem Messiânica que descreve o Messias como entregando os cativos de Beliar.

(H) Naftali

O Testamento que segue, o de Naftali, tem elementos apocalípticos nisto. Abre com a genealogia de Bila, a mãe dele cujo é dito que o pai é Rotheus. A visão dele representa Levi que agarra o sol e Judá a lua. O homem jovem com as doze filiais de palma parece ser uma referência aos Apóstolos. José agarra um touro e passeios nisto. Ele tem um sonho adicional no qual ele vê uma tempestade a mar e os irmãos que estão separado. Novamente há uma referência ao tema periódico de relação sexual (XII P 8).

(I) Gade

O assunto do Testamento de Gade é ódio. Gade é associado com Simeão como sendo a maioria enchido de ira contra José.

(J) Aser

Aser surge cordial obediência para retidão, como o apóstolo diz Tiago faz na epístola dele.

(K) José

Um do mais importante destes Testamentos é de José. A abertura está ocupada com uma descrição prolongada da tentação de José pela esposa de Potifar. Há naquela conexão a habitação insalubre em assuntos sexuais que são achados em escritores monacais. Não há alguns semelhanças ao idioma dos Evangelhos (compare XII P Tg 1:6 e Mt 25:36). Há uma passagem mais importante (XII P 19:8): “E eu vi isso de Judá nasceu uma virgem que usa um artigo de vestuário feito de linho, e dela nasceu um cordeiro, e na mão esquerda dele havia, como seja, um leão: e todas as bestas se apressaram contra ele, e o cordeiro os superou, e os destruiu, e os andou debaixo de pé.” Isto para nós é claramente o Cristão. Dr. Charles, sem crença apocalíptica o apoiar, emendaria isto e mudaria a leitura.

(L) Benjamim

O Testamento de Benjamim é muito um apêndice a isso de José. Abre com a conta José deu a Benjamim de como ele foi vendido ao Ismaelitas. Ele exorta os descendentes dele contra decepção, mas, como todos seus irmãos, ele os adverte contra fornicação. Há uma passagem Cristã longa que certamente parece uma interpolação, como não é achado em alguns dos textos, entretanto outros têm todos os versos. O texto relativo a Paulo (XII P 11:1, 2) se aparece em formas variadas em todas as versões.

(2) Estrutura

Que estes “Testamentos” foi interpolado é provou pelas variações nos textos diferentes. Porém, Dr. Charles foi muito mais distante, e onde quer que haja que uma cláusula Cristã declarou isto uma interpolação óbvia. Para nossa parte, nós admitiríamos como uma regra essas passagens ser genuíno que está presente em todas as formas do texto. O texto grego estava primeiro dentro, assim dizer, recentes tempos editados por Grosseteste, bispo de Lincoln, no 13º século. Desde então foram achados outros manuscritos, e um eslavo e uma versão de aramaica. Nós podemos assim conferir as interpolações. Em essência a passagem Cristã em T Josefo é achada em todas as versões.

(3) Idioma

Dr. Charles faz um caso muito forte por ser hebreu o idioma original. Os numerosos argumentos dele não são tudo de valor igual. Enquanto algumas das construções de Hebraísticas alegadas podem ser realmente assim, não alguns podem ser explicados por imitação do idioma do Septuaginta. Como um exemplo do primeiro, compare T Jud (XII P 7): *ochlos barus = hel kabhedh*, “numeroso anfitrião.” por outro lado T Reub XII P Tg 3:8: “entendendo na Lei,” é uma volta de expressão que poderia ser totalmente bem comum entre Grego-falar os judeus. De passagens que só são explicável através de retranslation, como em T Josephus 11:7, “Deus... o aumentou em ouro e prata e no trabalho,” esta última volta está evidentemente devido ao tradutor está fazendo *’abhuddah*, “o criado,” como se fosse *’abhodhah*, “trabalhe.” em geral, nós estamos preparados para emendar a decisão em outro lugar, e admite que a probabilidade disso é este livro, como tantos mais da mesma classe, foi traduzido de hebreu.

(4) Data e Autoria

Dr. Charles declara o autor ter sido um Fariseu que escreveu na parte cedo do reinado de João Hircano I. A dificuldade inicial com isto, como com o outro pseudepigrapha atribuindo uma autoria de Farisaica, é a preservação do livro entre as comunidades Cristãs, e a ignorância ou o ignorando disto entre os judeus. A única seita dos judeus que sobreviveram a destruição de Jerusalém era isso do Fariseu. O Saduceu que era mais um político que uma facção religiosa, desapareceu com a cessação do estado judeu. Quando o

Judaísmo se tornou uma religião somente - uma igreja - não uma nação, a função deles teve sido. A terceira seita, o Essênios, desapareceu, mas fez assim na igreja Cristã. Se o escritor tivesse sido um Essênio, como supomos nós que ele era, a preservação desta escritura pelos cristãos é facilmente explicável. Se era o trabalho de um Fariseu, seu desaparecimento da literatura da sinagoga é tão inexplicável quanto sua preservação pelos cristãos. O tocando harpa constante no pecado de fornicação - em T Naph XII P Jo 8:8 até mesmo relacionamento matrimonial olhou desconfiadamente a - indica um estado de mente satisfatório para as doutrinas dos Essênios. A data preferida por Dr. Charles, se o autor for um Fariseu, aparece a nós impossível. O Fariseu teve, longo antes da fratura final, estado fora de condolência com os Macabeus. O Chasidim abandonou Judas Macabeu a Elasa, não improvavelmente por causa da aliança ele tinha feito com os romanos pagãos, e talvez também a suposição dele do alto-sacerdócio. Mais adiante, o templo é posto desperdício e as pessoas dirigidas em cativeiro até todas as nações (T Levi Rm 15:1). Isto não veste o desecration do templo debaixo de Epifanio. Durante aquele tempo o templo não foi posto desperdício. As orgias da adoração de Bacchus e de Júpiter Olympius desonrou isto, mas isso é uma coisa diferente de seu ser pôs desperdício. Os se espalhando até todas as nações não levaram coloque então. Alguns foram levados cativo e escravizado, mas isto não era geral. A descrição só aplicaria a destruição do templo por Tito e o escravizando e cativeiro da massa dos habitantes de Jerusalém. O "o Novo Sacerdote" não pode recorrer aos Macabeus, porque eles eram Aaronites até Alcimus ou Onias, entretanto não da família alto-sacerdotal. Esta mudança do sacerdócio só tem ponto se recorrer ao sacerdócio de Cristo como em Hb 7:12. Se Dr. Charles tem razão mantendo que 2 Mac em sua conta de Menelau serão preferidos a Josefo, a mudança do sacerdócio não era sem precedente, porque Menelau era um Benjamita, não um Levite. Ainda 1 Mac leva nenhuma notificação desta enormidade. Mais adiante, há as numerosas passagens que são diretamente e indiretamente o Christian. Dr. Charles os marca tudo certamente como interpolações, mas ele não dá nenhuma razão em a maioria dos casos por fazer assim. Que a omissão de tais passagens não desloca que a narrativa surge da construção mais simples de narrativa de Semitic, e é não ser considerado então como evidência conclusiva de interpolação. A referência para Paulo em T Ben XII P 11, acontecendo em todas as fontes, embora com variações, também pontos para uma origem pos-Cristã. Por estas razões, nós aventurariamos diferir de Dr. Charles e considerar o Testamento dos Doze Patriarcas pos-cristão, e ser datado no primeiro trimestre do 2º de século d. C.

(5) Relação para Outros Livros

Da decisão nós alcançamos com respeito à data destes Testamentos, segue que todas as muitas semelhanças que foram notável entre eles e os livros do Testamento Novo estão devido a imitação por parte dos Testamentos, não o contrário. Um caso em ponto é T Josefo XII P Hb 1:6 onde a semelhança para Mt 25:31-36 é íntima; só, considerando que no Evangelho o juiz aprova do íntegro por causa do visitar deles o doente e os prenderam, e condena o mau porque eles não fizeram assim, em T Josefo Deus auxilia aos criados dele. O Testamento realmente é uma imitação da passagem no Evangelho. O visitando direto do aflito, qualquer a forma da aflição, era uma coisa de ocorrência cotidiana. Pensar do fazer Todo-poderoso assim é o resultado de uma metáfora corajosa. Um familiar com o Evangelho poder narrativo não desnatural pensam nos procedimentos de Deus com os santos em condições tiradas do descrição de nosso Deus do Último Julgamento. Em T Naph XII P Mt 2:2 que a figura do oleiro e o barro é, como em Rm 9:21, aplicado ao poder de Deus em cima das criaturas dele. A passagem no T Naph é ampliada, e não tem a conexão íntima com o argumento que a passagem de Paulina tem. Enquanto nenhum das outras semelhanças der para um qualquer chão decidir, estes exemplos realmente levam os outros com eles. Nós podemos considerar as semelhanças assim ao Novo Testamento no Testamento dos Doze Patriarcas devido ao copiar posterior do anterior.

2. Testamento de Adão

O Testamento de Adão somente sobrevive em um grupo de fragmentos publicado primeiro por Renan no *Diário Asiatique* (1853). Um fragmento grego foi publicado por M. R. James. Uma porção disto é apocalíptica, e dá uma conta da adoração oferecida por todas as classes diferentes das criaturas de Deus. Mais estritamente da natureza de um Testamento é um fragmento de Siriaco intitulado "Mais de Adão Nosso Pai." contém uma profecia da encarnação, e parece ser ultimamente data. Era usado pelo Sethires.

3. Testamento de Abraão

O Testamento de Abraão é um recente documento. Abre com representar Abraão à porta de barraca dele. Um recension declara a idade dele então para ser 995 anos. Michael vem a ele. O propósito para o qual o Michael foi enviado é revelar a Abraão que ele tem que morrer. Ele hesita fazer isto. Porém, quando a mensagem fatal é revelada, Abraão não renderá no princípio para cima o espírito dele. Ele é depois que um tempo persuadiu, e antes da morte dele ele tem uma revelação como recompensa, lá é dado a ele uma visão do mundo inteiro no senso mais largo - o mundo de espíritos como bem. Vendo uma alma que, pesou no equilíbrio, está sendo achado quase querendo, pela intercessão dele a alma é admitida a Paraíso. Há vários rastros de influência Cristã; muitas dos pensamentos e frases são semelhantes a esses ser achado nos Evangelhos. Ao mesmo tempo, embora para um que tinha lido a declaração de nosso Deus para o Evangelho de João que Abraão tinha visto o dia dele "e estava alegre" (Jo 8:55, 56) teria levado um escritor Cristão inevitavelmente a ter exibido o Abraão como vendo em visão o dia de Cristo. O fracasso do escritor para fazer assim parece mostrar que ele não era um Cristão. Os ecos do Evangelho no idioma e o desejo daquele distintivo marca Cristã será explicada se nós consideramos o tradutor como uma Cristão, enquanto o Midrash original era o trabalho de um judeu. O idioma provavelmente era aramaico. Há duas revisões gregas, um mais longa que a outra. Há uma versão árabe que parece ser uma tradução dirija de arameu. Como lá nenhuma referência é à vinda de Cristo, este Testamento é provavelmente pré-Cristão. A tradução pode ser datada cedo no 2º século, como Orígenes conheceu isto.

Em árabe há um manuscrito dos Testamentos de Isaque e Jacó. Eles estão atrasados. O posterior é fundado no último capítulo de Gênesis.

4. Testamento de Jó

Mais interessante é o Testamento de Jó publicado em *Anecdota Apócrifa* por M. R. James em 1897. Pretende ser uma conta dos sofrimentos dele relacionada por Jó ele. Se aparece ser o trabalho de um judeu, traduzido por um Cristão. A posição de Satanás no Midrash não é tão subordinada como no drama. Eliú, quando não confundiu com Elifaz, é considerado inspirado por Satanás.

(1) Resumo

Começa com Jó, "que é chamado Jobab," chamando os sete filhos dele e três filhas. A lista dos filhos forma uma assembléia singular de nomes, provavelmente de origem Semítico. A maioria deles palavras certamente gregas são, entretanto não próprios nomes gregos - *Choros* e *N ke*, "dança" e "vitória," *Huon*, "de porcos," *Phoros*, "tributo." Os outros nomes *Tersi*, *Phiphi*, *Phrouon*. Ele fala para os descendentes dele como ele tinha sido chamado à noite e tinha tido isto revelado a ele que não foram oferecidos os sacrifícios que previamente tinham sido oferecidos no grande templo perto dele a Deus, mas para Satanás. Ordenaram que ele destruísse o templo dedicado a falsa adoração assim. Ele fez assim, mas soube que o Satanás o, levar a vingança dele, buscaria. Satanás veio disfarçado como um mendigo, e Jó, enquanto o reconhecendo, ordenou o portereiro dele para lhe dar um bolo queimado de pão, todas as cinzas. O Satanás se revela e ameaça Jó. Com XII P 9 começa uma conta da riqueza de Jó e beneficência grandiosa fundada no livro canônico. Continua a XII P 16. Esta porção é uma expansão do Jó canônico. Em algumas porções há variações marcadas. Jó é um rei, e desde então isto é assim, é

invocado o poder de Pérsia para o subverter. Depois que vinte anos que os amigos dele vêm se condoer com ele. Eles também são os reis. Sitis a esposa dele está lamentando as crianças dela. Jó declara ele os vê coroou com beleza divina. Em aprender isto, morre Sitis, e assim reúne as crianças dela. São condensadas muito as falas dos amigos, e escassamente do mesmo caráter como esses no livro canônico. São introduzidas passagens líricas. A diferença mais singular do livro canônico é o rôle nomeado a Eliu. Jó diz, “Eliu inspirado por Satanás se dirigiu a mim palavras apressadas” (XII P 42). Deus fala então com Jó no vendaval e culpa Eliu. Jó sacrifica para os três amigos, e Elifaz em um pedaço lírico felicita o e os amigos dele, e declara que serão extinguidas o abajur e glória de Eliu (XII P 43). Por uma segunda esposa somos nos falados que Jó teve os sete filhos e três filhas que são chamadas ao lado da cama dele. Fechando a narrativa dele (XII P 44) Jó exorta bondade para o pobre. No fim do livro falam as filhas sucessivas dele. Ele tinha dividido a propriedade dele, agora dobre o que tinha sido originalmente, entre os sete filhos dele e tinha deixado as filhas desprovido para. Porém, ele dá neles outros presentes. São trazidos três recipientes dourados o e os dados, três cordas além, e cada um tem um vários dom. A primeira filha, chamou, como no Septuaginta, Hemera, (Jemima no Jó canônico), teve outro coração a dado, e ela falou na língua dos anjos. Casia (Keziah), a segunda filha, também teve um coração mudado, e foi dado a ela para falar no dialeto dos principados (*archon*). Então a terceira filha se cingiu, e com o coração mudado era determinado ela falar no idioma do querubim. Esta filha é chamada *Amalthe as Keras*, como a tradução bastante estranha de *Keren Haphukh* adotada pela Septuaginta. Todos os nomes são transferidos daquela fonte. Um irmão de Jó nomeado Nereus (ou Nereias) é introduzido, que registra presentes adicionais a estas filhas - uma lira para o primeiro, um incensário para o segundo e um tambor para o terço. Este irmão é um parente de de quem existência nós não temos nenhuma sugestão em outro lugar. Ele é apresentado para prover a conclusão à narrativa.

(2) Estrutura

Se apareceria isso de XII P 1 a 45 é o Testamento original no qual Jó é o orador. Em XII P 46 por 51 um estado novo de assuntos entra em proeminência na qual Nereus é o orador. Os últimos dois capítulos parecem ser adições decididamente: os presentes novos para as filhas parecem inexplicados. Claro que, autores orientais não olham tão estritamente à unidade de partes como faça os Ocidentais.

(3) Idioma

A dependência na Septuaginta sugeriria que o grego fosse a língua original. Um ou dois fenômenos apontam a uma língua de Semítica que está atrás do grego. São levados os nomes das filhas de Jó da Septuaginta; esses dos sete filhos foram inventados. Como vimos nós, eles não são nomes gregos, mas provavelmente é Helenizado realmente versões de alguns títulos de Semítico. Ao mesmo tempo, eles não parecem ser hebreus, mas bastante arameu. Pareceria ter sido traduzido antes de um familiar com o Novo Testamento.

(4) Autoria e data

Não tem nenhuma referência direta a doutrinas Cristãs ou os fatos de história Cristã. Isto parece conclusivo contra seu ter uma origem Cristã. A razão que levaria um Cristão a compor um tal documento seria dar uma evidência profética adicional para a missão do Mestre dele. Ele não teria nenhum objeto entendendo Jó para ser uma conexão de Israel, a menos que ele seja assim ele. Dr. James pensa que o escritor tem sido um Cristão judeu do 2º do século residente no Egito. Pelos 2º século poucos judeus passaramos de Judaísmo à fé de Jesus: a fratura entre igreja e sinagoga tinha ficado completa. Aquele Jó é feito o rei de todo o Egito (XII P 28) pode indicar alguma relação àquele país, como se o escritor tivesse identificado Jó com Psammeticus, o rei egípcio subvertido por Cambyes. Porém, isto pode ter estado devido ao tradutor. Se o idioma original fosse Semítico - arameu ou hebreu - a probabilidade é que o autor escreveu na Palestina. Não há nenhum sinal direto para indicar a data. Há nenhum aparecimento de conhecimento de Roma. O fogo da oposição para o Seleucidas tinha diminuído. Pode ter sido escrito no reinado de Alexandre.

V. Oráculos Sibilinos

O queimando do Capitólio (83 a.C) e a destruição dos livros Sibilinos famosos levou Sulla a procurar na Itália e Grécia para qualquer Oráculo que poderia substituir os conteúdos dos volumes que tinham estado queimados. Sobre um século e meio Augustus posterior reavivou a procura para Oráculos. Tal uma demanda produziria uma provisão naturalmente. Pareceria aqueles certos judeus de Alexandria, ansioso propagar a fé dos pais deles, versos inventados na forma na qual estes Oráculos tinham sido preservados, como nós aprendemos de Heródotos - i.e, em linhas de hexâmetro e no dialeto épico no qual Homer e Hesiod tinham escrito. Esses em Heródotos são principalmente do Oráculo de Delphi. De Pausanias que cita vários deles aprendemos nós que os Oráculos atribuíram ao vário Sibyls foi entregue em um estilo semelhante. Conseqüentemente estas falsificações judias foram escritas em hexâmetros épicos. Depois, esta indústria foi procurada com até maior zelo por cristãos. Estes foram colecionados em vários livros - uns 15 são nomeados - de qual alguns estiveram perdidos. Os livros são compostos de fragmentos de idades diferentes. O primeiro livro começa com a criação, e narra a história da raça à inundação e o andamento fora da arca de Noé. Então a história de nosso Deus é determinado succinctly, o milagre dos pães, a crucificação, e a destruição de Jerusalém. Nisto *Hades* é derivado de “o Adão.” Referência é feita ao pecado dos guardas, como em En, e um aritmografico é determinado o qual parece ser cumprido em *Theos Soter*. O segundo livro é modelado em grande parte no discursos de escatologia de nosso Deus, muitas passagens que agüentam um eco distinto disto. Pode ser notado que os quatro arcanjos do Livro de Enoque - o Michael, Gabriel, Raphael e Uriel - é introduzido. O terceiro é por muito o mais longo, mas é uma massa confusa de fragmentos. Há referência cedo à conquista de Egito por Roma; o edificio da torre de Babel, o assédio de Troia, a conquista de Alexandre e muitos outros eventos se aparece. O quarto livro é Cristão ao longo de. Elogio para os cristãos busca um esboço da história dos grandes impérios, enquanto começando com os assírios e terminando com Alexandre; então uma conta de Nero se aparecendo do Leste e fazendo abastecimentos ms o fim de todas as coisas. O quinto livro começa com uma conta dos imperadores sucessivos de Julius César para o Antonines. Então uma canção nova começa com o Egito, e vaga indefinidamente fora, enquanto recorrendo a Xerxes que cruza o Helesponto, as impurezas de Roma, e terminando com o Egito e o queimando de todas as coisas. O sexto é curto - 28 linhas em elogio da Cruz; e o sétimo é fragmentário. No oitavo é o aritmografico e acróstico: *ΙΗΣΟΥΣ ΧΡΙΣΤΟΣ ΘΕΟΥ ΥΙΟΣ ΣΩΤΗΡ ΣΤΑΥΡΟΣ*, *Ie sous christos theou huios soter stauros*. Os livros restantes têm características semelhantes. O lugar de composição é evidentemente o Egito, como, qualquer o contexto imediato pode ser, o escritor gravita para o Egito; e os autores são judeus ou os cristãos judeus. As datas dos vários fragmentos dos quais esta coleção é queda composta entre o primeiro triunvirato e a idade de Diocletiano.

VI. Conclusão

Há muitos pontos em qual a teologia Apocalíptica preparado o modo para o de Cristianismo. Porém, estes são levados mais naturalmente debaixo dos títulos especiais deles. Angelologia é desenvolvido muito mais em certas escritas apocalípticas que está em Cristianismo, se nós excluimos as escritas publicadas debaixo do nome de Dionísio ou Areopagita. A maioria deles está ocupado com o Messias próximo. A Cristologia destas escritas é decididamente com antecedência disso do Testamento Velho. Porém, aquela pergunta é discutida debaixo de seu título apropriado. Próximo conectado com isto está a doutrina de Deus, ou teologia próprio. Nisto, também, há uma aproximação

à doutrina Cristã da Trindade. Com estes escritores a doutrina das Últimas Coisas é trazida sempre em relação íntima a isso do Messias. A vinda dele é o sinal para o fim do mundo, o último julgamento, o castigo do mau e a recompensa do íntegro. O que nós há pouco dissemos aplica principalmente para o estritamente judeu e pre-Cristiã Apocalipses. Nos Apocalipses judeus Cristãos o lugar a encarnação e o cabo de nascimento milagroso é merecedor de nota especial. A representação com respeito ao posterior destes assuntos é independente da narrativa de evangelho. Conectado com esta independência dos Bíblia escritos é as variações que estas escritas introduzem em história. Muitos destes estão devido a razões apologéticas, não alguns para o desejo para aumentar a glória nacional. A reverência para a carta de Bíblia, tão notadamente característica dos ensinamentos de rabinicos achados no Talmude, não é achado nas escritas apocalípticas. Apocalíptico assim presentes uma fase na doutrina de Bíblia.

Literatura

Em Apocalíptico geralmente: Deane, Pseudepigrapha; Derembourg, Histoire de la a Palestina; Drummond. Messias judeu; Ewald, História de Israel, tradução V; Gratz, der de Geschichte Juden, III.; Hilgenfeld, Messias Judeorum; Jüdische Apokalyptik; Kautzsch, Morra und de Apocryphen des de Pseudepigraphen Allen Testaments; Langen, zur de Palastina Zeit Christi; Renan, du de Histoire d'Israel de Peuple; Schürer, Pessoas judias, tradução V; Stanton, Messias judeu e Cristão; Thomson, Livros Que Influenciaram nosso Deus. Em livros especiais: Enoch (Texto, Ethiopic): Laurence, Dillmann, Flemming; (O inglês): Laurence, Schodde, Charles. Slavonic Book de Enoch: Morfill. Baruch (Texto, Syriac): Ceriani; (O inglês): o Charles, A Suposição de Moses (Texto, latim): Ceriani; (O inglês): o Charles, A Ascensão de Isaiah (Texto, Ethiopic): Laurence, Dillmann; (O inglês): o Charles, Quarto Livro de Esdras (Texto, latim): Vulgate; (O inglês): Apocrypha a Versão Revisada (britânico e americano) Livro de Jubileus (Texto, Ethiopic): Dillmann, Charles; (O inglês): Schodde, Charles, Psalter de Solomon (Texto, grego): Pico, Ryle e James; (O inglês): Whiston, Pico, Ryle e James, Rendel Harris (de Syriac). Odes de Solomon (o inglês): Rendel Harris, Testamentos do XII Patriarchs (Texto, grego): Sinkler, Charles; (O inglês): Sinkler, Charles, Testamentos de Abraham e Trabalho; Textos e Estudos; Oráculos sibilinos (Texto): Alexandre, Rzach.

Apocrypha

a-pok'ri-fa:

I. Definição

II. O Nome Apocrypha

1. Significados originais

(1) Clássico

(2) Helenístico

(3) No Novo Testamento

(4) Patrístico

2. “Esotérico” em Filosofia grega, etc.

III. Uso sobre Apócrifa

1. Uso Cristão primitivo

Literatura “Apocalíptica”

2. A Igreja Oriental

(1) “Esotérico” Literatura (Clemente de Alexandria, etc.)

(2) mudança para “Religioso” Livros (Origen, etc.)

(3) “Espúrio” Livros (Atanasius, Nicephorus, etc.)

(4) “Lista de Sessenta”

3. A Igreja Ocidental

(1) O Decretum Gelasii

(2) “Non-canônico” Livros

4. Os Reformadores

Separação de Livros Canônicos

5. Heb Words para “Apocrypha”

(1) faça Tal Exista?

(2) visões de Zahn, Schurer, Zelador, etc. (ganaz, genuzim)

(3) razões para Rejeição

6. resumo

IV. Conteúdos do Apocrypha

1. lista de Livros

2. classificação de Livros

V. Idiomas Originais do Apocrypha

VI. Data das Escritas Apócrifas

Literatura

I. Definição

A palavra Apócrifa, como normalmente compreendido, denota a coleção de escritas religiosas que a Septuaginta e Vulgata (com diferenças triviais) contenha além das escritas que constituem o cânon judeu e protestante. Estes não é o original ou o senso correto da palavra, como será mostrado, mas é que que agüenta quase exclusivamente em fala moderna. Em trabalhos críticos do dia presente é habitual para falar agora à vista da coleção de escritas como “o Velho Testamento Apócrifo,” porque muitos dos livros foram escritos pelo menos em hebreu, o idioma do Velho Testamento, e porque todos eles se aliam muito mais de perto ao Velho Testamento que para o

Testamento Novo. Mas há um “Novo” como também um “Velho” Testamento Apocrypha que consiste em evangelhos, epístolas, etc. Além disso o adjetivo “Apócrifo” também é aplicado freqüentemente em tempos modernos ao que é chamado agora geralmente “escritas de Pseudepígrafo,” assim designou porque designou nos títulos a autores que não fizeram e não lhes poderiam ter escrito (por exemplo Enoque, Abraão, Moisés, etc.). As pessoas assim conectadas com estes livros estão entre o mais distinto nas tradições e história de Israel, e pode haver nenhuma dúvida que o objeto para o qual tais nomes foram assim usados é acrescentar peso e autoridade a estas escritas.

O recente Professor E. Kautzsch de Halle editou uma tradução alemã do Velho Testamento e Novo Apócrifo, e das escritas de Pseudepígrafo, com introduções excelentes e notas de preciosidade pelos melhores estudantes alemães. Dr. Edgar Hennecke editou um trabalho semelhante no Novo Testamento Apócrifo. Nada no idioma inglês pode ser comparado com os trabalhos editados por Kautzsch e Hennecke em bolsa de estudos ou utilidade. (Um trabalho inglês semelhante para isso editado por Kautzsch está atravessando agora o (Oxford) imprensa, Dr. R. H. Charles que é o editor, o escritor deste artigo que é um dos contribuintes.)

II. O Nome Apócrifo

A investigação que segue mostrará que quando a palavra “Apócrifo” era primeiro usado em escritas eclesiásticas agüentou um senso virtualmente idêntico com “esotérico”: de forma que “escritas apócrifas” era como atraído a um círculo interno e não pôde ser entendido por estranhos. A conotação presente do termo não foi fixada até que a Reforma protestante tinha começado, enquanto limitando o cânon Bíblico a suas dimensões presentes entre igrejas protestantes.

1. Significados originais

(1) Clássico

O adjetivo grego , *apokruphos*, denota estritamente “escondido,” “escondido,” de um objeto material (Eurip. Herc. Pele. 1070). então veio significar o que está obscuro, recôndito, duro entender (Xen. Mem. 3.5, 14), mas nunca tem em grego clássico qualquer outro senso.

(2) Helenístico

Em grego helenístico como representado pela Septuaginta e o Novo Testamento não há nenhuma partida essencial de uso clássico. Na Septuaginta (ou bastante a versão de Theodotion) de Dn 11:43 está de pé para “escondido” como aplicado a ouro e lojas de prata. Mas a palavra também tem no mesmo texto o significado “o que é escondido longe de conhecimento humano e entendendo.” Assim Dn 2:20 (Theod.) onde o *apokrupha* ou coisas escondidas são os significados do sonho de Nabucodonozor revelados entretanto a Daniel “escondido” dos homens sábios de Babilônia. A palavra tem o mesmo senso em Sirach 14:21; 39:3, 7,; 42:19; 48:25; 43:32.

(3) No Novo Testamento

No Novo Testamento acontece a palavra mas muito, isto é, Mc 4:22 e o L8:17 paralelo; Cl 2:3. Na última passagem pensaram Bispo Lightfoot que nós temos no palavra *apokruphoi* (tesouros de Cristo escondidos) uma insinuação para o conhecimento esotérico se vangloriado dos falsos professores, como se Paulo pretendesse dizer que está em Cristo só que nós temos verdadeira sabedoria e conhecimento e não nos livros secretos destes professores. Assumindo isto, nós temos neste verso o primeiro exemplo de *apokruphos* no senso “esotérico.” Mas a evidência está contra tão cedo um uso do termo nisto - logo ser seu prevalecendo - senso. Nem faz demanda de exegese tal um significado aqui, para nenhuma escrita de qualquer amável pareça planejado.

(4) Patrística

(**Patrística** é o nome dado à filosofia cristã dos primeiros sete séculos, elaborada pelos Pais da Igreja, os primeiros teóricos — daí “Patrística” — e consiste na elaboração doutrinal das verdades de fé do Cristianismo e na sua defesa contra os ataques dos “pagãos” e contra as heresias.

Em escritas patrísticas de um período primitivo o *apokruphos* de adjetivo chegaram a ser aplicados a escritas judias e Cristãs que contêm conhecimento secreto sobre o futuro, etc, inteligível só para o número pequeno de discípulos que os leram e era acreditado que eles eram providos especialmente para quem. A esta classe de escritas pertencem esses designados Apocalíptico em particular (veja LITERATURA APOCALÍPTICA), e será visto assim como empregou aquele *apokruphos* tem virtualmente o significado do grego *esoterikos*.

2. "Esotérico" na filosofia grega, Etc.

A breve declaração sobre a doutrina da filosofia grega antiga serão encontradas útil neste momento. Desde muito cedo os filósofos da Grécia antiga distinção entre as doutrinas e ritos que poderia ser ensinado a todos os seus alunos, e aqueles que poderiam ser proveitosamente comunicados apenas para um círculo seletivo chamado de iniciados. As duas classes de doutrinas e ritos - eram principalmente o último - foram designados, respectivamente, "exotérico" e "esotérico". Lucian (falecido em 312; Vit ver. Auct. 26), seguido por muitos outros se refere à distinção de Aristóteles, mas tão moderno os estudiosos concordam, erradamente, para o

, *exoterika logoi*, de que o filósofo denotar tratados popular. Os pitagóricos reconhecidas e observadas nesses dois tipos de doutrinas e deveres e há boas razões para acreditar que eles criaram uma literatura correspondente dupla infelizmente nenhum exemplo explícito da literatura como chegaram até nós. Nos mistérios gregos (órfica, dionisiaca, Elêusis, etc), duas classes de ouvintes e leitores estão implícitas toda, mas é uma pena que, mais do rolamento da literatura sobre a questão não foi preservada. Entre os budistas da *Samga* formas de fechar uma sociedade aberta originalmente aos monges ou *bhikhus* admitido somente após um exame mais rígido, mas em anos posteriores freiras (*bhikshunis*) também tenham sido admitidos, embora no seu caso também, depois de testes cuidadosos. O Vinaya Pitaka ou "Cesta de Disciplina" contém as regras para a entrada e os regulamentos a serem observados após a entrada. Mas essa literatura e afins foi e ainda é considerada caviare para fora. Veja tradução dos livros sagrados do Oriente, XI (Rhys Davids e Oldenberg).

III. Uso sobre Apócrifa

Deve ser tido em mente que a palavra *apocrifa* realmente é um adjetivo grego no plural neutro, enquanto denotando estritamente “coisas

escondidas.” Mas quase certamente o bíblia de substantivo é compreendido, de forma que a real implicação da palavra é “livros apócrifos” ou “escritas.” Neste *apocrifa* de artigo será empregado no sentido deste último, e apócrifo como o equivalente do grego *apokryphos*.

1. Uso Cristão cedo

” Apocalíptico” Literatura

O palavra apocrifa era primeiro tecnicamente normalmente usado por escritores Cristãos cedo para as escritas judias e Cristãos classificadas abaixo “Apocalíptico” (veja LITERATURA APOCALÍPTICA). Neste senso acontece do palavra esoterika grego clássico e agüenta o mesmo significado geral, isto é, que escritas pretenderam para um círculo interno e boné, capaz de ser compreendido por nenhum outros. Estas escritas dão intimações relativo ao futuro, o último triunfo do reino de Deus, etc., além de, foi pensado, descoberta humana e também além da inteligência do inesperiente. Neste senso o Gregory de Nyssa (morreu 395; De Ordin., II, 44) e Epifanio (morreu 403; Haeres, 51:3) fale do Apocalipse de João como “apócrifo.”

2. A Igreja Oriental

Cristianismo isto não tem nada correspondendo à idéia de uma doutrina para os iniciaram ou uma literatura para um seletos poucos. O evangelho foi orado em seus primeiros dias para o pobre e ignorante, e a leitura e estudando dos Bíblia sagrados foram urgidos pelas igrejas (com algumas exceções) no público a grande.

(1) “esotérico” Literatura (Clemente de Alexandria, Etc.)

A elevação desta concepção na igreja oriental é facilmente compreendida. Quando os devotos de filosofia grega aceitaram a fé Cristã que era natural eles olharem para a religião nova pelo médio da filosofia velha. Muitos deles leram nas escritas canônicas significados místicos, e encarnou esses significados em livros especiais, estes última formação literatura esotérica em eles: e como no caso de escritas apocalípticas, foi venerada esta literatura esotérica mais que a própria Bíblia. De um modo semelhante lá cresceu lado a lado entre os judeus com a lei escrita uma lei oral que contém o ensino dos rabinos e considerou mais sagrado e autorizado que as escritas eles professam para expor. A pessoa pode achar alguma analogia no fato que entre muitos cristãos a literatura oficial da denominação para a qual eles pertencem tem força mais dominante que a própria Bíblia. Este movimento entre cristãos gregos grandemente foi ajudado por seitas de Gnostica e a literatura esotérica para as quais eles deram origem. Este Gnostics tinha se sido influenciados profundamente por babilônico e misticismo Persa e a literatura correspondente. Clemente de Alexandria (morreu 220) distintamente menciona livros esotéricos que pertencem ao Zoroastrian (Mazdean) religião.

Cristianismo Oriental e especialmente gregos tendiam a dar à filosofia o lugar que o Novo Testamento eo cristianismo ocidental atribui o Antigo Testamento. A preparação para a religião de Jesus dizia-se na filosofia muito mais do que na religião do Antigo Testamento. Recorde-se que Marciano (falecido em finais de século 2 dC), Thomas Morgan, o deista galês do século 18 (morreu em 1743) e Friedrich Schleiermacher (falecido em 1834) ensinou esta mesma coisa.

Clemente de Alexandria (veja acima) reconheceu 4 (2) Esdras (a seguir designado por "Apocalipse de Esdras), a Assunção de Moisés, etc, como inteiramente canônico. Além disso, ele confirmou a autoridade eo valor dos livros esotéricos, judeus, cristãos e até mesmo nações. Mas ele é de grande importância para o nosso presente propósito, porque ele é provavelmente o mais antigo escritor grego a usar a palavra apócrifos como o equivalente de esoterika, pois ele descreve os livros esotéricos do zoroastrismo como apócrifos.

Mas a idéia de literatura religiosa esotérica existia em um tempo anterior entre os judeus, e foi emprestado a partir deles, os cristãos. É evidente que é ensinado no Apocalipse Esdras (Esd 2 ou 4) capítulo 14, onde é dito que Ezra auxiliado por cinco amanuenses produzidas sob inspiração divina 94 livros sagrados, os escritos de Moisés e os profetas de ter sido perdida quando Jerusalém e do templo foram destruídos. Deste grande número de livros sagrados 24 deviam ser publicados abertamente, para os indignos, bem como o digno, estes 24 livros que representam, sem dúvida, os livros do Antigo Testamento hebraico. Os 70 restantes devem ser guardados para uso exclusivo dos sábios "do povo", ou seja, eram de caráter esotérico. Talvez se o original grego deste livro tinha sido preservada a palavra "Apocrypha" teriam sido encontradas como um epithetic inscritos para os 70 livros. Nossas versões em Inglês são feitas a partir de um original em latim ver (2 (4) Esdras APOCALYPTICO ou a estudiosos. Modernos concordam que, na sua forma actual, este livro surgiu no reinado de Domício 81-96 anúncio. Assim que a concepção de literatura esotérica existiu entre os judeus do século 1 da nossa era, e provavelmente ainda mais cedo.

É significativo o caráter original da religião de Israel que ninguém foi capaz de apontar para uma palavra hebraica correspondente ao esotérico (ver abaixo). Quando entre os judeus, surgiu uma literatura de tradição oral, foi natural a aplicar a este conceito, o passado grego esotéricos, especialmente porque este tipo de literatura era muito mais caros, em muitos círculos judaicos que as Escrituras do Antigo Testamento.

(2) Mude para "Religious" Livros (Orígenes, Etc.)

O próximo passo na história da palavra "Apocrypha" é aquele pelo qual ele veio a designar livros religiosos inferior em autoridade e vale para as Escrituras do Antigo Testamento e Novo Testamento. Esta mudança de atitude em relação à não-canônicos escritos ocorreu sob a influência de dois princípios: (1) que nenhum escritor pode ser inspirado, que viveu após a era apostólica, (2) que nenhuma escrita pode ser reconhecida como canônica, a menos que se aceite como tal pelas igrejas em geral (em latim, a princípio era - quod ubique, quod semper, quod ab omnibus). Agora, sentiu-se que muitos não se a maioria dos escritos religiosos, que entrou no final do século segundo a ser chamado de "apócrifos" em um sentido depreciativo teve sua origem entre as seitas heréticas, como os gnósticos, e que nunca tinha ordenado a aprovação da grande maioria das igrejas. Orígenes (morto em 253) decidiu que deveríamos discriminar entre livros chamados "apócrifos", como alguns têm de ser firmemente rejeitado como ensinar o que é contrário às Escrituras. Mais e mais a partir do final do século segundo, a palavra "apócrifo" veio para defender o que é falso e indigno de confiança e, especialmente, para os escritos atribuídos a autores que não escrevê-las, ou seja, os chamados livros "pseudoepigráficos".

Irineu (falecido em 202), em oposição a Clemente de Alexandria, nega que os escritos esotéricos possui créditos a credibilidade ou mesmo respeito, e ele usa a palavra grega para "apócrifo" para designar todos os judeus e cristãos cânones. Para ele, como mais tarde para Jerome (morreram 420), "canônicos" e de "apócrifos" foram termos antitéticos.

Tertuliano (falecido em 230) tiveram a mesma opinião: "apócrifo" para ele indicada não canônicas. Mas ambos Irineu e Tertuliano entende por apócrifos, nomeadamente os escritos apocalípticos. Durante o período de Nicéia, e mesmo antes, os livros sagrados foram divididos por professores cristãos em três categorias: (1) livros que poderiam ser lidos na igreja, (2) livros que poderiam ser lidos em particular, mas não em público, (3) livros que não eram para ser lido em todos. Esta classificação está implícita nos escritos de Orígenes, Clemente de Alexandria, Atanásio (falecido em 373), e nos fragmentos Muratorian (cerca de 200 dC).

(3) "espúrias" Livros (Atanásio, Nicephorus, Etc.)

Atanásio, no entanto, restringiu o Apocrypha palavra para a terceira classe, tornando o adjetivo correspondente sinônimo de "espúria".

Nicéforo, patriarca de Constantinopla (806-15 d.C.) em sua Cronografia (pertencentes essencialmente a 500 d.C., de acordo com Zahn) divide sagrado livros, assim: **(1)** os livros canônicos do Antigo Testamento e Novo Testamento, **(2)** O Antilegomena de ambos os Testamentos; **(3)** O Apocrypha de ambos os Testamentos.

Os detalhes dos Apócrifos do Novo Testamento são assim enumerados: **(1)** Enoque, **(2)** Os 12 Patriarcas, **(3)** A Oração de José; **(4)**, O Testamento de Moisés, **(5)** A Assunção de Moisés (**(6)** Abrão; **(7)** e Eldad Modad; **(8)** Elias, o Profeta **(9)**; Sofonias, profeta, **(10)**, Zacarias, pai de João, **(11)** O Pseud-epigrafo de Baruque, Habacuque, Ezequiel e Daniel.

Os livros apócrifos do Novo Testamento são assim apresentadas: **(1)** O Itinerário de Paulo; **(2)** O itinerário de Pedro, **(3)** O percurso de João, **(4)** O Itinerário de Tomé; **(5)**, O Evangelho segundo Tomé, **(6)** O Ensino dos Apóstolos (a Didaqué); **(7)** e **(8)** As duas epístolas de Clemente **(9)**; Epístolas de Inácio, Policarpo e Hermas.

As listas acima são repetidos na Sinopse chamado de Atanásio. Os autores desses livros chamados apócrifos ser desconhecida, ela foi procurada para ganhar o respeito a esses escritores de aderência para os nomes bem conhecidos, de modo que, especialmente na igreja ocidental, "apócrifo" veio a ser quase sinônimo de "pseudepigráficos".

Das listas do Velho Testamento acima números 1, 2, 4, 5 são sobrevivente, no todo ou em parte. Os números 3, 7, 8 e 9 são perdidos embora citado como verdadeiro por Orígenes e outros Padres orientais. Eles são todos designados apocalipses apócrifos, em conformidade com o uso precoce.

(4) "Lista de Sessenta"

No anônimo, "Lista de sessenta", que elogia a partir do século 7, temos representado provavelmente a atitude da igreja oriental. Ele divide os livros sagrados em três classes: (1) de sessenta livros canônicos. Uma vez que o cânon protestante consiste de 57 livros, mas ele será visto que na lista de livros fora de nosso cânone são incluídos. (2) Livros excluídos os 60, mas de autoridade superior aos mencionados como apócrifos na próxima aula. (3) os livros apócrifos, os nomes dos que são os seguintes: (a) Adam, (b) Enoque; (c) Lamech, (d) Os 12 Patriarcas, (e) A oração de Joseph, (f) e Eldad Modad ; (g) O Testamento de Moisés, (h) A Assunção de Moisés, (i) Os Salmos de Salomão; (j) O Apocalipse de Elias, (k) A Ascensão de Isaías, (l) O Apocalipse de Sofonias (ver Número 9 do livros do Antigo Testamento Apocrypha mencionado no Cronografia de Nicephorus); (m) O Apocalipse de Zacarias; (n) O Ezra apocalíptica; (o) A história de James, (p) O Apocalipse de Pedro, (q) O Itinerário e Ensino dos Apóstolos (r) As epístolas de Barnabé; (s) Os Atos de Paulo; (t) Apocalipse de Paulo; (u) Didascalia de Clemente, (v) Didascalia de Inácio; (w) da Didascalia Policarpo; (x) Evangelho segundo São Barnabé; (y) Evangelho segundo Mateus.

O maior número desses livros vêm sob a designação de "apócrifos", no sentido inicial de "apocalíptico", mas por este tempo a palavra tomou em menor significado, ou seja, não bons livros para ler, mesmo privado. No entanto, o fato de que esses livros são mencionados em todos os show que eles eram muito mais caros do que os pagãos, e que até mesmo herético escritos cristãos. As igrejas orientais até os dias atuais rejeitar o significado de "apócrifos" atual entre os protestantes (ver definição acima), e sua Bíblia inclui os apócrifos do Antigo Testamento, não fazendo distinção entre ele eo resto da Bíblia.

3. A Igreja Ocidental

(1) A Gelasii Decretum

Na igreja ocidental da palavra apócrifo eo adjetivo correspondente teve uma história um pouco diferente. Em geral, pode-se dizer que a igreja ocidental não adotar a divisão tripla dos livros sagrados prevalentes na igreja oriental. No entanto, o Gelasii Decretum (século 6 na sua forma actual) tem um triplo. lista, que é quase certo de que o Sinodo romano de 382 em Dâmaso, bispo de Roma, 366-384. É o seguinte: (1) os livros canônicos de ambos os Testamentos (2); escritos dos Padres aprovado pela igreja, (3) livros apócrifos rejeitados pela Igreja. Depois, há adicionou uma lista de livros diversos condenado como herético, incluindo até mesmo as obras de Clemente de Alexandria, Tertuliano, Eusébio, sendo todos estes trabalhos marcados como "apócrifos". Por outro lado, Gregório de Nissa e Epifânio, ambas escritas em o século 4, use a palavra "Apocrypha" no velho sentido de apocalíptico, ou seja, esotérico.

(2) "não-canônico" Livros

Jerônimo (morto em 420) no Galeatus Prologus (assim chamado porque era uma defesa e assim se assemelhou a um guerreiro de capacete) ou prefácio à sua versão latina da Bíblia usa a palavra "Apocrypha", no sentido de livros não-canônicos. Suas palavras são: Quidquid hos extra (ou seja, os 22 livros canônicos) ponendum Apocrypha outros: "Qualquer coisa fora dessas deve ser colocado dentro do Apocrypha" (quando entre os padres e rabinos do Antigo Testamento é feita para conter 22 (não 24) livros Rute e Lamentações, respectivamente, são unidas para juizes e Jeremias). Ele foi seguido no presente por Rufino (falecido por volta de 410), nas voltas Jerome amigo e adversário, como tinha sido antecipado por Irineu. A Igreja ocidental como um todo partiu da teoria de Jerome, incluindo o antilegomena de ambos os Testamentos, entre os escritos canônicos, mas o costume geral dos cristãos ocidentais por volta dessa época era fazer média apócrifos não-canônico. No entanto, Agostinho (falecido em 430; De Civitate Dei, XV, 23), explicou o apócrifos "como denotando obscuridade da origem ou do autor, e este sentido da palavra, tornou-se o que prevalece no Ocidente.

4. Os reformadores

Separação da Canonical Books

Mas é aos reformadores que estamos endividados para o hábito de usar livros apócrifos para uma coleção de livros acrescentados ao Antigo Testamento e, geralmente, até 1827 anexado a cada impresso Inglês Bíblia. Bodenstein de Carlstadt, geralmente chamado Carlstadt (falecido em 1541), um primitivo reformador, embora amargo oponente de Lutero pessoal, foi o primeiro estudioso moderno para definir "Apocrypha" claramente como escritos excluídos do cânone, ou não os verdadeiros autores dos livros são conhecidos, no presente, voltando à posição de Jerome. O adjetivo "apócrifos" chegou a ter entre os protestantes cada vez mais um sentido depreciativo. O protestantismo estava em sua própria essência da religião de um livro, e os protestantes que não se esqueça de fazer com que o volume sagrado em que se basearam a sua religião, incluindo as reformas que introduziu, continha nenhum livro, mas aqueles que, na sua opinião teve forte afirma ser considerada autoritária. Nas igrejas orientais e ocidentais sob a influência do grego (Septuaginta) e latim (Vulgata) versões dos livros do Apocrypha faziam parte integrante do cânon e foram espalhados por todo o Velho Testamento, eles sejam colocados, geralmente perto de livros com os quais eles tem afinidade. Mesmo Bíblias protestantes até 1827 incluía o Apocrypha, mas como uma coleção de escritos distintos no final do Antigo Testamento. Ele será visto a partir do que foi dito que, apesar da atitude favorável para que as igrejas orientais e ocidentais, desde os primeiros tempos, o nosso Apocrypha foi considerada com suspeita mais ou menos, a suspeita seria reforçada pelo antagonismo geral em direção a ela . Na Idade Média, sob a influência de Reuchlin (falecido em 1532) - grande estudioso e Reformar - hebraico passou a ser estudado e lido o Antigo Testamento na sua língua original. O fato de que os Apócrifos se ausente do cânon hebraico deve ter tido alguma influência sobre as mentes dos reformadores. Além disso, no Apocrypha existem partes incoerentes com os princípios protestantes, como, por exemplo, as doutrinas de orações para os mortos, a intercessão dos santos, etc Os judeus nos primeiros séculos cristãos realmente tinha duas Bíblias: (1) Havia o hebraico Bíblia, que não inclui os

apócrifos, e que circulou na Palestina e Babilônia (2) Não era a versão grega (Septuaginta), usado pelos judeus de língua grega em todos os lugares. Até em tempos bem cedo, instigada pela utilização feita pelos cristãos contra eles mesmos, os judeus condenaram esta versão e fez o seu cânon hebraico da Bíblia, rejeitando assim os livros do Apocrypha de sua lista de obras canônicas, ea partir do costume das igrejas cristãs que continuou com protestos isolados para fazer o cânon do Antigo Testamento grego, com a qual concorda a Vulgata quase completamente, seu padrão. É sabido que os reformadores eram estudantes cuidadosos da Bíblia, e que no Antigo Testamento eram as questões que os alunos de estudiosos judeus - não havia outros professores competentes do hebraico. Por conseguinte, poderia ter esperado que o cânon do Antigo Testamento, os reformadores concordaria em extensão com que os judeus, e não com a dos cristãos gregos e latinos. Não obstante as dúvidas que Ryle (Canon do Antigo Testamento, 156) lança sobre o assunto, todas as provas vão mostrar que a Septuaginta e, portanto, as outras grandes versões gregas incluídos os Apócrifos da frente primeiro. Mas como vem a ser que o Velho Testamento grego é mais extensa do que o hebraico do Antigo Testamento? Até a destruição final de Jerusalém em 71 dC o templo com seu sacerdócio e do ritual era o centro do pensamento religioso e da vida da nação. Mas, com a destruição do santuário e do desmantelamento dos seus funcionários que era necessário encontrar alguma ligação fresca e dirigir agência e foi encontrado na coleção de escritos sagrados conhecido por nós como o Velho Testamento. Por um sínodo nacional realizada em Jâmnia, perto de Jaffa, em 90 dC, o cânon do Antigo Testamento praticamente não foi embora definitivamente encerrada, ea partir de uma data que pode dizer que os limites do Antigo Testamento eram uma vez por todas fixas, não sendo escritos incluídos, exceto aqueles escritos em hebraico, o último destes sendo tão antiga quanto a 100 aC. Agora, os judeus da Dispersão falaram e escreveram grego, e eles continuaram a pensar e escrever muito depois de seus compatriotas da terra tinham deixado de produzir alguma literatura nova e original. O que eles fizeram foi produzir explicativa do que tinha sido escrito e prático.

A Bíblia grego - a Septuaginta - é aquela dos judeus no Egito e daqueles encontrados em outros países de língua grega. John Wycliffe (falecido em 1384) coloca o Apocrypha juntos no final do Antigo Testamento e do mesmo curso foi dado por Lutero (1546), em sua grande alemão e por Miles Coverdale (falecido em 1568) em sua tradução em Inglês.

5. Palavras hebraicas para "Apocrypha"

É quase certo que não há nenhuma palavra ou expressão em hebraico que corresponde exatamente à palavra "Apocrypha" como usado pela primeira vez pelos escritores cristãos, ou seja, no sentido de "esotérico"? Pode-se responder a esta por uma negativa decisiva no que se refere o Antigo Testamento eo Talmud. Mas na Cabala medieval (literalmente, "tradição") passou a ter "um significado intimamente ligado (compare o nosso " cabalístico ").

(1) Não existam?

Existe em hebraico uma palavra ou expressão que indica as "não-canônicos", ou seja, ter adquirido o sentido secundário de "apócrifos"? Esta questão não permitir assim o decidir uma resposta, e como de fato tem sido respondida de maneiras diferentes.

(2) Vistas de Zahn, SCHÜRER, Porter, Etc. (Ganaz, Genuzim)

Zahn (Gesch. neutest des. Kanons, I, i, 123ff); SCHÜRER (RE3, I, 623), Porter (HDB, I) e outros afirmam que a palavra grega "Biblia' Apocrypha" é uma tradução do hebraico genuzim Sepharim, literalmente, "livros armazenados longe." Se esta visão é a correta, conclui-se que a distinção dos livros canônicos e não canônicos originou entre os judeus, e que os pais na utilização da palavra Apocrypha, neste sentido, foram simplesmente copiando os judeus substituindo palavras gregas para o equivalente hebraico. Mas há razões decisivas para rejeitar este ponto de vista.

(3) motivos para a rejeição

(A) O verbo ganaz de que a parte passiva. ocorre na frase acima significa "para armazenar afastado," para retirar da vista "- das coisas em si sagrada ou preciosa. Nunca significa excluir a partir do cânone.

(B) Quando empregado em referência a livros sagrados é apenas daqueles reconhecidos como canônicos. Assim, após as cópias do Pentateuco ou de outras partes da Bíblia hebraica tinham, por idade e uso, tornam-se impróprios para ser lido em casa ou na sinagoga, eles foram "enterrados" no solo como sendo demasiado sagrados para serem queimados ou cortados acima, eo verbo denotando este é enterrar ganaz. Mas esses livros são enterrados sem exceção canônico.

(C) A expressão hebraica em questão uma vez que não ocorrem tanto na Babilônia ou no Talmud de Jerusalém, mas apenas em escritos rabínicos de uma data muito mais tarde. O apócrifo grego, não pode ser uma tradução da expressão hebraica. A palavra hebraica para livros definitivamente excluídos do cânone é *S'phanm h' comm* = "fora" ou "livros alheios". O Mishna (o texto da Gemara, tanto que compõem o que chamamos de Talmud) ou a lei oral com seus acréscimos passaram a ser divididos analogamente em (1) O bom Mishna,

(2) O externo (*h' conah*) Mishna: em aramaico chamado *Baraiytha*'.

6. Resumo

O que foi dito pode ser resumido:

(1) Entre as igrejas protestantes a palavra "Apocrypha" é usada para os livros incluídos na Septuaginta e Vulgata, mas ausente da Bíblia Hebraica. Este sentido restrito da palavra não pode ser rastreada de volta mais do que o início da Reforma.

(2) Em clássico e helenístico grego *apokrupho* *Sadjetivo* significa "escondido" de objetos visíveis ou obscuros, difícil de entender (de certos tipos de conhecimento).

(3) No início grego patristico este adjetivo passou a ser usado como sinônimo de *esoterikos* grega clássica.

(4) Na tarde patristica grega (Irineu, etc) e na América obras começando com Jerome, *apokruphos* grego significava não-canônicos, o que implica em inferioridade assunto para os livros no cânon.

(4) pelos reformadores protestantes Apocrypha "expressão" ("apócrifos" livros "ser entendido) chegou a defender o que agora é chamado de" Old Testament Apocrypha. "Mas essa utilização está limitada aos protestantes, uma vez que a Igreja Oriental e no ramo da igreja romana ocidental Apócrifos do Antigo Testamento é tão parte integrante do cânon como Genesis ou Kings ou Salmos e Isaías.

(5) Não há equivalente em hebraico para *apokruphos* no sentido de tanto esotérico "ou no de" não-canônico. "

IV. Conteúdo do Apocrypha

1. Lista de Livros

A seguir está uma lista dos livros da Apocrypha na ordem em que eles ocorrem nas versões Inglês (a versão King James ea versão revisada (britânicos e americanos)): (1) 1 Esdras (2); 2 Esdras (a seguir denominada "O Apocalipse Esdras"), (3) Tobit, (4), Judith; (5), o resto de Ester, (6) a sabedoria de Salomão; (7) Eclesiástico (a seguir designado por "Eclesiástico") ; (8) Baruch, com a Epístola de Jeremias (9); O Cântico dos três jovens, (10) A história de Susanna; (11) Bel eo Dragão (12); A Oração de Manassés; (13) 1 Macabeus; (14) 2 Macabeus.

No. 5 em cima ", Adição a Ester," como ele pode ser chamado, consiste em que a maioria (107 de 270 versos) do Livro de Esther, uma vez que ocorre nos melhores manuscritos da Septuaginta e na Vulgata (Latina de Jerônimo Bíblia, 390-405 dC) sobre o texto na Bíblia hebraica. Estes aditamentos são na Septuaginta espalhados por todo o livro e são inteligíveis no contexto, portanto, deu-lhes, mas não quando reunidas como eles estão no Apocrypha recolhidos de nossas versões Inglês e como eles são, em certa medida, na versão latina de Jerônimo e da Vulgata (Bíblia Latina de Jerônimo, 390-405 dC) (ver A Bíblia do Século, Esdras, Neemias e Ester, 294f). Números 11/09 na enumeração acima são adições feitas na Septuaginta grega e versões Vulgata de Daniel para o livro como se encontra no Texto Massorético. Será bom para nomeá-los "Adições a Daniel." A aproximação dos escritos dos Apócrifos em uma coleção de separação foi devido, em grande medida, para Jerônimo, que se separou muitas das adições apócrifos de seu contexto original, porque suspeitaram que a sua genuinidade. Sua versão influenciou a Vulgata, que segue de perto a versão de Jerônimo.

Embora seja verdade que o Apocrypha é o excesso do grego (Septuaginta) e América (Jerome, Vulgata) sobre a Bíblia Hebraica (Texto Massorético), a declaração de necessidades de qualificação. 2 (4) Ezra, ou seja, a Ezra Apocalyptic (Esdras), está ausente a partir da Septuaginta, a partir da versão de Jerônimo, e também da Bíblia de Lutero, mas ela ocorre na Vulgata e nas versões em Inglês e outros modernos do Apocrypha. Por outro lado, 3 e 4 Macc ocorrer nos melhores manuscritos da Septuaginta, mas a Vulgata, na sequência versão de Jerônimo, rejeita tanto a fazer versões modernas (Inglês, etc) dos Apócrifos. Além disso, tem de ser salientado que, em boa Vulgata Oração de Manassés e 1 (3) Esdras Esdras eo Apocalipse são anexadas ao Novo Testamento, apócrifos.

2. Classificação dos Livros

(1) Histórico

Os livros do Apocrypha adequada podem ser assim classificadas: (a) 1 e 2 (ou seja, 3) Esdras, (b) 1 e 2 Macabeus, (c) Adições a Daniel (n ° 11/09 na lista acima); (d) Adições a Ester, (e) A Epístola de Jeremy (geralmente anexado à Baruch), (f) Oração de Manassés.

(2) Legendary

(A) Livro de Baruch (às vezes classificado como livros proféticos, por vezes com Apocalipse), (b) Tobit, (c) Judith.

(3) Apocalyptic

O Esdras Apocalíptico ou 2 (4) Esdras.

(4) Didáticos

(A) a sabedoria de Salomão, (b) Siraque (Eclesiástico).

RH Charles, nossa maior autoridade viva sobre o Apocalipse e os escritos apócrifos, abraça o seguinte sob o título "Literatura judaica helenística." o resto que vem sob o título "Literatura judaica palestina" (Enc Brit, edição 11, II, 177): (1) As adições a Daniel e Ester (2) A Epístola de Jeremy, (3) 2 Macc; (4) A Sabedoria de Salomão.

V. Idiomas Original da Apocrypha

A maior parte dos apócrifos foi escrito originalmente em língua grega e existia na primeira vez em que a linguagem só. Os seguintes livros foram escritos em hebraico, no entanto: Tobias, Judite, Eclesiástico, Baruc (parte provavelmente em grego), e 1 Macabeus. Nestes casos, alguns preferem sobre o aramaico como língua original, pelo menos em parte, os livros acima. Para informações detalhadas ver em vários livros.

VI. Data de escritos apócrifos

A questão da data em que se aplica a livros separados do Apocrypha serão discutidas em conexão com os artigos que tratam de vários livros. Mas uma declaração geral sobre os limites extremos entre os quais todos os livros foram concluídas poderão ser feitas de forma segura. O mais antigo livro apócrifo é Sirach, que em sua forma original hebraico pertence entre 190-170 aC. Na sua forma grega os estudiosos mais modernos concordam em corrigi-lo, entre 130-120 aC. Nenhum dos livros pode muito bem pertencer a uma data posterior a 100 dC, embora alguns (2 Esdras, etc) pode ser tão tarde assim. O conjunto da Apocrypha pode com mais segurança média, ser dito ter sido escrito em algum momento entre 200 aC e 100 dC. Será visto que é uma suposição incorreta de que o Apocrypha estava em todas as suas partes de data posterior à última parte do Velho Testamento. O livro canônico de Daniel, e muitos dos Salmos são de data posterior de Sirach e 1 Esdras, e não há razões convincentes para dar a Esther canônico uma data posterior a qualquer dos livros de chamada e, talvez, de Judith também (ver, contudo, DANIEL, ESTER). Mas é quase certo que, de longe, a maior parte dos Apócrifos é de data posterior à do Antigo Testamento, sendo portanto da maior importância como reflectindo o estado dos judeus eo caráter de sua vida intelectual e religiosa em vários períodos representado. E o uso nos últimos anos muito tem sido feito.

Literatura

O texto grego do Apocrypha é dado nas várias edições da Septuaginta (exceto o Apocalipse Esdras, não existentes na Gr). As melhores edições da Septuaginta são aqueles por Tischendorf revista pelo E. Nestle (1887), e Swete (1895-1899 e edições posteriores). edições críticas dos apócrifos foram emitidas pela A. Fabricius (Hamburgo, 1722-1723), Apel (IB 1804) e uma edição muito valioso OT Fritzsche (Leipzig, 1871), que inclui a versão latina do Apocalipse Esdras - sem a falta fragmento. Há várias traduções modernas, muito melhor do que ser alemã, editada pelo E. Kautzsch, contendo introduções, gerais e especiais, e valiosas notas pelos melhores estudiosos alemães. Em Inglês, além da versão revisada (britânica e americana), há a edição Variorum útil, editado por CJ Ball. Uma edição crítica do Inglês Apócrifos editado por RH Charles, com notas introdutórias, está agora a ser impresso em Oxford e será muito valioso.

O melhor comentário é que, DE Fritsche e Grimm CLW, Kurzgef. Exeg. Handbuch, 1851-1860, mas o comentário de Bissell em Série Lange de comentários e que editado por Wace, na Bíblia, o Speaker's Series, são meritórios.

matéria introdutória será encontrada nos dicionários diferentes Bíblia com a palavra: ver especialmente HE Ryle em DB (1893), SCHÜRER (RE3), mas sobretudo na introdução valiosa para o Velho Testamento em grego, por HB Swete (1900), Hastings, Dicionário da Bíblia (cinco volumes) (CF Porter), e Charles RH (Enc Brit11). Veja também as Einleitungen por König, Budde (A. Bertholet tem escrito a parte que trata da Apocrypha), e SCHÜRER, Geschichte, III, 1898 (tradução Port., II, III), onde a literatura é muito determinado. Para monografias sobre vários livros dos apócrifos ou discutir pontos específicos, consulte os artigos especiais.

Apócrifos livros

a-fa-pok'ri:

I. Definição

II. O Apocrypha Nome

1. Original Significados

- (1) Classical
- (2) helenístico
- (3) No Novo Testamento
- (4) patrística
2. "Esotérico" na filosofia grega, etc
- III. Uso a Apocrypha
 1. Uso Cristã
 - "Literatura" Apocalyptic
 2. A Igreja Oriental
 - (1) "Esotérico" Literatura (Clemente de Alexandria, etc)
 - (2) Mude para "Religious" Livros (Orígenes, etc)
 - (3) "espúrias" Livros (Atanásio, Nicephorus, etc)
 - (4) "Lista de Sessenta"
 3. A Igreja Ocidental
 - (1) A Gelasii Decretum
 - (2) "não-canônico" Livros
 4. Os reformadores
 - Separação da Canonical Books
 5. Palavras para Hb "Apocrypha"
 - (1) Não existam?
 - (2) Vistas de Zahn, SCHÜRER, porteiro, etc (ganaz, genuzim)
 - (3) motivos para a rejeição
 6. Resumo
- IV. Conteúdo do Apocrypha
 1. Lista de Livros
 2. Classificação dos Livros
- Idiomas V. Original da Apocrypha
- VI. Data de escritos apócrifos
- Literatura

I. Definição

A palavra "Apocrypha, como normalmente entendido, denota a coleção de escritos religiosos, a Septuaginta ea Vulgata (com diferenças triviais) conter, além dos escritos que constituem o cânone judaico e protestante. Este não é o original ou o sentido correto da palavra, como será mostrado, mas é o que ele tem quase que exclusivamente no discurso moderno. Em trabalhos críticos de hoje é costume de falar da coleção de escritos de agora, tendo em conta que "os apócrifos do Antigo Testamento," pois muitos dos livros, pelo menos, foram escritos em hebraico, a língua do Velho Testamento, e porque todos eles são muito mais intimamente ligado ao Antigo Testamento do que o Novo Testamento. Mas há um "Novo", bem como um "Velho" Testamento Apocrypha consiste evangelhos, epístolas, etc Além disso, o adjetivo "apócrifos" também é freqüentemente aplicado nos tempos modernos, que são agora geralmente chamado de "escritos pseudoepigráficos", assim designado porque atribuída nos títulos de autores que não fez e não poderia tê-los escrito (por exemplo, Enoque, Abraão, Moisés, etc.) As pessoas, portanto, relacionado com estes livros estão entre os mais destacados nas tradições e na história de Israel, e não pode haver dúvida de que o objeto para o qual esses nomes têm sido utilizados, portanto, é a de adicionar peso e autoridade para estes escritos.

O falecido Professor E. Kautzsch de Halle editada uma tradução alemã do Antigo e do Novo Testamento Apocrypha, e dos escritos pseudoepigráficos, com excelentes introduções e notas valiosas pelos melhores estudiosos alemães. Dr. Edgar Hennecke foi editado um trabalho similar sobre os Apócrifos do Novo Testamento. Nada no idioma Inglês pode ser comparada com as obras editadas pela Kautzsch e Hennecke em qualquer bolsa ou utilidade. (Um trabalho semelhante ao Inglês editado por Kautzsch está agora passando através da imprensa (Oxford), Dr. Charles RH ser o editor, o escritor deste artigo sendo um dos contribuintes.)

II. O Apocrypha Nome

O inquérito que se segue vai mostrar que quando a palavra "apócrifo" foi usado pela primeira vez nos escritos eclesiásticos que teve um sentido quase idêntico a "esotérica", de modo que "escritos apócrifos" foram como recorreu a um círculo e não podia ser entendida por outsiders. A conotação atual do termo não são corrigidos até a Reforma protestante, em conjunto, limitando o cânon bíblico às suas dimensões presentes entre as igrejas protestantes.

1. Original Significados

(1) Classical

O adjetivo grego, *apokruphos*, denota estritamente "escondido", "escondido", de um objeto material (Eurip. Herc. Fur. 1070). Em seguida, ele passou a significar o que é obscuro, recôndito, difícil de entender (Mem Xen.. 3.5, 14). Mas nunca se tem em qualquer sentido clássico grego outros.

(2) helenístico

No grego helenístico, representado pela Septuaginta e do Novo Testamento não há nenhuma partida essencial do uso clássico. Na Septuaginta (ou melhor versão Theodotion) dos Dan_11: 43 que significa "escondido", quando aplicado ao ouro e à prata lojas. Mas a palavra também no mesmo texto o significado de "o que está escondido do conhecimento humano e compreensão." Então Dan_2: 20 (Theod.), onde o *apokrupha* ou coisas ocultas são os significados do sonho de Nabucodonosor, revelou a Daniel que "escondido" dos sábios da Babilônia. A palavra tem o mesmo sentido em Eclesiástico 14:21, 39:3, 7; 42:19, 48:25, 43:32.

(3) No Novo Testamento

No Novo Testamento, a palavra ocorre apenas três vezes, ou seja, Mar_4: 22 e Luk_8 paralelo: 17; Col_2: 3. Na última passagem Bispo Lightfoot pensamento que temos no *apokruphoi* palavra (tesouros escondidos de Cristo), uma alusão à famosa conhecimento esotérico dos falsos mestres, como se Paulo queria dizer que é somente em Cristo temos a verdadeira sabedoria e conhecimento e não nos livros secretos desses professores. Assumindo isso, temos neste versículo o primeiro exemplo de *apokruphos* no sentido de "esotérico". Mas a evidência é tão cedo contra o uso de um termo para isso - que em breve será o seu vigor - o sentido. Também não procura um sentido tal exegese aqui, para não escritos de qualquer espécie parecem destinados.

(4) patrística

Nos escritos patrísticos de um breve período o *apokruphos* adjetivo passou a ser aplicado aos escritos judaicos e cristãos com

conhecimento secreto sobre o futuro, etc, inteligíveis apenas para o pequeno número de discípulos que lê-los e para os quais acreditavam que estavam a ser especialmente previstas. Para esta classe de escritos pertencem, nomeadamente os designados Apocalyptic (ver literatura apocalíptica), e será visto como empregado assim que apokruphos tem praticamente o significado da esoterikos grego.

2. "Esotérico" na filosofia grega, Etc.

A breve declaração sobre a doutrina da filosofia grega antiga serão encontradas útil neste momento. Desde muito cedo os filósofos da Grécia antiga distinção entre as doutrinas e ritos que poderia ser ensinado a todos os seus alunos, e aqueles que poderiam ser proveitosamente comunicados apenas para um círculo seletivo chamado de iniciados. As duas classes de doutrinas e ritos - eram principalmente o último - foram designados, respectivamente, "exotérico" e "esotérico". Lucian (falecido em 312; Vit ver. Auct. 26), seguido por muitos outros se refere à distinção de Aristóteles, mas tão moderno os estudiosos concordam, erradamente, para o *λογοι εξωτερικοι*, *exoterikoi logoi*, de que o filósofo denotar tratados popular. Os pitagóricos reconhecidas e observadas nesses dois tipos de doutrinas e deveres e há boas razões para acreditar que eles criaram uma literatura correspondente dupla infelizmente nenhum exemplo explícito da literatura como chegaram até nós. Nos mistérios gregos (órfica, dionisiaca, Elêusis, etc), duas classes de ouvintes e leitores estão implícitas toda, mas é uma pena que, mais do rolamento da literatura sobre a questão não foi preservada. Entre os budistas da Samga formas de fechar uma sociedade aberta originalmente aos monges ou *bhikkhus* admitido somente após um exame mais rígido, mas em anos posteriores freiras (*bhikshunis*) também tenham sido admitidos, embora no seu caso também, depois de testes cuidadosos. O Vinaya Pitaka ou "Cesta de Disciplina" contém as regras para a entrada e os regulamentos a serem observados após a entrada. Mas essa literatura e afins foi e ainda é considerada caviare para fora. Veja tradução dos livros sagrados do Oriente, XI (Rhys Davids e Oldenbergl).

III. Uso a Apocrypha

Deve-se ter em mente que a palavra Apocrypha é realmente um adjetivo grego no plural neutro, denotando estritamente "as coisas ocultas." Mas certamente o substantivo biblia é entendida, de modo que a implicação real da palavra é "livros apócrifos" ou "escritos". Apócrifos Neste artigo será empregado no sentido de este último, e apócrifos como o equivalente do apokruphos grego.

1. Uso Cristã

"Literatura" Apocalyptic

Os apócrifos primeira palavra foi usada tecnicamente pelos escritores cristãos primitivos para os escritos judaicos e cristãos em geral classificados como "apocalíptica" (ver literatura apocalíptica). Nesse sentido, ele toma o lugar do esoterika palavra grega clássica e tem o mesmo significado geral, ou seja, escritos destinados a um círculo restrito e cap. capaz de ser compreendido por nenhuma outra. Estes escritos dão sugestões sobre o futuro, o triunfo final do reino de Deus, etc, além, pensava-se, a descoberta do Homem e também além da inteligência de não-iniciados. Neste sentido, Gregório de Nissa (morto em 395; De Ordin., II, 44) e Epifânio (falecido em 403; Haeres, 51:3) falam do Apocalipse de João como "apócrifos".

2. A Igreja Oriental

O próprio Cristianismo não tem nada correspondente à idéia de uma doutrina para os iniciados ou uma literatura para um seletivo poucos. O evangelho foi pregado em seus primeiros dias com os pobres e ignorantes, e da leitura e do estudo das Sagradas Escrituras foram instados pelas igrejas (com algumas exceções) sobre o público em geral.

(1), "Literatura" Esoteric (Clemente de Alexandria, Etc.)

A ascensão dessa concepção da Igreja Oriental é facilmente compreensível. Quando os devotos da filosofia grega aceitado a fé cristã era natural para eles a olhar para a nova religião por meio da filosofia antiga. Muitos deles lê os textos canônicos em significados místicos, e incorporado esses significados em livros especiais, tornando-se estes últimos literatura esotérica em si, e como no caso dos escritos apocalípticos, essa literatura esotérica era mais reverenciado do que a própria Bíblia. De forma semelhante, cresceu entre os judeus lado a lado com a lei escrita de uma lei que contém o ensinamento oral dos rabinos e considerada mais sagrada e autoritário do que os escritos que professam a expor. Pode-se encontrar alguma analogia no fato de que entre muitos cristãos a literatura oficial da denominação a que pertencem, tem mais força que comanda a própria Bíblia. Este movimento entre os cristãos gregos foi muito ajudado por seitas gnósticas e da literatura esotérica que lhes deu origem. Estes gnósticos foram-se profundamente influenciado por babilônios e persas e misticismo na literatura correspondente. Clemente de Alexandria (falecido em 220) menciona claramente livros esotéricos pertencentes ao Zoroastrian (masdeista) religião.

Cristianismo Oriental e especialmente gregos tendiam a dar à filosofia o lugar que o Novo Testamento eo cristianismo ocidental atribui o Antigo Testamento. A preparação para a religião de Jesus dizia-se na filosofia muito mais do que na religião do Antigo Testamento. Recorde-se que Marciano (falecido em finais de século 2 dC), Thomas Morgan, o deísta galês do século 18 (morreu em 1743) e Friedrich Schleiermacher (falecido em 1834) ensinou esta mesma coisa.

Clemente de Alexandria (veja acima) reconheceu 4 (2) Esdras (a seguir designado por "Apocalipse de Esdras), a Assunção de Moisés, etc, como inteiramente canônico. Além disso, ele confirmou a autoridade eo valor dos livros esotéricos, judeus, cristãos e até mesmo nações. Mas ele é de grande importância para o nosso presente propósito, porque ele é provavelmente o mais antigo escritor grego a usar a palavra apócrifo como o equivalente de esoterika, pois ele descreve os livros esotéricos do zoroastrismo como apócrifos.

Mas a idéia de literatura religiosa esotérica existia em um tempo anterior entre os judeus, e foi emprestado a partir deles, os cristãos. É evidente que é ensinado no Apocalipse Esdras (Esd 2 ou 4) capítulo 14, onde é dito que Ezra auxiliado por cinco amanuenses produzidas sob inspiração divina 94 livros sagrados, os escritos de Moisés e os profetas de ter sido perdida quando Jerusalém e do templo foram destruídos. Deste grande número de livros sagrados 24 deviam ser publicados abertamente, para os indignos, bem como o digno, estes 24 livros que representam, sem dúvida, os livros do Antigo Testamento hebraico. Os 70 restantes devem ser guardados para uso exclusivo dos sábios "do povo", ou seja, eram de caráter esotérico. Talvez se o original grego deste livro tinha sido preservada a palavra "Apocrypha" teriam sido encontradas como um epithetic inscritos para os 70 livros. Nossas versões em Inglês são feitas a partir de um original em latim ver (2 4) Esdras Esdras APOCALYPTIC ou a estudiosos. Modernos concordam que, na sua forma actual, este livro surgiu no reinado de Domiciano 81-96 anúncio. Assim que a concepção de literatura esotérica existiu entre os judeus do século 1 da nossa era, e provavelmente ainda mais cedo.

É significativo o carácter original da religião de Israel que ninguém foi capaz de apontar para uma palavra hebraica correspondente ao esotérico (ver abaixo). Quando entre os judeus, surgiu uma literatura de tradição oral, foi natural a aplicar a este conceito, o passado grego esotéricos, especialmente porque este tipo de literatura era muito mais caros, em muitos círculos judaicos que as Escrituras do Antigo Testamento.

(2) Mude para "Religious" Livros (Orígenes, Etc.)

O próximo passo na história da palavra "Apocrypha" é aquele pelo qual ele veio a designar livros religiosos inferior em autoridade e vale para as Escrituras do Antigo Testamento e Novo Testamento. Esta mudança de atitude em relação à não-canônicos escritos ocorreu sob a influência de dois princípios: (1) que nenhum escritor pode ser inspirado, que viveu após a era apostólica, (2) que nenhuma escrita pode ser reconhecida como canônica, a menos que se aceite como tal pelas igrejas em geral (em latim, a princípio era - quod ubique, quod semper, quod ab omnibus). Agora, sentiu-se que muitos não se a maioria dos escritos religiosos, que entrou no final do século

segundo a ser chamado de "apócrifos" em um sentido depreciativo teve sua origem entre as seitas heréticas, como os gnósticos, e que nunca tinha ordenado a aprovação da grande maioria das igrejas. Orígenes (morto em 253) decidiu que deveríamos discriminar entre livros chamados "apócrifos", como alguns têm de ser firmemente rejeitados como ensinar o que é contrário às Escrituras. Mais e mais a partir do final do século segundo, a palavra "apócrifo" veio para defender o que é falso e indigno de confiança e, especialmente, para os escritos atribuídos a autores que não escrevê-los, ou seja, os chamados livros "pseudoepigráficos".

Irineu (falecido em 202), em oposição a Clemente de Alexandria, nega que os escritos esotéricos possui créditos a credibilidade ou mesmo respeito, e ele usa a palavra grega para "apócrifo" para designar todos os judeus e cristãos cânones. Para ele, como mais tarde para Jerome (morreu em 420), "canônicos" e de "apócrifos" foram termos antitéticos.

Tertuliano (falecido em 230) tiveram a mesma opinião: "apócrifo" para ele indicada não canônicas. Mas ambos Irineu e Tertuliano entende por apócrifos, nomeadamente os escritos apocalípticos. Durante o período de Nicéia, e mesmo antes, os livros sagrados foram divididos por professores cristãos em três categorias: (1) livros que poderiam ser lidos na igreja, (2) livros que poderiam ser lidos em particular, mas não em público, (3) livros que não eram para ser lido em todos. Esta classificação está implícita nos escritos de Orígenes, Clemente de Alexandria, Atanásio (falecido em 373), e nos fragmentos Muratorian (cerca de 200 dC).

(3) "espúrias" Livros (Atanásio, Nicephorus, Etc.)

Atanásio, no entanto, restringiu o Apocrypha palavra para a terceira classe, tornando o adjetivo correspondente sinônimo de "espúria". Nicéforo, patriarca de Constantinopla (806-15 dC) em sua Cronografia (pertencentes essencialmente a 500 anúncios de acordo com Zahn) divide sagrado livros, assim: (1) os livros canônicos do Antigo Testamento e Novo Testamento, (2) O Antilegomena de ambos os Testamentos; (3) O Apocrypha de ambos os Testamentos.

Os detalhes dos Apócrifos do Novo Testamento são assim enumerados: (1) Enoque, (2) Os 12 Patriarcas, (3) A Oração de Joseph; (4), O Testamento de Moisés, (5) A Assunção de Moisés (6) Abrão; (7) e Eldad Modad; (8) Elias, o Profeta (9); Sofonias, profeta, (10), Zacarias, pai de João, (11) O Pseudoepigraphe de Baruch, Habacuque, Ezequiel e Daniel.

Os livros apócrifos do Novo Testamento são assim apresentadas: (1) O Itinerário de Paulo; (2) O itinerário de Pedro, (3) O percurso de João, (4) O Itinerário de Thomas; (5), O Evangelho segundo Thomas, (6) O Ensino dos Apóstolos (a Didaquê); (7) e (8) As duas epístolas de Clemente (9); Epístolas de Inácio, Policarpo e Hermas.

As listas acima são repetidos na Sinopse chamado de Atanásio. Os autores desses livros chamados apócrifos ser desconhecida, ela foi procurada para ganhar o respeito a esses escritores de aderência para os nomes bem conhecidos, de modo que, especialmente na igreja ocidental, "apócrifo" veio a ser quase sinônimo de "pseudoepigráficos".

Das listas do Velho Testamento acima números 1, 2, 4, 5 são sobrevivente, no todo ou em parte. Os números 3, 7, 8 e 9 são perdidos embora citado como verdadeiro por Orígenes e outros Padres orientais. Eles são todos designados apocalipses apócrifos, em conformidade com o uso precoce.

(4) "Lista de Sessenta"

No anônimo, "Lista de sessenta", que elogia a partir do século 7, temos representado provavelmente a atitude da igreja oriental. Ele divide os livros sagrados em três classes: (1) de sessenta livros canônicos. Uma vez que o cânon protestante consiste de 57 livros, mas ele será visto que na lista de livros fora de nosso cânone são incluídos. (2) Livros excluídos os 60, mas de autoridade superior aos mencionados como apócrifos na próxima aula. (3) os livros apócrifos, os nomes dos que são os seguintes: (a) Adam, (b) Enoque; (c) Lamech, (d) Os 12 Patriarcas, (e) A oração de Joseph, (f) e Eldad Modad ; (g) O Testamento de Moisés, (h) A Assunção de Moisés, (i) Os Salmos de Salomão; (j) O Apocalipse de Elias, (k) A Ascensão de Isaías, (l) O Apocalipse de Sofonias (ver Número 9 do livros do Antigo Testamento Apocrypha mencionado no Cronografia de Nicephorus); (m) O Apocalipse de Zacarias; (n) O Ezra apocalíptica; (o) A história de James, (p) O Apocalipse de Pedro, (q) O Itinerário e Ensino dos Apóstolos (r) As epístolas de Barnabé; (s) Os Atos de Paulo; (t) Apocalipse de Paulo; (u) Didascalia de Clemente, (v) Didascalia de Inácio; (w) da Didascalia Policarpo; (x) Evangelho segundo São Barnabé; (y) Evangelho segundo Mateus.

O maior número desses livros vêm sob a designação de "apócrifos", no sentido inicial de "apocalíptico", mas por este tempo a palavra tomou em menor significado, ou seja, não bons livros para ler, mesmo privado. No entanto, o fato de que esses livros são mencionados em todos os show que eles eram muito mais caros do que os pagãos, e que até mesmo herético escritos cristãos. As igrejas orientais até os dias atuais rejeitar o significado de "apócrifos" atual entre os protestantes (ver definição acima), e sua Bíblia inclui os apócrifos do Antigo Testamento, não fazendo distinção entre ele eo resto da Bíblia.

3. A Igreja Ocidental

(1) A Gelasii Decretum

Na igreja ocidental da palavra apócrifo eo adjetivo correspondente teve uma história um pouco diferente. Em geral, pode-se dizer que a igreja ocidental não adotar a divisão tripla dos livros sagrados prevalentes na igreja oriental. No entanto, o Gelasii Decretum (século 6 na sua forma actual) tem um triplo. lista, que é quase certo de que o Sínodo romano de 382 em Dâmaso, bispo de Roma, 366-384. É o seguinte: (1) os livros canônicos de ambos os Testamentos (2); escritos dos Padres aprovado pela igreja, (3) livros apócrifos rejeitados pela Igreja. Depois, há adicionou uma lista de livros diversos condenado como herético, incluindo até mesmo as obras de Clemente de Alexandria, Tertuliano, Eusébio, sendo todos estes trabalhos marcados como "apócrifos". Por outro lado, Gregório de Nissa e Epifânio, ambas escritas no século 4, use a palavra "Apocrypha" no velho sentido de apocalíptico, ou seja, esotérico.

(2) "não-canônico" Livros

Jerônimo (morto em 420) no Galeatus Prologus (assim chamado porque era uma defesa e assim se assemelhou a um guerreiro de capacete) ou prefácio à sua versão latina da Bíblia usa a palavra "Apocrypha", no sentido de livros não-canônicos. Suas palavras são: Quidquid hos extra (ou seja, os 22 livros canônicos) ponendum Apocrypha outros: "Qualquer coisa fora dessas deve ser colocado dentro do Apocrypha" (quando entre os padres e rabinos do Antigo Testamento é feita para conter 22 (não 24) livros Rute e Lamentações, respectivamente, são unidas para juizes e Jeremias). Ele foi seguido no presente por Rufino (falecido por volta de 410), nas voltas Jerome amigo e adversário, como tinha sido antecipado por Irineu. A Igreja ocidental como um todo partiu da teoria de Jerome, incluindo o antilegomena de ambos os Testamentos, entre os escritos canônicos, mas o costume geral dos cristãos ocidentais por volta dessa época era fazer média apócrifos não-canônico. No entanto, Agostinho (falecido em 430; De Civitate Dei, XV, 23), explicou o apócrifos "como denotando obscuridade da origem ou do autor, e este sentido da palavra, tornou-se o que prevalece no Ocidente.

4. Os reformadores

Separação da Canonical Books

Mas é aos reformadores que estamos endividados para o hábito de usar livros apócrifos para uma coleção de livros acrescentados ao Antigo Testamento e, geralmente, até 1827 anexado a cada impresso Inglês Bíblia. Bodenstein de Carlstadt, geralmente chamado Carlstadt (falecido em 1541), um primitivo reformador, embora amargo oponente de Lutero pessoal, foi o primeiro estudioso moderno para definir "Apocrypha" claramente como escritos excluídos do cânone, ou não os verdadeiros autores dos livros são conhecidos, no presente, voltando à posição de Jerome. O adjetivo "apócrifos" chegou a ter entre os protestantes cada vez mais um sentido depreciativo. O protestantismo estava em sua própria essência da religião de um livro, e os protestantes que não se esqueça de fazer com que o volume sagrado em que se basearam a sua religião, incluindo as reformas que introduziu, continha nenhum livro, mas aqueles que, na

sua opinião teve forte afirmação ser considerada autoritária. Nas igrejas orientais e ocidentais sob a influência do grego (Septuaginta) e latim (Vulgata) versões dos livros do Apocrypha faziam parte integrante do cânon e foram espalhados por todo o Velho Testamento, eles sejam colocados, geralmente perto de livros com os quais eles tem afinidade. Mesmo Biblias protestantes até 1827 incluía o Apocrypha, mas como uma coleção de escritos distintos no final do Antigo Testamento. Ele será visto a partir do que foi dito que, apesar da atitude favorável para que as igrejas orientais e ocidentais, desde os primeiros tempos, o nosso Apocrypha foi considerada com suspeita mais ou menos, a suspeita seria reforçada pelo antagonismo geral em direção a ela. Na Idade Média, sob a influência de Reuchlin (falecido em 1532) - grande estudioso e Reformador - hebraico passou a ser estudado e lido o Antigo Testamento na sua língua original. O fato de que os Apócrifos se ausente do cânon hebraico deve ter tido alguma influência sobre as mentes dos reformadores. Além disso, no Apocrypha existem partes incoerentes com os princípios protestantes, como, por exemplo, as doutrinas de orações para os mortos, a intercessão dos santos, etc. Os judeus nos primeiros séculos cristãos realmente tinha duas Biblias: (1) Havia o hebraico Bíblia, que não incluiu os apócrifos, e que circulou na Palestina e Babilônia (2) Não era a versão grega (Septuaginta), usado pelos judeus de língua grega em todos os lugares. Até em tempos bem cedo, instigada pela utilização feita pelos cristãos contra eles mesmos, os judeus condenaram esta versão e fez o seu cânon hebraico da Bíblia, rejeitando assim os livros do Apocrypha de sua lista de obras canônicas, ea partir do costume das igrejas cristãs que continuou com protestos isolados para fazer o cânon do Antigo Testamento grego, com a qual concordava a Vulgata quase completamente, seu padrão. É sabido que os reformadores eram estudantes cuidadosos da Bíblia, e que no Antigo Testamento eram as questões que os alunos de estudiosos judeus - não havia outros professores competentes do hebraico. Por conseguinte, poderia ter esperado que o cânon do Antigo Testamento, os reformadores concordaria em extensão com que os judeus, e não com a dos cristãos gregos e latinos. Não obstante as dúvidas que Ryle (Canon do Antigo Testamento, 156) lança sobre o assunto, todas as provas vão mostrar que a Septuaginta e, portanto, as outras grandes versões gregas incluídos os Apócrifos da frente primeiro. Mas como vem a ser que o Velho Testamento grego é mais extensa do que o hebraico do Antigo Testamento? Até a destruição final de Jerusalém em 71 dC o templo com seu sacerdócio e do ritual era o centro do pensamento religioso e da vida da nação. Mas, com a destruição do santuário e do desmantelamento dos seus funcionários que era necessário encontrar alguma ligação fresca e dirigir agência e foi encontrado na coleção de escritos sagrados conhecido por nós como o Velho Testamento. Por um sínodo nacional realizada em Jâmnia, perto de Jaffa, em 90 dC, o cânon do Antigo Testamento praticamente não foi embora definitivamente encerrada, ea partir de uma data que pode dizer que os limites do Antigo Testamento eram uma vez por todas fixas, não sendo escritos incluídos, exceto aqueles escritos em hebraico, o último destes sendo tão antiga quanto a 100 aC. Agora, os judeus da Dispersão falaram e escreveram grego, e eles continuaram a pensar e escrever muito depois de seus compatriotas da terra tinham deixado de produzir alguma literatura nova e original. O que eles fizeram foi produzir explicativa do que tinha sido escrito e prático.

A Bíblia grego - a Septuaginta - é aquela dos judeus no Egito e daqueles encontrados em outros países de língua grega. John Wycliffe (falecido em 1384) coloca o Apocrypha juntos no final do Antigo Testamento e do mesmo curso foi dado por Lutero (1546), em sua grande alemão e por Miles Coverdale (falecido em 1568) em sua tradução em Inglês.

5. Palavras hebraicas para "Apocrypha"

É quase certo que não há nenhuma palavra ou expressão em hebraico que corresponde exatamente à palavra "Apocrypha" como usado pela primeira vez pelos escritores cristãos, ou seja, no sentido de "esotérico"? Pode-se responder a esta por uma negativa decisiva no que se refere o Antigo Testamento eo Talmud. Mas na Cabala medieval (literalmente, "tradição") passou a ter "um significado intimamente ligado (compare o nosso "cabalístico").

(1) Não existam?

Existe em hebraico uma palavra ou expressão que indica as "não-canônicos", ou seja, ter adquirido o sentido secundário de "apócrifos"? Esta questão não permitir assim o decidir uma resposta, e como de fato tem sido respondida de maneiras diferentes.

(2) Vistas de Zahn, SCHÜRER, Porter, Etc. (Ganaz, Genuzim)

Zahn (Gesch. neutest. Kanons, I, i, 123ff); SCHÜRER (RE3, I, 623), Porter (HDB, I) e outros afirmam que a palavra grega "Biblia" Apocrypha" é uma tradução do hebraico genuzim Sepharim, literalmente, "livros armazenados longe." Se esta visão é a correta, conclui-se que a distinção dos livros canônicos e não canônicos originou entre os judeus, e que os pais na utilização da palavra Apocrypha, neste sentido, foram simplesmente copiando os judeus substituindo palavras gregas para o equivalente hebraico. Mas há razões decisivas para rejeitar este ponto de vista.

(3) motivos para a rejeição

(A) O verbo ganaz de que a parte passiva. ocorre na frase acima significa "para armazenar afastado," para retirar da vista "- das coisas em si sagrada ou preciosa. Nunca significa excluir a partir do cânone.

(B) Quando empregado em referência a livros sagrados é apenas daqueles reconhecidos como canônicos. Assim, após as cópias do Pentateuco ou de outras partes da Bíblia hebraica tinham, por idade e uso, tornam-se impróprios para ser lido em casa ou na sinagoga, eles foram "enterrados" no solo como sendo demasiado sagrados para serem queimados ou cortados acima, eo verbo denotando este é enterrar ganaz. Mas esses livros são enterrados sem exceção canônico.

(C) A expressão hebraica em questão uma vez que não ocorrem tanto na Babilônia ou no Talmud de Jerusalém, mas apenas em escritos rabínicos de uma data muito mais tarde. O apócrifo grego, não pode ser uma tradução da expressão hebraica. A palavra hebraica para livros definitivamente excluídos do cânone é Sepharim hiconim = "fora" ou "livros alheios". O Mishna (o texto da Gemara, tanto que compõem o que chamamos de Talmud) ou a lei oral com seus acréscimos passaram a ser divididos analogamente em (1) O bom Mishna,

(2) O hiconah externo () Mishna: em aramaico chamado Baraiytha.

6. Resumo

O que foi dito pode ser resumido:

(1) Entre as igrejas protestantes a palavra "Apocrypha" é usada para os livros incluídos na Septuaginta e Vulgata, mas ausente da Bíblia Hebraica. Este sentido restrito da palavra não pode ser rastreada de volta mais do que o início da Reforma.

(2) Em clássico e helenístico grego a apokruphos adjetivo significa "escondido" de objetos visíveis ou obscuros, difícil de entender (de certos tipos de conhecimento).

(3) No início grego patristico este adjetivo passou a ser usado como sinônimo de esoterikos grega clássica.

(4) Na tarde patristica grega (Irineu, etc) e na América obras começando com Jerome, apokruphos grego significava não-canônicos, o que implica em inferioridade assunto para os livros no cânon.

(4) pelos reformadores protestantes Apocrypha "expressão" ("apócrifos" livros "ser entendido) chegou a defender o que agora é chamado de "Old Testament Apocrypha. "Mas essa utilização está limitada aos protestantes, uma vez que a Igreja Oriental e no ramo da igreja romana ocidental Apócrifos do Antigo Testamento é tão parte integrante do cânon como Genesis ou Kings ou Salmos e Isaías.

(5) Não há equivalente em hebraico para apokruphos no sentido de tanto esotérico "ou no de" não-canônico. "

IV. Conteúdo do Apocrypha

1. Lista de Livros

A seguir está uma lista dos livros da Apocrypha na ordem em que eles ocorrem nas versões Inglês (a versão King James e a versão revisada (britânicos e americanos)): (1) 1 Esdras (2); 2 Esdras (a seguir denominada "O Apocalipse Esdras"), (3) Tobit, (4), Judith; (5), o resto de Ester, (6) a sabedoria de Salomão; (7) Eclesiástico (a seguir designado por "Eclesiástico") ; (8) Baruch, com a Epístola de Jeremias (9); O Cântico dos três jovens, (10) A história de Susanna; (11) Bel eo Dragão (12); A Oração de Manassés; (13) 1 Macabeus; (14) 2 Macabeus.

No. 5 em cima ", Adição a Ester," como ele pode ser chamado, consiste em que a maioria (107 de 270 versos) do Livro de Esther, uma vez que ocorre nos melhores manuscritos da Septuaginta e na Vulgata (Latina de Jerônimo Bíblia, 390-405 dC) sobre o texto na Bíblia hebraica. Estes aditamentos são na Septuaginta espalhados por todo o livro e são inteligíveis no contexto, portanto, deu-lhes, mas não quando reunidas como eles estão no Apocrypha recolhidos de nossas versões Inglês e como eles são, em certa medida, na versão latina de Jerônimo e da Vulgata (Bíblia Latina de Jerônimo, 390-405 dC) (ver A Bíblia do Século, Esdras, Neemias e Ester, 294f). Números 11/09 na enumeração acima são adições feitas na Septuaginta grega e versões Vulgata de Daniel para o livro como se encontra no Texto Massorético. Será bom para nomeá-los "Adições a Daniel." A aproximação dos escritos dos Apócrifos em uma coleção de separação foi devido, em grande medida, para Jerônimo, que se separou muitas das adições apócrifos de seu contexto original, porque suspeitaram que a sua genuinidade. Sua versão influenciou a Vulgata, que segue de perto a versão de Jerônimo.

Embora seja verdade que o Apocrypha é o excesso do grego (Septuaginta) e América (Jerome, Vulgata) sobre a Bíblia Hebraica (Texto Massorético), a declaração de necessidades de qualificação. 2 (4) Ezra, ou seja, a Ezra Apocalyptic (Esdras), está ausente a partir da Septuaginta, a partir da versão de Jerônimo, e também da Bíblia de Lutero, mas ela ocorre na Vulgata e nas versões em Inglês e outros modernos do Apocrypha. Por outro lado, 3 e 4 Macc ocorrer nos melhores manuscritos da Septuaginta, mas a Vulgata, na sequência versão de Jerônimo, rejeita tanto a fazer versões modernas (Inglês, etc) dos Apócrifos. Além disso, tem de ser salientado que, em boa Vulgata Oração de Manassés e 1 (3) Esdras Esdras eo Apocalipse são anexadas ao Novo Testamento, apócrifos.

2. Classificação dos Livros

(1) Histórico

Os livros do Apocrypha adequada podem ser assim classificadas: (a) 1 e 2 (ou seja, 3) Esdras, (b) 1 e 2 Macabeus, (c) Adições a Daniel (n ° 11/09 na lista acima); (d) Adições a Ester, (e) A Epístola de Jeremy (geralmente anexado à Baruch), (f) Oração de Manassés.

(2) Legendary

(A) Livro de Baruch (às vezes classificado como livros proféticos, por vezes com Apocalipse), (b) Tobit, (c) Judith.

(3) Apocalyptic

O Esdras Apocalíptico ou 2 (4) Esdras.

(4) Didáticos

(A) a sabedoria de Salomão, (b) Siraque (Eclesiástico).

RH Charles, nossa maior autoridade viva sobre o Apocalipse e os escritos apócrifos, abraça o seguinte sob o título "Literatura judaica helenística," o resto que vem sob o título "Literatura judaica palestina" (Enc Brit, edição 11, II, 177): (1) As adições a Daniel e Ester (2) A Epístola de Jeremy, (3) 2 Macc; (4) A Sabedoria de Salomão.

Idiomas V. Original da Apocrypha

A maior parte dos apócrifos foi escrito originalmente em língua grega e existia na primeira vez em que a linguagem só. Os seguintes livros foram escritos em hebraico, no entanto: Tobias, Judite, Eclesiástico, Baruc (parte provavelmente em grego), e 1 Macabeus. Nestes casos, alguns preferem sobre o aramaico como língua original, pelo menos em parte, os livros acima. Para informações detalhadas ver em vários livros.

VI. Data de escritos apócrifos

A questão da data em que se aplica a livros separados do Apocrypha serão discutidas em conexão com os artigos que tratam de vários livros. Mas uma declaração geral sobre os limites extremos entre os quais todos os livros foram concluídas poderão ser feitas de forma segura. O mais antigo livro apócrifo é Sirach, que em sua forma original hebraico pertence entre 190-170 aC. Na sua forma grega os estudiosos mais modernos concordam em corrigi-lo, entre 130-120 aC. Nenhum dos livros pode muito bem pertencer a uma data posterior a 100 dC, embora alguns (2 Esdras, etc) pode ser tão tarde assim. O conjunto da Apocrypha pode com mais segurança média, ser dito ter sido escrito em algum momento entre 200 aC e 100 dC. Será visto que é uma suposição incorreta de que o Apocrypha estava em todas as suas partes de data posterior à última parte do Velho Testamento. O livro canônico de Daniel, e muitos dos Salmos são de data posterior de Sirach e 1 Esdras, e não há razões convincentes para dar a Esther canônico uma data posterior a qualquer dos livros de chamada e, talvez, de Judith também (ver, contudo, Daniel, Ester). Mas é quase certo que, de longe, a maior parte dos Apócrifos é de data posterior à do Antigo Testamento, sendo portanto da maior importância como reflectindo o estado dos judeus eo caráter de sua vida intelectual e religiosa em vários períodos representado. E o uso nos últimos anos muito tem sido feito.

Literatura

O texto grego do Apocrypha é dado nas várias edições da Septuaginta (exceto o Apocalipse Esdras, não existentes na Gr). As melhores edições da Septuaginta são aqueles por Tischendorf revista pelo E. Nestle (1887), e Swete (1895-1899 e edições posteriores). edições críticas dos apócrifos foram emitidas pela A. Fabricius (Hamburgo, 1722-1723), Apel (IB 1804) e uma edição muito valioso OT Fritzsche (Leipzig, 1871), que inclui a versão latina do Apocalipse Esdras - sem a falta fragmento. Há várias traduções modernas, muito melhor do que ser alemã, editada pelo E. Kautzsch, contendo introduções, gerais e especiais, e valiosas notas pelos melhores estudiosos alemães. Em Inglês, além da versão revisada (britânica e americana), há a edição Variorum útil, editado por CJ Ball. Uma edição crítica do Inglês Apócrifos editado por RH Charles, com notas introdutórias, está agora a ser impresso em Oxford e será muito valioso.

O melhor comentário é que, DE Fritzsche e Grimm CLW, Kurzgef. Exeg. Handbuch, 1851-1860, mas o comentário de Bissell em Série Lange de comentários e que editado por Wace, na Bíblia, o Speaker's Series, são meritórios.

matéria introdutória será encontrada nos dicionários diferentes Bíblia com a palavra: ver especialmente HE Ryle em DB (1893), SCHÜRER (RE3), mas sobretudo na introdução valiosa para o Velho Testamento em grego, por HB Swete (1900), Hastings, Dicionário da Bíblia (cinco volumes) (CF Porter), e Charles RH (Enc Brit 11). Veja também as Einleitungen por König, Budde (A. Bertholet tem escrito a parte que trata da Apocrypha), e SCHÜRER, Geschichte, III, 1898 (tradução Port., II, III), onde a literatura é muito determinado. Para monografias sobre vários livros dos apócrifos ou discutir pontos específicos, consulte os artigos especiais.

Atos apócrifos

a-pok'ri-fal akts:

A. Introdução Geral

I. O Conceito de "apócrifos"

1. Segredo

2. Falsa e herética

- 3. Extra-Canonical
- II. Características Gerais
 - 1. Romance
 - 2. O Supernatural
 - 3. Ascetismo sexual
 - 4. Herético Ensino
 - 5. Sentimento religioso
- III. Origem
 - 1. Reverência para Apóstolos
 - 2. Pio Curiosidade
 - 3. Autoridade Apostólica desejado
 - 4. Interesses das igrejas locais
- IV. Fontes
 - 1. Canonical Atos
 - 2. Tradições
 - 3. Romances de viagens
- V. Testemunho Eclesiástica
 - 1. Oriental
 - 2. Ocidental
 - 3. Fôto
 - 4. Condenação Eclesiástica
- VI. Autoria
- VII. Relação de diferentes actos
- VIII. Valor
 - 1. Como a História
 - 2. Conforme registros do Cristianismo primitivo
- IX. Influência
 - Literatura
 - B. Os atos separados
 - I. Atos de Paulo
 - II. Atos de Pedro
 - III. Atos de João
 - IV. Atos de André
 - V. Atos de Tomé

A. Introdução Geral

I. O Conceito de "apócrifos"

Aplicado aos primeiros escritos cristãos, o termo "apócrifo" tem o sentido secundário e convencional de "extra-canônico."

1. Segredo

Originalmente, como a etimologia da palavra mostra (apokrupto grego = "esconder"), indicando que estava "escondida" ou "secreto". Neste sentido, "apócrifo" foi, para começar, um título de honra, sendo aplicada a escritos utilizados pelos iniciados nos círculos esotéricos e valorizadas por eles como contendo verdades milagrosamente revelada e mantida em segredo do resto do mundo. Assim como não foram escritos deste tipo entre os judeus, por isso, havia nos círculos cristãos, entre as seitas gnósticas, apócrifos, que pretendia incorporar as verdades mais profundas do Cristianismo, cometido como uma tradição secreta de Cristo ressuscitado aos seus apóstolos.

2. Falsa e herética

Quando a concepção de uma igreja católica começou a tomar forma, era inevitável que estes escritos secretos deveriam ter sido vistos com desconfiança e foi finalmente proibido, não só porque promoveu o espírito de divisão na igreja, mas porque foram favoráveis à disseminação do ensino herético. Através de uma transferência gradual e inteligível de idéias "apócrifos", como aplicada a escritos secretos, assim, desacreditado pela igreja, passou a ter a sensação ruim de espúrios e heréticos. Neste sentido, a palavra é usada tanto por Irineu e Tertuliano.

3. Extra-Canonical

Longe de ser estigmatizado como falsa e herética muitos livros foram considerados impróprios para leitura no culto público, embora possam ser utilizados para fins de edificação privada. Principalmente sob a influência de Jerônimo, o termo "apócrifo" recebeu uma extensão de sentido, de modo a incluir os escritos deste tipo, o esforço agora está sendo colocado sobre a sua não aceitação como escrituras autorizadas pela Igreja, sem qualquer sugestão de que o fundamento de não aceitação leigos no ensino herético. É neste sentido amplo que o termo é usado quando falamos de "apócrifos Atos." Embora as leis que suportam este nome teve sua origem em grande parte nos círculos de tendência herética, a descrição deles como "apócrifos" não envolve acórdão quanto à natureza do seu conteúdo, mas simplesmente denota que são atos que foram excluídos do cânon do Novo Testamento, porque o seu título ou créditos para o reconhecimento como textos normativos autoritários e não foram admitidos pela Igreja. Esta definição limita o âmbito da nossa investigação para os atos que pertencem ao século 2, o bíblico Atos ter garantido o seu lugar como uma escritura autorizada até ao final do mesmo século. Veja mais, Apócrifos.

II. Características Gerais

Os Atos apócrifos pretendem dar a história da atividade dos apóstolos, em mais pormenores do que as leis canônicas.

1. Romance

As adições a narrativa do Novo Testamento encontrados nas mesmas são altamente aromatizado com romance e revela um gosto extravagante e insalubre para os milagres. contos maravilhosos, o produto de uma imaginação exuberante, muitas vezes desprovida de delicadeza de sentimentos e sempre fora de contato com a realidade, são livremente empilhados um sobre o outro. Os apóstolos não são concebidos como vivendo com os níveis normais da humanidade, suas fragilidades humanas, para que os escritores canônicos não são cegos, têm desaparecido quase completamente, andam pelo mundo como os homens familiarizados com os mistérios do céu e da terra, e possuíam de poderes que nenhum limite pode ser ajustado. Eles têm o poder de curar, exorcizar demônios, ressuscitar os mortos, e enquanto maravilhas dessa natureza surgem constantemente, existem outros milagres feitos por apóstolos que lembram um dos prodígios bizarra e não-morais do Evangelho da Infância de Thomas. Um peixe fumado é feito para nadar, uma estátua quebrada é todo

feito com o uso de uma hóstia consagrada, uma criança de sete meses, está habilitado a falar com uma voz de homem, os animais recebem o poder da fala humana.

2. O Supernatural

O caráter romântico dos Atos apócrifos é intensificado pela introdução freqüente do sobrenatural. mensageiros angelicais aparecem na visão e no sonho, vozes celestiais são ouvidas; nuvens descem para esconder os fiéis na hora do perigo e relâmpagos ferir seus inimigos, as forças terríveis de Natureza, terremotos, vento e fogo desânimo greve, nos corações dos ímpios; e mártires morrem transfigurado em um momento de glória sobrenatural. Especialmente característica desses atos são as aparições de Cristo em muitas formas, agora como um homem velho, agora como um belo jovem, agora como uma criança, mas mais freqüentemente, à semelhança deste ou daquele apóstolo. (É interessante notar que Orígenes está familiarizado com uma tradição que Jesus durante sua vida terrena poderia mudar sua aparência quando e como ele satisfeito, e dá isso como uma razão para a necessidade de o beijo do traidor. Compare também Mar_16: 9, Mar_16 : 12).

3. Ascetismo sexual

Não se deve supor que a partir do exposto que a Atos apócrifos com sua profusão de pormenores românticos e sobrenaturais foram concebidos apenas para exaltar a personalidade dos apóstolos e para satisfazer o desejo predominante para o maravilhoso. Eles tiveram um fim definitivo prático em vista. Eles tinham a intenção de confirmar e popularizar um tipo de cristianismo em forte reação contra o mundo, em que a ênfase foi colocada sobre a rígida abstinência de relações sexuais como a principal exigência moral. Este ascetismo sexual é o tema dominante em todos os atos. O contending "dos apóstolos, seus ensaios e sua eventual martírio está em quase todos os casos, devido à sua pregação o pecado da vida conjugal e para o seu sucesso em convencer as mulheres a rejeitar a sociedade de seus maridos. As Leis são penetradas por toda a convicção de que a abstinência do casamento é a condição suprema de iniciarem a maior vida e de ganhar o céu. O evangelho em seu lado prático é (para usar a expressão sucinta dos Atos de Paulo) "a palavra de Deus sobre a abstinência ea ressurreição."

4. Herético Ensino

Além de inculcar uma moral ascética Atos apócrifos mostram traços mais ou menos acentuada de heresia dogmática. Todos eles, com exceção dos Atos de Paulo docetic representam uma visão de Cristo, isto é, a vida terrena de Jesus é considerada meramente como uma aparência fantasmagórica e irreal. Essa cristologia docetista é mais proeminente nos Atos de João, onde lemos que, quando Jesus já não andava pegadas eram discerníveis, que às vezes, quando o apóstolo tentou apoderar do corpo de Jesus passou a mão por ele sem resistência, que quando a multidão reunidos em volta da cruz na qual Jesus pendurado toda a aparência, o próprio Mestre teve uma entrevista com Seu discípulo João, no Monte das Oliveiras. A crucificação era simplesmente um espetáculo simbólico, foi só na aparência que Cristo sofreu e morreu. Aliado com a cristologia docetista é um Modalismo ingênua, segundo a qual não há distinção clara entre o Pai eo Filho.

5. Sentimento religioso

Apesar da má impressão criada pelo fluxo de informações milagrosa e sobrenatural, que permeia a atmosfera de ascetismo sexual e à presença de equívoco dogmático, é impossível não se sentir em muitas seções dos Atos apócrifos o arrebatamento de um entusiasmo espiritual. Particularmente nos Atos de João, André e Thomas há passagens (músicas, orações, homilias), por vezes de verdadeira beleza poética, que se caracterizam pelo calor religiosa, o fervor místico e seriedade moral. O amor místico de Cristo, expressa ainda que muitas vezes é na língua estranha de pensamento gnóstico, serviu para trazer o Salvador perto aos homens como a satisfação dos anseios mais profundos da alma para a libertação do poder da sombra da morte. A superstição rank e os vestígios do paganismo invicto não devem nos cegar para o fato de que no apócrifo Atos, temos um autêntico se muito distorcida expressão da fé cristã, e que através delas as grandes massas de pessoas foram confirmados em sua convicção espiritual do presença e do poder de Cristo, o Salvador.

III. Origem

Os Atos apócrifos tiveram sua origem no momento em que as leis canônicas dos Apóstolos ainda não foram reconhecidos como o único com autoridade. Vários motivos contribuíram para o surgimento de livros que tratam da vida e da atividade dos apóstolos diferente.

1. Reverência para Apóstolos

Atrás de cada variedade de motivos estava a profunda reverência para os apóstolos como depositárias autoridade da verdade cristã. Em tempos apostólicos a única autoridade nas comunidades cristãs, fora das Escrituras Old Testament, era "o Senhor". Mas como o período criativo do cristianismo desapareceu no passado, "apóstolos" (no sentido do colégio dos Doze, incluindo Paul) foram criados para uma posição proeminente ao lado de Cristo, com o objectivo de assegurar a continuidade das credenciais da fé. Os mandamentos do Senhor tinha sido recebido por eles (2Pe_3: 2). Nas epístolas de St. Inácio que eles têm um lugar de supremacia reconhecido pelo lado de Cristo. Só o que tinha autoridade apostólica era normativa para a igreja. A autoridade dos apóstolos foi universal. Eles tinham ido em todo o mundo para pregar o evangelho. Eles tinham, segundo a lenda que se refere o no início dos Atos de Tomé, divididos entre si as diferentes regiões da terra como as esferas de sua atividade. Foi uma consequência inevitável da reverência peculiar em que os apóstolos foram detidos como os valores da verdade cristã que um vivo interesse por toda parte deve ser mostrado em histórias tradicionais sobre o seu trabalho e que os escritos devem ser multiplicados que pretendia dar o seu ensino, com plenitude de detalhe.

2. Pio Curiosidade

As leis canônicas não foram calculados para satisfazer o desejo prevaiente de um conhecimento da vida e os ensinamentos dos apóstolos. Por um lado muitos dos apóstolos há ignorada, e por outro a informação dada sobre os apóstolos Pedro e Paulo, o chefe é um pouco mais magro do que um esboço dos acontecimentos de sua vida. Nestas circunstâncias, as tradições não são preservadas nos Atos canônicos foram aceitas, e como a história real dos apóstolos individual foi em grande parte encoberta na obscuridade, lendas foram livremente inventadas para satisfazer a curiosidade insaciável. O caráter maravilhoso dessas invenções é um testemunho para o nível sobrenatural para que os apóstolos tinham sido levantadas na estima popular.

3. Autoridade Apostólica desejado

Como no caso dos Evangelhos apócrifos, o principal motivo da multiplicação dos romances apostólica foi o desejo de expor com todo o peso da autoridade apostólica concepções da vida cristã e da doutrina que prevaleceu em certos círculos. (1) Juntamente com a sã e tipo católica do cristianismo não existia, especialmente na Ásia Menor, um cristianismo popular com os ideais pervertidos de vida. Por seu lado prático da religião cristã era vista como uma disciplina ascética, envolvendo não apenas a abstinência de alimentos para animais e vinho, mas também (e principalmente) a abstinência do casamento. A virgindade era o ideal cristão. Pobreza e jejuns eram obrigatórios a todos. Os Atos apócrifos é permeada por esse espírito, e seu design é evidente para confirmar e espalhar a confiança no presente ideal ascético, representando os apóstolos como os zelosos defensores dela. (2) Os Atos apócrifos também foram destinados para servir a um interesse dogmático. Herético seitas usou como um meio de propagar suas peculiares visões doutrinárias e procurou a complementar ou substituir a tradição da igreja católica crescente por uma outra tradição que afirmava ser igualmente apostólica.

4. Interesses das igrejas locais

Uma causa filial na fabricação de lendas apostólico era o desejo das igrejas para encontrar apoio para as reivindicações que apresentou para uma fundação apostólica ou alguma ligação com os apóstolos. Em alguns casos, a tradição da esfera de atividade de um apóstolo

pode ter sido bem fundamentada, mas em outros há uma probabilidade de que as histórias de uma conexão apostólica eram livremente inventados com o propósito de reforçar o prestígio de uma igreja local.

IV. Fontes

Em geral, pode-se dizer que os Atos apócrifos estão cheios de detalhes lendários. Na invenção desses tudo foi feito para inspirar confiança neles como historicamente verdadeiras.

1. Canonical Atos

As narrativas abundam em conformidade reminiscências claras dos Atos canônico. Os apóstolos são lançados na prisão e são maravilhosamente posto em liberdade. Converte receber os apóstolos em suas casas. A descrição da Ceia do Senhor como "partir do pão" (Act_2: 42, Act_2: 46) é repetida nos Atos apócrifos e é estritamente pertinente ao ritual estabelecidos lá em que há frequentemente nenhuma menção do vinho na celebração da sacramento. Nos Atos de Paulo, o autor evidentemente usado as leis canônicas como o quadro de sua narrativa. Esta dependência as leis canônicas e da variedade de alusões aos detalhes neles serviu para dar uma aparência de veracidade histórica das invenções mais tarde e para garantir-lhes a leitura e aceitação. O fato de que as leis canônicas estavam tão acostumados mostra claramente que eles tinham uma posição de autoridade excepcional no momento em que os Atos apócrifos foram escritos.

2. Tradições

O personagem lendário dos Atos apócrifos não exclui a possibilidade de detalhes autênticos nos acréscimos feitos à história canônica. Deve ter havido muitas tradições sobre os apóstolos preservados nas comunidades cristãs, que tinha uma base na realidade. Alguns deles seriam naturalmente encontrar um lugar nos escritos que foram concebidas pelo menos em parte para satisfazer a curiosidade popular para um melhor conhecimento dos apóstolos. É certo que há algum substrato de fato histórico no episódio da associação Paulo com Thecla (Atos de Paulo). A descrição da aparência Paul deu na mesma conexão é, muito provavelmente devido a reminiscência histórica confiável. Mas é preciso confessar que os sinais da presença de tradições de confiança são muito escassas. Os grãos de alguns dos fatos históricos estão escondidos em uma enorme massa de material cujo lendário personagem é inconfundível.

3. Romances de viagens

Embora uma ligação formal com as leis canônicas é reconhecível e confiável para as tradições são uma extensão ligeira incorporadas nos Atos apócrifos, é inquestionável que, no seu conjunto são a criação do espírito helênico que se divertia com o milagroso. Um tipo de notáveis da literatura popular, cuja influência é evidente em quase todas as páginas dos Atos apócrifos foi a do romance de viagens. O exemplo mais famoso da literatura romântica é a vida do pregador neo-pitagórico, o Apollonios grande milagreiro de Tiana, que morreu por volta do final do primeiro século dC. As maravilhas relatadas para ter sido forjado por ele em suas viagens foram transferidas livremente de forma um pouco menos impressionante a outros professores. É a atmosfera desses romances que os Atos apócrifos tiveram seu nascimento. Em particular, os Atos de Tomé relembrar a história da Apollonios. Pois, assim como Thomas era um missionário na Índia, para "Apollonios como um discípulo de Pitágoras tinha viajado, um Alexander pacífica, para o país das maravilhas da Índia e lá pregou a sabedoria de seu mestre" (Geffcken, Christliche Apokryphen, 36).

V. Testemunho Eclesiástica

Da natureza da sua referência a leis canônicas, é provável que o autor da Canon Muratorian (circa 190 dC) havia a existência de outras leis em mente. "Os Atos dos Apóstolos", diz ele, "são escritas em um único livro. Lucas relaciona-admiravelmente a Teófilo, limitando-se a como caiu sob a sua própria observação, como ele mostra claramente pela omissão de qualquer referência nem ao martírio de Pedro e da viagem de Paulo a partir de Roma para a Espanha. "Durante o século 3 há alusões ligeiras a alguns dos Atos apócrifos, mas só no século 4 que são freqüentes referências distintas, em ambos os escritores do Oriente e do Ocidente. Algumas das referências mais importantes podem ser dadas aqui. (Para um relato completo do testemunho eclesial ver Harnack, *Gesch. Altchr der. Lit.*, I, 116ff).

1. Oriental

Entre os escritores orientais Eusébio (falecido em 340) é o primeiro a fazer qualquer referência clara à apócrifos Atos. Ele fala de "Atos de André, de João e os outros apóstolos," que eram de uma natureza tal que nenhum escritor eclesiástico achou apropriado para invocar o seu testemunho. Seu estilo e seu ensino mostrou que eles são tão claramente de origem herética de que ele não iria colocá-los, mesmo entre Escrituras espúria, mas rejeitou-os como absolutamente absurda e impia (História Eclesiástica, III, 25.6.7). Ephraem (falecido em 373) declara que Atos foram escritos pelo Bardesanites para propagar o nome de apóstolos a incredulidade que os apóstolos tinham destruído. Epifânio (circa 375) repetidamente se refere a atos individuais que estavam em uso entre as seitas heréticas. Amphilochius de Iconio, um contemporâneo de Epifânio, declara que alguns escritos provenientes de círculos heréticos não eram "Atos dos apóstolos, mas as contas de demônios." Segundo Sínodo de Nicéia (787 dC), nos autos de que aquelas palavras são de Amphilochius preservada, tratada com a literatura apócrifa e teve em especial consideração os Atos de João para que o Iconoclasts recurso. No sínodo de encontrar esses atos foram caracterizados como "este livro abominável", e sobre ela a decisão foi tomada: "Que ninguém lê-lo, e não somente isso, mas julgamos digna de ser comprometido com as chamas."

2. Ocidental

No Ocidente, a partir do século 4 em diante as referências são freqüentes. Philastrius de Brescia (circa 387) demonstra a utilização de Atos apócrifos entre os maniqueus, e declara que, embora eles não são adequados para a leitura geral que pode ser lido com proveito por cristãos maduros (De Haeres, 88). A razão para esta decisão favorável pode ser encontrada na acentuada tendência ascética de Atos, que estava em consonância com o ideal moral predominante na época, no Ocidente. Agostinho refere-se repetidamente com Atos apócrifos em uso entre os maniqueístas e os caracteriza como obra de "sapateiros das fábulas" (fabularum sutoribus). Os maniqueístas os aceitou como verdadeira e genuína; U e em relação a esta reivindicação Agostinho diz: "Eles na época de seus autores tenham sido considerados dignos de serem bem-vindas para a autoridade da Santa Igreja, se santos e sábios que foram então viva e poderia examinar essas coisas reconheceu-os como falar a verdade" (Contra Faustum, XXII, 79). Os Atos de João e os Atos de Tomé são mencionados pelo nome de Agostinho. Ele também se refere a Leucius como o autor de Atos apócrifos. Turribius de Astorga (circa 450) fala de Atos de André, de João, de Tomé, e os atributos dos maniqueístas. Do ensino herético nos Atos de Tomé, Turribius aponta para o batismo condenação especial por óleo em vez de água. Leucius é mencionado como o autor dos Atos de John. Os Atos de André, Thomas, Pedro e Felipe são condenados como apócrifos no Decreto Gelasian (496 AD) e na mesma condenação estão incluídos "todos os livros escritos por Leucius, um discípulo do diabo."

3. Fótico

A referência mais completa e importante para a Atos apócrifos são encontrados em Fôcio, Patriarca de Constantinopla na segunda metade do século 9. Em sua Bibliotheca, que contém uma conta de 280 diferentes livros que tinha lido durante sua ausência em uma missão para Bagdad, aprendemos que, entre estes estava um volume ", disse o Wanderings chamado dos Apóstolos, na qual foram incluídos Atos de Pedro, João, André, Tomé, Paulo. O autor destes actos, tal como o próprio livro deixa claro, foi Leucius Charinus. "A

linguagem não tinha nada de graça que caracteriza os escritos evangélicos e apostólicos. O livro estava cheia de loucuras e contradições. Seu ensino era herético. Em particular, foi ensinado que Cristo nunca tivesse realmente tornar-se homem. Cristo, mas não outro em seu lugar tinha sido crucificado. Depois de se referir à doutrina ascética e os milagres absurdos dos Atos e na parte em que os Atos de João tinha jogado na Controvérsia Iconoclasta, Photius conclui: "Em suma este livro contém dez mil coisas que são infantis, incrível, mal concebida, falso, insensato, incoerente, irreverente e ímpio. Se alguém chamá-lo à fonte e mãe de todas as heresias, ele não estaria longe da verdade."

4. Condenação Eclesiástica

Há, portanto, um consenso do testemunho eclesial quanto ao caráter geral dos Atos apócrifos. Eles foram escritos utilizados por um número de seitas heréticas, mas considerado pela igreja como confiável e prejudicial. É provável que o corpus dos Atos em cinco áreas referidas por Photius foi formada pelos maniqueístas do Norte de África, que tentou mandar aceite pela igreja no lugar de as leis canônicas, que tinham rejeitado. Estes actos, em consequência foram carimbados pela igreja com um caráter herético. A condenação é mais afiada que proferida por Leo I (circa 450), que declara que "não só deve ser proibido, mas deve ser totalmente varridas e queimados. Pois, embora haja certas coisas em que eles parecem ter a aparência de piedade, mas nunca está livre de veneno e, secretamente, trabalhar com as seduções das fábulas de modo que elas envolvem nas armadilhas de todos os erros possíveis aqueles que são seduzidos pelo relato de coisas maravilhosas. "Os Atos de Paulo, que não apresentam qualquer vestígio de heresia dogmática, foram incluídos na censura eclesiástica, devido ao fato de que eles tinham recebido um lugar na final do corpus. Muitos professores na igreja, no entanto, fez uma distinção entre os elementos miraculosos e as doutrinas heréticas das Leis, e ao mesmo tempo, eles rejeitaram o último que manteve a anterior. Testemunha as palavras de um revisor ortodoxo em relação ao seu antecessor herética: "quaedam de quidem virtutibus miraculis et quae per eos Dominus fecit, vera dixit; de doctrina vero multa mentitus est"

VI. Autoria

No aviso de Photius (Bibliotheca codex 114) todos os cinco atos são atribuídos a um autor, Leucius Charinus. escritores anteriores tinham associado o nome de Leucius com determinados actos. Em particular, ele é. o testemunho de vários escritores, declarou ser o autor dos Atos de John. Atos como estes mostram, o autor professa ser um seguidor e companheiro do apóstolo, e Epifânio (Haeres., 51 6) menciona um chamado Leucius como sendo a comitiva de John. Este aviso de Epifânio, no entanto, é de valor duvidoso, já que provavelmente baseava-se na associação em sua mente o nome do Leucius com os Actos de John. Ou não há qualquer verdade na atribuição destes actos a um discípulo de João deve ficar em suspenso, mas as probabilidades estão contra que seja. Seja como for, quando os diferentes textos foram recolhidos, o nome do renomado autor dos Atos de João foi transferido para a coleção inteira. Isso provavelmente não aconteceu até o século 4. Apesar de todos os atos não são certamente de uma mão (a diferença de estilo é prova suficiente da presente), há tantas semelhanças entre alguns deles, como a sugerir uma possível autoria comum nesses casos, ou pelo menos uma relação de dependência literária.

VII. Relação de diferentes actos

Essa ligação existiu alguma entre os diferentes textos foi claramente reconhecido nos primeiros tempos, e foi, sem dúvida, devido a esse reconhecimento de que eles estavam reunidos em um corpus sob o nome de um autor. É reconhecido que existe uma relação estreita entre os Atos de Pedro e os Atos de João, alguns estão sustentando que o trabalho do mesmo autor (James, Zahn), outros que os primeiros são a cargo deste último (Schmidt, Hennecke), enquanto outros ainda acreditam que a sua origem na mesma escola teológica e na mesma atmosfera eclesiástica suficientemente explica todas as semelhanças (Ficker). Os Atos de André, também, revelar um parentesco próximo com os Atos de Pedro. Mas, a questão pode estar no que diz respeito à dependência literária, a afinidade entre os diferentes actos em sentido material é manifesta. Todos são permeadas pelo espírito ascético, em todos Cristo aparece sob a forma de o apóstolo, em todas as mulheres que visitam o apóstolo na prisão. No que respeita à doutrina teológica dos Atos de Paulo stand by-se como anti-gnóstico na tendência, mas os outros concordam, em sua opinião docetic da pessoa de Cristo, enquanto nos Atos de João, Pedro e Thomas, há uma doutrina similar mística do cruz.

VIII. Valor

1. Como a História

Como fonte de informação sobre a vida ea obra dos apóstolos Atos apócrifos são quase inteiramente inútil. Uma possível exceção a esse respeito é a seção dos Atos de Paulo tratar com Paulo e Tecla, embora n vésperas lá todos os elementos históricos são quase perdido no overgrowth lendária. As áreas de trabalho dos apóstolos, na medida em que são mencionados apenas nestes actos, não pode ser aceito sem questionamentos, embora possam ser derivadas da tradição confiável. Tomado como uma imagem toda expostos nos Actos apócrifos do trabalho missionário dos apóstolos é uma caricatura grotesca.

2. Conforme registros do Cristianismo primitivo

Os Atos apócrifos, no entanto, embora inútil como a história, são de extremo valor como lançar luz sobre o período em que foram escritos. Eles pertencem ao século 2 e são ricos em uma pedreira para obter informações sobre o cristianismo popular da época. Eles nos dão um retrato vivo da forma que o cristianismo assumiu em contato com o entusiástico mistério cultos e seitas gnósticas que depois floresceu no solo da Ásia Menor. Vemos neles a fé cristã profundamente tingida com o espírito do paganismo contemporâneo, a fé em Cristo, o Salvador-Deus, que satisfizesse o anseio generalizado para a redenção dos poderes do mal, em associação com os elementos ainda invicto do seu ambiente pagão. (1) Os Atos nos mostra o cristianismo popular sob a influência das idéias gnósticas, em contraste com o gnosticismo das escolas que se move em uma região de concepções mitológicas, abstrações frio e sutilezas especulativas. Na base do gnosticismo estabelecer um desprezo pela existência material, e no cristianismo dos Atos apócrifos, vemos o trabalho prático acima das duas idéias principais que se seguiu a partir desta posição fundamental, uma concepção docetic da pessoa de Cristo e uma visão de vida ascética. Neste popular religião Cristo tinha algumas das características do Jesus histórico, ele era o Salvador-Deus, exaltado acima de principados e potestades, através da união da alma com quem foi entregue a partir do temor do mal poderes e entrou na verdadeira vida. A humanidade de Cristo foi sublimada em mera aparência, e em particular os sofrimentos de Cristo foram concebidos mística e simbolicamente, às vezes na forma que na história de seus sofrimentos, vemos apenas o símbolo do sofrimento humano em geral, às vezes sob a forma que Cristo está presente na Sua Igreja, em partes do mártir sofrimentos dos cristãos, por vezes, mais uma vez, na forma que o pecado, a fraqueza ea infidelidade do seu povo infligir-lhe sofrimentos sempre renovada "(Pfleiderer, Cristianismo Primitivo, III, 181). A influência ética do gnosticismo é evidente no espírito do ascetismo estrito, que é o elemento mais característico desses atos. É verdade que o ideal ascético obtidos não só no gnóstica, mas também nos círculos da Igreja

Ortodoxa, assim como nós coletamos os Atos de Paulo, bem como de outras fontes. O destaque do ideal asceta rigoroso no início do cristianismo é inteligível. A batalha principal que a fé cristã teve que lutar com o paganismo Helênica, pela pureza sexual, e tendo em conta as grosserias e frouxidão que prevaleceu nas relações sexuais não é de estranhar que o protesto Christian foi exagerado em muitos casos, em uma demanda por continência completa. Esta nota ascético no cristianismo primitivo foi enfatizado pelo espírito do gnosticismo e encontra expressão clara nos actos que surgiu ou em círculos gnósticos ou em um ambiente tingida com idéias gnósticas. Escusado será dizer que a influência desses romances que são tão amplamente envolvidos com a moral sexual e, ocasionalmente, são indescritivelmente grosseiros, foi a preocupar a mente com pensamentos saudáveis e para manchar a pureza de espírito que foi a sua intenção de seguro. Há, no entanto, outros elementos éticos nestes actos que estão em completa harmonia com a verdadeira moral cristã. (2) Os Atos apócrifos são uma fonte inestimável de informações sobre as formas iniciais-cristã de adoração. O ritual dos sacramentos é totalmente descrita nos Atos de Thomas. Algumas das orações encontradas em Atos estão imbuidas de um espírito religioso e quente são ricas em expressão litúrgica. (3) O início do hinário cristão pode ser rastreada nos Atos de Tomé, em que ocorrem gnóstico hinos respirar o espírito fantástico oriental. (4) aparente nos Atos como um todo é o amor excessivo para o sobrenatural eo entusiasmo religioso que floresceu na Ásia Menor, no século 2 (compare especialmente a dança dos discípulos, Jesus volta nos Atos de João: 94ff capítulo).

IX. Influência

Os Atos apócrifos tiveram uma influência marcante na história posterior da igreja. Após a implantação do cristianismo sob Constantino homens voltaram os olhos para os primeiros anos de luta e perseguição. Um profundo interesse foi despertado nos acontecimentos da época heróica da fé - a idade dos mártires e dos apóstolos. Atos dos mártires eram lidas com avidez, e em especial os Atos apócrifos foram mobilizados para satisfazer o desejo de um melhor conhecimento dos apóstolos que foi dada pelos livros canônicos. O ensino herético com que as lendas apostólica foram associados nestes actos levou à sua condenação pela autoridade eclesiástica, mas a proibição da igreja foi ineficaz para erradicar o gosto pelas cores vivas do romance apostólica. Nestas circunstâncias os escritores da Igreja assumiram a tarefa de reescrever as leis anteriores, omitindo o que claramente era herética e retendo os elementos miraculosos e sobrenaturais. E não somente isso, mas o material dos Atos foi livremente utilizados na fabricação de vidas de outros apóstolos, como vemos na coleção do Abdias chamado no século 6. O resultado foi que a partir da quarta para a literatura do século 11 desse tipo, tratar com os apóstolos, e cresceu em ritmo acelerado, formado a leitura favorita dos cristãos, da Irlanda para as montanhas da Abissínia e da Pérsia à Espanha" (Harnack). lendas Apostólica foram reproduzidas em poemas religiosos, eles apareceram em martyrologies e calendários, que foram objecto de homilias sobre os dias de festa dos apóstolos, e os incidentes a partir deles foram descritos em artigo ciclos cristão-novo de lendas surgiram nas igrejas copta e síria e as lendas copta foram traduzidos para o árabe e do árabe para o Etíope (Gadla Hawaryât - O Contendings dos Apóstolos). Literatura deste tipo foi a mãe fecunda de toda a espécie de superstição. "Inteiras gerações de cristãos (como diz Harnack), sim, toda nações cristãs eram intelectualmente cegos pela aparência deslumbrante destes contos. Eles perderam o olho não apenas para a verdadeira luz da história, mas também para a luz da verdade em si" (Gesch. altchr der. Lit., I, XXVI). É interessante notar que a correspondência apócrifa com o Corinthians nos Atos de Paulo foi recebido como canônico nas igrejas da Síria e Armênia.

Literatura

Os Atos apócrifos constituem o objecto de uma vasta literatura. As edições anteriores dos textos disponíveis por Fabricius (1703) e Tischendorf (1851) foram totalmente substituídos por Lipsius-Bonnet, Acta Apostolorum apócrifos (1891-1903), que contém textos não só do anterior, mas também de muitos mais tarde Atos. Traduções de actos anteriores com as introduções valiosas podem ser encontradas em Hennecke, Apokryphen Novo Testamento (1904), enquanto as discussões críticas e elucidação do texto são apresentados no Hennecke, Handbuch zu den Apokryphen Novo Testamento (1904). Estas duas obras são indispensáveis para o aluno. Traduções de Inglês de actos anteriores com apresentações de curtas em Pick, Atos apócrifos (1909). O trabalho crítico de Lipsius sobre esses actos fazia época: Die apokryphen Apostelgeschichten und Apostellegenden (1883-1890). lista completa de literatura podem ser encontrados em Hennecke e Pick. Os seguintes podem ser mencionadas aqui: Zahn, Kanons Geschichte des Novo Testamento, II, 832ff (1892); zur Forschungen Gesch. Kanons des Novo Testamento, VI, 14, se, 194ff (1900); Harnack, der Geschichte altchristlichen Literatur, I, 116ff (1893); II, 493ff, 541ff (1897), James, Apocrypha Anecdota (Textos e Estudos, V, 1, 1897); Ehrhard, Die altchristliche Litteratur u. i. Erforsch. (1900); C. Schmidt, "Die Alten Petrusakten" (TU, IX, 1, 1903). Útil como se estabelece o significado religioso dos Atos são Pfeleiderer, Cristianismo Primitivo, III, 170ff (tradução de 1910); Liechtenhahn, Die Offenbarung Gnosticismus im (1901). O capítulo de Introdução Salmão ao Novo Testamento (325ff) pode ser consultado. Um breve relato dos Atos escritas com todo o conhecimento é dado em Geffcken, Apokryphen Christliche (Religionssgeschichtliche Volksbucher, 1908).

B. Os atos separados

Os Atos apócrifos que trata este artigo são os atos Leucian mencionado por Photius em sua Bibliotheca. Como temos agora eles foram submetidos a revisão, no interesse da ortodoxia eclesiástica, mas em sua forma original que pertenceu ao século 2. É impossível dizer o quanto as leis em sua forma atual difere daquela em que originalmente apareceram, mas é evidente em muitos pontos, que a revisão ortodoxa, que estava destinado a eliminar os elementos heréticos não foi por qualquer meio, completa. Passagens que são nitidamente gnósticos foram preservadas, provavelmente porque o revisor não compreender o seu verdadeiro significado.

I. Atos de Paulo

1. Testemunho Eclesiástica

Orígenes, em duas passagens de seus escritos existentes cita os Atos de Paulo com a aprovação, e foi possivelmente devido à sua influência que esses atos foram detidos em alta no Oriente. No Claromontanus Codex (século 3), que é de origem oriental, os Atos de Paulo são tratados como uma escrita católica e tomar posição com o Pastor de Hermas eo Apocalipse de Pedro. Eusébio, que rejeita totalmente "Os Atos de André, João e os demais apóstolos," coloca os Atos de Paulo, na classe mais baixa dos escritos de debate ao lado de Hermas, Epístola de Barnabé, Didaqué, o Apocalipse de João, etc (Historia Ecclesiastica, III, 25,4). No Ocidente, onde Orígenes era visto com desconfiança, os Atos de Paulo estava aparentemente desacreditada, a usar apenas um deles como uma fonte confiável, sendo encontrado em Hipólito, o amigo de Orígenes, que, entretanto, não mencioná-los pelo nome. (A referência por Hipólito é encontrado em seu comentário sobre Daniel. Ele argumenta conflito de Paulo com os animais selvagens para a credibilidade da história de Daniel na cova dos leões).

2. Conteúdo

Dos Atos de Paulo apenas fragmentos permanecem. Pouco se sabe deles até que em 1904 a tradução de uma versão mal conservados copta foi publicada por C. Schmidt, e foi feita a descoberta que as leis conhecidas de Paulo e Tecla eram, na realidade, uma parte dos Atos de Paulo. Das notas sobre a extensão dos atos indicados no Cod. Claromontanus e no Stichometry de Nicephorus temos que reunir a quantidade de fragmentos de cerca de um quarto do total.

(1) desses fragmentos mais longo eo mais importante é a seção que chegou a ter uma existência separada, sob o nome Os Atos de Paulo e Tecla. Quando estes foram separados dos Atos de Paulo, não podemos dizer, mas isso tivesse acontecido antes da hora do Decreto Gelasian (496 AD), que sem fazer menção ao Atos de Paulo condena como apócrifos os Atos de Paulo e Tecla. (A) Um esboço da narrativa é a seguinte: Em Icônio, Tecla, uma jovem noiva, ouviu a pregação de Paulo sobre a virgindade, e foi tão fascinado que ela se recusou a ter mais nada a ver com seu amante. Por conta de sua influência sobre ela, Paulo foi levado diante do procônsul e foi lançado na prisão. Há Thecla visitá-lo com o resultado que ambos foram levados a julgamento. Paul foi banido da cidade e Tecla foi condenado a ser queimado. Tendo sido milagrosamente entregue na pilha, Tecla foi em busca de Paulo e, quando ela tinha encontrado ele, ela acompanhou-o a Antioquia. (Há uma confusão na narrativa de Antioquia da Pisídia e Antioquia da Síria.) Em Antioquia um cidadão influente, Alexander pelo nome, se apaixonou por ela e abraçou-a abertamente na rua. Tecla, ressentindo-se da familiaridade, retirou a coroa que Alexandre usava e, em consequência foi condenado a lutar com as feras nos jogos. Até o dia dos jogos Thecla foi colocada sob os cuidados da Rainha Trifena, então morando em Antioquia. Quando Thecla foi exposto no anfiteatro uma leoa morreu em defendê-la contra ataques. Em seu elenco perigo Thecla-se em um tanque contendo selos e declarou: "Em nome de Jesus Cristo eu te batizo-me no meu último dia." (Foi com referência, em parte, a esse ato de auto-batismo que Tertuliano deu as informações sobre o autoria desses atos: abaixo de 3.) Quando foi proposto que Thecla dilacerar por um touro enlouquecido Queen Trifena desmaiou, e, com medo do que possa acontecer, as autoridades lançado Thecla e entregou-lhe sobre a Trifena. Tecla novamente procurado Paul e tê-lo encontrado foi encomendado por ele para pregar a Palavra de Deus. Este fez primeiro em Icônio e em seguida, em Selêucia, onde ela morreu. Várias adições mais tarde descreveu final Thecla, e em um deles é narrado que ela passou à clandestinidade de Selêucia a Roma que ela poderia estar perto de Paul. Conclusão de que Paul estava morto, ela permaneceu em Roma até sua morte. (B) Embora a história Tecla é um romance desenhado para garantir a autoridade apostólica para o ideal da virgindade, é provável que ele teve pelo menos uma base pequena, na realidade. A existência de um influente Thecla culto em Selêucia favorece a visão de que Tecla foi uma pessoa histórica. Tradições em relação à sua associação com Paul, que agrupadas em torno do templo de Seleucia construído em sua honra pode ter fornecido o material para o romance. Na história, há claras reminiscências históricas. Trifena é um personagem histórico, cuja existência é estabelecida por moedas. Ela era a mãe do rei de Pontus Polemon II e um parente do imperador Cláudio. Não há motivos para duvidar da informação dada nos Atos que ela estava vivendo em Antioquia, no momento da primeira visita de Paulo. Os Atos revelam ainda notável precisão geográfica na menção de "estrada real", pelo qual Paulo declarou ter viajado de Listra em seu caminho para Icônio - uma declaração que é ainda mais notável porque, quando a estrada estava em uso em Paulo tempo por razões militares, foi dado como uma rota regular no último quartel do século 1. Em Atos Paulo é descrito como "um homem de estatura baixa, calvo, pernas arqueadas, de porte nobre, com as sobrancelhas de reuniões e um nariz um pouco proeminente, cheia de graça. Ele apareceu algumas vezes como um homem, e em outras vezes ele tinha o rosto de um anjo." Essa descrição pode muito bem descansar na tradição confiável. No terreno das características históricas da história, Ramsay (A Igreja no Império Romano, 375ff) defendeu a existência de uma versão mais curta que remonta ao século 1, mas essa visão não tem sido geralmente aceite. (C) Os Atos de Paulo e Tecla foram muito lidos e teve uma influência notável devido à ampla reverência para Thecla, que tinha um lugar de destaque entre os santos como "o primeiro mártir do sexo feminino." Referências aos actos nos Padres da Igreja são relativamente poucos, mas o romance teve voga extraordinária entre os cristãos, tanto do Oriente e do Ocidente. Em particular veneração, por Thecla atingiu seu ponto mais alto na Gália e, em um poema intitulado "O Banquete" (Caena), escrito por São Cipriano, um poeta sul-Gália, no século 5, Thecla está no mesmo nível que os grandes personagens da história bíblica. Os atos posteriores da megera e polyxena são inteiramente derivadas dos Atos de Paulo e Tecla.

(2) Outro fragmento importante dos Atos de Paulo é aquele que contém o chamado Terceiro Epístola aos Coríntios. Paul é representado como estar na prisão em Filipos (e não no momento da Act 16: 23, mas em algum momento mais tarde). Sua prisão foi devido à sua influência sobre Stratonice, a esposa de Apollophanes. O Corinthians que tinha sido perturbado por dois professores de heresia enviou uma carta a Paul descrevendo suas doutrinas perniciosas, as quais foram no sentido de que os profetas tinham nenhuma autoridade, que Deus não era todo-poderoso, que não havia ressurreição do corpo, que o homem não tinha sido feito por Deus, que Cristo não tivesse vindo em carne e osso ou ter nascido de Maria, e que o mundo não foi obra de Deus, mas de anjos. Paulo foi extremamente angustiada sobre a recepção da presente carta e, "em grande aflição", escreveu uma resposta em que a opinião popular gnóstica dos falsos mestres são veementemente contra. Esta carta, que abunda em alusões a algumas das epístolas paulinas é principalmente notável pelo fato de que encontraram um lugar, juntamente com a carta que o chamou para fora, entre os escritos canônicos nas igrejas da Síria e Armênia após o segundo século. A correspondência foi estranhamente acredita-se ser genuíno, Rinck, que editou em 1823. A versão original grego não foi preservada, mas ela existe em copta (não muito completo), em armênio e em duas traduções do latim (ambos mutilados), além de ser incorporada no comentário de Efrém (em tradução armênia). A versão siríaca foi perdida.

(3) Além das duas parcelas dos Atos de Paulo, mencionadas acima, existem outros de menor valor, a cura de um homem hidrópico em Myra pelo apóstolo (a continuação da narrativa Thecla), o conflito Paulo com feras em Éfeso (com base no engano de 1Co. 15: 32), duas citações curtas por Orígenes, e uma seção final descreve o martírio do apóstolo sob Nero, a quem Paul apareceu após sua morte. Clemente de Alexandria cita uma passagem (Strom., VI, 5, 42 f) - um fragmento da missão de pregação de Paulo - que podem ter pertencido ao Atos de Paulo, a mesma origem e é possível por conta do discurso de Paulo em Atenas, dada por João de Salisbury (circa 1156) no Policraticus, IV, 3.

3. Autoria e Data

De uma passagem de Tertuliano (De Baptismo, capítulo 17), aprendemos que o autor dos Atos de Paulo era "um presbítero da Ásia, que escreveu o livro com a intenção de aumentar a dignidade de Paul por adições de sua própria", e que "ele foi afastado do cargo, quando, tendo sido condenado, ele confessou que tinha feito isso por amor a Paul." Este testemunho de Tertuliano é suportada pela evidência da própria escrita que, como vimos, mostra em vários Detalhes do conhecimento exato da topografia e da história local da Ásia Menor. Um grande número de nomes que ocorrem nestes actos são encontrados em inscrições de Smyrna, embora fosse precária, por este motivo a inferir que o autor pertenceu a essa cidade. É possível que ele era um nativo de uma cidade onde gostava Thecla reverência peculiar e que a tradição de sua associação com Paul, o pregador da virgindade, foi o principal motivo para sua escrita do livro. Junto com este estava ligado, o motivo para se opor à opinião de alguns gnósticos (a Bardesanites). A data dos Atos de Paulo é a segunda metade do século II, provavelmente entre 160 e 180 dC.

4. Caráter e Tendência

Os Atos de Paulo, embora escrito para reforçar a dignidade do apóstolo, mostram claramente que tanto em matéria de equipamento

intelectual e amplitude de visão moral do autor, com todo o seu amor de Paul, houve alma gêmea. O nível intelectual dos Atos é baixa. Há toda uma grande pobreza na concepção, o mesmo motivo ocorre sem variação, e os defeitos da imaginação do autor tem sua contraparte em uma dicção nu e sem valor artístico. passagens do Novo Testamento são freqüentemente citado e livremente. A visão que o autor apresenta do cristianismo é estreito e unilateral. Dentro de seus limites é ortodoxo no sentimento, não há nada que apoiam o parecer de Lipsius que o trabalho é uma revisão de um escrito gnóstico. A ocorrência freqüente de eventos sobrenaturais e ascetismo rigoroso que caracterizam as leis não são a prova da influência gnóstica. A dogmática é, na verdade anti-gnóstico, como vemos na correspondência com o Corinthians. "O Senhor Jesus Cristo nasceu de Maria, da descendência de David, o Pai ter enviado o Espírito do céu para ela." A ressurreição do corpo é assegurado pela ressurreição de Cristo dentre os mortos. Ressurreição, no entanto, é apenas para aqueles que acreditam nele - isso, temos o pensamento de um que trai qualquer originalidade por parte do autor: "eles que dizem que não há ressurreição não tem ressurreição." Com a fé no ressurreição está associado à demanda para a abstinência sexual estrita. Apenas os que são puros (isto é, que vivem em castidade) verão a Deus. "Vocês não têm parte na ressurreição, a menos vós permanecer não casto e contaminam a sua carne." O evangelho que o apóstolo pregava era "a palavra sobre auto-controle e da ressurreição." No desejo do autor para garantir a autoridade de uma forma predominante de O cristianismo, que exigia a abstinência sexual como uma condição da vida eterna, nós reconhecemos o objetivo principal do livro. Paul é representado como apóstolo desta concepção popular, e seu ensino torna-se atraente pelos elementos miraculosos e sobrenaturais que satisfizesse o gosto cru do tempo.

Literatura

Livros mencionados sob o título "Literatura" (p. 188); C. Schmidt, "Die Paulusakten" (Neue Jahrbücher, 217ff, 1897), Acta Pauli (1904); lidar com Atos de Paulo e Tecla Ramsay, A Igreja no Império Romano (4ª edição, 1895); Conybeare, as desculpas e os Atos de Apolônio ... (1894); Cabrol, La Légende de Sainte Thècle (1895), Orr, The New Testament Apocrypha Escritos (introd. tradução e notas, 1903). Em relação à literatura, ver Hennecke, Handbuch, etc 358ff, Pick, Apocrypha Atos 1, 8 f.

II. Atos de Pedro

1. Conteúdo

Uma grande parte (quase dois terços) dos Atos de Pedro é preservada em uma tradução para o latim - a Vercellenses Actus, assim chamada a partir da cidade de Vercelli, no Piemonte, onde o manuscrito com eles reside no capítulo biblioteca. Um fragmento copta descobriu e publicou (1903), por C. Schmidt contém uma narrativa com a assinatura Praxis Petrou (Lei de Peter). Schmidt é de opinião que este fragmento fazia parte do trabalho para o qual o Vercellenses Actus também pertencia, mas isso é um pouco duvidoso. O fragmento trata de um incidente no ministério de Pedro em Jerusalém, enquanto a lei. Vercell., Que provavelmente foram feitos para ser uma continuação das leis canônicas, dar conta do conflito com Pedro Simon Magus e do seu martírio em Roma. As referências, em escritores eclesiásticos (Philastrius de Brescia, Isidoro de Pelusium e Photius) tornam praticamente certo que o Vercellenses Actus pertencem à escrita conhecido como Atos de Pedro, que foi condenado no rescrito de Inocêncio I (405 dC) e na Decreto Gelasian (496 dC). (1) O fragmento copta contém a história da filha paralítica Pedro. Certo domingo, enquanto Pedro estava envolvido em curar os enfermos um espectador perguntou por que ele não fez toda a sua própria filha. Para mostrar que Deus foi capaz de fazer a cura por meio dele, Peter fez o seu som filha por um tempo curto e, em seguida, ordenou o seu regresso ao seu lugar e tornar-se como antes. Ele explicou que a aflição tinha sido colocada em cima dela para salvá-la da profanação, como um rico homem de Ptolomeu tinha sido apaixonado por ela e que tinha desejado fazê-la sua esposa. dor de Ptolomeu em que não recebem seu tinha sido de tal forma que ele ficou cego. Como o resultado de uma visão que ele tinha chegado a Pedro, que recebeu sua visão e foi convertido, e quando ele morreu, ele tinha deixado um pedaço de terra para a filha de Pedro. Esta terra Peter tinha vendido e tinha dado o dinheiro para os pobres. Agostinho (Contra Adimantum, 17,5) faz uma referência a esta história, mas não mencionam Atos de Pedro. Há também duas referências ao incidente nos Atos de Filipe. Nos Atos depois de Nereu e Aquileu a história é apresentada com mudanças consideráveis, o nome da filha de Pedro, que não é mencionado no fragmento, sendo dado como Petronilla.

(2) O conteúdo do Vercellenses Actus se dividem em três partes: (a) Os três primeiros capítulos, que são claramente uma continuação de alguma outra narrativa e que apropriadamente se juntam às leis canônicas dizer da partida de Paulo para a Espanha. (B) A maior seção de Atos (4 a 32) dá conta do conflito entre Pedro e Simão o Mago em Roma. Paul não tinha ido por muitos dias, quando Simon, que "pretendia ser o grande poder de Deus", chegou a Roma e pervertidos muitos dos cristãos. Cristo apareceu em uma visão de Pedro em Jerusalém, e ordenou-lhe navegar de uma vez para a Itália. Pedro chegou a Roma confirmou a congregação, declarando que ele veio para estabelecer a fé em Cristo, não apenas por palavras mas por obras milagrosas e poderes (alusão ao 1Co. 4: 20; 1Th_1: 5). Na súplica dos irmãos Peter passou a procurar Simon na casa de alguém chamado Marcelo, que o mago tinha seduzido, e, quando Simão se recusou a vê-lo, Peter soltou um cachorro e mandou-o ir e entregar o seu desafio. O resultado desta maravilha foi o arrependimento de Marcelo. A seção seguinte descreve a reparação de uma estátua quebrada por aspersão as peças com água em nome de Jesus. Entretanto, o cão tinha dado uma palestra e Simon tinha pronunciado sobre ele o castigo do fogo inextinguível. Depois de dar conta do seu recado e falar palavras de encorajamento para Peter, o cachorro terminou aos pés do apóstolo. Um peixe fumado é feita próxima a nadar. A fé de Marcelo se fortalecia com a visão das maravilhas que Peter forjado, e Simão foi expulso de casa com ele todas as marcas de desprezo. Simon, irritado com este tratamento, chegou a desafiar Pedro. Um bebê de sete meses falando com uma voz masculina denunciou Simon e fê-lo sem palavras, até o dia do sábado seguinte. Cristo apareceu em uma visão da noite incentivando Pedro, que quando a manhã chegou narrado à congregação seu triunfo sobre Simon, "o anjo de Satanás", na Judéia. Pouco depois, na casa do Marcelo, que havia sido "limpa de qualquer vestígio de Simon," Peter desdobrou a verdadeira compreensão do Evangelho. A adequação de Cristo para atender todo o tipo de necessidade é mostrado em uma passagem que revela traços característicos docetic: "Ele terá conforto que você pode amá-lo, este Grande e Pequena One, este belo e feio, essa Juventude e Old Man, aparecendo em tempo ainda completamente invisível na eternidade, que a mão humana não entendeu, que ainda está agarrado por Seus servos, que a carne não tinha visto e agora vê", etc Em seguida, em uma chama de luz celestial maravilhoso viúvas cego recebeu sua à vista e declarou as diferentes formas em que Cristo tinha aparecido para eles. A visão de Marcelo é descrito em que o Senhor aparecer, à semelhança de Pedro feriu com uma espada "todo o poder de Simão", que tinha chegado na forma de uma mulher feia etíope, muito preto e vestido com trapos imundos. Depois segue-se o conflito com o Simon no fórum, na presença dos senadores e prefeitos. As palavras foram os primeiros trocados entre os combatentes, depois das palavras, ele veio para obras, em que o poder de Pedro foi notavelmente maior que exibiu como Simon na ressurreição dos mortos. Simon já estava desacreditada, em Roma, e em uma última tentativa de recuperar a sua influência, ele declarou que iria subir até Deus diante da multidão reunida, ele voou sobre a cidade, mas em resposta à oração de Pedro a Cristo, ele caiu e quebrou a perna em três lugares. Ele foi removido de Roma e depois de ter o membro amputado morreu. (C) O Vercellenses Actus fechar com uma conta do martírio de Pedro (33 a 41) Peter tinha retornado a inimizade de vários cidadãos influentes persuadindo suas esposas se separar deles. Depois segue-se o conhecido "Quo vadis? História". Peter sendo advertido do perigo que ele estava na fugiram de Roma, mas o encontro com Cristo e apoiando-se que Ele estava indo para a cidade para ser crucificado de novo, Peter retornou e foi

condenado à morte. No local da execução Pedro expôs o mistério da cruz. Ele pediu para ser crucificado de cabeça para baixo, e quando isso foi feito, ele explicou em palavras trair influência gnóstica por que ele tinha tão desejadas. Depois de uma oração de uma natureza mística Peter entregou o espírito. Nero ficou enfurecido que Pedro deveria ter sido condenado à morte sem o seu conhecimento, porque ele tinha a intenção de punições pilha em cima dele. Devido a uma visão que foi dissuadido de uma rigorosa perseguição dos cristãos. (A conta do martírio de Pedro também é encontrada no original grego).

É evidente a partir do dado conta de que estes actos são inteiramente de caráter lendário. Eles não têm a menor valor como registros da atividade de Pedro.

2. Valor histórico

Eles são, na realidade, a criação do antigo espírito que se regozija no maravilhoso e que concebia que a autoridade do cristianismo repousava sobre a habilidade dos seus representantes para superar todos os outros em sua posse, de poder sobrenatural. A tradição que Simão, o Mago exerceu uma grande influência em Roma e que uma estátua foi erguida para ele (10) pode ter tido algum fundamento na realidade. Justino Mártir (Apol, I, 26, 56) afirma que Simon em conta as maravilhas que operou em Roma era considerado um deus e tinha uma estátua criada em sua honra. Mas sérias dúvidas são jogados em toda a história pela inscrição SEMONI SANCO DEO FIDIO SACRUM que foi encontrado em um pedestal de pedra em Roma, em 1574. Isso se refere a uma divindade Sabine Semo Sancus ea incompreensão de que pode ter levado a declaração de Justin e possivelmente foi a origem da lenda de toda a atividade de Simão em Roma. A tradição que Pedro morreu como um mártir em Roma é cedo, mas não se pode confiar na conta de que o dado em Atos de Pedro.

3. Autoria e Data

Nada pode ser dito com toda a certeza quanto à autoria dos Atos de Pedro. James (Apocrypha Anecdota, II) acredita que eles sejam da mesma mão os Atos de João, e nisso ele é apoiado por Zahn (Kanons Gesch. des Novo Testamento, II, 861). Mas tudo o que pode definitivamente ser dito é que estes dois atos tiveram sua origem na mesma atmosfera religiosa. Ambos estão em casa sobre o solo da Ásia Menor. Opinião não é unânime sobre a questão de onde os Atos de Pedro foram escritas, mas uma série de pequenos detalhes, bem como o caráter geral do ponto de livro para uma origem na Ásia Menor e não em Roma. Não há conhecimento das condições de romanos, enquanto por outro lado, há reminiscências históricas provável de pessoas que viviam na Ásia Menor. A data é sobre o final do século 2.

4. Caracteres Gerais

Os Atos de Pedro foram usados por seitas heréticas e foram submetidos a censura eclesiástica. No entanto, isso não implica necessariamente uma origem herética. Existem vestígios neles um espírito que nos últimos tempos, foi considerado herético, mas que provavelmente se originou dentro da igreja em um ambiente fortemente tingidas pelas idéias gnósticas. Encontramos o princípio do gnosticismo no estresse que é colocado sobre a compreensão do Senhor (22). A visão gnóstica de que as Escrituras devem ser completadas por uma tradição secreta comprometidos com os apóstolos se reflete em várias passagens (20 na particular). No momento da sua comunhão com Cristo terrena os apóstolos não eram capazes de entender a revelação plena de Deus. Cada um viu apenas na medida em que ele foi capaz de ver. Pedro confessa para comunicar o que tinha recebido do Senhor "em um mistério." Há ligeiros traços da heresia docetista. As palavras místicas de Peter como ele pendurado na cruz são sugestivos da influência gnóstica (33 m). Nestes Atos encontramos a mesma atitude negativa para a criação ea espadilha pronunciado mesmo ascética como nos outros. "As virgens do Senhor" são realizadas em homenagem especial (22). A água é usada em vez do vinho na Eucaristia. Muito característico dos Atos de Pedro é a ênfase dada à infinita misericórdia de Deus em Cristo para a apostasia (especialmente 7). Esta nota repetem com frequência é uma revelação de boas-vindas a presença do verdadeiro evangelho de mensagens em comunidades cuja fé era aliada à mais grosseira superstição.

Literatura

Livros mencionados sob o título "Literatura" (p. 188). Além disso, Ficker, Die Petrusakten, zu Beitrage Verständnis ihrem (1903); Harnack, "Patristische Miscellen" (TU, V, 3, 1900).

III. Atos de João

1. Conteúdo

De acordo com o Stichometry de Nicephorus Atos de João em seu estado completo formado um livro sobre o mesmo comprimento que o Evangelho de Mateus. Uma série de seções que mostram links de conexão com o outro são existentes - cerca de dois terços do total. O início dos Atos está querendo, a narrativa tem início às 18 existentes. Qual o conteúdo dos capítulos anteriores foram não podemos supor. Na reconstrução Bonnet é o negócio quatorze primeiros capítulos, com jornada de João de Éfeso a Roma, e seu exílio em Patmos, enquanto 15 a 17 descrevem retorno de João de Patmos para Efeso. As seções dada por Bonnet pode conter material que pertencia ao Atos original, mas é improvável que eles estavam no início da obra, como parece claro que a narrativa tem início em 18 descreve a primeira visita de João a Éfeso. A primeira parte sobrevivente dos Atos (18 e 25) narra que Licomedes "o comandante-em-chefe dos efésios" conheceu John enquanto ele se aproximava da cidade e rogou-lhe, em nome de sua bela esposa Cleópatra, que tinha ficado paralisada. Quando chegaram à casa a tristeza de Licomedes foi tão grande que ele caiu inanimado. Após a oração a Cristo, John fez Cleópatra todo e depois levaram a Licomedes à vida novamente. Prevalcido sobre suas súplicas por John assumiu sua morada com eles. Em 26 a 29 temos o incidente do retrato de João, que desempenhou um papel tão proeminente na discussão no Concílio de Nicéia. Licomedes encomendou um amigo a pintar um retrato de John e quando foi concluída ele colocou em quarto com um altar diante dele e castiçais ao lado dele. John descobrir porque Licomedes reparado com tanta frequência ao seu quarto, ele tributados no culto ao deus pagão e soube que a foto foi um de si mesmo. Este acreditava que somente quando o espelho foi trazido para que pudesse ver a si mesmo. John cobrado Licomedes para pintar um retrato de sua alma e utilizar as cores como a fé em Deus, humildade, castidade, amor, etc Quanto à imagem do seu corpo era a imagem de um homem morto morto. Capítulos 30 a 36 narram a cura de enfermos velhas, e no teatro, onde o milagre foi forjado John fez um discurso sobre a vaidade das coisas terrenas e sobre a natureza destruindo a paixão carnal. Em 37 a 45, lemos que, em resposta à oração de João, o templo de Artemis caiu no chão, com o resultado que muitas pessoas foram ganhas para a adoração de Cristo. O sacerdote de Ártemis, que tinha sido morto com a queda do templo foi erguido para a vida novamente e se tornou um cristão (46 m). Após a narração das maravilhas mais (um deles, a condução de bugs de uma casa) segue o maior incidente de Atos, a história de indizivelmente repulsiva Drusiana (62 a 86), que foi usada como tema de um poema pela freira Hroswitha de Gandersheim (século 10). A seção seguinte apresenta um discurso de John sobre a vida, morte e ascensão de Jesus (87 a 105) que é caracterizado por diferentes traços docetic, uma longa passagem lidar com a aparência de Cristo em várias formas e com a natureza peculiar do seu corpo. Nesta seção, ocorre o hino estranho usado pelo Priscillianists, que pretende ser o que Jesus cantou depois da ceia no cenáculo (Mat. 26: 30), os discípulos dançando em volta dele em um anel e de responder com "Amém". Aqui também encontrar a doutrina mística da Cruz revelou a João por Cristo. Os capítulos 106 a 15 narrar a final de John. Depois de abordar os irmãos e distribuição do sacramento da Ceia do Senhor com pão, John encomendou um túmulo a ser escavado, e quando isso foi feito, ele orou, dando graças que ele tinha sido entregue a partir de "a loucura sujo da carne" e pedindo uma passagem segura através da

escuridão e os perigos da morte. Diante disso, deitou-se tranquilamente na sepultura e entregou o espírito.

2. Valor histórico

Os Atos de João, é preciso dizer, não têm o menor valor histórico. Eles são um tecido de incidentes lendários que por seu caráter miraculoso serviu para insinuar na mente popular das concepções dogmáticas eo ideal de vida que o autor se divertir. Os Atos, porém, são em harmonia com a tradição bem fundada de que Éfeso foi o cenário de atividade mais tarde, John. Muito notável é a conta da destruição do templo de Artemis por John - uma prova clara de que as leis não foram escritas em Éfeso. O templo de Artemis em Éfeso foi destruída pelos godos em 262 d.C.

3. Caracteres Gerais

Os Atos de João são as mais claramente herética de todos os atos. Os traços docetic já foram referidos. A irrealidade da existência do corpo de Cristo é mostrado pelas formas de mudança em que ele apareceu (88 a 90), por sua capacidade de fazer sem alimentos (93) e sem dormir ("Eu nunca, em nenhum momento vi seu fecho os olhos, mas só aberta, "89), por sua não deixando nenhuma pegada quando andou (93), pelo caráter variável de seu corpo quando tocado, agora duro, agora mole, agora completamente irrelevante (89, 93) A crucificação de Jesus, também foi totalmente phantasmal (97, 99). A ascensão seguiu imediatamente à aparente crucificação, não havia lugar para a ressurreição de alguém que nunca tinha realmente morrido. características gnósticos são mais perceptíveis no descrédito da lei judaica (94), na visão que insiste em uma tradição secreta confiada por Cristo aos apóstolos (96) e no desprezo por aqueles que não foram esclarecidos ("Cuidado para não muitos, e os que estão fora do desprezo mistério ", 100). Os incidentes históricos dos sofrimentos de Cristo são sublimadas em algo totalmente mística (101), são simplesmente um símbolo do sofrimento humano, eo objeto da vinda de Cristo é representado como sendo a permitir os homens a entender o verdadeiro significado do sofrimento e, portanto, a ser entregue da mesma (96). O sofrimento real de Cristo são aqueles causados por seu pesar pelos pecados de seus seguidores (106 m). Ele também é um participante dos sofrimentos de seu povo fiel, e na verdade está com eles para ser o seu apoio em todas as provas (103). Os Atos de João também revelam uma tendência Encratite forte, embora isso não seja tão acentuada como nos Atos de André e de Thomas. Nowhere porém não temos um vislumbre mais terrível para as profundezas do sexualismo corrupto que nesses actos. A escrita ea circulação da história da Drusiana lançar uma luz sinistra sobre os elementos brutos sensual que sobreviveu no início Helénica cristianismo. Além deste, há passagens que revelam um sentimento religioso quente e verdadeiro e algumas orações são marcados por brilho e unção (112ff). Os Atos mostram que o autor era um homem de considerável habilidade literária e, neste aspecto, forma um contraste marcante com os Atos de Paulo.

4. Autoria e Data

O autor dos Atos de João, representa-se como um companheiro do apóstolo. Ele tem participado nos eventos que descreve, e em consequência a narrativa possui uma certa qualidade viva que lhe dá a aparência de história real. O autor de acordo com o testemunho que remonta ao século 4 foi Leucius, mas nada pode com certeza ser dito dele (veja acima A, VI). É possível que em alguma parte dos actos que se perde o autor mencionado o seu nome a data de início dos Atos é provado por uma referência em Clemente de Alexandria (circa 200) para a natureza imaterial do corpo de Cristo, a passagem claramente indicando que Clemente estava familiarizado com as leis ou tinha ouvido falar mais deles (Hypotyposeis em 1Jo_1: 1). A data provável é entre 150 e 180 e na Ásia Menor é o lugar de origem.

5. Influência

Os Atos de João exerceram uma grande influência. Eles estão em toda a probabilidade, o mais antigo dos Atos apócrifos e os escritos mais tarde, devo muito a eles. Os Atos de Pedro e de André mostrar tão perto afinidades com os Atos de João, que alguns deles tenham considerado como sendo da mesma mão, mas se isso não pode ser assim, há muito a ser dito para a dependência literária da antiga no último. Nós provavelmente está certo ao afirmar que o autor dos Atos de João foi o pioneiro nesta área do romance apostólica e que os outros ansiosamente seguido no caminho que ele abriu. Que os atos de John foram lidas em círculos ortodoxos é evidente a partir da referência em Clemente de Alexandria. Em dias mais tarde, no entanto eles eram vistos com desconfiança. Agostinho cita parte do hino (95), que leu em um trabalho Priscillianist enviou por um bispo e faz Ceretius animadversions graves sobre ela e sobre as pretensões a respeito dele que havia sido revelado em segredo aos apóstolos. O segundo Sínodo de Nicéia (787 dC) julgou os Atos de João, em palavras de grande severidade (ver acima A, V, 1). As histórias encontradas nos Atos tinha, no entanto, antes deste tempo passado na tradição ortodoxa e tinha sido utilizada por Prócoro (século 5), um suposto discípulo de João, na composição de seu romance de viagem, lidar com o apóstolo, bem como por Abdias (século 6), cuja obra contém material dos Atos velhos que não esteja preservada.

Literatura

Veja sob o título "Literatura" (p. 188), também Zahn, Acta Joannis (1880).

IV. Atos de André

A primeira menção desses atos a que se refere à frequência por escritores eclesiásticos está em Eusébio (História Eclesiástica, III, 25, 6). Eles estão lá, junto com outras leis, rejeitada como absurda e ímpia. Epifânio se refere a eles em várias passagens (Haeres., 47, 61, 68) como sendo de uso entre várias seitas heréticas, que praticavam uma estrita moralidade ascética. Primeiros escritores atribuí-los a Leucius, o autor dos Atos dos João.

1. Conteúdo

Dos Atos de Andrew apenas pequenas porções permanecem. Um fragmento é preservado por Euodius de Uzala (falecido em 424), um contemporâneo de Agostinho, e um pedaço mais longo, encontrado em um manuscrito do século 10 ou 11, contendo a vida dos santos para novembro, foi identificado por Bonnet como pertencentes aos Actos de Andrew. O relato da morte de Andrew é preservada em muitas formas, o que tem mais aparência de manter a forma dos Atos original, sendo encontrado em uma carta dos presbíteros e diáconos das igrejas da Acaia. (1) O fragmento de Euodius dá duas passagens curtas descrevendo as relações de Maximilla Egetes com o marido, que alega que ela resistiu. (2) A maior parte das ofertas de Atos com a prisão de André, porque ele tinha induzido Maximilla se separar de seu marido "Aegeates", e viver uma vida de castidade. ("Aegeates", que ocorre quando o nome do marido Maximilla é, denota, na realidade, "um nativo de Aegae", Aegae ser uma cidade nos arredores de Patras, onde André foi descrito como a realização de seu trabalho.) A seção é aberta no meio de um endereço de e falado com os irmãos Andrew na prisão, em que foram intimados para a glória de sua comunhão com Cristo e em sua libertação do baser coisas da terra. Maximilla com seus companheiros freqüentemente visitou o apóstolo na prisão. Aegeates expostulated com ela e declarou que se ela não restabelecer as relações com ele, ele estaria sujeito a tortura, Andrew. André aconselhou-a a resistir à insistência do Aegeates, e proferiu um discurso sobre a verdadeira natureza do homem e declarou que a tortura não tinha terrores para ele. Se Maximilla deve render, o apóstolo iria sofrer por causa dela. Através de sua comunhão com seus sofrimentos, ela saberia sua verdadeira natureza e, assim, escapar da aflicção. Andrew próxima Stratocles confortado, irmão de Aegeates, que declarou a sua necessidade de Andrew, o semente-lhe a "semente da palavra de salvação." Andrew seguida anunciou a sua crucificação no dia seguinte. Maximilla visitou novamente o apóstolo na prisão ", o Senhor vai à sua frente sob

a forma de Andrew." Para uma empresa dos irmãos, o apóstolo fez um discurso, no qual ele discorreu sobre os enganos do diabo, que primeiro tinha lidado com os homens como um amigo, mas agora foi manifesto como um inimigo. (3) Quando levado ao local da crucificação Andrew abordou a cruz que ele saudou com alegria. Depois de ser obrigado a cruz pendurou sorrindo para o aborto da vingança de Aegeates, para (como ele explica) "um homem que pertence a Jesus, porque ele é conhecido dele está armado contra qualquer vingança." Por três dias e noites Andrew se dirigiu ao povo da cruz, e eles, movidos por sua nobreza e eloquência, foi Aegeates, exigindo que ele deve ser entregue à morte. Aegeates, temendo a ira do povo, foi para Andrew ter descido da cruz, mas o apóstolo recusou-se a libertação e rezou a Cristo para impedir sua libertação. Depois disso, ele entregou o espírito. Ele foi enterrado por Maximilla e Aegeates logo depois deitou-se de uma grande altura e morreu

2. Caracteres Gerais

O ideal Enkratite na sua forma mais acentuada está exposta nos Atos de André. (Em vista disso, e de associação André no resto tradição eclesiástica com um ascetismo rigoroso, há uma curiosa ironia no fato de que em algumas partes da Alemanha, André é o santo padroeiro das donzelas que procuram maridos. No Harz e Thüringen St. Andrew's Night (30 de novembro) é considerado por donzelas do tempo mais favorável para a visão de seus futuros maridos.) O espírito gnóstico é revelado no sentimento de valor preeminente do homem espiritual (6). A verdadeira natureza do homem é puro, a fraqueza eo pecado é obra do "inimigo do mal que se opõe à paz." Para seduzir os homens que não se abertamente como um inimigo, mas a amizade fingida. Quando a luz do mundo apareceu o adversário do homem foi visto em suas verdadeiras cores. Libertação do pecado vem através da iluminação. A visão mística do sofrimento (9) nos lembra do ponto de vista semelhante nos Actos de John. Os endereços do apóstolo são caracterizados por fervor religioso e calor (palavras fluem de seus lábios "como um rio de fogo" 12), e por um profundo sentimento de compaixão divina para os homens pecadores e tentado.

3. Valor histórico

O único detalhe nos Atos de André, que tem a pretensão de ser considerado histórico é a sua actividade em Patrae no golfo de Corinto. (Patrae na verdade não é mencionado nos Atos fragmentário, mas que a cena da prisão e martírio de Andrew é colocado nessa cidade pode ser inferida a partir do nome "Aegeates" - veja acima uma tradição eclesiástica (2).) Fala com grande incerteza da esfera do trabalho missionário de André, Cítia, Bitínia e na Grécia serem todos mencionados. Pode ser considerado como provável que André chegou à Grécia e sofreu o martírio em Patras, embora se deva contar com a possibilidade de que a conta do seu trabalho e crucificação não foi inventado para a finalidade de representar a igreja em Patrae como uma fundação apostólica. A crucificação do Apóstolo na cruz o chamado Andrew é uma tradição posterior.

V. Atos de Tomé

Estes atos existem em um estado completo e sua grande popularidade nos círculos da Igreja é mostrada pelo grande número de manuscritos que contém. É provável que eles foram escritos originalmente em aramaico e que foram posteriormente livremente traduzido para o grego e trabalhou ao longo do ponto de vista católico.

1. Conteúdo

No Stichometry de Nicephorus os Atos de Tomé são mencionados como contendo 1600 stichoi (linhas de cerca de dezesseis sílabas), um quinto menor do que o Evangelho de Marcos. Se este anúncio está correto, a forma em que temos as leis é muito mais alargado. Nas versões grega Atos são divididos em treze "obras", seguido pelo martírio de Thomas. Alguma idéia do conteúdo pode ser dada da seguinte forma: (1) Em uma reunião dos apóstolos em Jerusalém, Thomas Índia tinha colocado para ele como sua esfera de serviço. Ele não estava disposto a ir, mas finalmente consentiu, quando o Senhor lhe vendeu a um mensageiro do Rei Gundaforus na Índia. Na viagem para a Índia, Thomas veio para a cidade de Andrapolis onde o casamento da filha do rei estava sendo celebrada. Nestes, o apóstolo participou e cantou um hino em louvor do casamento celestial. O rei perguntou a Thomas para orar por sua filha e depois de ter feito o Senhor apareceu em forma de Thomas e venceu o par recém-casado com uma vida de abstinência sexual. O rei irritado com isso procurou Thomas, mas o apóstolo tinha partido. (2) chegou à Índia Thomas se comprometeu a construir um palácio para Gundaforus rei. Ele recebeu dinheiro para esse fim, mas jogou fora em esmolas. O rei descobrindo esse elenco Thomas na prisão, mas depois liberado quando ele aprendeu com seu irmão, que voltou dos mortos que Thomas tinha construído um palácio celestial para ele. Gundaforus e seu irmão se tornaram cristãos. (3) Viajando Thomas mais a leste encontrou um jovem que havia sido morto por um dragão por causa de uma mulher a quem tanto desejada. O dragão sob o comando de Thomas sugado o veneno do corpo da jovem e ela própria morreu. O jovem, de volta à vida, abraçou o ideal da abstinência sexual e foi orientada para definir seus sentimentos em Cristo. (4) A história fala de um potro. (5), Thomas fez uma mulher de poder de um demônio imundo. Um dado conta da celebração da Eucaristia (com pão), que inclui uma oração gnóstica. (6) A co-participação da juventude da Eucaristia, foi condenada pelo pecado e confessou que havia matado uma moça que se recusava a viver com ele em relação casta. A menina foi criada para a vida e fez um relato de sua experiência no inferno. (7), Thomas foi implorou por um comandante nomeado Sifor para entregar a esposa ea filha de um demônio da impureza. (8), enquanto eles estavam em seu caminho para a casa do comandante a besta que desenhou o carro tornou-se exausto e quatro asnos selvagens permitiu-se a ser discretamente unido. Um dos asnos selvagens foi instruído por Thomas para exorcizar os demônios que habitavam nas mulheres. (9) A mulher, Mygdonia, casado com Charis, um parente próximo do rei Misdaí, ouviu um discurso do apóstolo e foi levado a rejeitar a sociedade de seu marido. Charis queixou-se ao rei sobre o mágico que tinha colocado um feitiço em cima de sua esposa e Thomas foi lançado na prisão. A pedido de seus companheiros de prisão Thomas orou por eles e recitou um hino (conhecido como "o hino da alma"), que é inteiramente em caráter gnósticas. (10) Mygdonia recebeu o selo de Jesus Cristo, sendo o primeiro ungido com óleo, em seguida, ser batizado, em seguida, receber a Eucaristia pão e água. Thomas foi libertado da prisão, e Sifor, sua esposa e sua filha, todos receberam o selo. (11) Tertia a rainha foi enviada por Misdaí raciocinar com Mygdonia e como resultado ela própria foi conquistada para a nova vida. Thomas foi então levado para o local do julgamento. (12) Vazan, filho do rei, conversei com o apóstolo, e foi convertido. O rei deu ordens para que Thomas deveria ser torturado com chapas de ferro quente, mas quando estes foram levados a água jorrou da terra e os submersos. Em seguida, siga um endereço de e oração de Thomas de prisão. (13) O apóstolo foi visitado na prisão por mulheres e por Vazan Vazan e, posteriormente, junto com outros, foi batizado e recebeu a Eucaristia, Thomas provenientes de prisão para casa Vazan para esta finalidade. (14) Thomas foi condenado à morte por ordem do rei, sendo perfurado com lanças, mas depois ele se mostrou a seus seguidores. Mais tarde, um filho de Misdaí foi curado de um espírito imundo de poeira levado do túmulo do apóstolo e Misdaí tornou-se um cristão.

2. Caráter e Tendência

Os Atos de Tomé, na realidade, um tratado sob a forma de uma viagem de romance, cujo principal projeto foi estabelecido abstinência sexual como a condição indispensável da salvação. Nos endereços de Thomas, no entanto, positivo virtudes cristãs são enfatizados e, em

particular o dever ea recompensa de compaixão são admiravelmente exibiu na história da construção do palácio celestial. Os Atos claramente tiveram a sua origem em círculos gnósticos e foram detidos em alta estima pelas seitas Encratite diferentes. Os Atos original sofreu uma revisão, no interesse da ortodoxia. Os hinos, orações e dedicação que demonstraram características marcadas gnósticos foram retidos provavelmente porque o seu significado não foi compreendido. Como Lipsius diz, falando de "o hino da alma": "A preservação dessa relíquia preciosa da poesia gnóstica devemos à ignorância feliz do revisor Católica, que não tinha idéia do que se escondia debaixo da serpente heréticas as flores deste poema . "O hino, escrito provavelmente por Bardesanes, o fundador de uma seita gnóstica, narra em forma de uma alegoria da descida da alma no mundo dos sentidos, o seu esquecimento de sua origem celestial, a sua libertação pela revelação divina que despertou para uma consciência da sua verdadeira dignidade, e seu retorno ao lar celestial de onde ele veio. Na opinião de alguns, no entanto, o hino é erroneamente chamado de "o hino da alma." Como Preuschen diz: "É melhor descreve a descida do Salvador à Terra, sua libertação da alma que definha lá no cativeiro do mal, e seu retorno ao reino da luz celestial. Pode-se caracterizar o conjunto como um enfeite gnósticas e extensão da phi 2 :5-11 "(Hennecke, Handbuch, etc, 587). Em qualquer direção que o hino deve ser interpretado, é um poema de grande beleza e rica em imagens oriental. A atribuição de louvor a Cristo nos endereços do apóstolo são muitas vezes formuladas em linguagem nobre e sempre permeada por um grande calor do sentimento. Ao longo dos Atos temos elementos miraculosos e sobrenaturais em abundância. Cristo aparece freqüentemente na semelhança de Thomas, que é representado como seu irmão gêmeo. O nome completo do apóstolo Judas é Thomas - Judas, o Twin. Em 55ff existe uma conta gráfica das torturas dos condenados, que lembram o Apocalipse de Pedro.

3. Valor histórico

Escusado será dizer que os Atos de Tomé, que é um romance com um propósito, não têm qualquer sentido, uma fonte histórica para obter informações sobre o apóstolo. O autor, entretanto, tem feito uso de nomes de pessoas históricas. King Gundaforus (Viñdafra) é conhecido de outras fontes como um governante indo-partia no anúncio do século 1. É muito duvidoso que a tradição preservada nos Atos como a actividade de Thomas na Índia é confiável. A mais antiga tradição com a qual estamos familiarizados lugares na esfera do seu trabalho missionário na Pártia. Síria afirma a tradição que ele morreu em Edessa, onde, no século quarto havia uma igreja dedicada a ele. Thomas também é indiretamente associadas Edessa na legenda Abgar, em que vemos que Tadeu que fundou a igreja de Edessa foi enviada por Thomas. No formulário existente dos Atos de Thomas temos uma combinação das tradições sobre a Índia e Edessa, temos (170), que algum tempo após a morte do apóstolo, seus ossos foram transportados "para as regiões do Ocidente." A tradição não sabe de nada de Thomas como um mártir, de acordo com um comunicado da Heracleon Valentiniano (circa 170) citado por Clemente de Alexandria (Strom, IV, 9), o apóstolo morreu tranquilamente em sua cama. O nome do apóstolo é dada em Atos como Judas Tomás, e isso nós também encontramos na doutrina de Addai e em outros lugares. A declaração em Atos que o apóstolo era um irmão gêmeo de Jesus foi, sem dúvida sugerida pelo significado do nome Thomas (= "gêmeo") e pelo desejo de reforçar a dignidade do apóstolo. Em 110 (no Hino da Alma), há uma referência ao reino ainda existentes Parthian, e como que o reino chegou ao fim em 227 dC, o poema deve ter sido escrito antes dessa data. O hino, no entanto, não parece ter pertencido ao Atos original, que provavelmente já existiam antes do final do século 2.

Literatura

Além dos livros mencionados no "Literatura" (p. 188) Thilo, Apostoli Acta Sancti Thomae (1823); Hoffman, ZNTW (1903, 273-309); Preuschen, Zweignostische Hymnen (1904); Hilgenfeld, ZWT (1904, 229-41). Os Atos de Tomé Síria foram edição e traduzido por W. Wright, apócrifo Atos dos Apóstolos (1871), também Bevan, em Textos e Estudos, V, 3 (1897). A versão mais recente Etiope é encontrado em Malan, os conflitos dos Apóstolos (1871), e, Budge, o Contendings dos Apóstolos (2 volumes contendo Ethiopic texto e tradução, 1899-1901).

Epístolas apócrifas

um-pok´ri-fal e?? - pis´ls:

A epístolas poucos têm sido atribuídos à Virgem Maria, mas estes são muito atrasados e sem valor. As epístolas após queda de notar como apócrifos:

1. Carta atribuída ao Senhor

A carta atribuída a nosso Senhor é dada em Eusébio (Historia Ecclesiastica, I, 13), que registra que em seu dia uma cópia da carta era para ser encontrada nos arquivos de Edessa. Abgarus, rei de Osroene, que era um pequeno país na Mesopotâmia, escreve a partir de Edessa, a capital, ao Senhor, pedindo a cura e oferecendo-lhe proteção. Nosso Senhor envia de volta uma cartinha dizendo que Ele não pode deixar a Palestina, mas que, após Sua ascensão, um mensageiro virá curar Abgarus. As letras são obviamente falsas. Osroene realmente foi cristianizado sobre o início do século 3, ea legenda tomou forma e receberam sanção oficial, a fim de demonstrar que o país havia recebido o Evangelho numa data muito anterior. Abgar Veja.

2. Carta atribuída a Pedro

Homilias Clementine é uma obra de ficção atribuída a Clemente de Roma, que foi escrita sobre o fim do 2o século ou no início do 3. No início dela, há um conjunto carta de Pedro Tiago. Nela, Peter James conselhos para não mostrar o livro que contém a pregação de Pedro, excepto a um círculo limitado, e faz um ataque violento contra o apóstolo Paulo. É, pois, evidentemente Ebionitic na tendência, e é, como as homilias do qual ela é prefixada, espúria.

3. Cartas atribuídas a Paulo

(1) A Epístola de Laodicéia

A menção de tais epístola em Col_4: 16 evidentemente alguém tentado forjar uma carta. Ele é escrito em latim, e é composto por 20 vs, é um cento de frases simples Pauline amarrados juntos. É mencionado no fragmento de Muratori (170 dC), e no final do século 4. tinha uma grande circulação. É agora quase universalmente rejeitado como falso. Veja Colossenses, Efésios, EPÍSTOLA AO Laodicéia.

(2) Lost Epístola aos Coríntios

Em 1Co_5: 9 a carta aos Coríntios, é mencionado que parece ter sido perdida. Em um século 5 versão armênia das Escrituras não é inserido 2 Coríntios uma carta curta distância do Corinthians para Paul, e um de Paulo aos Coríntios. Estes também são encontrados em siríaco, e foram, evidentemente, aceito em muitos lugares como verdadeira, no final do século 4. Eles formaram uma parte do apócrifo Atos de Paulo, e data de cerca de 200 visitantes. CORÍNTIO Veja.

(3) Uma Epístola aos alexandrinos

Isso só é mencionado no fragmento de Muratori, e não veio até nós.

(4) Cartas de Paulo a Sêneca

Esta é uma correspondência em latim, seis das letras sendo atribuído a Paul e oito de Seneca. Relativamente a esta correspondência Lightfoot diz: "Esta correspondência foi provavelmente forjada no século 4, quer para recomendar aos leitores Seneca cristã, ou recomendar o cristianismo aos estudantes de Seneca." Ele tinha uma grande circulação na Idade Média.

Literatura

Veja o artigo "Apocrypha" na Enciclopédia Bíblica e RE. Para o texto da carta de Pedro de James, ver Roberts e Ante-Nicene Christian

Library Donaldson, XVII. Para consultar as cartas paulinas Zahn, Kanons Geschichte des do Novo Testamento, II. Por carta de Laodicéia Paulo, ver Lightfoot Comentário sobre Colossenses (onde o texto da carta é gravado), e para as cartas de Sêneca, Comentário sobre Filipenses Lightfoot, Tese II, com o apêndice.

Evangelhos apócrifos

gos'pels a-pok'ri-fal:

I. Introdução

1. Early Evangelhos
2. Evangelhos canônicos, o
3. Evangelhos apócrifos
4. Evangelho segundo os Hebreus

II. Heréticos evangelhos

1. Evangelho dos Ebionitas
2. Evangelho dos Egípcios
3. Evangelho de Marcion
4. Evangelho de Pedro
5. Evangelho dos Doze Apóstolos
6. Evangelho de Barnabé e Bartolomeu

III. Complementar ou Evangelhos Legendary

1. Evangelho da Natividade

Protevangelium (a) de Tiago

(B) Pseudo-Mateus

(C) A Natividade de Maria

(D) Evangelho de José o carpinteiro

(E) A passagem de Maria

2. Evangelhos da infância ou adolescência

Evangelho (a) de Thomas

(B) Evangelho Árabe da Infância

3. Evangelhos da Paixão e da Ressurreição

(A) Evangelho de Pedro (como acima)

(B) Evangelho de Nicodemos

(1) Atos de Pilatos

(2) Descida de Jesus ao Mundo Inferior

(C) outros produtos fabricados com

Literatura

Os evangelhos apócrifos formam um ramo da literatura apócrifa que participaram da formação do cânon do Novo Testamento da Bíblia. Apócrifos, aqui, significa não-canônico. Além evangelhos, essa literatura incluída atos, epístolas e apocalipses.

I. Introdução

1. Early Evangelhos

A introdução à terceira mostra canônico Evangelho que nos dias do escritor, quando os apóstolos do Senhor ainda estavam vivos, era uma prática comum de escrever e publicar as contas dos atos e palavras de Jesus. Foi mesmo mantida (S. Baring-Gould, Lost e Evangelhos hostil, XXIII, Londres, 1874) que, no final do século primeiro, quase todas as igrejas tinham os seus próprios com o evangelho que é o único que conhecia. Estes foram, provavelmente, derivado ou professava ser derivadas, desde os relatos orais de pessoas que tinham visto, ouvido e, pode ser, conversei com o Senhor. Foi a insatisfação com essas composições que moveu Lucas para escrever o seu Evangelho. Se algum destes documentos ante-Lucas estão entre aqueles que ainda conhecida por nós é pouco mais duvidosa. Estudiosos de renome - Grotius, Grabe, Mill - foram eliminados nos primeiros tempos para colocar o Evangelho dos Hebreus, o Evangelho dos ebionitas eo Evangelho dos egípcios entre os aludidos por Lucas, alguns segurando o Evangelho dos Hebreus para ser o mais precoce logo após o meio do século 1. Mais recentes críticas não permite uma aparência tão cedo para os evangelhos, embora uma data bastante precoce ainda é postulada para o Evangelho dos Hebreus. O Protevangelium de James (notado abaixo) ainda é mantida por alguns como possível queda no 1 ° século (EB, I, 259).

2. Evangelhos canônicos, o

No entanto, este pode ser, não pode haver dúvida de que até o final do século 1 e começo do século 2, a opinião foi praticamente unânime no reconhecimento da autoridade dos quatro evangelhos canônicos das Escrituras. Irineu, Bispo de Lião (180 dC), reconhece quatro, e apenas quatro Evangelhos, como "pilares" da Igreja. As Harmonias de Teófilo, bispo de Antioquia (168-80 dC) e de Taciano, e da Apologia de Justino Mártir levar de volta a tradição de um período muito mais cedo do século, e, como prova Liddon em comprimento (Bampton Palestras, 2 ª ed., 210-19), "é pouco demais para afirmar que a cada década do século 2, fornece a sua quota de prova de que os quatro Evangelhos como um todo, e João, em particular, foram à igreja daquela época que eles são a igreja do presente "A recente tentativa do professor de Yale Bacon para se livrar da autoridade importante de Irineu (O Quarto Evangelho em Pesquisa e Debate, New York, 1910) não terá êxito: ele tem se mostrado ser meramente assertiva em que não há provas e indícios é agnóstica, onde aparentemente demonstrativo. Durante o último século os Evangelhos, no que respeita à sua composição, credibilidade e historicidade, foram submetidos a mais procura e impiedosa crítica que, embora não insinuações de que foram previamente querendo, pode ser dito ter começado quando Strauss, para usar as palavras Liddon, "chocou a consciência de tudo o que era cristã na Europa" através da publicação de sua primeira vida de Jesus. Os métodos seguidos neste trabalho consistiu em grande parte, na petição, os livros sagrados, e especialmente os Evangelhos, dos princípios da crítica de que durante quarenta anos tinha sido previamente utilizado para estimar a estrutura ea composição de alguns produtos literários da Antiguidade; ea controvérsia animado com essa crítica dificilmente pode ser ainda disse ter diminuído. Este não é o lugar para entrar em uma conta da polêmica, que pode ser suficiente aqui para dizer que as posições tradicionais da Igreja têm sido habilmente defendeu, nomeadamente, que as reivindicações dos Evangelhos canônicos têm sido abundantemente mantida.

3. Evangelhos apócrifos

Seja qual foi o destino do ante-Lucas e outros possíveis evangelhos primeiro século, é com o 2 ° século ea formação de um cânone oficial que os evangelhos apócrifos, como temos agora, na maioria das vezes começam a aparecer. Nos dias de reprodução de documentos manuscritos, de comunicação restrita entre diferentes localidades e, quando a igreja era ainda apenas como formar e completar a sua organização, a formação e propagação do evangelho como seria muito mais fácil do que agora. O número de evangelhos como é bastante considerável, atingindo cerca de cinquenta. Estes existem, principalmente em fragmentos e avisos espalhados, embora alguns, como se

verá mais adiante, são ou toda ou quase isso. O número resulta provavelmente foi potencializada com a utilização de nomes diferentes para o mesmo documento. Trinta são nomeados por Hofmann com uma explicação mais ou menos em RE, I, 511; um chapéu completa é dada em Fabricius (Cod. Apócrifos do Novo Testamento, I, 355ff). Ebionistic e círculos gnósticos foram especialmente prolíficos de evangelhos tal. "Seria mais fácil", afirma Salmon (. Intro, 1^a ed, p. 239) "a fazer uma longa lista de nomes dos evangelhos diz ter sido utilizado em diferentes seitas gnósticas, mas muito pouco se sabe quanto ao seu conteúdo e que pouco não é susceptível de nos levar a atribuir-lhes o valor mínimo muito histórico. "De muitos de fato não se sabe mais do que os nomes dos autores, tais como os evangelhos de Basilides, de Cerinto, de Apeles, de Matias, de Barnabé, de Bartolomeu, de Eva, de Filémon e muitos outros. Os estudiosos e autoridades da igreja primitiva estava bem consciente da existência e os objectivos destas produções. Vale ressaltar também que não hesitou em caracterizá-los como mereciam. O Marcosians, de acordo com Irineu, apresentou "um número indescritível de escritos apócrifos e espúria, que eles próprios haviam forjado, para confundir a mente dos tolos", e Eusébio (História Eclesiástica, III, 25) dá a seguinte lista de espúrios e livros em questão: "Que temos em nosso poder conhecer estes dois livros (canônico) e aqueles que são apresentados pelos hereges sob o nome de apóstolos tal, ou seja, como compor os evangelhos de Pedro, de Tomé, e de Mateus, e alguns outros para além destas, ou como conter os Atos de André e João, e dos outros apóstolos, dos quais nenhum desses escritores na sucessão eclesiástica condescendeu em fazer qualquer menção em suas obras: e, de fato, o caráter do próprio estilo é muito diferente da dos apóstolos, e os sentimentos, e o significado dessas coisas que são avançadas neles, desviando-se tanto quanto possível da ortodoxia som, evidentemente, provar que são as ficções de homens herética: de onde eles não são apenas para ser classificado entre os escritos falsos, mas estão a ser rejeitado como totalmente absurda e irreverente. "No apêndice Introdução Westcott para o Estudo dos Evangelhos serão encontrados, com exceção dos recém-descoberto no Egito, um lista completa dos ditos não-canônico e atos atribuídos ao nosso Senhor como registrado nos escritos patrísticos e também uma lista das citações dos evangelhos não canônicos, onde estes são apenas conhecidos por citações.

O objetivo dos evangelhos apócrifos podem ser considerados (1) herético ou (2), suplementar ou lendária: isto é, como qualquer um foram enquadrados no apoio de alguma heresia ou como assumir os evangelhos canônicos e tentar fazer adições - grande parte lendária - para eles. Antes de analisar esses pode ser bom para ter em conta separada do Evangelho segundo os hebreus.

4. Evangelho segundo os Hebreus

A data de início inquestionável do evangelho, o caráter da maioria das suas citações não muito numerosos, o respeito com que é mencionado de forma uniforme pelos primeiros escritores, ea estima em que é actualmente realizada por estudiosos em geral, direito do Evangelho segundo para os hebreus a atenção especial. Além da tradição, a que não é necessário atribuir uma importância muito grande, que representou o nosso Senhor, como comandar os seus discípulos a permanecer por 12 anos em Jerusalém, é razoável supor que para os residentes das comunidades cristãs em Jerusalém e Palestina, uma escrita evangelho em sua própria língua (aramaico ocidental) seria logo uma necessidade, e tal evangelho seria naturalmente usado por cristãos judeus da Diáspora. Judeu-cristãos, por exemplo, estabeleceu-se em Alexandria, pode usar este evangelho, enquanto os cristãos nativos, como sugerido por Harnack, pode usar o Evangelho dos egípcios, até, claro, ambos foram substituídos pelos quatro Evangelhos sancionada pela igreja. Não há prova, contudo, que o evangelho foi mais cedo do que os Sinópticos, muito menos que ele estava entre os evangelhos ante-Lucas. Harnack, de fato, por uma filiação de documentos para os quais não parece dificilmente justificam suficiente, coloquei-o mais cedo anúncio entre 65 e 100. Salmão, por outro lado (Intro, Lect X) conclui que "o evangelho Nazareno, tão longe de ser a mãe, ou até mesmo a irmã de um dos nossos quatro canônicos, só pode pretender ser uma neta ou sobrinha-neta". Jerônimo (400 dC), sabia da existência desse evangelho e diz que ele traduziu para o grego e Lat; citações que são encontradas em suas obras e as de Clemente de Alexandria. Sua relação com o Evangelho de Mateus, que por quase consenso universal é declarado ter sido escrito originalmente em hebraico (ou seja, em aramaico), tem dado origem a muita controvérsia. A opinião predominante entre os estudiosos é que ele não era o original de que o Evangelho de Mateus foi uma tradução do grego, mas que era uma composição bastante cedo. Alguns, como o salmão e Harnack, estão dispostos a conta hebraico de Jerônimo Evangelho como para todos os efeitos um quinto evangelho originalmente compostas para os cristãos palestinos, mas que se tornou de valor insignificante comparativamente com o desenvolvimento do cristianismo numa religião mundial. Além de duas referências ao batismo de Jesus e algumas de suas frases, tais como: - "Nunca seja alegre, exceto quando haveis de olhar para seu irmão no amor", "Só agora a minha Mãe, o Espírito Santo, levou-me por um dos meus cabelos e deu-me para o monte Tabor grande" - registra o aparecimento de nosso Senhor para Tiago, depois da ressurreição, apresentado por Paulo (1Co 15: 7), uma das provas desse acontecimento, mas, naturalmente, Paulo poderia ter aprendido isso dos lábios do próprio Tiago, bem como da tradição comum, e não necessariamente a partir deste evangelho. Este fato é o detalhe principal da importância que as citações deste evangelho acrescentar ao que já sabemos do Sinópticos. Em outras divergências dos Sinópticos, onde os mesmos fatos são registrados, é possível que o Evangelho segundo os hebreus podem incidir mais precoce e tradição confiável. Por outro lado, a maior citação, a qual apresenta uma versão da entrevista de Cristo com o jovem rico Régua, parece mostrar, como sugere Westcott, que os Sinópticos dar o mais simples e, portanto, a forma anterior da narrativa comum. Muitos estudiosos, no entanto, permitir que as citações poucos sobreviventes desse evangelho deve ser levado em conta na construção da vida de Cristo. Os Ebionitas deu o nome de Evangelho dos Hebreus para um evangelho mutilado de Mateus. Isto leva-nos aos evangelhos heréticos.

II. Heréticos evangelhos

1. Evangelho dos Ebionitas

Os ebionitas podem ser descritos geralmente como cristãos judeus que visam manter, tanto quanto possível as doutrinas e práticas do Antigo Testamento e pode ser tomada como representando inicialmente a seção extrema conservadora do Concílio de Jerusalém, mencionado em Atos 15:1-29. Eles são citados na literatura patrística a partir do segundo ao quarto séculos, e as controvérsias prolongada gnósticas daqueles tempos pode muito bem ter fundado entre eles as diferentes seitas ou pelo menos as partes. Assim Jerônimo, um escritor do século 4, os estados (ad Ep agosto. 122:13) que ele encontrou nos cristãos da Palestina judaica conhecida como Nazarenos e Ebionitas. Se estas foram as seitas separadas ou simplesmente torcedores de pontos de vista mais liberal ou mais estreita da mesma seita não pode ser bem determinada. Alguns, como Harnack e Uhlhorn, sustentaram que os dois nomes são denominações gerais de judeus cristãos, outros em conta os ebionitas como o mais retrógrado e mais estreito dos cristãos judeus, enquanto os nazarenos foram mais tolerantes com a diferença de crença e prática. O Evangelho dos Ebionitas ou o Evangelho dos Doze Apóstolos, como também era chamado, representou junto com o Evangelho dos Hebreus (atrás referido), este espírito judaico-cristã. Alguns fragmentos do Evangelho dos ebionitas são preservados no Epifânio (d 376). Ele fala dos nazarenos como "ter o Evangelho segundo Mateus em uma forma mais completa, em hebraico (aramaico, por exemplo), porém ele logo acrescenta que ele não sabe se" eles removeram a genealogia de Abraão a Cristo, "que é quer dizer, se aceita ou rejeita o nascimento virginal de Cristo. Em contraste com esta afirmação, ele diz que os ebionitas tinham um evangelho "chamado do Evangelho segundo Mateus, não inteiro e perfeitamente completo, mas falsificados e mutilados, que eles chamam o evangelho em hebraico." Os fragmentos existentes do evangelho são dadas em Westcott (Intro, 437 f). Eles "mostram que seu valor é bastante secundário e que o autor tem simplesmente compilado das canônica, e especialmente a partir dos Evangelhos Sinópticos, adaptando-o ao mesmo tempo, as opiniões e práticas dos gnósticos ebionismo" (DCG, I, 505) .

2. Evangelho dos Egípcios

Três versos curtos e um tanto místico são todos que estão à esquerda do que é conhecido como o Evangelho dos egípcios. Elas ocorrem no Livro III do Stromateis de Clemente de Alexandria, que dedicou o livro a uma refutação da encratismo, isto é, a rejeição, como absolutamente ilegal, do uso do matrimônio, da carne e carne de vinho. Já nas Epístolas Paulinas estão reunidas as partes com o grito (col_2: 21) "Handle, não gosto nem, nem tocar", e (1Ti_4: 3) "proibindo o casamento, e ordenando a abstinência de carnes." Os versos em Clemente ter a seguinte redacção: "Quando Salomé perguntou quanto tempo vai prevalecer a morte? O Senhor disse: Enquanto as mulheres vos ter filhos, porque eu vim para destruir a função das mulheres. E Salomé disse a ele. Eu não bem depois, não ter filhos? E o Senhor respondeu: Comei de todas as ervas, mas não comem do que é amargo. E quando Salomé perguntou quando as coisas seriam conhecidos sobre o qual ela havia perguntado, disse o Senhor, vós Quando pisar no vestuário de vergonha, e quando os dois serão uma só, eo macho com a fêmea nem macho nem fêmea. "O palavras certamente variam muito do personagem habitual dos de nosso Senhor. escritores modernos variam quanto à sua tendência Encratite e sobre até que ponto o Evangelho dos egípcios era prático. Com tão pouco para ir para cima, não é fácil formar uma conclusão. Ele pode ter contido outras passagens por conta da qual Orígenes considerou herético. Foi usado pela Naassenes e Sabellians. A data do Evangelho é entre 130 e 150.

3. Evangelho de Marcião

O Evangelho de Marcião parece ter sido concebido como um opositor directo com os evangelhos em aramaico. Um nativo de Ponto e filho de um bispo, Marcion resolvidas em Roma na primeira metade do século 2 e se tornou o fundador da seita anti-semitas que não reconheciam nenhuma autoridade, mas os escritos de Paulo. Este trabalho constitui um exemplo notável do que as liberdades, nos dias antes da formação definitiva do cânon, poderiam ser tomadas com a maior autoridade e os documentos mais reverenciados da fé, e também de mostrar o carácter livre e praticamente ilimitado da controvérsia, de que o cânone que foi definitivamente aprovado foi o resultado. Ele rejeitou o Antigo Testamento completo, e do Novo Testamento, manteve apenas o Evangelho de Lucas, como sendo de origem paulina, com a omissão das partes em função do Antigo Testamento e as epístolas de Paulo, dez, as epístolas pastorais sendo omitidos. Os Padres da Igreja principal acordar essa corrupção do Evangelho de Lucas por Marcion, e da importância principal de seu evangelho é que a controvérsia moderna, foi durante algum tempo considerado o evangelho original de que o Evangelho de Lucas foi considerado como uma mera expansão. A teoria foi apresentada em primeiro lugar na Alemanha e depois de forma independente na Inglaterra, para ser completamente insustentável. Foi recentemente revitalizado pelo autor de Supernatural Religion, mas o trabalho do Dr. Sanday sobre Os Evangelhos no segundo século (capítulo VIII), pode-se dizer que fechou a controvérsia. (Compare também Intro Salmon, Lect XI).

4. Evangelho de Pedro

Até cerca de um quarto de século atrás, nada mais era conhecida do Evangelho de Pedro, que do meio da multidão de heréticos evangelhos acima referidos. A partir de Eusébio (História Eclesiástica, VI, 12, 2) era sabido que o Evangelho de Pedro estava em uso na Igreja de Rhossus, uma cidade na diocese de Antioquia no final do século segundo, a controvérsia tinha surgido a seu caráter, e que após uma análise cuidadosa do que Serapião, bispo de Antioquia (190-203), havia condenado como docetic. Orígenes (morto em 253 dC), em seu comentário sobre Mat_10: 17, refere-se ao evangelho como dizer que Eusébio ainda mais ", há alguns irmãos de Jesus, os filhos de José por uma ex-mulher, que vivia com ele antes de Maria." Eusébio, História Eclesiástica, III, 3, 2 não sabe nada sobre o Evangelho segundo Pedro foi proferida como um escrito católica e, em Eusébio, História Eclesiástica, III, 25, 6, ele inclui o Evangelho de Pedro entre os evangelhos falsificados herético. Teodoreto, um dos historiadores gregos eclesiásticos (390-459), diz que os nazarenos utilizado um evangelho chamado de "de acordo com Peter." O evangelho é também referido no Jerônimo (De Viris Illustr., Capítulo 1) e é condenado por Gelasianum Decretum (496?). Salmon (Intro, 231) observa: "É o livro não extratos foram preservados e, aparentemente, nunca ter tido uma vasta gama de circulação." Estas palavras foram escritas em 1885. No ano seguinte o francês Arqueológico Missão, trabalhando no norte do Egito, encontrado em uma tumba, deveria ser uma de monge, em Akhmim (Panópolis), um pergaminho contendo porções de pelo menos três obras perdidas cristão, o Livro de Enoque, o Evangelho de Pedro eo Apocalipse de Pedro. Estes foram publicados em 1892 e deram origem a muita discussão. O evangelho foi cuidadosamente reproduzida em fac-símile e editados por estudiosos competentes O fragmento é estimado para conter cerca de metade do evangelho original. Ele começa no meio da história da Paixão, logo após Pilatos lavou as mãos de toda responsabilidade e termina no meio de uma frase, quando os discípulos no final da Festa dos Pães Ázimos eram betaking-se a suas casas "Mas I (Pedro Simon, o escritor ostensivo) e André, meu irmão levou as redes e saiu para o mar, e ali estava conosco Levi, filho de Alfeu a quem o Senhor" Harnack (Texte und Untersuchungen, IX, 2, 2ª edição, 76) apresenta cerca de trinta novas características contidas na conta petrino da Paixão e sepultamento. Estes são dados em detalhes em um volume adicional da Biblioteca Ante-Nicene: manuscritos descobertos recentemente, etc, Edimburgo, 1897. Mas o Dr. Swete (Evangelho de Pedro, XV, Londres, 1893) mostra que "mesmo os detalhes que parecem ser totalmente novos ou que contradizem diretamente a narrativa canônica, pode ter sido sugerida por ele", e ele conclui que, apesar da grande quantidade de matéria nova que contém, "não há nada nesta parte do Evangelho petrino, que nos obriga a assumir o uso de outras fontes que não os evangelhos canônicos." Para o professor Orr (NT Escritos Apócrifos, xix f) a origem gnóstica do evangelho parece claro na história da ressurreição dadas, e seu caráter docetic - isto é, que procedeu a partir de quem declarou que Cristo tinha apenas aparência de um corpo - a partir da afirmação de que na cruz, Jesus ficou em silêncio como quem se sentiu nenhuma dor, e do grito agonizante na cruz: "Meu poder, meu poder, que me desamparaste", a verdade divina de Cristo ter partido antes da crucificação. A data do evangelho tem sido colocada por alguns no primeiro trimestre, e por outros no terceiro trimestre, do século 2. Para os outros recém-descoberto "ditados de Jesus," ver LOGIA.

5. Evangelho dos Doze Apóstolos

O Evangelho dos Doze é mencionada por Orígenes (Hom. I, em Luc), e alguns fragmentos dela são preservados por Epifânio (Haeres, 39 13-16, 22). Tudo começou com o batismo, e foi usado pelos ebionitas. Ele foi escrito, Zahn pensa, cerca de 170 anúncios.

6. Evangelho de Barnabé e Bartolomeu

O Evangelho de Barnabé eo Evangelho de Bartolomeu são condenados pelo decreto do Papa Gelásio. O último é mencionado por Jerônimo (ad Prooem Matt).

III. Complementar ou Evangelhos Legendary

Em todos os evangelhos desta classe é de salientar que, considerando o desejo dos escritores dos evangelhos não canônicos para multiplicar milagres, nenhum aviso é tido em conta o período na vida de Cristo, que interveio entre o seu décimo segundo ano e sua trigésima. A principal razão para a omissão é provavelmente que não tem fim especial dogmática era para ser servido pela narrativa deste período da vida do Salvador. Sempre que o acesso não pode ser tido com estes documentos na sua língua original, talvez seja útil recordar que uma boa tradução e cheio deles podem ser encontrados no Vol. XVI de Ante-Nicene Clark's Library, Edimburgo, 1870.

1. Evangelho da Natividade

(A) Protevangelium de Tiago

O primeiro destes documentos é a Protevangelium de Tiago. James é suposto ser o irmão do Senhor. O título "Protevangelium" ou Primeiro Evangelho - um título de captura que assume e sugere muito mais - foi dada a este documento por Postellus, um francês, quem primeiro publicou em latim no ano de 1552. Nos manuscritos grego e siríaco, que é conhecido por vários outros títulos, como A História de Tiago sobre o nascimento da Santíssima e sempre Virgem Mãe de Deus e de Seu Filho Jesus Cristo. Tischendorf nas notas do capítulo I do seu Evang. Apocrypha dá uma longa lista de nomes descritivos do que em vários manuscritos. No Decreto Gelasian privando-o de

autoridade canônica, é simplesmente um estilo *Evangelium nomine apocryphum minoris Jacobi*. Neste documento, o nascimento de Maria é anunciada pelo anúncio angélico a seus pais, Joaquim e Ana, como foi o de Jesus a Maria. Contém em 25 capítulos, o período compreendido entre este anúncio para o Massacre dos Inocentes, incluindo as contas da formação inicial de Maria no Templo, a narrativa de Lucas do nascimento de Cristo, com algumas adições lendária, e da morte de Zacarias, pela ordem de Herodes por se recusar a dar informações sobre o esconderijo de Elisabeth eo filho João, que, em sua fuga durante o massacre, são milagrosamente salvo pela abertura de uma montanha. No capítulo 18 ocorre uma mudança na narrativa da terceira para a primeira pessoa, que tenha sido tomada (NT Apocrypha Escritos pelo professor Orr, DD, Londres, 1903) a sugerir uma origem essênica-Ebionitic para o documento, e pelo menos para argumentar que um personagem composto, que por sua vez podem ser responsáveis pela grande variedade de entendimento da sua data. Foi-lhe atribuído (EB, I, 259) até o século 1. Zahn Krüger e colocá-lo na primeira década, muitos estudiosos, na segunda metade do século segundo, enquanto outros (por exemplo, Harnack) colocá-lo na sua forma actual, tão tarde como o meio do século 4. Bons estudiosos (Sanday, os Evangelhos no segundo século) admitir referências a ele em Justino Mártir, o que implicaria que, possivelmente, em alguns forma mais antiga era conhecida na primeira metade do século 2. Em sua última forma o documento indica o objectivo claro de o escritor para promover a santidade e veneração da Virgem. Tem sido demonstrado que contém uma série de declarações anti-histórica. Ele foi condenado pela Igreja ocidental por papas Dâmaso (382), Inocêncio I (405) e pelo Gelasianum Decretum (496?). Seria como se a idade, assim, privados da Protevangelium exigiu algum documento da mesma natureza para tomar seu lugar.

(B) Pseudo-Mateus

A correspondência forjada entre Jerônimo e dois bispos italianos fornecido um substituto no Evangelho do Pseudo-Mateus, que Jerônimo foi falsamente ter tornado na América do original hebraico do Monte. O evangelho só é conhecido na América e, como já indicado, não é anterior ao século 5. O Protevangelium é usada livremente e completado de alguma fonte (provavelmente gnóstico) desconhecido, e mais milagres, especialmente relacionados com a permanência no Egito têm sido feito para ele com outros adicionados a partir do Evangelho da Infância de Tomás. Alguns dos milagres registrados do Egito são representados como cumprimentos das profecias do Velho Testamento, como quando (capítulo 18), a adoração do Menino Jesus por dragões lembra o cumprimento do que foi dito pelo profeta Davi: "Louvado seja o Senhor da terra, dragões vos: vós dragões e todos os abismos vós", ou como quando (capítulo 19) leões e panteras adorava eles, mostrando a sociedade o caminho no deserto," abaixar a cabeça e abanando o rabinho e adorando-O com grande reverência", que foi considerado como um cumprimento da profecia: ". lobos são alimentados com cordeiros e os leões eo boi comerão palha juntos" Neste evangelho, também, aparece pela primeira vez o anúncio do boi eo jumento a adorar o menino Jesus na manjedoura, da qual muito foi feito no artigo O evangelho cristão está ainda eked pela relação de vários milagres relacionados com o Evangelho da Infância.

(C) A Natividade de Maria

O Evangelho da Natividade de Maria foi escrito em latim. Ele vai mais tanto o mesmo terreno como a porção anterior do Pseudo-Mateus, mas isso é diferente de como a indicar uma data posterior e um autor diferente. Ele inclui mais do elemento milagroso e angelical visitas diárias a Maria durante a sua permanência no templo. Este evangelho faz Mary deixar o templo em seu 14 ° ano, de acordo com o evangelho próxima descrito, onde o narrador é representado como o próprio Filho de Maria, ela deixou o templo em seu 12 ° ano, tendo vivido na mesma nove anos. Foi por muito tempo considerada a obra de Jerônimo, e deste evangelho foi quase inteiramente formada a "Lenda Dourada", que em grande parte tomou o lugar das Escrituras no século 13. em toda a Europa antes da invenção da imprensa. Ele estava entre os primeiros livros impressos em alguns países onde (como em Inglaterra) poderia não ser segura para imprimir as Escrituras. Seus serviços à literatura medieval e da arte não deve nos cegar para o fato de que era uma falsificação deliberada introduzida no serviço da igreja por volta do século 6, quando o culto de Maria foi especialmente promovido na igreja.

(D) Evangelho de José o carpinteiro

Para a mesma classe de composições pertence o Evangelho de José o carpinteiro. Originalmente escrito em copta, foi traduzido para o árabe, língua em que com uma versão em latim, foi publicado em 1722. A composição é dedicada à glorificação de José, um culto que foi especialmente favorecida pelos coptas monophysite. Ele data do século 4. Ele contém 22 capítulos em toda a história de José e diz na última parte as circunstâncias de sua morte na idade de 111 anos. Estas são de alguma importância para a história do dogma.

(E) A passagem de Maria

Transitus Mariae: embora não seja estritamente um evangelho do anúncio Natividade pode aqui ser tidos em conta de João, o Teólogo do Adormecer (koimesis) da Santa Mãe de Deus, ou como é mais comumente chamado de "Morte de Maria" (Transitus Mariae). Foi escrito originalmente em grego, mas aparece também na América e em vários outros idiomas. Dois anos, ao que parece, após a ascensão de Jesus, Maria, que pagou visitas freqüentes ao "Santo tumba de nosso Senhor para queimar incenso e rezar", foi perseguido pelos judeus e rezou seu Filho que ia levá-la a partir da Terra. O arcanjo Gabriel traz uma resposta às suas orações e anuncia que, após três dias, ela deve ir para os lugares celestiais para o seu Filho, a vida verdadeira e eterna. Apóstolos dos seus túmulos ou das suas dioceses são convocados para seu leito em Belém e se relacionam como eles estavam ocupados quando a intimação chegou até eles. Milagres de cura são realizados em torno do leito de morte, e após o transporte instantâneo de Maria e os apóstolos atendente de Jerusalém, no Dia do Senhor, em meio a visões de anjos Cristo aparece e recebe sua alma a Ele mesmo. Seu corpo está enterrado no Getsêmani e, posteriormente traduzido para o Paraíso. Julgado por seu conteúdo, que revelam um estágio avançado do culto da Virgem Maria e também do ritual da igreja, o documento não pode ter sido produzido antes do final do quarto ou do início do século 5, e tem um lugar entre os apócrifos documentos condenado pelo Decreto Gelasian. Por este tempo certamente parece como se os escritores de tais documentos assumiu a licença mais livre para imaginar e embelezar os fatos e situações em relação à narrativa do evangelho.

2. Os evangelhos da infância ou adolescência

Evangelho (A) de Thomas

Próximo ao Protevangelium a mais antiga e mais difundida dos evangelhos apócrifos é o Evangelho de Tomás. É mencionado por Orígenes e Irineu e parece ter sido usado por uma seita gnóstica dos Nachashenes em meados do século 2. Foi docetic quanto os milagres registrados na mesma e por esse motivo também foi aceitável para os maniqueus. O autor foi um dos Marcosians referido por Irineu. Grandes variações existem no texto, do qual existem apenas no final reformula católica, dois em grego, uma em latim e uma em siríaco. Uma das versões gregas é consideravelmente maior do que o outro, enquanto o América é um pouco maior do que qualquer um. Eles são em grande medida em causa com um registro de milagres feitos por Jesus antes que Ele tinha 12 anos de idade. Eles retratam Jesus como um extraordinário, mas de nenhuma maneira uma criança adorável. Ao contrário, os milagres dos Evangelhos canônicos os registrados neste evangelho são principalmente de natureza destrutiva e caprichosa e pueril de caráter. É sim um choque para lê-los como registrado do Senhor Jesus Cristo. A maravilha de trabalho é descrito por Renan como "un gamin et onipotente onisciente", liberando o poder da divindade com a obstinação de uma criança e petulância. Ao invés de ser sujeito a seus pais que ele é um problema sério para eles, e ao invés de crescer em sabedoria, Ele é representado como a frente e dispostos a ensinar. Seus instrutores e onisciente a ser desde o início. Os pais de uma das crianças, cuja morte ele causou Joseph suplicar: "Retirem que Jesus de teu este lugar porque ele não pode morar com a gente nesta cidade;. Ou, pelo menos, ensiná-lo a abençoar e não a maldição" de três ou quatro milagres de caráter beneficente são mencionados, e no evangelho Latina, quando Jesus estava no Egito e no seu terceiro ano, está escrito (capítulo

1), "E vendo os meninos jogando, ele começou a brincar com eles, e ele tomou uma secada peixes e colocá-la em uma bacia e ordenou que ela se mover. E ela começou a se mover. E ele disse novamente para o peixe: "Jogue fora o sal que tens e anda na água". E assim aconteceu, e os vizinhos ver o que tinha sido feito, disse ele à viúva, em cuja casa Maria, sua mãe viveu. E logo que ela ouviu, ela empurrou-os para fora de sua casa com muita pressa. "Westcott Como aponta em sua" Introdução ao Estudo dos Evangelhos, 444, "No milagres apócrifos encontramos nenhuma concepção digna das legislações dos providencial interferência, porque são feitas para suprir necessidades presentes ou satisfazer sentimentos presentes, e muitas vezes são positivamente imorais, eles são exibido arbitrário do poder, e sem qualquer espontaneidade da nossa parte, Senhor, nem sobre o do destinatário "Possivelmente os compiladores da 1. século narrativas acima mencionados tinham em muitos casos, considerado oportuno para fazer o milagre essencial - mesmo um muito proeminente - parte de sua história, e esta pode ser a razão pela qual John na abertura do Quarto Evangelho declarada todos os milagres relatados de Vara da Infância de ser autorizada pela afirmação de que o primeiro milagre foi realizado, após o início do ministério público, no casamento em Caná da Galiléia. "Este início de seus sinais que Jesus em Caná da Galiléia, e manifestou a sua glória e os seus discípulos creram nele" (Joh_2: 11).

(B) Evangelho Árabe da Infância

O Evangelho Árabe da Infância é uma produção composta. Embora publicado em árabe, com uma tradução do latim em 1697, a sua origem sírio pode ser inferida a partir da utilização da época de Alexandre, o Grande, no capítulo 2, a partir do conhecimento do escritor com a aprendizagem oriental, e da do menino Jesus, quando no Egito, com a astronomia e física. A popularidade do livro entre os árabes e coptas no Egito pode ser explicada também pelo fato de que o mais importante dos seus milagres acontecem durante a permanência no Egito. É de salientar também que, segundo este evangelho (capítulo 7) que estava no chão de uma profecia de Zoroastro, sobre o nascimento do Messias que os Magos realizou sua viagem a Belém. Algumas de suas histórias também aparecem no Alcorão e em outros escritos maometano. Os capítulos 1 a 9 baseiam-se nos Evangelhos canônicos de Mateus e Lucas e no Protevangelium de James, enquanto 26 capítulos para o final são obtidas a partir do Evangelho de Tomás. A porção intermediária do trabalho é completamente oriental no caráter e lê como extratos das Mil e Uma Noites. Não é fácil de tratar a sério a proposta de produções como estas em nada aproxima a igualdade com os evangelhos canônicos. O evangelho também tem muito a ver com o crescimento da veneração da Virgem.

3. Evangelhos da Paixão e da Ressurreição

(A) Evangelho de Pedro (como acima)

(B) Evangelho de Nicodemos

Os principais documentos que, neste contexto, são o Evangelho de Nicodemos e de certa forma, como acima demonstrado, o Evangelho de Pedro. O Evangelho de Nicodemos é um nome dado não anterior ao século 13 e uma segunda via da composição das duas partes das quais foram (1) O Acta Pilati ou Atos de Pilatos e (2) A descida de Cristo ao Mundo Inferior. O documento diz ser uma tradução grega do hebraico, e foram feitas no ano 17 do imperador Teodósio e 6 de Valentiniano. Ela existe em seis formas, dois gregos e um latino de "Atos de Pilatos, e dois latino e um grego da Descida ao Mundo Inferior. O consenso geral dos estudiosos coloca a composição no século 5, apesar de Tischendorf, contando com referências em Justino e Tertuliano, coloca-o no século 2, a data em que é perfeitamente possível para a legenda ter surgido. Possivelmente, tem havido alguma confusão entre o relatório sobre o processo relacionado com o julgamento e crucificação de Jesus que tinha de ser feita ao imperador, como exigido pelas regras do serviço civil romano, eo registro estendido do processo contida na Evangelho de Nicodemos. O escritor era, obviamente, um judeu cristão. Ele escreveu para esta classe e estava ansioso para estabelecer o seu recorde de provas das bocas dos inimigos de Jesus e, em especial dos funcionários relacionados com os acontecimentos antes e depois da morte de Jesus.

(1) Atos de Pilatos

Pilatos, em particular se mostra favorável a Jesus, e - uma lacuna que deve ter impressionado muitos leitores das narrativas canônicas - diversos daqueles para os quais milagres de cura havia sido feito avançar a depor em favor de Jesus - um passo mais natural para um narrador tarde para supor como tendo ocorrido em um julgamento regular e formal, mas que, como pode ser percebido a partir do silêncio dos escritores canônicos, foi omitido no processo turbulento da conspiração sacerdotal, que terminou com a crucificação. Com o conhecido escritor de todos os anos com as instituições judaicas ", ele se mostra ignorante em muitos pontos da topografia da Palestina; pensa, por exemplo, que Jesus foi crucificado no jardim em que foi apreendido (capítulo 9) e coloca o Sr. Mamilch ou Malek (S. de Jerusalém), na Galiléia, e confunde-o com o Monte da Ascensão "(Orr, op. cit., xix).

(2) Descida de Jesus ao Mundo Inferior

A segunda parte do evangelho - a descida de Cristo ao Mundo Inferior - é um relato de uma tradição antiga e amplamente aceito, não mencionado em qualquer Evangelho canônico mas baseado em 1Pe_3: 19: "Ele foi e pregou aos espíritos em prisão. "Dois santos que foram levantadas na Sua ressurreição como eles dizem, tinha sido confinado no inferno, quando o Conquistador, apareceu na sua entrada, como as portas de bronze foram quebrados e os presos libertados, Jesus levou consigo para o Paraíso as almas de Adam, Isaías, João Batista e outros homens santos que tinham morrido antes dele. O documento é puramente imaginário: a sua importância é apenas para mostrar como neste artigo do credo foi considerado, no século 4.

(C) outros produtos fabricados com

De importância ainda menos são algumas formações tarde referindo-se a Pilatos, por vezes, nos manuscritos ligado ao Evangelho de Nicodemos, como Carta de Pilatos ao Imperador Tibério; Oficial de Pilatos Report, acima referido, os Paradoses de Pilatos ea Morte de Pilatos, que, após a condenação à morte mais infame, é representado como morrer por suas próprias mãos. Na narrativa de José de Arimatéia, o escritor dá rédea solta à sua imaginação.

O estudo dos documentos acima descritos justificam plenamente a observação dos editores da Biblioteca Ante-Nicene que, enquanto eles nos proporcionam "vislumbres curioso do estado da consciência cristã, e dos modos de pensar nos primeiros séculos da nossa era, o impressão predominante que deixam em nossas mentes é um profundo sentimento de superioridade imensurável, a simplicidade e majestade inacessível, dos escritos canônicos. "

Literatura

Além dos livros citados acima podem ser mencionados os seguintes: Fabricius, Codex Apocryphus, 1719; as coleções e os prolegômenos de Thilo (1832), Tischendorf, Evangelhos, 1853, Ellicott, "sobre os Evangelhos Apócrifos", em Cambridge Essays, 1856; Lipsius, artigo "Evangelhos (Apócrifos)" em Dict. de Cristo. Biog.; Dr. W. Wright no jornal da Lit Sagrado. (Janeiro e abril de 1865) sobre o siríaco versões do Protevangelium, O Evangelho de Tomé, e os Transitus Mariae: Studia Sinaitica (n ° XI, 1902), dando novos textos siríaco do Protevangelium e Transitus Mariae. AF Findlay, o artigo "Atos (Apócrifos)", onde será encontrado um corpo muito abundante de referências a obras, britânicos e estrangeiros, lidando com todos os ramos do assunto.

Apolonia

ap-o-lo'ni-a (, *Apollonia*):Uma cidade em Mygdonia, um distrito na Macedônia. Era situado um pequeno Lago para o sul de

Bolbe, no Por Egnatia, a grande estrada romana que conduz da costa do adriático ao rio Hebrus (Maritza), um do exército principal e rodovias comerciais do império: se deita entre Anfípolis e Tessalônica, a viagem de um dia (Livy xlv.28) ou aproximadamente 30 milhas romanas do anterior e 38 do posterior. A fundação da cidade pode ser atribuída talvez a aproximadamente 432 a.C.; em todo caso, moedas são existentes que atestam sua existência no século 4º a.C. (Cabeça, Historia Numorum, 181). Paulo e Silas atravessaram a cidade na viagem deles de Filipos para Tessalônica, mas não parece ter ficado lá (At 17:1). O nome parece ter sobrevivido na moderna Pollina (Leake, norte da Grécia, III, 458; Cousinéry, Navegue la de dans Macédoine, I, 115).

Apolônio

ap-o-lo'ni-us (, *Apollonios*): Um nome comum entre o Syro-Macedônios. Prideaux (Connexion) interrompe a narrativa dele do ano 148 a.C., dar conta das pessoas diferentes que agüentaram este nome (1) o Filho de Trasaëus (LA 2 Mac 3:5) que era o governador de Coele-Síria (a Palestina e Fenícia) debaixo de Seleuco Filopator, quando Heliodorus veio para Jerusalém para roubar o templo, e posteriormente, pela autoridade dele naquela província, Simão apoiado o governador do templo em Jerusalém contra Onias o sumo sacerdote. Ele também era o ministro principal de estado do rei Seleuco. Mas na acessão de Antioco Epifanes, Apolônio, de algum modo que fica obnóxió ao rei novo, a Síria esquerda e aposentado a Mileto. (2) um filho de "Apolônio (1)" quem, enquanto o pai dele residia a Mileto, foi trazido em Roma Demétrio, filho de Seleuco Filopator, e àquele tempo segurado como um refém pelos romanos. Este Apolônio viveu em grande intimidade com Demétrio que, em recuperar a coroa da Síria, lhe fez governador de Coele-Síria e Fenícia, o mesmo governo que o pai dele segurou debaixo de Seleuco Filopator. Ele parece ter sido continuado no mesmo governo por Alexandre (LA 1 Mac 10:69) mas ele se revoltou e abraçou o interesse de Demétrio. (3) o filho de Menesteus, e ministro favorito e principal de Antioco Epifanes (LA 2 Mac 4:21). Ele foi como embaixador de Antioco, primeiro para Roma (Livy xlii.6) e posteriormente para Ptolomeu Filometor, rei do Egito (LA 2 Mac 4:21). Isto geralmente é segurado para ser o mesmo é dito que tem estado em cima do tributo (LA 1 Mac 1:29; 2 Mac 5:24) e quem, no retorno de Antioco da última expedição dele no Egito, foi enviado com uma separação de 22.000 homens para destruir Jerusalém. Ele atacou os judeus enquanto mantendo o dia de Sábado sagrado santo e matou grandes multidões deles (LA 2 Mac 5:24-27). (4) o Governador da Samaria no tempo de Antioco Epifanes. Ele foi morto na batalha por Judas Macabeu (LA 1 Mac 3:10, 11; Antiguidades, XII, vii, 10). (5) o Filho de Genaeus (LA 2 Mac 12:2); como governador na Palestina debaixo de Antioco Eupator ele provou um inimigo amargo dos judeus.

Apolofanes

ap-o-lof' a-nez, a-pol-o-fa' nez (, *Apollophanes*): Um sírio morto por Judas Macabeu (LA 2 Mac 10:37).

Apolo

a-pol'os (, *Apollo*, a forma curta de Apolônio): Apolo um judeu natural de Alexandria era (At 18:24) que alcançou Éfeso pelo verão de 54 d.C., enquanto Paulo estava na terceira viagem missionária dele, e lá ele "ensinou as coisas com precisão relativo a Jesus" (At 18:25). Que ele era eminentemente provido para a tarefa é indicado pelo fato do ser dele um "o homem instruído," "sumamente nas escrituras," "fervente em espírito," "instruído no modo do Deus" (At 18:24, 25). O ensino dele estava, porém incompleto, pois conhecia "só o batismo de João" (At 18:25), e isto deu origem a alguma controvérsia. De acordo com Blass, a informação dele foi derivada de um evangelho escrito que chegou à Alexandria, mas mais provavelmente eram as novas do que Apolo tinha ouvido, ou diretamente ou de outros, do orar de João Batista a Betânia além de Jordão (compare Jo 1:28). Ao receber instrução adicional de Priscila e Áquila (At 18:26), Apolo estendeu a missão dele a Acaia, sendo encorajado demais pelos irmãos de Éfeso (At 18:27). Em Acaia "ele os ajudou muito que tinha acreditado por graça; porque ele poderosamente refutava os judeus, e que publicamente, mostrando pelas escrituras que Jesus era o Cristo" (At 18:27, 28). Durante as ausências de Apolo em Acaia, Paulo tinha alcançado Éfeso e instruído do que tinha sido ensinado lá por Apolo. (At 19:1). Desde que Paulo estava informado que os Efésios ainda não conheciam nada do batismo do Espírito (At 19:2-4), é provável que Apolo não tivesse dado ao dele a instrução adicional que ele tinha recebido de Priscila e Áquila, mas tinha partido para Acaia logo após receber isto. Paulo permaneceu cerca de dois anos entre os Efésios (At 19:8, 10), e na primavera de 57 d.C., ele escreveu a Primeira Epístola aos Coríntios. Antes deste tempo Apolo estava mais uma vez em Éfeso (compare 1Co 16:12). É incrível que esta epístola de Paulo pudesse ter sido incitada por qualquer sentimento de ciúme ou animosidade na parte dele contra Apolo. Era bastante o resultado de discussão entre os dois, relativo à situação crítica que existe então em Corinto. A missão de Apolo tinha se encontrado com um certo sucesso, mas a procriação de facção que aquele mesmo sucesso, pelas discrepâncias leves no ensino dele (compare 1Co 1:12; 1Co 3:4) com o de Paulo ou de Cefas, tinha gerado, era totalmente estrangeiro às intenções dele. O espírito de festa era como desagradável para Apolo como era a Paulo, e o fez relutante voltar até mesmo à cena dos trabalhos anteriores dele ao desejo do próprio Paulo (1Co 16:12). A epístola expressou a indignação de ambos. Paulo deu boas-vindas ao cooperador Apolo (1Co 3:6: "Eu plantei, Apolo molhou"). Não estava contra o da mesma categoria-evangelista dele que ele fulminou, mas contra o espírito insignificante desses que armaram facção mais que verdade que não viu que ele e Apolo vieram entre eles como "os da mesma categoria-trabalhadores de Deus" (1Co 3:9), os criados comuns do Deus e Salvador Jesus Cristo. Esta visão também é confirmada pelo teor da Epístola de Clemente para os coríntios (compare Hennecke, Neutestamentliche Apokryphen, 84-112, especialmente 105): nem está em conflito com as passagens 1Co 12:1-7; 2Co 3:1; 2Co 11:16, onde Paulo parece aludir à eloquência de Apolo, sabedoria, e carta de elogio. Paulo não escreveu assim em ordem desacreditar Apolo, mas, afirmar que, até mesmo sem estas vantagens incidentais, ele não renderia a nenhum o orando de Cristo crucificou.

A última menção de Apolo está na Epístola a Tito onde lhe recomendam junto com Zenas a Tito (Tt 3:13). Ele era então em uma viagem por Creta (Tt 3:15), e provavelmente era o portador da epístola. O tempo disto é incerto, como a escritura da Epístola para Tito, entretanto geralmente admitiu para ter buscado a liberação de Paulo da prisão em Roma, foi variado colocado a 64-67 d.C. Veja TITO, EPISTOLA PARA.

Apolyon

a-pol'i-on (, *Apolluon*; , *'abhaddon*, "destruidor"): participio Presente do verbo , "destruir."

I. Definição

Um próprio nome, original com o autor do Apocalipse e usado uma vez por ele (Rev_9:11) como uma tradução da palavra hebréia “Abaddon” (veja ABADDON) designar um anjo ou príncipe do mais baixo mundo.

II. Fundo de Testamento velho

1. Significado fundamental

O termo Abaddon (“destruição”) aparece somente na literatura de Sabedoria do Testamento Velho e na gama estreita seguinte de exemplos: Jó 26:6; Jó 28:22; Jó 31:12; Sl 88:11; Pv 15:11. Em todas estas passagens economiza um (Jó 31:12) a palavra ou é combinada com Sheol, “morte,” ou “a sepultura,” de tal um modo sobre indique um puramente termo de escatológico fundado na idéia avançada de distinções morais no reino dos mortos. Na uma passagem excepcional (Et 8:6 se refere incorretamente para - a palavra aqui é diferente, isto , *'abhdhan*) onde a combinação não acontece, a ênfase no elemento moral na “destruição” mencionou está praticamente tão definido como impedir a possibilidade de interpretar o termo em qualquer senso geral (como Charles, HDB, artigo “Abaddon”; por trapaceiro., Briggs, ICC, “Salmos” no lugar citado.; BDB, loc de substituto.). O significado da palavra, então, é: o lugar ou condição de ruína absoluta reservaram para o mau no reino do morto.

2. Personificação

Uma outra característica de uso do Testamento Velho é merecedora de consideração como lançando luz em Ap 9:11. Abaddon e as condições acompanhantes “Morte” e são personificados Sheol (como em Jó 28:22) e representou como seres vivos que falam e agem (compare Ap 6:8).

III. Uso de Testamento Novo

1. O Começar-ponto

O começar-ponto do uso do Apocalíptico “Apolygon” será achado no significado fundamental de “Abaddon” como destruição moral no mundo dos criminosos, junto com a personificação ocasional de condições aparentadas no Testamento Velho. A imagem era em geral condição familiar enquanto o escritor de Testamento Novo sentia perfeitamente livre para variar o uso para vestir os próprios propósitos particulares dele.

2. Apollyon não Satanás, mas parte de uma descrição ideal

(1) Desde Apollyon é uma personificação ele não é identificado com Satanás (compare Rev_9: 1 onde Satanás parece ser claramente indicado) ou com qualquer outro ser a quem a existência histórica e características definitivas são atribuídas. Ele é a figura central de uma imagem ideal de forças do mal representadas como originários do mundo dos espíritos perdidos e autorizados a operar destrutiva na vida humana. Eles são retratados como gafanhotos, mas a uma escala alargada, com a adição de muitos recursos incompatíveis com a aplicação rigorosa da figura (ver Rev_9 :7-10). A intenção é, através da multiplicação de imagens que o autor não pretende harmonizar, a impressão de grande poder destrutivo e de longo alcance. (2) Esta interpretação encontra apoio adicional em um desvio significativo do escritor a partir do uso familiar. No Antigo Testamento, o lugar de destruição, é personificado - na Rev_9: 11, as forças de emissão pessoal do abismo, do qual o gênio que preside é a destruição da pessoa. A imagem vidente é igualmente independente da tradição representada pelo Talmude (Shab f. 55), onde é personificado como Abaddon em conjunto com o presidente da Morte destruindo mais de seis anjos. Estas modificações são, evidentemente, devido às exigências da forma pictórica. É claramente impossível retratar as forças provenientes do local de ruína a cargo do próprio local.

3. Apollyon necessárias para a Imagem

A importância da concepção de Apollyon à integralidade da imagem não deve ser menosprezada. Pretende-se representar essas forças como tendo um certo principio de unidade interna e, como possuidores do poder de liderança eficaz.

4. Significado Geral da Descrição

Quanto ao significado específico da visão dos gafanhotos como um todo não é fácil chegar a uma conclusão. Professor sugere Swete (Comentário sobre Apocalypse no local citado.) “Os gafanhotos do abismo pode ser as memórias do passado, trouxe para casa em momentos de visitação divina; ferem recordando esquecido pecados.” Parece-nos mais provável que representa um movimento histórico real, passado ou por vir, demoníaca em sua origem e natureza humana, no modo do seu funcionamento e sua esfera de influência, usado por Deus para uma praga sobre a humanidade e mantidos em contenção pela Sua graça e poder. ABADDON Veja.

Apostasia; Apóstata

a-pos'ta-si, a-pos'tat (, *he apostasia*, “uma posição longe de”): Isto é, uma queda fora, uma retirada, uma defecção. Não achado nas Versões inglesas da Bíblia, mas usado duas vezes no original grego do Novo Testamento, expressa abandono da fé. Paulo foi acusado falsamente de ensino a apostasia de judeus de Moisés (At 21:21); ele predisse a grande apostasia do Cristianismo, predita por Jesus (Mt 24:10-12) que precederia “o dia do Senhor” (2Ts 2:2). Apostasia, não em nome, mas na realidade, conhece repreensão severa na Epístola de Judas, por exemplo, a apostasia de anjos (Jd 1:6). Predisse, com advertências, como seguramente abundar nos dias posteriores (1Tm 4:1-3; 2Ts 2:3; 2Pe 3:17). Causas de: perseguição (Mt 24:9,10); falsos profetas (Mt 24:11); tentação (Lc 8:13); mundanismo (2Tm 4:4); conhecimento defeituoso de Cristo (1Jo 2:19); lapso moral (Hb 6:4-6); abandonando adoração e vivendo espiritual (Hb 10:25-31); incredulidade (Hb 3:12). Exemplos Bíblicos: Saul (1Sm 15:11); Amazias (2Cr 25:14, 27); muitos discípulos (Jo 6:66); Himeneu e Alexandre (1Tm 1:19, 20); Demas (2Tm 4:10). Para ilustração adicional veja Dt 13:13; Sf 1:4-6; Gl 5:4; 2Pe 2:20, 21.

“Abandonando Yahweh” era a característica e o que ocorria periodicamente do pecado do povo escolhido, especialmente no contato deles com nações idólatras. Constituiu o perigo nacional supremo deles. A tendência apareceu na história mais primitiva deles, como abundantemente visto nas advertências e proibições das leis de Moisés (Ex 20:3, 4, 23; Dt 6:14; Dt 11:16). As conseqüências medrosas da religiosidade e apostasia moral aparecem nas maldições pronunciadas contra este pecado, no Monte Ebal, pelos representantes de seis das tribos de Israel, elegidas por Moisés (Dt 27:13-26; 28:15-68). Tão lerdo era o coração de Israel, até mesmo nos anos que seguem a emancipação nacional imediatamente, no deserto, que Josué achou isto necessário re-empenhar a nação inteira a uma fidelidade nova para Yahweh e para a convenção original deles antes de lhes permitissem entrar na Terra Prometida (Js 24:1-28). Infidelidade para esta convenção destruiu os prospectos da nação e crescimento durante o tempo dos Juizes (Jz 2:11-15; Jz 10:6, 10, 13; 1Sm 12:10). Era a causa de mal prolífico e já-crescente, cívico e moral, dos dias de Salomão para os cativos assírios e babilônicos. Muitos dos reis do reino dividido apostataram, enquanto conduzindo as pessoas, como no caso de Roboão, nas formas mais totais de idolatria e imoralidade (1Rs 14:22-24; 2Cr 12:1). Exemplos Conspicuos de tal apostasia real são Jeroboão (1Rs 12:28-32); Acabe (1Rs 16:30-33); Acazias (1Rs

22:51-53); Jeorão (2Cr 21:6, 10, 12-15); Acaz (2Cr 28:1-4); Manasses (2Cr 33:1-9); Amon (2Cr 33:22). Veja IDOLATRIA. Profecia originou como um divino protesto de imperativo contra esta tendência histórica para defecção da religião de Yahweh.

Em grego clássico, apostasia significa revolta de um chefe militar. Na igreja católica romana denota abandono de ordens religiosas; renúncia de autoridade eclesiástica; defecção da fé. As perseguições aos Cristãos forçaram muitos a negar disciplina Cristã e significar a apostasia deles oferecendo incenso a uma deidade pagã ou blasfemando o nome de Cristo. O imperador Juliano, que abraçou a fé Cristã provavelmente nunca vitalmente, é conhecido na história como “o Apóstata,” tendo renunciado Cristianismo em seguida para o paganismo a acessão dele para o trono.

A defecção de um apóstata da fé pode ser intelectual, como no caso de Ernst Haeckel que, por causa da filosofia materialista dele, publicamente e formalmente renunciou Cristianismo e a igreja; ou pode ser moral e espiritual, como com Judas que para a causa de lucro imundo seu coração e traiu o Senhor dele vilmente. Veja artigos exaustivos em “Apostasia” na Enciclopédia judia.

Apóstolo

a-pos-'l (, *apostolos*, literalmente, “a pessoa enviada,” um enviado, missionário): Para o significado deste nome como nos é conhecido no Novo Testamento, referência às vezes é feita e comparado para clássico e judeu. Em grego clássico mais primitivo havia uma distinção entre um *aggelos* ou mensageiro e um *apóstolos* que não eram um mero mensageiro, mas delegado ou representante da pessoa que o enviou. No Judaísmo posterior, novamente, *apostoloi* eram enviados pelos patriarcas em Jerusalém colecionar o tributo sagrado dos judeus da Dispersão. Porém, parece improvável que qualquer um destes ursos de usos na origem Cristã de um termo que, em todo caso, veio ter seu próprio Cristianismo distintivo significado. Entender a palavra como nós achamos isto no Novo Testamento que não é necessário ir além do próprio Novo Testamento. Descobrir a fonte de seu uso Cristão é suficiente para recorrer a seu significado imediato e natural. O termo usado por Jesus, disto tem que se lembrar, seria aramaico, não grego, e *apostolos* seriam seu literal equivalente.

1. Os Doze

Na história do Novo Testamento nós ouvimos falar primeiro do termo como aplicado por Jesus aos Doze com relação àquela missão evangélica entre as aldeias nas quais Ele os despachou em uma fase do começo do ministério público dele (Mt 10:1; Mc 3:14; Mc 6:30; Lc 6:13; Lc 9:1). De uma comparação dos Sinópticos pareceria que o nome como assim usado não era uma designação geral para os Doze, mas só teve, porém referência a esta missão particular que era típica e profética, da missão mais larga que era vir (*compare Hort, Ecclesia Cristã*, 23-29). Lucas, é verdade, usa a palavra como um título para os Doze apartes de referência para a missão entre as aldeias. Mas a explicação provavelmente é como Dr. Hort sugere, que desde o Terceiro Evangelho e o Livro de Atos formaram duas seções do que realmente era um trabalho, o autor no Evangelho emprega o termo naquele senso mais largo que veio ter depois da Ascensão.

Quando nós passamos a Atos, “apóstolos” se tornaram um nome ordinário para os Onze (At 1:2, 26), e depois da eleição de Matias em lugar de Judas, para os Doze (At 2:37, 42, 43, etc.). Mas mesmo assim não denota um serviço particular e restringido, mas bastante aquela função de um serviço missionário mundial para o qual os Doze especialmente foram chamados. No último custo dele, logo antes Ele ascendeu, Jesus tinha os comissionado entrar adiante em todo o mundo e orar o evangelho a toda criatura (Mt 28:19, 20; Mc 16:15). Ele tinha dito que eles eram ser o dele não só testemunha em Jerusalém e Judéia, mas em Samaria (contraste Mt 10:5), e até a maior parte da terra (At 1:8). Eles eram apóstolos, então, os missionários de qual - não somente porque eles foram os Doze, mas porque lhes enviaram agora pelo Mestre deles em uma missão universal para a propagação do evangelho.

2. Paulo

O mesmo fato que o nome “apóstolo” meios o que faz apontaria à impossibilidade de limitar isto dentro dos limites dos Doze. (Os “doze apóstolos” de Ap 21:14 é evidentemente simbólico; compare em Ap 7:3 a restrição dos criados lacrados de Deus para as doze tribos.) Contudo poderia haver uma tendência no princípio para fazer assim, e restringir isto como um distintivo de honra e privilégio estranho para aquele círculo interno (compare At 1:25). Se qualquer tal tendência existisse, Paulo efetuaria a demolição disto vindicando para ele o direito para o nome. A reivindicação dele se aparece na suposição dele do título apostólico na abertura formula da maioria das epístolas dele. E quando o direito dele para isto foi desafiado, ele defendeu aquele direito com paixão, e especialmente nestes chãos: que ele tinha visto Jesus, e assim foi qualificado para agüentar testemunha à ressurreição dele (1Co 9:1; compare At 22:6); que ele tinha recebido uma chamada ao trabalho de um apóstolo (Rm 1:1; 1Co 1:1, etc; Gl 2:7; compare At 13:2; At 22:21); mas, acima de tudo, que ele pudesse apontar aos sinais e selos do apostolado dele fornecidos pelos trabalhos missionários dele e os frutos deles (1Co 9:2; 2Co 12:12; Gl 2:8). Estava por isto último fundamentado de atração que Paulo convenceu os apóstolos originais da justiça da reivindicação dele. Ele não tinha sido um discípulo de Jesus pelos dias da carne dele; a reivindicação dele ter visto os subidos Deus e de Ele era ter recebido uma comissão pessoal nenhum que poderia ser provou a outros; mas poderia haver nenhuma possibilidade de dúvida sobre os selos do apostolado dele. Estava abundantemente claro que “ele aquele forjado para Pedro até o apostolado da circuncisão forjado para (Paulo) também até os Gentios” (Gl 2:8). E percebendo a graça que era determinada até ele, Pedro e João assim, junto com Tiago de Jerusalém, Paulo reconhecido como apóstolo para os Gentios e lhe deu a mão direita de companheirismo (Gl 2:9).

3. O Círculo mais Largo

Esses que reconhecem às vezes dizem que havia outros apóstolos além dos Doze e Paulo que o posterior (para quem alguns, no decorrer de 1Co 15:7; Gl 1:19, somaria Tiago o irmão do Senhor) era por excelência os apóstolos, enquanto os outros apóstolos mencionados no Novo Testamento era apóstolos em algum senso inferior. Porém, é dificilmente possível entender tal uma distinção no decorrer de uso do Novo Testamento. Havia grandes diferenças, nenhuma dúvida, entre os apóstolos da igreja primitiva, como lá esteja entre os Doze eles - diferenças devido a talentos naturais, para aquisições pessoais e experimenta, para presentes espirituais. Paulo era maior que Barnabé ou Silvano, da mesma maneira que o Pedro e João eram maiores que Tadeu ou Simão o Cananeu. Mas Tadeu e Simão eram os discípulos de Jesus no muito mesmo senso como Pedro e João; e os Doze e Paulo mais verdadeiramente não eram apóstolos que outros que são mencionados no Novo Testamento. Se apostolo denota serviço missionário, e se sua realidade, como sugere Paulo, será medido por seus selos, seria difícil de manter aquele Matias era por excelência um apóstolo, enquanto Barnabé não era. Paulo fixa Barnabé lado a lado como um apóstolo com ele (1Co 9:5 f; Gl 2:9; compare At 13:2 f; At 14:4, 14); ele fala de Andronico e Junias como “de nota entre os apóstolos” (Rm 16:7); ele parece incluir Apolo junto com ele entre os apóstolos que são feitos um espetáculo até o mundo e para anjos e para homens (1Co 4:6, 9); a conclusão natural de uma comparação de 1Ts 1:1 com 1Ts 2:6 é que ele descreve Silvano e Timóteo como “apóstolos de Cristo”; para os Filepenses ele menciona Epafrodito como “seu apóstolo” (Fp 2:25 a Versão Revisada, margem), e para os coríntios recomenda certos irmãos desconhecidos como “os apóstolos das igrejas” e “a glória de Cristo” (2Co 8:23 a Versão Revisada, margem). E o mesmo fato que ele achou isto necessário denunciar certas pessoas como “falsos apóstolos, trabalhadores enganosos, que

se formam em apóstolos de Cristo” (2Co 11:13) espetáculos que não havia nenhum pensamento na igreja primitiva de restringir o apóstolo a um corpo de 12 ou 13 homens. “Teve o número definitivamente sido restringido, as reivindicações destes intrusos teriam estado ego-condenado” (Ágil, Galatians, 97).

4. Apóstolos no Didache

Quando nós vimos ao Didache que provavelmente mente além do limite-linha de história do Novo Testamento que nós achamos o nome “apóstolos” aplicado a uma classe inteira de missionários sem nome, isto é, homens que se instalaram em nenhuma igreja, mas se mudou de lugar para colocar como mensageiros do evangelho (capítulo 11). Isto faz difícil de aceitar a visão, urgiu por Ágil (op. cit., 98) e Gwatkin (HDB, I, 126) no decorrer de Lc 24:48; At 1:8, At 1:22; 1Co 9:1, que ter visto Deus sempre era a qualificação primária de um apóstolo - uma visão em virtude da qual eles rejeitam o apostolado de Apolo e Timóteo, como sendo recentes convertido ao Cristianismo que viveu longe das cenas do ministério de nosso Deus. Observações de Gwatkin que nós temos nenhuma razão para supor que a esta condição foi renunciada já a menos que nós lancemos o Didache adiante no 2º século. Mas parece muito improvável que até mesmo para o fim do 1º século haveria uma classe inteira de homens, não só ainda vivo, mas imóvel no exercício das funções missionárias deles, todos os sofrimentos de um vagar e existência sem-lar (compare Didache 1Co 11:4-6), que ainda pôde agüentar o testemunho pessoal de testemunha ocular ao ministério e ressurreição de Jesus. Em Lc 24:48 e At 18:22 é a companhia escolhida dos Doze que são à vista. Em 1Co 9:1 Paulo está conhecendo os oponentes do dele, Judaizantes no próprio tempo dele, e respondendo a insistência deles em relacionamento pessoal com Jesus por uma reivindicação de ter visto Deus. Mas aparte destas passagens não há nenhuma evidência que os apóstolos da igreja primitiva necessariamente eram homens que tinham conhecido Jesus na carne ou tinham sido testemunha da ressurreição dele - muito menos que esta era a qualificação primária na qual o apostolado deles foi feito descansar.

5. O Apostolado

Nós somos conduzidos então à conclusão que a verdadeira diferença do apostolado do Novo Testamento se deita na chamada missionária insinuada no nome, e que tudo cujos foram dedicadas vidas a esta vocação, e que poderia provar pelos assuntos dos trabalhos deles que o Espírito de Deus estava os resolvendo para a conversão de judeu ou pagão, foi considerado e descreveu como apóstolos. O apostolado não era um círculo limitado de funcionários que ocupam um cargo bem definido de autoridade na igreja, mas uma classe grande de homens que descarregaram um - e que o mais alto - das funções do ministério profético (1Co 12:28; Ef 4:11). Estava na fundação dos apóstolos e profetas que a igreja Cristã foi construída, com o próprio Jesus Cristo como a base principal (Ef 2:20). A distinção entre as duas classes era que enquanto o profeta era o porta-voz de Deus para a igreja acreditando (1Co 14:4, 22, 25, 30, 31), o apóstolo era o enviado dele para o mundo (Gl 2:7, 9). A chamada do apóstolo para a tarefa dele poderia entrar em uma variedade de modos. Os Doze foram chamados pessoalmente por Jesus a uma tarefa apostólica ao começo do ministério terrestre dele (Mt 10:1), e depois que a ressurreição dele esta chamada estava repetida, feita permanente, e determinado uma extensão universal (Mt 28:19, 20; At 1:8). Matias foi chamado primeiro pela voz do corpo geral dos irmãos e depois disso pela decisão do lote (At 1:15, 23, 26). A chamada de Paulo entrou a ele em uma visão divina (At 26:17-19); entretanto esta chamada foi ratificada subseqüentemente pela igreja de Antioquia que o enviou à licitação do Espírito Santo (At 13:1), ele manteve firmemente que ele era um apóstolo não chamado de homens por homem, mas pelo Jesus Cristo e Deus o Pai que O ressuscitou dentre mortos (Gl 1:1). Barnabé foi enviado (*exapostello* é o verbo usado) pela igreja em Jerusalém (At 11:22) e depois, junto com Paulo, pela igreja de Antioquia (At 13:1); e em seguida isto nós achamos os dois homens descritos como apóstolos (At 14:4). Era a missão na qual lhes enviaram que explica o título. E quando esta missão particular foi completada e eles voltaram a Antioquia para ensaiar antes da igreja ajuntada “todas as coisas que Deus tinha feito com eles, e que ele tinha aberto uma porta de fé até Gentios” (At 14:27), eles justificaram a reivindicação deles assim para não só ser os apóstolos da igreja, mas do Espírito Santo.

A autoridade do apostolado era de um espiritual, tipo ético e pessoal. Não era oficial, e na natureza do caso não pôde ser transmitido a outros. Paulo reivindicou para ele independência completa da opinião do corpo inteiro dos apóstolos mais cedo (Gl 2:6, 11), e buscando influenciar os próprios convertido dele empreendeu por manifestação da verdade para se recomendar à consciência de todo homem à vista de Deus (2Co 4:2). Não há nenhum sinal que os apóstolos exercitaram uma autoridade separada e autocrática coletivamente. Quando a pergunta da observância do ritual de Mosaico por cristãos Pagãos surgiu em Antioquia e recorreu a Jerusalém, era “os apóstolos e anciões” que se encontrou para discutir isto (At 15:2, 6, 22), e a carta voltou a Antioquia foi escrito no nome de “os apóstolos e os anciões, irmãos” (At 15:23). Fundando uma igreja naturalmente Paulo designaram os primeiros funcionários locais (At 14:23), mas ele não parece ter interferido com a administração ordinária de negócios nas igrejas ele tinha plantado. Nesses casos nos quais ele foi atraído ou foi compelido por algum escândalo de sepultura para interpor, ele descansou um comando autorizado em alguma palavra de expresso do Deus (1Co 7:10), e quando ele não teve nenhuma tal palavra para descansar em, tinha cuidado para distinguir o próprio julgamento dele e aconselhar de uma divina ordem (1Co 12:25, 40). São fundamentadas as atrações dele no caso posterior em princípios fundamentais de moralidade comum ao pagão e Cristianismo semelhante (1Co 5:1), ou é endereçado ao julgamento espiritual (1Co 10:15), ou é reforçado pelo peso de uma influência pessoal ganhado por serviço desinteressado e pelo fato que ele era o pai espiritual dos convertido dele como tendo procriado eles em Cristo Jesus pelo evangelho (1Co 4:15 f).

Pode ser somado aqui que o caráter expressamente missionário do apostolado parece excluir Tiago, o irmão do Senhor, de qualquer reivindicação para o título. Tiago era um profeta e professor, mas não um apóstolo. Como a cabeça da igreja em Jerusalém, ele exercitou um ministério de uma natureza puramente local. As passagens nas quais foi buscado estabelecer o direito dele o ser incluído no apostolado não fornecem nenhuma evidência satisfatória. Em 1Co 15:7 Tiago é contrastado com “todos os apóstolos” em lugar de incluiu no número deles (compare 1Co 9:5). E em Gl 1:19 o significado pode ser totalmente bem isso com a exceção de Pedro, nenhum dos apóstolos foi visto por Paulo em Jerusalém, mas só Tiago o irmão do Senhor (compare a Versão Revisada, margem).

Literatura

Ágil, Galatians, 92-101.; Hort, Ecclesia Cristão, Lect II.; Weizsäcker, A Idade Apostólica, II, 291-99.; Lindsay, A Igreja e o Ministério, 73-90.

Credo de apóstolos, O

kred.

O Credo mais Velho

O Credo dos Apóstolos é o credo mais velho, e mentiras à base da maioria outros. Embora não, como a lenda longo-atual de sua origem afirmada, o trabalho direto dos Apóstolos, tem suas raízes em tempos apostólicos, e encarna, com muita fidelidade, o ensino apostólico. Será visto imediatamente que teve um lugar importante na igreja primitiva, quando como ainda nenhum credo existiu. O uso mais velho do termo “Regra de Fé” (*regula fidei*), agora geralmente dado a Bíblia, tem referência a este credo. Era o credo para o que poderia ser

atraído como segurado pela igreja em todas suas grandes filiais, e para formar o teste de catolicidade. Era como descansando neste credo que a igreja poderia ser chamada “católica e apostólica.” Ultimamente o credo foi o assunto de grande controvérsia, e foram feitas tentativas violentas empurrar fora alguns de seus artigos principais da fé Cristã. Esta é uma razão especial por considerar as fundações em qual estes artigos de resto de fé.

I. Forma do Credo

Em primeiro lugar, o que é o credo? Aqui, em primeiro lugar, será mostrado que a forma recebida do credo não é sua forma mais velha ou original. O credo existe em duas formas - um mais curto e um mais longo; o anterior, conhecido como a Forma romana Velha, voltando certamente já no meio do 2º século (aproximadamente 140 d.C), o posterior, a forma aumentada, em sua forma presente, de muita data posterior. Sua forma final provavelmente foi dada não a isto em gaulês de Sul antes do meio do 5º século (em uma ou duas cláusulas, tão tarde quanto os 7º). é desejável, ao início, pôr estas duas formas do credo (em tradução) claramente antes do leitor.

1. Forma romana velha

Primeiro, a Forma romana Velha é determinada do grego de Marcellus, de Ancyra, 341 d.C. Corre assim:

“Eu acredito em Deus o Todo-poderoso e Pai. E em Jesus Cristo o único dele (procriado) o Filho nosso Deus que nasceu do Espírito Santo e a Virgem da Maria; crucificado debaixo de Poncio Pilatos, e enterrado; o terceiro dia que Ele subiu dos mortos; Ele ascendeu ao céu, e sentou-se à mão direita do Pai, por isso Ele virá julgar os vivos e os mortos. E no Espírito Santo; a Santa Igreja; o perdão dos pecados; a ressurreição do corpo; (a vida eterna).”

A última cláusula é omitida na forma latina preservada por Rufinus, 390 d.C.

2. A Forma Recebida

A Forma Recebida do credo lê assim: “Eu acredito em Deus o Todo-poderoso e Pai; Criador do Céu e da Terra; e em Jesus Cristo o único dele (procriado) o Filho nosso Deus; que foi concebido pelo Espírito Santo, nascido da Virgem da Maria; sofrido debaixo de Poncio Pilatos, foi crucificado, morto, e enterrado; Ele desceu ao inferno; e no terceiro dia que Ele subiu dos mortos; Ele ascendeu ao céu; e sentou-se à mão direita do Deus o Todo-poderoso e Pai; de por isso Ele virá julgar o vivo e o morto. Eu acredito no Espírito Santo; e na Santa Igreja de Católica*; na comunhão dos santos; o perdão dos pecados; na ressurreição do corpo; e a vida eterna. Amém.”

Tal é a forma do credo. Algo deve ser dito agora de sua origem e história.

II. Origem do Credo

A lenda era que o credo levou forma ao ditado dos Doze Apóstolos, cada um de quem contribuiu um artigo especial. Assim começou, Pedro, era alegado, debaixo da inspiração do Espírito Santo, “eu acredito em Deus o Todo-Poderoso e Pai”; André (ou de acordo com outros, João) continuou, “E em Jesus Cristo, o único Filho dele, nosso Deus”; Tiago no que foi o ancião, “Que foi concebido pelo Espírito Santo,” etc. Esta lenda não é mais velha que o 5º ou 6º século, e é absurdo na face disto.

1. Confissão batismal

A real origem do credo foi localizada agora com grande exatidão. O germe original disto será buscado para na confissão batismal feita por convertido na recepção daquele rito. A confissão primitiva pode ter contido não mais que “eu acredito que o Jesus é o Filho de Deus”, mas nós temos evidência dentro do próprio Testamento Novo que foi aumentado logo. Paulo fala da “forma de ensinar” entregou a convertido (Rm 6:17), e lembra Timóteo de “o bem (bonito) confissão” ele tinha feito em visão de muitos testemunha (1Tm 6:12). Semelhante idioma é usado da confissão de Cristo ante de Pilatos (1Tm 6:13). Nós podemos conjecturar talvez das epístolas que a confissão de Timóteo conteve referências a Deus como o autor da vida, para Jesus Cristo e a descendência de Davi, para a testemunha dele ante de Poncio Pilatos, para ser dele elevado dos mortos, para a vinda dele novamente julgar o rápido e o morto (1Tm 6:13; 2Tm 2:8; 2Tm 4:1). Escritores Cristãos Cedo, como Ignacio (110 d.C), e Aristides o apologista (aproximadamente 125 d.C), rastros de espetáculo de outras cláusulas.

2. “regra de Fé”

Em todo caso, o fato é certo que antes do meio do 2º século a confissão ao batismo tinha cristalizado em tolerabilidade e se instalou em forma de todas as maiores igrejas. Nós temos contas nos dadas de seus conteúdos (além da Forma romana Velha) em Irineu, Tertuliano, Novatian, Origenes, etc; e eles mostram unidade significativa com uma certa liberdade de forma em expressão. Mas a forma na igreja romana veio ser o tipo reconhecido gradualmente. Depois do meio do século, a confissão subiu a importância nova como o resultado das controvérsias Gnosticas, e assumiu mais do caráter de um credo formal. Chegou a ser conhecido como o “Regra de Verdade,” ou “Regra de Fé,” e foi empregado para conferir a licença de interpretação de Bíblia destes especuladores heréticos fantásticos. O credo tinha originado independentemente da Bíblia - no ensino oral cedo e orando dos apóstolos; conseqüentemente seu valor como uma testemunha para a fé comum. Mas não se usou substituiu a Bíblia; foi segurado para confirmar a Bíblia onde os homens pelas perversões alegóricas e outras deles buscaram arrancar a Bíblia de seu real senso. Foi empregado como um cheque nesses que buscaram alegorizar a fé Cristã fora.

III. História do Credo

1. O Credo romano

A Forma romana Velha do credo era, como dito acima, certamente em uso pelo meio do 2º século, em Roma; provavelmente um tempo considerável antes de. Nós temos isto em ambas suas formas gregas e latinas (o ser grego provavelmente o original). A forma latina é determinada por Rufinus aproximadamente 390 anúncio que compara isto com o credo da própria igreja dele de Aquileia - uma igreja muito velha. A forma grega é preservada por Marcellus, de Ancyra, in o 4º século. A forma mais curta velha do credo longo se manteve. Nós achamos isto na Inglaterra, por exemplo até quase o tempo da Conquista normanda (em 8º ou 9º manuscritos de século em Museu britânico).

2. O Credo Recebido

A Forma Recebida do credo tem uma história muito mais obscura. As cláusulas adicionais entraram a tempos diferentes, entretanto em eles alguns deles são muito velhos. A adição para o primeiro artigo, por exemplo “o Fabricante de céu e terra,” primeiro se aparece nesta forma em gaulês aproximadamente 650 d.C, entretanto são achadas formas semelhantes em muitos credos mais velhos. Outra adição, “Ele desceu em inferno,” nos conhece primeiro em Rufinus como parte do credo de Aquileia, mas provavelmente também é velho naquela igreja. É conhecido que o credo tinha assumido quase sua forma presente (talvez sem as anteriores cláusulas, e que na comunhão de santos) até que de Faustus de Reiz, aproximadamente 460 d.C. Por isso esparramou, e tinha chegado à Irlanda aparentemente antes do fim do 7º século. Em Inglaterra se aparece um século depois, aproximadamente 850 d.C (do tribunal de Charlemagne?), e desde o princípio do 10º século substituiu em grande parte o mais velho de. O mesmo aplica a outros países, de forma que a forma de Gallican o um é agora em comum uso. Podem ser notadas duas mudanças significantes na forma dada a isto. Na Inglaterra cujo forma que nós seguimos, os Reformadores substituíram para “a ressurreição da carne” as palavras, “a ressurreição do corpo,” e na Alemanha os

luteranos mudam a palavra “catolico” para “o Cristianismo,” em “a Igreja de catolica santa.”

IV. Estrutura do Credo

1. Sua Forma Trinitária

O Credo dos Apóstolos, será percebido, não tem nenhum caráter teológico ou metafísico. Não só é o mais velho, mas o mais simples e menos desenvolveu de todos os credos. É uma enumeração simples, em ordem, das grandes verdades que a igreja foi conhecida para ter segurado, e ter passado desde o princípio - qual Bíblia também ensinou. Originando da confissão batismal, segue a ordem Trinitária sugerida pela fórmula habitual para batismo naturalmente. O primeiro artigo declara convicção em Deus o Todo-poderoso de Pai, Criador de céu e terra. O segundo para os sétimos artigos declara convicção em Jesus Cristo, o único Filho dele, nosso Deus, e nos grandes fatos abraçados no testemunho de evangelho relativo a Ele. O oitavo artigo afirma convicção no Espírito Santo para qual é juntado as cláusulas adicionais enquanto declarando convicção na igreja de catolica santa, a comunhão de santos, o perdão de pecados, a ressurreição da carne (corpo), e a vida perpétuo.

2. Credo de Apelles

Ajudará mostrar o tipo de heresias a igreja daquela idade teve que combater com, e isso que as lutas sérias dos Pais do tempo (usando o Credo dos Apóstolos como um bastião), se nós juntamos aqui o Credo de Apelles, um 2nd-século Gnostico, como reconstruído por Lindsay Principal (A Igreja e o Ministério, 222) de Hippolytus:

“Nós acreditamos, que Cristo desceu do Poder acima, do Bem, e que Ele é o Filho do Bem; que Ele não nasceu de uma virgem, e que quando Ele se apareceu que Ele não era destituído de carne. Que Ele formou o Corpo dele levando porções disto da substância do universo, i.e. quente e frio, úmido e seco; Que Ele recebeu poderes cosmoscos no Corpo, e viveu durante o tempo que Ele fez no mundo; Que Ele foi crucificado pelos judeus e morreu; Isso que é elevado novamente depois que três dias que Ele se apareceu aos discípulos dele; Que Ele lhes mostrou as impressões das unhas e (a ferida) no lado dele, sendo cobiçoso dos persuadir que Ele não era nenhum fantasma, mas estava presente na carne; Que depois que Ele tivesse lhes mostrado a carne dele que Ele restabeleceu isto para a terra; Que depois que Ele tivesse soltado as cadeias do Corpo dele mais uma vez que Ele devolveu calor ao que está quente, frio ao que está frio, umidade para o que está úmido, e seca para o que está seco; Que nesta condição Ele partiu ao Pai Bom, enquanto deixando a Semente de Vida no mundo para esses que pelos discípulos dele deveriam acreditar em Ele.”

V. Controvérsias Modernas

Foi mencionado que ultimamente o Credo dos Apóstolos foi o assunto de muitos ataques e de controvérsias agudas. Na Alemanha, particularmente, uma real controvérsia feroz começou em 1892 em cima da recusa de um pastor luterano, Schrempf nomeado, usar o credo na administração de batismo. Ele não acreditou em seus artigos sobre o virgem-nascimento de Cristo, a ressurreição da carne, etc. O ofensor foi deposto, mas uma grande batalha resultou, enquanto dando origem a uma literatura enorme. O conflito foi predominado para bem conduzindo a um exame mais completo que já antes de da história e significando do credo, mas também deu precisão aos ataques feitos nisto. Uma parte principal nesta controvérsia foi levada por Professor Harnack, de Berlim cujas objeções podem ser consideradas representativa. Professor Harnack, e esses que pensam com ele, critique o credo de um ponto de vista dobro: (1) eles negam que sob todos os aspectos represente verdadeira doutrina dos apóstolos - isto não só em suas artes posteriores., mas até mesmo em tal um artigo como isso afirmando o virgem-nascimento de Cristo: (2) eles negam que o significado que nós vestimos muitas das cláusulas do credo agora seja seu verdadeiro significado original, i.e. nós usamos as palavras, mas com um senso diferente do framers original.

A Crítica de Harnack

Considerando estas objeções, se lembrará sempre disto que esses que os urgem fazem assim do ponto de vista de rejeição da maioria que normalmente é considerado essencial a Cristianismo. Há na visão deles nenhuma encarnação, nenhum real Deus cabeça de Cristo, nenhum real milagre na vida dele (só fé-curas), nenhuma ressurreição da tumba de José. Isto nenhuma dúvida leva o fundo do Credo dos Apóstolos, mas também tira o fundo de Cristianismo apostólico. Por exemplo, onde objetos de Harnack que “o Pai” e “o Filho” nos primeiro e segundos artigos do credo não tenha nenhuma referência Trinitária, mas só relacione, o anterior à relação de Deus para criação, o posterior, para o aparecimento histórico de Cristo, a resposta pode ser só a evidência inteira no Testamento Novo para uma distinção Trinitária e para a Divindade essencial de Cristo. Quando é declarado que o virgem-nascimento é nenhuma parte da tradição Cristã cedo, a pessoa só pode atrair à evidência do fato nos Evangelhos, e recorda que nenhuma seção da igreja Cristã, exclua uma filial herética do Ebionites, e algumas das seitas de Gnostic, é conhecido para ter rejeitado isto. (Veja NASCIMENTO de VIRGEM.) Para respostas detalhadas para as críticas de Harnack, pode ser consultado o livro de Dr. Swete no Credo dos Apóstolos.

Literatura

Uma lista da literatura de folheto volumosa produzida pela controvérsia alemã no Credo dos Apóstolos pode ser vista no theologische de Dado de Nippold Einzelschule, II, 232-33. As contribuições mais importantes são esses de Harnack (apostolische de Das Glaubensbekenntniss, também Tradução inglesa); Kattenbusch, e Cremer. Também compare Schaff, Credos de Crístandade, eu, 14-23.; II, 45-55. Trabalhos especiais são: Pearson, Exposição do Credo (1659); Kattenbusch, apostolische de Das Symbolum, 2 volumes (1894-1900); Zahn, apostolische de Das Synbolum (1893); tradução inglesa (1899); H. B. Swete, o Credo de Os Apóstolos e Cristianismo Primitivo (1894); A. C. McGiffert, o Credo de Os Apóstolos, Sua Origem, Seu Propósito, e Sua Interpretação Histórica (1902).

Nota: * A Santa Igreja Católica ai mencioanada não se trata da atual igreja católica romana, mas, a Igreja dos fiéis servos do Senhor Jesus.

Apóstolos1 , Evangelho dos Doze,

Veja EVANGELHOS APÓCRIFOS.

Idade apostólica

ap-os-tol´ik aj.

1. A Missão

(1) quando os discípulos perceberam que eles tinham visto os o Cristo durante a última vez e que tinha subido se tornado o dever deles para esparramar a mensagem dele agora, eles se reuniram e designaram estabeleceram o número de doze “testemunhas”. Imediatamente e posteriormente a efusão do Espírito Santo lhes fez o sinal começar o trabalho. No princípio este trabalho era rígido e centrado em Jerusalém, e os primeiros eram o resultado da dispersão forçosa e não de esforço planejado (At 11:19). Mas os peregrinos

para os banquetes tinham levado o evangelho fora com eles, e em deste modo o Cristianismo tinha sido esparramado pelo menos até Damasco (At 9:2, At 9:19). A própria dispersão alargou o círculo para Chipre e para Antioquia e marcado o começo do trabalho entre os pagãos (At 11:19-20). Aqui a proeminência extrema do ministério de Paulo no Testamento Novo não deveria obscurecer o sucesso dos outros missionários. Quando os apóstolos começaram as viagens deles que nós não sabemos, mas na hora de Gl 1:19 só Pedro representou os Doze em Jerusalém. Paulo menciona o trabalho estendido deles em 1Co 9:5, 1Co 9:6 e parece certo que Pedro estava em Roma logo antes a morte dele. As dificuldades causadas Paulo pelo menos pelo Judaizante dão evidência do zelo missionário do posterior. Barnabé e Marcos trabalharam depois da separação deles de Paulo (At 15:39) e existiu lá em Roma longo antes da chegada posterior Cristianismo entre os pagãos (Rm 1:13). Antes do ano 100 aparece aquele Cristianismo estendido ao redor do mediterrâneo da Alexandria para Roma (e indubitavelmente mais distante, embora dados estejam escassos), enquanto a Ásia Menor especialmente foi penetrada por isto. (2) muitos fatores cooperaram para ajudar o trabalho: Paz era universal e comunicação era fácil. O grego era falado em todos os lugares. A proteção que determinado Judaísmo abrigou de interferência civil. A presença do Judaísmo assegurou hospitalidade e para pelo menos os primeiros esforços para converter. O próprio zelo convertendo dos judeus (Mt 23:15) tinha preparado receber Cristianismo para os Gentios. E não menos elemento eram a separação da religião velha e o olhar geral ao Leste para satisfação religiosa. (3) para os métodos, o procedimento de Paulo é provavelmente típico. Evitando os lugares menores, ele se dedicou para as cidades como os pontos estratégicos e viajou em uma rota direta, sem lados-viagem. Em deste modo um “linha de fogo” (Harnack) foi localizado, e na chama poderia ser confiada para esparramar de seu próprio acordo para cada lateral da estrada. Para frutos do trabalho de Paulo em Éfeso lá apareça igrejas fora a Colossos e Laodicéia umas cento e vinte milhas (Cl 2:1; Cl 4:16). As igrejas fundadas precisavam ser visitadas e confirmadas, mas quando o feltro dos apóstolos que eles poderiam trocar para eles, ele também sentia que o trabalho dele no Leste terminou (Rm 15:23).

2. Igreja de Jerusalém

Os sócios da igreja de Jerusalém mais cedo simplesmente pensaram deles como judeus que tiveram uma verdadeira compreensão do Messias e constituindo assim um novo “modo” ou “festa” (quase não “seita”) em Judaísmo (At 22:4, especialmente). No princípio eles foram sofridos para cultivar o direito deles para existir era aparentemente incontestado, para as ações de Saduceus de At 4:1; At 5:17 esteja na natureza de precauções policial. E é significativo que o primeiro ataque foi feito em um estrangeiro, Stephen. Ele parece ter enfurecido as multidões orando a destruição iminente do Templo, embora ele fosse martirizado por designar (praticamente) o Divine honra a Jesus (At 7:56). Contudo os apóstolos não foram dirigidos da cidade (At 8:1) e a igreja pôde continuar seu desenvolvimento. Em 41 d.C., os representantes romanos deram modo aos Fariseus inclinou Agripa I e (por razões que não estão claras) perseguição quebrou fora em qual o James foi martirizado e Pedro só entregou por um milagre (Atos 12). Com a reassunção de regra romana em 44 d.C., cessou a perseguição. Algum modo pacífico de viver foi inventado, como se aparece da ausência de insinuações adicionais a dificuldades (compare At 21:17-26) e das contas de Josefo e Hegesippus da estima em qual Tiago que é o irmão do Deus foi segurado. O martírio dele (em 62 d.C.?) estava devido à tensão que precedeu a revolta final contra Roma, em o qual os cristãos de Jerusalém não levaram nenhuma parte. Ao invés, eles se aposentaram pelo Jordão a Pella (Ap 12:13-17), onde eles formaram um fim, corpo intensamente judeu debaixo da regra dos descendentes dos irmãos de Cristo de acordo com a carne. Algum trabalho de missão era terminado mais distante para o leste, mas no 2º século eles eram absorvidos em Cristianismo normal ou se tornaram um dos fatores que produziram Ebionismo.

3. Judaizantes

Muitos sócios deste corpo (e, indubitavelmente, outros cristãos judeus fora disto) mostraram vários graus de inabilidade para entender o trabalho pagão. A aceitação de um Cristão incircunciso o como “economizou” ofereceu dificuldade bastante leve (Gl 2:3; Atos 15). Mas comer com ele era outra coisa e um que eram uma ofensa a muitos que aceitaram a salvação dele (Gl 2:12, 13). A conclusão rigorosa que a Lei não saltou nenhum Cristão ainda era outra coisa e um que Tiago plano não pôde aceitar (At 21:21). Na hora de Gl 2:9, os “pilares” eram como ainda não pensando de fazer trabalho Pagão. As controvérsias de Paulo estão familiarizadas e provavelmente a última fricção não terminou até a queda de Jerusalém. Mas as dificuldades cultivaram menos gradualmente e 1 Pedro é evidência que o próprio Pedro aceitou o estado cheio de finalmente gentios.

4. Relações com Roma

Do Cristianismo de poder romano estava no princípio seguro, como as distinções de Judaísmo foram pensadas muito leves notar (At 18:14-16; At 25:19). (Dificuldades como esses de At 17:9 estavam devido à perturbação da paz.) Assim o governo foi pensado de como um protetor (2 Ts 2:7) e falado de nas condições mais altas (Rm 13:1; 1Pe 2:13, 1Pe 2:14). Mas, enquanto isolamento absoluto não foi observado (1Co 10:27), contudo os cristãos tenderam a se puxar em corpos com pequeno contato com o mundo ao redor deles cada vez mais (1Pe 4:3-5), provocando suspeita e hostilidade assim dos vizinhos deles. Conseqüentemente eles buscaram um bode expiatório conveniente para Nero incendiador de Roma. É incerto como distante a perseguição dele esparramou ou como perseguições distantes aconteceram do tempo dele até o fim do reinado de Domiciano (veja PEDRO, PRIMEIRA EPÍSTOLA DE), mas em Revelação, Roma se tornou o símbolo para tudo aquilo é hostil a Cristo.

5. “Helenismo”

Influência das “pagãs” religiões em Cristianismo não é muito perceptível no 1º século. Mas sincretismo era a moda do dia e muito convertido deve ter tentado combinar a religião nova com visões que eles já seguraram (ou que eles ainda aprenderam depois). Foi prestada aparentemente pouca atenção a esta tentativa, se restringido a detalhes completamente secundários (1Co 15:29?), mas em Col 2:8-23 é tocado um assunto vital. O perigo é mais agudo nas Pastorais (1Tm 1:4; 1Tm 4:3; Tt 3:9) e em Apocalipse 2 grande dano está sendo terminado. E Judas, 2 Pedro, e 1 João contém polêmicas diretas contra os sistemas que surgem assim, os começos disso que no 2º século se aparecido como Gnosticismo.

Para detalhes adicionais vêem os artigos separados, especialmente MINISTÉRIO; CÂNON DO NOVO TESTAMENTO; e (para vida na Idade Apostólica) PRESENTES ESPIRITUAIS.

Literatura

Vêja os artigos separados. Trabalhos com o título Idade Apostólica está por Gilbert (sumário), Bartlet (útil), Purves (muito conservador), Cordas, McGiffert, e Weizsäcker. O último que três são para estudo crítico.

Igreja Ordenações Apostólicas

Vêja DIDACHE.

Igreja Constituições Apostólicas

Veja DIDACHE.

Conselho (Concílio) Apostólico

ap-os-tol' i-kal koun' sil: A assembléia dos apóstolos e anciões contida em Jerusalém (49 d.C), uma conta de qual é determinado em Atos 15.

Pais apostólicos

Um título normalmente dado aos escritores do 1º século que empregou as canetas deles na causa do Cristianismo. Veja LITERATURA SUBSTITUTO-APOSTÓLICA.

Farmacêutico

a-poth'e-ka-ri: Achado em Versões inglesas da Bíblia oito vezes no Velho Testamento e Apócrifa para palavra hebraica feita mais com precisão “perfumador” pela Versão Revisada (britânico e americano) em Ex 30:25, Ex 30:35; Ex 37:29; Ec 10:1; entretanto inconsistente retiveram em outro lugar (2Cr 16:14 o inglês Revised Versão; Ne 3:8 o inglês Revised Versão (compare a margem)); Sirach 38:8; 49:1). Veja PERFUMADOR.

Apaim

ap' a-im, ap' a-im (, *'appayim*, “narinas”): Um filho de Nadabe da casa de Jerameel, de Judá (1Cr 2:30 f).

Vestuário

a-par' el: O inglês equivalente de seis palavras hebraicas e três gregas, variações que significam todos os tipos de, principalmente artigos de vestuário caro e bonito: ornamental (2Sm 1:24); real, a partir de Assuero (Ester 6:8), de Herodes (At 12:21 , *esthes*); das filhas de reis (2Sm 13:18); sacerdotal (Ed 3:10); também lamentando (2Sm 14:2). Em 1Sm 17:38, 39 “vestuário” substitui “armadura” da KJV: “cingiu o rei Saul a Davi com o vestuário dele,” provavelmente algum artigo de vestuário íntimo-próprio usado debaixo da armadura, ou às vezes sem isto. Julgamento severo era pronunciado em príncipes judeus com que se vestiram “estranho” (KJV), i.e. “com vestuário estrangeiro” (Sf 1:8; compare Is 2:6-8). “vestuário Modesto” como contra “trages caro” é recomendado como servido a cristãos (1Tm 2:9 , *himatismos*, e , *katastole*). São vestidos anjos em vestuário branco (At 1:10; compare Lc 24:4, “deslumbrando”). Figo. do glorioso e vermelho (sugestivo do vinho-imprensa) vestuário do Messias (Is 63:1, Is 63:2), e de “um espírito submisso e quieto” (1Pe 3:4).

Aparentemente

a-par' ent-li (, *mar'eh*, a Versão Revisada (britânico e americano) “manifestadamente,” significando no único lugar assim traduziu (Nm 12:8) “na forma de ver” (Keil e Delitzsch), i.e. “um aparecimento,” “uma similitude,” uma manifestação do Deus invisível em forma de humano): Esta é a maneira no Velho Testamento na revelação Divine, como “na pessoa e forma do anjo de Yahweh”: “No arbusto eu me revelei manifestadamente, e falou com Moisés” (**LA** 2 Esdras 14:3). Deus falou abertamente com Moisés, sem figura, de uma maneira direta que revela a ele o Seu caráter na distinção clara de uma comunicação espiritual: “Com ele eu falo boca a boca para declamar, igual manifestadamente, e não em falas escuras; e a forma de Yahweh deve ele vê.”

Aparição

ap-a-rish' un (, *indalma*, , *epiphaneia*; , *phantasma*): Esta palavra não é achada no Velho Testamento ou cânon do Novo Testamento, a KJV ou o Padrão americano Revisaram Versão, mas acontece duas vezes na Versão Revisada (britânico e americano) e muito em KJVA como segue: A Sabedoria de Salomão 17:3, *indalma* grego, a Versão Revisada (britânico e americano) “forma espectral”; (**LA**)2 Mac 3:24, *epiphaneia* grego, a Versão Revisada (britânico e americano) “aparição,” a Versão Revisada, margem “manifestação”; (**LA**)2 Mac 5:4, *epiphaneia* grego, a Versão Revisada (britânico e americano) “visão,” a Versão Revisada, margem “manifestação.” Testamento Novo, Versão Revisada,: Mt 14:26; Mc 6:49; *phantasma* grego, o Padrão americano Revisou Versão “fantasma,” na KJV “Espírito.”

Atração

a-pel' : Se uma atração é, como é corretamente, uma petição para a remoção de um caso que foi decidido para audição e revisão e decisão concludente por um tribunal mais alto, nós não achamos nenhum tal exemplo no Velho Testamento ou o Novo Testamento.

Na instituição dos juízes por Moisés (Ex 18:26), a referência: “Os casos duros que eles trouxeram até Moisés, mas todo assunto pequeno eles se julgaram,” indica uma distribuição de casos simplesmente entre dois tribunais, mas dá nenhum rastro de qualquer provisão para a audição de qualquer caso, por um tribunal mais alto pelo que já foi decidido um mais baixo. Em Dt 17:8-13, direções são determinadas que um mais baixo tribunal, debaixo de certas condições, perguntará um mais alto para instruções sobre procedimento, e seguirá a ordem prescrita estritamente: não obstante, a própria decisão pertence ao mais baixo tribunal. Quando sua oração era uma vez determinada, não havia nenhuma atração.

No Novo Testamento, a provisão da lei romana, para uma atração de um mais baixo tribunal a um mais alto, é reconhecido claramente, embora o caso de Paulo em Atos 25 não cai estritamente dentro de sua extensão. A lei romana deu originalmente para um cidadão o direito de atração para a tribuna das pessoas, mas, com o estabelecimento do Império, o próprio imperador assumiu esta função da tribuna, e se tornou o tribunal de último recurso. Porém, o caso de Paulo não tinha sido experimentado antes de Festo, nem de qualquer

veredicto fez, quando (At 25:10, 11) ele profere a própria fórmula legal: “Eu atraio até César” (, *Katsara epikaloumai*). Os cidadãos romanos poderiam insistir em tal procedimento, como corrija, não é perfeitamente certo (HJP, II, 2 279). Paulo agiu evidentemente na sugestão do próprio governador (At 25:9), quem parece ter sido cobiçoso de evitar a responsabilidade de um caso que envolve perguntas mais remoto da atenção ordinária dele. À primeira vista, a decisão de Paulo para atrair parece prematura. Ele desperdiça a chance dele de absolvição por Festo, e atos na suposição que ele já esteve condenado. Apresentando At 26:32 que a possibilidade da absolvição dele quase tinha chegado a uma certeza. O curso dele só é explicável considerando a atração dele o golpe de mestre de um grande líder que estava pronto para correr riscos. Na proposição de Festo, ele agarra ao que tinha sido um objeto de esperança longo adiado. Por muitos anos, ele tinha estado desejando e tinha rezado para chegar para Roma (At 19:21; Rm 1:11,15,23,24). Deus tinha há pouco o assegurado (At 23:11), que como ele tinha testemunhado em Jerusalém, “assim deve tu também agüente testemunha em Roma.” à vista, Com esta promessa e direção ele acelera para o capital do mundo e o centro da influência do mundo, nas palavras aparentemente precipitadas, “eu atraio,” o qual uma mais baixa ordem de prudência teria adiado até que ele tinha estado primeiro condenado.

Aparecer

a-per´: De oito originais hebraicos o chefe é , *ra'ah*, “ser visto.” Usado principalmente pessoalmente das revelações de Deus e em sonhos e visões: “Yahweh apareceu até Abrão” (Gn 12:7); para Moisés (Ex 3:2); para Salomão (I Rs 3:5). Todos os originais usaram dos processos de Natureza, do se aparecer, i.e. vindo da manhã (Ex 14:27); estrelas (Ne 4:21); flores, rebanhos de cabras, uvas tenras (Ct 2:12; 4:1; Margem de Ct 7:12). No Novo Testamento , *ophthen*, passivo de *horao*, “eu vejo,” “ser visto” especialmente usado nas revelações angelicais e visões: como no Monte da Transfiguração (Mt 17:3); um anjo (Lc 1:11); os subidos Deus (Lc 24:34); línguas como de fogo no Pentecostes (At 2:3); visão dada a Paulo (At 16:9); uma grande maravilha no céu (Ap 12:1, na KJV).

, *optano*, em At 1:3, de Cristo que aparece depois do sofrimento dele; , *phanomai*, “lustrar,” como o anterior com o pensamento somado de uma revelação resplandecente, luminosa, a partir da estrela de Belém (Mt 2:7); trazendo para iluminar de pecado (Rm 7:13, na KJV). Também , *phaneroo* “fazer manifesto,” usou exclusivamente dos aparecimentos de pos-ressurreição e segundos vindo de Cristo e das revelações do grande dia de julgamento. Veja Cl 3:4; 2Co 5:10; Ap 3:18 e sete outras passagens na KJV.

Aparecimento

a-per´ans (, *mar'eh*; principalmente usada das visões místicas e sobrenaturais de Ezequiel e Daniel): Uma semelhança, a partir de raio, rodas, pedra de safira (Ez 1:14, Ez 1:16, Ez 1:26); o Gabriel está dominando revelação (Dn 8:15; também veja Dn 10:6, Dn 10:18). No Novo Testamento se refere exclusivamente, por três palavras gregas , *prosopon*, “visão,” “semblante,” para “aparecimento externo” (2Co 10:7 na KJV); e sua natureza possivelmente enganosa: , *opsis*, “não Julgue de acordo com aparecimento.” (Jo 7:24); “eles que glória em aparecimento.” (2Co 5:12; compare 1Sm 16:7). Veja também 1 Ts 2:22, o inglês Revised Versão, margem (*e dos* = “visão”).

Revelação

a-per´ing (, *apokalupsis*, “um desvelamento , *epiphaneia*, “uma manifestação”): Exclusivamente técnico, se referindo nas seis passagens onde se acha referencia do retorno, o advento milenário de Cristo (por exemplo 1Pe 1:7, na KJV; 2Tm 1:10; Tt 2:13).

Satisfaça

a-pezh´: “fazer a pessoa a paz.” Esau é satisfeito, i.e. aplacou, ganhou em cima de por meio de presentes (Gn 32:20). Um “lento enfurecer discussão aplacada,” i.e. acaba com isto (Pv 15:18). A Versão Revisada (britânico e americano) mudanças “satisfez” do KJV em At 19:35 em “aquietou” (grego *katastello*, “derrube,” “suprima,” “contenha,” recorrendo a uma comoção popular).

Temor

ap-er-tan´: Só uma vez em Versões inglesas da Bíblia, isto é, em Jr 10:7, , *ya'ah* “isto becometh,” “é decente,” Vulgata *Tuum est enim decus*, “é Thy honram.” Geralmente no senso de “pertencer” (Lv 6:5, “para quem isto appertaineth”); Ne 2:8, “o castelo que appertained para a casa” (LA Tobias 6:12; 1 Esdras 8:95; 1 Mac 10:42). Veja TEMOR 2

Apetite

ap´e-tit (, *hai* , *nephesh*): Esta palavra acontece quatro vezes no texto do Velho Testamento e uma vez no Rei o James margem de Versão. Uma vez (Jô 38:39) isto uma tradução de *hai*, “vida”; duas vezes (Pv 23:2; Ec 6:7; também Is 56:11, a KJV margem de Versão) isto uma tradução de *nephesh*: Pv 23:2, *ba'al nephesh* “um homem dado a appetite”; Ec 6:7, “não está cheio seu appetite.” Em Is 56:11, “forte de *nephesh*” é traduzido “ganancioso.” *Nephesh* originalmente “respiração,” conseqüentemente “a alma,” *psuche*, “o principio vital,” “vida”; então em certas expressões que recorrem ao sustentar de vida as fomes de *nephesh* (Pv 10:3), sedes (Pv 25:25), jejuns (Sl 69:10). *Nephesh* vem significar o assento dos sentidos então, afetos, emoções, e a isto é designado amor, alegria, desejo (compare Dt 12:20; Pv 6:30 a Versão Revisada, margem; Mq 7:1 onde o *nephesh* “desejos”). A idéia de desejo ou appetite do *nephesh* pode incluir todas as formas de desejar; por exemplo luxúria (Jr 2:24; “o desejo dela” é literalmente “o desejo do *nephesh* dela?”), o appetite para vingança (Sl 41:2, “o testamento dos inimigos dele” é literalmente “o *nephesh*,” etc.). O próximo passo é identificar o *nephesh* com seu desejo,

conseqüentemente nos casos sobre nephesh é traduzido “apetite.” No 4º caso (Is 29:8) “o apetite de hath de alma dele” uma tradução livre de *naphsho shokekah*, literalmente “o correr de alma dele para lá e para cá.”

Áfia

af’i-a, ap’fi-a (, *Appha*, caso de dativo de *Apph a*; em Fp 1:2, entretanto *Appha*, *Ampha*, e *App a*, também aconteça): Uma Cristã de Colossos, provavelmente a esposa de Filemon; certamente um sócio da casa dele, cumprimentou como “a irmã” a Versão Revisada, margem. Na igreja grega, 22 de novembro é sagrado à memória dela. Foi suposto, desde que esta epístola interessa exclusivamente uma casa, aquele Áfia era a esposa de Filemon e a mãe ou irmã de Arquipo (que vêem). Ela foi apedrejada a morte com Filemon, Onesimo, e Arquipo no reinado de Nero. (Veja Ágil, Col., 372.)

Apphus

af’us, ap’fus: Um nome dado a Jonatas, o quinto filho de Matatias (, *Apphous*, **LA** 1 Mac 2:5). Todos os irmãos, de acordo com esta passagem, tiveram nomes dobro; É dito que o João tem sido chamado Gaddis; Simão, Thassi; Judas, Macabeu; Eleazar, Avaran; Jonatas, Apphus (**LA** 1 Mac 2:2-5). O posterior provavelmente era os nomes que Matatias deu para os filhos dele, enquanto o anterior foi recebido depois quando eles se tornaram “os líderes das pessoas.” A explicação comum da palavra “Apphus” relaciona isto ao Syriaco , *hoppuS*, “o dissembler”; mas Torrey (artigo “Macabeus,” Enciclopédia Bíblica) pontos fora que nós temos que com que consoante gutural começou nenhum meios de averiguar a palavra, ou que consoante de Semítico o grego *ς*, “s” representa. A forma e significando do nome são, então, ainda ser explicado.

Foro de Api

ap’i-i fo’rum, transliteração de Lat; APPIUS ap’i-nós, MERCADO DE (Revisou Versão) (, *Apptou phoron*): Foro de Appi (*Cicero ad Att.* 2.10; Suetonius *Tib.* 2: Appii Forum; Vulgate Revised Verson: Forum Appi; Horace *Satires* i.5; Pliny, *Nat. Hist.*, iii.64; xiv.61; *CIL*, X, 6824), ou Mercado de Appius, era uma cidade situada ao terceiro marco miliário na Estrada de Apia (39 1/2 milhas inglesas de Roma, a viagem de um único dia para viajantes enérgicos) de acordo com os itinerários imperiais (Antig. 108; Hierosol. 611; Geog. Rav. 4.34). Sua existência provavelmente datas do tempo de Appius Claudius Caecus (Sebo. Tib. 2; compare Mommsen, *Röm. Forsch*, I, 308), que dispôs a rodovia famosa de Roma para Capua em 312 a.C. No 1º século teve o grau de uma municipalidade (Plínio, iii.64). Sua importância como uma estação de rodovia é principalmente devida ao canal que correu pelo lado da estrada de lá para dentro de uma distância curta de Tarracina (ao sessenta-segundo marco miliário), dispondo um meio de transporte alternativo (Strabo v.3.6). Era habitual para cobrir esta seção da viagem, enquanto atravessando os Pântanos de Pontine, de noite em barcos de canal puxados por mulas. Horacio (*Sat.* i.5) oferece um quadro vivo dos desconfortos da viagem, enquanto mencionando a hospedaria dos guardiães inoportunos e água bebendo intolerável a Foro de Api, os mosquitos e rãs que eram os inimigos para repousar, e a procrastinação irritante do muleteer.

Os irmãos Cristãos em Roma saíram ao longo da Estrada de Apia para dar boas-vindas ao apóstolo Paulo ao ouvir falar da chegada dele a Puteoli. Uma festa o esperou em três Tavernas enquanto outro procedeu até onde Foro de Api At 28:15).

Maçã; Macieira

ap’l ap’l tre, (, *tappu^ah*): Uma fruteira e fruta mencionou principalmente em Hipocrisia, relativo à verdadeira natureza do qual houve muita disputa.

Ct 2:3 diz: “Como a macieira entre as árvores da madeira, assim é meu amado entre os filhos. Eu sentei debaixo da sombra dele com grande delícia”; Ct 8:5: “Debaixo da macieira te despertei; ali esteve tua mãe com dores; ali esteve com dores aquela que te deu à luz.” a fruta diz, Ct 2:3: “A fruta dele era doce a meu gosto”; Ct 2:5: “Sustentai-me com passas, confortai-me com maçãs, porque desfaleço de amor”; Ct 7:8: “e o cheiro do teu fôlego (hebreu “nariz”) como maçãs.”

Em todas as anteriores referências a verdadeira maçã, *Pyrus malus*, ternos as condições satisfatoriamente. A macieira dispõe sombra boa, a fruta é doce, o perfume é um favorito muito especial com as pessoas do Leste. Pessoas doentes em delícia de Palestina para segurar uma maçã nas mãos deles, simplesmente para o cheiro. (Compare Noites árabes, “Príncipe Hassan e o Paribanou.”) Mais adiante o árabe para *tuffah* de maçã está sem dúvida idêntico com o hebreu *tappu^ah*. A maçã era bem conhecida, também, antigamente; por exemplo, foi cultivado extensivamente pelos romanos.

A uma objeção séria é que maçãs não alcançam perfeição facilmente na Palestina; o clima é muito seco e quente; mais distante norte no Líbano elas florescem. Ao mesmo tempo é possível exagerar esta objeção, para com enxerto cuidadoso e cultivo podem ser produzidas maçãs sumamente boas nas regiões montesas. Macieiras precisam de cuidado especial e renovação dos enxertos lá, mas não há nenhuma impossibilidade que na hora da escritura de Canticos os jardineiros qualificados deveriam ter podido produzir docemente e maçãs perfumadas na Palestina. Pequeno mas muito docemente e maçãs fragrantas são agora crescidas em Gaza. Maçãs boas são agora abundantes no mercado de Jerusalém, mas eles são principalmente importações do Norte.

Por causa da anterior dificuldade três outras frutas foram sugeridas por vários escritores. Foram apresentados dois indubitavelmente com uma visão para Pv 25:11: “Como maçãs de ouro em salvas de prata, assim é a palavra dita a seu tempo,” mas a referência pareceria ser a algum trabalho de filigrana de prata certamente ornamentado com ouro modelou para se parecer fruta em lugar de para qualquer fruta atual. A cidra e o abricó (Tristram) foram sugeridos ambos como o verdadeiro *tappu^ah*. O anterior que um nativo da Pérsia, não pareça ter sido introduzido bem na Palestina até na era cristã e o abricó, entretanto substituto atraente para a maçã e hoje um do mais bonito e produtivo de fruteiras, quase não pode ter sido estabelecido na Palestina na hora das referências bíblicas. É um nativo da China e é dito que tem começado a achar seu modo para o oeste no tempo de Alexandre o Grande.

O terceira das frutas é o marmelo, *Cydonia vulgaris* (Ordem Natural Rosaceae), e isto teve reivindicações mais sérias. Floresce na Palestina e foi muito tempo lá indígena. Realmente é provável que até mesmo se *tappu^ah* um nome era para maçã, incluiu originalmente

também o marmelo próximo aliado. A maior dificuldade é seu gosto severo e amargo. Mais adiante o Mishna distingue o *tappu^h* do marmelo que é chamado *pansh*, e da maçã de caranguejo ou *hazor* (Köhler em Enciclopédia judia, II, 23). O marmelo junto com a maçã era consagrado a Afrodite, a deusa do amor.

Em geral lá não pareça ser qualquer razão suficiente por rejeitar a tradução da KJV e a Versão Revisada (britânico e americano); as referências Bíblicas vestem isto; a identidade do favor de palavras hebraicas e árabes isto e não há nenhuma objeção insuperável em chãos científicos.

O palavra *tappu^h* aparece em dois nomes de lugar, BETE-TAPUA e TAPUA (o qual vêem).

Menina do Olho

ap'li:O globo ocular, ou globo do olho, com aluno em centro, chamou “maçã” de sua redonda forma. Seu grande valor e proteção cuidadosa pelas pálpebras que fecham automaticamente quando há o menos possibilidade de perigo fez isto o emblema do que era muito precioso e ciosamente protegido. As condições hebréias para isto eram, *ishon*, diminuto de *ish*, “o homem,” pequeno homem, se referindo talvez especialmente ao aluno, provavelmente de “a pequena imagem a pessoa vê dele quando olhando em outro o aluno” (o Léxico de Davies). “Ele o manteve (o Israel) como a menina do olho dele” (Dt 32:10); “me Mantenha como a menina do olho,” literalmente, (Sl 17:8). “Mantenha minha lei (a Versão Revisada, margem “ensinando”) como a menina de olho” (Sl 7:2). Compare Pv 7:9 onde é usado para denotar o que é o centro (o americano Revisou Versão, “no meio da noite”; o inglês Revised Versão “em, a negridão de noite”; margem “o aluno hebreu (do olho)”; *babhah* talvez um “abrindo,” “portão”; outros consideram isto como uma palavra de mimetic consangüíneo para pupa latina, pupilla (Zc 2:8); *bath- 'ayin*, “a filha do olho”; (Lm 2:18) que meios, qualquer um “não durma,” ou “deixe de não lamentar **qn**, *kore*, “a menina jovem,” “o aluno do olho”: “Ele (o Deus) manterá as ações boas (a Versão Revisada (britânico e americano) “generosidade”) de um homem como a menina do olho” (Ecclesiasticus 17:22); a Septuaginta também tem *kore* em todos os exemplos excluem Lm 2:18 onde tem *thugater*, “a filha.”

Maçãs de Sodoma

sod'um:Josefo (BJ, IV, viii, 4) diz que “os rastros (ou sombras) das cinco cidades (da planície) ainda será visto, como também as cinzas que crescem nas frutas deles como as quais frutas têm uma cor se eles fossem ajustados para ser comidos; mas se você os arranca com suas mãos que eles dissolvem em fumaça e cinzas.” isso que isto “fruta de Mar Morta” é, é incerto. O nome “maçãs de Mar Mortas” é dado freqüentemente à fruta do *Solanum Sodomaeum* “um arbusto espinhoso com fruta não distinto um tomate amarelo pequeno.” Cheyne pensa que as frutas se referiram para por Josefo (compare Tacito Hist. v.37) pode ser qualquer um (1) esses *osher*- árvore (*usar*, *Calotropis procera*, descrito por Hasselquist (Viaja, 1766)), ache em abundância sobre Jerico e se aproxima o Mar Morto que está cheio com pó quando eles foram atacados por um inseto, enquanto só deixando a pele inteiro, e de uma cor bonita. Tristram descreve a fruta como sendo “tão grande quanto uma maçã de tamanho comum, de uma cor amarela luminosa, se apoiando três ou quatro perto do talo”; ou como sugerido por Tristram (2) esses do colocynth selvagem; a fruta é justa de aspecto com uma polpa que seca em um pó amargo (EB, artigo “Sodoma,” col. 4669, note 2). Este é suposto que colocynth é o “videira selvagem” mencionou 2Rs 4:39. O “videira de Sodoma”

de Dt 32:32 foi suposto que agüenta o “fruta de Mar Morta”; mas a maioria dos escritores modernos considera a passagem figurativo.

Aplique

a-pli':Puramente um termo do Velho Testamento que representa cinco originais hebreus que significam respectivamente, “entrar,” “inclinar,” “dar,” “andar,” “pôr ou colocar,” em cada exemplo falado do coração em sua atitude com sabedoria (Sl 90:12 na KJV); instrução (Pv 23:12); entendendo (Pv 2:2); conhecimento (Pv 22:17).

Designe

a-point':Esta palavra quase é usada para a expressão de uma variedade grande de idéias e a tradução de como muitas palavras.

, *nakabh* = “estipule” (Gn 30:28). , *pakadh* = “nomear” (Gn 41:34; Nm 1:50; Et 2:3); “selecione” (Jr 51:27); “ponha em custo” (Jr 49:19; Jr 50:44); “nomeie” (Nm 4:27; Jr 15:3); “envie” (Lv 26:16); “designie,” “selecione” (Ex 21:13; Nm 4:19; 2Sm 7:10; Is 61:3); “único fora” (1Sm 8:11, 12; Os 1:11. , *nathan*= “designie,” “selecione” (Nm 35:6 na KJV; Js 20:2 na KJV; Ez 45:6); “fixe aparte” (Ex 30:16). , *shth* = “designie,” “selecione” (Jô 14:13; Is 26:1). Tão também , *'amadh* (1Cr 15:16; Ne 7:3); assim , *shalah* (1Rs 5:9); , *karah* (Nm 35:11). , *cawah* = “escolha” (2Sa_6:21). , *bahar* = “selecione” (2Sm 15:15 na KJV). , *amar* = “comando” (1Rs 5:6 na KJV). , *nthemí* = “designie,” “selecione” (Mt 24:51; Lc 12:46). Uma leitura cuidadosa das anteriores passagens trará para prestar atenção à doutrina que com referência para o trabalho do mundo, o próprio Deus chama os homens em serviço, enquanto os selecionando de entre a multidão e os pondo de lado para os propósitos especiais dele; e que Ele não só chama à ajuda dele os homens mas também eventos e forças de Natureza (Lv 26:16).

Temer,Tema

ap-re-hend': Acontece no Novo Testamento em dois significados: "prender" (, *piazo*; At 12:4; 2Co 11:32 a Versão Revisada (britânico e americano), "leve"); e "agarrar," "aperto," "leve na posse da pessoa," "atinja," "indague avidamente" , *katalambano*, o Padrão americano Revisou Versão "pôs cabo em," "pôs cabo rápido de," Fp 3:12, 13; 18). Em Jo 1:5, "A escuridão não temeu isto," a Versão Revisada, margem dá "não superou." Veja COMPREENDA.

608- Aprove

a-proov': Esta palavra, como normalmente usado, meios "entreter uma opinião favorável que interessa" (Sl 49:13; Lm 3:36). Seu uso Bíblico e arcaico carrega um significado muito mais forte e é equivalente a seu uso em formalidades legais de hoje, "aprovar uma conta," i.e. por algum ato, geralmente uma assinatura, expressar aprovação. No Novo Testamento, várias vezes, para *dokimazo* gergo "testar, tente, faça à prova de de," e seu derivado, do?kimos, "testou," "tentou." A palavra vai, em quase toda facilidade, insinua que a prova é demonstrado, o provou também é aprovado, da mesma maneira que em inglês nós falamos de "os homens experimentados" (Trench, *Greek Synonyms of New Testament*). Isto a palavra é a maioria freqüentemente usado para a prova de minérios. Que que não está de pé o teste é *adokimos*, "réprobo." Compare Jr 6:30 na KJV: "prata réproba." Que que está de pé o teste é *dokimos*, "aprovado." "Saudação Apelles o aprovado em Cristo" (Rm 16:10); "eles isso é aprovado" (1Co 11:19); "thysself Presente aprovaram até Deus" (2Tm 2:15); quando ele hath sido "aprovado" (Tg 1:12). Veja também Rm 14:18, 22; 1Ts 2:4.

Avental

a'prun: Só aparece em Gn 3:7 e At 19:12 Versões inglesas. (Na- inglês prun, "guardanapo." O "n" foi derrubado devido a falsa divisão do artigo um do substantivo; assim "um napron" se tornou "um avental." Em Gn 3:7 é usado para traduzir uma palavra hebreia feita "cintas" em margem de Versão Revisada: "E eles coseram folhas figo junto e se fizeram aventais." Em At 19:12 , *simiknithia*, postos para *semicinctia* que realmente é um palavra significado latino "meio cinta," i.e. andamento de cintas só meio redondo o corpo e cobrindo a frente da pessoa: "Até lençóis do corpo dele (Paulo) (*soudaria*, fez "guardanapos" Lc 19:20; Jo 11:44; Jo 20:7) ou aventais." A palavra denota aqui, provavelmente, o avental de um trabalhador, talvez esses do próprio Paulo; embora pareça mais natural supor que as pessoas trouxeram os próprios "lençóis" ou "aventais" deles para Paulo afiançar o efeito milagroso desejado. De qualquer modo, os artigos de vestuário eram como poderia ser removido facilmente e poderia ser levado de um lado para outro. (Veja Rich, Dict. de romano e Antiguidade grega, debaixo da palavra, para illust.; também o Léxico de Papa, debaixo da palavra).

Hábil

(Literalmente, "provido"): Aplicado e distinguido para prontidão conhecendo demandas de alguma situação especial, ou emergência. Para isto, não há nenhuma palavra Bíblica específica no Velho Testamento ou Novo Testamento. Sempre acontece nas traduções inglesas em paráfrases, como "hábil para a guerra" (2Rs 24:16), "hábil ensinar," grego "*didaktikos*" (1Tm 3:2; 2Tm 2:24).

Aqueduto

ak'we-dukt. Veja CISTERNA.

Aquila

ak'wi-la (, *Akulas*), "uma águia"): são apresentados Aquila e o esposa Priscilla dele, a forma diminuta de Prisca, na narrativa dos Atos pela relação deles para Paulo. Ele os conhece primeiro em Corinto (At 18:2). Aquila era um nativo de Ponto, indubitavelmente um da colônia de judeus mencionada em At 2:9; 1Pe 1:1. Eles eram os refugiados do édito cruel e injusto de Claudio que expeliu todos os judeus de Roma em 52 d.C. O decreto, Suetonius diz, foi emitido por causa de tumultos elevados pelos judeus, e ele especialmente menciona um Chrestus (Suetonius Claud. 25). desde a palavra Christus poderia ser confundido facilmente por ele para se referir algum individual cujo nome era Chrestus e que era um agitador, enquanto resultando nestes desordens, foi concluído que os judeus fanáticos estavam perseguindo os irmãos Cristãos deles então e perturbações resultaram. A causa da dificuldade não interessou Claudio, e assim sem fazer investigação, foram expelidos todos os judeus. A conjectura que Aquila era um liberto e que o mestre dele tinha sido Aquila Pontius, o senador romano, e que dele recebeu ele que o nome dele está sem fundação. Ele teve um nome hebreu indubitavelmente, mas não é conhecido. Era um costume comum para judeus fora da Palestina levar nomes romanos, e há pouco é que este homem faz, e está por aquele nome nós o conhecemos. Dirigido de Roma, Aquila buscou refúgio em Corinto onde Paulo, na segunda viagem missionária dele, o conhece porque eles têm o mesmo comércio: o de barracas de fabricação de pano da Cilícia (At 18:3). A conta dada dele não justifica a conclusão que ele e a esposa dele já eram as cristãs quando Paulo os conheceu. Se isso tivesse sido o caso que Lucas quase teria dito certamente assim, especialmente se fosse verdade que Paulo os procurou naquela conta. Julgando da atividade famosa deles no trabalho Cristão eles teriam juntado uma pequena faixa de inquirers ou possivelmente convertido, embora eles tivessem estado lá para mas, pouco tempo. É mais em harmonia com a conta concluir aquele Paulo os conheceu como pessoas da mesma categoria de comércio, e que ele aproveitou a oportunidade de orar o Cristo a eles como labutaram eles. Pode haver nenhuma dúvida que Paulo usaria estes dias para os conduzir no reino e os instruir nisso, de forma que posteriormente eles seria capaz de professores de ser eles (At 18:26). Não só eles se tornaram os cristãos, mas eles também ficaram os amigos rápidos e dedicados de Paulo, e ele reciprocou o afeto deles completamente para ele (Rm 16:3,4). Eles o acompanharam quando ele deixou Corinto para ir para Éfeso e permaneceu lá enquanto ele entrou na viagem dele na Síria. Quando ele, escreveu a primeira carta para a igreja em Corinto que eles ainda estavam a Éfeso, e a casa deles havia usado como um lugar de assembléia Cristã (1Co 16:19). O decreto de Claudio só excluiu temporariamente os judeus de Roma, e tão posteriormente Paulo é achado lá, e a necessidade dele de amigos e o afeto deles para ele levou indubitavelmente também os a ir para aquela cidade (Rm 16:3). Na hora da escritura da segunda carta de Paulo à Timóteo eles removeram novamente a Éfeso, possivelmente enviado lá por Paulo dar ajuda para, e mais adiante o trabalho naquela cidade (2Tm 4:19). Enquanto nada mais é conhecido deles não pode haver nenhuma dúvida que eles permaneceram os amigos dedicados de Paulo ao fim.

O fato que o nome de Priscila é mencionado várias vezes antes disso do marido dela estimulou várias conjecturas. A melhor explicação parece ser que ela era o caráter mais forte.

Ar; Ar de Moabe

ar, mo'ab (, 'ar, , 'ar-mo'abh; , Er; , Aroer or , Seet): A cidade de Ar é nomeada em um agarramento de canção antiga (Nm 21:15), literalmente “o local de Ar.” é idêntico com “Ar de Moabe” (Nm 21:28; Is 15:1). Isto provavelmente é o lugar chamado a Cidade de Moabe em Nm 22:36 onde o hebraico é *ir mo'abh*. Provavelmente é pretendido também por “a cidade que está no meio do vale” (Dt 2:36; Js 13:9, 16; 2Sm 24:5). Se deita “na borda do Arnon que está na parte extrema da borda” (Nm 22:36). Uma possível identificação poderia ser a ruína notada por Burckhardt, no chão do vale, em um pedaço de pasto debaixo da confluência do *Lejjun* e o *Mojib*. Buhl pensa porém que não uma cidade mas um distrito de Moabita em algum lugar na região sul do Arnon pode ser pretendido (ABERTURA, 269).

Ara

a'ra (, 'ara), significado desconhecido): Um filho de Jeter da tribo de Aser (1Cr 7:38).

Arabe

a'rab (, 'arab, “emboscada”): Uma cidade no país de Judá perto de uma colina, provavelmente o local das ruínas Er-Rabiyeh Sul de Hebrom (Js 15:52).

Arabá

ar'a-ba, a-ra'ba , *ha-'arabiah* “o Arabah”): Esta palavra indica um distrito estéril em geral uma planície, mas especificamente é aplicado em todo ou em parte para a depressão do vale Jordão, estendendo-se do Monte Hermon para o Golfo de Acaba. Na KJV só é transliterado uma vez (Js 18:18) descrevendo a borda de Benjamim. Em outro lugar é feito “planície.” Mas na Versão Revisada (britânico e americano) é transliterado em todos lugares. Sul do Mar Morto o nome ainda é retido em Wady el-Arabah. Em Dt 1:1; Dt 2:8 (KJV “planície”) a porção sulista se refere; em Dt 3:17; Dt 4:49; Js 3:16; Js 11:2; Js 12:3 e 2Rs 14:25 o nome está próximo conectado com o Mar Morto e o Mar de Quinerete (Genesare). As insinuações para Arabá em Dt 11:30; Js 8:14; Js 12:1; Js 18:18; 2Sm 2:29; 2Sm 4:7; 2Rs 25:4; Jr 39:4; Jr 52:7 indicam que a palavra era geralmente usada em seu senso mais estendido, enquanto em Js 11:16, e Js 12:8 que é representado como um das grandes divisões naturais do país.

A porção sul que ainda retém o nome de Arabá é incluída no deserto de Zim (Nm 34:3). De acordo com a pesquisa de Lord Kitchener e George Armstrong feita em 1883, debaixo dos patrocínios da Palestina Exploração Fundo, seu comprimento da cabeça do Golfo de Acaba para o Mar Morto é 112 milhas. O mais baixo ponto da bacia é 45 milhas de Acaba, e 660 pés sobre maré (1,952 sobre o Mar Morto). A largura comum do vale até este ponto é aproximadamente 6 milhas, mas aqui umas séries de baixos cumes de pedra calcária (chamou Er Risheh) subindo 150 pés obliquamente sobre as corridas claras por isto para uma distância de 10 milhas, estreitando isto até uma amplitude de cerca de um-meia milha. Norte deste ponto, Monte oposto Hor, o vale alarga fora para 13 milhas e então gradualmente estreita a 6 milhas ao sul fim do Mar Morto. A Ain Abu Werideh, 29 milhas norte da bacia, o vale está ao mar-nível - 1,292 pés sobre o do Mar Morto. Norte da bacia, a linha principal de drenagem é o Wady el-Jeib, que mantém bonito em todos lugares perto do lado ocidental do vale. A Ain Abu Werideh é unido por numeroso wadies que desce das montanhas de Edom no leste que completamente um oásis de água de extensão considerável, coberto com uma moita de palmas jovens, tamariscos, salgueiros e canas, 24 milhas mais distante norte as fraturas de Arabá abaixo de repente no vale do Mar Morto, ou Ghôr, como é chamado tecnicamente. O relatório de Lord Kitchener está aqui tão vívido sobre merecedor de reprodução literal. “A descida para o Ghôr estava abaixo um declive arenoso de 300 pés, e a mudança de clima era a maioria marcado, do deserto arenoso para massas de vegetação enroscada com fluxos de água que corre em todas as direções, pássaros que tremulam de toda árvore, o país inteiro vivo com vida; em nenhuma parte eu vi tão grande e súbito um contraste” (Monte Seir, 214). A descida aqui relatada estava no lado oriental da linha semicircular de precipícios formado de areia, pedregulho, que incluem Ghôr ao sul, e que provavelmente são como o qual se refere para em Js 15:3 “subida de Acrabim.” A rota ordinária, porém, conduzindo à planície do Arabá do Mar Morto é para cima o cocho usado pelo Wady el-Jeib ao longo do lado ocidental do vale. Mas esta rota buscaria impraticável durante a estação chuvosa os aguaceiros que ocasionalmente visitam esta região, quando torrentes de aguaceiro de água abaixo isto, suficiente rodar pedregulhos de tamanho considerável e transportar uma imensa quantia de sedimento grosso. Sul do Mar Morto uma planície barrenta, conhecido como o Sebkah, estende 6 milhas, enquanto enchendo sobre um-meia da largura de Ghôr. Durante a maioria do ano a lama em cima desta área está tão magra e profundamente que é impossível cruzar isto próximo seu fim do norte. Esta área inteira entre o “subida de Acrabim” e o Mar Morto foi transformado evidentemente grandemente pelos depósitos sedimentares que foram trazidos pelo numeroso wadies tributário durante os últimos 4000 anos, o material mais grosso que tem invadido nisto de qualquer apóie, e o material bom tido sido depositado em cima da porção mediana, enquanto fornecendo o barro que está envergonhando assim a viajantes. (Para considerações adicionais neste ponto veja MAR MORTO; CIDADES DA PLANÍCIE.)

1. Geologia da Região

O Arabá em sua extensão inteira ocupa uma porção da grande falta geológica ou crevasse na crosta da terra que estende para o sul de Antioquia perto da boca do Orontes entre o Líbano e as Montanhas de Anti-Líbano para o vale do Jordão e o Mar Morto, e para a frente para o Golfo de Acaba, de onde pode ser localizado com probabilidade considerável pelo Mar Vermelho e os lagos interiores da África. A porção mais notável deste crevasse fenomenal é que se estende das Águas de Merom às fontes de Ain Abu Werideh; para por esta distância inteira o Arabá está abaixo do nível do mar, a depressão no Mar Morto que é aproximadamente 1292 pés. Veja MAR MORTO.

Ao longo da distância inteira das Águas de Merom para a bacia, 45 milhas de Acaba, o lado ocidental do Arabá é limitado por estratos de Cretáceo (giz) pedra calcária que sobe bem continuamente a uma altura de de 2000 a 3000 pés sobre o nível mar, nenhuma pedra mais velha que se aparece naquele lado. Mas no lado oriental arenitos mais velhos (Nubian e abaixo Carbonífero) e granitic balança, borda a planície, enquanto apoiando, porém, a uma altura de 2000 ou 3000 pés, pedras calcárias Cretáceo que corresponde a esses que descem ao nível do desfiladeiro no lado ocidental. Ao longo desta distância inteira, então, os estratos deslizaram abaixo no lado ocidental ou subiram no lado oriental, ou houve um movimento em ambas as direções. A origem deste crevasse data da parte posterior do Cretáceo ou a parte cedo do período Terciário.

Mas em tempos de pos terciário um lago se expandido encheu a região, enquanto estendendo das Águas de Merom a Ain Abu Werideh, uma distância de cerca de 200 milhas, que sobe a uma elevação de cerca de 1400 pés sobre o nível presente do Mar Morto, mas não suficientemente alto ou afiançar conexão com o oceano pelo próprio Arabá ou pelo vale de Esdrelon. Este corpo de água era, em média, 30 milhas largura e em cima da parte do norte do Mar Morto teve uma profundidade extrema de 2700 pés. A evidência mais distinta da existência desta amplificação do lago será achada a Ain Abu Werideh onde Descasca relatórios “bancos de materiais horizontalmente estratificados... às vezes de material grosso, como pedregulho; outros tempos que consistem em areia boa, loam, ou marmore branco, com estratificação muito plana, e contendo conchas de semi-fóssil branqueadas de pelo menos dois tipos de univalves que Professor Haddon determinou para ser tuberculata de Melania Müll, e Melanopsis Saulcyi, Bourg” (Monte Seir, 99, 100). Estas são conchas que são achadas agora, de acordo com Tristram, em grandes números em condição de semi-fóssil no mar deposita do Mar Morto, e são achados ambos estes gêneros nas camas fluvio-marinhas formadas na água salgada ou salgada da Ilha de Wight. A existência das conchas indica até que ponto foram diluídas as águas salinas do Mar Morto naquele momento. Porém, deveria ser somado que espécies um pouco semelhante ainda exista as bordas do Mar Morto ao redor em lagunas onde é entrosada água fresca em quantidades grandes com isso do Mar Morto. Isto é especialmente verdade em remoinhos perto da boca do Jordão. (Veja Merrill, Leste do Jordão.) Huntington em 1909 confirma o fato que estas linhas de costa de alto-nível são achadas em ambos os lados do Mar Morto, entretanto por alguma razão o não foi localizado mais distante norte.

Especialmente ao que é 650 pés sobre o Mar Morto, a mais baixos níveis, há, porém, um terraço muito persistente de pedregulho, areia e barro que marcam uma linha de costa todo o modo do fim sul do Mar Morto para Lago a Galiléia. Isto pode ser visto corrente para cima em todo o wadies em qualquer lado, sendo oposto muito proeminente as bocas deles, mas muito corroeu seu testemunho desde então. Nas costas do lago entre o wadies a linha é marcada por uma acumulação leve de material grosso. Debaxo do 650-pé linha há várias outras praias secundárias que marcam períodos quando as águas baixando eram pouco tempo para estacionário.

Este período de amplificação das águas no Arabá é agora, com razão abundante, correlatou com a época Glacial cuja foi distribuída assim geralmente influência em cima do hemisfério do norte em tempos de pos terciário cedo. Porém, não havia nenhuma geleira viva dentro dos limites do Vale de Arabá - Monte Hermon que não é suficientemente grande para apoiar qualquer gelo extenso. A mais perto de geleira de qualquer extensão estava no lado ocidental das Montanhas de Libano, 40 para 50 milhas norte de Beirût onde de acordo com minhas próprias observações a pessoa desceu do ápice das montanhas (10000 pés alto) 12 milhas abaixo o vale do Rio de Kadesha para uns 5500 pés nivelados sobre o mar onde construiu um imenso terminal de várias milhas pelo vale, e 5 milhas para cima isto de sua frente em qual está cultivando o célebre arvoredo dos Cedros do Libano. (Veja Registros do Passado, Ê, séries V, 195-204.) A existência, porém, tinha sido notável por Senhor Joseph Hooker quarenta anos antes. (Veja Nat. Hist. Acelere, janeiro, 1862.) Mas enquanto não havia nenhuma geleira no próprio Vale de Arabá, lá, que como em outro lugar, condições semi-glaciais estenderam além dos limites glaciais uma distância considerável nas mais baixas latitudes, afiançando a precipitação aumentada e a evaporação diminuída que responderiam pela amplificação dos corpos de água que ocupa bacias inclusas ao alcance destas influências. A bacia de Grande Lago Salgado em Utah apresenta condições quase precisamente como esses do Arabá, como faz o Caspio e mares de Aral, e lagos Urumia, Van, e vários outros na Ásia central. Durante a época Glacial subiu o nível de água de Grande Lago Salgado mais que 1000 pés mais alto que agora e dez vezes cobertas sua área presente. Ao mesmo tempo o Mar de Aral descarregou no Mar de Caspio por uma saída tão grande quanto Niágara. Quando as condições da época Glacial faleceram a evaporação prevalecida novamente, até as áreas de água destas bacias inclusas foi reduzido às dimensões existentes e o equilíbrio presente era estabelecido entre a precipitação e a evaporação.

Enquanto é suscetível de prova que o fim desta época era geologica recente, provavelmente não mais de 10000 anos atrás (veja o Wright, Idade do Gelo em Norte América, 5ª edição, xx),the de capítulo condições presentes tinham sido estabelecidas aproximadamente longo antes do tempo de Abraão e o desenvolvimento de civilização na Babilônia e Egito.

Leste do Arabá entre o Mar Morto e Acaba numerosos cumes monteses sobem à altura de mais de 4000 pés sobre nível de maré, os sendo mais altos Montam Hor, entretanto atrás disto há uma gama de pedra calcária que alcança 5000 pés. Esta região montanhosa contém numerosas áreas férteis e fornece por seu numeroso wadies uma quantia considerável de água favorecer vegetação. O chão de pedra calcária do Arabá sul do Mar Morto está profundamente coberto com areia e embaraça, lavou dentro das áreas de granito do leste. Isto grandemente favorece a acumulação de sedimento às bocas do wadies que esvazia no fim sul do Ghôr.

2. História

No momento o governo egípcio mantém um forte e abriga a Acaba, mas sua autoridade não estende no interior. Porém, o Arabá tem de tempo imemorial forneceu uma rota de caravana entre a Arábia do norte e a Península de Sinaitica. Era isto que apoiou o grande empório de Petra. Os Israelitas atravessaram sua porção sulista ambos no modo deles de Horebe para Cades-Barnea e no retorno deles, quando o rei de Edom recusou passagem pela terra dele (Nm 20:21; Dt 2:3). Esta oposição os compeliu virar para cima o Wady proibitivo el-Ithem que abre no Arabá alguns milhas norte de Acaba e dianteiras para o Peregrino dirija entre Damasco e Meca. Os terrores desta passagem se referem para em Nm 21:4 onde é dito “a alma das pessoas estava muito desanimada por causa do modo.” Ao redor do próprio Acaba há ainda arvoredos de palmas, a existência de qual, na hora do Êxodo, é indicado pelo nome Elate (Dt 2:8), “um arvoredo de árvores.”

Literatura

Burchkhardt, Viaja na Síria e a Terra santa, 1822; De Laborde, Navegue en Orientam, 1828; Descasque, Monte Seir, Sinai, e a Palestina Ocidental, 1889; “O Geol Físico. e Geog. de Arábia Petrea,” etc., em PEF, 1886; Lartet, Navegue la de de de d'exploration Mer Morte, t. 3me, 1880; Robinson, BR, 1855; O Stanley, Sinai e Pal5, 1860; Blankenkorn, “Entstehung u. Gesch. des Todten Meeres,” em ZDPV, 1896; Ritter, “Comp. Geog. de Palestina e a Península de Sinaitic,” 1866, tradução por Wm. Desafio de L.; Huntington, a Palestina e Sua Transformação, 1911.

Arábia

a-ra'bi-a (, 'arabh, , Arabta):

I. Nome e Situação

1. Nome
2. Situação e Configuração
- II. Características físicas
 1. O Deserto
 2. Clima
 3. Montanhas
 4. Rios
 5. Oásis e Poços
- III. Divisões políticas
 1. Divisões antigas
 2. Divisões modernas
 3. Situação política
 4. Cidades principais
- IV. Flora e Fauna
 1. Flora
 2. Fauna
- V. Habitantes
 1. Classificação
 2. Tribos extintas
 3. Tribos Sul árabes
 4. Migração de Tribos
 5. Tribos árabes do norte
 6. Outras Tribos
 7. Elementos estrangeiros
- VI. Religião
 1. Monoteísmo
 2. A Ka'bah, Peregrinações e Feiras
 3. O Judaísmo
 4. Cristianismo
 5. Sabianismo
 6. Verdade investigadora depois de: Islã

Literatura

I. Nome e Situação

1. Nome

A palavra hebréia *arabh* sempre denota, no sentido exato, não o país, mas as pessoas da Arábia levadas coletivamente, e especialmente os árabes nômades. O nome do país não acontece no Velho Testamento, mas no Novo Testamento é usado para denotar o deserto sírio ou a península do Sinai.

2. Situação e Configuração

Cercada como está em três lados pelo mar - pelo Oceano Índico no sul, e suas duas filiais, o Mar Vermelho no oeste e o Golfo Persa no leste - e no quarto lado pelo deserto de Síria, o país da Arábia é a todas as intenções e propósitos uma ilha; e é nomeado por seus habitantes e por esses que falam o idioma deles "a Ilha dos árabes." Em configuração o país é asperamente da forma de um paralelogramo, aproximadamente 1000 milhas em comprimento através de 500 ou 600 milhas largo. Este paralelogramo não é de altitude uniforme, mas o geralmente até mesmo superfície é inclinada a um canto de tal modo que o ponto mais do sul contém montanhas que sobem a 10000 pés em altura, ainda o canto Nordeste quase está em um nível com o mar. As altitudes das porções intervenientes estão em proporção à situação deles com respeito a este extremos. Assim as montanhas do Sudeste encurralam uma altitude de de 5000 a 6000 pés, esses do Noroeste de 4000 ou 5000, considerando que esses que são situado perto do meio da elevação de costa Ocidental para 8000 pés, e o planalto que forma o do norte a metade do interior da península está entre 3000 e 4000 pés sobre nível do mar. Por causa desta configuração a bacia principal das corridas rurais paralelo à costa Ocidental a uma distância de entre 50 e 100 milhas do mar, com uma bacia subsidiária que corre junto o sul; e as saídas principais para a corrida de drenagem em uma direção Nordeste. O todo de extensões de Arábia de aproximadamente 13 graus para aproximadamente 36 nortes de graus do equador, e mente entre 33 graus e 60 leste de graus de Greenwich. Sua área é aproximadamente oito vezes isso das Ilhas britânicas, ou quase 1.000.000 milhas quadradas.

II. Características físicas

1. O Deserto

Embora a Arábia é considerada por geógrafos como parte do continente de Ásia, pertence em quase todo respeito para a África. O grande tamanho do país é deserto, de areia boa na parte sulista, mas consistindo em areia grossa (*o nefud*), pedregulho e pederneiras no norte. É na realidade um broto do grande Saara africano. Do sulista meio pouco é conhecido, e nunca foi cruzado pelo pé de europeu. O do norte foi atravessado em muitas direções; tem numerosa caravana dirige, e algumas cidades importantes são situadas no coração disto. Fantasia árabe não tem povos no deserto com criaturas estranhas de tipo de humano (compare Is 13:21; Is 34:14), e fantasia esteve justificada pelos fenômenos comuns da miragem e o Fata Morgana (Is 35:7; Is 49:10). Para a visão aguda do nômade o calor de deserto ardendo é visível como uma multa leve (Is 18:4). Talvez este é o significado de *sharabh* em Is 35:7; Is 49:10 também. Porém, é bastante

certo que o todo de Arábia e especialmente as bordas do norte no bairro da península de Sinai e para o leste para o sul de Palestina e o país de Edom, era uma vez muito melhor molhado que eles estão ao dia presente. Por séculos um processo constante de desiccation tem ido em. Realmente, pessoas que vivem agora podem se lembrar da existência de poços uma ou duas gerações atrás, onde agora não há nenhum. Segue que este distrito deve ter apoiado antigamente um muito população maior que faz no momento.

2. Clima

Será óbvio que o clima da Arábia grandemente tem que variar em suas partes diferentes, a temperatura e chuva que não dependem tanto em latitude como em longitude, de forma que dentro de alguns milhas co-existem o maior extremes. No ângulo sulista onde as montanhas são mais altas há duas estações chuvosas, um em primavera o outro em outono, de forma que esta província bem merece seu nome Grego de Arábia Felix. Nos alcances mais altos desta província, por exemplo, a seu San'a importante, neve desaba dezembro; enquanto na costa do Mar Vermelho a Loheia, escassamente 100 milhas distante, termômetro raramente cai debaixo de 80 graus. No Mar Vermelho 93 graus são uma leitura comum na sombra em verão, enquanto o calor do Golfo Persa, devido a suas costas íngremes e grande evaporação, é dificilmente sofrível por um europeu. Na província Noroeste em qual é situado as duas cidades sagradas de Meca e Medina a chuva é incerta e leva a forma de chuvas de trovão pesadas que ocasionam inundações freqüentes na cidade anterior, e é, devido ao denudation de arborial do país, de pequeno uso com a finalidade de agricultura ou irrigação. Estes que chuvas de inverno podem começar já em setembro, e em dezembro a mais recente o pasto novo terá coberto o chão. Conseqüentemente a verdadeira primavera na Arábia do norte, ou na Síria, desaba nosso outono, mas não há a distinção de chuva anterior e posterior (compare Os 6:3) que obtém na Palestina. O clima do planalto central do norte é descrito por Palgrave como um do mais saudável no mundo.

3. Montanhas

Como foi indicado acima, a coluna vertebral da península é a gama montesa que corre abaixo seu lado ocidental. Em seu do norte separa é dito que isto é uma extensão da pedra calcária varia do Líbano e Anti-Líbano. Em seu midmost alcança atinge uma elevação de entre 8000 e 9000 pés, e a sua extremidade sulista esparrama fora no planalto de Arábia Felix onde seus cumes mais altos têm uma altitude de até 11000 pés. No canto de Sudeste da península a gama de Jebel para a que corridas de Akhdar comparam que no Oeste, e está conectado com isto ao longo da costa de Sul por uma gama de menos elevação. No interior que o planalto do norte é cruzado através de numerosa montanha irregular varia de comprimento moderado de qual o mais mais mencionou freqüentemente é Jebel Aja e Jebel Selma que enfrentam um ao outro no país de Shammar.

4. Rios

O curso dos rios é determinado pela direção das gamas montesas. Como foi dito a drenagem é principalmente de Oeste a Leste, mas o fato é aquela Arábia quase é uma terra sem rios. O único quarto no qual são achados fluxos perenes é o Arábia Felix, e até certo ponto eles acontecem ao longo da costa de Sul. O resto da península é destituído de rios e lagos. O pula (*seyl*) dos inverno trovão chuvas cortes fora para si mesmo uma cama de torrente (*wadi*), o qual, porém, só pode ser enchido algumas vezes em uma geração, e mesmo assim seca assim que a chuva cesse. O mais importante deste wadis é o Siria Ocidental que corre do Hauran em uma direção de Sudeste para o Jauf (veja DUMAH), o Oeste el-Cora para o Norte de Medina, o Oeste el-Hamth entre Medina e Meca, e o Duweisir Ocidental para o Sul de Meca. Maior que qualquer destes porém é o er-Rumma Ocidental que estende do bairro de Medina à cabeça do Golfo Persa. Nunca foi explorado, e só está cheio com água a intervalos longos.

5. Oásis e Poços

Nestes circunstâncias os árabes têm que buscar a provisão de água deles em outro lugar que nos rios deles. Em muitos lugares a superfície das pias rurais em uma depressão até o nível de água permanente, formando um oásis que palavra provavelmente não é diferente de *wadi* árabe. Os melhor conhecidos destes acontecem em Kheibar e Teima (veja TEMA) para o Norte de Medina, e também a Tabuk para o Noroeste. O Duweisir Ocidental se é praticamente um oásis de um comprimento de três dias viagem. Além destas depressões naturais lá também é pontilhado em cima de todas as partes habitadas de Arábia e ao longo da caravana dirige numerosos poços, estas rotas que seguem o curso *dowadis* naturalmente. Estes poços são abundantes no Sirhan Ocidental, e um número foi afundado por ordem de Zubeida a esposa de Harun al-Rashid, ao longo do modo de Peregrino da Pérsia para Meca; mas o mais famoso de tudo é o bem de Zemzem na própria Cidade Santa. É dito que a água nisto flui, de forma que isto está provavelmente um desses rios subterrâneos que não são incomum na Arábia. Porém, sua água é pesada e salgada e indigestão de causas, e a mais doce água alcançável em Meca por beber propósitos foi trazido originalmente por Zubeida de uma fonte uns 15 milhas distante. A mais pura água de tudo é que que colecciona depois de chuva nos buracos do numeroso outcrops de lava que acontece a intervalos freqüentes e em grandes massas ao longo das gamas montesas ocidentais. Uma mancha onde lava predomina é chamada um harrah (do verbo árabe "estar quente"), e vários destas regiões vulcânicas ainda mostre sinais de atividade.

III. Divisões políticas

1. Divisões antigas

A península da Arábia foi dividida pelos geógrafos antigos em três partes: Arábia Petrea, Arábia Deserta e Arábia Felix. O primeiro destes nomes que são achados em meios Ptolomeus, não a Arábia o Rochoso, mas aquela parte de Arábia em qual é situado a cidade de Petra (veja SELA), e também inclui a península do Sinai. É idêntico com o deserto do Wanderings. Arábia Deserta é uma tradução do grego *Arabia eremos* de Strabo (aproximadamente 24 d.C). Denota o norte extremo do continente da Arábia que é empurrada dentro como uma cunha entre as terras férteis que escoam no Eufrates no Leste e no vale Jordão no Oeste. É assim equivalente ao Deserto sirio. O terceiro termo, Arábia Felix, também é uma tradução do grego - *Arabia eudatmon* - o qual é novamente uma tradução, ou bastante um mistranslatação do El-Iêmen árabe. Este último nome denota o país à mão direita, i.e. o S, da mesma maneira que o Es-Shem árabe (a Siria) meios o país à esquerda mão, ou para o Norte El-Iêmen, porém, foi interpretado como equivalente para El-Eyman, o Afortunado ou Feliz, um nome que o distrito verdadeiramente merece.

2. Divisões modernas

Desde então antes do tempo de Maomé (6º século) a Arábia foi dividida em sete ou oito estados tribais ou políticos, os limites de qual é definido a maior parte claramente intervindo desertos ou áreas despovoadas. O mais importante destes de um ponto de vista religioso é o *Hijaz* como o qual pode ser descrito o do norte a metade da costa ocidental, estirando no interior do Mar Vermelho a uma distância de entre 100 e 200 milhas. O todo da linha da costa, realmente, onde a terra é baixa é chamado o *Tihama*. Isto pode, porém, seja considerado como pertencendo para a terra alta adjacente em baixo da qual mente. *Hijaz* quer dizer "Barreira," e o distrito é chamado assim porque consiste principalmente nas gamas montesas que separam o grande planalto central do norte do *Tihama*. Este último nome está

conectado com uma raiz que significa “ser insalubre.” Se o distrito deu sua origem ao verbo, ou o verbo deu sua denominação ao distrito, o nome é igualmente apropriado. A importância principal do *Hijaz* surge do fato que nisto é situado as duas cidades santas de Meca e Medina - o berço e a sepultura do Profeta. É assim o centro religioso do mundo islâmico. O Iêmen forma o canto sulista da península. É idêntico com Arábia Felix, e suas características físicas foram descritas acima. O *Hijaz* caiu freqüentemente ao soberano de Egito, mas durante os últimos quatro séculos tem, como o Egito, estado sujeito ao Turco. Só está dentro dos últimos cinquenta anos, por outro lado, que o sultão tentou obrigar os direitos soberanos dele no Iêmen. A costa sulista de Arábia geralmente é designada como Hadramaut, embora em exatidão que título só é corretamente aplicável a uma seção disto. O canto oriental de Arábia é levado por *Oman*, um estado que geralmente reivindicou e afiançou uma posição de independência. Isto e os estados sulistas estão agora debaixo da proteção do governo indio. O país adjacente para *Oman* para o Norte a província formou de El-Bahrein (“os Dois Mares”), mas este nome é restringido agora para uma ilha grande ao fim ocidental disto e algumas ilhas menores famoso para a pesca de pérola deles. A província restante de El-Hasa está ocupado através de tribos praticamente independentes. De muitos pontos de vista é a província mais interessante de Arábia o grande planalto central do norte chamado Nejd, quer dizer, “terra alta.” De sua situação é menos suscetível a influência estrangeira. Contém algumas cidades bastante grandes, mas o tamanho de sua população ao vivo, como os pais deles fizeram de tempo imemorial, a vida do Bedawi. Duas províncias pequenas permanecem ser notadas. Entre o Iêmen e o *Hijaz* compreende o distrito de *Asir* que em grande parte se assemelha à província primeiro-nomeada em suas características físicas. Para o Leste de mentiras de Nejd o distrito de *Yemama*, que era o território de uma tribo importante.

3. Situação política

Em geral a situação política na Arábia hoje suporta uma semelhança considerável ao que obteve imediatamente antes da missão de Mohammad. Naquele momento (aproximadamente 600 a.C) as partes Noroestes da península estavam mais ou menos sujeito ao imperador bizantino, enquanto o Leste inteiro e costas de Sul estavam debaixo do balanço de Pérsia. Hoje a costa Ocidental de Arábia está novamente sujeito à Constantinopla, e o Leste e costas de Sul estão debaixo da proteção de um poder oriental - neste caso o governo de Índia.

4. Cidades principais

As cidades principais da Arábia e os outros centros de população devem a existência delas às características naturais do país e provavelmente, permaneceram o mesmo em todas as idades, da mesma maneira que esses da Palestina têm, e nem sequer a população delas não parece ter alterado muito. Assim Meca deve sua existência à presença do famoso bem Zemzem; Teima, Kheibar e Tabuk para os oásis delas; Mascot, o capital de *Oman*, para seu porto natural; e assim por diante. Uma exceção é a cidade antiga de Saba (veja SHEBA) ou Marib que provavelmente pulou para cima como o resultado do edifício em tempos pré-históricos de uma represa gigantesca com a finalidade de irrigação. Quando a represa estourou no 2º ou 3º século Cristão, a população dispersou. Devido à ausência de um censo não é possível fazer declarações precisas relativo à população de uma cidade oriental, e as estimativas por viajantes europeus sempre variam grandemente. Geralmente falando, as cidades de Arábia da primeira magnitude parecem ter uns 35000 habitantes, entretanto é dito que Mascot tem 60000.

IV. Flora e Fauna

1. Flora

A península da Arábia pertence, como foi dito, em suas características físicas para a África, e sua flora e fauna são esses daquele continente. Sem dúvida de todos os produtos da terra o mais importante é a palma de data. Floresce em todo oásis. No Wadi Duweisir só é dito que a pessoa pode montar diretamente em durante três dias sem deixar o abrigo dos arvoredos de palma. As datas que são o pessoal de vida do árabe diferem em qualidade em cada localidade, cada distrito que produz uma variedade de seu próprio. No Iêmen, com suas altitudes variadas, quase todo tipo de fruta e legume conhecido em latitudes temperadas é cultivado nos lados monteses terraplenados. Videiras são crescidas, como observa Ibn Khaldun, por causa da baga, não com a finalidade de fabricação de vinho. A videira está comum à Arábia e Palestina, considerando que a palma de data quase entrou fora de cultivo no país posterior. Na outra terra está a azeitona que é tão importante no país do norte quase o desconhecido no sulista. A azeitona constantemente se refere para na Bíblia (Jz 9:8 e freqüentemente), a data nunca. Da costa de Sul especialmente é exportado frankincense, bálsamo, mirra e outras plantas aromáticas; e algodão é cultivado na província de *Oman*. Cereais florescem no Iêmen e tabaco é crescido onde quer que possível na Arábia. O café do Iêmen é famoso; é exportado para a Constantinopla e nomeou do porto de exportação café de Mokha; mas é consumido o tamanho disto dentro da própria Arábia. Café e tabaco são os únicos dois artigos de consumo que é usado na Arábia hoje, e que não foram usados de tempo imemorial. Provavelmente foi introduzido dois ou três séculos atrás café na Arábia de Gallaland no continente africano. Os árabes são os bebedores de café muito inveterados. Tabaco provavelmente foi trazido primeiro de navios de inglês na Constantinopla no reinado de James eu. é cultivado em todo oásis, a menos que no interior em Nejd onde seu uso está por razões religiosas desanimado. Há só um outro ponto com respeito ao qual os árabes de hoje diferem dos árabes do tempo de Maomé - o uso de pólvora. Há pouco exclua em relação aos três artigos mencionados, vida cotidiana no deserto hoje vai exatamente em como fez 1600 anos atrás. Árvores de floresta são extremamente raras na Arábia, mas umas espécies de tamarisk chamadas *ghada* que cresce no *nefud* do norte é proverbial para a qualidade de carvão dispõe e é uma comida favorita do camelo. Uma acácia chamada *katad* é igualmente um por-palavra por causa de suas espinhas longas. A madeira é usada para fazer as selas de camelos; cresce no *Tihama*. Como na Palestina e em a maioria dos países que estiveram habitado para muitos milhares de anos, as árvores maiores estiveram muito tempo cortadas para combustível ou por construir propósitos.

2. Fauna

Entre bestas de presa de panteras, lobos, hienas, chacais e (é dito) até mesmo são achados leões na Arábia que Muitas das tribos são nomeados depois destes e outros animais. O boi selvagem ou oryx (veja UNICÓRNIO) raramente é visto, mas gazelas são abundantes. Macacos abundam no Iêmen, como eles fazem o Norte de África desde o princípio, e é mantido como acaricia (compare 1Rs 10:22). Sem dúvida o animal doméstico mais importante é o camelo. Sem isto muitas partes do país estariam despovoadas. É geralmente suposto que a melhor raça de cavalos vem de Nejd, mas isto parece ser um erro. Em Nejd o camelo é a besta indispensável de fardo e monte; cavalos estão lá comparativamente inúteis. Os melhores cavalos árabes são criados na Mesopotâmia. Realmente, cravos são mantidos pelos emires de Nejd, mas os cavalos são pequenos e de pequeno uso. As genealogias dos melhores cavalos voltam, de acordo com tradição, para o tempo de Solomon (1Rs 10:28). São treinados cachorros para caçar boi selvagem, tender ovelha e assistir o acampamento. Todos os animais domésticos - cachorros, cavalos, mulas, asnos - recebe nomes como conosco. O avestruz raramente é conhecido com, mas é

achado como norte distante como o Jauf; isto nenhuma dúvida achou seu modo na Arábia da África. Um pássaro comum é o kata ou areia lamente. É notável por ter ido diretamente para seu lugar molhando. “Melhor guiou que um kata” é um provérbio comum. São achados falcões e falcões, e falcoaria entre os árabes era um esporte favorito. Na Arábia o gafanhoto, assim longe de ser um açoite onde quer que se apareça, é um valioso artigo de comida. Não só é comido por seres humanos (Mt 3:4), mas também por cachorros, cavalos e até mesmo bestas de presa. Como poderia ser esperado dentro um rochoso e sol-chamuscou terra como a Arábia, escorpiões e vários tipos de serpentes abunde. O camaleão (Lv 11:30) é comum aqui. É usado como um símile para pessoas inconstantes e esses que não cumprem as promessas deles. Pode ser considerado como um substituto para termômetro, como em dias muito quentes ascende árvores ou qualquer lugar alto. Outro sinal de calor extremo é que as víboras se estorcem no chão.

O Golfo Persa, especialmente o arquipélago de Bahrein, é famoso para suas pérolas, enquanto o Mar Vermelho é notável para seus recifes de coral que causaram muitos um naufrágio. É acreditado que no interior de Hadramaut há muitos depósitos minerais inclusive ouro.

V. Habitantes

1. Classificação

Os habitantes da Arábia estão divididos em três classes. Há no primeiro lugar várias tribos que ficaram extintas, e que não são genealogicamente conectado com esses que sobreviveram. O posterior é dividido em dois grandes talos, a filial árabe e indígena sul desceu de Kahtan, e o norte que tribos árabes ou imigrantes desceram de Ismael, o filho de Abraão. Há bastante inconsistência naturalmente nas várias tradições das origens destas tribos e a história subseqüente delas.

2. Tribos extintas

Das tribos extintas o nome mais familiar de *Amlak* ou *Amlk* (*Amalek*). Pelos genealogistas árabes ele é descrito como um neto de Sem e como um filho de Cam. Em Gn 36:12 ele é um filho do filho de Esau, Elifaz, por Timna. É dito que eles são conhecidos primeiro com em Caldeus do qual eles foram expelidos na elevação do poder assírio debaixo de Ninrode. Eles migraram de Ar, enquanto ocupando o Bahrein em troca, *Oman*, o Iêmen, e finalmente *Hijaz*, onde é dito que eles têm sido os primeiros colonos a Yathrib (Medina) e também ter ocupado terra redonda Meca e Kheibar. No tempo de Abraão eles foram expelidos de Meca na chegada de duas tribos novas do Sul, esses de Jurhum e *Katura* (Gn 25:1). Depois, é dito, Davi, durante a rebelião de Absalão, levou os quartos dele em Kheibar e governado em cima dos distritos circunvizinhos. De acordo com outra tradição Moisés enviou uma expedição contra os Amalequitas no *Hijaz*, no qual ocasião os Israelitas, enquanto desobedecendo as ordens dele, poupou o rei deles Arkam (compare Requem, Nm 31:8; Js 13:21) - uma reminiscência do incidente na vida de Saul (1 Sm 15). Em todo caso os Amalequitas foram suplantados no *Hijaz* do norte por tribos judias que continuaram lá até o tempo de Mohammad. Os amalequitas migraram para o Egito e a Palestina sulista. Os Faraos do tempo de Abraão, são representados José e Moisés para ter sido amalequitas. Finalmente, quebrado para cima por Josué, eles fugiram para África do norte onde é dito que eles têm crescido nas raças de Berber. O resto das tribos que ficaram extinto como o Amalequitas é de menos interesse pelo propósito presente, enquanto estando inconexo com a narrativa da Bíblia. Eles são mencionados no Alcorão em qual livro a destruição deles é atribuída às proclividades idólatras deles e para a rejeição deles dos profetas monoteísticos. Os melhores conhecidos e mais importante é *Ad* e *Thamud*. *Ad* é nomeado o filho de Amaleque e o filho de Uz (Gn 10:23). O dueto de tribo nos desertos atrás do Iêmen. Eles se tornaram politeístas; o profeta que *Hud* foi enviado a eles; eles o rejeitaram, e foi destruído por um furacão. A sobra cresceu em uma tribo nova cujo chefe, *Lokman*, construiu para a grande represa a Marib. No fim eles foram conquistados por uma tribo de Kahtan. *Thamud* foi relacionado perto de *Ad*, um filho de Arão que é o pai de Uz. Eles foram dirigidos fora do Iêmen e se instalaram o *Hijaz*, do norte; eles rejeitaram o profeta deles Salih e foram destruídos por um terremoto acompanhado por um barulho alto. Os monumentos sepulcrais pedra-cortados de Medain Salih no Wadi el-Kora ainda está fora pontudo como as habitações deles/delas. Então, era considerado que eles tinham sido troglodites como o Horites da Bíblia. Um segundo par as tribos de irmão de *Tasm* e *Jads*, neto de Arão. *Tasm* que oprime *Jads*, a rosa posterior e quase exterminou o anterior, só ser destruído em troca por um rei do Iêmen. A casa deles era *Yemama*.

3. Tribos Sul árabes

Os árabes sulistas reivindicam ser descendentes de um antepassado chamado o filho de Kahtan de 'Abir, filho de Shalikh, filho de Arfaxade, filho de Sem, filho de Noé. Kahtan é indubitavelmente o Joctã Bíblico (Gn 10:26), e os nomes dos descendentes dele reaparecem como nomes de lugares árabe. Realmente o décimo capítulo de lançamentos de Genesis muita luz na história mais primitiva da Arábia e os movimentos das tribos. Assim o fato que Sebá e Dedã aparecem como neto de Cuche, quer dizer, como tribos abissínicas desceram de Cão, em Gn 10:7 e novamente como descendentes de Quetura e Abraão em Gn 25:3 aponta ao fato que partes destas tribos migraram do um país para o outro. Havilá em Gn 10:7 pode ser conectado semelhantemente com Havilá em Gn 10:29, o relacionamento entre o Sudoeste da Arábia e a costa oposta da África que é muito parecidas. Entre os filhos de Joctã são mencionados Almodá, Hazarmave, Uzal (Izal), Sebá, Ofir, Havilá. Em Almodá nós temos o árabe provavelmente *El-Mudad*, um nome que acontece entre os descendentes de Jurhum, filho de Yaktan (Joctã). Hazarmave é obviamente Hadramaut. Uzal é o nome antigo de San'a, o capital do Iêmen. Sebá é o árabe Saba ou Marib. Ofir e Havilá provavelmente estavam no Sul ou Leste da Arábia. Genesis 10:30 diz que o acampamento fundamenta destas tribos estiradas de Messa como você vá para Sefar, a montanha do Leste, que isso é, provavelmente do Norte do Golfo Persa para o centro de Sul Arábia, Sefar que é *Zafar*, o capital do Sul do reino árabe perto do presente Mirbat.

4. Migração de Tribos

Muitas das tribos mais ilustres são descendidas de Kahtan, e algumas delas ainda sobrevivem. Um fluxo constante de migração foi para o Norte. Assim a tribo de esquerda de Jurhum o Iêmen por causa da seca se instalou o *Hijaz* e o *Tihama* dos quais eles dirigiram os Amalequitas, e foi dirigido em troca fora por Koda'a, outra tribo de Kahtanita. Depois disso eles desaparecem de história e são considerados entre as tribos extintas. Koda'a era um descendente de Himyar. O Himyarites fundou, sobre o 1º a.C, de século, um reino que durou durante cinco séculos. O rei agüentou o título de Tubba, e a capital era sucessivamente Marib (Saba), *Zafar* e San'a. Um dos monarcas deles a rainha *Bilks* quem os historiadores árabes identificam com a rainha de Sebá que visitou Salomão, entretanto ela deve ter vivido muito depois. A história da reunião é determinada no Alcorão, capítulo 38. Uma ocasião principal na qual muitos da esquerda

de tribos o Nordeste de distrito do Iêmen era o estourando da grande represa, construído por Lokman a Marib, sobre o 2º século d.C. Uma seção destes cresceu no reino árabe de Ghassan cujo capital era Damasco e muitos de quem reis agüentaram o nome Al-Harith (Aretas, 2Co 11:32). Este reino durou até o tempo de Mohammad (7º século) e estava em aliança com os impérios romanos e gregos. No lado oposto do deserto sírio o reino de Lakhmid de Al-Hira no Eufrates (também de origem de Kahtanite) se aliou para a Pérsia. Os dois árabe “estados” quase constantemente estava na guerra com um ao outro.

5. Tribos árabes do Norte

Entre os árabes Ismael segura o lugar ocupado por Isaque na tradição hebréia. Era para o vale, posteriormente o local da cidade de Meca, que Abraão administrou Hagar e o filho dela, e Ismael cresceu e se tornou o pai de uma grande nação. A localidade está cheio de manchas conectadas por tradição com a história de vida dele, o chão onde Hagar procurou água, o bem Zemzem do qual o Gabriel lhe mostrou o lugar, o monte *Thabir* onde Abraão teria sacrificado o filho dele (Ismael), e as sepulturas de Hagar e Ismael. O Jurhum, entre quem cresceu Ismael, lhe deu sete cabras: este era a capital com que ele começou vida. Ele se casou uma mulher de Jurhum. Ele teve doze filhos (Gn 25:16) de quem Kaidar e Nabat são os melhor conhecidos, talvez o Cedrei e Nabataei de Plínio; outros filhos Dumah e

Tema eram (o qual vêem). A história subsequente dos Ismaelitas está perdida para várias gerações até que nós vimos *‘Adnan* que é dito

que tem sido derrotado por Nebucodonozor quando a Arábia foi invadida posteriormente. Todas as tribos de Ismael são descendidas de *‘Adnan*. Eles os nortes são tribos árabes, ao invés do Kahtanite ou sul árabe. Um deles, Koreish, debaixo do chefe deles, Kosay, se tornou o mestre de Meca, enquanto dirigindo fora Koda'a. Depois, como a tribo do Profeta, elas se tornaram as regras de Arábia e a aristocracia do império muçulmano; e os descendentes de Mohammad permanecem este dia a única hierarquia conhecida a Islã.

6. Outras Tribos

Há uma ou duas outras filiais que não são incluídas na anterior classificação: tal é o Nabateus (veja NEBAIOTE), e os descendentes de Esau e Quetura. Os Nabateus geralmente não são considerados entre as tribos árabes. Elas eram uma ação de Arameanos, os habitantes indígenas da Mesopotâmia, e não falaram árabe, mas arameu. Eles fundaram um reino na Arábia da qual a capital era Petra (veja SELA). Este era o mais famoso das colônias deles, e suportou, no princípio em aliança com os romanos e depois em sujeição para eles, durante 500 anos - do 2º século a.C para o 3º século d.C. Petra era um empório de comércio importante, mas, quando o comércio partiu o por terra rotas e foi levado por via do Mar Vermelho, entrou em pobreza e obliuiu depressa. São nomeados os descendentes de Esau em Gn 36:1; eles se aliaram aos Hititas e Ismaelitas. Entre as tribos descendidas de Quetura estão Jocsã e Midiã, Seba e Dedã (Gn 25:2).

7. Elementos estrangeiros

Na Arábia havia ainda, apesar de inaptidões religiosas, uma grande população judia. Antes da idade de Mohammad eles viveram principalmente no Noroeste, as duas melhor tribos conhecidas - *An-Nadtre Koreiza* - ocupando Yathrib (Medina). Depois da elevação do Islã eles foram expelidos da Arábia; mas na atualidade provavelmente há só uns 60.000 judeus no Iêmen. Sempre houve uma conexão íntima entre o Sul e Oeste da Arábia e a costa africana oposta. Especialmente no 6º século havia uma afluência grande de Abissinianos no Iêmen, como lá ainda está nos distritos ocidentais. Uma igual inter-mistura de população foi em entre Zanzibar e *Oman*.

VI. Religião

1. Monoteísmo

A religião da maior parte dos árabes antes do tempo de Mohammad (Maomé) consistiu em um deísmo vago combinado com uma forma primitiva de adoração. Isto é principalmente verdade das tribos Ismaelitas descendidas de Modan, um bisneto de *‘Adnan* e entre eles é especialmente verdade de Koreish. A origem desta adoração de pedra pode ter sido que como cada família foi forçada enxamear fora da ação principal e deixar o território sagrado ao redor de Meca, levou com isto uma pedra como um monumento da pátria. Esta pedra se tornou logo um fetiche. Foi adorado acariciando isto com a mão. Antes de partir em uma viagem um homem executaria este dever religioso, e também imediatamente no retorno dele, antes de visitar a esposa dele e família até mesmo. Os melhores ídolos conhecidos dos árabes pagãos, da menção deles no Alcorão, são *Al-Lat*, *Al-Ozza* e *Al-Manat* (Kor 53 19.20), adorou pelo *Thakif* a Taif, pelas duas tribos de Medina, o Aus e o Khazraj, e por Koreish, em um santuário perto de Meca, respectivamente. Koreish também teve um grande ídolo nomeado Hubal dentro o “casa de Deus” em Meca além da qual conteve outros ídolos. A deidade em cada caso era provavelmente no princípio um pedregulho grande de pedra, então uma imagem portátil foi feita, aparentemente em forma humana. Eles foram considerados como feminino e chamaram as filhas de Deus. Realmente, *Al-Lat* aparentemente somente é o feminino de Alá (Deus). As deidades mencionaram no Alcorão (71:23), foram adorados *Yaghuth*, *Ya'uk* e *Nesr*, no Iêmen. Porém, é certo que a idolatria dos árabes de “a Ignorância” (*Jahiliyah*, “aspereza,” “ignorância”; compare At 17:30) - os escritores tão nativos nomeiam as idades antes de Mohammad (Alcorão 3 148, etc.) - grandemente foi exagerado por historiadores de Mohammadan. É notável que as palavras que denotam um ídolo, *sanam* e *wethen*, não são raízes árabes, e a prática de idolatria também parece ter sido uma importação. Até mesmo os árabes idólatras acreditaram em uma deidade suprema cujo filhas que as deidades de ídolo eram, e com quem eles tiveram poderes de intercessão. Eles eram então bastante imagens de santos que de deuses. Como disse Renan, o deserto é monoteístico; está muito vazio para para dar à luz um panteão, como as planícies frutíferas dea Índia poderia fazer. Ao dia presente os árabes de deserto são mais estritamente monoteístico que os próprios muçulmanos. A religião deles não consiste em nada exceto uma convicção vaga em Deus.

2. A Ka'ba, Peregrinações e Feiras

Embora houvesse muitas casas de Deus no país, o recurso religioso principal até mesmo antes do tempo de Mohammad era Meca. A Casa de Deus (veja BETEL) aqui foi chamado o Ka'ba que é a palavra inglesa “cubo,” o ser de edifício assim chamou de sua forma. Era acreditado que tinha sido construído pelo Abraão e Ismael. A honra de agir como guardiães da Casa era um assunto de rivalidade entre as tribos. O escritório foi segurado consecutivamente pelas tribos de Jurhum, Koda'a e Koreish, e último pelo avô e tios de Mohammad. Então, estes correspondem à tribo de Levi em Israel. É dito que tem contido um número grande de imagens, mas é notável que o mais próximo nossas autoridades adquirem ao tempo de Mohammad o menor é o número de imagens mencionado. O chefe destes, Hubal, não é nomeado no Alcorão. A adoração levou a forma de circumambulation (*tawaf*), correndo ou marchando círculo o santuário (compare Sl 26:6). Uma visitação anual era e ainda é feita esse vivendo a uma distância, e são oferecidos sacrifícios. Estas é o *hajj* ou peregrinação;

o mesmo nome é usado para o rito correspondente entre os hebreus (Ex 10:9 e freqüentemente). Estas assembléias religiosas foram combinadas com feiras às quais aconteceram mercados e um comércio considerável continuou. Antes do tempo de Mohammad a grande feira anual aconteceu a *Okaz*, um lugar ainda mostrou aproximadamente três dias Leste de viagem de Meca e um Oeste de dia de Taif. Aqui não só era todos os tipos de transações comerciais continuados - leilões, vendas, ajustes de contas e pagamento de inteligência, mas uma academia foi segurada a qual os poetas recitaram deles, e recebeu julgamento nos méritos deles. Estas feiras geralmente foram seguradas nos meses sagrados, quer dizer, o primeiro, sétimo, décimo primeiro e décimos segundos meses nos quais lutando foi proibido. Eles tiveram um grande civilizando e pacificando influência então.

3. Judaísmo

Antes do tempo de Mohammad o Judaísmo prevaleceu extensivamente na Arábia, especialmente no *Hijaz*. Não começou nenhuma dúvida com a migração de famílias devido a condições políticas transtornadas em casa. A conquista de Palestina por Nebucodonozor, pelos Seleucidas, pelos romanos debaixo de Pompeu, Vespasiano e finalmente Adriano, rebanho muitos judeus para buscar paz e segurança nos desertos de de quais os antepassados deles tinham saído. Para lá Paulo também retirou depois da conversão dele (Gl 1:17). Duas destas tribos emigrantes, o *Nadir* e *Koreiza*, resolveu a Medina, primeiro em independência, então como clientes do Aus e Khazraj. No fim foram saqueados eles e destruíram por Mohammad. A colônia judia a Kheibar afrontou o mesmo destino. Várias tribos de árabe grátis também professaram a fé judia, especialmente certas filiais de Himyar e Kinda, ambos os descendentes de Kahtan, o anterior em sulista, o posterior na Arábia central. Judaísmo foi introduzido no Iêmen antes de um do Tubbas, provavelmente no 3º século d.C, mas não era até o começo do 6º século que fez muitos progressos. Àquela época o *Tubba Dhu Nuwas* se tornou um protagonista feroz deste credo. Ele parece ter atacado o Aus e Khazraj a quem os judeus de Yathrib (Medina) era assunto. Ele instituiu contra os cristãos de Nejran, um território que mente ao Nordeste do Iêmen, uma perseguição que trouxe nele a vingança do imperador bizantino e do Negus de Abissínia e envolvido o reino dele e dinastia em ruína.

4. Cristianismo

Judaísmo não segurou tal um lugar grande na Arábia como fez Cristianismo. O apóstolo que é dito que o Bartolomeu tem levado o evangelho para lá. Um dos reis de Jurhum que podem ter vivido sobre o começo do 2º século d.C, é nomeado *Abd el-Mash* ("o escravo de Cristo"). Lá é dito que tem sido uma representação da Virgem Maria e o Filho dela no Ka'ba. O imperador Cristão Constans (337-50) enviou o Bispo Theophilus na Sul Arábia para obter tolerância para os cristãos. A missão tinha êxito. Foram construídas igrejas a *Zafa* r, no Aden, e na costa do Golfo Persa. O real objeto do imperador era indubitavelmente político - contrariar a influência de Pérsia nestes regiões. A maioria das tribos de Yemenite estava a este pagão de tempo: eles adoraram os ídolos mencionados acima (Alcorão 71 23). Algum tempo depois que nós achemos o soberano abissínio que se descreve nas inscrições a Axum como rei do Himyarites. Esta supremacia seria favorável à expansão de Cristianismo. Porém, um dos assentos principais da religião Cristã, estava ao supracitado Nejran, o território da tribo ibn de Harith Ka'b quem os escritores eclesiásticos parecem denotar por filho de Aretas de Calebe. Era esta tribo que *Dhu Nuwas*, Tubba do Iêmen, na conversão dele para Judaísmo, atacou. Ele lançou todos os cristãos que seguraram pela fé deles em uma trincheira de fogo no qual eles estavam queimados (Alcorão 85 4). Notícias desta atrocidade ou foram levadas por esses que escaparam ou enviaram pelo Lakhmid, rei de Al-Hira, para o imperador Justino I, quem, em troca, ou diretamente ou pelo patriarca de Alexandria, invocou o coöperation do rei de Axumite. O resultado era que o Abissinianos invadiu o Iêmen e subverteu a dinastia de Himyarite. Cristianismo se tornou a religião prevalecente de Sul Arábia então. O Abyssinians esteja na volta deles, porém, expelida pelos persianos, debaixo de quem todas as religiões - Cristianismo, Judaísmo e paganismo - foi tolerado, até que todos eles desapareceram antes de Islã. Vários dos reis de Lakhmid de Al-Hira, embora eles eram de circunstâncias debaixo da influência do Zoroastrianismo Persa, Cristianismo professado. *Nu'man I* que reinou ao término dos 4º e começando do 5º século, talvez debaixo da influência de Simon Stylites, aposentado do mundo e se tornou um asceta. Mundhir II, no meio do 6º século, parece ter vindo temporariamente debaixo da influência da heresia de Eutychian. *Nu'man V*, um dos sucessores dele, também foi convertido a Cristianismo. Mas o reino no qual Cristianismo floresceu a maioria era naturalmente que em contato mais íntimo com o império bizantino - o reino do Ghassanids, embora parece não ter buscado até a conversão de Constantine que este era o caso. Da data de reinado dele os monastérios dos quais as ruínas ainda são visíveis no país de Ghassanid. A tribo Ismaelita poderosa de Taghlib cujas determinações estavam na Mesopotâmia também foi convertida a Cristianismo por influências semelhantes, mas não até o fim do 6º século. Alguns sócios do Kahtanite Koda'a professaram a mesma religião, como fez o Kelb no Jauf.

5. Sabianismo

No Alcorão um terceiro credo é posto entre parênteses com esses dos judeus e cristãos como intitulado a tolerância - o do Sabianos. Estes são monotheists que também adoraram as estrelas ou os anjos. O nome Sabiano não tem nenhuma conexão com Sabeano que é derivado do nome da cidade de Saba. Uma conta da religião deles, levado de Abu'l Faraj (Barra Hebraeus), o jacobita que bispo que escreveu sobre o meio do 13º século será achado no Alcorão de Venda, Discurso Preliminar, seção I. Venda, porém, Sabianismo identificado com a religião primitiva dos árabes que Mohammad buscou suplantar. Porém, isto é impossível devido ao fato que Mohammad tolerou o um e proscreveu o outro. Como a publicação do und de Ssabier de Chwolson Sabismus que foi reconhecido que debaixo do termo são incluídos Sabians dois grupos muito diferentes das pessoas. Os devotos da idolatria de Semitic velha que floresceu a Harran assumiram o nome Sabian os habilitar reivindicar a proteção disposta pelo Alcorão no primeiro lugar. É as doutrinas deste Harranians dos quais o trabalho de Chwolson contém uma exposição. Porém, o verdadeiro Sabians seja uma sobrevivência de Gnosticismo Cristão primitivo; de onde eles também foram chamados Mandeans. Das lavagens freqüentes deles eles receberam o nome deles derivado do cebha de arameu?, para "batize," o 'ayin que é amolecido *ē bha*, e conectado com João Batista.

São chamados os judeus, cristãos e Sabians no Alcorão "as pessoas do livro," quer dizer, esses para quem uma revelação tinha sido vouchsafed, e que estava por causa disto tolerado. Em uma passagem do Alcorão (22 17) uma quarta religião é acrescentada a estes - o Magian, ou Zoroastrian, introduzido da Pérsia.

6. Investigadores Depois de Verdade: Islã

Logo antes o aparecimento de Mohammad várias pessoas de pensamento tinham sido descontentadas com a religião árabe velha dos antepassados deles, e ainda não tinha se juntado à fé Cristã ou judia. Eles deixaram a adoração de ídolos, estudaram os vários livros sagrados, e buscaram descobrir o verdadeiro modo. Eles são considerados no Alcorão como tendo sido até mesmo da verdadeira fé antes de Mohammad tivesse se aparecido. Sobre uma dúzia de é mencionado pelos historiadores, de quem os mais importantes são quatro - Waraka o primo do esposa Khadija de Mohammad; Othman que se tornou um Christian; Obeidallah que se tornou um Christian e então um muçulmano; Zeid que viajou em perseguição de Verdade, mas não se prendeu a qualquer uma fé. Os profetas hebreus e esses que

aceitaram as doutrinas deles são considerados como pertencendo à mesma classe. Uma pessoa que um monoteísta é, e quem contudo não o prenda a qualquer credo particular é chamado no Alcorão um Han?? f. Esta pura religião é chamada a religião de Abraham. Mohammad reivindicou restabelecer esta religião primeva em Islã. Por John de Damasco Mohammad foi considerado como o fundador de uma seita Cristã. É provável que mas para o Cristianismo de aparecimento dele teria esparramado em cima do todo de Arábia.

Literatura

De de Causinn Perceval, Essai sur l'histoire des Arabes; Sprenger, Morra alte Geographie Arabiens; Hamdani, ed., Müller, arabischen de der Geográfico Halbinsel; Niebuhr, Viaja pela Arábia; Burckhardt, Viaja na Arábia; Wellsted, Viaja na Arábia; Burton, Narrativa Pessoal de uma Peregrinação para El-Medinah e Meccah; Palgrave, Viaje pela Arábia Central e Oriental; Cegue, UMA Peregrinação para Nejd; Hurgronje, Meca,; Valente, Viaja em Arábia Deserta; Harris, UMA Viagem pelo Iêmen,; Brunnow e Domazewski, Dado a Província Arábia; Musil, Arábia Deserta,; Glaser, der de Skizze und de Geschichte Arabiens Geográfico.

Idioma árabe

ar'a-bik lan' gwaj: Para o estudante da Bíblia o idioma árabe é de interesse, primeiro, como um dos parceiros do Semítico no grupo de idiomas, ao qual pertencem o hebraico e línguas aramaicas da Bíblia; secundariamente, como um dos idiomas na qual a Bíblia e outra literatura da igreja primitiva foi traduzida e na qual uma literatura Cristã foi produzida; e em terceiro lugar, como o vernáculo de Maomé e os seguidores dele, a língua clássica daquele sistema religioso que é a descendência de um Judaísmo degenerado e Cristianismo.

1. Caracterização filológica

Estudantes estão geralmente de acordo em agrupar o árabe e Etiópico como uma filial da ação Sul Semítica. Para o geográfico e fundo de etnologia do idioma árabe, veja ARÁBIA. Uma característica geral desta língua do deserto é sua retenção notável em um recente período histórico, de características gramaticais obliteradas ou em curso de obliteração nas outras línguas Semíticas ao aparecimento mais cedo delas em literatura; de forma que o árabe tem sofrido mudanças em alguns cumprimentos análogo para esses que seus irmãos dialetos sofreram na fase literária e pre-literária ou mais cedo delas no período como a idade dourada de sua literatura. Por exemplo, assim substantivos, perdido em arameu e Canaanita (inclusive hebreu), todos menos perdido nos dialetos abissínicos, começando a ser desconsiderado até mesmo dentro (popular) babilônico, também perdeu nos dialetos de árabe moderno é por completo vitalidade ao longo do período clássico de literatura árabe.

O próprio idioma árabe, antigo e moderno, divide em um número vasto de muitos dialetos dos quais atingiram a distinção de produzir uma literatura maior ou menos. Mas o dialeto da tribo de Koreish para o qual Maomé pertenceu, é o um que, naturalmente, pela circunstância da composição do Alcorão e difusão, se tornou a norma de puro árabe. Poemas árabes velhos, alguns deles produziram dentro "a Ignorância," quer dizer, antes dos dias de Maomé, está em substancialmente o mesmo dialeto como isso do Alcorão, para isto se aparece aquele beduíno tribos que variam dentro dos limites do deserto árabe falaram um árabe que pouco diferenciou por peculiaridades tribais ou geográficas. Por outro lado os habitantes da costa do Oceano Índico do Iêmen para *Oman*, e da ilha de Socotra fora aquela costa, falou um árabe que difere amplamente disso das tribos do norte. Os vários dialetos disto "Sul-árabe," conhecido em parte pelos dialetos deles de hoje (Mehri, Socotri, etc.), em parte das numerosas e importantes inscrições ("Minaean" e "Sabaeen") ache no Iêmen por recentes viajantes, notavelmente Halévy e Glaser, mostre uma afinidade mais íntima que faça o "Norte-árabe" com os dialetos abissínicos (Ge'ez, i.e. "Ethiopic," Tigre, Tigrínia, Amharic, etc.), como realmente poderia ser esperado do Sul admitido origem árabe das Habesh-tribos ou Abissínicos.

Para a interpretação do Velho Testamento o idioma árabe foi de serviço em uma variedade de modos. No departamento de lexicografia lançou não só luz em muitos uma palavra usou, mas uma vez na Bíblia ou muito raramente para uso só determinar seu significado, mas também em palavras que tinham parecido claro bastante na colocação Bíblica deles, mas que recebeu ilustração ou correção do uso deles no imenso tamanho e gama de literatura árabe com seu vocabulário enorme. Para o estudo científico moderno de gramática hebréia, com seu método genético, árabe foi do maior valor, pela comparação de seu cognato forma onde, no principal, o árabe tem a morfologia mais simples, mais cheia e mais regular, e pela comparação de construções semelhantes para as quais a sintaxe árabe altamente desenvolvida fornece rubricas útil. Além deste o idioma árabe faz um papel proeminente, talvez a parte dianteira, na determinação dessas leis da mutação de sons que uma vez governaram o desenvolvimento e agora revelam as relações mútuas dos vários idiomas de Semítico.

O manuscrito que nós sabemos como manuscrito árabe, com suas numerosas variedades, desenvolveu fora do alfabeto de arameu vulgar no Norte a Arábia; foram acrescentados pontos diacríticos a muitas dessas cartas, ou distinguir sons árabes para os quais nenhuma carta existiu, ou diferenciar cartas as formas de qual tinha se tornado tão semelhante sobre crie confusão. Em Iêmen surgiu outro manuscrito cedo, o das inscrições supracitado, admiravelmente claro e adaptou para expressar todas as variedades principais de sons de consonantal provavelmente em uso atual, entretanto totalmente sem vogais.

2. Literatura Cristã Arábica

Para versões árabes da Bíblia, veja VERSÕES ÁRABES. Fora a Bíblia eles havia a maioria sentido por comunidades Cristãs que moram no mundo Árabe-que fala (principalmente, entretanto não exclusivamente, no Egito e Síria) a necessidade de uma literatura Cristã serviu aos gostos do tempo e região. Material apócrifo e legendário compõe uma parte grande, então, da lista de literatura árabe Cristã. Veja EVANGELHOS APÓCRIFOS. Mas este material não era original. Com o grau pequeno de atividade intelectual nesses círculos não é surpreendente que a maioria de tal material, e realmente da produção literária inteira, consiste em traduções de Siriaca, grega ou cóptica, e aquelas produções de original são poucos em número.

Destes dure os mais notáveis são o seguinte: áreas teológicas e apologéticas por Teodoro, bispo de Haran, o mesmo que estava de acordo a disputa famosa com estudantes maometanos no tribunal de Califa Al-Mamun cedo no 9º século; escritas apologéticas e polêmicas de ibn de Yahya Adi de Tekrit, e do aluno dele o Abu Todo o ibn de Isa Ishaq, ambos entre o 10º século; os trabalhos árabes de Barra Hebraeus, melhor conhecido pelas numerosas composições de Siriaca dele, mas produtivo também de trabalhos históricos e teológicos em árabe (13º século); no Egito, mas pertencendo ao mesmo jacobita ou comunhão de Monophysite como o anterior, a polêmica e produções de homiletica de Bispo Severus de Eshmunain (10º século), e, uma geração mais cedo que Severus e pertencendo ao opor ou Melkite igreja egípcia, a crônica de Eutychius, patriarca de Alexandria, continuou um século depois por ibn de Yahya Dito de Antioquia; compilações grandes de história de igreja, lei de igreja e miscelânea teológica pelos cristãos cópticos Al-Makin, Abu ibn de Ishaq Al-Assal, Abu'l-Barakat e outros, os líderes em uma revivificação geral de Cristianismo egípcio no 13º século; na terra de Nestorianism, finalmente, o eclesiástico, dogmático e escritas de exegetical de Abulfaraj ibn de Abdallah A-Tayyib, (11º século), as composições apologéticas do contemporâneo dele, Elias ben Shinaya, o historiador, e a Nestorian igreja crônica começaram no 12º século

através de ibn de Mari Suleiman e continuaram dois séculos depois através de ibn de Amr Mattai e Saliba trancam Johannan. Depois que esta data há nenhuma literatura original produzida Árabe-falando os cristãos até que a revivificação intelectual moderna provocou através de contato com Cristianismo europeu.

3. O Veículo Literário do Islã

Que arameu, grego e latim estiveram sucessivamente na história de Cristianismo, tudo isso, e mais, árabe esteve na história de Islã. O idioma de seu fundador e o dele “os ajudantes,” o idioma do Alcorão “enviou abaixo” de Deus para Maomé pelo anjo Gabriel, então o idioma no qual sempre foi preservado pelo crente, transliterou, que esparramou no mundo largo de Islã, que árabe é identificado com Islã em sua origem, sua história, sua literatura e sua propaganda. Todos os pontos de contato entre a religião da Bíblia e a religião do Alcorão, literário, histórico, apologético e missionário, é semelhante nisto, que eles exigem do estudante inteligente do Cristianismo um conhecido simpatizante com o gênio e as obra-primas da grande língua árabe.

Versões árabes

ar’ a-bik vur’ shuns: Devem ter sido feitas traduções árabes da Bíblia a uma data muito cedo, para Cristianismo e Judaísmo quando tinha penetrado longe na Arábia antes do 6º século de nossa era, mas o mais velho do qual uma cópia desceu nosso tempo é isso de Sasdish o Gaon (942 d.C). Esta versão foi feita diretamente do Texto Massoretico e é dito que tem coberto o todo do Velho Testamento, mas muito disto é nenhum mais longo existente. É caracterizado por uma evitação de antropomorfismo (por exemplo Gn 6:2, “os filhos de Deus” e “as filhas de pessoas comuns”) e dando equivalentes moderno, por exemplo os Turcos, Franqueia, chinês, para os nomes hebreus. O Pentateuco de Saadiah era primeiro impresso em Constantinopla em 1546 e estava incorporado em Paris (1629-45) e Londres (1657) os Políglotas. Quando, depois da elevação de Islã, árabe se tornou o idioma comum de Síria, Egito e Norte a África, foram feitas traduções do Septuaginta, da Peshita e de cóptico. Nos Políglotas está a tradução de Josué, como o Pentateuco, fez do Texto Massoretico, como também porções de Reis e Neemias, com interpolações da Peshita. Juízes, Rute, 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis (em partes), 1 e 2 Crônicas (?), Neemiaso (em partes) e Jó foi traduzido em árabe do Syriaco. Os livros restantes (os Profetas, Salmos, Provérbios, etc.) É da Septuaginta, e que de acordo com Códice Alexandrinus. No Testamento Novo os Evangelhos foram traduzidos da Vulgata, e os livros restantes, embora do grego, é recente. Uma edição revisada das versões no Políglota de Walton foi publicada por J. D. Carlyle, professor de árabe em Cambridge, e impresso a New Castle por Sarah Hodgson em 1811. Uma tradução muito boa da Bíblia inteira em árabe clássico foi emitida pelos Pais Jesuíticos em Beirût, e uma versão mais simples em árabe que pode ser entendido pelas pessoas comuns, educado e sem educação semelhante, foi feito pelo recente Dr. Cornelius Van Dyck da Faculdade protestante síria e publicou pela Imprensa americana em Beirût. Dr. Van Dyck teve o benefício da ajuda e conselho do *Sheikh Nasif al-Yaziji*.

Um número grande de manuscritos da Bíblia em árabe, em todo ou em parte, será achado no Museu britânico, o Biblioteca National e as grandes bibliotecas do Continente, mas nenhum deles é de idade suficiente os fazer de valor pela crítica do texto.

Arade

a’ rad (, *’aradh*, , *Arad*): **(1)** uma cidade mencionada quatro vezes no Velho Testamento. Na KJV é feito duas vezes erradamente como o nome de um rei (Nm 21:1; Nm 33:40). Três vezes que é falado de como um País do Sul, um menciona usando a frase 'o deserto de Judá do qual está no País de Sul Arad (Jz 1:16), quer dizer, a parte do deserto de Judá que está no País do Sul perto de Arade. Era situada perto da fronteira de Judá e Simeão, se agrupando com Debir, Horma, Maqueda, etc. (Js 12:14). Arade e outras cidades uniram-se para atacar Israel no quadragésimo ano da estada curta no deserto (Nm 21:1-3), e Israel jurou “faça para as cidades deles uma coisa dedicada.” No caso de Zefate, um das cidades, este voto foi cumprido depois da morte de Josué (Jz 1:17). Os parentes de Kenite de Moisés tiveram a herança deles perto de Arade (Jz 1:16). Na forma *a-ru-da* cidade é mencionada por Shishak de Egito como entre os lugares que ele conquistou na Palestina. A identificação do local com Tel Arad, aproximadamente 17 milhas Sul de Hebrom, parece geralmente ser aceitado.

(2) um dos descendentes de Elpaal o filho de Shaharaim, mencionou entre os descendentes de Benjamim (1Rs 8:15).

Aradus

ar’ a-dus (, *Arados*, **LA** 1 Mac 15:23): nome grego do Velho Testamento ARVAD (o qual vêem), uma cidade na costa da Fenícia.

Ará

a’ ra (, *’arah*, “o viajante?”): **(1)** O filho de Ula, um Aserita (1Cr 7:39). **(2)** O cabeça de uma família que voltou do exílio com Zerobabel (Ed 2:5; Ne 7:10). Ele às vezes é identificado com Ará de Ne 6:18 cuja a filha principal se tornou a esposa de Tobias, a Amonita que tentou contrariar Neemias reconstruindo Jerusalém.

Arão

a’ ram (, *’aram*): **(1)** Um filho de Sem (Gn 10:22; 1Cr 1:17). Veja ARAMEANS; SÍRIA. **(2)** um neto de Naor (Gn 22:21). **(3)** Um descendente de Aser (1Cr 7:34). **(4)** , *Aram*, KJV: Forma grega de *Ram* (assim a Versão Revisada (britânico e americano) Mt 13:4; *Arm* Lc 3:33), neto de Perez.

Aramaeanos; Arameanos

ar-a-me’ ans: Frequentemente na KJV e a Versão Revisada (britânico e americano) os sírios. Veja a SÍRIA.

Aramaico, Idioma

ar-a-ma'ik lan'gwaj (, *'aramth*; na KJV Sírio, Siriaco; SÍRIO na Versão Revisada (britânico e americano)):

1. Notificações primitivas do aramaico na Bíblia
2. Evidências extra-bíblicas do aramaico
3. O Manuscrito de Inscrições aramaicas
4. dialetos aramaicos
5. Peculiaridades gramaticais
6. Comparação do aramaico de **Sinjirli** com o da Bíblia
7. Comparação do aramaico de Assouan com o de Daniel
8. Papiro Elefantino
9. Comparação com aramaico do Targums
10. Diferenças principais em Posterior

Literatura

O nome é dado a uma forma de fala Semítica, quase relacionado ao hebraico e fenício, mas exibindo peculiaridades marcadas, e subsistindo em dialetos diferentes. Sua casa original pode ter estado na Mesopotâmia (Arã), mas esparramou Norte e Oeste, e, como debaixo de mostrado, se tornou a língua principal ao longo de regiões extensas. Depois do retorno do Cativo, deslocou o hebraico como o idioma falado dos judeus na Palestina. Em sua forma oriental é conhecido como Siriaco. Em sua ocorrência no Velho Testamento, isto antigamente, entretanto incorretamente, geralmente agüente o nome Caldeu. As transações em seu artigo presente com isto principalmente. Velhas relações de Testamento.

1. Notificações primitivas do aramaico na Bíblia

Se nós negligenciarmos duas palavras que aparece em Gn 31:47, a notificação mais primitiva do uso deste idioma na Bíblia está no pedido que os representantes de Ezequias fazem a Rabsaquê: "Então disseram Eliaquim, filho de Hilquias, e Sebna, e Joá, a Rabsaquê: Rogamos-te que fales aos teus servos em aramaico" (*'aramth*, 2Rs 18:26; Is 36:11). A narrativa do qual nós fizemos este excerto, até mesmo se se levantasse só, provaria aquele aramaico, "o idioma Siriaco," era tão diferente de hebraico, "o idioma dos judeus," (veja a parte b do verso) que não era compreendido pelos habitantes de Jerusalém. Mais adiante, mostra que aramaico era o idioma ordinário de diplomacia assíria. No próximo encontre-se com aramaico em Jr 10:11 que parece ser uma resposta ponha nas bocas dos judeus como uma resposta para qualquer tentativa para os seduzir à adoração de ídolos. Se nós assumimos que a data tradicional de Daniel está correto, os seis capítulos naquele livro (Dn 2:4 por 7:28), formando a maior parte do todo, é a próxima e mais importante ocorrência de aramaico na Bíblia. Há, mais adiante, passagens em Ed 4:8 por 6:18; Ed 7:12-26, chegando aproximadamente a três capítulos nos quais o aramaico é usado. No Novo Testamento acontecem vários formularios aramaico e frases, modificou tendo atravessado o grego

2. Evidências extra-bíblicas de aramaico

Antigamente nosso conhecimento de aramaico mais primitivo que foram restringidos Targums e a Peshita às passagens sobre-notadas da Bíblia. Porém, agora descobertas, ainda comparativamente recente, nos colocou em uma posição diferente. Na década final do último século inscrições extensas foram descobertas em Sibbaldia, no bairro de Aleppo, datado nos reinados de Tiglate-Pileser e os monarcas de Sargon, e um que parece mais recentemente. Mais recente foi a descoberta do papiro de Assouan; estes sustentavam datas que sincronizam com Esdras e Neemias. Mais recente que estes em descoberta, mas entre eles em data de origem, é pesos do reinado de Sargon, com duas inscrições, um, oficial, em cuneiforme que não só dá a designação do peso mas relaciona o nome e títulos do rei; o outro, popular, em aramaico que só conta o peso. Mais notável é o fato que freqüentemente, com respeito a tablets de contrato, enquanto o documento que liga estiver em caráter de cuneiforme e o idioma assírio, a inscrição no envelope de barro que serviu como um documento está em aramaico, idioma e carta. Isto dispõe prova isso a todos os eventos antes do reinado de Tiglate-Pileser o aramaico já estava por toda parte a fala geral para comércio e diplomacia a Ásia Sudoeste.

3. O Manuscrito de Inscrições Aramaicas

Quando nós entrarmos em contato com isto, aramaico é um idioma alfabético completamente formado, e atingiu uma fase adicional de desenvolvimento que o assírio com seu cuneiforme de cumbrous. Ao fim, assírio era em grande parte ideográfica e hieroglífico. O mesmo grupo de símbolos representou sons muito diferentes de acordo com circunstâncias, e amplamente significados discrepantes estavam conectados com o mesmo som, com a necessidade consequente para determinativos. O alfabeto empregado em arameu é praticamente isso achado na Pedra Moabita. Se levanta evidentemente ao término de um processo longo de evolução. É provável que um hieroglífico esteja atrás disto; se é derivado do Hittite (Conder), ou de egípcio (Rougé), ou assírio (Delitzsch), ou é de origem independente (Gesenius), não pode ser determinado. Aramaico é, como hebreu e assírio, um língua de Semítica Norte, se levantando até certo ponto entre eles. É mais regular em sua formação que qualquer um dos outros, um caráter que pôde terminar até certo ponto devido a seu uso como uma língua franca tão largo um território. Aramaico era o idioma oficial do extenso império Persa, como tinha sido até certo ponto isso de seu antecessor, o império de Assíria. Pode ser considerado como tendo sido geralmente compreendido da Ásia Menor no Norte, para as Cataratas do Sul no Nilo, e das montanhas de Media no Leste, para o mediterrâneo no Oeste. Sua história foi longa; falado, como nós aprendemos através de inscrições, de antes dos dias de Tiglate-Pileser, é falado ainda nos bancos do Tigres e o Eufrates.

4. Dialetos aramaicos

Estes limites extensos, geográfico e cronológico, insinuam diferenças dialéticas. Meio de comunicação seja tão ineficaz que a distância entre os limites orientais e ocidentais requereria maior tempo a travessia, que faz que que separa a América da Europa, ou Nova Iorque do Brasil. A distinção dialética primária estava entre o aramaico oriental (Siriaco) e ocidental (antigamente chamou Caldeu). A peculiaridade que a maioria distingue do proeminente estes é o preformativo do pretérito imperfeito; no ocidental, como no hebraico e árabe, isto é *yodh* (), enquanto no oriental isto é *nun* () ou *lamedh* (). Cada um destes tem dialetos substituto. Na Palestina, além do Caldeu do Targums judeu, havia o Pentateuco Samaritano; nisto, além de muitos elementos estrangeiros no vocabulário, o uso de *'ayin* em vez de *waw* no pretérito de verbos de *'ayin-waw* a característica mais notável é. O dialeto substituto do aramaico oriental é Mandaean; é caracterizado pelo uso do *matres lectionis* em vez de sinais de vogal. Das inscrições e o papiro pareceria seguir que as peculiaridades

orientais são o mais recente - mudanças introduziram por passagem de tempo. No aramaico oriental se tornou o manuscrito mais cursivo que no ocidental que reteve o caráter quadrado nós associamos com hebreu: exclua o Samaritano que usou um ainda manuscrito mais cedo, menos removido do estilo angular das inscrições. O manuscrito do papiro de Assouan indicou uma tendência para o caráter quadrado posterior.

5. Peculiaridades gramaticais

Embora um artigo como o presente não é o lugar para dar uma gramática cheia do aramaico, contudo nós podemos advertir a algumas das peculiaridades mais proeminentes, comum a todas as filiais do idioma que distingue isto do hebraico o melhor-conhecido línguas de Semíticas do norte. A peculiaridade que a maioria das greves o novato em aramaico é o desejo do artigo, e a presença em vez do *status emphaticus* que segue as regras sintáticas do artigo hebraico. A próxima coisa provável chamar a atenção o uso do pronome relativo é *z* ou *dh* como se isto uma preposição estava significando “de.” Enquanto em hebraico a voz passiva é indicada geralmente nas conjugações derivadas através de mudanças vocálicas internas, como o *pu'al* do *pi'el*; em aramaico a sílaba *'eth* (E) ou *'ith* (W) é anteposto (recente *hith*). em vez do *hiph* causativo hebraico *hiph'il* o *aph'el* (*haph'el* mais primitivo com seu passivo *'ethtaph'al* (*hoph'al*). O causativo também teve *shaph'el* e formas de *taph'el* que ocasionalmente são achadas. Enquanto no Targums e o Velho Testamento Peshita o *yath* de sílaba é o sinal do acusativo (*vath*, mais cedo, como nas inscrições de Sinjirli), os saques de *lamedh* carta que pretendem em aramaico que não é uma tradução do hebraico. Uma característica de aramaico posterior proeminente no Peshitta do Testamento Novo está a facilidade com que adotou palavras e frases de grego que já tinha deslocado em grande parte isto como o idioma comum. Siriaco novo mostra uma facilidade semelhante com respeito a árabe e Persa.

6. Comparação do aramaico de Sinjirli com o da Bíblia

Uma pergunta Bíblica de importância muito considerável para o estudante é a relação na qual o aramaico de Daniel e Esdras estava a isso das inscrições de Sinjirli e que do mais quase papiro de Assouan contemporâneo. Fazendo a comparação temos que ter em mente nós que o Texto Massoretico hebraico é o resultado de transcrições que estendem a Bíblia durante 1500 ou 1200 anos, enquanto outorgando como levamos nós o tradicional ou as datas críticas para os livros em questão. Isto insinua uma contagem provavelmente ou mais de transcrições cada com sua cota de variações do original. Enquanto as variações introduziram por qualquer uma transcrição poderia ser poucos e sem importância, eles vão tudo esteja na direção de atraso, e crescentemente poderia ficar muito grande facilmente. O hebraico recente de Eclesiastes, todavia sua atribuição para Salomão, espetáculos como pequeno a idéia da cronologia de estilo entrou nos pensamentos dos escriturários desses dias, conferir esta tendência a modernização. Segue que enquanto a presença ultimamente peculiaridades provam nada mais que a inexistência do copista, formas gramaticais cedo e modos de soletrar é evidências quase indisputáveis de antiguidade.

As inscrições de Sinjirli, se nós negligenciamos o menos importante, é três, a inscrição de Panammu, a inscrição de Hadad e a inscrição de Barrekab (Bauenschrift, Sachau). O primeiro e últimos destes é datado no reinado de Tiglate-Pileser, o mediano é colocado por Sachau no século precedendo. Deveria ser notado que, quando primeiro descobriu, era uma questão de dúvida se as inscrições não deveriam ser consideradas como hebreu, em lugar do aramaico. A afinidade íntima entre eles e o hebraico é mostrado de vários modos. Por uma relação entre línguas Semíticas do norte semelhante em aramaico posterior nós achamos cartas correspondentes com o *t*-som para isso entre os idiomas arianos expressos pela lei de Grimm onde cartas com o *s*-som se aparecem em hebreu. Mas nas inscrições de Sinjirli nós não achamos esta marca do idioma posterior; assim nós temos *sh'el*, não *th'el*, *sh'lath'n* em vez de *f'lath'n*, *z'habh* para, *dh'habh* etc. Que isto não está devido à proximidade do hebraico é provado pelo fato que nos pesos no palácio de Sargon nós achamos *shekel*. Assim, as inscrições de Sinjirli datam de um período quando hebraico e aramaico não tinha sido completamente diferenciado. Há outros pontos de semelhança. Em vez do *aph'el* e *'ethtaph'al* ou *'ittaph'al* de aramaico posterior, há *haph'el* e *hoph'al*; em vez do *'eth* ou *'ith* como o sinal do passivo, há *hith*. Os vocabulários também são quase idênticos. Em ambos, o *yath* de sílaba ou *wath*, sinal do acusativo, está presente, como se uma sobrevivência, só como o apoio do caso oblíquo de um pronome (Dn 3:12; Sinjirli, Teve 28). Os pronomes exibem uma semelhança semelhante a hebraico e também para aramaico Bíblico. O 1º pronome de pessoa é *'anokh* (uma vez *'anokh* em Pan. 1.19), como no fenício e dialetos de Moabite de hebreu; *'anah* acontece ocasionalmente como em Daniel. As diferenças mais marcadas do aramaico posterior são “*z*” em vez de “*dh*” no pronome demonstrativo; aqui há relação para o *zeh* hebreu. Outro caso em evidência freqüente é *'arka'* em vez de *'ar'a*.

7. Comparação do aramaico de Assouan com o de Daniel

Mais quase contemporâneo com o aramaico de Daniel e Esdras isso é do papiro de Assouan. Estes são cuidadosamente datados, e estende de 471 a.C. a 411 a.C.; estas duas datas incluem o reinado inteiro de Artaxerxes I, cujo copeiro do rei era Neemias, e que o enviou como governador para Jerusalém, e alguns anos dos reinados do antecessor dele e sucessor. Estes documentos, como escrito com uma caneta de cana em papiro, e não cortou com um cinzel em pedra, manifeste um estilo muito diferente de carta; como já disse, há alguma aproximação ao caráter quadrado posterior. A semelhança entre a gramática e vocabulário deste papiro e esses de aramaico Bíblico é mais íntima que isso do posterior à gramática de Sinjirli e dicção. Onde, no aramaico mais antigo, temos nós “*z*,” neste papyri achamos nós ocasionalmente o posterior “*dh*.” não é improvável que, como na Espanha, uma pronúncia balbuciando ficou prevalecente; o “*dh*” pronunciado como “*th*” em “então” vá naquele caso represente mais com precisão de fato o som proferido que vá “*z*.” A palavra já notou, *'arka'* o qual geralmente se aparece em aramaico Bíblico como *'ar'a*, é um caso semelhante. Na Palestina do norte o *kaf* árabe é pronunciado muito como se fosse *'ain*, se nem mesmo o *hemzeh* são relacionado; também são achados exemplos desta ortografia no papiro de Assouan. Ambos estas diferenças estão devido a transcrição freqüente que assimila a ortografia à pronúncia. Outra peculiaridade provavelmente está devido a uma causa diferente. No aramaico Bíblico o preformativo da 3ª pessoa singular e plural do pretérito imperfeito do verbo substantivo é *lamedh*. Desta peculiaridade Dr. Bevan dá uma explicação engenhosa. Se o preformativo de *yodh* fossem usados, a palavra resultante teria uma semelhança ao nome sagrado: evitar isto, pensa ele, o *yodh* foi mudado em um *lamedh*. Infelizmente isto explica muito, então não explica nada. Se esta tivesse sido a explicação, o nome “Jehu,” qual consonantally quase está igual à 3ª pessoa singular e plural do verbo substantivo, nunca teria sido escrito como é. Mais adiante, se reverência judia para o Divino nome se expressou deste modo dentro, nós deveríamos esperar achar este preformativo no Targums que, porém, nós não fazemos.

Podem ser achadas centenas de casos em prova só em Onkelos. A verdade é, é uma forma de Mandeian que prova que o arameu de Daniel e Esdras é oriental. Uma peculiaridade adicional é o compensativa de *nun*; como *tinda'* (Dn 4:23), o qual seria regularmente *tidda'*. Isto também é achado no Mandeian; porém, também é achado em papyri de Assouan, uma evidência que a característica de Mandeian era uma sobrevivência de um tempo mais cedo.

8. Papiro Elefantino

Outro ponto de contato interessante entre o aramaico deste período e que de Daniel é exibido no papiro Elefantino publicado por Sachau. Este papiro, descobriu na ilha de Elefantino (Assouan oposto) em 1907, é três em número, e é datado no 14º ano de Darius II (407 a.C.). No primeiro, ll. 2, 27, 28, o segundo, l. 26, e o terceiro ll. 3, 4, nós temos Deus chamado “o Deus de céu,” o título dado a Deus ao longo de Dn 2. Este também é o título usado no aramaico de Esdras (Ed 5:11, 12; Ed 6:9 etc.) Das passagens onde acontece isto isso pareceria durante a regra babilônica e Persa este era o título governamental reconhecido do Deus dos hebreus.

9. Comparação com aramaico do Targums

Como é afirmado freqüentemente que o aramaico de Daniel e Esdras é do Targums, é necessário examinar a verdade desta declaração. Considerando este filho de pergunta conosco consideração tem que ter à história destas paráfrases, como só em deste modo possa nós calculamos o valor cronológico disto verdadeiramente “grande” semelhança, deva seja achado para existir. De acordo com tradição de Talmudi foram entregados o Targums oralmente, e não foi cometido a escrever tarde até no 2º século de nossa era. Uma retribuição tradicional foi passada de *m'turg'man* (o intérprete) para *m'turg'man*. Em tais circunstâncias são perpetuados formas arcaicas, palavras e idiomas. O sagrado sempre tende a preservar a antigüidade; em ilustração precisamos só nós recorra à canção do *Fratres Arvales*, uma faculdade de padres datando de tempos latinos primitivos e continuando aos dias do Gordians. Esta canção sagrada seu preserva a nós a forma mais antiga da língua latina, entretanto as inscrições das quais nós aprendemos disto, date do período clássico. Conseqüentemente o arameu do Targums pode representar a forma do idioma um par de séculos antes da era cristã.

10. Diferenças principais em Posterior

Nós não podemos tentar dar um resumo exaustivo das diferenças entre o aramaico Bíblico de Targumic, mas indica só alguns do mais óbvio. Conta precisa não seja levado de *yath*, o sinal do acusativo, como se aparece só como representando o hebreu *'eth*. Em verbos, referência foi feita já para o “L” preformative no verbo substantivo, uma peculiaridade que partes de aramaico Bíblicas com Mandeian em distinção de outras formas do idioma: também para o fato que o *hith* das formas verbais mais cedo é substituído por *'ith* no mais recente *ithp'el* e *e'ithpa'al*. Isto também o caso é com *'aph'el* (em aramaico Bíblico mprimitivo *haph'el*), o passivo do qual é *hoph'al*, não *'ittaph'al*, como em Targumic. A importância de formas verbais determinando idade é reconhecida prontamente; assim em inglês, se a 3ª pessoa singular dos verbos em uma escritura inglesa está em *eth* que nós decidimos que escrevendo para pertencer, na realidade ou fingindo, para um período não depois que o 17º século. Com respeito a pronomes, enquanto no aramaico Bíblico, como em Sinjirli e Assouan, a 1ª pessoa singular é *'an'a*, em Targumic está *'anah* o plural em aramaico Bíblico é *'anahna'* consangüíneo para *'anahnah* em Assouan, considerando que no Targums está normalmente *'anan*, entretanto às vezes a forma Bíblica se aparece. A 2ª pessoa singular no aramaico Bíblico é *'ant* como em Assouan, com o plural *'antum* (Assouan, *'antem*): em Targumic está *'att* e *'attun*. comparar nosso próprio idioma, quando nós achamos “tu” e “ye” em uma escritura, nós não datamos depois isto como que o 17º século. O vocabulário ordinário, entretanto não sem valor neste respeito, não é cronologicamente muito importante. Porém, partículas conetivas são. Todo o mundo se familiarizado com hebraico sabe como freqüentemente *yesh*, “é” acontece; como freqüente é *ith* em Targumic. Na Bíblia, o papiro, a forma achada é *ithi*. No Targums, *í* está de pé para “se”; na Bíblia e papiro isto *hen*. Cognato com isto, a Bíblia e o papiro têm *lahen*, “então”: isto não é achado no Targums que tem ao invés? *'al-ken*. Em nosso próprio idioma a presença de “adicione” em prosa séria ou poesia como uma conjunção provaria a antigüidade da composição. O fato que a distinção entre *í* desapareceu no Targums, mas ainda é preservado na Bíblia, uma nota de idade é em cima de que não pode ser passado. Poderiam ser dados outros exemplos, mas estes bastarão. Professor Bevan despede muitas destas diferenças ligeiramente como meros assuntos de ortografia; ainda em francês a presença de “l” para “u” ou como fortalecendo o “u” em tal formula como *alx*, *eulx*, *aultres* é considerado como uma nota de velho distinto de francês moderno; ainda provavelmente a pronúncia não era diferente.

Procurando esta parte do assunto a porção posterior da primeira Conferência de Pusey (o Daniel o Profeta) é merecedor de estudo. Pusey não teve a vantagem de documentos contemporâneos com que comparar arameu Bíblico; ele poderia enfatizar só a natureza e quantia das diferenças que separaram o idioma de Daniel disso do Targums. O argumento pode ser completado agora por um contudo argumento mais forte da semelhança entre o anterior e o papyri contemporâneo de Assouan, e ainda as inscrições de Sinjirli mais cedo.

Veja mais adiante, SYRIAC; IDIOMAS DO TESTAMENTO VELHO; e compara o artigo “araméu” em Enciclopédia Bíblica.

Literatura

Numerosas gramáticas e dicionários dos dois dialetos principais de arameu, oriental (Syr) e ocidental (Chaldee) pode ser visto em qualquer catálogo. Há um compêndio excelente da gramática de arameu Bíblico na introdução de Delitzsch para o Texto de Baer de Daniel e Ezra. Para o Samaritano há uma gramática pequena por Nicholls, também um nas séries “Porta Linguarum Orientalium.” Nöldeke publicou gramáticas para Mandeian e Syriac Novo

Síria de Damasco

a-ram-dam'es-ek:a Síria de Damasco, conquistada por Davi (2Sm 8:5, 6). Veja a SÍRIA.

Aramitas

ar-am-it'es, ar'am-it-es, ar'am-it-es (, *'aramnyah*): O termo aplicado à concubina-mãe de Maquir, o pai de Gileade (1Cr 7:14); os habitantes de Gileade eram assim em parte Arameanos (os sirios) através de descendência.

Arã

a'ran (, 'aran, “cabra selvagem”): Um filho de Disã, o Horita (Gn 36:28; 1Cr 1:42). Pode ser conectado possivelmente com o Orem o jeeramelita(), 'ren' (1Cr 2:25; compare Curtis, *Chron. at the place*; Dillmann, *Gen at the place*; ZDMG, L, 168); Robertson Smith reivindica de que este nome é equivalente ao Samaritano ('-r-n), “cabra selvagem” (*Jour. Phil.*, IX, 90). J. Jacobs traduz isto por “asno” (*Stud. Biblical Arch.*, 71). Isto um dos muitos nomes de totem que está na Bíblia. Mais que um-terço dos Horitas, os descendentes de Seir, possuem nomes de animais, e esses clãs dos Edomitas também conectaram com os Horitas que tem nomes de animais. O mesmo nome “Ego” meios um “bode,” e Disã, “uma gazela” (*Stud. Biblical Arch.*, 70-72). Cinza, porém, observações que “o exemplo (Arã) é muito incerto” (HPN, 108).

Arará, Ararate

ar'a-rat (, 'ararat):Um planalto montanhoso na Ásia ocidental de qual fluxo em direções diferentes, Eufrates, o Tigre, o Aras e os rios de Choruk. Sua elevação geral é 6000 pés sobre o mar. Lago Van que como o Mar Morto não tem nenhuma saída, quase está em seu centro. O nome babilônico era Urartu, as consoantes que são o mesmo em ambas as palavras. Em 2Rs 19:37 e Is 37:38 a palavra é traduzida na KJV que Armênia que corretamente representa a região designada. Era para Armênia que os filhos de Senaqueribe fugiram. Em Jr 51:27 Arará é associado com Mini e Asquenaz que de acordo com a posição de monumentos assíria só para o leste da Armênia. É dito que a arca tem descansado em Gn 8:4 “nas montanhas de Ararate,” i.e. na região montanhosa da Armênia, a exibição plural a que o cume montês conhecido como Ararate não recorreu. Este cume é de origem vulcânica e mentiras fora da região geral, enquanto subindo das planícies do Araxes (Aras) Rio para uma altura de 17000 pés, apoiou por outro cume sete milhas distante, 13000 pés alto. Só está em tempos comparativamente modernos que o nome presente foi dado a isto. Os armênios ainda chamam isto Massis, mas acredita, porém, que Noé foi enterrado a Nachitchevan se aproxime sua base.

O nome original do reino que ocupa a Armênia era Bianias que o Ptolomeu transliterou Byana. Depois o “B” foi modificado em “V” e nós temos o Van moderno, o capital presente da província. As “montanhas de Ararate” em qual a arca descansada provavelmente seja esses da gama curda que separa a Armênia da Mesopotâmia e Kurdistan. Na conta babilônica é chamado o lugar “a montanha de Nizir” que é oriental de Assíria. Igualmente Berosus localiza o lugar “na montanha do Kordyaeans” ou Kurds (*Ant.*, I, iii, 6), enquanto a versão de Siriaca tem Hardu em Gn 8:4 em vez de Ararate. O Kurds ainda consideram Jebel Judi, uma montanha no limite entre a Armênia e Kurdistan, como o lugar onde a arca descansou.

Isto elevou o planalto da Armênia ainda tem muitas atrações, e é vestido para ter sido o centro do qual a raça humana esparramou em todas as direções eminentemente. Todavia sua elevação alta a região é fértil, enquanto fornecendo pasto abundante, e colheitas boas produtoras de trigo e cevada, enquanto a videira é indígena. Além disso há indicações inconfundíveis que em tempos históricos cedo eram uma chuva muito mais abundante em tudo aquilo região que há agora, de forma que o clima foi adaptado então melhor aos desejos de homem primitivo. Para isto é mostrado pelas praias elevadas lagos circunvizinhos Van, Urumiah, e, realmente, todos os lagos de Ásia central. Foram achadas grandes quantidades de ossos enormes nestes depósitos lacustres fronteiriços que correspondem a esses achados nos depósitos glaciais e pós-glaciais de Europa e América. Deve, também, se lembre que o secando das águas da inundação é representado para ter sido muito gradual - isto sendo 170 dias do tempo as águas começaram a baixar antes de o Noé pudesse desembarcar. Pode ter sido muitos séculos antes de as condições presentes eram estabelecidas, o clima, enquanto isso, que é modificado a um grau correspondente pela proximidade de corpos circunvizinhos vastos de água.

Armênia abunda em inscrições esculpidas nas pedras, altar apedreja e colunas, mas eles foram só traduzidos. O manuscrito é cuneiforme e cada carta tem só um único caráter fonético preso a isto. Mas lá é introduzido um bem muitos pediram emprestado ideografias que ajudou no desenvolvimento. De acordo com Sayce este sílaba de cuneiforme foi introduzido da Assíria depois da conquista de Salmaneser II no 9º século a.C.

Arathes

a-ra'thez (a KJV Araiarthes; , Arathes; , Ariarathes):Rei da Capadocia, 163-130 a.C. Educado em Roma, ele absorveu idéias romanas e se tornou um aliado fiel dos romanos, em conformidade com de quem deseja ele recusou uma proposta de matrimônio com a irmã de Demetrius Soter. A guerra declarada posterior, rebanho Arathes do reino dele e montou Holophernes no lugar dele. Ele fugiu para Roma aproximadamente 158, e pelos escritórios bons dos romanos tidos sucesso obteve uma participação no governo de Cappadocia. Depois ele se tornou o rei exclusivo novamente. Em 139 a.C, como resultado de uma embaixada enviada por Simão Macabeu, os romanos escreveram cartas a Arathes (1 Mac 15:22) e outros reis orientais no interesse dos judeus. (See Diodor. XXXI, 19, 28, 32; Justin, XXXV, 1; Polyb. III, 5; XXXII, 20-30; XXXIII, 12).

Araúna

a-ro'na (, 'arawnah, 2Sm 24:16, 2Sm 24:20 , 'aranyah 2Sm 24:18, , 'ornan., 1Cr 21:15; 2Cr 3:1, tudo de uma raiz hebraica que significa “ser forte”): Um Jebusita de quem Davi a pedido do profeta o Gade comprou uma eira localizado no Mt. Moriã, como um local para um altar de Deus na hora da grande pestilência (2Sm 24:15; 1Cr 21:15) na qual Salomão ergueu o templo depois (2Cr 3:1).

Arbatita

ar'bath-it (, ha-'arbathn):Talvez “um nativo do Arabá.” Klostermann sugere “um nativo de Bete-Arabá.” O Arbatita Abi-Albom é (2Sm 23:31), Abiel também nomeado (1Cr 11:32), um dos heróis de Davi.

Arbatta

ar-bat'a, ar-bat'is na KJV Arbattis, (, en Arbattois (plural)): Aparentemente um distrito no bairro da Galiléia, do qual os

judeus que estavam em perigo de ataque pelo pagão foram levados por Simão Macabeu para Jerusalém (**LA** 1 Mac 5:21ff). Não pode ser identificado com certeza. Ewald (Hist, V, 314, tradução inglesa) favores, *el-Bateiha*, a planície pela qual o Jordão flui no Lago da Galiléia. Enciclopédia Bíblica (s.v.) sugere “o Arabá, ou Arabote do Jordão.” Possivelmente porém nós deveríamos procurar isto no toparchy de Akrabattis, para o Sudeste de Siquem (BJ, III, iii, 4 f).

Arbela

ar-be'la (, *en Arbelois*): Este lugar é mencionado em (**LA**) 1 Mac 9:1ff, e em Antig, XII, xi, 1, descrevendo a marcha e acampamento de Bacchides. O anterior diz que “Demetrius enviou Bacchides e Alcimus na terra da Judéia... que foi adiante a propósito para Galgala, e lançou as barracas deles antes de Masalote que está em Arbela e depois que eles tivessem ganho isto que eles mataram muitas pessoas.” Josefo diz que Bacchides “marchou fora de Antioquia e entrou na Judéia e lançou o acampamento dele a Arbela, uma cidade da Galiléia, e tendo sitiado e levado esses que estavam lá em cavernas (para muitas pessoas fugidas em tal coloca) ele removeu e fez toda a pressa ele pôde para Jerusalém.” era das cavernas perto da aldeia de Arbela na Galiléia que Herodes desalojou os ladrões (Antig, XIV, xv, 4 f.; BJ, eu, xvi, 2ff). Josefo fortaleceu as cavernas de Arbela em mais baixa Galiléia (Vita, 37), “perto do lago de Genesare” (BJ, II, xx, 6).

As referências em Josefo apontam claramente para as cavernas no precipício que forma a parede sul do tremendo desfiladeiro de *Wady el-Hamam* que abre na planície de Genesare, oeste da aldeia *el-Mejdel*. Uma série destas cavernas, habilmente adaptadas a propósitos de refúgio e defesa, ainda são conhecidas como *Qal'at ibn Ma'an*, “fortaleza do filho de *Ma'an*.” Na altura sobre posto as ruínas de *Irbid* ou *Irbil* (são ouvidas ambas as formas hoje), que representam a Arbela de Josefo inquestionavelmente. O exército de Antioquia pode ter vindo totalmente bem deste modo. Nenhum nome foi recuperado porém no Masalote o mais menos se assemelhar a neste distrito. Nós podemos mencionar a sugestão de Robinson (BR, II, 398, nota), que pode representar o hebraico *m'silloth*, “passos, histórias, terraços,” e pode aplicar à fortaleza nas pedras.

Por outro lado o escritor de (LA) 1 Macabeu é uma autoridade mais primitiva que Josefo. Se nós aceitarmos a orientação dele, Bacchides deve ter cruzado a planície de Esdraelon e deve ter seguido a rodovia principal para o sul por Samaria. Galgala pode ser identificado então com *Jiljilia*, aproximadamente 8 milhas Norte de Betel, e Masalote com Meselie, aproximadamente 3 milhas Sudeste de Dotã. Onomasticon menciona uma Arbela na grande planície, 9 milhas de Legio (*Lejun*), mas é agora desconhecido. O *en arbelois* poderiam significar que Masalote estava no distrito de Arbela; mas não há nenhum rastro deste nome como prendendo a qualquer área neste bairro.

Um ou outro destas rotas deve ter sido levado. Enquanto nenhuma certa decisão pode ser alcançada, peso especial prende à declaração de Josefo, por causa do conhecido dele com as localidades na região, e a familiaridade inquestionável dele com a história. Também veja BETE-ARBEL.

Arbita

ar'bit (, *ha-arbit*): O Arbita ou talvez um habitante da Arábia no sul de Judá (Js 15:52). O epíteto é usado com relação a um dos homens poderosos de Davi em 2Sm 23:35; onde Paaraí que o Arbita acontece. Na lista paralela (1Cr 11:37) nós temos Naaraí o filho de Ezbaí.

Arbonai

ar-bo'nai, ar-bo'na-i (, *Abrona*): Uma torrente mencionada em (**LA**) Judite 2:24. Além do que é indicado nesta passagem, não é possível determinar o local; mas disto parece ter sido perto da Cilícia. É rejeitada identificação com a moderna Nahr Ibrahim, (**1**) que o nome antigo deste rio era Adonis, e (**2**) que isto não responde ao termo “torrente” aplicado por Judite. Uma possível interpretação mal de “as cidades altas que eram , *b'ebher ha-nahar*” (“além do rio”; Enciclopédia Bíblica).

Arco

arch (, *ayil*; Septuaginta $\alpha\alpha$, *ta ailam*, em senso de “postes” ou “colunata”): Se referiu repetidamente para em Ez 40:16, mas tradução um erro é para “varanda” ou “pórtico.” a Versão Revisada (britânico e americano) cede marg, “ou, colunata. O significado da palavra hebraica é incerta.” O princípio de construção de arco foi conhecido aos judeus e exemplos de arcos rudes judeus cedo foi achado na Palestina. Uma necessidade de forma curvada não necessariamente seja construída com radiar juntas; pode ser corbelled como a Mycenae (Tesouraria de Atreus). Este tipo de construção também foi achado na Palestina.

Arqueologia e Crítica

ar-ke-ol' o-ji, krit'i-siz'm: Arqueologia, a ciência das antiguidades, está neste artigo limitado ao campo Bíblico, um campo que foi delimitada (De Wette, 1814, Gesenius), mas o qual inclui corretamente não só todos os fatos antigos que agüentam na Bíblia que tinha estado perdido e foi recuperada, mas todos restos literários da antiguidade que contem na Bíblia e, também, a partir da primeira importância, a própria Bíblia (Hogarth, Autoridade e Arqueologia, vi).

Extensão de Artigo

Crítica, a arte de escrutínio, está principalmente aqui limitado, entretanto não exclusivamente, para a crítica literária da Bíblia, agora, segundo Eichhorn, geralmente chamou a Crítica mais Alta. Assim “Arqueologia e Crítica,” o título deste artigo, é significado designar o porte da arqueologia de terras da Bíblia na crítica, especialmente a Crítica mais Alta, da Bíblia. O assunto como assim definiu eu chama para a discussão de, Que arqueologia pode fazer no caso - os poderes, direitos e autoridade, quer dizer, a Função de arqueologia em crítica; e II. Que arqueologia fez no caso, os efeitos resultantes de tal evidência arqueológica, quer dizer, a História do

porte de arqueologia na crítica da Bíblia.

I. Função

A função da arqueologia e crítica só foi recentemente determinada muita atenção e as opiniões variaram nisso grandemente.

(A) Ignorado por Enciclopédias

Enciclopédias bíblicas geralmente, até o mais recente, não deu para este assunto um lugar nada merecido. (Dicionário de Hastings da Bíblia, Enciclopédia Bíblica, Smith, Dicionário da Bíblia, Kitto, Enciclopédia de Literatura Bíblica, Hambúrguer, Vê Hauck-Herzog, Realencyklopadie protestantische de pele und de Theologie Kirche, Eadie, Enciclopédia Bíblica). McClintock e Enciclopédia Forte Literatura Bíblica e Eclesiástica está usando um artigo "Arqueologia Bíblica" consistindo completamente em bibliografia, também um artigo de um caráter geral debaixo de "Sac. Formiga." A Enciclopédia de Schaff-Herzog Nova de Enciclopédia de Conhecimento Religiosa tem um artigo, A Enciclopédia católica, 1907, tem um artigo debaixo do título "Antiguidades Bíblicas," e a Enciclopédia judia, 1902, está usando um artigo de cinco páginas "Arqueologia Bíblica" Mas na função de arqueologia em crítica não há quase nada em qualquer lugar.

(B) Variedades Estimadas por Críticos

Críticos variam muito na estimativa deles do valor da arqueologia em crítica, de acordo com as predileções individuais deles e as teorias críticas dele, mas até muito recentemente arqueologia geralmente não foi determinado um comandando, ou até mesmo um proeminente, colocado em crítica. Wellhausen parece declarar no princípio para o domínio da arqueologia em crítica da História de Israel, entretanto ele ignora isto muito nas páginas que seguem (História de Israel, 12). A Autoridade (Autoridade e Arqueologia, 143-50), pensa "testemunho de arqueologia às vezes determina decisivamente a pergunta," mas é "freqüentemente estranhamente malentendida," e as derrotas de crítica às mãos da arqueologia são freqüentemente "puramente imaginária" (LOTE, 1897, 4). Orr pensa "arqueologia licita antes logo controlar crítica e história" (POT, 305-435). Eerdmans, sucessor para Kuenen a Leyden, definitivamente e absolutamente fratura com o Wellhausen educação da crítica, principalmente no campo que arqueologia desacreditou o ponto de vista deles e a atmosfera histórica com que eles cercaram o Velho Testamento. Wiener, o mais proeminente de recentes críticos judeus, também acredita que uma própria apreensão da natureza de instituições antigas, alfândegas, documentos e códigos, i.e. arqueologia, e especialmente a arqueologia da própria Bíblia, é claramente decisivo em sua influência no assunto elevado pela escola de Wellhausen (BS, 1908-10).

(C) Urgiu por Arqueólogos

Arqueólogos têm avançado as reivindicações superiores da ciência deles geralmente por muito tempo na controvérsia crítica (Brugsch, Egito debaixo do Pharaohs; Naville, de de Recueil Travaux, IV, N.S.; Petrie, Hyksos e Israelita Cities, capítulos i-iv; Pesquisas em Sinai, 188-223; Spiegelberg, Aufenthalt Israels em Aegypten.; Steindorf, Explorações em Terras da Bíblia (Hilprecht), 623-90; Sayce, Crítica mais Alta e os Monumentos; Hommel, Ancião Tradição hebreia, xi; Jeremias, Das alte Testamento im Lichte des alten Orienta).

A função da arqueologia em crítica, como completamente trouxe para iluminar através de recente discussão, é como segue:

1. Colocação histórica

Arqueologia fornece a verdadeira colocação histórica da Bíblia. Na crítica de uma pintura, é da importância extrema pendurar o quadro corretamente antes das crítica começar. Não é muito diferente na crítica de literatura, e literatura especialmente Bíblica. O patriarcas e profetas e salmistas são "os velhos mestres" de espiritualidade e de literatura religiosa; as produções deles foram produzidas debaixo de certa reunião social, condições políticas, morais e religiosas, e dentro de certos ambientes de influências, inimigos, oportunidades, tentações e privilégios espirituais. É só arqueologia que pode pendurar os quadros deles corretamente, e só quando assim pendurou aquela verdadeira crítica está pronta começar. O crítico só é então um crítico quando ele viu como arqueologia pendurou o quadro (BST, 1906, 366).

2. Orientação para Métodos

Arqueologia dá orientação aos métodos de crítica. Isto que faz; **(a)** Pressuposições:

Com respeito a pressuposições. Pressuposições são inevitáveis de nossas constituições mentais, e necessário à consideração de qualquer assunto, desde que todos os assuntos não podem ser considerados imediatamente. Mas nossas pressuposições são naturalmente, para uma extensão grande, esses induzidos por nossa própria experiência e ambiente, até que nós somos instruídos caso contrário. Como é que só arqueologia que pode nos instruir relativo às circunstâncias exatas de certas porções da Bíblia isto é evidente que, nessas porções, sem a instrução que arqueologia pode dar, nós não podemos ser assegurados de pressuposições corretas no crítico.

(b) Cânones:

Arqueologia dá orientação relativo aos cânones de crítica. É da importância extrema que uma literatura só deveria ser julgada pelos cânones seguida por seu próprio literati. Os restos literários inumeráveis de Egito e Babilônia revelam métodos e padrões muito diferente de um ao outro, e ainda mais diferente desses de literatura ocidental moderna, mas exibindo a um grau marcado as peculiaridades literárias do Velho Testamento. Em literatura babilônica, muita atenção é prestada a cronologia da época. Na literatura egípcia, é prestada comparativamente pouca atenção a cronologia, e que cronologia há, raramente é época, mas sincronisticismo ou somente historia. No Velho Testamento há uma mistura de todos estes tipos de cronologia. Novamente, em literatura babilônica, há cuidado e algum grau de precisão; em literatura egípcia, estão descuido, inexactidão freqüentes. Os Testamentos da Bíblia são, neste respeito, em contraste notável para estas outras literaturas, é em nenhuma parte em literatura oriental antiga lá a rigidez matemática de declaração exigida em literatura ocidental hoje; por outro lado freqüentemente há uma brevidade e rudeza de método literário que, para mentes ocidentais, parece ser fragmentariness de documentos. A tentativa para elucidar literatura oriental na Bíblia e fora disto aplicando os testes e padrões de literatura ocidental demais não é menos desastroso que seria a tentativa para julgar literatura ocidental por estas peculiaridades orientais.

(c) Forma Literária:

Arqueologia dá orientação que interessa forma literária. Muito do definiteness e unidade de literatura moderna está devido às artes de imprimir e ligar livro. Literatura todo arqueológica de terras da Bíblia, faltando, como faz, a influência destas artes, é, em forma, indefinido, ou fragmentário, ou ambos. Estas peculiaridades em forma e as causas do mesmo, arqueologia faz muito campo através de ilustração abundante. Faz claro, também, que fragmentos e indefinidas em literatura oriental, na medida em que surge da forma literária e não de destruição parcial de documentos, em nenhum modo milita contra integridade.

(d) Interpretação:

Arqueologia dá orientação relativo a interpretação. Arqueologia nos previne do truismo, muito freqüentemente negligenciou, que um idioma ou literatura significa o que é entendido para significar por esses de quem isto vem, de forma que os métodos etimológicos, sintáticos e especulativos de interpretação empregados em crítica para estar seguro, tem que ter o apoio do método histórico. Na

ausência deste apoio, mais especialmente se história contemporânea como revelado por arqueologia seja antagônico, interpretação, entretanto apoiada por todos os outros métodos de crítica, é muito precária. A interpretação de uma rubrica pelos métodos etimológicos e analíticos pode ser em parte ou completamente subvertida por um único quadro ou uma descrição breve do padre no altar. Por exemplo, é mesmo inquietando para comparar as observações de comentaristas em referências de Bíblia para a adoração em lugares altos com os fatos revelou lá pela recente descoberta de lugares altos e a adoração administrada (Macalister, PEFS, 1903, 23-31; Robinson, BW, janeiro, 1901; Janeiro, 1908, 219-25, 317-18; Vincent, Canaã, 144). Arqueologia tem que guiar na interpretação de literatura antiga, se que para cima qual há pouco foi cavado, como os recentes achados de manuscritos e monumentos, ou que nunca esteve perdido, como na própria Bíblia.

3. Fatos para Testar Teorias

Arqueologia provê de fatos para testar teorias.

Fatos e Crítica Correta Concordam:

Não pode haver nenhum real antagonismo entre os fatos de arqueologia e uma crítica literária correta de documentos confiáveis. Mas quem ou o que é determinar quando a crítica está correta? Se há conflito entre os fatos de arqueologia e as conclusões de crítica que tem que dar modo? Fazer a pergunta é responder isto. Teoria sempre tem que dar modo a fatos. “Onde o testemunho de arqueologia é direto, é do possível valor mais alto, e, como uma regra, determina uma pergunta decisivamente; até mesmo onde é indireto, se for suficientemente circunstancial e preciso, pode fazer uma determinação altamente provável” (A Autoridade, Autoridade e Arqueologia, 143).

Esta prerrogativa de fatos arqueológicos na prova de teorias críticas deve, então, de necessidade seja dado reconhecimento largo e positivo.

(a) Atestação de Necessidade de Teorias

Nenhuma teoria é ser aceita finalmente e fez aplicável a fé e vida até testou e atestou por fatos; se é uma teoria no campo de Natureza, pelos fatos de Natureza; se no campo de experiência, por fatos de experiência; se no campo de história, fatos de história. O Mestre traz revelação plana a este teste quando Ele diz, “Se alguém quiser fazer a vontade de Deus, há de saber se a doutrina é dele, ou se eu falo por mim mesmo” (Jo 7:17). Qualquer coisa na Bíblia pode ser desacreditado através de teoria; como tudo em céu e terra pode ser - realmente, foi - desacreditou através de teoria. A pessoa pode seguramente como abandone o rasto batido para o aparecimento mais atraente mas não confirmado de um deserto oriental, como volta a vida da pessoa aparte para uma teoria por fato. Porém aperfeiçoe o aparecimento, pode, afinal de contas, seja só a miragem, e o peregrino desapontado nunca pode voltar à estrada segura. Deixe teoria primeiro seja confirmado por fato; então pode ser recebido na vida.

(b) Sucesso não Atestação

Nem sequer uma teoria que conhece todas as condições conhecidas do caso em mão não está por aquele fato provou ser verdade, e então ser recebido na vida. O perigo mais atraente para o qual crítica é assunto é a suposição contrária que uma teoria que conhece todas as condições conhecidas do caso em mão é provou ser verdade assim. Este não é o caso. Além disso, tal uma teoria deve ser confirmada independentemente por fatos trouxe para iluminar, ou por mistérios destrancados; e até mesmo se mistérios são destrancados, a teoria necessariamente não é uma teoria completamente correta - a chave que vira a fechadura deve ser algo como a chave que pertence a isto, mas pode afinal de contas, seja uma falsa chave. Lá deva, em todo caso, se de mistérios destrancados ou de fatos caso contrário trouxe para iluminar, seja evidência independente, genuína além da adaptabilidade de teoria para todas as condições conhecidas do caso em mão. E além disso, uma teoria não só deve poder conhecer o teste de alguns fatos adicionais, mas o teste de todas as condições impôs por qualquer fato adicional trouxe para iluminar, e é capaz, também, incorporar estes fatos novos nos quais teoria foi construída originalmente tão naturalmente quanto esses.

(1) teoria na Vida

O problema é não determinar um ou vários dos modos nos quais um evento poderia ter acontecido, mas o um modo no qual aconteceu. Uma teoria que conhece todas as condições do caso em mão pode ser um dos vários modos nos quais o evento poderia ter acontecido, mas só através de evidência independente, genuína, corroborativa é qualquer teoria a ser atestada como o modo no qual o evento aconteceu de fato. Que esta declaração do caso está correta nas experiências de vida, nós temos evidência abundante nos procedimentos de tribunais de lei. O procedimento mais cuidadoso não previne falsas convicções completamente. O promotor apresenta uma teoria da comissão de um crime que conhece todas as condições do caso como entendido pela evidência, convence doze jurymen, e afiança uma convicção. Ainda às vezes posteriormente é descoberto que outra pessoa cometeu o crime de um modo completamente diferente. Que o dictum é em discussão inaplicável a literatura é estabelecido igualmente bem.

Senhor Peter LePage Renouf discutiu com grande agudez e força que é possível nomear significados a um manuscrito desconhecido, dê significados assim às palavras formadas, construa uma gramática e traduza inscrições como declarações históricas e faça sentido bom, entretanto não um único sinal, ou formula, ou construção, ou pensamento está correto (Vida e trabalho, I, 6, 7). Ele diz de um tal método: “Não é difícil de entender as Dez Ordens, os Salmos de Davi, os Poemas homéricos, ou as Melodias irlandesas, em qualquer monumento antigo ou moderno tudo que, e em qualquer idioma você por favor.”

(2) teoria na Literatura

Exemplos atuais em cumprimento de Renouf estão advertindo tese não está ausente. O grotesco, contudo confiante, não são esquecidos de esforços ao decifrerment dos hieróglifos egípcios antes da descoberta da Pedra de Rosetta. Dr. Mova diz (A Múmia, 124): “Em tempos mais modernos o primeiro escritor a qualquer comprimento em hieroglífico era Athanasius Kircher, o autor de alguns trabalhos ponderosos nos quais ele fingiu ter achado a chave às inscrições hieroglíficas, e os traduzir. Embora um homem de grande aprendizagem, deve ser dito claramente que, julgou por estudantes de hoje, ele seria considerado um impostor.” Joseph de Guignes (1770) manteve que a China foi colonizada por egípcios, e os caráter chineses só se degeneraram hieróglifos egípcios. Fracassos semelhantes na tentativa para decifrar os hieróglifos de Hittita e traduzir as inscrições de Hittita têm que formar lembranças dolorosas a estudantes distintos que ainda vivem, de quem esforços, não só estendendo em alguns casos a listas de sinais mas para sílabas, vocabulários, gramáticas e traduções, é agora, em parte, e em alguns casos, em toto, rejeitados pelo mundo instruído inteiro. Porém presente próspero ou esforços futuros destes estudantes podem provar ser, eles têm, em parte pelo menos, eles repudiaram o trabalho anterior deles. A teoria mais plausível de uma literatura, entretanto parece abraçar todo detalhe, possa, afinal de contas, seja achado para ser, como em um ou dois dos exemplos se referido para acima, completamente falso quando testou pelos princípios de filologia e os fatos de história contemporânea.

(3) teoria na História

Os perigos de teoria não confirmada em vida e literatura são até maiores em história que, em sua forma atual, é apenas vida escrita

abaixo, experiências humanas entregues para todos os acidentes e convencionalismos de literatura. As advertências aqui do egípcio e história clássica e literatura não serão desconsideradas. Menes e outros reis cedo de Egito foram declarados por críticos para ser meros caráter mitológicos; igualmente Minos de Creta; e foram ditas as histórias de Troia e os heróis dela para pertencer “mundo imaginário.” Mas as pás de Petrie a Abydos (Tumbas Reais), de Evans a Knossos (Revisão Trimestral, outubro, 1904, 374-95), e de Schliemann a Troy (Ilios: Cidade e País do Trojans), mostrou o “mundo imaginário” como terra sólida, e os heróis fantasmagóricos para ser os homens significativos de carne e sangue. Se nós formos aprender qualquer coisa de experiência, certamente nenhuma teoria de história sagrada ou profana será aceita como final até testou e atestou por fatos.

(C) Fonte dos fatos necessários

Apenas a arqueologia é trazendo novos factos sobre as questões levantadas pela crítica. Crítica produz apenas teorias, que combina os fatos, mas produz nenhum. Exegetas e comentaristas raramente, ou nunca, agora trazer à luz novos factos mais do que os filósofos de hoje dar ao mundo novos pensamentos. Um dilúvio de luz é, na verdade, derramando toda a página do exegeta e do comentarista nestes últimos dias o que torna seu trabalho inestimável mais útil para a interpretação, mas a fonte dessa luz não é nem crítica nem exegese, mas a arqueologia. Arqueologia é o que define a par da história bíblica os fatos da vida contemporânea e, portanto, ilustra literatura bíblica e métodos literários de literatura contemporânea e os métodos de literatos contemporâneos, e que faz com que a pureza, a santidade ea divindade das coisas da revelação se destacam em suas gloriosa luz própria, definindo ao redor deles, as sombras do ritual contemporâneo e da moralidade e da superstição.

(D) Âmbito da Função

Portanto, nenhuma teoria crítica da Bíblia deve ser finalmente aceita e fez uma parte de nossa fé até testados e comprovados por fatos arqueológicos. Mesmo Wellhausen, porém agora ele se afasta deste princípio no âmbito da sua crítica, parece estabelecer-la como fundamental no início da sua História de Israel, quando diz: "A partir do local onde o incêndio foi o primeiro acendeu o fogo dos homens manter-se longe, quero dizer o domínio de antiguidades religiosas e as idéias religiosas dominantes - que toda a região como Vatke em sua Teologia Bíblica marcou-o para fora. Mas só aqui, onde o conflito se acendeu, ele pode ser levado a uma conclusão definitiva "(História de Israel, 12). GA Smith cita também com a aprovação destas palavras de Napoleão (Campagnes d'Egypte et de Syrie dictées par lui-même Napoléon, II): "Quando camping sobre as ruínas das antigas cidades, alguém ler a Bíblia em voz alta todas as noites na tenda da o General-em-chefe. A verossimilhança ea veracidade das descrições foram surpreendentes. Eles ainda estão adaptados para a terra depois de todas as idades e as vicissitudes. "Mas o Dr. Smith acrescenta:" Isto não é mais verdadeiro, ainda que não nos leva muito longe Tudo o que a geografia pode fazer é mostrar ou não as situações são possíveis no momento em que são atribuídas, mesmo esta é uma tarefa muitas vezes além dos nossos meios "(HGHL, 108). Assim, os críticos, embora aqui e ali, reconhecendo o bom funcionamento da arqueologia da crítica, até agora não permitiu muito espaço no exercício dessa função.

II. História

Limitações de Discussões

A história da arqueologia da crítica de ser exposto aqui tem a ver com o teste de teorias críticas por fatos arqueológicos. As contribuições da arqueologia para o fornecimento do contexto histórico das narrativas bíblicas formam uma grande parte deste e de todos os dicionários da Bíblia. A história da orientação dos métodos críticos de informação arqueológica está na tomada. Dificilmente pode ainda ser considerada para qualquer registro.

Um amplo campo

O campo aberto para o teste de teorias críticas pelos resultados da pesquisa arqueológica é tão variado e tão estendida que apenas um esboço pode ser dado aqui. Extravagantes alegações sobre o resultado destes testes foram feitos tanto por críticos e por alguns dos seus adversários, como quando Driver Dr. diz que, depois, exceto nos pontos em que as provas da arqueologia é neutro, "em todos os outros pontos dos factos arqueologia, na medida em que são actualmente conhecidos, harmonizar inteiramente com a posição geral adoptado pela crítica "(Autoridade e Arqueologia, 145), ou como quando o astrônomo, C. Piazzi Smyth, pensava que a grande pirâmide revelou a sabedoria "dos egípcios "ter incluído alguns dos problemas mais abstrusas da matemática, e Dr. Seiss, em sua Miracle in Stone, estava confiante de que o monumento colossal mesmo do Egito definitivamente retratadas algumas das posições extremas da teologia premillennial.

Alguns dos exemplos de ensaios de teorias críticas a respeito das Escrituras pelos fatos da arqueologia, para a qual inquestionáveis provas históricas podem ser oferecidos, são aqui apresentadas.

1. Teorias que não afetam a integridade ou a historicidade

Muitas teorias críticas, nomeadamente as que não afectam a historicidade ou a integridade das Escrituras, isto é concordante com o valor nominal das Escrituras, foram corroboradas e outros desacreditados.

(A Teoria) confirmaram

(1), Geografia e Topografia

A teoria da confiabilidade geográficas e topográficas da Escritura, ou seja, que os povos, lugares e eventos da Escritura podem ser encontrados exatamente onde a Bíblia coloca-los. As tentativas de desmerecer a importância dessa comprovação geográfica e topográfica da veracidade das Escrituras têm sido feitos (Driver, Autoridade e Arqueologia, 148; também LOTE XI; Smith, HGHL, 108), mas essas tentativas não são satisfatórias. A teoria da exactidão das declarações bíblica tem sido de aceitação quase universal; arqueólogos equipados expedições caro, de acordo com ele, a exegese lhe permitiu entrar em suas conclusões, a discussão avançou-se na hipótese de sua correção, a conjunto das identificações que compõem a geografia ea topografia atestar bíblica, e toda a lista de geografias sagradas, uniforme em cada detalhe essencial, estão em evidência em apoio dessa teoria, até mesmo as obras daqueles escritores que falaram de forma depreciativa dele.

(2), História das Nações

A teoria da correção etnográfica das Escrituras. Que a relação entre os povos, tal como indicado na Escritura é correto, tem sido uma teoria de trabalho para todos os fins gerais e só partiram para fins especiais. Kautzsch diz (Die Bedeutung des bleibende Alttestaments, 17): "O quadro chamado das Nações continua a ser, de acordo com os resultados da exploração monumental, um documento etnográfico original de primeira ordem, que nada pode substituir." O progresso dos trabalhos arqueológicos A pesquisa tem confirmado esta teoria geral de trabalho e todos os anos adiciona nova confirmação no que diz respeito a itens específicos que, por algum efeito especial, foram representados como contra a teoria. Essa teoria geral da correção das relações tribais na Escritura tem sido, e está sendo sustentado, é indiscutível (Hommel, antiga tradição hebraica; Gunkel, Israel und Babylonien, do capítulo VI; Sayce patriarcal da Palestina, do Capítulo II; Winckler, OLZ, 15 de dezembro de 1906; Budge, História do Egito, I; Orr, POT, 400-401, 529-30). Ver Tabela das nações.

(3) Precisão da Escritura

A teoria da exatidão das Escrituras, tanto os originais e as cópias. Toda a teoria de inspiração postulados isso em grau maior ou menor,

ea teoria mais prevalente analítica avançada pela crítica, com as suas listas de palavras que indica, como é afirmado, a autoria, exige, para sua própria vida, um grau de precisão e invariabilidade no uso das palavras, tanto na escrita de originais ea transmissão deles por copistas maior do que o exigido por qualquer teoria, a mais exigente de inspiração. Onde quer que tenha sido possível testar as afirmações das Escrituras, na sua multitudinosa anúncios e referências históricas, arqueologia considerou correta a um grau notável, e que na sua forma actual e mesmo em peculiaridades minuto de declaração (Brugsch, edição Broderick, Egito sob os faraós, os capítulos V-VI; Sayce patriarcal, na Palestina; Naville, Recueil de Travaux, IV, NS; Petrie, Tafnes; Tompkins, The Age of Abraham, Clay, Luz do Antigo Testamento de Babel).

(4), Imaginário Bíblia

A teoria da correção das imagens da Bíblia. Esta é outra das teorias fundamentais e universais de trabalho de crítica que é, no entanto, às vezes esquecido. Seja qual for a teoria da autoria e da origem dos vários livros da Bíblia, há sempre, com poucas exceções especiais, o pressuposto subjacente por parte dos críticos da correção das imagens que reflecte a topografia, a flora ea fauna, das estações e dos costumes. Com efeito, após a confiabilidade das imagens, como sobre a exatidão no uso das palavras, a crítica depende. E este pressuposto subjacente de críticas de todos os matizes foi confirmado indiscutivelmente em suas características gerais, e está sendo corroborada por ano ano em seus menores detalhes, e mesmo nesses casos muito especiais, e que foi contestado. Para este fim testemunhar toda a companhia dos moradores oriental, os viajantes inteligentes e investigadores científicos (Thomson; Van Lennep; Robinson; Stanley; Palmer, no Deserto do Êxodo; Trumbull, Cades-Barnéia, Clermont-Ganneau, pesquisas arqueológicas, Van Dyke, fora do Portas da Terra Santa).

Além dessas teorias de caráter geral, há algumas indicações relativas podem ser observados:

(5) Jardim do Éden

A teoria da localização do Jardim do Eden em algum lugar no vale do Eufrates. Esta teoria tem sido todos, mas universalmente aceita e, enquanto ele ainda não está definitivamente de comprovados, está recebendo colaborações cumulativos ao longo de linhas etnológico. Sempre que é possível rastrear as linhas de emigração dos países início mencionada na Bíblia, é sempre achei que o sentido final é em direção a uma determinada área relativamente pequena da Ásia Ocidental.

(6), O Dilúvio

A teoria geológica sobre o dilúvio de Noé como a última grande mudança nos níveis de terra está sendo mais exatamente confirmada, não só por investigações sobre a história glacial, mas, pelo exame dos registros do cataclismo deixou sobre os montes e vales da Ásia central e ocidental (Wright, História A Era do Gelo na América do Norte; Científico e confirmações do Antigo Testamento, os capítulos vii-xi). Veja Dilúvio.

(7) Sodoma e Gomorra

A teoria geológica da destruição das cidades da planície foi exatamente confirmado pelo exame dos estratos, uma região betuminoso, uma grande camada de sal-gema, tampado por margas enxofre-rolamento e conglomerados cimentados por betume, uma explosão de pent gases-up, que recolhem em tais formações geológicas, que funde a queima de enxofre no ar e as águas do Jordão, descendo para dissolver o sal da camada de sal-gema rompido - tudo isso prevê exatamente o que a Bíblia descreve e para as condições encontradas hoje, a coluna de fumaça subindo ao céu, a chuva de fogo e enxofre, cair para trás da cratera soprando-off, a captura da mulher de Ló na beira do cataclismo e sua incrustação de sal (Wright, Confirmações científica da história do Antigo Testamento, 144; Blankenkorn, ZDPV XIX, 1).

(8) hicsos e Patriarcas

Há muito tempo se pensou que poderia haver alguma relação entre os reis misterioso hicsos do Egito e os patriarcas a conta para o acolhimento favorável, mesmo distinção real, dada a este último. Esta teoria de relacionamento tem sido muito plenamente estabelecida pelas descobertas de Petrie em Tell el-Yehudiyeh (Petrie, Hyksos israelita e das Cidades, 16/01). Ele não demonstrou a que raça pertenciam os hicsos, mas ele tem mostrado seu caráter tribal, que eles eram, como seu nome indica, "Bedouin príncipes", os líderes das tribos nômades ou semi-nômadas do Alto e Baixo ruteno, ou seja, Síria e na Palestina, e do norte e oeste da Arábia, como eram os Patriarcas, de modo que estes foram mostrados pela consideração de um ex-príncipe "beduínos" para outro.

(B) desacreditadas teorias

(1) Canaã Incivilizado

A imagem interessante que estava acostumado a ser elaborado de Abraão, deixando todos os seus amigos e civilização para trás para se tornar um dos pioneiros em uma terra bárbara tornou-se fraca e fraca e, finalmente, desapareceu completamente na luz cada vez maior da história contemporânea revelado pela Babilônia e descobertas Palestina (Vincent, Canaã, capítulos I e II).

(2) Quanto Melchizedek

Quanto Melquisedeque, "sem pai e sem mãe" (Heb. 7: 3), Tell el-Amarna cartas, embora não totalmente ofereça as informações necessárias, puseram em fuga um grande número de fantasias dos comentaristas de idade, e apontou para o lugar de Melquisedeque, em uma linha dos reis em Jerusalém, do título original renunciando a qualquer direito hereditário na coroa. "Não foi meu pai e não era minha mãe que me estabelecido nesta posição, mas foi o braço poderoso do próprio rei, que me fez mestre das terras e posses de meu pai." Este título, mais a tradução correta de que tem havido muita controvérsia, não ocorre uma única vez, mas parece ter sido exigida a cada menção formal da soberania do rei (Budge, História do Egito, IV, 231-35).

(3) Cronologia Oriental

A teoria da cronologia das porções iniciais do Antigo Testamento, o que tornou a ser exatamente no princípio do sistema de cronologia em voga no mundo ocidental de hoje, que, aliás, do princípio de que não poderia haver outro sistema de cronologia, e que foi universalmente aceita como uma hipótese de trabalho por todas as classes de críticos e comentaristas, até muito recentemente, tem sido bastante modificada, se não totalmente desacreditado, por ambas as pesquisas arqueológicas e etnográficas. Qualquer que tenha sido o sistema e método de uso da cronologia da história bíblica cedo, certamente não era a mesma que a nossa cronologia de época baseado em tempo astronômico exato. A cronologia inicial do Oriente eram geralmente historicanic, muitas vezes sincrônica, mas muito raramente época. O primeiro, e geralmente a única intenção, de cronologia atual é de narrar a fuga do tempo, os sistemas antigos do Oriente, muitas vezes apresenta um elemento moral, eventos, ao invés de tempo, foram relatados, eo tempo em que nada foi lugar eo homem que não realizou nada estavam aptos a passar em silêncio. Às vezes crônicas foram dispostas simetricamente e, novamente, o conceito visionário de tempo encontrados em todas as profecias, por vezes, parece ter prevalecido na escrita da história. Certo é que os antigos orientais pensamento considerada a relação do homem para a vida como de importância muito maior do que sua relação com o tempo - uma concepção mais profundamente moral da cronologia do nosso próprio (Green, BS, Abril, 1890, 285-303).

2. Teorias que afetam a integridade ou a historicidade das Escrituras

Muitas teorias críticas atacando a integridade ou a historicidade das Escrituras, isto é, as teorias de reconstrução, foram totalmente desacreditado por evidências arqueológicas e, em alguns casos, abandonados por aqueles que detinham-os (compare Driver, Genesis, adendas, 7ª edição, xx).

(A ignorância) da Idade Patriarcal

A ignorância da idade patriarcal era uma vez uma fortaleza fronteiriça que ameaçava afastado todas as pretensões literárias além desse

limite. Esta ignorância, mas nunca realizada por todos os defensores de uma reconstrução crítica, foi realizada por alguns. Von Bohlen zombavam da idéia da horda "indisciplinados" que possui conhecimento das leis (Gen, 29-41; compare Reuss, *Gesch des Altes Testament*, 96; Dillmann, Nu e Josh, 594). Driver Dr. diz que, na verdade, "Não é negado que os patriarcas possuíam a arte de escrever", mas acha que a posse de uma literatura por eles uma mera hipótese, pois a verdade é que nenhum terreno positivo pode ser alegado (Gen, xlii, XLIII, também Orr, POT, 375). Que essa teoria é absolutamente abandonado por todos dificilmente precisa ser declarado. A descoberta da existência de um sistema postal em Canaã nos dias de Naram Sin (Sayce, *Arqueologia das inscrições cuneiformes*, 143; Heuzey, *Revue d'Assyriologie*, 1897, 1-12), a estrita conformidade de muitos dos costumes patriarcais e eventos a lei escrita, como revelado pela descoberta de DeMorgan do Código de Hamurabi, a descoberta do Dr. Murch é de Tell el-Amarna cartas, porque revelam a ampla difusão da arte de escrever sobre os 130 anos antes do Êxodo, juntamente com a gradual empurrando para trás por evidência epigráfica da data de origem do alfabeto hebraico (Clay, *Amurru*, 30-32), e as provas irrefutáveis, de escavações recentes, a cultura geral eo aperfeiçoamento da Palestina patriarcal, enquanto ainda não dando a conhecer plenamente o estado t exacerbação da civilização patriarcal, fez toda a teoria da ignorância do que impossível a idade.

(B) Idéias Religiosas em Canaã

A teoria do estado, semi-nômade bárbaras da Palestina e da impossibilidade de alto idéias religiosas entre os patriarcas antes do Êxodo (Kuenen, *Rel de Israel*, I, 108-109), embora mais estreitamente relacionado com a anterior, exige separado aviso prévio. Esta teoria é essencial para a visão atual evolutiva da história de Israel e foi definitivamente adotada por quase todas segurando esse ponto de vista (GA Smith, *The Expositor*, 1908, 254-72; compare POT, 60). Esta teoria, embora menos importante ot suas escolas de críticos, tem sido de fato realizado por quase todos os comentadores. Mas a descoberta dos primeiros a parede e trabalho na cisterna Tanac (Sellin), e as façanhas de engenharia sobre as defesas e água da fábrica em Gezer (Macalister e Vincent, PEFs), e os 40 pés. muralha da cidade retratada na figura egípcia da guerra cananeu (Petrie, *Deshasha*, IV plural), bem como a lista dos mais ricos despojos tomados por Tutmés III (Sayce, *Arqueologia das inscrições cuneiformes*, 156-57; Birch, RP, 1 SER, II, 35-52; Lepsius, *Denkmäler*, Abth. III, bl. 32, 32A, 30A, 30B; Auswahl, III, L. 42-45), que dificilmente poderia ser repetido por todos os museus do mundo de hoje, testemunhar igualmente para a cultura de luxo e requinte da época. Tudo isso, em adição à massa de evidência contra a ignorância da idade patriarcal (ver (a) acima), esmagadoramente sustenta o parecer do W. Max Müller que "a civilização da Palestina na época patriarcal foi totalmente igual ao dos Egito".

(C) a história evolutiva

A teoria da evolução da história de Israel, principalmente a partir de uma origem palestina e meio ambiente (Budde, *Hist de Israel antes do exílio*, especialmente 77; Kuenen, *Hist de Israel*, 225, Wellhausen, *Hist de Israel*, 462). descobertas estinian Palestina mostram um contraste entre a religião original dos hebreus ea religião dos povos vizinhos de Canaã, conforme marcado, pois pode muito bem ser. A prova não é de todo de uma religião mais pura que crescem para fora da cultura vil da Palestina, mas de uma re ligion puro descendo e oprimindo-o (FEPs, 1902-9, GA Smith, mod. Crit. Ea pregação da Antigo Testamento, capítulo IV, em especial 142; FEPs, 1905, 287-88). Descendo agora um pouco da grande massa de dados, podemos citar:

(D) A mitologia ea Bíblia

A teoria do lendário personagem dos quatro reis de Gen 14, e dos heteus, e teoria do personagem mitológico geral das porções iniciais da Bíblia. Os quatro reis foram chamados "pequenos sheiks do deserto", e seus nomes "invenções etimológicas." Caráter histórico da conta desses reis foi totalmente desacreditado por muitos. Nöldeke em seu *Untersuchungen* chega ao resultado que a história (Gen 14) é toda a criação "livre", ea pessoa de Melchisedeque "uma figura poética." E Wellhausen acha Nöldeke deu o "golpe mortal" para a historicidade do história (Wellhausen, *Comp. da Hexateuch*, 311-12). Ed. Meyer é da mesma opinião Nöldeke, mas se expressa de forma ainda mais desfavorável (*Gesch*, 136). Hitzig, porém, vai ao extremo de depreciação quando ele vê na expedição de Quedorlaomer apenas um prenúncio da invasão de Senaqueribe (2Ki 19: 13). Delitzsch dá uma revisão muito abrangente dos críticos que consideraram esta narrativa dos reis como legenda de pouca ou nenhuma base histórica (Gen, I, 396-99; compare Dillmann, Gen, II, 32-33). Além disso, o personagem mitológico das porções iniciais da Bíblia geralmente teve defensores ardorosos (Stade, *Gesch*, 129-30; Schultz, *Teologia do Antigo Testamento*, I, 31; Wellhausen, *Gesch de Israel*, 317-20).

(1) Quedorlaomer e os aliados

Mas os quatro reis apareceram em descobertas arqueológicas. Embora ainda haja alguma controvérsia sobre a identificação de algumas delas, a confederação tem aparecido na Babilônia e também a soberania babilônica sobre a Palestina na época chamado pela narrativa, e, na verdade, a definição de todo histórico em que se encaixa com a narrativa perfeita naturalidade (Jeremias, *Das Alte Testament im Lichte des Alten orientas*; Hommel, *tradição hebraica*, Capítulo V, Clay, *Luz do Antigo Testamento de Babel*, capítulo VI). Mas os mitos não receber a confirmação de interesse arqueológico, como não só tem sido dada à narrativa da confederação dos quatro reis, mas que é rapidamente trazendo as características de toda a história do Antigo Testamento precoce (Gunkel, Gen, 263; Ladd, *Doct Scrip de Sac*, I, 737).

(2) Os Hititas

Então sérias dúvidas no passado têm sido levantadas sobre os hititas. Ocasionalmente, foi corajosamente disse que "nenhuma dessas pessoas jamais existiu" (compare Newman, *hebraico Monarquia*, 184-85; Budge, *Hist do Egito*, IV, 136). Mas, para além do tratado de Ramsés II com o "Kheta," por muito tempo geralmente se acredita ter sido o hititas (PR, 2ª série, IV, 25-32), e as referências à "Hatti" no Tell el-Amarna Cartas, também, que a ser as mesmas pessoas, agora temos uma grande descoberta Winckler da capital hitita na Boghaz-Koi ea cópia hitita do tratado com Ramsés II, em escrita cuneiforme. Os hititas são vistos como uma grande nação, um terceiro com o Egito ea Babilônia (OLZ, 15 dez 1906). Veja hititas.

(E) a teoria de anacronismos

Além da aplicação geral desta teoria, por muitos críticos a visão tradicional da Escritura e da afirmação da representação sistemática de eventos anteriores à luz das vezes muito mais tarde (Robertson, *Early Religião*, 30;. Fripp, *Comp do Gen*), muitos casos especiais de anacronismos foram denunciados. Edom foi dito ser mencionados também no início da narrativa (De Wette, *Int*, II, 71, nota de Parker, também Gunkel, Gen, 61). Mas um funcionário da Seti Meremphah II. sobre a época do Êxodo, em um relatório oficial, menciona o povo de Edom como desejando seus rebanhos de pastagem em Goshen. Tiveram início, assim, encontrado o seu caminho claro em toda a península do Sinai (Müller, *Asien und Europa*, 135; comparar Papiro Anastasia). Então Moabe, desde não identificado, teve dúvida quanto a sua existência em um tempo tão cedo como sua primeira menção, mas também ocorre em uma inscrição de Ramsés II, perto da época do Êxodo, ea terra de Moabe é colocado em "Rüthen", o nome egípcio para a Síria e Palestina e norte e oeste da Arábia (Kyle), geográficos e étnicos Listas de Ramsés II, "Recueil de Travaux, XXX).

3. Teorias agora desafiadas

Várias teorias críticas são agora desafiados em nome da descoberta arqueológica; ou não os desafios acabará por ser sustentada continua a ser determinado. Alguns são apenas mencionados aqui, mas eles são de uma natureza tal que, se sustentado, em última análise, terá um efeito de longo alcance sobre as críticas.

(A) Origens semita

A teoria, há muito estabelecida e quase universalmente aceita, de origem babilônica e oeste curso da cultura semita precoce,

especialmente das tradições religiosas (Barton, Origens semita, Capítulo I, também "Tiamat", jaos, XVI, 1-27; Paton, Early Hist da Palestina e da Síria, os capítulos III a VIII; Driver, Gen, 30-31; Orr, POT, 397). Esta teoria foi questionada suavemente durante algum tempo e agora é desafiado corajosamente. Um completo "sobre o botão direito do rosto" é proposta por motivo de muitas considerações arqueológicas, que, alega-se, faça Amurru, Síria e Palestina, o lar dos semitas do norte, para ser, se não a fonte original da cultura semita, pelo menos uma fonte antes de Babilônia, eo curso de cultura religiosa entre os semitas, em que desde cedo a não ser para o oeste para leste, mas, como parece ser Gen_11: 2 a Versão Revisada (britânica e americana) (Clay, Amurru, a Casa da semitas do Norte).

(B) A invasão de Canaã

A teoria da invasão gradual da Palestina, em vez da conquista é agora pela primeira vez desafiado por outros elementos de prova que o recorde em Josué. Palestina Tais pesquisas e coleta de tais provas, mas começou a ter dentro de alguns anos, e da amplitude da problemática do processo é necessariamente lento. Até agora, porém, como as escavações têm ido, a evidência é de uma mudança decisiva na cultura, mesmo em cidades como Gezer, sem, no entanto, a cultura cananita que são totalmente sob a influência de Israel e sucumbir a ela, exatamente, na realidade, como é representado na narrativa bíblica (FIPs, 1903, 49 anos, Macalister, ib, 1908, Macalister, 17, São Vicente, 228).

(C) Data do anúncio de escritos herméticos

A visão pós-cristã dos escritos herméticos. Estes documentos egípcios, na língua grega tem sido pensada para refletir o pensamento cristão primitivo, no Egito, principalmente por causa de uma "semelhança" impuros "certos para a linguagem do evangelho encontradas neles. Um exame recente crítica desses escritos estabeleceu, alega-se, por evidências arqueológicas recolhidas a partir dos escritos próprios, que a "semelhança" impuros "para expressões do evangelho não surgiu a partir da reflexão da doutrina cristã, mas a partir da apropriação pelos evangelistas da corrente expressões de Alexandrino grego em uso no pré-cristã linguagem teológica. Este ponto de vista dos Escritos Herméticos, se estabeleceu finalmente, mas não pode ter um efeito de longo alcance sobre Novo estudo Testamento (Petrie, Pessoal Religião no Egito antes do cristianismo).

4. A crítica reconstrutiva não confirmada

(A) as afirmações de alguns críticos

Não é uma teoria única crítica ainda mantida, de forma geral ou por proeminentes críticos individuais, que se propõe tomar a Escritura que não o seu valor de face, tem sido sustentado pela arqueologia. A afirmação de que é contrário, que "em todos os outros (controvertido) pontos, os fatos da arqueologia, a medida em que são actualmente conhecidos, harmonizar inteiramente com as posições geralmente defendidas pelos críticos" (Driver, Autoridade e Arqueologia, 145; LOTE (1897), Pref, xviii, Gen, adendas 7ª edição, XXXIV, XXXVI), significa que ou essas teorias não-sustentadas não são defendidos pela pessoa que faz a afirmação e não por ele considerada como geralmente defendida pelos críticos, ou, mais comumente, que es teorização em questão não ter sido positiva e definitivamente contraditas por evidências arqueológicas. Mas não é o suficiente para que as teorias não são, definitivamente, contraditas por evidências arqueológicas e vimos (compare acima) que deve ser definitivamente confirmada antes de ser aceito e autorizado a afectar a sua fé. Um exemplo das afirmações da crítica sobre a harmonia entre as suas teorias e os fatos da arqueologia, uma reivindicação cuja importância apresentação méritos em comprimento, é encontrada no Adendo para que ele t 7ª edição da Introdução de motorista para Gen, o enunciado mais recentes e positivos da crítica sobre o assunto. Driver diz (xxxiv):

É indicado pelo professor Sayce expressamente, e pelo Dr. Orr e AT professor Clay, implicitamente, que os argumentos Nöldeke contra o caráter histórico da narrativa de Gn 14 foram refutadas pela arqueologia. A declaração fornece um tal lição prática dos métodos em que os adversários não de crítica raramente contam, para que valha a pena explicar aqui os motivos pelos quais ela se assenta. Aqui estão as palavras do Professor Sayce (Monumental Fatos, 1904, 54, cf, embora sem nome Nöldeke, dos monumentos, 161 f): "Em 1869, o grande estudioso semítico, Professor Nöldeke, publicou um tratado sobre o Unhistorical Personagem de Gen 14. Ele declarou que a "crítica" tinha sempre desmentiu sua pretensão de ser histórica. A situação política pressuposta por ela foi incrível e impossível, em tão distantes que os exércitos babilônicos data não poderia ter marchado para Canaã, e muito menos poderia Canaã foram objecto de uma província da Babilônia. A história toda, na verdade, era uma ficção baseada na conquista assíria da Palestina no dia posterior. Os nomes dos príncipes comemorado em que eram invenções etimológicas: Eminentes estudiosos semitas já havia explicado as de Quedorlaomer e seus aliados do sânscrito, e os dos príncipes cananeus foram obtidos a partir dos eventos em que eles deveriam ter suportado uma parte" E então ele continua a declarar triunfantemente (55) como o avanço da arqueologia refutou estas declarações aH ...

Ele provavelmente irá surpreender o leitor deve ser dito que, da série de argumentos, assim, atribuída ao Professor Nöldeke, enquanto que a sobre os nomes é atribuída a ele com correção parcial (embora, na medida em que é declarado corretamente, não tem sido refutada pela arqueologia), os outros argumentos nunca foram usados por ele em todos os ... (Xxxv). Um único grão de verdade na acusação de longo Professor Sayce é que os nomes dos cinco reis cananeus, que são dadas, Bera e Birsá (sugerindo a idéia de "maldade" do "mal" e), e talvez contra Sinabe e contra Semeber, bem como, são formadas artificialmente, mas este (RN) não é declarado o nome de qualquer um dos quatro reis do Oriente O fato é que os argumentos Nöldeke sobre Gn 14 não foram refutadas, ou mesmo tocado, pela arqueologia Professor Sayce simplesmente não mencionados argumentos reais Nöldeke em tudo. Também não são mencionados pelo Dr. Orr ou professor Clay Arqueologia reuniu os argumentos que Nöldeke não usou, mas não encontrou os argumentos que ele usou. Nöldeke nunca questionados, como o Professor Sayce declara que ele fez, a possibilidade geral neste momento de uma expedição a ser enviada a partir do Extremo Oriente para a Palestina: seu argumento consiste em apontar várias improbabilidades históricas inerentes aos detalhes de uma expedição particular; e arqueologia pode derrubar esse argumento só por produzir provas de que esta expedição, com os detalhes como indicado em Gn 14, realmente ocorreu. E isto até o presente momento (junho de 1909) arqueologia não fez.

(B) As afirmações de Nöldeke

Comparar com as declarações do driver, um por um, embora em certa ordem diferente, as próprias palavras do Nöldeke. Ele diz (Untersuchungen, 157-60):

O capítulo começa com uma enumeração dos reis, que institui, em cujo tempo o evento narrado é acusado de ter ocorrido De que serve o namoro de acordo com Reis, o tempo do seu reinado, é completamente desconhecidas para nós? ... para que o namoro é totalmente supérfluo e não nos diz nada.

Berna e Birsá estão a ser dito

bem deciddidamente anti-histórica O emparelhamento alliterative também desses nomes para a sua fala mais fictícia do que por sua origem histórica. É surpreendente que, para a única cidade histórica de Zoar, nenhum nome do rei é dado Além disso, somos obrigados a nenhum momento, o evento contou poderia muito bem ter acontecido no ano de 4000 como de 2000; a cronologia artificial de Gen é para nós nenhuma regra Daí o narrador tem os nomes dos reis hostis, não podemos dizer. Eles podem realmente ter sido transmitida a ele, talvez muito em relação a outro. Seja como for, o máximo que podemos admitir é que ele tem utilizado alguns nomes corretos misturadas com falsas ou inventadas, eo aparecimento da historicidade, portanto, produziu tão pouco pode permanentemente nos enganar como os nomes próprios e datas no livro de Ester Conceder provisoriamente a correção dos nomes dos reis e testar a narrativa ainda mais.

Aqui, em um longo parágrafo, Nöldeke segue a reductio ad absurdum, argumentando que, do ponto de vista histórico, a suposição provisória é incrível e impossível, e conclui (163), "Agora toda esta expedição é historicamente improvável, na mesma medida que é

adaptado para a produção de um efeito impressionante, o sinal habitual que é fictício Não a improbabilidade manifesta da narrativa estão precisamente nos detalhes que lhe dão a aparência de historicidade?

Quanto a história da perseguição de Abrão dos reis eo resgate de Lot, ele diz (165): "Se isso for possível, então não é nada impossível. Pode ser respondido que o número de agentes de Abrão era na realidade muito maior, mas tudo depende dele, e o número pertence novamente para as mesmas coisas que se espalham ao longo da narrativa o brilho enganoso da historicidade ".

De Melquisedeque e os aliados amorreus de Abrão, diz ele (168): "Assim como as provas se acumulam, que a nossa narrativa não tem valor histórico Mesmo que o resto do capítulo foram histórica que Melquisedec deter ainda uma figura poética "Ele resume o argumento, nos seguintes termos (170-71):". Em conformidade com o que foi dito, é muito improvável que o compositor nas matérias-chefe repousava sobre uma verdadeira tradição do povo, mas temos de aceitar como um fato que é uma criação livre por toda parte. "

Sobre o mesmo tema, em resposta a alguns de seus críticos (Zeitschrift für W. Theol, 1870, 218-19), ele diz:

Eu sumo, mais uma vez os pontos gerais: (1) Dos nomes mencionados em Gn 14, vários são históricos (o nome de Sodoma e Gomorra, os amorreus três, Melquisedeque, a meu ver, também, Abrão e Ló, e provavelmente o quatro cidades oprimido). (2) A expedição dos reis não pode ter ocorrido como narrado ... mesmo através da clareza muito da narrativa somos feitos para saber que nós temos aqui a ver com uma expedição romântica, durante o qual é determinado pelo objectivo mais nítidas efeito, e que tem por si nenhuma probabilidade histórica. (3) O número reduzido de acolhimento, em cuja completa vitória sobre o exército dos quatro reis da história finalmente chega a um clímax, é contrário ao sentido, ao mesmo tempo, no entanto, sobre o número designa o máximo que, como seus próprios homens de combate , um cidadão comum poderia colocar em campo.

Quem agora em toda a este irá realizar a um núcleo histórico, pode fazê-lo, ele deve, então, admitir que em algum momento perfeitamente incerto em grande antiguidade de um rei de Elão governava a terra Jordão e lá fez uma expedição guerreira. Mas isso seria a concessão máxima que eu poderia fazer. Tudo o mais preciso, como números, nomes, etc, e também exatamente o que produz a aparência de tradição e confiabilidade cuidado é parcialmente falsa, em parte bastante confiável ... sobretudo, para além da conquista em si nada podia ser conhecido. Mas para mim ainda parece muito mais provável, tendo em vista a coerência, e para o objetivo do narrador, extremamente bem organizado, mas ainda assim, na realidade, naturalmente impossível da narrativa, a partir da qual não podem ser separados coisas simples como exagero nua da tradição, que nós temos aqui uma ficção consciente em que apenas alguns nomes históricos foram usados.

(C) Os fatos da Arqueologia

Agora, recordando à mente os fatos da arqueologia, neste caso (compare acima), torna-se evidente que eles estão muito longe de "harmonizar inteiramente" com a opinião apresentada por Nöldeke e reiterado pelo driver, eo método de defender a "harmonização", como aparece muito claramente. Além disso, o que é verdade dessa teoria particular de Nöldeke and Driver é igualmente verdadeiro para outras teorias críticas radicais actualmente detidas. As teorias atuais de reconstrução da crítica - a não patriarcas indivíduos, mas personificações, o rude, condição semi-nômades bárbaras da Palestina na era patriarcal, o deserto, Egito, a insignificância comparativa de Moisés como o legislador, a invasão progressiva da Palestina ; a origem naturalista da religião de Israel a partir de mitos astrais, e da autoria do Pentateuco final - não é um ser sustentado. De fato, as evidências arqueológicas, por muito que pode haver é de caráter negativo ou que não é definitivamente contra as teorias de reconstrução da crítica, ninguém pode apontar para um determinado único definido de provas arqueológicas que qualquer uma destas teorias é positiva sustentada e corroborada .

5. O Estado Atual das Discussões

O atual estágio de progresso do teste de teorias críticas pela evidência arqueológica poderá brevemente ser indicado. A Bíblia pelo seu valor facial está sendo corroborado onde arqueologia imediatamente e definitivamente toca. Para ilustrar esta afirmação seria plenamente citar cada pedaço de evidência arqueológica definida no campo bíblico da investigação científica durante os últimos cem anos.

Mas as opiniões das Escrituras deve finalmente quadrados, com os resultados da arqueologia, ou seja, com a história contemporânea, e, assim como a pesquisa arqueológica faz com que apareça história contemporânea, as teorias críticas em cumprimento de variância é de necessidade dando lugar, de modo que, tanto quanto o processo foi realizado até o presente momento, a arqueologia está trazendo críticas em harmonia com o valor nominal das Escrituras, e não é definitivamente e inequivocamente tentativas incentivando a reconstrução literária de qualquer parte da Bíblia, embora às vezes convidado a prestar tal serviço.

Literatura

A bibliografia da discussão apareceu nas referências totalmente dado ao longo deste artigo. A bibliografia sobre o assunto deste artigo, "Arqueologia e Crítica", é, como indicado acima, extremamente magros, pois a importância do assunto, mas recentemente vem para a frente e foram geralmente reconhecidos. A seguir podem ser citados: Driver, em Autoridade e Arqueologia (Hogarth), Capítulo I; Eerdmans, Hibbert Journal, julho de 1909, também Alttestamentliche Studien; Orr, O Problema do capítulo XI, do Antigo Testamento; Bennett, Contemporary Review, 1906 , 518.

Arcanjo

ark-an'jel. Veja ANJO.

Arquelau

ar-ke-la'us (, *Archelaos*, Mt 2:22): Filho de Herodes o Grande pela sua esposa Malthace. Ele teve sucesso na morte do pai dele ao governo de Judéia, Samaria e Iduméia, mas foi deposto pelos romanos de governar em 6 d.C. Veja HERODES.

Arco e flecha

ar' cher-i:

(1) a arte de usar o arcus, ou arco e seta por caçar e na batalha é de grande antiguidade. É mencionado em Gn 21:20, como também no Iliad e a Odisséia, e descreveu em monumentos egípcios e em esculturas assírias. Os Filisteus superados na arte que levou Davi a ordenar aquele treinamento especial nisto sejam dados aos hebreus (2Sm 1:18). Era uma arte importante ao longo do mundo em tempos Bíblicos (veja Gn 27:3; Is 22:6; Is 49:2; Sl 127:4). O Benjamitas entre os hebreu seja notável como arqueiros (Jz 20), e os arqueiros constituíram muito da força lutadora, e não fez nenhum papel mau nas vitórias, do mundo grego afamado e exércitos romanos.

(2) o arco era comum a civil (Gn 21:20) e vida militar (Zc 9:10), e compete com a lança em importância e antiguidade. Normalmente foi feito de madeira dura, elástica, temperada, e freqüentemente montada com bronze (veja Sl 18:34 Revised Versão (britânico e

americano); compare Jó 20:24). Mas corneia, também, era usado para arcos pelos anciões, algum com ser de curvas dobro evidentemente modelado depois dos chifres de bois. O arco-fio geralmente era do intestino do boi e as setas eram de cana, ou madeira clara inclinou com pederneira, bronze, ou ferro.

(3) a batalha se curva, como é mencionado em Zc 9:10; Zc 10:4, deveria ter sido de grande tamanho, desde que eles exigiram ser amarrados apertando o pé no mais baixo fim, enquanto o fim superior estava abaixo curvado receba o fio em um entalhe; conseqüentemente a expressão “andar (= fio) o arco,” e “chefes,” para arqueiros (Jr 50:14, Jr 50:29). As setas, “os filhos do tremor dele” (margem de Lm 3:13, a Versão Revisada (britânico e americano) “cabos”), ordinariamente era, claro que, levou no tremor que ou foi colocado na parte de trás ou atirou no lado esquerdo, afiançou por um cinto em cima do ombro certo (HDB). O dia de pólvora e armas de fogo, claro que, não era contudo.

Arquevita

ar'ke-vit (*K^cthbh*, , *'arkawey*, *K^cre*, , *'ark^cwaye*): Uma das tribos que Osnappar transplantou para inchar as multidões misturadas nas cidades de Samaria (Ed 4:9). O Archevites os habitantes de Erequê eram, um das quatro cidades originalmente fundado por Ninrode na Babilônia. (Para seu local moderno comparem Loftus, *Viaja em Caldéia e Susiana*, 162ff). Marquardt (Fundo, 64ff) emends o texto para ler [] [], *ch kuthaye*, “quem são Cuthaeans” (2Rs 17:24).

Arquipo

ar-kip'us (, *Archippos*): Se dirigiu por Paulo na carta dele para Filemon, como “nosso soldado da mesma categoria”; provavelmente um sócio do círculo de família de Filemon, ocupando algum cargo oficial na igreja (Cl 4:17; Fm 1:2). Veja ÁFIA. A tradição que ele era um dos setenta discípulos, se tornou o bispo de Laodicéia e depois se tornou um mártir, parece ter pequena fundação histórica.

Arquitetura

ar'ki-tek-t'u?? r:

I. História Geral

1. Planos, Orçamentos e de medição
2. Referências Velho Testamento

II. Templo e Palácio de Salomão

1. Construção e Materiais
2. Estilo
3. Fatos
4. Desenhistas Fenícios

III. Conclusões da Remains real

1. Defesa Paredes
2. Ruas
3. A ausência do "Grande Estilo"
4. Detalhe salomônica
5. Templo de Onias
6. Comparação com Maccabean Trabalho
7. Túmulos pintados em Marissa
8. Característica Característica

IV. Herodes Trabalho

V. Sinagogas

VI. Final

Literatura

I. História Geral

As palavras "arquiteto" e "arquitetura" não ocorrem no Velho Testamento ou o Novo Testamento.

Como a grandeza de uma nação e sua elevação social estão refletidas no curso do desenvolvimento arquitetônico, assim é o fracasso de uma nação levantar-se a firme estabelecimento, após a vitória na guerra, refletida na ausência de tal desenvolvimento. A última condição era a de que os judeus na Palestina, eles falharam de modo a estabelecer-se que seu caráter e objetivos poderia encontrar verdadeira expressão na arquitetura. O país, devido à sua posição geográfica e seu caráter territorial quebrado, qual edição exagerando a natureza tribal de seus habitantes, não favoreceu império político (ver HGHL, 10). A grande dificuldade dos judeus era a preservação de sua própria integridade. Não poderia haver expedições vitoriosas para terras estrangeiras para inspirar provas monumental de realização de armas, nem que tivesse a inspiração. de vários deuses ou santos, para cuja glória grandes edifícios e separado pode ser levantado. Suas habitações eram, por força das circunstâncias, despretensioso, e seus túmulos eram do mesmo caráter.

1. Planos, Orçamentos e de medição

Embora nos edifícios menores, há muito pouca evidência de o construtor ter sido regida por um plano previamente elaborado, parece não haver dúvida de que, em obras maiores, um plano foi preparado. O Tabernáculo era feito de acordo com um "padrão" (Exo_25: 9) e do Templo de Salomão foi também concebido e apresentado para aprovação (1Ch_28: 11). O custo estimado foi também considerada (Luk_14: 28). Os equivalentes a uma linha de fita e pé regra pode ser identificado (Eze_40: 3, Eze_40: 5; Eze_47: 3; Rev_11: 1; Rev_21: 15).

Os israelitas chegaram em tendas, e as cidades muradas, "grandes e fortificadas até aos céus" (Deu_1: 28 a King James Version) que tomaram e ocuparam estavam bem fortificados, abrigos desagradável, cobrindo áreas de algo a partir de 12 hectares, como em Taanake e Megido, a cerca de 23 hectares como em Gezer (Canaã d'après l'récente exploração). As habitações dentro dos muros eram estruturas pobres de tijolos de barro ou pedra rude, em muitos casos, eles eram cavernas escavadas na rocha. É verdade, os judeus tentaram, no início de sua sessão pos completo, para construir em beleza, e fez esforços para uma maior substancialidade, utilizando as melhores disponíveis ajuda; a tentativa, porém, estava fadada ao fracasso. Seus prédios mais importantes foram as suas fortificações. A

habilidade de engenharia exibido na construção de aquedutos e outros sistemas de água foi forçado a sair deles por pura necessidade, e provou a existência de um poder latente construtiva, o que nunca tinha sofrido oportunidade de aplicar a arquitetura. Em contraste impressionante é a arquitetura dos cruzados. Em um tempo relativamente curto de menos de 200 anos, durante a metade do que a prática das artes da paz, era quase impossível, eles colocavam sua ocupação pela edificação de um número enorme de grandes e belos edifícios, as ruínas do que são entre os monumentos mais imponentes do país.

2. Referências Velho Testamento

As referências, muitas vezes repetida para a grandeza de construção no Antigo Testamento, indica um orgulho de toda a escala com a realidade. Eles contam a história de uma peregrinação no deserto longos durante os quais os judeus, como moradores em barracas, ficaram impressionados com as cidades muradas que, com coragem extraordinária, eles invadiram e ocuparam, e que, com entusiasmo perdoável, exagerada, consequentemente, para a glória de Deus. Embora as referências aos edifícios no Antigo Testamento são freqüentes, raramente são suficientemente de cauda para transmitir uma idéia de seu caráter.

Caim construiu uma cidade e nomeou-Enoque (Gen_4: 17); seu descendente de Tubal Caim era "um professor de cada artesão em bronze e ferro" (Gen_4: 22 A versão revista da margem). A descrição do plano da arca (Gen_6: 14) é a primeira descrição detalhada de arquitetura no Antigo Testamento. Assíria, um descendente de Cam, construiu Ninive e outras cidades (Gen_10: 11). A torre de Babel foi construída de "tijolo por pedra e lodo de argamassa" (Gen_11: 3). Em Exo_27 :9-21 plano, dimensões e construção do Tabernáculo são dadas.

II. Templo e Palácio de Salomão

A referência mais completa de arquitetura é a descrição do templo e do palácio de Salomão (1 Reis 6, 7) e (Ez 40, 41). Estes edifícios são totalmente tratadas no âmbito templo, mas uma breve nota aqui é necessário, como eles são de longe os maiores edifícios do qual há menção no Antigo Testamento. É claro que Salomão tinha a ambição de grandeza arquitetônica, e, seguindo o exemplo de Davi (2Sa_5: 11) ele empregou designers e artesãos fenícios para realizar o trabalho.

1. Construção e Materiais

Sabe-se que os edifícios eram de pedra, que as câmaras ao redor do templo eram de três andares, que o templo foi coberta (presumivelmente apartamento) com cedro. restauração Fergusson mostra um telhado inclinado, seguindo o precedente do telhado inclinado do Tabernáculo (Templos dos judeus, 26). As paredes e os tetos eram forrados de cedro, de modo que "não houve nenhuma visita de pedra" (1Ki_6: 18) dentro da casa. O interior foi enriquecido com folhagens esculpidas e querubins, e no esquema decorativo, o ouro foi livremente aplicados. A descrição do exterior é menos minucioso. As pedras eram grandes e, como nos edifícios do Egito, eram "serradas à serra" da fundação de enfrentamento "(1Ki_7: 9)," fundação para o topo das paredes "(3 Ki Exo_7: 9, a versão Douay). A inferência, portanto, é que a Maçonaria era imberbe: "nenhum sinal de martelo" (Ant., VIII, III, 2). Windows eram "estreitas" (1Ki_6: 4 a King James Version), repetidamente referido (Eze_40: 16, Eze_40: 26). No interior do palácio, vigas de cedro foram realizadas em linhas de colunas de cedro, e havia três fileiras de janelas, uma linha para cada história, em frente uns dos outros. As portas e as mensagens eram "quadrados em perspectiva" (1Ki_7: 5 Inglês A versão revista), ou seja, de cabeça quadrada. Em Eze_40: 21 Inglês Versões da Bíblia arcos são repetidamente mencionados, mas isto é um erro de tradução. Veja ARCH.

2. Estilo

Na descrição, há muito pouca indicação do estilo da arquitetura. A rica natureza dos pilares de bronze e sua "capitéis" (1Ki_7: 15 versões em Inglês) apontam para alguns anseio por um estilo decorativo trabeated. Não há indicação, contudo, de tal estilo em pedra construtiva. Nenhuma menção é feita de um recurso coroamento de uma espécie distinta, nem mesmo um beiral, simplesmente um "enfrentamento". O uso de um enfrentamento sugere que as paredes estavam cobertas por parapeitos, "muralha": acordo (Deu_22 8 versões em Inglês), ção da lei. restauração de Fergusson mostra tanto cornija e ameias (Templos dos judeus, Frontispício).

Pode-se apenas vagamente conjectura as fontes de influência que guiou os construtores. A descrição mostra claramente que a arquitetura colunar grande do Egito não foi tomado como modelo, embora certas características egípcias em detalhe são evidentes no trabalho contemporâneo. Provavelmente, a relação com os fenícios do Mediterrâneo, em geral, mostraram a sua influência, caso em que um resultado comparativamente pobres pode ser inferida.

3. Fatos

Restam estes fatos, a saber, que aqui é descrito um conjunto de edifícios, de escala relativamente grande, internamente, pelo menos, ricamente detalhados e dispostos de uma forma que demonstra apreço considerável de adequação arquitetônica, inspirada pela ambição de grandeza monumental e dedicado, como era tudo o que é grande e espontânea na arquitetura, para a glória de Deus. A falha de um grande residia na completa falta de capacidade construtiva nacionais para responder à chamada.

4. Desenhistas Fenícios

Os fenícios, que foram empregados parecem ter sido os construtores indiferente. Eles levaram 13 anos para construir a casa de Salomão (1Ki_7: 1) e 7 1 / 2 anos para construir o templo (1Ki_6: 38), e eles, com toda a probabilidade, encontrou um trabalho tão grande fora das suas competências de concepção adequada, em especial como o housement de um Deus estranho foi inspirado. "Ás tu me construir uma casa para minha habitação?" (2Sa_7: 5 versões em Inglês) foi uma ordem que só foram contratados para cumprir.

III. Conclusões da Remains real

Há apenas um muito poucos exemplos conhecidos a partir do qual o conhecimento de arquitetura judaica pode ser obtida. Não há nenhum agora em pé, e que a pá descobriu prova pouco mais que uma mera construção de embarcações de uma ordem inferior. Vestígios do período da monarquia foram descobertos em vários locais, nomeadamente de Jerusalém, Laquis, ES Tel Safi (Gate?), Gezer, Tanac, ES Tel Mutesellim (Megido), Jericó, e estes dão uma idéia geral do ofício de construção do período, mas não dão nenhuma evidência de um estilo arquitetônico. Ela pode, com razão, argumentar que não havia nenhum estilo, mas é muito para concluir que os judeus tinham nenhum instinto arquitetônico. Ideais não faltaram: "Eis que eu porei as tuas pedras com cores justo, e lançarei os teus alicerces com safiras. E farei de teu pináculos de rubis, e as tuas portas de carbúnculos, e todos os teus termos de pedras preciosas" (Isa_54: 11, Isa_54: 12). Teve a história foi diferente, grande exemplo de Salomão poderia ter estabelecido uma fundação a partir da qual um estilo nacional, teria sido desenvolvido. As artes da paz, no entanto, não chegou a gema, e um veneno para o conflito interno e externo forçou a construção de energia para concentrar-se nas fortificações.

1. Defesa Paredes

Na verdade nas paredes grande defesa encontra-se a história da construção dos judeus. Eles foram construídos às pressas e muitas vezes destruída. Destruição e reparação alternadas de modo consistente, que cada cidade sucessivas dentro era pouco mais que um housement temporário, em todos os momentos subserviente ao trabalho mais importante de defesa. Sob tais condições, nada floresceu, pelo menos, de toda a arquitetura. Art Building tornou-se uma coisa de utilidade temporária nua.

2. Ruas

Ruas foram estabelecidas sem método, becos estreitos e tortuosos arrombada por projeções, fundada na vontade de cada construtor individuais, serviram como vias principais (Bíblia Sidelights, 95; Escavação de Gezer, Vol. I, p. 167ff); comparar similaridade de condições com as ruas da cidade de Philakopi Mediterrâneo (Jornal RIBA, XI, 531). Veja CIDADE. Maçonaria era geralmente de pedras

brutas em bruto, inábil previsto sem argamassa, e os edifícios foram raramente na praça. Nestas condições, o entusiasmo mostrado na descrição da obra de Salomão pode ser entendido.

3. A ausência do "Grande Estilo"

Em Jerusalém, a área do Templo era o centro de grandeza arquitetônica, e é possível que ele pode ter inspirado o esforço de construção de outra natureza em outras cidades. Palestina ainda não rendeu nenhum paralelo tal. áreas livres, onde eles se encontram para ter existido, parecem ter acontecido assim, e nem sempre coincidem na posição em sucessivas cidades superpostos. Eles reivindicam a nenhum particular "lay out" e, com toda probabilidade, eles serviam como espaço para os montes de despejo do lixo da cidade ou para o ning pen-up de bovinos e ovinos (Isa 58: 12, "lugares de perdição"). Compare a moderna cidade de Es sal, que dá uma boa idéia da aparência geral de uma antiga cidade judaica. O uso de hastes de madeira e telhados de pórticos de grandes áreas cobertas parece ter sido predominante, e estes eram freqüentemente colocadas em encaixes de pedra que serviam como bases. colunas de pedra parecem ter sido usados com moderação, na verdade, não há evidência alguma de que um estilo de colunas de pedra de arquitetura prevaleceu nos edifícios mais importantes.

4. Detalhe salomônica

Em Laquis (Laquis, 23ff) um número de placas de volutas em baixo relevo foram descobertos, que foram originalmente construídos para a esquerda revela das portas de um edifício de importância considerável. Estes fragmentos foram encontrados em conjunto com um lintel moldados de caráter egípcio. A descoberta divulgados os únicos exemplos autênticos dos detalhes arquitetônicos do período de Salomão, e é particularmente interessante como mobiliário, talvez, o mais antigo protótipo da voluta jônica. Na melhor das hipóteses, é uma inconsciência de má qualidade construtiva adaptação de características exóticas, e se é para ser tomado como uma chave para os trabalhos do período em toda a Palestina, não pode haver nada de grandioso para gravar.

5. Templo de Onias

Quando Onias fugiu para o Egito a partir da perseguição de Antíoco Epifânio, por volta de 154 aC, ele ganhou a permissão de Ptolomeu e Cleópatra de construir um templo em Leontopolis como aquele em Jerusalém (Ant., XIII, iii, 3). O templo foi construído em cumprimento da profecia de Isaías e modelado após o templo de Zorobabel, mas "menores e mais pobres" e "parecia uma torre." Petrie recuperar este templo (hicsos, 19ff) sobre um montículo artificial que se assemelha ao monte do templo em Jerusalém, levantou ao lado do campo hicsos, w aqui uma comunidade influente judeu tinha se estabelecido. É o plano mais completo de um edifício de caráter monumental judaica ainda descoberta. Uma espécie de detalhe Corinthian rude foi usado, e alguns fragmentos apontam para um tratamento com ameias, sugestiva de origem babilônica, e em certa medida, confirmando a inferências tiradas a partir da descrição do Templo de Salomão.

6. Comparação com Maccabean Trabalho

Fragmentos de arquitetura contemporânea da dinastia dos Macabeus em toda a Palestina mostram um estilo greco-sírio da dignidade e interesse, demonstrando a prontidão para responder à influência Hellenizing nas artes, que na época foi caracterizada, na arquitetura, por um provincianismo decadente grego . Os detalhes com ameias, encontrado em hicsos, parecem indicar o uso de um estilo de trabalho anterior à dos Macabeus, preservar, até certo ponto, as tradições babilônica.

7. Túmulos pintados em Marissa

A partir do terceiro século aC até a arquitetura da era cristã mostra um consistente para a origem grega, com caráter local em detalhe (ver Expl. Na Palestina, 18, 19) em Tel Sandahannah e Maressa (túmulos de Marissa Pintadas). Esses túmulos Marissa show mais interessante elevações decorado, pintado com detalhes arquitetônicos. O trabalho é fenícia (93) ea data provável 194-119 aC (79). capitais grego iônicos são usados, com os enriquecimentos grinalda pintada na arquitrave sobre a capital, e um friso profundo de animais pintados, encimada por uma representação de uma "muralha" coping "(Deu 22: 8; 1Ki 7: 9) muito parecido com os detalhes encontrado por Petrie em hicsos. Um detalhe interessante é a cabeça apontada para a abertura intercolumnar, uma forma que parece ter-se universalmente sugeriu ao construtor primitivo, onde a movimentação de pedras de grande lintel apresentou uma dificuldade. Eles chamar a atenção para os chefes das aberturas anglo-saxão.

Um gosto para a decoração mural existiu durante todo o período judeu, como é visto a partir de pequenos fragmentos de gesso pintado descobertos em várias cidades escavadas, mas a decoração das tumbas Marissa é o exemplo mais completo, e se assemelha em muitos aspectos, a decoração mural em Cnossos e Phylakopi.

8. Característica Característica

O túmulo de Zacarias, no vale do Cedrom provavelmente pertence à mesma data do seu vizinho, o túmulo de Tiago, que De Vogüé, desde a inscrição em cima dele, atribui ao tempo de Herodes (Le Temple de Jérusalem, 46). O detalhe da coroação parte do entablamento é uma característica muitas vezes recorrentes na arquitetura Palestina, aparecendo logo na era salomônica em Laquis. É caracteristicamente egípcia, e também é visto em Persépolis (Enciclopédia Gwilt, 22), e embora nem mutuário poderia ter sido remado do outro, eles não são muitos retira da mãe comum. (Uma curiosa tradição oriental mencionado (BD, "Cidades", 610) atribui a construção de Persepolis a Salomão.) Foi um recurso comumente utilizado pelos fenícios (Rawlinson, Hist. Da Fenícia, 142), e foi provavelmente introduzido por eles do Egito. Parece ter sido a favor até o tempo de Herodes e foi abandonado após a introdução de atacado do entablamento clássico que nos tempos helenístico foi apenas parcialmente incorporado o estilo predominante. As variações sucessivas do recurso de coroação de seu projeto é um fator importante para traçar o desenvolvimento da arquitetura judaica.

IV. Herodes Trabalho

O Templo de Siah (descrito por De Vogüé na recuperação de Jerusalém, 419ff e Templos dos judeus, 140ff) é um exemplo interessante do trabalho do período de Herodes e é mais grega de caráter que se poderia esperar. Aqui, o caráter local na escultura é fortemente marcado, folhagens e figuras que estão sendo livremente utilizadas por uma certa maneira assíria que, apesar de manipulação frouxa, trai sua origem. Na verdade, este acorde de enriquecimento de arquitetura podem ser rastreadas através do trabalho em dia, a Assíria, a Pérsia ea Síria, para o período bizantino, quando a grande igreja catedral de Sofia, em Constantinopla exibido em mais perfeita harmonia de todos os tempos.

O período de grande edifício de Herodes, não precisa ser detalhada. Herodes era um edomita e sua arquitetura comeram do estilo romano mais robusto, que dominou a arte judaica num momento em que a possibilidade de incorporação nacional tinha passado.

V. Sinagogas

Esta influência romana, no entanto, permaneceu na Palestina, como pode ser visto pelos importantes vestígios de sinagogas da Galiléia do século 3 dC (ver Fig. 8 de Kerr Berim;. Estudos da Galiléia, do capítulo VI; Memórias do Inquérito da Palestina Ocidental, papéis especiais, 294ff). Os restos de muitos investigados lançar luz sobre o plano desses lugares pós-exílio de culto, do qual há pouca ou nenhuma menção no Antigo Testamento. Veja sinagoga. Os planos variam consideravelmente na mesma proporção. O exemplo a Meiron

mede 90 pés x 44 pés 8 polegadas, enquanto que em medidas Irbid 57 pés 3 polegadas x 53 pés (SWP, papéis especiais, 299). No regime geral os planos variam muito pouco, normalmente consistindo de cinco alas, com entrada tripla, na maioria das vezes para o sul. Os detalhes são ricamente esculpido e "uma característica comum a todos surpreende é o uso de figuras de animais, especialmente leões, ou cordeiros e águias Em alguns exemplos de figuras humanas, geralmente intencionalmente mutiladas, encontram-se "(Estudos na Galiléia, 110).

VI. Final

É provável que futuras pesquisas podem acrescentar ao nosso conhecimento de arquitetura judaica cedo, mas é duvidoso que há mais para descobrir do que se constitui na utilização bruto e não qualificados dos materiais de construção, influenciado pelo conhecimento limitado de características exóticas, que os judeus não tinha nem tempo nem conhecimento para aplicar corretamente. Veja CIDADE: construção, fortificações, casa; TEMPLO.

Literatura

Conder, Inquérito da Palestina Ocidental; Warren, recuperação de Jerusalém; Bliss e Dickie, escavações em Jerusalém, 1894-1897; Fergusson, o Templo de Jerusalém; Masterman, Estudos na Galiléia, Bliss e Macalister, escavações na Palestina; Macalister, escavações em Gezer ; Petrie, escavações em hicsos; Rawlinson, História da phoen; Petrie, Laquis; Sellin, escavações em Taanaque, Schumacher, Escavações em Tell Mutesellim; Macalister, Sidelights Bíblia; Peters e Thierch, túmulos pintados de Marissa.

Arquitas

ar´kîts (, *ha-’arkî*; na KJV Archi): Um clã mencionado com relação ao marcar do limite sulista de José (Js 16:2). A frase (, *g^hbhul ha-’arkî ’ataroth*) oferece dificuldades, e foi sugerido que a ordem das últimas duas palavras seja mudada para ler “a borda de Atarote dos Arquitas.” Veja ATAROTE. G. A. Smith identifica Atarote com o Atara presente na estrada alta de Jerusalém para Betel, três milhas e meia Sul de Betel e seis Leste de superior Bete-Horon. Husai, o “o amigo” de David, era um Arquita (2Sm 16:16).

Arquivos

ar´kîvs (o mais correto a Versão Revisada (britânico e americano) capitulação de , *beth sîphrayya*’, em Ed 6:1, “casa dos arquivos” em vez de “casa de rolos” como na KJV): Uma parte do tesouro da casa real (Tg 5:17), em quais documentos estatais importantes foi mantido.

Arcturus

ark-tu´rus: O “Are” ou “o Wain de Charles” é planejado. Veja ASTRONOMIA, II, 13.

Arde

ard (, *’ard*, significando o desconhecido): diretamente ou mais remotamente um filho de Benjamim. Nm 26:38-40 menciona cinco filhos de Benjamim, junto com Arde e Naamã, os filhos de Bela, o filho mais velho de Benjamim, contando todos os sete como antepassados de famílias dos Benjamitas. Em 1Cr 8:1-3 Adar e Naamã é mencionado, com outros, como filhos de Bela, Adar e Arde que são aparentemente o mesmo nome com as consoantes transpuseram. Em Gn 46:21 são contados dez filhos de Benjamim, enquanto incluindo os três neto, Arde e Naamã e Gera pelo menos.

Ardat

ard´at (na KJV Ardath; Syriac e Ethiopic têm Arphad): Um certo campo onde Esdras comungou com Deus (**LA** 2 Esdras 9:26).

Ardom

ar´don (, *’ardon*, significando o desconhecido): Um dos três filhos de Calebe e Azuba, da tribo de Judá (1Cr 2:18).

Areli

a-re´lî (, *’ar’eh*, aparentemente o gentilico formado de uma combinação que significaria “a leoa de Deus,” ou “o forno de Deus”): Um dos filhos de Gade o filho de Jacó (Gn 46:16; Nm 26:17). “Arelitas” (o qual vêem) é exatamente a mesma palavra.

Arelitas

a-re´lîts: Em Nm 26:17. Veja ARELI.

Areopago

ar-e-op´a-gus (, *Areios pagos*; At 17:19, 22. Colina de Marte ou Ares, At 17:22 na KJV): Um tipo de espora que sobressai fora do fim ocidental da Acrópole e separado disto por uma sela muito curta. Rastros de passos velhos ainda cortados na pedra são vistos. Debaixo de é grottoes fundo, uma vez a casa do Eumenides (Fúrias). Na superfície plana do ápice é ainda assina visível de um alisar da pedra para assentos. Diretamente debaixo de ao Norte era a água velha ateniense, ou lugar mercado. Para o Leste, na descida

da Acrópole, poderia ser visto em antiguidade uma plataforma semicircular pequena - a orquestra - de qual rosa a pedra precipitada da fortaleza. Aqui os livreiros mantiveram as baías deles; aqui o trabalho de Anaxagoras poderia ser comprado para uma dracma; daqui foi disseminada a filosofia física dele, então, por Eurípides, o sócio poético de Sócrates e o sofistas, fermentou o drama, e finalmente localizou as pessoas de Atenas. Então vindo os Estóicos e Epicureus que ensinaram filosofia e religião como um sistema, não como uma fé, e gasto o tempo deles procurando fora alguma coisa nova em credo e dogma e opinião. Cinco séculos mais cedo Sócrates foi trazido a este mesmo Areopago para enfrentar os custos dos acusadores dele. Para esta mesma mancha o apóstolo que Paulo veio quase quinhentos anos atrás de 399 a.C., quando o mártir de Sótão foi executado, com a mesma seriedade, as mesmas convicções enraizadas, e com até maior ardor, conhecer os filósofos de moda. Os guias ateniense lhe mostrarão o lugar exato onde o apóstolo estava, e em que direção enfrentou ele quando ele se dirigiu à audiência dele. Nenhuma cidade alguma vez viu tal uma floresta de estátuas como espalhado o mercado-lugar, as ruas e os lados e ápice da Acrópole de Atenas. Uma parte grande desta riqueza de arte era por completo visão do orador, e o apóstolo fez questão naturalmente para esta exibição extraordinária de estátuas de votive e oferecimentos do endereço dele. Ele acha os atenienses extremamente religioso. Ele tinha achado um altar a um desconhecido de deus. Então ele desenvolve tema do grande e único Deus, não do hebreu, mas do grego, o ponto de vista Estóico. As audiências dele consistiram, por um lado, dos defensores de prudência como os meios, e prazer como o fim (o Epicureans); no outro, dos defensores de dever, de viver em harmonia com a inteligência que rege o mundo para bem. Ele expressa a condolência dele francamente com os princípios mais nobres da doutrina Estóica. Mas Estóico nem Sensual poderia acreditar as declarações do apóstolo: a morte acreditada posterior para ser o fim de todas as coisas, o anterior pensou que a alma a morte era novamente absorvida em o do qual pulou. Ambos Paulo compreendido como proclamando a eles na *Anastasis* de Jesus (“ressurreição”) algumas deidades novas. Quando eles averiguaram finalmente que aquele Jesus era estado por Deus para julgar o mundo, e aquele Anastasis somente era a ressurreição do morto, eles foram desapontados. Alguns ridicularizaram, outros partiram, indubitavelmente com o sentimento que eles já tinham dado a audiência muito longo para tal um fanático.

O Areopago, ou Colina de Ares, era o assento antigo do tribunal do mesmo nome, o estabelecimento de qual nos conduz distante atrás no período místico longo antes do amanhecer da história. Este tribunal exercitou o direito de pena de morte. Em 594 a.C. a jurisdição em casos de criminoso foi dada ao arcons que tinha descarregado bem os deveres do serviço honorável deles, por conseguinte para o mais nobre, mais rico e a maioria dos cidadãos distintos de Atenas. O Areopago viu que as leis foram observadas em vigor e executaram pelas autoridades corretamente constituídas; poderia trazer os funcionários a tentativa para os atos deles enquanto em serviço, até mesmo objeções de aumento para todas as resoluções do Conselho e da Assembléia Geral, se o tribunal percebesse um perigo ao estado, ou subversão da constituição. O Areopago também protegeu a adoração dos deuses, os santuários e festivais sagrados, e as oliveiras de Atenas; e supervisionou os sentimentos religiosos das pessoas, a conduta moral dos cidadãos, como também a educação da mocidade. Sem esperar por uma acusação formal o Areopago qualquer cidadão poderia chamar para cortejar, examine, condenado e o castiga. Debaixo de circunstâncias incomuns poderes completos poderiam ser concedidos pelas pessoas a este corpo para a conduta de vários negócios de estado; quando a segurança da cidade foi ameaçada, o tribunal agiu até mesmo sem esperar por poder completo ser conferido nisto. O mandato era para vida, e o número de sócios sem restrição. O tribunal sentou à noite ao término de cada mês e durante três noites em sucessão. O lugar de se encontrar era uma casa simples, construída de barro que ainda seria visto pelo tempo de Vitruvius. O Areopago, consagrou pelas tradições sagradas do passado, um corpo digno e respeitável, era independente pela multidão discordante oscilando, e não era afetado pela opinião pública já-variável. Conservador quase para uma falta, fez o serviço bom estatal contendo cheque o muito erupção cutânea e álcool mais jovem radical. Quando a festa democrática veio dar poder a, depois do banimento de Cimon, que um de seus primeiros atos era limitar os poderes do Areopago. Pela lei de Ephialtes em 460 o tribunal perdeu praticamente todos jurisdição. A supervisão do governo foi transferida ao nomophulakes (as lei guardiães). Ao término da guerra do Peloponeso, porém, em 403 foram restabelecidas suas propriedades velhas. O tribunal permaneceu em existência até o tempo dos imperadores. De At 17:19, 22 que nós aprendemos que existiu pelo tempo de Claudio. Um de seus sócios foi convertido à fé Cristã (At 17:34). Provavelmente foi abolido por Vespasiano.

Sobre se Paulo era “violentamente temeu e formalmente tentado,” veja Conybeare e Howson, *A Vida e Epístolas de Paulo*, capítulo x, e *O Expositor*, 5ª série, II, 209 f, 261 f (Ramsay).

Literatura

PÁG. W. Forchhammer, *De Areopago* (Kiel, 1828); Philippi, *Der und de A. morrem Epheten* (Leipzig, 1874); Lange, *Morra Epheten und der vor de A. Solon* (Leipzig, 1874).

Ará 2

a' res, ar' es (, *Ares* = Arah (Ed 2:5; Ne 7:10)): 756 dos filhos de Ares voltaram a Jerusalém com Zerobabel (**LA** 1 Esdras 5:10).

Aretas

ar'e-tas (, *Aretas*): Um nome comum que está entre príncipes árabes e significa “virtuoso ou agradável.”

1. (**LA**) 2 Mac 5:8

É mencionado várias vezes na literatura Bíblica e em Josefo. Aqui se refere a um rei árabe que era um contemporâneo de Antioco Epifânes (aproximadamente 170 a.C.), antes de quem o Sumo Sacerdote Jason foi acusado.

2. Obodas

Outro príncipe árabe deste nome, Obodas se apelidado (Antig. XIII, xv, 2; xvi, 2; XVI, ix, 4) derrotou Antioco Dionysius e reinou em cima da Síria e Damasco. Ele participou com Hircanus na guerra para o trono judeu contra o irmão Aristobulus dele, mas os aliados eram completamente derrotados a Papyron, por Aristobulus e Scaurus, o general romano. O posterior levou a guerra na Arábia e Aretas forçado fazer uma paz infame, ao preço de trezentos talentos de prata. Daquele evento existe ainda um denarius comemorativo, com uma carruagem romana por completo custo no um lado e um camelo no outro, pelo lado do qual um árabe está ajoelhando, que oferece uma filial de frankincense.

3. Eneas

O sucessor de Obodas foi cognominado Eneas aparentemente e este é o rei árabe que figura no Testamento Novo (2Co 11:32; compare At 9:24). O Aretas, aqui mencionado, é o sogro de Herodes Antipas que se divorciou da esposa dele para se casar Herodias a esposa do irmão Filipe (Mt 14:3; Mc 6:17; Lc 3:19). Josefo (Antig. XVIII, v, 1, 3) nos dá uma narração circunstancial dos eventos

conduzindo até e seguindo a conduta de Antipas. Juntado com uma disputa de limite, ocasionou um ar amargo entre os dois príncipes nos quais Antipas era completamente subjugado, que invocou a ajuda dos romanos logo após. Tiberius (Tibério) ordenou Vitellius, proconsul da Síria, fazer guerra com Aretas e o entregá-lo morto ou vivo nas mãos do imperador. No modo, em Jerusalém, Vitellius recebeu inteligência da morte de Tiberius, 16 de março, 37 d.C, e parou todos os procedimentos bélicos (Antig. XVIII, v, 1, 3). de acordo com 2Co 11:32, Damasco que tinha pertencido antigamente aos príncipes árabes era novamente nas mãos de Aretas, quando Paulo escapou disto, não imediatamente depois da conversão dele, mas em uma visita subsequente, depois do exílio árabe dele (Gl 1:16, 17). é inconcebível que Aretas deveria ter levado Damasco por força, em face ao poder quase onipotente de Roma. O quadro além disso, o qual Josefo puxa dos eventos de Herodias, pontos para um passivo em lugar de uma atitude ativa por parte de Aretas. A probabilidade é aquele Caius Calígula, o novo imperador, desejando resolver os negócios de Síria, deu Damasco livremente a Aretas, já que tinha pertencido antigamente ao território dele. Como Tiberius morreu em 37 d.C, e como o afazeres árabe era completamente resolvido em 39 d.C, é evidente que a data da conversão de Paulo tem que mentir em algum lugar entre 34 e 36 d.C. Esta data é mais adiante fixa por uma moeda de Damasco, com a imagem do Rei Aretas e a data 101. Se aquela data apontar à era de Pompéia, iguala 37 d.C, enquanto fazendo para a data da conversão de Paulo 34 d.C. (Mionnet, Descript. antigüidades de médailles de des, V, 284-85).

Argobe (1)

ar'gob (, 'argobh, "história"): Uma localidade ou uma pessoa mencionou na passagem 2Rs 15:25 obscura. As transações de contexto com a conspiração de Peca contra Pecaías; mas não está claro, devido ao estado do texto, se Argobe e o Ariê associado dele (se estes são os nomes de homens) era os oficiais de Pecaías que foram mortos com ele, ou da mesma categoria conspiradores com Peca. O vulg os leva como nomes de lugares; eles podem ser considerados lustros que rastejaram no texto então. Rashi segura que Argobe era o palácio real. Argobe é mais provável o nome de um lugar que uma pessoa. Veja ARIÊ.

Argobe (2)

ar'gob (, ha-'argobh; , 'argobh or , Argob):Uma região ao Leste do Jordão que em Dt 3:4, 5 é equivalente para o reino de Ogue de Basã, e em Dt 3:13 é chamado "toda a região de Argobe, até mesmo todo o Basã." Dt 3:14 é evidentemente corrupto. Havote-Jair não se deite em Basã mas em Gileade (Jz 10:4; Nm 32:40 f; 1Rs 4:13). "Tudo estas eram cidades fortalecidas com paredes altas, portões e barras; além das cidades de unwall'd um grande muitos." Dt 3:14 parece dizer que marchou com Gesur e Maaca; mas nós não podemos pôr tensão nisto. Nós podemos levar isto que Argobe se deitam na terra de Basã; além disto, em dados disponíveis, não podemos ir nós certamente.

O palavra *hebhel*, traduziu "região," significa uma linha principalmente ou encordoa, então "uma linha medindo," então "a porção mediu," por exemplo "a parte dos filhos de Judá" (Js 19:9), o "lote" ou "porção" de uma herança (Dt 32:9; Js 17:14, etc.). *Hebhel* precede Argobe em cada dos quatro casos onde é nomeado. Isto levou muitos a pensar que um distrito com bordas muito claramente marcadas é planejado. Nenhuma região conhece tão bem esta condição como *el-Leja'*, uma área vulcânica que fica 20 milhas Sul de Damasco aproximadamente, e 30 milhas Leste do Mar de Galiléia. É aproximadamente triangular em forma, com o ápice para o Norte, e é aproximadamente 25 milhas ao longo, com uma base de umas 20 milhas. A lava que endureceu neste deserto confuso de pedras pretas, alugar e rasgado por fissuras incontáveis, fluíu das crateras cujas são vistas formas escuras no Leste. Sobe a uma altura comum de cerca de 20 pés sobre a planície na qual mente como uma ilha em um mar de esmeralda, o ser de extremidades agudamente definido. A todos os pontos é difícil de entrada, e poderia ser defendido por alguns homens resolutos contra um exército. Indubitavelmente a este fato deve seu nome *el-Leja'*, "o refúgio." há muitos rastros de cidades consideráveis no interior. O escritor presente colecionou os nomes lá de nenhum menos que um locais arruinados. Veja TRACONTES. Esta identificação é apoiada levando *'argobh* como o hebraico equivalente do grego *trachon*, "pedregoso." Isto só é possível se, como assume Gesenius, o *raghabh* de raiz é cognato com *ragham*, uma suposição extremamente precária. "Torrão de terra" a tradução do palavra *reghebh* está em Jó 21:33; Jó 38:38; provavelmente então 'deveriam ser enternecidos *'argobh* "uma região de torrões de terra," i.e. "terra cultivável." Isto rege praticamente fora *el-Leja'*. Nós vimos acima que o termo *hebhel* precisam não tenha nenhuma referência aos limites rochosos claramente marcados. Como cumprimentos as grandes cidades, todo o Basã é espalhado com as ruínas de tal. Os restos esplêndidos que em todos lugares conhecem o olho do viajante foram pensados por Zelador (Cidades Gigantescas de Basã) e outros, ser a destruição das grandes cidades que golpearam os Israelitas invadindo com maravilha. Está agora claro que as ruínas sobre chão não são mais velhas que o começo de nossa era. A arquitetura grega e romana é reconhecida facilmente. Porém, provavelmente escavação provará isso dentro mesmo muitos casos os locais estiveram ocupados de tempos muito antigos. Habitações de caverna, câmaras cortaram na pedra e coberto com abóbadas de pedra, e o que pode ser descrito como cidades subterrâneas, foi achado em partes diferentes, a antiguidade da qual é impossível calcular. Não há nada que nos permite a identificar a região de Argob. O país inteiro de Basã, com a exceção de *el-Leja'*, é "terra cultivável." A terra é muito fértil, composta de detrito de lava. Guthe sugestiona a parte ocidental de *el-Hauran*, estirando de Edrei (*Der'ah*) para *Nawa*. Buhl localizaria isto no distrito de *es-Suweit*, para o Sudeste da baixa gama de *ez-Zumleh*. Isto parece muito distante porém para o Sul. Os declives Sudoestes de *Jebel ed-Druze* pareça conhecer as condições como também qualquer. Eles são muito férteis, e as cidades fortes na região deveriam ter sido numerosas.

Discuta

ar'gu: Só na Versão Revisada (britânico e americano) em Jó 40:2 , *yakhah*, o qual traduz, literalmente meios "ser certo," e na forma causativa "razão com," "responda atrás," e é achado na KJV feita "repreensão."

Aridai

ar'í-di, a-rid' a-1 (, 'andhay: um filho de Hamã (Et 9:9)): O nome pode ser relacionado ao Persa *Hari-dayas*, “delícia de Hari”; o texto é muito incerto.

Aridata

ar-i-da'tha, a-rid' a-tha (, 'andhatha): Um filho de Hamã (Et 9:8). pode ser relacionado aos *Hari-data* Persas, “dado por Hari.” O Septuaginta lê *Pharadatha*.

Ariel

a'ri-el (, 'anyel' or , 'an'el, “leoa de Deus”): Mas a palavra acontece em Ez 43:15, 16, e é traduzida lá na Versão Revisada (britânico e americano) “FORNO de ALTAR.”

(1) de acordo com a Versão Revisada (britânico e americano) um homem de Moabe cujos dois filhos foram mortos pelo guerreiro Benaías de Davi o filho de Jeoiada (2Sm 23:20; 1Cr 11:22). Aqui a KJV traduz “dois homens de Moabe.”

(2) um nome aplicado para Jerusalém (Is 29:1,2,7). As muitas explicações do nome são interessantes, mas principalmente conjecturais.

(3) um dos sócios da delegação enviado por Esdras para o lugar Casífia, afiançar os ministros do templo para a expedição dele para Jerusalém (Ed 8:16).

Corretamente

a-rit': “Em um jeito certo,” “corretamente,” “indo diretamente para o ponto,” sem erro ou divergência. “Fixe corretamente” (Jó 11:13; Wiener, Pentateuchal Studies 78 8). Seu uso em Sl 50:23 está sem autoridade no texto hebreu; conseqüentemente em itálicos.

Arimatéia

ar-i-ma-the'a (, *Arimathata*): Forma grega de Ramã “Uma cidade dos judeus,” a casa de José em que sepulcro o corpo de Jesus foi posto. Sua identidade é o assunto de muita conjectura. O *Onomasticon* de Eusébio e Jeronimo identifica isto com Ramataim-Zofim na colina de Efraim (1Sm 11:1-15) que é Ramã o local de nascimento e enterro de Samuel (1Sm 1:19; 1Sm 25:1), e lugares isto perto de Timna nas bordas de Judá e Dã. O G. A. Smith pensa que pode ser a moderna Beit Rima, uma aldeia em uma eminência 2 milhas Norte de Timna. Outros inclinam a Ramala, 8 milhas Norte de Jerusalém e 3 milhas de Betel (Mt 27:57; Mc 15:43; Lc 23:51; Jo 19:38).

Arioque

ar'í-ok: (, 'aryokh):

(1) o nome do rei vassalo de Elasar, debaixo de Quedorlaomer, o rei de Elão, e Amrafel, rei de Sinar (a Babilônia), que levou parte na expedição contra Sodoma, Gomorra e outros estados (Gn 14:1, 9). Assiriologistas geralmente, e provavelmente justamente, identifique Arioque com Êri-Aku (que vêem), rei de Larsa, Elasar que é para Al-Larsa (agora *Sinqara* na Babilônia central).

Textos que Recorrem ao Reinado de Arioque

Para uma conta da expedição vêem ANRAFEL, e para os textos babilônicos que agüentam no reinado, veja ERI-AKU. Em Gn 14:1, 9 onde os nomes dos reis aliados que marcharam contra as Cidades da Planície são determinados, que de Arioque segue o suzerain mais imediato dele, Anrafel, e não Quedorlaomer que, porém, parece ter sido o real senhor (Gn 14:4) de qual concorda com as indicações o Ora registros. Nenhum detalhe da expedição está disponível de fontes babilônicas. Além Larsa, as inscrições de Êri-Aku nos informam que Ur (*Muqayyar*, *Mugheir*) estava no principado do qual Larsa era o capital.

(2) o Arioque de Dn 2:14, 25 era o capitão guarda costas do de Rei Nebucodonozor. Nada mais é conhecido sobre ele a não ser que era ele que foi comandado para matar o “os homens sábios” que não repetiu ao rei o sonho dele e sua interpretação; e que comunicou ao mestre real dele que o Daniel tinha empreendido a tarefa.

Arisai

ar'í-sai, a-ris' a-1 (, 'antsai): Provavelmente uma palavra Persa de significado desconhecido. Um dos filhos de Hamã, morto pelos judeus (Et 9:9).

Aristarco

ar-is-tar' kus (, *Anstarchos*, “melhor regra”): Ele era um desses companheiros fiéis do apóstolo Paulo que compartilhou com ele os trabalhos dele e sofrimentos. Ele é mencionado de repente junto com Gaio como tido sido agarrado pelo Efesios entusiasmado durante a revolta incitada (At 19:29). Eles são designados “os homens de Macedônia, os companheiros de Paulo em viagem.” Nós aprendemos depois que ele era um nativo de Tessalônica (At 20:4; At 27:2). Eles foram agarrados para extrair deles informação sobre o líder deles Paulo provavelmente, mas quando eles não pudessem contar nada, e desde que eles eram os gregos, nada foi feito mais adiante a eles.

Quando Aristarco se prendeu a Paulo que nós não sabemos, mas ele parece o alvoroço de Êfeso desde então para ter permanecido na companhia de Paulo. Ele era um desses que acompanharam Paulo da Grécia pela Macedônia (At 20:4). Tendo precedido Paulo a Troas

onde eles esperaram por ele, eles viajaram com ele para a Palestina. Ele é mencionado logo como Paulo acompanhante para Roma (At 27:2). Lá ele cuidou de Paulo e compartilhou a prisão dele. Ele é mencionado em duas das cartas do cativo romano, na Epístola para a igreja a Colossos (Ef 4:10), e na Epístola para Filemon (Fl 1:24) em ambos de que ele envia saudações. Paulo anterior o chama “meu prisioneiro da mesma categoria.” de acordo com tradição ele foi martirizado durante a perseguição de Nero.

Aristóbulo

ar-is-to-bu' lus (, *Aristoboulos*, “melhor conselheiro”):

(1) o filho do Macabeu, João Hircano que assumiu o poder e também o título de rei depois da morte do pai dele (105 a.C.) e associado com ele, como co-regente, o irmão Antigono dele (Antig. XIII, xi), entretanto pelo testamento do pai dele o governo foi confiado à mãe dele. Três outros irmãos e a mãe dele que ele lançou em prisão onde eles morreram de fome. Ele assassinou Antigono, e morreu em 104 a.C. Veja MACABEUS.

(2) Aristobulo, sobrinho do anterior, destronou a mãe dele, Alexandra (69 a.C.), e forçou o irmão dele Hircano para renunciar a coroa e mitre no favor dele. Em 64 Pompeu veio para a Palestina e apoiou a causa de Hircano. Veja HIRCANO. Aristóbulo foi derrotado e levado prisioneiro, e Hircano foi designado etnarca em 63 a.C. Foram levados Aristóbulo e as duas filhas para Roma onde ele enfeitou o triunfo de Pompeu. O pai escapou depois (56 a.C.) e apareceu novamente na Palestina como um pretendente para o trono. Muitos seguidores se reuniram ao padrão dele, mas ele foi derrotado finalmente, severamente ferido e levado como prisioneiro em uma segunda vez e com o filho dele, Antigono, novamente levado para Roma. Julio César não só o restabeleceu a liberdade (49 a.C.), mas também lhe deu duas legiões para recuperar a Judéia, e trabalhar no interesse dele contra Pompeu. Mas Quintus Metellus Scipio que tinha recebido há pouco Siria como uma província teve Aristóbulo envenenado como ele estava a caminho da Palestina.

(3) o neto do preceder, e a última da família dos Macabeus. Veja ASMONEANOS.

(4) o professor judeu de Ptomeu. VII (2 Mac 1:10).

(5) um habitante de Roma, certo de quem casa é saudado por Paulo (Rm 16:10). Ele provavelmente era um neto de Herodes e irmão de Herodes Agripa, um homem de grande riqueza, e intimidade com o imperador Claudio. Ágil (*Philippians*, 172) sugere que “a casa de Aristóbulo” era os escravos dele, e que na morte dele tinham mantido eles junto e ou tinham se tornado a propriedade do imperador através de compra ou como um legado em qual evento, porém, que eles podem, ainda retenha o nome do mestre anterior deles. Entre estes os cristãos eram a quem Paulo envia saudação.

Arius

a-ri' us, a' ri-us (, *Ares*): A leitura da Vulgata (o latino Bíblico de Jeronimo, 390-405 d.C.) adotou na Versão Revisada (britânico e americano) para a leitura anterior Areus e Areios de Josefo. Um rei de Sparta (309-265 a.C.) que escreveu a carta a Onias, o sumo sacerdote, determinado em **(LA)** 1 Mac 12:7, 20-23. Havia dois reis Espartanos nomeados Arius, e três sumos sacerdotes nomeados Onias. Cronologia requer a carta mencionou para ter sido escrita por Arius I para Onias I, provavelmente no intervalo entre 309 e 300 a.C. Veja LACEDAEMONIANOS.

Arca de Juncos

ark, bool' rush-iz (, *tebhah*; egípcio; *tebt* Septuaginta , *thn bis*, “um tórax,” “um recipiente para flutuar”).

1. definições

A palavra hebraica aqui traduziu “arca” só é usado no Velho Testamento da arca de Noé (Gn 6:14) e da arca de juncos que foi colocado Moisés ainda bebê (Ex 2:3), e sempre no significado secundário, um recipiente para flutuar. A Septuaginta traduz isto da arca de Noé por , *kibotos*, “um caixão,” e da arca de juncos através de *thn bis*, uma pequena cesta fabricada. Para a Arca da Convenção, o hebraico empregou uma palavra diferente , *'aron*). Juncos , *gome*), “papiro”): Isto espécies de cana eram usadas pelos egípcios para muitos recipientes diferentes, era pretendido que algum do qual flutuavam ou até mesmo ser usado como uma catraia. Lodo (, *hema r*, “betume”), lance (, *zepheth*, “lance”) provavelmente era a lama pegajosa do Nilo com que a este dia tantas coisas no Egito são emplastradas. Neste caso estava misturado com bitumen. Bandeiras (, *suph*, “sedge”) canas eram de toda grama amável e alta que cresce na água rasa à extremidade do rio.

2. história

Assim a arca de juncos era um recipiente feito de talos de papiro e ajuste feito para flutuar estando coberto com uma mistura de betume e lama. Neste recipiente flutuante a mãe de Moisés colocou o menino quando ele era de três meses, e pôs o recipiente na água entre o sedge (canas, juncos) ao longo dos bancos do Nilo no lugar onde era provável que as senhoras do palácio viessem tomar banho. O ato era uma imitação patética de obediência ao comando do rei lançar os bebês macho de três meses no rio, um comando que ela teve para e o qual agora ela assim provavelmente obedeceu como trazer a crueldade do rei à notificação das senhoras reais de tal modo sobre desperte uma condolência feminina,

Uma história semelhante está relacionada de Sargon I de Babilônia (Registros do Passado, 1ª séries, V, 1-4; Rogers, Hist. Babilônico e assírio, I, 362).

A uma história em nenhum descrédito sábio o outro. Aquele método de abandonar as crianças, ou de boa vontade ou por necessidade, é como natural ao longo do Nilo e o Eufrates onde o rio é a grande artéria da terra e onde a cesta flutuante tinha sido usada de tempo imemorial, como é o costume em nossas cidades modernas de colocar as crianças abandonadas nas ruas ou em porta-passos onde eles serão achados provável, e tais eventos provavelmente aconteceram então tão freqüentemente quanto agora.

Arca da Convenção

kuv' e-nant (, *'aron ha-b' n th*):

I. As Declarações do Velho Testamento Relativo à Arca da Convenção.

1. Pentateuco

Em Ex 25:10, Moisés recebe o comando para construir uma arca de madeira de acácia. Dentro desta arca seria colocado as taboas da lei que Deus estava a ponto de dar a Moisés. No topo da arca, provavelmente não como uma tampa mas sobre a tampa, *kapporeth*, no Novo Testamento *to hilasterion* (Hb 9:5), será colocado que um prato dourado estava em qual dois querubins, com asas elevadas de frente um ao outro, coberto a arca. Do lugar entre o dois querubins Deus promete falar com Moisés, tão freqüentemente quanto Ele lhe dará comandos em referência para os Israelitas.

A porção do Pentateuco no qual isto é registrado é levada do Priest Codex (P). Os relatórios do Elohist (E) e o Jahwist (Jahwist) neste assunto está querendo; mas ambos estas fontes informam relativo ao papel importante que a arca fez na entrada de Israel em Canaã, e estes documentos devem ter contido a informação também que as pessoas tinham recebido esta arca. Pode avançar com certeza seja declarado relativo ao Elohist, e com um pouco de probabilidade relativo ao Jahwist, em que parte destes documentos seriam achadas estas contas. Para relatórios de Elohist em Ex 33:6 que os Israelitas para demonstrar o arrependimento deles por causa do bezerro dourado, teve ao comando de Deus posto os ornamentos deles aparte. Em Ex 33:7-10 lá segue uma declaração relativo à ereção da barraca sagrada; mas isto só é explicado pelo fato que entre Ex 33:6 e Ex 33:7 deve ter sido achado um relatório relativo à ereção da arca da convenção, o qual o R do Pentateuch (desde antes disto ele tinha feito já uso da conta muito mais exaustiva do Priest Codex) foi compelido para omitir. Mas que neste lugar o Elohist deve ter informado não só relativo à ereção da barraca sagrada mas também da construção da arca da convenção, está em si mesmo provável, e também pode ser concluído disto, que de acordo com o Deuteronomio, a composição de qual também é condicionado nisso do Elohist e o Jahwist, a arca foi construída nesta ocasião. Nós avançamos conclui que não era tanto o tabernáculo que poderia servir como uma consolação às pessoas, algo que àquele tempo do que eles precisaram, mas bastante a arca que era simbolizar a eles que Deus estava na marcha com eles. No Jahwist nós não achamos realmente neste lugar qualquer declaração que interessa esta estrutura sagrada, mas nós achamos a declaração que os Israelitas, fora de tristeza por causa das notícias ruins trazidas por Moisés, descartado os ornamentos deles. Porque Ex 33:4 é levado do Jahwist, desde que o Elohist contém o comando para descartar os ornamentos mais tarde, e conseqüentemente não poderia ter escrito para Ex 33:4. Agora é uma conjectura justificável que que uso o Jahwist informou também foi feito dos ornamentos que tinham estado descartados; e como este autor, da mesma maneira que é o caso com o Elohist, tem que ter em algum lugar contido um relatório relativo à construção da arca, ele deve ter dado certamente só isto neste lugar. A conta correspondente no Deuteronomio é achada em Dt 10:1-5. Adequadamente, então, todos os quatro documentos de Pentateuco informaram que Moisés tinha construído a arca no Sinai. O Deuteronomio, como o Código Sacerdotal (P), diz, que foi construído de madeira de acácia. Na narrativa de Elohist o assunto é mencionado novamente em Nm 10:33 onde nós vemos que a arca tinha precedido as pessoas como eles levantaram acampamento até marcharam de Sinai. Também neste lugar são achadas as palavras que foi acostumado Moisés para falar quando a arca começou a se mudar e quando chegou a um lugar de parada.

2. Josué

De acordo com a narrativa em Josué 3 a arca cooperou ao cruzamento do Jordão de tal modo que as águas do rio deixaram de continuar fluindo assim que os pés dos sacerdotes que estavam levando a arca entrassem na água, e que ficava parado acima até estes sacerdotes, depois que as pessoas tinham atravessado, novamente deixou a cama do rio com a arca. Na conta da marcha solene ao redor de Jericó que de acordo com Josué 6 fez as paredes da cidade cair, o levando da arca ao redor da cidade é considerado como uma característica essencial em Js 6:4, 7, 11. No capítulo 7 é narrado que Josué, depois da derrota do exército em Ai, lamentou e orou diante da arca. Em capítulo 8 isto é mencionado com relação a Monte Ebal.

3. Outros Livros Históricos

Na época de Eli a arca estava no santuário a Siló (1Sm 3:3). Deste lugar foi levado depois que Israel tivesse sido derrotado pelos Filisteus em Ebenezer para assegurar a ajuda de Yahweh às pessoas; mas, em vez disto, a arca entrou nas mãos dos Filisteus (1 Sm 4). Mas os vários infortúnios que agora afligiram os Filisteus induziram estes para considerar a posse da arca como uma calamidade (1Sm 5:1-12) e eles mandaram de volta isto para o Israel (1 Sm 6). Foi trazida primeiro a Bete-Semes na tribo de Judá, se aproxime as bordas dos Filisteus, e em seguida para Quiriate-Jearim, aproximadamente 12 Km Noroeste de Jerusalém. Lá a arca permaneceu durante anos na casa de um homem pelo nome de Abinadabe cujo o filho era seu guardião (1Sm 7:1), até que Davi trouxe isto para Monte Sião, depois que ele tivesse estabelecido o acampamento dele e tinha cortejado lá. Ele colocou isto lá em uma barraca preparada para isto (2 Sm 6; 1Cr 13:1-14; 15). Pelo tempo de David novamente a arca foi levada em batalha (2Sm 11:11). Quando Davi fugiu da presença de Absalão, os sacerdotes quiseram o acompanhar com a arca, mas ele mandou de volta isto (2Sm 15:24 f). Davi também tinha pretendido construir um templo no qual a arca era seu lugar, desde antes disto tinha achado sempre seu lugar de descansar em uma barraca. Mas Deus proibiu isto por Natã, porque Ele estava disposto para construir uma casa para Davi, mas não estava disposto que Davi deveria construir um para Ele (2 Sm 7). Salomão construiu o templo então e colocou a arca da convenção dentro do Santo dos Santos deste templo onde foi colocado debaixo das asas de duas imagens de querubins (1 Rs 8; 2Cr 5:1-14).

4. Profetas e Livros Poéticos

Jeremias na passagem Jr 3:16 que certamente foi escrito depois da destruição de Jerusalém estados isso na futura nova Jerusalém ninguém vai qualquer mais preocupação ele sobre a arca da convenção de Yahweh, e ninguém construirá tal um um novamente. No pos exílio (Sl 132:8), Yahweh é solicitado para ocupar junto com a arca, o símbolo da presença onipotente dele, também o santuário que foi erguido para Ele, o poeta que se descreve e esses que cantam este salmo como participantes o casa-trazendo da arca por Davi. Nenhuma menção adicional é feita da arca da convenção no Poéticos ou os livros dos Profetas.

5. O Novo Testamento

No Novo Testamento a arca da convenção é mencionada só em Hb 9:4 na descrição do templo de Salomão.

II. A Forma da Arca da Convenção

De acordo com as declarações no Código Sacerdotal (P), a arca da convenção era uma caixa feito de madeira de acácia, 2 e meio côvado (sobre igual a 4 pés) 1 e meio côvado longo largo e 1 e meio alto. Que foi feito de madeira de acácia também é declarado pelo Deuteronomio em Dt 10:3. de acordo com P estava coberto com ouro dentro e sem, e foi ornamentado com um criar mofo de ouro que corre ao redor disto. A seus quatro pés anéis foi somado por qual as varas cobertas de ouro foram postas. Estes varais também são mencionadas em 1Rs 8:7, 8; 2Cr 5:8,9, e menção é feita freqüentemente desses que levaram a arca (2Sm 6:13; 2Sm 15:24). A justeza destas declarações não pode ser provou, mas ainda há nenhuma razão para os duvidar. Bastante nós poderíamos ter razão para hesitar agarrando a visão que na arca velha realmente era um *kapporeth* dourado, mas só porque antigamente a posse de tais preciosidades e o uso deles para tal um propósito seria duvidosa. Mas em base de tal argumenta nós poderíamos duvidar no máximo se a tampa com seu

querubim consistiu em ouro sólido. Que o querubim foram prendidos ou sobre a arca não é improvável. Salomão colocou a arca dentro do Santo dos Santos entre duas figuras de querubim volumoso (1Rs 6:19, 23; 1Rs 8:6) Não prova que não havia nenhuma figura de querubim na própria arca, ou até mesmo que esse cherubim figura que de acordo com Ex 25:19 foi achado na arca, era nada mais que esses dos dias de Salomão em imaginação transferida atrás a um período mais cedo (Vatke, *Biblische Theologie*, 1835, 333; Popper, *biblische Der Bericht über die Stiftshütte*, 1862). Nos últimos tempos o ponto de vista tem sido defendido que a arca, na realidade, não era a arca em todos, mas um trono vazio. Foi Reichel, em sua obra *Vorhellenische Götterkulte*, quem primeiro expressou esta opinião e, em seguida Meinhold, *Die Lade Jahwes*, Tübingen, 1910, e *Theologische Studien und Kritiken*, 1901, 593-617, que desenvolveu este ponto de vista da seguinte maneira. Alega-se que nos dias de Moisés rock um trono-como no Monte Sinai, foi considerado como o assento do Senhor, e quando os israelitas partiram do Sinai eles fizeram para si um trono portátil, eo Senhor era considerado como sentar visivelmente entronizado sobre esta e que acompanham o Seu povo. Na principal da mesma opinião foi mantido por Martin Dibellius (*Die Lade Jahwes*, Göttingen, 1906, Hermann Gunkel, *Die Lade ein Jahwes Thronsitz*, reproduzido a partir do *Zeitschrift für und Missionskunde Religionswissenschaft*, Heidelberg, 1906). A ocasião para esta visão foi dada pelo fato de que entre os persas e outras pessoas foram trono vazio dos deuses, que foram realizadas ou transportadas em procissões. As razões para a conclusão da arca da aliança como um trono vazio são encontrados principalmente no fato de que as passagens do Antigo Testamento, em que parece que a presença de Deus está condicionada à presença da arca (compare Num_14: 42-44), pode ser explicada se a arca é considerado como um trono de Javé. No entanto, tronos vazios dos deuses são encontradas apenas no meio do povo ariano, e de todas as passagens do Velho Testamento que se referem à arca pode ser facilmente explicado sem essa suposição. Esta visão deve ser rejeitada especialmente por essa razão, que no Antigo Testamento, a arca é sempre descrito como uma arca, e nunca como um trono ou uma cadeira, e porque é absolutamente impossível ver o que a razão teria existido em uma tarde período de afirmar que era uma arca, se tivesse sido originalmente um trono. Dibellius e Gunkel recurso especial também a este, que em várias passagens, das quais 1Sa_4: 4; 2Sa_6: 2 são as mais antigas, Yahweh é declarado para ser entronizado sobre os querubins. Mas isso não prova nada, porque Ele não é chamado de "Aquele que está entronizado sobre a arca", e os querubins e da arca são duas coisas diferentes, mesmo se houvesse querubins na tampa da Arca. Compare a refutação do Meinhold e Dibellius por Budde (ZATW, 1901, 193-200, e *Theol. Studien und Kritiken*, 1906, 489-507).

III. O conteúdo da Arca da Aliança

De acordo com o Código Sacerdotal as duas tábuas da lei constitui o conteúdo da arca. Em Exo 25:: Deu 10 20, como também: 16 Exo_40 5, e, também, em 1Ki_8: 9, temos o mesmo testemunho. A maioria dos críticos modernos consideram isto como uma declaração unhistorical primeiro inventou by.the chamado As razões para isso são as seguintes "escola deuteronomista.": (1) Os críticos que negam a existência dos quadros Mosaic da lei é um fato histórico, (2) Os críticos declaram que, se essas tabelas foram realmente na posse dos israelitas, que não teria sido tão tolo para colocá-los em uma caixa que foi proibida de abrir, (3) Os críticos declaram que as opiniões entreter nos tempos antigos sobre a importância da arca, não pode ser conciliada com a presença das tábuas na arca. Mas nós respondemos: (1) que a existência real das duas tábuas da lei é negada, sem razões suficientes, para que as fórmulas dez principais do Decálogo, pois estas são dadas em Ex 20 e Dt 5, provir de Moisés, deve ser insistiu, e que, segundo Ex 34 dez mandamentos outro tinha sido escrito sobre estas tabelas é incorrecta. As leis em Exo_34 :17-26 não são em todos os declarada a existência de dez palavras que Deus pretendia escrever sobre as mesas. Mas, se Moisés tinha preparado as tabelas para os mandamentos, então é (2) apenas provável que ele fez para ser feita uma caixa adequada para sua conservação e seu transporte através do deserto. Agora pode-se pensar que a visão de que a arca era tão sagrado que não se atreveu a ser aberto somente depois que tinha se originado no tempo de Moisés. No entanto, é tão facilmente possível, que a importância que já tinha sido atribuído por Moisés ao tábuas na arca que a cópia fechados e cuidadosamente preservado de um acordo comercial teria e que será aberto somente em caso de necessidade (Jer_32 :11-14). Tal caso de necessidade nunca materializou depois, porque os israelitas nunca estiveram em dúvida quanto ao que foi escrito sobre essas tabelas. Numa leitura literal sem estresse foi colocada em tempos antigos. (3) Com relação à importância da arca de acordo com a estimativa que lhe são colocadas no período anterior de Israel, veremos que as tradições, em referência às tabelas de harmonizar plenamente com esta importância.

Dos críticos modernos, que têm rejeitado esta tradição, alguns pensavam que a arca estava vazia, e que os israelitas pensaram que o Senhor habitou nela (Guthe, *Geschichte des Volkes Israel*, 39), ou que o peito vazio era uma espécie de fetiche (Schwally *Kriegsaltertümer*, *Semitische*, 1901, I, 10). Como regra eles acreditam que uma imagem de pedra de Javé ou duas pedras foram colocadas na arca, sendo estas, possivelmente, as pedras de meteoro, em que pensava-se que algum poder divino foi habitação (Stade, *Geschichte de Israel*, I, 458), ou pedras que possivelmente em alguma batalha ou outros tinham sido lançados e através do qual uma vitória tinha sido ganha (Couard, ZATW, XII, 76), ou, possivelmente, foram as pedras que a aliança das tribos que habitavam no monte Sinai, foram inicialmente estabelecidos -se como testemunhos desta aliança (Kraetzschmar, *Die Bundesvorstellung im Alten Testament*, 216). Destes pontos de vista apenas o que declara que a arca continha as pedras de meteoro merece qualquer aviso, porque poderia de fato ser possível pensar que Israel teria tido com eles em sua jornada através do deserto essas pedras que poderiam ter considerado como promessas do Divino Presença caiu do céu e poderia ter preservado estes em uma arca sagrada. Mas é impossível mostrar que esta visão é provável, para não falar de provar que ela é correta. A tradição único sobrevivente diz que a arca continha as tábuas da lei, e esta é a única que está em harmonia com o que temos de pensar em toda a obra de Moisés. Finalmente, devemos lembrar novamente que é provável que Elohist e Jahwist, que falam tanto da arca e também dos quadros da lei, nas porções destes documentos que não tenham sido preservados, informou também que as mesas foram colocadas no arca.

IV. Os nomes da Arca da Aliança

O nome "arca da aliança do Senhor" não era originalmente encontrada em todo lugar onde está agora, mas em muitos lugares, as palavras "da aliança" foram acrescentados posteriormente. No entanto, a expressão "arca da aliança" é encontrado na mais antiga fonte do Livro de Sam (2Sa_15: 24), e em 1Ki_3: 15 na antiga fonte para a história de Salomão, de que o autor deuteronomista do Livro dos Reis fez uso, em 1Ki_8: 1, um relato muito antigo de construção do templo, e da veracidade da expressão "arca da aliança" nessas passagens não é por boas razões para ser posta em causa. Além disso, a expressão é encontrada nos livros de Números e Josué, em um número de passagens (Num_10: 33; Num_14: 44; Jos_3: 3, Jos_3: 6, Jos_3: 8; Jos_4: 9, Jos_4: 18; Jos_6: 6, Jos_6: 8), que provavelmente pertencem ao documento de Elohist. Parece que o Elohist designa a arca como a "arca da aliança de Deus", ou mais resumidamente, como a "Arca da Aliança", a menos que em uma narrativa ligado, ele escreve apenas "a arca", enquanto na Jahwist o denominação principal era "arca do Senhor, o Senhor de toda a terra" (compare Lotz, *Die Bundeslade*, 1901, 30-36). A partir deste, devemos concluir que a denominação "arca da aliança do Senhor" deve voltar a tempos muito antigos, e que devemos rejeitar a visão de que esse termo tomou o lugar da "arca de Javé", termo em consequência de uma mudança de pontos de vista com referência à arca, obtida através de Deuteronomio. De fato, desde o nome de "arca da aliança", como é provado pelo Elohist, e nada foi mor em uso do que em Efraim, onde eles não possuem a arca e, consequentemente, teria tido a menor ocasião para introduzir um novo nome para ele, pode ser aceite que o nome se originou em tempos mais antigos, nomeadamente os de Moisés. A outra expressão "arca do Senhor" pode ser tão velho e não precisa ser uma abreviação do outro. Foi possível designar a arca como "arca do Senhor", porque era um santuário pertencente ao Senhor, e que era possível chamá-lo também "a arca da aliança do Senhor," porque era um monumento e uma prova da

aliança que o Senhor fez com Israel. É por esta razão não é correta para traduzir a expressão *aron b'nt'h Yahweh* "a arca da lei do Senhor", como equivalente a "arca que servia de local para a preservação da lei da aliança." Para não *b'nt'h* significar "lei", mesmo que fosse possível, sob certas circunstâncias, para chamar uma aliança "lei" em sentido figurado e sinédoque o "pacto" e, quando 1Ki_8: 21 fala de "a arca em que está o pacto do Senhor", as palavras seguintes, "que ele fez com nossos pais", mostram que a aliança não significa aqui "lei", mas sim a relação de aliança que, em certo sentido, é incorporado nas tabelas.

Em P, a arca é também chamado de "arca do testemunho", e isso também não significa "Arca da lei." Para já não em P, mas apenas em documentos posteriores fizeram *'edhuth* a palavra "receber o significado de" lei " (Bundeslade Lotz, Die, 40). P entende por "testemunho" as Dez Palavras, através da proclamação de que o verdadeiro Deus tem dado provas da sua verdadeira essência. Mas onde este testemunho se encontra gravada na caligrafia de Deus em tábuas de pedra, só lá também é o lugar onde ele também deve ser considerado como presente localmente.

V. História da Arca da Aliança

Segundo a tradição contida no Pentateuco, a arca santa foi construído no Monte Sinai e foi levado pelos israelitas junto com eles para Canaã. Isso deve ser aceito como absolutamente correta. A suposição é infundada, de que era um templo que os israelitas tinham retomado a partir dos cananeus. Esta opinião é refutada pela estimativa de alta em que no tempo de Eli a arca foi realizada por todo o Israel (1 Ss Sam; 1Ki_2: 22), e especialmente pelo fato de que a arca era na época considerada como propriedade de Deus que tinha tirado a Israel do Egito, e em conformidade com esta arca tinha causado os cananeus a ser conquistado (1Sa_4: 8; 1Sa_6: 6; 2Sa_7: 6; 1Ki_12: 28). O parecer também que a arca era um paládio antigos da tribo de Efraim ou de descendentes de José e foi apenas em um período mais tarde reconhecido por todo o Israel (Stade, Geschichte des Volkes Israel, I, 458) não é sustentável, pois ouvir nada no sentido de que os descendentes de José, preocupavam-se mais para a arca do que as outras tribos fizeram. No tempo de Eli a arca pararam no santuário de Silo. Quando Israel havia sido conquistado pelos filisteus, a arca foi tomada de Shiloh, de modo que o Senhor deve ajudar o seu povo. Mas, apesar desta filisteus o ainda conquistou e capturaram a arca (1Sa_5: 1-12). Mas as muitas desgraças que ultrapassou os fez pensar que a posse da arca era destrutivo para eles e mandei ele de volta (1 Sam 6). A arca em primeiro lugar veio a Bete, na tribo de Judá, e, em seguida, a Quiriate-Jearim (ou Baale Judá, 2Sa_6: 2), cerca de 7,5 quilômetros a noroeste de Jerusalém. Há a arca permaneceu por muitos anos até que Davi, depois de ter tomado posse de Monte Sião, levou-o lá (2 Sam 6) e depositou-o em uma barraca. Salomão trouxe para o Santo dos Santos no templo (1Ki_8: 3-8), onde com toda a probabilidade que permaneceu até a destruição de Jerusalém por Nabucodonosor, pois Jer_3: 16 prova que os israelitas sentiam que estavam na posse da arca até este momento.

VI. O significado da Arca

Segundo muitos pesquisadores a arca era originalmente um santuário de guerra. Em favor desta, pode-se alegar que Israel tomou em seu acampamento, a fim de que possam receber a ajuda do Senhor, na batalha com os filisteus (1 Sm 4), e ainda que também no tempo de Davi a arca foi novamente tomado junto na batalha (2Sa_11: 11; comparar Psa_24: 1-10); nota também a palavra de Moisés, que ele falou quando a arca foi levada para ser realizado: "Levanta-te, ó Senhor, e sejam os teus inimigos dispersos" (Num_10: 35). No entanto, nada do que sabemos ou pressupor relativas à forma e ao conteúdo dos pontos arca para uma finalidade militar original da mesma, e nas declarações de outras que são encontradas em outros lugares sobre a arca, um significado muito mais geral é atribuída a ele. A importância que a arca tinha para os israelitas em conexão com suas guerras é apenas o resultado de sua significação como símbolo da presença do Senhor, que não era de todo um Deus da guerra, mas quando seu povo foram obrigados a luta foi sua auxiliar na luta.

Um símbolo da presença divina

Que a arca foi projetada para ser um símbolo da presença de Deus no meio do Seu povo é comum o ensino do Antigo Testamento. De acordo com o Elohist a arca foi feita para servir de conforto para as pessoas para isso, que eles estavam a sair da montanha onde Deus lhes tinha causado a perceber a sua presença (Exo_30: 6). De acordo com o Código Sacerdotal (P), Deus propôs para falar com Moisés, desde o lugar entre os querubins sobre a arca. De acordo com Jdg_2: 1, o anjo do Senhor falou em Bethel (Boquim), em reprovação e exortação ao povo, depois que a arca da aliança havia sido trazido para aquele lugar, porque a comparação de Num_10: 33 e Exo_23: 20 mostra que Jdg_2: um é para ser entendido como falar da transferência da arca para Betel. Quando Israel no tempo de Eli foi dominado pelos filisteus, os israelitas enviados para a arca, a fim de que o Senhor deveria entrar no acampamento de Israel, e este foi também acreditava ser o caso pelos filisteus (1Sa_4: 3). Após a arca veio a Bete e uma peste tinha quebrado lá fora, as pessoas não querem manter a arca, porque ninguém pode viver na presença do Senhor, este Deus santo (1Sa_6: 20) e Jeremias diz (Jer_3: 16, Jer_3: 17) que a arca da aliança não seria feita novamente após a restauração de Israel, mas, em seguida, Jerusalém seria chamado o "trono de Javé", ou seja, seria tão manifestamente ser a cidade de Deus, que seria garantir a presença de Deus, pelo menos tanto como a arca anteriormente fez.

Nos tempos antigos as coisas pareciam mais realistas para o povo do que eles fazem para nós, e quando a arca foi considerada uma representação visível da presença do Senhor, e como garantia de sua presença, uma ligação estreita material foi pensado para existir entre a arca e Senhor, em virtude do qual os poderes divinos foram pensados também para estar presente na arca. As pessoas em Bete não estavam dispostos a manter a arca por mais tempo no meio deles, porque eles não poderiam viver em sua presença perto. A dança de Davi diante da arca é considerado por ele e pelo narrador do evento como um dançando diante do Senhor (2Sa_6: 5, 2Sa_6: 14, 2Sa_6: 21), e em 2Sa_7: 5, Deus diz, através de Nathan, que tinha perambulavam em uma barraca desde que Ele levou os israelitas do Egito.

Mas a visão defendida por alguns dos críticos modernos, que os israelitas tinham pensado que a arca era o lugar-morada ou sede do trono do Senhor, não obstante correta. Esta opinião não pode ser harmonizado com esse fato, que nas fontes, datando desde os tempos mesmo antigos, é feita referência a sua morada em muitos lugares na terra de Canaã e fora de Canaã, de modo que a idéia de que sua presença ou até mesmo ele está confinado a arca é impossível. A declaração de Moisés: "Levanta-te, ó SENHOR, e os teus inimigos sejam dispersos" (Num_10: 35), o comando não é dirigida a quem levar a arca para levantá-lo e assim o Senhor se levantar para a viagem, mas é uma exigência feita a Jeová, de acordo com sua promessa, para ir à frente de Israel, como a arca faz. De acordo com 1Sa_4: 3 os israelitas não dizer "Nós queremos ir e Javé", mas ". Queremos ir buscar a arca do Senhor, para que Ele possa entrar em nosso meio" Eles só queriam conformidade para induzi-lo de vir recebendo a arca. Isto, também, os sacerdotes e os adivinhadores dos filisteus dizer: "Não permitam que a arca do Deus dos israelitas para se afastar sem enviar um presente longo," mas eles não falam assim de Javé. Que Samuel, que dormia perto da arca, quando era dirigida pelo Senhor, não a todos em primeiro lugar acho que o Senhor estava se dirigindo a ele, prova que naquela época a visão não prevaleceu que ele estava na arca, ou tinha a sua sede em ele. O antigo Israel foi, portanto, evidentemente, da convicção de que a arca estava intimamente ligado com o Senhor, que algo de Seu poder era inerente à arca; consequentemente o sentimento que prevaleceu quando perto da arca eram de um modo especial na presença de e perto de o Senhor. Mas isso é algo completamente diferente da opinião de que a arca era a sede ou a morada do Senhor. Mesmo que os israelitas antigos, por conta da crueza dos métodos antigos de pensamento, não tinham consciência da grandeza desta diferença, o fato de que essa diferença foi sentida não é uma questão de dúvida. Que a arca foi construída para encarnar a presença de Deus entre o Seu povo é tão clara a partir das declarações do Elohist, e provavelmente também do Jahwist, pois é daquelas do Código Sacerdotal (P), e se estes têm

em conformidade consideradas as tabelas da lei como constituindo o conteúdo da arca, então isso está em perfeita harmonia com os seus pontos de vista deste objetivo, e nós também devemos apegar a essas mesmas opiniões. Por que teria sido melhor adaptado para tornar o instrumento que representa a presença de Deus, mais adequado para isso do que as tábuas de pedra com os Dez Mandamentos, através do qual o Senhor tinha dado a conhecer ao Seu povo Seu caráter ético? Para este efeito, muito tinha que ser uma arca. As palavras nessas tabelas foram uma espécie de retrato espiritual do Deus de Israel, que não podia ser retratado de uma forma corpórea. Nesta forma ninguém no antigo Israel formulou este pensamento, mas que esse pensamento estava presente é certa.

Arca de Noé

ark, no' a: Uma estrutura construída por Noé ao comando de Deus para preservar da Inundação uma sobra da raça humana e dos animais associados com homem. Foi construído de “madeira de gôfer” (Gn 6:14) - muito provável o cipreste usado extensivamente pelos fenícios por construir navio. Foi dividida em quartos ou ninhos, e era três galpões alto, médio e abaixo, lançou dentro e sem com betume ou “asfalto,” de qual há depósitos extensos, no vale do Eufrates, um pequeno sobre a Babilônia. Era 300 côvados comprimento, 50 largura 30 alto, o qual de acordo com a estimativa de Petrie de um côvado como 22.5 polegadas fariam isto para ser 133 metros de comprimento, 22 largura, 13 de altura, que são proporções naturais de um navio daquele tamanho. As dimensões do “Grande Oriental,” construído em 1858, era 692 pés longo, 83 pés largo, 58 pés profundamente; esses do “Céltico” embutiu 1901 é 700 pés longo, 75 pés largo, 49 1/3 pés profundamente. É extremamente improvável que deveriam ter sido nomeadas tais dimensões razoáveis à Arca salvo eles estavam baseado em fato. Tradição desenfreada teria ido torcer as proporções, como é mostrado pelo que de fato aconteceu em outros tempos da Arca. As tabuas de cuneiform representam isto como seis galpões de divisão, com o comprimento, largura, e profundidade, cada como 140 côvados (262 pés), e tendo um mastro em cima de tudo, e piloto para guiar a arte impossível (veja Tablete de Dilúvio, II.22, 23, 38-41). Berosus, o historiador grego, representa isto para ter sido cinco stadia (3000 pés) longo e dois stadia (1,200 pés) largo, enquanto Origen para confundir Celsus (Contra Celsus 4.41) deu para as figuras uma interpretação que fez a Arca 25 milhas longo e 3/4 de uma milha largo.

É desnecessário para especular na capacidade da Arca por segurar todas as espécies de animais absolutamente ache no mundo, junto com a comida necessário para eles, desde que só nos exigem que provejamos para tais animais como era nativo à área para a qual as sobras da raça humana que vive naquele momento estavam limitadas, e o qual (veja DILÚVIO) pode não ter sido grande. Mas espetáculo de cálculos que a estrutura descrita conteve um espaço de cerca de 3,500,000 pés cúbicos, e que depois de armazenar comida bastante apoiar vários mil pares de animais, do tamanho comum, em uma viagem de oceano de um ano, lá permaneceria mais de 50 pés cúbicos de espaço para cada par.

Nenhuma menção é feita na Bíblia de um piloto para a Arca, mas parece ter sido partido para flutuar como um desamparado nas águas. Para aquele propósito sua forma e dimensões estavam perfeitas, como foi demonstrado há muito tempo pelo navegante célebre, Senhor Walter Raleigh que nota isto teve “um fundo plano, e não foi elevado em forma de um navio, com uma agudez adiante, cortar as ondas para a velocidade melhor” - uma construção que afiançou o máximo de capacidade de armazenamento e fez um recipiente que montaria continuamente na água. Numerosos recipientes depois do padrão da Arca, mas de dimensões menores, foi feito na Holanda e Dinamarca e foi provado adaptado para frete onde velocidade não era da primeira importância admiravelmente. Eles segurariam um-terço mais carga que outros recipientes, e exigiria para nenhuma mais mão trabalhar eles. A elevação gradual e apaziguamento da água, cada que continua durante seis meses, e o movimento deles/delas interior, faça a sobrevivência de tal uma estrutura por nenhum meios irracional. De acordo com Gn 6:3; 1Pe 3:20; 2Pe 2:5, advertindo da Inundação era anteriormente determinados 120 anos, e durante aquele tempo o Noé, enquanto preparando a Arca, se tornou pastor de retidão. Para evidência que havia uma destruição gradual da raça prévio para a Inundação, veja DILÚVIO.

Arkita

ark'it (, 'ark): Um habitante da cidade de Arka, situada uns 16 ou 19 km Nordeste de Tripolis, Síria, e aproximadamente 6 Km da costa do mar. Os Arkitas são mencionados em Gn 10:17 e 1Cr 1:15 como sendo os descendentes de Canaã, e eles eram indubitavelmente de ação fenícia. O lugar não era de muita importância, mas é mencionado nas inscrições assírias, debaixo do nome Irkatah e levado por Tigla-Pileser III em 738 a.C. Não estando no mar seu comércio era pequeno e provavelmente pertenceu originalmente a Tripoli ou Botrys. Era o local de nascimento de Alexandre Severus, conseqüentemente seu nome romano, Cesaréia Libani. Seu local é marcado por um alto montículo perto dos contrafortes de Líbano.

Braço

arm (, 'ro', , 'ezro', , 'dra', , brachon, , hocen, , katheph): A forma habitual 'ro' do zara', de raiz “esparramar.” O braço pode ser “esticado fora.” 'Ezro' esta forma é com protético 'aleph (Jó 31:22; Jr 32:21), e 'dra' é a forma arameu. Hocen realmente é “seio,” assim a Versão Revisada (britânico e americano) (Is 49:22); e kathephé “ombro,” assim a Versão Revisada (britânico e americano) (Jó 31:22). Compare , cheir, também, em At 11:21.

Figurativo: O braço denota influência, dê poder a, meios de apoio ou conquista. Os braços de Moabe (Jr 48:25) e de Faraó (Ez 30:21) está quebrado. O braço de Eli e o braço do casa do pai dele será cortado (1Sm 2:31). Porque o braço brandiu a espada que significou “opressão” (Jó 35:9). Os braços são os meios de apoio, então recusar ajudar o órfão é quebrar os braços deles (Jó 22:9).

Antropomorfismo aplicado para Deus, o braço também denota o poder dele, dê poder a para entregar, apoio, conquista. O “braço dele estendido” entregou Israel do Egito (Ex 6:6; Dt 4:34, etc.). Eles apóiam: “Debaixo de é os braços perpétuos” (Dt 33:27). o braço dele protege (Is 40:11). Yahweh às vezes é comparado a um guerreiro e golpeia com o braço dele (Sl 89:10; Is 63:5; Jr 21:5). O braço de Yahweh é santo (Sl 98:1; Is 52:10). Poderiam ser citadas muitas outras passagens da Bíblia exibindo como o poder de Deus para resgatar, julgar, proteger, castigar é expressado pela idéia de “o braço de Yahweh.”

Armagedom

ar-ma-ged'on , Armageddon: Ap 16:16; a Versão Revisada (britânico e americano) “HAR-MAGEDON” (o qual vêem).

Armênia

ar-me´ni-a:

I. Geografia

II. História antiga

1. Os armênios de Turanian

A Religião deles

2. Os armênios arianos: História para 114 d.C

Literatura

I. Geografia

, *ararat* (Sumeriano *Ar*, “região,” mais *ar* “alto,” mais *tu*, “montanha,” mais “alta região montanhosa”): em assírio, *Urtu*, *Urtu*, *Urtu*; em egípcio, *Ermenen* (= “Região do Minni”) Wiener, Origem do Pentateuco, *Armina*, *Armaniya* (, *Armema*): em Hecataeus de Miletus, aproximadamente 520 a.C, estão as pessoas (Gn 8:4; 2Rs 19:37; Is 37:38; Jr 51:27). Ao longo da Bíblia, isto é um país, não uma montanha. Especialização de Armênia foi saltada no Norte pelo Rio Cyrus (Kour), Ibéria, Colchis, e o Moschici Mts; no Oeste pela Ásia Menor e o Eufrates; no Sul pela Mesopotâmia e Assíria; no Leste pelo Caspio e Mídia. (A Armênia posição Secundária entre o Eufrates e o Halys.) Ararate era originalmente o nome do distrito central. A maioria de Armênia está entre 8000 e 3000 pés sobre o nível mar, e declives para o Eufrates, Cyrus, e o Caspio. Mt. Massis (geralmente chamou Ararate Maior) é 16.969 pés e Ararate Menor, 12.840 pés Ambos são de origem ígnea, como é Aragds (A'la Göz), 13.436 pés Enxofre pula e terremotos ainda atestam atividade vulcânica. Os maiores rios são o Eufrates, Tigre e Araxes. O posterior, rápido e afamado para inundações violentas, une o Cyrus que entra no Caspio. Os lagos Van, Urmi e Sevan são verdadeiros mares interiores. As muitas cadeias montesas, torrentes intransitáveis e fluxos grandes dividem o país longe em distritos menos acessível de um ao outro que de terras estrangeiras. Conseqüentemente, invasões são união fácil e difícil. Isto afetou a história da Armênia tristemente. Xenofonte (Anab. iv.5) descreve as pessoas como morando em casas em parte subterrâneo, como ainda é achado. Cada aldeia era governada por seu chefe de acordo com leis habituais antigas. Ele descreve bem a severidade dos invernos. Em verão o clima em alguns lugares é igual que de Itália ou Espanha. Muito de Armênia é extremamente fértil, enquanto produzindo rebanhos grandes de cavalos e gado, colheitas abundantes de cereais, azeitonas e fruta. É rico em minerais, e provavelmente é a casa da rosa e a videira.

Literatura

Minas Gaphamatzean; Garagashean; Palasanean; *Entir Hatouadsner*, I; Rawlinson, Sete Anc. Monarquias; Strabo; Xenophon; Petermann, Mittheilungen para 1871; Bryce, Transcaucasia e Ararate.

II. História antiga

1. Os armênios de Turanianos

O país é mencionado primeiro em Gn 8:4 como a terra entre as montanhas das quais a Arca de Noé descansou. (De acordo com tradição judia isto um das montanhas curdas era.) É falado logo por Sargon eu de *Agadé*, aproximadamente 3800 a.C, como entre as conquistas dele. Em lendas babilônicas cedo figuras de Armênia como uma terra quase desconhecida longe para o Norte, cheio de montanhas altas e florestas densas, contendo a entrada para o mais Baixo Mundo (*Mad Nu-ga*, “Terra de Nenhum Retorno”). Em suas bordas estava Mt. Nisir onde os deuses e *Sit-napistim* “navio” parou. Isto “Montanha do Mundo” era o Jabal Judi presente, Sul de Lago Van. Logo vindo influência egípcia. Totmes III, no terceiro ano dele (aproximadamente 1458 a.C), depois de uma grande vitória em cima do Rutennu ou Ludennu (Mesopotamianos e Lidianos), recebeu a submissão do “os chefes de *Ermenen*” e outros. É notável que o nome pelo qual a terra ainda é conhecida a estrangeiros (os armênios chamam *Haiastan*) deve ocorrer tão cedo. Em seu ano trigésimo terceiro, Tutmés III, menciona o povo de Ermenen como pagar o tributo, quando ele teve sua corte em Nínive, e diz que na sua terra “céu repousa sobre os seus quatro pilares.” No Hall Seti I de colunas de Karnak, vemos o povo de árvores Ermenen abate, a fim de abrir um caminho através de suas florestas para que os exércitos do rei. Ramsés II no ano de seu vigésimo primeiro, em guerra com Kheta sira, rei dos hititas, provavelmente subjugada Armênia (compare Tácito Ann. ii.60). Muitos lugares conquistados por Ramsés III, e mencionada na lista Medinet Habu, provavelmente na Armênia. O rei assírio Uras-ACUR-Pal (cerca de 1190-1170 a.C) fez uma incursão em Armênia, e menciona o distrito central (*Urtu* bom, perto do Lago Van), a terra do maná (Minni, Jer_51: 27), Nahri (“Os rios”), Ashguza (Asquenaz, ib), etc Outro invasor estava Tiglate-Pileser I (cerca 1110-1090 a.C). Asshut-Nacir-pal em 883 aC avançada para Urtu. Um pouco mais tarde, ele menciona como artigos de carros homenagem armênio, cavalos, mulas, ouro, prata, placas de cobre, bois, ovelhas, vinho, roupas variadas, vestidos de linho. Novamente e novamente levou a ferro e fogo por todo o país, mas sempre se revoltaram. Sob Salmanasar II (860-825 aC) e depois para as guerras séculos continuou. Unindo e formando reinos poderosos (dos quais o principal foi em torno do Lago Van Biainash) os armênios resistiram. Finalmente, em 606 aC, eles participaram na destruição de Nínive, e em que depois de Babilônia. Salmaneser II fala da coracles vime no Lago Van. Os bronzes Balawât retratam armênios vestidos como os hititas (a quem eles eram, por vezes sujeitas), em túnicas e sapatos de neve com pontas viradas para cima e apontou, com capacetes, espadas, lanças e escudos pequenos e redondos. Sayce compara seus rostos em forma para o tipo de negro. Possivelmente eles foram os mongóis. O fundador do reino de Biainash foi Sardurish I, cerca de 840 aC, que construiu a sua Tushpash capital, agora Van. Ele governou a maior parte da Armênia, defendendo-a contra os assírios, e, aparentemente, causar um cheque em Salmaneser II em 833 aC. Ele introduziu a escrita cuneiforme, e suas inscrições estão no Sírio. Seu filho Ishpuinish adaptaram o silabário Assírio à sua própria língua, que tem uma ligeira semelhança com Geórgia em alguns pontos. O próximo rei, Menuash, deixou quase todo inscrições Armênia, contando de suas vitórias sobre os hititas, etc O reino de Biainash atingiu o seu apogeu sob o grande monarca Argishtish I, que conseguiu defender seu país contra Salmaneser III (783 - 772 aC). Mas no reinado de seu filho Tiglate-Pileser IV (748-727 aC: Pul) esmagado os armênios até o pó em uma grande batalha perto Commagene em 743. Pul não conseguiu captar Van em 737, mas ele devastou o país distante e largamente. Rusash I, à frente de uma confederação Armênia, começou uma grande luta em 716 com Sargão (722-705), que em 714 capturado com a família Van Rusash's. Depois de perambular 5 meses Rusash suicídio cometido. Seu irmão Argishtish II, em certa medida recuperou a independência. Seu sucessor Erimenash deu um asilo para Adrameleque e Sarezzer

(*Assur-sar-usur*) em 680 (2Ki_19: 37; Isa_37: 38) após o assassinato de seu pai Senaqueribe. Invadindo Assíria, no mesmo ano, eles foram derrotados por Esar-Haddon I. Armênia do Rio Ciro para o sul do Lago Van foi devastado pela Kimmerians (679-677). Rusash II (cerca de 660-645) e seu filho Sandurish III (o último por volta de 640 ou logo após), submetidos a Assurbanipal (668-626). Nabucodonosor (604-561) se orgulha de alcançar Van em suas conquistas, apesar de os armênios tinham provavelmente compartilham suas na destruição de Ninive, em 606. Jr (Jer_51: 27) mencionou os reinos de Arará, Mini e Asquenaz cerca de 595, e disse que iria ajudar na queda da Babilônia (em 538). Ciro tinha, provavelmente, subjugado ou ganha-los após a captura Ekbatana (549). Após este turanianos, gradualmente cedeu lugar na Armênia com os armênios ariana de épocas posteriores.

Sua religião

O deus supremo dos Armênios Turanian foi *Haldish*, que era pai de todo o resto. Eles foram denominados "filhos da poderosa Haldish." Ele, com Teishbash, deus da atmosfera, e Ardinish, o deus-Sol, formado "a companhia dos deuses poderosos". Auish, deus da água; Ayash, deus da terra; Shelardish, o deus-lua; Sardish, o Ano-deus, e 42 outros deuses são mencionados. Sari era uma deusa, provavelmente correspondendo a Ishtar. Adoração foi oferecido para os espíritos dos mortos. Um pouco estranho, alguns dos nomes divinos que mencionamos lembrar um dos arianos determinados (em grego antigo e Pers) palavras, porém esta pode ser contabilizada.

Literatura

Valdemar Schmidt, Assyriens og Aegyptens Historie Gamle; Maspero, Dawn of Civilization; Rawlinson, Centro-Oeste. Asiat. Inscrs; Keilinschriftliche Bibliothek (Schrader, editor); Airarat, 1883; Sayce no jornal da Sociedade Real Asiática, nova série, XIV; registros do passado; Hastings, Fim da Religião e Ética, I.

2. Armênios ariana: História e 114 anúncios

Os ancestrais dos armênios presente (que se chamam *Haik'h*, i.e. *Pati-s*, "senhores") podem se instalaram no país no século 8 aC, quando Sargão menciona um rei de uma parte da Armênia, que tinha o nome de Ariano Bagadatti (= Theodore). Eles vieram da Frígia (Herod. vii.73), usou o vestido de frígio e armadura (Dion. de Halicarnasso; Eudoxius;. Herodes) e falavam a mesma língua (Herod. i.171). Na Bíblia são chamados de "Casa de Togarma" (Gen_10: 3; 1Ch_1: 6; Eze_27: 14; Eze_38: 6) e "Asquenaz" (Gen_10: 3; 1Ch_1: 6; Jer_51: 27; o Ashguza Assíria), como pelos seus próprios escritores de épocas posteriores. Xenofonte na Cyropedia menciona uma conquista mediana da Armênia, Estrabão seus trajes mediana, ainda meninas armênio não conseguia entender intérprete de Xenofonte persa (Anab. IV.5). Três dos quatro armênios mencionado por Darius têm nomes ariana. Os armênios se juntou ao Fravartish Mediana nobre em sua revolta contra Dario I (519 aC). Grande parte dos combates conseqüente ocorreu na Armênia, que estava com dificuldade moderada (517). Fez parte do décimo terceiro Nome de Dario, e depois duas satrapias (aparentemente Armênia Maior e Menor). O governo (da Armênia Maior) foi feita hereditário na família de Vidarna (Hydarnes) para ajudar a derrubar Fravartish. interessante descrição de Xenofonte do país e das pessoas e da gravidade dos seus invernos é bem conhecida. Heródoto conta de armênios na pele e coracles trabalhos de vime, trazendo vinho, etc, para a Babilônia. Xenofonte diz que eles e os caldeus negociado com a Índia. Estrabão menciona seu comércio caravana em toda a Ásia central. O sátrapa da Armênia teve que apresentar a 20.000 cavalos jovens anualmente ao rei da Pérsia, no grande festival anual de Mitra. Uma grande massa de soldados armênios servido na invasão de Xerxes à Grécia. Na batalha de Arbela (331 aC), 40.000 de sua infantaria e 7.000 cavaleiros participaram do evento. Armênia, em seguida, tornou-se uma parte do império de Alexandre, e mais tarde do que de Seleuco (301 aC), ao abrigo de um sátrapa nativa, Artavasdes. Armênia revoltado após a derrota de Antíoco em Magnésia (190 aC), e os romanos encorajou os dois príncipes a declarar-se reis. Artaxias, rei da Armênia Maior, utilizou a ajuda de Hannibal em fortalecer seu capital Artaxata (189 aC). Artaxias foi deposto por Antíoco Epifânio, em 165, mas foi restaurado em jurando fidelidade. confusão Civil seguiu. Os nobres chamados os partos em Mitridates I (150 aC), que se tornou capitão do império persa inteiro. Ele fez seu irmão Valarsaces rei da Armênia. Assim, a dinastia Arsacide foi estabelecida no país e durou até a queda do império parto (226 dC), os reis armênio, muito frequentemente, reconhecendo os monarcas Parthian como suseranos. O maior rei armênio foi Tigranes I. (96-55 aC), um guerreiro que levantou a Armênia por um tempo para a posição mais importante da Ásia. Humilhou os partos, juntou-se Mitridates VI em guerra com Roma, governou a Síria por mais de 14 anos, construída perto de Mardin como sua capital Tigranocerta, e assumiu o título Assyrio-Persa de "Rei dos Reis". Lúculo Tigranes derrotado e destruído Tigranocerta em 69 bc. Tigranes rendeu-se perto Artaxata Pompeu (66 aC), pagou 6.000 talentos, e manteve apenas a Armênia. Sob sua arte e literatura grega floresceu no país. Armênia como subjectally de Roma tornou-se um "estado tampão" entre os impérios romano e parto. Tigranes 'filho e sucessor *Artevasdes* juntou-se à invasão de partos da Síria, após Crasso derrota para Sinnaca bc 53. Ele traiçoeiramente causado grandes perdas ao exército de Marco Antônio em 36 aC. Antônio levou em cadeias para o Egito, Cleópatra, onde colocá-lo à morte em 32 aC. Após isso, a Armênia tempo permaneceu sujeito aos Romanos, sempre que não é forte o suficiente para juntar os partos, sofrendo muito com as intrigas e os ciúmes de ambas as potências. Não há nenhuma prova da história depois que a Armênia armênio foi sujeito a Abgarus, rei de Edessa, em nossa época Senhor, e que foi pregado o evangelho lá por Tadeu, embora este último ponto é possível. Em 66 dC, Tiridates, irmão mais velho do Vologeses rei parta, tendo derrotado os romanos sob Paetus e se estabeleceu no trono da Armênia, foi por terra a Roma e recebeu a investidura de Nero. Paz entre Roma e Pártia se seguiu, ea Armênia, estreitamente unida a Pártia até expedição de Trajano em 114 anúncios.

Literatura

Spiegel, Altpers. Keilinschriften; Xenofonte;; Arriano Heródoto, Tácito; Patroculus Veleio; Amiano Marcelino, Tito Lívio, Políbio.

Ariana; armênio Religião

ar-me'ni-um,-um ar'i.

Isso ajuda muito se assemelhava à da Pérsia, embora o zoroastrismo eo seu sistema dualista não eram professores. Estamos, assim, habilitado para julgar o quanto a religião do Avesta é devido à reforma de Zoroastro. Aramazd (Ahura Mazda), criador do céu e da terra, era o pai de todas as divindades. Sua esposa foi provavelmente Spandaramet (Spenta Armaiti), deusa da terra, que mais tarde foi detido para presidir o submundo (compare Persephone; helenística). Entre seus assistentes como gênios da fecundidade foram Horot e Morot (Haurvatat e Ameretat), divindades tutelares do Monte. Massis (agora denominado Ararat). Aramazd culto parece ter caído muito em segundo plano em favor daquele de divindades inferiores, entre o chefe de quem era sua filha Anahit (Anahita), que tinha templos em muitos lugares. Suas estátuas eram frequentemente dos metais preciosos, e entre seus muitos nomes foram "Mãe de Ouro" e "Deusa da imagem de ouro." Daí até os dias atuais a palavra "ouro" entrar em muitos nomes armênio. novilhas brancas e ramos verdes foram oferecidas la como deusa da fecundidade, nem a prostituição religiosa em sua homenagem incomum. Avançar na popularidade veio a irmã Astghik ("a estrelinha"), ou seja, o planeta Vênus, deusa da beleza, esposa do herói deificado Vahagn (Verethraghna). Ele surgiu do céu, terra e mar, e os dragões derrubaram e outros seres malignos. Outra das irmãs Anahit foi Nane (compare Nana assírio, Nannaea), mais tarde identificada com Atena. Seu irmão MIHR (Mitra) teve o sol como seu símbolo no céu e do fogo sagrado na terra, sendo ambos objetos de culto. Em seus templos o fogo sagrado era reacendeu uma vez por ano. mensageiro Aramazd e escrivão foi Tiur ou TIR, que entrou ações dos homens no "Livro da Vida." Ele levou os homens após a morte de Aramazd para julgamento. Antes do nascimento, ele

escreveu os destinos dos homens em suas testas. O lugar da punição foi Dzhokhk'h (= persa Duzakh). Para os sacrifícios sol ea lua foram oferecidos na montanha-tops. Rios e fontes sagradas e outros objetos naturais também foram adorados. A oração foi oferecida frente para o leste. Presságios foram retirados do farfalhar das folhas da floresta Sonean sagrado. Armavir foi a capital religiosa. Entre as existências espirituais inferiores foram os Arlezk'h, que lambeu as feridas dos mortos em batalha e restaurou-lhes vida. O Parikk'h foram, evidentemente, a Pairakas (Peris) da Pérsia. A mitologia dos dragões armênio disse enorme que às vezes parecia que os homens, às vezes, como worms ou basiliscos, elfos-do-mar touros, leões, dragões, etc Como na Pérsia, os demônios dardos feitos fora do aparas de unhas de um homem ferir ele com. Portanto, esses desperdícios, juntamente com os dentes e as aparas de cabelo, deve estar escondida em algum lugar sagrado.

Literatura

Eznik Goghbatzi; Agatângelo; Moisés de Khorene; Eghishe; Palasanean; Byzantinus Faustus; Chhamchheantz; Plutarco, Estrabão, Tácito. Ver o meu "conversão da Armênia, do" RTS; A T Expositor, II, 202ff.

Versões armênio da Bíblia.

me'ni ar-um vur'shuns b'i'b'l.

I. armênio antigo

1. Circunstâncias em que fez

2. Os tradutores

Apocrypha Omitted

3. Revisão

4. Resultados de Circulação

5. Edições Impressas

II. Armênia Versões Modernas

1. Ararat, Armênia

2. Constantinopolitan-armênio

III. Língua armênia

Literatura

I. armênio antigo

1. Circunstâncias em que fez

A Armênia foi em grande medida cristianizado por Gregory Lousavorich (o "Iluminador", consagrada 302 dC; morreram 332), mas, como armênio não tinha sido reduzido a escrito, a Bíblia usada para ser lido em alguns lugares, em grego, em outros, em siríaco, e traduzido por via oral para o povo. O conhecimento dessas línguas e à formação de professores foram mantidos pelas escolas que Gregory e Rei Tiridates tinha estabelecido na Vagharshapat capital e em outros lugares. Quanto houve qualquer Cristianismo na Armênia antes que o tempo de Gregório, que tinha sido quase que exclusivamente sob a influência da Síria, de Edessa e Samósata. Gregório introduziu a influência grega e da cultura, embora mantendo laços de união com a Síria também. Quando o Rei Sapor da Pérsia tornou-se mestre da Armênia (378 dC), ele não só perseguiu os cristãos, mais cruel, mas também, por motivos políticos, procurou evitar a Armênia a partir de qualquer contacto com o mundo bizantino. Daí a sua vice-rei, o renegado Merouzhan armênio, fechou as escolas, proscritos aprender grego, e queimou todos os livros gregos, especialmente as Escrituras. livros siríaco foram poupados, assim como na própria Pérsia, mas em muitos casos, os clérigos eram incapazes de interpretá-las ao seu povo. A perseguição não havia esmagado o cristianismo, mas não havia perigo de que ele pereça por falta da Palavra de Deus. Daí as tentativas foram feitas diversas traduzir a Bíblia para o armênio. Diz-se que Crisóstomo, durante seu exílio na Cucusus (404-407 dC), inventou um alfabeto armênio e traduziu o Saltério, mas isso é duvidoso. Mas quando Arcádio cedeu quase todas algo Armênia Sapor sobre o anúncio 396, tinha de ser feito. Assim, em 397 o célebre Mesrob Mashtots e Isaac (Sahak) Catholicos resolveu traduzir a Bíblia. Mesrob tinha sido um secretário judicial, e como estava bem familiarizado com Pahlavi, siríaco e do grego, em que três línguas os decretos reais foram então publicados. Isaac tinha nascido e educado em Constantinopla, lá e em Cesaréia. Por isso, ele também era um erudito grego, além de ser versado em siríaco e Pahlavi, que este último foi, então, a língua da corte na Armênia. Mas nenhum desses três alfabetos foi adequado para expressar os sons da língua armênia, e, portanto, um alfabeto tinha que ser pensada para ele.

2. Os tradutores

Um conselho da nobreza, bispos e clero líder foi realizada na Vagharshapat em 402, o rei Vramshapouch estar presente, e este Conselho solicitou Isaac para traduzir as Escrituras para o vernáculo. Por 406, Mesrob conseguiu inventar um alfabeto - praticamente a única ainda em uso - principalmente através da modificação do grego e os personagens Pahlavi, embora alguns pensem o alfabeto de Palmira teve influência. Ele e dois de seus alunos em Samosata começou por traduzir o Livro de Provérbios, e, em seguida, o Novo Testamento, do grego Enquanto isso, ser incapaz de encontrar um único manuscrito grego no país, Isaac traduzido as lições da igreja siríaca Peshitta, e publicou essa versão em 411. Ele enviou dois de seus alunos a Constantinopla para cópias da Bíblia grega. Estes homens estavam presentes no Concílio de Éfeso, em 431 de anúncios. Provavelmente Teodoreto (De Cura Graec. Afeto., I, 5) aprendi com eles o que ele diz sobre a existência da Bíblia em armênio. mensageiros Isaake trouxe-lhe cópias da Bíblia Grega da Biblioteca Imperial, em Constantinopla -, sem dúvida, alguns desses preparados por Eusébio no comando de Constantino. Mesrob Mashtots e Isaac, com seus assistentes, concluído e publicado na versão (antiga) armênia de toda a Bíblia em 436. La Croze se justifica denominar-la rainha de versões Infelizmente, o Antigo Testamento foi proferida (como dissemos) a partir da Septuaginta, e não a partir do hebraico. Mas os livros apócrifos não foi traduzido, apenas "os 22 Livros" do Antigo Testamento, como Moisés de Khorene nos informa. Isto foi devido à influência do Velho Testamento Peshitta.

Apocrypha Omitted

Não até o século 8 foi o Apocrypha proferida em armênio: não foi lida nas igrejas da Armênia até o dia 12. Theodotion versão de Daniel foi traduzida, em vez de a Septuaginta muito imprecisa. O texto alexandrino foi geralmente seguida, mas nem sempre.

3. Revisão

No século 6 a versão armênia é dito ter sido revisto de forma a concordar com a Peshitta. Daí, provavelmente em Mat_28: 18 a King James Version, a passagem: "Como meu Pai me enviou, assim também eu vos envio", é inserido como na Peshitta, embora ocorra

também em seu devido lugar (Joh. 20: 21) . Ele lê "Jesus Barrabás" em Mat. 27: 16, Mat. 27: - ". Muito em manuscritos antigos" 17 uma leitura que Orígenes encontrados Contém Luk. 22: 43, Luk. 22: 44. Como é sabido, no manuscrito Etschmiadzin de 986 anúncios, mais de Mar. 16 :9-20, são inseridas as palavras ", da Ariston o presbítero", mas a Nestlé (Text. Crítica do Novo Testamento grego, Placa IX, etc) e outras deixar de notar que estas palavras são diferentes e por uma mão mais tarde, e são apenas uma observação não autorizadas de nenhum valor grande.

4. Resultados de Circulação

Mesrob versão logo foi amplamente divulgada e se tornou o grande livro nacional. Lázaro Pharpetsi, historiador armênio, diz que se justifica na descrição dos resultados espirituais citando Isaías, dizendo que toda a terra da Armênia, assim, "cheios do conhecimento do Senhor como as águas cobrem o mar." Mas para isso, tanto a igreja e nação teriam perecido nas perseguições terríveis, que já durou, com intervalos, para mais de um milênio e meio.

5. Edições Impressas

Esta versão foi impresso pela primeira vez um pouco tarde: o Saltério em Roma, em 1565, a Bíblia do Bispo Oskan de Erivan em Amsterdão, em 1666, a partir de uma MS muito deficiente; outras edições em Constantinopla, em 1705, Veneza, em 1733. Edição Dr. Zohrab do Novo Testamento em 1789 foi muito melhor. A edição crítica foi impresso em Veneza em 1805, outra em Serampore, em 1817. O Antigo Testamento (com as leituras do texto hebraico, ao pé da página) apareceu em Constantinopla, em 1892ff.

II. Armênia Versões Modernas

Existem dois grandes dialetos literários modernos da Armênia, em que foi necessário publicar a Bíblia, desde o antigo armênio (Grapar chamado, ou "escrita") já não é geralmente entendida. Os missionários americanos assumiram a liderança em traduzir as Sagradas Escrituras em ambos.

1. Ararat, Armênia

A primeira versão do Novo Testamento em Ararat armênio, por Dittrich, foi publicado pela Bíblica Britânica e Estrangeira Sociedade em Moscou, em 1835, o Saltério em 1844, o resto do Antigo Testamento, muito mais tarde. Há uma excelente edição, publicada em Constantinopla em 1896.

2. Constantinopolitan-armênio

Uma versão do Novo Testamento em Constantinopla armênio, pelo Dr. Zohrab, foi publicado em Paris em 1825 pelo Bíblica Britânica e Estrangeira Society. Esta versão foi feita a partir da antiga Armênia. Uma edição revista, por Adger, apareceu em Esmirna em 1842. Em 1846, os missionários americanos que publicou uma versão do Antigo Testamento. A American Bible Society, desde então, publicou edições revistas desta versão.

III. Língua armênia

A língua armênia é agora reconhecido pelos filólogos de ser, não um dialeto ou subdivisão do antigo persa ou iraniana, mas um ramo distinto da família ariana ou indo-europeia, situando-se quase a meio caminho entre o Irã e os grupos europeus. Em alguns aspectos, especialmente no enfraquecimento e, finalmente, deixar cair "t" e "d" entre vogais, assemelha-se as línguas celtas (compare ar Um gaélico (th), Braço. Hair = Pater, Pai). Já no século 5 que tinha perdido no gênero dos substantivos, apesar de inflexões de retenção (compare Brugmann, Elementos da Comp. Grega das línguas indo-alemão).

Literatura

Koriun; Agatângelo; Lázaro Pharpetsi; Moisés Khorenatsi (= de Khoren); Byzantinus Faustus; Chhamchheants; Patm Chaikakan Hin Dprouthian; Nak'hneants Thargmanouthiunk'h Chaikakan; A Bíblia de todas as terras; Tisdall, conversão da Armênia, Crítica, da Nestlé Textual o grego do Novo Testamento; Hastings, Dicionário da Bíblia (cinco volumes); NY Enciclopédia da bíblia. e Theol. Lit.; Hauck, protesto für Real encyklopadie. Theol. und Kirche.

Axila

arm'hol: A palavra hebraica , 'acal, é usado em Jr 38:12 no senso de axilas. Quando o profeta foi arrancado para cima da cova através de cordas, as axilas foram protegidas com trapos e artigos de vestuário velhos. O significado em Ez 13:18 na KJV (a Versão Revisada (britânico e americano) "cotovelos," a Versão Revisada, margem "juntas das mãos") é longe de claro. A frase é usada, sem dúvida, de algum ornamento ou artigo de vestido usados pelas falsas profetisas e sacerdotisas de Astarote para fascinar o imprudente e tenta o simples. O "travesseiros" provavelmente era "amuletos" suposto ter virtudes mágicas, e usado nos braços ou pulsos.

Esteiro

arm'let: A palavra traduzida "pulseira" em 2Sm 1:10 a KJV provavelmente denota um "esteiro," ou "braço-faixa," usado no braço superior. Mas é a mesma palavra que com um contexto diferente é feita "tornozelo-cadeias" (em Nm 31:50 a Versão Revisada (britânico e americano)). A "pulseira" de Sirach 21:21 a KJV, usado no braço certo, era um "esteiro," como é visto da lista dada dos ornamentos de Judite: quem "se enfeitou corajosamente com os esteiros dela (a Versão Revisada (britânico e americano) 'cadeias) e as pulseiras dela, e os anéis dela, e os anéis nas orelha dela, e todos seus ornamentos" (LA Judite 10:4). A natureza dos ornamentos cedida a Versão Revisada (britânico e americano) como "esteiros," Ex 35:22; Nm 31:50, e na KJV como "tabletes," é incerto. Para cheio e distintivo, descrições de "braço-deixa," "peúgas," "pulseiras," etc., ache em sepulturas antigas, veja PEFS, 1905, 318ff. Também veja ORNAMENTO.

Armoni

ar-mo'ni (, 'armom, "pertencendo para o palácio"): Um dos dois filhos de Saul por Rizpa, a filha de Aias (2Sm 21:8). Davi os entregou para a vingança de sangue dos Gibeonitas.

Armadura; Braços

ar' mer, arms.

I. Armas em geral - Velho Testamento

II. No Novo Testamento; Polybius

III. Armas ofensivas

1. Vara

2. Funda

3. Arco e Flecha

4. Lançamento - Dardo

5. Espada

IV. Armas defensivas

1. Proteção

2. Capacete

3. Couraça

4. Grevas

5. Cinta

Literatura

I. Armas em geral - Velho Testamento

(, *maddm*; 1Sm 17:38; 1Sm 14:1 a Versão Revisada (britânico e americano) VESTUÁRIO; , *nesheq*, 1Rs 10:25; Jó 39:21; , *kehm*; , *ta hopla*): Debaixo deste pensamento pode ser conveniente notar as armas de ataque e defesa em uso entre os hebreus, mencionados na Bíblia. Não há nenhuma tal descrição dada pelos escritores sagrados como será achado em Homer que parte os vários pedaços de armadura em detalhes usado por um Aquiles ou um Patroclos, e a ordem dos vestir. Há uma conta da ofensiva de armadura e defensiva de Golias o Filisteu (1Sm 17:5-7); e de um tempo muito posterior que nós lemos de proteções e lanças e capacetes e habergeons, ou couraças, e arcos e fundas com que Uzias proveu os soldados dele (2Cr 26:14). Na ordem de Jeremias do triunfo em cima da derrota de Faraó-Neco, há menção dos braços dos egípcios: "Preparai o escudo e o pavês, e chegai-vos para a peleja. Aparelhai os cavalos, e montai, cavaleiros! Apresentai-vos com elmos; açacalai as lanças; vesti-vos de couraças" (Jr 46:3, 4). Dos braços de assírio, Caldeanos, egípcios e tropa de Hittitas lá nos desceu esculpido representações dos monumentos antigos deles que lançam luz no escritos dos historiadores hebreus e profetas.

II. No Novo Testamento; Polybius

No Novo Testamento, Paulo descreve a panóplia do soldado Cristão, enquanto nomeando os pedaços essenciais da armadura do soldado romano - a cinta, o peitoral, os pés calçados, a proteção, o capacete, a espada - embora será notado que o dele a maioria arma característica, o pilum ou lanceia, é omitido (Ef 6:10-17). Em um contexto semelhante o mesmo apóstolo fala de "a armadura" de luz (Rm 13:12), "de retidão à direita mão e na esquerda" em detalhes (2Co 6:7). Do equipamento do soldado romano a ilustração mais útil é a conta dada por Polybius (vi.23): "A panóplia romana consiste no primeiro lugar de uma proteção (*thureos*).... junto com a proteção está uma espada (*machaira*).... Próximo venha dois dardos (*husso*) e um capacete (*perikephala*) e, um greave (*knem s*).... Agora a maioria, quando eles vestiram um prato de bronze mais adiante, enquanto medindo um palmo todo modo que eles usam nos peitos deles e chamam um guarda coração (*kardiophulax*), está completamente armado, mas esses cidadãos que são avaliados a mais de 10.000 dracmas usam ao invés, junto com os outros braços, cuirasses fizeram de correio de cadeia (*halusidotous thorakas*)."

III. Armas ofensivas

1. Vara

A arma de combate nas mãos do jovem pastor da Palestina hoje a vara é (*shebhet*; , *rhabdos*), uma vara carregada a um fim que ele leva na mão dele, ou usos prenderam ao pulso dele por uma volta de fio, pronto para uso. É de peso considerável e é uma arma formidável se usado em autodefesa ou atacando um inimigo. Com uma tal arma Davi pode ter superado bem o leão e o urso que invadiram a dobra. A vara deste pastor, enquanto usado para orientação, ou conforta, ou por numerar o rebanho (Sl 23:4; Lv 27:32), também era uma arma com que golpear e castigar (Sl 2:9; Is 10:5, 15). Neste senso tem um de sinônimo para *matteh* (Is 9:4; Ez 7:11), e ambos vieram ter o significado derivado de ponta-de-lança (*shebhet*, 2Sm 18:14; *matteh*, 1Sm 14:27). Eles podem ter sido o original do espanque ou martele (*mephuc*, Pv 25:18; Jr 51:20 onde Ciro, batalha como o machado - de Deus, é quebrar a Babilônia e seus habitantes para as injustiças eles fizeram às pessoas dele o Israel).

2. Funda

Escassamente menos comum e igualmente simples a funda é (*kela*; , *sphendone*) (1Sm 17:40). Consiste em correias entrançadas, ou de uma tira de couro, feito largo para formar um buraco ou embolsar para a pedra ou outro conteúdo, o ser de fins conteve a mão firmemente ao meio como é girado carregado a cabeça em volta, e um deles estando a comprimento deixaram vá, de forma que a pedra pode levar seu vôo. Ainda é usado pelo pastor virar as ovelhas vagueando, e também pode ser usado com efeito mortal como uma arma de guerra. Os fundeiros (*ha-kalla'im*, 2Rs 3:25) pertenceu à infantaria clara, como os arqueiros. Os Benjamitas esteja especialmente qualificado no uso da funda que eles poderiam usar bem como com a mão esquerda deles como a direita (Jz 20:16). A funda era em uso uma arma nos exércitos de Egito e Babilônia, e Jeremias em uma figura poderosa faz o Deus dizer para Jerusalém por um tempo de calamidade iminente: "Veja, eu atirarei fora os habitantes da terra neste momento" (Jr 10:18; compare 1Sm 25:29).

3. Arco e Flecha

Uma arma ofensiva muito importante nas guerras de Israel o arco era (*kesheth*) e flecha (*hícam*), e os arqueiros se montado ou a pé formou um elemento poderoso das forças lutadoras dos Filisteus, egípcios e assírios (s.v. ARCO E FLECHA).

4. Lançamento – Dardo

A lança tem várias palavras para representar isto. (1) o *hamth* tiveram um pessoal de madeira ou cabo de tamanho variado e comprimento com uma cabeça, ou lâmina, de bronze, ou, mais tarde, de ferro (1Sm 17:7). Na KJV às vezes é traduzido “dardo,” mas na Versão Revisada (britânico e americano) “lança” (veja 1Sm 13:22; 1Sm 18:11). A lança de Saul, preso no chão, indicou o domicílio do rei durante o tempo, da mesma maneira que hoje a lança em frente à barraca dele marca o lugar de parada do Xequie beduíno (1Sm 22:6; 1Sm 26:7). Naum, enquanto descrevendo os braços dos assírios, une a espada flamejando e a lança brilhando (Na 3:3). Os portadores do *hamth* pertenceram às tropas pesado-armadas. (2) o *romach*, também traduziu na KJV “dardo,” era do caráter de uma lança. Não parece ter diferido muito do cananita - eles se aparecem como sinônimos em Jl 3:10 onde *romah* é usado, e em Is 2, Is 4:1-6 onde *hamth* é usado, de lanças batidas em podar ganchos. Descreve a lança egípcia em Jr 46:4. Os portadores do *romah* também pertenceu às tropas armadas pesada. (3) O *kdhon* estava mais claro que qualquer um do preceder e mais da natureza de um dardo (*ga son* “o filho” na Septuaginta, Js 8:18 e Polybius vi.39, 3; Jó 41:29; Jr 6:23). (4) No Novo Testamento a palavra “lanceiro” só acontece uma vez e é representado pelo grego *logche*, o equivalente a nenhuma dúvida de *hamth* como sobre (Jo 19:34).

5. Espada

A espada (*herebh*) é sem dúvida a arma mais freqüentemente mencionada na Bíblia, de ofensiva ou defensiva. A lâmina era de ferro (1Sm 13:19; Jl 3:10). Era pendurada na cinta no lado esquerdo, e era usada para cortar e empurrar. A espada de Eúde (Jz 3:16) tinha dois cumes e um côvado em comprimento, e como ele era canhoto, era usado na coxa direita dele debaixo das roupas. A espada foi mantida em uma envoltura (1Sm 17:51); puxar a espada era o sinal para a guerra (Ez 21:3). Os soldados são “homens que puxam a espada.” é a espada flamejando (Na 3:3); a espada oprimindo (Jr 46:16); a espada voraz (2Sm 18:8; Jr 12:12); a espada que bebe seu abastecimento de sangue (Is 34:5, Is 34:6). A espada do Deus executa os julgamentos de Deus (Jr 47:6; Ez 21:9, Ez 21:10).

Figurativo: No idioma altamente metafórico dos profetas representa guerra e suas calamidades auxiliares (Jr 50:35-37; Ez 21:28).

No Novo Testamento *machaira* é empregado para espada em seu significado natural (Mt 26:47, 51; At 12:2; Hb 11:34, 37). Paulo chama a Palavra de Deus a espada do Espírito (Ef 6:17); e é dito na Epístola que a Palavra de Deus é mais afiada ou cortante que qualquer espada de dois cortes (Hb 4:12). Como um sinônimo o palavra *rhompha a* é usado na Apocrypha só dos livros do Novo Testamento, para Lc 2:35. A espada de Traciana estava com lâmina grande, e é classificado bastante pelos anciões como uma lança. A palavra freqüentemente é usada na Septuaginta *machaira* para traduzir *herebh*. Em Ap 1:16 a espada afiada de dois gumes de julgamento, *rhompha a* é vista em visão que procede da boca do Deus glorificado (compare Ap 19:15). *X phos* ainda é outra palavra para espada, mas só é achado na Septuaginta, e não no Novo Testamento.

IV. Armas defensivas

1. Proteção

A arma mais antiga e universal de defesa é a proteção. As duas variedades principais são (1) O *cinnah*, latin scutum, a proteção grande, usado por infantaria armada pesada, adaptada à forma do corpo humano, sendo feito oval ou na forma de uma porta; conseqüentemente, seu nome grego, *thureos*, de *thura*, uma porta; e (2) O *maghen*, latin clypeus, a luz, redondo, para o qual *πελτε*, *pelte* o grego é equivalente. Os dois são mencionados freqüentemente junto (Ez 23:24; Ez 38:4; Sl 35:2).

O *cinnah* era a proteção do armamento pesado (1Cr 12:24); e de Golias lemos nós que a proteção dele foi levada por um homem que foi antes dele (1Sm 17:7, 41) O *maghen* poderiam ser agüentados através de homem em dobro, porque nós lemos de homens de Benjamim no exército de Asa que proteções nuas e puxou arcos (2Cr 14:8). O material ordinário do qual foram feitas proteções era madeira, ou material revestido com couro. O material das proteções e outras armas do exército de Gogue seja serviu ou servirá para Israel como combustível durante sete anos (Ez 39:9). O unção do escudo (2Sm 1:21; Is 21:5) ou era proteger isto do tempo, ou, mais provavelmente, fez parte da consagração do guerreiro e as armas dele para a campanha. Salomão no orgulho dele de riqueza teve 200 escudos (*cinnoth*) de ouro batido, e 300 objetivos (*maghinim*) de ouro batido se trazido, e se manteve a casa do bosque do Libano (1Rs 10:16, 17). Eles só eram para vaidade do rei, e quando Sisaque do Egito veio contra Roboão e os levou, Roboão os substituiu com outros de bronze (1Rs 14:27). Na marcha, a proteção foi amarrada em cima do ombro e deteve uma cobertura que era afastado antes da batalha (Is 22:6). Ambas as palavras são usadas do dispositivo mecânico conhecido aos romanos como o testudo empregado pelos sitiadores de uma cidade contra os dardos e pedras e tochas ardentes jogadas fora pelos sitiados (Is 37:33; Ez 26:8).

Figurativo: Yahweh é falado de como a Proteção e Protetor das pessoas dele - de Abraão (Gn 15:1); de Israel (Dt 33:29); do Salmista (Sl 18:30; Sl 35:2, e muitas outras passagens). Na descrição dele da vestimenta do soldado Cristão, Paulo introduz fê como o *thureos*, a proteção grego-romana grande, uma defesa pela qual ele pode extinguir todos os dardos igneos do mal.

2. Capacete

O capacete, *kobha'* ou *kobha'*, parece ter estado originalmente na forma de uma proteção do crânio, e é assim figurado em representações dos Hittitas nas paredes de Karnak no Egito. Nos tempos mais primitivos é achado usado só por personagens excelentes como os reis e chefes. Quando o rei Saul armou Davi com a própria armadura dele ele pôs um capacete de bronze na cabeça dele (1Sm 17:38). Uzias mais tarde contanto os soldados dele com capacetes, como parte do equipamento deles (2Cr 26:14). Os homens do exército de Faraó-Neco também usaram capacetes (Jr 46:4), e os mercenários nos exércitos de Tiro tiveram proteção e capacete para desligar dentro dela (Ez 27:10). Os materiais do capacete eram no principio de madeira, linho, feltro, ou até mesmo de pressas; couro era em uso até o período Seleucida quando foi suplantado através de bronze (LA 1 Mac 6:35); os capacetes gregos e romanos ambos couro e bronze eram bem conhecidos no período de Herodiano.

Figurativo: Paulo tem o capacete, *perikephala a*, para o soldado Cristão dele (Ef 6:17; 1Ts 5:8). Na Septuaginta *perikephalaia* acontece

onze vezes como o equivalente do termo hebraico.

3. Couraça

Armadura do corpo para a proteção da pessoa na batalha é mencionada no Velho Testamento e é bem conhecido em representações de egípcio, persiano e guerreiros de Parthian. O *shiryon*, traduziu “habergeon” no Rei James Version, fez na Versão Revisada (britânico e americano) “casaco de guerreiro,” faz parte da armadura dos trabalhadores de Neemias (Ne 4:16), o rei Uzias proveu armadura para os soldados dele. (2Cr 26:14). Golias estava armado com um *shiryon*, e quando Saul vestiu Davi na própria armadura dele para conhecer o campeão Filisteu ele o vestiu um casaco de guerreiro, *shiryon* dele (1Sm 17:5, 1S 17:38). Acabe foi ferido fatalmente entre a couraça e a armadura na batalha de Ramote-Gileade (1Rs 22:34). Na batalha de Bethsura na luta Macabeia os elefantes guerreiros sírios foram protegidos com peitoral, a palavra para qual, *thorax*, representa o *shiryon* na Septuaginta (**LA** 1 Mac 6:43).

Figurativo: Isaías em uma figura notável descreve Yahweh como vestindo retidão por uma couraça e salvação como um capacete onde *thorax* e *perikēphalaia* as palavras gregas são da Septuaginta fazer *shiryon* e *kobha'*. É desta passagem (Is 59:17) que Paulo obtém a “couraça de retidão” (Ef 6:14).

4. Grevas

Grevas (*michah*, , *knemdes*) é mencionado uma vez na Bíblia como parte da armadura de Golias (1Sm 17:6). Eles eram de metal ou couro, firmada através de correias arredondando a perna e sobre os tornozelos.

5. Cinta

A cinta (*haghorah*; grego *zone*) era de couro espalhado com unhas, e era usado para apoiar a espada (1Sm 18:4; 2Sm 20:8). Veja CINTA.

Figurativo: Para usos figurativos veja debaixo das armas separadas.

Literatura

Nowack, Hebraische Archäologie, eu, 359-67.; Benzinger, Herzog, RE, artigo “Kriegswesen bei guarida Hebraern”; McCurdy, HPM, eu, II.; Bosques e Powell, Os Profetas hebreus para Leitores ingleses, eu, II.; G. M. Mackie, Modos de Bíblia e Alfândegas; Browne, Antiguidades hebréias, 40-46.; artigos correspondentes em Kitto, Hastings, e outros dicionários de Bíblia.

Armadura, portador, escudeiro

ar' mer-bar' er (, *nose' k'h*; usos gregos uma frase , *ho atron ta skeue*, literalmente “o um que leva a armadura”):

Um que levou a proteção grande e talvez outras armas para um rei (1Sm 31:4), comandante supremo (2Sm 23:37), capitão (1Sm 14:7) ou campeão (1Sm 17:7). Todos os guerreiros de distinção tiveram tal um criado. Em lugar de perecer pela mão de uma mulher, Abimeleque chamou o escudeiro dele para lhe dar o golpe de morte (Jz 9:54), e quando o rei Saul pediu ao seu, ele recusou fazer este serviço para ele que ele poderia não se tornar o prisioneiro dos Filisteus, ele pegou uma espada e caiu nela (1Sm 31:4). Davi se tornou o escudeiro de Saul durante um tempo, e o escudeiro de Jonatas era um homem de recurso e coragem (1Sm 14:7). O escudeiro era bem uma figura conhecida nas carruagens do Egito e Assíria e dos Hittitas, o ser empresarial dele para proteger o companheiro lutador dele durante o compromisso.

Arsenal

ar' mer-i: (1) (, *ocar*, , *thesauros*): Um armazém (1Rs 7:51; Ne 10:38), mas empregou figurativo do armazenar para cima raiva de Yahweh que irrompe em julgamentos (Jr 50:25). (2) (, *neshek*): Idêntico com Salomão “casa do bosque do Líbano,” o arsenal perto do templo (1Rs 10:17; Ne 3:19; Is 22:8), em o qual foram armazenados as escudos e couraças de ouro batido. (3) (, *talpyoth*): Uma palavra enigmática fez “arsenal” em nossas versões (Ct 4:4).

Exército

ar' mi (, *hayil*, “exército, , *cabha*), “o anfitrião, , *ma'arakhah*, “exército em ordem de batalha” , *g'dhudh*, “tropa”):

1. A primeira campanha da história
2. No Deserto
3. As vezes depois da conquista
4. No início da Monarquia
5. Desde o tempo do Avante Salomão
6. Organização do exército hebraico
7. O Exército do Campo
8. As fontes do Exército
9. No Novo Testamento

Os israelitas não eram um povo belicoso e distintamente a sua glória foi conquistada em outros campos que não os da guerra. Mas Canaã, entre o Mediterrâneo eo deserto, era a estrada do leste e do campo de batalha das nações. Os israelitas foram, pela necessidade da sua situação geográfica, frequentemente envolvidos em guerras que não são de sua própria busca, e sua coragem e perseverança, mesmo quando derrotados em seus conflitos para que eles ganharam a admiração eo respeito de seus conquistadores.

1. A primeira campanha da história

O primeiro conflito das forças armadas registradas nas Escrituras Sagradas é que em Gn 14. Os reis do vale do Jordão se haviam rebelado contra Quedorlaomer, rei de Elam - não o primeiro dos reis do Oriente para alcançar o Mediterrâneo, com seus exércitos - e se

juntou a batalha com ele e com outros reis do Vale de Sidim. Nesta campanha Abraham distinguiu-se pelo resgate de seu sobrinho Ló, que haviam caído com tudo o que possuía nas mãos do rei elamita. A força com que Abraão tinha efetuado a derrota de Quedorlaomer e aos reis que estavam com ele era seu próprio retentores, 318 em número, a quem ele havia armado e levou adiante a pessoa em sua busca de sucesso.

2. No Deserto

Quando começamos a fazer o conhecimento dos filhos de Israel como uma nação, eles são um bando de fugitivos que conseguiram escapar da opressão amarga e dura servidão do Faraó. Embora não poderia ter sido, mas pouco do espírito marcial em um povo tão longa e dolorosamente oprimidas, de suas viagens pelo deserto em direção a Canaã é a primeira descrita como a marcha de um grande exército. Foi de acordo com suas "exércitos" ("hosts" da Versão Revisada (britânicos e americanos)) Arão e Moisés foram os filhos de Israel da terra do Egito (Exo 6: 26). Quando eles entraram em cima do deserto subiram "aproveitado" ("armado" a Versão Revisada (britânicos e americanos)) para as jornadas que se estendia diante deles - onde "aproveitados" ou "armado" não pode apontar para as armas que carregavam mas ao fim e as modalidades de um corpo de tropas marchando cinco (hamushshim) de profundidade ou dividido em cinco corpos de exército (Exo 13: 18). No caminho através do deserto, eles acamparam (Exo 13: 20 e passim) em suas sucessivas travar-lugares, e todo o exército de 600.000 foi, depois do Sinai, dividido em divisões ou corpo de exército, cada um com seu próprio campo e as insígnias das casas de seus pais (Num 2: 2). "De vinte anos para cima, todos os que são capazes de sair à guerra em Israel", os homens das tribos foram contados e atribuídos ao seu lugar no arraial (Num 1: 3). Naturalmente, no deserto que são lacaios (Num 11: 21), e não foi até o período da monarquia que outras armas foram adicionados. Arco e funda e lança e espada para o ataque, e escudos e capacetes para a defesa, seria o equipamento completo dos homens chamados a lutar no deserto. Apesar de ouvir pouco de graduações de hierarquia militar, faremos a leitura dos capitães dos milhares e capitães das centenas, no deserto (Num 31: 14), e Josué comanda os guerreiros na batalha contra os amalequitas em Refidim (Exo 17: 9). Que os israelitas adquiridos em suas viagens no deserto do espírito de disciplina e marciais que iria fazê-los um povo guerreiro, pode ser recolhida com os seus êxitos contra os midianitas, contra Og, rei de Basã, perto do final dos anos quarenta, e de a organização militar com o qual procedeu-se à conquista de Canaã.

3. As vezes depois da conquista

Em mais uma campanha dos israelitas sob a liderança de Josué se estabeleceram em Canaã. Mas foi em grande parte através da empresa de várias tribos que, após a conquista foi alcançada. O avanço dos invasores foi obstinadamente contestada, mas Josué encorajava seus parentes de Efraim e Manassés a imprensa sobre a conquista, mesmo contra a guerra invencível carros dos cananeus - "para a movimentação tu fora os cananeus, ainda que tenham carros de ferro, e ainda que sejam fortes" (Jos 17: 18). Como foi no início da história de Roma, onde a defesa do estado foi uma obrigação que incumbe a cada indivíduo de acordo com a sua participação no bem-estar público, por isso foi a primeira em Israel. ciúmes tribais, no entanto, prejudicou o sentimento de nacionalidade e impediu a unidade da ação quando uma vez o povo havia sido estabelecido em Canaã. As tribos tinham de defender os seus próprios, e que era apenas uma grande emergência que os uniu em uma ação comum. A primeira abordagem notável a unidade nacional foi visto no exército que Barak montada para atender o grande número de Jabim, rei de Hazor, sob o comando de Sisera (Jdg 4: 5). Na canção de guerra de Débora, em comemoração à vitória notável realizado por Barak e ela mesma, os homens das tribos do norte, Zebulom, Naftali, Issacar, juntamente com os guerreiros de Manassés, Efraim e Benjamim, são elogiados pela coragem com que suportou e encaminhado o anfitrião - a cavalo, de pé e carros - de Sisera. Mais uma vez as tribos de Israel se reuniu em vigor a partir de "Dan até Berseba, com a terra de Gileade" (Jdg 20: 1) para punir a tribo de Benjamim para tolerar uma afronta grosseira. A única tribo foi derrotado na batalha que se seguiu, mas eles foram capazes de colocar no campo "26 mil homens que arrancavam da espada", e eles também tinham "700 homens escolhidos, canhotos, cada um poderia pedras funda num cabelo amplitude, e não perca" (Jdg 20: 15, Jdg 20: 16).

4. No início da Monarquia

Até esse momento, as forças de combate dos israelitas eram mais do caráter de uma milícia. Os homens das tribos mais imediatamente assediado por inimigos foram convocados para a ação do líder levantado por Deus, e se desfez quando a emergência era passado. A monarquia trouxe mudanças em assuntos militares. Foi o apelo dos líderes de Israel, quando eles queriam ter um rei, que ele iria sair antes deles e luta suas batalhas (1Sa 8: 20). Samuel tinha avisado a eles que com uma monarquia uma tropa profissional seria necessária. "Ele tomará os vossos filhos, e nomeá-los para ele, para os seus carros, e para serem seus cavaleiros, e será executado antes de seus carros, e ele vai nomeá-los a ele para que os capitães dos milhares e capitães de cinquenta, e ele irá definir alguns para lavrarem os seus campos, e colher sua colheita, e para tornar os seus instrumentos de guerra, e os petrechos de seus carros" (1Sa 8: 11, 1Sa 8: 12). Que este era o curso que teve a reforma militar, no período após o estabelecimento da monarquia pode muito bem ser. Coube a Saul quando ele subiu ao trono para suportar os filisteus invasores e para aliviar o seu povo do jugo que já tinha previsto pesadamente em algumas partes do país. Os filisteus eram um povo militares, bem disciplinado e armado, com 30.000 carros e 6.000 cavaleiros ao seu serviço, quando eles vieram até Micmás (1Sa 13: 5). Que chance tinha taxas prima de lavradores e pastores de Judá e Benjamim contra tal inimigo? Não é de admirar que os israelitas se escondiam em cavernas e buracos, e em rochas e em cavernas, e em covas (1Sa 13: 6). E é citado pelo historiador como a menor profundidade da degradação nacional que os israelitas tinham que descer aos filisteus "para afiar cada um a sua parte, e sua relha, eo seu machado, eo seu sacho" (1Sa 13: 20), porque os filisteus tinham levado seus ferreiros para impedi-los de fazer espadas ou lanças.

Foi nessa condição desesperadora que o rei Saul foi chamado para iniciar a luta pela liberdade e unidade nacional em Israel. As vitórias em Micmás e Elá, ea luta muito disputado, mas sem sucesso e fatal em Gilboa evidenciam o crescimento do espírito marcial e avançar tanto na disciplina e na estratégia. Após o alívio de Jabes-Gileade, em vez de dismantelar toda a sua imposição, Saul retidos 3.000 homens em armas, e isso com toda a probabilidade se tornou o núcleo do exército de Israel (1Sa 13: 2). A partir deste momento em diante "Quando Saul viu algum homem poderoso, ou qualquer homem valente, ele o levou até ele" (1Sa 14: 52). Dos homens valentes que Saul manteve em torno de sua pessoa, os mais notáveis foram Jônatas e Davi. Jônatas tinha o comando de uma divisão de 1.000 homens em Gibeá (1Sa 13: 2), e David era o capitão da guarda do rei (1Sa 18: 5; comparar 1Sa 18: 13). Quando Davi caiu sob o ciúme de Saul e dirigiu-se para uma vida fora da lei na fortaleza das montanhas de Judá, ele reuniu em volta dele na caverna de Adulão 400 homens (1Sa 22: 1Sa 22 1, 2), que foram antes de tempo aumentou para 600 (1Sa 23: 1, 1Sa 23: 3). A partir da história de Nabal (1 Sm 25) aprendemos como uma banda como a de David pode ser mantido em serviço, e temos que reunir os proprietários que se beneficiaram com a presença de uma força armada eram esperados para fornecer os materiais necessários. Com a adesão de Davi ao trono esse bando de guerreiros permaneceu ligado à sua pessoa e se tornou a espinha dorsal de seu exército. Podemos identificá-los com o gibborim - os valentes de quem Benaia mais tarde tornou-se capitão (2Sa 23: 22, 2Sa 23: 23; 1Ki 1: 8) e que também são conhecidos pelo nome de quereteus e peleteus (2Sa 8: 18). Estes podem ter recebido esse nome por sua origem estrangeira, o primeiro, em hebraico kerethi sendo originalmente de Creta, mas semelhante aos filisteus, e este último, em hebraico peleti sendo filisteus por nascimento. Que havia soldados estrangeiros no serviço de Davi, sabemos a partir dos exemplos de Urias, o hitita e Itai de Gate. gibborim Davi foram comparados à coorte pretoriana dos imperadores romanos, os janizaros dos sultões otomanos, e os Guardas Suíços dos reis franceses. Do exército de Davi, Joabe era o comandante-em-chefe, e para o gênio militar "deste guerreiro rude e sem escrúpulos, parente próximo do rei, a dinastia de Davi estava profundamente endividado.

5. Desde o tempo do Avante Salomão

No reinado de Salomão, embora a paz foi sua característica dominante, não pode ter havido diminuição das forças armadas do reino, para lermos de expedições militares contra Edom, e Síria e Hamate, e também das fortalezas construídas em todas as partes do terra, o que exigiria tropas para guarnecer-los. Hazor, a capital da antiga Canaã, ao pé do Líbano; Megido comandando a fértil planície de Jezreel, Gezer com vista para a planície dos filisteus, o Bethhorons (Superior e Inferior) e Tadmor no deserto, para não falar de Jerusalém com Milo e os muralhas, eram fortalezas que requerem guarnições fortes (1Ki_9: 15). É provável que a "imposição", que foi um fardo pesado sobre o povo em geral, incluídos forçado serviço militar, bem como o trabalho forçado, e ajudou a criar a insatisfação que culminou com a revolta de Jeroboão e, eventualmente, a interrupção do o reino. Embora Davi tinha reservado a partir do espólio de guerra em sua campanha vitoriosa contra Hadadezer, rei de Zobá, cavalos para 100 carros (2Sa_8: 4), cavalaria e os carros não eram um ramo efectiva do serviço em seu reinado. Salomão, porém, ignorando os escrúpulos dos israelitas mais rigorosas, e os preceitos da lei antiga (Deu_17: 16), acrescentou cavalos e carros em grande escala para o equipamento militar da nação (1Ki_10 :26-29). Acredita-se que foi a partir Musri, um país do norte da Síria ocupada pelos hititas, e Kue na Cilícia, que Salomão obteve cavalos para a cavalaria e bigas (1Ki_10: 29; 2Ch_1: 16, onde o melhor texto dá Mucrı e não a palavra hebraica para o Egito). Este ramo do serviço não foi apenas olhado com desconfiança pelos israelitas mais rigorosas, mas foi expressamente denunciada nos últimos tempos pelos profetas (Isa_2: 7; Hos_1: 7; Mic_5: 10). Nos profetas, também, mais do que nos livros históricos, somos feitos familiarizado com a cavalaria e bigas da Assíria e da Babilônia, que nos dias de Sargon, Senaqueribe e Nabucodonosor, tornou-se tão formidável. Seus lanceiros e arqueiros montados, juntamente com os seus carros, deu-lhes uma ascendência se no campo de guerra (Nah_3: 2, Nah_3: 3; Hab_1: 8; Jer_46: 4). Em comparação com estes, a cavalaria dos reis de Israel e Judá foi insignificante, e para este Rabsaqué desdenhosamente referidos (2Ki_18: 23) quando ele prometeu aos chefes de Judá, do rei da Assíria 2.000 cavalos se Ezequias poderia colocar cavaleiros para eles .

6. Organização do exército hebraico

Como vimos, todos os homens de Israel com a idade de vinte anos, de acordo com a lei antiga, tornou-se responsável pelo serviço militar (Num_1: 3; Num_26: 2; 2Ch_25: 5), assim como em um momento posterior do sexo masculino de todos os que idade tornou-se responsável pelo meio-shekel de encargos Templo. Josephus é a nossa autoridade para acreditar que ninguém foi chamado para servir após a idade de cinquenta (Ant., III, XII, 4). Do serviço militar, os levitas estavam isentos (Num_2: 33). Em Deuteronomic lei de isenção foi permitido às pessoas prometida, mas não se casou, a pessoas que tinham construído uma casa, mas não tinha dedicado, ou que plantou uma vinha, mas não tinha comido do fruto, e para pessoas de coração fraco e com medo cuja timidez pode se espalhar entre as fileiras (Deu_20 :1-9). Essas isenções, sem dúvida remontam a uma alta antiguidade e no período dos Macabeus eles ainda eram válidas (1 Macc 3:56). O exército foi dividido em corpos de 1.000, 100, 50, e no tempo dos Macabeus, 10, cada um sob seu próprio capitão (SAR) (Num_31: 14; 1Sa_8: 12; 2Ki_1: 9; 2Ch_25: 5; 1 Macc 03:55). No exército de Uzias, lemos de "chefes de casas paternas," homens valentes que contaram 2600 e tinha sob sua mão um exército de 307.500 homens treinados (2Ch_26: 12, 2Ch_26: 13), onde, no entanto, os números ter uma aparência de exagero.

Sobre o exército inteiro de Israel, de acordo com o princípio fundamental da teocracia, foi o Senhor mesmo, o líder supremo dos seus exércitos (1Sa_8: 7), foi o "Capitão do exército do Senhor", a Josué quem e todos os que servem sob seu comando fidelidade de propriedade, que apareceu diante das muralhas de Jericó para ajudar o líder valente em sua empresa. Nos tempos dos juizes, os chefes de si mesmos, Baraque, Gideão, Jefté, levou suas forças, de pessoa para a batalha. Sob a monarquia do capitão do exército, era um escritório distinta da do rei, e nós temos de Joabe, Abner, Banaías, nomeadas como comandantes-em-chefe. Um escudeiro participaram do capitão do exército, bem como o rei (1Sa_14: 6; 1Sa_31: 4, 1Sa_31: 5; 2Sa_23: 37). Menção é feita de oficiais que tinha que fazer a numeração do povo, o Sopher, escrivão, ligado ao chefe do exército (2Ki_25: 19; comparar 2Sa_24: 2, 1 Macc 5:42), e os shoter, reunir-mestre, que manteve o registro daqueles que estavam no serviço militar e sabia que os homens que tinham recebido licença de ausência autorizados (Deu_20: 5, nota de motorista).

7. O Exército do Campo

Antes de o exército estabelecidos, os serviços religiosos foram detidos (Joe_3: 9), e os sacrifícios eram oferecidos na abertura de uma campanha para consagrar a guerra (Mic_3: 5; Jer_6: 4; Jer_22: 7). Recorreu-se em tempos anteriores ao oráculo (Jdg_1: 1; Jdg_20: 27; 1Sa_14: 37; 1Sa_23: 2; 1Sa_28: 6; 1Sa_30: 8), em tempos mais tarde para um profeta (1Ki_22: 5; 2Ki_3: 13; 2Ki_19: 2; Jer_38: 14). Casos em que são mencionados a Arca acompanhou o exército para o campo (1Sa_4: 4; 1Sa_14: 18), e antes do noivado sacrifícios também eram oferecidos (1Sa_7: 9; 1Sa_13: 9), normalmente exigindo a presença de um sacerdote (Deu_20 : 2). Conselhos de guerra foram realizadas para dirimir questões da política no curso de sítio ou de uma campanha (Jer_38: 7; Jer_39: 3). O sinal para a acusação ou a retirada foi dada pelo som de um trompete (Num_10: 9; 2Sa_2: 28; 2Sa_18: 16; 1 Macc 16:8). A ordem de batalha era simples, os lanceiros pesados armados que formam a van, lançadores e arqueiros a retaguarda, apoiada por cavalos e carros, que passou para a frente como a necessidade exigida (1Sa_31: 3; 1Ki_22: 31; 2Ch_14: 9). Estratégia foi posta em jogo de acordo com a disposição das forças de oposição ou da natureza do solo (Jos_8: 3; Jos_11: 7; Jdg_7: 16; 1Sa_15: 5; 2Sa_5: 23; 2Ki_3: 11).

Embora Davi tinha em seu serviço soldados estrangeiros, como Urias, o heteu ea Itai, de Gate, e, embora mais tarde os reis estrangeiros contratados para as suas campanhas, não foi até o Maccabean luta pela independência mercenários que vieram a ser largamente utilizado no exército judaico. Mercenários são faladas nos profetas como uma fonte de fraqueza para a nação que os emprega (para o Egito, Jer_46: 16, Jer_46: 21; para a Babilônia, Jer_50: 16). Desde o tempo dos Macabeus diante dos príncipes da família dos Hasmoneus empregada deles, às vezes, para prender os judeus problemático em cheque, e às vezes para apoiar os braços de Roma. Herodes, o Grande, tinha em seu exército de mercenários de várias nações. Quando os soldados israelenses, no entanto, tomou serviço com Roma, foram proibidos pelo seu direito de exercer direito no sábado. Logo no início da luta pela liberdade dos Macabeus, um grupo de puritanos Hasideans ou judeu, permitiu-se a ser cortadas até o último homem, em vez de pegar a espada no sábado (1 Macc 02:34 ss). Casos, estão mesmo no registro, onde seus adversários Gentile aproveitou os seus escrúpulos para infligir-lhes perdas e derrotas (Ant., XIII, XII, 4, XIV, IV, 2).

8. As fontes do Exército

Antes que o exército havia se tornado uma profissão em Israel, e que as imposições foram ainda os voluntários como os filhos de Jessé, os soldados não só não recebeu nenhum pagamento, mas teve que fornecer seu próprio abastecimento, ou depender de fazendeiros ricos, como Nabal e Barzilai (1 Sam 25; 2Sa_19: 31). Nesse período e ainda mais tarde, a recompensa chefe do soldado foi a sua parte do butim obtido na guerra (Jdg_5: 30 f; 1Sa_30: 22). Até o período dos Macabeus, aprendemos que um exército como o de Simão, que consiste de soldados profissionais, só podem ser mantidas com grandes despesas (1 Macc 14:32).

9. No Novo Testamento

Embora os primeiros soldados que lemos no Novo Testamento eram judeus, e não romana (Luk_3: 14; Mar_6: 27), e embora nós lemos que Herodes, com os seus "homens de guerra" se juntou em zombar de Jesus (Luk_23: 11), é, na maior parte do exército romano que vem antes de nós. A legião romana, que consiste aproximadamente de 6.000 homens, estava familiarizado com o povo judeu, ea palavra se tornou um termo para expressar um grande número (Mat_26: 53; Mar_5: 9). Centurions figura mais honrosa tanto nos Evangelhos e os Atos (kenturion, Mar_15: 39; hekatontarches, hekatontarchos, Mat_8: 5; Luk_23: 47; Act_10: 1; Act_22: 25, Act_22: 27). "O Pretório" é a residência do procurador romano em Jerusalém e em Cesaréia (Mat_27: 27; Act_23: 35), ou a guarda pretoriana em Roma (Phi_1:

13). A banda de Augusto e da banda italiana (Act_10: 1; Act_27: 1) são grupos de soldados engajados no serviço militar em Cesaréia. Em Jerusalém havia uma coorte estacionadas no tempo de Paulo, sob o comando de um chiliarchos ou tribuno militar (Act_22: 24). Foi a partir deste regimento que o dextolaboi (Act_23: 23) foram selecionados, que formaram uma guarda de Paulo para Cesaréia, lanceiros, ou melhor, lança-chamas.

Figurativo: Dentre as metáforas militares utilizadas por Paulo, que gastou muito de seu tempo nos últimos anos de sua vida entre os soldados romanos, algumas são retiradas as armas do soldado romano (ver ARMS), e alguns também da disciplina e a marcha e luta de um exército. Assim, a "campanha" é referido (2Ti_2: 3, 2Ti_2: 4; 2Co_10 :3-6), a "ordem e sólida formação de soldados", elaborado em ordem de batalha ou em marcha (col_2: 5), o " procissão triunfal "para a capital com o seu comboio de cativos ea fumaça de incenso (2Co_2 :14-16), e" o som da trombeta, "quando os guerreiros fiéis devem assumir o seu lugar cada um na sua própria ordem, ou" divisão "do exército da ressurreição do Senhor dos Exércitos (1Co_15: 1Co_15 52,: 53). (Veja Howson Dean, metáforas de Paulo - ". Soldados Romanos")

Os exércitos que estão no céu (Rev_19: 14, Rev_19: 19) são os anfitriões angelicais que estavam a serviço de seus encarnado Senhor nos dias de Sua carne e na sua exaltação segui-Lo em cavalos brancos e vestidos de linho fino, branco e puro (ver nota Swete's). Veja mais ARMOR, braços.

Exército romano

ro'man ar'mi, sendo que o tratamento deste tema serão limitados a (i) uma breve descrição da organização do exército, e (II) uma reflexão sobre as alusões ao estabelecimento militar romana no Novo Testamento.

I. Organização

Originalmente havia nenhuma força permanente, mas os cidadãos prestou serviço militar como qualquer outra obrigação cívica quando convocados pelos magistrados. O desenvolvimento gradual de uma profissão militar e um Exército permanente culminou com a admissão da classe mais pobre para as fileiras por Marius (cerca de 107 aC). Doravante, o exército romano era composto por um corpo de homens cujo caráter era essencialmente o de mercenários, e cujo tempo de serviço contínuo variaram em diferentes divisões 16-26 anos.

As forças que compunham o exército romano sob o Império pode ser dividida em cinco grupos: (1) A guarda imperial e guarnição da capital, (2) As legiões, (3) Os auxilia, (4) A numeri (5) A frota. Vamos discutir a sua organização na ordem mencionada.

1. A Guarda Imperial

O guarda imperial consistiu na praetoriae cohortes, que juntamente com o urbanae cohortes e vigiles compunham a guarnição de Roma. No regime militar, estabelecido por Augusto, havia nove coortes de guarda pretoriana, três das tropas urbanas, e sete dos vigiles. Cada grupo numerados de 1.000 homens, e foi comandada por um tribuno equestre de classificação. Os prefeitos pretorianos (praefecti praetorii), de quem havia geralmente dois, eram comandantes de toda a guarnição da capital, e ficou no ponto mais alto de distinção e de autoridade na carreira equestre.

2. As Legiões

Houve 25 legiões em 23 d.C, (Tácio, Anais 4, 5), que havia sido aumentada para 30 na época do reinado de Marcus Aurelius, 160-180 d.C, (CIL, VI, 3492 ab) e 33 sob Septímio Severo (Dião Cássio, iv. 23-24). Cada legião era composta, ordinariamente, de 6.000 homens, que foram divididos em 10 grupos, cada grupo contendo três manipulos, cada manipulo por sua vez, dois séculos.

O Legatus Augusto praetore pro, ou governador de cada província imperial, era comandante-chefe de todas as tropas na província. Um oficial de patente senatorial conhecido como legionis legatus Augusti foi confiado o comando de cada legião, juntamente com os corpos de auxilia as quais foram associadas a ele. Além disso, houve seis militum Tribuni, oficiais de posto equestre (geralmente filhos de senadores que ainda não tinha declarado o questor) em cada uma legião. Os centuriões que comandavam os séculos pertenciam à classe plebéia. Entre o posto de soldado raso eo centurião, havia um grande número de subalternos, principais chamados, que correspondem aproximadamente a oficiais não-comissionados e os homens detalhada das fileiras dos direitos especiais nos exércitos modernos.

3. O "Auxilia"

A auxilia foram organizados como infantaria em cohortes, como de cavalaria em asa, ou como corpos mistos, equitatae cohortes. Algumas dessas divisões continham cerca de 1.000 homens (cohortes ou miliariae asa), mas o maior número de cerca de 500 (cohortes ou asa quingenariae). Eles eram comandados por Tribuni e praefecti equestre de classificação. A importância da auxilia consistiu inicialmente na diversidade de seus equipamentos ea forma de luta, já que cada grupo adere aos costumes da nação em cujo seio que tinha sido recrutado. Mas, com a progressiva romanização do Império foram assimilados mais e mais para o caráter dos legionários.

4. O "Numeri"

O numeri desenvolvido a partir da milícia provincial e começou a aparecer no anúncio do século 2. Eles mantiveram a sua forma local de guerra. Alguns eram corpos de infantaria, outros da cavalaria, e eles variaram de força 300-90 (Mommsen, Hermes, XIX, 219 f, e XXII, 547 f). Seus comandantes foram praepositi, praefecti ou Tribuni, todos os homens de posto equestre.

5. A Frota

A frota estava sob o comando de prefeitos (praefecti classis), que assumiu o posto entre os mais altos oficiais da classe equestre. As principais estações navais estavam em Misenum e Ravenna.

6. Defensivo Modalidades

Augusto estabeleceu a fronteira norte do Império no Reno e no Danúbio, ao longo da maior parte do seu curso, e legou aos seus sucessores o conselho que não deve estender a sua soberania para além dos limites que tinha definido (Tácio, Anais i. 11; Agricola 13), e ainda que esta política se tinha retirado, em muitos casos, como a anexação da Trácia, Capadócia, Mauritânia, Reino Unido, e Dacia, para não mencionar as aquisições mais efêmera de Trajano, mas o sistema militar do Império foi organizado principalmente com vista a proporcionar a defesa das províncias, e não para o exercício da guerra agressiva em grande escala. Quase todas as forças, com exceção da guarda imperial, foram distribuídos entre as províncias da fronteira do Império e, a característica essencial da disposição das tropas nestas províncias, foi a permanente fortaleza em que cada unidade foi postado. A combinação de grandes campos para as legiões com uma série de fortes menor para a asa, as coortes, e numeri é o arranjo característico de todas as fronteiras. A proteção imediata da fronteira foi regularmente confiado às tropas auxiliares, enquanto as legiões eram geralmente estacionados alguma distância para a retaguarda da fronteira real. Assim, o exército como um todo foi tão dispersos que era uma tarefa difícil para montar as forças suficientes para realizar qualquer projeto considerável de conquista estrangeira, ou até mesmo para enfrentar de uma vez com uma invasão grave, mas o sistema foi em geral satisfatória tendo em vista a condições que prevaleceram, e garantiu para os milhões de súditos do Império Romano, o mais longo período de tranquilidade imperturbável conhecido na história europeia.

7. Sistema de recrutamento

De acordo com o regime de Augusto, o praetoriae cohortes e urbanae cohortes foram recrutados de Lácio, Etrúria, Úmbria, e as colônias velhas Roman (Tácio, Anais 4, 5), as legiões dos restos da Itália, e auxilia no comunidades sujeito do Império (Seeck, Rheinisches Museum, XLVIII, 616).

Mas no decorrer do tempo os nativos da Itália, desapareceu, primeiro das legiões e, depois da guarnição da capital. Antonino Plus estabeleceu a regra de que cada corpo de tropas devem elaborar seus recrutas do bairro onde ele estava estacionado. Doravante, a posse anterior da cidadania romana não era mais necessária para o alistamento nas legiões. O legionário foi concedido o privilégio da cidadania, ao entrar no serviço, o soldado auxiliar ao ser descarregada (Seeck, *Untergang der Welt antiken*, I, 250).

II. Alusões no Novo Testamento para o Estabelecimento militar romana

Tais referências dizem respeito principalmente aos corpos de tropas que estavam estacionadas na Judéia. Agripa I deixou um estabelecimento militar de um ala e cinco comparsas em sua morte em 44 dC (Josefo, *Ant*, XIX, IX, 2; BJ, III, IV, 2), que ele tinha, sem dúvida, recebeu da administração romana anterior. Estas divisões eram compostas por recrutas locais, principalmente os samaritanos (Hirschfeld, *Verwaltungsbeamte*, 395; Mommsen, *Hermes*, XIX, 217, nota 1).

A Ala gemina Sebastenorum eu estava estacionado em Cesaréia (Josefo, *Ant*, XX, 122, BJ, II, xii, 5; CIL, VIII, 9359).

1. Banda Augustana

Julius, o centurião, a quem Paulo e outros prisioneiros foram entregues ao ser escoltado para Roma (Act_27: 1), pertencia a um dos cinco grupos, que estava estacionado em ou perto de Cesaréia. Este Sebaste speira (Westcott-Hort), "Banda de Augusto" (a Versão Revisada (britânica e americana) "banda de Augusto", a versão revista, "coorte" margem), foi provavelmente o mesmo corpo de tropas que é mencionado em inscrições como cohors I Augusta (Supp, CIL, 6687) e Augouste speira (Waddington Lebas-2112). Seu título oficial pode ter sido cohors Augusta Sebastenorum (GVN). Observa-se que todas as divisões do exército romano foram divididos em empresas de cerca de 100 homens, cada qual, na infantaria, era comandada por um centurião, na cavalaria, por um decurião.

2. Banda italiana

Havia um outro grupo em Cesaréia, a banda "italiana" (cohors Itálica, Vulgata), de que Cornélio era centurião (Act_10: 1: TES ek kaloumenes speires Italikes). O cohortes Italicae (civium Romanorum) eram constituídos por cidadãos romanos (Marquardt, *Römische Staatsverwaltung*, II, 467).

3. Guarda Pretoriana

Um dos cinco coortes foi postado em Jerusalém (Mat_27: 27; Mar_15: 16), o "comandante" do que foi Cláudio Lísias. Seu título, chiliarchos no grego (Act_23: 10, Act_23: 15, Act_23: 17, Act_23: 19, Act_23: 22, Act_23: 26; Act_24: 7 a King James Version), que significa "líder de um milhar de homens" (tribunus, Vulgata), indica que este corpo de soldados foi um miliária cohors. Cláudio Lísias mandou o Paul Felix, em Cesaréia, sob escolta de 200 soldados, 70 cavaleiros, lanceiros e 200 (Act_23: 23). O último (dexiolaboi, Westcott e Hort, O Novo Testamento em grego) são pensados para ter sido uma festa da milícia provincial. Vários centuriões da coorte, em Jerusalém aparecer durante o resgate de choque e posterior e prisão de Paulo (Act_21: 32; Act_22: 25, Act_22: 26; Act_23: 17, Act_23: 23). O miliariae cohortes (de 1.000 homens) contido centuriões dez. Um centurião, sem dúvida, do mesmo grupo, foi responsável pela execução do Salvador (Mat_27: 54; Mar_15: 39, Mar_15: 44, Mar_15: 45; Luk_23: 47). Era costume os centuriões que lhe fosse confiada a execução das penas capitais (Tácio Ann i.6; xvi.9; xvi.15; ii.85 Hist.).

A King James Version contém a passagem em Act_28: 16: "O centurião entregou os presos ao capitão da guarda" (stratopedarches), que a Versão Revisada (britânica e americana) omite. Ele tem sido comumente realizada que o stratopedarches expressão foi equivalente a prefeito pretoriano (Praetorius praefectus), e que o emprego da palavra no singular, foi a prova de que Paulo chegou a Roma no anúncio período 51-62, quando o sexo. Afranius foi prefeito pretoriano Burrus único. Mommsen (Akademie der Sitzungsberichte Berliner (1895), 491-503) acredita que a frase em questão encarna uma tradição antiga, mas que o stratopedarches termo não poderia significar praefectus Praetorius, que nunca é processado desta forma, em grego. Ele sugere que ela representa princeps peregrinorum castrorum, que era um centurião no comando do frumentarii em Roma. Estes foram os destacamentos de soldados legionários que tomou classificar como principais. Eles serviram como mensageiros entre os militares da capital e províncias, espíões políticos, e uma polícia imperial. Provavelmente era habitual, pelo menos, quando a tradição surgiu em discussão, para o frumentarii para cuidar de pessoas que foram enviados a Roma para julgamento (Marquardt, *Römische Staatsverwaltung*, II, 491-94).

Literatura

discussões abrangentes do sistema militar romano será encontrada em Marquardt, *Römische Staatsverwaltung*, II, 319-612, e, Pauly-Wissowa, *Realencyclopädie*, artigo "exercitus".

Arna

ar´na (Latin *Arna*): Um dos antepassados cedido para Esdras (**LA**) 2 Esdras 1:2, evidentemente idêntico com Zeraías de Ed 7:4 e Zariais de (**LA**) 1 Esdras 8:2.

Arnã

ar´nan (, 'arnan, "jovial"): Um descendente de Davi e fundador de uma família (1Cr 3:21). A Septuaginta tem Orna.

Arni

ar´ni (, *Arnei*, acha-se somente em Lc 3:33 a Versão Revisada (britânico e americano), Westcott seguinte e Hort, O Novo Testamento em grego): O nome de um antepassado de Jesus Cristo. Mas na KJV, Textus Receptus seguinte do Novo Testamento, e na lista genealógica de Mt 1:3,4 a mesma pessoa é chamada *Aram* (grego: , *Aram*) em ambas na KJV e a Versão Revisada, margem. Em Mt a Versão Revisada (britânico e americano), porém, a forma Rão é que está mais próximo ao Testamento Velho nomeie Rão (, *ram*, "alto"). Rão o bisneto de Judá e era antepassado de Davi (Rt 4:19; 1Cr 2:9, 1Cr 2:10).

Arnon

ar´non (, 'arnon, v, *Arnon*): é mencionado primeiro em Nm 21:24 como a borda entre Moabe e o Amorreus. "Os vales de Arnon" no próximo verso indubitavelmente indique o numeroso contribuição ao fluxo principal. Formou o limite sulista da terra nomeado a Rubem (Dt 3:12). A cidade de Aroer estava na extremidade do norte do vale (Dt 2:36; Jz 12:2, etc.). Arnon foi reivindicado pelas Amonitas como tendo marcado o limite sulista do território deles quando Israel invadiu a terra (Jz 11:13). Eles, porém, já tinham sido dirigidos fora pelo Amorites, e o norte de região de Arnon foi acontecido por Siom. Da inscrição de Messa rei Moabita juntamos nós aquele Moabe tinha se estabelecido no norte do Arnon antes do tempo de Omri. Debaixo de Omri e Acabe ela foi limitada o sul do rio. Uma rebelião debaixo

de Messa foi derrubada por Jorão filho de Acabe (2 Reis 3), e a expedição de Hazael contra Israel chegou ao vale do Arnon (2Rs 10:33). Mas de acordo com Messa ele recuperou para Moabe a terra perdida; e isto concorda com Is 15:1-9; Is 16:1-14 onde nortes de cidades de Arnon ficam situados em Moabe, por exemplo Hesbom.

O nome moderno de Arnon é *Wady el-Mojib* que entra o Mar Morto aproximadamente do Leste 17,5 km Norte de *el-Lisan*. Pouco mais de 20 Km Leste do Mar Morto dois fluxos, *Seiles-Sa'ideh* do Sul, e *Wady Enkeileh* do Leste, una as águas deles e flua para o oeste no fundo de uma trincheira enorme. As águas de *Wady Weleh* entram do Nordeste. Uma extensão larga de pais assim drenos no vale por meio de uma grande rede de águas menores - o "vales de Arnon." O "vau do Arnon" (Is 16:2) foi cruzado indubitavelmente pela rodovia de Messa que ele reivindica ter embutido Arnon; e pode ser marcado imediatamente pelos rastros da estrada romana velha e ponte ao Oeste donde, na extremidade do norte do *Wady*, está de pé *'Ara'ir*, a antiga Aroer.

Arode

a'rod, ar'od (, 'arodh): O sexto filho de Gade (Nm 26:17). Os descendentes dele são chamados Arodi ou Aroditas (Gn 46:16; Nm 26:17).

Aroer

a-ro'er (, 'aro'er; , Aroer): (1) uma cidade do Amorreus que estava na extremidade do norte do Arnon (Dt 2:36, etc.). Levado pelo Israel, compartilhou as vicissitudes do norte rural do rio, e quando últimos nomearam (Jr 48:19) está novamente nas mãos de Moabe. É um das cidades que Messa reivindica ter construído, i.e. fortaleceu. Estava dentro do território dividido a Rubem, contudo seu edifício (fortificação) é atribuído a Gade (Nm 32:34). Assim longe veio o sírio, Hazael, na invasão dele em Israel (2Rs 10:33). A estrada romana pelo vale se deita sobre uma hora ao Oeste de *Khirbet 'Ara'ir*.

(2) uma cidade em Gileade descreveu como "antes de Raba," no limite entre Gade e os Amorreus (Js 13:25). Nenhum nome que se assemelha a isto ainda foi recuperado no distrito indicado.

(3) uma cidade no território de Judá só nomeado em 1Sm 30:28. Provavelmente porém em Js 15:22 nós deveríamos ler *'ar'arah* em vez de *'adh'adhah* que pode ser a mesma cidade e pode ser idêntico com *'ar'arah*, um local com cisternas e alguns restos de edifícios antigos aproximadamente 22,5 Km Sudeste de Berseba.

Aroerita

a-ro'er-it (, ha-'aro'en): Um nativo de Aroer. O Aroerita era Hotão, pai de dois dos heróis de Davi (1Cr 11:44).

Arom

a'rom (, Arom): Os filhos de Arom voltaram a Jerusalém com Zorobabel (LA 1 Esdras 5:16). Omitido em Esdras e Neemias. Hasum é achado em lugar de Arom em Ed 2:19.

Arpade; Arfade

ar'pad; ar'fad (, 'arpadh, "apoio"): Uma cidade da Síria, freqüentemente capturada pelos assírios, e finalmente dominada por Tiglate-Pileser III em 740 a.C, depois de um assédio de dois anos. É agora a ruína para *Tell Erfad*, 20 Km Noroeste de Aleppo. Arpade é um das cidades conquistadas mencionada por Rabsaquê, o oficial de Senaqueribe, na ostentação dele diante de Jerusalém (2Rs 18:34; 2Rs 19:13; Is 36:19; Is 37:13; a KJV Arfade). Isaías põe uma ostentação sobre sua captura na boca do rei assírio (Is 10:9), e Jeremias menciona isto como "maldito" por causa de novidades más, no oráculo relativo a Damasco (Jr 49:23). Em toda ocasião Arpade é mencionado com Hamate.

Arfaxade

ar-fak'sad: (1) A KJV forma de (Gn 10:22, 24; Gn 11:12, 13; 1Cr 1:17) da Versão Revisada (britânico e americano) ARPACHSHAD. Também veja MESA DE NAÇÕES. (2) em Apocrypha (Judite 1) um rei dos Medos que reinou em Ecbatana. Ele foi derrotado e morto por Nabucodonozor.

Ordem

a-ra' ((1) , labhesh, , 'atah, , periballo, , enduomai, , himatismos. (2) , 'arakh, , shth): "Ordem," composto de prefixo "ar -" e "rai," "ordem," é usado em dois sentidos, (1) em referência para vestir e (2) em referência para a disposição de um exército.

(1) (a) *Labhesh* é o hebraico mais comum palavra significado "vestir," e é usado em todos os casos mas um no Velho Testamento para

“ordem” (compare Gn 41:42: Faraó “o formou (José) em vesturas de linho bom”; também veja 2Cr 28:15; Et 6:9, 11; Jó 40:10; 2Cr 5:12). (b) *’Atah*, significando “ocultar,” “cobrir,” é uma vez usado. Nabucodonozor “se formará com a terra de Egito” (Jr 43:12). (c) *Periballo*, “lançar ao redor,” 6 vezes usadas estão no Novo Testamento. É a palavra usada de Herodes “formando” o Jesus “em vestuário deslumbrante” (Lc 23:11; as outras referências Mt 6:29 são; Lc 12:27; Ap 7:13; Ap 17:4; Ap 19:8). (d) *Enduomai*, meio ou passivo de *enduō*, “entrar,” meios, então, “ser entrado em” vestindo. Uma vez é usado em referência para Herodes (At 12:21). (e) *Himatismos*, “vestindo,” é traduzido uma vez “ordem” = raiment (de mesma raiz). Isto a única ocorrência é de “ordem” neste senso (1Tm 2:9).

(2) (a) *’Arakh* a palavra comum está no Velho Testamento, usado em referência para a disposição de um exército, e é traduzido “pôr em ordem,” “começar ordem,” o ser de objeto “a batalha” ou o exército. O raiz significar é isso de arranjo em ordem, e o verbo é usado em outros sentidos que o exército, por exemplo organizando a mesa de pão. Em 1Cr 12:33 a Versão Revisada (britânico e americano) tem “ordem a ordem de batalha” para a KJV “mantenha grau,” tradução de hebreu *’adhar*. (b), *Shuth* “fixar, colocar,” usou uma vez para ordem de batalha: “e os cavaleiros se fixaram em ordem no portão” (Is 22:7).

Cheguar

ar-riv’ : Originalmente um termo náutico (o latim: ad ripam) por chegar a costa, é usado no sentido literal em Lc 8:26, e, no sentido figurado para o grego *phthano* em vez de “atinja,” a Versão Revisada (britânico e americano) em Rm 9:31.

Arrogancia

ar’ o-gan-si: Orgulho excessivo, conduzindo a ostentação e insolência (1Sm 2:3; Pv 8:13; Is 13:11; Jr 48:29).

Coruja

ar’o-snak: Em Is 34:15 a palavra hebraica , *kippoz* que na KJV é feita “grande coruja,” está no inglês Versão Revisada feita “arrowsnake,” e no Padrão americano Revisou Versão “cobra -seta.” Gesenius que traduz “arrowsnake,” diz “assim chamou da primavera com que se impele.” Outros, da menção de “faça o dela aninhe, se deite, e choque,” pense algum amável de pássaro é significado. Veja CORUJA; SERPENTE.

Arsaces

ar-sa’sez ar’ sa-sez (, *Arsakes*): O nome comum assumido por todos os reis da Pérsia e Media, é mencionado em (LA) 1 Mac 14:1-3, e em 15:22 com relação à história de Demetrius, um do grego, ou Seleucida, reis da Síria, e sucessor para Antioco Epifanes, o opressor dos judeus que causaram a insurreição contra a dominação síria debaixo da liderança dos Macabeus. Este Arsaces particular foi a sexta da linhagem de persas independentes que tinham sido fundadas em 250 a.C, por Arsaces I, que se revoltou de Antioco Theos, matou os sátrapas sírios, e com o sucessor dele Tiridates I estabelecendo a independência do reino de Persas firmemente. Aproximadamente 243 a.C, Tiridates acrescentou Hyrcania aos domínios dele; mas não estava até o reinado de Arsaces VI cujo nome era Mithridates que Parthia pela conquista de Bactria, Mídia, Pérsia, Armênia, Elymais e Babilônia, ameaçou a mesma existência do reino do Seleucidas e se tornou um competidor perigoso da própria Roma. Era este rei que aproximadamente 141 a.C, foi atacado por Demetrius Nicator, rei da Síria. De acordo com a conta preservada em (LA) 1 Mac 14:1-3, Arsaces enviou um dos capitães dele que foram e golpearam o anfitrião de Demetrius, e o levou vivo, e o trouxe a Arsaces, por quem ele foi posto em custódia. No princípio, o rei cativo foi tratado com grande severidade, sendo levado em triunfo de cidade para cidade e exibiu aos inimigos dele. Porém, Arsaces posterior lhe deu a filha dele em matrimônio e lhe nomeou uma residência em Hyrcania. Alguns cronometram depois da morte de Arsaces, Demetrius foi mandado de volta para a Síria por Fraates, o filho de Mithridates, e reinou de 128 a 125 a.C. Arsaces VI é mencionado, também, em (LA) 1 Macc 15:22, como um dos reis que os romanos proibiram para fazer guerra nos aliados judeus deles.

Literatura

Veja 1 Mac 14:1-3, e 15:22; Antig. XIII, v, 11.; XIV, viii, 5.; Appian, Síria, 67.; Strabo, XI, 515.; XV, 702.; Justin, XLI, 5, 6.; XXXVI, 1.; Orosius, V, 4.; O Parthia de Rawlinson, na História das séries de Nações e Dado der de Herrschaft Parther no Geschichte des alten de Justi Persiens em Oncken Allgemeine Geschichte, I, 4.

Jora, Arsifurite

ar-si-fu’rith (, *Arsiphoun th*; a KJV *Azephurith*): 112 dos filhos de Arsiphurith voltaram a Jerusalém com Zorobabel (LA) 1 Esdras 5:16). O nome é omitido em Esdras e Neemias, mas o número corresponde a esses mencionados com Jora (Ed 2:18) e Harife (Ne 7:24).

Artaxerxes

ar-taks-urk’sez (, *Artaxerxes*): a forma grega e latin de um, e talvez de dois ou três reis da Pérsia mencionados no Velho Testamento.

(1) tudo leva a crer de acordo que o Artaxerxes em que Esdras e Neemias eram os funcionários do tribunal de Artaxerxes I, o filho de Xerxes, geralmente chamado Longimanus que reinou de 465 a 424 a.C. Este Artaxerxes foi o terceiro filho de Xerxes e foi elevado ao trono por Artabanus, o assassino de Xerxes. Logo após a acenssão dele, Artaxerxes pôs o irmão Darius mais velho dele a morte; e um pequeno depois, Artabanus que talvez apontou para se fazer o rei foi morto. Hystaspes, o segundo irmão que parece ter sido o sátrapa de

Bactria na hora do morte do pai dele se rebelou, e depois de duas batalhas era privado do poder dele e provavelmente da vida dele. O reinado de Artaxerxes estava mais adiante transtornado pela revolta do Egito em 460 a.C, e pelo da Síria aproximadamente 448 a.C. Os egípcios foram ajudados pelos atenienses, e a rebelião deles, conduzida por Inarus e Amyrtaeus, só foi suprimida depois de cinco anos de esforços estrênuos por parte dos persianos sob as ordens do grande general Megabyzus. Depois da re-conquista do Egito, Artaxerxes, temendo que os atenienses fariam uma subjugação permanente de Chipre, concluída com eles a paz de Callias pelo qual ele reteve a ilha de Chipre; mas concordou em conceder liberdade para todas as cidades gregas da Ásia Menor. Logo após este Megabyzus uma revolta conduziu na Síria e compeliu o soberano dele para fazer paz com ele nas próprias condições dele, e posteriormente viveu e morreu em favor alto com o rei humilhado dele. Zopyrus, o filho de Megabyzus mais tarde, enquanto o sátrapa de Lycia e Caria, conduziu uma rebelião na qual ele foi ajudado pelos gregos. Alguns pensam que a destruição de Jerusalém que é lamentada por Neemias aconteceu durante a rebelião da Síria debaixo de Megabyzus. Artaxerxes I que morreu em 424 a.C, e foi tido sucesso pelo filho Xerxes II dele, e depois por dois outros filhos, Sogdianus e Ochus, o último de quem assumiu nomearam de Darius que os gregos cognominaram Nothus.

(2) Ewald e outros pensaram que o Artaxerxes de Ed 4:7 era o pseudo-Smerdis. A objeção principal contra esta visão é que nós não temos nenhuma evidência que ou o pseudo-Smerdis, ou o real Smerdis, já foi chamado Artaxerxes. É dito que o real Smerdis tem sido chamado Tanyoxares, ou de acordo com outros Oropastes. Ewald mudaria o posterior a Ortosastes que de perto se assemelha a Artaxerxes e deve ser admitido que muitos dos reis Persas tiveram dois ou mais nomes. Porém, parece mais provável aquele Artaxerxes I é o rei se referido; e há pequena duvida que a identificação do Artaxerxes de Ed 4:7 com o pseudo-Smerdis nunca teria sido pensado de teve isto não sido para a dificuldade de explicar a referência a ele neste lugar.

(3) a tradução grega da Septuaginta faz o Assuero do Livro de Ester por Artaxerxes, e é seguido nesta retribuição por Josefo. Não há nenhuma dúvida que por este Artaxerxes Josefo significou o primeiro daquele nome; para nas Antiguidades, XI, vi, 1 que ele diz que “atrás da morte de Xerxes, o reino chegou a ser transferido ao filho Ciro dele quem os gregos chamados Artaxerxes.” Ele procede mostrar então como ele se casou uma esposa judia que se era da família real e quem é relacionada para ter salvado a nação dos judeus. Em um capítulo longo, ele dá conta então da história de Vasti, Ester e Mordecai. Apesar desta retribuição da Septuaginta e Josefo, não há nenhuma dúvida que o *ahashwerosh* hebreu está igual ao Xerxes grego; e não há nenhuma evidência que Artaxerxes I já foi chamado Xerxes por quaisquer dos contemporâneos dele. A razão da confusão dos nomes pela Septuaginta e Josefo provavelmente permanecerá sempre um mistério.

Artemas

ar'te-mas (, *Artemas*):Um dos setenta discípulos e bispo de Listra, de acordo com Doroteus (Bibl. Máximos (Lugd. 1677), III, 429). Ele é mencionado em Tt 3:12 como um dos companheiros fiéis de Paulo. O nome é provavelmente grego, uma forma masculina de Artemis, ou, como foi sugerido, uma forma curta de Artemidorus, um nome comum na Ásia Menor. Estas formas contraídas estavam por nenhum meios raro no mundo grego. O orador ateniense, Lysias, foi nomeado indubitavelmente depois do avô dele, Lysanias, e no princípio pode ter sido chamado o próprio Lysanias até mesmo.

Artemis

ar'te-mis. Veja a DIANA.

Artilharia

ar-til'er-i (, *keh*):Em 1Sm 20:40 (KJV) do arco flexa de Jonatas e, substituiu na Versão Revisada (britânico e americano) através de ARMAS; e em (LA) 1 Mac 6:51 (KJV) onde as palavras gregas são traduzidas na Versão Revisada (britânico e americano) “instrumentos por lançar fogo e pedras.”

Arubote

a-rub'oth, ar'u-both (, *ha-'arubboth*; a KJV Aruboth): Um dos 12 distritos do qual foi obtido para a casa de Salomão (1Rs 4:10). Com Arubote é mencionado “Socó, e toda a terra de Hefer,” e como Socó se deitam no Sefela (Js 15:35), Arubote provavelmente se deite na parte sulista do Sefela.

Arumá

a-roo'ma (, *'arumah*, “alto”): A cidade o qual Abimeleque, o filho de Jerubaal (Gideão), quando dirigido de Siquém (Jz 9:41). As ruínas El-Ormeh, pouco mais de 9 Km Sudeste de Siquém, pode estar no local, entretanto sua posição não é conhecida com certeza.

Arvade; Arvaditas

ar'vad, ar'vad-its (, *'arwadh*; , *Arados*; modernaRuad): Uma ilha cidade de ao largo da costa da Síria uns 48 Km Norte de Tripolis, e a raça que habita isto. Era uma pedra estéril coberta com fortificações, histórias e casas várias em altura. A ilha era aproximadamente 243 Km de comprimento, 152 Km de largura cercada por uma parede volumosa, e um porto artificial foi construído no Leste para a terra principal. Desenvolveu em uma cidade de comércio em tempos cedo, como fez a maioria das cidades fenícias nesta costa. Teve uma marinha poderosa, e seus navios são mencionados nos monumentos de Egito e Assíria. Parece ter tido um tipo de hegemonia em cima das cidades fenícias do norte, de Mt. Cassius para os limites do norte de Líbano, algo assim de Sidom no Sul. Teve sua própria dinastia local e cunhagem, e alguns dos nomes de seus reis foram recuperados. Seus habitantes são mencionados nas listas primitivas de Genesis (Mt 10:18), e Ezequiel (Mt 27:8, Mt 27:11) se refere a seus marinheiros e soldados no serviço de Tiro. Dominou sua autoridade algumas das cidades vizinhas na terra principal, como Marathus e Simyra, o anterior quase oposto a ilha e o posterior algumas milhas para o Sul. Thotmes III, do Egito, levou isto na campanha dele em norte a Síria (1472 a.C) e é notado nas campanhas de Rameses II na parte cedo do 13° século a.C.(Enfrentou, Registros Antigos). Também é mencionado dentro o Conte el-Amarna Lettersas

que está em liga com o Amorites nos ataques deles nas posses egípcias na Síria (44 e 28, B.M. Conte el-Amarna Cartas). Sobre o ano 1200, ou depois, foi ensacado por invasores de Ásia Menor ou as ilhas, como era a maioria das cidades na costa (Paton, a Síria e Palestina, 145) mas recuperou quando eles foram dirigidos atrás. Sua importância marítima é indicada pelas inscrições dos reis assírios. Tiglate-Pileser I (aproximadamente 1020) ostentações que ele velejou nos navios de Arvad. Asshur-nazir-pal (aproximadamente 876) fez isto tributário, mas se revoltou e nós achamos 200 homens de Arvad mencionados entre os aliados de Bem-Hadade, de Damasco, à grande batalha de Quarqar, quando toda a Síria parece ter estado em liga contra Salmaneser II (aproximadamente 854). Neste momento o rei de Arvad era Mattan Baal. Era posteriormente tributário a Tiglate-Pileser III e Senaqueribe, o rei que pagou isto ao ser posterior Abd-ilihit (aproximadamente 701). Asurbanipal (aproximadamente 664) compeliu seu rei Yakinlu submeter e enviar para um das filhas dele se tornar um sócio do harém real (Rawlinson, Fenícia, 456-57). Debaixo do persianos Arvad foi permitido unir em uma confederação com Sidom e Tiro, com uma câmara municipal a Tripolis (ib 484). Quando Alexandre o Grande invadiu a Síria em 332 a.C, Arvad submeteu sem uma luta debaixo do rei dela Strato que enviou para a marinha dele ajudar Alexandre na redução de Tiro. Parece ter recebido o favor dos reis Seleucidas da Síria e desfrutou o direito de asilo para refugiados políticos. É mencionado em um rescripto de Roma aproximadamente 138 a.C, com relação a outras cidades e regras do Leste, mostrar favor aos judeus. Era depois que Roma tinha começado a interferir nos negócios de Judéia e Síria, e indica aquele Arvad era de importância considerável naquele momento (veja **LA** 1 Mac 15:16-23). A cidade não é mencionada no Novo Testamento, e em tempos modernos afundou para uma aldeia pequena, principalmente habitada por pescadores. Veja ARADUS.

Arza

ar'za (, 'arca): mordomo do rei Ela, em de que na casa de Tirza, Zinri o rei assassinado a beber um deboche. O texto não está bastante claro, e Arza poderia ter sido criado de Zinri (1Rs 16:9).

Arzarete

ar'za-reth, ar'sareth (na KJV, Arsareth): Esta é a terra para a qual as dez tribos foram deportadas (**LA** 2 Esdras 13:45). É descrita como "outra terra" mentindo um ano e uma meia viagem além do rio, i.e, o Eufrates. Provavelmente responde ao hebreu , 'erec ' *ahereth* (Dt 29:28). Ainda era acreditado que as pessoas haviam em números incontáveis Pelo tempo de Josefo (Antig. XI, v, 2).

Como

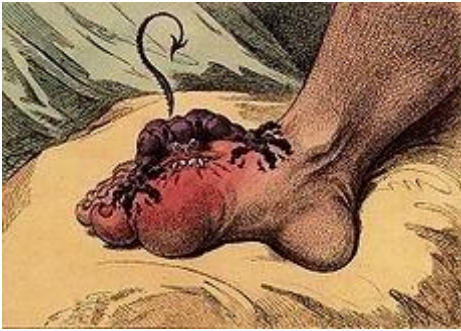
az: Conj. e advérbio (normalmente grego , *hos*, , *hosper*, , *kathos*), designando: (1) semelhança: (a) entre substantivos (Gn 3:5; Jz 6:5; Fp 2:8; Hb 11:27; Hb 11:29); (b) entre verbos (Lc 6:36; Jo 5:30; 1Co 10:7); (c) entre adjetivos (1Co 15:48). (2) Limitação (com respeito a um aspecto particular ou relação) (1Pe 4:15; 1Pe 4:16). (3) Tempo (Lc 8:5; Lc 15:25; At 8:36). (4) Causa (1Co 4:1). (5) Concessão (Jo 7:10; 2Co 11:21). (6) Ilustração, em numerosas passagens, que começa "como é escrito," "como é dito," etc.

Asa

a'sa (, 'asa', "o curandeiro , Asa):

(1) um rei de Judá, o terceiro depois da separação de Judá e Israel. Ele era o filho de Abias e neto de Rehoboam. Maaca, a mãe dele, ou bastante a avó, era a filha de Abisalom (Absalão) (1Rs 15:1). Os primeiros dez anos do reinado dele foram prósperos e calmos (2Cr 14:1). Ele introduziu muitas reformas, como se guardar dos sodomitas ou mal das prostitutas, removendo ídolos de lugares santos, demolindo altares, pilares de Asera. Ele depôs até mesmo o "a mãe da rainha" por causa das práticas idólatras dela, e da imagem que ela tinha trazido Asera (1Rs 15:12; 2Cr 14:3). Entretanto o próprio rei, no principal, era um reformador zeloso, os assuntos dele sempre não mantiveram passo com ele (1Rs 15:17). Com um exército de 580.000 ele repeliu um ataque de Zerá, o etíope, e o derrotou completamente a Maressa nas planícies de Judá (2Cr 14:6). Dirigido e encorajado por Azarias o profeta, ele continuou uma grande revivificação. Tendo restabelecido o grande altar de oferecimento queimado no templo, ele ajuntou as pessoas para uma renovação da convenção deles com Yahweh. Nesta ocasião foram oferecidas 700 bois e 7.000 ovelhas em sacrifício. Durante os próximos vinte anos havia aparentemente grande prosperidade e paz ao longo do reino dele, mas no 36º ano do reinado dele, Judá foi atacado por Baasa, rei de Israel, a toda hora hostil a Judá (1Rs 15:32). Baasa continuou invadindo e finalmente fortaleceu Ramá como uma fortaleza de fronteira. Asa, preocupado e desaperecebido , em vez de pôr a confiança inteira dele em Yahweh, fez uma aliança com Ben-Hadade, de Damasco. O rei sírio, em atenção a uma soma grande de dinheiro e muito entesoura do templo em Jerusalém, consentida atacar a porção do norte do território de Baasa. Estava neste momento favorável que Asa capturou Ramá, e com o material de edifício vasto colecionado lá por Baasa, ele construiu Geba de Benjamim e Mizpá (1Rs 15:16-22). Esta falta de fé em Yahweh foi criticada severamente por Hanani o profeta. Asa, em vez de escutar este profeta de Deus pacientemente, estava muito ofendido e enfurecido e Hanani foi posto em prisão (2Cr 16:1-10). Três anos depois, Asa foi atacado por gota (gota é uma doença que geralmente se apresenta com crises recorrentes de doenças agudas artrite inflamatória (vermelha, macia, quente, inchado comum). É causada por níveis elevados de ácido úrico no sangue . O ácido úrico cristaliza e depósitos nas articulações, tendões , e em torno de tecido . Gota afeta 1% da população em algum ponto em suas vidas. O tratamento com não-esteróides anti-inflamatórias droga (AINE), esteróides , ou colchicina melhora os sintomas. Uma vez que o ataque agudo tenha abrandado, os níveis de ácido úrico são geralmente reduzidos através de mudanças de estilo de vida e prevenção a longo prazo, com alopurinol . Historicamente, era conhecida como "doença dos reis" ou "doença do homem rico"), ou alguma doença dos pés.*Veja ilustração). Aqui novamente ele é acusado de falta de fé, "ele não buscou a Yahweh, mas para os médicos" (2Cr 16:12). Tendo regido um ano, ele morreu e foi enterrado com grande pompa em uma tumba erguida por ele na cidade de Davi, i.e, Jerusalém. Em geral o reinado dele teve muito êxito, mas está triste a crônica que como os anos rolaram nele ficou menos fiel a Yahweh e a lei dele.

(2) um filho de Elcana, um Levita que em um das aldeias dos netofatitas (1Cr 9:16).



*A gota do Inglês James Gillray – publicado em 14 de maio de 1799.

Asadias

as-a-di´as (, *Asachas*):Um antepassado de Baruque (**LA** Baruque 1:1).

Asael

as´a-hel (, *asahel*, “Deus faz”; , *Asael*):

(1) o irmão de Joabe e Abisai. Os três eram os filhos de Zeruia, um das irmãs de Davi (1Cr 2:15, 1Cr 2:16; 2Sm 2:18, etc.). Os três irmãos parece ter sido desde o princípio os sócios da tropa de Davi de estranhamente brigandes respeitável. Asael era distinto para a corrida rápida dele, e este fato trouxe infortúnio nele e no Israel. Quando foram derrotadas Abner e as forças de Is-bosete perto de Gibeão, Asael procurou Abner. Abner soube que ele pôde Asael sincero, entretanto ele não o pôde correr mais que. Ele também soube que o tempo tinha vindo por fazer para Davi o rei, e que um feudo de sangue entre os líderes seria uma calamidade. Ele repreendeu com Asael, mas em vão. Veio a uma briga, e Abner matou Asael (2Sm 2:3). Como resultado a vinda de Davi para o trono de todo o Israel estava atrasada; e quando afinal Abner provocou isto, ele era morto por Joabe em vingança de sangue alegada para Asael. Asael é mencionado como sexto na lista de Davi “os homens poderosos” (2Sm 23:24; 1Cr 11:26). O mais cedo dos nomes nesta lista é organizado evidentemente na ordem de antiguidade. Se seja assumido que a lista não foi feita gaveta depois da morte de Asael, ainda não há nenhuma dificuldade na idéia que alguns dos nomes na lista foram colocados por este tempo. Asael também é mencionado como o quarto do mês-por-mês de Davi capitaneia (1Cr 27:7). Superficial crítica descreve esta posição como isso de “o chefe de uma divisão do exército de Davi,” e cumprimentos a declaração, “e Zebadias o filho dele depois dele,” como uma nota somaram explicar o caso contrário afirmação incrível do texto. Esta crítica está correta em sua implicação que o quarto capitão era, como os postos de texto, o Asael morto, na pessoa do filho Zebadias dele. Vindo de um comentarista, a crítica considera este significado inteligível; é qualquer o menos assim se nós consideramos isto como vindo do autor? Na realidade, a declaração é inteligível e acreditável. O segundo dos capitães de mês-por-mês de Davi é Dodai, o pai do segundo de Davi “os homens poderosos”; e o quarto é Asael, com o filho Zebadias dele. Com estas duas variações os doze capitães de mês-por-mês são doze entre o dezenove superiores em cargo na lista de homens poderosos, e é mencionado em praticamente a mesma ordem de antiguidade. Os 24.000 homens cada mês não eram um exército lutador mobilizado para a guerra. A posição de general durante um mês, tudo que outro pode ter envolvido, era uma honra segurada por um distinto veterano. Não há nenhum absurdo na idéia que a honra pode em alguns casos foi póstumo, o falecido sendo representado pelo pai dele ou o filho dele ou por outra pessoa.

(2) um levita sócio da comissão de capitães e Levites e sacerdotes que Jeosafá, no terceiro ano dele, enviou entre as cidades de Judá, com o livro da lei, esparramar informação entre as pessoas (2Cr 17:7-9).

(3) um dos guardiães do templo no tempo de Ezequias (2Cr 31:13).

(4) o pai de Jônatas que era um dos dois homens que “se levantou nisto,” na ocasião quando Esdras e as pessoas designaram um tribunal para considerar os casos desses que tinham se casado as esposas estrangeiras (Ed 10:15). O texto da Versão Revisada (britânico e americano) traduz “se levantou contra isto,” enquanto a margem tem “foi designado em cima disto.”

Asaías

as-a-hi´a (, *asayah*, “Yahweh fez”; a KJV forma; a Versão Revisada (britânico e americano) ASIAH):(1) “um dos criados do rei Josias” enviado com Hilquias, o sacerdote, e outros para indagar de Yahweh relativo às palavras do livro acharam no templo (2Rs 22:12, 14; 2Cr 34:20). (2)Descendente de Simeão, 1 Cr 4:36. (3) Levita, 1 Cr 6:30. (4) Silonita, 1 Cr 9:5. que segue.

Asaías 2

as-sa´ya (, [*asayah*, “Yahweh fez,” escrito duas vezes para Asaías na KJV (2Rs 22:12, 14)):

(1) um Levita da família de Merari, e um desses que ajudaram trazer a arca da casa de Obede-Edom para Jerusalém (1Cr 6:30; 1Cr 15:6, 1Cr 15:11).

(2) um ator principal da tribo de Simeão. Ele estava na incursão que atacou e desapropriou o MEUNIM (que vêem), ou as pessoas de pastor, no vale de Gedor (1Cr 4:36).

(3) oficial de Josias enviou a Hulda a profetisa para conselho relativo ao livro de lei achado por Hilquias (2Rs 22:12, 14; veja ASAÍAS).

(4) um residente Silonita de Jerusalém (1Cr 9:5). Ele é chamado Maaséias em Ne 11:5.

Asana

as'a-na (, *Asana, Assana*) = Asnah (Ed 2:50); omitido em Neemias. Os filhos de Asana (os criados do templo) voltou com Zorobabel a Jerusalém (**LA** 1 Esdras 5:31).

Asafe

a'saf (, *asaph*): Está no Velho Testamento o nome de três homens, de quem a pessoa é o autor reputado de Salmos 50 e 73 por 83. Ele era um dos três músicos principais de Davi, os outros dois são Hemã, e Etã ou Jedútum, e nós ouvimos falar primeiro dele quando a arca foi levada para Jerusalém (1Cr 15:16-19). Ele administrou com címbalos a música executada na barraca onde a arca foi colocada (1Cr 16:4, 5, 7, 37), enquanto o dois coadjutores dele descarregaram o mesmo serviço a Gibeom (1Cr 16:41, 1Cr 16:42). Em 1Cr 25:1 nos é falado que foram designados quatro dos filhos dele para administrar debaixo dele separações do grande coro, as famílias de Hemã e Jedútum que também fornecem os líderes, e tudo levaram parte à dedicação do templo (2Cr 5:12). Asafe, Hemã, e Jedútum foram chamados os videntes do rei (1 Cr 25; 2Cr 35:15), nenhuma dúvida um título oficial de grau ou dignidade. O “os Filhos de Asafe” é mencionado em tempos posteriores. Eles formaram um grêmio, e fez um papel proeminente a cada revivificação da religião nacional. Veja MÚSICA; SALMOS.

Asara

as'a-ra (, *Asara*; a KJV Azara): Os filhos de Asara (os criados do templo) voltou a Jerusalém com Zorobabel (**LA** 1 Esdras 5:31). Omitido em Esdras e Neemias.

Asaramel

a-sar'a-mel (, *Asaramel* or *Saramel*): Um nome de origem incerta que acontece em (**LA**) 1 Mac 14:28, na inscrição montada em memória do Simão e a família dos Macabeus. “No décimo oitavo dia de Elul, no ano 172 a.C, e este é o terceiro ano de Simão o sumo sacerdote, em Asaramel, em uma grande congregação de sacerdotes e as pessoas e príncipes da nação, e dos anciões do país,” etc. A frase “em Asaramel” foi levado como recorrendo a um lugar, e como o nome de um título de Simão. Ewald e outros levam isto para ser o equivalente de , *ba-hacar 'am 'el*, “no tribunal do povo de Deus.” Outra leitura é “em Saramel.” A maioria prefere levar a frase como um título de Simão; a frase original é levada para ter sido então , *w'sar 'am 'el*, “e príncipe do povo de Deus,” i.e, etnarca. Se o tradutor equivocasse (*w*) para (*bh*) e leu *en*, ele poderia ter deixado a frase porque ele supôs que foi o nome de um lugar. Schürer dispõe do levando isto como uma corrupção de *סֵגֶנְעַן*, *segen* = , *segheh* que é equivalente ao grego , *strategos* (GVI, I, 197, nota 17).

Asareel

a-sa're-el, a-sar'e-el. Veja ASAREL.

Asarel

as'ar-el (, *asar'el*, “Deus é regra”; a KJV Asareel): Um descendente de Judá e um filho de Jealelel (1Cr 4:16).

Asbasarete

as-bas'a-reth (Septuagint: *θ*, *Asbakaphath*, or *θ*, *Asbasareth*): A retribuição grega do *Asshur-ah-iddina* assírio (“Esaradom”) (**LA** 1 Esdras 5:69; também compare Ed 4:2, 10). Veja OSNAPPAR.

Ascalón

as'ka-lon (, *Askalon*): Na Apocrypha, ambos a KJV e a Versão Revisada (britânico e americano) (**LA** Judite 2:28; 1 Mac 10:86; 11:60; 12:33). Veja ASHKELON.

Ascenda

a-send': Através de derivação a palavra inglesa insinua movimento de um mais baixo lugar para (não somente para) um mais alto; e uso tende a restringir isto a casos em onde o observador é o mais baixo, não o mais alto, posição. A KJV usa isto 39 vezes em tudo: (1) do andamento para cima de vapor (Sl 135:7), chama (Jz 20:40), ou fumaça (Ap 8:4); (2) de viagem de um lugar para outro (At 25:1) ou do curso de um limite (Js 15:3); (3) de vinda para cima do mundo dos criminosos (1Sm 28:13; Ap 11:7; Ap 17:8); e (4) do andamento para cima (de homens, anjos, nosso Deus) de terra para os céus ou para céu (Gn 28:12; Jo 3:13). A Versão Revisada (britânico e americano) usa a forma apropriada de “subir” em todos os casos que caem abaixo (2) e (3); nesses debaixo de (4) retêm “ascenda” com uma mudança ocasional em tempo; debaixo de (1) retêm “ascenda” em todos lugares no Velho Testamento (Ex 19:18; Js 8:20, 21; Sl 135:7 Jr 10:13 paralelo Jr 51:16 paralelo) menos Jz 20:40, mas substitutos “subiu,” “vá para cima,” no Novo Testamento (Ap 8:4; Ap 14:11). A igual mudança nas passagens do Testamento Velho faria o uso da Versão Revisada (britânico e americano) uniforme.

Ascensão

a-sen'shun: A maioria moderna das Vidas de Cristo começa em Belém e termina com a Ascensão, mas a vida de Cristo começou mais cedo e continuou depois. A Ascensão não só é um grande fato do Novo Testamento, mas um grande fator na vida de Cristo e cristãos, e nenhuma visão completa de Jesus Cristo é possível a menos que a Ascensão que suas conseqüências são incluídas. É a consumação do trabalho remissório dele. O Cristo dos Evangelhos é o Cristo da história, o Cristo do passado, mas o quadro do Novo Testamento cheio de Cristo é isso de um Cristo vivo, o Cristo do céu, o Cristo da experiência, o Cristo do presente e o futuro. As passagens do Novo Testamento que recorrem à necessidade de estudo Ascensão íntimo e a observação cuidadosa pedagógica deles.

I. Nos Evangelhos

1. antecipações

A Ascensão aludiu em várias passagens nos Evangelhos no curso do ministério terrestre de nosso Deus (Lc 9:31, 51; Jo 6:62; Jo 7:33; Jo 12:32; Jo 14:12, Jo 14:28; Jo 16:5, Jo 16:10, Jo 16:17, Jo 16:28; Jo 20:17). Este espetáculo de passagens que o evento era constantemente à vista, e se antecipou por nosso Deus. A Ascensão também é insinuada claramente nas insinuações à vinda dele para terra nas nuvens do céu (Mt 24:30; Mt 26:64).

2. registros

Se com a maioria dos estudantes modernos nós considerarmos o Evangelho de Marcos como terminando com Mc 16:8, será visto para parar curto à ressurreição, entretanto o fim presente fala de Cristo que é recebido para cima no céu, do sentar à mão direita de Deus, e do funcionamento dele com os discípulos como eles foram orar a palavra (Mc 16:19, 20). Em todo caso este só é um resumo nu. O fim do Terceiro Evangelho inclui uma referência evidente ao fato da Ascensão (Lc 24:28-53), até mesmo se as últimas seis palavras de Lc 24:51, "e foi levado para cima no céu" não é autêntico. Nenhuma necessidade de dificuldade seja sentida à omissão do Quarto Evangelho para recorrer ao fato da Ascensão, entretanto foi aceitado universalmente na ocasião o apóstolo escreveu (Jo 20:17). Como Dr. Hort mostrou, "A Ascensão não mentiu dentro da própria extensão dos Evangelhos... seu verdadeiro lugar estava à cabeça dos Atos dos Apóstolos" (citou Swete, O Cristo Ascendido, 2).

II. Nos Atos

1. registro

A história em At 1:6-12 está clara. Jesus Cristo estava no Monte das Oliveiras. Tinha havido conversação entre Ele e os discípulos dele, e no curso disto Ele foi levado; e uma nuvem O recebeu fora da visão deles (At, 1:9). O corpo dele foi enaltecido até que desaparecesse, e enquanto eles continuaram contemplando para cima eles que viu dois homens que os asseguraram que Ele voltaria exatamente como Ele tinha subido. As três palavras gregas fizeram "levado para cima" (, *eperthe*) (At 1:9); "foi" (, *poreuomenou*) (At 1:10); "recebeu para cima" (, *analempthets*) (At 1:11); mereça notificação cuidadosa. Este texto ou deve ser atribuída a invenção, ou para o testemunho de uma testemunha ocular. Mas a historicidade de Lucas parece agora abundantemente provado.

2. referências

A Ascensão é mencionada ou insinuada em várias passagens em At 2:33; At 3:21; At 7:55 f; At 9:3-5; At 22:6-8; At 26:13-15. Todas estas passagens afirmam a vida presente e atividade de Jesus Cristo no céu.

III. Nas Epístolas Paulinas

1. Romanos

Em Rm 8:34 o apóstolo declara quatro fatos conectados com Cristo Jesus: A morte dele; A ressurreição dele; A ascensão dele à mão direita de Deus; A intercessão dele. O último dois são claramente os pontos culminando de umas séries de atos remissórios.

2. Efesios

Enquanto para seus romanos de propósito necessariamente põe tensão na Ressurreição, Efesios tem como parte de sua pontaria especial uma ênfase na Ascensão. No trabalho de Ef 1:20 Deus forjado em Cristo é mostrado para ter ido muito mais distante que a Ressurreição, e ter "o fez sentar à mão direita dele nos lugares divinos," O constituindo a autoridade suprema assim em cima de todas as coisas, e especialmente Cabeça da igreja (Ef 1:20-23). Esta idéia relativo a Cristo é seguida em Ef 2:6 pela associação de crenças com Cristo "nos lugares divinos," e os achados pedagógicos sua expressão completa em Ef 4:8-11 onde a Ascensão está conectada com o presente do Cristo divino como a característica de coroamento do trabalho dele. Nada é respectivamente mais notável que o ensino complementar de romanos e Efesios na ênfase deles na Ressurreição e Ascensão.

3. Filipenses

Em Fp 2:6-11 é mostrada a exaltação de Cristo para seguir a humilhação dele. Ele se humilhou Ele é exaltado para o lugar de autoridade suprema. Em Fp 3:20 os cristãos é ensinado que a comunidade deles está em céu, "de onde também nós esperamos por um Salvador."

4. Tessalonicenses

A ênfase colocada no segundo advento de Cristo em 1 Tessalonicenses é uma suposição do fato da Ascensão. Cristãos estão esperando do céu pelo Filho de Deus (Fp 1:10) que é "desça do céu, com um grito, com a voz do arcanjo, e com o trunfo de Deus" (Fp 4:16).

5. Timóteo

A única insinuação para a Ascensão nas Epístolas Pastorais é achada na declaração final do que parece ser uma canção Cristã primitiva em 1Tm 3:16. Ele que era "manifestou na carne... recebeu para cima em glória."

IV. Em Hebreus

Em Hebreus lá é registrado mais sobre a Ascensão e suas conseqüências que em qualquer outra parte do Novo Testamento. São declarados os fatos da Ascensão e Posição em primeiro lugar (Hb 1:3) com tudo aquilo isto insinua de posição definida e autoridade (Hb 1:4-13). São considerados os cristãos como contemplando Jesus como o Divino Homem no céu (Hb 2:9), entretanto o significado da frase, "coroados com glória e honra" é variado interpretado, algum pensamento que recorre ao resultado e resultado da morte dele, outros que pensam que Ele era "coroados para morte" no caso de a Transfiguração (Matheson em Bruce, hebreu, 83). Jesus Cristo é descrito como "um grande Sumo Sacerdote que atravessaram os céus" (Hb 4:14), como um Precursor em que é entrado dentro do véu para nós, e como um Sumo sacerdote para sempre segundo a ordem de Melquizedeque (Hb 6:20). Como tal Ele "é para sempre," e "já vive para fazer intercessão" (Hb 7:24, 25). O ponto principal é dito que da própria epístola é "tal um Sumo Sacerdote que se sentou à direita da mão do trono da Majestade nos céus" (Hb 8:1), e a posição dele insinua lá que Ele obteve redenção eterna para as pessoas dele e tem se aparecido

ante de Deus no lado deles (Hb 9:12, 24). Também é dito que Esta posição à mão direita de Deus está com uma visão ao retorno dele para terra quando os inimigos dele terão se tornado o banco dele (Hb 10:12, Hb 10:13), e um das últimas exortações licita os crentes para olhar para Jesus como o Autor e consumidor da fé que tem “se sentou à mão direita do trono de Deus” (Hb 12:2).

V. Nas Epístolas de Pedro

A única referência para a Ascensão está em 1Pe 3:22, onde a exaltação de Cristo depois dos sofrimentos dele busca adiante fixa como o padrão e garantia de glorificação Cristã resistência de perseguição.

VI. Nos Escritos de João

1. Epístolas

Nada é registrado da Ascensão atual, mas 1Jo 2:1 dizem que “nós temos um Defensor com o Pai.” A palavra “o Defensor” é igual a “o Consolador” em Jo 14:16 onde é usado para o Espírito Santo. Cristo é o Consolador “em relação ao Pai,” e o Espírito Santo é o Consolador que mora na alma.

2. Apocalipse

Todas as referências no Apocalipse ou ensinam ou insinuam o Cristo vivo que está no céu, como ativo na igreja dele e como vindo novamente (Ap 1:7, 13; Ap 5:5-13; Ap 6:9-17; Ap 14:1-5).

VII. Resumo de Ensino de Novo Testamento

1. O Fato

O Novo Testamento chama atenção ao fato da Ascensão e o fato da Posição à mão direita de Deus. Três palavras são usadas no grego com relação à Ascensão: *anaba nein* (ascendere), “subir”; *analambanesthai* (adsumi), “ser levado para cima”; *poreuesthai* “ir.” A Posição está conectada com Sl 110:1-7, e estes achados de passagem do Velho Testamento referência freqüente ou insinuação em todas as partes do Novo Testamento. Mas especialmente é usado em Ele com relação ao sacerdócio de Cristo, e com a posição dele de autoridade e honra à mão direita de Deus (Swete, O Cristo Ascendido, 10-15). Mas o Novo Testamento enfatiza o fato da exaltação de Cristo em lugar de o modo, o ser posterior bastante secundário. Ainda a aceitação do fato deve ser notada cuidadosamente, para isto é impossível questionar que esta é a convicção de todos os escritores do Novo Testamento. Eles fundam o ensino deles no fato e não descansam nenhum conteúdo com os aspectos morais ou teológicos da Ascensão aparte da realidade histórica. A Ascensão é considerada como o ponto de contato entre o Cristo dos evangelhos e das epístolas. É dito que o presente do Espírito tem vindo do Cristo ascendido. A Ascensão busca o ponto culminante da glorificação de Cristo a Ressurreição dele, e é considerado necessário para a exaltação divina dele. A Ascensão provou e exigiu pela Ressurreição, entretanto havia nenhuma necessidade para orar isto como parte da mensagem de evangelística. Como o nascimento de Virgem, a Ascensão envolve doutrina para cristãos em lugar de os novos cristãos. É a culminação da Encarnação, a recompensa do trabalho remissório de Cristo, e a entrada em uma esfera mais larga de trabalho na condição glorificada dele, como o Deus e Cabeça da igreja dele (Jo 7:39; Jo 16:7).

2. A Mensagem

Nós podemos resumir o que o Novo Testamento nos conta a vida de presente de nosso Deus no céu observando o que é registrado nas várias passagens do Novo Testamento cuidadosamente. Ele ascendeu ao céu (Mc 16:19; Lc 24:51; At 1:9); Ele está à direita sentado mão de Deus (Cl 3:1; Hb 1:3; Hb 8:1; Hb 10:12); Ele deu o presente do Espírito Santo no Dia de Pentecostes (At 4:9, 33); Ele acrescentou os discípulos à igreja (At 2:47); Ele trabalhou com os discípulos como eles foram orar o evangelho adiante (Mc 16:20); Ele curou o homem impotente (At 3:16); Ele se levantou receber o primeiro mártir (At 7:56); Ele se pareceu a Saulo de Tarso (At 9:5); ele faz intercessão para as pessoas dele (Rm 8:26; Hb 7:25); Ele é capaz a succorrer os tentaram (Hb 2:18); Ele pode simpatizar (Hb 4:15); Ele pode economizar o maior (Hb 7:25); Ele sempre vive (Hb 7:24; Ap 1:18); Ele é nosso Grande Sumo Sacerdote (Hb 7:26; Hb 8:1; Hb 10:21); Ele possui um intransmissível ou sacerdócio inviolável (Hb 7:24); Ele se aparece na presença de Deus para nós (Hb 9:24); Ele é nosso Defensor com o pai (1Jo 2:1); Ele está esperando até toda a oposição a Ele seja superado (Hb 10:13). Isto inclui todos os ensinamentos do Novo Testamento que interessa a vida de presente de nosso Deus no céu.

VIII. Problemas

Normalmente há duas perguntas associadas com a Ascensão que precisa de nossa atenção.

1. relação para as Leis da Natureza

Não há nenhuma maior dificuldade com relação à Ascensão que com a Ressurreição, ou a Encarnação. Do corpo de ressurreição de nosso Deus nós não sabemos nada. Tudo que nós podemos dizer são que era diferente do corpo se deitado na tumba e ainda essencialmente o mesmo; o mesmo e ainda essencialmente diferente. A Ascensão era o fim natural da vida terrestre de Nosso Deus, e como tal, é inseparável da Ressurreição. Então, tudo que pode ser dito da Ressurreição com respeito às leis de natureza aplica igualmente à Ascensão.

2. localização do Mundo Espiritual

O registro em Atos às vezes é contestado para porque parece insinuar a localização do céu sobre a terra. Mas esta tomada não é a narrativa dentro muito absolutamente sentido literal um senso? Céu é imediatamente um lugar e um estado, e como personalidade necessariamente insinua localidade, algum lugar para o Divino de nosso Deus, contudo a pessoa humana é essencial. Falar do céu como “sobre” só pode ser simbólico, mas as idéias de fato e localidade devem ser aderidas cuidadosamente para. E ainda não é meramente local, e “nós temos que pensar menos de uma transição de uma localidade que de uma transição de uma condição para outro.... o real significado da ascensão é que... nosso Deus retirou de um mundo de limitações” para aquela existência mais alta onde Deus é (Milligan, Ascensão e Sacerdócio Divino, 26). Não importa que nossa concepção hoje do universo físico é diferente disso de tempos do Novo Testamento. Nós ainda falamos da colocação de sol e subindo, entretanto estritamente estes não são verdades. Os detalhes da Ascensão são realmente sem importância. O Cristo desapareceu da visão, e nenhuma pergunta precisa seja elevado qualquer um de distância ou direção. Nós aceitamos o fato sem qualquer explicação científica. Era uma mudança de condições e modo de existência; o fato essencial é que Ele partiu e desapareceu. Até mesmo quem admite que “a ascensão de Jesus segue de todos os fatos da carreira dele” (citou, Milligan, 13), e Weiss está igualmente claro que a Ascensão é tão certa quanto a Ressurreição, e está de pé e fracassa therewith (Milligan, 14).

IX. Sua Relação para o próprio Cristo

A Ascensão era a exaltação e glória de Jesus Cristo depois que o trabalho dele fosse realizado (Fp 2:9). Ele teve uma glória de: **(1)** como o Filho de Deus antes da Encarnação (Jo 17:5); **(2)** como Deus manifesto na carne (Jo 1:14); **(3)** como o Filho exaltado de Deus depois da Ressurreição e Ascensão (Lc 24:26; 1Pe 1:21). A Ascensão significou muito ao próprio Cristo, e nenhum estudo de assunto tem

que negligenciar este aspecto de ensino do Novo Testamento. A exaltação dele à direita da mão significou (1) A prova de vitória (Ef 4:8); (2) A posição de honra (Sl 110:1); (3) O lugar de poder (At 2:33); (4) O lugar de felicidade (Sl 26:11); (5) O lugar de resto ("sentado"); (6) O lugar de estadia ("para sempre").

X. Seu Ensino para cristãos

A importância da Ascensão para cristãos principalmente no fato que era mentira a introdução à vida de presente de nosso Deus em céu que significa tanto na vida do crente. O valor espiritual da Ascensão mente, não na distância física de Cristo, mas na proximidade espiritual dele. Ele é gráti de limitações terrestres, e a vida dele sobre é a promessa e garantia nosso. "Porque eu vivo que e também viverão."

1. Realizou Redenção

São consideradas a Ascensão e Posição como o ponto culminante do trabalho remissório de Cristo (Hb 8:1), e ao mesmo tempo a demonstração da suficiência da retidão dele no lado do homem. Para humanidade pecadora alcançar o céu duas características essenciais eram necessárias: (a) A remoção do pecado (negativo); e (b) A presença da retidão (positivo). A Ressurreição demonstrou a suficiência da compensação para o anterior, e a Ascensão demonstrou a suficiência de retidão para o posterior. O Espírito de Deus era convercer o mundo de "retidão" "porque eu vou para o Pai" (Jo 16:10). Em acordo com isto nós achamos isso na Epístola para o Ele toda referência para o compensação de nosso Deus está no passado, enquanto insinuando perfeição e perfeição, "uma vez para tudo."

2. Alto Sacerdócio

Esta é a mensagem estranha e especial dEle. Sacerdócio acha suas características essenciais na representação do homem para Deus, envolvendo acesso na Divina presença (Hb 5:1). Significa desenho próximo e morando perto de Deus. Aarão é usado como típico do trabalho nEle, e Melquizedeque como típico da pessoa do sacerdote; e principalmente os dois atos enfatizaram é o oferecimento na morte e a entrada no céu. Cristo é sacerdote e a vítima sacerdotal. Ele ofereceu propiciação e então entrou em céu, não "com," mas "por" o próprio sangue dele (Hb 9:12), e como Sumo Sacerdote, imediatamente humano e Divine, Ele pode simpatizar (Hb 4:15); capaz a socorrer (Hb 2:18); e capaz salvar (Hb 7:25). Veja o CRISTO COMO SACERDOTE.

3. Domínio

A Ascensão constituiu Cristo como Cabeça da igreja (Ef 1:22; Ef 4:10, 15; Cl 2:19). Este fato ensina que Ele é o Deus e Vida da igreja. Ele nunca é falado de como Rei em relação ao Corpo dele, a Igreja, só como Cabeça e Deus. O fato que Ele está à mão direita de Deus que sugere na declaração simbólica que Ele não é contudo corretamente o Rei no próprio trono dele, como Ele será daqui por diante como "o Rei dos judeus," e "o Rei dos Reis."

4. Intercessão

Em várias passagens do Novo Testamento isto é considerado como o ponto de coroamento do trabalho de nosso Deus no céu (Rm 8:33, 34). Ele é o Mediador perfeito entre Deus e homem (1Tm 2:5; Hb 8:6); nosso Defensor com o Pai (1Jo 2:1). A mesma presença dele à mão direita de Deus se declara em nome das pessoas dele. Não há nenhuma apresentação, ou representação, ou alegar, de Ele, para a intercessão dele nunca é associado com qualquer tal relação para o sacrifício de Calvário. Nem está lá qualquer sugestão no Novo Testamento de uma relação entre a Eucaristia e a vida dele e trabalha no céu. Esta visão popularizada pelo recente Dr. William Milligan (A Ascensão, etc., 266), e endossou de outros pontos de vista em certos aspectos de ensino anglicano (Swete, O Cristo Ascendido, 46), não acha apoio no Novo Testamento. Como diz Westcott, "A concepção moderna de Cristo, se declarando no céu a paixão dele, 'oferecendo o sangue dele', em nome de homem, não tem nenhuma fundação nesta epístola" (os hebreu, 230). E Hort semelhantemente observações, "As palavras, 'Ainda... a morte prevaiente dele Ele alega' não tenha nenhuma autorização apostólica, e possa nem mesmo seja reconciliado com doutrina apostólica" (Vida e Cartas, II, 213). o intercessão de nosso Deus é Ele diz como em o que Ele é. Ele se declara pela presença dele no trono do Pai dele, e ele pode economizar o maior pela intercessão dele, por causa da vida perpétua dele e o inviolável dele, sacerdócio de intransmissibilidade (Hb 7:24, 25).

5. O Presente do Espírito

Há uma conexão íntima e essencial entre a Ascensão de Cristo e a descida do Espírito Santo. O Espírito Santo foi dado a Cristo como o reconhecimento e recompensa do trabalho dele feito, e tendo recebido isto "Promete do Pai" Ele O deu nas pessoas dele (At 2:33). Por meio do Espírito o trabalho dobro é terminado, de pecadores convincentes (Jo 16:9), e de crentes edificantes (Jo 14:12; também veja Jo 14:25, Jo 14:26; Jo 16:14, Jo 16:15).

6. Presença

Está com relação à Ascensão e a vida de nosso Deus no céu que nós entendemos a força de tal uma passagem como "Lo, eu sempre estou com você" (Mt 8:20). "Ele já liveth" é a inspiração suprema do Cristão individual e da igreja inteira. Tudo pelo Novo Testamento do tempo da Ascensão para a frente, a uma garantia está aquele Cristo está vivendo; e na vida dele vivemos nós, celebre companheirismo com Deus, receba graça por viver diariamente e alegre em vitória em cima de pecado, tristeza e morte.

7. Expectativa

A vida de nosso Deus em olhares adiante do céu para uma consumação. Ele é "daí por diante esperando, até que os seus inimigos sejam postos por escabelo de seus pés" (Hb 10:13 a KJV). Ele é descrito como nosso Precursor (Hb 6:18), e a presença dele sobre é a garantia que as pessoas dele compartilharão a vida dele daqui por diante. Mas a Ascensão dele também é novamente associada com a vinda dele (Fp 3:20, 21; 1Ts 4:16; Hb 9:28). A esta vinda haverá a ressurreição de santos mortos, e a transformação dos vivos (1Ts 4:16, 17), seguindo pelo Divino tribunal com Cristo como Juiz (Rm 2:16; 2Tm 4:1, 8). Às próprias pessoas dele esta vinda trará alegria, satisfação e glória (At 3:21; Rm 8:19); para os inimigos dele derrote e condenação (1Co 15:25; Hb 2:8; Hb 10:13).

Revisando todo o pedagógico da vida de presente de nosso Deus no céu, se aparecendo, em nosso lado, intercedendo pela presença dele, dando o Espírito Santo, enquanto governando e guiando a igreja, simpatizando, enquanto ajudando e salvando as pessoas dele, nós somos chamados em para "erga nossos corações," para isto está em ocupação com o viver que nós achamos o segredo de paz, a garantia de acesso, e a fiança de nossa relação permanente para Deus. Realmente, nós somos ensinados claramente nEle que está em companheirismo com a vida presente de Cristo no céu que os cristãos percebem a diferença entre imaturidade espiritual e maturidade (Hb 6:1; Hb 10:1), e é o propósito desta epístola para enfatizar esta verdade acima de tudo outros. Cristianismo é "a religião de acesso livre para Deus," e em proporção como percebemos nós, em união com Cristo no céu, este privilégio de puxar próximo e manter próximo, nós acharemos na atitude de "erga para cima seus corações" as características essenciais de uma vida Cristã forte, vigorosa, crescente, jovial.

Literatura

Milligan, Ascensão e Sacerdócio Divino de nosso Deus; Swete, Os Aparecimentos dos Subidos Deus; O Cristo Ascendido; Lacey, O Cristo Histórico; Vidas de Cristo, por Neander, B. Weiss, Edersheim, Farrar, Geikie, Gilbert; Fairbairn, Estuda na Vida de Cristo;

Knowing, Testemunha das Epístolas.; Bernard em O Expositor T, 1900-1901, 152-55.; Bruce em O Expositor. Teste de grego, eu.; Swete, o Credo de Apóstolos.; Westcott, Fê Histórica, vi de capítulo.; Revelação dos Subidos Deus, capítulos x, xi.; Epesians para hebreu; artigo “Ascensão” em Hastings, Dicionário da Bíblia (cinco volumes); Paget, Estuda no Caráter Cristão, xxi de sermões, xxii.; Findlay, Coisas Sobre; artigo. “O padre” em Hastings, Dicionário da Bíblia (cinco volumes) (em Testamento Novo), “os hebreu”; Davidson, hebreu, nota especial em “Sacerdócio de Cristo”; Dimock, Nosso Um Padre em Alto; A Doutrina Cristã de Sacerdotium; Perowne, Nosso Padre Alto em Cêu.; Rotherham, Estuda em Ele; Soames, O Sacerdócio da Convenção Nova.; Hubert Brooke, O Grande Padre Alto.; H. W. Williams, O Sacerdócio de Cristo.; J. S. Candlish, A Salvação Cristã (1899), 6; G. Milligan, O Theol. de Ep. para Heb (1899), 111; R. C. Moberly, Sacerdócio Ministerial (1897); A. S. Peake, “os hebreu” em Bíblia de Século; Beyschlag, Testamento Novo Theol., II, 315.; artigo “Ascensão” em Hastings, Dicionário de Cristo e os Evangelhos; artigo “Suposição e Ascensão” em HDRE; artigo “Ascensão” em JE; Charles, O Livro de Enoch.; Os Segredos de Slavonic de En; O Livro de Jub; O Apocalipse de Barra; A Ascensão Isaiah.; Suposição de Moisés; M. R. James, “Testamento de Abraham” TS, II, 2, 1892.; Martensen, Dogmatics Cristão.

Ascensão

a-sent´:

- (1) a retribuição na KJV duas vezes, a Versão Revisada (britânico e americano) 14 vezes corretamente, de *ma'aleh* hebreu, “ascensão,” “passagem,” como um termo geográfico (a KJV Nm 34:4; 2Sm 15:30; a Versão Revisada (britânico e americano) Js 10:10; Jz 8:13, etc.).
- (2) a retribuição na KJV e a Versão Revisada (britânico e americano) de *olah* em 1Rs 10:5, “a ascensão dele pelo qual ele subiu até a casa de Yahweh”; mas *olah* em todos lugares outro meios “queimar-oferecendo,” e todas as versões antigas apóiam a Versão Revisada, margem, “o queimar-oferecimento dele que ele ofereceu” (causou para subir), etc.
- (3) em 2Cr 9:4 (paralelo 1Rs 10:5) uma correção textual muito leve (apoiada pela Septuaginta) nos dá as mesmas palavras como em 1 Reis em vez do difícil *ahyah*, “câmara superior,” não “ascensão” como a KJV e a Versão Revisada (britânico e americano) faça em outro lugar contra todo o uso.
- (4) na Versão Revisada (britânico e americano) Ez 40:31, Ez 40:34, Ez 40:37; Ne 12:37, de um vôo de passos, degraus.
- (5) na Versão Revisada (britânico e americano) (hebreu *ahyah*), Ne 3:31, 32, margem “câmara superior” será preferido a texto “ascensão.”

Issijá/ Aseas

a-se´as (, *Asatas* = Issijá (Ed 10:31)) Um filho de Annas que guardou “a esposa estranha” (**LA** 1 Esdras 9:32).

Asebebias

a-seb-e-bi´as, a-seb-e-bi´a (, *Asebebias*; como; na KJV Asebebia): Asebebias os filhos dele e irmãos voltaram com Esdras para executar as funções de sacerdócio em Jerusalém (**LA** 1 Esdras 8:47). Compare Serebias (Ed 8:18).

Asebias

as-e-bi´as, as-e-bi´a (, *Asebias*; como; na KJV Asebia): Asebias voltou com Esdras para executar a função de um sacerdote em Jerusalém (**LA** 1 Esdras 8:48). Compare Hasabias (Ed 8:19).

Asenate

as´e-nath (, *Aseneth*): A esposa de José, filha de Potífera, a mãe de Manasses e Efraim (Gn 41:45, 50; Gn 46:20). Ela era evidentemente uma mulher egípcia e agüentou um nome egípcio. , apontou pelo Massoretas como , *as´nath*, parece na Septuaginta como *aseneth* ou *asenneth* . As últimas duas consoantes parecem representar o nome da deusa egípcia Neith. A primeira parte do nome representará qualquer **ns** então = “pertencendo” (assim Brugsch e geralmente), ou **us-n** (nota os dobraram “n” na transcrição da Septuaginta) = “ela pertence” (assim Spiegelberg). É possível que estas quatro cartas representem o nome egípcio **Sn-t** (assim Lieblein e outros), entretanto o deve ser explicado então como 'prostheticum de *'aleph* e o taw () seria menos regular que um ele () representar o feminino egípcio **t**.

Aser

a´ser (, *Aser*): na KJV: Forma grega de Aser (assim a Versão Revisada (britânico e americano)) (Lc 2:36; Ap 7:6).

Cinza (1)

cinza (, *oren*; a Versão Revisada (britânico e americano) ABETO SOBE EM ÁRVORE; a Versão Revisada, Cinza de margem): fabricante de ídolos “Um homem corta para si cedros, ou toma um cipreste, ou um carvalho; assim escolhe dentre as árvores do bosque; planta uma faia, e a chuva a faz crescer.

” (Is 44:14). Isto uma sugestão tão velho quanto o Luther é que a carta final , “n”, era originalmente um , “z”, e que a palavra deveria ser *erez*, “cedro”; a objeção principal é aquele cedro acontece logo antes no mesmo verso. A palavra *oren* parece ser conectado com o *irin* assírio, enquanto significando abeto ou cedro ou árvore aliada. “Abeto” tem apoio da Septuaginta e dos rabinos. Poste (HDB) sugere como provável a pedra anseie, *pineae de Pinus* que foi plantado redondo Beirût extensivamente e ao contrário a maioria plantou adornos de árvores sem molhar artificial.

A tradução “cinza” provavelmente foi sugerido pela semelhança fantástica do hebreu *oren* e o *ornus* latino, a cinza de maná de Europa. Três variedades de adorno de cinza na Síria, *ornus* de Fraxinus, excelsior de F. e oxycarpa de F.. Os últimos mencionaram que é comum em partes de Norte a Palestina sendo uma árvore grande uns 30 a 40 pés alto, poderia vestir o contexto esteja lá qualquer coisa filológico apoiar a idéia.

Cinza (2)

(Agüente). Veja ASTRONOMIA.

Envergonhado

a-shamd': Quase exclusivamente moral em significação; confusão ou descompostura por consciência de culpa ou de sua exposição. Também incluindo freqüentemente um senso de terror ou temor por causa da desgraça conectada com o desempenho de alguma ação. Capacidade para vergonha indica aquele senso moral (consciência) não está extinto. “Envergonhado” acontece 96 entre 118 vezes no Velho Testamento. Hebraico *bosh*, “sentir vergonha” (no latim, pudere), com derivado acontece 80 vezes; *kalam* “envergonhar,” inclusive o pensamento de “desgraça,” “repreensão”; *hapher*, “se ruborizar”: conseqüentemente vergonha por causa de planos frustrados (uniformemente na Versão Revisada (britânico e americano) “maldito”); grego *aischunomai*, “com vergonha,” passivo só e suas combinações. Usos: (1) alguns vezes, de embaraço atual, a partir de Hazael antes do olhar firme de Eliseu (2Rs 8:11; também veja 2Sm 10:5; 2Rs 2:17; Ed 8:22). (2) Inocência não capaz de vergonha: “ambos nu... e... não envergonhado” (Gn 2:25; veja VERGONHA); os resgataram nenhuma ocasião para (Sl 34:5 a KJV; 1Jo 2:28); Cristo não de “os irmãos” (Hb 2:11); nem o Cristão do evangelho (Rm 1:16); nem Deus de homens de fé (Hb 11:16); nem eles que confiam em Deus (Is 50:7; Is 54:4; Jl 2:26). (3) Senso de culpa: “Eu estou envergonhado... para nossas iniquidades” (Ed 9:6); (Ez 16:27, 61); designou o pesar de idólatras a inutilidade de ídolos (Is 1:29; Is 44:9, 11; Is 45:16; Jr 2:26); para inimigos (Sl 6:10); para mau (Sl 31:17); para tudo que abandonam Deus (Jr 17:13); para esses que confiam em ajuda de humanos, como o Israel de Egito e Assíria, e Moabe de Quemos (Jr 2:36; Jr 48:13); para uma mãe de crianças más (Jr 50:12). (4) Arrependimento causa vergonha por pecado (Jr 31:19; Rm 6:21). (5) Calamidades também, e julgamentos (Jr 14:3, 4; Jr 15:9; Jr 20:11). (6) pode ser perda Capacidade para vergonha por pecado contínuo (Jr 6:15; Jr 8:12; compare Jr 3:3), passagens excepcionalmente notáveis no poder enfraquecendo de imoralidade, sugestivo de 1Tm 4:2; Tt 1:15. (7) A graça de Cristo entrega da vergonha de timidez moral (Rm 1:16; 2 Tm 18, 12, 16.; 1Pe 4:16). (8) À segunda vinda de Cristo vão os seguidores dele “não esteja envergonhado antes dele” (1Jo 2:28); ao julgamento final Ele estará envergonhado de tudo que estiveram envergonhado de Ele (Mc 8:38; Lc 9:26; compare Mt 10:33; Hb 11:16). (9) A palavra se empresta a uso poético rico, por exemplo Líbano, com folhagem enfraquecida e cadente, “está envergonhado” (a Versão Revisada (britânico e americano) “maldito”) às desolações da terra debaixo de Sennacherib (Is 33:9); tão grande é a glória de Deus na Jerusalém nova que “o sol (é) envergonhado” na presença dele (Is 24:23), explicando a figura gloriosa em Ap 21:23; Ap 22:5. (As referências neste artigo são da KJV; a Versão Revisada (britânico e americano) freqüentemente substitui 'envergonhado' por 'ponha para envergonhar.') Veja VERGONHA.

Asã

a'shan (, *'ashan*): Um local desconhecido no domínio de Judá (Js 15:42), possuído por Simeão (Js 19:7), e mencionada entre as cidades dos sacerdotes em 1Cr 6:59. (44) = Js 21:16 (, *'ayin* uma corrupção é de , *'ashan*). Chorashan (ou Borashan) que provavelmente era o local de algum reservatório na parte Sudoeste de Judá (1Sm 30:30), está igual a Ashan.

Asarela

ash-a-re'la (, *'asar'elah*): Um do Asafitas designado por Davi ao serviço do templo (1Cr 25:2); em 1Cr 25:14 ele é chamado Jesarela. O elemento posterior em ambas as formas pode ser ('e'l) “Deus,” mas o significado da parte anterior na primeira forma é duvidoso. Thes. compara , *'asar*, “ligar,” “quem Deus ligou (por um voto).”

Asbea

ash'be-a, ash-be'a (, *'ashbe'*): “A casa de Asbea,” uma família de linho-trabalhadores mencionou em 1Cr 4:21. Nós poderíamos fazer ash'be-a, ash-be'a (, *'ashbe'*): como o habitação-lugar deles/delas; nada é conhecido de tal um lugar nem é esta casa de tecedores se referida para em qualquer outro lugar.

Asbel; Asbelita

ash'bel, ash'bel-it (, *'ashbel*): O gentilico nomeiam “Asbelita” é achado em Nm 26:38, segundo filho de Benjamim (Gn 46:21). Em 1Cr 7:6-11 (6) “Jediael” (“conhecido a Deus”) é substituído pelo soar pagão “Asbel” (“Is-baal,” “o homem de Baal”). O cronista, neste caso, conforma literalmente ao princípio colocado em Os 2:17; o título “Baal” (“o senhor”) era aplicado em dias cedo (por exemplo nos dias de Saul) para o Deus nacional de Israel, mas em dias posteriores os profetas contestaram a isto porque foi aplicado livremente a deuses pagãos (compare IS -BOSETE). Em 1Cr 8:1 os três nomeiam Bela, Asbel, Aará (= Airão) é levado de Nm 26:38, porém, sem mudança.

Asdode

ash'dod (, *'ashdodh*; , *Azotos*; moderna *Esduf*): Um das cinco cidades principais dos Filisteus. O nome significa lugar seguro ou fortaleza, e sua força pode ser deduzida pelo fato que Psammetik I, do Egito, sitiou-a por muitos anos (Herodotus diz 29). Alguns dos Anaquins foram achados lá pelos dias de Josué (Js 11:22), e os habitantes eram muito fortes para os Israelitas naquele momento. Estava entre as cidades nomeadas a Judá, mas não estava ocupado por ela (Js 13:3; Js 15:46, 47). Ainda era independente pelos dias de Samuel, quando, à derrota dos Israelitas, a arca foi puxada para a casa de Dagon em Asdode (1Sm 5:1, 1Sm 5:2). Não temos nenhuma conta de seu ser até mesmo ocupado por Davi, embora ele derrotou os Filisteus muitas vezes, e não temos nenhum conhecimento definido de sua vinda nas mãos de Judá até o tempo de Uzias (2Cr 26:6). Asdode, como as outras cidades Filistéias, veio

debaixo da autoridade dos monarcas assírios, e nós temos menção disto nos registros deles. Se revoltou contra Sargon em 711 a.C, e depôs o governador assírio, Akhimiti que tinha sido designado por ele em 720. Sargon despachou uma força imediatamente para subjugar os rebeldes e a cidade foi castigada severamente. Isto é referido por Isaías (Is 20:1). Amós tinha profetizado tal uma calamidade alguns anos antes (Am 1:8), e Jeremias se refere “a sobra de Asdode” como se tinha continuado fraco até o dia dele (Jr 25:20). Sofonias (Sf 2:4) recorre à desolação de Asdode e Zacarias a sua condição degradada (Zc 9:6). Continuou sendo habitada, porém, porque nós achamos os judeus casaram dentro da família com eles depois do retorno da Babilônia (Ne 13:23, 24). No período dos Macabeus nos é falado que Judas e Jonatas levaram isto e purificaram isto de idolatria (**LA** 1 Mac 5:68; 10:84). Nestas passagens é chamado Azotus, como também está no Novo Testamento (At 8:40). No 4º século d.C, se tornou o assento de um bispado. Tinha sido restabelecido pelo tempo de Herodes, pelo Gabinius geral romano, e tinha sido apresentado a Salomé, a irmã de Herodes, pelo imperador Augustu. É agora aproximadamente uma aldeia pequena 29 Km Nordeste de Gaza.

Asdoditas

ash´dod-its, ash´doth-its: os Habitantes de ASDODE (o qual vê) (Js 13:3; na KJV Asdotitas, Ne 4:7).

Asdote Pisga

ash´doth piz´ga (, *'ashdoh ha-pisgah*): Assim a KJV para a Versão Revisada (britânico e americano) “Os declives (a Versão Revisada, fontes de margem) de Pisga.” As esporas e desfiladeiros, ou o “ombros” de Pisga é significado. *'Ashedah* é “um despejando,” e *'ashedoth* são os declives de uma montanha da qual fontes esguicham adiante. Em Js 10:40; Js 12:8 *'Ashedoth*, traduziu “fontes” na KJV, é “declives” na Versão Revisada (britânico e americano) (Dt 3:17; Js 12:3; Js 13:20). Veja PISGA.

Aser (1)

ash´er (, *'asher*, , *Aser*).

1. Texto bíblico

De acordo com o texto Bíblico Aser era o oitavo dos filhos de Jacó, o segundo gerado a ele por Zilpa a criada de Léia. O irmão uterino dele era Gade (Gn 35:26). Com quatro filhos e uma filha ele desceu no Egito (Gn 46:17). Ao nascimento dele exclamou Léia, “Feliz é eu! para as filhas me chamará feliz: e ela chamou o nome dele Aser,” i.e, Feliz (Gn 30:13). Iste pressagio de boa fortuna por ele está repetido na bênção de Jacó: “O pão dele será gordo, e ele renderá delicias reais” (Gn 49:20); e novamente de Moisés: “Santificado seja Aser com crianças; o deixe ser aceitável até os irmãos dele, e o deixe imergir o pé dele em óleo” (Dt 33:24). A família dele prosperou no Egito, e no Êxodo a tribo de Aser é numerada em 41.500 homens adultos (Nm 1:41). Ao segundo censo o número é determinado 53.400 (Nm 26:47). O lugar de Aser na marcha do deserto estava com o padrão do acampamento de Dã, no norte do tabernáculo, junto com Dã e Naftali.; o príncipe da tribo que é Pagiel o filho de Ocrã (Nm 2:27). Entre os espíões Aser foi representado por Setur (Nm 13:13). A tribo parece não ter levado nenhuma parte importante na história subsequente. Não criou nenhum herói, e não deu nenhum entregador à nação. No tempo de Davi era de tão pequena consequência que o nome não é achado na lista de regras principais (1Cr 27:16). A terra fértil nomeada a Aser se inclinou ao litoral fenício, e o trouxe em toque com os fenícios que já eram muito famoso em comércio. Ele se tornou um sócio provavelmente logo nos empreendimentos lucrativos deles, e perdido qualquer desejo ele alguma vez pode ter tido que os lançar das cidades deles (Jz 1:31). Ele não se preocupou que regeu em cima dele se ele fosse grátis para procurar os fins de comércio. Zebulom pós as vidas deles até a morte, e Naftali nos lugares altos do campo, quebrar o poder do opressor estrangeiro, mas Aser “ainda sentou no porto do mar, e domicílio pelos riachos dele” (Jz 5:17). Ele era provavelmente logo largamente absorvido pelas pessoas com de quem interesses o dele foi identificado assim de perto: não obstante “os mergulhadores de Aser,” moveu pela atração de Ezequias, “se humilhou, e veio a Jerus” (2Cr 30:11 a KJV). A esta tribo pertenceu a profetisa Ana (Lc 2:36).

2. Teoria moderna

De acordo com uma teoria moderna, a menção da menina da escrava Zilpa como a mãe de Aser é querido dizer indicar que a tribo era de sangue misturado, e surgiu pelo entrosar de Israelitas com os Canaanitas. É sugerido que o nome possa ter sido levado disso do clã dos Canaanitas achado dentro *Tell el-Amarna Letters*, *Man abd-Ashirti*, “os filhos do criado de Asera.” Um nome semelhante acontece nas inscrições do egípcio Seti I (14º século a.C) *'Aseru*, um estado na Galiléia ocidental (W. Max Müller, *As. und Eur.*, 236-39). Isto as pessoas que é pensado podem ter se associado com os invasores do deserto. Mas enquanto as especulações forem interessantes, é impossível estabelecer qualquer relação entre estas tribos antigas e Aser.

3. Território de Aser

Os limites do território são determinados em detalhe considerável em Js 19:25 (compare Jz 1:31 f; Js 17:10 f). Pode ser identificados só alguns dos lugares nomeados com certeza. Dor, a moderna *Tan-turah*, embora ocupou por Manasses pertenceu a Aser. *Wady ez-Zerqa*, possivelmente idêntico com Shihor-libnath que entra no mar para o Sul de Dor formaria o limite sulista. O lote de Aser formou uma faixa de terra em direção ao norte de 12 para 16 Km de largo ao longo da costa para o bairro de Sidom, Issacar comovedor, Zebulom e Naftali no Aser Oriental parece ter tomado posse do território por um processo de penetração calma, não através de conquista, e como vimos nós, ele nunca dirigiu fora os fenícios das cidades deles. A planície rica de Acre, e as ordens férteis entre a montanha e o mar perto de Tiro e Sidom permaneceram então em mãos fenícias. Mas os vales demolindo para o oeste e abrindo nas planícies sempre renderam colheitas boas de grão. Restos de um carvalho antigo ainda arborizam se levante ao Norte de Carmelo. A videira, o figo, o limão e o adorno laranja. Oliveiras abundam, e os materiais de azeite de oliva que para este dia é exportado da revocação de distrito a palavra da bênção antiga, “o Deixe imergir o pé dele em óleo.”

Aser (2)

ash´er (, *'asher*):

(1) veja artigo anterior.

(2) uma cidade na borda sulista de Manasses (Js 17:7). O local é desconhecido.

(3) um lugar deste nome é mencionado na Apocrypha (**LA** Tobias 1:2), identificada como Hazor, em Naftali. Veja HAZOR.

Asera

ash-é'ra, ash-er-im (, *'asherah* , *alsos*, traduziu mal “arvoredo” na KJV, depois do Septuaginta e Vulgata):

1. referências para a Deusa
2. Origem assíria da Deusa
3. O Símbolo dela
4. Os Atributos da Deusa

Era o nome de uma deusa cuja adoração foi esparramada amplamente ao longo da Síria e Canaã; Asherim plural.

1. referências para a Deusa

A “imagem” é mencionado no Velho Testamento (1Rs 15:13; 2Rs 21:7; 2Cr 15:16), como também dela “os profetas” (1Rs 18:19) e os recipientes usados no serviço dela (2Rs 23:4). Na Assíria o nome aparece debaixo das duas formas de Asratu e Asirtu; era a Asratu que um monumento achou perto de Diarbekir era dedicado em nome de Khammu-rabi (Amrafel) “o rei dos Amorreus,” e o rei de Amorreu de quem nós ouvimos tanto dentro *Tell el-Amarna Letters* o nome indiferentemente de EbedAsrati e Ebed-Asirti.

2. Origem assíria da Deusa

Como tanto outro na religião dos Canaanitas, o nome e adoração de Asera foi pedido emprestado da Assíria. Ela era a esposa do deus da guerra Asir de cujo nome foi identificado com isso da cidade. Assur com o resultado que ele se tornou o deus nacional da Assíria. Desde que Asirtu somente era a forma feminina de Asir, “o superintendente” ou “o líder,” é provável que seja originalmente um epíteto de Ishtar (Astorete) de Ninive. No Oeste, porém, Asera e Astorete entraram ser distinguidos de um ao outro, Asera que é exclusivamente a deusa da fertilidade, considerando que Astorete passou em uma deusa lua.

3. O Símbolo dela

Em *asirtu* assírio que também aparece debaixo do *asratu*, *esreti* de formas (plural) e *asru*, teve o significado adicional de “santuário.”

Originalmente Asirtu, a esposa de Asir, e *asirtu*, “santuário,” pareça não ter tido nenhuma conexão com um ao outro, mas a identidade na pronúncia das duas palavras os ser identificado em significado causou, e como o tronco da árvore ou cone de pedra que simbolizou Asera foi considerado um *Beth-el* ou “casa da deidade,” em que a deusa era imanente, a palavra que Asirtu, Asera, veio denotar o símbolo da deusa. Para o tronco da árvore foi proporcionado freqüentemente filiais, e assumiu a forma da árvore de vida. Porém, era como um tronco que foi proibido para ser erguido pelo lado de “o altar de Yahweh” (Dt 16:21; veja Jz 6:25, 28, 30; 2Rs 23:6). Adequadamente o símbolo trazido Asera pela mãe dele era “corte abaixo” por Asa (1Rs 15:13). Assim, também, nós ouvimos falar de Aserim ou símbolos da deusa que é fixo para cima nos lugares altos debaixo da sombra de uma árvore verde (Jr 17:2; veja 2Rs 17:10). Manasses introduziu a pessoa no templo em Jerusalém (2Rs 21:3, 7).

4. Os Atributos da Deusa

Asera era a deusa da fertilidade, e assim representou o Ishtar babilônico no caráter dela como deusa do amor e não da guerra. Em um das tábuas cuneiforme achado a Taanach por Dr. Sellin, e escrito por um xeique Canaanita a outro logo ante da invasão Israelita na Palestina, referência é feita “o dedo de Asera” de qual foram derivados oráculos. O “dedo” ou “vara” parece significar o símbolo da deusa; de qualquer modo revelou o futuro por meio de um “sinal e oráculo.” A prática provavelmente é aludida para em Os 4:12. A existência de numerosos símbolos em cada de que era acreditado que a deusa era imanente conduziu à criação de numerosas formas da deusa ela, foram descritos o qual, depois da analogia do Astarote, coletivamente como o Aserim.

Aseritas

ash-er-its (, *ha-'ashen*): Os descendentes de Aser, o oitavo filho de Jacó (Jz 1:32).

Cinzas

ash-iz: Entre os antigos hebreus e outro Orientais, borrifar com ou sentar em cinzas eram uma marca ou símbolo de aflição, humilhação, ou penitência. Cinzas na cabeça eram um dos sinais ordinários de lamentar pelo morto, como quando “Tamar pôs cinzas na cabeça dela... e foi chorar” (2Sm 13:19 a KJV), e de humilhação nacional, como quando foram ajuntadas os filhos de Israel debaixo de Neemias “com jejuar, e com anagem, e terra (cinzas) neles” (Ne 9:1), e quando as pessoas de Ninive se arrependeram em anagem e cinzas ao orar de Jonas (Jn 3:5, 6; compare (LA) 1 Mac 3:47). O aflito ou penitente sentou freqüentemente em cinzas (compare Jó 2:8; Jó 42:6: “Eu me detesto, e se arrepende em pó e cinzas”), ou até mesmo se espojou em cinzas, como Jeremias exortou pecando o Israel para fazer: (Jr 6:26), ou como Ezequiel na lamentação dele para Tiro pinta os marinheiros dela como fazendo, chorando amargamente e lançando para cima pó nas cabeças deles e 'se espojando dentro as cinzas (o lamentando para ela de quem cabeça deles foi erguido para cima e é corrompido por causa da beleza dela), “em amargura de alma com luto amargo” (Ez 27:30, 31).

Porém, estes e vários outros modos de expressar aflição, arrependimento, e humilhação entre os hebreus, como rasgar os artigos de vestuário, que raspam o cabelo e o igual, não era de Divino compromisso, mas simplesmente era as explosões naturais do temperamento oriental comovido, e ainda é habitual entre povos orientais.

Figurativo: O termo “cinzas” usa signifique freqüentemente inutilidade, insignificância ou evanescence (Gn 18:27; Jó 30:19). “Provérbios de cinzas,” por exemplo, em Jó 13:12, é Jó equivalente, diz um escritor, para nosso moderno “apodreça.” Para o uso ritual das cinzas do Novilha Vermelho pelos padres, veja NOVILHA VERMELHO.

Asur

ash-ur (, *ashhur*, na KJV Ashur): O “o pai de Tecoa” (1Cr 2:24; 1Cr 4:5), provavelmente o fundador da aldeia. O significado original do nome é o “o homem de Horus,” Ashurites (, *ha-'ashun*). Este nome acontece na lista dos assuntos de Is-bosete (2Sm 2:9). O Siriaco, árabe, e Vulgata (o latim de Jeronimo Bíblia, 390-405 d.C.) versões leram , *ha-g'shun*, “o Gesuritas,” designando o reino pequeno ao Sul ou Sudeste de Damasco. Esta leitura, entretanto adotada por Ewald, Thenius e Wellhausen, é insustentável, para durante o reinado de Is-bosete Gesur era governado por seu próprio rei Talmai cuja a filha se casou com Davi (2Sm 3:3; 2Sm 13:37). Além disso Gesur era muito longe do resto do território de Is-bosete. Uma leitura mais consistente é , *ha-'ashen*, como determinado no Targum de Jonatas e concordou por Köhler, Klost, Kirkpatrick e Budde, “esses da casa de Aser” (compare Jz 1:32). O termo vai, então, denote o país ao Oeste do Jordão sobre Jezreel.

Asima

a-shi'ma, ash'i-ma (, *'ashma'* , *Asimath*): Uma deidade adorada em Hamate (2Rs 17:30) de quem nada é mais adiante conhecido. Foi sugerido que o nome esteja igual a isso da deusa Simi, a filha do deus supremo Hadade que foi adorado a Membij mas não há nada que apoiar a sugestão.

Asquelom

ask'ke-lon, esh'ka-lon, as'ke-lon (na KJV Eskalon, (Eskalonitas; Js 13:3); Askelon, (Jz 1:18; 1Sm 6:17; 2Sm 1:20); , *'ashk'lon*; moderna *Askelan*): Uma cidade marítima entre Jafa e Gaza, um das cinco cidades principais dos Filisteus. Os Asquelonitas são mencionados por Josué (Js 13:3), e a cidade foi levada pela tribo de Judá (Jz 1:18). Um dos tumores dourados (a KJV “hemerróidas”) mandou de volta com a arca pelos Filisteus era de Asquelom (1Sm 6:17). Davi junta Asquelom com Gate no lamento dele em cima de Saul e Jonatas (2Sm 1:20) indicando sua importância, e é unido com a Gaza, Asdode e Ecom nas profecias de Amos (Am 1:7, Am 1:8). Se refere para de um modo semelhante por Jeremias (Jr 25:20; Jr 47:5, Jr 47:7). Sofonias (Sf 2:4, 7) fala da desolação de Asquelom e Zacarias anuncia o medo de Asquelom na destruição de Tiro (Zc 9:5). A cidade é mencionada dentro do *Tell el-Amarna Letters*, e um certo Yitia é chamado rei. Se revoltou contra Rameses II e era conquistado, e nós temos menção disto como estando debaixo da regra de Assíria. Tiglate-Pileser III nomeia isto entre os tributários dele, e é dito que seu rei, Mitinti, tem perdido a razão dele quando ele ouviu falar da queda de Damasco em 732 a.C. Se revoltou no reinado de Senaqueribe e foi castigado, e permaneceu tributário para a Assíria até a decadência daquele poder. No tempo dos Macabeus nós aprendemos de sua captura por Jonatas (**LA** 1 Mac 10:86; 11:60, a Versão Revisada (britânico e americano) “Ascalon”). Herodes o Grande nasceu lá (BJ, III, ii, 1ff). No 4º século d.C, era o assento de um bispado. Se tornou sujeito aos muçulmanos no 7º século e foi levado pelos Cruzados. Foi levantada em 1187 por Saladino que desmantelou isto em 1191 fazer isto inútil para Richard da Inglaterra em de quem mãos que era esperado que caísse. Richard restabeleceu isto o próximo ano mas foi destruído novamente por Saladino. Era uma fortaleza importante por causa de sua vizinhança para a rota de comércio entre a Síria e Egito.

Asquelonitas

ash'ke-lon-its (Js 13:3): As pessoas de Asquelom que eram os Filisteus.

Asquenaz

ash'ke-naz (, *'ashk'naz*): O nome acontece em Gn 10:3; 1 Cr 16, na lista dos filhos de Jafé como um filho de Gomer. Veja MESA DE NAÇÕES. Também acontece em Jr 51:27 (a KJV “Ashchenaz”) com relação aos reinos de Ararate e Minni que sugestionam um local sobre a Armênia.

Asná

ash'na (, *'ashnah*): Dois locais, (**1**) Js 15:33, um local nas planícies de Judá, provavelmente perto de Estaol e Zora. A ruína pequena Aslin entre esses dois lugares pode reter um eco do nome velho; (**2**) Js 15:43 um local desconhecido mais distante sul.

Aspenaz

ash'pe-naz (, *'ashp'naz*): O mestre dos eunucos de Nabucodonozor oficial em de quem mãos era o rei confiou esses dos filhos de Israel, e dos príncipes, e da semente do rei de Judá quem ele tinha levado cativo para a Babilônia, que eles poderiam ser ensinados a aprendizagem e língua do Caldeus para servir no palácio do rei. Ele só é mencionado através de nome em Dn 1:3. Era suposto que o nome era Persa; mas parece mais provável agora que seja babilônico. Nós sugestionaríamos Ashipu-Anu-Izzu, “o Aship Anu de Ann é poderoso,” como uma possível forma do original.

Astarote; Asterote-Carnaim; Beestera

ash'ta-roth, as'ta-roth (, *'ashtaroth*; na KJV Astarote; , *Astaroth*, a cidade de Og, o rei de Basã (Dt 14, etc , *'ash'roth k arnayim*, a cena da derrota do Refaim por Quedorlaomer (Gn 14:5): (, *b'esh'rah*) uma cidade Levítica no Leste do Jordão de Manasses (Js 21:27)): O nome provavelmente significa “casa” ou “templo de Astorete.” é idêntico com Astarote de 1Cr 6:71. Astarote o plural de ASTORETE é (o qual vêem). O nome denota um lugar associado com a adoração desta deusa. Asterote-Carnaim só é mencionado uma vez na Bíblia canônica a menos que nós aceitemos a restauração de Gratz, quando Carnaim se aparecer como uma cidade levada pelo Israel: “Nos tenha não levado a nós chifres (*karnayim*) por nossa própria força?” (Am 6:13). é idêntico com Carnion ou Carnaim de (**LA**) 1 e 2 Mac, uma cidade de Gileade com um templo de Atar-gatis. O nome que Astarote foi identificado com *Astertu* nas listas de Tutmes III da 18ª Dinastia egípcia; e com *Ashtarti* do *Tell el-Amarna Letters*. Sua reivindicação para antiguidade é estabelecida então bem.

Até onde o registro Bíblico está preocupado, os nomes à cabeça deste artigo poderiam representar um e a mesma cidade, Astarote que é uma contração de Asterote-Carnaim. Mas nos dias de Eusebio e Jeronimo, nós aprendemos do Onomasticon, havia dois fortes deste nome separadamente 15 Km, enquanto mentindo entre Adara (*Der'ah*) e Abila (*Abil*), enquanto Astarote, a cidade antiga de Og, rei de Basã, põe 10 Km de Adara. Carnaim Astarote que é evidentemente idêntico com Asterote-Carnaim que eles descrevem como uma aldeia grande no ângulo de Basã onde tradição coloca a casa de Jó. Isto parece apontar para *Tell 'Ashtara*, uma colina que sobe aproximadamente 80 pés sobre a planície, pouco mais de 2 Km Sul de *el-Merkez*, o assento do governador do *Hauran*. Pouco mais de 1 Km Norte de *el-Merkez*, ao fim sul de um cume aceso o qual a aldeia de Xeique que *Sheikh Sa'ad* construído, está de pé o weley da pedra de Jó, *Sheikh Sa'ad*. Pela pedra grande debaixo de Jó de cúpula foi dito ter sentado receber os amigos dele durante a aflição dele. Uma inscrição egípcia, achada por Schumacher, prova que para a pedra é um monumento do tempo de Rameses II. Ao pé da colina é pontudo fora o banho de Jó. Em *el-Merkez* o edifício conhecido como *Deir 'Ayyub*, “Monastério de Jó,” faz agora parte dos quartéis. Lá também é mostrado a tumba de Jó. O fluxo que flui passado para o sul *Tell 'Ashtara*, é chamado, *Moyet en-Neby 'Ayyub*, “fluxo de Jó o profeta,” e é dito que tem subido onde o patriarca estampou o pé dele na recuperação dele. Também será notado que o distrito que mente no ângulo formou

através de *Nahr er-Rakkad* e de *Yarmuk* é chamado neste *ez-Zawiyet esh-shark* "yeh, "o ângulo oriental" (i.e. *Jaulan*). O termo cobriu pelo tempo de Jeronimo o leste da terra de *Allan*, embora esta faz agora parte do *Hauran*. A *Tell 'Ashtara* há restos que apontam a uma antiguidade alta. O local também estava ocupado durante a Idade Média. Talvez aqui nós deveríamos localizar Astarote Carnaim do *Onomasticon*. Porém, não concorda com a descrição de Carnaim em (LA) 1 e 2 Mac. Astarote do *Onomasticon* pode ter sido a *el-Muzenb*, na grande estrada de peregrinação, aproximadamente 10 Km de *Der'ah* - a distância indicada por Eusebio. A fortaleza velha aqui era situada em uma ilha no meio do lago, *Baheiret el-Bajjeh*. Uma descrição cheia do lugar é determinada dentro do Schumacher's *Across the Jordan*, 137ff. Deveria ter sido uma posição de grande força em antiguidade; mas o nome antigo não foi recuperado.

Alguns colocariam Asterote-Carnaim, o Carnaim do Macabeus, a *Tell 'Ash'ari*, um local 16 Km Norte de *Der'ah*, e 7Km de *Tell 'Ashtara*. Isto era claramente "um lugar difícil de sitiá-lo, e difícil de acesso por causa da estreiteza das aproximações em todos os lados" (LA 2 Mac 12:21). Coroa um promontório que se salienta entre o desfiladeiro fundo do Rio de *Yarmuk* e uma grande brecha, à cabeça do qual está uma cachoeira. Só poderia ser chegado pelo pescoço que conecta isto com o continente; e aqui estava cuidadoso por uma parede tripla, as ruínas de qual é visto hoje. Os restos de um templo perto da ponte em cima do *Yarmuk* podem marcar a cena da matança por Judas. A pergunta inteira está porém obscura. Eusebio é claramente culpado de confusão, com as duas Astarote-Carnaim dele e a Carnaim Astarote. Todos os lugares nós nomeamos mentira consideravelmente Nortes de uma linha puxados de Contam para *Tell Abil* para *Der'ah*. Para luz no problema de identificação nós temos que esperar os resultados de escavação.

Asteratita

ash'te-rath-it, ash-ter'ath-it (, *ha-'ash'el-rath*): Um nativo de Astarote: Uzias, um dos heróis de Davi (1Cr 11:44).

Asterote-Carnaim

ash'te-roth kar-na'im: I.e., "Asterote dos dois chifres," mencionou em Gn 14:5 como o lugar da derrota de Quedorlaomer do Refaim. Veja ASTAROTE. Um Carnaim ou Carnion em Gileade, com um templo de Atar-gatis preso, foram capturados por Judas Macabeu (LA 1 Mac 5:43, 44; 2 Mac 12:26).

Astorete

ash'to-reth, ash-to reth (, *'ashtoreth*; plural , *'ashtaroth*; , *Astarte*):

1. Nome e Origem
2. Atributos da Deusa
3. Astorete como uma deusa Lua
4. O local Astarote

1. Nome e Origem

O nome da deusa suprema de Canaã e a contraparte feminina de Baal.

Foram derivados o nome e culto da deusa da Babilônia onde Ishtar representou a noite e estrelas d'alva e era adequadamente hermafrodito em origem. Debaixo de Semítico influencie, porém, ela ficou somente feminina, mas reteve uma memória do caráter primitivo dela estando de pé, só entre as deusas de Assírio-Babilônio, em um fundamento de igualdade com as divindades masculinas. Da Babilônia a adoração da deusa foi levada ao Semitas do Oeste, e na maioria dos exemplos o sufixo feminino foi prendido ao nome dela; onde este não era o caso que a deidade foi considerada como um macho. Na Pedra Moabita, por exemplo, 'Ashtar é identificado com Quemus, e nas inscrições da Arábia sulista 'Athtar é um deus. Por outro lado, em Atar-gatis ou Derketo (LA 2 Mac 12:26), Atar, sem o sufixo feminino, é identificado com a deusa 'Athah ou 'Athi (grego *Gatis*). O culto da *Aphrodite* grega em Chipre foi pedido emprestado disso de Astorete; se o nome grego também é uma modificação de Astorete, como foi mantido freqüentemente, é duvidoso.

2. Atributos da Deusa

Na Babilônia e Assíria Ishtar estava a deusa do amor e da guerra. Uma velha lenda babilônica relacionou como a descida de Ishtar no Inferno à procura do marido morto dela, Tammuz, foi seguido pela cessação do matrimônio e nascimento em terra e céu, enquanto os templos da deusa a Ninive e Arbela, ao redor para cima qual as duas cidades cresceram posteriormente, foi dedicado a ela como a deusa da guerra. Como tal ela se apareceu a um dos videntes de Assur-bani-pal's e encorajou que o rei assírio marchasse contra Elão. As outras deusas da Babilônia que era pouco mais que reflexões do deus tenderam a fundir em Ishtar que assim se tornou um tipo da divindade feminina, uma personificação do princípio produtivo em natureza, e mais especialmente a mãe e criadora do gênero humano.

O assento principal da adoração de Ishtar na Babilônia era Ereque onde prostituição foi praticada no nome dela, e ela foi servida com ritos imorais por faixas de homens e mulheres. Na Assíria onde o lado bélico da deusa era predominante, nenhum tal rito parece ter sido praticado, e, ao invés, foram prendidas profetisas aos templos dela para quem ela entregou oráculos.

3. Astorete como uma deusa Lua

Em Canaã, Astorete, como distinto do macho 'Ashtar, derrubou os atributos bélicos dela, mas em contra distinção para *Asherah*, cujo nomeia e culto também tinha sido importado da Assíria, se tornou, por um lado, o cônjuge incolor de Baal, e por outro lado, uma deusa lua. Na Babilônia a lua era um deus, mas depois da elevação da teologia solar, quando o número maior dos deuses babilônicos esteja resolvido em formas de deus sol, as esposas deles também ficaram solares, Ishtar, "a filha do Pecado" o deus lua, permanecendo identificados com a estrela noite. Em Canaã, porém, quando a teologia solar tinha absorvido as mais velhas convicções, Baal, passando em um deus sol e a deusa que estavam ao se tornar lateral dele representante da lua - a reflexão pálida, como seja, do sol - Astorete chegou a ser considerado como o cônjuge de Baal e aconteceu das deusas solares de Babilônia.

4. O local Astarote

Conseqüentemente como havia "muitos Astoretes" ou Astarote como Baals. Eles representaram as várias formas debaixo do qual a deusa foi adorada em localidades diferentes (Jz 10:6; 1Sm 7:4; 1Sm 12:10, etc.). Às vezes ela foi endereçada como Naama, "o encantador," grego *Astro-noe*, a mãe de Eshmun e o Cabeiri. Os Filisteus parecem ter a adotado debaixo da forma bélica dela (1Sm 31:10 na KJV que lê "Astorete," como Septuaginta), mas ela normalmente era mais a deusa lua (Lucian, *De Dea Syriac.*, 4; Herodian, v.6, 10), e foi simbolizado adequadamente pelos chifres de uma vaca. Veja ASTAROTE-CARNAIM. A Asquelom onde Herodotus (i.105) a coloca a maioria templo antigo, ela foi adorada debaixo do nome de Atar-gatis, como uma mulher com o rabo de um peixe, e peixes eram adequadamente sagrados a ela. Em outro lugar a pomba estava o símbolo sagrado dela. Os ritos imorais com que a adoração de Ishtar na Babilônia foi acompanhada foi transferido para Canaã (Dt 23:18) e formou parte das práticas idólatras que os Israelitas foram

chamados para extirpar.

Asurbanipal

a-shoor-ba' ne-pal (*Ashur-bani-apal*, “Asur cria um filho”): Antes de partir na última campanha dele para o Egito, Esaradom rei da Assíria que tem tido alguma premonição que os dias dele foram numerados indubitavelmente, fez o filho Asurbanipal dele ser reconhecido o príncipe da coroa de Assíria (668 a.C.). Ao mesmo tempo ele proclamou o filho Shamash-shum-ukin dele como o príncipe da coroa da Babilônia. À morte do pai o posterior, porém, só foi permitido se tornar o vice-rei de Babilônia.

Geralmente é acreditado que Asurbanipal é o grande e nobre Osnapar (Ed 4:10). Veja OSNAPAR. Se esta identificação não deveria provar correto, o rei não é mencionado através de nome no Velho Testamento. Nos anais de Asurbanipal há uma lista de vinte reis tributários em qual Manasses (escrito para Minsê) da terra de Judá é mencionado. Com algumas exceções a lista é igual àquele determinado por Esaradom, o pai dele. Em 2Cr 33:11 nós aprendemos que os capitães do anfitrião do rei da Assíria levaram Manasses com ganchos e o saltaram com acorrenta, e o levou para a Babilônia. O rei para quem referência é feita nesta passagem era Esaradom ou Asurbanipal. Se o posterior, a restauração dele de Manasses foi comparada no exemplo de Neco, o rei vassalo de Menfis e Sais que também tinham se revoltado da Assíria; porque ele foi outorgado tratamento semelhante, sendo mandado de volta para o Egito com marcas especiais de favor, e restabeleceu no trono dele.

Outra referência no Velho Testamento, pelo menos para um dos atos de Asurbanipal, a profecia de Naum é que predizendo a queda de Ninive, disse, “Arte tu (Ninive) melhor que Nenhum-amon?” Esta passagem é ilustrada pelos anais do rei, em o qual ele reconta a destruição da cidade. Nenhum (significando “cidade”) é o nome de Tebes, enquanto Amon (ou Amém) era a deidade principal daquela cidade.

Esaradom morreu no modo dele para Egito que ele previamente tinha conquistado, uma insurreição que tem acontecido. Tirhakah quem Esarhaddon tinha derrotado, e que tinha fugido para a Etiópia, tinha devolvido, e tinha avançado contra as regras designadas pela Assíria. Ele formou uma coalizão com Neco e outros. Não longo depois que Asurbanipal veio ao trono, ele partiu para o Egito e derrotou as forças. Foram levados os líderes da insurreição a Ninive dentro acorrenta. Neco, como Manasses, como mencionado acima, foi restabelecido à regra dele a Sais. Tirhakah morreu logo após. O filho Tanut-Amon da irmã dele (Tandami) então levou a causa, e depois da partida do exército assírio ele avançou contra os governadores vassalos assírios. O exército assírio devolveu e aliviou os sitiados. Tanut-Amon voltou a Tebes que foi conquistada e que foi deteriorado pelos assírios ávidos, 663 a.C. Isto é que o profeta Naum se referiu (Na 3:8). alguns anos Psammetik posterior, o filho de Neco que tinha permanecido fiel depois da restauração dele declarou a independência dele. Como foi requerido em outro lugar o exército assírio, o Egito era daqui em diante grátis do jugo do assírio.

Ba'al de Tiro, depois de um assédio longo, submeteu finalmente. Yakinlu, rei de Arvade, tributo liquidado e refêns enviados. Foram trazidos outros assuntos rebeldes que tinham sido incentivados pela atitude de Tirhakah em submissão. Debaixo de Urlaki, o Elão inimigo velho que tinha estado a paz com a Assíria desde o reinado precedendo ficou agressivo agora e fez inroadas na Babilônia. Asurbanipal marchou pelas montanhas de Zagros, e de repente se apareceu antes de Susã. Este movimento devolveu Teumman que tinha sucedido Urlaki entretanto ao capital dele. Elão foi humilhado.

Em 652 a.C., a insurreição de Shamash-shumukin, o irmão do rei que tinha sido feito o vice-rei de Babilônia sem dinheiro fora. Ele desejou estabelecer a independência dele da Assíria. Depois que Asurbanipal tinha superado a Babilônia, Shamash-shum-ukin levou refúgio em um palácio, ateou fogo a isto, e se destruiu nas chamas.

Há muita obscuridade sobre os últimos anos do reinado de Asurbanipal. A decadência da Assíria tinha começado que não só resultou na perda ao título dos países circunvizinhos mas também em sua aniquilação completa antes do século terminou. Ninive foi arrasada finalmente ao chão pelas hordas de Umman-Manda, e nunca era reconstruído.

Asurbanipal também é distinto para as operações de edifício dele que mostram ingenuidade arquitetônica notável. Em muitas das cidades de Assíria e Babilônia restabeleceu ele, aumentou ou embelezou os templos ou santuários. Em Ninive ele criou um palácio bonito que superou todas as outras estruturas assírias na riqueza de suas ornamentações.

Durante o reinado dele foi encorajado grandemente o estudo da arte. Algumas das esculturas primorosas dele não só representam a altura de arte assíria, mas também pertence aos tesouros estéticos mais importantes do mundo antigo. Os temas de muitas das esculturas principais descrevem a caça na qual o rei levou delícia especial.

Acima de tudo outro Asurbanipal é famoso para a biblioteca ele criou por causa de qual ele será considerado o maior protetor conhecido de literatura talvez no pre-Cristã séculos.

Para Bibliografia veja a ASSÍRIA.

Asuritas

ash'ur-its (, *ha-'ashurt*): de acordo com o Texto Massoretico de 2Sm 2:9, uma tribo incluiu no reino curto vivido de Ish-bosete, o filho de Saul. Uma correção textual leve dá “Aseritas,” quer dizer, a tribo de Aser; com o Targum de Jonatas concorda. A tribo de posição de Aser onde cairia naturalmente para o reino de Is-bosete. A leitura “Gesuritas” (Vulgata e Siriaca) é excluído pela independência conhecida de Gesur neste momento (2Sm 3:3; 2Sm 13:37). Por razões semelhantes nós não podemos pensar em Assíria (Asshur hebreu) nem do Asshurim árabe de Gn 25:3.

Asvate

ash'vath (, *'ashwath*): Um homem de Aser, da casa de Jaflete (1Cr 7:33).

Ásia

a'shi-a (, *Asia*): Uma província romana que abraça a maior parte de Ásia Menor ocidental, inclusive os países mais velhos de Misia, Lidia, Caria, e uma parte de Frigia, também vários das cidades de costa independentes, Troade, e aparentemente as ilhas de Lesbos, Samos, Patmos, Cos e outros se aproximam a Ásia costa Secundária (At 16:6; At 19:10, At 19:27). É sumamente difícil de determinar os limites exatos dos vários países que depois constituíram a província romana, porque eles parecem ter sido um pouco vago aos anciões eles, e constantemente estava trocando; é então impossível localizar as bordas exatas da província de Ásia. Sua história prévio para 133 a.C., coincide com isso de Ásia Menor da qual era uma parte. Porém, por aquele ano, Attalus III (Filometer), rei de Pergamo, deu o reino dele ao Império romano. Não era até 129 a.C., que a província de Ásia realmente foi formada por Roma. Seu primeiro capital era Pergamo, o capital velho de Misia, mas no tempo de Augustu, quando a Ásia tinha se tornado a província mais rica do Império, o assento do governo foi transferido a Éfeso. Esmirna também era um rival importante de Éfeso. O governador da Ásia era pro-cônsul, escolhido por lote pelo senado romano de entre os cônsuls anteriores que tinham estado fora de escritório durante pelo menos cinco anos, e ele raramente continuou em escritório para mais que um único ano. A dieta da província, composto de representantes de seus vários

distritos, se encontrou cada ano nas cidades diferentes. Em cima disto presidiram o asiarco cujo dever que era, entre outras coisas, para oferecer sacrifícios para o bem-estar do imperador e a família dele.

Em 285 d.C, a província estava reduzida em tamanho, como Caria, Lidia, Mísia e Frígia estavam separados disto, e aparte das cidades da costa permaneceu pouco. A história de Ásia consiste quase completamente na história de suas cidades importantes que eram Adramitium Assos, Cnidus, Éfeso, Laodiceia, Mileto, Pergamo, Filadélfia, Sardes, Esmirna, Tiatira, Troas, etc.

Ásia Menor

a' shi-a ml' ner:

I. O País

1. Posição e Fronteiras
2. Descrição Geral
3. Montanhas
4. Rios, lagos e planícies
5. Estradas
6. Clima e Produtos

II. História

1. Os hititas
2. Imigração frígio e Bitínia
3. Lidianos, gregos e persas
4. Alexandre e seus sucessores
5. Os gálatas
6. Os romanos na Ásia Menor

III. Ásia Menor, no primeiro século dC

1. A População
2. O sistema social nativo
3. O culto ao imperador
4. O Sistema helenístico
5. Romanos "Coloniais"

IV. Cristianismo na Ásia Menor

Inscrições cristã, etc

Literatura

Introdutório

Tecnicamente, só está em tolerância que uma conta de “a Ásia Menor” pode achar um lugar em uma enciclopédia Bíblica, para o país para o qual este nome aplica em tempos modernos nunca foi chamado assim no Velho Testamento ou tempos do Novo Testamento. O termo aparece primeiro em Orosius, escritor do 5º século d.C, e é agora aplicado a maioria dos idiomas europeus para a península que forma a parte ocidental da Turquia Asiática.

A justificação para a inclusão neste trabalho de uma conta sumária de Ásia Menor como um todo, sua geografia, história, e a condição social e política de suas pessoas em tempos de Novo Testamento, será achado na oração seguinte de Gibbon: “As províncias ricas que estendem do Eufrates para o Mar jônio eram o teatro principal no qual o Apóstolo para o Gentios exibiu o zelo dele e devoção”; e nenhuma região fora da cidade de Roma preservou a tempos modernos tantos registros do crescimento e caráter de seu Cristianismo primitivo.

I. O País

1. Limites e posição

Ásia Menor (como o país foi chamado para distinguir-se do continente da Ásia), ou Anatólia, é o nome dado à península que alcança fora entre o Mar Preto (Pontus Euxinus) no Norte e o mediterrâneo no Sul, formando uma terra-ponte elevada entre a Ásia central e a Europa do sudeste. No canto Noroeste, a península está separada da Europa pelo Bósforo, o Mar de Marmora e o Helesponto. No Oeste a península limita no Mar Egeu cujas numerosas ilhas tentaram o marinheiro tímido de tempos antigos em para a Grécia. A costa Ocidental, com sua alternância de montanha e vale rio, é profundamente encomendada: há uma linha de costa total de quatro vezes o comprimento de uma linha tirado de Norte para Sul As numerosas baías terra-fechadas e portos desta costa fizeram isto o caça-chão feliz de comerciantes mediterrâneos em todas as idades. No Leste é habitual para delimitar a Ásia Menor por uma linha tirado de Alexandria a Samsun, mas com a finalidade de história do Novo Testamento tem que se lembrar disto que parte da Cilícia, Capadócia e Ponto (Galácia) mentira para o Leste desta linha (Longitude 26 graus para 36 Leste de graus; latitude 36 graus para 42 Nortes de graus).

2. Descrição geral

Há dois países distintos, enquanto insinuando desenvolvimento histórico distinto, na península da Anatólia, o país da costa, e o país do planalto central. Os objetos pegados posteriores sua forma do das grandes gamas montesas que saltaram isto no Oeste, Leste e Norte. O planalto central alto é inclinado abaixo para o Norte e Oeste; as gamas montesas nestes lados não são tão altas como a cadeia de Touro no Sul e Sudeste. Esta cadeia exclua a seu canto de Sudeste, sobe nitidamente da costa de Sul cujas ondulações que determina. No Norte, as montanhas de Ponto (nenhum nome distintivo), uma continuação da gama armênia, dêem para o costa-linha um caráter semelhante. Na costa de Norte inospitaleira, há só um porto bom, o de Sinope, e nenhum claro de qualquer extensão. A costa de Sul pode ostentar das planícies de Pamfília e Cilícia, ambos altamente férteis, os portos de Makri e Marmariki, e as baías abrigadas de Adalia e Alexandria. No Oeste, a ascensão do litoral para o planalto é mais gradual. Uma distância de mais de 100 milhas separa as montanhas de Phrygian onde o planalto oriental começa, do litoral Ocidental com suas enseadas e comerciando cidades. Estas cem milhas estão compostas de vales de rio, divididos fora através de gamas de montanha, e formando os canais de comunicação entre o interior e a costa. Enquanto estas duas regiões formam parte de um único país que é óbvio que - em tudo aquilo individualidade dá a um país, a flora deles, fauna, clima, condições de vida e história - a uma região é agudamente marcada fora do outro. Para o planalto naturalmente se conecta com o Leste Em sua vegetação e clima, seus contrastes de temperatura, sua terra seca e areia, forma parte da região que estende para o leste para a Ásia central. A terra de costa recorda a paisagem e caráter geral do continente grego e ilhas. Olhou naturalmente para, influenciou e foi influenciado por, as populações no outro lado do Mar Egeu. A Esmirna, o viajante em todas as idades reconhece a vida luminosa, ativa de Europa sulista; a Iconio ele sente a calma imóvel e letárgica do Leste. Ásia Minor em sua estrutura geográfica como também em sua população, esteve ao longo de história o reunião-lugar, se para inter-mixtura calmo ou para o estrondo na guerra, dos sistemas eternamente contrastados de Leste e Oeste.

3. Montanhas

As montanhas armênias atingir o oeste, e garfo, perto da linha que foi escolhido como o limite leste da Ásia Menor, em duas faixas, as Montanhas Taurus ao sul, e as montanhas de Pontus no Monte do Norte Argaeus (mais de 12.000 m.) fica no ângulo formado por esses intervalos, mais perto de Touro que ao sistema norte. Touro é perfurado no lado norte da planície da Cilícia no passe, fácil de percorrer e ainda mais fácil de defender, das Portas da Cilícia, enquanto a outra conduz rota natural da Capadócia central Amisus no Mar Negro. Estas cadeias de montanhas (altura média de Taurus 7000 a 10.000 pés, o alcance do Norte é muito mais baixa) envolvem o planalto central e Lycaonian gálatas, que são limitadas, a oeste pelo Dagh Sultan e as montanhas frígio. Desde o último até a costa oeste se estender por três cordilheiras, delimitando os vales do, Caico Hermus e Meandro. Estes vales estão o Oriente eo Ocidente, naturalmente conduzir o tráfego nessas direções.

4. Lagos, rios e Planícies

As grandes planícies do interior, partes que cobre de Galacia, Licaonia e Cappadocia, mentem a uma altitude de 3.000 a 4.000 pés Rios entram neles das montanhas adjacentes, ser engolido para cima em tempos modernos em lagos salgados e pântanos. Antigamente muito desta água era usado para irrigação. Regiões que agora apóiam só algumas aldeias miseráveis estavam cobertas no período romano por numerosas cidades grandes, insinuando um grau alto de cultivo da terra naturalmente fértil. Os rios restantes cortaram o modo deles por desfiladeiros rochosos na franja de montanhas ao redor do planalto; no lado Ocidental da península os cursos deles abrem em vales largos entre quais esses do Caicus, Hermus e Meandro estão entre o mais fértil no mundo. Abaixo esses vales ocidentais, e que do Sangarius no Noroeste, correu as grandes rodovias do interior para o litoral. Nesses vales pulou para cima o maior e mais próspero das cidades helenísticas e grego-romanas das quais educação grega e Cristianismo radiaram em cima do país inteiro. O rio mais longo na Ásia Menor é o Halys que sobe em Ponto e depois de uma curva enorme para sul o oeste fluxos no Mar Preto. Isto, e o Íris, Leste de Amisus, são os únicos rios de nota na costa de Norte. Os rios no Sul costeiam, com a exceção do Sarus e o Pyramus que sobem em Cappadocia e molham a planície de Cilician, é meras torrentes montesas, enquanto fluindo imediatamente no mar. Uma característica notável de Ásia Minor é seu duden, rios que desaparecem debaixo da terra na pedra de pedra calcária, reaparecer fora como fontes e cabeças de rios muitas milhas. Mineral e fontes termais abundam o país por toda parte, e é especialmente numeroso no vale de Meandro. Há vários lagos salgados, o Lago de ser maior Tatta em Licaonia. Lagos de água fresca, como Karalis e o Limuae, abundam nas montanhas no Sudoeste.

5. Estradas

O sistema estrada da Ásia Menor está fora por natureza marcado, e tráfico seguiu as mesmas linhas como o amanhecer de história. O viajante do Eufrates ou da Síria entra por via de Melitene e Cesaréia, ou pelo Cilician Gates. De Cesaréia ele pode chegar ao Mar Preto por Zela e Amisus. Se ele continuar para o oeste, ele tem que entrar na área egéia antes de um das rotas estacada, como indicado acima, pelos vales do Meandro, Hermus ou Caicus. Se o destino dele for o Bósforo, ele viaja abaixo o vale do Sangarius. Outras estradas conduzem da baía de Adalia a Antioch em Pisidia ou para Apameia, ou para Laodicea no Lycus e por isso abaixo o Meandro para Éfeso. A posição do capital de Hitita a Pteria fixou o Norte de rota da planície central em geral uso para viajantes de Leste para Oeste, e esta era a rota seguida pela Estrada Real Persa. Depois, tráfique do Leste levou o transcurso de rota ao longo do lado de Sul do Axylon, Norte de Iconio, e Pisidian Antioch para o Lycus, Meandro e Éfeso. Esta rota coincide com que do Cilician Gates, de um Nordeste de ponto de Iconio. A necessidade para controlar as tribos de Pisidian no reinado de Augustus conduziu ao edifício de umas séries de estradas em Pisidia, enquanto radiando de Antioch; um destas estradas conduziu de Antioch a Listra, e era o atravessado por Paul na viagem dele de Antioch para Iconio (At 13:51).

6. Produtos e clima

O inverno no planalto central é longo e severo, o verão é curto e quente: mas uma brisa fresca do Norte (o inbat) temperamentos as tardes quentes. A costa sul em verão está quente e malarious; em inverno seu clima é moderado. Muita neve falha nas regiões adjacente para o Mar Preto. O clima da costa ocidental se assemelha a isso de Europa sulista. O país contém riqueza mineral vasta; muitas das minas foram trabalhadas pelos anciões. Há florestas de anseio, carvalho e abeto nas montanhas do Norte e Sul. O planalto central sempre foi famoso para seus rebanhos vastos de ovelha. Rei Amyntas de Galacia possuiu rebanhos enormes que pastaram na planície de Licaonia. Tapetes e tapetes e outros produtos têxteis sempre foram característicos de Ásia Minor. As riquezas das cidades na província de Ásia dependeram em grande parte em têxtil e indústrias de dyeing (Acelere 1 por 3).

II. História

Segue do sobre o qual foi dito que a pista para a história de Ásia Minor mais quase que no caso de qualquer outro país, mentiras em sua posição geográfica e estrutura. "Plantou como uma ponte entre a Ásia e Europa," esteve ao longo de história humana o reunião-lugar e a batalha fundamentou do peoples do Leste e esses do Oeste. Do período mais cedo para o qual nossos registros alcançam, achamos nós habitou por uma amálgama de raças, religiões e sistemas sociais fora nenhum de que já morreram totalmente. E ao longo de história raças novas, religiões e sistemas sociais, semelhante imperecível em muitas das características deles/delas, verteu na península para achar uma casa lá.

1. Os hititas

Na aurora da história, na Ásia Menor era governada por um povo não-ariano, o Hatti ou hititas sobre qual o conhecimento é actualmente a acumular tão rápido que não conta final deles podem ser dadas. Veja hititas. Ásia Menor é agora reconhecido como tendo sido o centro de sua civilização, contra a antiga visão de que eles eram um povo da Mesopotâmia. Esculturas e hieróglifos pertencentes a este povo tem sido desde há muito conhecida por todo o país a partir de Esmirna até o Eufrates, e é quase unanimidade do princípio de que seu capital foi em Boghaz Keui (através do Halys de Ancyra). Este site tem sido identificado com uma probabilidade muito com o Pteria de Heródoto, que Creso capturado quando ele marchou contra os persas, a inferência é que a porção da terra hitita que estabelecem leste do Halys, naquela época uma satrapia do Império Persa . Escavações na cidade antiga, a extensa Boghaz Keui foram recentemente realizadas por Winckler e Puchstcin, que descobriu restos de arquivos real. Esses registros são gravados em tabuletas de argila em escrita cuneiforme, que são expressas, em parte, da Babilônia, em parte (supostamente) na língua nativa ainda indecifrado. Os documentos em língua babilônica provar que estreita as relações políticas existentes entre o Hatti e da monarquia oriental. No século 14 aC, os hititas parecem ter conquistado uma grande parte da Síria, e se estabeleceram em Carquemis. A partir daí, eles estavam em estreito contato com a Mesopotâmia. De volta do início do primeiro milênio, os hititas "estavam em constantes relações, hostil ou neutro, com os ninivitas, e desde então sua arte mostra como características marcantes da Assíria que dificilmente mantém a sua individualidade."

2. Imigração frígio e Bitínia

A data das imigrações frígio e Bitínia. do sudeste da Europa não pode ser corrigido com certeza, mas que teve lugar no início do primeiro milênio aC. Estas imigrações coincidem no tempo com o declínio do poder hitita. Depois de muitas andanças, os frígios encontrou uma casa no lado oeste do planalto, e não poder exercido tal influência sobre o desenvolvimento inicial da Ásia Menor, o frígio, principalmente na esfera da religião. Os reis da Frígia "bulks mais impressionante na mente grega que qualquer outra monarquia não-Gr, sua língua era o idioma original eo discurso da deusa, seu país era a terra de grandes cidades fortificadas, e os seus reis eram os associados dos próprios deuses. "O material permanece do país" frígio "- o túmulo de Midas com a acrópole fortificada acima dela, e muitas outras tumbas em torno de rock - são as mais impressionantes na Ásia Menor inscrições em um script, como o início Ionian são cortadas em

alguns dos túmulos. A língua frígia, um discurso indo-germânica, com semelhanças com o grego e as línguas italiana, é provado por algumas inscrições setenta (a pontuação deles ainda inéditos) ter sido bem de uso comum para o período cristão. Duas inscrições recentemente encontradas mostram que foi falado até em Icônio, "a cidade mais distante da Frígia", no lado Lycaonian, até o século 3 de nossa era. Estas inscrições fazem menção a nomes de Ma (Cibele) e Átis, cujo culto exerceu uma profunda influência sobre as religiões de Grécia e Roma.

3. Lídianos, gregos e persas

A monarquia próximo a subir na Ásia Menor é a de Lydia, cuja origem é obscura. O império frígio caiu antes de uma invasão do Cimmerii no bc 9 ou 8 século; Alyattes de Lídia, que ficava entre o Mar Egeu e Frígia, repeliu uma segunda invasão do Cimmerii em 617 aC. Creso, rei da Lídia (ambos os nomes para depois proverbial riqueza), era o senhor de todo o país para o Halys, bem como das colônias gregas na costa. Estas colônias - fundada a partir de Grécia - atingiu seu apogeu por volta do século 8, e studded três costa da Ásia Menor. Sua incapacidade de combinar em uma causa comum colocou à mercê de Cresos, e depois de seus conquistadores, os persas (546 aC). Os persas dividido em satrapias da Ásia Menor, mas as cidades gregas foram colocados sob a dinastia grega, que detém a soberania da Pérsia, e várias raças de navegação continuou sob o domínio de seus príncipes nativos. A derrota de Xerxes por Hellas definir as cidades gregas na Ásia Menor, livre, e eles continuaram livres durante o período de grandeza de Atenas. Em 386 aC, eles foram restauradas ao rei da Pérsia pela diplomacia egoísta de Esparta.

4. Alexandre e seus sucessores

Quando Alexandre, o Grande cruzou o Helesponto em 334 aC, uma nova era para os gregos asiáticos. Até agora, as cidades gregas na Ásia Menor, além dos esforços espasmódicos em combinação, foram as comunidades negociação simples, independentes umas das outras, em concorrência uns com os outros, e ansioso por razões de interesse próprio para levar uns aos outros à ruína. Estas colônias além disso tinha sido confinado ao litoral, e os vales do rio aberta do Ocidente, a idéia de um império grego na Ásia Menor, foi originada por Alexander, e materializada por seus sucessores. Doravante a cidade rivalidades certamente durou, em, e em um período posterior animado o desprezo dos romanos impassível, mas daí em diante as cidades gregas eram membros de um império grego, e estavam conscientes de uma missão imperial. É neste período que a helenização, ou, como Mommsen iria traduzir o termo, a civilização do interior da Ásia Menor pertence. As fundações dos sucessores de Alexandre, o Atálidas e selêucidas, cobriu a península, têm por objectivo consolidar o Estado grego sobre as raças nativas, e, o mais importante de tudo, levantar as provas para o nível da civilização grega e da educação. O experimento conseguiu apenas parcialmente e temporariamente, mas o sucesso como ele e os esforços Roman depois na mesma direcção teve, exerceu uma profunda influência sobre o crescimento do cristianismo no país (veja abaixo).

5. Os gálatas

Na sua maneira de entrar e resolver no país, na forma em que ambos ficaram sob a influência do ambiente asiático, e impressionou o selo da sua individualidade vigorosa sobre a cultura ea história da terra, o Galatae, um celta nação que atravessaram a Europa em 278-277 aC, para estabelecer-se em última instância, a leste da antiga Frígia e em ambos os lados do Halys, lembre-se as características essenciais da imigração frígio de um milhar de anos anteriores. "A região da Galácia, em um período remoto da sede principal da regra sobre a Ásia oriental anterior e preservação do famoso rock-esculturas do moderno Boghaz Keui, antiga cidade real de Pteria, reminiscências de uma glória quase esquecido, tinha no decurso dos séculos se na língua e os costumes no meio de uma ilha Celtic as ondas de povos orientais, e assim permaneceu na organização interna, mesmo sob o império (romano). "Mas estes gauleses ficaram sob forte influência oriental, eles modificaram, em certa medida, a organização da religião local, que aprovou, mas eles adotaram tão completamente que só uma divindade com um nome celta, até agora, apareceu em numerosos cult-inscrições da Galácia (Anderson no Journal of Studies helenístico, 1910, 163ff). Também não tem uma única inscrição na língua gálatas foram encontrados no país, embora saibamos que esse idioma era falado pelas classes mais baixas, pelo menos, tão tarde como o anúncio do século 4. Os gálatas parece ter substituído a língua frígia na parte da Galácia que antigamente era frígio, sem inscrições frígio foram encontrados na Galácia, embora sejam comuns na zona limítrofe de suas fronteiras sul e oeste. Mas gálatas foi incapaz de competir com o grego como a língua das classes educadas, e mesmo entre as ordens, tais como humilde poderia escrever, escreveu em grego e greco-romana organização substituiu o sistema tribal celta muito antes e muito mais totalmente em Galácia do que a organização municipal romano tinha, na Gália. Ainda assim, os Gálatas se destacaram em forte contraste, tanto a gregos e os orientais. A diplomacia romana reconhecido e incentivado este sentimento de isolamento e, em sua luta contra os orientais e os gregos sob Mitridates, Roma encontrou aliados de confiança em Gálatas. No período Imperial, Gálatas eram considerados os melhores soldados na Ásia Menor. Veja Galácia.

6. Os romanos na Ásia Menor

Os romanos exercido um controle efetivo sobre os assuntos da Ásia Menor após a derrota de Antioco o Grande, em 189 aC, mas foi somente em 133 aC, quando Átalo de Pérgamo legou seu reino de "Ásia" do Estado romano, que os romanos ocupação começou. Este reino formavam a província da Ásia, segundo uma herança que caiu para Roma com a morte de Nicomedes III, em 74 aC tornou-se província Bitínia, para a qual foi posteriormente acrescentado Pontus. Cilícia, província que deu a Paulo o Império e da Igreja, foi anexado em 100 aC, e reorganizada por Pompeu em 66 aC. Estas províncias já tinha sido organizado, em outras palavras, a forma romana de governo tinha sido estabelecido definitivamente neles a fundação do império, e, em conformidade com o princípio de que todo o território que tinha sido "pacificada" devem permanecer sob a administração do Senado, regiões, enquanto o imperador diretamente regulado, em que os soldados ainda estavam em número necessário, as províncias acima referidas, com excepção da Cilícia, caiu para o Senado. Mas todo o território anexado posteriormente, na Ásia Menor permaneceu nas mãos do imperador. vários territórios em que Roma exercia um protetorado estavam agora organizados em províncias, sob o regime imperial direta. Essas foram: Galácia, para que, em seu último rei Amintas parte, da Frígia, Licaônia, Pisídia e Panfília tinha sido adicionado, e que foi feita uma província romana em sua morte em 25 aC (a extensão da Galácia sob Amintas incluir Antioquia, Icônio, Listra e Derbe ea conseqüente incorporação dessas cidades na província da Galácia, constitui a base final histórica da "South Galatian Theory"); Paphlagonia, anexo 7 aC, na Capadócia, em 17 dC; Lycia, em 43 d.C, e em 63 d.C, por parte de Pontus situada entre a íris ea Armênia. Isso formou a romana na Ásia Menor do tempo de Paulo. Veja Ásia, Bitínia, etc

III. Anúncio da Ásia Menor no século I

1. População

A partição da Ásia Menor em províncias romanas não correspondem a suas divisões etnológico, e mesmo essas divisões nem sempre foram claramente marcados. Como é evidente a partir do breve esboço histórico acima, a população da Ásia Menor era composto de muitas camadas sobrepostas de raças, o que tende, em parte, a perder a sua individualidade e afundar o tipo original Anatolian. Atender cerca de separação acima mencionado da Ásia Menor em dois países, bem como a sua caracterização como o local de encontro entre Oriente e Ocidente, podemos destacar, de entre uma mistura de raças e instituições coexistentes dois principais sistemas sociais, que podemos chamar de o sistema operacional nativo, eo sistema helenístico. Estes sistemas (especialmente como resultado do governo romano) se sobrepõem e se misturam uns com os outros, mas correspondem de um modo geral a distinção (observada no país por Estrabão) entre a organização da cidade e vida no sistema vila. Um abismo profundo separados dessas formas de sociedade.

2. O Sistema Nativa Social

Sob o Império Romano, houve uma tendência contínua para aumentar a absorção e os nativos da Anatólia em cidades gregas e

cidadania romana. Mas na era apostólica, este processo não tinha ido muito longe no interior do país, eo sistema social nativo ainda que ao abrigo do qual uma grande parte da população vivia. Ele combinava a forma teocrática de governo com as instituições derivadas de uma sociedade matriarcal preexistente. O centro da comunidade indígena foi o templo de Deus, com sua grande corporação de sacerdotes que vivem com os impostos do templo, e do seu povo, que eram os servos de Deus (hierodouloi; comparar a expressão de Paulo, servo de Deus ¹), e trabalhava nas fazendas do templo. As aldeias em que viviam esses trabalhadores foram um complemento indissociável do templo, os sacerdotes (ou um único sacerdote da dinastia), foram os governantes absoluta do povo. Uma classe especial chamada hieroi desempenhou funções especiais (provavelmente por um único período), no serviço do templo. Isso incluía, na facilidade das mulheres, às vezes, um serviço de castidade, por vezes, uma de prostituição cerimonial. Uma mulher de Lídia, de boa posição social (como está implícito em seu nome romano) ostenta uma inscrição em que ela vem dos antepassados que tinham servido antes a Deus desta maneira, e que ela tenha feito ela mesma. Essas mulheres mais tarde casou-se em seu próprio posto, e efectuadas sem vergonha. Muitas inscrições provar que o deus (com os seus sacerdotes) exerceram um controlo rigoroso sobre a vida moral e sobre toda a rotina diária de seu povo, ele era o seu governante, o juiz, auxiliar e terapeuta.

3. Imperador Adoração

governo teocrático recebeu um novo rumo e um novo significado a partir da instituição do culto ao imperador; obediência à Deus agora coincidiu com a lealdade ao imperador. Os reis selêucidas e mais tarde os imperadores romanos, de acordo com uma visão altamente provável, tornou-se herdeiros da propriedade dos padres despossuídos (um caso é confirmado em Antioquia da Pisídia), e foi para fora do território originalmente pertencente aos templos que as concessões de terra para o novo selêucida e fundações romanas foram feitas. Sobre aquelas parcelas de um imóvel não dotado de uma polis ou colônia, o governo teocrático sobre durou, mas ao lado do deus da Anatólia lá agora apareceu a figura do imperador-deus. Em muitos lugares o culto do imperador foi estabelecido no santuário mais importante do bairro, o imperador-deus conseguiu ou compartilhado a santidade do antigo deus, Grecized como Zeus, Apolo, etc; inscrições dedicatórias registro feito ao deus e para o imperador em conjunto. Em outros lugares, especialmente nas cidades, novos templos foram fundados para a adoração do imperador. Ásia Menor foi a casa de culto ao imperador, e em nenhum lugar que a nova instituição se encaixar muito bem no sistema existente religiosa. Inscrições recentemente lançado muita luz sobre uma sociedade de Xenoi Tekmoreioi ("Guest-Amigos do sinal secreto") que morava em uma propriedade que pertencia aos homens Askaenos ao lado de Antioquia da Pisídia, e estava agora nas mãos do imperador romano. Um procurador (que foi provavelmente o sumo sacerdote do templo local) conseguiu a propriedade como representante do imperador. Esta sociedade é típica de muitos outros cuja existência no interior da Ásia Menor veio à luz nos últimos anos, era aquelas sociedades que promoveu o culto do imperador em seu local distinto do seu lado provincial (ver ASIARCH), e foi principalmente aquelas sociedades que definem os mecanismos da lei romana em operação contra os cristãos nas perseguições grande. No decorrer do tempo as pessoas sobre as propriedades imperial tendem a passar para uma condição de servidão, mas ocasionalmente um imperador levantou a totalidade ou parte de um património à categoria de cidade.

4. O Sistema helenístico

Grande parte do interior da Ásia Menor deve originalmente ter sido regulada no sistema teocrático, mas a cidade-estado grega progressivamente invadiu o território e os privilégios do antigo templo. Várias dessas cidades foram "fundada" pelos selêucidas e Atálidas, o que às vezes significa uma nova fundação, com mais frequência do estabelecimento de cidade grega governo em uma velha cidade, com a adição de novos habitantes. Estes habitantes judeus foram muitas vezes quem o encontrou Seleucidas colonos fiel: os judeus de Antioquia da Pisídia (At 13: 14) provavelmente pertencem a esta classe. O objetivo consciente dessas fundações foi a helenização do país, e seu exemplo influenciado as cidades vizinhas. Com o absolutismo oriental do sistema nativo, a organização das cidades gregas e romanas estava em nítido contraste. Durante os primeiros séculos do Império Romano, as cidades desfrutou de uma medida liberal de auto-governo. Magistraturas eletivas; homens ricos na mesma cidade, disputavam entre si, e da cidade disputavam com a cidade, em erigir os seus magníficos edifícios públicos, nas escolas fundamentais e promover a educação, na promoção de todas as nações ocidentais que entendemos por civilização. Com as cidades gregas vieram do Panteão grego, mas os deuses da Grécia fez pouco mais do que adicionar os seus nomes para os deuses do país. Sempre temos nenhuma informação detalhada relativa a um culto no interior da Anatólia, reconhecemos no âmbito de um grego (ou romana) disfarçar as características essenciais do antigo deus da Anatólia.

Os gregos tinham sempre desprezou os excessos da religião asiática, e educação mais avançado dos gregos da Anatólia não podia conciliar-se com um culto degradadas, que pretendia perpetuar as instituições sociais em que surgiram, apenas sob a sua mais feia e degradada aspectos. "No país em geral, um tipo superior de sociedade foi mantida e que a grandes templos do primitivo sistema social foi mantida como um dever religioso compete à classe chamada Hieroi durante seus períodos regulares de serviço no templo O abismo que separava a religião da vida educados do país tornou-se cada vez mais amplo e profundo. Neste estado de coisas, Paul entrou no país, e onde a educação já havia sido difundido, ele encontrou converte pronto e ansioso. "Isto representa o" efeito maravilhoso e elétrica que é atribuído em Atos à pregação do Apóstolo na Galácia "(Ramsay, Cidades e Bispos da Frígia, 96).

5. Romanos "Coloniais"

Sob o Império Romano, podemos traçar uma evolução gradual na organização das cidades gregas para o tipo romana municipal. Um dos principais fatores que neste processo foi a fundação sobre a Ásia Menor interior das colônias romanas, que eram "pedaços de Roma" estabelecidos nas províncias. Estas colônias foram organizadas inteiramente no modelo romano, e eram geralmente guarnições de veteranos, que mantiveram as peças indisciplinados do país em ordem. Tais no tempo do Novo Testamento foram Antioquia e Listra (Ícônio, que costumava ser considerado como uma colônia de Claudius, é agora reconhecido como tendo sido levantados para que a classificação por Adriano). No século primeiro o latim era a língua oficial nas colônias, mas nunca derrubado grego no uso geral, e do grego logo substituído em documentos oficiais. Educação estava em seu mais alto nível nas cidades gregas e colônias romanas, e era exclusivamente para aqueles que Paulo dirigiu-se ao evangelho.

IV. Cristianismo na Ásia Menor

Já na vida de Paulo, o Cristianismo tinha-se estabelecido firmemente em muitos dos maiores centros de cultura greco-romana na Ásia e na Galácia. A evangelização de Éfeso, a capital da província da Ásia e do terminal de uma das grandes vias que conduzem ao longo da península, contribuíram largamente para a propagação do cristianismo na parte interior da província, e especialmente na Frígia. O cristianismo, de acordo com o programa de Paulo, começou a aparecer nas cidades, a partir do qual se espalhou ao longo dos distritos do país.

Inscrições cristã, Etc.

As inscrições começam primeiros cristãos na Frígia, onde encontramos muitos documentos que datam do final do segundo e início do anúncio 3 séculos. A principal característica dessas inscrições precoce - uma característica que os torna difíceis de reconhecer - é a sua supressão como uma regra de qualquer coisa que parecia abertamente cristã, com o objetivo de evitar a comunicação de pessoas que possam induzir os oficiais romanos para tomar medidas contra a sua Dedicators. As inscrições começam Lycaonian quase um século mais tarde, não, devemos supor, porque o Cristianismo se espalhou rapidamente menos de Ícônio, Listra, etc, do que ele fez das cidades asiáticas, mas porque a educação grega levou mais tempo para permear as planícies de baixa densidade populacional da planalto central do que os municípios ricos da Ásia. A nova religião é provada por correspondência de Plínio com Trajano (111-13 dC) ter sido

firmemente estabelecida na Bitínia no início do século 2. Mais a leste, onde os grandes templos ainda tinha muita influência, a expansão do cristianismo foi mais lento, mas no século 4 Cappadocia produziu homens como Basil e Gregories. As grandes perseguições, como é provado por testemunhos literários e muitas inscrições, enfureceu com a gravidade especial na Ásia Menor. A influência da igreja na Ásia Menor nos primeiros séculos do Império pode ser julgado a partir do fato de que apenas um vestígio da religião Mithraic, o principal concorrente do cristianismo, foi encontrado em todo o país. A partir da data do Concílio de Nicéia (325 dC), a história do cristianismo na Ásia Menor foi a do Império Bizantino. Ruínas de igrejas pertencentes ao período bizantino são encontrados em toda a Península, que são especialmente numerosos nos bairros centrais e orientais. Um estudo detalhado de uma cidade bizantina cristã da Licaônia, contendo um número excepcionalmente grande de igrejas, foi publicado por Sir WM Ramsay e GL Miss Bell: *As Mil e Uma Igrejas*. Língua grega vilarejos cristãos em muitas partes da Ásia Menor continuar uma conexão ininterrupta com o Império Romano até os dias atuais.

Literatura

numerosas obras Ramsay na Ásia Menor, especialmente São Paulo, o viajante, etc, A Igreja no Império Romano, as cidades de Paulo, as cartas às sete igrejas, e das Cidades e Bispados da Frígia foram livremente mobilizados nesta conta. Para uma bibliografia mais completa, consulte Enciclopédia Bíblica (edição 11), no artigo "Ásia Menor" (Hogarth e Wilson).

Ásia Menor, Arqueologia da

a 'shi-a ml'ner, ar'ke-ol' o-ji ov:

No estágio atual da nossa informação, é difícil escrever com a aceitação da arqueologia da Ásia Menor. Exibições inquestionável apenas alguns anos atrás já estão passando para fora da data, quando o arqueólogo moderno, com entusiasmo escavação sites de idade, laboriosamente decifrar inscrições desgastadas, e pacientemente cotejar as provas documentais, de modo algum concluído a sua tarefa. Mas agora está claro que um campo arqueológico, digno de ser comparado com aqueles dos vales do Eufrates e do Nilo, convida desenvolvimento na Ásia Menor.

1. Primeiras influências da Mesopotâmia

Na revisão Contemporânea de agosto de 1907, Professor Sayce lembrou seus leitores que os geógrafos Cappadox grego chamado o filho de Ninyas, assim, traçar a origem da cultura da Capadócia de Ninive, e da mesma forma que tinha derivado da Merm Dinastia de Lydia de Ninos, filho de Belos, ou através da Babilônia Assíria. história real é, provavelmente, na parte de trás destas lendas, eo Quadro das Nações suporta isso (Gn 10: 22), quando ele chama Lud, e Lydia, um filho de Shem e irmão da Assíria. Isto não é para valer, porém, que qualquer grande número de povos semitas da Ásia Menor já fez a sua casa. Mas o professor Winckler e outros têm-nos mostrado que a linguagem, escrita, idéias e instituições característica da civilização babilônica foi generalizada entre as nações da Ásia ocidental, e desde tempos muito antigos da Ásia Menor veio dentro de sua esfera de influência. Strabo registra a tradição que Zile, bem como Tiana, foi fundada sobre o "monte de Semiramis", ligando assim os antigos locais com a cultura da Mesopotâmia. Dr. David Robinson na sua antiga Sinope (145ff), argumenta que "as origens de Sinope provavelmente assírio", embora a história criada não posso descrever em detalhe o que estava por trás do estabelecimento Milesian deste ponto, o norte eo melhor porto do península. Estrabão não poderia voltar dos colonos Milesian para a fundação de Samsoun, o Amiso antiga, uma importante cidade comercial a leste de Sinope. O original é uma figura de terracota de barro cinzento encontrado recentemente em Old Samsoun. influências religiosas e culturais da Mesopotâmia, assim, parecem ter tingido Ásia Menor, pelo menos em certos pontos, como até a costa do Mar Negro, e na verdade o grande península tem sido o que a sua forma sugere, uma mão amiga estendendo a partir do continente Ásia em direção ao continente europeu.

2. Terceiro milênio antes Cristo

artigo do Professor Sayce referida acima foi baseada na evidência fornecida por tabuletas cuneiformes de Kara Eyuk, o "Black Mound", um antigo sítio apenas dentro do boi-curvas do rio Halys perto de Cesaréia Mazaca. Estes comprimidos, como decifrado por ele e Pinches Professor, foram do período de Abraão, ou de Hamurabi, cerca de 2250 aC, e foram escritos em um dialeto do assírio. Os colonos eram colonos soldado da seção Assíria do império babilônico, engajados na mineração e no comércio. Prata, cobre e ferro foram talvez os metais procurado. "O tempo foi contado como na Assíria, por meio de agentes chamados limmi, que deu seu nome ao ano." Os colonos tinham um templo com seus sacerdotes, onde as transações financeiras foram desenvolvidas sob a santidade da religião. Não havia estradas, as transportadoras cuja mail malotes foram preenchidos com tijolos cuneiforme, e viajantes comerciais, que se especializou em roupas finas. Isso torna bastante natural a existência de um manto goodly babilônico por Acã a pilhagem de Ai (Js 7: 21). A escravidão é uma instituição reconhecida, um menino é enviado a um barbeiro para a circuncisão, uma casa, esposa e filhos são dados como garantia de uma dívida. Um juramento é feito "em cima de uma equipe", um fato interessante que derrama sua luz sobre os versos descrevem o juramento ea bênção de morrer Jacob (Gn 47: 31; Hb 11: 21). Ásia Menor, portanto, iluminada em vários pontos da cultura da Mesopotâmia, e transmite alguns dos raios espalhados no mundo grego.

3. Segundo milênio aC

Os primeiros habitantes nativos a ser distinguido na Ásia Menor, são os hititas (veja hititas). Desde 1872, quando o Dr. Wright sugeriu que os hieróglifos estranhos em quatro pedras de basalto preto que tinha descoberto a Hamate eram talvez a obra de arte hitita, houve um volume cada vez maior de material para os estudiosos a trabalhar em cima. Há esculturas do mesmo estilo em geral, representando figuras de homens, mulheres, deuses, leões e outros animais, a água com cabeça de casal, esfinges, instrumentos musicais, discos alados e outros símbolos, que pode ser entendida apenas em parte. Estes são acompanhadas escrita hieroglífica, ainda por decifrar, e as inscrições ler "boustrophedon", isto é, da direita para a esquerda e vice-versa, como os bois vão lavrar em um campo oriental. Foram também descobertas grandes castelos com conexão muros e muralhas, portões, túneis, fossos, palácios, templos e santuários e outros edifícios. Mais do que isso, os fragmentos ocasionais de tabuletas cuneiformes pegou na superfície do solo levou à crença de que os documentos escritos de valor pode ser encontrado enterrado no solo. Malatía, Marash, Sinjirli, Sakje Geuzi, Gurun, Boghaz-keuy, Eyuk, Karabel, para não mencionar, talvez, uma centena de outros sítios, têm oferecido hitita continua a ser importante. Carquemis e Quedes na Orontes foram capitais no norte da Síria. Os hititas da Terra Santa, quer nos dias de Abraão ou nas de David e Salomão, era um ramo do tronco principal da nação. Ásia Menor foi o verdadeiro lar dos hititas.

Boghaz keuy tornou-se na última década, o site mais conhecido hitita na Ásia Menor, e pode ser descrita como típica. Encontra-se no norte da Capadócia, horas almocreve cinquenta Sul de Sinope. Yasilikaya, a escrita "ou" esculpida "pedras, é um subúrbio, e Eyuk com a sua esfinge templo guardado, mas é 15 milhas ao norte. Foi a sorte do professor Hugo Winckler, da Universidade de Berlim, para garantir os fundos, obter a permissão do governo turco, e, no verão de 1906 para descobrir mais de 3.000 comprimidos de mais ou menos fragmentárias escritas em caracteres cuneiformes e do heteu linguagem. Esta é a primeira loja considerável da literatura ainda indecifrado hitita para os estudiosos a trabalhar em cima. Estes comprimidos são de barro, escritas em ambos os lados, e cozido duro e vermelho. Muitas vezes, a escrita é em colunas governou. O caráter cuneiforme, como o alfabeto latino nos tempos modernos, foi

utilizado longe de sua casa original, e que há milhares de anos. As linguas de alguns comprimidos Boghaz-keuy é babilônico, nomeadamente uma cópia do tratado entre Ramsés II do Egito e sar Khita, rei dos hititas na região central da Ásia Menor. Os escribas adotada, não só os personagens da Babilônia, mas alguns ideogramas, e são esses ideogramas que forneceram a chave para vocabulários provisório de várias centenas de palavras que foram publicados por professores e Pinches Sayce. Quando o professor Winckler e seus colaboradores alemão publicar os comprimidos que têm depositado no museu de Constantinopla, podemos ouvir a voz de Homer algum hitita falando de entre os tijolos empoeirados escritos no período de Moisés. Ao lado Boghaz-keuy as torres beetling de afundar Troy elevados para as proporções de uma aldeia fortificada.

Hittite esculturas mostram um tipo muito acentuada dos homens, com figuras de agachamento, olhos inclinados, nariz proeminente e características mongolóides. Nós supomos que eram de Turanian ou sangue mongol, certamente não semita e, provavelmente, não ariana. Como eles ocuparam várias vias importantes centros na Ásia Menor antes, durante e após todo o segundo milênio aC, é provável que eles ocuparam tanto ou mais do território de intervenção (ver registros do passado mês de Dezembro, 1908). A grande capital como Boghaz-keuy, com suas fortificações pesados, exigiria províncias extensas para apoiá-lo, e iria alargar a sua influência, de modo a deixar nenhum inimigo a uma distância impressionante. As amazonas "são agora geralmente considerada como sacerdotisas armados hitita de uma deusa cujo culto espalhou por toda a Ásia Menor. O "Amazon Montanhas", ainda conhecida localmente pelo nome antigo, paralela à costa do Mar Negro, perto do rio Íris, e atual tradição lá agora afirma que as mulheres são mais fortes do que os homens, o trabalho duro, vivem mais e são melhor em uma briga! Um estudo comparativo da cerâmica decorada, tão abundantes nos sítios antigos do país, torna-se mais do que possível que os montes artificiais, que são tão comum uma característica da paisagem da Anatólia, e os túmulos rockhewn muitos, dos quais o mais famoso são provavelmente aqueles em Amasia, foram obra das mãos do hitita.

As esculturas hitita são surpreendentemente sugestiva de religiosos, em vez de temas políticos ou militares. As pessoas eram pagãos com muitos deuses e deusas, dos quais um, ou um casal, recebeu o reconhecimento como na cabeça do panteão. Títulos como Sutekh de Carquemis, Sutekh de Kadesh, Sutekh da terra dos heteus, mostram que o deus principal estava localizada em vários lugares, talvez com diferentes atributos. Uma deusa companheiro foi nomeado Antarata. Ela era a grande Deusa Mãe da Ásia Menor, que veio para outrank sua contraparte masculina. Ela é representada nas esculturas com uma figura jovem do sexo masculino, como um cônjuge, provavelmente, ilustrando a lenda de Tamuz para quem as mulheres erram hebraico chorou (Ez 8: 14). Ele foi chamado Attys em dias posteriores. Ele representa a vida após a morte, inverno-primavera depois, uma geração após a outra. O chefe deus adorado em Boghaz-keuy foi Teshub. Outro foi nomeado Khiba, e com o mesmo nome aparece no Tell el-Amarna correspondência de Jerusalém. Isto proporciona uma ilustração notável do endereço do profeta de Jerusalém, "Sua mãe era uma hitita" (Ez 16: 45).

A adoração dos hititas da época do Êxodo ainda é visto retratado nas rochas na Yasilikaya. Este local foi o santuário da metrópole. Há duas galerias de rock hypaethral, o maior dos quais tem uma dupla procissão de cerca de 80 figuras esculpidas nas paredes de rocha natural, que foram suavizadas para o efeito, e reunião no recesso íntimo da galeria. Os números mais próximos da entrada são cerca de metade do tamanho natural. Como as procissões antecipadamente a altura dos aumentos de valores, até que as duas pessoas na cabeça, o sacerdote e sacerdotisa ou o rei ea rainha, são bastante acima do tamanho da vida. Essas pessoas previamente símbolos curioso para o outro, cada um é seguido por um séquito de seu próprio sexo, e cada um é suportado - o rei-sacerdote sobre a cabeça dos dois temas ou cativos, ea rainha-sacerdotisa em cima de um leopardo. Este último número é seguido por seu filho consorte.

As ruínas de Eyuk são compactos, e consistem de um pequeno templo, o seu porta-esfinge guardado, e uma procissão de casal de se aproximar dos fiéis ao número de cerca de 40. A sala principal do santuário fica a apenas 7 jardas. 8 de medição. Isso pode ser comparado com o Santo Lugar do tabernáculo dos israelitas, que foi de aproximadamente contemporânea. Nem poderia conter uma congregação de culto, mas apenas os sacerdotes ministrando. As esfinges solene na porta sugerem os querubins que adornavam o templo israelita, águias e alado com cabeça de casal decorar as paredes internas do portal. Entre as procissões em movimento esculpidos nas rochas de basalto na direção do santuário é um altar que está diante de um touro em um pedestal, e por trás, que é um padre que usa um brinco grande. Logo atrás, o sacerdote a um rebanho de três ovinos e caprinos, a uma abordagem altar sacrificial. Compare a descrição em Ex 32. Os israelitas disseram a Arão, "faze-nos deuses", ele exigia seus brincos de ouro, fizeram um bezerro ", e construiu um altar diante dele", eles ofereceram holocaustos e trouxeram ofertas pacíficas; eles se sentaram para comer e beber e levantou-se para jogar. culto israelita foi em certas formas semelhantes ao culto dos heteus, mas o seu conteúdo espiritual era totalmente diferente. Para os instrumentos musicais do Eyuk exibe uma procissão lituus, uma de prata (?) Trompete e uma guitarra bem torneadas. O reino animal é representado por um outro touro com uma caixa ou arca sobre as suas costas, um leão bem executado e duas lebres realizadas nas duas garras de uma águia. A próxima primavera, toda a água fornecida a requerida pelos adoradores e para fins rituais.

Professor Garstang na Terra dos Hititas mostra que o poder que tinha sido minguante, após cerca de 1200 aC, desfrutou de um período de recrudescimento nos séculos 10 e 9. Ele atribui a este período, os monumentos de Sakje Geuzi, que o professor se escavado, juntamente com outros restos hitita na Ásia Menor. O poder Vannic conhecido como Urartu, parecida com os hititas, mas separados, surgiu no Nordeste, frígios começou a dominar no Ocidente, os assírios pressionado sobre o Sudeste. A derrubada dos hititas foi completado pelo estouro das hordas de desoladora cimério, e depois de 717, quando Carquemis foi tomada pelos assírios, os hititas desaparecer a partir dos registros arqueológicos de sua terra natal. Veja a Ásia Menor, II, 1.

4. Primeiro milênio antes Cristo

Antes de os hititas desapareceu do interior da Ásia Menor, diversos povos arianos, mais ou menos estreitamente relacionadas com os gregos, foram estabelecidos em vários pontos ao redor da costa. Schliemann, da fama de Tróia, o arqueólogo foi pioneiro nesse campo, e seu entusiasmo ilimitado, otimismo e desenvoltura recuperar os tesouros da cidade de Priamo, e fez novamente história real de dias em que o mundo era jovem. Entre as coleções mais valiosas do museu é maravilhoso Constantinopla, que de Tróia, que contém os eixos de bronze e cabeça de lança, instrumentos de cobre, os talentos de prata, diademas, brincos e pulseiras de ouro, punhais e agulhas de osso, giros do eixo feito de barro , o número de ídolos ou oferendas votivas e outros objetos encontrados no Trôade, na Hissarlik moderna. Frígio, trácios e dos imigrantes posteriormente Galatian da Northwest foi de filtragem através do Helesponto, e cunha-se em entre os habitantes anteriores. Houve alguns pontos em comum entre a civilização cretense ou do mar Egeu e da Ásia Menor, mas o professor Hogarth em seu Ionia e Oriente insiste em que essas semelhanças foram poucos. Foi o contrário com os gregos adequada. Heródoto deu os nomes dos doze Aeolian, doze Jônico e seis cidades dóricas na costa oeste, fundada por colonos que vieram através do Mar Egeu, e que levedado, liderados e se misturaram com a população nativa que encontraram lá se estabeleceram. Uma dessas colônias asiáticas grego, Mileto, era suficientemente populoso e vigorosa para enviar 60-80 colônias próprias, os enxames sucessivos de aventureiros que se deslocam do Norte e Leste, até a costa do Mar Egeu, através do Bósforo e ao longo do sul costa do Mar Negro. Na época, devido Xenofonte e os Dez Mil, e, em seguida, Alexander com seu macedônios, ainda mais amplamente dispersa as sementes da cultura helênica sobre um solo já preparado para a sua recepção. As inscrições, esculturas, templos, túmulos, palácios, castelos, teatros, jóias, estatuetas em bronze ou terracota, moedas de prata ou de cobre e outros objetos remanescentes desse período apresentam um estilo de arte, cultura e religião, que pode ser melhor chamado Anatólia, mas que são semelhantes aos da Grécia propriamente dita. As escavações em Éfeso, Pérgamo, Sardes e outros sites importantes mostram o mesmo enxerto de mudas grego sobre o estoque local.

Uma característica marcante sobreviveu como um legado dos dias hitita no culto da grande Deusa-Mãe. Seja conhecido como Ma, ou Cibele, ou Anaitis, ou Diana, ou designada por qualquer outro título, não era a mulher do homem que dirigiu o panteão dos deuses. Com a cultura grega chegou também a organização da cidade-estado do governo. O mais rude e mais cedo as comunidades nativas foram organizadas sobre o plano de vila. Geralmente, cada aldeia tinha seu santuário, a cargo de sacerdotes ou sacerdotisas, talvez com mais frequência, a terra pertencia ao deus ou deusa, que paga o dizimo para o santuário, os sacrifícios e os presentes foram oferecidos no centro sagrado, o que era muitas vezes em alta colina, debaixo de uma árvore sagrada, e ao lado de uma fonte sagrada, houve pouco de educação, o direito ou o governo, exceto como orientadores oráculos foram proclamados do templo.

No início do milênio, a Phrygians tornou-se um poder de importância dominante na parte ocidental da península, e Professor Hogarth diz da região do túmulo de Midas, "não há nenhuma região do antigo monumento, que seria melhor valor" exame por escavadeiras. Então veio Lydia, cuja capital, Sardes, está agora em processo de escavação pelo professor Butler e seus sócios norte-americana. Sardes foi tomada e Creso destronado pelos persas cerca de 546 aC, e durante dois séculos, até que Alexandre, persa autoridade ofuscada Ásia Menor, mas as influências permanentes foram escassas.

5. Os romanos na Ásia Menor

Por volta do ano 200 aC, os romanos começaram a tornar-se enredados na política dos quatro principais reinos que então ocupava a Ásia Menor, ou seja, Bitínia, Pérgamo, Ponto e Capadócia. Pouco a pouco lenta a sua influência e seus braços avançado em tais líderes civis e militares como Sila, Lúculo, Pompeu, Cícero e Júlio César, quando Átalo de Pérgamo e Prusias da Bitínia legou seus domínios desconfortável para o poder estacionário decorrentes do Ocidente. Em 133 aC os romanos começou a organizar a província da Ásia, tomando o nome de um bairro Lydian incluída na província. Passo a passo, as fronteiras romanas foram empurrados mais para o Oriente. Mitrídates VI, rei de Pontus, foi chamado de "o inimigo mais formidável da República nunca teve que enfrentar", mas ele caiu antes de conquistar os braços de Roma. Pontus Veja. César criticou o Farnaces infeliz em Zile, no centro da Ásia Menor, e friamente anunciou seu sucesso memorável na mensagem de três palavras: "veni, vidi, vici." Finalmente tudo isso península feira passada sob a influência do ferro e do Estado romano durou mais de 500 anos, até que em 395 dC Teodósio dividiu o império entre seus filhos, dando ao Oriente para o Ocidente e Arcádio a Honório, eo Império Romano foi fenda em dois.

Fiel a seus costumes em outros lugares os romanos construíram estradas bem pavimentadas com pedra entre as cidades principais de suas províncias do leste. O arqueólogo ou viajante comum muitas vezes se depara com seções dessas estradas, às vezes na mais espessa floresta, como som e áspera como quando carruagens romanas rumbled sobre eles. Marcos foram erguidas para marcar as distâncias, normalmente inscrito no latim e grego, e decifração desses registros marco contribui para a recuperação da história perdida. Pontes sobre os importantes fluxos de ter sido reconstruído e reparado por sucessivas gerações de homens, mas em certos casos, o caráter romana do original está claramente diante. Os romanos eram um povo de construção, e as casas do governo, aquedutos, termas, teatros, templos e outras estruturas enfrentar o arqueólogo ou aguardar o trabalho da enxada. Epigraphical estudos como os de Professor Sterrett indicam que uma grande quantidade de inscrições ainda não foi recuperado, em latim, bem como em grego. Foi durante o período romano que o cristianismo fez o seu advento da península. discípulos de Cristo, bem como as legiões romanas e governadores utilizado nas estradas, pontes e edifícios públicos. edifícios da Igreja Velha e de outras instituições religiosas têm suas histórias para contar. É muito interessante ler nas lápides gregas do século primeiro anúncio ou 2 inscrições como: "Aqui jaz o servo de Deus, Daniel," Aqui está a serva de Deus, Maria. "Nosso grande autoridade para este período é Sir William M. Ramsay, cujo Geografia Histórica da Ásia Menor e outras obras devem ser lidas por qualquer um que se familiarizar com este rico campo.

6. O Período Bizantino

Por graus quase imperceptíveis a época romana foi incorporada pela Bizantino. Estamos passando tão rapidamente a partir de agora a esfera da arqueologia a da própria história que deve ser breve. Por milhares de anos após a queda de Roma, o Império do Oriente viveu, um corpo impregnado com as influências gregas remanescentes romanos e com Constantinopla, como o coração pulsante. O caráter das vezes não era nada se não for religioso, mas o cristianismo predominante era composto sincrético, incluindo muito do culto à natureza da Anatólia antes. Os conselhos primeira grande igreja cristã convocada sobre o solo da Ásia Menor, a quarta a ser realizada em Éfeso, em 431, e neste conselho a frase "Mãe de Deus" foi aprovada. Vimos que para as gerações cinquenta ou mais, o povo da Ásia Menor tinha adorado uma grande deusa mãe, muitas vezes com seu filho consorte. Foi em Éfeso, o centro do culto de Diana, que eclesiásticos, muitas das quais tinham apenas um treinamento leve no cristianismo, adotou este artigo em sua declaração de fé religiosa.

7. Os turcos Seljukian

Mais uma vez o governo do país, a raça dominante, a religião, língua e cultura, todos são alterados - desta vez com as invasões dos turcos Seljukian. Esta tribo foi o precursor dos turcos otomanos e mais tarde absorvida entre eles. Estes seljukians penetrou na Ásia Menor, chegando fora do recesso da Ásia central, sobre o tempo que os normandos tinham acordado ao longo das costas da Europa ocidental. Seu lugar na história é mensurável claro, mas eles merecem na arqueologia em razão de sua arquitetura marcante. Deles era um ramo da Saracenos ou arquitetura mourisca, e muitos exemplos permanecem na Ásia Menor, mesquitas, escolas, edifícios governamentais, khans, fortificações, fontes e outras estruturas permanecem em grande número e em um estado de conservação mais ou menos satisfatória, e eles são edifícios notavelmente maciços, ainda ornado em delicadeza e variedade de rendilhado.

Os turcos otomanos, primos da seljukians, aproximou-se fora da colméia da Ásia Central depois, e tomaram Constantinopla por um cerco memorável em 1453. Com este evento a arqueologia da Ásia Menor pode ser dito para fechar, ea história de cobrir o campo em seu lugar.

Asiarca

a' shi-ark (, *Asiarches*; o inglês Revised Versão "os oficiais principais de Ásia," a KJV "o chefe da Ásia"); O título dado a certos homens de grau honorário alto na província romana da Ásia. O que as funções exatas deles eram não está completamente claro. Eles derivaram o título deles do nome da província em cima da qual eles presidiram (compare BITINIARCA; CARIARCA; SIRIARCA). Brandis mostrou que eles não eram "os sumos Sacerdotes da Ásia," como alguns pensou, mas delegados de cidades individuais para o Conselho provinciano (Comunidade Asioe; veja a ÁSIA MENOR) que regulou a adoração de Roma e do imperador. Eles provavelmente foram ajuntados em Éfeso, entre outros lugares, presidir em cima dos jogos públicos e os ritos religiosos ao festival, em honra dos deuses e o imperador, quando eles enviaram palavra a Paulo e o deram um pouco de conselho amigável, não se apresentar em teatro (*me dounai heauton eis to theatron*, At 19:31). O título poderia ser segurado junto com qualquer serviço civil e com o alto-sacerdócio de uma cidade particular. Eles serviram durante um ano, mas re-eleição era possível (o mandato, de acordo com Ramsay, era quatro anos). As municipalidades devem ter mostrado para o Asiarcas honra alta, como nós achamos os nomes de muitos perpetuados em moedas e inscrições. O escritório só poderia ser segurado por homens de riqueza, como as despesas dos jogos provincianos era para a maior parte custeada pelo Asiarcas.

Literatura

CI, 2511, 2912,; CIL, 296, 297,; Brandis, a Real-enciclopédia de Pauly-Wissowa, artigos “Archiereus” e “Asiarches”; Strabo, XIV, 649,; Eusebius, ELE, IV, 15,; Hicks, Ancião Inscrs grego no Museu britânico; Ramsay, Revisão Clássica, III, 174ff,; Cidades e Bispados de Phrygia, eu, 55-58, e II, xi de capítulo,; Guiraud, Les assemblées provinciales de l'Empire Romain; Ágil, Ignatius e Polycarp, II, 987ff.

Asibias

as-i-bi'as (, *Asibias* and *Asebias*): Asibias guardou o dele “a esposa estranha” (**LA** 1 Esdras 9:26). Compare Malquias (Ed 10:25).

Aparte

a-sid': “Distinto de outros,” “reservadamente,” tal o senso da palavra está em 2Rs 4:4; Mc 7:33. Também “retirar” (Lc 9:10 a KJV; At 23:19: , *hupochoreo*, também *anachoreo*). É dito que a pessoa tem desviado quando ele parte do caminho da retidão (Sl 14:3; (**LA** Sirach 2:7); 1Tm 1:6). Em um sentido figurado é usado expressar o pensamento de apartar, renunciar, todo obstáculo ou impedimento para uma vida Cristã séria consagrada (Hb 12:1: , *apothēmi*).

Asiel

a'si-el, as'i-el (λ, *Asie*; na KJV Asael (**LA** Tobias 1:1)):

- (1) o avô de Jeû, um do Simeonitas “os príncipes” mencionados em 1Cr 4:35 como compartilhando a herança de Judá (veja Js 19:9).
- (2) escritor rápido noivado por Esdras para transcrever a lei (**LA** 2 Esdras 14:24).
- (3) um antepassado de Tobias (**LA** Tobias 1:1). Compare Jazeel ou Jaziel (Gn 46:24).

Asifa

as'i-fa (Códex Alexandrinus , *Aseipha*; Códex Vaticanus , *Taseipha*)= Hasufa (Ed 2:43; Ne 7:46). Os filhos de Asipha (os criados templo) voltou com Zorobabel a Jerusalém (**LA** 1 Esdras 5:29).

Pergunte

pergunte , *sha'al* “indagar,” “buscar para deliberação,” “exigir”): Esta palavra é geralmente usada no Velho Testamento e é equivalente para , *eperotao*, “pedir,” usado no Novo Testamento. Não insinua inferioridade por parte da pessoa que pergunta (Sl 2:8). É o Filho que é bidden para perguntar, e então a palavra expressa o pedido de um igual. Também tem o significado “indagar”: “Portanto... pergunte depois de meu nome?” (Gn 32:29) significando, “Seguramente você tem que saber quem sou eu.” “Ye me fará nenhuma pergunta” (Jo 16:23), i.e. “sobre o verdadeiro significado de minhas palavras, para tudo estará então claro a você” (Dummelow). , *aiteo*, a palavra é geralmente usada com referência para oração. Significa “perguntar,” “implorar,” o presente o solicitante como uma pergunta inferior de um superior (Mt 6:8; Mt 7:7, Mt 7:8; Mc 10:35; Jo 14:13, e em muitos outros lugares). Não é, porém, perguntando no senso da palavra implorar, mas bastante o de uma criança que faz pedido ao seu pai. O solicitante pergunta ambos por causa da necessidade dele e da garantia que ele é bem-vindo. Ele está seguro antes de ele perguntar que a petição será concedida, se ele perguntar conforme Deus vá (1Jo 3:22; 1Jo 5:15). Além disso o Espírito nos conduz a perguntar dentro tal que Ele revela nossa necessidade e a bondade de Deus a nós. Veja EXTRAVIADO; ORAÇÃO.

Asquelom (2)

as'ke-lon:o a KJV forma de Versão em Jz 1:18; 1Sm 6:17; 2Sm 1:20, para ASQUELOM (que vêem).

Adormecido

a-slep' (, *yashen*, “dormindo,” , *radham*, “sono profundo”; , *katheudo*, “dormir,” , *aphupnoo*, “dormir”): Um estado de repouso em sono, a liberação da sensação de cansaço do corpo e nota, a partir do acesso de Jonas no barco (Jn 1:5); de Cristo no barco na tempestade (Mt 8:24); dos discípulos exaustos no Getsemane (Mt 26:43 a KJV). Usado com significação bonita e confortante da morte (, *koimaomai*, “pôr para dormir”). Sono insinua um se despertando subsequente, e como um símbolo de morte insinua continuado e vida consciente além da sepultura. Na presença da morte nenhuma verdade tem sustentado assim a fé Cristã como isto. É o produto distinto da ressurreição de Cristo. Paulo fala de crentes passados como tendo “dormido em Cristo” (1Co 15:6, 1Co 15:18); como prova da imortalidade da alma ele condiciona os mortos em Cristo “os primeiros isso é adormecido.” É dito Lazaro e Estevão, a morte, para ter “dormido” (Jo 11:11; At 7:60); assim de Davi e os patriarcas antigos (At 13:36; 2Pe 3:4). A descrição mais bonita da morte em idioma humano e literatura é a caracterização de Paulo dos mortos como “eles também que dormem em Jesus” (1Ts 4:14 a KJV). Isto abençoou esperança tem forjado permanentemente isto na vida e credo e etimologia da igreja Cristã, como no hino freqüentemente usado com tal efeito confortante ao serviço de enterro de crentes: “Adormecido em Jesus! abençoado durmal!”

Asmodeus

az-mo-de'us (, *'ashm' dhai*; , *Asmodaios*): Um espírito mau mencionado primeiro em (**LA**) Tobias 3:8. Os etimólogos mais Velhos derivaram o nome do verbo hebraico *shamadh*, “destrua”; mas é segurado agora geralmente para ser associado com Zoroastrianismo, com que os judeus foram se familiarizados durante o exílio, e por quais visões judias posteriores nos espíritos grandemente foi influenciado. É segurado para ser agora o equivalente do Persa *Aeshma-Deva*, o espírito de concupiscência. O espírito é considerado às vezes como o igual em poder de “Abadom” (Jó 31:12) e de “Apoliom” (Ap 9:11), e em Tobias é representado como Sara amorosa, só filha de Raguel de Ecbatana, e como causando a morte na noite nupcial de sete maridos que tiveram em sucessão a se casar. O poder dele estava quebrado por Tobias jovem que age no conselho do anjo Rafael (**LA** Tobias 6:15). Ele queimado “cinzas de incenso” o coração e fígado de um peixe que ele pegou no Tigre. “Mas quando o diabo cheirou o cheiro, ele fugiu nas partes superiores do Egito, e o anjo o saltou” (**LA** Tobias 8:3). Milton recorre ao incidente no Paraíso Perdido, 4, 168-71, que fundam em demonologia judeu e o “amores dos anjos” (Gn 6:2).

Asmoneanos

as-mo-ne'ans: Uma família sacerdotal notável de Modin, na Judeia, Hasmoneanos também chamados Macabeus. Eles pertenceram àquela porção da nação judia que debaixo de todas as tentativas e tentações permaneceu leal a Yahweh, até mesmo quando a vida nacional e religião pareciam à mais baixa diminuição deles, e eles tiveram sucesso, durante algum tempo pelo menos, restabelecendo o nome e fama de Israel. Ao todo elas eram uma família extremamente bélica. Mas a história dos Asmoneanos inteira dispõe prova abundante do partidismo amargo que, até mesmo mais que as perseguições dos inimigos deles, solapou a força nacional e dividiu a nação em facções amargamente hostis. Os Asmoneanos nunca, em toda sua história, ou a qualquer determinado período, teve umas pessoas unidas atrás das parte de trás deles. Eles tiveram que lutar infidelidade em casa, como também inimizade mortal no estrangeiro. Uma porção considerável das pessoas não pôde resistir o paganismo influenciador dos períodos macedônios e sírios, e nesta direção os milhares de soldados hebreus que lutaram debaixo das bandeiras gregas devem ter mostrado uma influência inestimável. A luta Asmoneana é então, em todas suas fases, um apoiou a três pessoa, e faz o predomínio da família ainda mais notável. As fontes de nosso conhecimento deste período são principalmente achado nos Livros dos Macabeus, em Josefo, Antiquidades e Josefo, Guerras judias de Josefo, e em referências ocasionais de Strabo, Livy e outros historiadores clássicos. Os conteúdos de Josefo, Antiquidades provam claramente que Josefo usou os Livros dos Macabeus até onde possível, mas que além ele era agora completamente possessor de fontes de informação perdidas. O nome "Asmoneano" é derivado do hebraico *Hashman*, "rico." *Hashman* era cabeça da família de Joariaribe (Antig. XII, vi, 1; **LA** 1 Mac 2:1; 1Cr 24:7). O nome "Macabeu," do sobrenome de Judas, o filho de Matatias, pode ser derivado do hebraico *makkabhah*, "um martelo"; *makhbi*, "um extintor"; ou das primeiras cartas da oração hebréia, *Mi Khamokhah Ba-ehm YHWH* "Quem entre os deuses, O Deus, pode ser comparado a Ele," se inscreveu na bandeira de Macabeus na palavra *MaKHBiY*.

1. A Revolta Asmoneana

Antioco Epifanes voltou em 169 a.C., das guerras egípcias, as frutas de qual tinha sido arrancado dele pelo poder romano que um ano depois, na quarta guerra dele, na pessoa de Pompilius Laenas, estava ordenar temporariamente que ele se vá tempo de uma vez por todas pelo Egito. Assim foram feitas as quatro campanhas dele contra o inimigo hereditário dele totalmente estéril. Tinham sido despertadas suspeitas sérias no coração do rei contra os judeus, e quando os disputando sobre o alto-sacerdócio deles o dispuseram uma oportunidade, ele solucionou esmagar o poder do Judaísmo e exterminar sua religião detestada sempre. Assim Apollonius (Josefo nos fala, o próprio rei, BJ, V, ix, 4) em 168 a.C., se aparecidos antes de Jerusalém, devastou a cidade, sujou o templo pelo sacrifício de suínos no altar de oferecimento queimado, destruiu todas as escritas santas que poderiam ser obtidas, judeus inúmeros vendidos e as famílias deles em escravidão, proibiram circuncisão em pena de morte e inauguraram o período escuro falado de por Daniel (Dn 9:27; Dn 11:31). Assim Antioco marcou o nome dele em sangue e lágrimas nas páginas da história judia. Contra esta tirania cruel e esta tentativa para arraigar fora a religião de Israel e a fé antiga deles, se revoltou a família dos Macabeus e assim se tornou os líderes em uma luta desesperada para independência judia. Como distante eles tiveram sucesso nestes esforços que o esboço seguinte mostrará.

2. Matatias

Matatias era pai da casa de Joariaribe, na hora do rompimento da revolta provável um refugiado de Jerusalém, vivendo em Modin, Oeste da cidade, nos altiplanos da Judéia onde ele pode ter possuído uma propriedade. Quando compulsão era experimentada pelos sírios o fazer sacrificar a ídolos, ele não só recusou obedecer, mas matou um judeu que avançou ao altar como também Apelles, o chefe sírio e uma porção do guarda dele (Antig. XII, vi, 2). Subvertendo altares pagãos como foi ele, ele foi seguido no deserto por faixas grandes de judeus leais. E quando a recusa para lutar no dia de Sábado sagrado tinha conduzido à matança de mil dos seguidores dele, ele deu liberdade aos judeus dar batalha naquele dia. Em 167 a.C., em seguida o começo do conflito, ele afundou debaixo da tarefa desigual, enquanto deixando a conclusão do trabalho aos cinco filhos dele, João (Gaddis), Simão (Matthes), Judas (Macabeu), Eleazar (Auran) e Jonatas (Apphes). No leito de morte dele ele designou Simão como o conselheiro e Judas como o líder militar do movimento (Antig. XII, vi, 1). Estes dois com Jonatas eram levar o trabalho a conclusão.

3. Judas Macabeu, 166-160 a.C.

Judas se provou cheio merecedor da previsão do pai dele e confiança. O talento militar dele era maravilhoso, o confundindo esperto dele, de coragem leonina, a velocidade dele era da águia. Ele faz lembrar fortemente de Josué, o gênio militar antigo de Israel. Quase todas suas batalhas foram lutadas contra vantagens impossíveis e as vitórias dele inspirou os sírios com temor. Em ataques de noite súbitos ele pegou de surpresa os generais sírios, Apollonius e Seron (**LA** 1 Mac 3:10, 13), e se espalhou os exércitos deles. Antioco, pronto para castigar os países para o leste, que se apareceu no ponto de rebelião, confiou a conduta da guerra de Judéia a Lisias, o favorito que foram carregados para exterminar Israel e sua religião odiada fora a face da terra. O posterior confiou a conduta atual de hostilidades a um grande e bem equipado exército, debaixo de Ptolomeu, Nicanor e Gorgias. Este exército foi se acampado a Emaus, Sul de Modin, enquanto Judas posição com a força pequena dele um pequeno ao Sudeste. Quando Gorgias tentou o pegar de surpresa de noite, o próprio Judas caiu como uma avalanche no resto do exército sírio e esmagou isto, então se encontrou e derrotou o Gorgias devolvendo e ganhou um imenso saque. Igualmente próspero na campanha de 165 a.C., Judas capturou Jerusalém e purificou e reedificou o templo, só cinco anos depois de sua corrupção. Assim os judeus deram início "Festival das Luzes" (Hanuk) e entrou em existência. O próximo ano estava gasto na redução de Iduméia, o Jordão território, as Amonitas, e vários lugares seguros importantes do inimigo, ainda Simão marchou em direção ao norte e devolveu os cativos judeus da Galiléia e as fontes do Jordão.

Enquanto isso Antioco tinha morrido na campanha oriental e a morte dele inaugurou o colapso do império sírio. Filipe foi designado guardião do rei infantil, enquanto o tio Demetrios dele buscou o destronar pela ajuda dos romanos. O assédio do lugar seguro de Jerusalém, ainda nas mãos dos sírios, pelo Macabeus, Filipe conduzido para fazer um esforço heróico para esmagar Judas e o poder de crescimento dele, e ele marchou rapidamente em Judéia com um exército grande e bem equipado. As vantagens eram muito fortes para Judas, a faixa dele foi amedrontada pelos elefantes de guerra sírios e na batalha de Betzacarias foram derrotados Macabeus e Eleazar, o irmão mais jovem, foi morto. Jerusalém foi levada pelos sírios, a parede do templo demolida e só o perigo ameaçador de um ataque dos inimigos sulistas do rei economizou a causa Macabeana. Lisias se retirou mas deixou uma guarnição forte em Jerusalém. Tudo parecia perdido. Alcimus, líder dos judeus desleais e um inimigo mortal de Judas, foi feito o sumo sacerdote e ele pediu Demetrios que tinha capturado o trono sírio para entrar à ajuda dele contra os Macabeus em 162 a.C. Bachides foi enviado com uma força forte e buscou obter posse da pessoa de Judas por deslealdade em vão. Ele fez destruição dos judeus, matando o amigo e inimigo semelhante, e voltou ao Leste a ser tido sucesso por Nicanor que também não dispôs de Judas por deslealdade. Na batalha resultando foi derrotado ele e compeliu para recorrer a Jerusalém e por isso em Bete-Horom, onde Judas atacou, novamente derrotou e o matou. Nesta hora de esperança e medo Judas foi levado a buscar uma aliança romana cujo consumação que ele nunca viu. Daquele dia mudou a fortuna dele. Um exército sírio novo debaixo de Bachides e o falso sacerdote Alcimus chegou Jerusalém. Judas lhes deu batalha a Elasa, em abril, 161 a.C. Com só 3000 homens ele noivou as forças sírias. Ele teve sucesso derrotando a asa esquerda dos sírios debaixo de Bachides, mas era em troca rodeado e derrotou pela ala direitista. Toda a esperança de fuga que está cortado fora, Judas se cercou com os melhores guerreiros dele e caiu cercado por montões de inimigos mortos afinal. Estranho dizer os sírios renderam o corpo dele a

Simão e Jonatas o irmão dele que o enterrou pelo lado do pai dele em Modin.

4. Jonatas, 160-143 a.C.

A morte de Judas por um momento paralisado o movimento revolucionário, enquanto aumentou a determinação dos sírios. Todos os privilégios anteriores foram revogados, e os simpatizantes dos Macabeus foram rigorosamente perseguidos. Mas tudo isso só serviu para ligar a parte mais juntos, eo comando-chefe foi conferido Jonathan, o irmão mais novo, tão ousada quanto, e talvez o mais sagaz que, Judas. Ele mergulhou no deserto, aliviou-se do fardo das mulheres e crianças, e quando esta sob os cuidados de João, seu irmão, foram exterminados pelos Amri, tomou sangrenta vingança sobre eles. Surpreendido pela Bâquides, o general sírio, que causou grandes perdas no último e escapou do outro lado da Jordânia. A morte do Alcimus traidor, em 160 aC, por um tempo aliviou a situação ea força dos Macabeus cresceu rapidamente. A segunda campanha de Bâquides foram infrutíferas contra a cidadela ousadia e astúcia de Jonathan e Simão, e eles conseguiram fazer a paz com os sírios (Ant., XIII, i, 5, 6), mas o de Jerusalém e outras fortalezas permaneceram no mãos do inimigo. Os acontecimentos dos 153 anos aC No entanto mudou todo o aspecto das coisas. Demétrio viu seu trono ameaçado por Alexandre Balas, um dos favoritos romano. Tentando garantir a assistência dos Macabeus, que veio alargar consideravelmente as concessões anteriores, e quando ele ultrapassou Balas em generosidade e padre Jonathan nomeado alta com poderes praticamente real, os Macabeus astuciosamente jogado um contra o outro. Desde a morte de Alcimus o sumo sacerdote tinha agora está vago há sete anos (Ant., XIII, ii, 3), razão pela qual a nomeação foi extremamente gratificante para os judeus. Em sua extremidade, Demétrio ofereceu o equivalente a prática da independência, mas os macabeus tinham aprendido o valor dessas promessas através da experiência amarga. A astúcia de Jônatas levou-o a afastar-se de todas as promessas multa de Demétrio e confiar sua fortuna a Balas, e não em vão, pois o antigo morreu em batalha com o (ii Ant., XIII, 4) este último. Jonathan superou todos os seus irmãos no ofício e já abraçou o lado mais promissores, como é evidente a partir de suas relações com Ptolomeu Filometor, Balas e Demétrio. Ao fazer com que o último foi adotado em 148 aC por Apolônio, governador da Síria, Jonathan revelou a verdadeira genialidade dos Macabeus militar, ganhando um sinal de vitória sobre ele. Balas agora deu a permissão de longa cobiçado para quebrar a velha torre da Síria, em Jerusalém, que durante tanto tempo tinha sido um espinho no lado dos Macabeus. Infelizmente, durante o cerco Balas e Filometor morreu e Demétrio respirava vingança contra Jonathan. Mas o último destreza conquistada pelo rei apresenta grande (Ant., XIII, IV, 9) e aceitou a liberdade restrita oferecida. Aproveitando, entretanto, pelos intermináveis cabalas do tribunal da Síria, ele logo alinhou com Trifão, o requerente novo, e com a ajuda de seu irmão Simão ampliou o poder dos Macabeus durante quase toda a Palestina. Na próxima guerra sírio ganhou uma vitória quase miraculosa sobre o inimigo (Ant., XIII, v, 7, 1 Macc 11:67 ss). Cansado da luta sem fim e anseio por um braço forte para se apoiar, como Judas, ele buscou uma renovação da aliança romana, mas nunca viu a sua realização. Trifão, que o temiam, traiçoeiramente fez prisioneiro em Ptolemaida; todos os seus seguidores foram mortos imediatamente e ele próprio posteriormente executado em Basca em Cele-Síria (Ant., XIII, vi, 2, 6).

5. Simão, 143-135 a.C.

Assim, novamente os Macabeus enfrentou uma grande crise. Mas Simon, o único sobrevivente dos filhos de Matatias, agora entrou na brecha, frustrou os planos traiçoeiros de Trifão, reuniu-se a estratégia com a estratégia, renovou a aliança com Demétrio, e obteve dele o sumo sacerdote. Todos os privilégios antigos foram renovados, a aliança com Trifão foi tolerada pelo rei, e os macabeus resolveu contar esta época como o início de sua verdadeira liberdade (1 Macc 13:41). A fortaleza odiados de Gazara caiu eo último de todos a cidadela de Jerusalém foi reduzida, e até a colina, em que ele havia ficado, foi completamente arrasado em três anos seguintes (Ant., XIII, VI, 7). Simon, favorecida pela decadência do poder da Síria, levou o governo dos Macabeus ao auge de sua glória. O único trabalho considerável de arquitetura realizados em todo o período foi o magnífico túmulo do Asmoneans em Modin, construído por Simon, que era visível mesmo a partir do Mediterrâneo. Ele foi o primeiro dos Macabeus para atacar sua própria moeda, manteve-se, com a ajuda de seus filhos, João e Judas, contra o novo pretendente sírio, Antioco Sidetes, 139 aC, mas caiu na última vítima da traição de sua próprio genro, Ptolomeu (Ptolomeu, 1 Macc 16:11) em um banquete preparado para ele (135 aC). Sua esposa e filhos, Matatias e Judas, foram feitos prisioneiros, ao mesmo tempo (Ant., XIII, VII, 4, BJ, I, II, 3).

6. João Hircano, 135-105 a.C.

João sucedeu a seu pai, tanto como príncipe e sumo sacerdote, e seu longo reinado exibido todas as características dos Macabeus verdade. As fontes mais antigas aqui são perdidos de vista, e quase tudo o que sabemos é derivado de Flávio Josefo. O reinado de João Hircano começou em meio a grandes dificuldades. Mal foi Ptolomeu escoada antes de Antioco apareceu diante de Jerusalém com um exército forte e investiu perto dele. Em uma trégua com o rei, Hircano obtidos em condições favoráveis quanto possível, pagou um resgate e teve que permitir a demolição da muralha da cidade. Para conseguir dinheiro ele abriu e estragou o túmulo de David (Ant., XIII, viii, 4) e obteve assim um exército para a defesa do país. Com este exército ele acompanhou o rei para a guerra dos Partos, no qual Antioco morreu. Hircano agora jogou fora o jugo sírio e começou uma guerra de conquista. Em uma campanha rápida, ele conquistou o território trans-Jordanic, destruiu Samaria e seu templo e devastou a terra dos Iduméia, cujas pessoas foram consagrados na comunidade judaica por uma circuncisão forçada (Ant., XIII, IX, um). Por uma embaixada, o terceiro na história Asmonean, ele fez uma aliança com Roma. Enquanto isso, um forte espírito partidário tinha sido despertada contra ele em casa, por conta de sua saída do partido dos fariseus, para filiar-se com a dos saduceus, seus piores inimigos. Assim, os homens que tinham sido o cerne da revolta dos macabeus, desde o início agora fez uma sedição contra ele. A visão hagiocratic da vida judaica, desde o início, tinha sido a essência do movimento Asmonean e, como o passar dos anos, o abismo entre os dois grandes partidos em Israel se tornou cada vez mais amplo. A ruptura com os fariseus parecia uma ruptura com todos os antecedentes Asmonean. O núcleo do problema residia no poder de casal de Hircano, que, contra a doutrina farisaica, combinadas em uma só pessoa tanto a dignidade real e sacerdotal. E como os fariseus cresceu em força também cresceu em reverência às tradições dos pais, enquanto os saduceus em atenção apenas o testemunho escrito e, além disso foram muito liberais em suas opiniões em geral. Só a imensa popularidade de Hircano lhe permitiu resistir a esta tempestade. Após um reinado de quase três décadas, morreu em paz, invejado por três coisas - a posse do poder supremo de Israel, a posse do sumo sacerdócio eo dom da profecia (Ant., XIII, x, 7).

7. Uma Casa Morrendo, 105-37 a.C.

Com João Hircano a glória da casa dos Macabeus faleceu. O que resta é apenas o conto triste de degradação exterior e interior. O período abrangido é de apenas seis ou sete décadas. Sabendo de sua família, Hircano havia nomeado sua esposa para o poder supremo, enquanto Aristóbulo, seu filho mais velho, era tomar o sumo sacerdote. Mas este não foi mais cedo instalados neste escritório que ele tirou a máscara, assumiu o título real, presos e mortos de fome a sua mãe e seus três presos irmãos mais novos, deixando em liberdade apenas Antigono, que ele logo após o causou a ser assassinado em um frenesi de inveja do poder (Ant., XIII, XI, 1, 2, 3). Pouco depois ele morreu de uma doença intestinal, pouco lamentou por seu povo. Sua viúva, sem filhos elevados o mais velho dos filhos sobreviventes de Hircano, Alexandre Janeu, para o trono e casou com ele. Este homem começou seu reinado com o assassinato de um de seus restantes irmãos e, seguindo o exemplo do pai, associada a si mesmo com o partido dos saduceus. Envolvidos em guerras amargas, que surgiu em cada mão, ele provou que o gênio militar de idade dos Macabeus não tinha inteiramente perdidos. Quando os fariseus despertou uma rebelião generalizada contra ele, ele esmagou o movimento em uma torrente de sangue (Ant., XIII, XIV, 2). Na guerra intestina que se seguiu, matou cerca de 50.000 de seu próprio povo e foi praticamente um exílio de sua própria cidade e do governo. Decidir apenas pela força bruta, fez os últimos anos de sua Dark Reign e sombrio. Josefo, mas toca de leve sobre os acontecimentos amargos da sedição, em

ambos os lados marcados com grande barbárie (Ant., XIII, XIV, 2). Apesar de sofrer de uma forma incurável de febre quartã, ele foi à guerra para o passado e morreu durante o cerco de Ragaba. Em seu leito de morte, ele aconselhou a rainha de lançar-se sobre a misericórdia dos fariseus: um conselho sábio como o provou o caso, pois ela foi autorizada a manter a coroa e colocar seu filho Hircano no cargo de sumo-sacerdotes. Assim, ela governou por nove anos (78-69 aC). Em sua morte, seu filho Aristóbulo, a quem ela tinha mantido a partir de assuntos públicos e que abraçava a causa dos saduceus, aspirava à coroa. Outra guerra intestina resultou, em que Aristóbulo foi vitorioso. Hircano acordado, em contrapartida financeira de grande porte, para deixar os assuntos públicos completamente sozinho. A família de Herodes, que devia tudo ao Macabeus (Ant., XIV, i, 3), agora aparece em cena. Antípatro, um amigo de Hircano, o levou a fugir para a Aretas, rei da Arábia, em Petra, com quem ele fez uma aliança. Na guerra que se seguiu, Aristóbulo foi conquistada, cale-se em Jerusalém e obrigado a invocar o auxílio dos romanos, a cuja assistência aos árabes foram repelidos (Ant., XIV, ii, 3). Neste mesmo ano, Pompeu veio a Damasco, onde encontrou-se entre três fogos, não só para os dois irmãos, mas um grande partido dos fariseus hagiocratic assim clamavam por uma audiência. Este último partido se recusou ambos Aristóbulo e Hircano como governantes. Através das maquinações de Antipater, Pompeu lados com Hircano, Aristóbulo em que preparados para a guerra. Pompeu prontamente marchou sobre Jerusalém e os indecisos Aristóbulo conheci com promessas de submissão e presentes. Quando seus seguidores, no entanto recusou-se a realização de tais promessas, Aristóbulo foi preso e Pompeu de uma vez investido Jerusalém, que foi tomado de assalto na Páscoa de 63 aC, após um cerco de três meses. Pompeu entrou no lugar mais sagrado do templo, portanto, sempre estranhamento do partido farisaico de Roma. Mas ele não estragar a templo e sacerdote Hircano nomeado alto. Este evento marca o colapso do poder dos macabeus. O que segue são apenas os estertores da morte. Aristóbulo, e seus dois filhos, Alexandre e Antígono, foram levados para Roma como prisioneiros. No caminho Alexander escapou e renovou a luta infrutífera na Judéia, para ser menos uma vez esmagados pela Gabinius general romano. Um pouco mais tarde, ambos Aristóbulo e Antígono também escapou. Voltando à terra natal, a antiga, como seu filho, lutou uma campanha breve e infrutífera e valente, mas foi devolvido cativos para Roma, onde morreu por envenenamento, na véspera do início do serviço ao abrigo das normas romano, 49 aC. Alexander foi executado em Antióquia, por Pompeu. De todos os príncipes macabeus, assim, apenas Antígono e Hircano continuou. O poder Idumean estava agora prestes a suplantam os macabeus. Herodes, o filho de Antipater lados, como seu pai havia feito, com Hircano contra Antígono. Os distúrbios entre as facções em Roma e em todo o império permitiu a promulgação da última etapa do drama Asmonean, na disputa final de Hircano e Antígono. Herodes na Judéia com Hircano, quando Antígono com as hordas Parthian invadiram o país, causada Herodes precipitadamente para evacuar a Palestina, e após a captura de Jerusalém em 40 aC, Hircano enviou seu tio como um cativo para o Oriente, depois de ter cortado as suas orelhas, incapacitá-lo para sempre para o cargo de sumo-sacerdotes (Ant., XIV, XIII, 10). Herodes já obteve a ajuda dos romanos e permissão para reconquistar a Judéia. Em uma campanha furiosa, marcada pela barbárie mais chocante, que ocupou a maior parte do país, e finalmente em 37 aC, conseguiu tomar Jerusalém. Antígono rendido, mas foi executado em Antióquia, por Antony, a pedido de Herodes (Ant., XIV, XVI e 4). O destino dos restos do tronco dos Macabeus, nas mãos de Herodes, podem ser encontrados através da consulta do artigo em Macabeus.

Asna

as´na (, *'asnah*, “espinheiro”): Um do Nefusim que voltou com Zorobabel do exílio (Ed 2:50).

Hasum/Asom

a´som (, H, *Asom*) = Hashum (Ed 10:33): Os filhos de Asom guardaram deles “as esposas estranhas” (**LA** 1 Esdras 9:33).

Áspide

(, *pethen* (Dt 32:33; Jó 20:14, 16; Is 11:8); , *asps* (Rm 3:13)); Qualquer cobra venenosa, ou até mesmo cobras venenosas em geral, satisfaria o contexto em todas as passagens citadas. *Pethen* também é traduzido SERPENTE (que vêem) em Sl 58:4; Sl 91:13. A maioria dos autores supôs a naja egípcia (*Naia haje*, L.) ser a cobra significada, mas enquanto isto é distribuído amplamente ao longo da África, sua ocorrência na Palestina Sulista parece descansar somente na autoridade de Cânon Tristram que não colecionou isto. Há Outras cobras venenosas na Palestina qualquer um dos quais satisfaria as exigências destas passagens. Veja SERPENTE. Enquanto o aspis de literatura grega clássica puderem ter sido bem a naja egípcia, será notado que aspis de Vipera, L., é limitado para a Europa central e ocidental.

Aspalathus

as-pal´a-thus (, *aspalathos*): Uma planta aromática mencionada em (**LA**) Ecclesiasticus 24:15 a KJV onde “sabedoria” diz, “eu dei um doce cheiro como canela e aspalathus,” etc. se apareceria, para ter sido um arbusto espinhoso, a madeira do qual era perfumada de uma referência em Plínio, mas nada certo é conhecido sobre isto.

Aspata

as-pa´tha (, *'aspatha*): Um dos dez filhos de Hamã (Et 9:7) (Pers, *aspadata* “dado por um cavalo sagrado,” de acordo com Enciclopédia, *Thesaurus*, Add. 71, after Pott and Benfey).

Asfalto. as´falt. Veja LODO.

Asfar a cisterna

as´far, (, *lakkos Asphar*): Quando Jonatas e Simão fugiram de Bachides que eles se acamparam por esta cisterna no deserto de Tecoa (**LA** 1 Mac 9:33; Antig. XIII, i, 2). É provavelmente idêntico com *Ez-Za'feraneh*, um local arruinado com uma cisterna antiga, para o Sul de Tecoa, e Leste de *Halhul*. *Br Selhub* aproximadamente 10 Km Sudoeste de *'Ain Jidy* está favorecido por alguns (EB, debaixo da palavra), as colinas ao redor isto que é conhecido como *Safra*, em o qual pode haver uma sobrevivência do nome velho.

Mizpar/Asfarasus

as-far' a-sus (, *Aspharasos* = Mizpar (Ed 2:2; Misperete, Ne 7:7)): Um líder dos cativos que voltaram com Zorobabel a Jerusalém (LA 1 Esdras 5:8).

Asriel

as' ri-el (, *asn'el*, “Voto de Deus”?): Um homem de Manasses (Nm 26:31; Js 17:2). A forma Asrielitas, i.e, a família de Asriel, acontece em Nm 26:31. De acordo com 1Cr 7:14, Asriel nasceu a Manasses por uma concubina de Aramita. A KJV tem “Ashnel.”

Asno

asno (, *hamowror* , *hamor*, compare árabe *hamar*, aparentemente conectado com raiz de árabe *'ahmar*, “vermelho,” mas se referido por alguns arraigar *hamal*, “levar”; também, mas menos geralmente, ambos em hebreu e em árabe , *'athon*, árabe *'atan*, usado em árabe só das fêmeas; , *pereh*, ou , *pere'*, semelhante', , *'aradh*, ou , *'arodh*, árabe *'ard*, “asno selvagem,” e também , *'ayir*, árabe *'air*, “um jovem” ou “asno selvagem”).

1. Nomes

O nome , *'arodh* (Jó 39:5) é raro; *ovos*, *onos* (Mt 21:2).

2. Significando

(1) *Hamor* é derivado da raiz que significa, em toda a probabilidade, “levar um fardo” (veja Fürst, *Handwörterbuch* ii), ou “montão para cima.” Enquanto nenhuma analogia é contida no Velho Testamento que esta raiz acontece em hebraico no Novo. O arameu , *hamer*, meios “fazer um ruína-montão” (do qual o *hamor*, de substantivo, “um montão,” usado em Jz 15:16 em um jogo de palavras: “Com o osso maxilar de um asno, montões em montões, com o osso maxilar de um asno eu golpee mil homens”). A raiz também pode significar “ser vermelho.” Neste caso o *hamor* de forma nominal podem ter sido derivados da pele de avermelhado-marrom de um certo tipo do asno.

(2) *Athon*, assírio *'atanu* e arameu , *'atana'*, é derivado de , *'atha'* “vir,” “vã,” etc. (Fürst sugere que possa ser derivado de , *'athan*, arameu , *'adhan*, “ser esbelto,” “dócil,” etc.); , *'athonoth c'horoth*, “asnos vermelho-brancos” (Jz 5:10) designa uma raça melhor.

(3) *'Ayir*, árabe *'airu* (“asno masculino”) usado do animal jovem e vigoroso, é derivado da raiz “ir embora,” “fuga por velocidade” (Hommel, der de Namen Saugethiere, 121-23). Este nome é usado como um paralelo para , *b'm* *'athono* (Gn 49:11) e como uma combinação de , *'ayir pere'* (Jó 11:12), “o potro de um asno selvagem.”

(4) o *Pere'*, “asno selvagem,” é derivado da raiz que significa “correr,” sugestivo da velocidade do animal.

(5) *'Arodh*, é, em toda a probabilidade, um empréstimo-palavra de arameu para o semelhante hebreu *pere'*. Os usos de Targum , *'aro dha'and* , *'aradha'*.

3. Usos

Das referências para estes vários nomes no Testamento Velho está claro que (1) *hamor* era usado para montar propósitos: (a) por homens (2Sm 16:2, 2Sm 16:23; 2Sm 19:26; 1Rs 2:40; 1Rs 13:13, 1Rs 13:23, 1Rs 13:24, 1Rs 13:27); (b) por mulheres (Ex 4:20; Js 15:18; Jz 1:14; 1Sm 25:20, 1Sm 25:23, 1Sm 25:42; compare 2Cr 28:15).

, *cemedh hamorm*, “um par de asnos” era usado para montar como também para fardos (Jz 19:3, 10, 19, 21, etc.). (2) também era usado em lavoura (Is 32:20). Nesta conexão a lei proíbe o uso de um asno arando com um boi (Deu 22:10). A burra (*a?tho'n*) era usado como uma besta de fardo (Gn 45:23) e por montar (Jz 5:10; Nm 22:21, 22; 2Rs 4:24). *'ayir* também é chamado usado montando (Jz 10:4), levando (Is 30:6) e cultivando (Is 30:24).

4. Como um Animal Doméstico

Além do uso do asno na agricultura e montando isto foi empregado nas caravanas de comércio, e enviou até mesmo em expedições longas pelo deserto. O asno é e sempre foi um dos animais domésticos mais comuns. É um animal muito mais importante na Bíblia pouca que na Inglaterra e América. O camponês mais humilde possuiu o próprio asno dele. É associado ao longo da Bíblia com perseguições calmas (Gn 42:26 f; Gn 22:3; 1Sm 16:20; 2Sm 19:26; Ne 13:15), considerando que o cavalo se refere para com relação a guerra e exércitos. Referência também é feita a tempo ao uso da carne do asno de escassez (2Rs 6:25). A origem do asno assim da maioria dos animais domésticos está perdida em antiguidade e não pode ser declarado confiantemente de que espécies de asno selvagem que foi derivado. Há três raças de asnos selvagens em Ásia um dos quais é achada na Síria mas eles podem tudo recorra a uma espécie, *Equus hemionus*. As espécies africanas são *E. asinus*, e autoridades boas consideram que nossos asnos domésticos têm descido disto, e ter sido introduzido a um período cedo no Oriente inteiro. Os árabes de *Sulaib* do deserto sírio que não tem nenhum cavalo têm uma raça famosa de asnos cinzas rápidos e fortes que eles afirmam que eles cruzam a intervalos com os asnos selvagens do deserto. Não é improvável que asnos domésticos como cachorros são o resultado de cruzes com mais de uma espécie selvagens.

Como um animal doméstico precedeu o cavalo que foi introduzido primeiro no Egito pelo Hyksos aproximadamente 1800 a.C. Veja CAVALO.

5. Usos figurativos no Velho Testamento

(1) , *hamorr gareh*, “um asno de ossos fortes,” metaforicamente usado para Issacar (Gn 49:14); , *b'sar hamor*, “o órgão genital de um asno,” é usado em desprezo (Ez 23:20); , *k'bhurath hamor*, “o enterro de um asno,” é aplicado a tratamento infame de um cadáver (Jr 22:19); , *chamor* é usado como um símbolo de paz e humildade (2Sm 19:26). Zacarias fala do Messias futuro como “humildemente, e montando em um asno, até mesmo em um potro o potro de um asno” (Zc 9:9; compare Mt 21:5, Mt 21:7).

(2) *Pere'* é usado como um símbolo de selvageria (Os 8:9), , *pere'adham*, asno selvagem de homem' (Gn 16:12), recorrendo a Ismael, designa um nômade grátis. Em Jó o semelhante de nome' é aplicado aos moradores de deserto (Jó 24:5). Jeremias emprega este nome como um símbolo de luxúria. Ele compara o amor de Israel de idolatria à luxúria do asno selvagem (Jr 2:24).

6. Uso mais largo em Literatura

O asno (*'athon*) figura proeminência na história de Balaão (Nu 22; 2Pe 2:16. Veja Cinza, ICC, “Números,” no lugar). é interessante a nota que Apion carregou os judeus que eles “colocou a cabeça de um asno no lugar santo deles,” afirmando que “isto foi descoberto quando Antíoco Epifanes deteriorou nosso templo, e achou a cabeça daquele asno feita de ouro lá, e valor muito dinheiro.” Josefo , refutando este absurdo, estados que os conquistadores romanos de Judea não acharam nada no templo “mas o que era agradável à devoção mais rígida.” Ele vai em dizer: “Apion deveria ter tido uma consideração a estes fatos.... Como para nós os judeus, nós não designamos nenhuma honra ou damos poder a a asnos, como faz os egípcios a crocodilos e asps.... Asnos são o mesmo conosco o qual eles estão com outros homens sábios; isto é, criaturas que agüentam os fardos que nós nos deitamos neles” (Apion, II, 7).

Literatura

G. A. Smith, Jerusalém, eu, 307ff.; Os Léxicos de Gesenius e FÜRST para o Testamento Velho; artigos em Enciclopédia Bíblica e HDB.

Assamias

a-sa-mí-as (Códex Vaticanus , *Assamas*; Códex Alexandrinus , *Asamas*; a KJV Assanias; compare Hasabias (Ed 8:24)):

Assamias (o padre principal) voltou com Esdras a Jerusalém. Ele era um de doze que teve custo da prata, ouro e os recipientes templo. (LA 1 Esdras 8:54).

Assafiote

a-sa'fi-oth (, *Asaphphoth*; Códex Vaticanus , *Assaphethoth*; a KJV Azaphion): A cabeça de uma família que voltou com Zorobabel do cativo também chamou os criados de Solomão (LA 1 Esdras 5:33). Provavelmente igual a de Ed 2:55 e Soferete de Ne 7:57.

Assassinato

a-sas-i-na'shun.

1. Significando do Termo

O idioma da Bíblia distingue menos claramente que o moderno jurídico entre assassinato e assassino. “O assassino” = , *roce'h* (Nm 35:16-19, Nm 35:21, Nm 35:30, Nm 35:31; 2Rs 6:32; Jó 24:14); , *horegh*, “matar,” “mate,” a KJV tradução de Versão “o assassino” em Os 9:13; mas “o assassino” em Ez 21:11. Onde a Versão Revisada (britânico e americano) faz “os assassinos,” nós achamos , *racah*, em Nm 35:11, Nm 35:25-28; Dt 4:42; Dt 19:3, Dt 19:4, Dt 19:6; Js 20:3, Js 20:5, Js 20:6; Js 21:13, Js 21:21, Js 21:27, Js 21:32, Js 21:38, independente de se matança voluntariosa, deliberada é falada de, ou precipitado ou meramente acidental; , *nakhah* = “golpear,” “ferida,” “mate,” “mate,” em Nm 35:24. A proibição contra matar é inclusivamente, até mesmo para suicídio, não só colocando a proibição em assassinio deliberado, propositado (Ex 21:12, 14, 18), mas em tudo se arriscando de vida por negligência (Dt 22:8) ou descuido (Lv 19:14) ou ódio, raiva e vingança (Lv 19:17).

2. Ato do castigo

A lei de Moisés pressupõe o castigo de toda a matança de seres humanos no texto de Gn 9:6, e repetidamente reitera isto (Ex 21:12, 14; Lv 24:17, Lv 24:21; Nm 35:33; Dt 19:11), a razão da nomeação de que o homem é feito na imagem de Deus; consequentemente matar um homem é supremo a erguer a mão contra o Criador. E enquanto os graus de culpa não são indicados pelo idioma, eles são próximo distintos pelos castigos prescritos. Não só inimizade notória contra os mortos e delibera mentiroso-em espera por parte do assassino (Ex 21:13; Nm 35:20; Dt 19:4, Dt 19:11), mas também foi levada em conta a natureza do instrumento para determinar a natureza do crime (Nm 35:16). Veja CRIMES.

Assassinos

a-sas'inz (, *sicarioi*; na KJV os assassinos de): Josefo (BJ, II, xiii, 3, xvii) relaciona que “lá pulou para cima em Jerusalém uma classe de ladrões chamada Sicarii que matou os homens de dia e no meio da cidade. Isto que eles fizeram principalmente quando eles entraram com a população aos festivais, e, escondendo punhais curtos nos artigos de vestuário deles, apunhalado com eles esses que eram os inimigos deles. O primeiro em ser assassinado por eles foi Jonatas o sumo sacerdote, e depois dele muitos foram mortos diariamente” (também veja Antiguidades, XX, viii, 6, ix). O nome é derivado de *sica* latim, “um punhal.” O *sicarioi* eram implacáveis no ódio deles para Roma e para esses judeus que foram suspeitados de apoiar Roma. Eles levaram uma parte principal na rebelião judia e na perturbação prévio a isto, e também nas disputas de facção durante a guerra. Depois da guerra eles continuaram as práticas abomináveis deles onde no Egito e Cirene que eles tinham fugido.

Lisias equivocou Paulo para 'o egípcio que... conduziu fora na deserto os 4.000 homens do *sicarioi*' (At 21:38).

Agressão

a-solt' (, *cur*; , *horme*): A forma verbal hebraica é usada de apertar um assédio adiante (veja ASSÉDIO), mas também de um ataque hostil em uma pessoa então traduzida “assalto” (Et 8:11). O palavra grega *horme* usado de um ataque em pessoas em At 14:5 (a KJV) é feito “começo” na Versão Revisada (britânico e americano). A palavra “assalte” restos em At 17:5, de atacar a casa de Jâson em Tessalonica onde o verbo é *ephistanai*, “vir de repente em.”

Tentativa, Ensaio

a-sa' (, *ya'al*; , *nasah*; , *peirazein*; , *peirasthai*; , *peiran lambanein*): As palavras hebraicas e gregas que são feitas na KJV “ensaio” é feito assim na Versão Revisada (britânico e americano), e o uso disto está estendido na Versão Revisada (britânico e americano) em dois casos adicionais. O palavra hebraica *ya'al* (1Sm 17:39) é usado de Davi na armadura de Saul que “analisou,” quer dizer, “não era completamente experimentado,” ir e atacar Golias com aquilo, para “ele teve não provou isto,” onde *nasah* é o verbo. Em Dt 4:34 e Jó 4:2 , *nasah* é feito “ensaio,” no senso de “tente,” “aventure.” Em At 16:7 Paulo é dito que tem “analisou,”

quer dizer, “tentou” (mas foi impedido), entrar em Bitínia, e agora em At 24:6 Paulo é carregado com ter “analisou,” quer dizer, “tendo tido a audácia,” profanar o templo onde *peirazein* é o verbo usado em ambos os casos. Em At 9:26, e agora na Versão Revisada (britânico e americano) At 26:21, “ensaio,” faz o *peirasthai* de verbo, “tentar,” em ambos embala completamente. Em Hb 11:29 traduz *peiran lambanein* grego formulado “fazer uma tentativa completa.”

Assembléias, Mestres de

a-sem'bliz, (, *ba'ale 'asuppoth*, Ec 12:11): o americano Revisou Versão, margem “os coletores de orações,” assim Kimhi, Grotius e outros. Este foi interpretado. Tyler traduz “os editores de coleções.” Klienert faz “os protetores dos tesouros da câmara,” *asuppoth* que é considerado equivalente para o *asuppm* de 1Cr 26:15, 1Cr 26:17; Ne 12:25 (veja ASSUPPIM). Os provérbios iguais unhas estão vigiando o armazém sagrado, o livro que fecha com esta advertência contra tocar a coleção (compare Ap 22:18, 19). Delitzsch traduz “goste de unhas firmadas que são reunidas em coleções.” “Como *ba'ale b'nth* (Gn 14:13) significa 'os confederados,' *ba'ale sh'bhuh'ah* (Ne 6:18) 'o jurado,' e o freqüentemente *ba'ale ha-'r'* acontecendo os cidadãos: assim *ba'ale 'asuppoth* meios, os possuidores de assembléias e dos ajuntaram eles, ou os possuidores de coleções e de coisas colecionadas. Assim *ba'ale 'asuppoth* serão uma designação das 'palavras do modo' (como em *shahshum*, “os homens escolhidos” = provérbios escolhidos, Pv 22:20, em uma certa medida personificada), a partir desses que forma ou constitui coleções e o qual estavam junto em ordem e grau” (“Eclesiaste,” tradução inglesa, 434). O Jerusalém Talmude leva *'asuppoth* como o Sanhedrin. Em geral é melhor para interpretar a frase “as pessoas qualificadas em coleções” de declarações sábias, se agrupou em um todo compacto (compare Wright, Eccl, 102).

Assembléia

a-sem'bli (, *kahal*; , *ekklesia*): O termo comum para uma reunião das pessoas chamada junto por um leiloeiro. Tem referência então a qualquer ajuntamento das pessoas pedido qualquer propósito tudo que (Ex 12:6; Sl 22:16 na KJV; Sl 89:7 na KJV; At 19:32, 41). As assembléias solenes dos judeus os banquetes deles ou ajuntamentos religiosos eram de qualquer amável (Is 1:13). A palavra *paneguris*, “uma assembléia de festal geral” (Hb 12:23), é transferido da congregação das pessoas de Israel para a igreja Cristã do qual a congregação de Israel era uma figura. Na mesma passagem, *ekkles a* tem um o senso de chamar, enquanto chamando. Em grego clássico *ekkles a* era um nome para o corpo de cidadãos chamado por um arauto. Neste senso a igreja chama todo o mundo a ser identificado com isto. Denota o corpo inteiro de crentes, todos que são chamados. Ou pode recorrer a uma congregação particular ou igreja local (*sunago ge*, “sinagoga” Tg 2:2 a Versão Revisada, margem). Veja CHAMADO; IGREJA; CONGREGAÇÃO.

Assembléia, Solene,

Veja CONGREGAÇÃO; BANQUETES.

Consentimento

a-sent': Duas vezes usado na KJV como equivalente para “voz,” e para “consentimento,” e deslocou em ambos os exemplos na Versão Revisada (britânico e americano) pela retribuição literal do hebreu *peh*, “boca” (2Cr 18:12); e o grego *suntithemi*, “concorde,” i.e., “afirme” (At 24:9).

Assessor

a-ses'er: lit. um que responde por outro, um assistente; entre os anciões especialmente assistente para o rei (compare “O assessor do trono dele,” Dryden, Milton's *P.L.*, Book vi), ou para o juiz (veja Dryden, Virgil's *Aeneid*, vi.583). Depois veio significar um que avalia as pessoas ou propriedade para propósitos de tributação.

(1) os funcionários reais em Israel têm o de título geral *sanm*, “os príncipes,” e este título geral incluiu o oficial que era “em cima do tributo,” quem parece ter tido custo da avaliação, como também a coleção de impostos. Nos dias da monarquia posterior “o governador da casa real,” “o mordomo real,” parece ter ocupado algum tal cargo importante (Is 22:15; Is 36:3, Is 36:22).

(2) os reis cedo não parecem ter sujeitado as pessoas a impostos pesados, mas nós achamos muito nos profetas sobre a injustiça e extorsão praticou por estes funcionários no pobre da terra (compare Am 2:6, Am 2:7; Is 5:8; Jr 5:28; Mq 3:11). Impostos especiais parecem ter sido impostos para conhecer emergências (compare 2Rs 23:35), mas não está claro que qualquer coisa da natureza de um imposto de terra regular, ou imposto de propriedade, existiu em tempos cedo; embora algo do tipo possa se referir para na recompensa prometida por Saul ao homem que matasse Golias (1Sm 17:25) e os décimos mencionaram em 1Sm 8:15-17. Os reis de Judá, pareceria, uso grátis feito dos tesouros do templo.

(3) depois o governo romano “cultivou fora” os impostos das províncias. Os publicanos, ou cobradores de impostos dos Evangelhos, parece ter sido os agentes do procurador imperial da Judéia, em vez de agentes diretos das grandes companhias financeiras romanas de que ordinariamente deixaram sair o negócio da coleção dos impostos a oficiais o próprio deles. Durante o Império havia ampla maquinaria imperial provida para a coleção regular dos impostos, e o imperador designou um procurador em cada província cujo negócio era supervisionar a coleção da renda. Alguns judeus acharam o negócio lucrativo, mas estes eram objetos de ódio repugnante aos compatriotas deles. Veja PUBLICANO.

Asshur; Assur

ash'oor, as'oor. Veja a ASSÍRIA.

Assurim

a-shoo'rim (, *'ashshurim*): Mencionado entre os filhos de Dedã, filho de Jocsã, o filho de Abraão por Quetura (Gn 25:3).

Assíduo

a-sid' u-us: Acontece só em **(LA)** A Sabedoria de Salomão 8:18 a Versão Revisada (britânico e americano), “comungando assíduo com ela está entendendo,” i.e., “em exercício continuado de companheirismo.” A idéia expressa no adjetivo é contida no prefixo *sun* preposicional *suggumnas a*, do original um, o verbo dando para força intensiva.

Nomeie

a-sin (, *nathan*, “dar,” ou “concessão,” i.e., aquinhoe, conceder): Usado (Js 20:8) de Moisés que reserva Bezer como um das três cidades de refúgio no Leste do Jordão (compare Dt 4:41-43); também de Joabe está estacionando Urias em um lugar de perigo mortal na batalha (2Sm 11:16).

Assir

as'er (, *'assir*, “cativo”):

(1) um Levite da família de Corá (Ex 6:24; 1Cr 6:22).

(2) um filho de Ebiasafe e neto de Assir. Samuel foi descendido dele (1Cr 6:23).

(3) um filho de Jeconias, rei de Judá, de acordo com a KJV e a Versão Revisada, margem e o Versão americana Revisada, margem. É uma pergunta se o Assir desta passagem (1Cr 3:17) não é um adjetivo comum que modifica Jeconias. O Padrão americano Revisou Versão e a Versão Revisada (britânico e americano) faça “o cativo.” será notado, porém, que não há nenhum artigo definido no hebraico.

Sócio

a-so'shi-at: Participante entre mais de dois indivíduos em um negócio ou empreendimento de qualquer tipo. Também significa sócio, colega, colaborador, subordinado ou pessoa à qual estamos ligados por determinados laços. Só em Is 8:9 na KJV onde o hebraico , *ro'u*, são interpretados variadas, de onde de acordo com diferenças de opinião sobre o verbo vem. A Versão Revisada (britânico e americano) “faça um alvoroço”; a Versão Revisada, margem “fratura”; Vulgata (Jerome's *Latin Bible*, 390-405 ad) “*Congregamini*”; Septuaginta , *gnote* (“saiba ye”); o Luther: *seid boese* (“seja mau”).

Ássos

as'os (, *Assos*): Uma cidade antiga da Mísia na província romana da Ásia, ao qual, de acordo com At 20:13, descansaram o Paulo e Lucas enquanto no modo deles de Trôade para Mitilene. Se levantando em uma pedra cônico-amoldada na costa sulista de Trôade, ocupou um dos melhores locais na Ásia. A pedra é aproximadamente 2000 m de altitude; seus lados estão cobertos com terraços, natural e artificial, e tão ingreme é isto que Stratoricus escreveu disto: “Se você deseja acelerar sua morte, prova e subida Assos.” A visão do ápice é extensa e magnífica.

É dito que a cidade que é muito antiga tem sido arredondada pelo Aeolians, e sempre ter sido singularmente grega. Já no 5º século a.C., golpeou suas próprias moedas, e seu sistema de cunhagem continuou até 235 d.C. Um de seus tiranos era Hermeas, um castrado, que deu a sobrinha dele uma vez como escrava em matrimônio para Aristóteles. Lá o grande filósofo grego viveu três anos, de 348 a 345 a.C. Durante o tempo dos reis de Pergamo, a cidade agüentou o nome de Apolonia. Para os bizantino era conhecido como Machramion, e no momento a cidade que encolheu em importância debaixo de regra turca é chamada Bekhram, uma corrupção turca do nome bizantino. As ruínas de Assos estão entre o mais imponente na Ásia Menor, e ainda eles serviram muito tempo como uma pedreira; de seus edifícios públicos foram levadas as pedras para as docas de Constantinopla. O sultão turco Murad II apresentou os muitos alívios bonitos do templo de Doric de Athene ao governo francês que é preservado agora na Clarabóia. As ruínas foram exploradas escavado em 1882-83 por Sr. Clarke para o Instituto Arqueológico de América cuidadosamente e parcialmente, e o plano inteiro da cidade antiga está claro. No mesmo ápice da colina estava o templo de Atena que é dito que tem sido erguido aproximadamente 470 a.C. Entre suas ruínas Clarke achou oito outros que estão agora no Museu de Boston e que possuem um interesse especial por causa da conexão deles entre a arte do Oriente e da Grécia. Nos vários terraços naturais da colina que foi aumentada através de meios artificiais, estava de pé os muitos edifícios públicos, como o ginásio, a tesouraria pública, os banhos, a feira e teatro de qual mas pequeno agora restos. A cidade era rodeada por uma parede dobro que em lugares ainda é preservada bem. A parede interna de pedras vestidas se deitou sem morteiro, e cheio com pedras soltas, é 2,5 metros grossura, e a parede exterior maior foi protegida com torres a intervalos de 1800 metros. A estrada antiga que conduz a Troas foi bem pavimentada. O porto do qual Paulo velejou esteve agora cheio para cima e esteve coberto com jardins, mas a seu lado está o porto moderno protegido por uma parede artificial sobre qual é agrupado o poucos porte de casas o nome de Bekhram. No ápice da colina, pelas ruínas do templo, estão cisternas, uma fortaleza turca e uma igreja bizantina que foram convertidas em uma mesquita. Sem as paredes de cidade está uma necrópole. Seu são feitos muitos sarcófagos de todas as idades e tamanhos e formas da pedra de trachyte nativa que, assim os anciões acreditaram, possuem a qualidade de consumir os corpos enterrou nisto. A pedra é o famoso “Lapis Assius,” ou o comendo carne, conseqüentemente o palavra sarcófago. Em tempos anterior foi elevado extensivamente nos campos sobre Assos, mas agora valonia, forma o artigo principal para exportação.

Suavize

a-swaj' (na KJV Asswage): lit. “adocique,” “amoleca abaixo”; então, “mitigue,” “enfraqueça”; usado de “inundação,” Gn 8:1 (“baixe”); de aflição, Jó 16:5, 6 (“contenha”); também aplicado a qualquer emoção forte; não usado no Novo Testamento.

Assur 2

as'ur. Veja ASUR.

Garantia

a-shoor'ans: Um termo excepcionalmente rico em significado espiritual. Significa a confiança jovial, sem vacilar de uma fé inteligente; a segurança de uma confiança destemida. As palavras originais têm que ver com o coração de religião vital. , *batah*, “confiança”; , *man*, “apoiar,” “apoiar,” conseqüentemente confiar dentro, confiar. Jesus usou esta palavra repetidamente “amém” expressar a

probidade e certeza permanente das declarações dele. , *pistis*, “fé”; , *plerophona*, “garantia cheia.” A confiança de fé é baseada, não em “trabalha de retidão que nós fizemos” (compare Tt 3:4, 5 na KJV) mas no alto inquirimento, expiando sacrifício de Cristo (Hb 10:21, 22; compare Hb 10:19, “coragem para entrar... pelo sangue de Jesus,” na KJV). Garantia a apreensão de alma de sua emancipação completa é do poder de mal e de julgamento conseqüente, pela graça reconciliadora de Cristo. É o oposto exato de autoconfiança, enquanto sendo uma apropriação jovial e experiência da abundância de Cristo - um senso contente de segurança, liberdade e vida eterna nEle. Esta doutrina é de importância imensurável à vida da igreja e como uma vida de dúvida espiritual e incerteza o ideal de liberdade contradiz em Cristo Jesus do qual é a frutificação natural e necessária do crente individual, “o lavando de regeneração e renovando do Espírito Santo... abrigo em nós abundantemente, por Jesus Cristo nosso Salvador.” Paulo que disse, “eu sei” (2Tm 1:12) - uma palavra que, é repetida em 1 Jo, fornece a base de garantia contente que transpassa a epístola inteira. Para a passagem clássica em “garantia cheia” veja Cl 2:1-10.

Assurbanipal

as-ur-ba´ni-pal. Veja ASSURBANIPAL.

Assíria

a-sir´i-a:

I. Geografia

II. História Primitiva

III. Clima e Produções

IV. População

Comércio de V. e Lei

VI. Arte

VII. Mecânicas

VIII. Mobília, Cerâmica e Bordado

IX. Idioma, Literatura e Ciência

X. O Governo do Exército

XI. Religião

XII. Escavações

XIII. Cronologia

XIV. História

1. Período primitivo

2. O Império mais Velho

3. O Segundo Império

4. Último Período e Queda do Império

Literatura

Assíria, um nome grego formado de Asshur (, *'ashshur*; , *Assour*; Assyrian *Assur*):A capital primitiva do país.

I. Geografia

A origem da cidade (Atual - *Kala'at Shergat*) que foi construído no banco ocidental do Tigre entre o Zab Superior e mais Baixo voltou para pre-Sem cronometra, e do significado do nome foi esquecido (veja Gn 2:14 onde o Hidequel ou é dito que o Tigre flui no lado oriental de Asshur). Para o Norte da junção do Tigre e Zab Superior, e defronte o Mossul moderno, era um santuário da deusa Ishtar, ao redor que cresceu para cima a cidade de Nina, Ninua ou Nineve (Atual - *Kouyunjik* and *Nebi Yunus*). Outro santuário cedo de Ishtar estava a Urbillu, Arbailu ou Arbela, Leste do Zab Superior. Norte de Nineve era Dur-Sargina (Atual - *Khorsabad*) onde Sargon construiu o palácio dele (720 a.C), tudo isso que distrito foi abraçado no reino de Assíria que estendeu em direção ao norte da Babilônia às montanhas curdas e às vezes incluiu o país para o oeste ao Eufrates e o Khabur.

II. História Primitiva

A região inteira foi conhecida aos babilônico cedo como Subartu. Sua posse foi disputada entre Semitic *Amurru* ou AMORITAS (que vêem) e umas pessoas de não-Semítica do Norte chamadas Mitannians. Os sacerdotes mais primitivo de Assur conhecidos a nós agüentam nomes de Mitannian. Aproximadamente 2500 a.C, o país estava ocupado por Semitas babilônico que trouxe com eles a religião, lei, alfândegas, manuscrito e idioma de Semitidade Babilônia (Gn 10:11, Gn 10:12 onde nós deveríamos ler “Ele foi adiante para Asshur”; veja Mq 5:6). A fundação de Nineve, Reobote - 'Ir (assírio *Rebit-Ali*, “os subúrbios da cidade”), Calah e Resen (assírio *Res-eni*, “cabeça da primavera”) é designado a eles. O triângulo formado pelo Tigre e Zab que incluíram estas cidades estava em tempos posteriores incluídos dentro das fortificações do “grande cidade” (Gn 10:12; Jn 3:3). A Assíria sempre é distinta da Babilônia no Velho Testamento, e não confundiu com isto como por Herodotus e outros escritores clássicos.

III. Clima e Produções

Assíria, enquanto geralmente falando, era um planalto de pedra calcária com um clima temperado, frio e molhou em inverno, mas esquenta durante os meses de verão. Nos bancos dos rios havia cultivo abundante, além de terras pasto. A maçã do Norte cresceu pelo lado da palma-árvore do Sul. Também foram cultivados figos, azeitonas, romãs, amêndoas, amoras e videiras como também todos os tipos de grão. Algodão é mencionado por Senaqueribe (o Rei, PSBA, dezembro, 1909). As florestas foram habitadas por leões, e as planícies por touros selvagens (*rimi*, hebreu *í'emim*), asnos selvagens, cabras selvagens e gazelas. Foram importados cavalos de Capadocia; foram mantidos patos, e foram empregados mastins caçando.

IV. População

O tipo dominante era Semítico, com lábios cheios, nariz um pouco enganchado, testa alta, cabelo preto e olhos, aparência fresca e abundância de barba. Em caráter os assírios eram cruéis e ferozes na guerra, comerciantes agudos, disciplinador duros, e onde religião estava preocupada, intensa e intolerante. Como os Turcos otomanos eles formaram um estado militar, à cabeça de qual era o rei que era ambos líder em guerra e padre de chefe e que ofereceu um contraste notável a teocrático declare de os Babilônios. Parece provável que todo macho era responsável a conscrição, e debaixo do Segundo Império, se não mais cedo, havia um exército parado grande, parte de qual consistiu de mercenários e recrutas das raças de assunto. Um resulta disto era a necessidade pela guerra constante em ordem ocupar a tropa e satisfazer as demandas deles com saque capturado; e o resultado, como no Reino Do norte de Israel, era revolução militar, com o ataque apoplético do trono pelo general próspero. Como poderia ser esperado, foi limitada educação às classes altas, mais

especialmente para os padres e escribas.

V. Lei de Comércio

Desde a idade de Abraão, quando a Assíria ainda era uma dependência de Babilônia, comércio foi continuado com Capadócia e uma colônia assíria de comerciantes resolvidas a Kara Eyuk perto de Kaisariyeh. O Eufrates desceram a prata, cobre e bronze de Ásia Menor, junto com cavalos. Madeira de cedro foi trazida de Monte Amanus, e já havia comércio, pela Síria, com o mediterrâneo. O próprio Nínive provavelmente foi fundado nos interesses do comércio com o Norte. Em dias posteriores razões comerciais tiveram muito para ver com os esforços dos reis assírios para conquistar a Ásia Menor oriental e a costa mediterrânea de Síria e Camarada: debaixo do Segundo Império nenhuma dor foi poupada obter posse das cidades fenícias e desviar o comércio deles em mãos assírias. Conseqüentemente a importância da captura do lugar seguro de Hitita, Carquemis, por Sargon em 717 a.C, como comandou a estrada à Síria e a passagem pelo Eufrates. Nínive já teve naquele momento se tornado um grande recurso de comerciantes, entre quem o Semítico Arameanos seja o mais numeroso. Arameu, adequadamente, se tornou o idioma de comércio, e então de diplomacia (compare 2Rs 18:26), e foram proporcionados para documentos comerciais escritos em cuneiform arameu etiqueta. Como na Babilônia, foram arrendadas terra e casas vendido, foi emprestado dinheiro a interesse, e as empresas principais empregaram numeroso *damgari* ou os agentes comerciais. Em geral, lei assíria foi derivada da Babilônia e muito disto estava conectado com comércio. O código de Khammu-rabi (Código de *Hammurabi*) ou AMRAFE (que vêem) calce, e o mesmo sistema de procedimento judicial, com se declarar antes de juizes, a audição de testemunha, e uma atração para o rei, prevaleceu em ambos os países.

VI. Arte

Babilônia distinta, a Assíria abundou em pedra; os edifícios de tijolo de Babilônia, adequadamente, foram substituídos através de pedra, e as paredes pintadas ou ladrilharam através de lajes esculpidas. Nos bas-alívios descobertos a Nínive que podem ser localizados três períodos de progresso artístico. Debaixo de Assur-nazir-camarada a escultura é corajosa e vigorosa, mas o trabalho é imaturo e a perspectiva defeituoso. Desde o princípio do Segundo Império para o reinado de Esar-haddon os bas-alívios nos fazem lembrar freqüentemente de bordado em pedra. São feitas tentativas imitar o detalhe rico e fim delicado das esculturas de marfim; o fundo está cheio dentro com uma profusão de assuntos, e há um realismo marcado na delineação deles. O terceiro período é isso de Assur-bani-pal, quando a superpopulação é evitada deixando o fundo mais uma vez nu, enquanto as formas animais e vegetais são distintas por uma certa suavidade, se não afeminado de tom. Porém, esculpa no círculo ficado para trás isso longe em alívio, e a estatuária de Assíria é muito inferior a isso de Babilônia. É só os touros humano-encabeçados e leões alados que podem ser chamados próspero: eles eram fixos em qualquer lateral de um portão prevenir a entrada de espíritos ms, e as proporções majestosas deles foram calculadas para golpear o observador com temor (compare a descrição do quatro querubim em Ezequiel 1).

No trabalho de bronze superaram os assírios, muito do trabalho para sendo lançado. Mas em geral foi martelado, e as cenas martelaram em alívio nos portões de bronze descobertos por Sr. Rassam a Balawât que perto de Nínive estão no momento entre os melhores exemplos de metalurgia oriental antiga conhecidos. Também foram trabalhadas ouro e prata em formas artísticas; ferro estava reservado para propósitos mais utilitários. As esculturas de marfim bonitas achadas a Nínive provavelmente eram o trabalho de artificers estrangeiro, mas pedras preciosas e cilindros de selo foram gravados por artistas nativos em imitação desses de Babilônia, e a arte babilônica de pintar e envidraçar azulejos também foi praticada. As figuras de terracota que podem ser nomeadas ao período assírio são pobres. Copo também foi fabricado.

VII. Mecânicas

Os assírios estavam qualificados no transporte de blocos grandes de pedra, se esculpiu ou caso contrário. Eles entenderam o uso da alavanca, a talha e o rolo, e eles tinham inventado várias máquinas de guerra por demolir ou arruinar as paredes de uma cidade ou por proteger os assaltantes. Uma lente cristalina, virada no torno mecânico, foi achada a Kouyunjik: deveria ter sido útil aos escribas, os caráter de cuneiform se inscreveram nas tabletas que freqüentemente são muito minúsculas. Foi elevada água do rio por meio de um *shaduf*. "Shaduf" era um equipamento usado na antiga Mesopotâmia e no Egito para a retirada de água de rios (funcionando como uma alavanca).

VIII. Mobília, Cerâmica e Bordado

A mobília estava até mesmo do palácio escassa, enquanto consistindo principalmente em sofás, cadeiras, tamboretes, mesas, tapetes e cortinas. As cadeiras e sofás freqüentemente eram de uma forma artística, e foi provido com pés na forma das pernas de um boi. Todos os tipos de vasos, foram feitos tigelas e pratos de louça de barro, mas eles estavam raramente enfeitados. Roupas, cortinas e tapetes, por outro lado, foi tingido ricamente e bordou, e foi fabricado de lã e linho, e (na idade do Segundo Império) de algodão. O tapete do qual o tapete Persa é o representante moderno, era uma invenção babilônica.

IX. Idioma, Literatura e Ciência

O idioma assírio era Semítico, e só diferiu dialeticamente de Semítico babilônico. Em curso de tempo, porém, que diferenças cresceram entre o idioma falado e o idioma de literatura que tinha incorporado muitos Sumerianos formula, e reteve terminações gramaticais que o vernáculo tinha perdido, entretanto estas diferenças nunca eram muito grandes. Além disso, literatura assíria era principalmente derivada da Babilônia. Assur-bani-pal empregou os agentes para saquear as bibliotecas de Babilônia e enviar os conteúdos deles a Nínive onde a biblioteca dele estava cheia com escribas que se atarefaram copiando e editando textos antigos. Foram escritos freqüentemente comentários nestes, e foram compiladas gramáticas, vocabulários e traduções de interlinear para permitir o estudante a entender o Sumeriano extinto que tinha sido muito tempo o latino de Semítico Babilônico. O material de escritura era barro no qual os caráter de cuneiform foram impressionados com um estilo enquanto ainda estava úmido: a tablete foi assada posteriormente ao sol ou (na Assíria) em um forno. Os conteúdos da biblioteca de Nínive eram muito vários; religião, mitologia, lei, história, geografia, zoologia, filologia, matemática, astronomia, astrologia e a pseudo-ciência de presságios eram tudo representados nisto, como também poesia e romance legendário. Veja NINEVE, BIBLIOTECA DE.

X. O Governo do Exército

Assíria era um reino militar que, como o Reino do norte de Israel, tinha se estabelecido por uma revolta próspera da Babilônia. Em contradistinction para Babilônia que era um estado teocrático o rei que é subordinado ao padre, o rei assírio era supremo. Considerando que na Babilônia o templo era o edifício público principal, na Assíria o palácio real dominou tudo, o templo que somente é uma capela real prendeu para o palácio. Na realidade, o rei era o chefe de um exército, e este exército era as pessoas assírias. Como distante a população masculina inteira tem responsável a conscrição ainda é incerto; mas o fato que as guerras de Assur-bani-pal tão esvaziado a força lutadora da nação sobre faz isto incapaz resistir aos invasores dos espetáculos de Norte que a maioria dos machos deveria ter sido os soldados. Conseqüentemente as guerras constantes em parte ocupar o exército e prevenir revoltas, em parte por causa de saque com que pagar isto. Conseqüentemente também, as revoluções militares que, como no reino de Israel, resultou em mudanças de dinastia e o ataque apoplético do trono por generais prósperos. O *turtannu* ou comandante supremo que aconteceram do rei quando o posterior não pôde ou pouco disposto conduzir as forças dele, enfileirado próximo ao soberano. Para a frente, do reinado de Tiglate-pileser IV a autocracia era porém, suave por uma burocracia centralizada, e nas províncias um governador civil foi designado pelo lado do chefe militar. Entre os funcionários altos em tribunal estavam o *rab-saki* ou "vizier," e o *rab-sa-risi* ou "o controlador," o *rabhsans* (RAB-SÁRIS) (o

qual vêem)) do Velho Testamento.

O exército consistiu em cavalaria, infantaria, arqueiro e funda, como também de um corpo de exército de cocheiros. Depois da elevação do Segundo Império a cavalaria foi aumentada às custas das bigas, e foi provido com selas e botas, enquanto o noivo desarmado que tinha corrido pelo lado do cavalo se tornou um arqueiro montado. Senaqueribe avançam vestido o cavaleiro em um casaco de correio. A infantaria seja aproximadamente dez vezes tão numeroso quanto o Calvário, e debaixo de Sargon foi dividido em arqueiro e lanceiro, o arqueiro que é subdividido novamente em cavalaria armada e arqueiro montado, o ser posterior aparentemente de origem estrangeira. Senaqueribe introduziu um corpo de exército de arremeçadores de funda, coraça e capacete e carapassa, gavetas de couro e botas. Ele também privou o arqueiro montado dos roupões longos que eles usavam, e estabelecido um corpo de pioneiros com machados que tem duas cabeças, capacetes e coturnos. Proteções também eram usadas por todas as classes de soldados, e o exército levou com isto padrões, barracas, bater-carneiros e bagagem-carros. A dormente-barraca real foi acompanhada através de barracas por cozinhar e ter jantado. Na realidade, nenhuma dor foi poupada fazer para o exército ambos em equipamento e disciplinar uma máquina irresistível de guerra. O terror que excitou na Ásia ocidental é então facilmente inteligível (Is 10:5-14; Na 2:11-13; Na 3:1-4).

XI. Religião

Foi derivada a religião estatal de Assíria da BABILÔNIA (que vêem) e em seus esboços principais é babilônico. Mas diferiu da religião de Babilônia em dois cumprimentos importantes: (1) o rei, e não o sumo sacerdote, era supremo, e (2) à cabeça disto o deus nacional era Asur ou Assur cujos o sumo sacerdote e representante eram o rei. Asur era originalmente Asir, “o líder” em guerra que é descrita adequadamente como um deus guerreiro armado com um arco e quem na idade quando adoração solar ficou geral na Babilônia foi identificado com o deus sol. Mas a semelhança do nome o também ser identificado com a cidade de Asur onde ele foi adorado causou, de cada vez quando as cidades de Babilônia do norte vieram ser divinizadas, provavelmente debaixo de influência de Hitita. Posterior ainda, os escriturários explicaram o nome dele como uma corrupção disso da deidade cosmogônica primeva *An-sar*, o firmamento superior que

na idade neo-babilônica era *Assor*. Pronunciado. A combinação dos atributos do deus guerreiro que era o deus estranho do chefe do exército com a cidade divinizada para a qual o exército pertenceu, Assur causado para se tornar a deidade nacional de de certo modo uma nação militar da qual nenhuma divindade babilônica era capaz. O exército seja “as tropas de Assur,” os inimigos eram “os inimigos de Assur” que requereu que eles devessem reconhecer a supremacia dele ou deveriam destruir. Assur não só era supremo em cima dos outros deuses, ele também era, na realidade, ao contrário eles, sem pai ou esposa. Originalmente, é verdade, a contraparte feminina dele, Asirtu, o ASHERAH (que vêem) do Velho Testamento, tinha se levantado ao lado dele, e pedants literário posterior empreenderam achar uma esposa para ele em Belit, “a Senhora,” ou Ishtar, ou alguma outra deusa babilônica, mas as tentativas permaneceram puramente literárias. Quando Nineve aconteceu de Assur como o capital do reino, Ishtar, ao redor de quem santuário para cima o que Nineveh tinha crescido, começou a compartilhar com ele alguma da honra de adoração, entretanto a posição dela continuou sendo secundário ao fim. Este também era o caso com o guerra-deus Nin-ip, Mas chamado em Assíria cujo culto foi patrocinado especialmente pelos reis assírios. Veja a BABILÔNIA E ASSÍRIA, RELIGIÃO DE.

XII. Escavações

Rich que tinha visitado Mossul primeiro em 1811 examinou os montículos oposto em 1820 e concluiu que eles representaram o local de Nineve. Foram contidas as poucas antiguidades que ele descobriu em um único caso no Museu britânico, mas não foram publicados os resultados das pesquisas dele até as 1836. Em 1843-45 o Frenchman disinterred de Botta o palácio de Sargon a Khorsabad, 24 Km Norte de Nineve, enquanto a Nimrud (Calah) e Kouyunjik (Nineve) Layard (1845-51) trouxe para iluminar as ruínas dos grandes palácios assírios e a biblioteca de Assur-bani-pal. O trabalho dele foi continuado por Rassam (1851-54). Nada mais era terminado até as 1873-75 quando o George Smith retomou escavações no local da biblioteca de Assur-bani-pal; isto foi seguido em 1877-79 pelas escavações de Rassam que descobriu os portões de bronze de Balawât entre outras coisas. No momento uma expedição alemã debaixo de Andrae está trabalhando a Kala'at Shergat (Assur) onde os escavadores ingleses já tinham achado a cilindro-inscrição de Tiglate-pileser I (veja SHERGHAT).

XIII. Cronologia

Os assírios pensaram tempo por meio de limmi, certos funcionários designaram o dia de todo Ano novo, depois de quem foi nomeado o ano deles de escritório. As listas de limmi ou “Eponyms” que nos desceraem forme a base de cronologia assíria. Porções de um “síncrono” história de Assíria e Babilônia também foi descoberta, como também fragmentos de dois “Crônicas babilônicas” escrito de um ponto de vista babilônico. O “Eponimo” listas levam um datando exato de tempo atrás ao começo do 10º século a.C. Antes de aquele período que Senaqueribe declara que Tiglate-pileser I reinou 418 anos antes dele. Além disso, Tiglate-pileser nos fala que o filho de *Samas*- Ramman de Isme-Dagon tinha construído um templo mais cedo a Assur 641 anos, enquanto Salmaneser I colocou *Samas*- Ramman 580 anos antes do próprio reinado dele e Erisu 159 anos antes de *Samas*- Ramman, entretanto Esar-hadon dá as datas diferentemente. Aparte dos documentos nativos, as únicas fontes confiáveis para a cronologia (como para a história) de Assíria são os registros do Velho Testamento. Em retorno o “Eponimo” listas nos permitiram a corrigir a cronologia dos LIVROS DE REIS (que vêem).

XIV. História

1. Período cedo

História assíria começa com os sumo sacerdotes (patesis) de Assur. O mais cedo conhecido a nós é Auspia e Kikia que agüentam nomes de Mitannian. Porém, as regras de Semítico cedo estavam sujeito à Babilônia, e debaixo de K Hammurabi (AMRAPHEL) a Assíria ainda era uma província babilônica. De acordo com Esar-hadon o reino foi fundado por filho de Bel-bani de Adasi que primeiro se fez independente; Porém, Hadad-nirari designa sua fundação a Zulili. Os comerciantes assírios e soldados já tinham feito o espaço deles até onde Capadocia, de de onde cobre e prata foi trazido para a Assíria, e uma colônia assíria era estabelecida a Kara Eyuk perto de Kaisariyeh onde o modo assírio de considerar tempo por meio de limmi era em uso. Na idade de Conte el-Amarna Cartas (1400 a.C) Assur-uballid era o rei de Assíria. Ele correspondeu com o Faraó egípcio e casado a filha dele para o Ora rei, provendo assim para ele um pretexto por interferir nos negócios de Babilônia. O resultado era que o genro dele foi assassinado, e Assur-uballid enviou tropas para Babilônia que pôs os assassinos a morte e colocou o neto do rei assírio no trono babilônico. A Babilônia tinha entrado em decadência e tinha forçado a se proteger do poder ascendente de Assíria formando uma aliança com Mitanni (a Mesopotâmia) e Egito, e subseqüentemente, quando Mitanni tinha sido absorvido pelo Hititas, ficando dependente praticamente no rei de Hitita. Shalmaneser I(1300 a.C), adequadamente, se dedicou a incapacitar o Hitita dê poder a e cortando isto de comunicação com a Babilônia. Faça campanha depois que campanha foi empreendida contra o sírio e províncias mais orientais do império de Hitita, Malatiyeh foi destruído, e Carehemish ameaçou. O filho de Shalmaneser e sucessor nos que Tukulti-Mas entrou nas frutas do trabalhos do pai dele. O Hititas tinha sido feito impotente por uma invasão dos bárbaros do norte, e o rei assírio era assim esquerdo livre esmagar a Babilônia. A Babilônia foi levada através de tempestade, e para sete anos Tukulti-Mas era o mestre de todas as terras molhado pelo Tigre e Eufrates. A imagem de Merodaque foi levada a Assur como um sinal que o cetro tinha passado da Babilônia ao parvenu a Assíria. Porém, uma revolta próspera finalmente rebanho o conquistador assírio atrás para o próprio país dele, e quando ele foi assassinado logo posteriormente pelo próprio filho dele, os babilônico viram na ação que um castigo infligiu pelo deus de Babilônia.

2. O Império mais Velho

Alguns anos depois o rei assírio Bel-kudur-uzur perdeu a vida dele na batalha contra os babilônicos, e uma dinastia nova parece ter montado o trono assírio. Aproximadamente 1120 a.C., o rei assírio era Tiglate-pileser I, de quem guerras prósperas estenderam longe para o oeste o império assírio como o Capadocia. Em um das campanhas dele ele fez o espaço dele para o mediterrâneo, e recebeu presentes do rei de Egito que incluiu um crocodilo. A Assur ele plantou um jardim botânico provido com árvores das províncias conquistadas. Depois que a morte dele que o poder assírio recusou; Pitru (Petor, Nm 22:5) caía nas mãos do Arameanos e a estrada para o mediterrâneo foi bloqueada. Uma revivificação veio debaixo de Assur-nazir-camarada III (884-860 a.C.) que reconstruiu CALAH (que vêem) e estabelecido o assento do governo a Nineve onde ele ergueu um palácio. Várias campanhas foram continuadas na direção de Armênia e Comagene, as brutalidades executaram no inimigo sendo descrito em detalhes pelo conquistador deles. Ele virou então para o oeste, e depois de homenagem receptora do rei de Hitita de Carquemis, pôs os fenícios debaixo de tributo. A estrada para o Oeste foi afixada assim novamente para os comerciantes de Assíria. Assur-nazir-camarada foi tido sucesso pelo filho Salmaneser II dele (859-825 a.C.), quem, em vez de contenção dele, como o pai dele, com meras invasões por causa de saque, empreendeu organizar e administrar os países que os exércitos dele tinham subjugado. Os portões de bronze famosos de Balawât foram erguidos por ele em comemoração das vitórias dele. No reinado dele os Israelitas e sírios de Damasco entraram primeiro em relação direta com os assírios. Em 854 a.C., ele atacou Hamate e a Qarqar derrotou um exército do qual incluiu 1.200 carruagens, 1.200 cavalaria e 20.000 infantaria Ben-hadade de Damasco, 2.000 carruagens, e 10.000 infantaria de. “Acabe de Israel,” além de contingentes consideráveis de Ammon, Arvad, Arábia e em outro lugar. Em 842 a.C., Salmaneser penetrou para Damasco onde Hazael, o sucessor de Ben-hadade, que já tinha sido derrotado ao ar livre campo, foi sitiado de perto. O país circunvizinho foi saqueado, e “o filho de Jeû de Omri” acelerou para oferecer tributo ao conquistador. A cena é representada no Obelisco Preto achado a Nimrude e agora no Museu britânico. As campanhas de Salmaneser não foram limitadas ao Oeste. Ele infestou Armênia onde o reino de Van há pouco tinha sido estabelecido, fez o espaço dele a Tarso em Cilícia, tomou posse das minas de prata, sal e alabastro nas montanhas de Touro entre o Tabal ou Tubário, e obrigou reconhecer a supremacia dele para o rei babilônico. Nos dias posteriores dele, quando muito velho para levar o campo ele, os exércitos dele foram conduzidos pelo turtannu ou comandante supremo, e uma rebelião, encabeçou pelo Assur-danin-pal de filho dele (Sardanapalus) sem dinheiro fora em casa onde Nineve e Assur tiveram ciúmes da preferência mostrada para Calah. Porém, Nineve foi capturado e a revolta suprimiu depois de dois anos duração por outro filho, *Samas*- Ramman IV que brevemente posteriormente, no morte do pai dele, teve sucesso ao trono (824-812 a.C.). as campanhas principais dele foram dirigidas contra Mídia. O filho Hadad-nirari III dele (811-783 a.C.) era o próximo rei cuja a mãe era Sammu-ramat (Semiramis). Ele reivindica ter reduzido a sujeição o todo de Síria, inclusive a Fenícia, Edom e Filistia, e ter levado Mari'a, rei de Damasco, prisioneiro na cidade importante dele. Depois disto, porém, a Assíria entrou em um estado de decadência da qual foi entregue pela revolta próspera de um oficial militar Pulu mais uma vez (Pul), que acabou com a linha velha de reis e levou o nome de Tiglate-pileser IV (745-727 a.C.).

3. O Segundo Império

Tiglate-Pileser fundou o segundo império assírio, e fez para a Assíria o poder dominante na Ásia ocidental. O exército foi reorganizado e fez irresistível, e um sistema administrativo novo foi introduzido, o império que é centralizado a Nineve e governou por uma burocracia à cabeça de qual era o rei. A política de Tiglate-Pileser era dobro: soldar a Ásia ocidental em um único império, se mantido unido por força de exército e leis fiscais, e afixar o comércio do mundo para os comerciantes de Nineve. Estes objetos foram mantidos continuamente à vista ao longo dos reinados de Tiglate-Pileser e os sucessores dele. Para a história do reinado dele, veja TIGLATE-PILESER. Em 738 a.C., Tiglate-Pileser acabou com a existência independente do reino de Hamate, Menaem de Samaria que se torna o tributário dele, e em 733 a.C., ele começou uma campanha contra Rezin de Damasco que terminou na queda de Damasco, a cidade que é colocada debaixo de um governador assírio. Ao mesmo tempo a terra de Naftali foi anexada para a Assíria, e Yahu-khazi (Acáz) de Judá se tornou um vassalo assírio, enquanto em 731 a.C., depois do assassinato de Peca, Oséias foi designado o rei de Israel (compare 2 Reis 15 por 17). Em 728 a.C., Tiglate-Pileser foi coroado solenemente à Babilônia e o ano seguinte que ele morreu. O sucessor dele outro aventureiro militar era, Salmaneser IV (727-722 a.C.), de quem nome original era *Ulula*. Enquanto comprometido no assédio de Samaria Salmaneser morreu ou foi assassinado, e o trono foi agarrado por outro general que levou o nome de Sargon (722-705 a.C.). Sargon, para de quem história vêem SARGON, Samaria capturado em 722 a.C., levando 27.290 de seus habitantes em cativeiro. Uma parte grande do reinado dele estava gasta em combatendo uma grande confederação das nações do norte (Armênia, Mannã, etc.) contra a Assíria. Carquemis, a capital dos Hititas, foi capturado em 717 a.C., uma revolta dos estados na Palestina sulista foi suprimida em 711 a.C., e Merodaque-Baladan, o Caldeu que tinha se possuído de Babilônia em 722 a.C., foi dirigido atrás às baixadas à cabeça do Golfo Persa. Em 705 a.C., foi assassinado Sargon, e teve sucesso pelo filho SENAQUERIBE dele (que vêem). Senaqueribe (705-681 a.C.) nem não teve a habilidade militar nem as habilidades administrativas do pai dele. A campanha dele contra Ezequias de Judá em 701 a.C., era um fracasso; assim, também, era a política dele em Babilônia que estava em um estado constante de revolta contra a regra dele, e que terminou o arrasando a cidade sagrada de Babilônia ao chão em 689 a.C., dele. Nove anos previamente as tropas dele tinham sido chamadas para suprimir uma revolta em Cilícia onde uma batalha foi lutada com os gregos.

4. Por último Período e Queda do Império

O filho Esar-haddon dele que o sucedeu (681-669 a.C.) depois do assassinato dele por dois outros filhos no 20º Tebet (compare 2Rs 19:37), era como distinto general e administrador como o pai dele tinha sido o contrário. Para a história dele vêem ESAR-HADON. Debaixo dele o Segundo Império alcançou o acme de seu poder e prosperidade. A Babilônia era reconstruída e fez o segundo capital do império, a Palestina se tornou uma província obediente, e o Egito foi conquistado (674 e 671 a.C.), enquanto uma invasão do Cimmerians (Gomer) foi repellido, e foram feitas campanhas no coração de Mídia e Arábia. Esar-haddon morreu enquanto no modo dele para reprimir uma revolta no Egito, e o Assur-bani-pal de filho dele o sucedeu no império (669-626 a.C.), enquanto outro filho *Samas-sum-ukan* foi designado o vice-rei de Babilônia. O Assur-bani-pal era um protetor munificente de aprender, e a biblioteca de Nineve deveu a maioria de seus tesouros a ele, mas luxo extravagante tinha invadido o tribunal agora, e o rei administrou as guerras dele pelo dele' os generais, enquanto ele permaneceu em casa. O grande palácio a Kouyunjik (Nineve) foi construído por ele. Egito exigiu a primeira atenção dele. Tirhakah que o etíope que tinha encabeçado sua revolta foi dirigido atrás ao próprio país dele, e durante um tempo havia paz. Então debaixo de Tandamane, o sucessor de Tirhakah, o Egito se revoltou novamente. Este tempo o castigo assírio era impiedoso. Tebes - “No-amon” (Na 3:8) - foi destruído, seu saque levou fora e dois obeliscos transportaram a Nineve como troféus de vitória. Enquanto isso Tiro que tinha se rebelado foi forçado a processar para paz, e os embaixadores chegaram de Gyges de Lydia que pede ajuda contra o Cimerianos. Elam ainda permaneceu independente e empreendeu incitar desafeto na Babilônia. Contra o testamento dele, então, o Assur-bani-pal foi obrigado interferir nos negócios internos daquele país, com o resultado que o Elamitas foram subvertidos finalmente em uma batalha no Eulaeus em baixo das paredes de Susa, e a terra conquistada dividiu entre dois reis vassalos. Então de repente uma revolta começou ao longo da maior parte do império assírio, encabeçada pelo irmão de Assur-bani-pal, o vice-rei de Babilônia. Durante um tempo o assunto era duvidoso. Egito recuperou sua independência debaixo de Psammetichus, o fundador da 26ª Dinastia (660 a.C.)

quem tinha recebido ajuda de Lydia, mas a Babilônia foi reconquistada e Babilônia depois que um assédio longo foi sofrido fome fora, **S**

amas-sum-ukin que se queima nas ruínas do palácio dele. Elam permaneceu ser negociado com, e um exército assírio fez seu espaço a Susa que foi nivelado ao chão os santuários de seus deuses profanados e os ossos de seus reis antigos rasgados das sepulturas deles. Então vindo a volta de Arábia do norte onde os xeiques rebeldes foram compelidos para submeter. Mas a luta tinha esvaziado a Assíria; seu exchequer estava vazio, e sua população lutadora matou. Quando o Cimerianos desceu brevemente posteriormente no império, era nenhum mais longo em uma condição resistir a eles. Debaixo de *Assur-etil-ilani*, o filho e sucessor de Assur-bani-pal, foi levado Calah e foi ensacado, e dois reinados depois, Sin-sar-iskun, o último rei de Assíria, derrube lutando contra o Scithianos (606 a.C). Nineve era totalmente destruído, nunca novamente ser habitado, e a Babilônia do norte passou nas mãos de Nabopolassar, o vice-rei de Babilônia que tinha unido os invasores do norte. Assur, o capital velho do país, estava ficando parado na idade de Ciro, mas tinha se tornado uma cidade provinciana pequena; como para Nineve e Calah, foram esquecidos dos mesmos locais deles.

Literatura

Veja G. Rawlinson, Cinco Grandes Monarquias do Mundo Oriental, 1862-67.; Perrot e Chipiez, Histoire de l'art dans l'antiquité, II, 1884.; Maspero, Lute das Nações, e Passando dos Impérios, 3 volumes, 1894-1900.; Rogers, UMA História de Babilônia e Assíria, 1900.; Johns, Ações assírias e Documentos, 1898.; Schrader, KAT, tradução inglesa por Whitehouse, 1885; Beliscões, O Testamento Velho na Luz dos Registros Históricos de Assíria e Babilônia, 1902.

A Assíria e Babilônia, Religião de

Veja a BABILÔNIA E ASSÍRIA, RELIGIÃO DE.

Bibliotecas assírias e babilônicas

Veja NINEVEH, BIBLIOTECA DE.

Assírios

a-sir´i-ans (, *ashshur*): Os habitantes da Assíria. Em hebraico o nome das pessoas está igual a isso do país. Veja a ASSÍRIA.

Asgade

as´tad: A leitura das versões inglesas de (**LA**)1 Esdras 5:13 para o nome que se aparece como Azgade em Ed 2:12 e Ne 7:17. Nas cópias gregas diferentes de 1 Esdras varia o nome. Veja AZGAD; ASTATH.

Astate

as´tath (, *Astath*): A forma dada em (**LA**)1 Esdras 8:38 ao nome que em Ed 8:12 aparece como Azgade. Veja ASGADE.

Surpreendido;

Surpreender grandemente, pasmar, abismar, maravilhar, deixar atônito, causar espanto.

as-ton´isht, as-ton´id (, *shamem*, “surpreso,” a idéia de raiz que é “silencioso,” i.e, golpeou bobo com assombro; , *ekplessomai*,

“ser golpeado com surpresa,” como se por um sopro ou um choque; , *existemi*, “pasmr,” “lançar em admiração”; , *thambe*

omai, “surpreender” para o ponto do medo): O estado de estar surpreso, assustado, aturdiu por alguma maravilha excepcional, algum evento opressivo ou milagre, como por exemplo o assombro de Nabucodonozor ao milagre no forno ígneo ardente (Dn 3:24) (, *ʾwah*, “surpreso”); do passante à desolação de Babilônia (Jr 50:13). A personalidade de Jesus, ensina trabalhos tão maravilhosos, divino, sobrenatural, sobre nunca desperte emoções de surpresa e temor antes conhecido na presença do homem. As pessoas “estava fora surpreso “admirados”de medida” à doutrina dele (Mc 10:26 na KJV); “surpreso com uma grande surpresa” ao elevar o morto dele (Mc 5:42 na KJV). O presente do Espírito Santo para o Gentios era de certa forma uma fonte de surpresa a esses judeus que acreditaram pelo poder de Pedro estar orando (At 10:45 na KJV). O milagre da regeneração hoje que renova e transforma, homens humilhados e caídos em santos, deixa a mesma impressão em um mundo observador.

Surpresa

as-ton´ish-ment: Assombro; surpresa mental, excitação, maravilha; freqüentemente a causa da emoção assustada, como em Dt 28:37: “Tu se tornará uma surpresa.” As pessoas escolhidas, visitou com calamidades para idolatria se tornaria uma fonte de assombro a todas as nações (Jr 25:9, 11, 18); Salomão templo alto e bonito seria “uma surpresa” (2Cr 7:21 na KJV). Para condições originais e estudo mais cheio veja SURPRESO.

Desencaminhadamente

a-stra´ (, *ta´ah*, “to wander,” “to err”; , *planaomai*, “ir desencaminhadamente,” cada que leva a idéia de estar perdido): Com uma exceção (Ex 23:4 “o asno dele indo desencaminhadamente”) metaforico usado de moral vagar, entrando desencaminhadamente em caminhos de erro e peca, como “ovelha que vai desencaminhadamente” (1Pe 2:25 na KJV; Is 53:6; Sl 119:176). Este vagante pode ser devêdo (1) para mal inerente (Sl 58:3); (2) para falsos pastores (Jr 50:6); contraste a passagem bonita e clássica, Mt 18:12, 13, o Filho do homem (Mt 18:12) investigar que tem sido desencaminhadamente. Nenhuma palavra retrata pecado mais vividamente como um vagueando, uma separação de Deus. Ser moralmente “desencaminhadamente” é ser “perdido.”

Astrologia

como trol'o-ji:

I. O desejo de prever o futuro

1. Métodos de adivinhação
2. Adivinhação

3. Olhando para o fígado
 4. Os astrólogos, ou divisores dos Céus
 5. O Stargazers, ou videntes da Constelações
 6. O prognosticadores, ou homens que sabiam os presságios da Lua Nova
- II. A adoração dos corpos celestes: a forma de Idolatria a que a maioria dos israelitas eram propensos
1. Chiun, certamente o planeta Saturno
 2. Culto Saturno ou Moloch
 3. Culto Mazzaloth ou Planet
 4. Adoração e Gadh ou Meni Star
 5. Lúcifer, a estrela que brilha
- III. Sistemas ou Astrologia
1. Os nomes dos dias de semana, devido a um sistema astrológico
 2. Origem da Astrologia Moderna
 3. "Artes mágicas" de Éfeso
- Literatura

I. O desejo de prever o futuro

O desejo de penetrar o futuro e sua influência eventos tem se mostrado em todos os países e idades. Mas é claro que o conhecimento do futuro não está no âmbito dos poderes naturais do homem; "adivinhação", portanto, sempre foi uma tentativa de ganhar a ajuda de seres dotados de conhecimento e poder que transcende as do homem. A resposta dos caldeus, para o rei Nabucodonosor, quando ele exigiu que eles deveriam dizer o seu sonho foi um razoável: "Não é um homem sobre a terra que possa mostrar a questão do rei: ... não há outro que possa mostrá-lo perante o rei, senão os deuses, cuja morada não é com a carne "(Dan_2: 10, Dan_2: 11). "Adivinhação", portanto, em todas as suas formas, mas é um aspecto do politeísmo.

Foi para a dupla razão que as artes de adivinhação eram abomináveis, por si só, e deu aos seus adeptos não conhecimento da vontade de Deus, que as artes foram proibidos na Lei (Deu_18 :9-15). Israel era para ser perfeita com Deus e Ele lhes revelar a Sua vontade perfeita através desse profeta como Moisés, a quem Ele iria enviar. Keil e Delitzsch em comentar sobre esta passagem assim a observação: "Moisés grupos juntos todas as palavras que a linguagem contida para os diferentes modos de explorar o futuro e descobrir a vontade de Deus, a fim de proibir todo tipo de adivinhação, e coloca o proibição de Molochworship na cabeça, para mostrar a ligação interna entre adivinhação e idolatria, possivelmente porque februation, ou passar crianças pelo fogo no culto de Moloch, estava mais intimamente ligada com a adivinhação ea magia do que qualquer outra descrição da idolatria "(Comentário sobre o Pentateuco, III, 393).

1. Métodos de adivinhação

As formas de adivinhação mencionados neste catálogo são as seguintes: "Um presságio que practiceth" me'onen () é de etimologia incerta, mas a tabbims conectá-lo com 'ayin, "um olho", literalmente, portanto, aquele que ogles, ou que encanta com o mau-olhado. "O mago" menahesh (), às vezes se supõe ser um Snakecharmer, é provavelmente aquele que fascina como uma serpente, em outras palavras, um hipnotizador ou hipnotizador. A palavra ocorre em conexão com o copo de José-adivinhação, e copos como foram empregadas tanto na Babilônia e no Egito, e sua utilização foi semelhante à mais moderna bola de cristal, o estado hipnótico a ser induzida pela prolongada olhando, como no fascínio atribuída a serpentes. Por conta disso, as cobras eram por vezes figurou em tais copos. Assim, no Talmud, lemos: "Se alguém acha navios com delimitações do sol, a lua, ou de uma serpente sobre eles, deixá-lo lançá-los no mar de sal" ('ABHO-dhah-Zarah, fol 42, col 2.). "A feiticeira" mekhashsheph () é aquele que murmura encantamentos ou ventríloquo fala em sussurros, como se estivesse sob a influência dos espíritos dos mortos. "A feiticeira" (hobher hebher), é aquele que inflige um feitiço de tecelagem nós mágico. "A consulente, com um espírito familiar" ("OBH), indica aquele que é possuído por um demônio python ou adivinhação. Essa era a mulher de Endor que Saul consultou na véspera da batalha de Gilboa (1 Sm 28) ea pitonisa de Filipos, de quem Paulo expulsou o espírito (Act_16 :16-18). A palavra ("OBH) significa" garrafa "e nem indica que o médio foi o receptáculo do espírito ou é uma reliquia da velha tradição que gênios (jinns) poderiam ser escravizados e aprisionados em garrafas por meio de encantamentos mágicos. "A assistente" (yidh'oni), um homem sábio ", um saber." A palavra do Antigo Testamento é sempre usada em conexão com "OBH, e denota um homem que poderia interpretar os delírios do meio. "A necromante" (doresh 'el ha methim) é aquele que chama os espíritos dos mortos e tem relações sexuais com eles. "A consulta dos ídolos" (Eze_21: 21) pode ter sido uma forma de consultar os mortos, se, como é provável, os ídolos eram imagens ancestrais, criados pela superstição à categoria de deuses domésticos. A forma de consulta não sabemos, mas como uma ilustração do uso da imagem de uma pessoa morta, podemos lembrar que um médio moderno, muitas vezes, pedir um retrato de um parente falecido para a finalidade pretendida de entrar em comunicação com o espírito partiu.

Ele será visto que estas formas de adivinhação são aliados às artes, que nos tempos modernos levam os nomes de hipnose e mediunidade. Eles são mais brevemente referidos no Isa_8: 19, "Quando vos disserem:: Buscai-lhes que têm espíritos familiares e até os assistentes, que chirp e que murmuram: Porventura não consultará o povo a seu Deus? em nome da vida eles devem procurar até os mortos? "Aqui novamente a mediunidade e do espiritismo estão relacionadas com o ventríloquo sussurros e murmúrios, que se supõe ser a característica dos enunciados do morto.

2. Adivinhação

Mas o primeiro mandato no catálogo ", que de adivinhação useth" kesem () é de aplicação mais vasta. Isso significa um divisor de "e se refere à prática que os homens têm seguido uma infinita variedade de formas para tentar obter luz sobre o futuro, recorrendo ao que lhes parece a arbitragem do acaso. Os resultados de uma batalha e da queda de dados são igualmente desconhecidos de antemão. Mas o segundo pode ser testado, e os homens assumem que o resultado da primeira corresponde à segunda. Qualquer chance de servir; o arrastar de um baralho de cartas, o voo dos pássaros, a disposição dos resíduos em um copo, nada é trivial demais para o efeito. A atribuição de uma interpretação particular de um sinal particular foi, naturalmente, puramente arbitrária, mas o método pode ser aplicado em um número infinito de formas, cada uma das quais poderia ser trabalhado de forma limitada apenas pelos limites do engenho extravio de o homem. Duas formas de "adivinhação", que é de "dividir", são mencionados por Ezequiel em sua descrição do rei de Babilônia: "O rei de Babilônia está parado na encruzilhada do caminho, à frente dos dois caminhos, para adivinhação uso (kesem): ele balançou as setas para frente e para trás, ele consultou os ídolos, ele olhou no fígado "(Eze_21: 21). As flechas eram marcados para representar determinados cursos de ação, e um foi retirado ou sacudidos, ou então eles foram jogados indiscriminadamente no ar, e os augúrios foi deduzida a partir da maneira em que eles caíram.

3. "Olhando para o fígado"

"Olhando para o fígado", é uma das formas mais venerável de adivinhação. Aqui, novamente, foi uma questão de "divisão." Cada uma das várias partes do fígado, seus lobos, vesícula biliar, os ductos e assim por diante, teve um significado especial atribuído a ele, a teoria,

aparentemente, sendo que o deus qual o animal foi sacrificado revelou a sua vontade pela maneira em que ele moldou o órgão que era para ser a sede da vida da vítima.

Note-se que nenhuma menção explícita é feita à astrologia neste catálogo dos modos de adivinhação. Mas a astrologia era, como será demonstrado, intimamente relacionada com o culto de Moloch, e foi mais diretamente uma forma de "adivinhação", isto é de divisação. Morris Jastrow, o filho de fato considera que a astrologia passou de hepatoscopy, e assinala que, a designação comum de "planeta" entre os babilônios é um ideograma composto, os dois elementos que significam "ovelhas" e "mortos". Ele considera que o ovelha do sacrifício era oferecido à divindade especialmente para a finalidade de assegurar um presságio. Assim, quando os planetas foram utilizados como presságios, o nome de "ovelhas morto" foi, naturalmente, aplicada a eles, até mesmo como "augúrio, adivinhação" pelo voo dos pássaros, passou a representar entre os romanos todos os tipos de adivinhação. "No modelo famosa bronze de um fígado encontrado perto de Piacenza, e que datam aproximadamente do século 3 aC, foi usado como um objeto de lição para a instrução em hepatoscopy, exatamente como o modelo em argila de um fígado que datam do período de Hamurabi foi usado em um escola templo da Babilônia, encontramos à beira do fígado dividida em dezesseis regiões, com os nomes das divindades que habitam os correspondentes às divisões dos céus em que os deuses têm seus lugares, enquanto no verso há uma linha que divide o fígado em ' dia »e« noite ». Professor Korte, em um estudo desse objeto notável, somando os resultados de muitos anos de pesquisa, explica isso mostrando que o fígado era considerado como um microcosmo que reflete o macrocósmo, ou, em outras palavras, o fígado do animal sacrificado a partir de sendo inicialmente um reflexo da alma ou da mente do deus a quem o animal foi oferecido, foi trazido para conexão com a observação dos corpos celestes revela a intenção dos deuses que actuam em concertação "(Morris Jastrow, Jr., " Hepatoscopy e Astrologia na Babilônia e Assíria ", em Proc. Amer. Phil. Soc., 665-66).

Três classes bem marcado da astrologia, ou seja, de adivinhação pelos corpos celestes, são mencionados em Isa 47: 13, como sendo praticada na Babilônia. "Vamos agora os astrólogos, os observadores de estrelas, os prognosticadores, stand up, e salvar-te."

4. Os astrólogos, ou divisores dos Céus

Os astrólogos são os divisores "dos céus" (hobhere shamayim), isto é, o significado da conjunção estelar foi feita a depender da divisação dos céus em que ocorreu. O primeiro de tais divisões parece ter sido em quatro trimestres, Norte, Sul, Leste, Oeste e comprimidos astrológico desta natureza têm sido descobertos em números consideráveis. Assim comprimido W.A.I. III, 56, 1, dá uma tabela de eclipses para cada dia do mês Tamuz até o meio do mês, eo significado do eclipse está conectado com o trimestre em que foi visto. No primeiro dia do eclipse está associado com o Sul, na segunda com o Norte, no terceiro com o Oriente, e na quarta com o Ocidente (Sayce, astronomia e astrologia dos babilônios, 222). Comprimidos desta descrição são muito instrutivas, uma vez que provam que quem elaborou essas listas de presságios não tinha sequer um conhecimento rudimentar da astronomia. Para os meses babilônicos eram destinados a ser natural meses, mas neste momento ele não percebeu que era um eclipse do Sol só pode ter lugar quando a Lua era invisível, ou seja, sobre o dia 28 ou 29 do mês, se o calendário foi correta. Além disso, ele não percebeu que nem sol nem lua pode nunca ser no Norte, na latitude de Babilônia. Tais tabelas de presságios, então, não foram obtidos, como tem sido por vezes se supõe, de um evento marcante ter ocorrido perto da hora de um eclipse observado, mas deve ter sido elaborado em um plano inteiramente arbitrária. O mesmo princípio de "divisão" foi aplicado para a própria lua para fins de elaboração de seus presságios eclipses. Assim, em Relatórios de RC Thompson dos Magos e astrólogos de Nínive e Babilônia, lemos em No. 268, "Os presságios de todas as terras. O direito da lua é Akkad, Elam a esquerda, o Aharru superior, o Subartu fundo. "As constelações do zodíaco também tinha presságios que lhes são atribuídas de forma semelhante.

5. Os observadores de estrelas, ou videntes das Constelações

Os astrólogos mencionado no livro de Daniel ("ashshaphim) não foram" divisores dos céus ", mas mutterers de encantamentos. Os observadores de estrelas ou videntes das estrelas ou constelações (hozim kokhabhim BA) podem ser ilustradas a partir de dois relatórios de Thompson. No. 216, "Saturno tem aparecido em Leo. Quando Leo é obscurecido, por três anos leões e chacais ... e matar os homens ", e n ° 239, " Quando Marte apin (I) se aproxima o príncipe Scorpio vai morrer por picada de um escorpião e seu filho após ele irá assumir o trono. "Pode-se observar que, como o planeta Saturno tem três anos para passar pela constelação de Leão, as devastações dos leões estão previstas para durar esse tempo.

Numa data posterior, encontramos um sistema completo de astrologia baseada nas constelações do zodíaco, que acontecerá a ser crescente no momento em que as estrelas foram consultados. Exemplos deste tipo de adivinhação são encontrados nas obras de Zeuchros da Babilônia, que viveu por volta do início de nossa era. Ao seu dia, o sistema recebeu um desenvolvimento considerável. Doze signos não deu muita margem para previsão, de modo que cada sinal tinha sido dividido em três partes iguais ou "decanos", cada decanato, portanto, quase correspondente à parte da eclíptica que o sol ia passar em uma década ou "semana" de 10 dias dos egípcios. A complexidade ainda maior foi provocada por associar a cada um dos 36 decanos com uma das 36 constelações do zodíaco-extra, e uma variedade adicional foi obtido associando cada constelação zodiacal com os seus sunanattellon, ou constelação subindo com ele, isto é, em ao mesmo tempo, ou com a sua paranattellon, ou constelação subindo ao lado dele, isto é, uma constelação no mesmo meridiano. Em que momento essas formas particulares de augúrio pelas constelações entrou em uso, não sabemos, mas a divisação entre os decanos é claramente a que alude o quinto comprimido da Criação Bah Epic: "4. Para os doze meses ele (Marduk), fixou três estrelas."

6. O prognosticadores, ou homens que sabiam os presságios do Novo

Lua:

O prognosticadores eram os homens que conhecia os presságios da lua nova (modhi'im le-Hodh ASHIM). Ao mesmo tempo o erro do calendário foi feita com base em previsão. Isto é visto na grande obra astrológica baseado no presságios elaborado para Sargão de Agade, e direito da sua frase de abertura Enuma Anu Bel, "Quando o céu deus Bel" (a Iluminação "de Bel"), como, por exemplo, "A lua como no dia primeiro é visto em sua aparição no dia 27, o mal é fixada para a terra de Elam" e "A lua como no dia primeiro é visto no dia 28: o mal é fixada para a terra do Ahurru ". presságios Outros foram elaborados a partir da posição dos cornos da lua nova, quando pela primeira vez, o chifre direito que está sendo atribuído ao rei e à esquerda para os seus inimigos, como em Relatórios de Thompson, n ° 25: " Quando a aparição da lua seu corno direito é alto (literalmente, "long") e seu chifre esquerdo é baixa (literalmente, "curto") a mão do rei vai conquistar outras terras do que isso. "O prognosticadores" não tinha conhecimento de que o lado direito corno é sempre o maior e que o montante de sua elevação depende da época do ano, ou mantiveram o conhecimento para si mesmos.

II. A adoração dos corpos celestes: a forma de idolatria que os Israelitas foram mais propensos

Como se naturalmente deve esperar, os primeiros comprimidos astrológica referem principalmente a presságios dependentes os dois grandes luminares, o sol ea lua. Não há nenhuma evidência actualmente disponível para fixar a data em que os planetas foram primeiro reconhecidas como distintas das estrelas fixas. Provavelmente, essa descoberta estava intimamente ligado com a formação das constelações, ele não pode ter sido demorada depois. Certamente planeta culto, e como a ela ligados adivinhação, planetário, prevaleceu no vale do Eufrates, num período muito precoce.

1. Chiun, certamente o planeta Saturno

Um planeta é, certamente, mencionado no Antigo Testamento, e nós podemos seguramente inferir que os outros quatro eram conhecidos, já que neste planeta em particular é o menos visível, tanto em brilho e em movimento, e foi, provavelmente, o último a ser descoberto. A referência a Saturno ocorre em Amos 5: 25, Amos 5: 26: "Será que vocês me trazem sacrifícios e oblações no deserto por quarenta anos, ó casa de Israel? Sim, levastes a tenda de vosso rei (o King James Version Moloch) e do santuário do (King James Version Chiun) suas imagens, a estrela do vosso deus, que fizestes para vós mesmos. "Esta passagem foi quited da Septuaginta por Stephen, em sua defesa: "E eles fizeram um bezerro, naqueles dias, e trouxe um sacrifício ao ídolo, e se alegraram nas obras das suas mãos. Mas Deus se afastou e os entregou para servir o exército do céu, como está escrito no livro dos profetas,

"Querida oferecer-vos vós me vítimas e sacrifícios

Quarenta anos no deserto, ó casa de Israel?

E vocês pegaram o tabernáculo de Moloch,

E a estrela do Rephan Deus,

As figuras que fizestes para adorá-los "(Act 7 :41-43).

A diferença entre os nomes e Chiun Rephan, deve-se quer a ser Rephan nome egípcio local para o planeta Saturno e, portanto, usada pela Septuaginta como seu equivalente, ou um erro real da transcrição do texto de que estavam traduzindo: o inicial da palavra que está sendo tomado como resh r (), quando deveria ter sido Kaph (), ao invés de k. A palavra deve ser transliterado Kaivan, que era o nome do planeta Saturno, entre os antigos árabes e sírios, enquanto kaimanu, "constante" ou "regular", foi o seu nome com os assírios. A versão revisada em Inglês Amos 5: 26 adota a leitura da margem King James Version ", Siccuth seu rei," Moloch sentido rei, mas a autoridade da Septuaginta e do paralelismo entre o texto ea sua linha geral de pensamento apoio dado à leitura por algumas das versões antigas e seguido pelo King James Version.

2. Culto Saturno ou Moloch

A dificuldade da passagem é que os Amos e Stephen parecem representar a adoração do bezerro de ouro como idêntico com o culto de Moloch e do planeta Saturno, embora ainda Kaivan só é mencionado aqui, a natureza da referência implica que este divindade era um familiar, tanto para orador e ouvintes. A dificuldade desaparece de uma vez, se a declaração simples de Stephen ser aceito que, quando Deus permitiu que Israel "vai persistir na obstinação do seu coração, para que pudessem andar em seus próprios conselhos" (Psa 81: 12) Ele "deu-lhes até servir o exército dos céus. "A adoração do bezerro de ouro foi o culto star, foi o touro solar, na constelação de Touro, em que o sol estava no momento do equinócio da primavera, que foi assim representada. O bezerro de ouro era, portanto, análogas às do conhecido símbolo do culto Mithraic, o touro morto por Mitra, o Sol Invictus, se de fato o último não teve sua origem a partir desta apostasia de Israel. Veja bezerro, GOLDEN.

E Moloch, o rei, o ídolo dos amonitas e fenícios, estava intimamente ligado tanto com o touro solar e do planeta Saturno. De acordo com os rabinos, a sua estátua era de bronze, com um corpo humano, mas a cabeça de um boi. No culto de Moloch cartagineses ou Saturno, Diodoro (xx livro, capítulo i) escreve: "Entre os cartagineses havia uma estátua de bronze de Saturno, fazendo brotar as palmas das mãos dobra de tal maneira em direção à terra, como se o menino que foi estabelecido sobre eles, a fim de ser sacrificado, se escorregar, e assim cair de cabeça numa fornalha ardente de profundidade. Por isso, é provável que Eurípedes foi o que ele diz fabulosa sobre o sacrifício em Touro, onde ele introduz Ifigênia pedindo Orestes esta pergunta: 'Mas o sepulcro irá me receber mortos, são o Golfo do fogo sagrado que eu tenho?' " A antiga fábula do mesmo modo que é comum entre os gregos, que Saturno devorou seus próprios filhos, parece ser confirmado por esta lei entre os cartagineses. "O paralelismo do texto, portanto, é muito completo. Os israelitas professavam estar carregando o tabernáculo do Senhor, sobre a qual repousava a glória Shekinah, mas em espírito eles estavam carregando o tabernáculo do mais cruel e mais maligno de todos os deuses dos pagãos, e à luz em que foram júbilo foi a estrela do planeta, atribuído a essa divindade.

Moloch era então o sol como rei e, especialmente, o sol quando ele entrou no que pode ser considerado o seu reino peculiar, o zodiaco de Touro e Escorpião Serpens, o período de seis meses de verão. A ligação do Sol com Saturno pode nos parecer um pouco forçado, mas temos o testemunho mais direta que essa ligação foi acreditado pelos babilônios. Nos relatórios de Thompson, no anverso do n ° 176 diz: "Quando o sol está no lugar da lua, o rei da terra será seguro em seu trono. Quando o sol está acima ou abaixo da lua, o fundamento do trono será seguro. "O sol" neste inscrição claramente não pode ser o sol real, e isto é explicado no verso como sendo "a estrela do Sol, "o planeta Saturno. rev No. 176. lê: "Na noite passada, Saturno aproximou-se para a lua. Saturno é a estrela do sol. Esta é a interpretação: é de sorte para o rei. O sol é a estrela do rei. "A conexão entre o Sol e Saturno provavelmente surgiram de ambos serem considerados como símbolos do Tempo. O retorno do sol para o início do Zodiaco marcou a conclusão do ano. Saturno, mais lenta a movimentação de todos os corpos celestes, realizado a sua revolução através dos signos do zodiaco em cerca de 30 anos, toda uma geração de homens. Saturno, portanto, foi em um sentido peculiar o símbolo do tempo, e por causa do tempo, do Destiny.

3. Culto Mazzaloth ou Planet

A conexão entre a adoração do bezerro de ouro, dos exércitos celestiais, e de Moloch, e destes com a adivinhação e encantamentos, é levado de forma muito clara, no acórdão que o escritor do livro de Ki pronuncia sobre a dez tribos apóstatas " Esquecem-se de todos os mandamentos do Senhor seu Deus, e fez imagens de fundição, dois bezerros, e fez uma Asera, e adoraram todo o exército do céu, e serviram a Baal. E eles causaram seus filhos e suas filhas para passar pelo fogo, e usou a adivinhação e encantamentos "(2Ki 17: 16, 2Ki 17: 17). O pecado da apóstata Judá foi semelhante à do pecado de Israel apóstata. Na reforma de Josias, ele colocou para baixo os sacerdotes idólatras que "queimaram incenso a Baal, ao sol e à lua e dos planetas (Mazzaloth), e todo o exército dos céus" (2Ki 23: 5). Ele também destruiu o 'Asherah e ele "profanou a Tofete ... que nenhum homem poderia fazer seu filho ou sua filha passar pelo fogo a Moloch "(2Ki 23: 10). "Além disso, os que tinham espíritos familiares e os feiticeiros, os terafins, os ídolos, e todas as abominações que se viam na terra de Judá e de Jerusalém, os extirpou Josias" (2Ki 23: 24). A idolatria a que os israelitas de ambos os reinos foram especialmente propensas foram os dos corpos celestes, e inextricavelmente entrelaçada com eles era a paixão por empregar os corpos celestes como presságios, e em consequência para todo o tipo de feitiçaria e bruxaria.

A palavra traduzida como "planetas" em 2Ki 23: 5 é Mazzaloth, estreitamente aparentado ao mazzaroth de Job 38: 32. Esta prestação provavelmente reproduz corretamente o significado do original. RC Thompson em sua introdução aos relatórios escreve (xxvii): "Os lugares onde os deuses estavam do zodiaco foram chamados manzalti, uma palavra que significa literalmente 'estações', e que provavelmente está certo em assumir que é o equivalente do Mazzaloth mencionados no 2Ki 23: 5. O uso da palavra em hebraico é tarde, porém, um pouco mais vago, por mazzal, embora literalmente significa uma constelação do zodiaco, é também aplicado a qualquer uma ou todas as estrelas, e no Rabba Bere'shith, cx, é disse: 'Um mazzal acabasse seu circuito em trinta dias, um outro acabasse em trinta anos.' "Os dois organismos referidos são, evidentemente, a lua com a sua lunação de cerca de 30 dias, e Saturno, com sua revolução de cerca de 30 anos, sendo estes os dois planetas com os períodos de maior e menor, respectivamente. Por metonímia Mazzaloth natural, o circuito completo do zodiaco, também veio a significar Mazzaloth, os organismos que realizaram esse circuito, assim como nos dias de hoje falamos de uma ferrovia, o que significa, literalmente, a forma "permanente", quando nós realmente significam os trens que viajam em cima dele.

4. Adoração e Gadh ou Meni Star

As referências, no Antigo Testamento para os outros planetas Saturno que não são tão claros. Em Isa 65: 11 duas divindades são,

aparentemente, se refere a: "Vós, os que abandonam o Senhor, que se esquecem do meu santo monte, que preparais uma mesa para a fortuna (Gad), e que enchem de vinho misturado até Destiny (Mirim), vou destinar-lhe a espada, e todos vos curvar para o abate. "É claro que Gade e Meni são os títulos das duas divindades estreitamente associados, e Gesenius identifica-los com Júpiter e Vênus, a maior e bem menor fortunas dos astrólogos, mas como eu sugeri na astronomia da Bíblia (133, 217), se qualquer um dos corpos celestes estão aqui em causa (que ainda não pode ser considerado certo), é mais provável que eles são os dois starclusters bonitas que estão na cabeça eo ombro da Bull no início antigo do zodíaco, como se eles marcaram a passagem do ano - as Híades e Plêiades. Ambos os grupos foram considerados tradicionalmente como composto de sete estrelas, e os dois nomes Gadh (as Híades) e Mirim (as Plêiades), tomada em conjunto dão o sentido da "Fortunate Number", isto é, sete. O lectisternia - o espalhamento de mesa e misturando o vinho Gadh e Meni - no início do ano para garantir a boa fortuna em todo o seu curso, foram detidos, por conseguinte, sobre o tempo da Páscoa, como se em paródia, se é que não foram uma profanação do mesmo: ritos pagãos adicionados a um dos serviços mais solenes do Senhor.

5. Lúcifer, a estrela que brilha

O planeta Vênus é mais claramente referido no Isa_14: 12: "Como caíste do céu, ó Lúcifer, filho da manhã!" (O King James Version). A palavra aqui traduzida Lúcifer, isto é, "portador da luz" é a palavra helel correspondente ao mustelil Assíria ", a estrela que brilha", um epíteto para que o planeta Vênus tem uma reivindicação proeminente.

Marte e Mercúrio, os dois planetas restantes, não são mencionados como tal no Antigo Testamento, mas as divindades ligadas a eles, Nergal = Marte (2Ki_17: 30) e Nebo = Mercury (Isa_46: 1), ambas ocorrem.

III. Sistemas de Astrologia

1. Os nomes dos dias de semana, devido a um sistema astrológico

Na astrologia, os planetas eram consideradas como sendo sete em número, mas a idéia de que o número 7 sacralidade seus derivados a partir deste fato é uma inversão do estado real do caso. Foi que 7 são consideradas como um número sagrado, o número dos planetas foi artificialmente feito para corresponder ao incluir na mesma categoria das cinco estrelas errantes, os organismos que diferem tão amplamente deles na aparência como o sol ea lua. Assim, uma classificação artificial não pode ter sido primitivo, e é significativo que, em Gen_1: 14 o sol ea lua são apresentados como sendo (como, aliás, parecem ser) de uma forma completamente diferente do resto dos corpos celestes. No entanto, há uma característica que eles têm em comum com os cinco planetas: todos se movem entre as estrelas dentro da faixa do zodíaco, cada uma das sete faz o circuito da Mazzaloth.

Devemos os nomes dos dias da semana com essa concepção astrológica dos planetas como sendo sete em número, e alguns autores (eg RA Proctor na sua 7Myths e maravilhas da astronomia, 43-47) supuseram que a semana de sete dias devido à sua origem esta concepção astrológica e que no dia 7 - Dia de Saturno - tornou-se o sábado, dia de descanso, uma vez que Saturno era o planeta de mau agouro, e foi então azar para realizar qualquer trabalho. A maneira em que a colocação dos planetas para os dias da semana, chegou foi a seguinte. Os astrónomos e matemáticos gregos concluiu que o planeta Saturno foi o mais distante da terra e que os outros seguiram a ordem decrescente de Júpiter, Marte, Sol, Vênus, Mercúrio, Lua. No progresso da astrologia veio num momento em que foi necessário atribuir um planeta a cada hora, de modo a aumentar o número de presságios que poderia pagar. A partir de então, com Saturno como presidir a primeira hora do primeiro dia, cada planeta foi usado três vezes naquele dia, e três planetas foram utilizados pela quarta vez. O sol, o quarto planeta, teve, portanto, a primeira hora do segundo dia, e deu-lhe seu nome, para que domingo seguido sábado. Nos mesmos moldes do terceiro dia, tornou-se o dia da lua, e assim por diante com os outros planetas que se seguiram na ordem de Marte, Mercúrio, Júpiter, Vênus e Saturno novamente. Essa idéia de as distâncias relativas dos planetas foi que chegaram os astrónomos da Alexandria, e foi, necessariamente, após a redução dos movimentos planetários de um sistema matemático de Eudoxo e seus sucessores. A divisão do dia implícita era uma das 24 horas, e não de 12, a divisão egípcia, e não o babilônico. Mas a semana foi um egípcio de 10 dias, a semana de 7 dias era semita, e na semana implícita no sistema é a semana livre, funcionando continuamente, a semana judaica, e não o babilônico. Para os babilônios, apesar de alguma atenção para o dia 7, começou a sua conta novamente no início de cada mês. Este sistema particular astrológica, portanto, devido à sua origem a quatro nacionalidades distintas. A concepção da influência dos planetas era Babilônia, a matemática de trabalho fora da ordem dos planetas era exclusivamente Gr, a divisão do dia em 24 horas foi egípcio, a semana continua livre de 7 dias foi particularmente judaica. Estes quatro influências foram reunidos em Alexandria, não muito tempo antes da era cristã. Aqui, pois, neste momento, este sistema particular de astrologia teve sua origem.

Esta forma de astrologia foi prontamente aprovada pelos judeus em seus dias degenerados, como encontrar a partir de referências no Talmud. Assim, o rabino Chanana disse aos seus discípulos: "Ide e anunciai Ben Laive, a influência planetária não depende dias, mas horas. Aquele que nasce sob a influência do sol (não importa em que dia) terá um rosto radiante ", e assim o rabino passou por toda a lista dos planetas Shabbath, fol 156, col. 1). O texto acima foi falado como uma crítica de Rabi Shimon Ben Laive que tinha escrito: "Quem nasce no primeiro dia da semana vai ser um totalmente bom ou um homem completamente mau, porque a luz ea escuridão foi criado no mesmo dia"; eo rabino falou de forma semelhante para os outros dias. Recebemos uma reliquia desta superstição em nosso viveiro rima ", a criança segunda-feira é cheia de graça, filho de terça-feira é justo do rosto", etc, e alguns astrólogos de hoje ainda usam o sistema para as suas previsões. Será, naturalmente, referir que o sistema não leva em conta as posições dos corpos celestes; a lua não brilhará mais ou menos na segunda-feira do que em qualquer outro dia.

2. Origem da Astrologia Moderna

Foi a partir da astrologia alexandrina que a astrologia moderna imediatamente derivado sua forma, mas a fonte original de toda a astrologia no mundo antigo estava no sistema de idolatria planetário predominante no vale do Eufrates, e no fato de que essa idolatria era praticada principalmente com a finalidade de adivinhação. Houve uma época em que era suposto que a astronomia real foi cultivada em um momento no início da Babilônia, mas Jastrow, Kugler e outros têm mostrado que essa idéia não tem fundamento. O primeiro escreve: "O fato, porém, é significativo que, talvez com algumas exceções, temos na biblioteca de Assurbanipal representa uma grande parte das cópias originais mais antigos, nenhum texto que possa ser adequadamente chamado de astronômicas ... É sem dúvida significativo que os comprimidos astronômicos encontrado até agora pertence ao período mais recente, e na verdade a idade na sequência da queda do império babilônico. De acordo com o mais antigo datado de Kugler tablet verdadeiramente astronômicos pertence ao 7 ° ano de Cambises, ou seja, 522 aC (" Hepatoscopy e Astrologia na Babilônia e Assíria ", em Proc. Amer. Phil. Soc., 667). As conquistas de Alexandre, o Grande, levou em estreita ligação com os outros sistemas babilônico e grego de pensamento, e astrologia babilônica foi introduzida pelos gregos por Berosus o sacerdote caldeu. Nas mãos de grego, a astrologia foi alterado de seu caráter de uma religião oriental para o surgimento de uma ciência. Na Babilônia as estrelas tinham sido consultados para o benefício do rei como representante do Estado, entre os gregos, com sua forte tendência individualista, a sorte do indivíduo tornou-se o tema mais freqüente do inquérito, ea idéia foi originada de determinar o caráter ea fortuna de um homem da posição dos astros no seu nascimento - genethliology - uma fase da astrologia que nunca existiu no vale do Eufrates. Esta extensão tornava necessário aumentar muito a complexidade dos sinais e os progressos que os gregos fizeram em matemática lhes forneceu os meios de fazê-lo. Assim veio à existência e que o complexo sistema de adivinhação do que temos a primeira exposição completa da obra de Cláudio Ptolomeu cerca de 130 anúncios simétricos, um sistema que, embora modificados em detalhes, que está em vigor em uso hoje.

3. "Artes mágicas" de Éfeso

Desde que esta astrologia matemática não veio à existência até sobre o início da era cristã, é claro que não poderia haver qualquer referência à sua forma particular no Velho Testamento. Nós podemos provavelmente ver uma referência no Act_19 do Novo Testamento (19). Dos convertidos em Éfeso está escrito: "Não poucos deles que praticado artes mágicas trouxeram os seus livros e os queimaram diante de todos, e eles contaram o preço deles, e encontraram 50 mil peças de prata." Livros de encantamentos mágicos e receitas foram certamente incluídos, mas também é provável que os almanaques, tabelas e fórmulas essenciais para o astrólogo para o exercício de sua arte, também o número. Foi obviamente impossível, então como agora, para a converter ao cristianismo para consultar astrólogos ou a prática de adivinhação astrológica. Em parte porque era um absurdo, para as divisões dos céus, sobre os quais as previsões baseiam-se, são puramente imaginárias; os "sinais" do zodíaco, e as casas "não tem nada a corresponder-los na natureza, tal divisão é exatamente que o denunciado pelos profetas antigos como kesem, a adivinhação ". avançar, e de mais importância atribui às meras criaturas, os planetas ou os supostos espíritos para presidi-los, os poderes que pertencem somente a Deus, era e é essencialmente idólatra. Como um dos principais astrólogos de vida coloca, "O astrólogo TRUE acredita que o sol é o corpo do Loges deste sistema solar," nele vivemos, nos movemos e temos nosso ser. " Os planetas são os seus anjos, modificações estar na consciência do Loges "(conhecimento, XXIII, 228). Astrologia é verdade que se refere o Antigo Testamento, com outras formas de adivinhação, ea idolatria inerente a eles, mas eles só são mencionados em termos de reprovação maioria absoluta. Os judeus só de todas as nações da antiguidade foram ensinadas por sua religião nem de recorrer a tais artes, nem ter medo de os presságios deduzir a partir deles. Isaías sabia que o Senhor seja Ele que "frustrateth sinais dos profetas falsos, e torno loucos os adivinhos" (Isa_44: 25), e Jeremias declarou: "Portanto diz o Senhor: Não aprendais o caminho das nações, e não pode ser consternado com a sinais dos céus, para as nações com eles se atemorizam "(Jer_10: 2). E que lugar bom para os judeus do antigo vale para nós hoje. Acima de tudo, a astrologia é uma tentativa de conhecer a vontade de Deus por outros meios que não os que ele nomeou - o Seu Filho, que é o Caminho, a Verdade ea Vida, e Sua Sagrada Escritura em que aprendemos dEle, e que são capazes de nos tornar "sábios para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus" (2Ti_3: 15).

Literatura

Franz Boll, Sphaera: griechische Neue Texte und Untersuchungen zur Geschichte der Sternbilder, 1903; Kugler, Kulturhistorische Bedeutung der babylonischen Astronomie, 1907; Sternkunde und Sterndienst em Babel; EW Maunder, astronomia da Bíblia, 1908; A Bíblia ea Astronomia, anual Address perante o Instituto de Victoria, 1908; EW Maunder e ASD Maunder, "Nota sobre a data da passagem do Equinócio Vernal de Touro para Áries," em observações mensais da Sociedade Astronômica Real, LXIV, 488-507; também três artigos sobre "O mais velho da astronomia" no Jornal da Associação Astronômica Britânica, VIII, 373, IX, 317, XIV, 241; Mitos Proctor RA, e as maravilhas da astronomia, RC Thompson, Relatórios dos Magos e Astrólogos de Ninive e Babilônia, Schiaparelli GV, Astronomia no Antigo Testamento, também dois trabalhos: "Eu Primordi" e "presso eu Progressi dell 'Astronomia Babilonesi i', em Rivista di Scienza, 1908; C. Virolleaud, L'chaldéenne astrologie. Le livre intitulé "Enuma Anu Bel", 1908, 1909.

Astronomia

as-tron'omi:

I. Os corpos celestiais

1. As Ordenações do Céu

2. O Sol

(1) os nomes para o Sol

(2) A "Cidade do Sol"

(3) O Grande Doador-Light

(4) A finalidade do Sol

(5) The Sun como um tipo

3. A Lua

(1) os nomes para a Lua

(2) A Pequena Luz-doador

(3) Fases da Lua

4. Sinais

(1) eclipses lunares e solares

(2) The Wings of the Morning

5. Seasons

(1) O Significado da Palavra

(2) Estações Natural para o Culto

(3) A santificação do sétimo

(4) O Jubileu um ciclo luni-solar

(5) O ciclo de 19 anos luni-solar

(6) O ritual judaico preexilic

(7) Os Ciclos luni-solar de Daniel

6. As Estrelas

(1) o seu número

(2) a sua distância

(3) seu brilho

7. Morning Stars

As estrelas como Dial

8. Falling Stars

(1) Meteoritos

(2) A Star Wormwood "

9. Wandering Stars

(1) Cometas como um tipo espiritual

(2) Comets Referido nas Escrituras?

II. As Constelações

1. Nachash, a Serpente "Crooked"

2. Leviatã

3. A Semente da Mulher

4. O Arco Set na Nuvem
5. O Dragão do Eclipse
6. Sonho de José
7. As Normas das Tribos
8. Os Querubins
9. A profecia de Balaão
10. Pleiades
11. Orion
12. Mazzaroth, as constelações do Zodíaco
13. "Arcturus"
- (1) os mentirosos ", " ou ao Norte
- (2) As Portarias da Fundação Céu da Terra
14. A data do livro de Jó
- III. Fisiografia
1. O Círculo da Terra
- (1) A Terra é uma esfera
- (2) O Norte Deitado sobre o espaço vazio
- (3) Os Cantos da Terra
2. Os Pilares da Terra
3. O firmamento
- (1), a concepção hebraico
- (2), a concepção de Alexandria
4. O Windows do Céu
5. Chuva
6. Nuvens
7. O Deep
- (1) Significado da Palavra Tehom
- (2) O dragão babilônico do caos
- Literatura

A tónica dos escritores hebraico respeitando os corpos celestes é tocado em Sl 8 :1-9:

"Quando eu considero teus céus, obra dos teus dedos,

A lua e as estrelas que tens ordenado;

Que é o homem, para que te lembres dele?

E o filho do homem, para que o visites?

Para que tu fez, mas pouco menor do que Deus,

E Coroas de glória e de honra.

Fazes com que ele tenha domínio sobre as obras das tuas mãos;

Tu colocou todas as coisas debaixo de seus pés "(Sl 8 :3-6).

Os corpos celestes foram indescritivelmente gloriosa, e todos eles eram obra do Senhor -, sem energia ou vitalidade de sua própria - e do homem, não por qualquer virtude intrínseca, mas pela vontade e graça de Deus, era superior a eles em importância. Assim, havia um grande abismo entre as superstições dos pagãos que adoravam o sol, a lua e as estrelas como deuses, ea fé do piedoso hebreu, que os considerava como as coisas feitas e movido pela vontade de um só Deus. E ele seguiu a partir desta diferença que o hebraico, além de todas as nações da antiguidade, como, foi preenchido com uma delícia interessados em objetos e fenômenos naturais, e foi atentamente atento deles.

I. Os corpos celestiais

1. As Ordenações do Céu

Para os escritores sagrados, as ordenanças dos céus ensinou a lição da Ordem - grande, magnífico e imutável. Dia após dia, o sol se levantou no leste ", como um noivo que sai do seu quarto" (Sl 19 5), e prosseguiu o seu caminho apontado inabalavelmente no céu, ao seu ocaso. Noite após noite, as estrelas, o acolhimento "dos céus", mudou-se em sua "auto-estradas" ou "cursos" (mesillah), e as palavras de Joel (Jl 2: 7), respeitando o exército assírio poderia ser aplicado a eles. "Eles marcham cada um nos seus caminhos, e não quebrar as suas fileiras. Nem um outro impulso Acaso; marcham cada um em seu caminho. "Algumas rodas em circuitos norte, que foram totalmente visto, alguns varrido em cursos longo da sua ascensão no Oriente para a sua instalação no Ocidente, alguns mal levantou-se acima do sul horizonte. Não admira que este exército celestial em marcha ", disse o exército dos céus", sugeriu aos Hebreus uma comparação com os "anjos", os mensageiros invisíveis de Deus, que nos seus "milhares de milhares o serviam" (Dn 7: 10) .

Mas, como o ano girava o dial de estrelas no Norte deslocou rodada, enquanto que os das outras estrelas, os do Ocidente desapareceu na luz do sol, e as novas estrelas pareciam saltar fora da luz nascente. Houve, portanto, uma procissão anual das estrelas, bem como uma noite.

E a este decreto-lei "do céu" Hebreus observou que houve uma resposta da terra, no indefectível correspondência veio a sucessão das estações, o renascimento da vegetação, o amadurecimento da colheita e das frutas, o regresso do frio do inverno. Destes Deus fez a pergunta: "Sabes as ordenanças dos céus? Podes estabelecer o domínio seu na terra?" (Jó 38: 33), e reconheceram que a esta pergunta sem resposta poderia ser dada, por estas ordenanças dos céus eram o sinal e prova do Todo-Poderoso sabedoria, poder e imutabilidade. "Assim diz o Senhor, que dá o sol para luz do dia, e as ordenanças da lua e das estrelas para luz da noite ... O Senhor dos Exércitos é o seu nome "(Jr 31: 35).

Nós não temos os escritos dos antigos hebreus que não os livros do Antigo Testamento, e neles não há registro de qualquer investigação sobre a explicação mecânica dos movimentos dos corpos celestes. Também não devemos esperar encontrar neles um registro da pesquisa se tal fosse feito, uma vez que a finalidade da Sagrada Escritura não era, para trabalhar fora da relação de coisa para coisa - o pedido para que a ciência moderna é dedicado -, mas para revelar Deus para o homem. Portanto, a lição que é traçada a partir das ordenanças observado do céu não é, que a Terra gira sobre seu eixo e gira em torno do sol, mas que Deus é fiel ao seu propósito para a humanidade. "Assim diz o Senhor: Se o meu concerto do dia e da noite, não estar, se eu não tiver determinado as ordenanças dos céus e da terra, então eu também rejeitarei a descendência de Jacó, e de Davi, meu servo" (Jr 33: 25, Jr 33 : 26). E "a glória de Deus" que "os céus proclamam" não é apenas o seu poder todo-poderoso, mas a imagem que a ordem ea perfeição da prestação dos movimentos celestes da lei que Ele revelou ao homem. O discurso "que" absoluto ", o" conhecimento "que mostram" é: "A lei do Senhor é perfeita, e

refrigera a alma" (Sl 19: 7).

2. O Sol

(1) os nomes para o Sol

Quatro palavras são traduzidas como "sol" no Antigo Testamento:

(A) ou simplesmente significa "luz" e é normalmente interpretado assim, mas em uma instância (Jó 31: 26), estando em oposição à Lua, "é dado como "sol", o grande doador de luz.

(B) Hammah significa "calor" e é usado para o sol quando este está em associação com lebbanah ou "branco como a neve" para a lua, como no Is 24: 23, "Então o branco como a neve (Lua) deve ser confundido, eo calor (sol), envergonhado, "a antítese sendo desenhada entre a fria luz da lua prata eo brilho de fogo, do sol brilhante.

(C) Shemesh, o Samas dos babilônios, é uma palavra primitiva, provavelmente com a raiz do significado de "Ministrant." Esta é a palavra mais freqüentemente utilizada para o sol, e vamos encontrá-lo usado em topografia, como, por exemplo, Beth -Semes, "a casa do sol." Quatro lugares deste nome são mencionados no Antigo Testamento: uma em Judá, uma cidade levítica, para que as vacas leiteiras dois levavam a arca tomou seu caminho em linha reta do país dos filisteus, uma na fronteira de Issacar, um em Naftali, uma cidade fortificada, e no Egito, deve ser o mesmo ou Heliópolis, a cidade de Asenete, esposa de José.

(D) Heres significa "bolha" ou "calor ardente," de raiz "de risco" ou "ser difícil", e é um termo incomum para o sol, e seu processamento é preciso, por vezes em dúvida. Uma vez que é traduzida como "coceira", quando ocorre entre os males ameaçadas no maldições "que as seis tribos proferida no Monte Ebal (Dt 28: 27). Uma vez que é certamente usado para o próprio sol quando Jó (Jó 9: 7) disse que de Deus, Ele "fala ao sol (veja ou veja), e ele não nasce." Uma vez que é certamente o nome de uma colina, para o Monte Heres estava perto de Aijalom, na fronteira de Judá e Dã. Em outra passagem, as autoridades diferem em sua prestação, pois quando Gideão superou Zeba e Salmuna (Jz 8: 13), ele "voltou da batalha", de acordo com o King James Version, antes do nascer do sol", mas de acordo com o Versão Revisada (britânica e americana), "desde a subida de Heres." Em outra passagem (Jz 14: 18), quando os filisteus respondeu enigma de Sansão, tanto a versão King James ea versão revisada (britânica e americana), veja a tradução como sol - "antes de o sol se pôs." Nós por outro lado obter ligeiras variantes da mesma palavra, juntou-se com KIR ("muro" ou "fortaleza"), em Quir-Hareseth (2 Rs 3: 25; Is 16: 7) e Quir-Heres (Is 16: 11; Jr 48: 31, Jr 48: 36). Estes são, provavelmente, ser identificada com a moderna Kerak de Moab.

(2) A "Cidade do Sol"

Mas a referência mais interessante é encontrado em Is 19: 18: "Naquele dia haverá cinco cidades na terra do Egito que falem a língua de Canaã e farão juramento ao SENHOR dos Exércitos: um será chamado a cidade da destruição." A palavra aqui traduzida "destruição" em hebraico é heresia, que tem esse significado, mas Gesenius e outras autoridades que substituir a letra inicial, ele, a carta, Heth, que tão de perto se assemelha, e assim ler "A cidade de o dom "Com essa leitura foi identificado com On, isto é, Heliópolis (cidade do sol), e esta crença Onias, filho de Onias, o sumo sacerdote, persuadiu Ptolomeu Philometor para lhe permitir construir um templo para Yahweh em que prefeitura, 149 a.C. (Ant., XIII, iii, 1).

(3) O Grande Doador-Light

(A) No entanto, um quinto expressão é utilizada para designar o sol, e em um aspecto é o mais importante e significativo de todos. Na narrativa da criação é chamado a luz maior ou melhor, dá-luz (ma'or): "E fez Deus os dois grandes dadores de luz, a luz maior doador para governar o dia, eo luminar menor para governar doador da noite: Ele fez também as estrelas "(Gn 1: 16). A extrema simplicidade dessa passagem é mais significativo. Em contraste marcante com o poema criação Bah, que por sua astronomia mais complexo revela sua origem mais tarde (ver post, seção II, 12, Mazzaroth), o sol ea lua não têm nomes distintivos que lhes são atribuídas, não há reconhecimento do agrupamento das estrelas em constelações, nenhum de qualquer um dos planetas. Os corpos celestes não podiam ser referidas de forma mais simples. E essa simplicidade é marcado por nenhum mito, não há o menor traço da deificação do sol ou a lua ou as estrelas, não há tratamento antropomórfico, qualquer sugestão de que eles formaram os veículos para os espíritos. Eles são descritos como eles foram observados quando foram notadas por homens, simplesmente como "luz" doadores de brilho diferente. É a expressão da primeira observação do homem sobre os corpos celestes, mas é a observação real, livre de qualquer mácula de fantasias selvagens, que marca o primeiro passo na astronomia. Nenhum registro, oral ou escrita, tem sido preservado para nós um caráter mais marcadamente primitiva do que isso.

(4) A finalidade do Sol

Dois efeitos para os grandes corpos celestes são indicados em Gn 1: 14, Gn 1: 15. O Sol ea Lua são nomeados para dar a luz e para medir o tempo. Estes, sob o aspecto humano e de vista prático, são os dois principais serviços que eles prestam para nós.

O seu objectivo para medir o tempo por seus movimentos serão retomadas sob outro título, mas aqui pode-se observar que quando se afirma no Livro da Sabedoria de Salomão (7:18) que o Rei Salomão sabia que "as alternâncias do solstícios e as mudanças de estações", a referência é a todo o ciclo de mudanças de inverno com o verão para o inverno de volta novamente. De inverno a frente os lugares do nascer e do pôr do sol mover para o norte ao longo do horizonte até meados do verão, quando há alguns dias, não apresentam qualquer alteração - o solstício "é alcançado, então a partir de meados do verão em diante o movimento de" voltas "para o sul até meio do inverno, quando novamente um solstício" "for atingido, após o qual os lugares do nascer e do pôr do sol novamente mover para o norte. Esta mudança de lugar do nascer do sol é também referido quando Deus perguntou a Jó (Jó 38 :12-14): Porventura, "causou o alvorecer de saber seu lugar", ea passagem continua: "Ela (a Terra) é alterada como o barro sob o selo, e todas as coisas estão fora, como uma peça de vestuário. "Como o barro disforme toma forma do selo, como o vestuário, informe quando dobrado, toma forma quando o usuário coloca-lo, assim que a terra, informe durante a escuridão, toma forma e relevo e cor com a impressioná-lo à luz de amanhecer. No Novo Testamento, quando Tiago (Tg1: 17) fala do "Pai das luzes, com os quais pode haver variação (parallage), nem a sombra que é moldado girando (tropo)", ele está usando termos técnicos astronômicos para os mesmos aparente movimentos do sol.

(5) The Sun como um tipo

Mas a imutabilidade aparente do sol torna, por assim dizer, uma justa medida de duração eterna (Sl 72: 5, Sl 72: 17). A penetração de seus raios torna "debaixo do sol" (Ec 1: 9) uma expressão própria para a universalidade do lugar, e por outro lado, a ferocidade de seu calor vivida na Palestina torna tão adequado como um tipo de opressão e de desastres, assim que o sol é dito, nas Escrituras, a "ferir" os oprimidos pelo seu calor (Sl 121: 6).

Mas foi na sua luz e dando poder ministrar que os escritores hebreu usava o sol como um tipo de expor o poder ea benevolência de Deus. As palavras são símbolos de ideias e foi só por esse simbolismo duplo que era possível expressar em linguagem humana inteligível, e para tornar os homens, em parte, apreender alguns dos atributos de Deus. Assim, encontramos no PS de peregrinação (Sl 84: 11) "o Senhor Deus é sol e escudo", Malaquias (Ml 4: 2) anuncia que "o sol da justiça se levantará trazendo cura em suas asas." Mas os antigos hebreus escritores foram muito guardado e cuidado em que o simbolismo utilizado, quer da palavra ou ilustração. Homens naqueles dias terrivelmente pervertida os benefícios que receberam através do sol, e fez-lhes a ocasião e desculpa para mergulhar em todos os tipos de adoração da natureza e de idolatrias abomináveis. Foi a pensar não só claro por parte dos escritores sagrados que fez eles se referem todos os benefícios que vieram com eles no mundo natural direto para a ação de Deus, era uma necessidade para uma vida limpa. Não há nenhuma base para o abismo em que mergulharam os homens quando eles "adoraram e serviram à criatura em vez do Criador, que é bendito eternamente" (Rm 1: 25).

Nos tempos do Novo Testamento, embora os homens não eram menos propensos ao mal, à moda do que o mal estava mudando. "As colunas de Bete-Semes" foram discriminados (Jr 43: 13), a idolatria estava começando a cair em descrédito e os homens foram levados sim por "o conhecimento (gnose), que é falsamente chamado" (1Tm 6: 20). Os apóstolos poderiam, portanto, usar o simbolismo do mundo natural, mais livremente, e assim encontramos John falando de nosso Senhor, como "Não era a luz verdadeira, mesmo a luz que ilumina a todo homem que vem ao mundo" (Jo 1: 9), e novamente, "Deus é luz e nele não há treva alguma" (1Jo 1: 5), e novamente, que a glória da Nova Jerusalém será a "a cidade não tem necessidade de sol nem da lua, brilhar sobre ele: para a glória de Deus a tem alumado, eo lâmpada" é o Cordeiro" (Ap 21: 23), enquanto a grande descoberta moderna que quase todas as formas de energia terrestre é derivada, em última instância a partir da energia dos raios do sol, dá uma oportunidade a mais impressionante das imagens de James que "Toda boa dádiva e benção perfeito vem do alto, descendo do Pai das luzes, com os quais pode haver variação, nem sombra de que é moldado girando (Tg 1: 17 Versão Revisada Inglês).

3. A Lua

(1) os nomes para a Lua

Três palavras são traduzidas como "lua" no Antigo Testamento, não incluindo os casos de "mês" foi traduzida como "lua" por causa de uma frase mais fluente:

(A) Lebhanah, "branco", uma expressão poética, usado em conexão com hammah, o calor, para o sol.

(B) Hodhesh, "Lua nova", que significa "novo", "fresco". Como os hebreus os meses contados a partir do primeiro aparecimento real do crescente jovens, chodhesh é mais frequentemente traduzido como "mês". Assim, "No seiscentos ano de vida de Noé, no mês segundo, aos dezessete dias do mês" (Gn 7: 11), e na grande maioria dos casos, a palavra mês é hodhesh, "lua nova". Em Is 66: 23 "desde uma lua nova até à outra", deveria ser literalmente, "de lua nova a lua nova. Uma vez que é prestado" mensal (Is 47: 13), quando ele é usado para designar os astrólogos, que fixa os presságios do mês de abertura. Hodhesh, portanto, quando traduzida como "lua nova" não é uma denominação de próprio corpo celeste, mas denota o primeiro dia do mês. É um termo ligado directa ou indirectamente com o calendário.

(C) Yareah, provavelmente "errante", um termo muito apropriado primitiva para a lua, pois seu movimento entre as estrelas da noite à noite é suficientemente rápida para que chamou a atenção dos observadores muito cedo. Seu uso, portanto, como o próprio nome para a "luz menor" indica que a observação sistemática dos corpos celestes haviam iniciado e que o movimento da lua, em relação às estrelas, tinha sido reconhecido.

Yerah, "mês" é traduzida duas vezes "lua" (Dt 33: 14 Is 60: 20), mas sem nenhuma grande razão para a variação em qualquer caso.

(2) A Pequena Luz-doador

As referências diretas na Bíblia à lua como um doador de luz não são numerosos, mas são aqueles que ocorrem significativa da grande importância de luar, nos tempos antigos, quando as luzes artificiais eram poucos, caros e escura, ea iluminação das ruas e estradas foi impensados. Para os pastores, a lua era de assistência especial, e muitos do povo de Israel manteve os hábitos de seus antepassados e levou vida de pastor, muito tempo após a liquidação do povo na Palestina. O retorno da parcela de luar do mês foi, portanto, uma ocasião de alegria e de agradecimento solene a Deus, ea lua nova, assim como o Sábado foi um dia de ofertas especiais. Por um lado, outro dos acordãos ameaçado contra os inimigos de Deus era que a luz da lua deve ser suspensão. A ameaça feita contra Faraó "Vou tapar o sol com uma nuvem, ea lua não dará a sua luz" (Ez 32: 7), e no dia do Senhor denunciado contra a Babilônia, "O sol se escurecerá na sua saindo, ea lua não devem provocar a sua luz brilhar" (Is 13: 10). Mas, entre as glórias da restauração de Israel é prometido que "a luz da lua (lebhanah) será como a luz do sol (hammah)" (Is 30: 26).

(3) Fases da Lua

Não há menção direta das fases da lua nas Escrituras, um fato marcante, e que ilustra a loucura de tentar provar a ignorância dos escritores sagrados pelo argumento do silêncio, pois não é concebível que os homens em qualquer momento eram ignorantes do fato de que a lua muda de forma aparente e tamanho. Assim, longe de os hebreus se mergulhado em tal profundidade de mais de ignorância selvagem, eles basearam seu calendário inteiro na observação real da primeira aparição do crescente jovens. Em duas passagens na nova versão (britânica e americana), encontramos a expressão "na lua cheia, keseh" (Sl 81: 3; Pv 7: 20), mas que isso é o que se pretende, o significado literal da palavra é duvidosa, e pode ser dada na King James Version, no dia marcado. Em outro trecho já citado, há uma referência para a parte escura do mês. "Teu dom não deve mais ir para baixo, nem a tua lua (yerah, "mês") retirar-se" - a "retirada" do mês é o tempo quase lua nova, quando a lua está quase em conjunção com o sol e, portanto, invisível.

As alterações periódicas da lua são os seus juízos (Jer 31: 35). Foi também nomeado para "estações" (Sl 104: 19), isto é, para os conjuntos religiosos ou festas (mo'adhim). Dois deles foram realizados no total da Lua, a Páscoa ea Festa dos Tabernáculos, um na lua nova, a Festa das Trombetas, mas a lua nova ordinário não figuram entre os grandes "festas fixas" (mo'adhim). Como doador de luz, ajudando os homens em seus trabalhos com o rebanho e no campo e ajudá-los em suas viagens, como medidor de tempo, indicando o progresso dos meses e das estações para as grandes festas religiosas, a lua era o piedoso hebraico uma prova da bondade e sabedoria de Deus.

Os pneus "redondo como a lua" usado pelas filhas de Zion (Is 3: 18 a King James Version), e aqueles sobre os camelos de Zeba e Salmuna (Jz 8: 21 King James Version, a margem), foram designados pelo mesmo hebraico palavra, saharonim, traduzido na Vulgata (latim Jerônimo Bíblia, 390-405 d.C.) como lunulae, ornamentos e eram redondas, provavelmente redondo como crescentes, não discos como a lua cheia.

Jericho possivelmente significa "a cidade da lua", Jerá, a lua, era o nome de um dos filhos de Joctã.

4. Sinais

(1) eclipses lunares e solares

O Sol ea Lua não eram apenas dadas "para dias e anos" (Gn 1: 14), mas também "os sinais", e de nenhuma maneira que eles melhor cumprir o que foi nos tempos antigos entendida por essa palavra que em seus eclipses. Nada na natureza é mais impressionante do que um eclipse total do sol, a escuridão misteriosa, o frio repentino, o resplandecer da coroa estranho, visto em nenhuma outra época, afetam até quem sabe a sua causa, e golpear o terror indizível nos que não pode prever ou compreender. Em épocas passadas um eclipse do Sol foi contado um presságio de desastre, na verdade, como se o pior dos desastres, por todas as nações, exceto aquele para quem a palavra do profeta foi: "Não aprendais o caminho das nações, e não pode ser Consternado com os sinais dos céus, para as nações com eles se atemorizam" (Jr 10: 2). Para os profetas hebreus, os eclipses eram "sinais" do poder e da autoridade de Deus, que os proibiu de se alarmar com sinais que as nações em dificuldades.

O fenômeno dos eclipses solar e lunar são brevemente, mas inequivocamente descrito por vários profetas. Joel se refere a eles duas vezes (Jl 2: 10, Jl 2: 31), o segundo tempo com muita dúvida: "O sol se converterá em trevas, ea lua em sangue", e este foi citado por Pedro no dia de Pentecostes (At 2: 19, At 2: 20). João também diz que quando o sexto selo foi aberto "o sol tornou-se negro como saco de cilício, ea lua tornou-se como sangue" (Ap 6: 12). Quando a lua nova em sua revolução ou de giro vem exatamente entre a terra eo sol, sua sombra - a sombra, que é fundido girando" de Tg 1: 17 - cai sobre a terra, o sol está completamente escondido e sua brilhante descoberta passa a ter o corpo escuro da lua; o sol se transforma em escuridão. Quando a sombra da terra cai sobre a lua cheia, e só os raios do sol que chegam de ter passado por uma imensa espessura de nossa atmosfera e são, portanto, de uma cor opaca

vermelho-cobre, como sangue coagulado, "a lua é transformado em sangue."

(2) As asas da Manhã

Mas um eclipse solar não é apenas escuridão e terror. Mal tem a lua escura escondido o último fio de luz solar do que uma auréola linda pérola, a coroa, é visto em torno da negritude. Esta coroa muda sua forma de um eclipse para outro, mas a forma mais simples é a de um anel de brilhantes com asas estendidas, e é característico dos tempos, quando o sol, mas tem alguns pontos em cima dele. Esta forma parece ter sido a origem do símbolo sagrado do anel ou descobertos com asas, tão freqüentemente figuraram na egípcia, babilônica e monumentos persas. É possível que esses coronal "asas do sol" pode ter sido na mente do profeta Malaquias, quando escreveu: "A vós que temeis o meu nome, nascerá o sol da justiça, trazendo curas nas suas asas" (Mal 4: 2). A metáfora da "asas da manhã" de Psa 139: 9, no entanto, mais provavelmente devido ao longo flâmulas, os raios crepusculares, visita ao amanhecer quando o sol nasce atrás de um banco baixo de nuvens.

Os eclipses totais da Lua deve freqüentemente têm sido visíveis na Palestina como em outros países, mas apenas dois ou três eclipses totais do Sol são visíveis lá durante a história do Antigo Testamento, que de 831 aC, 15 de agosto, foi total na Judéia, e que de 824 aC, 02 de abril, quase total. Tem sido sugerido que os dois eclipses do sol foram preditos no Antigo Testamento - a de Nínive, 763 aC, 15 de junho, em Amos 8: 9, e de Thales, 585 aC, 28 de maio, em Isaías 38: 10, mas o sugestão tem pouco a apoiá-lo.

5. Estações do ano

(1) O Significado da Palavra

O sol ea lua foram nomeados "para alumiar a terra", e "os sinais", e "por dias e anos." Eles também foram nomeados "para estações" (mo'adhim), ou seja, "conjuntos nomeados." Estas estações não eram principalmente temporadas como o andamento do ano traz, sob a forma de alterações do clima ou do estado da vegetação, que eram as estações para o culto. O mo'edh palavra ocorre cerca de 219 vezes, em 149, é traduzida como "congregação", e em cerca de 50 outros casos de "assembléia solene" ou alguma expressão equivalente. Assim, antes que o homem nunca foi criado, Deus havia providenciado para ele momentos de culto e tinha apontado dois grandes luminares do céu para servir como sinais de chamada para ele.

As solenidades sagrado dos judeus formam uma série mais completa e simétrica, o desenvolvimento de vezes indicado pelo sol sozinho vezes indicado pelo sol ea lua juntos, e concluída em tempos indicados por ciclos luni-solar.

(2) Estações Natural para o Culto

O sol só indicou a hora para o culto diário, ao amanhecer, quando o dia começou, havia o sacrifício da manhã, ao entardecer, quando o dia fechada, havia o sacrifício da tarde.

A Lua indica o tempo para o culto mensal, quando o crescente fino da lua nova é visto no céu ocidental, sacrifícios especiais foram ordenados com o soprar de trombetas sobre eles.

O sol ea lua juntos marcaram os tempos para as duas grandes festas do ano. No início da parte brilhante do ano, quando a lua estava cheia no primeiro mês da primavera, a Páscoa, seguido da Festa dos Pães Ázimos, foi realizada. No final da parte brilhante do ano, quando a lua estava cheia no primeiro mês do outono, a Festa dos Tabernáculos foi realizada. Todos estes itens podem ser chamadas estações naturais para o culto, obviamente marcado conforme o caso. O início eo final da parte brilhante do dia, e da parte brilhante do ano, eo início da parte brilhante do mês, foram observados por muitas nações.

(3) A santificação do sétimo

Mas o que era distintivo no sistema das festas judaicas era a santificação do sétimo: o sétimo dia, a sétima semana, o sétimo mês, o sétimo ano foram especialmente marcados fora. O sol só indicou a sábado, a aplicação do número sagrado sete para a unidade de tempo dado a cada dia. Para o período de sete dias, a semana não era dependente de qualquer fase da relação da lua ao sol, não foi um mês, trimestre, mas uma semana livre, correndo em forma independente do mês. O sábado judaico, portanto, diferente do da Babilônia, que foi amarrado ao mês lunar. O mesmo princípio foi aplicado também para o ano, a cada sete anos foi colocado à parte, como um período de descanso, o ano sabático.

Cada sétimo dia, a cada sete anos, foi assim observada. Mas para a semana eo mês, o princípio da santificação do sétimo entrou em funcionamento apenas uma vez em cada ano. A Festa de Pentecostes, ou como também era chamado, a Festa das Semanas, foi realizada no final da sétima semana desde o dia seguinte após o sábado dos Pães Ázimos, e da lua nova do sétimo mês era tida como uma festa especial, a Festa das Trombetas, uma santa convocação. Fareis nenhum trabalho servil "(Lev 23: 24, Lev 23: 25). As outras luas novas do ano não foram assim distinguidos.

O sábado semanal, a Páscoa, o Pentecostes, e as Festas das Trombetas e dos Tabernáculos, com um outro dia da solenidade, estavam em um sentido especial, o mo'adhim do Senhor.

O sétimo dia foi o dia especial de adoração, e para corresponder, no sétimo mês foi especialmente no mês de culto, e este, não só porque foi anunciada com solenidade peculiar, e incluiu uma das principais festas grandes do ano, mas porque ele forneceu a cerimônia culminante de todo o sistema judaico, o grande Dia da Expição, realizada no décimo dia do mês e, portanto, em um dia não marcado diretamente por qualquer fase da lua. O Dia da Expição purgados os crimes do ano passado, Israel e restaurado para o pleno exercício da graça divina.

(4) O Jubileu um ciclo luni-solar

O mês judaico foi um mês naturais, baseado na observação real do crescente jovens. O ano judaico foi um ano singular, isto é, um ano solar tropical, com base na observação real do amadurecimento dos grãos. Mas não há um número exato de dias em um mês lunar, nem há um número exato de meses em um ano solar; 12 meses lunares aquém do ano, por onze dias, de modo que em três anos, o erro seria de mais de um mês completo, e para restaurar o equilíbrio entre um décimo terceiro mês teria que ser intercalados. Como os meses foram determinados a partir da observação real, e como a observação seria interrompida ao longo do tempo por condições climáticas desfavoráveis, foi necessário dispor de alguns meios de intercalação para determinar quando terá lugar, independentemente do mesmo. E este foi fornecido pela realização do princípio da santificação do sétimo, uma etapa mais distante. Não foi apenas o sétimo do dia, semana, mês e ano distinto, mas a sétima semana do ano foi marcado pelo soar da trombeta do jubileu, no Dia da Expição. O Dia da Expição significa a restituição de Israel para o favor divino, o sopro da trombeta do Jubileu a cada ano quadragésimo nono significava "a restituição de todas as coisas", cada hebreu na servidão devolvido à liberdade, toda a terra, hipotecados ou vendidos, devolvido a seu proprietário original.

E esse período de 49 anos solares foi astronomicamente um período de restituição, para o sol ea lua quase voltou às suas posições originais em relação ao outro, já que 49 anos solares são 606 meses lunares, com um erro de apenas 32 horas. Assim que, embora o período do Jubileu não é um ciclo lunar perfeita, era muito exata o suficiente para guiar os sacerdotes judeus na elaboração de seu calendário em casos onde a falha de observação deu origem a algumas dúvidas.

O início de cada mês foi marcado pela explosão do duas trombetas de prata (hacocerah: Num 10: 2, Num 10: 10). O início da guerra civil, ou seja, do ano agrícola, foi marcado por uma especial soprar de trombetas (teruah), dando o nome de "Festa das Trombetas" para que a lua nova (Lev 23: 24; Num 29: 1). E o começo de um novo ciclo de 49 anos foi marcado por ocasião do Jubileu, a trombeta (shophar: Lev 25: 9). Assim, o ciclo da Jubileu fez simétrica, devidamente preenchido, e soldadas entre si todos os mo'adhim do Senhor - os dois grandes luminares foram criados "para as estações."

(5) Ciclo de 19 anos Luni-Solar

O ciclo da Jubileu foi suficiente para os efeitos do calendário religioso, enquanto a nação habitada sua própria terra, já que desde a sua pequena extensão, não haveria conflito de cômputo do tempo e que seria fácil para notificar o aparecimento da lua nova de um lado do país para o outro. Mas depois do cativeiro, quando o povo se espalhava de Gozã dos medos ao Siena no Nilo, foi necessário elaborar um método pelo qual os judeus, no entanto, longe de terem sido dispersos, seria capaz de contar para si quanto ao momento a lua era nova para Jerusalém. Nós temos aprendido recentemente a partir da descoberta de uma série de papiros aramaico de Siena que havia uma colônia de judeus há que usaram um calendário construído, não a partir da observação, mas a partir de cálculo baseado em um ciclo muito exata luni-solar (EB Knobel " Antiga datas do calendário judaico, em papiros aramaico, "Monthly Notices da Royal Astronomical Society, LXVIII, 334). Esse ciclo, conhecido por nós pelo nome de seu descobridor supostamente, Meton, é um dos 19 anos, que é apenas duas horas de curtas de 235 meses completos. Como essa colônia judaica parece ter sido fundada após a destruição de Nabucodonosor de Jerusalém por parte de alguns dos refugiados que fugiram para o Egito com a Joanã, filho de Careá (Jer 40 a 44), esta familiaridade com o ciclo Metônico não pode ter sido devido à influência de Babilônia. Também não pode ter sido devido a egípcia, já que os egípcios não usar ou requerer qualquer ciclo, dos seus anos sendo um solar de 365 dias. De fato, nenhuma outra nação parece ter tido conhecimento de que, até que, uma geração depois, Meton, o ateniense, ganhou fama imortal por anunciá-la. As provas desses papiros Syene torna provável que Meton não descobrir-se o ciclo, mas aprendi que a partir de fontes judaicas. Muitas das nações semitas usados, como os judeus, um mês natural em conjunto com o ano civil, mas os judeus foram os mais susceptíveis de ter descoberto este ciclo, uma vez que somente eles tinham o seu culto centralizado em um único santuário que se tornou, em consequência, o seu padrão de observatório para a sua observação da lua nova. Essas observações, por conseguinte, seriam todos comparável e, durante os 400 anos que o Templo estava, ele deve ter sido muito claro para eles que não o ciclo de 19 anos somente lhes deu sete, o número sagrado, de meses intercalados, mas trouxe definição dos locais das luas novas para os mesmos pontos do horizonte ocidental e na mesma ordem.

É evidente a partir da evidência destes papiros Syene que os judeus, lá, usou o ciclo de 19 anos tanto para a fixação do dia da lua nova, e para determinar quando um décimo terceiro mês teve que ser intercalados, uma ilustração da futilidade do "argumento do silêncio", para tão longe de haver qualquer aviso na Escritura da utilização de um ciclo para a determinação de intercalação, não há nenhuma menção de intercalação em tudo.

(6) O ritual judaico preexílico

Desde essa data do Cativeiro, o ciclo de 19 anos tem sido utilizado pelos judeus, e dá-nos o "número dourado" que é empregado na fixação da data da Páscoa em nosso calendário eclesiástico. Uma vez que o ciclo de 19 anos tem estado em uso desde o cativeiro, o ciclo de 49 anos, o Jubileu, não pode ter sido um exílio ou a inovação pós-exílio. A este facto, encontramos a decisão da controvérsia que tem muito tempo dividiu a crítica quanto ao facto de a legislação rituais dos judeus, datada de antes ou depois de seu cativeiro. Podemos tomar Kuenen como representando a escola mais recente: "Mesmo os profetas posteriores e historiadores, mas em especial e enfaticamente aqueles que viveram antes do Exílio, estavam familiarizadas com qualquer legislação ritual e, especificamente, com o que chegou até nós" (O Hexateuch, 273-74). "Para determinar sua antiguidade, devemos começar por analisar a sua relação com Deuteronomio, a qual ela é evidentemente posterior Isto vem mais claramente na legislação sobre as festas. Outras indicações, embora menos inequívoca, pleitear a mesma relação. No próximo local a própria legislação dá a prova da data de sua origem, e esses dados que justificam uma inferência ponto positivo para o cativeiro da Babilônia Segue-se que a «legislação de santidade» surgiu na segunda metade do cativeiro da Babilônia, provavelmente pouco antes de seu fim, e não há uma única objeção válida até esta data "(ibid., 276). Kuenen era, evidentemente, desconhecer as relações astronômicas em causa a legislação ritual, e foi incapaz de antecipar as descobertas impressionantes feitos de papiros Siena. conhecimentos mais recentes, inverteu a sentença que pronunciou com tanta confiança. A visão tradicional, que o ritual hebraico precedido do cativeiro, estava correta. Para o Jubileu, com que o Dia da Expição era ligado, foi a culminação ea conclusão de todo o ritual e, desde o período do Jubileu, como um ciclo luni-solar, foi preexílico, o ritual, como um sistema, deve ter sido preexílico mesmo.

(7) Os Ciclos Luni-Solar de Daniel

As estações do ano para o qual o sol ea lua foram nomeadas são mencionados em mais uma outra ligação. Na última visão dada a Daniel foi feita a pergunta: "Quanto tempo haverá até o fim destas maravilhas?" E ela foi atendida, "Será por um tempo, tempos (dupla), e meio, e quando eles fizeram uma final de despedaçar o poder do povo santo, todas estas coisas serão cumpridas "(Dan_12: 6, Dan_12: 7). De passagem paralela em Dan_7: 25, onde é dito da quarta besta: "Ele deve pensar em mudar os tempos ea lei, e eles serão entregues na mão por um tempo ('iddan) e tempos (duplo) e metade de um tempo ", infere-se que mo'edh em primeira instância, representa, como 'iddan no segundo, por um ano, ou o período é equivalente a metade de uma semana de anos. As passagens paralelas, em Rev_11: 2, Rev_11: 3; Rev_12: 6, Rev_12: 14; Rev_13: 5 causaram estes anos para ser tomado como ano convencional de 360 dias, a cada ano, sendo constituído por 12 meses convencional de 30 dias, e sobre o princípio dia-ano de interpretação, todo o período indicado seria um dos 1260 anos tropicais. Mais uma vez este é um ciclo luni-solar, desde 1.260 anos contém 15.584 meses correto para o próximo dia. Para o mesmo profeta Daniel numa visão mais cronológica foi dada, e um ciclo ainda mais perfeito indicado. Em resposta à pergunta: "Quanto tempo será a visão relativamente ao holocausto contínuo e à transgressão desoladora, à entrega do santuário e do exército, para serem pisados?" A resposta foi devolvido, "Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; então o santuário será purificado "(Dan_8: 13, Dan_8: 14). Qualquer que seja o significado profético da passagem de seu significado astronômico é clara: 840.057 dias são exatamente 2300 anos solares, ou 28.447 meses lunares, ou 30487 meses anomalístico, o mês anomalístico o período em que a Lua viaja de perigeu a perigeu. É o ciclo mais perfeito lunisolar conhecido, e restaura os dois grandes luminares exatamente ao seu relacionamento anterior. Esta máxima "temporada" indicada pelo sol ea lua é dado que para a purificação do santuário, para a propositura de, por assim dizer, do Jubileu plena e perfeita.

Não é possível, neste momento de decidir sobre se os judeus haviam aprendido deste ciclo ea sua importância a partir de suas observações astronômicas. Se assim for, eles devem ter sido muito antes da ciência matemática de todas as outras nações da antiguidade. Se não, então deve ter sido dada a ele por revelação divina, e seu significado astronômico foi deixado para a ciência moderna para revelar.

6. As Estrelas

Tal como acontece com o sol ea lua, as estrelas são consideradas sob os dois aspectos de dadores de luz e tempo de medidores, ou, em outras palavras, como a marcação das estações.

(1) o seu número

Mas duas outras idéias também são fortemente insistiram, as estrelas eo céu dos que fazem o "host" é usado para expressar os superlativos do número e da altura. "Olha agora para os céus e conta as estrelas, se fores capaz de enumerá-las" (Gen_15: 5), "Enquanto o exército dos céus não podem ser contados" (Jer_33: 22), são algumas das passagens em que as estrelas são utilizados para número ilimitado. Aqueles separadamente visíveis a olho nu em qualquer momento, não excedam 2.000 em número, mas ele era tão evidente para os hebreus antigos, como era de Ptolomeu, o astrônomo de Alexandria, que ao lado das estrelas visíveis separadamente, há um fundo, uma cortina de luz padronizada, que indica por sua aparência granular e malhada que ela é composta de miríades de estrelas

muito fracas para serem detectadas individualmente, muito perto de ser definida individualmente. A característica mais marcante desta cortina é grande o fluxo estelar que chamamos de Via Láctea, mas a mente facilmente reconhece que os pontos de minutos de luz, que compõem o seu padrão, são realmente estrelas como os grandes líderes das constelações. Mais tarde astronomia confirmou o testemunho dos profetas que as estrelas são sem número. O catálogo mais antigo da estrela, que de Hiparco, continha um pouco mais de mil estrelas; o grande Internacional Gráfico fotográfica vai mostrar as imagens de mais de cinquenta milhões, e há fotografias que mostram que mais de cem mil estrelas em uma única chapa. O limite a que se chegou é devido apenas ao poder limitado de nossos telescópios ou o tempo limitado da exposição das fotografias, nem a qualquer limitação do número de estrelas. Para nós, hoje, como o antigo salmista, é um símbolo do infinito poder e conhecimento de Deus que "é disso que fala o número das estrelas, Ele lhes dá todos os nomes" (Psa_147: 4 a King James Version).

(2) sua distância

Quanto à altura, isto é, a distância das estrelas, este é imensurável, exceto em poucos casos. Utilizando-se como uma linha de base o diâmetro enorme de órbita da Terra - 186.000 mil milhas - os astrônomos foram capazes de obter uma sugestão quanto à distância de cerca de 40 ou 50 estrelas. Destes o mais próximo, Alpha Centauri, está distante cerca de 25 milhões de milhões de quilômetros, e as estrelas mais brilhantes são em média dez vezes, bastante até, ao passo que as distâncias dos incontáveis milhões de estrelas para lá, não temos nenhum indicador. Para nós, como para o rei Salomão, o "céu" das estrelas é "para a altura" (Pro_25: 3), para uma altura em que está além de qualquer medida, dando-nos, portanto, a única imagem apropriada para a imensidão de Deus. Então Zofar, o naamatita perguntou: "Podes tu chegarás à perfeição do Todo-Poderoso? Ele é alto como o céu;? O que tu podes fazer "E Elifaz, o temanita reiterou o mesmo pensamento: "Não é Deus nas alturas do céu? E eis que a altura das estrelas, quão elevadas estão "(Job_11: 7, Job_11: 8; Job_22: 12)!. E a altura do céu, isto é, a distância das estrelas, é um símbolo não só da infinitude de Deus, mas de Sua fidelidade e da Sua misericórdia: "Assim o Senhor diz: Se o céu acima podem ser medidos, e os fundamentos da terra cá em baixo, então também eu rejeitarei toda a descendência de Israel, por tudo o que eles têm feito, diz o Senhor "(Jer_31: 37). E canta o Salmista: "Pois quanto o céu está elevado acima da terra, tão grande é a sua misericórdia para com os que o temem" (Psa_103: 11 a King James Version).

(3) seu brilho

As estrelas não são todas de igual intensidade, fato aludido por Paulo quando ele escreveu que "uma estrela difere de outra estrela em glória" (1Co_15: 41). Os antigos astrônomos gregos dividiram a estrelas de acordo com o seu brilho em seis classes de magnitudes, ou, para usar o termo técnico moderno, a estrela média, em qualquer magnitude particular dando cerca de duas vezes e meia a tanta luz como a estrela média da magnitude próxima.

Assim como o número das estrelas e seu movimento ordenado levou a ser considerado como um exército poderoso, "o exército do céu", e como um tipo de que outros acolhimento celestial, os santos anjos, para as estrelas individuais são tomadas como apropriadamente estabelecendo, por seu brilho e posição exaltada, poderes espirituais e inteligências, se estes são os anjos de Deus, como no Job_38: 7, ou dirigentes de igrejas, como na Rev_1: 20. A mesma imagem é, naturalmente, aplicada em um sentido ainda maior ao próprio Cristo, que é a "estrela de Jacó" (Num_24: 17), e "a brilhante, a estrela da manhã" (Rev_22: 16; 2Pe_1: 19).

7. Manhã, estrela da

As estrelas como Dial

Nos tempos antigos, havia dois métodos pelos quais o progresso do ano pode ser aprendido a partir da observação dos céus. O sol estava "de estações", ea mudança em seu lugar de subida ou de configuração fornecido o primeiro método. O segundo método foi fornecido pelas estrelas. Porque, assim como os pastores hebraico, como Jacó, Moisés, Davi e Amós, vigiavam os seus rebanhos durante a noite, eles viram a procissão silenciosa das estrelas durante as horas de escuridão, e sabia, sem relógio ou cronômetro como eles estavam progredindo. Eles notaram que as estrelas estavam subindo no Oriente, o que as estrelas foram sancionados no Sul, que estavam sentados no Ocidente, e como as estrelas do norte, sempre visível, como um grande dial, estavam se transformando. Mas como o horizonte oriental começou a clarear para o alvorecer, eles, especialmente nota que as estrelas foram os últimos a subir antes de seu brilho se afogou na luz crescente do dia. Estas, as estrelas último a aparecer no Oriente antes do amanhecer, foram as "estrelas da manhã", os arautos do sol. Como manhã seguido da manhã, as estrelas da manhã seria visto mais cedo, e, portanto, por um longo tempo antes que desapareceu na madrugada, até que certa manhã, outras estrelas, nunca vistas antes, iria brilhar por alguns momentos e, assim, substituir o estrelas vistas anteriormente como os arautos reais do sol. Essa aparência de um primeiro de uma estrela era chamada pelos astrônomos gregos sua "heliacal" expansão, ea menção nas Escrituras de "estrela da manhã", ou "estrelas da alva" (Job_38: 7; Job_3: 9), mostra que o hebreus como os gregos estavam familiarizados com esse recurso as ordenanças dos céus, e tomou conhecimento da situação do ano pela observação das mudanças aparentes do exército celestial. Uma estrela que anunciam o início da primavera, outra a chegada do inverno, o tempo de arar, o tempo de semear, o tempo das chuvas, todos seriam indicados pelos sucessivos "estrelas da manhã", como eles apareceram.

8. Estrela caída

(1) Meteoritos

Meteoros não são estrelas em tudo no sentido popular da palavra, mas são muito pequenos corpos desenhados em nossa atmosfera, e tornou luminosos por alguns instantes pelo atrito de sua corrida com ele. Mas como eles têm se mostrado não ser mera tempestade do ar, por serem considerados em um tempo, mas os corpos de uma natureza verdadeiramente planetária, viajando ao redor do sol em órbitas definidas como a da própria Terra, o epíteto é bastante que lhes são próprios. Eles são astronômicos e não apenas os organismos terrestres. Meteoros são mais marcantes, quer quando eles são vistos como aerólitos solitários ou quando caem em algum grande chuva. O chuva mais célebre, que parecia irradiar da constelação de Leo - e, portanto, chamado de Leonid - deu ao longo dos séculos um espetáculo magnífico cada trinta e três anos, a última grande ocasião de ter sido em 14 de novembro de 1866. Aqueles que viram que o chuva pode apreciar a vívida descrição de João, quando ele escreveu: "As estrelas do céu caíram sobre a terra, como quando a figueira lança de si os seus figos verdes quando ela é abalada por um vento forte" (Rev_6: 13) , para os meteoros caíram como folhas de outono, impulsionado por uma grande tempestade, tão numerosos e tão rápido. O profeta Isaías também usou uma figura muito similar (Isa_34: 4).

(2) A estrela "abismo".

Essas chuvas de meteoros são grandes espetáculos mais impressionantes, mas os meteoros são solitárias às vezes não menos impressionante. Bolidos ou aerólitos, como tal grande meteoros solitários são chamados, são aparentemente de grande tamanho, e são por vezes tão brilhante como a luz até o céu, mesmo em plena luz do dia. Esse fenômeno é referido por João, em sua descrição da estrela era Absinto: "Não caiu do céu uma grande estrela, ardendo como uma tocha" (Rev_8: 10). aerólitos Tais informações não são totalmente consumidos durante sua passagem por nossa atmosfera, mas partes deles atingem o solo e, em alguns casos, grandes massas foram encontrados intactos. Estes são geralmente de caráter pedregoso, mas outras são de ferro quase puro ou conter muito do que o metal. Essa pedra meteórica foi usado como o pedestal da imagem da deusa Diana, em Éfeso, e os "townclerk" da cidade se refere a esta circunstância quando lembrava aos Efésios que sua cidade foi "a guardadora do templo da grande deusa Diana, e da imagem que caiu de Júpiter "(Act_19: 35).

9. Estrela nomade

Já foi observado que a lua talvez tenha recebido o seu nome hebraico a partir do fato de ser um "andarilho" entre as estrelas, mas não há nenhuma referência direta e explícita nas Escrituras para outros celestial "andarilhos", exceto em Jud_1: 13: "estrelas errantes, para os quais a escuridão das trevas foi reservado para sempre". planetas asteres Estes não são os nossos "planetas", mas quer meteoros ou cometas, mais provavelmente o último, como meteoros são mais adequadamente descritas como "estrelas cadentes."

(1) cometas como um tipo espiritual

Mas, como cometas e meteoros estão intimamente ligados uns com os outros - os meteoros sendo em muitos casos, os restos de cometas - a metáfora se aplica a qualquer um. Falsos professores de religião, professores instável ou apóstata, são completamente diferentes das estrelas que brilham no céu para sempre, mas são apropriadamente representada pelos cometas, que são vistas apenas por algumas semanas ou dias, e, em seguida, são totalmente perdidos de vista, ou por meteoros, que flash fora por alguns instantes, e então são totalmente extinto.

Todos os cometas grandes, todos os cometas que foram visíveis a olho nu, com a única exceção de que o nome de Halley, têm aparecido, mas uma vez dentro do período de registros humanos e o Cometa Halley leva apenas 80 dias para atravessar esta parte da sua órbita que se situa dentro da órbita da terra, o resto do seu período de revolução - 76 anos - é passado fora desse limite, e há 38 anos em um tempo que permanece fora da órbita de Netuno, mais de 2.800 milhões milhas do sol. Os cometas outros só têm visitado o nosso bairro, uma vez dentro da nossa experiência.

(2) cometas mencionada na Escritura?

A questão tem sido levantada se o aparecimento dos cometas é sempre referida nas Escrituras. Josefo, ao falar dos sinais que precederam a destruição de Jerusalém por Tito, diz: "Assim, não era uma estrela semelhante a uma espada que estava sobre a cidade, e um cometa que se manteve durante um ano inteiro" (BJ, VI, V, 3). A "estrela semelhante a uma espada", foi sem dúvida o retorno do cometa Halley em 66 dC, ea frase usada por Josephus sugeriu que era um fenômeno estelar, que é referido no 1Ch_21: 16: "O anjo do Senhor ... entre a terra eo céu, e tinha uma espada desembainhada na mão estendida contra Jerusalém "Mas isso, ea sugestão que corresponde a natureza da espada flamejante, que manteve o caminho da árvore da vida. (Gen_3: 24), não são suportados conjecturas não são dignos de atenção. O pingre astrônomo pensava que a primeira visão de Jeremias, de a "vara de amendoeira" e de um "caldeirão a ferver" (Jer_1: 11, Jer_1: 13) teve sua base física em um retorno do Cometa Halley, e outros comentaristas pensei que as aparências cometários foram descritos na seção "colunas de fumaça" do Joe_2: 30, mas nenhuma destas sugestões parece ter plausibilidade.

II. As Constelações

A principal realização da ciência da astronomia nos séculos durante os quais os livros do Antigo Testamento foram escritos foi o arranjo ea nomeação das constelações, e não pode haver qualquer dúvida razoável que o mesmo sistema era conhecido dos hebreus, como o que tem sido transmitida a nós através da astrônomos gregos. Paulo certamente conhecia as constelações gregas, no seu sermão no Areópago (Act_17: 28), ele citou que a descrição poética de Aratus eles que o grande poeta da Cilícia tinha escrito cerca de 270 aC. Mas estas constelações têm uma antiguidade muito maior do que isso, e é provável que eles eram bem conhecidos antes de Abraão saiu de Ur dos Caldeus. Tem sido freqüentemente demonstrado (A astronomia da Bíblia, 158; Astronomia sem um telescópio, 5) que estas constelações se fornecer provas de que eles foram projetados cerca de 2700 aC. Assim, eles anteciparam a época de Abraão por alguns séculos, e uma vez que algumas das suas formas mais características são encontradas em cima antiga Babilônia "pedras de fronteira", é claro que eles eram conhecidos no país de onde ele saiu.

1. Nachash, a "serpente tortuosa"

As referências diretas a esses velhos constelação de formas nas Escrituras não são numerosas. Um dos mais claros está em Job_26: 13, onde "formou a serpente tortuosa" (a Versão King James) é usado como o correlato de "enfeitada os céus", a grande constelação do Dragão se contorcendo, colocada na coroa dos céus, sendo usado, metaforicamente, como uma expressão para todas as constelações do céu. Pois por suas dobras que circunda ambos os pólos, o da linha do equador eo da eclíptica.

2. Leviatã

O Bariá prazo, traduzida por "tortas", mas melhor que na versão revista, a margem como "fuga", é aplicado por Isaías "Leviathan" (liwyathan: Isa_27: 1) propriamente um "coroados" animal ou contorcendo-se, torcido em dobras e, portanto, também chamado por akallathon o profeta, "torto", "torcida", ou "liquidação", uma designação mais apropriada para Draco, o grande dragão polar. Mas esta não foi a "serpente tortuosa" apenas nas constelações, havia outros três, dois dos quais foram colocadas com um significado astronômico não menos preciso do que o enrolamento de Draco volta dos pólos. Hydra, o Watersnake, marcou o equador celeste original por cerca de um terço da sua circunferência, e Serpens, a víbora, estava parcialmente ao longo do equador celeste e, em seguida, estava torcido para cima do colure outonal, e atingiu o auge com a sua cabeça.

O arranjo dos doze signos do zodíaco para marcar a trajetória aparente anual do sol, e dessas três formas de serpente para manter suas respectivas posições e significativa nos céus, mostra que um progresso real em astronomia tinha sido feito antes da constelações foram projetadas, e que os seus lugares foram atribuídos a estas figuras em um plano definido astronômicos.

3. A Semente da Mulher

Uma outra finalidade é mostrado pela relação dos três serpentes com os números vizinhos, e é claro que a história preservada em Gênesis 3 foi conhecido para os designers das constelações, e que pretendiam perpetuar a sua memória por meio da estelar afrescos. Para as constelações, Escorpião, Ofiúco e Serpens, mostra-nos um homem estrangulando uma serpente e um escorpião no pé, a cabeça deste último ele esmaga com um pé, mas o seu outro pé é ferido por seu agulhão revertida. Quando esses três constelações foram a Sul, isto é, à meia-noite, na Primavera, Hércules e Draco estavam ao norte, e apresentou a figura de um homem ajoelhado sobre um joelho, e pressionando para baixo com seu outro pé a cabeça do serpente grande do norte ou do dragão. Durante o inverno a meia-noite na constelação zodiacal sobre o meridiano foi a Virgem, figurou como uma mulher segurando uma espiga de milho na mão, enquanto que sob o seu comprimento imenso de Hydra foi estendida sobre o seu ventre, na atitude de uma serpente, quando fugiam em velocidade máxima. Estes números são, evidentemente, significava expor na imagem que se expressa em palavras, em Gen_3: 14, Gen_3: 15, "E o Senhor Deus disse à serpente: Porquanto fizeste isto, maldita és acima de todos os bovinos e, acima de todos os os animais do campo; em teu ventre tu vai e tu deverás comer poeira todos os dias da tua vida: e porei inimizade entre ti ea mulher e entre a tua descendência ea sua descendência: ele te ferirá a cabeça, e tu tu ferirás o calcanhar."

4. O Arco Situado na Nuvem

Nem é essa a única narrativa em Gênesis, que encontra paralelo nas constelações. Entre os grupos do Sul encontramos um navio Argo que tenha aterrado em uma rocha, e perto dele está uma figura, Centauro, que é, aparentemente, matar um animal, Lupus, ao lado de um altar. A nuvem de fumaça decorrente do Altar é representada pela Via Láctea, e no meio da nuvem não é definir o Arco do Arqueiro, Sagitário. Aqui parece haver retratado a aliança feita com Noé, depois ele ofereceu seu sacrifício, quando saiu da arca: "Eu colocarei meu arco na nuvem, e será por sinal da aliança entre mim ea terra" (Gen_9: 13). Assim, as constelações, projetado vários séculos antes da época de Abraão, expressar claramente o conhecimento, e parecem destinadas a preservar uma lembrança das duas primeiras promessas feitas por Deus para a humanidade como registrado nos primeiros capítulos do Gênesis

Não há necessidade de assumir, como alguns escritores têm feito, que todas as 48 constelações primitivos eram de origem divina, ou

mesmo que algum deles fosse. Se alguns dos antigos astrônomos possuído de uma forma ou de outra das histórias que temos em Gn 3, 8 e 9, não seria natural para eles para tentar preservar a memória deles nos céus, associando estes dados com as estrelas . Isso não significa que todas as constelações de idade têm um significado semelhante, ou que, se temos, agora deve ser capaz de detectá-lo, e uma grande dose de engenhosidade foi desperdiçada na tentativa de converter os antigos 48 constelações em uma espécie do evangelho em hieróglifos. As interpretações dessa ordem eram correntes bastante no início da era cristã, pois eles são denunciados por um tempo considerável e de forma minuciosa por Hipólito em sua Refutação de Todas as Heresias, cerca de 210 anúncios. O seu renascimento nos últimos anos se deve principalmente à mazzaroth, uma série de documentos do falecido Miss Frances Rolleston etimologias fantasiosas em que foram dadas aos nomes árabes, através da qual as estrelas principais são conhecidas. Esses nomes, na maioria das vezes, basta indicar os lugares que as estrelas eram solidariamente supostamente abrigam nos valores que lhes eram atribuídas, e derivações Miss Rolleston para eles são muito enganosas e sem fundamento. No entanto seus resultados foram aceitos cegamente por um número de escritores.

5. O Dragão do Eclipse

O arranjo peculiar das formas serpente nas constelações, e sobretudo a posição atribuída a Hydra, estendida ao longo do equador com a cabeça perto do equinócio de primavera e seu rabo perto que do outono, parece ter dado origem ao termo "Cabeça do Dragão" (ômega) e "Rabo do Dragão" (um ômega upside-down), para os nós ou pontos de interseção da eclíptica (o caminho aparente do Sol) com o equador celeste e, portanto, para nós em geral. Como os eclipses do sol e da lua só pode ocorrer quando os corpos estão perto de nós da órbita da Lua, ou seja, perto da cabeça do Dragão ou da cauda, o mito parece ter surgido que os eclipses como eram devidas a um ou outro dos dois grandes luzes sendo engolido por um dragão, e uma referência a este mito é encontrado em Job_3: 8: "Amaldiçoem-na aqueles que amaldiçoam o dia, que estão prontos. (versão revista, margin: hábil) para suscitar o leviatã" O pessoas referidas são os magos que fingia ser capaz, por seus encantamentos para causar um eclipse do sol, trazendo o mítico dragão que era para devorá-lo. Nomenclatura Astronômica ainda mantém um rastreamento dessas expressões de idade, para o tempo gasto pela Lua para passar de um nó para o nó mesma ainda é chamado de "mês dracônico, um" mês do dragão ".

6. Sonho de José

Se percebermos que os hebreus eram bastante familiarizado com os números mesma constelação que herdamos através dos gregos, várias alusões indirectas que lhes ganhar um significado acrescentou. Assim, José sonhou que "estrelas do sol e da lua e onze fez reverência" a ele (Gen_37: 9). As doze constelações do zodíaco são doze dentre os quais o sol ea lua se mover e, portanto, constituem, por assim dizer, a sua família. Onze deles, por conseguinte, representados onze filhos de Jacob, Joseph-se a ser, naturalmente, o décimo segundo. Há alguma evidência de que o tempo veio quando a sugestão desse sonho foi atendido na medida em que algumas das tribos aprovou algumas das figuras constelação por meio da crista ou com armorial. Nu Em duas afirma-se que cada um dos quatro acampamentos em que o exército de Israel foi dividido teve seu próprio padrão:

7. As Normas das Tribos

"Nem a lei mosaica, nem o Antigo Testamento, geralmente, dá-nos alguma sugestão sobre a forma ou o caráter da norma (degheh). Segundo a tradição rabinica, o padrão de Judá, tinha a figura de um leão, que de Rúben à semelhança de um homem, ou da cabeça de um homem, que de Efraim, a figura de um boi, e de Dan a figura de uma águia; de modo que os quatro seres vivos unidos na forma angelical descrita por Ezequiel foram representados em cima destas quatro normas "(Keil e Delitzsch, comentário sobre o Pentateuco, III, 17). Uma variante dessa tradição dá como padrão de Rúben, "impetuoso como a água" (Gen_49: 4 a King James Version), um homem e um rio, e de Dan, "Dan será uma serpente no caminho" (Gen_49: 17), uma águia e uma serpente. Essas quatro formas também são encontrados nas constelações nos quatro quadrantes do céu. Aquário, o homem com uma corrente de água e Leo foram as constelações do zodíaco original dos dois solstícios, a Taurus foi a do equinócio da primavera, e Áquila e Serpens estavam perto do equinócio de outono, sendo este último fato sobre a colure.

8. Os Querubins

Essa distribuição das quatro formas cherubic nos quatro trimestres do céu dá um significado especial para a invocação usado por Ezequias e do salmista: "Tu que habitas entre os querubins" (Isa_37: 16 King James Version: Psa_80: 1 a King James Version). A glória Shekinah descansou na verdade entre os querubins dourados sobre a arca no Santo dos Santos, mas "o Altíssimo não habita em casas feitas com as mãos" (Act_7: 48), e as mesmas formas cherubic foram retratados nas cortinas do céu . "Eis que o céu, eo céu dos céus não te podem conter" (1Ki_8: 27); "Tu habitas entre os querubins ", enchendo a expansão infinita do universo estelar.

9. A profecia de Balaão

Quando Balaão viu "morada Israel segundo as suas tribos, mas o Espírito de Deus veio sobre ele" (Num_24: 2), não era natural que ele deveria aludir na sua profecia com as normas grande que ele iria ver flutuando sobre os campos, e três dos quatro parecem ser indicados: o touro de José - "Ele como se fosse a força do boi selvagem", o leão de Judá - "Deitou-se como um leão e como um grande leão", o King James Version e Aquário, o homem despejando uma torrente de água de um jarro, o conhecimento de Reuben - "A água deve fluir de seus baldes" (Num_24: 7, Num_24: 8, Num_24: 9).

De forma semelhante, quando os profetas se referem aos inimigos de Israel sob a figura de dragões ou répteis, há, por vezes parece uma referência indireta às serpentes que representam os poderes do mal nas fotos que têm sido associados com os grupos de estrelas. Assim, em Isa_27: 1, o Inglês Versão Revisada, está profetizado que o Senhor "é castigar a leviatã, a serpente veloz, eo leviatã, a serpente tortuosa, e matará o dragão que está na mar", a primeira alusão a ser apropriado a atitude de Hydra, segundo a Draco, a terceira a Cetus. Embora o grupo de constelações de Andrômeda, Cetus e Eridanus, a mulher perseguida por um dragão que lança um rio fora de sua boca, um rio que flui para baixo abaixo do horizonte parece ser engolida pela terra, parece ter fornecido João com algum do material para as imagens do Apocalipse 12, em sua grande visão.

Além de referências diretas ou indiretas com os números da constelação familiar, quatro especiais termos astronômicos ocorrem no hebraico do Antigo Testamento ascensão que tem dado a muita discussão. Estes são Kimah, Órion, mazzaroth e 'Ayish. A tradição da sua importância havia sido perdida antes que a tradução Septuaginta foi feita, mas pode ser tomado como praticamente certo que as representações dadas na Versão Revisada (britânicos e americanos) são substancialmente corretas.

10. Pleiades

A palavra Kimah ocorre em três passagens, em cada caso, em conjunto com Órion (Amo_5: 8; Job_9: 9; Job_38: 31). Aparentemente, uma "pilha" ou "cluster", e é, portanto, especialmente aplicável ao grupo linda das Plêiades, o aglomerado de estrelas mais visíveis visíveis a olho nu. Há menos incerteza sobre essa identificação, já que "kima" é o termo geralmente utilizado na literatura siríaca para designar as Plêiades.

Seis estrelas podem agora facilmente ser visto por qualquer boa visão, mas pessoas muito perspicazes podem detectar mais, assim Maestlin, o tutor de Kepler, mapeou 11 antes da invenção do telescópio, e nos últimos tempos Carrington e Denning ter contado com 14 a olho nu. Ainda assim, o número 6 é visível para a maioria das pessoas, embora exista uma tradição curiosamente generalizada e uniforme uma vez que eles "eram sete, que agora são seis", e sete é o número quase sempre atribuído a eles na literatura. Hesíodo chama de "as sete irmãs, a Virgem estrelas", e Milton, "as sete irmãs do Atlântico", como representando as filhas de Atlas. Muitos dos poetas gregos, no entanto, que os consideravam Pleiades, "pombas", pombas, voando a partir do caçador Orion, mas se elas foram

consideradas como as pombas representando ou donzelas, sete ainda tem sido o seu número tradicional. Possivelmente um dos grupos tem vindo a diminuir de brilho ao longo dos séculos; Alcyone parece ter aumentado em brilho, pois apesar de agora o mais brilhante, não é um dos quatro que figuram no catálogo de Ptolomeu, e se alguém tem aumentado nos brilho, outros podem ter diminuído. No telescópio muitas centenas de estrelas são visíveis. A chapa fotográfica registrou milhares e mostra como as estrelas principais envolvidos e encadeados juntos por delicadas fluxos de matéria nebulosa, as estrelas brilhando sobre estas linhas de luz filamentosas como pérolas em cima de uma corda. Esta, a aparição das Plêiades sobre as melhores fotografias moderna, seria impressionante adequadas para a prestação de Job_38: 31, que foi aprovado na nova versão (britânica e americana), "Podes atar o cluster (m) cadeia ") das Plêiades? "e pergunta a Jó seria equivalente a perguntar-lhe se era seu poder que tinha reunido as Plêiades e os prendeu em tão compacto de um cluster. Esta prestação, que envolve a leitura "ma'anaddoth" é apoiada pela Septuaginta, e todas as versões anteriores e, portanto, por quase todos os orientalistas. A leitura em Massoretic texto ", ma'adhanno", isto é, "guloseimas" ou "delícias", e aprovada na King James Version, onde a palavra é parafraseado como "influências doce", é, contudo, correto, como se verá será mostrado abaixo.

A designação do grupo, que das sete estrelas, dá um significado especial para um dos detalhes da visão de João: "Eu vi sete candelabros de ouro, e no meio dos castiçais um semelhante ao Filho do homem, ... E ele tinha na sua mão direita sete estrelas ... As sete estrelas são os anjos das sete igrejas, e os sete candelabros são as sete igrejas" (Rev_1: 12, Rev_1: 13, Rev_1: 16, Rev_1: 20). As sete estrelas em um único bloco compacto brilhando como um só, fornecer uma imagem da igreja em suas diversidades muitos e sua unidade essencial. Pode ser bom para corrigir aqui um erro de determinados amplamente difundido. Quando foi descoberto que o próprio sol com todos os seus planetas atendente estava viajando rapidamente através do espaço, o astrônomo alemão Madler arriscou a sugestão de que o centro do movimento do sol, o corpo atrair que regulava, poderia estar no grupo das Plêiades, e esta sugestão foi citado em muitos escritos populares, como se fosse um fato demonstrado. Logo se tornou evidente que não havia fundamento suficiente para a sugestão, ea idéia foi completamente abandonada pelos astrônomos.

11. Orion

O Órion palavra como denominar uma constelação ocorre no singular, em três passagens, e em cada um é colocado em antítese à Kumah. Em uma quarta passagem (Isa_13: 10) ocorre por si mesma e está no plural. Não há dúvida quanto ao significado da palavra em seu uso comum. Em 70 casos, é traduzida tanto "louco" ou "tolos." Isso não significa que uma pessoa de mente fraca, tanto com o um violento, um, impiedosa auto-confiante. Como um nome de estrela, é provavelmente justamente considerado para se referir a constelação de Orion gloriosa. Segundo uma antiga tradição, o nome de Ninrode, mencionado no Gen_10: 10, como o fundador de Babel, Erech, Accad e Calneh, foi dado por seus cortesãos a este mais brilhante de todas as constelações, que por sua forma pouco sugere um guerreiro gigante armado para a luta. Até recentemente, não foi encontrada possível identificar a Nimrod da Escritura com qualquer monarca babilônico até que o Dr. TG Pinches sugeriu que "Nimrod", foi uma transmutação hebraico deliberada de "Marduk", o nome do grande herói babilônico nacional e principal divindade da seu panteão. "A mudança foi provocada por fazer a raiz triliteral, e no Reino Unido que terminou (ak) de Merodaque-Baladã desaparecendo em primeiro lugar, Marduk apareceu como Marad. Isso estava ligado com o maradh raiz ", para ser rebelde," ea palavra foi ainda mais mutilado, ou melhor, deformada, por ter um anexo ni, assimilando-o em certa medida, as formas niph'al dos verbos hebraico e fazendo uma mudança por completo em conformidade com o gênio da língua hebraica "(O Antigo Testamento à luz dos Registros históricos da Assíria e da Babilônia, 129-30). Na referência muito breve às Nimrod em Gen_10: 8, Gen_10: 9, ele é três vezes overemphatically denominado gibbor ", um poderoso (um)" e este tem sido o nome desta constelação entre os sírios, judeus e árabes durante muitos séculos. Na verdade, a estrela mais brilhante da constelação, um no joelho esquerdo, agora geralmente conhecidas como Rigel, ainda é chamado ocasionalmente Algebar, uma corrupção da Al Jabbar, apesar de agora uma das estrelas mais fracas perto dela mais geral leva esse nome. A palavra Órion aplicada a esta constelação seria paralelo de perto a etimologia sugerida para o nome de "Merodaque," pela sua transformação em "Nimrod", como se fosse derivado de maradh, "rebelar-se." Aquele que foi para os babilônios um herói deificado, foi para os hebreus um Titã rebelde, acorrentado entre as estrelas que todos possam ver o seu castigo, e neste aspecto a pergunta: "Ês ... soltar os atilhos do Órion?" (Job_38: 31) seria equivalente a perguntar: "Podes derrubar fora de seus lugares as estrelas que compõem este número e, assim, como foi, libertou o Titan "? Em Isa_13: 10, Órion kesilim ocorre no plural, "para as estrelas do céu e as suas constelações não darão a sua luz"; kesilim ser traduzido como "constelações", sob a impressão de que a Orion, a mais brilhante de todas as constelações, é aqui colocadas para as constelações em geral. Este é sem dúvida correta, mas o contexto mostra que o significado vai além disso e que o kesilim que estavam a ser escurecido foram os tiranos orgulhoso e arrogante como Nimrod ou Merodaque, que seria, se possível, subir no mesmo céu, mesmo como Orion é representada em nossa estrela atlas como se estivesse tentando subir em cima do zodiaco - a casa do sol.

12. Mazzaroth, as constelações do Zodiaco

Um termo mais astronômicos que ocorre em Job_38: 32 são deixadas sem tradução, tanto na versão King James ea Versão Revisada (britânicos e americanos), ou seja, a mazzaroth palavra. Ela ocorre apenas uma vez no Antigo Testamento, mas a palavra Mazzaloth semelhante, traduzida como "planetas" na King James Version e os Versão Revisada (britânica e americana), ocorre em 2Ki_23: 5. Para este último ver astrologia. No quinto comprimido da Epic babilônico da Criação, lemos:

1. Ele (Marduk) faz a estação para os grandes deuses;
2. As estrelas, suas imagens, como as estrelas do Zodiaco, ele fixou.
3. Ele ordenou o ano, e em seções (mizrata), dividiu-lo.
4. Para os doze meses fixou três estrelas.

Aqui na terceira linha, mizrata, aparentado com o mazzaroth hebraico, significa as seções ou divisões do ano, correspondente ao signos do zodiaco mencionado na segunda linha.

Mais uma vez, quando Job_9: 9 é comparado com Job_38: 31, Job_38: 32, vê-se que o lugar da palavra mazzaroth na última passagem é realizada pela expressão "as câmaras do sul" (hadrh theman) no início. Mazzaroth, portanto, é equivalente a "as câmaras do sul", e significa claramente as doze constelações do zodiaco por onde o Sol parece passar ao longo do ano, comparado ao poeticamente "pousadas", as "câmaras" ou "tabernáculos", em que o sol sucessivamente descansa durante as diversas etapas de sua jornada mensal anual. A mesma idéia foi usada pelos árabes nas suas "mansões da lua", sua "constituição-houses" (menazil), que são 28 em número, desde que a lua leva 28 dias para fazer o circuito dos céus, assim como o Sol leva 12 meses.

A palavra mazzaroth representa, portanto, os doze "signos" ou, para falar mais corretamente, os doze "constelações" do zodiaco. Estes dois termos são freqüentemente usados de forma indiscriminada, mas existe uma diferença real entre seus significados. As constelações do zodiaco são os agrupamentos atuais das estrelas, situada ao longo da eclíptica, e são bastante irregulares em forma e comprimento. Os sinais não têm ligação com as estrelas reais, mas são divisões imaginárias da eclíptica, todos exatamente iguais em comprimento, e eles são contados a partir desse ponto no céu onde o sol está no momento em que ele está cruzando o equador celeste no seu norte movimento na primavera. Nesse ponto, conhecido pelos astrônomos como "o primeiro ponto de Áries", move-se lentamente entre as estrelas, levando 25.800 anos para completar uma revolução dos céus, os signos do zodiaco também se move entre as estrelas e, portanto, embora a um tempo de cada sinal tinha uma correspondência aproximada e geral para a constelação do mesmo nome, os sinais têm gradualmente afastaram-los. As constelações do zodiaco foram criados cerca de 2700 aC, mas os sinais - a divisão igual do

zodiaco nome deles - não pode ter sido adotado antes do ano 700 aC, e provavelmente até mais tarde. Porque desde que Áries é o primeiro dos sinais, é claro que foi a primeira das constelações no momento em que a divisão igualitária do Zodíaco foi efetuada e 700 aC é a data muito mais rapidamente que a constelação de Áries pode ter sido tão considerado. Aliás, pode-se observar que a menção na história babilônica da criação da colocação de três estrelas para cada uma das seções (Mizrata) do ano, mostra que não só teve a divisão do zodíaco em 12 signos iguais sido feita, mas que mais um passo havia sido tomada, ou seja, a divisão de cada signo em 3 partes iguais, mais tarde conhecido entre os gregos como o seu "decanatos", que corresponde aproximadamente a 36 décadas do calendário egípcio. Independentemente, portanto, pode ter sido a antiguidade das tradições incorporada a ele, o poema babilônico reais citado acima, tão longe de ser um documento antigo, como era ao mesmo tempo deveria ser, é provavelmente quase tão tarde como a destruição de Jerusalém por Nabucodonosor.

13. "Arcturus"

Há três constelações, agrupamentos naturais das estrelas, as Plêiades e Orion e "Ursa Maior", que sempre atraíram a atenção dos homens, e nós encontrá-los em conformidade referida nos primeiros poemas existentes. Assim, eles são os três grupos das estrelas mais frequentemente mencionados por Homero e Hesíodo. Os dois primeiros grupos, as Plêiades e Orion, são, como vimos, indicado pelo Kimah e Órion. Devemos, portanto, naturalmente, esperar que a terceira constelação, que encontramos associados a estes, no Livro de Jó deve ser nada menos que sete estrelas brilhantes na região Norte, a parte principal da Ursa Maior. O nome hebraico para esta terceira constelação, aparece em duas formas ligeiramente diferentes. ayish em Job_38: Ê "9, e das cinzas em Job_9 ': 32, e em último caso, está ligado com o seu A última estrela da Ursa Maior" ou a Ursa Maior, como o grupo é chamado frequentemente entre nós "filhos". , ainda tem o nome Benetnasch, deriva do nome árabe Benet Na'sh ", as filhas do Bier", pela qual os árabes designadas as três estrelas no-Plough punho, enquanto não chamaram os quatro estrelas no corpo do Plough, Na'sh, bier "ou" lixo ". Na'sh e suas filhas tão de perto correspondem a "ayish e seus filhos, "que não pode haver dúvida razoável de que os mesmos sete estrelas brilhantes se destinam, de modo que a prestação da Versão Revisada (britânica e americana), "Guia És o urso com o seu comboio?" corretamente reproduz o sentido original. O Arcturus da King James Version é derivada da Vulgata, onde é provavelmente um erro de arctos, que é dizer, da Ursa Maior, a Ursa Maior.

A antítese que é apresentado em Job_38: 32 agora se revela. O mazzaroth são as doze constelações do zodíaco, e cada uma dessas regras a noite por cerca de um mês, por sua vez, são cada "levou adiante" Cada um na sua, por sua vez, é a câmara ", "temporada ". "tenda" ou "lugar de descanso" do sol, e eles são apropriadamente chamadas de "câmaras do sul", uma vez que é sobretudo no sul do céu, que cada um é visto. Em contraste com essas estão as constelações do norte, que ronda o pólo, de que a Ursa Maior ou Ursa é o mais brilhante e mais conhecido Na época da origem das constelações, este grupo estava muito mais perto do pólo do céu do que no momento, mas agora como então, essas estrelas não são "levou por diante", pois eles são visíveis em todas as horas e durante toda a noite, mas eles são "orientados", eles se movem ao redor do pólo do céu em um círculo interminável, como se a carroça ou carro estava sendo guiado por um piloto hábil.

(1) O "Dispersores", ou o Norte

Há alguma probabilidade de que em Job_37: 9 as mesmas duas regiões dos céus são citadas: ". Fora da câmara do Sul vem a tempestade, e as frias do norte" Pode-se observar que a expressão completa ", câmara do sul, "não está no original, os tradutores, que tenha fornecido" do sul "a partir da analogia com Job_9: 9. O siroco vem em seguida, a partir da região na posse do mazzal, a "câmara", ou uma constelação do zodíaco, em seguida, sobre o meridiano. Mas o frio, a nevasca, provém de "os mentirosos" (Mezarim). Quem ou o que são os mentirosos, e porque eles representam o norte? O falecido Professor Schiaparelli sugeriu que por uma pequena diferença de apontador, o texto pode ser lido como mizrayim ", os dois fâs joeira", e que isso pode muito bem ter sido um termo nativo para as estrelas que hoje conhecemos como os ursos dois, da Ursa Maior e Menor, enfaticamente, as constelações do norte, os nomes a ser dado a eles a partir do grupo natural de suas estrelas principais, assim como eles são conhecidos como as duas "conchas" nos Estados Unidos, ou as duas "Conchas" na China (Astronomia no Antigo Testamento ", 67-72).

(2) os decretos do céu estabelecido na terra

A antítese entre mazzaroth astronômicos, as constelações do zodíaco ("levou por diante" cada um "na sua época"), e 'Ayish ", o urso com o trem" ("guiada" na sua revolução incessante rodada do pólo), é tão completa e adequada astronomicamente, que há razão para esperar uma antítese tão clara e tão astronomicamente significativos entre as duas cláusulas do versículo anterior. Mas a prestação da Versão Revisada (britânica e americana) não oferece qualquer coisa do gênero: "Podes atar o cluster das Plêiades, ou soltar os atilhos do Orion" é simplesmente equivalente à questão de saber se Jó poderia consertar As estrelas em seus lugares no céu, e de um inquérito tão perfeitamente geral, uma constelação não seria mais apropriado do que outro. A prestação verdadeira deve certamente trazer alguma diferença ou pelo menos distinção entre as duas constelações, ou o uso que foi feito delas.

E na terceira passagem em que Kimah e Órion são mencionados juntos uma distinção importante é insinuada. A ordem na Amo_5: 8 sugere que as Plêiades correspondeu de alguma forma a alvorada, Orion até o anoitecer ". Isso faz as Plêiades e Orion, e torna a sombra da morte na manhã, e faz escurecer o dia como a noite" Sunrise voltas "a sombra da morte na manhã", e no progresso das estações do ano a mudança semelhante na escala maior é efetuada quando o revive a natureza da morte de inverno na manhã do ano, ou seja, no retorno de Primavera. E no momento da origem das constelações das Plêiades foram os precursores desta mudança em seu "cósmico" expansão, isto é, quando se levantaram com o sol ao amanhecer eles trouxeram de volta as "delícias" da primavera.

Da mesma forma do sol faz com que "o dia em noite", e no progresso das estações do ano a mudança análoga à maior escala é feita quando as noites longas e dias curtos do inverno definido na noite do ano, e toda a natureza está vinculada a por bandas de ferro, em frio e geada. E no momento da origem das constelações, o "acronychal" crescente de Orion, ou seja, a sua subida ao cair da noite, era o arauto dessa mudança ";. Faixas de Orion" o rigor do inverno formada

Estas mudanças regulares de aparições e as posições das constelações constituem as ordenanças dos céus, portarias que Jó não podia nem alterar para pior a reter as delícias da primavera, ou para melhor, quebrando os laços de frio do inverno. Mas estas leis não foram confinados em seus efeitos para os céus, o seu domínio foi estabelecido na Terra, que respondeu pela recuperação da vegetação, quando as Plêiades, em seguida, quase em conjunção com o sol, apareceu por um curto período antes do nascer do sol, e por o retorno dos constrangimentos de frio e geada, quando Orion, em oposição ao sol, montou o céu a noite inteira.

A integralidade ea beleza das imagens será agora aparente.

As Plêiades pé para o Oriente, uma vez que pelo seu aumento, pouco antes do amanhecer, que anunciava a manhã do ano e as "delícias" da primavera.

Orion ficou para o Ocidente, desde a sua vinda logo após o anoitecer anunciava a noite do ano, e as bandas de frio do inverno.

Mazzaroth, as doze constelações do zodíaco, as "câmaras do sul," cada "levou por diante" do submundo em seu próprio "temporada", ficou para o sul.

E o "Ursos com seu trem", "guiada" em seu curso incessante rodada do pólo, ficou para as constelações circumpolares do norte.

E os movimentos de todos eles em uma perfeita obediência à lei de Deus eram as ordenanças dos céus, enquanto o domínio deles era vista a estabelecer sobre a terra, o constante sucessão das estações do ano lá no indefectível resposta às mudanças no estrelas acima. Estes três versículos nos dão uma imagem nítida do trabalho de astronomia primitiva. A ciência foi então em um estágio inicial de

desenvolvimento, mas foi uma verdadeira ciência, uma ciência de observação, completamente sã medida em que tinha progredido, e mostrando grande inteligência por parte daqueles que o perseguiam. Sabemos agora que o movimento de "o urso com o seu trem", ou seja, a rotação aparente do céu em volta do pólo, é devido à rotação real da Terra sobre seu eixo, que a interposição de "o mazzaroth em sua época", aparentemente devido à revolução do Sol em torno da Terra, deve-se a verdadeira revolução da rodada terra do sol. Mas este conhecimento que nos permitiu ver onde os movimentos reais mentira não nos trouxe qualquer mais perto penetrar o mistério desses movimentos. Qual é a causa final da rotação do globo enorme, não sabemos mais do que os antigos sabiam o que causou o céu a girar, o que ele faz para voar no espaço 18 milhas em cada segundo de tempo, não sabemos mais do que os antigos sabia por que o sol parecia se mover entre as estrelas. Para nós, como para eles, é o poder de Deus, ea vontade de Deus.

14. A Data do Livro de Jó

Foi suposto por alguns estudiosos que o Livro de Jó foi escrito durante o cativeiro na Babilônia, mas esta suposição é insustentável, tendo em conta a declaração na Apologia de Jó que o culto dos corpos celestes era "uma iniquidade para ser punida pelos juizes" (Job_31:26-28). Isso não poderia ter sido escrito por judeus no exílio entre os adoradores de Samas e Pecado. Mas nem este livro ter sido escrito após o regresso. O significado das três palavras, "Ayish, Kimah e Órion, foram perdidos antes da Septuaginta feito o processamento das Escrituras Hebraicas para o grego, no Amos_5: 8 saíram Kimah e Órion não traduzida, e eles prestados" Ayish e Órion diferente em Job_9: 9, e Job_38: 31, Job_38: 32. Antes do cativeiro, Kimah e Órion estavam claramente em uso comum, desde Amos usa-los como se fossem familiares aos seus ouvintes, e como ele mesmo aponta, ele não era um homem de aprendizagem, mas um pastor simples. A explicação óbvia e suficiente para a ignorância depois respeitar estes três termos está no catástrofes das conquistas assírias e Babilônicas. Não menos significativa de sua perda completa da astronomia hebraica antigo é a alteração que a Septuaginta feitas no texto hebraico. O "delícias das Plêiades" evidentemente não mais significado para eles do que eles tiveram para a maioria dos orientistas modernos, e sem dúvida parecia uma emenda plausível e legítima para escrever ma'anaddoth, "cadeias", em vez de ma'adhanno "delícias", de modo a trazer um paralelismo com moshekhoth imaginava, o "faixas" de Orion. Mas a alteração transforma uma figura completa, bela e simétrica, um epitome da observação astronômica da época, numa tautologia careca. Os críticos são, portanto, razão que atribuir o Livro de Jó e Isaías 13 para o período antes da cativeiros, e os três nomes vêm-nos como as indicações, não de uma ciência da astronomia babilônica, aprendidas pelos judeus durante o exílio, mas de uma astronomia hebraica destruída pela catástrofe indescritível da conquista.

III. Fisiografia

1. O Círculo da Terra

Tem sido geralmente assumido que os hebreus considerada a terra para ser uma vasta planície circular, arqueado sobre por uma abóbada sólida - "firmamento" - acima do qual estavam armazenados, como se estivesse em cisternas, os "tesouros" (Job_38: 22) do a chuva, neve e granizo, e alguns escritores têm sequer tentou expressar essa concepção supostamente em forma de diagrama. Uma das melhores dessas tentativas, reproduzida abaixo, é dada por Schiaparelli, em sua *Astronomia no Antigo Testamento*.

Mas esta suposição é, na realidade, baseada mais nas idéias predominantes na Europa durante a Idade das Trevas do que sobre qualquer demonstrações reais do Antigo Testamento. A mesma palavra (Hugh) usado no Antigo Testamento para expressar o arredondamento dos céus (Job_22: 14) também é usado quando o círculo da terra é falado (Isa_40: 22), e é igualmente válido para as profundas (Pro_8: 27). Agora é óbvio que os céus são esféricos na aparência, e um observador atento, é claro que a superfície do mar também é arredondado. Não há, portanto suficientes para justificar a suposição de que os hebreus deve ter considerado a Terra como plana.

(1) A Terra é uma esfera

Certas relações astronômicas foram reconhecidas muito cedo. As estrelas aparecem como se ligado a um globo girando em torno da Terra uma vez em 24 horas, e este aspecto é claramente familiarizados com o autor do Livro de Jó, e certamente muito antes da época de Abraão, desde a formação das constelações não poderia ter sido efectuado sem tal reconhecimento. Mas a forma esférica do céu quase envolve uma forma semelhante para a Terra e sua rotação diurna aparente certamente significa que eles não estão rigidamente ligadas à terra, mas o cercam por todos os lados a alguma distância dela. A terra, portanto, deve ser suspenso livremente no espaço, e assim o Livro de Jó descreve: "Ele estende o norte sobre o vazio e faz pairar a terra sobre o nada" (Job_26: 7).

(2) O Norte Esticada sobre o espaço vazio

Aqui o "norte" significa as constelações circumpolares do norte e do escritor reconhecido que se estendem para além dos confins da terra, de modo que ele não estava sob a impressão de que o céu estava sobre a terra, ou foram levados pelas montanhas. A esfera celeste cercou a terra por completo, mas a uma distância a partir dele, entre os dois houve Alguns comentaristas alegou que Job_26: 10, "Ele descreveu um limite sobre a face das águas, até o" espaço vazio ". confins da luz e da escuridão "é equivalente a uma declaração de que a circunferência da planície terrestre estendido para o lugar onde o mar eo céu cumpridos. Mas nenhum homem de inteligência pode, a qualquer momento, supor que o horizonte do mar marcou a linha divisória entre o dia ea noite, e do significado da passagem é dada corretamente no King James Version ", até o dia ea noite chegar a um fim ", em outras palavras, as águas do mar será reservado para o seu lugar nomeou nunca mais estouro da Terra, enquanto a sucessão de dia e de noite deve continuar (compare Gen_8: 22; Gen_9: 15).

(3) Os Cantos da Terra

Ver a Terra, cantos de.

2. Os Pilares da Terra

"CEER", a terra ", é, em geral, a superfície da terra, a terra seca habitado pelo homem e besta. Portanto, "os pilares" da Terra (Job_9: 6) são as rochas que levam até a superfície, pois, como foi mostrado, era muito claro para o autor do livro de Jó, e os astrônomos primitivo, que o nosso mundo foi descartada no espaço. Para o "Vault of the Earth" ver VAULT da terra, de.

3. O FIRMAMENTO

(1) Conceição O hebraico

Acima da, Terra esférica estava estendido o "firmamento" (rakia) feita no segundo dia da criação de "dividir as águas das águas" (Gen 16). Para os hebreus o "firmamento" era do vazio aparente, nas quais as nuvens flutuam e as luzes do céu prosseguir os seus caminhos nomeados. O rakia palavra ", por sua etimologia, sugere uma extensão, algo alongado, propagação ou batido, como quando Isaías (Isa_40: 22) diz que o Senhor "estende os céus como cortina e os desenrola como tenda para habitar "Mas o stereoma palavra grega, através da qual a Septuaginta rakia", dá o significado de uma estrutura firme e sólida, e os tradutores realizaram esta mesma idéia em sua prestação de Inglês de "firmamento".

(2) A Concepção Alexandrino

Neste porém a Septuaginta simplesmente expressou a ciência astronômica do dia como aceito, em Alexandria, onde a doutrina de uma sucessão de esferas cristalinas sólidas, cada uma carregando um planeta, moeda detida. Mas, para expressar a idéia hebraica, rakia "deve ser interpretada como "extensão" ou "espaço", que corresponde ao "espaço vazio" de Job_26: 7. Esta "expansão" foi nomeado para dividir "as águas que estavam debaixo do firmamento, das águas que estavam sobre a expansão", e argumentou-se daí que as águas de cima devem ter sido considerados como sendo fechados em um reservatório estanque, equipados com comportas ou comportas, que

poderiam ser abertas para permitir que a chuva cair.

4. As Janelas do Céu

Assim, no relato do dilúvio, "as janelas do céu" dizem ter sido aberto. Mas, arubbah ", " janela ", através de uma rede, ou rede, de uma forma que nunca pode ter sido atribuída a um literal comporta, e em outras passagens onde " as janelas do céu "são mencionados a expressão é obviamente metafórico (2Ki_7 : 2, 2Ki_7: 19; Isa_24: 18; Mal_3: 10).

5. Chuva

Além disso, a outras inúmeras referências à chuva contato com as nuvens, como "Eu também comandam as nuvens que não derramem chuva" (Isa_5: 6), ou a Canção de Deborah ", as nuvens gotejaram águas" (Jdg_5: 4 , ver também Psa_77: 17; Psa_147: 8; Pro_16: 15; Ecc_12: 2). A idéia fantástica de cisternas solidamente construído no céu equipados com comportas não tem qualquer fundamento bíblico. Assim, longe de qualquer concepção como bruto, há uma descrição muito clara e completa da circulação atmosférica. Eliú descreve o processo de evaporação, "Porque faz miúdas as gotas de água, que distill na chuva do seu vapor, que as nuvens derramam e gotejam sobre o homem abundantemente" (Job_36: 27, Job_36: 28).

6. Nuvens

Jeremias e repetir a descrição do salmista: "Ele faz que os vapores de subir das extremidades da terra; faz os relâmpagos para a chuva e faz sair o vento dos seus tesouros" (Jer_10: 13). Até o escorço que as nuvens submetidas à distância que, inevitavelmente, parecem formar principalmente no horizonte ", nas extremidades da terra", onde eles se movem para cima em direção ao zênite. Assim, Deus "chama as águas do mar, e as derrama sobre a face da terra" (Amo_9: 6), e, portanto, "Todos os rios correm para o mar, eo mar não está cheio, para onde o lugar até os rios vão, lá vão eles de novo" (Ecc_1: 7). Outras referências para as nuvens no Livro de Jó não revelam apenas a observação, mas a reflexão aguda. "Sabes o equilíbrio das nuvens e das maravilhas daquele que é perfeito em conhecimento?" (Job_37: 16) indica a percepção de que as nuvens flutuam, cada um em seu lugar, ao seu nível, cada perfeitamente equilibrado em o ar rarefeito.

7. A profundidade

(1) Significado da Palavra Tehom

Tehom, "o abismo", significa água em movimento e, conseqüentemente, o oceano, que é representado como sendo essencialmente um, exatamente como agora sabemos que ele seja pela exploração real - "Que as águas debaixo dos céus reunidos para o mesmo lugar" (Gen_1: 9). E a terra é esticado para fora "sobre as águas" (Psa_136: 6; Psa_24: 2). Isso quer dizer que a superfície da água fica menor do que a superfície da terra, e não somente isso, mas, dentro da substância da própria Terra, existem águas subterrâneas que formam uma espécie de subterrâneo do oceano. Isto também é chamado em Eze_31: 4 a "profunda", Tehom; "As águas nutriram-no, o abismo fê-lo crescer." Mas em Tehom geral denota o mar, quando os capitães escolhidos de Faraó se afogaram no Mar Vermelho ", Os abismos os cobriram" (Exo_15: 5). Na verdade, a palavra parece ser onomatopáica derivado do "gemendo" ou "zumbido" do mar; EREC enquanto ", a" terra ", parece destinado a representar o" guizo "de telha", o grito de uma praia madden'd arrastado pela onda. "

(2) O Dragão babilônico do caos

Em Gn 1, Tehom denota as águas primitivas, e à semelhança da palavra para Tiamat, o nome da Babilônia ela dragão do Caos, levou alguns comentadores a atribuir uma origem babilônica do presente Capítulo. Nem é preciso salientar que, se essa semelhança revela qualquer ligação entre as contas do hebraico e babilônico da criação, isso prova que o hebraico como sendo o original. O objeto Tehom natural, o mar, deve ter precedido a personificação mitológica do mesmo.

Literatura

Maunder, Astronomia da Bíblia; Astronomia sem um telescópio, Schiaparelli, Astronomia no Antigo Testamento; Warren, as primeiras cosmologias, 1909.

Astiages

as-ti´a-jes (, *Astuages*;ou Astyigas (em Ktesias), ou Istuvigu, filho de Cyaxares. I, rei do Medos 585-550 a.C, e antecessor de Ciro (Bel e o Dragão verso 1)): a esposa dele era a filha de Alyattes, rei de Lydia. A filha de Astiages (Mandane) casada com um persiano, Cambises, e um filho nasceram depois a eles que se tornou Ciro o Grande. Astiages tinha dado ordens para expor o bebê; mas Harpagus, em quem tinha sido imposta a tarefa, deu a criança a um pastor, com instruções para o matar. Quando o menino como que tinha sido exposto o próprio dele pelo pastor, chegou à idade de doze, Astiages descobriu que ele era o filho de Mandane. O rei em ira teve o filho de Harpagus então morto e serviu ao pai dele como comida. O posterior escondido os sentimentos dele de ódio e ressentimento, e esperou o tempo dele; e quando Ciro jovem tinha crescido a estatura de homem, ele incitou o neto em insurreição contra Astiages que foi derrotado e levado o prisioneiro (Herodotus i.127-30). Quando Astiages marchou contra os persianos, os Medos, sob as ordens de Harpagus, o rei deles, e apoiou com os persianos desapontados; e Ciro foi coroado o rei. Esta conta de Herodotus é confirmada pela Táboa de Annalistic de Cyrus (RP, ii de séries, 159). O monarca destronado foi tratado com bondade pelo conquistador dele. De acordo com Ktesias, uma casa foi provida para ele por Ciro em Hircania.

Astiages foi o último dos reis da Média (Mídia). Um homem sumamente astuto, Deioes através de nome, tinha fundado o reino 150 anos antes (699-646). Fraortes era o segundo em linha (646-624), e Cixares o terceiro (624-584).

À parte

a-sun´der: Esta palavra acontece 22 vezes na KJV, 13 no Velho Testamento e 9 no Novo Testamento. Ê achado em combinação com fratura (duas vezes), estoure, parta (duas vezes), parta, corte (seis vezes), dívida (Três vezes), dirija, separe, arranque, ponha (duas vezes), rasgue, viu. Esta são a tradução de 9 hebraicos, e 4 palavras gregas.

Quebre à parte (1) (, *parpar*): Jó, em resposta para Elifaz, se queixa de Deus, "eu era à vontade, e ele me freia à parte" (Jó16:12). **(2)** (, *nittek*): Em Sl 2:1-12 os reis e regras, meditando rebelião contra Yahweh e o dele ungiu, diga, "nos Deixe quebrar os laços deles à parte" (Sl 2:3).

Estoure à parte (, *lasko*): Isto era o destino de Judas (At 1:18).

Parta à parte (1) (, *nibhka*): A mesma raiz a partir de *bik'ah*, "um vale." "A terra fendeu à parte" e engoliu Datã e Abirão com as suas famílias (Nm 16:31). **(2)** (, *pillah*): Jó reclama de Deus, "Ele fendido minhas rédeas à parte" (Jó 16:13).

Corte à parte (1) (, *kiccec*): Deus "corta as cordas à parte do ímpio" (Sl 129:4). A palavra hebraica é usada de corte em arames ou tiras (Ex 39:3). **(2)** (, *gadha*): "cortar uma filial ou reduzir uma árvore." "Como o martelo da terra inteira é (a Babilônia) corte à parte!" (Jr

50:23). Zacarias “corte à parte” o pessoal “Beleza,” significando a brecha da convenção entre Yahweh e as pessoas dele, e também o pessoal “Faixas,” significando a brecha da fraternidade entre Judá e Israel (Zc 11:10, Zc 11:14). **(3)** (, *dichotomeo*):O destino do Mordomo Infiel, literalmente, “corte em dois”; a Versão Revisada, margem “severamente o açoite” (Mt 24:51; Lc 12:46). Veja CASTIGOS. **Parta à parte** (, *apochontzoma*): Paulo e Barnabé “partiu à parte de um ao outro” (At 15:39 a KJV); a Versão Revisada (britânico e americano) “separou à parte.”

Divida à parte (1) (, *hibhdh*):Normalmente separar, fazer uma divisão entre. Aqui a referência está ao oferecimento de pombos (Lv 1:17; Lv 5:8). **(2)** (, *merismos*): De *mer zo*, “dividir.” O substantivo é abstrato, “o ato de dividir.” A palavra de Deus perfura “até mesmo para o dividir de alma e espírito” (Hb 4:12).

Dirija à parte (, *hitir*): liter. “causar para tremer,” então “soltar.” Deus “dirigiu as nações à parte” (Hc 3:6).

Separe à parte (, *hiphndh*): Com um ben de preposição, “entre,” “separar.” A carruagem e cavalos de fogo “separou à parte” Elias e Eliseu (2Rs 2:11).

Arranque à parte ((, *diaspao*): agüentar à parte, separar violentamente. “Tinham sido arrancadas cadeias à parte” pelo endemoniado do Geraseno (Mc 5:4 na KJV); a Versão Revisada (britânico e americano) “alugue à parte.”

Ponha à parte (, *chontzo*):cortar a pessoa de outro. Veja as palavras de Jesus em divórcio (Mt 19:6; Mc 10:9).

Rasgue à parte (, *nibhka*):A mesma palavra hebraica como “parta à parte.” **(1)** “E Nenhum será rasgado à parte” (Ez 30:16 a KJV): a Versão Revisada (britânico e americano) “quebrado para cima.” **(2)** A Versão Revisada (britânico e americano) para a KJV “arrancou à parte” (Mc 5:4).

Visto à parte (, *pzo* ou , *pno*):O destino de alguns no rolo de fé, “Eles sawn eram à parte” (Hb 11:37). Veja também CASTIGOS.

Depósito; Casa de depósitos

a-sup´im, (, *beth ha-ʿasuppm*):na KJV, margem “ajuntamentos”; a Versão Revisada (britânico e americano) “os armazéns.” Em Ne 12:25, na KJV faz os mesmas palavra limiares (na KJV, margem “tesourarias, assembléias”). Um armazém provavelmente no portão sulista do templo (1Cr 26:15, 1Cr 26:17; Ne 12:25).

Asur

as´ur (, *Asour*):a Versão Revisada (britânico e americano) para Assur em **(LA)** 1 Esdras 5:31. Mesmo como Harur de Ed 2:51.

Asilo

a-si´lum:O costume de fugir para lugares especialmente sagrados para obter a proteção de uma deidade é achado no mundo inteiro (Post, *Grundriss*, II, 252ff). No Israel antigo nós nos encontramos com isto em duas formas - o asilo do altar e o asilo das cidades de refúgio. O altar na Casa de Deus era um lugar para o qual as pessoas em perigo fugiram para proteção (1Rs 1:50; 1Rs 2:28). Teve chifres e não deve ser confundido com os altares de terra ou pedra que eram usado para sacrifícios de posição. Veja ALTAR; SANTUÁRIO. Ex 21:14 provê que um assassino será levado do altar para ser posto a morte. A lei das cidades de refúgio procede em um princípio um pouco diferente. Seus objetos são **(1)** proteger um homicídio do vingador de sangue até tentativa, e **(2)** prover um refúgio para o homicida involuntário que não foi culpado de assassinato. Há uma referência à instituição na história do reino (2Sm 14:14). Para a informação legal e geográfica, veja CIDADES DE REFÚGIO; HOMICÍDIO.

Asíncrito

a-sin´kri-tus (, *Asunkritos*, “incomparável”): Um Cristão desconhecido em Roma para quem Paulo enviou uma saudação afetuosa (Rm 16:14).

Atad

a´tad (, *ʿatadh*, “um espinho”). Veja ABEL-MIZRAIM.

Ater

at´ar (, *Atar*; na KJV Jatal = Ater (Ed 2:42; Ne 7:45)): Os filhos de Atar (os zeladores) voltou com Zorobabel a Jerusalém **(LA)** 1 Esdras 5:28).

Atara

at´a-ra, a-ta´ra (, *ʿatarah*, “coroa”): Um das esposas de Jerameel e mãe de Onam (1Cr 2:26).

Atargatis

a-tar´ga-tis (, *Atargatis*; a Versão Revisada (britânico e americano) injustamente ATERGATIS): é declarado em **(LA)** 2 Mac 12:26 para ter sido adorado a Karnion, o Astarote-Karnaim do Velho Testamento (compare Antig. XII, viii, 4). O nome é achado em moedas de Membij como , *ʿatar-ʿatah*, Atar (i.e. Astorete) é identificado com a deusa *ʿAtar* cujo nome às vezes é escrito , *ʿAn*. *ʿAtah* ou *ʿAti* também foi adorado a Palmyra, e (de acordo com Melito) em Adiabene. O Atargatis combinação, freqüentemente corrompido pelos gregos em Derketo, teve os templos principais dela a Membij (Hierapolis) e Asquelom onde ela foi representada com o corpo de uma mulher e o rabo de um peixe, ser de peixe sagrado a ela. Herodoto lhe fez Afrodite Urania dos gregos. *ʿAti* pode ter sido originalmente

uma deusa de Hitita com quem o Ishtar assírio (*ʿAtar*) chegou a ser identificados posteriormente.

Atarote

at´a-roth, a-ta´roth , *ʿataroth*, “coroas” ou “grinaldas”; *θ*, *Ataroth*):

(1) Cidade ao leste do Jordão, aparentemente no território dado a Rubem, mas construiu, ou fortaleceu, pelos filhos de Gade (Nm 32:3, 34). É nomeada junto com Dibon que é identificado com *Dhiban*. Doze Km Nordeste por Norte de Dibon, no Sul de *Wady Zerka Ma´n*, está de pé *Jebel ʿAttarus*, em o qual é preservado o nome antigo. A cidade é representada indubitavelmente por *Khirbet ʿAttarus*, aproximadamente 6 Km Oeste da montanha.

(2) um lugar no limite entre Efraim e Benjamim, para o Oeste (Js 16:2). Parece estar igual a Atarote-Addar de Js 16:5 e Js 18:13. Provavelmente será identificado com a moderna *ed-Dariyeh* Sul de Bete-Horom inferior, e aproximadamente 13 Km Oeste de Jerusalém.

(3) um lugar na fronteira oriental de Efraim (Js 16:7). Esta cidade não foi identificada. Conder pensa pode ser identificado com *et-Truneh* no vale Jordão, ou com *Khirbet et-Taiyereh*.

Atarote-Adar

at´a-roth-ad´ar (, *ʿatroth ʿaddar*, “coroas de Addar”). Veja ATAROTE (2).

Ater (2)

a´ter (, *ʿater*, “bound” [?]): (1) O antepassado de uma família de 98 pessoas que voltaram de cativo babilônico com Zorobabel (Ed 2:16; Ne 7:21). A KJV tem “Ater de Ezequias”; a Versão Revisada (britânico e americano) de (LA) 1 Esdras 5:15 tem “Ater de Ezequias,” margem, “Ater de Ezequias.” A KJV tem “Aterezias.”

(2) o cabeça de uma família de zeladores que voltaram da Babilônia para Jerusalém (Ed 2:42; Ne 7:45).

Aterezaias

a-ter-e-zí´as (, *Ater to Hezekia*): Normalmente acha-se na forma abreviada Ater. Cabeça de uma família judia que voltou com Zorobabel debaixo do decreto de Ciro. Mencionado (Ed 2:16) como pulado de Ezequias. O número deles é determinado como 98. Mencionado novamente como acha no registro das genealogias dos primeiros exílios devolvidos por Neemias (Ne 7:21). Novamente entre esses que marcaram “a convenção segura” (Ne 10:17). Também achou em (LA) 1 Esdras 5:15, onde o nome é determinado variado como Ater ou Aterezaias. O número da família, dado por Esdras, é 92.

Hatita/Ateta

a-te´ta (na KJV Teta; Códex Alexandrinus , *Ateta*, Códex Vaticanus *om.*): Cabeça de uma família de Levitas; guardiães do portão que voltaram do cativo com Zorobabel (LA 1 Esdras 5:28); chamado Hatita em Ed 2:42; Ne 7:45.

Atace

a´thak (, *ʿathakh*, “alojamento-lugar”): Um das cidades de Judá para o qual Davi enviou de Ziclague o espólio dos Amalequitas (1Sm 30:30). Seu local é desconhecido. Driver, Budde, e Wellhausen identificam isto com Êter (Js 15:42).

Ataías

a-tha´ya (, *ʿathayah* = “Yahweh o ajudante é”; , *Athea*, or , *Athea*): Ele é designado (Ne 11:4) como um descendente de Judá e o filho de Uzias. Depois do retorno da Babilônia, ele viveu em Jerusalém. Em 1Cr 9:4 o nome dele é determinado como Utai.

Atalia

ath-a-li´a (, *ʿathalyah*; significando incerto, talvez, “quem Yahweh afligiu”; 2Rs 8:26; 11; 2Cr 22:1-12; 23):

1. Relação

(1) filha de Acabe e Jezebel, neta de Onri, 6º rei de Israel. Na infância dela tiveram as relações políticas dos dois reinos de Judá e Israel, depois de muitos anos de discussão, fique amigável, e ela se casou com Jeorão, filho primogênito de Josafá, o rei de Judá (2Rs 8:18). O matrimônio era um de conveniência política, e é um borrão na memória de Josafá.

2. Atalia como Rainha

Quando Jeorão era 32 anos de idade, ele teve sucesso ao trono, e Atalia se tornou a rainha de Judá. Ela herdou a força da mãe dela de vã, e como ela uma devoção fanática desenvolveu ao culto do Zidonian Baal. A luta de Elias à adoração de Baal em Samaria logo antes a acessão dela para dar poder a não fez nada que mitigar o zelo dela. Intensificou isto provavelmente. O primeiro ato registrado do reinado de Jeorão é o assassinato dos seis irmãos mais jovens dele; também foram destruídos alguns príncipes do reino que foi conhecido para ser favorável à fé antiga da nação (2Cr 21:4). Pode haver pequena dúvida que foram apoiadas estas ações de sangue, e talvez instigou, por Atalia que era um caráter muito mais forte que o marido dela.

3. Assassinato dos netos dela

Depois de oito anos de vida real, Atalia se tornou uma viúva, e o filho dela, Acázias, então 22 anos de idade (2Rs 8:26; não 42 como em 2Cr 22:2), ascendeu o trono do pai dele. Como rainha mãe, Atalia era agora suprema nos conselhos da nação, como também no palácio real. Dentro de um único ano, caiu o rei jovem (veja JEÚ), e as únicas pessoas que se levantaram entre Atalia e o trono eram os netos dela. Está em tais momentos que ambicionam, incendiados por fanatismo, vê sua oportunidade, e a massacre da semente real era determinada. Isto foi levado a cabo: mas um deles, Jeoas, um bebê, escapado pela intervenção da tia dele, Jeosebate (1Rs 11:2; 2Cr 22:11).

4. A usurpação dela

O palácio que é clareado de seus ocupantes reais, Atalia se teve proclamado o soberano. Nenhuma outra mulher, antes de ou desde

então, sentou no trono de Davi, e é uma prova da energia dela e habilidade que, apesar do sexo dela, ela pôde manter isto durante seis anos. De 2Cr 24:7 juntamos nós que uma porção do templo de Yahweh foi baixada, e o material usou na estrutura de um templo de Baal.

5. A Contra-revolução

O sumo sacerdote neste momento era Jeoiada que tinha se casado a filha de Atalia Jeosebate (2Cr 22:11). A promoção dele para a primazia conduzida à abolição do usurpador, como provou firmemente Jeoiada, secretamente, retificou à religião de Yahweh. Durante seis anos ele e a esposa dele esconderam nos apartamentos deles, próximo ao templo, a criança jovem de Acázias. No sétimo ano foi planejada uma contra-revolução. Os detalhes são determinados com abundância incomum em Reis e Crônicas, as escritas de qual suplemento um ao outro. Assim, quando o Cronista escreveu, tinha ficado seguro dar os nomes de cinco capitães que conduziram a subida militar (2Cr 23:1). Com o Livro de Reis antes dele, não era necessário fazer mais que extrato do antigo registro tais particulares como não teve até agora aparecido. Isto que é que deu origem principalmente ao custo de variações nas duas narrativas. Veja JEOAS.

6. A Morte dela

Na hora do testemunho dela, Atalia era residente no palácio real. Quando despertou a um senso de perigo pelas aclamações que cumprimentaram a cerimônia de coroação, ela fez uma tentativa para ficar a revolta apressando no tribunal do templo, só; para os guardas dela, de acordo com Josefo, tidos impedidos da seguir (Antig. IX, vii, 3). Um relance bastou. Lhe mostrou para o rapaz que se levanta em uma plataforma elevada antes do templo, enquanto segurando o Livro da Lei na mão dele, e com a coroa na sobancelha dele. Rasgando o roupão dela e gritando, “Traição! Traição!” ela fugiu. Alguns eram pela reduzir como fez ela assim, mas isto foi contestado como sujando o templo com sangue humano. Então, lhe permitiram alcançar a porta do palácio em voo. Aqui ela caiu, golpeado pelos guardas vingadores.

A usurpação de Atalia durou seis anos (2Rs 11:3; 2Rs 12:1; 2Cr 22:12). O 1º ano dela sincroniza com os 1º de Jeú em Israel, e pode ser colocado 846 a.C. (alguns puseram depois). Veja CRONOLOGIA DO VELHO TESTAMENTO. A declaração de 2Rs 12:1 está aqui compreendido no senso que Jeoas começou o reinado público dele no 7º ano de Jeú, e que ele reinou 40 anos que contam do tempo do morte do pai dele. Um moderno paralelo é o datando de todos os registros oficiais e documentos legais do tempo de Charles II de Inglaterra da morte de Charles I.

A única outra referência para Atalia é aquele anterior aludiu para em 2Cr 24:7, onde ela é falada de como “aquela mulher má.”

(2) um Benjamite que viveu em Jerusalém (1Cr 8:26, 1Cr 8:28).

(3) o pai de Jesaías que voltou com Esdras (Ed 8:7); chamado Gotholias na Apocrypha (LA 1 Esdras 8:33).

Atanasiano; Credo

ath-a-na´zhan. Veja CREDO.

Atarim

(, *atharim*): a Versão Revisada (britânico e americano) “O modo de Atarim”; a KJV “O modo dos espiões.” a Versão Revisada (britânico e americano) considera Atarim como um lugar (assim Septuaginta). A KJV segue Syriaco e Targum, enquanto fazendo Atarim como se Tarim = os espiões. Dillmann traduz “o caminho de caravana,” conectando isto com *athar*, árabe, “um rasto ou pegada.” Aqui o rei de Arade lutou contra o Israel, enquanto levando alguns cativos (Nm 21:1). Veja HORMA.

Ateísmo

a´the-iz´m (, *atheos*, “sem Deus” (Ef 2:12)): Ordinariamente esta palavra é interpretada para significar uma negação da existência de Deus, uma descrença em Deus, o oposto de teísmo. Mas parece melhor que nós devamos considerar isto debaixo de quatro cabeças para obter uma idéia clara dos significados diferentes nos quais foi usado.

(1) O Clássico

Neste senso não significa uma negação da existência de um Ser Divino que Ê, mas a negação da existência ou realidade do Deus de uma nação particular. Assim os cristãos foram acusados repetidamente de ateísmo, por causa da descrença deles nos deuses do paganismo. Não foi carregado que eles não acreditaram em qualquer deus, mas que eles negaram a existência e realidade dos deuses adorados, e antes de quem tinham se curvado até agora de nação. Isto foi considerado tão grande um crime, tão perigoso uma coisa para a nação que era sentido para ser uma causa justa para perseguições mais cruéis e determinadas. O elenco de ensino de Sócrates uma sombra na realidade da existência dos deuses, e este custo foi trazido contra ele pelos contemporâneos dele. Cicero também usa a palavra neste senso no custo dele contra Diágoras de Atenas. Realmente, tal uso disto é comum em literatura todo clássica.

(2) Filosófico

Não é significado que os vários sistemas filosóficos para os quais este termo é de fato aplicado negam a existência de um Ser Divino e que ou de uma Primeira Causa, mas que eles são ateísticos no ensino deles, e tende a instabilizar a fé do gênero humano na existência de Deus. Há uma convicção realmente em uma primeira causa, em vigor, em movimento, em uma certa agregação de materiais vida produtora, mas o Ser Divino como ensinado por teísmo é negado absolutamente. Isto é verdade do Idealismo de Fichte, do Panteísmo Ideal de Spinoza, o Panteísmo Natural de Schelling, e formas semelhantes de pensamento. Aplicando o palavra ateísmo ao ensino aqui determinado, teísmo não pretende os assaltar completamente como sem uma convicção em um Ser Divino que Ê; mas afirma que Deus é uma pessoa, um Ser inibido, não somente uma primeira causa ou força. Negar esta afirmação fundamental de teísmo é fazer o ensino ateístico, uma negação do que é essencial a teísmo (Hb 11:3).

(3) Dogmático

Nega a existência de Deus absolutamente. Foi segurado freqüentemente que isto é, na realidade, impossível. Primo disse, “é impossível, porque a existência de Deus é incluída em toda afirmação.” é verdade, porém, que em todas as idades houve pessoas que se declararam os ateus absolutos. Especialmente é este verdadeiro do 18º século um período de ceticismo difundido - quando não alguns, particularmente na França, se professaram os ateus. Em muitos casos, porém, foi o resultado de um uso solto da palavra, definição descuidada, e às vezes do espírito de ostentação.

(4) Ateísmo prático

Não tem nada para ver com convicção. Realmente aceita as afirmações de teísmo. Tem referência completamente ao modo de vida. Ê viver como se não havia nenhum Deus. Leva freqüentemente a forma de indiferença completa para as reivindicações do Ser Divino ou novamente de afronta e maldade desafiante (Sl 14:1). Que esta forma de ateísmo é extensamente prevalecente é bem conhecido. Ê acompanhado em muitos casos com alguma forma de incredulidade ou preconceito ou falsa opinião da igreja ou Cristianismo. Ateísmo dogmático é nenhum mais longo uma ameaça ou até mesmo um obstáculo para o progresso do Cristianismo, mas ateísmo prático é difundido em sua influência e um elemento perigoso em nossa vida moderna (compare Is 31:1; Jr 2:13, 17, 18; Jr 18:13-15). Qualquer

a forma, se é isso de agnosticismo religioso, enquanto negando que nós podemos saber que Deus existe, ou ateísmo crítico, negando que a evidência para provar a existência dele é ateísmo suficiente, ou dogmático, ou prático, sempre está abaixo um sistema de negação e lágrimas como tal e destrói. Destrói a fé na qual todas as relações humanas são construídas. Desde então não há nenhum Deus, há nenhum certo nem injustiça, e ação humana é boa nem ruim, mas conveniente ou inconveniente. Deixa sociedade humana sem uma base para ordem e governo humano sem fundação (Rm 1:10-32). Tudo estão desesperados, tudo são miséria, tudo estão cuidando da sepultura e o sério termina tudo.

Podem ser resumidos argumentos contra ateísmo como segue: (1) está ao contrário de razão. História mostrou novamente e novamente como impossível é trazer a mente para descansar nesta doutrina. Embora Budismo é ateístico em seu ensino, idolatria é difundida nas terras onde predomina. Enquanto a Filosofia Positiva de Auguste Comte estava baseado em uma negação da existência de Deus, a tentativa dele para fundar a religião nova de humanidade com ritos e cerimônias de adoração revela como o desejo para adoração não pode ser suprimido. É tão freqüentemente uma revelação do fato vista na história de pensamento humano que a mente não pode descansar nas doutrinas de ateísmo.

(2) está ao contrário de experiência humana. Toda a história testemunha que há instintos religiosos profundamente dentro do peito humano. Considerar estes enganoso e irracional se vão seja totalmente irracional e não científico. Mas o fato de tal desejo espiritual também insinua que há um Ser que é responsivo para e pode satisfazer o grito do coração (Hb 1:16). No Bampton Lectures dele Reville disse neste assunto: “Seria irracional no último grau para colocar a existência de tal uma necessidade e tal uma tendência, e ainda acredita que a necessidade não corresponde a nada, que a tendência não tem nenhuma meta.”

(3) não responde pela evidência de designio no universo. Veja COSMOLOGIA.

(4) não responde em geral pela existência de homem e o mundo. Aqui é o universo: como veio ser? Aqui é o homem: como é ele ser considerado para? Para estes e como perguntas, ateísmo e filosofia ateística não têm nenhuma resposta adequada para dar. Também veja COSMOLOGIA; CRIAÇÃO; DEUS.

Atenienses

a-the'ni-ans , *Athenatoi*: os Habitantes de Atenas. Lucas tem uma observação na curiosidade deles e a delícia deles em novidade (At 17:21). Veja ATENAS.

Atenobius

ath-e-no'bi-us , *Athenobios*: Um “o amigo” de Antioco VII (Sidetes), quem foi enviado para Jerusalém pelo rei para protestar contra a ocupação de Joppa e Gazara, e a fortaleza Jerusalém. Uma demanda foi feita em Simão Macabeu para deixar todos os lugares ele tinha levado ou tinha pago 1000 talentos em prata. Simão recusou pagar mais de 100 talentos, e Atenobius voltou a Antioco da missão infrutífera dele (LA 1 Mac 15:28-36).

Atenas

a'the-iz'm (, *atheos*, Na antiguidade a metrópole célebre de Atica, agora a capital da Grécia. Duas paredes longas, 250 pés separadamente, conectado a cidade com o porto (Peiraeus). Em Atos 17 nós somos contados o que Paulo fez durante a única estada curta dele nesta cidade famosa. Ele subiu do mar pela estrada nova (Norte da antiga) ao longo de qual era altares de deuses desconhecidos, entrou na cidade do Oeste, e passou pelo Ceramicus (cemitério) que pode ser visto a este dia o “Teseu,” os melhor preservaram de todos os templos gregos, e em para a Ágora (Praça do mercado), só Norte da Acrópole, uma colina ingreme, 50 metros, no centro da cidade. Cimon começou e Pericles completou o trabalho de transformar esta fortaleza em um santuário para a deusa protetora da cidade. O portal magnífico (Propylaea/Propileu) de qual os atenienses estavam justamente orgulhosos, foi construído por Mnesicles (437-432 a.C). Uma estátua de bronze monumental por Phidias estava na esquerda, como emerso no planalto, e o Partenon poderoso um pequeno mais adiante, à direita. Neste templo era o ouro famoso e estátua de marfim de Atena. O frontão triangular oriental contiveram esculturas que representam o nascimento da deusa (Elgin Marbles, agora no Museu britânico), o descrevendo ocidental a competição dela com Poseidon para supremacia em cima de Atica. Isto, o edifício mais célebre, arquitetualmente, em toda a história, foi destruído parcialmente pelos venezianos em 1687. Outros templos na Acrópole são o Erechtheum e o “Vitória Áptero.” Na cidade as ruas eram sumamente estreitas e dobradas. As avenidas mais largas foram chamadas , *platetai*, de onde o inglês

“lugar,” espanhol “praça.” Os telhados das casas eram planos. Em ao redor da Ágora estavam muitos pórticos *stoa*. No Stoa Poecile (“Pintou Pórtico”), de qual paredes estavam cobertas com pinturas históricas, Paulo reuniu os sucessores de Zeno, os Estóico, com quem disputou ele diariamente. Nesta vizinhança também era a Câmara do Senado para o Conselho de Quinhentos, e o Tribunal do Areopago, onde Sócrates entrou em 399 a.C para estar em frente dos acusadores dele, e onde Paulo, cinco séculos depois, orou aos atenienses “ao Deus desconhecido.” Neste bairro também era a Torre dos Ventos e o água-relógio que devem ter chamado a atenção a de Paulo como eles chamam a atenção nossa hoje.

O apóstolo disputou na sinagoga com os judeus (At 17:17), e uma laje achou ao pé de Monte Hymettus (uma gama para o Leste da cidade, 90 metros de alto), com a inscrição , (SI 118:20), era pensado uma vez que indicava o local, mas é acreditado agora que data do 3º ou 4º século. Foram achadas lajes que agüentam inscrições judias na própria cidade.

A população de Atenas era pelo menos um quarto de um milhão. Os habitantes mais velhos eram Pelasgianos. Cecrops, o primeiro rei tradicional, era do Egito em 1556 a.C, e se casando a filha de Actaeon, obteve a soberania. O primeiro rei era Erechtheus. Theseus uniu as doze comunidades de Attica e fez para Atenas a capital. Depois da morte de Codrus em 1068 a.C, o poder administrativo foi confiado a um magistrado que seguiu escritório para vida. Em 753 a.C, o mandato foi limitado a dez anos. Em 683 a.C, nove magistrados eram escolhidos para um termo de um ano. As leis de Draco, “escrito em sangue,” foi feito em 620 a.C. Solon era escolhido *αρχων*, *archon* em 594 a.C, e deu para o estado uma constituição. O tirano que Pisistratus estava permanentemente em controle de 541 a 527 a.C; o filho Hipparchus dele foi assassinado em 514. Clisthenes mudou a constituição e introduziu a prática de ostracismo. Em 490 a.C os atenienses derrotaram os persianos em Maratona, e novamente em 480 a.C, em Salames. Em 476 a.C, Aristides organizou a grande Confederação ateniense. Depois que a morte dele Conon se tornou o líder da festa conservadora; e quando Cimon geral foi morto, Pericles se tornou o líder das pessoas. Em 431 a.C, começou a Guerra do Peloponeso e continuou gaveta 404 a.C, quando Atenas sucumbiu em Sparta. Um governo oligárquico era fixo para cima com Critias e Theramenes à cabeça. Guerra começou novamente mas paz foi restabelecida pelo pacto de Antalcidas (387 a.C). Na Guerra Sagrada (357-355 a.C) Atenas esvaziou a força dela. Quando o Filipe da Macedônia começou a interferir em negócios gregos, Atenas nem não poderia solucionar em guerra mede (para qual o oratório de Demosthenes a incitou), nem faz condições com Filipe. Finalmente, ela uniu Tebas fazendo resistência armada, mas apesar dos esforços

heróicos dela a Chaeronea, ela sofreu derrota (338 a.C). Filipe foi assassinado em 336 a.C, e Alexandre o Grande se tornou o mestre. Depois da subjugação da Grécia pelos romanos, Atenas foi colocada debaixo da supervisão do governador de Macedônia, mas foi concedido independência local em reconhecimento da grande história dela. Como o assento da arte grega e ciência, Atenas fez um papel importante até mesmo debaixo de balanço romano - ela se tornou a cidade universitária do mundo romano, e dela luz espiritual e energia intelectual radiaram para Tarso, Antioquia e Alexandria. Fiilo, o judeu, declara que os atenienses eram

("mais agudo em intelecto") e soma aquela Atenas era para a Grécia o que o aluno é ao olho, ou argumenta à alma. Embora a cidade tinha perdido a real independência dela, as pessoas retiveram as características velhas deles: eles ainda estavam interessados em arte, literatura e filosofia. Paulo pode ter assistido a teatro de Dionysus possivelmente (debaixo do precipício de Sudeste da Acrópole) e testemunhou um jogo dos poetas gregos, como Eurípides ou Menander. Foram recebidos muitos presentes de monarcas estrangeiros por Atenas. Atalus I de Pergamo a Academia, Eumenes acrescentou um esplêndido a teatro e Antioco Epifanes começou o Olympeium (15 colunas de qual ainda está estando de pé), o subporão volumoso de qual tinha sido construído por Pisistratus. Atenas se tornou uma residência favorita para escritores estrangeiros que cultivaram história, geografia e literatura. Horacio, Brutus e de Cassius que permanecia na cidade durante algum tempo. Josefo declara que os atenienses eram mais devotos do que gregos eram (

v). Compare Livy xlv.27.

Literatura

Veja Wordsworth, Atenas e Attica; Mordomo, História de Atenas,; Ernest Gardner, Atenas Antiga,; Tucker, Vida em Atenas Antiga,; A. Mommsen, Athenae Christianae,; Conybeare e Howson, Vida e Epístolas de Paul, capítulo x; Gregorovius, Stadt im de Athen Mittelalter; Leake, Grote, Thirlwall, Curtius, Wachsmuth, Holm, e o Attica de Pausanias, editaram recentemente por Carroll (Ginn e Cia.), ou no trabalho grande de Frazer.

Atlai

ath'la-1 , 'athlay, "afrito" [?]: Um judeu, o filho de Bebai que foi influenciado por Esdras para guardar a esposa dele (Ed 10:28).

Um ao outro

, *eis eirenen*, "ao uma," "a paz": "os Fixe novamente ao uma" (At 7:26), a reconciliação de pessoas a discrepância. Deste advérbio nós temos as palavras "reconcilie" e "compensação."

Expição

a-ton' ment: Traduz , *kaphar*, , *hata'*, , *racah*, a última empregada apenas das relações humanas (1Sm 29: 4), traduz o grego deriva seguinte *hilas-*, simples e compostas com várias preposições; *allag-* na composição única, mas com inúmeras preposições e até dois ao mesmo tempo, por exemplo, Mt 5: 24; lábio-raramente (Dan_9: 24).

I. Termos Empregados

1. Palavras em hebraico e grego

O significado raiz da palavra hebraica, levando-os na ordem citada acima, são para "cobrir", portanto, expiar, perdoar, cancelar, aplacar; a "oferta" ou "receber uma oferta pelo pecado", portanto, a expiação, apaziguar, propiciar, a "reconciliação efeito", ou seja, um comportamento, ou curso de ação. Das palavras gregas os sentidos, na ordem, são "a" ou "fazer com que seja amigável", "para tornar outro", portanto, para restaurar, "deixar" e com a preposição para sair fora, a inimizade, isto é, ou mal, etc, "para tornar santo", "para separar por"; portanto, da Deidade, apropriar-se ou aceitar, para si mesmo.

2. A Palavra Inglês

É óbvio que a palavra "expiação" em Inglês não corresponde etimologicamente com qualquer hebraico ou uma palavra grega que traduz. Além disso, as palavras gregas em ambos os Septuaginta e do Novo Testamento não correspondem exatamente às palavras hebraicas, especialmente, é verdade que a idéia da raiz da palavra hebraica mais freqüentemente empregada, "cobrir", não é encontrado em qualquer uma das palavras gregas empregadas . Essas observações se aplicam a ambos os verbos e substantivos Inglês A palavra é derivada da frase "em um", e significa, etimologicamente, a harmonia do relacionamento ou a unidade de vida, etc É um raro exemplo de um termo AS teológica e, como todos os termos puramente Inglês empregados em teologia, tem o seu significado, não de sua origem, mas de conteúdo teológico do pensamento da Continental e Schoolmen de língua latina, que empregou termos tão Inglês como parecia se aproximar mais para transmitir aos ouvintes e leitores de suas idéias . Não só não foi feito para transmitir o original hebraico e grego significados por meio de palavras em Inglês, mas nenhum esforço foi feito para a uniformidade na tradução de palavras hebraicas e gregas por seus equivalentes em Inglês.

3. Não é para ser resolvido por mero Léxico

É menos uma vez claro que não mera palavra-estudo pode determinar o ensino bíblico sobre a expiação. Mesmo quando utilizado pela primeira vez para a expressão hebraica e cristã pensamento, nestes termos, como todos os outros termos religiosos, já tinha um conteúdo que haviam crescido com a sua utilização, e é por nenhum meio fácil de dizer o quanto concepções pagãs podem ser importados para o nosso teologia por um estudo rigorosamente etimológico dos termos empregados. Em qualquer caso, tal estudo só poderia render um dicionário de termos, enquanto o que buscamos é um órgão de ensino, um círculo de idéias, o que palavras e frases, ou combinações de palavras e frases, foram utilizadas para expressar o ensino.

4. Não é principalmente um estudo em Teologia

Não há perigo ainda maior de tornar o estudo da Expiação um estudo na teologia dogmática. O emprego freqüente da expressão "Expiação", mostra essa tendência. A obra de Cristo reconciliando consigo o mundo em que Deus tem ocupado um lugar tão central na dogmática cristã, que a expiação próprio termo passou a ter uma teológica ao invés de um ambiente prático, e é de nenhuma maneira fácil para o aluno, ou mesmo para o requerente após a relação salvadora com Deus, para passar além da interpretação acumulado da Expiação e aprendei de expiação.

5. Notas sobre a utilização de termos

A história da explicação da Expição e as condições de pregar a expiação não pode, naturalmente, ser ignorados. Também não pode o significado original dos termos utilizados ea forma de sua utilização ser negligenciada. Existem recursos significativos no uso dos termos, e nós temos que ter em conta a história da interpretação. Só não devemos nos ligar, nem a palavra de Deus em tais formas.

(1) o mais freqüentemente empregado palavra hebraica, *kaphar*, é encontrada nos Profetas apenas na secção sacerdotal (Ez 45: 15, Ez 45: 20; Dn 9: 24) em Inglês Versões da Bíblia reconciliação "fazer," margem ", expurgo de distância. "Além disso, ele não é encontrado em Deuterônimo, que é o livro profético do Pentateuco (Hexateuch). Isso indica que é uma concepção essencialmente sacerdotal. O mesmo termo é freqüentemente traduzido por "conciliar", interpretada como equivalente a "expição" (Lv 6: 30; Lv 8: 15; Lv 16: 20; 1Sm 29: 4; Ez 45: 15, Ez 45: 20; Dn 9: 24). Neste sentido, este se conecta-se com *hata'* Em 2Cr 29: 24 as palavras são usadas: os padres fazer uma oferta pelo pecado *hata'* para efeito *kaphar*. expiação. Mas a primeira palavra é freqüentemente usada por metonímia, a incluir, pelo menos, sugestivamente, o fim em vista, a reconciliação, e, por outro lado, a última palavra é tão usada como a participação, também, fazer isso por que a expiação é realizada .

(2) das palavras gregas empregadas *hilaskesthai* significa "tornar propício" (Hb 2: 17; Lv 6: 30; Lv 16: 20; Ez 45: 20); *allatein*, usado no entanto, apenas na composição com preposição, significa "tornar outro", "restaurar" a outra condição (padrão) de harmonia (compare Mt 5: 24 = "ser reconciliado" com um companheiro do homem como uma condição de fazer um sacrifício aceitável a Deus).

(3) Em Inglês Novo Testamento, a palavra "expição" é encontrado somente na Rm 5: 11 e American Standard Revised mudanças esta versão para a reconciliação. "Enquanto na etimologia estrita necessidade desta palavra significa apenas o exercício ativo e consciente da unidade de a vida ou a harmonia das relações, a idéia causal provavelmente pertence ao uso original do termo, como certamente está presente em todo o uso atual cristão do termo. Como empregada na teologia cristã, tanto práticos e técnicos, o termo inclui a distinção mais ou menos: (a) O fato de união com Deus, e isso sempre encarado como (b) uma união quebrada para ser restaurado ou uma união ideal para ser realizado, (c) A obtenção causa da expiação, diversamente definida, (d) o ato crucial em que a união é realizada, a obra de Deus ea resposta da alma em que a união torna-se real. Na medida em que a reconciliação entre Deus eo homem é sempre concebido como efetuada por meio de Jesus Cristo (2Co 5 :18-21), a expressão, "Expição de Cristo", é um dos mais freqüentes na teologia cristã. Questões e controvérsias giraram principalmente em causa a aquisição de expiação, (c) acima, e neste momento surgiram as diferentes "teorias da expiação."

II. Bíblia Ensino de Expição em Geral

A Expição de Cristo deve ser interpretado em relação com a concepção da expiação, em geral, nas Escrituras. Essa idéia de expiação é, aliás, parte do círculo de idéias gerais fundamentais da religião de Javé e Jesus. Teorias da Expição em concepções da natureza e do caráter de Deus, Sua santidade, amor, graça, misericórdia, etc; do homem, sua natureza, disposição e capacidade, do pecado e da culpa.

1. Assunção primária da Unidade de Deus e do Homem

A concepção básica para a doutrina bíblica da expiação é a suposição de que Deus eo homem são um ideal de vida e interesses, tanto quanto a verdadeira vida do homem e de interesse pode ser concebida como correspondente com os de Deus. Por isso, está em toda parte do princípio de que Deus eo homem deve ser em todos os aspectos das relações harmoniosas ", no-one." Tal é o quadro ideal de Adão e Eva no Éden. Esse é o pressuposto da parábola do Filho Pródigo, o homem deveria estar em casa com Deus, em paz na casa do Pai (Lc 15). Tal é também o ideal de Jesus como visto especialmente no Jo 14 e 17; comparar particularmente Jo 17: 21; compare também Ef 2 :11-22; 1Co 15: 28. Esta é possivelmente a ideia subjacente de todas as ofertas em que os padres - os representantes de Deus - e as pessoas aderiram em comer em um refeição partes comuns do que havia sido apresentado a Deus. A proibição do uso de sangue no alimento ou bebida é baseada na afirmação de que a vida está no sangue (Lv 17: 10 f) ou é o sangue (Gn 9: 4; Dt 12: 23). O sangue foi usado na consagração do tabernáculo, templo, navios, altares, sacerdotes, todas as coisas e pessoas separadas para o Senhor. Em seguida, o sangue foi necessária em oferendas feitas para expiar o pecado ea impureza. A razão para tudo isso não é fácil de ver, mas se buscamos uma explicação que esclarecerá todos os fatos em um único princípio, não vamos encontrá-lo na idéia de que no princípio de vida da própria vida, o sangue de Deus foi presente? Através desta vida a Deus todos os seres vivos compartilhado a vida de Deus. O sangue saindo de qualquer ser vivo, portanto, voltar para Deus e não ser consumido. No sangue de aspersão, a vida útil do elemento, ou, certamente, o símbolo da vida, sobre pessoas e coisas separado para Deus, eles eram, por assim dizer, visivelmente assumida na vida de Deus e Sua vida se estende por eles fez, essencialmente, sua própria pessoa. Finalmente, o sangue dos sacrifícios era o regresso ao Deus da vida do homem para quem os animais estavam. E esse sangue não foi queimado com o sacrifício morto, mas derramou ao lado do altar sagrado. A oferta pelo pecado, agora morto foi queimado, mas o sangue, a vida, retornou a Deus. Em paz ofertas de diversos tipos, houve a refeição comum na qual a vida em comum foi tipificado.

No pedido do primeiro-frutas de todas as culturas, de todos os rebanhos e de todo o aumento, Deus enfatizou a vida comum na produção, afirmou o seu pedido à vida total do seu povo e seus produtos. Deus tirou a vida de todos que pertencem essencialmente a si mesmo e um homem deve reconhecer esta pagando um preço de resgate (Ex 30: 12). Isso não compra para o homem o direito de sua própria vida em separação de Deus, pois foi em nenhum sentido, um equivalente em valor ao tempo do homem. É a vez cometido o homem para viver a vida em comum com Deus, sem os quais o reconhecimento do homem não estava apto a viver. E o uso desse dinheiro, reconhecimento pelos sacerdotes no templo era considerado como colocar o homem que paga seu dinheiro em uma espécie de serviço de adoração contínua no tabernáculo (ou templo) próprio (Ech 30:11-16).

2. A ruptura da unidade

Tanto no Antigo Testamento e Novo Testamento, a hipótese de união entre Deus e o homem se levanta contra o fato de contraste que há uma ruptura radical nesta unidade. Esta violação é reconhecida em todas as relações de Deus para os homens, e mesmo quando curou está sempre sujeito a falhas de novo que deve ser prevista, pela oblação diária no Antigo Testamento, pela intercessão contínua de Cristo (Hb 7: 25; Hb 9 : 24), no Novo Testamento. Mesmo quando não há violação consciente, o homem é ensinado a reconhecer que podem existir e que ele deve valer-se dos meios designados para a sua cura, por exemplo, sacrifícios diários. Esta violação é universalmente atribuída a algum comportamento por parte do homem. Isso pode ser moral ou cerimonial impureza da parte do homem. Ele pode ter quebrado com Deus, fundamentalmente, caráter ou conduta e assim por cometer o pecado ter incorrido em culpa, ou ele pode ter negligenciado o reconhecimento justo que sua vida é em comum com Deus e assim por impureza seu desprezo ter incorrido. Após a primeira brecha entre Deus eo homem é sempre necessário que o homem deve se aproximar de Deus no pressuposto de que essa violação precisa de cura, e assim sempre vem com uma oferta. Na natureza humana, o pecado é a violação enraizadas e universal (Rm 3 :9-19; Rm 5 :12-14).

3. Meios para expressar, restauração e manutenção

meios numerosos e variados foram utilizados para expressar essa unidade essencial da vida, para restaurá-lo, uma vez que foi interrompida em pecado, e para mantê-la. Esses meios foram principalmente espiritual e ético, mas fez uso extensivo de substâncias

materiais, atos físicos e cerimônias simbólicas, e estes tendem sempre para obscurecer e suplantar as qualidades espirituais e éticas, que era sua função de exibição. O profeta veio para o resgate da ética e espiritual e alcançou sua maior introspecção e função na doutrina do Servo Sofredor do Senhor através de quem Deus era para ser unida com uma raça redimida (comparação entre muitas passagens, Is 49 :1-7; Is 66: 18; ff Y 22:27).

Compensação é concebido tanto no Antigo Testamento e Novo Testamento como parte pessoal e social, em parte, estendendo-se à concepção universal. Os atos e atitudes, através da qual é adquirido, restaurada e mantida, em parte as do indivíduo sozinho (Y 51), em parte, aqueles em que o indivíduo assegura a assistência do sacerdote ou do corpo sacerdotal, e, em parte, como o sacerdote realiza para todo o povo por sua própria conta. Isso envolve a distinção que, na expiação de Israel foi pessoal e social, como também eram ambos o pecado e a impureza. A expiação foi feita para o grupo pelo sacerdote sem a participação específica das pessoas apesar de terem sido, inicialmente, pelo menos, tomar conhecimento do fato e no tempo. Em todas as grandes festas, especialmente, sobre o Dia da Expiação (próximo verbete), todo o grupo foi receptivo a participar consciente na obra de expiação Numeros 29:7-11.

Os vários sacrifícios e ofertas por meio do qual a expiação foi efetuada na vida e na adoração de Israel será encontrada para ser discutido sob as palavras adequadas e devem ser falado aqui apenas sumariamente. A série de ofertas, a culpa, ofertas, holocaustos, as ofertas pelo pecado, ofertas pacíficas, revela um sentido de ruptura com Deus, uma convicção do pecado fazendo a violação e uma apreciação ética da santidade de Deus inteiramente original entre religiões dos tempos antigos ou modernos, e este fato não deve nunca ser esquecido na interpretação da doutrina do Novo Testamento cristão da Expiação. No Antigo Testamento há pecados e as circunstâncias pecaminosas para que a expiação não é possível. Muitas passagens, de fato, quase parecem oferecer contra expiação por qualquer delito voluntário (por exemplo, Lv 4: 2, Lv 4: 13, Lv 4: 22, Lv 4: 27; Lv 5: 14). Esta é, sem dúvida, uma interpretação extrema, de harmonia com o espírito geral do Antigo Testamento, mas mostra a seriedade do pecado deve ser tomada no âmbito do regime do Antigo Testamento. Nenhuma expiação por homicídio pode tornar possível a residência do assassino de novo nesse ponto da terra onde o assassinato foi realizado (Nm 35: 33), embora o terreno não foi processado pelo assassinato imprópria para a ocupação por outros. Quando Israel pecou em fazer o bezerro de ouro, Deus se recusou a aceitar qualquer expiação (Ex 32: 20), até que houve uma grande perda de vida entre os pecadores. Nenhum arrependimento poderia encontrar expiação para a recusa em seguir o exemplo do Senhor em Cades-Barnéia (Nm 14 :20-25), e completa a expiação foi feita apenas quando toda a geração incrédula tinha morrido no deserto (Nm 26: 65; Nm 32: 10); ou seja, não foi possível a expiação, mas as pessoas que morreram em pecado, fora da Terra Prometida, embora o pecado não era permitido cortar definitivamente a partir de Yahweh (Nm 14:29f).

Permanente de impureza ou doença confirmada de um tipo imundo causado a separação definitiva do templo e do povo do Senhor (por exemplo, Lv 7: 20 f), e toda impureza deve ser devidamente removido (Lv 5: 2; Lv 17: 15; Lv 22 :2-8; Dt 23: 10 f). A casa em que uma doença impura foi encontrado devem ser limpos - têm expiação por ele (Lv 14: 53), e em casos extremos deve ser totalmente destruído (Lv 14:43).

Após o parto (Lv 12: 7) e em todos os casos de hemorragia (compare Lv 15: 30), a expiação deve ser feita por ofertas prescritas, uma perda, diminuição ou a poluição de sangue, onde é a vida, tendo sofrido. Todos os pedidos deste elaborar o princípio da expiação demonstra a abrangência que lhe foi pedido pelos professores religiosos para impressionar as pessoas com a unidade de toda a vida em Deus perfeitamente santo e majestoso que eles foram chamados para servir. Não só os sacerdotes devem estar limpos que levais os vasos do Senhor (Is 52: 11), mas todas as pessoas também devem estar limpos de toda a imundícia da carne e do espírito, buscando aperfeiçoar a santidade no temor de seu Deus (compare 2Co_7: 1).

III. A Expiação de Jesus Cristo

1. Preparação para a Doutrina do Novo Testamento

Todos os símbolos, a doutrina e exemplos de expiação no Antigo Testamento, entre os hebreus encontram sua contraparte, a realização e explicação completa na nova aliança no sangue de Jesus Cristo (Mt 26: 28; Hb 12: 24). Ao interpretar o espírito interior do sistema sacrificial, insistindo na unidade e santidade de Deus, por fundamentos apaixonado pela pureza nas pessoas e, sobretudo, ensinar o princípio do sofrimento vicário de pecado, os profetas lançaram as bases em formas de pensamento e na atmosfera religiosa de uma tal doutrina da expiação como é apresentado na vida e ensinamentos de Jesus e como se desenrolou no ensino de seus Apóstolos.

O pessoal, sofrimentos parabólico de Oséias, a elaboração notável da redenção espiritual de Israel através de um Servo Sofredor de Javé e a extensão do que a redenção de toda a humanidade, tal como apresentado em Isaías 40 a 66, e mesmo elemento em Salmos como Salmo 22 , constituem a chave para a compreensão da obra do Cristo que unifica toda a revelação da justiça de Deus, de passagem, sobre os pecados humanos (Rm 3: 24 f). No entanto, é notável que tal concepção da forma de expiação foi tão longe quanto possível da mente a média geral e judaica, quando Jesus veio. Em nenhum sentido pode a doutrina do Novo Testamento da Expiação ser considerado o produto do pensamento e do espírito dos tempos.

2. Um fato claro.

No entanto muitos teólogos podem discordar quanto à lógica da Expiação, não existe, como pode haver, não há dúvida de que Jesus e todos os seus intérpretes no Novo Testamento representam a Expiação entre Deus e os homens como algo realizado por meio de Jesus Cristo. É também um fato concordarem na exegese de que Jesus e seus apóstolos entenderam sua morte para ser radical ligado a esta Expiação.

(1) o próprio Jesus ensina que Ele veio para revelar o Pai (Jo 14: 9), para recuperar o (perdido Lc 19: 10), para dar vida aos homens (Jo 6: 33; Jo 10: 10), para divulgar e estabelecer as reino dos céus (ou de Deus), reunindo alguns seguidores fiéis por meio do qual seu trabalho será perpetuado (Jo 17: 2; Mt 16: 13), que a salvação pessoal e social, é dependente de sua pessoa (Jo 6: 53; Jo 14: 6). Ele não pode dar ensino completa sobre sua morte, mas Ele faz claramente conectar seus sofrimentos com a salvação que Ele pretende dar. Ele mostra em Lc 4: 16 e Lc 22: 37, que compreende Is 52 a 53, realizado em si mesmo, ele está dando a si mesmo (e no Seu sangue), um resgate para os homens (Mt 20: 28; Mt 26: 26; comparar 1Co 11: 23). Ele não era um simples mártir, mas se entregou de bom grado, e voluntariamente (Jo 10: 17 Gl 2: 20), em conformidade com o propósito de Deus (At 2: 23), o Redentor do mundo, e espera-se que por ser levantando todos os homens seriam atraídos para Ele (Jo 12 :31-33). É possível explicar a atenção que os evangelistas dão a morte de Jesus apenas por supor que eles estão refletindo a importância que recordam o próprio Jesus ter acrescentado à sua morte.

(2) Todos os escritores do Novo Testamento concordam em tornar Jesus o centro da sua idéia do caminho da salvação e que Sua morte é um elemento essencial em seu poder salvífico. Isto eles fazem, combinando o ensino do Antigo Testamento com os fatos da vida e da morte do Senhor, confirmando sua conclusão pelo apelo à Ressurreição. Paulo representa-se como propriedade a doutrina comum da cristandade na época, e desde o início, quando, na 1Co 15: 3 ele resume o seu ensinamento que a salvação é assegurada pela morte e ressurreição de Jesus segundo as Escrituras. Em outra parte (Ef 2: 16 Ef 2: 18; 1Tm2: 5; compare At 4: 12) em todos os seus escritos,

ele enfatizava sua crença de que Jesus Cristo é o único Mediador entre Deus e o homem, pelo sangue da sua cruz (Cl 1: 20; 1Co 2: 2), eliminando a barreira do pecado, entre Deus e os homens. Pedro, durante a vida de Jesus de modo integral da noção corrente judaica que Deus aceitou os judeus de fato, no seu ministério depois faz Jesus na Sua morte o único caminho para Deus.

(At 4: 12; 1Pe 1: 2, 1Pe 1: 18, 1Pe 1: 19; 1Pe 2: 21, 1Pe 2: 24; 1Pe 3: 18).

João tem esse elemento tão importante no seu Evangelho que questões opinão crítica radical a sua autoria, em parte, por essa razão, enquanto as epístolas de João e o Apocalipse são, no mesmo terreno, atribuída ao pensamento grego posterior (compare 1Jo 1: 7; 1Jo 2: 2; 1Jo 3: 5; 1Jo 4: 10; Ap 1: 5; Ap 5: 9). A Epístola aos Hebreus, encontra em Jesus o cumprimento e ampliação de todo o sistema sacrificial do judaísmo e sustenta que o derramamento de sangue, parece ser essencial para a própria idéia de remissão dos pecados (Hb 9: 22; comparar Hb 2: 17; Hb 7: 26; Hb 9: 24-28).

3. Como Devemos compreender a Expição?

Quando chegamos ao sistematizador do ensino da Expição encontramos, como em toda a doutrina, que o sistema definitivo, não nos é oferecido no Novo Testamento, mas todo o sistema, se é para ter qualquer valor para o cristianismo, deve encontrar os seus materiais e princípios no Novo Testamento. Procedendo desta forma alguns recursos podem ser apresentados de forma positiva e, finalmente, enquanto outros devem ser apresentados interrogativamente, reconhecendo que as interpretações podem variar.

(1) Uma consideração inicial é que a Expição origina com Deus, que "estava em Cristo reconciliando consigo o mundo" (2Co 5: 19), e cujo amor deu Jesus para redimir o homem pecador (Jo 3: 16; Rm 5: 8, etc.). Em toda a expiação no Antigo Testamento e Novo Testamento, a iniciativa é de Deus, que não só inventa e revela o caminho para a reconciliação, mas por meio de anjos, profetas, sacerdotes e, finalmente, o seu Filho unigênito aplica-se o meio de expiação e persuade os homens a aceitar a reconciliação oferecida. Nada na especulação sobre a Expição pode ser mais falso à sua verdadeira natureza de fazer uma ruptura entre Deus eo seu Cristo em sua atitude para com os homens pecadores.

(2) Daqui resulta que a expiação é fundamental para a natureza de Deus em suas relações com os homens, e que a redenção está no coração de Deus que tratam da história. O "Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo" (Ap 13: 8 na KJV e Inglês Versão Revisada; compare Ap 5: 5-7) é o intérprete do sétimo livro selado da providência de Deus na história. Em Jesus, eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (Jo 1: 29).

(3) A questão vai surgir na análise da doutrina: Como é que a morte de Cristo pode nos salvar? Nenhuma resposta específica já foi em geral satisfatória. Temos inúmeras teorias da Expição. Já a entender que a resposta a esta questão dependerá a nossa idéia da natureza de Deus, a natureza do pecado, o conteúdo da salvação, a natureza do homem, e nossa idéia de Satanás e dos maus espíritos. Devemos uma vez para julgar todos os meramente quantitativa e comercial concepções de troca de mérito. Não há mais qualquer dúvida de que as doutrinas da imputação, tanto do pecado de Adão e da justiça de Cristo, estava exausta e aplicadas pelos teólogos cedo com uma exclusividade fatal, sem mandado, na Palavra de Deus. Por outro lado, nenhuma teoria pode segurar tanto peso que pressupõe que o pecado é uma coisa de luz em consequência da natureza do homem e da economia de Deus. A menos que se esteja preparado para resistir até ao sangue combatendo contra o pecado (Hb 12: 2-4), ele não pode saber o significado do Cristo. Novamente, pode-se dizer que a noção de que a morte de Cristo deve ser considerado para além de sua vida, a vida eterna e encarnada, como a obra expiatória, é demasiado estreito para exprimir o ensino da Bíblia e raso demais para atender as exigências de uma consciência ética.

Serviria clareza se lembrou-nos que a questão de como a Expição pode envolver vários elementos. Podemos perguntar: (a) para o terreno em que Deus pode receber dignamente o pecador, (b) para o meio pelo qual Deus coloca o restabelecimento ao alcance do pecador, (c) a influência pelo qual o pecador é convencido a aceitar a reconciliação, (d) a atitude ou o exercício do pecador diante de Deus em Cristo, onde ele realmente entra no estado de união com Deus restaurada. As várias teorias que parecia ser exclusivo, ou pelo menos antagônicas, principalmente porque eles têm tido visões parciais de todo o assunto e têm enfatizado uma certa característica de todo o conteúdo. Todas as teorias grave em parte expressa a verdade e todos juntos são totalmente inadequados para declarar como o Daystar de Acaso em alta guia os nossos passos no caminho da paz (Lc 1: 79).

(4) Outra questão sobre a qual os teólogos extremamente irritado si mesmos e uns outros problemas a extensão da expiação, se ele está disponível para todos os homens ou somente para determinados particular queridos, eleitos. Essa controvérsia pode ser agora passou. Já não é possível ler a Bíblia e supor que Deus se relaciona com simpatia, com apenas uma parte da corrida. Todas as passagens da Escritura segregados anteriormente empregadas em apoio de tal visão já tomado o seu lugar na auto-interpretação progressiva de Deus aos homens através de Cristo que é a propiciação pelos pecados do mundo inteiro (1Jo 2: 2). Ninguém vem ao Pai senão por Ele (Jo 14: 6); mas aquele que faz, assim, invocar o nome do Senhor será salvo (Jl 2: 32; At 2: 21). Ver também EXPIAÇÃO, DIA DA; propiciação, reconciliação, sacrifício.

Literatura

Na vasta literatura sobre o assunto a seguir é sugerido: Artigos por Orr em HDB, pelo Mackenzie em Standard Bible Dictionary, na Enciclopédia Católica, na Enciclopédia Judaica, por Simyon em Hastings, DCG; J. McLeod Campbell, A Natureza da Expição; Champion John, The Living Expição; WM Clow, A Cruz na experiência cristã; Crawford TJ, a doutrina da Escritura Sagrada Respeitando a Expição; RW Dale, The Atonement; Denney J., A morte de Cristo: o seu lugar e Interpretação o Novo Testamento, e da expiação e da Mente Moderna; DuBose WP, a soteriologia do Novo Testamento; PT Forsyth, O Cruciality da Cruz; Lidgett Scott J., O princípio espiritual da Expição; Ochenham, a doutrina católica da Expição, A. Ritschl, A Doutrina Cristã da Justificação e Reconciliação, I, II; Riviere, Le Dogma de redenção la; DW Simon, reconciliação Encarnação; WL Walker, A Cruz e do Reino; vários escritores, A Expição e Religiosa Moderna Pensamento.

Expição, o Dia do

um ton'ment:

I. Os decretos Legal

1. Nomeado

2. Levítico 16

(1) o conteúdo da estrutura e posição

(A) Levítico 16:1-10

(B) Levítico 16:11-24

(C) Levítico 16:25-28

(D) Levítico 16:29-34

Uso do número quatro

Coloque em Levítico

(2) as tentativas modernas para refutar a Unidade do capítulo

II. O significado do Dia da Expição

1. A Importância de Israel

2. O significado do ponto de vista cristão

III. Sobre a História do Dia da Expição

1. O longo silêncio da História

(1) os factos e as conclusões falsas

(2) a historicidade do Dia da Expição

2. Promover o desenvolvimento

I. Os decretos Legais

1. Nomeado

Além da passagem principal, Lev 16, que é tratada sob uma cabeça separada, temos o seguinte:

Em Exo_30: 10 é mencionada nos sentidos que são dadas para a construção do altar do incenso que Aaron, uma vez por ano, é fazer uma expiação sobre os chifres do altar com o sangue da oferta pelo pecado, que é utilizados para a finalidade de expiação do pecado.

Em menção :26-32 Lev_23 é feito na lista de festivais do Dia da Expição, no dia 10 do mês 7. É ordenado que, para este dia haverá uma santa convocação no santuário, uma maneira rápida, uma oferta pelo fogo, eo resto do trabalho a partir do dia 9 do mês 7 da noite.

De acordo com Lev_25: 9 o ano do jubileu começa com o Dia da Expição.

Nu 18 fala dos deveres e direitos dos sacerdotes e dos levitas. Em contraste com esta última, de acordo com Num_18: 7, Aarão e seus filhos são chamados a exercer as funções do sacerdócio em todos os assuntos relativos ao altar e do serviço dentro do véu e prestar este serviço. Temos aqui, sem dúvida, uma lei abrangente para toda a ordem sacerdotal, para que desse sozinho, não pode ser determinado que o serviço dentro do véu, através do qual é feita referência à cerimônia do Dia da Expição, foi reservado para o sumo sacerdote sozinho, assim como no Deu_10: 8; Deu_33: 8, tudo o que pertence a toda a tribo de Levi é encontrado combinado, sem que tal divisão em sumo sacerdote, os sacerdotes e levitas, sendo considerados excluídos (compare Ezequiel, II, 2, (1), c).

Num_29 :7-11 contém, em conexão com as leis tratando de sacrifícios também a promulgação, que no dia 10 do mês 7 que terá lugar uma santa convocação no santuário, jejum e repouso do trabalho. Além da oferta pelo pecado, que é trazido para a finalidade de expiação do pecado, e para além da oferta regular queimadas e as ofertas de farelo de acompanhamento e ofertas de bebidas, os holocaustos também estão a ser interposto, ou seja, um novilho, um ram jovens, sete cordeiros de um ano (todas sem defeito), em seguida, ofertas, ou seja, três décimos (compare Num_28 :12-14) de farinha amassada com azeite para cada novilho, dois décimos para cada carneiro, um décimo para cada cordeiro, em seguida, uma oferta pelo pecado, ou seja, um bode.

Ezequiel em sua visão do novo templo, da cidade santa e sagrada do país (capítulos 40 a 48), em Eze_45: 18, dá uma série de decretos para as festas e os sacrifícios. De acordo com estes, no dia 1 do mês 1 e no dia 7 do mês 1 (no dia 1 do mês 7 de acordo com a Septuaginta), o santuário será purificado através de um novilho sem defeito, o padre tomando do sangue da oferta pelo pecado e pô-lo sobre os lugares do templo, nos quatro cantos do altar e sobre os lugares da porta do átrio interior, e isso deve ser feito para o bem daqueles que talvez tenham pecado por erro ou ignorância. Além disso, que o sacrifício que é para ser levado na Páscoa pelos príncipes para si e para todos os povos da terra (compare Eze_45: 22) parece apresentar uma clara analogia com Lev 16. Quanto ao resto, Ez 40 a 48 não pode sem mais ser colocado no mesmo nível com os diplomas legais outra legal, mas deve ser considerada como um regime ideal, cuja realização está condicionada à entrada do futuro maravilhoso (compare Ezequiel).

2. Levítico 16

(1) o conteúdo da estrutura e posição

Lev 16:1-28 contém as instruções dadas pelo Senhor a Moisés, para seu irmão Aaron (Lev_16: 1, Lev_16: 2).

(A) Lev_16 :1-10

Lev_16 :1-10 contém pressupostos, preparações e mapas recapitulativos das cerimônias do Dia da Expição. De acordo com Lev_16: 1, Lev_16: 2, Aaron não é permitido entrar no santuário a qualquer momento que seja, para que ele não pode morrer assim como seus filhos com a sua oferta de fogo inadequado (compare Lev_10: 1); Lev_16 :3-5 dizem o que é necessário para a cerimônia: Para se quatro coisas: um novilho como oferta pelo pecado (compare Lev_16: 6, Lev_16: 11, Lev_16: 14, Lev_16: 15, Lev_16: 27), um carneiro para holocausto (compare Lev_16 : 24); vestes sagradas, ou seja, um casaco de linho, calças de linho, cinto de linho, mitra de linho (compare Lev_16: 23, Lev_16: 32), uma banheira. Para a congregação: dois bodes como uma oferta de pecado (compare Lev_16: 7, Lev_16 :15-22, Lev_16: 25, Lev_16: 27, Lev_16: 28, Lev_16: 32, Lev_16: 33), um carneiro como holocausto oferta (compare Lev_16: 24). As passagens entre parênteses indicam a proximidade das partes subsequentes desta conta estão relacionadas com esta parte introdutória, Lev_16 :1-10. Em outras partes do Lev também é muitas vezes constatamos que os materiais usados para os sacrifícios são mencionados em primeiro lugar, antes de mais nada é dito em detalhes do que está a ser feito com este material. Compare Lev_8: 1, Lev_8: 2 com Lev_8: 6, Lev_8: 7, Lev_8: 10, Lev_8: 14, Lev_8: 18, Lev_8: 22, Lev_8: 26 e Lev_9 :2-4 com Lev_9: 7, Lev_9: 8 , Lev_9: 12, Lev_9 :15-18. Em Lev_16: 6 pecado de Arão oferecer-boi é para ser usado como uma expiação por si mesmo; Lev_16 :7-10 referem-se os dois bodes: eles devem ser colocados na porta da tenda da reunião (Lev_16: 7); lotes devem ser lançados em cima deles para o Senhor e Azazel (Lev_16: 8), o primeiro a ser elaborado como um sacrifício pelo pecado para o Senhor (Lev_16: 9), o segundo, em conformidade com a lei, a ser enviado para o deserto (Lev_16 : 10).

(B) Lev_16 :11-24

Lev_16 :11-24 descrevem a cerimônia em si e dar instruções mais completas sobre a forma como os diferentes materiais de sacrifício mencionado no (A) devem ser utilizados por Aaron: Lev_16 :11-14 falam da expiação para Arão e sua casa; Lev_16: 11 , de sua oferta pelo pecado novilho para ser morto; Lev_16: 12, da queima de carvão do altar e dois punhados de incenso aromático bem moído para ser colocado por trás do véu; Lev_16: 13, da nuvem de incenso para ser feita no Santo dos Santos, de modo que a cobertura superior está oculto e Aaron está protegido contra o perigo de morte; Lev_16: 14, de um pouco do sangue a ser aspergido uma vez na frente da cobertura superior e sete vezes na frente dela. Lev_16 :15-19 prescreve a cerimônia com o bode de primeira oferta pelo pecado para a congregação: em Lev_16: 15, Lev_16: 16, a cerimônia descrita na Lev_16: 14 é direcionado também a ser realizadas com a cabra, como expiação o santuário interior, a limpeza de manchas que, em Lev_16: 16 a mesma coisa é direcionado para ser feito em relação à tenda da revelação, ou seja, o lugar santo, no Lev_16: 17, ninguém está autorizado a estar presente mesmo na santa lugar quando essas cerimônias ocorrem, em Lev_16: 18, Lev_16: 19, o altar é também dirigida a ser limpo por uma expiação do sangue de ambos os animais oferta pelo pecado, sendo manchada nos chifres e aspergiu sete vezes no chão . Lev_16 :20-22 prescreve a cerimônia com a cabra de segunda oferta pelo pecado para a congregação: Lev_16: 20 direciona para ser levado para lá, em Lev_16: 21 se realiza a transferência de culpa; Arão porá ambas as mãos sobre o bode ; deve confessar toda a culpa sobre ele; os porá sobre a cabeça do bode, através de um homem deve enviá-lo para o deserto, em Lev_16: 22, o bode carrega a culpa em uma terra desabitada, em Lev_16: 22, ele é não se deixar ir até que ele está no deserto. Lev_16: 23, Lev_16: 24, o acto de celebração: no Lev_16: 23, Aaron tira roupas de linho na tenda da

reunião e, em Lev_16: 23 coloca-los lá, em Lev_16: 24, ele se banha no lugar santo e mais uma vez coloca em sua roupa habitual, em Lev_16: 24 que ele traz o holocausto para si e para seu povo. (A declaração "para si e para seu povo neste lugar conclui o ritual como tal).

(C) Lev_16 :25-28

Lev_16 :25-28 são explicativas, com três indicações adicionais. Em Lev_16: 25, a gordura da oferta pelo pecado é direcionado para ser consumido em fumaça sobre o altar; Lev_16: 26, quem tirou o segundo bode deve lavar suas roupas e banhar-se, e só então é que ele está autorizado a entrar campo; Lev_16: 27, a gordura, a carne eo excremento do animal oferta pelo pecado, e, em seguida, o sangue que foi trazido para o são (interna) do santuário, para serem queimados fora do arraial; Lev_16: 28, quem tem essas queimadas devem lavar suas roupas, e deve tomar banho, e só depois é que ele pode entrar no campo. (Neste caso Lev_16: 25 e Lev_16: 27 correspondem, e Lev_16 também: 26 e Lev_16: 28, e além Lev_16: 26, Lev_16: 27, Lev_16: 28 estão unidos por sua referência para o campo.)

(D) Lev_16 :29-34

Lev_16 :29-34: Contra essas seções (A) - (C) (16:1-28), que contêm as instruções para o sumo sacerdote, nós temos um quarto (Lev_16 :29-34), já que através da endereço na segunda pessoa do plural e também por seu conteúdo é destinado para a congregação. Em Lev_16 :29-31, a procura é feita da congregação. Como em Lev_23: 26; Num_29: 7, rápido e repouso absoluto são prescritos para o dia 10 do mês 7 como o Dia da Expição, em Lev_16 :32-34, uma série de instruções são dadas em um resumo para a congregação com base no Lev_16: 1, ou seja, Lev_16: 32, como a expiação é tomar o lugar: o sacerdote que for ungido, ele deve ser consagrado, que ele executar o serviço no lugar de seu pai, em vestes de linho; Lev_16: 33 prescreve quando e por quem a expiação tem lugar: para o santo dos santos, para o lugar santo, porque o altar, por ordem dos sacerdotes e todo o povo, em Lev_16: 34, o Dia da Expição, um no ano por todos os pecados é declarado para ser uma lei eterna. A afirmação de que Aaron (Lev_16: 2), de acordo com o comando do Senhor, como fez Moisés dirigiu acertadamente fecha o capítulo inteiro.

Uso do número quatro

O número de quatro parece ocupar um lugar predominante neste capítulo, como a visão panorâmica acima já mostra, e como esta pode ser atribuída ainda mais nos detalhes das contas. Mas, mesmo se este significado do número quatro da divisão do capítulo é acidental, embora esse número aparece quase como uma coisa natural, e em 35:4 Ex através 40:38, em Gn 12 a 25, na história de Abraão, Lev 11 a 15, e Dt 12 a 26, naturalmente, se enquadram em quatro perícopes com quatro subdivisões, ainda neste capítulo é, na medida do conteúdo em questão, tão intimamente ligado, e tão bem organizada como um todo, que todas as tentativas de atribuir para diferentes fontes, sobre o qual falaremos logo, deve chegar a zero, tendo em conta este fato.

Coloque em Levítico

Neste ponto, antes de tudo chamar a atenção para o facto de Lv 16 tem o seu lugar bem estabelecido em todo o Livro do Levítico (Levítico comparar). Todo o livro tem como objetivo regular o relacionamento dos israelitas com o seu Deus, e ele faz isso de tal maneira que a primeira parte (Lv 1 a 17) remove os obstáculos que têm sido causados pelo pecado. Neste ordenanças o com referência ao Dia da Expição (Lv 16), e com referência à importância do sangue (Lv 17), constituem um acme natural e excelente conclusão, enquanto este se prepara para a santificação positivo, que é discutido em Lev 18ff. Em Lev_15: 31 encontramos além de uma transição clara para os pensamentos de Lev 16, para mencionar nesta passagem é feita da impureza dos filhos de Israel, que contamina a morada do Senhor, que está no meio deles.

(2) as tentativas modernas para refutar a Unidade do capítulo

Um grande número de tentativas foram feitas para destruir a unidade do presente capítulo, que tem sido demonstrada em divisão (1) acima. Assim Stade separa Lev_16 :3-10, o kernel original dos detalhes e mudando echplanatory que foram adicionados em 16:11-28. Mas já vimos que Lev_16 :3-10 são a preparação para tudo o que se segue, de modo que estes versos demanda Lev_16: 11 como um complemento necessário. Novamente Oort separa Lev_16 :1-4, Lev_16: 11, Lev_16: 14, Lev_16: 16, Lev_16: 18, Lev_16: 19, Lev_16: 23, Lev_16: 24, Lev_16: 25, Lev_16: 29 a partir do repouso, usando a purificação do santuário e da expiação do povo como a medida para essa separação, mas acima de tudo, é provado pelo Eze_45 :18-20 que apenas estes dois pensamentos estão inseparavelmente unidos. Nos últimos tempos tornou-se o costume, segue a liderança do Benzinger, para dividir o texto em três partes. Baentsch divide da seguinte forma: (a) Lev_16 :1-4, Lev_16: 6, Lev_16: 12 m, 34b conter uma única perícopes, que, na base do destino dos filhos de Arão, descrito em Lv 10, determina em que circunstâncias Aaron é o único autorizado a entrar no Santo dos Santos, (b) Lev_16 :29-34 conter "uma antiga lei, relativamente simples, em referência ao dia anual de penitência e expiação", (c) Lev_16: 5, Lev_16: 7 -10, Lev_16: 11, Lev_16 :14-28 é uma ampliação do "depois deste ritual, um rito de sangue mais complicado", e acima de tudo com "o rito do bode pecado." Destes apenas três peças (a) Acredita-se que pertencem ao original Priest Codex, como se provou especialmente pela sua referência a Lev 10, (b) é considerada como pertencente às partes secundárias, porque o dia do arrependimento ainda não é mencionado em Neemias 8s; compare III, 1, em qualquer caso a unção de todos os sacerdotes ainda não há pressupostos (compare Levítico), (c), no entanto, declarou-se muito tarde e as suas partes separadas são consideradas como tendo se originado somente depois que os outros (recentemente também Assim Bertholet). É impossível aqui para entrar em todas as partes menores eliminados pelos exegetas, e da mesma forma que nós não pretendemos em nosso exame para entrar em todas as visões incorretas encontradas nessas críticas. Limitamo-nos à questão principal. O fundamento da crítica é errada. Que os filhos de Arão experientes de acordo com Lev 10 poderia muito facilmente ter fornecido um link de conexão para que o ritual que é introduzido no Lev_16: 2, mas nunca poderia ter fornecido a ocasião para a composição da perícopes acima descrito (a), quando Nadabe e Abiú não tinha entrado no Santo dos Santos a todos. Assim como é pouco justificável a conclusão do capítulo 10, capítulo 16 que inicialmente seguido imediatamente sobre o capítulo 10. Para quem poderia ter concebido a idéia de inserir capítulos 11 a 15 em um local totalmente inadequado entre os capítulos 10 e 16 e, assim, fender, uma ligação tão transparente? Em geral, as diferentes tentativas de quebrar a unidade do presente capítulo mostram como subjetiva e arbitrária, essas tentativas são. Eles são um exemplo característico do modo em que o Codex Priest está agora a ser dividida (compare Levítico). Em geral, material suficiente para a refutação positivo dessas tentativas foi dada acima.

II. O significado do Dia da Expição

1. A Importância de Israel

O significado do dia é expressa no nome "Dia da Expição" *Yom ha-kippurim*: (Yom ha-Kippurim) Lev_23: 27 m; Lev_25: 9), da mesma forma que é rápido no que foi chamado a congregação como um sinal de tristeza por seus pecados (isto jejum sendo a única proscritas pela lei: Lev_16: 29, Lev_16: 31; Lev_23: 26; Num_29: 7), como também, finalmente e sobretudo em todo o ritual (Exo_30: 10; Lev_23: 28; Num_29: 11; Lev 16; compare também Eze_18: 20, Eze_18: 22). Então, também, a expiação tem lugar para o santuário, que foi contaminado pela contaminação dos israelitas (Exo_30: 10; Lev_16 :16-20, Lev_16: 33; compare também Eze_45 :18-20). Em particular, se faz menção do Santo dos Santos (Lev_16: 33, chamado *Mikdash ha-kodhesh*; ()em contrário Lev regularmente kodhesh ha), seguida do lugar santo (Lev_16: 16, Lev_16: 20, Lev_16: 33), e depois do altar (Lev_16: 18, Lev_16: 20, Lev_16: 33). No último caso

citado é uma questão de discutir se o altar do incenso se entende, como é alegado pela tradição judaica, com base no Exo_30: 10, ou o altar de holocaustos, para os quais poderá ser feita referência ao declarações adicionais em Lev_16: 18, para aqueles de Lev_16: 16, e para a conclusão do Lev_16: 17. O altar do incenso (Exo_30: 10), seria então incluída na expiação da tenda da reunião. A posição de certa forma notável Lev_16: 17, então, ao mesmo tempo encontrar sua motivação no fato de que, enquanto Lev_16: 6 e Lev_16: 11 mencionam uma expiação somente para Arão e sua casa, a expiação do Santo dos Santos e do santuário em Lev_16: 17 é de Arão, sua casa, e toda a congregação, enquanto a expiação do altar em holocausto no pátio (Lev_16: 18) seriam destinados apenas para os pecados da congregação. A expiação, no entanto, tem lugar para todas as transgressões da congregação desde o último dia da Expiação (compare Lev_16: 21 m, 30, 34). Em referência ao significado do que é feito com o segundo bode da oferta pelo pecado, compare Lev_16: 8, Lev_16: 20, e Azazel, II, 1. Desta forma, Delitzsch justamente chamado o Dia da Expiação "a Sexta-Feira Santa do Velho Testamento." Quão profundamente a consciência do pecado deve ter sido despertado, se o contrário muitas comandou privado e sacrifícios congregacional não fazer esse tipo de instituição supérflua, e mesmo se o sumo sacerdote levantou-se diante de Deus como um pecador (Lev_16: 6, Lev_16: 11). Neste dia, com exceção da mitra, ele não usa as insígnias de seu ofício sacerdotal, mas veste roupas brancas, que em sua simplicidade corresponde à seriedade da situação. A repetição do banho, tanto no seu caso e no de outras pessoas envolvidas na cerimônia (Lev_16: 4, Lev_16: 24, Lev_16: 26, Lev_16: 28), foi necessária, pois a lavagem simples das mãos e pés (Exo_30: 19 f) não seriam suficientes nesta ocasião (compare Num_19: 7, Num_19: 19, Num_19: 21). A carne dos animais oferta pelo pecado, não era permitido para ser comido, mas tiveram que ser queimados (Lev_16: 27), porque ele foi sacrificado também para o pecado de Arão, e seu sangue não foi realizado apenas para o lugar santo, mas também no Santo dos Santos (compare Lev_16: 27 com Lev_6: 23 Lev_4: 11 m, 21; Exo_29: 14 Lev_8: 17; Lev_9: 11 Lev_10: 19). E em comparação com a consciência do pecado que haviam sido despertadas, como deve, em grande graça do outro a mão de Deus aparecer, quando uma vez em cada ano, uma dispensa geral de todos os pecados que haviam sido perdoados estava garantido.

2. Significado do ponto de vista cristão

"O Dia da Expiação, na sexta-feira boa do Antigo Testamento" - essas palavras expressam não só significado maior do dia, mas também suas limitações. Como o tabernáculo, o sistema sacrificial, a lei inteira, assim também o Dia da Expiação, em particular continha apenas a sombra de futuro as coisas boas, mas estas coisas não se (Heb_10: 1), e é "como no modelo para o verdadeiro" (Heb_9: 24). Cristo entrou no lugar santo, o que não foi feito com as mãos, ou seja, no próprio céu, e agora apareceu diante de Deus, por uma vez por todas dando a si mesmo como um sacrifício para a remoção do pecado (Heb_9: 23). Por este ato, a finalidade do culto sacrificial do Velho Testamento e seu maior desenvolvimento, nomeadamente, o Dia da Expiação, entendida no seu significado típico, tem sido cumprida, e, ao mesmo tempo e, assim, superou revogada (compare Levítico). Assim, a nossa esperança, também, como uma âncora - (Heb_6: 19), penetra no interior do véu no sentido mais elevado do termo, isto é, para o céu.

III. Sobre a História do Dia da Expiação

1. O longo silêncio da História

(1) os factos e as conclusões falsas

O Dia da Expiação é indicado como tendo sido instituída na época de Moisés (Lev_16: 1), a cerimônia tem lugar no tabernáculo (tenda de reunião), as pessoas são pressupostos para estar no acampamento (Lev_16: 26); Aaron ainda é o sumo sacerdote. Muito notavelmente, mas há poucas evidências do cumprimento deste dia importante na história recente de Israel. Até o tempo do exílio há encontrado um profundo silêncio sobre este assunto. O dia da expiação em Eze_45: 18 (compare com I, 1) diferem no número e na observância do que em Lv 16. De acordo com Zec_3: 9, Deus no futuro messiânico vai tirar a culpa da terra em um único dia, mas isso também não apresenta mais de uma analogia com os resultados do Dia da Expiação. Por outro lado, não há nenhuma referência ao dia em que poderíamos esperar. Não só 2Ch_7 :7-9, em conexão com a consagração do templo de Salomão, e Ezr_3 :1-6, na conta da reintrodução dos serviços de sacrifício após o retorno do exílio, estão em silêncio sobre o assunto, fato que poderia ser explicado de uma forma fácil, mas também Neemias 8 f. De acordo com Neh_8: 2 f, Ezra começa no dia 1 do mês 7 no ano 444 aC para ler a lei, no dia 2 do mês 7 lembrança é feita do decreto tratar da festa dos tabernáculos, e no dia 22 do mês 7 (Neh_8: 13), este festival é observado, no dia 24 do mês sétimo um dia de penitência é observado (Neh_9: 1), mas do Dia da Expiação próximos entre Neh_8: 1 e Neh_9: 1, ou seja, no dia 10 do mês 7, que parece tornar o dia de penitência supérfluo, nada é dito. A partir destes factos, a escola de Wellhausen tem chegado à conclusão, em conformidade com seus princípios observados em outros lugares, que todas as representações jurídicas que não têm na história uma prova suficiente de ter sido observado, não existe até o momento em que temos provas históricas, ; que, portanto, que o Dia da Expiação não originários até depois do ano 444 aC. Alega-se que o dia se originou nos dois dias da expiação mencionados no Eze_45 :18-20 (compare com I, 1), nos quatro dias de jejum nacional de Zec_7: 5, e Zec_8: 19, e no dia de penitência de 444 aC, que acabamos de mencionar, no dia 24 do mês 7, que se diz maluco e foi repetida no dia do Ano Novo seguinte, no dia 10 do mês 7, e que pelo caráter sagrado de sua observância em breve lotado no dia de Ano Novo no dia 1 do mês 7 (compare Lev_23: 23; Num_29: 1; ao contrário do Lev_25: 9 e Eze_40: 1). Desta forma, acredita-se que Lev_16: 29 primeiramente originou, e que em um tempo ainda depois do ritual de sangue complicado tinha sido adicionado (compare com I, 1, 2). Mas deve ser observado ainda que, em tempos mais tarde não se encontra nenhuma menção mais freqüente do Dia da Expiação do que no anterior, mas é o costume da crítica moderna de colocar um volume muito maior de literatura bíblica para o período posterior. Só quando chegamos a Jesus Siraque (Eclesiástico 50:5 ss), que o sumo sacerdote Simon é elogiada, quando ele saiu de trás do véu, e este é certamente uma referência. para o Dia da Expiação, embora nenhuma menção é feita neste local da cerimônia como tal. Depois, há um silêncio ainda mais sobre o assunto até Philo e da Epístola aos Hebreus (06:19; 09:07, 13ff; ff 10:01; compare com II, 2). É provável também que o jejum mencionados no Act_27: 9 baseia-se no Dia da Expiação. Temos deste modo um exemplo característico para mostrar como devemos tratar com cuidado o argumento do silêncio, se não queremos chegar a resultados desconfortável.

(2) a historicidade do Dia da Expiação

Desde 16 Lev constitui apenas uma parte da legislação levítica, a questão do caráter original e histórico do dia não pode ser discutido neste lugar (ver Levítico). Em um período tão tardio, naturalmente, todos os dados que levariam a uma explicação sobre a origem dessa instituição tão fundamental como o Dia da Expiação estão faltando. É ainda mais impossível separar 16 Lev da outras ordenanças sacerdotais, porque o nome da tampa da arca da aliança *hakapporeth*: (hakapporeth) Exo_25: 17; Exo_26: 34) está na relação mais forte com a cerimônia que acontece com este arca, no Dia da Expiação. A impossibilidade de divisão Lev 16, como é a forma de crítica, ou mesmo quanto separando-Lev 11 a 15, foi suficientemente demonstrado acima (compare com I). Contra a opinião de que as forças do Codex Priest baixo, pelo menos, para o exílio e para reivindicar o tabernáculo como o produto da imaginação e como uma cópia do templo de Salomão (cf. Êxodo), temos ainda o seguinte a acrescentar: Se a arca de a aliança não estava mais na existência após o exílio e se, de acordo com Jer_3: 16, os israelitas já não se espera a sua restauração, em seguida, teria sido absolutamente impossível no ritual

do Dia da Expição para conectar-se a cerimônia mais importante desta ritual com esta arca e sobre esta base para a expiação. No segundo templo, como é sabido, o incenso pan foi colocado na pedra "no Santo dos Santos, porque não havia nenhuma tenda. Contra estes factos, a contra-argumentos acima mencionados podem não estar. Mesmo aqueles que negam a existência do Dia da Expição não insistir muito na 2Ch_7 :1-9 e Eze_3 :1-6, mas Neemias 8s também não merecem, pois neste local a ênfase recai sobre o propósito de mostrar Como a congregação foi declarar sua adesão à lei, e como o Dia do Arrependimento, que tinha sido observada desde o início da história de Israel, foi instituído para ser observado a partir do dia 24 do mês 7 de todos os pecados (Eze_9 : 1), e não foi feito supérfluo pela celebração do Dia da Expição, no dia 10 do mês 7, dia em que só os pecados do ano passado, foram levadas em consideração. Mas Ezequiel alteradas ou ignoradas também outras modalidades pré-exílio (compare Ezequiel), para que ele não é autoridade para decidir a questão quanto à existência anterior do Dia da Expição. Finalmente, a atenção deve ser estabelecida para o facto de a festa da Páscoa é mencionado na literatura profética, para além da simples referência Isa_30: 29, somente em Eze_45: 21; a arca da aliança só Jer_3: 16, a Festa de Tabernáculos apenas Hos_12: 9; Eze_45: 25, e que, na sua ligação histórica a Festa das Semanas é mencionado apenas incidentalmente em 2Ch_8: 13, e possivelmente em 1Ki_9: 25, e não é em todos os encontrados em Ezequiel (compare Eze_45: 18), embora a existência destas instituições tem por muito tempo foi posta em causa.

2. Promover o desenvolvimento

O Dia da Expição, de acordo com sua finalidade em tempos mais tarde, veio mais e mais em primeiro plano, e foi chamado de "o grande jejum" ou "o grande dia", ou simplesmente "o dia." Seu ritual foi posteriormente ampliada e peças especiais previstos na lei foram totalmente explicados, fixos e especializados. Compare especialmente no trato "Yoma" no Mish, e para as elaborações mais e histórias em poesia e prosa sobre a base do Talmud, ver, por exemplo tradução Delitzsch em Maim, *Ha-yadh ha-hazakah*, (Ha-ha yadh hazakah), no suplemento ao seu comentário sobre a Epístola aos Hebreus, 1857. De acordo com esses relatos, por exemplo, o sumo sacerdote tinha de ser um homem casado. Já, sete dias antes do início do Dia da Expição, ele foi obrigado a deixar sua casa e teve que se submeter a uma série de purificações e teve de prática para a realização das cerimônias de purificação diferentes, algumas das quais foram difíceis. A última noite não era permitido dormir e teve que gastar seu tempo estudando os escritos sagrados. No Dia da Expição, ele levou cinco banhos e lavagens de dez anos. Quatro vezes ele entra no Santo dos Santos (com o incenso), com o sangue de ambos os sacrifícios pelo pecado, e quando ele traz os utensílios utilizados, com o incenso faz três confissões dos pecados (para si, para si e para sua casa, para Israel), 10 vezes em tudo o que ele pronuncia o nome do Senhor; 43 vezes em que ele asperge e, além disso ele deve ler determinadas seções das Escrituras ou repeti-las da memória (compare também AZAZEL). Quando ele volta para casa, ele celebra uma festa de alegria, porque ele tem, sem danos foram capazes de deixar o santuário. Além disso, ele realizou um trabalho físico severo, e especialmente difícil foi a manipulação do incenso. A estimativa moderna colocados no Dia da Expição, resulta a seguinte citação de Wellhausen: "O rito eo sacrifício pelas circunstâncias desfavoráveis do tempo desapareceram, mas manteve o mesmo caráter sagrado. Quem ainda não completamente rompido com o judaísmo observa este dia, não importa o quão indiferente, ele pode ser de outra forma de velhos costumes e festivais. "

Atarote-Bete-Joabe

at-roth-beth-jo'ab , 'atroth beth yo'abh "coroas da casa de Joabe"): na KJV "Atarote," a casa de Joabe. Provavelmente uma família em Judá (1Cr 2:54).

Atarote-Sofã

at'roth-sho'fan , 'atroth shophan; Septuaginta , gen sophan: Uma cidade construída ou fortalecida pelos filhos de Gade Leste do Jordão (Nm 32:35), nomeada próximo a Aroer. Se tivesse estado a *Khirbet 'Attarus* ou *Jebel 'Attarus* (HDB e EB, debaixo da palavra) Aroer quase não teria sido nomeado entre eles. A KJV que lê para Atarote, Sofã, que entende que são nomeados dois lugares. Nenhuma identificação ainda é possível.

Atai

at'ta-i at'i , 'attay, "oportuno" [?]:

- (1) um filho de Jará, o egípcio, por uma filha de Sesã (1Cr 2:35 f).
- (2) um soldado de Gaditas que se alistou no exército de Davi a Ziclague (1Cr 12:11).
- (3) um filho de Roboão e neto de Salomão (2Cr 11:20).

Atingir

a-tan': A retribuição de , *kanah* = "compre," "adquira" (Pv 1:5); , *nasagh* = "alcance," "uma refeição oferecimento... outorgando como ele é capaz" (margem de Ez 46:7), "não atingiu até os dias" (Gn 47:9); , *yakhol* ou , *yakhol* = "seja capaz," "supere," "atinja a simplicidade" (Os 8:5); , *bo'* = "venha," "siga" (2Sm 23:19, 2Sm 23:23; 1Cr 11:21, 1Cr 11:25); , *katantao* = "chegue a" (At 27:12 a KJV; Fp 3:11); , *katalambano* = "leve avidamente," "agarre," "tema," "atingiu a retidão" (Rm 9:30); φθαρνο, , *phthano* = "chegou a" (Rm 9:31 a KJV; Fp 3:16); , *lambano* -" leve," "adquira um cabo de," "captura," a Versão Revisada (britânico e americano) "já obteve" (Fp 3:12); , *parakoloutho* = "siga," "rastros fora," "conforme" (1Tm 4:6). Aqui a Versão Revisada (britânico e americano) corrige a KJV.

Atalia 2

at-a-li'a , *Attaha*: Uma cidade na costa sulista de Ásia Menor na antiga Panfília que, de acordo com At 14:25, foi visitada por Paulo e Barnabé a caminho de Antioquia durante a primeira viagem missionária deles. A cidade foi fundada através de Atalus II Filadelfus (159-138 a.C), conseqüentemente, seu nome Atalia que durante os Idade Média foi corrompido a Satalia; seu nome moderno é Adalia. Atalia estava em um terraço plano de pedra calcária, aproximadamente 460 metros de alto, próximo ao ponto onde o Rio de Catarrhactes fluía no mar. Porém, o rio desapareceu agora praticamente, para a maior parte de sua água é se transformado nos campos para propósitos de irrigação. A cidade cedo não desfrutou a importância eclesiástica da cidade vizinha de Perga; mas em 1084 quando Perga recusou, Atalia se tornou uma metrópole. Em 1148 as tropas de Louis IV velejaram de lá para a Síria; em 1214 o Seljuks restabeleceu as paredes de cidade, e ergueu vários edifícios públicos. A cidade continuou sendo o porto principal para navios da Síria e

Egito, e o ponto de entrada para o interior até tempos modernos, quando o porto a Mersine foi reabrido; se tornou um lugar de pouca importância agora.

A cidade possui considerável que é de interesse arqueológico. O porto exterior foi protegido através de paredes antigas e sobressai agora em ruínas; sua entrada estava fechada com uma cadeia. O porto interno era mas um intervalo no precipício. A cidade era rodeada por duas paredes que foram construídas a vários tempos de material levadas das ruínas da cidade antiga; a parede exterior foi protegida por um moat. A cidade moderna, mentindo em parte dentro e em parte sem as paredes é dividido Assim em quartos. No trimestre sulista ao vivo os cristãos; no do norte os muçulmanos. Ainda entre outros objetos de interesse arqueológico ser vistos podem ser mencionados o portal curvado se inscrito de Hadrian e o aqueduto. Rich ajardina agora cerque a cidade; as exportações principais são grão, afague, raiz de alcaçuz e valonia ou bolota-xícaras.

Atalus

at´a-lus: Rei de Pergamo, mencionado em (**LA**) 1 Mac 15:22 entre os reis para quem foi enviado um édito (Antig. XIV, viii, 5) de Roma que proíbe a perseguição dos judeus. Veja ATALIA.

Assistir; Assistência

a-tend´; a-tend´ans: (1) “inclinár,” “escute,” “consideração” , *kashabh* SL 17:1 etc.); então, na KJV, “observe,” mas na Versão Revisada (britânico e americano), mais freqüentemente, “dê atenção” , *prosechein noun*, como em 1Tm 4:13. (2) “ser com,” “leve ao cuidado de,” “espera em” (Et 4:5; Hb 7:13; Rm 13:6); literalmente, “dê cuidado constante para,” como em 1Co 7:35 (o Luther: “constantemente sirva o Deus e sem obstáculo”).

Atento

a-tent´ (arcaico; 2Cr 6:40); a-tent´iv: Expressos a direção de pensamento e interessa para um ponto. Mesma palavra hebraica como “assista,” e é particularmente usado em orações (Sl 130:2; Ne 1:6). “Muito atento” (Lc 19:48) uma paráfrase é para o que é feito literalmente na Versão Revisada (britânico e americano), “as pessoas que tudo penduraram nele, enquanto escutando” , *exekre meto*.

Attharates

a-thar´a-tez: Um título nomeado a Neemias, provavelmente por um editor posterior (Ne 8:9). A Septuaginta omite o título; a Vulgata (a Bíblia latin de Jeronimo, 390-405 d.C) dá “Athersatha”; a KJV lê “Neemias que é o Tirshatha.” Tirshatha é o título Persa para um governador local ou provinciano (Ne 8:9 = **LA** 1 Esdras 9:49). Veja TIRSHATHA.

Attharias; Atharias

a-tha-ri´as: **LA** 1 Esdras 5:40 = Ed 2:63. Veja TIRSHATHA.

Traje; Traje tingido

a-tir´: “uma virgem pode esquecer dos ornamentos dela, ou uma noiva o traje dela?” pergunta para o profeta Jeremias em protesto quente contra a deslealdade de Israel. “Contudo,” Yahweh, “minhas pessoas me esqueceram” (Jr 2:32). “E eu vi que ela foi sujada,” chora Ezequiel contra Jerusalém; “ela viu os homens... cingiu com cintas nos lombos delas, com turbantes correntes [AV que excede em traje tingido nas cabeças delas,... depois da semelhança dos babilônico em Caldéia,... e... ela caducou neles...” (Ez 23:13-16). “E, veja, lá o conheceu,” diz o autor de Provérbios (Pv 7:10) na descrição dele “a mulher estranha,” que “menti em espera a todo canto de rua,” “uma mulher com o traje de uma meretriz, e manhoso de coração,” de quem “casa é o modo a Sheol” (Pv 7:27). Estas passagens mostram como difere e estica o termo “traje” era usado entre os hebreus. Os numerosos sinônimos para “vestido,” “traje,” “vestuário,” “roupas,” “artigo de vestuário,” etc., ache em Versões inglesas da Bíblia, reflita uma riqueza semelhante de nomenclatura no hebreu original e grego; mas a falta de exatidão e consistência nas retribuições de tradutores faz a identificação dos vários artigos de vestido se referida para muito difícil, às vezes impossível. Veja VESTIDO.

Atitudes

at´i-tuds: Costumes mudam lentamente nas terras da Bíblia. Isso fica claro pela comparação das muitas referências encontradas na Bíblia e outras literaturas do Oriente com as circunstâncias e condições existentes. O mesmo fato é confirmado pelas imagens que ilustram a vida diária dos monumentos da Assíria, Babilônia e Egito nos países entre o Nilo eo Tigre. Muitos destes, que remonta ao segundo ou terceiro milênio antes de nossa era, provar conclusivamente que as mesmas práticas e usos como agora são comuns entre os habitantes daquelas terras estavam em voga nos dias de Hamurabi e dos primeiros governantes do Egito. Isto é especialmente verdade de questões relacionadas com a adoração dos deuses e das atitudes e posições assumidas em homenagem e respeito aos reis e as autoridades.

As muitas referências na Bíblia a esses mesmos usos provar que os hebreus também tinham muito em comum com as nações ao redor deles, não só na religião, mas também no modo de adoração, bem como na etiqueta quotidiana em geral. Isso não é estranho, pelo menos entre os povos semitas, pois há mais ou menos consensual, mesmo entre todas as nações, antigas e modernas, na atitude do adorador, no templo e alto.

Os símbolos exteriores de respeito e honra demonstrado por orientais aos seus superiores, acima de tudo, monarcas, pode parecer exagerada. Mas quando nós consideramos que o rei era vice-regente de Deus sobre a terra ou sobre um determinado país, e em certo sentido divino, digno de adoração mesmo, não é estranho que quase igual a homenagem deve ser prestada a ele como os próprios deuses. Quanto maior for a pessoa que estava no poder, a maior honra e respeito mostrado a ele. É natural, portanto, que Deus, o Senhor dos Senhores e Rei dos Reis deve ser o destinatário da maior reverência e adoração.

Existem várias palavras em hebraico usada para descrever as diferentes atitudes assumidas por aqueles que adoravam a Javé e os deuses pagãos, as mesmas palavras são constantemente empregados no discurso de homenagem e respeito pagos aos governantes e

peças de autoridade. Os termos mais comuns são os prestados "ficar", "se curvar", "se ajoelhar" e "prostrar-se" ou "cair sobre o rosto." Nem sempre é fácil diferenciar entre eles, pois muitas vezes se passa imperceptivelmente o outro. Sem dúvida, várias atitudes foram assumidas pelo adorador suplicante ou ao oferecer uma oração ou petição. A intensidade, o ardor ou zelo com que uma petição ou oração foi apresentada naturalmente tem muito a ver com as palavras e na postura do impetrante, embora a mesma expressão pode ser empregada para designar sua postura ou atitude. Assim, "a cair sobre o rosto", pode ser feito de várias maneiras diferentes. Os muçulmanos observam um curso regular de nove ou mais diferentes posturas em sua adoração. Estes são mais ou menos fielmente observados pelos fiéis em todos os lugares. É quase certo que os hebreus em comum com os orientais e outros observados passou por quase todas essas atitudes como eles se apresentaram em oração ao Senhor. Vamos chamar a atenção para apenas quatro posturas: (1) em pé (2), curvando-se (3), de joelhos, e (4), caindo sobre o rosto ou prostração.

1. Em pé

Esta foi uma das posturas muito comuns em oração a Deus, especialmente no culto público. Ainda é costume estar tanto ereto ou com a cabeça ligeiramente inclinada, oferecendo as orações do público na sinagoga. Esta é também a prática comum de um grande número de cristãos nessa e em outras terras, e, sem dúvida, tal postura é punida com o exemplo da igreja primitiva e os cristãos primitivos, que, por sua vez, adotou os costumes da igreja judaica. A mesma prática foi em voga entre os persas, egípcios e babilônios e outros povos antigos como é evidenciado pelas suas esculturas e pinturas. A famosa estela de Hammurabi mostra esse grande rei em uma posição ereta quando ele recebe o famoso Código do deus-sol. Existem inúmeros selos de Babilônia e Assíria em que são retratados sacerdote em pé diante do trono de Sin ou Shamash. Nesta atitude com as mãos levantadas, ele é às vezes acompanhado pela pessoa em cujo nome as orações são feitas. Uma escultura em pedra bonita Ibriz, Sudeste do Eregli em Licaônia, mostra-nos um rei ou sátrapa em uma posição ereta, adorando um Baal local. EJ Davies, o descobridor do monumento hitita, descrevendo-o, faz esta observação, que não podemos deixar de inserir, na medida em que dá mais uma prova do Oriente imutável. Ele diz: "Ele (o deus) usa botas apareceram na frente, e volta obrigado a perna acima do tornozelo por tiras de couro e um pedaço de couro chegar a meio caminho até a canela, exatamente como ele é usado até hoje pelos camponeses da planície de volta Cilícia Adana. "O rei Salomão, durante pelo menos uma parte de sua oração na dedicação do templo, estava diante do altar com as mãos esticadas para o céu (1Rs 8: 22). alusões à oração na prova do Novo Testamento que estava de pé a postura comum (Mt 6: 5; Mc 11: 25; Lc 18: 11).

O que foi dito sobre estar orando para Deus é verdadeiro também da atitude do impetrante quando homenagear ou fazer uma súplica para o homem. Os monumentos assírios e babilônicos estão cheios de provas sobre este ponto, daremos apenas uma ilustração: Uma das esculturas descrevendo o cerco de Laquis por Senaqueribe representa o monarca como sentada em seu trono, enquanto o posto conquistado ou ajoelhar-se diante dele. Joseph se diante de Faraó (Gn 41: 46). conselheiros Salomão estava em pé diante dele (2Cr 10: 6) e aqueles que fizeram de Roboão (2Cr 10: 8). A mesma atitude foi assumida pelos suplicantes na corte persa (Et 5: 2; Et 8: 4). O mesmo é verdade da Babilônia (Dn 1: 19; Dn 2: 2).

2. Ajoelhando

Embora em pé, parece ter sido a atitude usual, é quase certo que rebaixamento era comum em todos os momentos. Os monumentos dar provas abundantes para esta afirmação, assim também as muitas referências na Bíblia. Salomão não só parou diante do altar, por ocasião de dedicar o seu famoso templo, mas ele também se ajoelhou (1Rs 8: 54; 2Cr 6: 13). Josefo, descrevendo esta cerimônia, diz que o rei no final da sua oração se prostou no chão e continuou adorando essa postura por muito tempo. Esdras caiu de joelhos como se dirigiu o Senhor em oração (Ed 9: 5). Daniel, também, ajoelhou-se de joelhos e orou três vezes ao dia (Dn 6: 10). A mesma prática foi observada pelos apóstolos e da igreja primitiva, pois lemos que Estevão (At 7: 60), Pedro (At 9: 40), Paulo (At 20: 36) e outros (At 21: 5) assumiu essa postura como eles rezaram .

3. Curvando-se

Como já foi dito, nem sempre é fácil determinar exatamente a postura daqueles descritos como ajoelhar ou se curvar, pois este variou de acordo com o temperamento do suplicante, ea intensidade de sua oração ou súplica. Eleazar quando enviado para selecionar uma mulher para seu mestre, Isaque, curvou-se diante do Senhor (Gn 24: 26). Os hebreus na saída do Egito foi ordenado a se curvar ao Senhor (Ex 11: 8; Ex 12: 27, Ex 12: 28). A liminar do Salmista mostra a prevalência desta postura na oração: "Ó, vinde, adoremos e prostremo-nos" (Sl 95: 6). Isaías refere-se a mesma coisa quando ele diz: "Todo joelho se dobrará" a Deus (Is 45: 23). Paulo também curvou os joelhos para o Pai (Ef 3: 14). A prática mesmo obtido entre as nações pagãs que adoravam os seus deuses ou ídolos. Naamã se curvaram diante de Rimom, seu deus. As proibições numerosos nas Escrituras Hebraicas contra curvando-se em santuários das nações ao redor de Israel provar a prevalência desse método de adoração. De fato, um dos dez mandamentos é dirigida expressamente contra a reverência ou adoração a ídolos (Ex 20: 5). A mesma proibição foi repetido muitas vezes, como por Josué (Js 23: 7) e autor de dois Reis (2Rs 17: 35). Infelizmente, Israel fez transgredir nesta coisa, por enquanto ainda está no deserto, curvou-se aos deuses dos moabitas (Nm 25: 2) e novamente após a sua liquidação em Canaã (Jz 2: 12). Amazias, inclinou-se para os deuses de Edom (2Cr 25: 14). Como deferência também foi mostrado aos anjos ou seres sobrenaturais. Assim, Abraão se prostra para os três anjos que aparecem para ele em Manre (Gn 18: 2). E assim o fez Lo em Sodoma (Gn 19: 1). Josué caiu sobre seu rosto antes de o príncipe do exército do Senhor (Js 5: 14). Essa atitude era comum a Ezequiel que viu suas visões maravilhosas (Ez 1: 28; Eze_3: 23, e muitas vezes). Daniel quando viu Gabriel em uma visão estava com medo e caiu com o rosto (Dn 8: 17). Os três discípulos tiveram a mesma experiência no Monte da Transfiguração (Mt 17: 6).

Monarcas e pessoas de posição superior eram os destinatários das honras e como marcas de respeito. Os irmãos de José inclinaram como eles chegaram à sua presença, achando que ele era um egípcio de alta hierarquia (Gn 43: 28). Bate-Seba inclinou ao rei Davi, quando ela entrou na presença do interesse de seu filho Salomão (1Rs 1: 16, 1Rs 1: 31). Mas tal deferência não foi mostrado para os monarcas apenas, por Jacob e sua família inclinou-se sete vezes ao Esaú irado (Gn 33: 3). Abigail caiu sobre seu rosto diante de Davi, enquanto ele estava marchando para vingar a Nabal, seu marido (1Sm 25: 23). David também quando ele foi se encontrar com Jonatas caiu com o rosto em terra e inclinou-se três vezes (1Sm 20: 41). A mulher sunamita, como ela veio a Eliseu suplicar pela vida de seu filho, se curvou diante do profeta (2Rs 4: 37). O mesmo costume prevaleceu, não só entre os persas, como é evidente a partir do livro de Ester e os monumentos em Persépolis, mas também na Babilônia, Assíria e em outros países.

4. Prostração

Esta foi apenas uma forma mais intensa de mostrar uma relação ou de enfatizar uma petição. Era o sinal de abjeta submissão ou a mais profunda reverência. Abraão, quando o Senhor lhe apareceu e lhe prometeu um filho, com profunda gratidão e grande alegria caiu prostrado no rosto (Gn 17: 3). Moisés e Arão foram freqüentemente encontrados nesta postura (Nm 14: 5; Nm 16: 4, Nm 16: 45; Nm 20: 6). Elias, excêntrico, em muitos aspectos, lançou-se sobre a terra e colocou seu rosto entre os joelhos (compare 1Rs 18: 42). Emprego caiu no chão e adoraram o Senhor (Jó 1: 20). Essa homenagem foi muitas vezes demonstrado que o nosso Salvador (Mc 5: 22; Jo 11: 32), não porque os homens perceberam que Ele era Deus em carne e osso, mas simplesmente como um sinal de respeito por um grande mestre e milagreiro. É para ser notado em dia, nosso Salvador nunca recusou tal homenagem, mas aceitou-a como pertinente e adequada. Porventura, não percebem que a honra ea adoração divina lhe pertencia, ele teria recusado-los apenas como Pedro, quando Cornélio se ajoelhou a seus pés eo adoraram (At_ 0: 25) ou como o anjo Ap 19: 10, que disse a João , prostrada a seus pés, "Veja, não faça isso: Eu sou um servo companheiro", etc Veja adoração, III.

Hatus

at'us (**LA**) 1 Esdras 8:29 = Ed 8:2). Veja HATTUSH.

Audiência

o'di-ens: Traduzido do hebraico , *ozen*, "orelha." Em Gn 23:10 "na audiência de" é igual para "na presença de," ou "enquanto eles escutaram." Compare Ex 24:7; 1Sm 25:24 (Revisou Versão (britânico e americano) "em orelhas ouvinte"); 1Cr 28:8; Ne 13:1. No Novo Testamento a expressão "dar a audiência" (At 22:22; At 13:16, a Versão Revisada (britânico e americano) "ouvir, escutar atentamente"; At 15:12, a Versão Revisada (britânico e americano) "eles ouvem") traduziu do grego , *akouo* "ouvir" ou derivado, e meios "escutar," "prestar atenção." Na KJV Lc 7:1 (Revisou Versão, "nas orelhas de") e na KJV Lc 20:45 (Revisou Versão, "na audição de") o uso é semelhante a isso do Velho Testamento.

Augia

o'ji-a , *Augia*: A esposa de Jado cujos os filhos foram afastados do sacerdócio porque os nomes deles não foram achados nos registros, os antepassados deles tendo "usurpado o serviço do sacerdócio" (**LA** 1 Esdras 5:38). Omitido em Ed 2 e Ne 7.

Adivinhos, O Carvalho de

o'gurs' ok: Se nós traduzíssemos o verbo hebreu 'onen, "praticar augúrio" (veja AUGURE) nós devemos em Jz 9:37 para "o carvalho de Meonemim" faça "o carvalho dos adivinhos" como na Versão Revisada, margem, porque a última palavra simplesmente é a parte. Do mesmo verbo e meios "um que pratica auguri," entretanto há alguma dúvida sobre a conotação exata da palavra. Veja debaixo de ADIVINHAÇÃO. As Versões inglesas da Bíblia fazem para este substantivo o nome de um lugar; mas nenhum tal lugar é conhecido e a derivação e forma da palavra estão claras e certas. Nós temos uma frase semelhante semelhantemente entendida mal por nossos tradutores em Gn 12:6 onde o "carvalho de Moré" deveria ser "o carvalho" (ou "terebinto") "do diviner" ou "prediga," para *moreh* é também uma parte. = "um que ensina" ou "dirige." Provavelmente a mesma árvore é significada, desde em cada facilidade o bairro é isso de Siquem. A adoração de árvores, ou bastante a deidade supôs para lhes fazer a casa dele, prevaleceu muito amplamente. Veja W. R. Smith, Rel. Semitic. (2), 195; compare Jz 4:5; 2Sm 5:24 e "o carvalho de Zeus a Dodona." Em Jz 9:6 nós lemos de um "*macebhah*, árvore de carvalho": a árvore com um altar no qual foram oferecidos sacrifícios. O carvalho sobe em árvore de Gn 12:6 e de Jz 9:37, se são significadas duas árvores distintas, seria árvores que o Canaanitas tinha estado no hábito de consultar: conseqüentemente, o nome.

Auguri

o'gu-ri o'gur-i: Esta palavra acontece na Versão Revisada (britânico e americano) em Lv 19:26; Dt 18:10, Dt 18:14; 2Rs 21:6, e o paralelo em 2Cr 33:6. Em todos estes casos o verbo "auguri de prática" está na KJV "observar tempos." O verbo assim traduzido é , 'onen que pretende proferir um baixo som coaxando provavelmente como era terminado em adivinhação. Veja ADIVINHAÇÃO.

I. Definição

A derivação de "predizer" é duvidoso, mas que significa estritamente para divino do vôo de pássaros é sugerido por sua etimologia de probabilidade (*avis, gur*) e especialmente do fato que em latim primitivo o adivinho foi chamado áuspice (= *avi spex*). Mas ambas as palavras chegaram a ser aplicadas a todas as formas de divining de presságios.

II. Auguri Entre os romanos

O adivinho romano era um funcionário do governo, liquidado guiar os conselhos da nação em tempos de paz e de guerra. Os sinais principais dos quais estes adivinhos deduziram os presságios deles eram estes: (1) sinais celestiais, principalmente raio e trovões, a direção do anterior (direita para esquerda um sinal bom, e vice-versa); (2) sinais do vôo, gritos e alimentação de pássaros; (3) sinais dos movimentos e sons audíveis de animais, inclusive serpentes; (4) sinais do exame das entranhas dos animais; (5) belomancia, ou adivinhação através de flechas; (6) sortilégio, ou adivinhação através de sorte. Entre os romanos como entre outras nações (babilônico, etc.), um sacrifício foi oferecido antes de foram levados presságios, para propiciar os deuses.

III. Auguri Entre os gregos

Quase o único tipo de adivinhação praticado ou até mesmo conhecido entre os romanos era isso por sinais ou presságios, entretanto Cicero (de Div. i.1 f) nota outro tipo que pode ser chamado adivinhação por inspiração direta dos deuses. É este modo mais alto e mais espiritual de adivinhação que obteve em grande parte entre os gregos cuja palavra principal para adivinhar insinua isto. Ainda o mais baixo tipo de adivinhação conhecido como auguri foi praticado até certo ponto entre os gregos.

IV. Auguri Entre os hebreu

Em geral pode ser dito que a religião de jogo de Israel isto firme e constantemente contra auguri; um fato muito notável quando a pessoa se lembra como predominante estava entre os povos circunvizinho - árabes, assírios, babilônico, egípcios, etc. Seguramente há nesta evidência de Divina especial orientação, porque esses hebreus antigos não são ajustados para ser comparados com os babilônico ou egípcios ou romanos para realizações em arte e geral literatura secular. Para a atitude do Velho Testamento para auguri vêem as passagens enumeradas na abertura deste artigo. São mencionados vários tipos de auguri no Velho Testamento, e em um pouco de facilidades sem condenação explícita.

1. Belomancia

Belomancia era um método de adivinhação através de flechas, vários que era marcado de certos modos, então misturou e puxado ao acaso. Nós temos uma referência a isto em Os 4:12: 'Minhas pessoas perguntam deliberação da madeira deles [literalmente, "árvore" e o pessoal deles [i.e. "seta" lhes fala (os oráculos deles) ']; e também em Ez 21:21: 'Para o rei de Babilônia... adivinhação usada, tremendo as setas para lá e para cá.' A primeira passagem mostra que belomancia foi praticado entretanto por Israelitas que o profeta condenou isto. O segundo é interessante como mostrando como o babilônico usou as setas dele. Será notado que o profeta Ezequiel registra o incidente sem fazer qualquer comentário nisto, favorável ou caso contrário. Porém, ele vai o tido falado, quase certamente condenou isto. Maomé proibiu este uso de setas como "uma abominação do trabalho de Satanás" (Alcorão, Sur. 5 92).

2. Hidromancia

Hidromancia, ou adivinhação através de água, foi praticado por José (Gn 44:3-5) sem qualquer censura por parte do escritor. Havia

entre os romanos e outras nações antigas, como entre árabes modernos, etc., muitos modos de adivinhação por meio de água. Geralmente um pedaço de prata ou ouro ou uma pedra preciosa foi lançado em um recipiente que contém água: foram interpretados os movimentos resultantes da água e as figuras formados de acordo com certos sinais fixos. Veja August., *de Civ. Dei*, vii.31; Strabo xvi.11.39; Iamblichus, *de Myst.*, iii.4.

3. Sortilégio

De sortilégio, ou adivinhação através de sorte, nós temos exemplos em Lv 16:8; Mt 27:35; 1Cr 25:8; Jn 1:2; At 1:26, etc. O Urim e Tumim simplesmente eram um caso de sortilégio, entretanto neste caso, como era suposto que Deus controlava o resultado nos casos enumerados acima. Uma própria tradução de 1Sm 14:41 f, baseado em um texto corrigido de acordo com a Septuaginta de Lucian, é a seguinte: “Falou, pois, Saul ao Senhor Deus de Israel: Mostra o que é justo. E Jônatas e Saul foram tomados por sorte, e o povo saiu livre” Isto iniquidade está nas pessoas, dê Tumim. parece quase certo que estas palavras recorrem a duas bolas postas no éfode do sumo sacerdote e puxadas ao acaso por ele, o uma adivinhação uma resposta, e o outro o contrário.

4. Outros Métodos

Nós nos encontramos com vários outros sinais. O profeta Eliseu dirige ao Rei Jeoás lançar duas setas pela janela para descobrir se o rei será vitorioso ou não (2Rs 13:14-19). Se a lâ de Gideão estivesse molhada e o chão seca este era ser um sinal de vitória vindo em cima dos Midianitas. Não há nada o desaprovando narrativo do curso levado (Jz 6:36-40). Em 1Sm 14:8 é representado o Jonatas como decidindo se ou não ele é atacar os Filisteus pelas palavras ele os ouvirá falarem. Veja Gn 24:12-19 adicional; 2Rs 20:9.

5. Sonhos

Sonhos muito geralmente são mencionados na Bíblia como uns meios de prever o futuro. Veja Gn 20:3, Gn 20:6 f (Abimeleque); Gn 31:10-13 (Jacó); Gn 37:5; Gn 40:3 (José), e também Jz 7:13; 1Rs 3:5 f; Mt 1:20; Mt 2:12; Mt 27:19, etc. A parte do Pentateuco designada por Wellhausen, etc., para Elohist abunda com contas de tais sonhos significantes.

6. Astrologia

Esta adivinhação era levado dos corpos celestes pelos babilônico, e outras nações antigas são questão de conhecimento definido, mas nunca é aprovado no Velho Testamento. Realmente a única referência explícita para isto na Bíblia hebreus acontece em Is 47:13 onde o autor de Exílio zombeteiramente desejos a Babilônia para virar aos astrólogos dela que eles podem a salvar dela ameaçou destruição. Várias inscrições de cuneiforme dão listas de presságios celestiais pelos quais os adivinhos babilônicos prognosticaram o futuro. Em Mt 2 os homens sábios receberam a primeira intimação deles do nascimento da criança Jesus de uma estrela luminosa que eles viram no Leste.

V. Caráter mais Alto de Profecia hebréia

Embora profecia do Velho Testamento em suas mais baixas formas tenha características em comum com adivinhação pagã, se levanta em um nível infinitamente mais alto. O profeta fala debaixo de um impulso forte e de um senso de dever. A adivinhação pagã manipula a chamada dele para dinheiro. O grego *mantis* se trabalhou em um estado de agitação, pensado insinuar inspiração, por música e certas drogas. O profeta se acreditou diretamente guiado por Deus. Veja ASTROLOGIA, 1; ADIVINHAÇÃO.

Literatura

T. Witton Davies, *Magia. Adivinhação e Demonology* entre os hebreus, 1898, 72ff.; artigos em “Adivinhação” em Hastings, *Dicionário da Bíblia* (cinco volumes) (Jevons); *Enciclopédia Bíblica* (T. Witton Davies), e em “Augury” em *Enciclopédia judia* (Blau), valiosos como apóiam como bem dando o rabbinical.

Augustus

o-gus'tus, *Augustos*:

(1) o primeiro imperador romano, e notável na história da Bíblia como o imperador em de quem reina a Encarnação aconteceu (Lc 2:1). O nome original dele era Caius Octavius Caepias e ele nasceu em 63 a.C., o ano do consul de Cicero. Ele era o principal-sobrinho de Julius Caesar, o mãe Atia dele tendo sido a filha de Julia, a irmã mais jovem de César. Ele era só 19 anos de idade quando César foi assassinado na casa do Senado (44 a.C.), mas com um verdadeiro instinto de diplomacia ele guiou o curso dele pelas intrigas e perigos dos anos finais da república, e depois que a batalha de Actium fosse partida sem um rival. Alguma dificuldade era experiente achando um nome que definiria a posição da regra nova do estado exatamente. Ele recusou os nomes de rex e ditador, e em 27 a.C., ele estava pelo decreto do Senado nomeado o Augustus. O epíteto insinuou respeito e reverência além do que é dado em coisas humanas: “Sancta vocant augusta patres: vocantur de augusta Tempia sacerdotum rito dicata manu.” - Ovid Fasti. 609; compare Dion Cass., 5316

Os gregos fizeram a palavra por *Sebastos*, literalmente, “o reverendo” At 25:21, At 25:25). O nome estava conectado pelos romanos com adivinho - “consagrado por religião” - e também com o augere de verbo. Deste modo isto entraram formar um dos títulos imperiais alemães “des de Mehrer Reichs” (extender do império). O comprimento do reinado de Augustus, estendendo como fez mais de 44 anos da batalha de Actium (31 a.C) para a morte dele (14 d.C), indubitavelmente contribuiu muito à determinação e consolidação do regime novo depois dos tempos preocupados das guerras civis.

É principalmente pela conexão de Judéia e Palestina com o Império romano que Augustus entra em contato com Cristianismo cedo, ou bastante com a vida política e religiosa das pessoas judias na hora do nascimento do Cristo: “Agora veio passar por esses dias, lá saiu um decreto de César Augustus que todo o mundo deveria ser associado” (Lc 2:1). Durante o reinado de Herodes o Grande o governo da Palestina foi administrado praticamente sem interferência de Roma exclua, claro que, como considerado a exação do tributo; mas na morte daquela regra astuta e capaz (4 a.C) nenhum dos três filhos dele entre quem o reino dele foi dividido mostrou a capacidade do pai deles. Pelo ano 6 d.C, que a intervenção de Augustus foi convidada pelos judeus eles a prover um remédio para a incapacidade da regra deles, Arquelaus que foi deposto pelo imperador da regra de Judéia; ao mesmo tempo, enquanto Cesaréia ainda era o centro da administração romana, uma guarnição romana pequena foi estacionada permanentemente em Jerusalém. Porém, a cidade foi deixada ao controle do Sinédrio judeu com complete autoridade judicial e executiva a não ser que a pena de morte requereu confirmação pelo procurador romano. Há nenhuma razão para acreditar que Augustus entreteve qualquer avaliação especialmente favorável de Judaísmo, mas ele mostrou para ele favorável para os judeus na Palestina de política e fez tudo para os impedir sentir a pressão do jugo romano. Aos judeus do Diaspora oriental ele permitiu grandes privilégios. Foi segurado até mesmo que a pontaria dele era os fazer a favor de-Rom, como um contrapeso em algum grau para o Helenismo pronunciado do Leste; mas nos corpos autônomos Ocidentais de judeus nunca foi permitido (veja Mommsen, *Províncias do Império romano*, capítulo 11).

(2) para Augustus em At 25:21, At 25:25 aKJV, veja o IMPERADOR.

Tia

ant , *dodhah*, “amando”): a irmã de um pai (Ex 6:20); a esposa de um tio (Lv 18:14; Lv 20:20). Veja **RELAÇÕES, FAMÍLIA**.

Austero

os-ter’ , *austeros*, “severo,” “áspero”): Duas vezes usado por Cristo na parábola das Libras (Lc 19:21, 22), e de significação especial como ilustrando a falsa concepção que os homens tem de Deus apreciada pelo pecador e desobediente. O residente de medo em uma consciência culpada vê só severidade e severidade na retidão perfeita de Deus. A palavra pode ser feita um estudo eminente na psicologia de um coração mau. Má visão da alma do amor de Deus e quadros a retidão dele como severo, insensível, parcial, injusto, proibitivo. A atrocidade do pecado pode ser vista Assim em seu poder assim perverter a alma sobre fazem bondade parecer mau, justiça injusto, e até mesmo não atraente amor. Compare “duro” , *skleros*, “secou,” “severo”) na parábola dos Talentos (Mt 25:24).

Autor

o’ther: Esta palavra é usada para traduzir duas palavras gregas: **(1)** , *aitios*, literalmente, “causa,” conseqüentemente, “o autor.” Hb 5:9, Ele “se tornou o autor de salvação eterna.” **(2)** , *archegos* = literalmente, “o líder principal,” “o príncipe,” “o capitão”; então autor, originador. É feito “o autor” nas passagens seguintes: **(a)** Hb 12:2, “olhando para Jesus, o autor [a KJV, Versão Revisada e rematador [Revisou Versão, “aperfeiçoador” de nossa fé.” Mas aqui parece melhor levar *archegos* em seu senso primário, “o líder” (Revisou margem de Versão “o capitão”), em lugar de em seu senso secundário “o autor.” O significado é, não que Ele é o originador da fé em nós, mas que Ele é o pioneiro na vida de fé. Ele está primeiro na companhia do crente (compare referências para o dele “fidelidade,” Hb 2:17; Hb 3:2, Hb 3:5, Hb 3:6), ultrapassando até mesmo longe na fidelidade dele os santos do Velho Testamento mencionaram em capítulo 11; e então nós somos olhar a Ele como nosso padrão perfeito de fé. Fé não só tem o Cristo para seu objeto, mas Cristo para seu exemplo supremo. Assim Bengel, Bleek, B. Weiss, Alford, A. B. Davidson, Grimm-Thayer,. Porém, outros levam a palavra no senso de “o autor.” **(b)** Hb2:10, “fazer o autor [a KJV, “o capitão” da salvação deles perfeito por sofrimentos.” Aqui a idéia de Cristo como originador ou autor de nossa salvação está presente (compare a passagem Hb 5:9 onde porém uma palavra diferente é usada; veja acima). Mas aqui novamente o significado original de “o líder” não será perdido visão dEle, enquanto sendo o primeiro possuidor de salvação, se torna o autor disto para outros. “A idéia que o Filho entra antes dos economizaram no mesmo caminho deva ser retido talvez” (Davidson). Compare Hb 6:20 onde é dito que o Jesus é nosso “o precursor.” **(c)** At 3:15, a KJV margem de Versão e a margem de Versão Revisada têm “o autor,” onde texto tem “o príncipe.” Aqui novamente é possível que as duas idéias estejam presentes.

Autoridade em geral

o-thor’i-ti.Veja **AUTORIDADE EM RELIGIÃO, I**.

Autoridade em Religião

o-thor’i-ti , *rabhah*; , *tokeph*; , *exousa*; , *exousiazō*; , *katexousiazō*; , *epitagē*; , *huperochē*;
 ω, *authenteō*; , *dunastes*

I. Idéia Geral

1. De Dois Tipos

(1) externo

(2) interno

2. Necessidade de Autoridade universal

3. Necessidade para Critério de Verdade Infalível

4. Última Natureza de Autoridade

5. É Deus

6. Idéias diferentes de Deus e Visões Diferentes de Autoridade

7. Um Problema de Conhecimento para cristãos

II. As Referências Bíblicas

1. No Velho Testamento

2. No Novo Testamento

3. Elementos comuns no Significado deles

III. Ensino bíblico

1. Ensino do Velho Testamento

(1) Forma Patriarcal Primitiva

(2) Autoridade Pessoal e tribal

(3) Os Sacerdotes e videntes

(4) Religião Estabelecida e os reis

(5) Os Grandes Profetas

(6) O Cânon e Tradição de Rabinica

2. Ensino do Novo Testamento

(1) A Autoridade de Jesus Cristo

(a) O Ensino dele

(b) Os Trabalhos dele

(c) Perdoando e Julgando

(d) Vida e Salvação

(e) Derivou dele

(f) No Estado Ascendido dele

(g) O Cristo e o Paracleto

(2) A Autoridade dos Discípulos

(a) Derivou de Cristo

(b) A Autoridade de Paulo

(c) Autoridade de Todos os Crentes

- (d) Autoridade em cima das Nações
- (3) A Autoridade da igreja: Moral e Pessoal
- (4) Autoridade da Bíblia
- IV. Esboço da História Eclesiástica e Autoridade da Doutrina
 - 1. Atraia para Argumentar como Logos
 - 2. Dogma ortodoxo
 - 3. Escolasticismo
 - 4. Absolutismo eclesiástico
 - 5. Princípios de reforma
 - 6. Escolasticismo novo
 - 7. A Luz Interna
 - 8. Experimentar atrás
 - 9. Desconfie de Razão
 - 10. Ceticismo Cristão
- V. Classificação de Teorias
 - 1. Externo
 - (1) Catolicismo incipiente
 - (2) Conselhos gerais
 - (3) Romanismo
 - (4) Infalibilidade papal
 - (5) Inerrância da Bíblia
 - (6) Atração anglicana para Antiguidade
 - (7) Limitações de Autoridade Externa
 - (a) Não Infalível
 - (b) Restos em Autoridade Pessoal
 - (c) Nenhuma Tradição Apostólica Existente
 - (d) Nenhum Consenso de Pais
 - (e) Interpretação de Necessidades da Bíblia
 - (f) Autoridade Necessariamente Espiritual
- 2. Autoridade interna
- Literatura

I. Idéia geral

II.

1. De Dois Tipos

O termo é de significado múltiplo e ambíguo. As várias idéias de queda de autoridade em duas classes principais: como tribunal externo ou público ou padrão que então na natureza do caso só pode aplicar às expressões externas de religião; e como princípio imanente que governa os movimentos mais secretos da vida da alma.

(1) Externo

Um exemplo característico da idéia anterior de autoridade é achado nas Fundações de A. J. Balfour de Convicção: "Autoridade como tenho usado eu que o termo está em todos os casos contrastados com razão, e representa aquele grupo de causas non-rationais, moral, social e educacional que produz seus resultados através de processos psíquicos diferente de argumentando" (pág. 232, 8ª edição). O tamanho das convicções importantes de homens é produzido e autorizou por "costume, educação, opinião pública, as convicções contagiosas de compatriotas, família, festa ou igreja" (pág. 226). Autoridade e razão são "pretendentes de rival" (pág. 243). "Autoridade como tal é, da natureza do caso, bobo na presença de argumento" (pág. 234). Newman faz uma distinção aparentada entre autoridade em religião revelada e consciência em religião natural, embora ele não nomeia como largo uma esfera para autoridade, e ele permite a consciência um tipo de autoridade. "A supremacia de consciência é a essência de religião natural, a supremacia de apóstolo ou papa ou igreja ou bispo é a essência de revelou; e quando tal autoridade externa é tomada, a mente se retira novamente de necessidade naquele guia dentro que possuiu até mesmo antes de revelação fosse vouchsafed" (Desenvolvimento de Doutrina, 86, edição 1878). De um ponto de vista muito diferente a mesma antítese se aparece no mesmo título do livro de Sabatier, As Religiões de Autoridade e a Religião do Espírito. Ele sabe ambos os tipos de autoridade. "A autoridade de força material, de costume, tradição, o de co, cada vez mais lugar de rendimentos para a autoridade dentro de consciência e argumenta, e na mesma medida é transformado para o assunto em uma verdadeira autonomia" (xxxiii de pag., Tradução inglesa).

(2) Interno

Martineau distingue os dois tipos de autoridade para rejeitar o anterior e aceita o posterior. "O mero recurso para testemunho para informação além de nossa província não enche o significado de 'autoridade'; o qual nós nunca reconhecemos gaveta que fala a nós de outro e uma casa de greves mais alta e se desperta os ecos em nós mesmos, e é transferido assim imediatamente de atestação externa para ego - comprovar. E esta resposta que é que faz as intuições morais, começadas por atração externa, refletidas atrás por reverência dentro, mais que fenômenos egoísticos, e os se transformando em correspondência entre o universal e a mente individual os investe com verdadeira autoridade" (Assento de Autoridade, Prefácio edição 1890).

Confusão desapareceria se o fato fosse reconhecido que para pessoas diferentes, e até mesmo para as mesmas pessoas há tempos diferentes, autoridade significa coisas diferentes. Para uma criança a palavra do pai dele ou o professor dele é um decreto de autoridade absoluta. Ele aceita sua verdade e reconhece a obrigação dele para permitir isto determinar a conduta dele. Mas quando razão despertar nele, ele pode duvidar o conhecimento deles ou sabedoria, e ele buscará outros guias ou autoridades. Assim está em desenvolvimento religioso. Alguns repudiam autoridades que outros reconhecem. Mas ninguém tem um monopólio do termo ou conceito, e ninguém pode dizer justamente a Dr. Martineau ou qualquer pessoa outro que "ele tem nenhum certo falar de 'autoridade' nada."

2. Necessidade universal de Autoridade

Toda a religião envolve uma certa atitude de pensamento e vai para Deus e o Universo. O elemento de sentimento também está presente, mas isso é ignorado em teorias de autoridade externa. Toda a religião envolve certas idéias ou convicções então sobre Deus, e administra

correspondendo a eles, mas idéias podem ser verdades ou falsas, e administra direito ou erradamente. Os homens precisam saber o que é verdade, que eles podem fazer que seja certo. Eles precisam de algum teste ou padrão ou tribunal de atração que distingue e obriga a verdade; proíbe para a injustiça e para comandos o direito. Como em todo o governo há um legislativo e uma função executiva, o um que emite fora do outro, assim em todo tipo de autoridade religiosa reconhecido como tal, requerem os homens que deveria lhes falar que idéias deveriam acreditar eles e que ações para executar.

Nesta autoridade de senso geral é reconhecido em todo reino de vida, até mesmo além que normalmente é chamado vida religiosa. Ciência constrói seu sistema em conformidade com fenômenos naturais. Arte tem seus ideais de beleza. Políticas buscam perceber alguma idéia do estado. Metafísicas reconstróem o universo em conformidade com algum princípio de verdade ou realidade.

3. Necessidade para Critério Infalível de Verdade

“Se nós somos.... prender qualquer significado inteligível definido à distinção entre coisas como são realmente eles, e coisas como eles parecem ser somente, nós temos que ter algum critério universal claramente ou temos que testar por qual a distinção pode ser feita. Este critério deve estar no primeiro lugar infalível; quer dizer, deve ser tal que nós não podemos duvidar sua validade sem entrar em uma contradição em nosso pensamento.... Liberdade de contradição é uma característica que pertence a tudo o que é real... e nós podemos usar isto então como um teste ou critério de realidade” (Alfaiate, Elementos de Metafísicas, 18-19). Um filósofo mais cético escreve: “Que a própria verdade é um e inteiro e completo, e que todo o pensamento e toda a experiência move dentro de seu reconhecimento, e sujeito a sua autoridade de manifesto, isto eu nunca duvidei” (Joachim, A Natureza de Verdade, 178). É só um cético minucioso que pôde ense de disp com autoridade, um “Pyrrho,” que segura expectativa de julgamento para ser a única atitude certa de mente, e ele, ser lógico, também tem que suspender toda a ação e tem que deixar de ser. Então, não pode haver nenhuma pergunta menos em nesciente total, sobre o fato de autoridade em geral; e o problema para decidir é, “o que é a autoridade em religião?”

4. Última Natureza de Autoridade

É um problema envolvido nas dificuldades de todos os últimos problemas, e todo o argumento sobre isto é hábil para se mudar para um círculo. Para o último tem que agüentar testemunha de seu próprio ultimato, o absoluto de seu próprio poder absoluto, e autoridade de sua própria soberania. Se havia um tribunal de atração ou um padrão de referência para a qual qualquer coisa chamou último, absoluto e supremo, poderia solicitar suas credenciais, ficaria relativo então e subordinaria àquele outro critério. Há um senso no qual a declaração de Sr. Balfour é verdade, “aquela autoridade é boba na presença de argumento.” Nenhum processo de medeie raciocínio pode estabelecer isto, porque nenhuma premissa pode ser achada de qual emite como uma conclusão. Julga todas as coisas, mas não é julgado de nenhum. É sua própria testemunha e juiz. Tudo aquilo que razão pode dizer sobre isto é o dictum de Paxmenides: “é.”

5. É Deus

Neste senso, não pode haver nenhuma pergunta novamente entre pessoas religiosas, que a autoridade é Deus. A uma idéia envolve o outro. Ele só é ego-existente e supremo, que é o que Ele é do próprio direito dele. Se Deus existir, Ele é o último critério e poder de verdade e realidade. Todo o inheres de verdade em Ele e assuntos de Ele. O problema de autoridade se torna a pessoa Assim com a prova e definição de Deus. Estas perguntas mentem além do propósito do artigo presente; (veja DEUS). A solução deles é assumida nesta discussão de autoridade, embora teorias diferentes de autoridade nenhuma dúvida envolve idéias diferentes de Deus.

6. Idéias diferentes de Deus e Visões Diferentes de Autoridade

Teorias externas geralmente envolvem o que é chamado uma concepção deística de Deus. Teorias espiritualistas de autoridade correspondem a visões teístas de Deus. Se Ele é imanente como também transcendente, Ele fala diretamente com homens, e não tem nenhuma necessidade de intermediários. Panteísmo resulta em uma teoria naturalista de verdade. A mente de Deus é a lei da Natureza. Mas panteísmo em prática tende a se tornar politeísmo, e então emitir em uma anarquia crua que é a negação de toda a autoridade e verdade. Mas dentro da Cristandade o problema de mentiras de autoridade entre esses que concordam acreditando em um Deus que é pessoal, transcendente e até certo ponto imanente. As diferenças nestes pontos realmente são conseqüências de diferenças de visões sobre o modo dele de ego-comunicação.

7. Um Problema de Conhecimento para cristãos

Então, é um problema de epistemologia em lugar de de ontologia. A pergunta é, de que modo geralmente conhecido O, a mente dele e a autoridade dele a homens faz Deus? O propósito deste artigo é a exposição do ensino Bíblico de autoridade, com alguma tentativa para colocar isto em sua verdadeira posição na vida da igreja.

II. As Referências Bíblicas

1. No Velho Testamento

Só para (1) *rabhah* (Pv 29:2): “ser grande” ou “muitos.” “Quando o íntegro está em autoridade, as pessoas alegram.” Assim a KJV e a Versão Revisada, margem, mas a Versão Revisada (britânico e americano) “Quando o íntegro é aumentado” (assim BDB). Como no lugar citado observações, “O hebreu tem: 'Quando o aumento íntegro', a sugestão que é que eles têm controle de negócios então; a mudança de uma letra dá a leitura 'regra' que é requerido pelo 'governe' da segunda linha.” (2) *tokeph* (Et 9:29): “Ester a rainha... escreveu com toda a autoridade para confirmar este segundo carta de Purim” (Revisou margem de Versão “força” [assim BDB]).

2. No Novo Testamento

(1) a maioria freqüentemente para *exousia*; *exousiazō*; e *katexousiazō*: (a) da autoridade de Deus (At 1:7): como o oleiro em cima do barro (Rm 9:21, direito); Jd 1:25, “poder”; Ap 9, “poder”); (b) de Cristo trabalhando e ensinando (Mt 7:29; Mt 21:23, Mt 21:24, Mt 21:27 = Mc 1:22, Mc 1:27; Mc 11:28, Mc 11:29, Mc 11:33 = Lc 4:36; Lc 20:2, Lc 20:8; Jo 5:27, autoridade para executar julgamento. A mesma palavra grega, traduziu “poder” na KJV mas geralmente “autoridade” na Versão Revisada (britânico e americano) ou a Versão Revisada, margem, também aparece em Mt 9:6, Mt 9:8, perdoar pecados: Mt 28:18; Mc 2:10; Lc 4:32; Lc 5:24; Jo 10:18; Jo 17:2; Ap 12:10); (c) dos

discípulos, como os representantes e testemunhas de Cristo (Lc 9:1, os doze; 2Co 10:8, Paulo); também dos direitos deles e privilégios; (a mesma palavra grega em Mt 10:1; Mc 3:15; Mc 6:7; Lc 10:19 = a Versão Revisada (britânico e americano) “autoridade”; Jo 1:12; At 8:19; 2Co 13:10; 2Ts 3:9; Hb 13:10; Ap 2:26; Ap 22:14 = a Versão Revisada (britânico e americano) “direito”); (**d**) de autoridades divinas subordinadas ou poderes (1Co 15:24; 1Pe 3:22; e a mesma palavra grega em Ef 1:21; Ef 3:10; Ef 6:12; Cl 1:16; Cl 2:10; Cl 2:15; Ap 11:6; Ap 14:18; Ap 18:1); (**e**) de autoridade civil, a partir do rei, magistrado ou mordomo (Lc 7:8 = Mt 8:9 [o centurião; Mc 13:34; Lc 19:17; Lc 20:20; Lc 22:25 = Mt 20:25 = Mc 10:42; e At 9:14; At 26:10; At 26:12 [de Saul; e a mesma palavra grega em Lc 12:11; Lc 23:7; Jo 19:10; Jo 19:11; At 5:4; Rm 13:1, Rm 13:2, Rm 13:3; Tt 3:1; Ap 17:12, Ap 17:13]); (**f**) dos poderes de mal (Ap 13:2, “a besta que saiu do mar”; e a mesma palavra grega em Lc 4:6; Lc 12:5; Lc 22:53; At 26:18; Ef 2:2; Cl 1:13; Ap 6:8; Ap 9:3, Ap 9:10, Ap 9:19; Ap 13:4, Ap 13:5, Ap 13:7, Ap 13:12; Ap 20:6). (**g**) do poder dentro de homem de autocontrole (a mesma palavra grega em 1Co 7:37; 1Co 8:9, “liberdade”; 1Co 6:12; 1Co 7:4; 1Co 9:4, 1Co 9:5, 1Co 9:6, 1Co 9:12, 1Co 9:18, a Versão Revisada (britânico e americano) “direito”; 1Co 11:10).

(2) para *epitaxe*: ordem, autoridade para exortar e reprovar a igreja (Tt 2:15).

(3) para *hyperoche*: “para reis e tudo aquilo está em lugar alto” (Revisou Versão (britânico e americano) 1Tm 2:2).

(4) para *authentoe*: “eu não permito uma mulher... ter domínio em cima de um homem” (Revisou Versão, 1Tm 2:12).

(5) para *dunastes*: “Um castrado de grande autoridade” (At 8:27).

3. Elementos comuns no Significado deles

Das palavras traduzidas “autoridade,” *exousia*, expressos sós a idéia de autoridade religiosa, se de Deus, de Cristo ou de homem. Os outros usos desta palavra estão aqui instrutivo dentro como tirando o elemento comum em secular e autoridade religiosa. O controle do estado em cima de seus assuntos, se como supremo na pessoa de imperador ou rei, ou como delegado e exercitou por proconsul, magistrado ou soldado, e o controle de um dono da casa em cima da família dele e criados e propriedade, exercitadas diretamente ou indiretamente por mordomos, tenha algumas características que também pertencem a autoridade religiosa; e as diferenças, essencial entretanto eles são, deve ser derivado do contexto e as circunstâncias do caso. Realmente em uma passagem o tipo civil de autoridade é mencionado para ser repudiado como algo que não deveria obter dentro da comunidade religiosa (Mt 20:25-27 = Mc 10:42-44 = Lc 22:25, Lc 22:26). Mas embora seu princípio e poder são tão completamente diferentes em reinos diferentes, o fato de autoridade como determinando pensamento religioso, conduta e relações penetram a Bíblia inteira, e é expressado por muitas condições e frases além desses traduzidos “autoridade.”

III. Ensino bíblico

Um resumo do relato Bíblico de autoridade é determinado em Hb 1:1; “Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias a nós nos falou pelo Filho.” Atrás de todas as pessoas e postos de instituições Deus que revela a mente dele e exercícios em muitas formas a soberania dele por muitas pessoas e instituições, peça por peça e progressivamente, até a revelação final dele da mente dele e vai culmina em Jesus Cristo.

1. Ensino do Velho Testamento

(1) Forma Patriarcal Antecipada

A forma mais antecipada de autoridade é a patriarcal. O pai da família é imediatamente seu profeta, sacerdote e rei. A consciência de individualidade ainda era como fraco. A unidade de vida era a família, e o pai resume a família nele antes de Deus e postos para isto como Deus. Tal é o quadro mais cedo de vida religiosa achado na Bíblia. Porque qualquer visão pode ser levada da historicidade de Gn, pode haver pequeno duvida que as histórias dos patriarcas representam uma fase cedo de vida religiosa, antes do nacional ou até mesmo a consciência tribal tinha desenvolvido.

(2) Autoridade tribal e Pessoal

Quando a consciência tribal emergir, é alternativo em uma rede de alfândegas e tradições que tinham crescido com isto, e que governou a maior parte da vida da tribo. O pai tinha se tornado o ancião e juiz que exercitaram autoridade em cima da família maior, a tribo, agora. Mas também, os homens de personalidade dominante e influência se aparecem, que mudam e moldar as alfândegas tribais. Eles podem ser os homens de sabedoria prática como Jetro, grandes guerreiros gostam de Josué, ou os homens de emergência gostam dos juizes. Moises está de pé separadamente, um profeta e reformador que conheceram que ele agüentou uma mensagem de Deus reformar o religião das pessoas dele, e deu para o Israel um conhecimento de Deus e uma convenção com Deus que os fixou sempre aparte de todos os outros povos. Outras tribos poderiam ter um Jetro, um Josué e um Jefe, mas Israel só teve seu Moises. A autoridade dele permaneceu um fator grande na vida de Israel para o dia presente e deveria ser assumida daqui por diante como existindo lado a lado com outras autoridades mencionou.

(3) Os Profetas e Sacerdotes

Em nossos olhar rápido mais cedo da vida hebréia em Canaã nós achamos faixas de videntes ou profetas associadas com religião em Israel, como também um sacerdócio desorganizado que administrou a adoração pública de Yahweh. Estas características provavelmente estavam comum em Israel e tribos Semíticas vizinhas. Aqui novamente a pessoa individual emerge que sobe sobre costume e tradição, e exercícios uma autoridade individual dirige de Deus em cima das vidas das pessoas. Também, Samuel era um profeta, o sacerdote e rei, mas ele consideraram a função dele tão completamente ministerial, poderia ser dito que aquele Deus governa as pessoas dele diretamente e pessoalmente, entretanto Ele fez conhecido os Seus vão pelo profeta.

(4) Os Reis e Religião Estabelecida

No período da realeza, autoridade religiosa se tornou mais organizada, institucional e externa. O cooperação ocasional das tribos desenvolveram em nacionalidade, e a liderança esporádica de comandantes de emergência deu modo à regra permanente do rei. Foram organizados os sacerdotes e profetas e reconheceram grêmios que agiram junto debaixo da proteção e influência do rei, ao longo das linhas de moralidade tradicional e religião. A igreja hebréia em suas meia-idades era uma igreja estabelecida e completamente “Erastian.” Nós sabemos muito poucos dos detalhes de sua organização, mas está claro que as ordens religiosas como uma regra ofereceram pouca resistência para as influências corrompendo do tribunal e do paganismo circunvizinho.

(5) Os Grandes Profetas

Oposição para corrupção e invariavelmente avança a níveis mais altos de vida religiosa originados fora das autoridades religiosas reconhecidas. Deus elevou para Ele os profetas como Elias, Amos, Isaías e Jeremias que falaram da consciência de uma visão imediata ou mensagem ou comando de Deus. Em troca eles influenciaram as autoridades religiosas estabelecidas, como pode ser visto nas reformas de Ezequias e Josias. Tudo aquilo são distintivos na religião de Israel, toda a revelação de Deus no Velho Testamento,

procedida das experiências internas dos profetas irregulares.

(6) O Cânon e Tradição de Rabinica

No Judaísmo do período pos-exílio, o desaparecimento da realeza, e a cessação de profecia produziu condições novas que exigiram uma readaptação de autoridades religiosas. A posição relativa do sacerdócio grandemente foi aumentada. Seus chefes se tornaram os príncipes de Jerusalém, e exercitou todos os poderes de teocracia que permaneceu debaixo de regra estrangeira. E desenvolvimentos novos emergiram. A formação do cânon do Velho Testamento montou um corpo de escritas que estavam como um padrão permanente e externo de doutrina e adoração. Mas a necessidade era sentida interpretar os Bíblia e os aplicar a condições existentes. Dos velhos membros de uma agremiação proféticos foi acontecido pela ordem nova de rabinos e escriturários. Gradualmente eles afiançaram uma parte com os sacerdotes na administração da lei. “Nos últimos dois séculos pre-Cristão e ao longo dos tempos do Talmudi, o *soph^onm* de escriturários, também chamou o *hakhamm*, que reivindicou ter recebido a verdadeira interpretação da Lei como ‘a tradição dos Anciões e Pais em linha direta de Moises, os profetas, e os homens da grande sinagoga,... incluiu as pessoas de todas as classes. Eles formaram o tribunal de justiça em toda cidade como também o tribunal alto de justiça, o Sinedrio em Jerus” (Köhler in *Jewish Encyclopedia*, II, 337). No tempo de Cristo, estes tribunais eram as autoridades reconhecidas em todos os assuntos de religião.

2. Ensino do Novo Testamento

(1) A Autoridade de Jesus Cristo

Quando Ele começou a ensinar na Palestina, todo o conhecimento de Deus, e todo o exercício da autoridade dele foi mediado pelos sacerdotes e escribas que porém reivindicaram o Velho Testamento como a fonte deles. Cristo nem não era o destruidor nem o criador de instituições. Ele nunca discutiu o direito abstrato ou capacidade das ordens judias para ser os professores religiosos. Ele ordenou obediência ao ensino deles (Mt 23:2, Mt 23:3). Ainda menos Ele questionou a autoridade do Velho Testamento. Ele veio não destruir, mas cumprir a lei e os profetas (Mt 5:17). Mas Ele fez duas coisas que envolveram a afirmação de uma autoridade nova e superior nEle. Ele repudiou a interpretação dos escribas da lei (Mt 23:13-16), e Ele declarou aquele certo das providências da própria lei Mosaica era temporário e tentativo, e ser substituído ou completou pelo próprio ensino mais adequado dele (Mt 5:32, Mt 5:34, Mt 5:39, Mt 5:44; Mt 19:8, Mt 19:9). Fazendo isto, Ele estava cumprindo realmente uma linha de pensamento que penetra o Velho Testamento inteiro. Todos seus escritores negam finalidade e olhar adiante a uma revelação mais cheia da mente de Deus por um dia de Yahweh ou uma convenção nova ou um Messias. Jesus Cristo considerou estas expectativas como sendo percebido em Ele, e reivindicou completar e cumprir o desenvolvimento que tinha traspassado o Velho Testamento. Como tal, Ele reivindica finalidade no ensino dele do testamento de Deus, e autoridade absoluta no reino de religião e moralidades.

(A) O Ensino dele

O ensino dele está com autoridade. Os ouvintes dele contrastam isto com isso dos escribas que, com todo o prestígio de tradição e estabelecimento, comparado com Ele, autoridade completamente faltada (Mt 7:29; Mc 1:22; Lc 4:32; Jo 7:46).

(B) O Trabalho dele

A autoridade dele como um professor é próximo associada com os trabalhos dele, especialmente como estes revelou a autoridade dele em cima daquele mundo de espíritos cujos era sentida influência nas desordens mentais que tinham as pessoas aflitas (Mc 1:27; Lc 4:36).

(C) Perdoando e Julgando

Na reivindicação dele perdoar pecados, sancionado por trabalhos de curar, Ele parecia exercer uma prerrogativa Divina (Mt 9:6, Mt 9:8; Mc 2:10; Lc 5:24). Insinuou um julgamento moral infalível, um poder para dispensar com as leis reconhecidas de retribuição e remover culpa que pôde só pertencer a Deus. Todos estes poderes são afirmados em outra forma na declaração que Ele é o juiz final (Jo 5:27).

(D) Vida e Salvação

Ele possui autoridade então em cima de vida e salvação. O Pai Lhe deu autoridade em cima de toda a carne, “assim como lhe deste autoridade sobre toda a carne, para que dê a vida eterna a todos aqueles que lhe tens dado” (Jo 17:2 Versão Revisada americana, margem). Esta autoridade começa no poder dele em cima da própria vida dele dar isto em sacrifício para homens (Jo 10:18). Por fê em nEle e obediência nEle, homens obtêm salvação (Mt 10:32; Mt 11:28-30). A relação deles com Ele determina a relação deles a Deus e para o reino de céu (Mt 10:40; Lc 12:8).

(E) Derivou do Filho

Quando desafiado pelos principais sacerdotes e anciões, as autoridades religiosas estabelecidas, declarar por que autoridade Ele ensinou, Ele não dá nenhuma resposta categórica, mas lhes conta a parábola do Vinhedo. Todos os profetas e professores que tinham vindo de Deus antes dEle eram os criados, mas Ele é o Filho (Mt 21:23-27, Mt 21:37; Mc 11:28-33; Mc 12:6; Lc 20:2, Lc 20:8, Lc 20:13). O Quarto Evangelho definitivamente funda a autoridade dele no no FILHO (Jo 5:19-27). Paulo deduz isto da abnegação dele (Fp 2:5-11).

(F) No Estado Ascendido

No estado ascendido dele, toda a autoridade no céu e na terra é determinado nEle (Mt 28:18). Não só é autoridade na igreja, e no reino moral, mas no universo. Deus O fixou “longe acima de toda regra, e autoridade, e dá poder a, e domínio, e todo nome que é nomeado, não só neste mundo, mas também em o que é vir” (Fp 1:21; compare Cl 2:10; 1Pe 3:22; 1Co 15:24; Ap 12:10).

(G) O Cristo e o Paracleto

A autoridade dele na igreja como revelar averdade de Deus de espíritos não está limitada ou completou dentro da vida terrestre dele. Pela ressurreição dele e exaltação Ele mora na igreja. “Onde são juntados dois ou três... em meu nome, há eu estou no meio deles” (Mt 18:20). “eu sempre estou com você, até mesmo até o fim do mundo” (Mt 28:20). Maiores trabalhos que Ele fez na carne será feito na igreja, por causa da exaltação dele: (Jo 14:12); e enviando o *Paracleto* dele, “o Consolador” (o Versão Revisada americano) (Jo 14:16). O *Paracleto* que é o Espírito Santo ensinará para os discípulos todas as coisas, e traz à recordação deles tudo aquilo que Ele disse até eles (Jo 14:26). Ele tem muitas coisas para lhes contar que pelos dias a carne dele eles não podem receber, mas o Espírito de verdade os guiará em toda a verdade (Jo 16:12, Jo 16:13). E o *Paracleto* nem não é separado nem distinto de Ele na vida exaltada e permanente dele (Jo 14:18, Jo 14:28). Nisto é a autoridade de Cristo feita completo e permanente. O ensino dele, trabalhos e caráter, como fatos fora de homens, até mesmo enquanto Ele viveu, e ainda mais quando Ele estava morto, só pôde parcialmente e imperfeitamente regem os espíritos deles. “Tenha eu tempo tão longo estado com você, e ainda tu não me conhece, Filipe” No dia da revelação do Espírito “ai saberão que eu estou em meu Pai” (Jo 14:9, Jo 14:20). Nem, novamente, fez ou Ele poderia definir a verdade como aplicou a toda contingência ao longo de todo o tempo, enquanto Ele viveu debaixo das limitações de tempo e lugar. Tal uma revelação, se pudesse ter sido determinado, teria sido bastante inútil, só para homens pode temer a verdade progressivamente e em relação à posição ocupam eles a tempo e lugar. Mas pela presença espiritual permanente dele na igreja, Ele entra em, habita e governa sua vida inteira e determina para isto o que é verdade e corrige em toda fase de seu desenvolvimento. (Veja Forrest, Autoridade de Cristo, 202-3.) perguntar de onde para o Cristo deriva ou como Ele possui a autoridade acima descreveu, é levantar a pergunta inteira da existência metafísica dele. Empiricamente, nós vemos

isto emitindo de dois fatos que são essencialmente um - a consciência filial dele e a perfeição moral dele. Estes são principalmente os fatos empíricos que a igreja buscou interpretar e expressar na doutrina metafísica da Encarnação. (Veja Forrest, op. cit.)

(2) A Autoridade dos Discípulos

Os primeiros discípulos reconheceram o Cristo em todas as coisas como o Deus deles e Mestre; não o ensino que eles tinham ouvido, nem o exemplo que eles tinham testemunhado, mas Cristo na presença permanente, viva dele. Eles oram a Ele encher o lugar de Judas entre os Doze (At 1:24, At 1:25). Ele deu o Espírito a Pentecostes (At 2:33). No nome dele eles executam os milagres dele (At 3:6; At 9:34). Com Ele Saulo se encontra a caminho de Damasco (At 9:5; Gl 1:12). De Ele eles recebem o ensino e comandos que eles entregam para as igrejas (1Co 11:23).

Mas eles exercitaram uma autoridade que é derivado, secundário, e dependente em Ele também.

(A) Derivou de Cristo

Enquanto Jesus Cristo ainda viveu que Ele deu os Doze, e novamente os Setenta, autoridade para expulsar espíritos sujos e curar toda a maneira de doenças, enquanto eles continuaram a orar (Mt 10:1; Mc 3:15; Mc 6:7; Lc 9:1; Lc 10:19). Depois que a ressurreição dele Ele lhes deu comissão agüentar testemunha para Ele, batizar e ensinar todas as nações (Mt 28:18-20; Lc 24:48, Lc 24:49). Paulo também localizou a autoridade dele para orar diretamente a Jesus Cristo (Gl 1:1, Gl 1:12). De Ele eles receberam o dom deles com o Espírito Santo pelo trabalho (At 1:5; At 2:33).

(B) A Autoridade de Paulo

Paulo reivindicou para ele, e por conclusão, para os outros apóstolos, autoridade para exercitar disciplina nas igrejas, “o qual o Deus deu pelo construir” (2Co 10:8; 2Co 13:10). Os ministros de toda a igreja exercitam omissão e advertência em cima das igrejas (1Ts 5:12; 2Tm 4:2; 2Tm 2:2).

(C) Autoridade de Todos os Crentes

A autoridade de filhos, e de participação na árvore de vida pertence a todos os crentes (Jo 1:12; Ap 22:14).

(D) Autoridade em cima das Nações

E em virtude da fé deles eles têm autoridade em cima das nações (Ap 2:26; Ap 20:4). O Cristo os faz ser os reis (Revisou Versão (britânico e americano) um reino) e sacerdotes (Ap 1:6), um sacerdócio real (1Pe 2:9).

Em tudo isso nós somos ver a autoridade de fé, de caráter, de homens que são os mensageiros de Cristo porque eles estão em união viva com Ele. Pertence a nenhum escritório ou instituição, e só existe onde o Cristo reina em homens, e então, por eles.

(3) A Autoridade da igreja: Moral e Pessoal

É moral e pessoal e mais interessado com vida que com doutrina. Paulo era o maior professor da igreja primitiva, mas ele não reivindicava nenhuma infalibilidade, não promulga nenhum dogma, não impõe nenhum modelo de ortodoxia além da fé em Cristo. Ele argumenta, discute e persuade os homens para aceitar o evangelho ele tinha recebido do Deus, mas ele não sabe nenhuma outra autoridade que a verdade como é um fato vivo em Jesus Cristo.

Nas Epístolas Pastorais nós certamente lemos de uma “doutrina sã” que deveria ser ensinado e deveria ser acreditado, mas não cristalização em um credo, e a única condição de salvação colocou é fé viva em Jesus Cristo. Veja DOUTRINA.

A autoridade da igreja apostólica, então, está no primeiro lugar isso de homens individuais em quem Jesus Cristo vive, uma autoridade pessoal e individual direta. É verdade que o indivíduo pode viver só a vida Cristã, e então sabe a verdade Cristã, em uma sociedade, mas isso não prejudica o caráter individual e pessoal da testemunha dele. Ainda como as vidas de igreja uma vida coletiva, há um senso no qual pode ser dito que agüenta uma testemunha coletiva. Homens são impressionados naturalmente mais prontamente por uma idéia segura pelo muitos. Isso é certo na medida em que a probabilidade da verdade de uma doutrina aumenta com o número de mentes que aprovam isto. Isso é o elemento de verdade no *ubique de quod de dictum* católico, *semper de quod, quod ab omnibus creditum est* (“o que é acreditado em todos lugares, sempre, e por tudo”). Mas o consentimento do muitos não constitui a verdade de uma idéia ou fato, nem aumente sua autoridade. E há níveis de verdade para a qual só poucos nota podem atingir, de forma que o consentimento do muitos podem ser uma presunção contra a verdade de uma idéia. E em último recurso, os homens não aceitam idéias com a mente e coração, porque muitos os acreditam, mas por causa da verdade inerente deles, o poder deles para governar as mentes deles. E a verdade essencial de uma doutrina é nenhum maior, se um ou um milhão de aceita isto.

A igreja apostólica reconheceu este princípio, para isto nunca reivindicou para si mesmo maior autoridade que o de um tutor para trazer os homens a Cristo, o um Deus. Pedro, Paulo, João, cada conheceu o Cristo em um grau, e cada raio dEle como também ele pôde, mas nenhum deles reivindicou dizer tudo, ou demandas que o próprio ensino dele deveria reger as mentes de homens absolutamente; e a autoridade coletiva da igreja nunca pode subir mais alto que isso de seus melhores espíritos.

(4) Autoridade da Bíblia

E a autoridade da Bíblia é como um todo da mesma natureza como isso da igreja. É um registro das experiências de homens que conheceram Deus em vários modos e graus, mas entre eles há só um Mestre. “Todas as coisas me foram entregues por meu Pai; e ninguém conhece plenamente o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece plenamente o Pai, senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar “. Em obediência de graus variada deveria ser feito a muitos homens na igreja e fora disto, como eles satisfazem as demandas de razão e consciência, mas em último recurso toda alma tem que achar por si só, tem que escolher e tem que obedecer seu próprio Rei. Para cristãos Cristo só é o Rei, como Ele se revelou na personalidade humana dele, na experiência e história da igreja, e no final do resultado na experiência pessoal de todo crente. (Para uma visão diferente veem J. H. Leckie, *Autoridade em Religião*.)

IV. Esboce História de Doutrina Eclesiástica de Autoridade

1. Atração para Argumentar como Logotipos

Idéias diferentes, tirado de muitas fontes, princípios do Novo Testamento logo substituídos de autoridade na vida e pensamento da igreja. Os apologistas gregos e Pais geralmente foram dominados pela doutrina Platônica dos Logotipos, e pensamento de Deus como morar no homem e comunicar a mente dele a ele lhe dando uma parte da própria mente dele e razão. Enquanto eles aceitaram a Bíblia e as tradições da igreja como Divina que ensina, eles não os consideraram como autoridades externas e soberanas, mas bastante como cópias do Divina argumenta que que em todo homem, mas em complete e maneira perfeita só em Jesus Cristo.

2. Dogma ortodoxo

Neo-platonismo seguiu, e está por baixo de muito da igreja que ensina de Origen a Augustine. Deus como puro ser não pôde fazer conhecido a essência dele para homens, e os Logotipos dele em todas as formas de sua manifestação tenderam a se tornar uma palavra falada que Deus tinha enviado de Ele, em lugar de o morada vivo de Deus com homens. Quando os Logotipos deixaram de estar vivendo, tendeu a ficar externo e estereotípico, e nesta base cresceu ortodoxia grega. Homens que conheceram mas pouca da Palavra pessoal viva sentia a necessidade de definir e estabelecer as verdades centrais de Cristianismo em formas fixas e permanentes que deveriam se tornar o padrão de todo o pensamento. A testemunha dentro dos Logotipos desaparece, e a autoridade externa de tradição e dogma como definido pelos conselhos aconteceu. Os bispos preservaram a tradição e constituíram os conselhos e Assim se tornou os órgãos de autoridade. Os Bíblia ainda foram venerados em palavras, mas na realidade subordinou ao episcopado.

3. Escolasticismo

A filosofia de Aristóteles dominou os Idade Média, ou bastante o fantasma pálido do sistema de Aristóteles, a lógica formal só. As formas

de pensamento estavam enganadas para sua essência. Verdade consistiu em consistência lógica e coerência sistemática. Foram assumidos os dogmas de idades mais cedo como premissas de qual deduzir, através de conclusão de silogístico, a estrutura inteira da igreja e seus órgãos e sacramentos, como os representantes infalíveis de Deus em terra.

4. Absolutismo eclesiástico

Nominalismo esvaziou as formas de pensamento de toda a realidade e criou o sistema eclesiástico em negação. Ainda mais necessário era isto afirmar a autoridade absoluta e incontestada da igreja, desde que descansou em nenhuma razão ou realidade para as quais atração poderia ser feita justificar sua posição e ensinando. Assim, o crescimento de absolutismo na igreja foi *passu de pari* com o desaparecimento de idealismo, de qualquer contato da mente com realidade, verdade e Deus. Outro modo de dizer esta verdade é que a doutrina do Espírito santo e do Cristo vivo uma eclipse total sofreu durante os Idade Média, enquanto a autoridade da igreja como o órgão de revelação ficou absoluta.

5. Princípios de reforma

A Reforma não foi fundada conscientemente em qualquer princípio filosófico. Era o produto de necessidades práticas. As necessidades espirituais de homens os dirigiram atrás a Deus, e eles O acharam em duas fontes, na Bíblia que era o registro da ego-revelação dele por profeta, salmista, apóstolo e de modo preeminente por Jesus Cristo e no testemunho de conforme do Espírito Santo nos próprios corações deles. Mas não foram articulados os princípios subjacentes deste ensino em uma filosofia de conhecimento e revelação durante dois séculos.

6. Escolasticismo novo

Então foram atrasadas o segundo e terceiras gerações de Reformadores, já não possuídas pelas visões e convicções de Lutero e Calvino, na filosofia escolástica velha que reconheceu nenhum parentesco de mente entre Deus e tripula, e não soube nenhuma comunicação direta entre eles. Conseqüentemente, era necessário achar uma autoridade externa nova, e isto que eles descobriram na Bíblia que eles fizeram em uma lei de verdade, como definido novamente por conselhos eclesiásticos.

7. A Luz Interna

Mas o lado místico do ensino dos Reformadores não foi perdido completamente, e alguns corpos obscuros de cristãos continuaram segurando a doutrina da luz interna. Ainda como os protestantes escolásticos levaram só meio - o objetivo a metade do ensino dos Reformadores - os místicos só levaram o subjetivo meio, e a imaginação de todo homem tendeu a se tornar uma lei até ele.

8. Experimentar

Kant fez para filosofia o que o Lutero tinha feito para religião. Ele rejeitou seus dogmas e autoridades externas para voltar a suas realidades. Ele foi o primeiro filósofo do princípio protestante. Ele buscou descobrir uma relação direta entre a mente de homem e realidade. Ele não teve sucesso completamente. O dogma velho do *noumenon* como algo aquela posição o agarrada completamente além do alcance de homem, e viciou o sistema dele. Mas pela natureza moral de homem, ele achou um modo ao coração de realidade e para Deus. Os princípios idealistas dele foram desenvolvidos pelos sucessores dele no idealismo moderno no qual foi possível erguer uma teoria de conhecimento que traz a mente de homem em contato direto com Deus, e então, uma teoria de autoridade que representa Deus como diretamente o soberano da alma.

9. Desconfie de Razão

Mas o outro lado da filosofia de Kant, também, foi desenvolvido em uma teoria de ceticismo religioso e autoridade externa. A razão de homem, ele tinha ensinado, não pôde entrar em contato com realidade, com o coisa-em-isto, e então não poderia conhecer nada Deus. Foi feita esta desconfiância de razão a base de dois sistemas diferentes de autoridade externa por Decano Mansol e Cardeal Newman. O elemento cético realmente desceu de Locke e Hume, mas homens que teriam disdained para aprender a teologia deles de Hume aceitaram os princípios de Hume de Kant, e construiu neles, como uma casa em areia, um, a autoridade de Anglicanismo, e o outro, a autoridade de Romanismo.

10. Ceticismo Cristão

O ceticismo de Kant também se alinha com elementos de Lutero está ensinando e viajou um curso mediano na escola de Ritschl. Enquanto segurando aquele homem podem ter conhecimento e experiência de Divine coisas em Jesus Cristo que é do valor prático de Deus por experiência religiosa que o Ritschlians hesitam para afirmar que é um conhecimento direto e atual de Deus como é essencialmente Ele. Isto eles nem negarão nem afirmarão, mas a recusa para afirmar tem para muitas mentes o efeito de negação, e conduz a um subjectivism que não é removido longe de ceticismo e a negação de toda a autoridade.

V. Classificação de Teorias

Podem ser classificadas as várias teorias de autoridade agora como segue:

1. Externo

(1) Catolicismo incipiente

Catolicismo incipiente nos 2º e 3º séculos. - Todas as idéias de um viver e revelação de prosélito foi suprimida como no caso de Montanismo. Três mais ou menos autoridades de coordenar eram fixas para cima qual determinado para cristãos individuais o que era verdade Cristã e conduta. O cânon do Novo Testamento foi formado definir que escritas, além do Velho Testamento assumido da igreja judia, gradualmente estava inspirado pelo Espírito Santo e de Divina autoridade. O esboço de um credo comum ou regra de fé cresceu como a interpretação padrão da Bíblia. Acima de tudo era o episcopado que era suposto que preservava em tradição irrompível o ensino não escrito dos apóstolos. Como o único fator vivo neste sistema de autoridade os últimos afiançaram o lugar predominante facilmente. (Veja Harnack, História de Dogma, II, ii de capítulo, tradução inglesa.)

(2) Conselhos Gerais

A autoridade do episcopado foi organizada em uma forma permanente e geral dos conselhos, para cuja decisão a obediência era exigida sob pena de excomunhão. Os conselhos de profissão e acreditavam que elas eram apenas definir o ensinamento que sempre tinha obtido na igreja e, portanto, investiram-se e as suas decisões com a autoridade de Cristo.

(3) Romanismo

Durante a Idade Média, a Igreja de Roma concentrada em si mesma, isto é, no seu episcopado, toda a autoridade da tradição, bispos, conselhos e tudo o que tinha dominaram o pensamento da Igreja. Escritura foi ignorado eo Bispo de Roma exerceu a autoridade plena de Deus sobre a mente dos homens e da vida. "Bonifácio VIII aceite na *sancram Unam* Bull (ecclesiam) de 18 de novembro de 1302, a doutrina tomista do papado: "Nós declaramos, por exemplo, definimos e pronunciamos que é essencial para a salvação de toda criatura humana deve sujeitar-se aos romanos "Papa" (Loofs, Dogmengeschichte, 307).

(4) Infalibilidade papal

Esta teoria culminou em 1870 na sua declaração formal da infalibilidade do Papa. "O Romano Pontífice, quando fala" ex cathedra "... tem que a infalibilidade com a qual o Divino Redentor dotou a Sua Igreja, na definição de uma doutrina de fé ou moral "(Concílio Vaticano de 1870, Sessão 4, cap. 4). Essa autoridade do papa se estende sobre todas as questões do conhecimento e da conduta, da disciplina e do governo em toda a igreja. A teoria baseia-se na doutrina da tradição, tal como estabelecido no Concílio de Calcedônia. "A doutrina da doutrina católica, é que o corpo da doutrina revelada publicamente ter recebido nenhum objetivo aumentar desde os tempos dos apóstolos", e "não é nenhuma mudança de doutrina, quando o que sempre foi realizada implicitamente torna-se objecto de

uma explícita declaração "(Hunter, Esboços de Teologia Dogmática, I, 159, 164). Newman e modernistas recente, no entanto, admitem um desenvolvimento nas doutrinas da igreja, mas na base do ensino tradicional derivado dos apóstolos. Mas uma vez que o desenvolvimento é concedido, surgem dúvidas quanto aos seus princípios e condições, e toda a autoridade que repousa sobre eles cai por terra pelo simples fato de um recurso de que os princípios que regem o seu desenvolvimento. A tentativa de contornar as críticas ao postular a preservação milagrosa da tradição de erro envolve um novo apelo à autoridade suposto milagre hipotéticos para os quais não há nenhuma tittle de provas. Todas as provas estão contra ele. A história da igreja mostra que ele tem sido tão passível de erro, e como facilmente influenciada pelas condições naturais, como qualquer outra instituição humana.

(5) Inerrância da Bíblia

Quando os protestantes procurou uma autoridade externa, que postulava a inerrância e infalibilidade da Bíblia, e toda a fé cristã foi fundada em cima desse dogma. "A Sagrada Escritura é o juiz, ou melhor, a voz do juiz supremo e infalível, o Espírito Santo, e a norma para que um juiz inferior deve consultar para decidir as controvérsias de fé, e segundo a qual só ele deve dar a sentença" (Quenstedt, citado em Hutterus Redivivus, 119, 10ª edição). Protestantes achou necessário interpretar as Escrituras, e definir as doutrinas em sínodos e concílios, mas as suas decisões só tinha autoridade porque era suposto ser exposições da Bíblia e, nesse sentido, a expressão da mente de Deus. Eles discordaram do "católico" conselhos na medida em que alegou ter autoridade própria e repudiou qualquer autoridade que possa ser derivado da tradição ou do escritório ministerial.

(6) Recurso Anglicana a Antiguidade

Na Igreja Anglicana, também, as Escrituras são infalíveis como a autoridade máxima, mas algum tipo de autoridade coordenar alegou para o sacerdócio como estando na sucessão dos apóstolos, e os Padres da Igreja e os conselhos dos primeiros seis séculos. E a tendência tem sido para colocar a ênfase crescente no últimos factores, como a crítica tem minado a autoridade literal das Escrituras e externos.

(7) Limitações da autoridade externa

Todas as teorias acima mencionadas contêm um elemento de verdade, e as autoridades têm que colocar em suas voltas governou as mentes e vidas de homens, mas nenhum deles pode ser considerado como expressão adequada e final da mente de Deus ao homem.

(A) não é infalível

É desnecessário demonstrar que não são infalíveis, apesar de que ainda pode ser toda a autoridade que o homem pode ter ou necessidade.

(B) baseia-se em autoridade pessoal

Eles todo o resto no pressuposto de que a revelação de Deus auto-chegou ao fim com a era apostólica. A teoria bíblica não é certo, e as teorias de interpretação estrita tradição são exatamente o mesmo caso. Uma autoridade repousa sobre um ensinamento tradicional proferidas fielmente dos apóstolos que não diferem em nenhum aspecto essencial de um repousando sobre as palavras escritas dos apóstolos. Eles seriam igualmente limitado, literal, externa e mecânica. Mas os problemas da mente e do comportamento têm surgido, o que os apóstolos nunca contemplados, e que seus ensinamentos (se preservada em nada importa tradição oral ou escrita) não pudesse resolver.

(C) qualquer tradição remanescente Apostolico por uma questão de fato não tradicionais de ensino dos apóstolos, que completa seus escritos já foi descoberto, ou pode ser descoberto. Qual tem sido apresentada como tal, está em manifesta contradição com seus escritos.

(D) não há consenso dos Padres

A idéia de que existe um consenso de opinião entre os Padres da Igreja é igualmente ilusória. Se houvesse, seria necessário provar que esse parecer poderia ter qualquer carácter vinculativo na religião.

(E) Interpretação da Bíblia Necessidades

A Bíblia não é um corpo de verdade, todos de pé no mesmo nível, e independentemente da opinião da sua inspiração pode ser realizada, a alguma autoridade adicional será necessário para discriminar entre o menor eo maior em seu ensino.

(F) Autoridade necessariamente espiritual

Acima de tudo, uma autoridade que é meramente externo e objectivo, não é autoridade em tudo à vida madura religiosa. submissão cega a qualquer autoridade externa, credo, igreja ou livro, é a condição de um escravo, e, nesse caso, "a nossa inteligência espiritual não é vivificado e desenvolvido pela comunhão com a sabedoria infinita, mas preso e reprimido. Só então, por outro lado, estamos emancipados espiritualmente quando recebemos uma revelação de como Deus, não porque somos admirados ou medo ou seduzidos pelos nossos interesses egoístas na recepção do mesmo, mas por nossas próprias mentes e corações responder a ela, porque a gente vê e sabe que ela é verdadeira" (J. Caird, Universidade Sermões (1898), 204-5).

2. Interno Autoridade

Teorias da autoridade interna têm a natureza do caso não é tão facilmente classificados ou definidos como aqueles externos, nem tenham ainda preenchido um lugar tão grande na vida pública da Igreja. Mas seria um grave erro supor que todos os homens que deram a sua adesão aos sistemas de autoridade externa viviam em sujeição simples para eles. A história do misticismo na igreja é a história do pensamento independente descansando em um conhecimento direto de Deus que transcende toda a autoridade externa. Montanism gnosticismo e cada um em sua própria maneira recorreu a um critério interno de verdade. Todas as heresias em causa um julgamento independente, e apelou às autoridades que não eram nem objectivos, nem estabelecida. A Reforma Protestante foi uma revolta contra a autoridade externa e, apesar de que resultou de um tempo na substituição de uma outra autoridade externa, nem sua motivação original, nem a sua força permanente tinha qualquer parentesco com ele. livre crítica de Lutero da Bíblia, e apelo de Calvino ao testemunho do Espírito Santo como o princípio final da sua interpretação, são bem conhecidos. Nenhum corpo de protestantes na funda apresentar a sua fé na simples letra da Escritura ou credo. autoridade activo foi concebida de muitas formas e expressada por muitos termos, tais como o Logos (apologistas grego), *Παρακλητε*, *Paraclete* (Montanus), ecstasy (místicos) conhecimento, em oposição à fé ou credo (gnósticos), a experiência pessoal da fé (Lutero), o testemunho do Espírito Santo (Calvino), a luz interior (Quakers); experiência individual (pietistas) razão; prática (Kant); sentimento religioso (Schleiermacher), o Cristo histórico (Ritschl), consciência (Martineau), o Cristo vivo (RW Dale), a consciência de Cristo (AM Fairbairn), o Cristo da história e da experiência (DW Forest) e muitos mais. A variedade sugere a negação da primeira vez que a afirmação da autoridade, mas é apenas em uma variedade tão grande que os

princípios de uma autoridade adequada pode ser reconhecido.

A autoridade máxima da religião é Deus, Ele reina nos corações dos homens. Mas tanto a própria experiência e na expressão e interpretação do que variam com cada indivíduo. A autoridade religiosa seja real e eficaz deve ganhar a resposta do espírito humano, e em que a relação pessoal do Espírito com o espírito de mentira as condições de variação. No entanto, a razão humana e da consciência em todos os lugares tendem a reconhecer um padrão, um ideal de reconhecer e obedecer a um só Senhor. Nada pode forçar uma tal uniformidade, mas a aptidão para dentro de uma revelação suprema com as exigências comuns da humanidade. Nenhum acordo ainda não existe quanto à possibilidade ou a realidade de tal revelação. Mas onde quer que os homens prestam-se ao contato espiritual de Jesus Cristo com suas almas, sem a intervenção de credos ou instituições humanas, sua consciência e razão aprovar sua supremacia moral e seus espíritos reconhecer Seu conhecimento íntimo do Pai.

Literatura

Além dos livros já mencionados, Bruce, o chefe final do Apocalipse; Sanday, inspiração e Oráculos de Deus, Oman, visão e autoridade, eo problema da Fé e Liberdade; AM Fairbairn, o catolicismo romano e Anglicana; Sabatier, as religiões de autoridade ; Watson, a base filosófica da religião; Kaftan, A Verdade da Religião Cristã; Gwatkin, o conhecimento de Deus; IVERACH, artigo "Autoridade" em Hastings, Enciclopédia de Teologia e de Ética; EO Davies, Prolegomena a Teologia Sistemática, especialmente para Bibliografia.

Ouvir

Ler foneticamente

Proveito

a-val´ , *shawah*, “ser igual,” conseqüentemente “bastante para ser,” “ajudar”): Usado no senso de “satisfaça” (Et 5:13). O favor excepcional da Rainha Ester ajudou não satisfazer Hamã, por causa do ciúme insano dele do rival dele Mordecai. , *ischuo*, “ser forte.,” também traduziu “prevaleça” (Ap 12:8); com um negativo significa incompetência, por exemplo a impossibilidade de mérito de remissório ou dá poder a em uma cerimônia externa ou ato (Gl 5:6; Gl 6:15 na KJV): “nenhum obra de circuncisão qualquer coisa,” contrastou com a eficácia de fé “em Cristo Jesus.” também Usou para expressar a eficácia de oração (Tg 5:16).

Avaran

av´a-ran: Um sobrenome de Eleazar, o terceiro filho de Matatias (**LA** 1 Mac 2:5). É pncerto conjecturado aquele Eleazar recebeu este sobrenome do episódio relacionado em 1 Mac 6:43-46; a palavra pode significar “o piercer,” recorrendo ao apunhalar do elefante dele. Alguns conectam isto com , *hur*, “ser branco,” e conecta isto com a aparência branca de Eleazar. As leituras de Siríaco “Chavran” e o Vulgate “Abaron”; o Septuagint em 1 Macc 6:43 dá *Sauaran* que um erro é para *Eleazaros auran*, o Códex da Septuaginta Venetus corrige a *auran*.

Aven

a´ven , *’awen* “vacuidade,” “vaidade”: Usado em Ez 30:17 para Em ou Heliopolis, no Egito. Veja EM. Como um termo de desprezo chama Oséias Bete-el “Bete-Aven” (Os 4:15; Os 10:5). Assim Amós fala de algum vale perto de Damasco como “o vale de Aven” (quer dizer, do ídolo, Am 1:5) em qual Baalbek (Heliopolis) era situado. A palavra é feita “ídolo” em Is 66:3.

Vingar; Vingador

a-venj´ a-venj´er: Vingar- A idéia geral conectada com esta palavra é de infligir castigo no malfeitor. Desde que pode ser colocada ênfase na ação, o malfeitor, ou a parte prejudicada, o verbo é achado no intransitivo (só Lv 19:18; veja abaixo), transitivo (2Sm 4:8 al de et.); e também ativo (Dt 32:43), passivo (Jr 5:9) e reflexivo (Et 8:13). Em 1Sm 25:26 vinguar é traduzido de , *yasha*’, “preservar” (Revisou margem de Versão, “tua própria mão preservou”), em Os 1:4 de , *pakadh*, “visitar,” e em 2Sm 18:19 de , *shaphat*, “julgar,” mas a palavra hebraica habitual é , *nakam*, ou derivado, “vingar.” A tradução na Versão Revisada (britânico e americano) difere em alguns lugares da KJV: Nm 31:3 (Revisou Versão (britânico e americano) “execute a vingança de Yahweh”; compare 2Sm 22:48; Sl 18:47; Lv 26:25); Lv 19:18 (Revisou Versão (britânico e americano) “leve vingança”); Jz 5:2 (Revisou Versão (britânico e americano) “para que os líderes levaram a dianteira no Israel” de , *para*’, “ser livre, conduzir”). No Novo Testamento vingue é traduzido do grego , *ekdike* o, “fazer justiça,” “proteger” (Lc 18:3 et al.) e a KJV Ap 18:20 , *krno*, “julgar” (Revisou Versão (britânico e americano) “Deus julgaram seu julgamento”).

Vingador. - Quer dizer, a pessoa que inflige castigo no mal-feitor para uma injustiça experimentada por ele (de , *nakam*, “vingar”; Sl 8:2 et al.) ou por outra pessoa de , *ga’al*, “resgatar”; Nm 35:12 et al.). No vingador do Novo Testamento só acontece uma vez; “o Deus é um vingador em todas as coisas” (1Ts 4:6). Era o dever do parente mais próximo executar vingança no assassino da família dele: ele se tornou o *go’el*. Com referência para a legislação protetora e costume, veja GOEL. Compare SANGUE; VINGANÇA; VINGADOR.

Oposto, adverso, avesso, contrário, inimigo, relutante

a-vurs´ , *shubh*, “retroceder,” “retirada”): vagante Quietos, calmos (Mq 2:8).

Avims

av´im. (Dt 2:23). Veja AVVIM.

Avite

a'vith , 'awth: A cidade real do rei de Hadade de Edom (Gn 36:35; 1Cr 1:46). As leituras da Septuaginta , *Gettham*. Não há nenhuma pista a sua identificação.

Evitar, esquivar-se

a-void: Uso arcaico em 1Sm 18:11 para “escapou.” Na Versão Revisada (britânico e americano) do Novo Testamento só em 2Co 8:20 , *stellomenoi* com negativo), literalmente, “não organizando isso,” etc, i.e, por antecipação que provê que algo não deveria acontecer. Na KJV para “volta longe de,” , *ekkhnete*: Rm 16:17; 1Tm 6:20; “recuse,” , *paraitou*, 2Tm 2:23; , *perístaso*, Tt 3:9.

Asseverar, afirmar, sustentar, dar fê

a-vouch': Em Versões inglesas da Bíblia só em Dt 26:17, 18, no senso de “confessar,” “declare,” “publicamente e solenemente declare.” A forma hebraica é igualmente sem igual (Hiph. de 'amar).

Ava

av'a , 'awwa; O KJV **Ava**, a'va: Uma província, as pessoas de qual rei Salmaneser de Assíria colocaram nas cidades de Samaria no quarto dos filhos de Israel levado em exílio por ele (2Rs 17:24). provavelmente está igual a Ivva (2Rs 18:34; 2Rs 19:13; Is 37:13), uma província conquistada pela Assíria.

Avvim; Avitas

av'im a'vits , 'awwm; , *Heuato*i, também despretencioso; também represente o nome do Hivitas): Os habitantes primitivos da extremidade sulista de Canaã posteriormente ocupados pelos Filisteus (Dt 2:23; compare Js 13:3, Js 13:4, na KJV “Avim,” a'vim). O Avvim de Js 18:23 era uma cidade de Benjamim, não umas pessoas. Gesenius supõe que o nome significa “moradores no deserto,” mas mais provavelmente era o nome de alguma tribo de pré-Sem. O Avvim são descritos como vivendo em *Hacenm* ou “acampamentos” e estendendo até onde os arredores de Gaza.

Espere

a-wat' Só em At 9:24 a KJV, em seu senso agora obsoleto como um substantivo, “emboscada”: “os se deitando deles esperam era conhecido de Saul.” a Versão Revisada (britânico e americano) “o enredo deles.”

Despertar

a-wak' , *yakac*, “acordar”; , 'ur, “despertar para cima” de sono; , *egetro*, “despertar de sono”): As condições ordinárias por despertar de sono natural: a partir de Jacó em Betel (Gn 28:16); de Salomão em Gibeão (1Rs 3:15); de Jesus no barco durante tempestade (Lc 8:24). Usado figuramente com efeito notável de despertar do sono mental, moral e espiritual: como quando a Débora se chama despertar ao fervor e eloquência de poesia (Jz 5:12); de Sião está despertando a vigor moral e beleza (Is 52:1); de se despertar de morte espiritual (Ef 5:14); da sepultura em ressurreição (Dn 12:2). A qualidade poética usada do vento de norte ascendente (Ct 4:16); de música (Sl 108:2); da espada na batalha (Zc 13:7); do afeto de um amante (Ct 2:7); do próprio Deus que responde a oração (Sl 59:4). Também usou de moral despertar, como de embriaguez: , *eknepho*, “ficar sóbrio” (compare Jl 1:5).

Fora Com

(1) “suportar,” “agüentar com” (Is 1:13), “eu não posso fora com iniquidade e a reunião solene,” i e, suporte a combinação de maldade e adoração. No hebraico somente, “eu iniquidade incapaz e o solene estão se encontrando.” (2) destruir , *uro*. Ache em tais expressões como At 22:22, “Fora com tal um companheiro da terra.”

Temor 2

o: Medo entrosado com reverência e deseja saber, um estado de mente inspirado por algo terrível ou sublime. Na KJV e a Versão Revisada (britânico e americano) acontece em Sl 4:4: “Se levante em temor, e não peque” (onde a Versão Revisada, margem tem, “Seja bravo,” assim Septuaginta; compare Ef 4:26); Sl 33:8; Sl 119:161. Nas passagens seguintes a Versão Revisada (britânico e americano) substitui “se levante em temor de” para a KJV “medo”: *phoboumeno*i; de Sl 22:23; Is 29:23; 1Sm 18:15; Ml 2:5; e em Hb 12:28 substitui “temor” para a KJV “reverência” (*deos* aqui só no Novo Testamento). Em todas estas passagens, exclua 1Sm 18:15 (*eulabe to*, onde descreve que Saul está sentindo medo (receio) de Davi), as palavra postos para a atitude do homem de medo reverente para Deus. Esta é a atitude característica da alma piedosa para Deus na Bíblia, especialmente no Velho Testamento. Surge de uma consciência do poder infinito, excelência e santidade de Deus do qual enche a mente o “medo de Deus,” e um medo de violar a lei dele. Veja MEDO.

Sovela, furador

ol , *marce*^a: “fure a orelha dele com uma sovela” (Ex 21:6; Dt 15:17). A orelha foi perfurada como o órgão que é de ouvir, enquanto significando a promessa do criado de obediência Assim. Veja a PESSOA ENFADONHA.

Machado

aks; aks'hed: É achado nove palavras hebraicas diferentes para “machado”:

(1) , *garzen*. Isto inquestionavelmente um dos instrumentos de mudança maiores era, como os usos para o qual foi posto insinuar (Dt

19:5; Dt 20:19; 1Rs 6:7; Is 10:15). O machado moderno usado pelo cortador de madeira na Síria tem muito uma forma como a pedra antiga e machados de bronze, com a exceção que é firmado à manivela passando o posterior por um buraco na cabeça machado, considerando que o espetáculo de esculturas egípcio que as cabeças machado deles foram celebradas às manivelas por meio de correias. O machado de guerra denominado achado a *Tell el-Hesi* provavelmente foi firmado deste modo dentro. São vistos os camponeses sírios freqüentemente levando nos cintos deles machadinhos pequeno as cabeças de qual é amoldado como um machado de guerra e são ligados que às manivelas através de correias.

(2) , *ma'acar*, é usado em Is 44:12 (a KJV faz “pinças”) e em Jr 10:3.

(3) , *kardom*, é usado em Jz 9:48; 1Sm 13:20, 1Sm 13:21; SL 74:5; Jr 46:22. A palavra árabe presente, *kudum*, que o nome é para a enxó nativa(enxó: ferramenta para desbastar madeira em carpintaria), é da mesma origem. A enxó é o único instrumento de mudança do carpinteiro sírio. Ele usa isto para muitos propósitos onde um estrangeiro usaria uma serra ou cinzel ou aplanaria, e com uma habilidade que as invejas de estrangeiro. Muitos estudantes de vida síria acreditam que a enxó é uma ferramenta que sobreviveu dos tempos primitivos hebreus.

(4) , *barzel* (Dt 19:5; 2Rs 6:5): O interesse associado com esta palavra é que significa literalmente “ferro,” embora o contexto indica que significa “machado.” Se o palavra ferro não fosse usado aqui significar “metal,” então machados férreos eram usados pelos filhos de Israel. Porém, se machados férreos existissem que eles têm muito tempo desde desapareceu como o resultado de corrosão, desde que o único descobriram foi de pedra, cobre ou bronze. Veja BRONZE; DE BRONZE.

(5) , *maghzerah* (2Sm 12:31) é literalmente, “um instrumento cortante,” e poderia ser feito, “uma lâmina” ou foicinho.

(6) , *m'gherah* (1Cr 20:2), traduziu neste aqui passagem como machados, mas melhor traduziu “serras.”

(7) , *herebh* (Ez 26:9), machado feito só nesta passagem. Normalmente é traduzido espada. Também poderia significar machado picareta.

(8) , *kashshu* (Sl 74:6 a KJV), literalmente, “um feller,” (máquina usada para cortar árvores e remover seus galhos) conseqüentemente, um machado.

(9) , *mappec* (Jr 51:20), literalmente, “um smiter,” conseqüentemente, um clube de guerra ou batalha-machado. A palavra grega usada no Novo Testamento é , *axne* (Mt 3:10; Lc 3:9).

Ayin

a'yen: , *'ayn*, “olho” ou “fonte”: A 16ª letra do alfabeto hebraico, assim nomeou, provavelmente, porque a forma original se assemelhou ao olho. *'Ayin* () é normalmente negligenciado em pronúncia, e inverteu vírgula (l) o sinal geralmente é empregado para representar isto em transliteração. O mesmo som é achado nos idiomas Semítico árabes e outros. Os árabes têm duas pronúncias, uma muito forte gutural formou à parte de trás do paladar, algo como um sacudiu “r” ou “rg,” o outro semelhante em qualidade, só menos severo e gutural. A Septuaginta reproduziu *'ayin* () em alguns casos pela gama da letra grega *gamma* (γ). O valor numérico desta letra é 70. Um *'ayin* () começa cada verso da 16ª seção de Sl 119 no hebraico.

Azael

az'a-el , *Azaelos*; compare Asael [Ed 10:15]: o Pai de Jônatas, um de dois investigadores principais de matrimônios estrangeiros (LA 1 Esdras 9:14).

Azaelus

az-a-e'lus (B, , *Azaelos*; A , *Azael*; omitido em Ed 10): Azaelus, filho de Ezora, guardou o dele “a esposa estranha” (LA 1 Esdras 9:34).

Azal - a'zal. Veja AZEL.

Azalias

az-a-li'a , *'acalyahu*, “Yahweh fixou aparte”): Um filho de Mesulão e pai de Safã o escrivão, famoso com relação à descoberta da lei no reinado do rei Josias (2Rs 22:3).

Azania

az-a-ni'a , *'azanyah*, “Yahweh deu orelha”): Um filho de Jesuá, um Levita que assinou a convenção (Ne 10:9).

Azafion - a-za'fi-on. Veja ASSAFIOTE.

Azarael - a-za'ra-el. Veja AZAREL.

Azaraías

az-a-ra'yas (B, , *Azaraias*; A, , *Saraas*; na KJV Saraías); compare Seraiah (Ed 7:1): Um antepassado de Esdras (LA 1 Esdras 8:1).

Azareel

a-zar' e-el. Veja AZAREL.

Azareel

az' a-rel , 'azar'el, “Deus o ajudante é”; a KJV lê para Azareel em números 1-5, Azarael e em número 6):

- (1) um coraita que entrou no exército de Davi em Ziclague (1Cr 12:6).
- (2) músico no templo designado por lote; filho de Hemã (1Cr 25:18; compare Uzziel, 1Cr 25:4).
- (3) capitão da tribo de Dã no serviço de Davi (1Cr 27:22).
- (4) um desses que tiveram “as esposas estranhas,” um filho de Bani (Ed 10:41).
- (5) o pai de Amasai, sacerdote que cessou em Jerusalém depois do Exílio (Ne 11:13).
- (6) o filho de um sacerdote que tocou a trompeta na procissão quando a parede era dedicada (Ne 12:36).

Azarias

az-a-rí'a , 'azaryahu and , 'azaryah, “Yahweh ajudou”):

- (1) o rei de Judá. Veja UZIAS.
- (2) um Judaita da casa de Etã o Sábio (1Cr 2:8).
- (3) o filho de Jeú, descendente de um egípcio pela filha de Sesã (1Cr 2:38).
- (4) um filho de Aimaaz e neto de Zadoque (1Cr 6:9).
- (5) um filho de Zadoque o sumo sacerdote e um funcionário de Salomão (1Rs 4:2).
- (6) sumo sacerdote e filho de Joanã (1Cr 6:10).
- (7) um Levite, antepassado de Samuel, e Heman o cantor (1Cr 6:36).
- (8) um filho de Natã e capitão dos cobradores de impostos de Salomão (1Rs 4:5).
- (9) um profeta no reinado de Rei Asa; o nome do pai dele era Odede (2Cr 15:1-8).
- (10 e 11) Dois filhos de Jeosafa, rei de Judá (2Cr 21:2).
- (12) o rei de Judá (2Cr 22:6, chamado Acazias em 2Cr 22:1).
- (13) um filho de Jeorão que ajudou subverter Atalia e lugar Joas no trono (2Cr 23:1).
- (14) um filho de Joanã e um chefe principal de Ephraim, mencionou com relação aos cativos emancipados levados por Peca (2Cr 28:12).
- (15) um Levite da família de Merari que levou parte limpando o templo pelos dias de Ezequias (2Cr 29:12).
- (16) um sumo sacerdote que reprovou o rei Uzias por arrogar a ele funções sacerdotais (2Cr 26:16-20).
- (17) o pai de Seraias e filho de Hilquias (1Cr 6:13 f).
- (18) um filho de Hosaías, e um inimigo amargo de Jeremias (Jr 43:2).
- (19) um dos cativos reais levado para Babilônia para cujo nome foi mudado Abede-nego (Dn 1:7).
- (20) o filho de Maaséias que ajudou consertar as muralhas de Jerusalém (Ne 3:23 f).
- (21) um Levita que ajudou Esdras para expor a Lei (Ne 8:7).
- (22) um sacerdote que marcou a convenção (Ne 10:2).
- (23) príncipe de Judá mencionado com relação à dedicação das muralhas de Jerusalém (Ne 12:32 f).

Azarias (2)

az-a-rí'as , Azarias and , Azaretas:

- (1) Azarias que guardou dele “a esposa estranha” (**LA** 1 Esdras 9:21); compare Uzias (Ed 10:21).
- (2) Azarias que estava ao lado certo de Esdras quando a lei foi lida às pessoas (**LA** 1 Esdras 9:43); omitido em Ed 8:4.
- (3) Azarias que interpretou a lei às pessoas (**LA** 1 Esdras 9:48); compare Azarias (Ne 8:7).
- (4) Azarias, um nome assumido pelo anjo Rafael (**LA** Tobias 5:12; 6:6, 13; 7:8; 9:2). veja RAFAEL.
- (5) Azarias, general no serviço de Judas Macabeu (**LA** 1 Mac 5:18, 56, 60).

(6) Azarias, um dos três homens lançado no forno ígneo (A Canção das três filhos (Azarias) versos 2, 66); compare Azarias (Dn 1:6; Dn 2:17), Abede-nego (Dn 1:7; Dn 2:49; Dn 3:12).

Azaru

az' a-ru (B, , Azarou; A, , Azourou; na KJV Azuran): Os descendentes de Azaru voltaram com Zorobabel a Jerusalém (**LA** 1 Esdras 5:15); omitido em Esdras e Neemias; compare Azur porém (Ne 10:17).

Azaz

a' zaz , 'azaz, “poderoso”): Um descendente de Rúben (1Cr 5:8).

Azazel

a-za'zel , 'aza'zel , *apompaios*; na KJV Bode expiatório, a Versão Revisada, margem “remoção”):

I. O Significado da Palavra

1. as Passagens a ser Consideradas
2. as Interpretações Propostas

(1) a Etimologia

(2) a Explicação

II. O que é Terminado com relação a Azazel

1. a Significação de Esta Ação
2. a Liturgia judia

I. O Significado da Palavra

1. As Passagens a ser Consideradas

Esta palavra é achada com relação à cerimônia do Dia de Compensação (que vêem). De acordo com Lv 16:8, Aarão deveria lançar sorte nos dois bodes que por parte da congregação seria para servir como um pecado que oferece (Lv 16:5), “uma sorte para Yahweh, e o outro sorte para Azazel.” Em Lv 16:10, depois que o primeiro bode foi separado e fixado como um pecado que oferece para Yahweh, nós lemos: “Mas o bode na qual a sorte caiu para Azazel, será fixado vivo antes de Yahweh, fazer compensação para ele, o despachar para Azazel no deserto.” Em Lv 16:26 lemos nós: “E aquele que tiver soltado o bode para Azazel lavará as suas vestes, e banhará o seu corpo em água, e depois entrará no arraial” em Lv 16:21 menção tinha sido feita do que deveria ser feito com o bode antes disto. Depois da purificação do (interno) santuário, da barraca de se encontrar, e do altar, será trazido o bode vivo, “e Aarão porá ambas suas mãos na cabeça do bode vivo, e confessará em cima dele tudo... os pecados deles; e ele os porá na cabeça do bode, e o despachará pela mão de um homem que está em prontidão no deserto: e o bode agüentará nele todas suas iniquidades até uma terra solitária: e ele deixará entre o bode no deserto.” Mas nisto mencionaram últimos e passagem mais importante o termo debaixo de consideração não é achado.

2. As Interpretações Propostas

(1) a Etimologia

Alguns derivaram a palavra ‘az mais ‘azal (abiens de fortis, “falecendo na força dele” ou de uma alteração intencional de ‘el/mais ‘azaz, robur Dei, “força de Deus”; compare debaixo do anjo do Livro de Enocque); enquanto outros consideraram a palavra como um plural quebrado de um substantivo no árabe ‘azala, e traduziu isto como “solitariamente” “deserto.” Agora há uma inclinação para considerar

isto como uma reduplicação de ‘azazel, derivou da raiz ‘azal. Se nós aceitarmos esta visão, embora está sem certeza e um análogo exato não pode ser achado, nós poderíamos concluir do modo em o qual este substantivo foi formado que nós não temos antes de nós um termo abstrato (remotio, “remoção,” ou abitus, “partida”), mas um substantivo concreto, ou um adjetivo, remoto de longe (“longe removeu”) ou abiens de porro (“indo longe”).

(2) a Explicação

Em Lv 16:10, Lv 16:22, Lv 16:26, nós teríamos um senso aceitável, se nós considerássemos esta palavra expressivo de uma localidade distinta no deserto (compare TRADIÇÃO JUDIA, II, 2). Mas esta interpretação é impossível, como a lei em Levítico 16 era determinado durante a vagueação no deserto e adequadamente pressupôs uma mudança constante no acampamento, até mesmo se isto só deveria ser considerado como o fundo histórico. Pelo uso do mesmo le de preposição - com relação a Yahweh e Azazel, parece natural para considerar as expressões completamente || e pensar em algum ser pessoal. Alguns interpretam esta palavra como recorrendo a um demônio do deserto (compare Sl 106:37; Dt 32:17; Lv 17:7; 2Cr 11:15; Is 13:21; Is 34:14; Mt 12:43; Lc 11:24; Ap 18:2) e explica o termo como “um que se separou de Deus,” ou “ele que se separou,” ou “ele que engana outros.” Mas um demônio deste tipo não pôde ser colocado possivelmente deste modo em contraste com Yahweh dentro; e como no Livro de Enoque Lv 6:6; Lv 8:1; Lv 9:6; Lv 10:4; Lv 13:1; 69:2 um do mais proeminente dos anjos caídos que ensinaram para gênero humano as artes de guerra e luxo, segredos revelados para eles, e é agora encadernado no deserto, e é preservado lá para o julgamento final, porque ele era principalmente responsável pela presença de mal no mundo, é chamado Azael (também Azazel, ou Azazel), é altamente provável que este nome seja levado de Levítico 16. Em tempos posteriores a palavra Azazel estava por muitos judeus e também por teólogos Cristãos, como Origen, considerados que Satanás ele que que tinha caído longe de Deus. Nesta interpretação o contraste achou em Lv 16:8, no caso de será considerado como um paralelismo cheio, estaria perfeitamente correto. Mas deve ser reconhecido que em Bíblia Santo, Satanás não é chamado em nenhuma parte pelo nome de Azazel, e da mesma maneira que pouco é o deserto considerada o lugar permanente dele de domicílio. Contra estes duram duas interpretações nós também temos que recordar isso na passagem mais significativa, isto é, Lv 16:20, o termo que Azazel não é achado nada. O mesmo é verdade no caso da cerimônia com relação à purificação de pessoas leprosas e casas (Lv 14:7, ff de Lv 14:49), o qual ao longo de sugestiona Lev 16. Neste lugar nós temos também o sete vezes que borrija (compare Lv 14:16 com Lv 16:14 f); e além disso dois animais, neste caso pássaros, é usado de qual o um será matado com a finalidade de borrijar o sangue, mas o outro, depois que foi imergido no sangue do que foi matado, será permitido voar fora. Em deste modo o pensamento essencial em Lev 16 como também em Lev 14 parece ser a remoção do animal dentro qualquer embale, e é adequadamente aconselhável para interpretar adjetivo de Azazel, i.e., anteceder achado um paralelismo completo em Lv 16:8, e considerar a preposição com relação a Yahweh usado diferentemente de seu uso com Azazel, e traduzir como segue: “E Aarão lançará sortes sobre os dois bodes: uma pelo Senhor, e a outra por Azazel.” No le de preposição - usado com o segundo Azazel em Lv 16:10, compare Ex 21:2. Com esta interpretação uma certa dureza permanece ainda para nosso senso lingüístico, porque nós não podemos achar uma tradução boa para o adjetivo. Mas a favor desta interpretação e contra a interpretação pessoal nós podemos atrair também ao sentimento dos tradutores de Septuaginta que traduzem *apopompa os*, *diestalmenos*, e também para o de Aquilos que traduz *tragos apoluomenos*, *apolelumenos*, *kekrataiomenos*, e de Symmachus que traduz *aperchomenos*, *aphiemenos*. (A idéia geral expressa por todas estas palavras é “remoção,” “despachando,” “libertando” ou “demissão.”) é verdade que o Septuaginta em um lugar traduz *eis ten apompopen*, que porém também poderia ser uma circunlocução abstrata para uma concepção que, entretanto usou em outro lugar, ainda é desajeitado. Na Vulgata, nós temos emissarius de travessura e o Luther diz “ledige de der Bock,” o qual provavelmente estão baseado em uma etimologia errada, ‘ez significa só uma cabra ou talvez esta palavra “Bock” aqui só é provido da conexão, e que bastante corretamente, de forma que o Luther e o Vulgata também pode ser citado a favor de nossa interpretação.

II. O que É Terminado com relação a Azazel

1. a Significação de Esta Ação

Ambos os bodes, de acordo com Lv 16:5, serão consideradas como um único pecado-sacrifício, até mesmo se nós deveríamos interpretar Azazel como demônio ou Satanás, e nós somos adequadamente não entender que um sacrifício foi trazido a estes seres. Isto também é feito em geral impossível pelo tenor inteiro do Velho Testamento, a partir de Levítico 16 em particular, de forma que em Lv 16:8 os dois sócios introduzidos pela preposição /- não seria os seres de exatamente a mesma importância. Ambos os bodes, assim dizer, represente dois lados da mesma coisa. O segundo é necessário fazer claro o que o primeiro que foi morto já não pode representar, isto é, a remoção do pecado, e adequadamente tem bastante frequentemente habilmente sido chamado o *hircus redivivus*. Mas o que será representado achados sua expressão na cerimônia descreveu em Lv 16:20 f. Tudo que pode ser a significação do se deitar em de mãos em outras conexões, se a ênfase é colocada mais na disposição ou neste lugar é certamente só um símbolo da transferência de culpa que é confessada em cima da cabra e é levada então no deserto pelo bode na qual foi posto na apropriação da propriedade. Para fazer esta transferência ainda mais impressionante, ambas as mãos são trazidas aqui em ação, enquanto por exemplo em Lv 1:4 só uma mão é usada. O fato que o bode é acompanhado por alguém e que será levado para um lugar despovoado é indicar a impossibilidade absoluta de seu retorno, i.e., a culpa foi perdoada absolutamente e foi apagada, um pensamento fundo faz evidente objetivamente de uma maneira transparente e independentemente da explicação de Azazel que é até mesmo ainda não completamente certo. Na interpretação pessoal, poderíamos ter nós, além da idéia da remoção da culpa, também uma segunda idéia, isto é, aquele Azazel não pode fazer nenhum dano

para Israel, mas deve estar contente com a reivindicação dele para um bode que acontece o de.

2. a Liturgia judia

As ações com relação a Azazel, como também era o caso com o Dia de Compensação, foi interpretado mais completamente pelo Talmude e as tradições baseado nisto (compare COMPENSAÇÃO, DIA DE, III, 2). O muitos poderia ser feito de materiais diferentes; em tempos posteriores eles foram feitos de ouro. A maneira de lançar o muitos foi descrito por completo. O bode que seria enviado no deserto foi designado por uma marca preta na cabeça, o outro antes de um no pescoço. No modo de Jerusalém para o deserto, foram erguidas cabanas. De longe era possível ver como o bode foi lançado para trás de um certo precipício, chamado Beth-Hadûd (*Beth-hudedun*, 19 km ao Leste de Jerusalém). Por meio de sinais feitos com artigos de vestuário, foram enviadas notícias imediatamente para Jerusalém quando a selva tinha sido alcançada.

Azazias

az-a-zl' a , 'azazyahu, "Yahweh é forte," ou "fortalece"):

(1) um músico Levita que participou nos serviços se agarrou o retorno da arca para Jerusalém (1Cr 15:21). O nome dele é omitido da lista em 1Cr 15:18.

(2) o pai de Oséias que era na ocasião o líder de Efraim que Davi enumerou as pessoas (1Cr 27:20).

(3) um Levita que teve custo dos oferecimentos trouxe ao templo pelos dias de Ezequias (2Cr 31:13).

Azbasarete

az-bas' a-reth: O nome de um rei assírio. A KJV forma "Azbasareth" vem da Vulgata (Jerome's *Latin Bible*, 390-405 d.C) Veja ASBASARETE.

Azbuque

az'buk , 'azbuk: O pai de um certo Neemias - não o grande governador do mesmo nome, entretanto um contemporâneo (Ne 3:16).

Azeca

a-ze' ka , 'azekah: Uma cidade de pouca importância no Shephelah de Judá mencionada (Js 15:35) próximo a Socó. Em Js 10:10 são descritos os reis derrotados do Arnoritas como voando antes de Josué "a propósito da ascensão de Bete-Horon... para Azeca, e até Maqueda" e (verso 11) como o anfitrião fugido "Yahweh subjugou grandes pedras de céu neles até Azeca, e eles morreram." Em 1Sm 17:1 é registrado que antes de o combate de Davi com Golias, os Filisteus "se reuniu a Socó que pertence para Judá, e se acampou entre Socó e Azeca, em Efes-Damim." Em 2Cr 11:9 é mencionado como um das cidades de fronteira que Roboão fortaleceu e em Jr 34:7 é um das duas cidades fortalecidas que permanecem a Judá que Nabucodonozor estava sitiando. "Azeca e as cidades (margem, "as filhas") disso" é mencionado entre o reocupar de cidades por judeus que voltaram depois do Exílio (Ne 11:30). Em todas as três últimas referências o lugar é mencionado junto com Laquis.

Todos os dados vestem *Tell Zakareyeh* no Norte apóie do Vale de Elah (*Wadyes-Sunt*) e uns 5 Km Noroeste de Socó (*Kh. Shuweikeh*). Este local que foi escavado parcialmente pela Exploração na Palestina é natural de grande força. "Os postos de colina quase isolaram, enquanto subindo abruptamente para quase 1200 metros sobre o Vale de Elah... ao Oeste o outono é também muito grande, enquanto para o Sul o conte é unido por um pescoço de terra (aproximadamente 100 pés abaixo do ápice) para uma colina atrás de." O ápice é aproximadamente 350 yds. através de 150 yds., e é muito maior que *Tell el-Hesy* (Laquis) (Felicidades). Escavações mostraram que era um local muito antigo que tinha sido fortalecido poderosamente, e a pedra debaixo da cidade foi escavada em umas séries de câmaras subterrâneas muito extraordinárias que poderiam ser usadas como lugares de refúgio. O local veste a narrativa da batalha de Josué todo bem, como lá uma rota alta longo-usada é Norte corrente para Sul do bairro de Ajalon. Sua posição como uma fortaleza de fronteira é comparável com isso de Laquis: o nome *Zakareyeh*, parece ser uma sobrevivência de Azeca. Veja PEFS, 1899, 10ff; PEF, III, 441.

Azel

a'zel , 'aceh, "nobre":

(1) um descendente de rei Saul, por Jônatas (1Cr 8:37 f; 1Cr 9:43 f).

(2) Azel, a'zel, na KJV **Azal** , 'aceh , *Asaeh*; Zc 14:5): Um lugar não longe de Jerusalém. Pode haver um eco do nome nisso de *Wady Yasul*, à direita de *Ain el-Loz*, em *Ain el-Loz*,

Azem/Ezem

a'zem: a KJV forma para Ezem (Assim a Versão Revisada (britânico e americano)) (Js 15:29; Js 19:3).

Azetas

a-ze' tas (, *Azetas*): A cabeça familiar de um Zerubabel acompanhante fora de cativo (LA 1 Esdras 5:15). Esdras e Neemias não dá este nome na lista deles.

Azgade

az'gad , 'azgadh, "forte é Gade": Na lista desses é mencionado que voltou da Babilônia com Zorobabel "os filhos de Azgade" (1.222, Ed 2:12; 2.322, Ne 7:17). 110 machos com o chefe deles devolvido com Esdras (Ed 8:12). Azgade estava entre os líderes que assinaram a Convenção depois de Neemias (Ne 10:15).

Aziei

a-zí'e-í: Um antepassado de Esdras (**LA** 2 Esdras 1:2). Compare Azarias (Ed 7:3) e Ozias (**LA** 1 Esdras 8:2; na KJV Ezias).

Aziel

a'zi-el , 'az'el, “Deus é poder”; compare Cinza, Estuda em Próprios Nomes hebreus, 210, 309): Um cantor Levita que jogou o alaúdes (1Cr 15:20); compare Jaaziel (1Cr 15:18).

Aziza

a-zí'za , 'azza'“o poderoso”: Aziza tinha levado uma esposa estrangeira (Ed 10:27); compare Zardeus (**LA** 1 Esdras 9:28 a Versão Revisada (britânico e americano)).

Azmavete (1)

az-ma'veth , 'azmaweth: (1) um dos 30 homens poderosos de Davi (2Sm 23:31; 1Cr 11:33).

(2) um descendente de Jônatas, o filho de Saul (1Cr 8:36; 1Cr 9:42).

(3) o pai de dois guerreiros que uniram Davi em Ziclague (1Cr 12:3).

(4) o nome da pessoa fixou em cima dos tesouros de Davi (1Cr 27:25). Alguns o identificam com (1) e (3).

Azmaveth (2)

az-ma'veth , 'azmaweth; , Asmoth ou , Azmoth, “forte de morte”; Ez 2:1-10 :24): É provavelmente idêntico com *el-Hizma*, uma aldeia um pequeno ao Norte 'Anata (Anatote). corresponde Bete-Azmavete (Ne 7:28).

Azmom

az'mon , 'acmon; , Asemona, “forte”: Na borda Sudoeste de Israel (Nm 34:4, 5; Js 15:4). Trumbull identifica isto com 'Ain el-Qaseimeh Noroeste de Cades Barnéia (*Kad. Baruch.*, 117, 289 f).

Aznote-Tabor

az'noth-ta'bor , 'aznoth tabhor, “cume de Tabor”: Um lugar em Naftali ocidental, evidentemente na redondeza do Mt. Tabor (Js 19:34). A localidade exata não é conhecida.

Azor

a'zor , Azor, “ajuda” (?): Um antepassado de Jesus Cristo (Mt 1:13 f).

Azoto

a-zo'tus.Veja ASDODE (**LA** 1 Mac 9:15; At 8:40).

Azriel

az'ri-el , 'azn'el, “a ajuda de Deus”):

(1) um dos atores principais da meio-tribo de Manasses, Leste do Jordão que com outras tribos dele foi levado cativo pelo rei da Assíria (1Cr 5:24).

(2) o pai de Jerimote da tribo de Naftali no reinado do rei Davi (1Cr 27:19).

(3) o pai de Seraías, um dos oficiais enviado por Jeoiaquim para prender Jeremias e Baruque (Jr 36:26).

Azricão

az-ri'kam , 'azn'kam, “minha ajuda surgiu”:

(1) um descendente do rei Davi por Zorobabel (1Cr 3:23).

(2) príncipe de Judá no tempo de Acáz. Ele foi morto por Zicri, soldado Efraimita (2Cr 28:7).

(3) um dos filhos de Azel, um Benjamita, descendente do rei Saul (1Cr 8:38; 1Cr 9:44).

(4) um Levita da casa de Merari e um residente de Jerusalém (1Cr 9:14; Ne 11:15).

Azuba

a-zu'ba , 'azub'ah, “desolação”:

(1) uma esposa de Calebe, por quem ela teve três filhos (1Cr 2:18 f).

(2) a filha de Sili e mãe do rei Josafá (1Rs 22:42; 2Cr 20:31).

Azzah

az´a , *‘azzah*, “forte”: a KJV forma (Dt 2:23; 1Rs 4:24; Jr 25:20) para a Versão Revisada (britânico e americano) “Gaza.”

Azã

az´an , *‘azzan*, “forte” ou “espinho”: o Pai de Paltiel da tribo de Issacar. Um dos comissários selecionados para dividir a terra entre as tribos (Nm 34:26).

Azur

az´ur , *‘azzur*, “útil”:

(1) o pai de Hananias, um falso profeta de Gibeão nos dias de Zedequias (Jr 28:1).

(2) um desses que, com Neemias, lacrou a convenção no retorno da Babilônia (Ne 10:17).

(3) o pai de Jaazanias, “um de” os príncipes das pessoas que deram deliberação má para a cidade de Jerusalém (Ez 11:1 f). na KJV tem “Azur” para (1) e (3), mas a forma hebraica de (3) é , *‘azur*.

Ouvir

Ler foneticamente

